

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LITERATURA

DIÁRIOS: ESPAÇO DE PRESENÇA E AUSÊNCIA DE HARRY LAUS
EDIÇÃO CRÍTICO – GENÉTICA

TAIZA MARA RAUEN MORAES

Florianópolis
2002

TAIZA MARA RAUEN MORAES

DIÁRIOS: ESPAÇO DE PRESENÇA E AUSÊNCIA DE HARRY LAUS
EDIÇÃO CRÍTICO – GENÉTICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Universidade Federal de Santa Catarina,
exigência parcial para obtenção do título
de Doutor em Teoria da Literatura, sob a
orientação da Profª Drª Zahidé L. Muzart

FLORIANÓPOLIS
2002

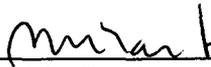
Diários Espaço de presença e ausência de Harry Laus. Edição Crítico-Genética.

Taiza Mara Rauen Moraes

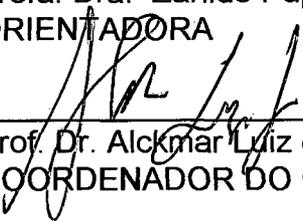
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

DOUTOR EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

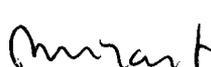


Prof. Dra. Zahidé Pupinacci Muzart
ORIENTADORA



Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos
COORDENADOR DO CURSO

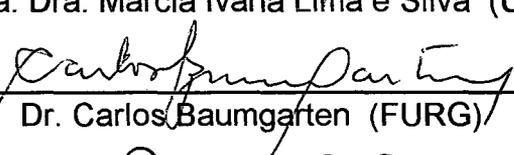
BANCA EXAMINADORA:



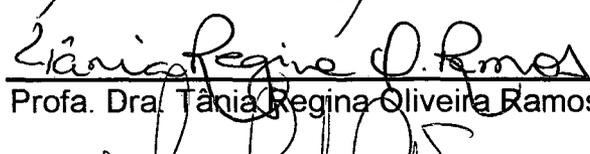
Prof. Dra. Zahidé Pupinacci Muzart
PRESIDENTE



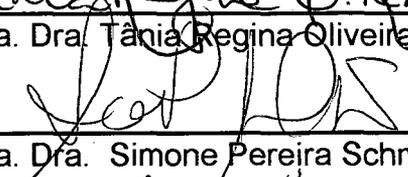
Prof. Dra. Márcia Ivana Lima e Silva (UFRGS)



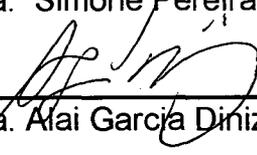
Prof. Dr. Carlos Baumgarten (FURG)



Prof. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)



Prof. Dra. Simone Pereira Schmidt (UFSC)



Prof. Dra. Alai Garcia Diniz (UFSC- Suplente)

“... pela estreita viela do desprezo à veracidade
que se comunicam a ficção e a autobiografia,
o fingimento e o relato pessoal, a estória e a
história.”

Silviano Santiago

Para
Ademar e Rafael
Noily e Lenir
com gratidão

Agradecimentos aos olhares críticos:
Prof.^a Dr.^a Zahidé Lupicinacci Muzart
Prof.^a Ivone Jaci Moreira
Prof.^a Regina Back Cavassin

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO

Introdução	2
Nota filológica: procedimentos da edição	6

II. O TEXTO

Diários: espaço de presença e de ausência de Harry Laus

1. Diário quase íntimo	18
2. Impressões de vida e leituras	129
3. Monólogo da provação	273
4. O Processo dos livros	362
5. Anotações de viagens	383
6. Último diário	436
Apêndice	479

III. HISTÓRIA DO TEXTO

1. Procedimentos na produção do texto	556
2. Percalços	565
3. Trajetória - diário íntimo/diário de leitura	568
4. Cronologia	573
5. Imagens	584

IV. DOSSIÊ

1. Tradução	593
2. Fac-simile dos manuscritos	598
3. Capas Planejadas	609

V. CONCLUSÃO

Conclusão	612
---------------------	-----

VI. BIBLIOGRAFIA

Bibliografia	616
------------------------	-----

RESUMO

A pesquisa em arquivos, volta-se para “fontes primárias”, para o fragmentário, para o incompleto buscando estabelecer um critério objetivo que valorize o texto na descontinuidade, pela exposição das variantes. O estudo se detém na elaboração de uma edição crítico – genética dos *Diários* de Harry Laus, considerando o manuscrito como sistema complexo devido às sucessivas transformações decorrentes de: supressões, condensações e recomposições gráficas. O presente projeto de edição crítica numa perspectiva genética se propõe a fixar escritos que abrangem o período de 1947 a 1992, através da construção de um dossiê resultante de um *corpus* que totaliza 2.119 páginas doadas pelo escritor ao Núcleo de Documentação e Memória da Universidade Federal de Santa Catarina. Procura reconstituir as etapas do processo de construção textual cronologicamente para captar o ritmo e a direção assumida pelo texto, apesar da incerteza de que o autor manteria tal rumo se tivesse intervindo uma última vez nos escritos. O texto e as variantes, que constituem os materiais expurgados, são apresentados para expor os resíduos, o fora e o dentro da linguagem. As variantes se apresentam ao leitor como momentos alternativos de percepção e relativizam a idéia de texto acabado ao trazer à tona uma multiplicidade de materiais abandonados que desmistificam a imagem romântica de inspiração e, simultaneamente, os percalços da escrita se impõem em sua dimensão histórica.

RESUMÉ

La recherche en archives se tourne vers les “sources primaires”, vers le fragmentaire, vers l’incomplet, cherchant à établir un critère objectif qui valorise le texte dans la discontinuité, par l’exposition des variantes. L’étude s’arrête sur l’élaboration d’une édition critique-génétique des *Diários* de Harry Laus, en considérant le manuscrit comme un système complexe à cause des transformations successives dues à des: suppressions, condensations et recompositions graphiques. Ce présent projet d’édition critique dans une perspective génétique se propose à fixer les écrits qui totalise 2119 pages, donnés par l’écrivain au Núcleo de Documentação e Memória de l’Universidade Federal de Santa Catarina. Il cherche à reconstituer les étapes du procès de construction textuelle chronologiquement pour saisir le rythme et la direction assumés par le texte, malgré l’incertitude de savoir si l’auteur garderait cette direction s’il était intervenu encore une dernière fois sur les écrits. Le texte et les variantes, qui constituent les matériaux expurgés, sont présentés pour exposer les résidus, le dehors et le dedans du langage. Les variantes se présentent au lecteur comme des moments alternatifs de perception et relativisent l’idée de texte abouti en faisant éffleurer une multiplicité de matériaux abandonnés qui démythifient l’image romantique de l’inspiration et, simultanément, les embûches de l’écrit s’imposent dans leur dimension historique.

ABSTRACT

This research was developed aiming to study the writings left by the late Harry Laus. More precisely, attention was directed to the primary sources, his files containing fragmentary and incomplete written pieces. Provision was made to establish an objective criterion to value the text in its discontinuity by exposing of its variations. The study remains at the elaboration of a critic genetic issue based on the writer's *Diaries* and considering the manuscript as a complex system, due to the sequenced transformations originated out from suppressions, compressions, and the graphic rearrangements. As it is viewed by a genetic sight, this critical issue proposes to concentrate on those pieces written in between 1947 to 1992, through the construction of a 2.119 pages dossier, a gift of the writer to the Núcleo de Documentação e Memória da Universidade Federal de Santa Catarina. Therefore, a rebuilding of the texts according to their rhythm and guideline references, a chronological reconstruction of step by step procedural development has been adopted. Even though, no certainty of Mr. Laus's intentions to his own sequential working order can be assured for good. The text and its variants, composing the cleansed writings, are presented to exhibit overtly the remnants, the inner and outer aspects of his used illocutionary language power. It seems to the readers that the variants are perceived as alternative moments, and the idea of dealing with a finished text draws a relativity just while a multiplicity of abandoned material arises, which, on its turn, demystifies the romantic image of the artistic inspiration; simultaneously there exists the obstacle due to writing procedures in their historical dimension.

I. INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Os *Diários* de Harry Laus registram o percurso de uma vida marcada por múltiplas facetas e pela falta de fronteiras entre os espaços da intimidade do leitor, do criador e do profissional ligado às Forças Armadas Brasileiras; abrangem o período de 1947 a 1992, quando sua vida chega ao fim. Seus registros velam e desvelam os conflitos de um escritor/leitor ou de um leitor/escritor que encontrou chaves para a compreensão da existência na leitura e no fazer literário. A persistência e o desejo ambíguo de realizar-se na arte vão permeando e perseguindo o dia-a-dia de Laus que, em sete cadernos, escreveu de modo sistemático suas percepções e suas vivências, cristalizando a vida na escrita. O estilo varia em função do momento vivido num primeiro momento, dos primeiros cadernos, de 1947 a 1958, sintetizados criticamente em datiloscritos, etapa pré-editorial e num segundo momento, de 1960 a 1992, os *Diários* limitam-se a uma versão manuscrita, por vezes esquemática.

Os conflitos existenciais dirigiram o leitor Harry Laus a traçar vias de leitura nos campos da filosofia, da ficção, da crítica, da história e da poesia, reconstruindo valores de mundo sobre questões imanentes e transcendentais. Leituras de textos de Unamuno, Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche, Dostoiévski, Gide, Proust, Kafka, Ibsen, Hermann Hesse, Cervantes, Lorca, Rilke foram formando teias significativas, reutilizadas na criação.

A intensidade dramática que Dostoiévski impingiu a seus personagens Kirílov, de *Os demônios*; Miguitchkov, de *Os possessos*; Svidrigailov, de *Crime e castigo*; Dimitri e Aliocha, de *Os irmãos Karamasov* constituiu-se modelo para seus personagens. No caderno marrom – volume I – 1949/1952, Laus destaca uma observação de Dostoiévski, de que ele nunca se satisfazia com seus textos, porém não os censurava e continuava amando as suas idéias, submetendo-as a críticas e revisões.

Seus textos eram elaborados passo a passo: em primeiro lugar determinava um título; a seguir, imaginava situações e elaborava uma lista de personagens acompanhada por um esquema da narrativa que era reescrita várias vezes. O romance *Os papéis do coronel* foi projetado como *Tempo - Será* e reformulado com a criação de um personagem-leitor, que viabilizou um

jogo de foco narrativo; a voz do narrador, em 3ª pessoa, passou a ser intercalada com a voz de um leitor-crítico, em 1ª pessoa, estabelecendo no interior da narrativa um espaço de recepção textual. A intersecção leitor/criador vai permeando os *Diários* com impressões de leituras e seus reflexos no exercício criativo.

Já no tocante ao diário íntimo, recupera aspectos biográficos ligados aos percalços de uma vida iniciada a 11 de dezembro de 1922, em Tijucas/Santa Catarina; a orfandade materna aos seis anos (primeira infância); a mudança para Passo Fundo/Rio Grande do Sul sob a guarda do irmão Jayme e a entrada na Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre; os conflitos com a sexualidade; os caminhos e os descaminhos como oficial do Exército e o redirecionamento profissional como crítico de Artes Plásticas, Diretor de Museus (Museu de Arte de Joinville - MAJ e Museu de Arte de Santa Catarina - MASC/Florianópolis) e escritor, após a entrada na reserva, em 1964.

Os *Diários* foram preparados por Laus, na sua etapa inicial, que abrange o período de 1947 a 1959, para a publicação de dois projetos: *Impressões de vida e leituras* e *Monólogo da provação*; no entanto, as tentativas editoriais malograram apesar de ter contatado três editoras: José Álvaro, Civilização Brasileira e Leitura.

Em 1998, sua irmã Ruth Laus reorganiza os projetos, mantendo os títulos, com uma inversão de ordem no primeiro e publica-os em dois volumes pela Bernúncia Editora. O primeiro projeto, *Impressões de vida e leituras* é publicado como *Impressões de leitura e de vida*, que editorialmente separa as impressões de vida das impressões de leitura, alterando o datiloscrito que, numa totalidade, mescla impressões de vida e de leitura. O segundo, *Monólogo da provação*, é publicado conforme o datiloscrito.

Em 2000, Claire Cayron, tradutora francesa da obra de Harry Laus, publica, pela Editora José Corti, num único volume, os *Diários* de 1949-1959, com o título *Journal Absurde*. A edição/tradução elaborada por Claire Cayron foi organizada a partir de quatro documentos: um diário manuscrito em três cadernos – um caderno preto e dois cadernos marrons; um diário datiloscrito – *Diário quase íntimo*; um datiloscrito – *Impressões de vida e leituras* e o datiloscrito – *Monólogo da provação*.

O presente projeto de edição crítica numa perspectiva genética se propõe a fixar os escri-

tos que abrangem o período de 1947 a 1992, através da construção de um dossiê resultante de um *corpus* que totaliza 2.119 páginas doadas pelo escritor ao Núcleo de Documentação e Memória da Universidade Federal de Santa Catarina. Este Núcleo, fundado por Zahidé L. Muzart existiu até 1994, a partir desta data o acervo de Harry Laus ficou guardado na Biblioteca Universitária até 2001 quando, por problemas de segurança foi retirado da Biblioteca Universitária e albergado provisoriamente na sala do Núcleo de Literatura e Memória – CCE. O projeto visa a explorar os manuscritos, desconsiderando os impressos e justifica-se pela tentativa de reconstituir a complexa teia textual dos *Diários*, constituída por manuscritos autógrafos e datiloscritos. Pensamos que a conservação e a doação dos manuscritos a um núcleo de pesquisa viabiliza a possibilidade de confrontar testemunhos da transposição de uma vontade autoral e demonstrar que os momentos cronológicos diferentes da escrita podem conservar valores porque resultam do investimento e da disciplina do escritor em refazer o texto durante o processo criativo. Uma edição crítico-genética procura reconstituir as etapas do processo de construção textual cronologicamente para captar o ritmo e a direção assumida pelo texto, apesar da incerteza de que o autor manteria tal rumo se tivesse intervindo uma última vez nos escritos.

A organização dos *Diários* de Harry Laus, também se constitui numa ampliação de leitura, porque o diário é como um memorial que remete ao escritor quando não escreve, quando está absorvido pelo cotidiano. Assim, a leitura dos diários recupera coisas memoráveis de um autor, que estreou ficcionalmente em 1958, com a publicação de *Os incoerentes*, livro de contos vencedor do prêmio “Affonso Arinos” da Academia Brasileira de Letras e prossegue seu percurso literário com a edição de contos, novelas e um romance: *Ao juiz dos ausentes* (contos-1961); *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos* (novela-1978); *O santo mágico* (novela-1982); *Bis* (reedição de *Os incoerentes* e *Ao juiz dos ausentes*-1982); *As horas de Zenão das Chagas* (contos-1887); *Caixa D’Aço* (contos-1989); *Sentinela do nada* (contos-1992) e *Os papéis do Coronel* (romance- publicado post-mortem-1993). Também publicou em antologias e, após o desligamento do Exército, como crítico de arte, assinou colunas de artes plásticas nos jornais: *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo* e na revista *Veja*.

Portanto, ao leitor de Laus ficcionista e/ou do crítico de artes plásticas será viabilizada a leitura de um diário/memória que mescla os conflitos do homem com os conflitos do escritor

agregando re-velações ao processo de deciframento de uma escrita marcada pelo jogo da desveladura de testemunhos, citações e referências ao cotidiano de um integrante do Exército que participou da interiorização do Brasil. Laus viveu longos períodos em cenários provincianos, por isso seus conflitos intelectuais e íntimos sufocados na prática social foram expressos pela palavra e os *Diários* se constituíram como uma alternativa para a reconstrução do sujeito num espaço/tempo que ultrapassou as dimensões do espaço/tempo vivido.

NOTA FILOLÓGICA : PROCEDIMENTOS DA EDIÇÃO

A escolha do texto base

Na preparação da edição crítica dos *Diários de Harry Laus* foram examinados sete cadernos manuscritos autógrafos e três pastas, contendo os datiloscritos fixados como texto-base : *Diário Quase Íntimo*, que abrange anotações do período de 27 de dezembro de 1949 a 14 de março de 1953; *Impressões de Vida e Leituras* - diário que se constitui numa síntese crítica do *Diário Quase Íntimo*, que prioriza as impressões de leitura e de vida em detrimento dos dados íntimos e inicia em 02 de janeiro de 1950 e é encerrado em 14 de março de 1953, e o *Monólogo da Provação* - reescritura seletiva do *Diário de Corumbá*, com 92 páginas datilografadas, abrangendo o período de fevereiro de 1958 a junho de 1959 e os manuscritos autógrafos do período entre 1960-1992, por não haver outras versões.

As razões desta opção estão apoiadas nas colocações de DUARTE(1995: 351), segundo as quais, o estabelecimento de um texto em uma edição crítica será caracterizado por uma perspectiva genética, quando apresentar o último texto revisto pelo autor com dois tipos de aparatos: o aparato da tradição e o aparato genético, que é o percurso da lição textual desde a primeira escritura e em manifestações de ânimo autoral. Laus procurava seguir as indicações críticas do poeta Mário Faustino que recomendava síntese , revisão e clarificação, provocando-o para reescrituras sucessivas.

As versões datiloscritas, preparadas em vida pelo autor para serem publicadas, não tiveram apoio editorial. Harry Laus, no livro *De Como Ser*, editado pela Lunardelli(SC) em co-edição com a Editora da UFSC, menciona o processo de acabamento do *Monólogo da Provação* e a peregrinação para editar o livro e, por fim, a frustração de mantê-lo inédito:

Por intermédio de Eneida, entrei em contato com José Álvaro Editor. Achou o título pouco comercial, sem nenhum apelo publicitário. Mudei para o definitivo: *Monólogo da Provação*. De nada adiantou. Por mais de dois anos, esse frustrado livro correu editores : da José Álvaro para a Civilização Brasileira e desta para a Leitura. (LAUS, *De Como Ser*,1978,92)

Os diários escritos após 59 não apresentam versões datiloscritas; assim sendo, foram fixados os cadernos autógrafos, transcritos e revisados:

- caderno sem pauta intitulado - *O Processo dos Livros*, contendo 58 páginas escritas em caneta tinteiro. As anotações tratam do processo que culminou no desligamento de Harry Laus das Forças Armadas Brasileiras. Os relatos iniciam no dia 31 de outubro de 1960 e encerram no dia 23 de julho de 1962.

-caderno vermelho - com anotações de duas viagens à Europa. Nas páginas de 1 a 12 foi inserida uma peça teatral de um único ato e duas cenas , intitulada *Lucy in the sky with diamonds - O casal encantado*. O diário propriamente dito inicia na página 13, no dia 24 de setembro de 1975, com impressões de viagem. Na página 82, inicia o relato de uma segunda viagem realizada entre 9 de agosto e 1º de dezembro de 1977. No final de cada diário foi elaborado um índice cronológico e um índice de assuntos.

- caderno preto - capa plastificada, com 151 páginas. Último Diário - Tempo Maduro. As primeiras anotações são do dia 12 de junho de 1988 e as últimas, de 12 de maio de 1992. Antecede o diário uma página com um esquema de um prólogo e de três partes de um projeto literário datado de 1989. A última referência , 15 dias antes da morte de Harry Laus, foi a manifestação da necessidade de iniciar o projeto literário intitulado *Ranço*.

O exame dos originais documentam características da escritura de Harry Laus, que permitem considerar que seu processo de escrita é sujeito a mudanças a partir de censuras internas e externas provocadoras de permanentes alterações textuais. Laus modifica os *Diários* não somente pela condensação, mas pela fragmentação, deslocando dados para criar efeitos estéticos mais definidos.

Uma análise dos manuscritos revela que as cópias autógrafas, ao serem passadas a limpo, sofrem emendas e grandes trechos são eliminados. Assim, os manuscritos deixam-se ler como resultado da pulsão do desejo de escrever, já os datiloscritos resultam de retificações operadas pela lógica da criticidade.

Foram consideradas variantes quaisquer alterações entre os manuscritos e os datiloscritos, texto-base, desde que não tivessem caráter meramente ortográfico. Foram também considerados os erros datilográficos facilmente identificáveis como tais.

Os acréscimos, substituições, supressões, rasuras, correções, emendas, lapsos, deslocamentos ocorridos em cada uma das versões foram anotados. Tais elementos remetem ao processo de elaboração textual, já que participam de sua gênese. Assim, sempre que se conseguiu decifrar o texto sotoposto às rasuras, arrolaram-se os dados como variantes. Do mesmo modo, quando o autor fez um acréscimo ou supressão, fez-se anotação, enquanto variante, na edição crítica.

Os originais

O conjunto de originais escritos por Harry Laus, doados ao Núcleo de Documentação e de Memória da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), compõe-se de manuscritos e datiloscritos, englobando diários, cartas, notas, esquemas de projetos de contos, romances e peças teatrais.

Esse conjunto foi registrado na Universidade após a morte do autor ocorrida em 27 de maio de 1992.

Os datiloscritos eram datilografados sob a supervisão do autor ou por ele próprio e alguns deles apresentam pequenas emendas manuscritas. Os manuscritos apresentam regularidade de grafia até os anos 60, quando passam a apresentar dificuldades de leitura em função de conflitos emocionais que tornam os traços das letras inconstantes e confusos e, nos últimos anos de vida do autor, quando o movimento motor fino é afetado pelo avanço de um câncer pulmonar. O tamanho da letra oscila e a ocupação do papel passa a ser irregular.

Os originais distribuem-se em cadernos, blocos, pastas, cadernetas e cartas. Foram escritos com diferentes tipos de caneta :tinteiro, esferográfica e hidrocor .

O conjunto dos originais dos Diários compõe-se de 2.119 páginas, classificadas e organizadas de modo a integrarem o texto- base e a colação. O protexto é integrado por lições primitivas do texto - manuscritos autógrafos e versões datiloscritas prontas para serem editadas. Portanto, a colação visando à organização das lições primitivas dos *Diários de Harry Laus*, só ocorre nos datiloscritos.

Os textos manuscritos autógrafos, os rascunhos, organizados segundo as lições são desig-

nados pelas siglas: ms1- caderno preto (1947/1949), ms2 - caderno marrom I (1949/1952), ms3 - caderno marrom II (1952/1953) e ms4-caderno marrom III (1958/1959), enquanto os diários escritos entre 1960 e 1992, por apresentarem apenas uma versão manuscrita, foram apenas transcritos e revisados. Os últimos diários são designados: ms5 - caderno - Processo dos livros, ms6 - caderno vermelho - Diário 1975/ 1977 e ms7 - caderno preto - Último diário - junho 1988/ maio 1992.

Já os datiloscritos, constituídos por um conjunto de três textos, são designados pelas siglas: ds1 - Diário quase íntimo, ds2 - Laus: impressões de vida e leituras e ds3 - Monólogo da provação.

O material transcrito no Apêndice é constituído por folhas dos manuscritos que foram suprimidas pelo autor nos datiloscritos e que se caracterizam como versões preparadas para edição. Portanto, o Apêndice caracteriza-se por folhas manuscritas não aproveitadas no preparo da presente edição, em respeito à organização dos originais estabelecida em vida por Harry Laus.

Descrição do dossiê

ms1

- um “caderno preto”, com duzentas folhas escritas, na frente e no verso, a caneta tinteiro. O caderno é de capa dura e as folhas internas têm a gramatura de 75g e medem, aproximadamente, 16 x 23 cm. As folhas internas são pautadas e trazem impresso, em negro, o número da página, na margem direita superior. No entanto, as vinte primeiras folhas foram rasgadas, sendo que de cinco folhas restaram indícios. A primeira página escrita registra a data de 17 de dezembro de 1947 e a última, 25 de dezembro de 1949. O diário começa a ser escrito em Natal (Rio Grande do Norte) e é encerrado em Porto Alegre (Rio Grande do Sul).As anotações desse caderno constituem-se de primeiras versões de contos, notas para romances e impressões de vida e de leituras.A última folha, manuscrita a lápis, contém o índice dos assuntos tratados no caderno.

ms2

- um “caderno marrom” - volume I - com 400 folhas escritas a caneta tinteiro na frente e no verso. A capa do caderno é dura e a folha de guarda tem a gramatura de, aproximadamente, 90g; as folhas internas são pautadas, apresentam gramatura de, 75g e medem 16x22,5cm. A numeração das páginas é feita a lápis na margem direita superior. Os registros são datados com a especificação de dia e mês e a letra é legível na sua totalidade, apresentando poucas rasuras. O diário foi aberto em Porto Alegre, em 27 de dezembro de 1949 e encerrado em 10 de março de 1952, e é intitulado - “Diário de Bordo”.

ms3

- um “caderno marrom” - volume II - com 400 folhas, o qual apresenta as mesmas características do caderno marrom - volume I: capa dura, folha de guarda com gramatura 90g e folhas internas pautadas, com gramatura 75g, medindo 16x22,5, manuscritas a caneta tinteiro. A numeração das páginas é feita a lápis na margem superior direita. Inicia no dia 10 de março de 1952 e encerra no dia 30 de setembro de 1953, em Porto Alegre. Ao diário propriamente dito, antecedem notas esquemáticas de um projeto de romance. As anotações do diário encerram-se na página 349 e, na página 351, manuscrita a caneta esferográfica preta há um resumo dos registros efetuados nos três cadernos: preto e marrom I e II, datado de 30 de novembro de 1986, portanto, escrito trinta e três anos depois.

ms4

- um caderno marrom - volume III - “Diário de Corumbá” - volume com 246 folhas, fixadas numa pasta de arquivo marrom de capa dura. As folhas internas são pautadas com gramatura 75g e medem, aproximadamente, 16 x 22,7 cm. O diário foi escrito em Corumbá (Mato Grosso) entre os dias 27 de fevereiro e 21 de outubro de 1958. As anotações porém, foram retomadas em Foz do Iguaçu (Paraná) em 10 de maio de 1959. Nas últimas três páginas do diário, foram

elaborados quadros de receitas e despesas, controle de vencimentos, referente ao período de março a setembro de 1958. Da página 1 à 216, as folhas só foram escritas na frente; da página 216 à 237, escritas na frente e no verso. As páginas de 238 a 240 estão em branco e de 241 a 246, só estão escritas na frente. A numeração da página é feita na margem superior direita, de 1 a 203. A página 205 é numerada, mas está em branco. Da página 207 à 215, a numeração continua com o mesmo sistema, porém este é alterado a partir da 216, quando as páginas passam a ser numeradas na frente e no verso até a página 218. No entanto, as páginas que seguem não apresentam numeração. O tipo de caneta utilizada é tinteiro, tintas azul e preta e as páginas de 36 a 75 e de 99 a 101 são datilografadas com máquina manual.

Na página de rosto, de modo bem distribuído no espaço, aparecem com letra de forma, com auxílio de régua: nome do autor, centralizado acima; nome do diário, centralizado no meio da página e o ano, centralizado ao pé da página.

ms5

- "Processo dos Livros" - o caderno contém 58 páginas escritas a caneta tinteiro e esferográfica azuis. As folhas do caderno não têm pauta, gramatura 50g e medem, aproximadamente, 16,5 x 24 cm. As anotações iniciam no dia 31 de outubro de 1960 e encerram no dia 23 de julho de 1962, no Rio de Janeiro. Datas, nomes próprios e fatos significativos são sublinhados com caneta hidrocor vermelha. O diário é datado e apresenta poucas rasuras. As páginas são numeradas na margem superior direita e da primeira à nona são escritas apenas na frente; da página 10 à 51, são escritas na frente e no verso. A partir da página 51, as anotações são relativas ao ano de 1962; e não ocorre mais numeração de página e a caneta utilizada é esferográfica azul.

ms6

- "Diário 1975/1977" - anotações de viagens, feitas, em 166 folhas de um caderno vermelho de capa dura, com o símbolo impresso da Abril Cultural. Na página de guarda, estão impressos indicativos da comemoração de 25 anos da Abril - Calendário / 1975. As páginas não são pauta-

das, gramatura 90g e medem, aproximadamente, 13,3 x 20,7 cm. As primeiras páginas, de 1 a 12, são Anotações Literárias - uma peça de teatro com um único ato e duas cenas, intitulada *Lucy in the sky with diamonds - O casal encantado*. A página 12 contém um desenho livre do mapa do Brasil. O diário propriamente dito inicia na página 13, no dia 24 de setembro de 1975, com anotações de viagens pelo continente europeu e encerra no dia 15 de novembro do mesmo ano. São acrescentados, no final, um índice cronológico e um índice de assuntos. Na página 82, inicia o relato de uma segunda viagem à Europa, realizada entre 9 de agosto e 1º de dezembro de 1977. Na escrita do caderno, são utilizados variados tipos de caneta. As páginas 1 a 12 estão escritas com caneta esferográfica azul. A partir da página 45, nos escritos sobrepostos; em algumas datas dos diários, nos traços sublinhados e nos sinais de parênteses são utilizadas canetas hidrocor azul. Da página 77 em diante, os destaques do texto são escritos com caneta esferográfica vermelha.

ms7

- “Último Diário - junho 1988 / maio de 1992” - caderno preto, capa plastificada com linhas geométricas cor azul-piscina, Agenda / 1987 - com 151 folhas. As folhas são sem pauta, gramatura 90g e, no verso da página, estão impressos indicativos para o planejamento semanal. O caderno contém espiral e a contra-capas, gramatura 120g, apresenta indicativos para o preenchimento de dados pessoais. As folhas medem, aproximadamente, 11,7 x 19 cm e são escritas com canetas esferográficas nas cores preta, azul e vermelha e canetas hidrográficas nas cores azul piscina, vermelha e rosa. As primeiras anotações são do dia 12 de junho de 1988 e as últimas de 12 de maio de 1992. Antecede o diário, uma página com um esquema de um prólogo e três partes de um projeto literário datado de 1989. O manuscrito é intercalado com colagens de recortes de jornal - 23/10/89 - poema de Paulo Leminski, entrevista de John Updike à Folha de São Paulo e um bilhete da irmã Ruth.

ds1

- “Diário Quase Íntimo” - texto datiloscrito a partir de cadernos manuscritos, com 2400 signos, em 131 folhas de papel de seda, medindo, aproximadamente, 22,6 x 32 cm, fixadas numa pasta de grampo, cor azul. A numeração das páginas é centralizada na margem superior e escrita a lápis preto (Faber nº 1). O diário é o resultado de uma síntese de três cadernos : o primeiro caderno não apresenta referências cronológicas; o segundo caderno abrange o período de 27 de dezembro de 1949 a 10 de março de 1952 e o terceiro caderno contém anotações de 10 de março de 1952, continuação do caderno anterior, e encerra no dia 14 de março de 1953. A primeira folha contém a autoria e o título; a segunda, uma epígrafe do poeta T.S.Elliot ,seguida de 128 páginas datilografadas. A última folha contém um índice.

ds2

- “Impressões de Vida e Leituras” 1950/1953 - texto datilografado, com 166 folhas e 2900 signos. Inicia em Porto Alegre a 02 de janeiro de 1950 e é encerrado em Juiz de Fora a 14 de março de 1953. O diário constitui-se numa síntese crítica do “Diário Quase Íntimo” e prioriza as impressões de leitura e de vida, em detrimento dos dados íntimos.

ds3

- “Monólogo da Provação” - reescritura seletiva do “Diário de Corumbá”, com 92 páginas datilografadas e 2400 signos. O diário abrange o período de fevereiro de 1958 a junho de 1959. O texto é organizado em 113 partes.

Variantes

O termo “variante” é adotado para designar uma reescritura conforme a nomenclatura genética, assim sendo, não significa um desvio do modelo, mas a diferença entre dois estados de gênese.

As variantes levantadas, na sua maioria, constituem reformulações mais ou menos extensas do texto.

A transcrição das variantes no aparato crítico são feitas incluindo o último vocabulário da invariante imediatamente anterior e o primeiro vocabulário da invariante imediatamente posterior, sempre antecedidas da sigla da lição de que provêm.

As variantes de menor extensão apresentam -se nas margens direitas, ao lado do trecho correspondente ao texto crítico e as de maior extensão foram agrupadas no Apêndice, tendo algarismos arábicos como remissivas.

Foram consideradas quaisquer discrepâncias entre os originais manuscritos e os originais datiloscritos - texto-base, desde que não tivessem caráter meramente ortográfico. Os erros considerados óbvios, erros ortográficos, facilmente identificáveis, não foram considerados como variantes.

Os acréscimos, as substituições, as supressões, as rasuras, as correções, as emendas, os lapsos, os deslocamentos ocorridos entre as versões manuscritas e datiloscritas foram anotados. Nesses casos, ficam anotados episódios textuais como a rasura ou a escrita na entrelinha.

Os critérios de transcrição das variantes permitem tanto a leitura simultânea das versões rasuradas ou sobrepostas, quanto a leitura da forma como essas versões se apresentam nos manuscritos autógrafos.

Apêndice

No Apêndice transcrevem-se 102 variantes de grande extensão. Do *Caderno preto* - primeiro caderno- ms1-*Diário quase íntimo*-1947/1949 - foram transcritas dezenove variantes constituídas por: fragmentos literários, pesquisas, e reflexões íntimas e relatos de fracassados projetos editoriais eliminados no datiloscrito. Do *Caderno marrom*, primeiro volume- ms2, escrito entre 1949/1952- quarenta e oito variantes, trechos do diário manuscrito que foram reescritos, impressões sobre leituras efetuadas no período, reflexões sobre processos de criação, conceitos morais, éticos e auto avaliações dos escritos. Do *Caderno marrom*, segundo volume - ms3,

registros do período 1952/1953 foram transcritas vinte e quatro variantes : textos literários, fragmentos que tratam de conflitos íntimos, pesquisas desenvolvidas sobre a obra de Ibsen, anotações sobre problemas relativos a questões cotidianas. Do *Caderno marrom*, terceiro volume - ms4 - *Diário de Corumbá*- 1958/1959, as dez variantes longas tratam de descrições geográficas, relatos históricos do 17º Batalhão de Combate e impressões de uma viagem para Foz do Iguaçu e Assunção e uma variante do ms6 - *Caderno vermelho* - constituída por uma peça de teatro de um único ato.

Atualização ortográfica e padronização gráfica

Em termos de correção gramatical e quanto à padronização gráfica, os *Diários* datiloscritos apresentam um texto preparado pelo autor para ser editado.

A leitura dos manuscritos autógrafos revela que Harry Laus não se adaptou completamente às alterações ortográficas implantadas em 1943. O autor oscilava entre a norma anterior e a vigente.

No preparo da presente edição crítica, procedeu-se à devida atualização ortográfica com a eliminação dos acentos diferenciais e correções de deslizos de revisão. Respeitou-se o critério do texto-base, ou seja, o último texto revisto pelo autor. Introduziram-se apenas correções, quando o texto-base se desviava do padrão por ele mesmo observado.

Transcrição e convenções

Na transcrição dos textos, seja do texto - base, seja das variantes que compõem o aparato

crítico, seja do material incluído no Apêndice, foi respeitada a grafia dos originais. Respeitaram-se, também, as oscilações ortográficas entre diferentes normas, o descumprimento dessas normas e os lapsos de escrita.

Na transcrição, para melhor representar certos procedimentos gráficos como rasuras, acréscimos, substituições, supressões, deslocamentos que integram a elaboração textual empregou-se o seguinte aparato genético:

* * substituição;

deslocamento;

> < supressão;

+ + acréscimo;

^^ correção;

= = confirmação;

\ \ inversão na ordem do pensamento;

@ @ alteração da pontuação

[...] ilegível

([]) rasurado

II. O TEXTO
DIÁRIOS: ESPAÇO DE PRESENÇA E DE AUSÊNCIA DE HARRY LAUS

DIÁRIO QUASE ÍNTIMO

DIÁRIO QUASE ÍNTIMO PRIMEIRO CADERNO

1. Abrir-se lentamente, com cuidado, como lentamente se forma o feto nas entranhas, e como a natureza abre a flor. Não fazer como a criança que desmancha o botão querendo transformá-lo em rosa.

2. Tenho pensado em recomeçar minhas memórias, meu diário, as confissões, ou como melhor se pudesse chamar. Memórias são para a velhice e confissões para quem já cometeu o último pecado, para aquele que já realizou todos, tem deles a medida justa e se arrepende ou age convictamente. Diário me parece um título banal porque sempre o associo aos livros que os adolescentes trazem escondidos pelos recantos do quarto para neles falarem de amor.

3. Perdi *O Ideal de um Jovem Mediocre*, em que havia descrito minha adolescência. Perdi um romance iniciado, e embora já houvesse decidido nunca terminá-lo, julgava-me com direitos sobre ele. A mim cabia destruí-lo e, no entanto, não sei que destino tomou.

4. Também tenho a intenção de escrever vários contos cujas idéias fermentam há bastante tempo na imaginação. Projeto longínquo: reunir dez dos melhores e fazer um volume. Publicar¹.

5. Às vezes me procuram como a um oráculo. Sinto-me velho, nessas ocasiões, e procuro não desapontar a quem me consulta. É claro que não se satisfaz enquanto não tenha falado tudo o que queria dizer, e, terminada sua confissão, será completamente surdo às minhas palavras. Mas exige, apesar de tudo, que eu fale, talvez pelo que haja de canção de ninar no tom em que o oráculo lhe possa dar conselhos.

ms1 Abrir-se \ com cuidado, lentamente, \ com

ms1 confissões* , ou seja que nome se possa dar * Memórias

ms1 memórias* é mais próprio * para
ms1 já * se livrou de * todos

ms1 título ([horrível]) banal

ms1 banal * pois me lembra os * livros

ms1 quarto> e a eles recorrem para falar em amor e toda a vulgaridade de uma vida de mocinha aos quinze anos. Mas não será, certamente, esse o motivo porque não me decido definitivamente. Não sei mesmo precisar. Há sempre mais de um motivo a impedir que sejamos decididos, daí a dificuldade de dizermos quais são e qual o mais importante.<Perdi

ms1 havia * escrito meus vinte e quatro anos de vida, até minha ida para Natal * Perdi

ms1 tomou> Há também essa tremenda diferença entre vida interior e vida exterior. Essa falta de confiança de pessoas com quem se possam trocar idéias sobre os assuntos de vida pessoal mais dirigidos para o espírito, com que se possa tratar os problemas de arte. Enfim, a solidão sempre se manifestando da maneira mais absurda e inesperada.//Também a inspiração me tem sido falha. Era minha intenção escrever.< vários

ms1 Publicar * No entanto, me procuram às vezes como oráculo * Sinto-me

ms1 desapontar ([o pedinte]) É

ms1 palavras> convenci-me de que sou bom ouvinte< mas

6. Não custa alimentar uma ilusão, enquanto se vive. Ou, o muito que custa é satisfação de servi-la. Por certo não viverá para sempre. Ou morre por si, como a flor na planta em que se abre, ou a matamos, como a mesma flor se a trouxermos para um vaso. É mais humano que a deixemos fenecer tranquilamente, depois de haver dado tudo o que podia dar. Se algo se arraiga em nosso espírito é porque fará parte de nossa personalidade, e, como parte do ser, está aí para cumprir uma obscura ou brilhante missão. Deixemo-la pois, essa ilusão e as demais, viverem sua vida própria. E, já que a conhecemos e sabemos de sua existência, concorramos com o que sobrar de nossas forças. Auxiliemos sua formação, mesmo que um dia venha a nos dominar e nos escorraçar - como um filho que ao nascer mata quem o gerou. Não a aniquila inconscientemente? Quem planta o gérmen é responsável por sua criação.

7. Acabo de ler um respeitável volume de mais de quinhentas páginas, de José Geraldo Vieira: *A Quadragésima Porta*. E releio a crítica de Wilson Martins sobre o autor, publicada em *Orfeu 6*. Concordo quase sempre com esse artigo².

8. J. G. V. gosta de falar em Dostoiévski. Faz seu personagem bancar o príncipe Muichkine ou Alioscha, algumas vezes, e fala nessas criaturas diretamente, citando-lhes os nomes; ou então copia incidentes do autor russo, como por exemplo na cena em que, estando pescando Albano e outros, começam a referir atos de perversidade que tenham praticado e de que se envergonham, como em *O Idiota*, em casa de Nastasia.

9. Estar só. É delicioso estar-se voluntariamente só. Saber ao nosso alcance a possibilidade de movimento, ruído, gente, abrir uma janela, vestir-se, sair.

10. Mas ficar sozinho, involuntariamente, em silêncio, como é difícil³.

11. Recebi de Natal o livro de estréia de Veríssimo de Melo. Trata-se de um volume em que reuniu 168 adivinhações colhidas na capital do Rio Grande do Norte, de grande interesse folclórico e que nos dá idéia da inventiva popular nordestina. Algumas delas coincidem com as nossas do Sul, mas as mais belas são sempre as desconhecidas de nós, nascidas e vivendo por lá⁴.

ms1 não * será eternamente uma ilusão* Ou

ms1 se^abriu^, ou
ms1 vaso > De qualquer maneira, sempre é mais humano, mais justo e normal < que
ms1 fenecer * depois que deu tudo o que tinha que dar* Se

ms1 uma * certa e obscura missão, ou finalidade brilhante de fogos de artifício *
Deixemo-la

ms1 inconscientemente? ([Não o faz para viver ele próprio porque o chamaram ao banquete?])

ms1 "Orfeu 6" ([Não tenho agudeza crítica, e esse artigo]) concordo

ms1 Dostoiévski ([Naturalmente não há termos de comparação entre eles embora o autor faça]) seu

ms1 tenham * cometido * e
ms1 Nastasia > Também a constante ligação com a Bíblia, até o absurdo daquele que a sabe de cor e que a recita por Paris afora.// Enfim tudo isso são considerações primárias. Preciso ler alguns de seus livros cuja ação se desenrola no Brasil para depois voltar ao assunto.<

ms1 estar-se \ só , em silêncio e voluntariamente não é fácil *

ms1 o ([primeiro]) livro

ms1 da * poética * popular
ms1 algumas * daquelas adivinhas * coincidem
ms1 nós * que nasceram por lá e por lá vivem preocupando as crianças, e a gente grande *

12.É admirável o espírito de pesquisa de meu amigo. Para a adivinha que em minha terra eu ouvia “redondinho, redondote, não tem fundo nem botoque”, ele apresenta variantes de Natal, de Belém e Paraíba, Galizia, Astúria, Itália, França e Mallorca.

ms1 botoque * o Veríssimo * apresenta

13.Há uma semana terminei um conto, *Os Incoerentes*. E agora que o reli achei-o repleto de defeitos. No entanto, ao terminá-lo, estava certo de haver executado uma obra prima boa⁵. São necessárias transformações, ampliações⁶, pois ainda não tirei tudo da idéia.

ms1 Mallorca * Faz quase uma semana que escrevi * “Os Incoerentes”
ms1 e * ao reler este conto acho-o cheio de * defeitos

14.Mais uma vez, não ter pressa de terminar, combater essa pressa. “A Arte só se aprimora pela dúvida” e essa dúvida precisa ser mantida pela luta, pela revolta.

15.”Se eu dormir, quem me entregará a lua?”

16.Não sei. Acabo de reler o conto, depois de seis dias separado dele, depois de aumentado, alterado e passado a limpo. Li-o sem amor, e me pareceu feito sem convicção, em certos pontos, grosseiro, mal escrito, cheio de palavras feias. (Neste instante sinto desgosto de mim por considerá-lo mau e estar dizendo isto. Procuo dissuadir-me. Penso em certas imagens, a do filho morto é bela, cheia de poesia, trágica e sonora. Lamento, mas não posso considerá-lo ruim, sem valor, nem mesmo agora que o terminei de ler sem amor)⁷.

ms1 sei @ : @ A cabo
ms1 conto * Segunda - feira terminei de passar a limpo, depois de todas as correções e ampliações, e ainda modificado, alterando, aumentando, enquanto copiava. Hoje é sábado e reli; tendo passado todos esses dias ausente do assunto. Não sei. * Li-o
ms1 pareceu * escrito * sem
ms1 convicção > Na cena final impressionei-me, por Otoniel sozinho, e cheguei a ficar com os olhos cheios d’água- não pelo conto mas pelo que me fez recordar, pela associação de idéias com um fato que não precisei, não me demorei a procurar. Mas de um modo geral, não me impressionou. Pareceu-me, mesmo em < certos
ms1 feias > e lugares comuns. No entanto, enquanto escrevia, e enquanto passava a limpo estava certo de que fazia obra de valor < (Neste

17.O essencial será manter sempre uma chama e não deixar que ela morra. (A beleza das velas esguias e acesas, a luz tremendo e parando sobre elas.) . A chama deve ser conservada por alguma cousa que se realize sempre, que se suceda sempre a algo já terminado. Criar situações para que rejuvenesça o entusiasmo. E como se há de fazê-lo? Trabalhando, realizando, estudando.

ms1 elas ([Quando se apaga sobre um fio de fumo, um pouco assim como o último alento de quem morre e se dirige aos céus. Belo mas efêmero.]) A
ms1 terminado > Não deixar morrer o entusiasmo < criar

18.Nunca pensei em como o tempo pode nos ajudar à realização. Mas por ter tido alguns dias a minha disposição me apercebi disso. Podemos cumprir um programa, dar forma a o que anda em títulos por folhas esparsas. Ler e escrever. Mas pensamos também em publicar e aos poucos temos de nos convencer de que ainda é cedo demais.

ms1 programa * Efetuar o * que
ms1 escrever > Mas também nos deixamos sonhar < Nos

ms1 que * isso é impossível * e

19. Muitas vezes sou levado a menosprezar o conto por ser no Brasil obra de principiante. Eu mesmo, há muito tempo, não leio um livro de contos, não o compro, não o tomo emprestado. No entanto, é o que escrevo, é o que faço e o que espero seja admirado.

20. Pena ter perdido meus livros. Perdeu-se minha autobiografia ingênua. Foi roubada do cais do porto em Porto Alegre, juntamente com uma pequena biblioteca organizada em Natal, e mais o livro que começara a escrever, e correspondência e munição de pistola, um par de botas novo, jamais usado - Por que não falar nisso também? Pois que fiquem com tudo, mas me devolvam os manuscritos⁸.

21. A biografia, comecei a escrevê-la para desprender meus dedos, como um exercício de piano. Na verdade eu gostaria de tê-la agora em minhas mãos, folheá-la lentamente, cuidadosamente, como se folheiam velhos e sagrados manuscritos de família. Mas é certo que não iria relê-la com o carinho e o enternecimento com que leio a caderneta de notas de meu pai e a carta, a única, que conheço de minha mãe. Tentar refazê-la, seria não mais encontrar a ingenuidade autêntica. “É preciso poder recordar os dias de infância cujo mistério ainda não se aclarou”. E ainda não é suficiente que se tenham recordações, pois, como diz Rilke, “é preciso esquecê-las quando são numerosas, é preciso ter a grande paciência de esperar sua volta.”

22. “Comme si une étoile filante tombait et que personne la vit et que personne n’ eût fait de vœu. N’oublis jamais de faire ton vœu, Malte. Car il ne faut jamais cesser de désirer. Je crois qu’il n’y a pas d’accomplissement, mais il y a des vœux à longue échéance, qui durent toute la vie, de sorte qu’on ne pourrait même pas attendre leur accomplissement.” (Rainer Maria Rilke).

23. Muitas vezes nos foge tudo. Como na semana que passou: nem vontade de ler, nem de escrever. Mas insisto comigo mesmo, embora já esteja convencido de que o livro que eu pretendia publicar ainda este ano não sairá jamais. Sonhei tanto com ele... que me satisfiz com isso. Como Otoniel

ms1 admirado > e elogiado pelos outros <
Pena

ms1 livros \ Minha autobiografia ingênua \
perdeu-se

ms1 tê-la \ em minhas mãos, agora, \ folheá-las

ms1 Mas * talvez eu não relesse tudo aquilo *
com

ms1 mãe > Mas eu gostaria de a ter agora nas
minhas mãos. // Por tudo que tem de ingenuidade
autêntica seria sempre melhor do que
forjar ingenuidade, para na nova “Autobiografia
Ingênua de Olice”; não sei, não sei o
que poderia ser fruto, o que se poderia fazer.
Para essa tentativa < “É

ms1 E * também * não

ms1 volta” > Sei que o que se escreve são as
experiências, não os sentimentos. Fala-se dos
sentimentos que ficaram das experiências. A
vida é pois a preparação constante, e o
essencial é que mantenha a chama, a luz acesa
- para que orientemos o que sobra das
experiências seguindo um caminho, seguindo
eu “volto”, um desejo. Sim, aí entra mais uma
vez Rilke. Talvez esse essencial de que falo
seja precisamente o “volu” que ele refere : <
“Comme

ms1 accomplishment > Sentei-me para
escrever alguma coisa. Sem ter idéia do que
pudesse ser. Por isso estou no mesmo (não
sei mesmo como terminar essa frase) < Tudo
ms1 tudo ([como se eu me tivesse intenção de
escritor]) * Assim foi toda essa * semana

de *Os Incoerentes*. Talvez eu goste mais de Otoniel por ter pena dele. É um fraco mas tem a coragem de chorar. Seu erro maior é ter-se julgado muito inteligente e convencer-se de que conhecia os outros a ponto de poder levá-los com suas palavras. E perdeu-se por elas: sua fraqueza feriu o amor-próprio de Josué. Com um erro assim podemos perder um cúmplice.

24. Como sonhei com o livro. Passei dias inteiros vendo-o pelas vitrinas e imaginando o que se diria a respeito. Foi pelo tempo de minhas férias, quando escrevi *Maria Grazia*, *A Procissão* e *Os Incoerentes*. Achei que estava realizando o milagre de trabalho de que nos fala Max Jacob. Cheguei a escolher as epígrafes para o volume: de Dostoiévski e Rilke⁹.

25. E agora, por tudo e por nada, percebo que o livro digeriu-se a si próprio. Morreu sem haver nascido. Melhor, contudo, que nascer sem ser gerado¹⁰.

26. O menino Olice terá sido, necessariamente, uma criança triste, por sua infância em que perdeu a mãe. Terá dela vagas lembranças sagradas. Por toda sua breve existência, levará esse espectro (vê-lo-á no arco-íris das águas da cachoeira, no arco-íris do céu, e mesmo quando o sol incide sobre os cílios meio fechados e as cores estão ali nos seus olhos)¹¹.

27. Depois de reler Dostoiévski inteiro, ler todo Shakespeare, a obra de Rilke e a *Recherche* de Proust, depois de procurar qual o caminho de Joyce, talvez (ainda assim talvez) possa ser feita alguma coisa sólida, duradoura e valiosa. Antes, não. Como até agora, ainda não. Pois reli hoje, 19 de setembro de 1949, *A Visita* com desgosto.

ms1 palavras > poderia levá-los. Se, por certo sabia onde generalizar, é o que se passava com Josué, por exemplo, na cena da fuga. Mas se foi inteligente para descobrir isso, não o foi para aproveitar seu sentimento. Otoniel perdeu-se por suas palavras: sua fraqueza feriu o amor próprio de Josué. Por um erro perdemos um cúmplice. // Não é sobre erro que quero falar. Também não sei sobre quê. Senti-me sem um propósito deliberado, como não deve ser feito. O que deve haver é convicção, em vez da obrigação ou diletantismo, ou falso propósito < Como

ms1 que > escrevendo em tão pouco tempo esses três contos eu < estava
ms1 Max Jacob > Há algum tempo li o que sonhou um escritor, não sei qual, por ver seu livro de estréia, e agora compreendo que é o que passa pela cabeça de todos - é um lugar comum, afinal, um sentimento vulgar que assalta qualquer pessoa, dessas que andam aos montes pelo Brasil escrevendo e publicando, ou escrevendo e guardando < Cheguei
ms1 Cheguei > mesmo < a
ms1 epígrafes* que o volume teria *
Dostoievski
ms1 Rilke ([Do segundo simplesmente pela modéstia do que dizem aquelas palavras]) E

ms1 que ^ perderá ^ a
ms1 vagas > e sagradas < lembranças
ms1 sagradas * Assim, * por

ms1 procurar \ "Ulisses" de Joyce para saber que caminho é que ele traça \ talvez

28. Tomei o livro de J. G. V., *A Túnica e os dados*, mas não consegui ler. No entanto, fiz força para me convencer de que é bom e cheguei até a parte em que copia o início de *O Idiota* e fala em “mera coincidência”. Em outro lugar fala em dois meninos que têm aparência, um de Rimbaud aos nove anos e outro como sendo sócia de Mozart, transmitindo, pois, ao leitor, a imagem exata de como são essas crianças, porque todo o mundo conheceu Mozart e Rimbaud¹².

29. Terminei de ler *Dietrich Oberlin*, de Jakob Wassermann. (Aqui deixei o caderno para reler o que escreve Maurice Betz sobre o livro).

30. Na verdade, há superabundância de detalhes e episódios, muito principalmente na “terceira etapa”.

31. As duas primeiras partes me fizeram esperar uma coisa mais importante para a última. No entanto, com o aparecimento das duas “Jeunes filles” o romance modifica-se quase que integralmente. Enquanto na primeira e na segunda parte tudo é Dietrich ou dirigido a ele, ou em consequência dele, a última parte apresenta tantos incidentes que Oberlin quase se dilui. Embora tudo concorra para a transformação do moço, não creio que seu processo de formação e transformação tenha sido completo. Porque o método de apresentação de personagem foge, por assim dizer, do interior para o exterior. Ainda esperava que no último capítulo, “Je viens”, voltasse a ser dado a ele o tratamento anterior.

32. Talvez a complexidade de episódios seja o suficiente para transformar o caráter de personagens, ainda que se não digam quais as reações sofridas por eles: considerando-se o que sugere a quem lê como sendo o que acontece a quem vive a ação. Indiscutivelmente o jovem, o adolescente Dietrich Oberlin vive, mas há fugas demasiadas para pontos secundários, para os demais planos, como se mais pela introdução de novos elementos do que pelo retoque e aperfeiçoamento do motivo principal se pretendesse salientá-lo, destacá-lo. Resulta que certos personagens, como o pai de Hanna e Cécile, permaneçam apenas esboçados.

33. Não obstante, o livro possui passagens belíssimas e situações de um dramático penetrante, como as relações entre o herói e sua mãe Dorine. Aliás, essa mulher é sempre notável em suas aflições e seus sentimentos. Também é de grande

msl ler> Há certas cousas realmente revoltantes, < No entanto
msl a * página * em
msl coincidência” > Verdadeiramente exasperador, também, aquilo do Cristo bater toc-toc com a cabeça na madeira da cruz, (apesar de toda a provável e possível infância de tal Jaiminho) e < fala
msl imagem * perfeita * de

msl fugas * demais * para
msl pela * apresentação de detalhes * do

msl esboçados > Mas, pelo que Hanna diz e conta no decorrer da terceira parte) esse pai parece que ainda virá à cena para se apresentar diretamente, se expor, justificar-se, talvez. ([Tudo isso são anotações provisórias, pois não domina perfeitamente o francês para fazer um julgamento a fundo; e por certo mas tem escapado em consequência disto]) < Não

poder envolvente *La Dormeuse*: - “Elle est là!, elle est entre nous; ne la sens - tu pas? Laisse de la place pour elle; silence, ne bouge pas; écoute-moi!”

34.”Há homens que não extraem uma força simples e modesta de si próprios senão quando se sentem envolvidos pelo destino e seus perigos, e que não orientam uma atividade tranqüila a um determinado fim senão quando são tomados pela vaga crescente do desespero. Existe nisso algo de indulgência e humildade; apenas isso pode salvá-los; na desordem e no nevoeiro, acende-se uma luz de graça.” (*As Três Etapas de Dietrich Oberlin* - Jakob Wassermann).

35. Pena que não fosse um cisne.

36. Mas, apesar disso, foi uma bela imagem a que eu vi no amanhecer de hoje. Estava frio e a água perfeitamente parada cobria-se de folhas verdes que se afastavam num ponto, deixando ver a superfície estática e tranqüila como a ave que ali estava.

37. Agora as paineiras estão com as cachopas brancas se abrindo para os flocos no ar. Pois a ave dormindo sobre as águas, com o pescoço emplumado e voltado para trás, o bico amarelo desaparecendo sob as asas, era como uma grande cachopa de paina aberta e boiando, com as plumas todas esperando o vento para voarem. No entanto, dentro daquelas penas alvas corria sangue, e, de um momento para outro, o pequeno animal poderia acordar-se assustado e correr pelo lago espadanando e agitando as águas. Mas enquanto passei pela estrada conservou-se imóvel, parado, dormindo: uma imagem pura sobre a porção de água que a folhagem deixava descoberta.

ms1 moi!” > Ou Dietrich lançando-se “de tout son long sur A morceau de terre que avant porte la jeune fille pour la dernière fois. // Pobre Dietrich Oberlin! Quando tomamos a bicicleta e percorremos quilômetros de estradas, enfrentando o sol poente cuja púrpura parecia respirar. Já havias sofrido muito mais. Mais tarde apoiou “son front contre le mur et se met à pleurer sans ariet et sons bruit.” // Mergulhou seu rosto no ventre do qual nascera; e nele se escondeu mais profundamente como se quisesse para lá voltar. “ - à la fois enfant et homema.” < “Há

ms1 nevoeiro\ uma luz de graça : acende-se neles.”\ As
ms1 Wasserman > A novela do Curioso Impertinente: D. Quixote de La Mancha, Cap XXXIII, IV e V.” Os dois amigos: Anselmo e Lotário; Camila, mulher de Anselmo; Leonela : ama de Camila, o amante de Leonela.” <

ms1 ar @ : @ pois
ms1 dormindo ([estática]) sobre
ms1 sob ^ a asa, ^ era

ms1 para ^ voar ^ no entanto
ms1 alvas , \ o sangue corria \ e,
ms1 estrada ^ ele se conservou ^\ parado, imóvel \ * e procurei com os olhos * ([àquela região vizinha àquela aonde estava]) mas vi nenhuma outra ave que o acompanhasse. Era sozinho e dormia no amanhecer, despreocupada e sem se aperceber do dia. A água parada < Na
ms1 descoberta > As vezes vemos uma dama segurar entre as mãos uma taça de cristal com tamanha ternura, olhando o líquido com um enlevo tal, como se houvesse uma pomba descansando na calota de vidro: pois me pareceu que < Esse

38. Esse belo pato branco sobre as águas era algo frágil como os flocos de espuma que se formam junto às cachoeiras e se encostam nas folhas pendentes das margens dos rios: e senti que se poderiam encher muitas taças de cristal com a espuma viva que dormia na calma da manhã. Mas, acima de tudo, gostaria que fosse um cisne. Não pela maior beleza de seu longo pescoço ou das asas amplas e engomadas, mas pelo que há de mais belo na palavra cisne em vez do nome pato.

ms1 engomadas ([como vestidos brancos das crianças,]) mais

39. Como se nada me solicitasse e minhas energias todas permanecessem inúteis. O próprio pensamento nada realiza, as idéias fogem e nem sequer a tristeza, por tudo ser assim, se manifesta. As experiências, as presenças e os acontecimentos, por insinuantes ou grandiosos que sejam, não impressionam o espírito e tudo se passa como se nada mais significasse, a vida, do que uma diversão inconseqüente.

ms1 > Como uma calmaria em alto mar, obrigando a caravela a ficar imóvel sobre as águas, eis o estado em que muitas vezes me encontro < Como
ms1 pensamento * mesmo não realiza coisa alguma.* as

40. Talvez seja esse o ponto em que se participe do vulgar. O homem vulgar é o que não mantém reservas de pensamento e sentimento: sente o momento presente como o de uma saborosa refeição; e não se comove com a ternura nem com a tragédia, quando dirigida aos outros. Revolta-se até contra a tragédia de si próprio, sem orientar essa revolta em sentido algum senão o da satisfação pessoal de não-conformismo.

ms1 Talvez > aí < seja

ms1 conformismo > Pois o homem vulgar. ([Também]). Julga-se auto-suficiente, e se não chega à derrota é por não ser uma inteligência especulativa. O dia em que perguntar estará duvidando de si próprio e essa dúvida seria o início de seu processo de aniquilamento. Mas a vulgaridade precisa ser uma situação inconsciente. A consciência da vulgaridade deve abrigar sempre o desconforto de que perde todas as partidas de um jogo e procura o revide unicamente na inveja. Porque o homem vulgar é mais sujeito à inveja do que à vergonha. < Nos

41. Nos dias que se tem passado, tenho visto os tendais de glicínias, muitas casas com os portões floridos, e é como se houvesse uma procissão e se tivessem decorado as fachadas em homenagem a ela.

ms1 glicínias ([floridos]) muitas
ms1 tivessem * pedido para enfeitar as * fachadas
ms1 ela > Também os campos estão cheios de flores e fico admirado como ([as pequenas flores]) são quase sempre amarelas, vermelhas ou azuis e roxas. Agora as amarelas aparecem mudando a cor dos campos: a flor das almas, como um chamava na infância, é que vai até o dia dos mortos em infância, e que vai até o dia dos mortos em novinho. Têm cheiro doce de mel e é como uma pequena margarida de cor, com a beleza simples das flores do campo. No entanto, também nelas se realizam todos os mistérios da natureza. < Vi

42. Vi um homem pobre levar nos braços um pequeno caixão de defunto. E fiquei imaginando se não seria para seu próprio filho. Por certo não seria: ele fumava e tinha um chapéu cinzento na cabeça. Ia absorto pela rua, mas que pensamento se pode conceder a ele em tal momento? Há pensamentos de dor, de complacências, de indiferença em que os olhos (e um cigarro aceso, a precaução de fumá-lo, de atravessar a rua, tudo concorre para se distrair a angústia) e os olhos não comunicam o verdadeiro sentimento¹³.

43. Durante um exercício militar em que fui apenas expectador, os soldados encontraram duas cobras e feriram-nas com a ponta das baionetas. Fui ao lugar onde estavam se contorcendo e se mexendo a cada vez que se lhes aproximava uma vara ou a ponta do pé.

44. Agora só vão morrer quando o sol entrar, disse um soldado.

45. E aos poucos passaram todos e fiquei sozinho em presença dos animais feridos. Eram iguais, a pele colorida de amarelo e marrom em desenhos estranhos, e, uma em presença da outra, estavam sós em seu próprio sofrimento. Notei o sangue vermelho tingindo o verde da grama, e ao aproximar a vara seca de uma delas procurou enrolar-se e abriu a boca para morder, mesmo com o corpo aberto pela baioneta. Reparei em sua língua comprida e negra, bipartida na extremidade e caída inerte para fora da boca e lamentei que não mais pudesse se defender. Então resolvi matá-las, mas meus olhos estavam cheios de lágrimas e me retirei certo de que, só morreriam quando o sol entrasse.

46. Eis um dia em que me parece nunca haver escrito nada. Sinto-me desalentado. Não sei mais quanto tempo faz que entreguei a ela meus contos para serem datilografados. Mais de um mês e a cada encontro nova desculpa. Desde então me vejo apartado deles, alguns dos quais nem tenho outra cópia. Espero-os com a ansiedade com que esperava cartas na Escola Militar. Também as idéias desertaram e tudo fica diferente de antes, quando tinha sempre uma coisa, um plano a explorar. Havia, pelo menos, a tranquilidade do assunto

ms1 um * caixãozinho* de
ms1 defunto @ , @ E

ms1 militar * de que eu era simples *
expectador
ms1 soldados * acharam * duas

ms1 só ^morrerá^quando

ms1 fiquei * só, no campo ,* em

ms1 outra ^estava só^em
ms1 sofrimento > Então tomei uma vara e virei uma delas sentindo como a varruga é fera e como são as escamas superpostas, ([são]) quase imperceptíveis, quando a madeira correu num sentido, e como é irregular quando percorrida no outro. Depois < Notei
ms1 tingindo > as folhas verdes< da
ms1 grama > o sangue vermelho, justamente vermelho, igual, em princípio de identidade. E < ao
ms1 baioneta > Justamente nesse momento verifiquei que eu lamentava o animal por não poder mais defender-se, por estar ali impotente, incapaz de usar o seu único órgão de defesa;< Reparei
ms1 Então *, procurei matar os dois animais, não por raiva de me terem levado àquele pranto, nem para abreviar seu sofrimento. Não sei se por maldade, o certo é que procurei matá-los mas logo desisti< e

ms1 um> dos< dias
ms1 parece * impossível já * haver
ms1 escrito * qualquer coisa de cujo valor alguém tivesse falado bem * Sinto-me
ms1 desalentado * ou, para dizer a palavra usada em tais casos, estou vazio. Perdi a noção do tempo que faz que entreguei meus nove contos para serem datilografados e organizados por ela.* Mais
ms1 tenham * cópias a não ser neste caderno e, já se vê, com sensíveis diferenças. Pois todos os dias espero reavê-los e organizar o pequeno volume.* Espero
ms1 que * aguardava * cartas
ms1 desertaram * de mim e não me julgo

reservado, a história esperando o momento em que se abrisse a caixinha e as palavras se espalhassem sobre o papel¹⁴.

47. Viajar. Eis um modo de recuperar o tempo perdido. Porque uma viagem feita é, muitas vezes, uma biblioteca que se leu. Uma longa viagem que se faz por mar, o encontro com terras desconhecidas ou pessoas em cujas vidas há sempre determinados pontos de igualdade ou semelhança conosco. Como nos livros os personagens. Se não houvesse ao menos um personagem que nos tocasse de alguma maneira, que excitasse em nós algo do que fomos, desejamos ter sido, ou lamentamos não ter podido alcançar, tal livro seria morto.

48. Assim, nos tombadilhos e nas plataformas, as pessoas que se encontram, se conhecem e conversam, é um pouco para saberem até que ponto levaram suas experiências, como e quando foram derrotadas: para se auxiliarem mutuamente na procura de uma rota, com a convicção sem compromisso de quem, ao descer o trapiche ou da plataforma, esquece ou abandona o azimute. Pois há os que insistem na metamorfose impossível e vivem iludidos com ela. Às vezes salvam-se por ela: por adquirirem um estado permanente de esperança. São um tanto assim como bandeirantes de estrada real, que não se aventuram pela mata, mas não deixam de desejar penetrá-la. Seu valor está na crença de poderem atingir o horizonte, na fé que conferem a esse ideal que jamais conseguirão realizar, cuja impossibilidade entrevêem, não sendo, todavia, suficientemente avassaladora para os destruir.

49. Têm o direito e o dever de conservar essa esperança a fim de extraírem dela o que justifique sua existência.

50. Em Tijucas, nas madrugadas de dois de Novembro, eu me acordava com o rodar das carroças e as vozes do povo levando flores a seus mortos.

51. Vinha gente dos arredores, das vilas e povoados, trazendo coroas modestas e belas de papel crepom verde, branco e roxo, as rosas com miolo amarelo, e outras flores sem nome que as mocinhas imaginavam nas vésperas cortando o papel

capaz de escrever um conto sequer. Desde muito tempo ([para cá]), havia sempre uma idéia a ser explorada, ([é um estado latente]), e, se não tinha disposição para realizá-la, *
Havia

ms1 que * a mola se distendesse * e

ms1 Eis * uma maneira* de

ms1 mar * se encontram terras novas e pessoas, e sabemos que suas vidas têm* sempre

ms1 pontos * iguais ou semelhantes aos nossos.* Como

ms1 de * maneira alguma, que não excitasse em nós absolutamente nada* do

ms1 não* haver alcançado; ou se não se identifica em sua presença o arrependimento de haver sido igual, ou a glória e o prazer da analogia, então tal personagem e livro seriam mortos.* Assim

ms1 encontram * e falam e * se

ms1 rota >, e tudo sem compromisso,< com

ms1 de* revolta * São

ms1 real ([isto é,]) que

ms1 se * embrenham na * mata

ms1 crença([da metamorfose impossível, a fé nessa transformação]) que

ms1 impossibilidade* reconhecem mas que não é* suficientemente

ms1 destruir > Essa é uma condição do humano: pode dirigir-se ao Supremo ou reunir-se no terrestre.< Têm

ms1 Têm > a impossibilidade,< o

ms1 conservar > e manter < essa

ms1 existência > Lembrei-me hoje, falei e agora escrevo sobre o dia dois de novembro.< Em

e inventando pétalas e passando a unha com força para ficarem crespas e enroscadas.

52.No sol forte da manhã, as carroças passavam e as moças armavam sombrinhas ruças, sem cor, os cabos retorcidos, mas servindo bem contra o calor, apesar de feias. As flores de papel de seda ou crepom, levavam-nas nos braços, como se murchassem ao sol, e as coroas enfeitavam o interior das viaturas, saltando às vezes para fora os arames cobertos de verde, servindo de caules e com folhas na ponta.

ms1 sombrinhas* sem cor, ruças de velhas,*
os
ms1 crepom *, elas levavam * nos

53.Minhas irmãs iam ao cemitério a 1ª, pela tardinha, para que o túmulo amanhecesse florido. E lembro-me como tínhamos pena das sepulturas sem flor, com os vasos secos ou quebrados vendo chegar e morrer o dia abandonados.

ms1 quebrados * que viam* chegar

54.E a dois as velas ardiam e as flores (os lírios brancos, as rosas, a “flor das almas” do campo) enchiam os vasos dos túmulos quietos. Então o cheiro das flores murchando e das velas derretendo fazia uma impressão tão forte que eu tinha medo e sabia que de noite veria cruzeiros e velas pelo quarto.

ms1 almas” * nos campos - todas eram cortadas e trazidas para as catacumbas quietas* Então

ms1 quarto > O cemitério com flores novas e luzes tremendo era para mim um enorme velório, como se aproximasse o juízo final e os cadáveres voltassem.Me< Ajoelhava

55.Ajoelhava-me e rezava por minha mãe. Éster chorava. Então eu arrancava os fios de capim e disfarçava para não chorar também. Quando o sol começava a desaparecer, e a luz das velas passaria a ser a claridade única para os mortos, nós nos retirávamos e minhas irmãs comentavam a profanação que havia nos namorados conversarem ao pedestal da grande cruz aonde se rezava a missa pela manhã.

ms1 arrancava > as ervas daninhas,< os
ms1 capim > que sobrararam,< e

56.Também me lembro como eram grosseiras as flores metálicas, esmaltadas em cores fúnebres, enfeitando todos os anos os jazigos dos ricos. O chocante som das folhas ou das pétalas quando se tocavam, som de armaduras de museu ou elos de corrente. Compradas um ano e postas sempre, desbotadas ou cobertas de ferrugem, colocadas por obrigação, não por devotamento ou amor. Flores rudes de quem se esquece dos mortos. Não são flores, são vícios.

ms1 desbotadas * e enferrujadas, postas * por

57.De noite, as estrelas no céu, eu imaginava o cemitério aceso e brilhante; e me diziam que uma enorme procissão saía dos muros brancos e percorria a cidade nas trevas da meia-noite, os mortos ressuscitados em alvas túnicas e círios brancos às mãos, numa lenta e incalculável coluna que desfilava ante meus olhos assombrados e acabava por me adormecer, como se fosse uma canção de ninar mal cantada e sem fim.

ms1 céu > e as velas no chão, < eu

ms1 brilhante >, mas nunca vi < e

ms1 e * interminável *coluna
ms1 desfilava * por mim e me adormecia,
afinal,* como

58. Vinha lendo e termino agora o maravilhoso *Don Quixote de La Mancha*, na tradução de Castilho, e também posso considerar ditosos e felicíssimos tempos estes em que me é dado ler esse livro. Por tudo, pareceu-me superior ao melhor que eu esperasse, e compreendo que nada posso dizer a mais do tanto que se tem dito sobre Cervantes e D. Quixote, não por falta do que se diga mas por não poder eu fazê-lo. No entanto, nos meus manuscritos não pode deixar de aparecer uma referência, que não sei como registrá-la.

ms1 tempos ^esses^em
ms1 me ^foi ^dado
ms1 ler ^isto ^livro

ms1 por * haver * o

ms1 entanto*, nesses * meus
ms1 como > fazê-la discreta e sem os superlativos de estilo < É

59. É consolador o monumental sofrimento de D. Quixote pela sua sempre inabordável e inalcançável Dulcinéia Del Toboso. Grandioso o sentido de sua busca infinita. Santo Agostinho buscou a Deus pela cultura e inteligência, sempre esperançoso, de um caminho a outro até à satisfação. Don Quixote é mais triste porque jamais encontrou sua Dulcinéia e “volta vencido pelos braços alheios”.

ms1 Grandioso * seu * sentido
ms1 infinita > pelas terras afora. Na vida de Santo Agostinho, talvez se possa comparar, é que houve esse mesmo sentido de esperança, o santo buscando Deus pela cultura e inteligência; < de
ms1 porque \ não encontra jamais\ sua
ms1 alheios” > mas “ vencidos de si mesmo”, como diz Sancho, o sempre bom e leal. < Miguel

60. Miguel de Unamuno, por questões de sua filosofia quixotesca de Espanha, lamenta Cervantes por haver destruído o cavaleiro. A mim me entristeceu vê-lo morrer, embora a vida do fidalgo que foi a flor, nata e espuma da cavalaria andante “não tivesse privilégio no céu para deixar de seguir o seu termo e acabamento. “ Eu preferiria ter lido os epitáfios, como na primeira parte, e de nada mais saber.

ms1 haver * matado D. Quixote * A
ms1 me * vieram lágrimas por ([havendo]) * vê-lo

ms1 acabamento” \, a vida do fidalgo que foi a flor, nata e espuma da cavalaria andante. Mas\ eu

61. Na primeira parte, D. Quixote é mais livre do que na segunda; age por si e as aventuras vêm-lhe ao encontro, casualmente. Já na parte segunda o cavaleiro da triste figura tem a vida e seus sucessos quase que totalmente calculados, projetados por outros. Há, então, de uma parte a outra parte, uma profunda transformação na maneira como o autor conduz os personagens. E embora tenha isso me causado um pouco menos de gosto, pela parcela de liberdade perdida, creio que a última parte é conseqüência da crítica a que foi sujeito o primeiro volume aparecido; e tudo é compensado pela beleza e maior pureza de estilo, uma tremenda segurança de quem sabe até aonde quer ir e porque, sentindo o que poderá dizer ou sentir o leitor, justificando tudo, como, por exemplo, quando da morte do herói: “Como as coisas humanas não são eternas e vão sempre desde o princípio até seu último fim, (...) deu a alma a Deus: quero dizer, morreu.”

ms1 então, * da primeira para a segunda * parte

ms1 a * segunda parte é fruto conseqüente * da
ms1 volume * publicado, * e

ms1 que * poderia * dizer
ms1 exemplo * por motivo da morte de D. Quixote: * Como

62. Um homem mau seria melhor ao terminar a leitura da história do engenhoso fidalgo, e os que vivem além do cotidiano, procurando definições capazes de alumiar alguma cousa de seus caminhos, terão encontrado nesse luzeiro e guia dos cavaleiros andantes, se nada mais, ao menos conforto.

ms1 terminar * de ler a* história

ms1 alumiar * em algo os * seus

ms1 conforto > Por Sancho e D. Quixote, cavaleiro muito principal, e por sua dama e senhora jamais esquecida, nem mesmo quando, com a lança inimiga em cima da viseira baixa, e “como se falasse de dentro dum túmulo com voz debilitada e enferma disse: -”Dulcinéia del Toboso é a mais formosa mulher do mundo e eu o mais desditoso cavaleiro da terra, e a minha fraqueza não pode nem deve defraudar esta verdade: carrega, cavaleiro, a lança, e tira-me a vida já que tiraste a honra.” < No

63. No Regimento existe um soldado chamado Dirceu Menino do Rosário. Pensei trocar o nome de Olice por esse que é mais belo, cheio de poesia, possibilitando uma grande variação que não prejudique a harmonia da frase: Dirceu, Dirceu Menino, Menino, Rosário¹⁵, e ainda outros. Se eu escrevesse a biografia desse menino, um de seus traços seria a dúvida pela profissão que aceitaria. Como Proust: “A magistratura não está demasiado desacreditada? Que me resta, posto que estou decidido a não ser advogado, nem médico, nem sacerdote....?” Mais tarde talvez possa dizer: “Não servirei a aquilo em que não mais creia, seja meu lar, minha pátria, ou religião; tratarei de conduzir-me na vida ou na arte o mais livremente possível, empregando em defesa própria as únicas armas que me permitem usar: o silêncio, o exílio e a astúcia” - como Estevão Dedalus¹⁶.

ms1 sacerdote...?”> Desejará ser professor, já que muitos de sua família o foram ou são. E detestará o comércio, a que está submetido pelas circunstâncias. Enfim, no tocante à profissão, não terá a mínima noção ou interesse, e isso levará seu tutor a dirigi-lo à terceira etapa.// Talvez, com um pouco de cultura ou oportunidades maiores fosse levado a < dizer

ms1 livremente * que posso * empregando

64. Tudo o que fiz até hoje nada mais é do que artesanato. Minha única confiança é a convicção de que escrevo sempre da melhor maneira de que sou capaz. Estamos a 20 de novembro de 1949¹⁷.

ms1 artesanato * mas encho-me de confiança ao verificar que preenchi tudo isto sem pressa, uma vez que eu criei este caderno em Dezembro de 1947, e com a convicção, quase sempre, de estar, realizando o melhor do * que

65. Organizado o volume de contos, hoje dia 02 de Dezembro, recebo o orçamento da “Globo” por um preço que não posso pagar. Guardemos, pois, a pasta cinzenta dos originais¹⁸.

ms1 contos > Agora sinto tudo e nada por ele. Sou mesmo como Otoniel... Mas não, pois tenho dado vários passos no sentido de vê-lo publicado, < hoje

66. Quem lê um livro por distração, não avalia a luta de um autor consciente para apresentar o que está agora à sua disposição. Não se pode esperar benevolência. Como num circo não se perdoa os erros do artista que perde o equilíbrio e cai do arame, também ao leitor não interessam, nem devem interessar, os anos de aprendizagem.

67. Creio não dever abandonar a idéia de *Dirceu Menino*. Ainda me dá adeus com um lenço sujo e amarrotado, meu menino pobre, coitado, se preparando para a vida e esperando a morte¹⁹.

68. Talvez, apesar de minha intenção de uma homenagem de Natal, nada mais seja minha tradução do que um crime. Sempre que possível, tendo presente o que Maurice Betz adverte no volume de *Poesie*, de Rilke, procurei manter uma equivalência rítmica entre o português e o francês, o que nem sempre é possível mas, comparando o alemão com um idioma latino, me parece mais fácil. Realmente, uma parte essencial da obra é a melodia da frase, mormente quando se trata de poesia ou de um poema em prosa como é o “Canto do Amor e da Morte do Porta-Estandarte Christoph Rilke.”

ms1 mas* que o creio mais fácil que mantê-la entre o idioma alemão e um latino * Realmente

69. Ao terminar a tradução desse poema, temo haver cometido uma traição, uma vez que “Rilke temait pour une trahison de as poésie toute traduction qui ne restituerait pas, em même temps que sa pensée, lê mouvement intérieur, lê rythm et la musique de l’original.”

ms1 Rilke* E, neste momento em que fiz esta tradução e a passei a limpo no final deste caderno, * temo

SEGUNDO CADERNO

Porto Alegre - 1949/Dezembro, 27¹

70. Percebo sua mão pousando de leve nos meus ombros. Sinto-lhe os beijos nos meus cabelos. Mas não lhe ouço as palavras. Apenas me vêm, como se fossem dela: “Meu filho, não chora..” e o menino sorri. Guardo um anel negro de seus cabelos entre as folhas de um livro, como um amor-perfeito, mas é tão brilhante como se eu tivesse roubado ontem, enquanto dormia. É tão leve que não sinto o peso quando o deito na mão, mas para mim é como um segredo que se diz baixinho ao ouvido e se guardará para sempre. Também tenho uma carta de minha mãe. Uma carta simples em que fala de todos, pergunta por todos e se preocupa. É do tempo em que viajou para longe, separou-se dos filhos e foi tentar curar-se. Mas sem grande esperança: “Eu, meus filhos, não vou adiante. Continuo sempre na mesma cousa, se não pior.” E fala no resultado de exames das crianças compreendendo e apaziguando tudo: “Se as provas estivessem muito boas, é claro que as notas seriam mais altas. É que vocês pensam que estavam boas, porque só sabiam fazer assim.”

71. Há um retrato seu em que nos olha com tristeza, a mão descansando no joelho, o vestido escuro de saias e mangas compridas e bordado na gola e nos punhos. Essa mão é que

me acaricia, esses lábios tranqüilos me beijam em segredo. E conheço o contato de seus cabelos. Mas não sei como será sua voz. No entanto, tenho certeza de que, se da multidão ela me falasse, eu a reconheceria. Por ter lido o que escreveu, ouvido dizer o que dizia; por estranhas razões também: por instinto.

72. Muitas vezes fico olhando no céu a revoada dos pássaros, como mudam de direção de repente, obedecendo a não sei que força, que mãos lhes guiando o vôo. E penso se nos meus gestos não haverá também um poder invisível me orientando, e se esse poder não me vem dela, que me deixou tão cedo. Mas muitas vezes me sinto só. Esqueço seu nome, não me recordo que possuo dela uma carta, os cabelos, não me socorre: e é quando enfrento o mundo e luto dentro dele, não como no fundo do mar que nos vencerá e sepultará entre as algas, mas pelos campos lavrados em que semeamos para colher. Esqueço-me dela que me gerou e não me pôde criar, justamente porque não lhe ouço a voz dizendo "meu filho, não chora.."nem o murmúrio que fica das canções de ninar.

Dezembro, 28

73. Ontem apareceu, inesperadamente, o início de *Dirceu Menino*. Foi depois do almoço, quando se fez silêncio em casa e as frases começaram a aparecer, prontas para serem transcritas. Depois a emoção de algo nascendo, de alguma coisa se formando e brotando, e comecei a escrever. Mas à medida que fui atingindo a quarta página uma impressão de que não estou realizando como o devo, de que assim não deveria prosseguir, assaltou-me e me dominou. Hoje escrevi mais quatro páginas.

Dezembro, 30

74. Nada. Apenas algumas páginas de *Ulisses*, que nem sempre é assim: "Solamente una madre y un niño nacido muerto se entierran en el mismo ataúd. Entiendo por que. Entiendo. Para protegerlo durante todo el tiempo que sea posible aún en la tierra."

1950 - Janeiro, 2

75. Nestes dias de festa nada tenho feito. Pelas comemorações de fim de ano e por motivos sentimentais: é a primeira vez que nós, os irmãos solteiros, passamos esta data reunidos em nossa própria casa, como sempre desejamos.

ms2 festa * o leme foi abandonado e o barco andou solto sobre as vagas. Um tanto "ivre".

* Pelas

ms2 por * razões * sentimentais

ms2 sempre * se desejou * > Afastou-me de R. M. e temo que se o encontrasse nem lhe daria atenção. E * Como

76.Como são amplos os sonhos para este ano.

Janeiro, 7²

77.Decidi que não é chegado o tempo. Por isso saí ontem de tarde à procura de livros de Dostoiévski. Encontrei *A Aldeia Stepantohikovo e Dostoiévski*, por André Gide.

78.Agora, venho de terminar a novela que, apesar de não ser uma obra importante no conjunto do que criou D. , já apresenta sensíveis características de seus livros futuros. Escrito na Sibéria, pouco depois de haver sido liberto, “Avec la seule idée de rentrée dans la carrière littéraire, et avec une crainte excessive de la censure”, conforme cita Henri Troyat em sua biografia, essa novela não apresenta a complexidade de seus grandes romances, mas possui desde o início o poder de apaixonar o leitor, até mesmo pelo irritante e doentio da personalidade de Foma, que se deseja ver derrotado e que, no entanto, conserva-se vitorioso, mantém o trono apesar de ser o maior impostor e embusteiro: igual a uma mulher nervosa, uma esposa ciumenta, um maníaco, mas no fundo um oportunista psicólogo. E este Foma, citado desde a página 11, só fará sua entrada em cena à página 100, fato que mantém aguçada a curiosidade em torno do personagem. Depois, durante o resto de todo o livro, o que se manifesta é o desejo de leitor de que alguém faça alguma coisa, se insurja, e quando isto acontece nada mais se verifica do que o acréscimo de influência do impostor, que sabe tirar proveito de tudo.

79.A ação desenvolve-se toda em poucas horas, uma tarde, uma noite, e o dia seguinte, o ambiente fica denso de uma hora para a outra, como se esperasse justamente o sobrinho, o que serve de narrador dos fatos, para que tudo se processe. Aí trata-se apenas de um fato principal, o que torna o livro menos denso que os futuros, em que a ação também transcorre em pouco tempo e onde existe sempre um dos personagens que é o elo entre as diversas tramas: como em *O Adolescente e Humilhados e Ofendidos*. Justamente com esses dois romances, é o processo de narração idêntico, o narrador chamado a participar de tudo, a opinar, a fazer-se de confidente.

80.Também surge um fator quase constante na obra de Dostoiévski: o dinheiro, a luta por ele, a liberdade que trará, como em *Crime e Castigo* e *Os Irmãos Karamazov*. E a necessidade de adular, de humilhar e ser humilhado. Nota-se, por outro lado, a quase integral ausência de dissertações,

ms2 sido ^ liberado ^ avec

ms2 Troyat * na biografia de D. * essa

ms2 Foma * o qual * se

ms2 oportunista > e calculista < psicólogo

ms2 manifesta \ no leitor e é o desejo \ de
ms2 isto * é obtido do * nada

ms2 que * sempre sabe tirar partido * A

ms2 que * conta os * fatos

ms2 um * caso * principal

ms2 onde * há * sempre

ms2 Também * surgem aí dois fatores* quase
ms2 dinheiro> e a mulher, e a luta por ambos
e < a

ms2 que * trarão, a luta entre ambos, como
há * em

ms2 necessidade > de bancar o palhaço, < de
ms2 humilhado>que há em todos os seus
livros< nota-se

ms2 dissertações* e * o total

ms2 referido ^ por ^ diálogos

ms2 diálogos * caracterizados pela espontaneidade e fluência. E * já

pois o total é referido pelos diálogos, sempre espontâneos e fluentes. Já as cenas mais importantes se passam em presença de verdadeiras platéias, nas salas em que estão todos reunidos, até pessoas que se acham em visita, como se fossem indispensáveis testemunhas. Em “Os Demônios” também será assim, quando o personagem recebe um tapa na face e se domina, por ser mais difícil do que reagir.

81. Mizintchikov, que em cenas anteriores nada mais é do que um cavalheiro silencioso, ilumina-se repentinamente à página 150 e revela-se um calculista cínico, talvez um pouco como Svidrigilov de *Crime e Castigo*. Detestável esse Vidopliasov, e a cena em que aparece no quarto do sobrinho sendo atendido pelo tio; mas as atenções que lhe dispensa Yegor Ilitch são justificadas: “este não se separa de Foma Fomitch e teme-o um pouco.” Quanto a Korovkine, não compreendi qual a razão de seu aparecimento. Por ser um bêbado, talvez possa ser visto como o início de Marmeladov ou Lebedev. Seu arrolamento entre os personagens serviu, em última análise, para que o capítulo da pacificação tivesse o final cheio de gargalhadas.

82. Enfim, trata-se de uma história que Dostoiévski qualifica como sendo d’innocence d’azur, et d’une naïveté remarquable”, mas que me agradou por ter encontrado tantos pontos de contato com sua obra futura, a qual não se pode ler sem paixão e grande amor.

Jan. 10

83. Leio de André Gide o trabalho sobre Dostoiévski. Eis um livro que há muito tempo desejava conhecer. Desde Natal, creio eu, quando entrei em contato com uma parte da obra de Gide, quando li sua biografia por Klaus Mann e lhe dediquei uma admiração quase irrestrita, também por influência de D. T. e da revista “Joaquim”. Um dos pontos fundamentais dessa predileção era por haver Gide, sendo comunista, tido a coragem de, ao regressar de sua visita à Rússia, emancipar-se da doutrina e escrever dois livros em que expunha os motivos de sua decisão. Essa sinceridade e amor à verdade me impressionaram, e também *Os Moedeiros Fal-*

ms2 cenas * maiores realizadas * em
ms2 que * todos se acham * reunidos

ms2 indispensáveis > as < testemunhas
ms2 Em ^ Os Possessos ^ também
ms2 personagem * leva um tapa em sua * face

ms2 calculista > e < cínico
ms2 castigo > Mas receio que a trama tenha falhado um pouco quando Mizintchikov não viu em Obnoskine um possível rival, mesmo depois que a mãe deste veio para junto dele. Ou terá sido intenção do autor? O caso é que nesse ponto quase descobri a intenção e o perigo disse Obnoskine o qual, se quisesse “dinheiro em troca de seu silêncio e cumplicidade”, por certo teria apresentado logo suas condições, ao voltar de uma ausência de três dias e sem saber em que já andaram os planos de M. com o qual não falou e procurou evitá-lo, até. E se quisesse dinheiro, por que se retirou com a mãe sem nada falar, quando a fuga poderia processar-se de uma hora para a outra? < Dostoiévski
ms2 sobrinho * e que o tio lhe dá atenção é realmente irritante ; * mas
ms2 aparecimento * quase inútil esse personagem * bêbado
ms2 talvez * seja * início
ms2 Lebedev * No entanto, talvez tenha sido arrolado * para
ms2 tivesse * aquele * final

ms2 que * gostei realmente de ler * por

ms2 Gide * seu * trabalho

...sos que considere um dos livros fundamentais da literatura moderna. Mais proximamente, ao ler *O Idiota*, encontrei no prefácio escrito por Albert Mousset referências ao livro de Gide sobre Dostoiévski. Este Sr. Mousset ignora “se Dostoiévski é, segundo se escreve, o mais profundo dos romancistas”; e apesar de confessar que é “aquele cujo talento, imaginação e pensamento se deixam mais dificilmente circunscrever”, afirma que D. “coloca os seus personagens em férias, quando sente preguiça de aprofundar as suas mudanças de opinião.” Mais Adiante declara-se vencido: “a ação, entorpecida pelas diversões e prolixidades, oculta-se mais de uma vez aos olhos do leitor e é a custo que consegue chegar ao fim. Depois diz que “existem tipos de irresistível comicidade: Lebedev, o general Ivolguine e, em certas horas, Isabel Prokofievna.” Ainda bem que o Sr. Mousset reconhece na cena final uma grandeza sem par....Mas tudo isso vem a propósito de que encontrei referências ao estudo de Gide nesse prefácio, como sendo o responsável por fazer chegar “à conclusão tardia de que, no caso de autor de *O Idiota* o romancista sobreleva o pensador”- e isso me reavivou o interesse pela obra que atualmente leio.

Noite de 10

84. Venho de concluir a leitura do livro de André Gide, composto de artigos e conferências, e quero fazer algumas referências no meu diário a fim de que sirvam para facilitar alguma busca que tenha de fazer nesse volume.

85. Não conheço toda a obra de Gide, mas admiro sua versatilidade. É estranho como são vários os assuntos de seus livros, de como se apresenta aos leitores, ou melhor, de como apresenta seus personagens em cada romance, já que ele considera “imprudente, quando não desonesto, emprestar a um autor os pensamentos exprimidos pelos personagens de seus romances” (pg. 229 - Librairie Plon, 1948). Mas, dos trabalhos que conheço, *La Porte Étudite*, *Sinfonia Pastoral* e *Escola de Mulheres* chegam a ser desconcertantes ao se confrontarem com *Os Moedeiros Falsos* e *O Imoralista*, ou então estes é que desconcertam em relação aos outros. Já noutra ramo devem ser relacionados *De Volta da U.R.S.S.* e *Retiques no meu De Volta da U.R.S.S.*, assim como seu *Journal*, de que apenas li *Páginas de Diário* em uma edição em espanhol, - mas esse grupo compreende-se que difira dos outros. Também li sua plaqueta sobre Oscar Wilde, e por aqui fica meu conhecimento de Gide, afora alguns artigos esparsos, trechos de revistas, e a adaptação de *Processo de Kafka*, para o teatro.

Ms2 proximamente * quando li * O Idiota

ms2 sem * igual. No entanto, * tudo

ms2 que \ nesse Prefácio encontrei referência ao livro de André Gide \ como

ms2 de * terminar o livro * de

ms2 facilitar * uma ou outra busca que eu tiver de dar * nesse

ms2 volume > , para releitura, citação, ou outro qualquer motivo < Não

ms2 apresenta * o autor * ou

ms2 como * se apresentam * seus

ms2 dos > seus < trabalhos

ms2 “Journal” * do qual * apenas

ms2 Diário” * uma edição Argentina* - mas

ms2 compreende-se > facilmente < que

ms2 adaptação \ para o teatro do \ “Processo

ms2 Kafka > No decorrer de seu estudo sobre

Dostoiévski sente verdadeiro < prazer

86. Durante a leitura do estudo, senti verdadeiro prazer pelas inumeráveis citações de cartas e trechos da obra de Dostoiévski, algumas das cartas já conhecidas desde a leitura da biografia de H. Troyat, e sua obra quase que integralmente lida desde que, em 1943, descobri por acaso a primeira parte de *Netotchka Nezvanova*³. O trabalho de Gide é valioso, pela maneira como estuda a obra do autor russo, pelo que de inédito apresenta, pelas conclusões que tira, e também pelos pensamentos que anexa, não se atendo somente à obra que pretende estudar mas expondo a si próprio no que julga haver concordância.

87. Teria Dostoiévski consciência do valor e grandeza de que estava realizando? Esta pergunta me foi feita certa vez e não pude dar uma resposta satisfatória. Gide diz que D., depois de haver escrito *O Espírito Subterrâneo, O Idiota, O Eterno Marido*, e os anteriores, exclama referindo-se aos *Demônios*: “É tempo de escrever, afinal, alguma cousa séria “ - o que pode deixar-nos em dúvida sobre o ponto a partir do qual acreditava em si próprio. Mas trata-se de uma insatisfação muito compreensível do espírito de criação: “Sans complaisance aucune envers soi-même, insatisfait sans cesse, exigeant jusqu’à l’impossible - pleinement conscient pourtant de sa valeur, - devant que d’aborder les Karamazov, un secret tressaillement de joie l’avertit: il tient enfin un sujet à sa taille, à la taille de son génie”(p. 49). E novamente, à p. 67, encontro uma afirmação que auxilia a destruir essa dúvida: “O verdadeiro artista, quando produz, permanece sempre semi-inconsciente de si próprio. Não sabe com precisão quem ele é. “Il n’arrive à se connaître qu’à travers son oeuvre, que par son oeuvre, qu’après son oeuvre.... Dostoiévski ne s’est jamais cherché; il s’est éperdument donné dans son oeuvre.” E uma ótima observação é feita à p. 165, ao ser estudado *O Eterno Marido*, segundo a qual D. quando nos conduz às mais estranhas regiões da psicologia, sente a necessidade de precisar os menores detalhes exteriores “a fim de estabelecer da melhor maneira possível a solidez do que, de outra forma, nos pareceria fantástica e imaginária,” - o que demonstra a maior lógica no que pode parecer, à primeira vista, absurdo.

88. Gide trata também de provar que D. é um romancista, antes de tudo, e combate a M. de Vogue que introduziu o romancista russo na França sem essa característica. Nas comemorações do centenário de nascimento de D. (1921), Gide fala: “...les romans de Dostoiévski, tout en étant les romans - et j’oserais dire les livres - les plus chargés de pensée, ne sont jamais abstraits, mais restent aussi les romans, les livres les plus pantelants de vie que je connaisse”(p.59). E ainda: “Dostoiévski pinta como Rembrandt, e suas pinturas são

ms2 citações * do grande autor russo, inclusive de muitas de suas cartas das quais, talvez não de todas, tenha conhecimento de trechos publicados por * Henry
ms2 Troyat * - e esse prazer era sempre maior quando se tratava de um romance conhecido, o que quase sempre aconteceu, pois desde que li ao acaso * a

ms2 feita * em dia e não soube responder satisfatoriamente* Gide
ms2 Gide > nos < diz

ms2 aos * “Possessos” * É

ms2 Mas ^ se trata ^ de

ms2 que * ajuda a derrotar * essa

ms2 França * mas não com * essa

de uma arte tão poderosa e muitas vezes tão perfeita que, mesmo se não tivesse ele, em torno e por detrás delas, tais profundidades de pensamento, estou certo de que Dostoiévski continuaria sendo ainda o maior de todos os romancistas” (p. 61).

Janeiro, 13

89.A chegada de um amigo que passará uns dias em minha casa fez-me afastar de meu diário, mas agora aproveito o silêncio da manhã para prosseguir minhas notas.

90.André Gide escreve sobre a honestidade, a sinceridade de D. quando se trata de expor seu pensamento. “Se não há sinceridade, valerá a pena escrevê-lo? -pergunta, em carta o escritor russo a propósito de um artigo. Gide diz que para D. escrever esse artigo de maneira que agradasse a todos ver-se-ia obrigado a torcer, a forçar seu pensamento, fato inconcebível e inaceitável para ele. Realmente maravilhosa essa honestidade intelectual. Ainda mais quando se conhece a vida de dificuldades financeiras tremendas e sua constante luta com o jogo, e, apesar de tudo, não vender o pensamento.

Janeiro, 20

91.Meu amigo acaba de partir e sinto repentinamente uma impressão de abandono; no entanto, não esperava esse sentimento, pois cheguei a desejar que tivesse seguido antes, porque me tolhia a liberdade de meus planos literários, uma vez que se tem que dedicar a um hóspede todo o tempo disponível. Sinto sua ausência porque, nesses nove dias de estada, a força de abirmos um ao outro nossas almas, resta a impressão de que foi com ele uma parte de meu ser, talvez a mais íntima embora nem sempre a mais cara. Nesses poucos dias em que depois de dois anos nos achamos novamente em presença, renasceu aquele sentimento de amizade e confiança que marcou nossas relações durante os anos de Escola Militar, quando conversávamos longamente, horas e horas, sobre planos e dúvidas do futuro. E fica, de tudo o que foi dito, pouco mais do que sensações reencontradas: a tranqüilidade espiritual que resultava de nossos encontros e caminhadas pelas ruas de Agulhas Negras, quando reconhecíamos um no outro problemas idênticos, o que sempre era uma satisfação. Persistem as mesmas divergências, principalmente em questões de predileções literárias, — como se nada houvéssemos progredido, ou se avançássemos cada um por seu caminho⁴.

ms2 romancistas> Na noite de 10 não pude concluir minhas observações sobre o livro que acabara de ler com < A

ms2 casa * tinha me afastado do* Diário
ms2 para * acrescentar algumas * notas

ms2 pergunta * o russo numa carta (p. 40) *
Gide
ms2 para \ escrever o artigo a que se refere D.
para agradar \ a

ms2 intelectual * Apesar de toda * a

ms2 vender * seu * pensamento

ms2 amigo> R.B.R. < acaba
ms2 abandono > uma dolorosa opressão
como se uma grande tragédia - como a morte
de um irmão - tivesse me surpreendido. No
entanto, não adivinhei esse sentimento antes
que se fosse. Desejei até mesmo < que
ms2 literários >, por exemplo< uma
ms2 disponível > Mas agora que se foi < sinto
ms2 porque ^ nestes ^ nove

ms2 cara ^ Nestes ^ poucos
ms2 que * sempre caracterizou * nossas

ms2 futuro> ambos um tanto deslocados do
ambiente em que vivíamos < E

ms2 sempre ^ foi ^ uma
ms2 satisfação * por não me encontrar só e
incompreendido. Mas * as
ms2 em \ questão de predileções e possibili-
dades literárias, ainda persistem \ - Como
ms2 se ^ avançamos cada qual em ^ seu

92. Enfim, o que tem até agora mantido nossa amizade, muito mais do que os problemas de ordem artística, são os de ordem interior, íntima, de manter o equilíbrio em face do meio ambiente, da sociedade humana: pela luta ou pelo conformismo.

Janeiro, 21

93. Continuo minhas notas sobre o livro de André Gide e passo a referir alguns traços característicos do autor russo colhidos por Gide:

94. A necessidade de humilhar por ter sido algum dia humilhado é considerada uma lei, para os personagens de D. "L'homme qui a humilié cherche à humilier à son tour" (112). Um pouco antes, Gide escreve sobre a humildade e a humilhação, como D. as considera e donde a maneira de agir de seus personagens: "A humildade abre as portas do paraíso; a humilhação, as portas do inferno. A humildade contém uma espécie de submissão voluntária; é livremente aceita", mas a humilhação causa "uma lesão moral muito dificilmente curável." Assim expondo, Gide considera os personagens de D. escalonados em relação ao orgulho que cada um traga em si. "De um lado, os humildes (e alguns dentre eles levarão a humildade até à abjeção, até se compraz na abjeção), de outro lado, os orgulhosos (e alguns dentre esses levarão o orgulho até ao crime)" - p.114. Em razão da diversa dosagem desses fatores as reações dos personagens são várias, mas "o orgulho e a humildade são as molas secretas de seus atos".

95. Outro traço anotado por Gide é o da necessidade de agrupar os personagens em determinadas cenas importantes de seus livros, importantes porque, ou se refletirão na própria ação, ou em cada personagem, ou ainda para que sejam postos em presença os caracteres diferentes de cada um a fim de serem, a um só tempo, estudados e comparados. "Nous remarquons chez Dostoievski un singulier besoin de grouper, de concentrer, de centraliser, de créer entre tous les éléments du roman le plus des relations et de réprocité possibles." E mais abaixo: "Ele se compraz na complexidade; ele a protege." (132).

96. O autor de *O Imoralista* considera desconcertante em D. a simultaneidade de sentimentos contraditórios e a consciência que tem cada personagem de suas inconseqüências, de seu dualismo. "Il advient que tels de ses héros, en proie à l'émotion la plus vive, doute s'il la doit à la haine ou à l'amour. Les deux sentiments apposés se mêlent en lui et se confonden." Não sei se levado por minha grande admiração

ms2 conformismo > E ainda os fatores de infância, educação e desilusão quase sempre idênticos. < Continuo

ms2 o * "Dostoiévski" * de
ms2 russo * anotados * por

ms2 considerada > como < uma
ms2 tour > Realmente este traço é observado em todos os grandes romances de Dostoiévski: A página 106, André < Gide

ms2 atos" > (p. 116) < Outro

ms2 livros, > cuja importância é capital
porque ou se refletirá < na
ms2 cada > um dos personagens principais <
ou
ms2 ainda ([esse recurso é usado]) para

ms2 protege." (132) * Gide * considera

ms2 dualismo > (p.137) < Il

ms2 levado * por um excesso de paixão *
pela

pela obra de Dostoiévski, ou por crer que existe apenas um passo entre a loucura e o gênio, o amor e o ódio, o fato é que jamais me pareceu que houvesse nisto falta de lógica. Compreendo-o perfeitamente e acho maravilhosa a passagem do livro III dos *Irmãos Karamazov* em que Dmitri conta a Aliocha como reprimiu seus baixos propósitos em relação a Catarina Ivanovna, e acrescenta: “Quando ela saiu, desembainhei minha espada e queria matar-me ali mesmo, sem saber por que (seria mesmo uma enorme tolice), simplesmente de alegria. Não sei se compreendes: existe um júbilo tão intenso que pode levar-nos ao suicídio.” (p. 91 I vol. Editora Vecchi). Como se essa morte, em presença de um gesto nobre, fosse a única maneira de conservá-lo puro para sempre. A página 104 e seguintes, Gide conta uma passagem da vida de D., uma entrevista entre ele e Turgueinev, em que se nota nos próprios atos de Dostoiévski “a humildade ceder lugar bruscamente ao sentimento oposto.” (106). Considero extremamente lógicas essas reações e se nos desconcertam é que, verificadas em outros na nossa presença, não acompanhamos o desenvolvimento psicológico que a ação produziu na pessoa. Mais tarde Gide cita esta frase de Wilde: “A natureza imita o que a obra de arte lhe propõe”, o que se interpreta pelo fato de que, depois de exprimidos por uma obra de arte, certos acontecimentos, ou relações, que nos passaram despercebidos até então, são notados e identificados. E acrescenta: “Quantos estados estranhos, patológicos, anormais não reconhecemos ao redor de nós mesmos, advertidos pela obra de Dostoiévski? Sim, realmente, creio que Dostoiévski nos abre os olhos sobre certos fenômenos, que talvez não sejam raros - mas que simplesmente não havíamos sabido apreciar” (143).

ms2 cita > (p.142) < esta

ms2 interpreta * como sendo o * fato

ms2 então, > passam a ser < notados
ms2 identificados * Gide acrescenta *
“Quantos

97. Dostoiévski foi atormentado a vida inteira a um só tempo pelo horror do mal e pela idéia da necessidade do mal (e por mal compreendo igualmente o sofrimento) - escreve Gide. E reconhece nos personagens de D. o prazer pelo sofrimento, como Pavel Pavlovitch pelo ciúme. “Oui, vraiment, il aime et recherche sa souffrance.” Isto é a renúncia do individualismo, o combate a seu amor próprio, a redenção de seus pecados - é a humildade. E Gide vê nesse particular “o centro misterioso do pensamento de D.” como tendo por base e alicerce as palavras do evangelho: “Quem quiser salvar a sua alma, perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por amor de mim, esse a salvará “ (Lucas, 9-24), e sobre essas palavras e significação na obra de Dostoiévski volta várias vezes (pp. 44, 93, 177).

ms2 Gide > (196) < E

ms2 nos * seus personagens * o

ms2 souffrance > (159) < Isto

98. A insistência com que D. faz intervir a epilepsia em seus romances, escreve Gide, nos esclarece suficientemente sobre a importância que atribuía à doença na formação de sua

ética, na curva de seu pensamento. André Gide pôs muito de sua pessoa, de seus pensamentos nesse estudo. Talvez seja isso o defeito do livro, talvez fosse isto, mas o autor confessa-o (199), o que exclui sua falta. Aliás, já fora alertado para isso pela plaquete de Karl Pflieger sobre André Gide. Mas julgara que se tratasse de uma “identificação” inconsciente e essa impressão permaneceu durante a leitura de vários trechos do livro em que foram aparecendo palavras como que de auto-justificação e defesa, até que na última conferência confessa que D. tem sido “um pretexto para exprimir meus próprios pensamentos”. Assim, pois, quando Gide refere a importância da epilepsia, é para equiparar-se em relação a seu problema fundamental. Creio que o que faz a sublimação do indivíduo não é necessariamente a doença mas a maneira como se revolta contra ela, como a sofre. Tanto os são como os doentes podem realizar obras primas. E o próprio Gide diz isto: “Et, je me dis pas naturellement qu’il suffise d’être déséquilibré pour devenir réformateur, mais bien que tout réformateur est d’abord un déséquilibré.” Mas se compraz em citar dezenas de desequilibrados para um “génie bien portant” na pessoa de Victor Hugo. Talvez essa autodefesa não seja maior noutra passagem do que nesta, iniciada à página 162, que lhe vem a propósito do ciúme: “Oui, certes, la conversion est la grande pourvoyeuse de mensonges”, em que Gide fala na coragem da sincera afirmação de um sentimento particular.

99. Para encerrar estas notas, desejo transcrever uma fórmula de Gide: “Para que uma idéia obtenha êxito, é preciso que apenas ela seja avante, ou, se se prefere: para se obter êxito, é preciso levar avante apenas uma idéia.”

100. E isso me faz lembrar o que escreve Dostoiévski em *O Adolescente*: “Como é que um homem, vivendo sob a influência de uma idéia qualquer que lhe domina o espírito e o coração, consegue ainda sentir qualquer coisa que seja diferente dessa idéia?” E de Rilke, citado por Maurice Betz:

ms2 pensamento > (209) < André
 ms2 pensamentos * nestes estudos sobre o
 romancista russo * Talvez
 ms2 seja ^isto^ o
 ms2 que * diminui * sua
 ms2 já * havia sido * alertado
 ms2 Mas * quando li esse trabalho julguei*
 que
 ms2 inconsciente , * sem a pretensão de o ser
 , e desde o início do livro foram aparecendo
 trechos * de
 ms2 conferência * ele diz * que

ms2 epilepsia > na obra de D. < é

ms2 seu * “caso” * Creio

ms2 ela * e * Como
 ms2 sofre > Embora a obra de arte sujeita a
 esses sofrimentos possa vir a ser maior não
 creio que seja menor se destituída da doença.
 <\Porque há os são e os doentes e cada um e
 no seu gênero pode \ realizar
 ms2 primas * Aliás* o
 ms2 desequilíbrio > (210) < Mas
 ms2 de * “desequilíbrios” * para

ms2 um * “sentimento particulier” * Para
 ms2 particular > André Gide , à p. 49 falando
 sobre as traduções de “Os irmãos
 Karamazov” aparecidas na França diz que
 continua preferindo uma incompleta à outra
 melhor, mais completa que foi publicada
 posteriormente. Não posso compreender. A
 não ser que essa outra - sim, é o que vejo
 agora à p.50: que houve uma “condensação
 sistemática.” Recordo que encontrei em
 português uma tradução do francês desse
 romance e que, como prefácio, havia uma
 indicação de Gide e que dizia que apesar de
 incompleta, era aconselhada por ele. Mas não
 li daquela vez. A tradução que possuo é dita
 como tendo sido feita diretamente do russo, e
 do texto completo < Para

ms2 Gide > (p.41) < “Para

ms2 Betz > no prefácio de “Poésie”,
 encontramos < Uma

“Uma cousa, para que vos fale, deve ser considerada durante certo tempo, como a única que existe, como a única aparência — que por vosso amor laborioso e exclusivo encontra-se colocada no centro do universo e que, neste lugar incomparável, é servida nesse dia pelos anjos.”

101. Ser dominado pela idéia é pois o “voto”. Porque, depois de possuí-la ou ser possuído por ela, ninguém mais poderá nada contra ela. E o adolescente Dolgoruki bem o sabe: “Querer destruir em alguém uma idéia vital, torna-se tentativa irrisória, se não se propuser, para a substituir, outra idéia da idêntica beleza.”

Janeiro, 23

102. ... e assim terminaram as férias e volto ao quartel. Não desenvolvi a idéia de meu livro, nem soube criar o interesse e o amor por sua realização.

ms2 quartel > Fica a lembrança da intenção de passar uns dias só, na praia do Atlântico, aonde pudesse me dedicar a desenvolver < a ms2 livro* e a escrever alguma cousa no sentido de * criar
ms2 realização > Nem mesmo para dizer que não tive disposição alguma, nem para ler, não sabia como começar. // Mas é verdade. < Novamente

Fevereiro, 1º

103. Novamente como se nunca houvesse escrito cousa alguma.

ms2 escrito > absolutamente nada. Talvez porque o Exército me solicita para muito, agora com a incorporação de recrutas, ou então o demasiado calor. // Fev. 7. Creio que nunca mais escreverei < Domingo

Março, 7

104. Domingo retomei *O Espírito Subterrâneo* e ontem terminei a leitura. Mas havia tanto que fora suspensa que tive dificuldade em reconstituir os fatos, tendo mesmo que voltar atrás para recordar a ação. Ainda mais que a novela admite duas partes de tratamento completamente diferentes.

ms2 Subterrâneo”, > de Dostoiévski < e ms2 tanto > tempo < que ms2 tive > alguma < dificuldade ms2 fatos, * e tive mesmo de voltar algumas páginas* para

105. Tomei algumas notas ao iniciar a leitura e outras nos últimos dias, por pretender falar sobre o livro, mas não me sinto disposto hoje, e quero ler esse livro que me fez voltar o interesse: *Les Elégies de Duino*, que recebi por encomenda.

ms2 dias * - pretendo * falar ms2 mas * hoje me sinto cansado, * e ms2 ler * um pouco do livro que considero responsável por esse início de chama que parece querer brilhar novamente: * “Les

Março, 21

106. Ontem à noite concluí a leitura de *Alma de Criança*, de Dostoiévski, e recordo-me, ao ler Netotchka Nesvanova, fiquei impressionado com o ambiente trágico e pesado e que,

ms2 Dostoiévski > Quando há cerca de 8 ou 9 anos li a primeira cousa de D. < e ms2 impressionado * pelo * ambiente ms2 ambiente * pesado e trágico recordo-me que * ao

ao final, Netotchka é recolhida à casa de um príncipe. Creio que o livro que acabo de ler é a continuação; embora, na verdade, se trata de um só romance. H. Troyat refere-se apenas a Netotchka, mas Gide, numa "liste arretée en 1908", arrola essa como sendo de 1848 e "Ame d'enfant" de 1849. De qualquer forma, até mesmo este volume se biparte, os capítulos deixam de ser curtos para se alongarem; ambiente, ação, tudo se modifica, a partir do momento em que Netotchka separa-se de Katia.

107. E lentamente vou lendo as *Elegias* de Rilke. Não alcanço tudo, mas já me contento com a beleza e profundidade que entrevejo.

"O heurs de l'enfance, où, derrière les figures, il y avait plus que du passé, où devant no us n'était pas l'avenir!"

Abril, 7

108. O grande silêncio de Sexta-feira Santa.

109. Por certo o mar estará calmo, os navios terão suas velas derreadas e apenas balouçam, enquanto a tripulação reza.

110. Mas assim como não é isso o que se passa realmente, também não é o grande silêncio da Sexta-feira Santa.

Abril, 23

111. São considerações que foram feitas ontem involuntariamente:

112. Não compreendo por que sou solicitado por meus companheiros, uma vez que me divirto com eles sem os divertir. O mais das vezes fico em silêncio, observando e rindo do que dizem ou fazem, quando saímos de noite para beber. Talvez necessitem de "platéia", simplesmente. Ontem, senti-me completamente estranho àquele meio, desejos e interesses completamente opostos, os pensamentos divergentes.

Tarde de 23

113. Todos guardamos recordações que só ousaríamos revelar a amigos íntimos. Há outras, porém, que nem a amigos íntimos poderíamos revelar, mas apenas a nós mesmos, e, ainda assim, no maior sigilo. (;;;) Agora que me decido a escrevê-las, quero experimentar a possibilidade de ser inteiramente sincero para comigo mesmo e não temer a verdade total. - Eis o que se lê no Capítulo XI, da 2ª parte de *O Espírito Subterrâneo*, de Dostoiévski. E a seguir uma apreci-

ms2 Netotchka > Nesvanova < é

ms2 Netotchka > Nesvanova < , mas
ms2 numa > nota em seu livro apresenta uma
< "liste"

ms2 1908" * em que aparece a primeira *
como

ms2 se * tornarem longos * ambiente

ms2 que \ involuntariamente foram feitas
ontem à noite \ não

ms2 sou > , às vezes, < solicitado
ms2 solicitado * pelos * companheiros
ms2 que > apenas < me

ms2 dizem * e * fazem
ms2 quando * , de noite, vamos beber e nos
divertir. * Talvez
ms2 Talvez * seja simples na questão de
claque. Mas o certo é que * ontem
ms2 divergentes , > mesmo < Todos

ação sobre as *Confissões* de J. J. Rousseau que me parece perfeitamente exata: que ele caluniou-se em seu livro por vaidade. Efetivamente, Rousseau inicia seu livro com essa característica de vaidade, e em tom novelesco: “Tomo uma resolução de que jamais houve exemplo e que não terá imitador. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza, e este homem serei eu.” “Direi resolutamente: eis o que fiz, o que pensei, o que fui.” - É me grato verificar que Dostoiévski, fazendo ficção, escreve que quer experimentar a possibilidade de ser inteiramente sincero, reconhecendo, pois, a dificuldade de sê-lo.

ms2 Rousseau * já inicia suas Confissões * com

114. Ao abrir *O Espírito Subterrâneo* para escrever esta nota, deparo com uma anotação à página 170 (Ed. Epasa), e me lembro de que estou para fazer um pequeno estudo desse livro. Gide diz ser essa obra a “clef de voûte” da criação dostoiévskiana. É uma verdadeira sonda, e principalmente a segunda parte em que tudo é profundo e medido. Mas neste momento não me disponho a prosseguir, não sei se em virtude da “inércia voluntária” de que nos fala o autor. Quero, no entanto, deixar escrito, para meditação, o que ele escreve na mesma página: “Talvez tenha sofrido realmente, mas não respeita seu sofrimento.”

ms2 dificuldade > em estudar e expor a si próprio. // Lembro-me de que, há alguns anos atrás, quando escrevia o pedido “Ideal de um jovem medíocre”, senti essa dificuldade, e naturalmente com muito mais razão que Rousseau ou Dostoiévski não por incapacidade de análise ou abstenção de certos sentimentos mal definidos. E nessa ocasião escrevi ao relutar em expor um fato, que, uma vez abordado, devia ser dissecado - conforme um compromisso assumido comigo mesmo < Ao

ms2 estudo * sobre esse livro, reunindo observações que fiz durante sua leitura há mais de um mês < Gide
ms2 ser * esse livro * a

ms2 inércia * consciente * de

Abril, 24

115. Tenho estado muito longe de *Dirceu Menino*, mas há poucos dias me ocorreram pensamentos sobre ele. Pensei assim comigo que enquanto minha vida se desdobra e se dissolve ele vai também se desenvolvendo e se diluindo para um dia, talvez, depositar-se em cristais (Os cristais de iodo, cor de âmbar, pelas paredes do vaso, nas experiências de química do ginásio). É possível que ele viva simultaneamente comigo, embora sua existência passe desapercibida. Quando deixamos uma cidade e passamos a nos preocupar intensamente com outra, por nos ser desconhecida e nela precisarmos efetivar um ambiente e formar os hábitos indispensáveis, também julgamos que a outra parou onde a deixamos e como a deixamos, ou desapareceu; e, quando, de repente, damos conta de que ela vive apesar de nossa ausência, sentimos certa angústia por não podermos nos identificar com ela nesse momento em que coisas se passam e se

ms2 dissolve * D.M. * vai
ms2 talvez ^se depositar ^em

ms2 desapercibida > Quando deixei de pensar em D. M. talvez me parecesse que ele e sua casa e Otoniel e todos desaparecessem ,mas < Quando

realizam, talvez em lugares e com pessoas de nossa intimidade.

ms2 realizam , > que sabe se < em

Maio, 2

116. Muitas vezes, ao receber uma carta esperada leio-a tão depressa que, ao finalizá-la, sinto necessidade de recommençar a leitura lentamente, sentindo maior prazer nas palavras e compreendendo melhor a intenção da frase e porque foi escrita dessa maneira. Assim, ao terminar, de Kafka, *La Colonie Pénitenciaire*, vejo que devo ler novamente esse livro, agora que já diminuiu a curiosidade, e a fim de procurar as intenções ocultas nesse labirinto de símbolos que são suas histórias.

ms2 vezes, > quase sempre, < ao

ms2 de * recommençá-la * lentamente

ms2 frase. * percebendo talvez o que deixou de ser dito ou o que levou a que se dissesse * dessa

117. Realmente, nunca julguei que pudesse haver tanta coisa nova, diferente, invulgar, estranha, em literatura. Verdadeiramente tremendo esse *Terrier*, ou *Un Champion de Jeûne*. Como o assunto é maravilhosamente tratado, segundo uma ordem de desenvolvimento tão natural que chega a parecer casual, espontânea, sem plano algum. Principalmente *Terrier*. Parece-me que sua obsessão pela segurança, pela solidão, levou o autor a encontrar essa imagem, esse símbolo, e sentar-se para escrever, desenvolvendo a idéia a partir daquele momento e segundo um raciocínio lógico, matemático, por assim dizer, em que tudo vai sendo esmiuçado e estudado. Tudo aí é interior e pessoal; tudo é pensamento; e embora quase sempre ligado a fatos ou imagens incrivelmente materiais e palpáveis tudo é dirigido para dentro, sempre com uma idéia matriz, fixa, de que são possuídos os personagens que nela vêm a justificação de si próprios, a razão de ser de sua existência, por cuja idéia são dominados e de que não se libertam senão pela morte, como é o caso do trapezista, do jejuador, e mesmo do oficial da colônia, já em outro sentido.

ms2 *Terrier* ^Me parece^ que

ms2 vêm *sua realização* a
ms2 existência * - e dominados por essa idéia obcecante, cuja significação me tem escapado, e que não se tornam livres* senão
ms2 que * ser estudado, auscultado, aprofundado.* e

118. Há muito o que estudar, auscultar, aprofundar, e de uma leitura de apresentação fica apenas essa idéia maravilhosa de um país desconhecido que vai aparecendo aos poucos, como se fosse desprender-se de uma flor que se abre lentamente.

ms2 fosse * soltar-se de dentro de um flor que se abre sem pressa * Há

Maio, 11

119. Há razões de tristeza que nos fogem, e há outras tão concretas que nos ferem intensamente e das quais gostaríamos de fugir. Há momentos em que o cansaço nos domina, e por mais que se procure dirigir nossas energias para alcançar a realização de algo útil ou, pelo menos, agradável, nada conseguimos porque esse cansaço vence todos os esforços.

ms2 Há > certas < razões

ms2 todos > nossos < esforços

E, ao examinarmos sua causa, se verificarmos que nem sempre provém de atividades para as quais empregamos o melhor de nossos sentimentos ou intenções, então é verdadeiramente lamentável.

120. Cedo da noite, e já me sinto pronto para dormir, pois se começar a ler em pouco tempo o sono me forçará a abandonar o livro. Penso nos demais dias. Amanhã, a outra semana, sempre. Os dias nada me dizem, ou se me dizem, como talvez o de hoje me tenha falado, eu nada compreendo.

121. Gostaria de não deixar este caderno agora, de prosseguir, de escrever muito, de ser dominado novamente por aquela febre de quem tem algo a contar, uma história que nos parece intensa, profunda, humana, sublime, a obra duradoura, - para deixar de ser, depois, mas sendo apesar de tudo e por algum tempo, o tempo suficiente para nos convencer de que, afinal, começamos a justificar nossa existência. Mas, nesse desejo de fixar o estado de espírito, os olhos não deixam de vagar pela mesa, pela parede onde a luz se reflete - e vejo o relógio pronto para despertar na madrugada, e a chave da porta que coopera com a minha saída. Hoje há um ruído estranho: um pequeno grilo verde saltando contra a parede, que veio da noite atraído pela luz. O que se pode dizer de um grilo entrando pela noite?

122. Assim são meus pensamentos de hoje. O lápis, a espátula, o relógio e as chaves, o cinzeiro de pedra-sabão com que o Aleijadinho esculpia seus santos, meus livros, mas tudo é quase sem significação, ou tudo significa cansaço...

Maio, 15

123. Será isso? Será isso o princípio de alguma coisa ou sua preparação? Ou será tão somente o fim de um velho e dourado sonho? Não pode ser o fim ainda, porquanto não se sabe por quê substituí-lo. E mesmo, quando o novo sonho aparecer haverá a luta entre ambos, um tentando sobrepujar o outro, pois o que abrigamos por muito tempo não abandonamos sem sofrimento⁵.

124. E se não for preparação para a realização mais para o conformismo; não para a vida mas para a morte?

ms2 examinarmos * a causa desse cansaço e * verificarmos

ms2 lamentável > - porque quando desejamos trabalhar para o fim almejado as forças nos fogem porque já foram esbanjadas anteriormente < Cedo

ms2 dormir, > um dia a mais perdido. < Se

ms2 Amanhã @ ! @ semanas @ ! @ Sempre @ ! @

ms2 sempre * E não sei o que pensar, se não fosse assim. Onze de maio de 1950, talvez não tenhas dito nada. Ou quem sabe me disseste, como terão dito todos os outros dias, e eu nada tenha compreendido! Agora * gostaria

ms2 não * abandonar * este

ms2 Mas, * nessa vontade * de

ms2 relógio > (e ouço) < pronto
ms2 saída > diária. < Hoje
ms2 estranho > que me faz olhar debaixo da mesa: < um

ms2 noite? > E < Assim

ms2 hoje > Olho para < O

ms2 sonho? > Mas < não
ms2 porquanto > anda < não
ms2 substituí-lo > Pois é evidente que não se pode abandonar a uma idéia sem que outra esteja pronta a preencher o vazio que a morte da primitiva deixou < E
ms2 um * procurando * sobrepujar

ms2 conformismo @ ! @ não
ms2 morte? > Aquela revolta íntima e surda já não se faz sentir tão intensa. Comodismo? E quando cair outra tempestade? Muitas vezes é tremendo saber-se que ela virá, inevitavelmente; tão horrível como ao epilético esperar suas crises. Depois < O

125.O desejo de vagar com a chuva nos olhos e os cabelos molhados; o desejo de ser criança e de poder chorar por qualquer coisa sem importância, de não ter de chorar pelo que é sério e inevitável.⁶

ms2 molhados @ - @ o

Maio, 16

126.Aos poucos, e às vezes, sinto-me dominado por uma impressão de ridículo, pelo propalado senso do ridículo, em presença de uma coisa bela e comovente, por julgar que esse sentimento não é próprio em presença dessa coisa que passa despercebida de muitos ou que desagrada a outros. Uma espécie de autocrítica, mas orientada imperceptivelmente para destruir a sensibilidade. Outras vezes, ainda que deseje e procure, as coisas não mais me impressionam ou me tocam como antes⁷.

ms2 para * matar * a
ms2 sensibilidade . > Inconscientemente orientada, talvez.< imperceptivelmente

Junho, 11

127.Eu vinha de ônibus e no outro lado da rua, em sentido contrário, passou o enterro de um “anjo”. O carro em azul-celeste e branco, as cortinas com franjas de prata balançando, e o caixão pequeno e abandonado dando a impressão de que seria um pássaro morto, não uma criança, que ele levava, tudo isso me encheu de pena. Pensei então que uma criança assim devia ir para a terra no colo de sua mãe, esta meio inconsciente, como se o filho não houvesse ainda nascido e ela esperasse, de um momento para o outro, escutar-lhe o choro junto ao peito. Mas o carro ia tão depressa que meu pensamento tomou nova forma: que o pequeno caixão talvez escorregasse para o chão e o anjinho caísse no asfalto, envolto em flores, a camisola branca de seda e o diadema de prata com estrelas brilhando ao sol, o caixão se quebrando como casca de ovo. Então a mãe teria desmaiado e o pai levantaria a criança, e depois seguiriam os três, contritos os pais chorando sobre as pálpebras mortas do filho perdido⁸.

ms2 contrário, ^ passa^ o

ms2 caixão * tão pequenino e abandonado que dava pena e parecia um pobre filhote de pássaro caído do ninho - na vastidão de um prado molhado de chuva * Pensei
ms2 mãe + , meio inconscientemente, + como
ms2 se \ não houvesse nascido ainda \ e

ms2 junto * ao seu rosto * Mas
ms2 carro > fúnebre < ia
ms2 que * também pensei * que

Junho, 14

128.A vantagem da constância no escrever está no fato de se encontrar mais facilmente expressões adequadas à apresentação do estado de espírito, de se fixar imagens ou descobri-las para mais tarde usá-las, quando recordadas no momento oportuno. Pois uma imagem predeterminada geralmente não se adapta às comparações que se desejam referir: deve ser espontânea, nascendo no momento, ou, pelo menos, reaparecendo no instante preciso.

ms2 escrever > talvez esteja em se manter a chama acesa, a oportunidade de se encontrarem < expressões
ms2 espírito * a * fixar

ms2 oportuno > No entanto < uma
ms2 adapta * a comparação alguma. Ela * deve
ms2 menos* ser recordada no momento oportuno. Seria impossível ter-se uma relação de imagens numa folha de papel e no desenvolver do tema ir-se empregando-as e riscando da lista * Também

129. Também para se fixar o estilo é necessário essa constância. Mas como o estilo difere conforme o gênero da composição, não sei se escrever diário será uma boa preparação para quem pretende fazer romance. Porque o estado sentimental e sensorial são completamente diversos quando se faz crítica, quando se descreve uma impressão cotidiana, e no momento em que se faz, ou se pretende fazer, obra de arte. O poder da absorção varia de um para o outro. A crítica determinando consultas a livros e a notas de diferentes espécies, exige grande vivacidade de espírito, domínio da obra que se pretende estudar, além de uma série de expressões comparativas, por assim dizer técnicas, que mantêm o autor numa atenção perfeitamente lúcida e dirigida. Aí, por necessidade dessas ações exteriores, a concentração não é tão grande como quando se cria, ou não é do mesmo nível. Na criação o artista, por muito que tenha planejado sua obra, não domina completamente o assunto: grande parte vai por conta da inclinação natural, da vocação, que criam reflexos, levando o homem a tal estado de desprendimento da terra, fazendo-o identificar-se como seus heróis a tal ponto que, uma vez mergulhado nesse estado ideal, consegue realizar-se integralmente. Essa realização integral está sujeita, naturalmente, ao valor próprio do artista e ao valor adquirido pela cultura, autocompreensão e autocrítica; donde a escala de produção, a variação do valor de cada obra. O sentimento que leva o artista a embeber-se da idéia, a examiná-la cuidadosamente, a acariciá-la nas curvas mais discretas e escondidas, a pensar que a está dominando, quando na verdade está sendo dominado por ela, esse sentimento é algo maravilhoso, grandioso, e quando o artista, mesmo medíocre, sente-se mergulhado, preso, envolto por ele, nada mais importante do que essa idéia, - e a vida exterior fica relegada a plano secundário. E por momentos ele pensa que nasceu para justificar assim sua existência, que jamais poderá fazer outra coisa com maior consciência plena e completa de sua obra, pois, se sua tese pretende ser dirigida num determinado sentido, a sua sensibilidade encarrega-se de desviá-la.

130. Quando chegará o tempo em que escreverei definitivamente? Pois até agora tudo o que escrevi tem o caráter provisório. Tudo o que releio me traz desgosto e desconsolo. Certa vez pensei que o milagre de trabalho viria do alheamento completo de relações com o mundo de literatura; mas vejo que não se pode facilmente dispensar o incentivo (e incentivo são impressões que se trocam, autores que se lêem e com os quais entramos em concordância). Para ser possível abandonar tudo isso, seria preciso haver um profundo sentimento de predestinação, — ou um coração eternamente despedaçado. Arte é sofrimento sublimado, mas para criar será necessário ao homem estar constantemente

ms2 fixar > os limites do estilo, definindo-o , não sei se constância será necessária. Quero me referir a constância em escrever diário, por exemplo, quando se quer < fazer ms2 o > sentimento, a sensação < o ms2 sensorial ^é ^completamente ms2 cotidiana * ou * no

ms2 crítica * exigindo * consultas

ms2 exige ([por outro lado, uma]) grande

ms2 comparativas, > e < por

ms2 por > essa < necessidade

ms2 exteriores, ([creio que a capacidade ou melhor, a necessidade de]) concentração

ms2 criação ([me parece que]) o

ms2 artista * e por tudo isso creio que jamais o artista, poderá ter consciência plena e completa de sua obra, pois, se sua tese é conscientemente dirigida em determinado sentido a sua maior ou menor sensibilidade - mesmo o lirismo de suas imagens poderão inconscientemente levá-lo para outro caminho* Quando

ms2 agora> - no momento presente- < tudo

ms2 escrevi > e escrevo < tem

ms2 desconsolo > Talvez um persiga para sempre seu ideal, e morra seu verde sonho, como o pobre caçador de esmeraldas. Cheguei a pensar < que

ms2 são * opiniões* que

ms2 trocam * são autores que nos indicam, são longas conversas que se tem. A não existir nada disso* seria

ms2 um* eterno coração * despedaçado

submerso em angústia e dor? E poderá essa angústia ser forjada por esse desejo do inacessível, nascerá dele, ou são as experiências, a “tragédia cotidiana”, que a trazem? A Arte sem sofrimento não será humana: terá sido como uma flor que se abre sem gemido. Ou será essa a verdadeira Arte Maior, de filho de Deus e de homem, sem dores mas predestinada?⁹

Junho, 29

131. Como é grandiosamente estranha a humanidade! Em certos lugares, nos lugares aonde os vícios melhor se mostram, é onde melhor se pode conhecer o homem. Nos lugares escusos e escondidos, como se uma espécie de cumplicidade unisse as pessoas e fizesse desaparecer a necessidade de dissimulação. Aí é que abrem suas almas apresentam os problemas envoltos no álcool e na fumaça mas, não obstante, claros e inteiros, como que para sujeitá-los à comparação e à crítica. É importante e valioso poder-se perceber a evolução da embriaguês, como influi na sincera expansão dos sentimentos. No início tudo é apenas sondagem, que necessita ser recíproca, cheia de concessões mútuas; depois as palavras passam a ser inteiras: e é aí que se precisa de maior concentração para a compreensão do problema, pois em breve começará a surgir o desconexo, talvez mesmo antes que o álcool o exija, porque a própria pessoa acorda em si a necessidade de perseguir a dissimulação. Talvez todo o sentimento do homem tenha sua origem no instinto, e essa degradação faz com que mais se aproxime dele, liberto que está das convenções. Compreendo melhor a obra de Dostoiévski nesses lugares, a razão por que seus tipos desencarnados eram vindos ou viviam nesses ambientes. Aí o homem, apesar de tudo, é melhor, por ser mais sincero consigo e com os outros. Envergonhar-se menos de si, dada a aparente igualdade que o cerca e os pontos de contato que imagina; compreende que, seja qual for o problema diferente do seu em espécie, não o será em condição; e ninguém conseguirá provar-lhe que o outro não tem um enigma equivalente. Daí a liberdade que adota, a expansão, o apoio que concede e a compreensão que espera¹⁰.

Julho, 2

132. A poesia de Castro Alves, a poesia exaltada de libertação dos escravos, impressiona pela coragem, quando, pela leitura de *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco, conhece-se o clima em que se desenvolveram as lutas e pretensões anti-escravagistas. Mas, comparando o *ABC de Castro Alves* com *Castro Alves, Amor e Revolução*, por José Gonçalves de Medeiros, - que acabo de receber de Natal - somos leva-

ms2 “cotidiana” > e sem remorso < que
ms2 trazem? + A + Arte

ms2 onde * mais inteiramente* se

ms2 como* para os comparar com os de seus semelhantes* É
ms2 sentimentos > É difícil precisar o ponto de inflexão, pois ele existe. < No
ms2 é * quando maior concentração se exige* para
ms2 pessoa > se acorde e persiga a necessidade de dissimular. Pois há sempre o pensamento de que o dia vai amanhecer. Mas é aí nesses lugares, onde se revelam os vícios e onde se degrada a humanidade é aí que melhor se podem estudar os sentimentos do homem. Porque < Talvez
ms2 sentimento * humano tenha fundamento * no
ms2 e * nessa degradação animal está mais próximo de sua origem - do começo *
Compreendo
ms2 tipos > desdobrados e < desencarnados

ms2 tem * o seu próprio enigma * Daí

ms2 a * necessidade de expansão em liberdade - de apoio e compreensão * que

ms2 escravos > sempre < impressiona
ms2 quando > se lê, por exemplo < “Minha
ms2 Nabuco * e percebe-se * o
ms2 escravagistas * Assim, pois, quem tem esse pensamento sobre Castro Alves e sua obra ao ler* “ABC” e “Amor e Revolução” tende naturalmente para, as fileiras do último,
* pelo

dos a encarar o poeta como o faz o novo escritor, pelo que há de mais senso de medida e despreensão¹¹.

Julho, 9

133. Quando se relê uma carta recebida há muito tempo, em torno de nós faz-se aos poucos aquela mesma atmosfera que nos envolvia quando a recebemos; procuramos descobrir o motivo de todas as palavras, dos assuntos, e, assim de longe, podemos melhor avaliar o valor dessas cartas, como nos confortou ou desagradou¹².

134. Quando revemos as terras de nossa infância, certo enlevo, uma ternura nos envolve e perdemos a noção do passado no chão. É um pouco assim como se fôssemos levados por uma nuvem, ou se deslizássemos sobre as águas, talvez transportados por um grande e belo cisne, — um sentimento indefinível, afinal, como num sonho. É o passado que volta, a infância, a inocente e sagrada infância que não devemos afastar, pois enquanto a tivermos em nós é uma possibilidade de salvação que possuímos.

Julho, 25

135. Foi em dia deste mês que me apresentei a minha nova unidade, a Escola Preparatória, onde estudei durante três anos, lugar em que descobri pontos fundamentais de minha personalidade, onde comecei a me encontrar e perder ilusões. Foi também nessa Escola que se foi definido em mim um conceito estável de liberdade. Como um acordar, essa época, mas um acordar doloroso de quem abre os olhos e se encontra sobre uma maravilhosa onda de espumas e não pode sobreviver a esse instante de beleza¹³.

ms2 despreensão > Ontem estive organizando meu arquivo de cartas, cartas de anjos que escrevem “ contos e causos” e que esperam, ou esperavam ser alguém na literatura; e lamentei mais uma vez minha bagagem perdida, pois dentro do caixote havia todas as cartas recebidas em Natal durante 1947 e outras tantas em Rezende, Cartas de Chico e Dalton, e de família < Quando

ms2 há * tempos * em

ms2 palavras > das frases < dos

ms2 infância > é como se conservássemos um sorriso nos lábios enquanto se percorre os lugares que significam para nós uma nova experiência, ou a descoberta de nova experiência, ou a descoberta de nova sensação. Então < certo

ms2 nos * domina * e

ms 2 chão @ ; @ É

ms2 devemos * nos separar por muito tempo e * pois

ms2 possuímos > Tenho desejado escrever neste caderno bastante cousas que se têm passado comigo neste mês de Julho, mas sempre acontece uma coisa qualquer que me impede de realizar esse desejo. E, assim, creio que como surgem, desaparecem e deixam de ser ditas < Foi

ms2 pontos * importantes * de

ms2 personalidade > (pontos decisivos)), onde

ms2 encontrar > e a me perder, a encontrar idéias < e

ms2 ilusões > Tenho lembrança, por exemplo, de como minhas cartas a Cora foram se metamorfoseando até serem, ao fim do terceiro ano, quase sempre feitas de desespero. Quando foi se esclarecendo < se

ms2 conceito * instável * de

ms2 liberdade > e a consciência desse sentimento < Como

ms2 espumas * e compreende que submergirá em breve, e inevitavelmente * a

136. Início vários livros mas logo os abandono na estante. Como se seu destino fosse o de seus irmãos das bibliotecas públicas: doados, empilhados, empoeirados. Apenas consegui ler as *Cartas a um Poeta*, de Rilke. Muitas vezes me confundi com o Sr. Kappus. Esse pequeno livro tem cousas tristes como esta: "... Mas sou muito pobre e os meus livros, logo que aparecem, deixam de me pertencer. E nem sequer posso comprá-los, como muitas vezes desejaria, para oferecer àqueles que lhes querem bem." Ou então palavras assim: "Um modo de vida que nos provoque e de vez em quando nos oponha às grandes cousas da vida, eis o que nos é necessário."

137. E ainda tenho a dizer esta noite que Celeste voltou de um mês passado fora e me trouxe um pote de avencas, no colo, de Criciúma até a aqui, para fazer penitência, disse ela, por ter faltado à missa de domingo por motivo da viagem¹⁴.

Julho, 30

138. Sempre desejei possuir uma "jóia" de silêncio e recolhimento. Meu quarto, agora, tem conseguido realizar esse desejo. Mas por não ser contínuo, por ser passageiro e acidental, esse silêncio não produz o que fora de esperar. Não obstante, serve para manter vivo esse anseio, fazer com que me lembre dele e sinta sua aproximação. Espero o momento de reclusão, embora doloroso como há de ser: o prazer realmente fértil e útil terá sempre nascimento e origem no sofrimento, no sofrimento vencido, sobrepujado, - talvez trocado por outro. É de sofrimento em sofrimento que o homem forma sua personalidade valiosa; sem sofrimento não terá necessidade de se definir, de escolher, pois o prazer passa despercebido, quando não é ardentemente esperado. E essa espera já é sofrimento¹⁵. É fundamental que não se aceite simplesmente a vida: é preciso sofrê-la, interpretá-la, dirigi-la a um fim que tudo justifique. Acreditar em si e nesse objetivo até o momento em que fique provada a inutilidade desse ideal, ou a impossibilidade de realizá-lo. Então, ter a coragem e a força para substituí-lo. Tudo isso a vida exige de nós; portanto, dependendo unicamente de nós, é grande a missão que nos foi confiada.

ms2 empoeirados* O único livro que consegui ler por completo foi o maravilhoso * Cartas

ms2 Kappus > e em certos momentos era como se as cartas tivessem sido escritas para mim. E há nesse livro cousas verdadeiramente dolorosas e pungentes, que nos lança em tremendas lutas de consciência. Há perguntas como essa: "Morreria se não fosse permitido escrever?", em que nossa convicção é tremendamente abalada e nos sentimos imensamente tristes e medrosos de entrar em nós mesmos e procurar "a necessidade que nos faz escrever". Será realmente forte e inevitável essa "razão"? E esse livro é também de uma mesma tristeza, ao par de sua sabedoria, e poucas vezes uma palavra tem me tocado tão fundo como essa: * "...Mas

ms2 avencas* que procurou longe da cidade e trouxe no colo até aqui porque gosto de avencas e, * para

ms2 possuir * essa * "jóia"

ms2 agora * consegui às vezes realizar essa intenção de silêncio e recolhimento. * Mas ms2 de * se aguardar* Não

ms2 Espero > (e compreendo que um dia chegará) <o

ms2 ser.> Lembro-me das palavras de Dostoiévski: "Sem sofrimento, que prazer pode haver na vida?" e aceito profundamente esta verdade.< O

ms2 personalidade * valorosa* ;sem

ms2 sofrimento> ele< não

ms2 prazer* quase não se percebe* quando

ms2 sofrimento* não simplesmente aceitar a vida mas, e sobretudo, * sofrê-la

ms2 que * ficar* provada

ms2 confiada> É preciso fazer alguma coisa- além de estar procurando o que dizer, por exemplo sobre<isso

Agosto, 2 de 1949

139. Não sei a que pássaro pertenceu esta pena. Apanhei-a no campo e a escondi em meu bernal. Hoje representa o prolongamento da vida daquele a quem pertenceu, o seu legado. Aqui está muda e inalterada, — imóvel. Inanimada como o cinzeiro de pedra ou o berço de madeira do mata-borrão. Mas é soberba pelo que exprime de vida: criação e desenvolvimento (a utilidade quase consciente de proteger e enfeitar o pássaro). Por ela passou esse misterioso fluido de vida que não foi ainda de todo substituído pela morte: apenas estacionou. Não é como um anel que recebemos na infância, ou uma corrente que trazemos presa ao pescoço e é guardada como relíquia, quando morremos. É mais do que isto. É assim como uma trança, um anel de cabelo que se conserva e se venera por ter crescido e vivido com alguém.

ms2 bernal * Talvez seja, hoje, * o
ms2 vida * desse animal, * o
ms2 legado > (ou uma insignificante parte dele- já que deverá ter deixado filhos pelos espaços voando) < Aqui

ms2 pássaro * Nela * passou

ms2 alguém > Sim, as penas de pássaros são como o cabelo das mulheres (e quantas vezes se comercializam ambos!) e servem de adorno e de relíquia. //É preciso fazer algo < Não

Agosto, 3

140. Não foi unicamente para escrever data que me sentei e abri o caderno. Mas também não foi para discorrer sobre um assunto determinado. E por isto fiquei tantos minutos parados, sem saber o que dizer, e com medo mesmo de deixar escrito apenas Agosto, 3. Essa indecisão, ou falta de previsão, reflete-se muitas vezes nos atos de minha vida. Como o desejo de justificar este procedimento, explico como sendo originado no fato de eu sempre ter lido que procurar e descobrir por mim mesmo todos os mistérios e lugares sombrios da existência. Não ter tido um orientador; mãe, pai ou irmão.

ms2 escrever * “Agosto,3” * que
ms2 sentei * à mesa e abri este* caderno
ms2 assunto * pré-estabelecido * E

ms2 apenas * a data.//Neste momento não estou mais esclarecido que no início sobre o que direi, mas essa mesma * indecisão
ms2 vida* No desejo de buscar as fontes desse proceder justifico como medo em virtude* de

ms2 da * vida* Não

ms2 irmão > Depois de cerca de duas semanas de frio e dias de chuva cinzentos, o sol inunda a paisagem e o céu descobre-se para mostrar um azul puro e intenso que atrai nossos olhos e nos leva a desejar a paz em lugar distante e desconhecido.//Ao escrever a palavra “irmão”, na última vez que escrevi neste caderno ,chegou a notícia da morte de uma conhecida que morre solteira lá pelos cinquenta anos. Saí, então para o velório na Capela da Beneficência e ela estava lá,< tranqüila

Agosto, 6

141. Hilda morreu. Estava na capela, tranqüila para sempre, vestida de branco num caixão branco, com um ramo de violetas na mão, dois ramos junto à cabeça, e amores-perfeitos semeados pelo vestido, murchando aos poucos.

142. Assim envolta em flores, me pareceu que depois de mortas as virgens são como canteiros de jardim, e que desde então germinam flores na intenção pura e perfeita de gerar filhos.

ms2 jardim > floridos< e

143. Os quatro belos círios expunham chamas esguias e paradas, ou se movendo lentamente como se alguém assoprasse de longe.

ms2 e * imóveis quase sempre, se movendo misteriosamente, ([às vezes]), * como ms2 assoprasse> para apagá-las. Julguei que ao voltar de manhã cedo as velas estivessem desaparecendo na taça do castiçal, mas ainda estavam grandes e acesas naquele silêncio todo.< E

144. E Hilda imóvel e gelada na madrugada de chuva. Morta. A morte implacável, impenetrável, indefinível que ela desejou e esperou: “Não quero que me levem para casa: deixa sempre uma impressão horrível. Quero um caixão branco, o mais simples que encontrem. Meu vestido branco já veio de casa? Quero que me vistam de branco. Seria bom que parasse a chuva: é tão aborrecido enterro com chuva. Se fizesse sol!... Quero morrer de madrugada, para que vocês não passem uma noite inteira velando.” Tudo isso ela disse e desejou. Quanta coisa mais não desejou sem dizer, a vida toda e sem jamais confessar ou ser atendida.

m2 velando* Isto tendo * ela ms2 desejou> mas< Quanta

145. Hilda retocava fotografias. Uma ponta muito fina num lápis preto, e a paciência de ficar esquecida sobre o vidro da chapa corrigindo manchas nos rostos das mulheres que querem ser as mais belas. Desde Passo Fundo eu vi retocando. Falava sem se desviar do trabalho, o lápis na mão e as sardas desaparecendo sob os leves traços que purificavam as pessoas e as deixavam contentes de uma beleza que o espelho não revelava.

ms2 corrigindo* sardas e espinhas * nos ms2 das * moças que querem ser mais bonitas* Desde ms2 retocando > as chapas< Falava ms2 Falava> com a gente < sem ms2 as * manchas * desaparecendo ms2 sob * aqueles* leves ms2 de * sua * beleza ms2 que > a máquina revelava. Hilda morreu do coração. Que desejos não sonhou < Inclinação

146. Inclinação e loura sobre as figuras desconhecidas que acariciava maciamente com a ponta do lápis, quantos desejos não sonhou, quantos sonhos não teve.

ms2 teve> Ontem cheguei mesmo a pensar: < Será

Agosto, 15

147. Será que se transforma inexplicavelmente o que escrevemos, ou nós é que nos transformamos inconscientemente? - Por que, quantas vezes não relemos com ironia e desengano o que escrevemos com tanto amor e entusiasmo¹⁶?

ms2 ou > seremos< nós

Agosto, 19

148. Ontem iniciei a leitura de *Vida de Don Quixote e Sancho de Unamuno*, e paro a todo instante, maravilhado com esse

livro tão belo e profundo, com a força de análise e interpretação de autor.

149."El sepulcro de don Quijote: Y en cuanto a hoy, todos esos miserables están mui satisfechos porque hoy existen, y con existir les basta. La existência, la pura y nuda existência, llena su alma toda. No sienten que haya más que existir."

150.Capítulo IV:

"Don Quijote, tu trinfo fué siempre el de osar y no el cobrar sucesso."

151.Capítulo V:

"Te debe importar poco lo que eres; lo cardinal para ti es lo que quieras ser. El ser que eres no es más que un ser caduco e perecedero, que come de la tierra y al que la tierra comerá un día." E mais adiante, quando se refere a Adão e sua "queda": "Y desde entonces empezó a ser más que hombre, tomando fuerzas de su flaqueza y haciendo de su degradacion su glória y del pecado cimientó de su redención."

ms2 Capítulo V > Belíssimo capítulo esse <
"Te

152.Unamuno concede a Don Quixote e seu escudeiro um sentido de grandeza bíblica, trazendo sempre o cavaleiro relacionado com Santo Inácio de Loyola, e mesmo com Cristo e seu evangelho.

ms2 Unamuno * vê em * Don
ms2 bíblica * e o traz * sempre

Dia 20

153.Continuo lendo Unamuno e me surpreendendo com esse livro tão importante e ousado.

154."Y pasó todo lo demás que Cervantes nos cuenta..." (p. 78, Espasa & Calpe, Argentina). "No es que Cervantes quisiera encarnar en Don Quijote la justicia española, sino que lo encontró así en la vida del Caballero y no tuvo otro remedio sino narráynoslo cual y como sucedió, aun sin alcanzársele todo su alcance" 83 e 84). "Mi fe en Don Quijote me enseña que tal fué su íntimo sentimiento, y siu no nos revela Cervantes es porque no estaba capacitado para penetrar en él. No por haber sido su evangelista hemos de suponer fuera quien más adentró su espíritu. Baste que hoy nos haya conservado el relato de su vida y hazañas" (87).

155.Assim, pois, Unamuno não concede a Cervantes mais do que o papel de historiador, ou melhor, de evangelista do Cristo Quixote. Que fez obra um tanto inconsciente de seu maior e mais profundo valor. E argumenta: "Y no os debe sorprender esto, lectores, porque no es quien lleva a cabo una hazaña el que mejor conoce los motivos por que la cumplió." (84).

156. Conforme Agustin Esclasans, que estuda a obra de Miguel de Unamuno, este espanhol propagava por um cristianismo quixotesco, e para ele, Unamuno, “Do Quijote queda así transformado em el modelo eterno de todos los apóstoles, los redentores, los confesores y los mártires de la Humanidad.”

157. “Acuérdate de que tus enemigos se han de morir.” “Miramos más que somos padres de nuestro porvenir y no hijos de nuestro pasado. - El fin de la justicia es el perdón¹⁷.”

ms2 perdón > (o cap. XXII e a argumentação sobre justiça: castigo e perdão)
ms2 perdón > No entanto, < a

Agosto, 27

158. A vivacidade, precisão e propriedade de Unamuno são qualidades que me fazem admirá-lo em quase todas as páginas.

159. Sobre a morte:

“Mi cuerpo vive gracias a luchar momento a momento contra la muerte, y vive mi alma porque lucha también contra la muerte momento a momento”(137). Este conceito, em virtude da palavra contra, a luta contra a morte, fez-me separar Unamuno imensamente de Rilke. Pois se aí está reconhecida a presença da morte na vida, a todo o instante, também está expresso que a vida é consequência da luta contra a morte, e há nisso uma espécie de temor, de medo pelo fim.

ms2 morte > (sublinhado por mim) < fez
ms2 morte * me fez nesse momento * separar

160. De R.M. Rilke:

“Mais cela: contenir la mort, toute la mort, dès avant la vie si doucement la contenir el n’être pas méchant, cela est ineffable” (IV Elegia - Ed. Aubier). Contê-la docemente. É muito mais elevação e pureza, — ânsia de perfeição nascendo dessa submissão e esse anseio: conter a morte e não ser mau.

ms2 anseio* contê-la * e

161. Mais adiante, no entanto, Unamuno aproxima-se grandemente de Rilke, por novos conceitos de vida e de morte. É quando fala sobre fé, e a considera verdadeira e viva quando se alimenta de dúvidas. A fé se mantém pela dúvida, como a vida se alimenta da morte, compara ele. “A verdadera vida se mantiene de la muerte y se renueva segundo a segundo, siendo una creación continua.” E Rilke, no *Livre d’heures* (tradução e seleção de Maurice Betz): “La grande mort que chacun porte em soi, elle est le fruit autour duquel tout change.” Poder-se-ia dizer, talvez, que a verdadeira vida é aquela que se mantém pela morte que cada um traz em si, morte que deve ser contida docemente, sem ser

ms2 no entanto > à p.141, < Unamuno

ms2 e + de + morte

ms2 dúvida * Escrever de : * A

ms2 vida * pois, mantém-se * pela
ms2 si, * que deve contê-la * docemente

preciso lutar contra ela. Unamuno continua: “Una vida sin muerte alguna en ella, sin deshacinamiento en su hacinamiento incesante, no sería más que perpetua muerte, reposo de piedra.” E em Rilke também existe essa idéia de vida como sendo “uma contínua criação” ou “hacinamiento incessante.” “Notre vie se passe à transformer” (*VII Elegia de Duino*), e na *III Elegia* escreve que “nous aimions en nous l’innombrable fermentation.”

162. “Los que no mueren, no viven”, diz o espanhol; e o poeta, em seu *Livre de la Pauvreté et de la Mort*, certo disso, reza:

“O mon Dieu, donne à chacun sa propre mort, donne à chacun la mort née de sa propre vie où il connut l’amour et la misère.”

Agosto, 29

163. *Vida de Don Quixote e Sancho*, por Don Miguel de Unamuno. - um livro indispensável.

Setembro, 8

164. L. escreve pedindo auxílio. O que pode alguém fazer quando, ao ver-se solicitado, verifica que também precisa solicitar? Por que a pressa e o desespero? Em arte, como na vida, não se pode contar com o amadurecimento prematuro. Compreendo bem isso que F.P.S. escreveu-me um dia; depois mandou-me os *Conselhos a um Jovem Poeta*, de Max Jacob. Agora, por minha vez, remeto a L. *As Cartas a um Poeta*.

ms2 solicitado * quando ele próprio necessita
* solicitar

ms2 Jacob * Remeti ao L. *
ms2 Poeta”, < de Rilke, mas ele nem as havia lido e já escreveu esta carta que não sei como responder. Pois quando se considera a vida friamente, em tudo o que tem de material e vulgar, o dinheiro, o quarto, quando isso se faz ele se sente chocado, como se acordasse.
< Hoje

Setembro, 9

165. Hoje o aluno diretor da Revista de Escola Preparatória pediu-me uma colaboração para o número de encerramento do ano. E embora deseje atendê-lo, estou para concluir que o melhor seria não fornecer trabalho algum, pois, meus contos não podem absolutamente corresponder à idéia que fazem de um tenente, um oficial que os põe em forma e os comanda; que ensina o que devem saber de um fuzil ou o que fazer num campo de instrução¹⁸.

Setembro, 11

166. Talvez eu pudesse escrever um pequeno trabalho sobre iniciação literária, estudando o conto como forma de expressão sentimental e busca de estilo. Seria, então, um artigo de interesse restrito; no entanto, creio que poderia conter algo de interessante para aqueles que no silêncio noturno das Escolas Militares sentem necessidade de dizer a si mesmo alguma coisa que os trabalhos exaustivos do dia não conseguiram anular. Algo assim como conselhos, dedicados aos jovens artistas militares, que muito dificilmente conseguirão ultrapassar a mediocridade, em virtude dos elementos com que são forçados a jogar durante a carreira toda, e a imensidade de compromissos e servidões que esses mesmos elementos lhes impõem.

ms2 um * trabalho* de
ms2 restrito > a um pequeno número ([de interessados]); < no entanto,

167. Salientar, nesse pequeno artigo, o valor e a importância da idéia, da forma, do plano ao qual deve ater-se, da infância como fonte de inspiração. Sugerir a leitura de grandes contistas segundo o valor característico de cada um. Expressar idéias sobre a auto-crítica e seu valor fundamental na obra de arte. Procurar situar alguém dentro de sua própria realidade, fazendo notar que para se fugir dos lugares comuns e do primitivismo dos autores adolescentes é necessário convencer-se de que, sem o artesanato, sem cultura, sem consciência técnica do que se quer realizar, não se obterá obra sólida; que não há obra de arte sem um plano anterior que a justifique. Tudo isso, no entanto, subordinado à idéia, ao sentimento humano mergulhado nessa idéia e que deverá ser perfeitamente identificado pelo leitor consciente. O que for relativo à técnica será dominado pela idéia no momento de criação, — mas, em seguida, preocupar-se com o retoque, a purificação do pensamento exprimido em primeira forma, no estado bruto em que sai do solo, purificação que constitui a auto-crítica salvadora¹⁹.

ms2 como * origem* de
ms2 Sugerir * indiretamente nomes * de
ms2 um > , conforme expus no Departamento
para a revista "Joaquim" < Expressir
ms2 arte > Enfim < Procurar

ms2 consciente > Tendo < o que

ms2 seguida, * o valor do * retoque

ms2 solo, * o que * constitui

Outubro, 8

168. Muitas vezes me lembro de Amiel. Ouso mesmo comparar-me a ele. Não pelo que produzi, mas pelo que poderei produzir; pelas páginas e páginas de diário que, de tantas, alguém terá o trabalho de selecionar e reunir num volume que publicará com o título de *Diário Intimo*. E nessas páginas sempre presente o desejo de escrever um livro, um grande livro, cujo valor único será talvez o de nunca ser escrito. Como é triste essa ilusão de que tudo o que se faz com amor e convicção é perfeito. Haverá algum artista que duvide do valor de sua obra no momento de exaltação em que realiza? A música do povo, a poesia popular, aquelas esculturas simples do nordeste, tudo isso é belo porque eles

ms2 publicará * sob * o
ms2 páginas > (oh! Tristeza) < sempre
ms2 escrito > Pois < como

ms2 triste * a incapacidade humana! * essa
ms2 perfeito > com efeito, < haverá

ms2 realiza ? > Por isso é que é bela < a
ms2 simples * lá do Norte, * tudo

fazem o melhor que podem, e o que produzem é o seu pensamento, o seu sentimento - de forma, de cor, de som - sem a necessidade de sobrepujar pela purificação, pela cultura que precisa existir no intelectual.

ms2 podem,> é evidente, mas nada ou quase nada tira dos outros: aquilo < que

ms2 sem > essa < necessidade

169. A fim de realizar obra de valor, todo o artista deve convencer-se de que Arte é cousa sumamente difícil. E sagrada. Não sendo assim, não subsistirá. Por ser difícil não significa ser impossível: basta olhar a galeria do passado. Mas todo aquele que não sentir em si poder suficiente para executar obra que não passe, deve ter a compreensão suficiente para destruí-la antes de sua morte. No entanto, é difícil ter a possibilidade de reconhecer a existência ou não desse poder. Mais difícil que, reconhecendo-o, destruir toda a obra feita²⁰.

ms2 morte * mas como * é
ms2 reconhecer > em si < a

Outubro, 15

170. Pensei a parte final do romance. Surgiu de repente, enquanto lia uma carta de Rilke a Merline, mas sem ligação alguma com ela.

ms2 ela > E essa parte final sugere em grande número de capítulos preparatórios. Dirceu Menino, ou melhor chamado "O Espelho" seria um drama intensamente interior e cheio de angústia. // Mas não tenho coragem para expor minha intenção. // Nov. 5 Penúltimo mês do ano. // Nada tenho feito de útil, nem de digno. Nada digno de escrever ou de contar < sobre

Novembro, 5

171. Sobre dignidade, li muito interessante um conto de Thomas Mann, *O Caminho do Cemitério*, em que fala na perda da dignidade resultante da perda do respeito de si próprio.

ms2 Cemitério"* sobre a * perda
ms2 si * mesmo * Leio

172. Leio lentamente de Unamuno, *Del Sentimiento Trágico de la Vida*, edição Espasa-Calpe Argentina. Encerra fórmulas dignas de estudo e meditação, como por exemplo: — El mundo se hace para la conciencia, para cada conciencia. - Conciencia y finalidad son la misma cosa en el fondo. - La razón (...) es un produto social. - Y es que en rigor la razón es enemiga de la vida. - El sentimiento no transige con términos medios. - La certeza absoluta, completa, de que la muerte es un completo y definitivo y irrevocable anonadamiento de la conciencia personal, o la certeza absoluta, completa, de que nuestra conciencia se prolonga más allá de la muerte, ambas certezas no harían igualmente imposible la vida. — ... y por mi parte no quiero poner paz

ms2 fórmulas > realmente < dignas

ms2 fondo > -La conciencia es una enfermedad < -La

ms2 personal >, una certeza de ello como estamos ciertos de que los tres ángulos de un tranquilo valen dos rectos < o
ms2 muerte > en estas o las otras condiciones haciendo sobre todo entrar en ello la extraña y advertencia añadeduria del premio p del castigo eternos, < ambos
ms2 mi > corazón y me cabeza, entre mi < fe

entre mi fe y mi razón; quiero más bien que se peleen entre sí. - Razón y fe son dos enemigos que no pueden sostenerse el uno sin el otro. - Cuando las dudas invaden y nublan la fe en la inmortalidad del alma, cobra brío y doloroso empuje el ansia de perpetuar nombre y la fama²¹.

Dezembro, 3

173. Efetivamente, realizar não significa ser feliz. O desejo de conseguir, a angústia que nasce dele, talvez melhor corresponda ao sentido de felicidade na existência do homem. As palavras seguintes de Unamuno estão no caminho dessa afirmação: "O homem é tanto mais homem, isto é, tanto mais divino, quanto mais capacidade para o sofrimento, ou melhor, para a angústia, tenha."

Dezembro, 5

174. Venho lendo o *Diário de um Escritor*, de Dostoiévski, encontrado casualmente na biblioteca dos alunos de Escola Preparatória. E como lamento não ser meu o volume: pois sinto a cada página o desejo de fazer anotações. Mas nada me havia impressionado tanto como o artigo intitulado *Vlass*, que leva nosso pensamento para junto de seus grandes romances, como *O Idiota* e *Os Irmãos Karamazov* (o moço que matou a amante, ou o criminoso frente ao staretz); e também nos liga à sua própria vida: "assim acontece com os que vão ser guilhotinados (ou fuzilados): sentem-se felizes em concentrar-se alguns instantes que sejam sobre um objeto exterior que os distraia." No caso de Dostoiévski, a cúpula da Catedral de Semenovski.

1951

Canelinha, S. Catarina
1º de Janeiro

175. Em minha terra existem grandes cigarras cujo canto é uma nota aguda e contínua, apenas ligeiramente modulada. (Como um pão de corda). Ficam pousadas nas grandes árvores, principalmente nas nogueiras, e lá do alto escorre seu canto até nós. São elas que ouço cantar neste momento, quando tomo meu caderno para anotar o que tenho feito desde que saí de Porto Alegre.

ms2 existência * comum. O significado desse conceito de Unamuno tem ligação com as palavras acima: * O

ms2 encontrado > por mim casualmente, numa estante da < biblioteca
ms2 volume @ ! @ Pois
ms2 página * desejos * de
ms2 artigo * chamado* "Vlass"

ms2 os ^ distraísse^no

ms2 cigarras>que cantam bem diferente das que existem pelas terras onde tenho andado seu >canto
ms2 e * constante * apenas
ms2 modulada * E é nas grandes e altas árvores, nas nogueiras principalmente, que elas pousam e donde seu canto * escorre
ms2 São * essas cigarras que agora ouço nessa manhã primeira de Ano Novo de 1951, em que retorno meu diário a fim de escrever algo de objetivo sobre esses dias todos que não têm visto fora * de

176.Embarquei a 19 de Dezembro, passei um dia em Florianópolis e já ao anoitecer de 20 chegava em Tijucas. Encontrei minha cidade de infância tão triste, abandonada e pobre que seu aspecto encontrou eco dentro de mim. Revi cenas de infância nas casas em que morei, mas, um tanto contristado, não amei essas recordações que vieram muito esfumadas, não perfeitamente claras, apenas pedaços de acontecimentos, pétalas caídas e meio murchas de uma mesma flor.

177.Também vi a casa em que morreu minha mãe. Está quase se desmoronando, havendo mesmo duas escoras na parede do lado onde fica o quarto em que morreu. Junto está a outra casa, de madeira, onde meu pai teve por algum tempo sua oficina de alfaiate. Ao passar por ela, aí sim, a recordação foi tão grave e perfeita que senti um estremecimento desconhecido por mim até então. Uma dolorosa visão de infância voltou e sofri com ela: foi o dia em que meu pai sofreu um ataque, junto à mesa, com a fita métrica pendurada nos ombros, o tesourão na mão: olhou aflito para o teto e caiu no chão em estertores. Parte da angústia que naquele dia sofri, o medo ao desconhecido, a dor por saber sofrendo a quem eu tanto amava, tudo reuniu-se naquele estremecimento.

178.Sem grande emoção, vi outras cousas ligadas a mim: o Grupo Escolar Cruz e Souza, o Clube Quatro de Maio, a rua, o rio, algumas árvores...

179.Fiquei em Tijucas até 26. Depois Blumenau que deixei ontem para vir esperar o Ano Bom com os irmãos e cunhados em Canelinha²². A vila não se impressionou com a chegada do Ano: ninguém esperou a meia-noite; então eu e Jaime fomos para a frente da casa e queimamos todos os foguetes e bombas que havia em casa. Ninguém se incomodou, nem uma luz de curiosidade apareceu nas janelas.

180.Não tenho encontrado a tranqüilidade desejada para ler. Trouxe comigo *O Diário de um Escritor*, *Del Sentimiento Trágico de la Vida*, *La Agonía del Cristianismo* e mais um volume de *Filosofia Existencial*, por Otto Friederich Bollnow, cheio de alusões a Rilke e ligações com Unamuno²³.

ms2 Dezembro > em Porto Alegre, estive < um

ms2 está + quase + se
ms2 desmoronando, * existindo* mesmo
ms2 morreu * Ao lado existe * outra

ms2 madeira *, em que * meu

ms2 dolorosa * cena de infância revi e* sofri

ms2 foi * do * dia
ms2 mão : ^ olhando ^ aflito
ms2 e ^ caindo ^ no
ms2 da * aflição * que
ms2 sofrendo * alguém que se ama, tudo
assim em parte * reuniu-se

ms2 \ Vi outras cousas ligadas a mim sem grande comoção\o
ms2 árvores >, mas compreendo que foi bom rever tudo isso, pois precisarei brevemente rever tudo isso, pois precisarei brevemente empregar parte de toda essa recordação, desses sentimentos que se acordam aos poucos, no ano que agora se inicia com o cantar das cigarras me for propício.// Cheguei pois a Tijucas e lá fiquei até 26; < Depois

ms2 com * Judite, Jaime e os * cunhados

ms2 comigo > alguns livros< O
ms2 Vida,> quase no fim, < La
ms2 Bollnow * que é o único de que tenho lido algo, cuja leitura estou por terminar, e de que tenho gostado bastante, principalmente por haver nela constante alusão à obra de Rilke, algumas ligações também com Unamuno, e pelas ótimas explicações dos existencialistas * Na

Janeiro, 4

181. Na tarde de 1º, estive em Porto Belo²⁴, essa praia bela e tranqüila, com as casinhas plantadas na areia. E vi um “pau de fita” que desde menino só conhecia de nome. Muito bonito o espetáculo daquela gente simples se divertindo, o gosto bizarro pelo colorido berrante das fantasias, a monotonia do canto (O velho que levava o bastão enfeitado de fitas multicores cantava um verso e todos os demais repetiam uma frase, sempre a mesma, falando em jardineira, flor aberta e “também dá botão de rosa”), as coroas excêntricas na cabeça, os arcos de flores que as moças levavam (e as “moças” eram rapazes de quinze anos com saias vermelhas até os pés).

Janeiro, 9

182. Domingo tirei da pasta o pequeno livro de Unamuno, *La Agonía del Cristianismo* (Espasa-Calpe), que já pensava levar de volta sem o ler. Pois despertou-me tanto interesse que o li quase inteiro naquela tarde, e, por ter ido ontem a Florianópolis, só hoje pude concluir.

183. Realmente o valor de meu conhecimento com R. F. reside em ter ele me recomendado *A Vida de Don Quixote e Sancho*, pois daí nasceu meu entusiasmo por Unamuno. Desde o Prólogo ao capítulo final este livro, *A Agonia do Cristianismo*, é de uma importância total e dolorosa, pondo-nos em presença de nossas próprias dúvidas e dando-nos o consolo de terem elas sido de outros homens.

184. Afora os graves problemas interiores abordados pelo autor, é maravilhoso verificar seu conhecimento profundo dos textos bíblicos, a todo o momento citados e comentados; a pureza dos argumentos surgidos de seus “paradoxos”; a maneira discreta como apresenta uma cultura vasta; os deliciosos passeios pela etimologia que tanto esclarecem e aproximam o espanhol do português. Como no próprio caso do título, a palavra *agonia*, que se toma por presença ou aproximação da morte, mas que é luta. “*Agonia* quer dizer luta. *Agoniza* o que vive lutando, lutando contra a própria vida. E

ms2 estive > com Jaime e Judith< em

ms2 Domingo > após o almoço deitei-me, e como me faltasse o sono, < tirei
ms2 pensava ^ leva-lo ^de
ms2 sem ^ser lido^ Pois
ms2 despertou-me * um tão grande * interesse
ms2 quase * tudo aquilo* naquela
ms2 tarde> e, se não o fiz dependeu de mim < e,
ms2 pude * terminá-lo, lendo os dois capítulos que faltavam * Realmente

ms2 Realmente @ , @ o
ms2 me * falado de Unamuno, recomendando-me “A vida de Don Quixote e Sancho” * Desde
ms2 de * um interesse total e doloroso que nos põe*em
ms2 e * nos dá * o
ms2 homens >, de homens que não passaram< Fora
ms2 homens ^ Fora ^ os

ms2 abordados * por Unamuno, * é

ms2 “paradoxos” > que às vezes apresenta; < a
ms2 vasta > e profunda < os
ms2 etimologia > das palavras < que
ms2 português>, e que nos esclarecem tanto < como
ms2 se * tomava * por
ms2 luta * “*Agonia* quiere decir *lucha*. *Agoniza* el que vive *luchando*, *luchando* contra la vida misma. Y contra la muerte.” * E

contra a morte.”(16) E essa luta é a que surge da dúvida, “a santa, a doce, a salvadora incerteza, nosso consolo supremo”, — que o acompanha para sempre e de que não deseja separar-se.

185.Sobre a imortalidade da alma:

“A finalidade da vida é produzir-se uma alma, uma alma imortal. Uma alma que é a própria obra. Porque ao morrer deixa-se um esqueleto à terra, uma alma, uma obra à história. Isto quando se viveu, isto é, quando se lutou com a vida que passa pela vida que permanece.”-”Aquele que faz de si uma alma, o que deixa uma obra, vive nela e com ela nos demais homens, na humanidade, tanto quanto esta viva.” É assim que muitos chamam seus livros de filhos, pois, de certo modo, é como eles perpetuam a espécie. A muitos deles certamente se aplicam estas palavras que Unamuno diz sobre “monges e monjas”, sobre os solitários de ambos os sexos que “sofrem porque sua carne, a que conduz o espírito, não se perpetue, não se propague.”

186.Neste livro de Unamuno encontro referências a Dostoiévski. É sempre grato saber-se até que ponto, quais os pontos em que nossos autores prediletos se reconhecem, se cruzam, exprimem as mesmas idéias ou falam uns dos outros. Lendo agora, por assim dizer, paralelamente ambos os escritores, encontrando no *Diário de um Escritor* o maravilhoso conto que é *O Sonho de um Homem Ridículo*, recordando toda sua obra, estamos com Unamuno que diz ser Dostoiévski “um cristão desesperado, um cristão em agonia que escreveu nos *Irmãos Karamazov* um Evangelho.” No *Diário* encontra-se, por exemplo, o seguinte, que coincide com Unamuno: “Quando se é forte, ama-se a força, e quem crê é forte; ora, nós cremos e, melhor ainda, queremos crer”(Dobroliubov - ou o que é a arte). Refiro-me ao final da frase: melhor ainda, queremos crer; aonde fica expresso o

ms2 dúvida * “la santa, la dulce, la salvadora incertidumbre, nuestro supremo consuelo”(S.T.V.- 99) * que

ms2 separar-se> -Esta obra reproduce em forma más cálida, mucho de lo que havia expuesto en mi obra “El Sentimiento Trágico de la Vida” - diz o autor no prólogo e são muitos os pontos de ligação e contato desses dois livros, realmente. Talvez mesmo se deva ler primeiramente este, “La Agonia ...”, e depois S.F.V.. O problema da < mortalidade

ms2 alma >, por exemplo, é exposto em ambos . E em “Agonia do Cristianismo” < “A

ms2 É * por isso * que

ms2 é * assim que * eles

ms2 se * aplica o que Unamuno * diz

ms2 que * “sufrem de que su carne, la que lleva al espíritu, no se perpetúe, no se propague .” (A.C.25)* Neste

ms2 propague > También < Neste

ms2 se * conhecem * se

ms2 mesmas * opiniões * ou

ms2 outros > de acordo com nossa própria ([opinião]) julgamento < Lendo

ms2 Ridículo” > o discurso de Puchkin, e < recordando

ms2 Dostoiévski> “un Cristiano desesperado, un cristiano en agonia que escreveu nos , Irmãos Karamazov un Evangelio .”(p.144)< No

ms2 Evangelho > A obra de Unamuno não pode ser apenas lida - precisa ser recebida, e ainda me falta ler a parte final do Sentimiento Trágico da Vida.//Mas ,voltando ao que foi acima dito sobre o pensamento comum dos escritores;< no

ms2 Diário” ^ encontrei^, por

ms2 arte > - p.44< Refiro-me

ms2 frase > : melhor ainda; ao < “queremos

“cristianismo agônico” do escritor russo, baseado na dúvida, na incerteza. De Unamuno: “O e se há? E o e se não há? São as bases de nossa vida íntima.”-”O que afirme sua fé baseada na incerteza, não mente nem pode mentir²⁵.”

Janeiro, 10

187.O melhor seria que eu me esquecesse de que perdi meus manuscritos. Rousseau conta em suas *Confissões* que perdeu certa vez seus livros e algumas cousas que escrevera. Lembro-me de que me surpreendi como ele apenas se refere ao sucedido, quase sem lamentá-lo. Terá tentado reescrever alguma cousa? Wilde disse que uma obra de arte não se faz duas vezes, mas Dostoiévski queimou grande parte de *Crime e Castigo* e recomeçou....

Tijucas

Janeiro, 12

188.Devo seguir amanhã cedo para Florianópolis de onde seguirei a 14 para Porto Alegre. Despedi-me de meus tios da Joaia, pela manhã, e depois do almoço estive com Celeste no cemitério. Lá estão, no mesmo túmulo, meu pai e minha mãe, meus irmãos Egeu e Oliveirinha, e também Maria, terceira esposa de meu pai, que ele tanto amou, mais do que todas as outras, como dizia. Era jovem e bela e lhe deu dois filhos. Sempre me surpreendeu a dedicação e o carinho por meu pai, envelhecido e pobre. Morreu antes dele, como o desejava, compreendendo o que significaria ficar com duas crianças no mundo, praticamente sem recursos.

ms2 incerteza * “El ‘ y se hoy ¿’ y el ‘y si no hoy?’ son las bases de nuestra vida íntima” (S.T.V. - 100) .El que afirma su fe a base de incertidumbre, no mente ni puede mentir.” (p.159) * O

ms2 mentir” > Mas Unamuno é combatido pelos padres, como pude verificar pela oração de um professor da Faculdade Católica de Filosofia, em Porto Alegre, na cerimônia de colação de grau, em Dezembro último < O

ms2 seria * não relembrar mais esse fato* Rousseau

ms2 recomeçou...> Afimal , nada disso tem valor, e se digo tudo a meu diário é pela necessidade que sinto de conversar com alguém sobre todas, essas cousas, de apresentar minhas dúvidas. Quem sabe se de tanto eu escrever não descerá em determinado momento uma luz? Então essa luz mostrará qual o caminho que devo tomar, o que devo escrever, se posso me decidir, se a persistência está comigo< Devo

ms2 para * o apartamento 42. Sinto-me tranqüilo, hoje * Despedi-me

ms2 dizia> Com ela viveu cerca de dez anos , dando-lhe ela dois filhos, Ogê e Estela < Era ms2 pai * tão envelhecido, sem fortuna * morreu

ms2 dele * - apesar de tudo - ela sempre o desejou * compreendendo

ms2 mundo> e, considerando, talvez, uma estranha, por nós. Assim como foi, Celeste que tratou de meu pai e assistiu-lhe até o último momento, ficou com os pequenos e trata-os como filhos, como me tratava também, ao morrer minha mãe< Enquanto

189. Enquanto limpava o jazigo e olhava o medalhão com o retrato de Egeu, pensei que naquele pedaço de terra eu também estarei um dia. Pensei nisso tranquilamente, não como em criança: então eu tinha de morrer; a morte me atemorizava por não a compreender. Hoje ainda não a compreendo, é certo, mas aceito-a sem medo de sua realidade, e com muita tristeza, porque minha vida, como ela é, e pelas esperanças que nela deposito, eu a amo e não desejo perdê-la. É mesmo útil que nos acostumemos com a presença da morte, que não a temamos; antes disso, sabendo que virá, construamos a vida com essa lembrança constante da morte, pois só assim essa morte não será o aniquilamento completo. Sim, em tudo isto há Rilke e Unamuno.

ms2 limpava > um pouco < o
ms2 também ^ estaria ^ um

ms2 morrer > e quando chegava em casa, de volta do cemitério, nas cruzes fúnebres por todo o quarto, de noite e < me
ms2 aceito-a > calmamente, aceito < sem

ms2 acostumemos ^ à ^ presença

ms2 sabendo > como se sabe < que

ms2 Unamuno > esse é um dos pontos cujas palavras respondem em parte minhas angustiosas perguntas interiores. // Amanhã, pois embarcarei, e isto significa a aproximação do fim das férias. Literariamente, isto é, espiritualmente aproveitemos bem, porque com tranquilidade de boas cousas que são úteis à nossa oração (ainda que somente para a vida prática - se formos forçados a excluir o sonho). Conclui, de Unamuno < "Del

190. *Del Sentimiento Trágico de la Vida* termina com esta frase dirigida ao leitor, e que me parece resumir toda a obra, isto é, a alma de Unamuno;
"Y Dios no te dé paz aí gloria!"

ms2 glória!" > Li o pequeno volume sobre filosofia existencial, de muito interesse, como já disse, e grande parte do "Diário de um Escritor" foi por mim conhecido. O "Diário" nem sempre leio com paixão, pois muita coisa é jornalismo, política, e esse assunto nem sempre me interessa. Mas, de qualquer modo, é interessante observar como seu espírito penetrava esse sector. Pois tudo isso, pelas leituras e por ter podido me refazer satisfatoriamente quanto ao físico, sigo tranquilo e pronto para enfrentar o ano de 1951 que tão bem se iniciou < Os

Porto Alegre
Fevereiro, 21

191. Os jornais de ontem noticiaram a morte de André Gide, a 19, na França. A nota da imprensa cita ter ele sido merecedor de Prêmio Nobel, diz que morreu em presença de sua filha, e faz elogios, mas dá uma relação de suas obras em que não entra nenhum de seus grandes livros.

ms2 França > E < a

ms2 e * tece* elogios

Abril, 5

192. De nosso encontro com pessoas resulta, algumas vezes, aproveitarmos cousas cujo valor não reside apenas no inesperado. Quero referir-me a um jantar, aos assuntos de que falamos, e, particularmente, macumbas, feitiços e despachos.

193. Tento recordar-me de como eu e meu amigo chegamos a esse ponto da conversa mas não consigo. É maravilhoso como os temas de palestras se aproximam, dominam os interlocutores, distanciam-se aos poucos, ou são bruscamente substituídos por outro, em virtude de uma ligação muitas vezes inconsciente. Em geral a conversa nada mais é que trabalho de sondagem de conhecimentos, de experiências, de cultura; ou uma concessão de se faz e que nos é feita, para que nos falemos ou se possa falar daquilo que mais interessa.

194. Conteí, pois, sobre um “despacho” encontrado em Natal quando eu lá servia e que foi noticiado pelos jornais: fitas de cor, grãos de milho e feijão, um chinelo, dinheiro trocado, e um soldado chegando perto e, ante a admiração de todos os supersticiosos presentes, retirando o dinheiro e indo embora com ele.

195. Meu amigo riu e começou a história que a minha lhe sugeri: Ele e dois colegas iam de manhã para o colégio, no carro de um deles. Próximo ao portão do Instituto, pararam e ao descer viram um pacote como que esquecido à sarjeta, embrulho de papel pardo com um barbante fraco que logo arrebentou, aos primeiros chutes que os rapazes deram. Um passava para o outro como no futebol e aos poucos foi-se abrindo o pacote e apareceram uns pêlos escuros. Então, um falou:

- Isto é feitiço!

- Feitiço nada; é um gato morto.

Mas um último chute foi dado e os três meninos emudeceram. Imagino a cena, vejo o espanto nos olhos das crianças, pois quando meu amigo revelou-me o conteúdo do pacote - falando agora quase sem emoção por haver, naturalmente, relatado o fato muitas vezes - não contive uma exclamação e um arrepio me percorreu o corpo: do papel pardo rolou um feto abortado, uma criança morta.

ms2 pessoas * que de qualquer modo nos interessaram, quase sempre aproveitamos alguma cousa * cujo
ms2 inesperado > Pois isso que nos é útil seria a única ocorrência que não havíamos desejado, em que tem de invulgar. Mas quando isso acontece o encontro passa a ter valor não pela pessoa mas pelo acontecido < jantar
ms2 jantar * Não precisamente ao jantar, mas sobre o que falamos, em um amigo, ou melhor, um rapaz que me fora apresentado na véspera. E também não vem ao caso tudo o que conversamos, mas * particularmente

ms2 por * outros, a ponto de não se saber como determinado ([ponto]) assunto foi abordado! E tudo é < trabalho
ms2 sondagem > mútua < de
ms2 cultura ; > e também essa < concessão

ms2 encontrado * quando servi em Natal, que o jornal noticiou: * fitas

ms2 e > que < um
ms2 soldado * se aproximara * e,
ms2 ele * O rapaz em minha frente achou engraçado e começou também a contar uma história : * Ele

ms2 do * Ginásio, * pararam

ms2 os * meninos * deram

ms2 emudeceram * Posso imaginar claramente * a

ms2 cena, ^ ver ^ o
ms2 quando * o rapaz que, sentado à mesa comigo, contou-me tudo - * falando
ms2 sem * comoção pelo tanto que por certo já contava esse fato - * não

Abril, 19

196. E quando termina o dia e voltamos para casa fatigados, e com medo de mergulharmos em nós sem nada encontrar? Infundável troca das esperanças de ontem pelos desenganos de hoje²⁶.

Maio, 3

197. Quem ofendemos ontem, às vezes volta hoje para nossa presença. E ficamos sem poder concluir qual a intenção que traz junto a si, porque é evidente que não terá esquecido tudo. Pode-se ver nesse gesto uma demonstração de que nos perdoou, nos compreendeu. Por curiosidade ou temeridade? Terá sido para estudar e preparar uma vingança, quem sabe. Mas também pode ser por uma necessidade de humilhação: humilhar-se veladamente frente a quem por vezes lhe ensina o bem e o direito²⁷.

Maio, 13

198. Concluí hoje a leitura de um profundo estudo por Romano Guardini: *L'Univers Religieux de Dostoiévski*. É um livro denso que preciso reler. Realmente ousada sua comparação do príncipe Muichkine com o Cristo. Mas, ao mesmo tempo, pode-se compreender essa identidade se pensarmos como Dostoiévski sempre viveu envolvido pelas palavras de Jesus Cristo; de como esteve todos os anos de trabalhos forçados com um livro entre as mãos - a Bíblia - e de como essa presença constante dos evangelhos deva ter influído em sua obra.

ms2 encontrar? > Oh! < Infundável

ms2 hoje > Ter de palavras a boca repleta, de carícias as mãos transbordando... e a esperança narrando dia a dia...

ms2 concluir > exatamente sobre a intenção que a pessoa traz junto consigo. Pois * é ms2 Pode * ser * uma

ms2 nos * compreendeu e perdoou, que nos aceita assim mesmo, apesar de tudo. Pode ter voltado para certificar-se, sabendo que "não pode julgar alguém por um fato isolado, em momento anormal de sua vida." A * curiosidade

ms2 temeridade > (que sofrerá prejuízo maior) terão trazido essa alma outra vez para junto de nós. Quem pode afirmar se não voltou para nos fazer descer cada vez mais, sentindo prazer em sua própria degradação, uma vez que leva alguém consigo próprio? < Terá

ms2 direito > (Mas nesse momento sou levado a crer que é apenas curiosidade: que o remorso foi infundado. Mas não será esse necessário duplicar-se, uma vez que voltou?) Apenas um consolo: não se repetiu fato algum desagradável < concluí

ms2 hoje * esse* profundo

ms2 que ^precisarei^ reler

ms2 Realmente > notável e < ousada

ms2 Cristo * Compreende-se facilmente

, creio eu, o sentido dessa identidade, em sua possibilidade, < se

ms2 evangelhos ^deviam ^ ter

199. Com a leitura desse livro voltou-me o desejo de ler novamente toda a obra do grande escritor russo, agora que recebi suas obras completas em espanhol, e tomar algumas notas para um possível trabalho de análise para o futuro. Mas, infelizmente, não tenho a necessária capacidade de análise. Gostaria de fazer isso como homenagem a Dostoiévski e para que sua obra fosse mais lida, de onde só resultaria vantagem para quem o fizesse²⁸.

Maio, 17

200. Encontrei um soldado carregando um velho embriagado pela mão. Encontrou um policial e lhe disse: - "Stá bêbado. Levantei ele do chão lá adiante".

201. Percebi um ferimento no olho esquerdo, talvez mais acima, na sobrancelha; e o sangue gotejava pelo rosto e ia esconder-se num lenço sujo da lapela. O policial fez perguntas, mas o velho nada respondeu. Por estar embriagado ou envergonhado de si? Não saberá o que explicar quando chegar em casa e seus filhos e sua esposa o inquirirem. É possível que não os tenha. Está triste com a noite que lhe foi cruel: revelou-lhe um segredo e ele feriu-lhe a face.

Maio, 19

202. Li, ultimamente, Hermann Hesse. Lembro-me de *O Lobo da Estepe*, que foi lido em Caixas e cujo final me desagradou. Depois *Demian*, de grande beleza, mas também com um final um tanto obscuro para mim, simbólico, como se o autor não tivesse coragem de expor precisamente sua intenção. E agora *Peter Camenzind*, obra anterior a *Demian*.

203. *Peter Camenzind* é bastante lírico, conservando o lirismo como fator de unidade, a par com uma tristeza intensa de que está repleto. Mesmo quando louva a natureza e se diz alegre, deixa perceber traços de tristeza, oriunda de sua solidão e inquietude. O autor faz seu herói viver sempre e constantemente com os olhos no passado, recordando, diversas vezes, fatos e pessoas importantes na existência de Camenzind. O livro compõe-se de fatos isolados, raramente um personagem tendo ligação estreita com os demais: surgem na vida do moço, desaparecendo dela quase inesperadamente, tragicamente, como Richard, Agi, Boppi. Mas o

ms2 desse * estudo veio-me novamente o desejo de reler * toda
ms2 do * Dostoiévski, agora que recebi * em
ms2 e * fazer algumas anotações para um futuro trabalho de análise. Mas não creio ter esse espírito de análise necessário. Enfim, se eu fizer um trabalho dessa natureza não terá pretensão de descobrir nada de novo no grande escritor: a intenção seria homenageá-lo e de fazer com que, que o termine de ler, se vejo interessado pelas obras de Dostoiévski. Pois estou perfeitamente certo de que só há proveito para agir assim*
Encontrei

ms2 mão * Chama a polícia e diz: * Sta

ms2 adiante * Então percebo * um
ms2 sangue * goteja pela face e vem se esconder * num
ms2 lapela * A polícia faz * perguntas
ms2 velho * não fala * Por
ms2 si * e sem saber o que dirá a seus filhos, à sua esposa? Talvez * Não
ms2 tenha * e esteja * triste
ms2 face > A que revelamos em segundo cabe pagar-nos com uma rosa ... ou seu espinho. Sempre igual: uma rosa na mão ou um espinho na face < Li

ms2 foi * objeto de minhas cogitações quando estava em Caixas - até recorde uma carta de D.T. e outra a ele. Mas há uma parte final nesse livro que não me agradou. Pois agora tenho ouvido falar que a tradução portuguesa é muito mal feita, o que acredito. Assim, li há dias "Demian", uma * beleza

ms2 lírico > e poético e conserva isso como < unidade
ms2 tristeza * de que está cheio * Mesmo
ms2 diz * feliz ainda * deixa
ms2 autor > vive ou < faz
ms2 passado > e, várias vezes, são recordados, vírgula após vírgula, os fatos e personagens, marcantes da < existência
ms2 livro * é composto * de
ms2 tendo * ligações estreitas * com

ms2 moço * e desaparecem * dela
ms2 Boppi > A isso tudo Peter se submete

livro possui cousas muito belas, como por exemplo a cena em que morre a mãe; ou o pai de Agi preparando-lhe o caixão; ou o final de Boppi. O romance apresenta, por outro lado, abundância de detalhes exteriores, e é por isso que fica situado depois de *Demian*, que vem enriquecido de reflexões profundas, mais vividas, mais sofridas²⁹.

Maio, 31

204. Encontro no *Journal* de Gide³⁰:

1940, Out. 14 - "Aimer la vérité, c'est ne consentir point à se laisser assobrir par elle."

1941, Jan. 16 - "Me parait mériter la liberté celui-là seul qui saurait en user pour une autre fin que lui-même, ou qui exigerait de soi tel développement exemplaire."

205. Será possível, a um indivíduo que usa a liberdade para um fim alheio a si próprio, temer que a verdade o obscureça? Ou que o entristeça³¹?

Junho, 2

206. É verdadeiramente tremenda a capacidade crítica de André Gide, cuja leitura do *Diário* (1939-1942), venho de concluir³².

Noite de 5

207. Vivamente emocionado com a leitura de *Pobre Gente*, agora que atinjo a cena em que o pai, sob a chuva, acompanha o filho morto ao cemitério e lhe vão caindo as lágrimas e os livros.

Junho, 15

208. Ontem de noite iniciei e concluí a leitura de *Garcia Lorca*, por Edgard Cavalheiro (Livraria Martins Editora). Um estudo interessante mas pouco³³ adiantando ao que já conhecia sobre Unamuno e Kierkegaard.

sem, no entanto, perder a vontade e a força de prosseguir. Não creio que Comenzind tenha ficado com o "cabaret" de sua terra natal. // A meu ver Peter Comenzind permanece sempre jovem. Aliás não percebi muito bem seu envelhecimento principalmente quando ele se nega a falar sobre o tempo em que esteve em Paris - aí perdi sua idade. < Mas ms2 apresenta * muitos * detalhes

ms2 no * Diário* de

ms2 fim * além de * si

ms2 obscureça> Sim, pois as palavras nunca podem ser tomadas em sentido geral, completo: elas nunca reúnem em si o conjunto de nossas atividades. Todo aquele que ama a verdade para amá-la, não pode esperar que ela o suplante, o ultrapasse - ou perderá a liberdade. "Saber comprometer-se com e deixar embarçar". < Ou

ms2 entristeça* Concluí ontem a leitura do volume do *Diário* de André Gide 1939-1942. Pretendo ler o diário completo * É

ms2 a * parte * em

209. Miguel de Unamuno, que em passagens de suas obras chama Kierkegaard de irmão, chega a identificar-se totalmente com ele, trazendo para ambos a mesma figura de comparação:

“...minha religião é lutar incessante e incansavelmente com o mistério; minha religião é lutar com Deus desde o romper da aurora até o cair da noite, como dizem que Ele lutou Jacob.” (Mi Religión).

“...Kierkegaard, este coração tão esforçado como angustioso, que preso durante toda a sua vida de um desespero resignado, lutou com o mistério, com o anjo de Deus, como com ele outrora lutara Jacob...” (Ibsen y Kierkegaard).

Junho, 28

210. Um tanto desconcertante o pequeno estudo de Augustin Rivero de Astengo, intitulado *Sören Kierkegaard, El Buscador de Dios* - Ensaio histórico-filosófico. Segue um processo de análise que parece um eterno prólogo (ou epílogo?) - o livro terminando e começando em todas as páginas. Superabundância de citações de todo o mundo, inclusive de Kierkegaard. É desagradável, por exemplo, ler-se em um estudo histórico-filosófico que a filosofia existencial “está atualmente fazendo estragos entre os snobs” (p. 58 - Emecê Editores), como se o que anda por aí fosse filosofia.

211. Página 31 - “Cada qual é responsável por seu destino. Deus é inocente: (Platão). Sören, que desejou com veemência viver a responsabilidade de seus próprios atos, levar sua vida a pulso - forma difícil, mas autêntica, de viver - aceitou em cheio o postulado.”

212. E à página 45 - “O profeta escreveu: “Nenhuma desgraça atinge o homem sem a vontade de Deus.” Perseguido por esta idéia, aceitou sua angústia como uma fatalidade irremediável.”

213. Segundo o autor, Kierkegaard, sabendo-se único responsável por seu destino, sofreu-lhe a fatalidade.

Junho, 30

214. Muito bem conduzida e bastante esclarecedora a conferência de Tristão de Athayde sobre o Existencialismo. Simples e atraente, esse pequeno livro é uma ótima introdução ao estudo dessa filosofia. Agradou-me, sobretudo, pela posição em que coloca Unamuno e Kierkegaard. Dada a reputação extremamente “católica” que me têm feito do autor, é agradável notar-se o pouco parcialismo do mesmo. Combate Sartre, mas isto não é ser parcial.

ms2 comparação: * “...mi religión es luchar incesante e incansablemente con el misterio; mi religión es luchar con Dios desde el romper del alba hasta el caer de la noche, como dicen que con El luchó Jacob.” * Mi

ms2 este * carajón tan esforzado como angustioso, que presa durante su vida toda de una desesperación resignada, luchó con el misterio con el ángel di Dios, como luchava autório Jacob con él...” *(Ibsen

ms2 filosófico * Seguindo um “método” * de

ms2 citações > em fórmulas < de

ms2 filosofia * existencialista * “está

ms2 Existencialismo > , que venho ler em espanhol, traduzido do francês, (Segundo me consta essa conferência foi feita na França). < Simples
ms2 estudo...” * e que me agrada * sobretudo

Julho,5

215. Vejamos o que seja um paradoxo: “Proposição que é ou parece contrária à opinião comum” (Enciclopédia e Dicionário Internacional).

“Especie estraña o contraria a la común opinión. Aserción falsa que parece verdadera.” (Aristos - Diccionario Ilustrado de la Lengua Española).

ms2 parece > bem < mais

216. A primeira definição me parece mais inteligente. Não será possível modificar-se a segunda frase da explicação espanhola e dizer: “Aserción verdadera que parece falsa?” Isto vem a propósito de que Agustín Esclasans condena em Unamuno o seu gosto por paradoxos. Não me parece paradoxo, por exemplo, escrever: “No basta no mentir, sino que es preciso decir la verdad” (Verdade y Vida). Ou então: “És preciso luchar por el pueblo contra él mismo” (Los Escritores y el Pueblo).

ms2 possível * fazer uma modificação * a
ms2 da * definição * espanhola
ms2 dizer > assim < “Aserción
ms2 paradoxos . * Será * paradoxo

ms2 Pueblo). > Quantas vezes não agimos “paradoxalmente”, condenando-nos a outras atitudes idênticas às nossas. O que nos leva a agir assim? Não será o desejo de impedir que venham a se arrepender, como o fazemos em segredo? // Talvez a maioria dos paradoxos sejam apenas verdades difíceis de serem compreendidas, aceitas ou executadas. < No

Julho,7

217. No tomo III das *Obras Completas de Dostoiévski*, editora Aguilar, existe uma parte da correspondência do autor russo, relacionada com suas obras principais. É uma leitura agradabilíssima, - ainda que muitas vezes triste e penosa, quando se constata os sofrimentos do homem oriundos da luta pelo dinheiro, pela saúde, — e dela pode-se tirar, além de uma visão clara do escritor e sua vida, muitos ensinamentos de ordem técnica referentes a seus romances.

ms2 se > lê < os
ms2 homem * com a * luta
ms2 técnica* relacionados diretamente com a literatura * Na

218. Na primeira carta dessa coletânea, a seu irmão Mikail, é descrito um verdadeiro processo de criação literária em que nos fala no valor da inspiração (“sem inspiração, naturalmente, não se pode fazer nada”), e das revisões do trabalho, da cena escrita, tendo como consequência o aprimoramento do que foi executado. Desejou sempre trabalhar com tempo e calma, o que nunca conseguiu; e em outra carta, a 3a., diz: “Muito freqüentemente escrevi cousas más, muito más, pela necessidade de apressar-me e tê-las terminado num prazo fixado.”

ms2 Mikail, * traça * um

ms2 e * noutra * carta
ms2 3ª * escreve * “Muito

219. Outra coisa que chama a atenção é a extrema importância que concede ao plano para a realização da obra. Com relação a todos os livros há constantes alusões, nestas cartas, ao plano estabelecido. Falando de *O Idiota*, lamenta-se

ms2 estabelecido. * E, ([com relação]) * O

ms2 Idiota” ^se lamenta ^ a

a Maikov: “Somente minha desesperada situação pode obrigar-me a lançar mão de uma idéia ainda verde. Arriscava-me como na roleta: Talvez enquanto escreva me vá surgindo! Isto é imperdoável!” Ao mesmo tempo é notável de se perceber como se liberta do domínio que tenha exercido aquilo que já escreveu e, por uma idéia melhor, recomeça tudo, como para *Crime e Castigo*, *O Idiota* e *Demônios*. Sobre este último há uma observação interessantíssima que evidencia o poder da criatura sobre o criador: “... surgiu na novela um novo personagem com foros de ser nada mais nada menos que o verdadeiro protagonista da obra, de sorte que o outro protagonista, o primeiro (figura muito interessante, mas sem ser digna de chamar-se herói), teve de ser relegado a segundo plano.” Por esta última citação pode-se ver como o plano pode ser modificado no decorrer do desenvolvimento do tema.

ms2 imperdoável !” > Mas, < ao
ms2 que * exerce * aquilo

ms2 “Demônios” * Com relação a esse *
último

220. Dostoiévski nunca encontrava plena satisfação em suas obras. Aliás, Gide faz notar esse fato em seu estudo. Sobre *O Idiota*, por exemplo, diz Dostoiévski não estar satisfeito, que não disse nem a centésima parte do que pretendia, e acrescenta: “Mas não me faço nenhuma censura e continuo amando ainda hoje essas idéias malogradas.” E quando justifica o haver rasgado parte desse mesmo romance escreve: “Quando a alguém não lhe satisfaz seu trabalho, não é possível que esteja bem.” No entanto, há sempre amor pelo que planeja e executa, como no caso de *O Demônio*: “A idéia da novela é tão boa e importante, que ante ela tiro o chapéu”: ou, “Confio no êxito. Com efeito, quem se põe a trabalhar, sem esperanças de êxito?”

ms2 nunca * estava plenamente satisfeito com
sua obra. * Aliás,

ms2 parte * de “O Idiota”, diz” * “Quando
ms2 bem * Mas há sempre esperança e *
amor

ms2 êxito * No que se refere ao * “O

221. Ainda no tocante a *O Idiota*, há informações muito interessantes. Escreve longas cartas a Maikov e sua sobrinha Sofia, a quem dedica especial carinho, falando-lhes na “idéia fundamental”, qual seja a de apresentar um homem verdadeiramente perfeito e belo. Fala então num personagem de Victor Hugo, de Dickens, no Don Quixote, a quem confere a qualidade de mais perfeita figura de literatura cristã, e refere-se, de um modo especial, a Cristo: “Só há no mundo uma figura positivamente bela: Cristo.” Ao ler essa carta, lembrei-me que achara até certo ponto ousado o haver Romano Guardini, em seu livro *L’Univers Religieux de Dostoiévski*, comparado o príncipe Muichkine a Cristo: agora, no entanto, é o próprio autor que nos autoriza a isto. Em outra carta a Maikov, mostra-se perfeitamente cômico do valor desse romance, pelo que encerram a quarta parte e final, de que escreve: “seu final é o mais importante de toda a novela, que, na realidade, somente em vista dele se pensou e escreveu. Porém, depois disso, ainda diz, com relação aos defeitos que reconhece no grandioso romance: “nem a mim mesmo

ms2 cartas > expondo a idéia < a
ms2 a * que * dedica
ms2 carinho > a que fala < na

ms2 escreveu”. * Mas, * depois

se me escapam; tão enfadado estou comigo mesmo por isso, que de bom grado haveria escrito uma crítica sua.”

222. Dostoiévski sentia sempre a necessidade de escrever em sua terra, voltando várias vezes a essa idéia, se não me engano observada por Henri Troyat. Assim, quando pretende iniciar *Demônios*: “Tenho algumas idéias, mas me falta a Rússia”; ou, “Não posso escrever uma linha longe de minha terra, creia você”; e ainda: “Sem a Rússia não posso escrever”. Pois ele, sendo e sentindo-se tão russo e vivendo na Europa Ocidental, talvez temesse desvirtuar os personagens, isto é, não apresentá-los com caracteres particularmente russos. Mas hoje todos reconhecem a universalidade de sua obra.

ms2 terra, * volta * várias
ms2 Troyat, * como * quando

ms2 ele, * russos como era e se sentia temor,
* vivendo

223. Nesta coletânea de cartas há uma de Strakov a Dostoiévski que me parece o mais perfeito julgamento desse escritor. É de uma precisão que bem patenteia a visão crítica de quem a escreveu. Diz, em certa parte, que no tocante à riqueza e diversidade de idéias é o primeiro na Rússia e que, ante ele, Tolstói é monótono. Pouco adiante acrescenta: “Um francês ou um alemão hábil haver-se-ia tornado já célebre em ambos os hemisférios com a décima parte de sua substância, e brilharia como astro de primeira grandeza na história da literatura mundial.” Com efeito, uma vez conhecida sua obra, não foi o que aconteceu? - Maikov preocupa-se com o público, com o sucesso e procura das obras, fatores que deviam ser levados em conta, pelo autor, já que vivia desse trabalho. Recomenda uma trama menos complicada, menos figuras menos cenas. Mas acrescenta: “Compreendo que com isto toco já em um grande mistério, que lhe dou um conselho absurdo: o de que deixa você de ser você mesmo, que deixe de ser Dostoiévski.”

ms2 julgamento * da obra de D. * É

ms2 monótono * ([Um]) depois * acrescenta

ms2 obras > que , afinal, tinham de < ser
ms2 autor * que delas viviam * desse

224. Ainda quero anotar algo mais sobre o que talvez se possa chamar de processo de criação literária e consciência artística.

ms2 talvez * pudesse ser chamado de *
processo

225. À sobrinha Sofia, escreve, temendo pela grandiosidade da idéia de *Demônios*: “A idéia é forte e rica. O mal é precisamente este, que sempre a empreendo com temas demasiado grandes para mim. O criador supera em mim o artista, e isso não está bem.” Mais tarde, a Strakov: “A força da inspiração poética é sempre superior, como no caso de Victor Hugo, aos recursos artísticos. Até no próprio Puschkin se advertem vestígios dessa desarmonia.”

ms2 A ([sua]) sobrinha
ms2 escreve > Dostoiévski < temendo

226. Sobre realidade e realismo:

“Tenho minhas idéias próprias sobre criação em arte, e aquilo que os demais qualificam de quase fantástico e excêntrico, constitui para mim, muitas vezes, o mais característico da

realidade.” - “Tenho da realidade e do realismo uma idéia muito diferente da de todos os nossos realistas e críticos. Meu idealismo é mais realista do que o seu.”

227.E, finalmente, esse trecho maravilhoso em que fala a Maikov sobre inspiração. Dostoiévski esperava que lhe viesse a disposição para escrever, a fim de poder conseguir um pouco de tranqüilidade, pagando suas dívidas com o que apurasse de seu trabalho. “Tinha tanto mais esperança de que assim fosse quanto em minha cabeça e no meu coração começavam a despontar germens de idéias artísticas e a dominar minhas sensações. Mas a coisa ficou em botão, enquanto que o de que necessito é uma verdadeira encarnação, que sempre surge inesperada e súbita, de modo que momentos antes não havíamos podido suspeitá-la; somente quando em nosso interior coagula-se um quadro completo é que podemos passar a dar-lhe forma artística. Somente nesse caso se pode contar, sem medo de equivocarse, com um êxito.”

Julho, 10

228.De Unamuno em *A um Literato Jovem*: “Os diários íntimos são os inimigos da verdadeira intimidade. Matam-na. Mais de um que se dedicou a seu diário íntimo começou apontando nele o que sentia e acabou sentindo para apontá-lo.” Isto se aplica a mim principalmente no que se refere ao desejo de comentar as obras que leio. Muitas vezes sou levado a ler apressadamente para aqui registrar minhas impressões, e acabo por não assimilar como pretendia. Passou-se isto com os *Cinquenta Poemas* de Rilke, tradução para o francês de Claude Vigée (Librairie Les Lettres) - cuja leitura terminei hoje pela manhã.

229.A poesia de Rilke não pode ser definida em poucas palavras, em palavras que não tenham amadurecido com o convívio de suas idéias. Procurei nesse volume a presença da infância, da solidão, da morte, e encontrei muito também do anjo e de Deus. Anotarei passagens em que aparecem esses temas, sem tentar descobrir as intenções do poeta: pois poderia até invertê-las, e essa deformação estaria longe de minha intenção.

ms2 realidade” > (A Strokov) < “Tenho

ms2 E, * afinal, * esse

ms2 fala \ sobre a inspiração, para Maikov \ Dostoiévski

ms2 Unamuno * algo bem interessante sobre os diários íntimos: condena-nos e diz que sabe de alguém que “começou apontando no diário o que (pensava) sentia e acabou sentindo para apontar”. Creio aplicarem-se a mim essas palavras (e temo que se aplique totalmente). E que muitas vezes começo a ler um livro, e aos poucos vai-me dominando o desejo de comentá-lo, citá-lo em meu diário, e por isso sou levado a concluir a leitura de uma só sentada; e vou ficando cansado e acabo por não assimilar tanto como gostaria. Ainda ontem se passou isso quando lia * os

ms2 manhã > ,já bem descansado, o que nos traz bastante proveito. E agora penso: o que direi sobre o livro? É uma coletânea de poemas de alguns de seus livros (*Le Livre D’heures*, *La livre D’Images*, *Nouveaux Poems*, *La Vie de Marie*, obras póstumas), mas a obra desse poeta não se pode definir < em

ms2 idéias > (em que fazem mergulhados os seus sentimentos) < Procurei

ms2 nesse * livro * a

ms2 que * um pouco de, tudo isso aparece - e por me haver impressionado - * sem

230. Infância (pp. 25-27):

“Mais le soir em silence, à pas menus et roides, rentrer à la Maison, bien tenu par la main: O toujours plus inconcevable monde em fuite, ô angoisse, ô fardeau.”

“O enfance, ô déroutante parallèles, vers où? Verbs où”

231. Solidão.

Numa das “Cartas a um poeta”, Rilke escreve: “A solidão é una, e, por essência, grande, pesada e difícil de suportar”; mas acrescenta também, pouco depois: “Uma só coisa é necessária: a solidão, a grande solidão interior.”

No poema “Solitude” (31), Rilke dá um belíssimo tratamento a esse tema, tomando para imagem de equivalência a chuva. Segundo essa poesia, a solidão é levada para o céu, “que sempre possui”, e de lá, depois de haver subido do mar, das planícies perdidas “Elle pleut sur le monde aux heures indécises, lorsque vers la matin se tournent les ruelles et quand les corps qui ne trouvèrent rien se lâchent et retombent attristés et déçus.”

232. A Morte

Agrada-me como Rilke interpreta a morte: como algo que por ser inevitável deve ser aceito docemente, sem temor e sem desprezo. Em “La Chanson de la Veuve”, no entanto, a morte não é esperada pacificamente: “Je la voyais venir (comme elle était mauvaise)”; mas certamente é porque “la veuve” não sabia o que era a vida e só muito tarde verifica que “Le destin ne veut pas seulement le bonheur, / il veut qu’on lui rende et la souffrance et le cri”. No poema “Epilogue” a morte atesta sua presença constante, e dela somos fiéis: “La mort est grande. / Nous sommes ses féuax / à la riante bouche. / Lorsque nous nous croyons au plus vif de la vie / elle ose tout à coup / pleurer au fond de nous.”

233. Os Anjos

De um modo estranho se manifestam os anjos nestes poemas. Em “Annonciation”, por exemplo. (Eu disse que não tentaria interpretar, mas sou levado a dizer que o anjo que anunciou a Maria não se desfez de sua tristeza e como que mais se entristeceu com a missão que lhe foi confiada.) As palavras e sentimentos que Rilke concede a seus anjos estão muito longe do que se poderia esperar deles, segundo a concepção católica destes entes. Parece haver ciúme no anjo que traz a mensagem: “Tu n’es guère plus près de Dieu que

ms2 Infância > “O solitude, ô si loid passa - tempes...// O temps d’étran gaté,ô passe - temps, //ô solitude .// O denil vent de saison, ô sange, ô eponnante, // ô profondeur sans fond. < O toujours

ms2 où > São , com exceção do primeiro verso , dois a dois, os versos finais de cada estrofe do poema Infância, repleto de tristeza pelo que vai pedindo e vivendo e esperando < Solidão

ms2interior > Aqui nessa coleção de Poemas, Rilke apresenta também a solidão. Eis como a trata, por exemplo, < No

ms2 “Solitude” * em que a imagem tomada para equivalente à chuva, nos penetra intensamente * Segundo

ms2 Segundo * esse belo poema, * a

ms2 Agrada-me * imensamente a idéia que Rilke fez da morte , ou melhor, como tentou encará-la : * como

ms2 docemente >, uma necessidade , que cada um viva sua própria morte, < sem ms2 Veuve” * entrevê-se esta morte que se aproxima. O s versos que me parecem marcantes * “Je

ms2 cri > E noutro < poema

ms2 “Epilogue” * encontra-se a morte presente em toda nossa exuberância * Livros

ms2 Anjos ([Muitas vezes]) De

ms2 De * uma maneira * se

ms2 não * interpretaria * mais

ms2 tristeza * para trazer a notícia e como que se entristeceu , mais ainda. Ele diz: “Vois : je suis l’être dès gènesis. “Mais seule tu es l’arbre.” Depois acrescenta ,depois de haver dito que o que lhe vai acontecer só o concebeu, só o saberá compreender em sonhos, acrescenta : “ Maintenant je lê sus, ma parole em toi - même comme en la forêt se perdit.” Depois de haver dito: “Si plums d’angoisse sont les anges” * As

ms2 Rilke * emprestou um sentido muito diverso daquele da Igreja, sentimentos que não imaginamos facilmente que os possuam * Tu

nous; / nous sommes tous distantes de lui. / Mais cependant te sont de merveilleuse sorte / les mains bénies.” E como interpretar esses versos de “Naissance de Marie”. “Ah combien em dut-il alors coûter aux anges / de ne pas exulter soudain comme on sanglote / car ils savaient: dans cette nuit va naffre / una mère à l’unique enfant tôt à paraître.” Talvez se possam explicar estas palavras, concedendo tais sentimentos aos anjos por saberem eles de antemão o sofrimento de Maria pela morte de seu filho. Com efeito, o anjo de Anunciação dirá também: “Si pleins d’angoisse sont les anges ...” Mas, no poema “Les Anjes”, aparece novamente algo que desconcerta: “Et une nostalgie (peut-être du péché) / quelque fois dans leur songe passe.” E, por fim, em “Le Jardin des Oliviers”, no desespero de que ficou “só com a dor de todos os homens”, o poeta indaga porque viria um anjo assistí-lo? — “Les anges ne vont pas chez de tels suppliants.”

Uma visão de Deus,

234. Do soneto “Le Prisonnier”:

“Et ce qui fut Dieu ne serait que ton geôlier qui dans le dernier trou fourrerait Měchamment son oe il plein d’immondice. Et pourtant tu vivrais.”

Julho, 17

235. Creio que uma das razões por que não me empenhei a fundo para a publicação de meu livro de contos é que, à certeza do insucesso, prefiro a incerteza do sucesso.

Julho, 29

236. Estranha e absurda deve parecer a muitos a história de *O Imoralista*. De ontem para hoje reli este livro tão fundamental no conjunto da obra de Gide, e tão importante no conjunto da literatura moderna. Pode-se perfeitamente observar e estudar a evolução do problema fundamental de Michel, da eclosão à explosão, e como ela se processa, por assim dizer, logicamente.

237. Há em todo o livro, ou pelo menos a partir do momento em que o herói começa a se reconhecer, a preocupação constante da liberdade, o temor de perdê-la, o desagrado por vê-la restringida. Em virtude dela, e de como empregá-la para recolher a satisfação em seus atos, vemos suas ações agrupadas em duas classes: ações próprias e ações de conveniências. São próprias todas aquelas que têm relação íntima com o problema que o atormenta. Não digo que sejam ações de convicção, mas são as que decorrem de si mesmo, de seus desejos mais próprios. E ações conveniências são os

ms2 bénies * Ainda no poema “Naissance de Marie” apresenta o poeta uma estranha visão dos anjos : * Ah

ms2 fundo * mas * publicação

ms2 da \ moderna literatura \ * É maravilhoso poder-se * observar

ms2 São > ações < próprias

ms2 próprios * Ao * ações

demais fatos que o livro encerra, aliás perfeitamente dosados, relativos a seu interesse pelo trabalho intelectual, pela esposa, pela terra (fatos esses que se vão aos poucos transformando); são ações decorrentes da necessidade de afirmar sua personalidade, justificá-la perante o meio que frequenta. Talvez deva ser posta num grupo à parte a “noite de amor verdadeiro” que se seguiu à defesa da esposa contra o cocheiro. Mas, levando-se em conta a luta, a vaidade da vitória, e de todo o complexo de sentimentos daí resultante, é ainda possível reuni-la ao grupo das ações de conveniências. Mas o herói acredita-a sincera.

ms2 aliás * muito bem * dosados
 ms2 dosados, * de * interesse
 ms2 pelo > seu < trabalho
 ms2 que \ aos poucos e vão \ transformando
 ms2 ações * resultantes * da
 ms2 afirmar * a * personalidade
 ms2 justificá-la * decorrentes do meio e das circunstâncias * Talvez

ms2 vaidade > resultante < da
 ms2 sentimentos, * talvez possa-se ainda reunir mais essa ação como sendo de conveniência * mas

238. Considero pontos altos do livro as entrevistas com Menalco, esse personagem de Wilde, talvez o próprio Wilde. Nele existe todo o cinismo que se encontra em peças como *O Marido Ideal*, ou ainda melhor: *O Leque de Lady Windermere*. Essas entrevistas são como que uma crítica ao livro, que o autor julgou necessário anexar para esclarecer atitudes e incidentes. São bem definidas e diferentes os três principais encontros: no primeiro, cinismo e segurança por parte de Menalco (“Não posso exigir de cada um as minhas virtudes. É já tão agradável encontrar nos outros os meus vícios.” - “Tenho horror ao repouso; é a posse que o provoca, e na segurança a gente adormece; gosto bastante de viver para querer viver acordado...”). No segundo encontro, Menalco mostra-se um tanto inquieto, e pede a presença de Michel. O último é francamente aflito e triste (“Estava pálido e parecia um pouco crispado”. - “Menalco inclinou-se para o fogo, como se quisesse esconder o rosto”. - “Um homem crê que possui e é possuído, continuou”. - “Que cada instante leve tudo o que trouxe”). Menalco é o que Michel será; é o ser para o qual tende Michel, e este, ao compreender isto, irrita-se: “Essas palavras que precediam demasiadamente meu pensamento”; ou: “Não que elas me revelassem qualquer cousa nova - mas porque punham a nu bruscamente o meu pensamento; um pensamento que eu cobrira com tantos véus que quase conseguira sufocá-lo”. Michel ainda lutava, portanto, contra si mesmo. Depois da entrevista irrita-se “por não ter sabido responder-lhes; por ter dito palavras que poderiam fazer com que ele duvidasse da minha felicidade, do meu amor.” E disso tudo ele próprio duvidava.

ms2 Nele * há * todo

239. Talvez os traços essenciais, relacionados com o seu problema, com o problema de herói de *O Imoralista*, sejam os seguintes, na ordem em que vão surgindo no livro (Edição Globo, 1947): inicialmente o que lhe interessa no menino Bachir: a visão da carne (nota que está nu sob o Albornoz, tornozelos e pulsos delicados, o braço e o ombro que se descobrem - o desejo de tocar-lhe o ombro); depois a necessi-

dade da presença do menino (pg. 33). Um pouco adiante, passa a irritar-se com a presença da esposa, pelo excesso de cuidados que lhe dispensa. Ou deve ser visto nessa atitude apenas as conseqüências da doença de que está acometido? - Na página 44 há um traço bem claro: é o que diz depois de haver encontrado Ashour: “Por mais gracioso que Bachir me parecesse, conhecia-o bastante agora e sentia-me feliz em variar.” Seguem-se fatos bem esclarecedores: a cena em que se deixa roubar (a tesoura), o cuidado que passa a dispensar ao corpo, os banhos de sol para transformar a cor da pele que um dia encheu-o “de vergonha e de lágrimas.” Mais tarde não mais sentirá isso, pelo contrário, vai olhar-se com alegria. E chega a cortar a barba, a fim de “manifestar exteriormente a mudança íntima de meu ser”, explica ele (65), sentindo ao cair da barba que arrancava uma máscara.

ms2 lágrimas * Depois * não

240. Na segunda parte do livro, conta o herói seu interesse por Carlos, filho do velho Bocage. Sente-se bem, perto dele, e, na descrição da pescaria, não lamenta a ausência de Marcelina, a esposa (83). No ano seguinte vai aborrecer-se ao vê-lo voltar (a necessidade de variar). Outro fato: ao ouvir Menalco falar, repetir tudo o que já havia dito a Marcelina, interrompe-o e procura destruir seus argumentos, o que corresponde, pois, a contrariar a si próprio. Falta de convicção? - faz jogo de seus inimigos, para pôr à prova a certeza do outro em seus argumentos. Fala também que em seus trabalhos os historiadores censuravam “uma tendência a generalizações muito rápidas”(101), norma que, se em cultura pode manifestar falta de conhecimentos, na vida prática conduz a uma satisfação bastante perigosa.

ms2 perigosa > Um pouco adiante < Michel

241. Michel conta como lhe eram desagradáveis as visitas que vinham à fazenda, obrigando-o a “sair de casa com mais freqüência”. A elas, preferia a presença dos trabalhadores, não para fiscalizar os trabalhos, confessará, mas para ver os homens. “Minhas terras, devo confessar, não me interessavam tanto como os homens que nela trabalhavam” (128). No prazer que sentia junto às pessoas de nível mental inferior pode-se ver sua possibilidade de, nesse meio, sentir-se mais seguro, menos espionado - pela ascendência sobre eles. Mas Michel justifica como sendo por saber o que os outros diriam, ao passo que os trabalhadores lhe davam uma sensação de novidade. Mais tarde, já no final do desenvolvimento de seu “sentimento particular”, dirá que “a sociedade da pior gente era para mim uma agradável companhia”. Carregadores, vagabundos, marinheiros - lembra Walt Whitman.

ms2 confessará > depois, < mas

ms2 trabalhavam * Nesse * prazer
ms2 mental * mais baixo * pode-se
ms2 ver * talvez, a possibilidade dele, * nesse

ms2 por > já < saber

ms2 particular” > ele < dirá

242. Outro traço característico em Michel é a decepção experimentada por haver Bocage despedido um dos emprega-

dos por embriaguês e que “era bastante bonito, nada estúpido, mas levado unicamente pelo instinto”. Um tanto paradoxal, sentir-se prejudicado por um ato que se vê forçado a reconhecer justo e praticado em seu benefício. É que sente um certo prazer em ser ludibriado (o caso da tesoura, depois os laços — em que a conivência com ações reprováveis faz com que se estabeleça um pacto entre os infratores de leis diferentes - a espera do perdão nascido da tolerância, da “compreensão interessada”).

ms2 empregados * que se entregava mas * que

243. Bastante imoralista é também o sentir prazer fazendo com que uma criança, Bute, conte-lhe tudo o que de sensualmente sórdido se passa em casa da família dos Heurtevent. Com uma pessoa em identidade de condições consigo própria o prazer seria menor: é o gosto pelo perverso. Destruir o que considera são e digno. Dirá mais tarde: “Como as profissões honestas embrutecem!”(163).

ms2 que > ele < sente

ms2 o > fato de < sentir
ms2 prazer * em fazer * uma
ms2 Bute * contar * tudo

244. Se em Michel existe prazer em ser ludibriado, em ser prejudicado, talvez maior ainda seja seu gosto em ludibriar e prejudicar os outros. Permite e auxilia o roubo para ver alguém descer mais do que ele. E sempre o sentimento de sua própria salvação: “Bem! Estou salvo”. “Ele crê que Bute é o único culpado, a incrível verdade lhe escapa”. Ouve Bocage dizer que Bute roubou e mentiu, mas, para salvar-se, cala o que sabe. (Jean Louis Barrault, em artigo sobre André Gide, disse que ele sabia comprometer-se sem se deixar embarçar).

ms2 que > se < considera

ms2 prejudicar * aos demais * Permite

ms2 ele > próprio < E

245. Outros fatos característicos da personalidade de Michel: a inquietação, a necessidade constante de mudar de cenários; o amor pela noite e por podê-la atravessar sem destino certo.

ms2 por * atravessá-la perambulando * Na

246. Na terceira parte as manifestações são claras. Exemplo: o beijo que dá no cocheiro italiano, “belo como um verso de Teócrito.” Já então sente-se sem forças para lutar contra si. Sobre o constante desejo de viajar, não tem melhor argumento de que este: “Um demônio mais forte me arrastava...”(153). E quando vê sua esposa que sofre, tem momentos de desespero: “Ah! Talvez ainda seja tempo ... Não poderei parar, finalmente?”

ms2 claras > Como por < Exemplo

ms2 então \ ele se sente \ sem

247. Gide escreve à página 98: “Não se pode, ao mesmo tempo, ser sincero e parecer sincero.” É que a personalidade de Michel é profundamente inconstante: ele deseja da mesma forma, com a mesma sinceridade, o que deplorou no momento anterior. Resolve, em certa altura, para ser agradável, atraente, necessário, convidar Moktir a embarcar para Touggourt E diz, em seguida: “E vem-me, de repente, o de-

ms2 Resolve, * por exemplo, * para
ms2 necessário; > resolve < convidar
ms2 Touggourt.> E escreve, ou melhor, < diz

sejo de ir a Touggourt.” (164) . Comprometeu-se assim, quase gratuitamente (não foi gratuitamente porque espera tirar um proveito pessoal dessa presença); e arrepende-se logo depois, angustiando-se com a pergunta - “Não poderei parar?”

ms2 foi * gratuito * porque
ms2 arrepende-se * : pois é poucas linhas
abaixo que se angustiava * com

248. Ao final sente-se uma piedade extrema de Michel, que se deixou dominar completamente, antes de chamar os amigos que o escutam. “Arranquem-me daqui; não o posso fazer por mim mesmo”. - “Desejaria começar de novo.” E Michel quer que lhe dêem razões de existir e crê dever provar a si próprio que não ultrapassou o seu direito - pois não está cansado de seu crime.

ms2 extrema * por * Michel

249. É perfeita a maneira como se desenvolve o processo psicológico de seu sentimento estranho e particular. E fica melhor provado essa correção no fato de haver reunido seus amigos e falado tudo, nessa dolorosa auto-flagelação. Lembro-me de Dostoiévski em *O Espírito Subterrâneo* : - “Nós, habitantes do subterrâneo, precisamos ser refreados. Podemos guardar segredo durante quarenta anos. Mas, se abriremos a boca, falamos, falamos, falamos...” Michel saiu do subterrâneo para falar a seus amigos.

ms2 particular > de Michel < E
ms2 reunido > eles < seus

Agosto, 8

250. Não é bom despovoar de sonhos o pensamento. A realidade é fria demais, para ser aturada só. Talvez fosse bom que eu provocasse o retorno daqueles estados sentimentais³⁴ que possibilitavam a realização da idéia de meus contos.

Setembro, 7

251. Finalmente hoje, e casualmente, veio esclarecer-se tudo. Ainda não comparei os dois textos completamente mas desde agora preciso dizer do absurdo que considero tudo isso, e da revolta que senti ao descobrir que fui ludibriado. Trata-se de *O Espírito Subterrâneo* . Lembro-me da absurda discordância entre o que figura como sendo as I e II partes, na tradução de Rosário Fusco (Ed. EPASA), feita segundo o texto francês de E. Halpérine - Kaminski. É uma tragédia não se pode ler no original. O que consta como sendo a I parte, nesse livro desonesto, nada mais é do que a novela escrita em 1847, *La Patrona* , e a suposta II parte é que tem algo a ver com *Memórias del Subsuelo* , escrito tão somente em 1864, isto é, cerca de 17 anos depois; (Datas e títulos conforme constam o tomo I das Obras Completas de Dostoiévski, Aguilar Ediciones, 1949; onde se encontra, à pág. 86, 1a. coluna: “En la presente traducción se ha guardado una fidelidad absoluta al texto ruso, hasta en la puntuación. No se ha omitido ni escamoteado nada. Se ha respetado es-

ms2 original > “Tradutore, traditore”, Pois o < que

crupulosamente la integridad del territorio dostoiévskiano.”)

252. Portanto, devo ler novamente, ou melhor, devo ler afinal as *Memórias do Subsolo* .

253. Comparemos as traduções de *La Patrona* com essa I Parte que resolveram chamar de *Katia* . Vejamos somente a primeira linha, a primeira frase de cada capítulo:

“I - Aunque mal de su grado, no tuvo outro remedio Ordinov que buscarse de nuevo alojamiento.”

“ - Afinal, Ordinov decidiu mudar de quarto.”

“II - Le palpitaba el corazón con violencia, que delante de los ojos le bailaban unos puntos verdes, y de cuando en cuando le acometían vértigos. Le dolía la cabeza.”

“ - O coração batia-lhe tão forte, tinha a vista turva e a cabeça à roda.”

“III - Pasaron la noche entera, muy llenos de agitación, a la cabecera del enfermo.”

“ - Foi uma noite angustiada.”

As frases iniciais dos três últimos capítulos aproximam-se mais da realidade. Mas o que haverá em tudo o mais!

254. Vejamos agora as *Memórias do Subsolo* e a *II Parte* . Inicialmente aparece um título: Lisa. E começa por uma espécie de prólogo que, naturalmente, O “traditore” julgou necessário acrescentar para a boa compreensão dos leitores: mas tudo se passa como se fosse de Dostoiévski.

255. Enfim, enfim, nunca li Dostoiévski...

ms2 Dostoiévski > Set. 24 - Senti hoje um desejo imenso de voltar à minha simplicidade e inocência de outrora. Ou não terei nunca sido simples, inocente bom? Mas eu era tímido, tenho certeza disso, e talvez o que chame de simplicidade e inocência nada mais fosse que timidez: ou parecia uma coisa por incapacidade de ser a outra? No entanto, hoje percebo claramente que essa timidez cedeu lugar à ousadia, ao desafio, mesmo, em que, desesperado, procuro identificar-me com a minha verdadeira natureza. Compreendo estar me compreendendo, me prejudicando, pela satisfação transitória, fugaz de um “ato de liberdade.” < Até

Setembro, 24

256. Até que ponto estarão ligados os conceitos de revolta e liberdade? Creio que ambos ligam-se diretamente ao desespero³⁵. Há uma espécie de revolta que nos dá uma liberdade ilusória: solta amarras para nos atirar ao poder dos ventos. De que nos servirá levar vinte anos construindo um balão se quando o soltarmos não poderemos fazê-lo voltar a nossas mãos? (Ou construirmos com a ignorância dessa evidência?)

Outubro, 7

257."Las naves están quemadas,
vedado el camino del regreso!"

258.(Poesia, e muito bela. São palavras de Leon Chestov em *La Filosofia de la Tragedia* - Emecé Editores). Ainda mais: "É preciso avançar, ir adiante, em busca de um futuro desconhecido e sempre terrível. E o homem avança quase sem se perguntar o que o espera. Os sonhos de sua juventude, que se tornaram irrealizáveis, começam a parecer-lhe falsos e enganadores; e arranca de si, com ódio e crueldade, tudo aquilo em que acreditou outrora, tudo o que outrora havia amado³⁶".

ms2 e * da mais pura, essas * palavras

Outubro, 15

259.Leon Chestov pretende reduzir Dostoiévski ao seguinte:

"E assim, tudo o que há na vida de monstruoso, de ignominioso, de difícil, de doloroso, tudo o que nela existe de problemático, encontra em Dostoiévski um campeão ardente e poderoso. Como se o fizesse expressamente, abate sob seus pés, ante nossos olhos, o talento, a beleza, a juventude, a inocência. Existem nas novelas de Dostoiévski mais horrores que na realidade³⁷".

ms2 reduzir > o egoísmo toda a filosofia de Nietzsche, uma frase que em russo fleugmático dirigiu a seu companheiro que se afogava: assim como reduz. < Dostoiévski

260.Mas não pode deixar de acrescentar:

"E quão admiravelmente, com que maestria estão descritos esses horrores! Nenhum de nossos artistas soube pintar tão bem o amargor do ultraje e da humilhação".

Novembro, 7

261."Quem te perturba? Quem estremece teu coração? Quem bateia ao trinco de tua porta? Quem te chama da estrada sem, no entanto, entrar pela porta aberta? Ah! É precisamente aquele que perturbas, aquele cujo coração estremece, aquele à porta do qual bateias, aquele que chamas da estrada e pela porta do qual não queres entrar".

Kafka - *Journal Intime* (Bernard Grassett)³⁸.

Novembro, 8

262.Até que ponto pode-se acreditar na sinceridade de uma pessoa? Muitas vezes, quando ela diz:

- Dou minha palavra de honra que nunca fiz tal coisa, - talvez esteja dizendo para si mesma:
- Empenho a mim mesmo a minha palavra: jamais revelarei

que fiz isso.

Novembro, 9

263. Quando o carro começou a fazer a curva para sair do aeroporto, a angústia da separação caiu dentro de mim de repente, como inesperadamente uma estrela risca de luz o céu noturno. Pensei, então, que talvez ela volte; foi meu desejo, desejo que se não comunica a ninguém para que se cumpra, como quando corre uma estrela. Mas o rastro dessa angústia ainda persiste, e todas as estrelas cadentes já recolheram os seus.

Novembro, 10

264. Ainda Kafka:

“A ti é permitido afastar os sofrimentos deste mundo, isso responde à tua natureza; mas talvez o fato de afastá-los de ti seja o único sofrimento que possa evitar³⁹”.

Novembro, 20

265. Dentro em breve irei embora. Como significa pouco, e quanto significa! Sinto desde já saudades destas paredes de um verde desmaiado, das colchas ouro-velho e do tapete cor de sangue. Sinto pena dos meus livros que talvez se percam novamente. Do pé de avenca trazido por Celeste. Por que apegar-se a essas cousas todas, sem olhares e sem palavras?

ms2 sair , * é que senti a * separação
ms2 separação @ . @ Caiu

ms2 Pensei * que talvez nos voltemos a ver:
foi meu desejo, desejo mudo, * que

ms2 angústia * é muito mais longo, vivo,
duradouro que o das estrelas cadentes *
Ainda

ms2 significa! > Deixar num quarto, o único lugar onde me sinto realmente tranqüilo. Fecho a porta, leio, escrevo, ou penso, ou simplesmente durmo. Aqui recomponho minhas forças, refaço meus sonhos, penso em mim, penso nos outros; arrependo-me de meus pecados, planejo outros quando a noite desce...< Sinto

ms2 Celeste > - agora está tão verde e bonito! Por que tudo isso? < Por que ms2 palavras? > Ter de partir... Sem se saber para onde. Ou , se sabe, até quando? - é a pergunta. Depois, para outro lugar , e outros. E tanta cousas, tantas explicações, que muitas vezes gostaríamos de negar a nós próprios, temos de dá-las aos outros.// E a razão de tudo? Está em nós, está nos outros, mas na verdade, não se encontra em parte alguma. Pois , se pensamos por eles a razão está com eles. Mas se pensamos por nós ela está conosco. No entanto, procuremos distribuí-la equitativamente, e ei-la que se vai para o infinito.// Bom seria se pudéssemos dizer, simplesmente: “Je suis comme je suis.// Je suis faite comme ça// Que voulez-vous de plus.// Que voulez-vous de moi.” < O

Noite de 20

266. O que se pode dizer de *Corydon* ?

267. Julgava que se tratasse de uma obra simplesmente científica. No entanto, tem a pretensão de ser científica, e, principalmente no Segundo Diálogo, essa pretensão chega quase à realidade. Mas faltam certos elos que impedem ao autor provar a sua tese. A argumentação é, por vezes, frouxa; e me parece que toda a soma de estudos feitos pelo autor tem em mente, antes de querer converter a alguém, o desejo de convencer a si próprio, ou de provocar reações, na esperança de que, atacando-o ou apoiando-o, dessem-lhe maior convicção. Pois não creio que seja um livro totalmente franco, leal e sincero. Mas levemos em conta as palavras de Gide, ao final da carta a François Porché:

“Mais vous m'accorderez qu'il est bien difficile, où si longtemps la dissimulation fut de rigueur, d'être franc sana paraître cynique, et naturel avec simplicité⁴⁰”.

Novembro, 23

268. Tenho uma viagem planejada para os primeiros dias de dezembro. Rio de Janeiro. Gostaria que, de hoje para amanhã, surgisse o dia do embarque. É mesmo quando viajo essa impaciência me visita. De trem ou de ônibus, espero ver surgir, de repente, a cidade para onde vou, sem que seja necessário tocar em outros lugares e seguir todos os palmos do caminho. Pior ainda nas viagens de navio: pois almejo ver, na costa distante, uma cidade desconhecida de todos, que ainda não figure nos mapas. Certa vez pensei mesmo que os habitantes dessa cidade seriam pessoas de nossas relações, sepultadas no mar, e que lá estariam vestidas de algas vermelhas e azuis, com jóias de coral e mantos de escamas douradas, caminhando por maravilhosas ruas calçadas com as multicores que se engastam ao longo de nossa costa⁴¹.

Novembro, 24

269. É justo que se diga:

Espera da vida sempre o pior; e saibas que o melhor otimista é o pessimista que não se deixa abater. É preciso ter uma grande esperança, mas que ela nunca seja maior do que a

ms2 *Corydon*? > Eis um livro cuja leitura sempre transferi. Creio que data de 1948, quando, por haver lido “O Amor Interdito”, de um autor suíço, resolvi deixar esse livro de Gide para ler mais tarde: por temor confesso. / Agora, por instância de um amigo, resolvi aceitá-lo para ler, e o fiz de domingo para hoje, quando termino o Apêndice < Julgava ms2 realidade > quase completa. < Mas ms2 impedem * de deixar a tese provada * A

ms2 dezembro > Estou com a cabeça cheia de < Rio de Janeiro
ms2 Rio de Janeiro, > e meu maior desejo é que < de
ms2 embarque, > fazendo desaparecer todos esses dias intermediários. Igual sentimento quase sempre se apodera de mim nas viagens longas < De
ms2 de repente, > numa volta da estrada, < a ms2 caminho* De navio também é bastante estranho meu pensamento: * pois ms2 ver > aparecer na beira da praia da < costa
ms2 cidade > completamente < desconhecida ms2 mapas * Mas * vez
ms2 de * nosso conhecimento * sepultada ms2 mantos > feitos < de
ms2 douradas > dos peixes < caminhando ms2 caminhando * sobre * maravilhosas ms2 multicores > conchas < que ms2 engastam * por toda nossa costa marítima * É

realidade. Ter em mente, para uso imediato, estas palavras de Schopenhauer: “Não é fácil encontrar um mal sem nenhuma compensação”. Ou então lembrar-se de Kierkegaard, em *O Desespero Humano*, e de como escreve: “Porque se arrisco e me engano, seja! A vida castiga-me para me socorrer⁴²”.

ms2 Schopenhauer > que estão no mesmo período citado acima : < Não

Novembro, 27

270. Será leal escrever um livro mostrando as fraquezas de determinado escritor e prometer escrever outro de que constem suas grandezas? É o que faz Henri Rambaud em *L' envers du Journal de Gide (Le Nouveau Portique)*.

Dezembro, 27

271. Embarquei para o Rio dia 1º e regresssei a 24 para passar o Natal em casa⁴³. Comprei livros, revii amigos, fui a teatros, mas agora não estou disposto a me lembrar de nada. No entanto, não posso deixar de dizer que assisti *Luz da Cidade*. Quanto lirismo, pureza, bondade, e como destrói valores convencionais.

ms2 24, * a fim de * passar

Dezembro, 30

272. Conclui a leitura de *A Vingança de Michael Kohlhaus*.

273. A primeira vez que ouvi falar em Kleist foi quando cadete, na Escola Militar: um amigo leu o estudo de Zweig sobre o poeta alemão e falou-me cheio de entusiasmo. Passei a desejar conhecê-lo. E agora que apareceu a oportunidade, é com decepção que o faço, mas, evidentemente, não se pode julgá-lo por este pequeno livro.

ms2 foi * nos tempos de * Escola
ms2 Militar * quando * um
ms2 poeta > e escritor < alemão
ms2 alemão * Como falou-me com muito entusiasmo sempre desejei * conhecê-lo
ms2 com * alguma decepção que o conheço.
Na verdade eu fazia uma idéia bem diversa de sua alma.//Esse * amigo

274. Meu amigo julgava que o fim de Zweig e sua esposa fora inspirado na morte de Kleist e Henriette Vogel⁴⁴.

1952

Janeiro, 4

275. O ano que há quatro dias extinguiu-se, ensinou-me bastante cousas. O maior ensinamento foi, sem dúvida, este: Entre nossos melhores amigos, entre os que freqüentam nossa casa, pode encontrar-se um que nos traia⁴⁵. Quem mais intensamente poderá ferir-nos do que aquele que conhece todos nossos problemas; que acompanham todas as lutas, as dificuldades todas?

ms2 cousas > Espero que tudo isso consiga modificar-se, obrigando-me a ser mais consciente, coerente, ponderado, refletido - menos impulsivo e idiota.// Aprendi : por exemplo, que nenhum mal se pratica impunemente. Que é < entre

Janeiro, 5

276. O último livro de Charles Morgan aparecido em Português, *A História do Juiz* (Editora Globo), embora conserve alguma coisa do valor dos anteriores, é inferior a *A Fonte e A Viagem*.

277. É transparente e flébil em muitas cousas, (transparente demais), mas eu o li com bastante simpatia. No entanto, esperava coisa bem diferente quando Vivien soubesse o enorme sacrifício do Juiz para salvá-la e ao esposo. Pois não houve reação. Somente isso: “Em poucas palavras lhe relatara as circunstâncias que o tinham reduzido à pobreza”. Nenhum comentário sobre o fato. Pela simples razão de que o magistrado sentia-se feliz agora?

278. Quando cheguei às últimas páginas desse volume e verifiquei que nada mais haveria no livro, cheguei a pensar que na última página houvesse escrito: Fim do I volume⁴⁶.

Janeiro, 21

279. Acabo de ler *Solness, O Construtor*. É realmente grandioso, soberbo, impressionante, cheio de angústia e desespero. (O desejo de ser, o desespero de ser o que se é, tudo conforme Kierkegaard). Não imaginava Ibsen dessa maneira⁴⁷.

Janeiro, 23

280. Fala-se muito em luta entre o bem e o mal. Ora, para haver luta é necessário que ambas as forças pressintam a possibilidade de auto-suficiência, de independência. Quem sabe se existem unicamente em razão dessa luta; se o aniquilamento de um não será a morte do outro? (E o fim de ambos a supressão do homem). Um homem mau, integralmente mau, morrerá em virtude de todo o seu mal; o plenamente bom será destruído pelo desprezo e incompreensão alheia, pelo prejuízo que, involuntariamente, poderá causar aos demais (como Cristo).

281. Pascal pensou: “Há vícios que só permanecem em nós em virtude de outros; suprimindo-se o seu tronco, vão-se como ramos”. Talvez seja lícito dizer: O Bem e o Mal só permanecem em nós em virtude um do outro; suprimindo

ms2 “A Viagem” > que tanto me agradaram. E lamentei muito como termina este romance, pois, apesar de julgá-lo por demais < transparente

ms2 cousas , > percebi que havia bastante coisa de meus problemas atuais, e li o livro < com

ms2 simpatia * Mas eu * esperava

ms2 para * salvá- los. * Pois

ms2 o * juiz * sentia-se

ms2 páginas * desse volume e pressenti * que

ms2 haveria * neste volume * cheguei

ms2 página * aparecesse * escrito

ms2 grandioso *, tremendo , * impressionante

ms2 independência, > de viverem cada uma por si, sem se escravizar à outra. É claro, pois, que cada um tem vida própria e independente. Se lutam é por necessidade de domínio, por ambição para se afirmarem.// Terá havido alguém totalmente bom, ou totalmente mau? Não o creio. Talvez o bem e o mal existam tão somente em razão de sua luta. < o

ms2 mau * completamente * mau

ms2 bom * morrerá pela incompreensão dos outros, e mesmo pelo desprezo: o que significa: morrerá em virtude de todo o seu bem * Pascal

ms2 Pascal * escreveu * “ Há

um deles, desaparece o outro.

282. Pensou também: “Não nos sustentamos na virtude por nossa própria força, mas pelo contrapeso de dois vícios opostos, assim como ficamos de pé entre dois ventos contrários: tirei um desses vícios, e caímos no outro”. Talvez seja possível dizer: Não nos sustentamos na virtude por nossa própria força, mas pelo contrapeso de duas forças opostas, o Bem e o Mal, assim como ficamos de pé entre dois ventos opostos; tirei uma dessas forças e cairemos na outra. Ora, já vimos que o desaparecimento de uma corresponde ao aniquilamento da outra.

Janeiro, 28

283. Há alguns dias concluí a leitura de *Seis Dramas* de Henrik Ibsen, da Editora Globo.

284. Já havia bastante tempo que estava para lê-lo, mas não me dispunha. Por exemplo: em começos de 1947, ao passar por Maceió, vi esse livro numa vitrina da rua principal e estive para adquiri-lo mas desisti; posteriormente, quase me decidi a comprá-lo para presentear meu amigo R., porém, percebi que se escolhesse os *Seis Dramas* não teria coragem de me desfazer dele. Agora Maria mo deu e, finalmente, entrei em contato com Ibsen.

285. Entre os autores que aumentaram minha curiosidade em torno de Ibsen, contam-se: James Joyce que, conforme seu biógrafo Herbert Gormam, aprendeu dinamarquês para lê-lo no original; Unamuno, que o aproxima de Kierkegaard; e ultimamente W. S. Maugham em suas *Confissões*.

286. Do volume em questão li, inicialmente, o que o tradutor Vidal de Oliveira chama de *Alguns dados biográficos sobre Ibsen*. Depois, como o estudo de O. M. Carpeaux é muito longo, resolvi iniciar a leitura dos dramas. Comecei pelo *O Pato Selvagem*, depois de conhecer a introdução do Conde Prozor, que também abandonei para os demais, e segui esta ordem: *Um Inimigo do Povo*, *A Dama do Mar*, *Solness*, *o Construtor*, *Rosmersholm* e *Quando Despertamos de entre os Mortos*.

287. Tomei algumas notas, mas é claro que não poderei fazer um estudo sobre as obras de Ibsen⁴⁸.

ms2 outro * Ele diz também : * “Não

ms2 outro”. * Desprezada a parte final desse pensamento, talvez não seja desonesto * dizer:

ms2 ventos * contrários, * tirei

ms2 numa * livraria dessa cidade * e
ms2 posteriormente * estive quase decidido *
a
ms2 R. , * mas como * percebi
ms2 se * comprasse esse volume * não
ms2 coragem * para remetê-lo e acabaria
ficando com ele, adquiri outro qualquer *
Agora
ms2 Agora * ganhei-o de presente, e entrei,
finalmente, * em

ms2 Prozor > Para a leitura de outros dramas,
abandonei a leitura dos prefácios e foi a
seguinte ordem que segui < Um
ms2 Mortos * É claro que não poderei fazer
um estudo sobre a obra de Ibsen, mas gostaria
de anotar algumas observações que fiz no
decorrer da leitura* Tomei

1º de Fevereiro

288. Creio que chegará um ponto em que, a força de iludir e iludir-se, o homem não mais saberá quando está sendo sincero.

Fevereiro, 3

289. E afinal não mais falei sobre Ibsen. O volume continua sobre a mesa, o papel de anotações dentro dele, mas me tem faltado desejo de parar e pensar demoradamente em qualquer coisa que seja.

ms2 em > alguma coisa. // E sempre que isso aconteceu, gastei todas minhas forças de noite, para dormir de dia o mais que posso e viver, mais ou menos, fora da vida, um tanto narcotizado, embriagado, ou qualquer coisa de semelhante. Sei que isso é prejudicial, e tão pouco nobre... mas a pressão espiritual de uma série de problemas, que cada vez vêm a solução mais fogem, não apresenta nada de melhor. Sim, a solidão e o silêncio seriam melhor. Mas é tão caro o seu preço? < “La

Fevereiro, 5

290. “La souffrance de l’homme vient de la conscience; son bonheur, de la soumission aveugle à la vie. Gaie pour l’inconscient, la vie devient tragique pour l’observateur de soi - même”. - “On n’exagère pas en disant que cette manie de s’observer est diabolique: elle enlaidit la plus belle action et rend suspecte l’impulsion la plus noble”.

Göran Schildt - *Gide et L’homme* (Mercure de France).

“Je ne connais pas un sentiment dont la sincérité ne puisse être mise en doute”.

Gide - citado por Schildt.

Fevereiro, 9

291. Na verdade, é preciso que Schopenhauer tenha sido muito ferido pelo mundo, objetiva ou subjetivamente, para poder escrever um livro como *Regras de Conduta para Bem Viver* (Parerga und Paralipomena - Editora Vecchi).

ms2 verdade * julgo que * é
ms2 Schopenhauer * ter * sido

ms2 Vecchi > Depois de tudo o que me tem acontecido ultimamente, acho-me em perfeitas condições de compreender, interpretar, e forçosamente de aceitar todas essas máximas que tanto diminuem o gênero humano. (Talvez não diminuam : apenas colocam-no no seu verdadeiro plano , seguidamente elevado pela própria vaidade humana). < Em

292. Em certas partes, a essência desse livro é completamente o inverso da doutrina de Cristo: “perdoar e esquecer significam atirar pela janela experiências adquiridas a alto preço”.

293. Não considero a obra totalmente pessimista. Possui muito de “pessimismo positivo”, esse “pessimismo” que evita desilusões maiores e prepara o homem para o mundo. É como se em todas as páginas estivesse escrito: prudência! Schopenhauer demonstra desilusão, desconfiança, mas nem por isso aconselha o ódio. Pelo contrário: “Não conservemos animosidade contra ninguém, tanto quanto possível; contentemo-nos em notar bem os processos de cada um, e lembremo-nos deles, para fixar com isto o valor de cada um pelo menos no que nos diz respeito, e para regular em consequência nossa atitude e nossa conduta para com as pessoas”.

294. É preciso ser-se muito frio, calculado, dissimulado, para que se possa: “nem amar, nem odiar; nada dizer e nada crer” (as duas metades de toda a sabedoria, segundo o filósofo). Mas foi evidentemente por reconhecer esta dificuldade que acrescentou: “É verdade que viramos as costas a um mundo que torna necessárias regras como essas”.

295. De tudo o que diz, tira-se que o ideal seria um homem perfeitamente consciente, agindo pela vontade; mas é forçado a desiludir-se dessa pretensão. Basta notar, por exemplo, que sentiu a necessidade de dizer, no que citei acima: “Não conservemos animosidade contra ninguém, tanto quanto possível”.

ms2 mas * vê-se que reconhece essa impossibilidade * Basta

Fevereiro, 14

296. Atualmente leio *Os Demônios*. Concluí a primeira parte. Já o havia lido, em 1945 ou 46, na Escola Militar (lembro-me de que um colega julgou-me comunista por estar lendo um autor russo). Agora, no entanto, posso aproveitá-lo melhor; mesmo assim exige muita concentração, dada a espessura da trama.

ms2 lido > este livro há muito tempo, creio que < em
ms2 46 * Agora posso senti-lo melhor;
mesmo assim exige muita concentração, em vista da trama tão espessa * Nessa

297. Nessa primeira parte, considero pontos altos as palavras de Kirilov sobre suicídio, liberdade e Deus (Cap. III Nº VIII). “A liberdade absoluta existirá quando der no mesmo viver ou não viver. Essa é toda a finalidade”. Kirilov, nestas palavras, expõe quase totalmente seu máximo problema interior. “Quem se atreve a matar-se é Deus”. Ou então: “... passo toda a minha vida pensando em uma só (coisa). A mim Deus tem atormentado por toda a vida”.

ms2 finalidade > Já aí expõe < Kirilov

298. De uma beleza patética são as palavras de Maria Lebiadkina, quando fala no filho, ao qual deu à luz “sin haber conocido hombre” (Cap. IV, N° V).

299. O último capítulo é como se fosse o ato final de uma peça de teatro. Aí me desagradou a maneira como, à força de coincidências, o autor reuniu quase a totalidade dos personagens. É a maneira particular de Dostoiévski, que consiste em agrupar uma assembléia, como se houvesse necessidade de testemunhas para os fatos que se vão desenrolar; como se tudo devesse ser resolvido, quando, afinal, muita coisa ainda fica em suspenso, apesar de toda a assistência, que deveria forçar a que todos fossem sinceros, leais, sob pena de se desmascararem. Em cenas dessa natureza é que fica patenteada a maneira soberba como ele conhece o homem e o que pode exigir dele. Por outro lado, é precisamente dessas assembléias que tira as subseqüentes reações de seus personagens, posto que foram forçados a mentir, a enganar, a se humilharem, a revelarem certos sentimentos que prefeririam manter ocultos. É bem verdade que o autor obriga certos atores a enormes silêncios, e creio que no teatro a direção sofreria para mantê-los em cena e em ação; mas não os põe aí inutilmente. Todos têm um papel importante. Se não pela palavra, pela maneira como reagem a ela e aos fatos (Lisaveta Nikolaievna). Vejamos Schatov. Pouco diz; mas é como se compreendesse tudo. E o final do capítulo pertence-lhe quase integralmente, e a Stavroguim: a ação decisiva de Schatov tem como resultado o estudo da reação de Stavroguim, que se prolonga por todo o final (N° VIII). Porque, - sendo Nikolai Vsevolódovich um homem que, uma vez esbofetado, não desafiaria seu contendor mas, em vez disso, matá-lo-ia ali mesmo - porque não reagiu? Há uma razão imensa para isto, e Dostoiévski, magistralmente, encontra uma imagem perfeita para exprimir os sentimentos de Stavroguim:

“Parece-me que se houvesse um homem que, por exemplo, segurasse uma bola de ferro ao rubro com o fim de provar sua integridade e logo, durante dez segundos, sustentasse a dor intolerável e acabasse por vencê-la, esse homem haveria suportado algo parecido ao que experimentou naqueles dez segundos Nikolai Vsevolódovich”.

Fevereiro, 20

300. O serviço de Rádio - Difusão do Ministério da Guerra publicou, ontem, minha transferência para Juiz de Fora. Nada sei dessa cidade além do que encontrei em um dicionário. Diz que possui 150.000 habitantes.

ms2 capítulo * da I parte é algo como um * ato

ms2 desagradou > um pouco < a

ms2 agrupar > toda < uma

ms2 resolvido \ , afinal, quando, na verdade, \ ainda

ms2 forçar* a todos a serem * sinceros

ms2 desmascararem * Nessas * cenas

ms2 mas > ele < não

ms2 diz @ . @ mas

ms2 para ^ isso ^e

ms2 encontra * essa * imagem

ms2 Stavroguim > nesse momento < Parece

ms2 cidade * o que me agrada em parte, a não ser que é sede de Região Militar, e mais o que dela fala um dicionário moderno que possui 150 mil habitantes* Dentro

301. Dentro de um mês, mais ou menos, calçarei novamente minhas botas de sete léguas, como dizia D. T., e vou conhecer novas terras.

Fevereiro, 21

302. A segunda parte de *Os Demônios* trata diretamente do lado político, o aspecto em geral mais comentado da obra.

ms2 terras* Prossigo a leitura de *Os Demônios*. Concluí hoje a II parte, que trata diretamente do lado político, o aspecto em geral mais comentado dessa obra * Como

303. Como na I Parte, aqui também as cenas finais são apresentadas diante de uma “assembleia geral”, e cabe mais uma vez a Stavroguim o papel principal com a declaração de que Maria Lebiadkina é sua esposa. Em público negara e em público confessa, redimindo-se, o que já iniciara a fazer quando não reagiu à bofetada de Schatov.

ms2 também * sua parte final é apresentada * diante

304. Os dois capítulos intitulados “A Noite” são geniais, principalmente no que se refere aos encontros de Stavroguim com Maria, Kirilov e Schatov. Maria, “a louca”, diz cousas firmadas em um admirável bom senso. Kirilov continua a expor suas idéias a respeito do suicídio. Quando Stavroguim lhe pergunta se ama a vida, surpreende o outro com uma resposta afirmativa. Então Kirilov esclarece: “A vida é uma cousa, e isto é outra. A vida existe, e a morte não existe em absoluto”. Acrescenta que tudo é belo e que “o homem é infeliz porque não sabe que é feliz”. Que tudo está bem: “está bem para o que sabe que está bem”. Kirilov ama a vida, é feliz, é bom, e quer morrer.

ms2 capítulos > dessa parte, < intitulados
ms2 Stavroguim ^ e ^Maria
ms2 Maria * seguidos daqueles entre o mesmo e Kirilov, e também com * Schatov
ms2 firmadas \ um bom senso admirável. E \ Kirilov
ms2 vida > responde que sim, que surpreende a Schatov, < Então
ms2 Kirilov * lhe responde * “A
ms2 e ^isso^ é
ms2 absoluto * Depois diz que tudo é belo*
“O
ms2 morrer * Nesta II parte já se revelam claramente * os

305. Agora já estão claramente revelados os caracteres de todos os personagens principais, pelo estudo que foi feito de cada um deles em presença dos outros. Mas, cousa estranha, são indivíduos tão complexos, no particular, que dificilmente se lhes podem prever as reações diante dos diferentes fatos.

ms2 que * vai sendo * feito

306. Dostoiévski movimentava incrivelmente seus personagens, e descreve cenas aparentemente desnecessárias onde põe à prova os sentimentos dos seres que imagina, ferindo de todas as formas o orgulho e o amor-próprio de uns para realçar valores negativos do caráter dos outros. Parece inútil a visita ao jovem suicida, e ao profeta Semion, mas tudo serve para o estudo de Lisaveta, que aí humilha Mavrikii Nikolaievich, por quem é amada. Atitude semelhante ela toma no capítulo final, quando pergunta a Stavroguim, inesperadamente, sobre seu parente Lebiadkin. Pensa naturalmente humilhar a Stavroguim, forçando-o a mentir nova-

ms2 forçando-o * a nova mentira com * relação

mente em relação à sua esposa; mas, ele que despreza o amor de Lisaveta, e que já tinha a intenção de publicar o casamento oculto, não serve aos planos da moça. (Um estudo grandioso também é o das razões porque Stavroguim casou-se com a Labiadkina, exposto no diálogo com Schatov).

307. Os sentimentos estudados por Dostoiévski, aparentemente controversos, parecem-me perfeitamente lógicos: pois há sempre em nossos atos muito de dissimulação dos verdadeiros sentimentos. É o que Mavrikii percebe em Lisa, e diz a Stavroguim, quando lhe vai oferecer a noiva (pois seu amor por ela é tão grande que, na impossibilidade de vê-la feliz com ele, quer vê-la feliz junto a outro que ame): - “Por entre el constante odio que le demuestra, sincero y pleno, resplandece a cada instante el amor..., la locura, el más sincero y desmedido amor y...locura. Por el contrario, a través del amor que por mi siente se trasluce el odio...más grande”. - Por aí se depreende que amor e ódio coabitam em Lisaveta, em relação a ambos, pois ele frisa: “sincero e pleno ódio, sincero e desmedido amor”, como sentimentos indomáveis.

308. Cenas dignas de um estudo demorado são, entre outras, a humilhação do professor Stepan Trofimovich por Várvara Petrovna e a traição de Verkovenski.

Março, 10

309. Vinha seguindo a leitura de *Os Demônios*, mas interrompi com o recebimento de um livro de contos de Aluísio Furtado de Mendonça, vindo de Natal, e prolonguei a interrupção com outra leitura: a peça de Jean Genêt, *Haute Surveillance*. Hoje retomei Dostoiévski e encerrei o livro.

310. A terceira parte inicia-se com a descrição do festival em benefício, que ocupa dois grandes capítulos. É um assunto cansativo, num estilo jornalístico, de reportagem, que desagrada. Resulta “La parte más enojosa de la crónica”, como reconhece o autor. Mesmo assim, aparecem dois pontos importantes, apenas citados, e que avivam o interesse em torno dos capítulos subseqüentes: trata-se da fuga de Lisaveta com Stavroguim e do assassinio de Lebiadkin e Maria, cujos detalhes só mais tarde são dados a conhecer.

311. Outro fato que me desagradou foi a maneira de conduzir a história, o romance: isto é, o processo de narração.

ms2 esposa > Maria < mas
ms2 despreza * seu amor ,* e
ms2 planos * de Lisa * Um

ms2 controversos, ^ me parecem ^ perfeitamente
ms2 pois ^ é que ^ há
ms2 oferecer * Lisa * pois

ms2 amor ^ e o ^ ódio
ms2 pois * faz questão de frisar: * “sincero
ms2 indomáveis > ou sobre os quais não se
pode ter domínio. Outras < cenas

ms2 Verkovenski > E para concluir estas notas ligeiras, quero citar o que diz o autor sobre a esmola. Depois de escrever que é um prazer altivo e imoral”, dar esmolas, acrescenta: “A esmola corrompe tanto ao que dá como ao que recebe.” < Vinha

ms2 um > pequeno < livro

ms2 retomei * a leitura e conclui * o

ms2 desagrada * É, realmente * La
ms2 como * diz o escritor (p 1922, 1ª col)*
mesmo

ms2 é * um personagem * que
ms2 trama >, ser encarregado de narrar os

Quem o faz é um personagem que, afinal, não toma parte ativa na trama. Na primeira parte do romance aparece em cena, mas aos poucos vai desaparecendo para ser, na final, apenas um narrador, o cronista. No entanto, conhece certos detalhes que não se podem fixar por depoimentos alheios, e isso cria, às vezes, um clima ligeiramente falso.

TERCEIRO CADERNO

1952¹

Março, 10

312.A III Parte de *Os Demônios*, por ser a última e onde tudo deverá ser resolvido, possui cenas das mais importantes e grandiosas de toda a obra de Dostoiévski.

313.Aparecem personagens que foram apenas citados no decorrer do romance, e que surgem para iluminar novas faces dessas criaturas atormentadas e mostrar do que são capazes, como acontece com o aparecimento de Maria Ignatievna para a conveniência de Schatov; ou da vendedora de bíblias que acompanhará os últimos dias de Stepan Trofimovich. A chegada de Maria, o nascimento da criança, a reconciliação com Schatov, tudo isso cria um novo interesse por ele e seu destino. Assim sendo, sua partida para a morte, quando alguns personagens reconhecem o desnecessário do sacrifício em virtude do novo rumo de sua vida, faz nascer em nós a esperança e o desejo de que não seja assassinado. Mas Verkovenski, o pior demônio, o demônio mais autêntico do livro, e que, por isso mesmo, continua solto pelo mundo, esse é implacável e não volta atrás em sua decisão.

314.Cenas grandiosas são as que decorrem da entrevista de Kirilov e Verkovenski, precedentes ao suicídio do primeiro. Inicialmente o diálogo maravilhoso, para depois concluir com o medo que Verkovenski sente de ser enganado e assassinado. Mas Kirilov queria praticar seu ato de liberdade inteiramente só e livre de qualquer pressão: assim, espera que o outro se afaste, força mesmo que o faça, — e são páginas tão densas e perfeitas que nos absorvem completamente.

315.Kirilov é um doente de Deus. Nas entrevistas anteriores sempre abordou este tema. Aqui termina de o expor. “Deus é imprescindível, e por isso, tem que existir”. - “Mas sei que não há Deus nem pode haver”. - “E não compreendes que um homem que tem duas idéias como estas não pode conti-

fatos.< Na

ms2 parte * ele aparece em cena, mas aos poucos, vai perdendo essa característica e passa a ser, no fim, um narrador.* Conhece

ms3 Trofimovich * O aparecimento * de

ms3 destino \ Sendo assim,\ sua

ms3 Verkovenski * que precedem * ao
ms3 Inicialmente * esse maravilhoso diálogo,
* para

ms3 força * o outro a fazê -lo * - e

ms3 sempre ^ aborda ^ este

ms3 Aqui * ele o expõe completamente *
Deus

nuar vivendo?”. Vai além: “O homem só inventou a Deus para viver sem suicidar-se.” - E pouco depois interpreta a morte de Cristo dizendo que “morreu por uma mentira”. (Nessa interpretação, percebe-se o alto valor que Kirilov - ou Dostoiévski - concede ao Cristo: “Aquele homem estava acima de toda a terra, constituía tudo o que merece a pena de se viver. Todo o planeta, com tudo o que contém, sem esse homem... uma loucura”. - Já antes, Schatov cita a Stavroguim estas palavras que dissera uma vez: “Mas, não me dizias que se matematicamente te demonstrassem que a verdade existisse fora de Cristo, preferirias permanecer com Cristo a ir-te com a verdade?”).

ms3 depois * a interpretação que dá à *
morte
ms3 Cristo * segundo a qual ele * “ morreu

316.Outro sentido, no que se refere a Deus, toma o fim de Stepan Trofimovich, ao reconhecer que “toda a lei da vida do homem reduz-se a que o homem possa inclinar-se sempre ante o infinitamente grande”, e que para encher-se de uma ilimitada ternura e alegria, basta a idéia de que existe algo incomparavelmente mais justo e feliz do que ele.

ms3 verdade * Já de * outro
ms3 Deus * reveste-se * o
ms3 Trofimovich * que reconhece * que

317.Quase todos os personagens de Dostoiévski têm a consciência de seus crimes e do mal que sua existência pode acarretar aos demais. São seres atormentados e perseguidos pelo mal. Stavroguim confessa a Daria Pavlovna, em carta, que é “capaz de querer fazer algo de bom e sentir prazer nisso; mas também deseja o mal e também nele sente satisfação”. Eles carregam um sentimento de culpa e procuram alcançar a pureza de consciência, de alguma forma, como os personagens de Ibsen. Assim, pois, Stavroguim não quer ser perdoado por Lisaveta, e esta diz a Mavrikii: “não me perdoe, estou desonrada!”. Kirilov suicida-se, em parte, por reconhecer-se um canalha, e Stavroguim escreve que Kirilov, suicidando-se, demonstrou generosidade. E, por fim, qual o motivo essencial do suicídio de Stavroguim senão o sentimento de culpa? Culpa perante Deus e seus semelhantes.

ms3 aos * outros * São

ms3 Eles * têm um * sentimento
ms3 procuram* de alguma forma * a

ms3 generosidade >, escreve Stavroguim .
E,< por

318.Antes de encerrar estas notas, quero referir a maneira carinhosa como Dostoiévski fala de Erkel, um dos revolucionários. Há tanto calor humano que chegamos a pensar que se trata de uma pessoa que realmente existiu, talvez um dos revolucionários de quando o autor foi preso? Diz, por exemplo, desse tenente que “era muy guapito y parecia inteligente”, que tinha a mãe doente e lhe remetia metade de seu soldo. E acrescenta essas palavras tão ternas: “y cómo seguramente besaria ella aquella cabeza rubia, cómo temblaria por ella, cómo por ella rezaria! Me extiendo tanto acerca de él porque me daba mucha lástima”(Cap. IV, da III Parte). Mais tarde volta a falar nele, quando do julgamento. Diz que dificilmente poderá ser atenuada sua falta, mas que, não obstante, até nos juízes mais severos despertava simpa-

ms3 notas *, ainda quero notar * a

ms3 revolucionários. > É uma nota que dá uma realidade fantástica à novela. Como se fosse * uma
ms3 revolucionários” > do tempo em que <o

tia “por su juventud, su desamparo, la prueba palmaria de que no es más que la fanática victima de un seductor político”. E torna a referir-se à mãe de Erkel, que agora vive implorando clemência aos juízes. As últimas palavras sobre o tenente: “No sé qué será, pero a Erkel son muchos los que entre nosotros lo compadecen”.

Março, 20

319. Ando perfeitamente atarantado com os preparativos de viagem. Espero poder, mais tarde, descrever detalhadamente todos estes dias.

Abril, 2

320. Muitas vezes penso que o homem não pode resistir a todos os embates da vida sem ficar marcado; e espero que assim o seja, pois todas as preocupações decorrentes da luta seriam perfeitamente inúteis se não deixassem um sinal.

321. Continuo em Porto Alegre, quando já devia ter seguido. Nunca aceitei melhor a existência de um poder estranho e superior do que agora, quando as menores e mais insignificantes decisões são anuladas. No entanto, tenho empenhado o melhor de minha inteligência e toda a minha lucidez para resolver os problemas. Gostaria de expor as causas de toda essa angústia, de todas as preocupações atuais; de justificar as palavras que escrevo. Se eu fosse só ficaria tudo simplificado, mas há outros dependendo de mim, e eu mesmo tenho que dar ouvidos às diversas correntes que se formam e se debatem dentro de mim.

322. Com a transferência nasceram problemas tão grandes que ainda não puderam ser selecionados e solucionados. Se fossem todos de ordem material, pouco significariam; mas o sentimento envolve a todos, e até que se consigam afastar todas as camadas de tecido sentimental para se atingir o ponto material da questão, muito sangue se perde e muito tecido se inflama.

ms3 e * volta a falar em sua mãe, a quem manda metade de seu escasso soldo e * que ms3 sobre * ele * “No

ms3 compadecen * Tenho andado * perfeitamente
ms3 com * a preparação da * viagem
ms3 dias > tumultuosos.// A duras provas me tem sujeitado o destino, nos dias que passam.
< Muitas

ms3 todos * esses * embates
ms3 sem * que fique profundamente marcado;* e
ms3 preocupações ,* a luta constante contra as adversidades * seriam
ms3 deixassem > uma grade narra servindo de ensino e lembrança para os dias futuros<
Continuo

ms3 Porto Alegre . * No entanto, já era para eu estar muito longe, e desejo seguir o mais breve possível deste cenário para ver se consigo tranquilizar meu espírito, dar nova orientação à minha vida, espalhar nova espécie de raízes, ser mais prudente e menos apaixonado, mais razoável, menos ousado e temerário para com o absurdo.// Nunca compreendi ou aceitei melhor a existência de um estranho poder superior como agora, quando minhas menores e mais insignificantes intenções são anuladas . * Gostaria
ms3 escrevo > - mas sei perfeitamente que somente que efetivamente sente as dificuldades que luta contra elas e que pode compreender o seu alcance. No entanto, desde outubro venho lutando em todos os setores, empenhando o melhor de minha lucidez e inteligência para sobreviver. E < se
ms3 só * tudo estaria bastante * simplificado
ms3 outros * que dependem * de
ms3 dar * satisfações * às

ms3 Com > a minha < transferência

ms3 material , * nada * significariam

ms3 as > complicadas < camadas

323. Parece uma coisa simples: levar R. comigo e deixar C. e crianças. Mas, porque levar uma e deixar os outros, para onde levar uma e como deixar os outros, já apresenta dificuldades. E o conflito que nasce de todas as resoluções?

ms3 crianças > em Porto Alegre < Mas

324. Vejo como parece até certo ponto ridículo dizer tanta coisa por uma situação tão facilmente exposta. Por outro lado, não estou suficientemente calmo para fazer uma “exposição de motivos”. Creio que tudo é por demais recente para que seja convenientemente esclarecido. Quando se processa uma tempestade, não se pode comentá-la com clareza e precisão enquanto se desenvolve: pode-se, tão somente, anotar as fases, os fatos principais, para depois, com calma e reflexão, estudá-los em detalhe, fazendo uma recomposição. É o que devo fazer.

ms3 recente ,> principalmente o que se tem passado nestas duas últimas semanas para que possa ser convenientemente exposto < Quando

ms3 se * agigantar * pode-se

ms3 os \ principais fatos, \ para

ms3 estudá-los * detalhadamente * fazendo

325. Desde já posso adiantar: nunca meu amor próprio e orgulho pessoal, minha inteligência e crença em mim e nos outros foram assim rudemente sacrificados, espoliados, humilhados. Mas, e aí reside minha maior e mais cara esperança, espero vencer tudo isso e me fortalecer com a luta, sem me desprezar ou me abater. Eis a vida ativa pela sobrevivência de minha personalidade tal qual é. Somos o que somos e não o que desejamos ser.

ms3 fazer > Posso, no entanto, e < desde

ms3 já, * dizer que : * nunca

ms3 foram * tão * rudemente

ms3 desprezar * nem me deixar * abater

ms3 ser > Ou então, e também: “Sabemos o que somos, mas não sabemos o que podemos ser.”

Juiz de Fora, Minas Gerais
Abril, 16

326. Embarquei em Porto Alegre sábado, dia 5, trazendo R. comigo. Estive no Rio até 14, quando me dirigi para a nova Guarnição.

ms3 5 > do corrente, com Ruth, por avião < Estive

ms3 até * segunda-feira, quando segui para meu novo destino * Cheguei

327. Cheguei cerca das 18 horas. Chovia e anoitecia. Não é agradável chegar-se a lugar algum, e principalmente a uma cidade desconhecida, de noite.... e com chuva. Um carro levou-me a uma pensão que me haviam recomendado. Não havia lugar. Ao voltar para o automóvel, percebi que o motorista havia descarregado a bagagem que teve de ser repostada no porta-malas. Fui para um hotel da rua Halfeld. Se refiro-me a essas minúcias é para chegar a um ponto particularmente interessante de minha chegada: ao descer para o hotel, percebi sobre o banco traseiro, na parte superior do encosto, um vidro de loção que me pertencia.

ms3 horas > do dia 14 .< Chovia

ms3 me * foi recomendada * Não

ms3 voltar * ao * automóvel

- Parece meu vidro de loção, disse.

- Não, já estava aí antes do senhor chegar, disse o motorista, e continuou a retirar a bagagem.

Examinei melhor o vidro, com o olhar, e certifiquei-me de que não poderia deixar de ser o meu; por certo retirara da

ms3 porta-malas > do carro. Pedi, então, que me levasse a um hotel do centro, e levou-me ao São Luiz, na < rua

ms3 refiro * estes mínimos detalhes * é

ms3 descer * do auto notei sobre * o

ms3 disse > eu < não

maleta, que não tem chave, enquanto eu entrara na pensão para falar com a proprietária.

- Tem que ser a minha loção, falei novamente, mas sem convicção.

- Não é; foi alguém que esqueceu aí. Tem também um maço de papéis que não sei de quem é.

- Mas o carro não é seu? Como é que não sabe de quem é o que tem dentro dele? - Pergunta tão idiota que só mereceu esta resposta:

- O carro é meu, sim.

- Quanto lhe devo? - e paguei o que pedi e entrei para o hotel sem ter feito absolutamente nada contra o roubo, sem ver o número da placa do carro (coisa que pensei fazer). No quarto abri rapidamente a valise e verifiquei, com alegria, que não retirara meu despertador nem nada mais de valor que lá havia. Repeti várias vezes em voz alta: "Mas que coisa absurda!", e foi esta minha reação. Depois, meio envergonhado, como se todos soubessem e fossem me criticar, recordei toda a rápida cena sob a chuva, o alvoroço da chegada, imaginei diálogos, discussões, polícia, e fui jantar conformado por ter evitado tudo isso.

328. A chuva parou depois do jantar e sai para ver a cidade. Muita gente na rua principal, cinemas, bares, lojas, letreiros luminosos, tudo enfim que caracteriza uma cidade. Depois um parque-jardim cujo particular são os sapos construindo um edifício invisível dentro das águas. Mas, aos poucos, foi-me dominando uma terrível sensação de isolamento e solidão. Resolvi pegar um bonde e reconhecer meu novo quartel. Mas não quis perguntar a ninguém qual bonde deveria tomar. E o que tomei me levou para lá. Um carro pequeno e velho, como os de Natal ou Maceió, com outra característica: sanefas horizontais para proteger os passageiros do estribo contra a chuva. Custava muito a chegar o quartel (ou não chegaria?). De repente vi qualquer coisa à esquerda, mal iluminado, que deveria ser. Desceram soldados. Também desci e me aproximei. Aumentou-me a desolação pelo aspecto lúgubre, pela escuridão, e voltei para o hotel tão entristecido que me parecia não poder evitar por muito tempo uma crise de pranto. Pensei em Porto Alegre e desejei estar lá no meu apartamento, com meus irmãos. Talvez a maior angústia tenha nascido desta pergunta:

Afinal, o que vim fazer aqui? Até quando viverei assim, de um lado para o outro? E por que tudo isso?

329. Dia 15, foi um dia melhor. Juiz de Fora de dia é mais agradável, tem mais vida, calor, amizade. Cumpri as forma-

ms3 chave *, em frente à pensão, enquanto eu falava * com

ms3 é > - acrescentou o "chauffeur" < - Mas

ms3 número * do * carro
ms3 com > certa < alegria

ms3 meu > relógio < despertador
ms3 foi * só * Depois
ms3 Depois > então, < meio
ms3 me * chamar de "trouxa" * recordei

ms3 isso > (Devo dizer que várias vezes têm me acontecido fatos dessa natureza, em que prefiro ser prejudicado a tomar uma atitude enérgica que estaria, não obstante plenamente justificada) < A

ms3 particular >, bem interessante, < são

ms3 aproximei * Minha desolação aumentou * pelo
ms3 voltei \ tão entristecido para o hotel \ que
ms3 não * suportar * por

ms3 nascido ^dessa^ pergunta

ms3 vida * mais calor, mais * amizade.
ms3 Cumpri * minhas * formalidades

lidades militares e, de tarde, procurei um quarto para morar. Fiquei no primeiro que visitei, porque o casal, de Porto Alegre, fez tudo para que eu não fosse procurar outro.

ms3 Fiquei * com * o
ms3 visitei , > Rua Fonseca Hermes, 144, (o estranho é que me parece deveria ser Hermes da Fonseca), < porque
ms3 eu > ficasse. De noite fiz uma vista a um oficial com quem servi em Caxias, e esse contato com sua família me fez muito bem. < Hoje

330. Hoje instalei-me. Retirei a bagagem da Central, e tudo arrumado, escrevo as primeiras impressões da cidade. Na parede, a Madalena de El Greco; no guarda-roupa, um guarda-roupa enorme vindo da Alemanha, alguns de meus livros, alguns dos que me são mais caros: obras completas de Shakespeare, Cervantes e Dostoiévski, as do primeiro, especialmente caras por terem sido oferecidas por meus alunos, na despedida, com assinatura de todos. Os outros ainda encaixotados - mas a certeza de que não se extraviaram!

ms3 instalei-me > no quarto nº 212, e é aqui que escrevo minhas primeiras palavras e impressões de Juiz de Fora < Na

331. Um pouco de tranqüilidade. Mas é ainda tudo tão vago... Em certos momentos esse meu conhecido "desespero calmo" apodera-se de mim, sacode-me de um lado para o outro em busca de uma esperança qualquer, e me deixa aterrado e desiludido.

ms3 sido * dedicados a mim * por
ms3 com > dedicatória e assinaturas < de

Abril, 18

332. Estou só. Não tenho absolutamente ninguém com quem possa falar sobre os assuntos que me interessam².

ms3 vago...> E sobretudo um sentimento tão grande de insegurança ...de desolação. Esse pouco de tranqüilidade dilui-se completamente < em

ms3 momentos, * e então esse "desespero calmo" que tão bem conheço se apodera * de
ms3 mim, ^ me sacode ^ de

333. Leio *Jean Barois*, e Roger Martin du Gard trouxe-me vários sentimentos que já me pertenceram. Deveria haver livros que trouxessem solução para as nossas vidas. Mas é que não somos iguais. Nunca somos iguais!

ms3 pertenceram > Com algumas modificações encontro várias semelhanças entre "Jean et moi", e grandes . < Deveria
ms3 iguais! . Com que orgulho deve ter escrito Jean Barois: " Como entretanto, não me seria possível modificar o espírito! Do meu ensino, e como faço questão essencial de apresentar-me ante meus alunos tal qual eu, como um homem livre que se dirige a inteligências livres, não vejo outra solução senão a de apresentar-lhe minha demissão "Depois, creio ter compreendido há mais tempo que não estava no meu lugar nesse Colégio de padres, e retirar-me espontaneamente. Lamento ter-me deixado cegar por tanto tempo. "Mas enfim, li apenas a primeira parte do livro. Vejamos qual o destino dessa consciência.// Abril 21, - Ontem de tarde, ao escrever para minha irmã Ruth, formulei uma imagem que talvez indique precisamente o doloroso de uma angústia. É que < Há

Abril, 21

334. Há poucos dias uma desesperante aflição me dominou ao verificar que nenhuma cidade me atrai suficientemente para nela residir. Por outro lado, não me satisfaz a mudança contínua de residência. Pelo contrário, isso me desgosta, principalmente quando importa em afastamento dos meus irmãos. Então, fiquei reduzido a uma situação verdadeiramente impossível; nem ficar, nem partir³!

ms3 ao * perceber * que
ms3 não * é que isso signifique que me
contento com * a
ms3 quando * significa * afastamento

Abril, 22

335. No livro de Martin du Gard, a personalidade de Marc-Elie Luce supera a de Jean Barois. É bem mais nobre (ou orgulhoso?). Diz, por exemplo:

- “Você não faz justiça à sua vida, Barois; e isso não é direito. Você procurou; achou parcelas de verdade; divulgou-as generosamente; contribuiu para extirpar certos erros e para preservar algumas certezas que vacilavam; defendeu a justiça com fervor comunicativo”.

336. E ante o desânimo e descrença de Barois:

- “Esses homens. - a quem devemos tudo o que nos foi possível fazer, - devem ter tido esse mesmo desespero, devem ter imaginado que seu esforço era inútil... Basta, para ter feito boa obra, ter-se dado, humanamente, durante toda a vida”.

337. Ao padre Lévy, que, apesar de si mesmo, assistiu à conversão de Barois e concorreu de certa forma para isso, ele resume o sentido de sua existência:

“Minha esperança, essa não exige, como a sua, a abdicação da razão: pelo contrário, minha razão ampara-a. Ela me prova que nossa vida não é movimento sem sentido, nem uma simples oportunidade para sofrer, nem uma correria em busca de felicidade individual; prova-me que meus atos colaboram no grande esforço universal; e faz-me descobrir por toda a parte motivos para esperar! Vejo por toda parte a vida nascer da morte, a energia nascer da dor, a ciência nascer do erro, a harmonia nascer da desordem... E, em mim, mesmo, essas evoluções produzem-se todos os dias”.

338. E completa esse depoimento com o que diz sobre sua morte: “É o último ato que me falta realizar, para ter feito o que devia”.

339. Realmente, uma tão forte convicção nos pode “consolar de todas as cousas ruins que encontramos pelo caminho”.

ms3 caminho > , mas é tão difícil aceitarmos
que nossa vida em resumo, nada é mais do
que a colaboração com o grande esforço
universal < Tenho-me

Abril, 24

340. Tenho-me sentido calmo, tranqüilo, e mais ou menos à vontade. Creio que o responsável por este estado de espírito foi uma carta recebida de C., anteontem. Receber uma carta sempre me foi consolo por esta vida afora, mesmo não sendo uma carta alegre, mas pelo fato de terem pensado em mim durante o tempo em que a escreveram e, de certa forma, haverem recorrido a mim. Vaidade, sim, mas também a sensação de não se estar só e abandonado.

ms3 o > principal < responsável

ms3 durante * aquele * tempo
ms3 abandonado > O que me desgosta e pinta de negro a solidão é, sem sombra de dúvidas, a profissão. Um desejo, mais uma vez repetido, de evadir-se, de enfrentar a realidade cá de fora. Mas talvez fosse um motivo de eterno arrependimento. Não obstante, ir ao Rio talvez fosse possível. Trata-se afinal, de uma luta de consciência tão constante e intensa que eu não tenho o direito de prolongar < Vejamos

341. Vejamos o dia de hoje: não fiz absolutamente nada de útil para mim ou para quem quer que seja. Fui ao quartel e voltei dele com o desejo de não ter saído de meu quarto, de permanecer lendo ou escrevendo. O tédio passou comigo o dia inteiro pelo velho quartel do Regimento.

ms3 comigo * Fomos a um baile dançamos, fomos ao * Parque

Abril, 30

342. Ruth veio passar o fim de semana comigo. Estivemos no Parque Mariano Procópio e Museu, um museu bem dotado, num castelo em que se hospedou D. Pedro II e a família imperial. Fomos também ao Morro do Cristo, de onde se vê a cidade quase inteira.

ms3 D. Pedro II * com * a
ms3 imperial * Estivemos no Parque Redentor, com o Cristo, * de
ms3 inteira > Resolvi enfrentar a parte técnica de minha função e descobri que, no fim de contas, não é tão difícil e que ainda sei bastante coisa. // Fui promovido a Capitão. Vou tentar uma transferência para o Rio. < Estive

Maio, 14

343. Estive em Barbacena e no Rio.

ms3 Rio > no último fim de semana. Ruth esteve novamente aqui < Em

344. Em Barbacena hospedei-me num hotel mofado, cama de casal imensa. E vi uma bela igreja barroca, de 1815. Igreja da Boa Morte. Uma beleza! Aquele azul esmaecido, contrastando com o pardo das pedras das guarnições. Um pequeno detalhe: o buraco da fechadura de uma porta lateral tem cerca de 7 cm. Duas belas torres cilíndricas apontando para o céu. - Vi também, numa praça, um estranho monumento às datas nacionais. E os meses são escritos assim: 7bro., 9bro. É uma bela coluna jônica de cerca de 10m., encimada por uma esfera de vidro com aros de metal. Realmente exótico.

ms3 céu > - Lá vi também a Escola de Aeronáutica, que visitei detidamente, e uma praça com um muito interessante < monumento

345.No Rio, fui a um espetáculo de “ballet” no Municipal. Voltou-me um pouco daquele encantamento que me envolveu em tempos passados. Fui apresentado a alguns intelectuais que falaram em ler e publicar minhas cousas. Fiquei de mandar. Na viagem de volta ainda pensei sobre isto, mas aqui chegando desisti. No entanto, pensara até em escrever um conto que há alguns dias vem me perseguindo. Mas um pequeno incidente, ou acidente, sentimental tem me atormentado...e isso é horrível. Ontem de noite perdi o sono e hoje ainda anda agarrado comigo.

Junho, 13

346.Fiz manobras, transferi residência, fui ao Rio. Não obstante, quase nada a dizer. Arrumei meus livros numa boa estante, mas o que me apareceu foi o arrependimento de haver trazido tanta cousa comigo, por ficar uma mala cheia de quadros, os arquivos (por que essa ânsia de carregar comigo toda a minha história?). Necessidade de fixação, de morar definitivamente, estabelecer uma ordem nas cousas, embora eu partisse por tempos levando a certeza de que aquela terra, aquele quarto estaria esperando por mim sempre.

347.E uma velha sensação que toma forma numa nova imagem descoberta: ser uma vela acesa inutilmente num quarto sem ninguém...

Noite de 15

348.Novamente esse doloroso sentimento que vai crescendo, crescendo, domina-nos os músculos e a alma. Depois disso manter-se o sorriso de sempre e as conversas de quem nada sente ou percebe. O pensamento, minuto a minuto, fixo nessa impossibilidade. Planos e planos que a imaginação constrói incessantemente, como incessantemente se desmancham as ondas na praia⁴.

Junho, 20

349.Quase diariamente a impressão, a semi-ilusão de que amanhã haverá algo diferente que tudo modificará. No entanto, dia após dia, a mesma monotonia, os mesmos horários, os mesmos acontecimentos.

350.Anteontem recomecei a traduzir *La Porte Etroite*. Ontem já nada fiz.

ms3 “ballet” * que há muito tempo não via *
Voltou
ms3 que * experimentei nos * tempos
ms3 passados >, e houve um momento de
Sílides em que senti tal elevação espiritual
como não sentia há bastante. Depois < fui
ms3 cousas > Voltou toda aquela sensação de
1946-48 e fiquei de remeter para publicação
< Na
ms3 noite * tirou-me * o

ms3 Rio. * No entanto, * quase
ms3 me * veio * foi

ms3 cheia * com os * quadros

ms3 definitivamente > em algum lugar aonde
pudesse < estabelecer

ms3 imagem * encontrada * ser

ms3 domina-nos > todos < os

ms3 ou > nada < percebe
ms3 minuto ^sobre ^ minuto

ms3 Quase > que < diariamente

ms3 a * tradução de * “ La
ms3 Etroite” >, com um plano na cabeça <
Ontem
ms3 fiz >, e talvez nada mais faça. No
entanto, preciso estudar e fazer um concurso
para o magistério militar < Para

351. Para que este diário se justifique terei de escrever antes uma dúzia de livros de acordo.

ms3 acordo > Jun. 25 - Tenho prosseguido com a tradução. // Jun. 26 - mesmo assim, < traduzi

Junho, 26

352. Em oito dias traduzi cerca de 36 páginas, os capítulos III e IV. Concorreu para isto eu estar sem dinheiro. Há expressões e palavras que não posso traduzir corretamente: falta-me um bom dicionário.

ms3 dinheiro > Senti relativamente poucas dificuldades. Mas < há

353. Como é belo este capítulo quarto! Gide emprega uma técnica perfeita, para não falar na extrema sensibilidade de que está repleto⁵.

ms3 quarto ! * De * uma

Agosto, 4

354. "La beauté c'est l'équilibre."
"La beauté c'est le malin."
Le malin c'est l'équilibre(?).

ms3 l'equilibre > - Oui, pour la matématique, je crois que vous avez de raison. Mas la moral a pour de choses en commun avec les nombres, les égalités et ce théoreme là ." < Sim

Agosto, 13

355. Sim, penso nela algumas vezes. Não tem forma completamente definida, é claro, pois é mais um desejo do que uma pessoa. Não obstante suave, uma simples palavra dita de um modo especial.

ms3 nela * várias * vezes
ms3 tem > uma < forma
ms3 obstante , > concretiza-se algumas vezes num belo sorriso, numa palavra suave, uma < simples

356. Também se manifesta no brilho dos olhos: quando negros ou verdes, pela malícia ou inteligência; se azuis, pela pureza e transparência.

ms3 olhos: > ou dois diamantes negros ou duas esmeraldas, duas safiras .< Quando ms3 transparência> Talvez, não tenha existido nem venha a existir; < talvez

357. Talvez deva ser procurada para sempre, como a Dulcinéia de D. Quixote (não como liberdade ou glória; simplesmente como mulher). Outras vezes considero-a perdida para sempre, e é quando mais gosto da poesia de Pablo Neruda: "Ya no la quiero, es cierto, pero talvez la quiero".

ms3 sempre > Então é que < mais

Agosto, 19

358. Estive no Rio e assisti *Jezabel*, de Anouilh, por Henriette Morineau e seus artistas.

359. É uma peça de grande intensidade dramática, correndo sempre o perigo de cair em dramalhão, do que está livre pelo desempenho equilibrado do conjunto. Tem, por assim dizer, dois "climax": um no primeiro ato e outro no terceiro. Durante o segundo a peça decai um pouco, mas o grande diálo-

ms3 do * elenco * Tem,

go em que a mãe confessa o crime é realmente um dos pontos altos de toda a tragédia, pela maneira como o filho dirige a inquirição.

ms3 confessa > seu < crime
ms3 como * é dirigida a inquirição pelo filho
* Tive

360. Tive a oportunidade de ver representada uma situação que muitas vezes se apresenta em nossas vidas: a cena em que, depois de um diálogo extremamente dramático, em que mãe e filho estão entregues ao maior desespero de consciência, chega a criada falando nos cogumelos - e essa coisa simples, concreta, vulgar, força a que toda a tensão seja brutalmente dissipada por uma exigência banal do cotidiano. Na peça em questão, os cogumelos têm importância, fazem parte da trama, mas na realidade, muitas vezes, esses fatos nada têm de notável: é uma visita que chega, o telefone que toca...

ms3 representada > em minha frente < uma
ms3 situação * muitas vezes apresentada * em

ms3 falando * sobre os * cogumelos

ms3 tem > um grande " papel", < mas

361. O tema do drama é *O amor do amor*, que exige o sacrifício completo da dignidade, da honra, das mais sagradas afeições pela mais completa e eterna insatisfação; esse amor não de sentimentos mas de sentidos, esse amor em que nunca se pode esperar reciprocidade. (Na vida nada é recíproco, diz a mãe; poucas coisas são recíprocas, diz mais tarde, para concluir que em sua prostituição "não poderia encontrar reciprocidade de sentimentos)"⁶.

ms3 drama, * por uma simples transposição, pode bem ser visto e equiparado a esse " amor que não se atreve a dizer seu nome". O mesmo sacrifício completo da dignidade, do respeito, da honra, das mais sagradas afeições pela mais completa e eterna insatisfação: " o amor do amor"; * esse
ms3 mas * dos * sentidos

Agosto, 31

362. Noticiário de jornal: Um garoto de Belo Horizonte foge de casa para acompanhar um circo de anões. Aqui a polícia o prende e destrói seu primeiro sonho e ato de liberdade.

ms3 liberdade * Quantas vezes não desejamos * fugir

363. Quem ainda não desejou fugir com um circo que passa? Mais tarde, nossos sonhos tomam formas diferentes: pensamos em ser nômades de outra maneira, talvez com a inquietação dos personagens de Hermann Hesse ou de John dos Passos.

364. Um dos maiores exemplos de libertação talvez seja o de Paul Gauguin. Conheço pouco sua vida; pouco mais do que as definições de dicionário. E o livro de W. S. Maugham, no que tiver de autêntico. No entanto, sempre senti atração por essa existência tão rica, considerada em si, por suas afirmações, e ao mesmo tempo tão triste, quando trazida para o plano convencional do cotidiano.

ms3 pouco > sobre < sua

365. "Um Gosto e Seis Vinténs" é um livro que atrai grandemente. Muito mais pela história, pelo tema, do que pela realização do autor. Mesmo assim a figura de Charles Strickland é bem traçada, e apesar do caráter egocêntrico

desse personagem, o autor, pela demonstração de ironia e cinismo que o pintor adota, consegue dar a seu livro momentos de bastante grandeza, pondo em evidência sua filosofia pessoal. Mas a descrição dos quadros, da arte do pintor, é bastante falsa e vazia - parece querer valorizar aos olhos dos outros uma cousa em que ele próprio pouco acredita.

ms3 e > do < cinismo
ms3 cinismo > do < pintor

ms3 descrição * de sua arte * é

366. Nesse livro há outra figura de bastante interesse: a do pintor comerciante - Dirk Stroeve, de profundo senso crítico, que acredita no gênio de Strickland, sacrifica-se por ele, humilha-se. As reações de Blanche, sua esposa, são explicadas pela psicologia de Dostoiévski, quando o autor faz Strickland dizer palavras como estas: "Acredita que Blanche algum dia lhe perdoará o que ele (Dirk) fez por ela?" - "A mulher sempre perdoa o mal que o homem lhe faz, mas nunca os sacrifícios que se impõe em seu benefício".

ms3 humilha-se > perante ele < As
ms3 são * explicados segundo a * psicologia

Setembro, 1º

367. Talvez ninguém tenha o direito de publicar um Diário antes de haver escrito e dado à leitura alguma outra espécie de livro; ou vivido de uma maneira notória que abra a curiosidade em torno de si. Comigo... nem uma cousa nem outra. No entanto, quisera excitar algum sentimento em quem me lesse estes cadernos. Qualquer sentimento, mesmo a irritação, conquanto não fosse a indiferença.

ms3 lesse * esta obra * Qualquer

Setembro, 3

368. Desde 1950, trago comigo um livro de Hermann Hesse: *Narcisse et Goldmund*. Adquiri-o sob a recomendação de um livreiro de Porto Alegre, o Dr. Caro, grande conhecedor de literatura alemã, que sempre me recomendou bons livros, mas que, certa vez, disse ser *Le Mécréant de Soana*, de Gerhart Hauptmann, superior a *Thais*, de Anatole France. Cheguei a iniciar a leitura do livro de Hesse, mas por qualquer motivo que não mais recordo, fechei-o e só agora o leio integralmente.

ms3 me * indicou * bons

369. Não são todos os autores que mantêm entre seus livros tantos pontos de contato como Hermann Hesse. Em todos o mesmo desejo de fixar sua personalidade por seu próprio valor, atendo-se, não obstante, a um ideal superior que ele nunca despreza, mas que não tem o sentido comumente atribuído a Deus. É mais uma procura de afirmação fora d'Ele. Sempre uma profunda tristeza em face da vida, apesar de toda a vontade de viver; um desespero, uma aflição imensa, uma busca incessante de experiências que lhe justifiquem a existência e lhe mostrem o caminho verdadeiro.

370. Em *Narciso e Goldmund* apreciamos o desenvolvimento progressivo e integral de uma personalidade. Por assim dizer, Narciso é o espírito e Goldmund o corpo de um mesmo ser. Um cultiva e aperfeiçoa o espírito; o outro entrega-se aos desejos dos sentidos, procurando, ambos, a tranquilidade e a paz. Goldmund é um “être sans foyer” que, quando estacionado por algum tempo, admira-se de não haver partido há muito tempo; indiferente ao dinheiro, à propriedade, pródigo e sensualmente extravagante, “partout désiré des femmes et comblé par elles”. Não obstante ser assim, sente muitas vezes a inutilidade da vida que leva. É então que procura a Arte, como meio de prolongar sua existência, eternizá-la, se possível. “Il se disait que lui-même, comme tous les hommes, s’écoulait, se transformait sans cesse pour se dissoudre enfin, tandis que son image crée par l’artiste resterait immuablement la même et pour toujours”. (Calmann-Levy).

ms3 haver ([ainda]) partido

ms3 elles" * Mas, não obstante isso, sentindo* muitas

371. Narciso é uma espécie de mentor de Goldmund. Enquanto que para si vê como finalidade “colocar-se onde melhor possa servir, onde sua natureza, suas qualidades, seus dons encontrarão o melhor caminho, o mais vasto campo de ação”, - para Goldmund, descobrindo nele um artista, um ser completamente diferente de si, que no dia em que se encontrar sobrepujá-lo-á, vê um destino cujo quinhão é a força do amor, a capacidade de viver as cousas intensamente, a plenitude da vida, o belo país da Arte, para quem brilham as estrelas e a lua - como explica. Narciso diz sempre a palavra que orienta e conduz Goldmund; Narciso criou Goldmund, fazendo-o viver uma existência atraente mas perigosa. E mais tarde, na solidão de seu convento, ele inveja Goldmund, e justifica a existência levada pelo moço: “Talvez fosse mais difícil, mais valioso e mais nobre percorrer as florestas e as estradas com sapatos rotos, sofrer o sol, a chuva e a miséria, divertir-se com os prazeres dos sentidos e pagá-los em seguida com dores.”

ms3 levada * por ele* Talvez

372. Os livros de Hesse estão repletos de um profundo sentimento de religiosidade: um pouco assim como se a infância do autor tivesse sido extremamente religiosa e pelo resto da vida procurasse libertar-se da religião ou dar-lhe um sentido novo, sem se perder. Assim é que o vemos sempre à procura de uma justificação para todos os absurdos que encontra no mundo, e das maldades que praticam seus personagens. Em *Demian* lê-se: La vie d’un buveur et d’un libertin est sans doute plus vivante que celle d’un débauché est la meilleure préparation à la vie d’un mystique”. Em *Narciso e Goldmund* encontramos - “Goldmund lhe mostrara que um homem chamado a altos destinos podia mergu-

ms3 libertar-se * dela , * ou

ms3 que * anda * sempre

ms3 uma > finalidade , da < justificação

ms3 encontramos > “Em todo caso” < Goldmund

lhar bastante na embriaguês e na confusão sanguinolenta da vida e cobrir-se de uma camada de pó e de sangue sem, no entanto, tornar-se mesquinho e vulgar, sem matar em si o senso de divino, que podia errar em trevas profundas sem que se extinguísse, no santuário de sua alma, a luz divina e a força criadora”. Ou então, mais incisivamente: “Ne sais-tu pas que l’une des voies les plus courtes qui mènent à la sainteté, c’est la vie débauchée?”

373. Há também muita beleza e poesia neste livro de Hermann Hesse. Não fosse assim o livro, dadas as constantes aventuras amorosas e a maneira como são apresentadas, cairia na imoralidade, e até mesmo no vulgar. Por exemplo: dadas as circunstâncias, série de coincidências que cercam o primeiro encontro amoroso - com Lise - fez-me julgar que se tratasse de um sonho. E por muitas páginas ainda julguei que Goldmund fosse acordar e encontrar-se novamente no convento. Também a facilidade das conquistas é um tanto chocante (o caso de Lene chega a ser infantil). Sendo assim, muitas vezes parece unicamente um trabalho de imaginação do autor, e não de experiências vividas. Mas tudo isso também pode ser considerado em função da adolescência do personagem, de seu estado de semi-consciência e espanto em face da vida, tendente a dar a tudo um cunho de irrealidade e surpresa. (Nesse particular, a mescla de realidade e sonho, “Le Grand Meaulnes” de Alain-Fournier é de muito maior valor). Efetivamente, os fatos do romance que se vão situando para o final, revelam maturidade no personagem. Mesmo assim, Goldmund conserva sempre uma espécie de sentimento de quem vive fora do tempo, e desilude-se profundamente ao perceber que não mais atrai as mulheres.

374. Como traço comum na obra de Hesse, também neste livro encontra-se o constante recordar a vida passada, trazendo sempre presente ao leitor os pontos principais da novela, e a visão conjunta do romance.

Já na parte final do livro (p. 256), Goldmund pensa que “o tempo era chegado de fazer obra que fique, de criar alguma coisa que permaneça e lhe sobreviva.” Narciso pretendeu permanecer pela vida; o outro pela obra. O primeiro escolheu “uma vida melhor fundada na razão, na moral, mais estável, mais ordenada, mais digna de ser dada como exemplo”. Goldmund, lutando sempre por se definir, concluiu que “toda a vida não teria um sentido senão quando se conseguisse combinar ambas as existências (a dos sentidos e a da renúncia), quando não fosse dividida por esse dilema: criar sem pagar esta criação ao preço de sua vida!”.

ms3 poesia* em Narciso e Goldmund.* Não

ms3 cairia * na moral, talvez* mesmo

ms3 vulgar > Mas uma página salva a outra. Também o autor faz mais poesia que literatura pois há fatos que parecem um tanto mais absurdos. Assim < por ms3 que * fosse * um

ms3 Lene ([, por exemplo,]) chega

ms3 experiências* reais* mas

ms3 ser * levado para o lado * da

ms3 personagem >, mas, < mesmo

ms3 de * está vivendo* fora

ms3 de > Hermann < Hesse

ms3 também ^ nesse ^ livro

ms3 vida > , permanece ; < o

ms3 obra * Assim sendo, o primeiro * escolheu

ms3 vida > Goldmund aproxima-se tanto mais de Unamuno como deste se afasta Narciso < Felizmente

Setembro, 4

375. Felizmente a vida apresenta incidentes que de tão absurdos resultam cômicos.

376. Hoje, por exemplo: o Regimento em forma para uma solenidade simples em comemoração à Semana da Pátria. Ao microfone fala um Tenente sobre a data. Concluída a oração, o alto-falante anuncia que será cantado o Hino da Independência. Assim se procede. É sabida a influência que exercem tais hinos patrióticos: os militares vão-se deixando tomar por um sentimento de patriotismo, os corações sentem-se enobrecidos, os músculos tensos, o corpo inteiro vibrando sob o comando marcial dessa música que, nos velhos soldados, faz lembrar todas as campanhas feitas, e nos novos faz sentirem-se capazes e desejosos de enfrentar lutas e combates. Quando termina a execução, ainda persiste o eco de todos esses sentimentos, obrigando todos a marcharem ou comandarem com um garbo e convicções inabaláveis.

377. Mas hoje foi surpreendentemente diversa a conclusão. Terminando o Hino, o alto-falante prorrompeu com o dissonante *Mambo-Jambo*. Surpresa geral! A música persiste. Mal-estar e consternação geral. Aos poucos, a tropa, a começar pelos oficiais, inicia o sorriso irônico que se transforma em riso, e a hilaridade é geral. Um Regimento em forma para ouvir tal música!

378. Dissolvida a formatura, surgem os comentários. Revolta de uns, humorismo e ironia de outros. Quem é o responsável? (No exército é necessário sempre encontrar-se um responsável). Falou-se no nome de um major que dissera ao sargento para que, depois da cerimônia, tocasse música popular para os soldados. Mas sabido é que “depois da cerimônia” não especifica a hora. E o sargento, fiel cumpridor de seus deveres, resolveu cumprir a ordem imediatamente.

Setembro, 5

379. Há certos livros que, de tanto ouvir falar ou ler sobre eles, chego a ter a impressão de que os conheço. Nessa categoria, encontra-se a obra de Gogol, *Almas Mortas*, que venho de ler e que, acima de tudo, me surpreendeu. Agora é que vejo que desconhecia até o jogo de palavras que encerra o título. Por ele eu imaginava uma tragédia real, em tons sombrios, tristes; em vez disso é uma tragédia irônica, em que o sofrimento e a miséria de um povo são apresentados

ms3 oração * outra voz se faz ouvir dizendo que a banda executará* o

ms3 campanhas * passadas * e
ms3 nos * moços * faz
ms3 enfrentar * combates e revoluções . *
Quando

ms3 geral ! > O Coronel sobe os degraus e desaparece < A

ms3 poucos > como latino tem grande capacidade mimética, < a

ms3 oficiais > - como convém - < inicia

ms3 ouvir * o Mambo Jambo! * Dissolvida

ms3 * comentários humorísticos e irônicos * de

ms3 responsável * por tudo. Apareceu o * nome

ms3 que * dera ordens aos sargentos * para

ms3 imediatamente. > Encerra-se a discussão com ([uma]) a observação mordaz de um capitão : - conclusão: o sargento é comunista. < Há

ms3 que * já os li. * Nessa

ms3 Mortas” > Pessoas como eu, não diriam nada sobre obras primas. No entanto, pessoas como eu lêem obras primas, e estas impressionam-me bem e mal, e não considero justo calar uma voz de aplauso ou pretendo justificar outra de censura ou incompreensão * Agora

ms3 palavras * encerrado no * título

em semi-tons de mofa, irreverência, humor sofrido. E, cousa estranha, agora que terminei a primeira parte, a qual li quase de uma só sentada, desinteressei-me pelos dois fragmentos salvos do fogo.

ms3 sentada * senti repentinamente desinteresse* pelos

380. A narração da primeira parte é de uma espontaneidade assombrosa. As palavras não são “pedras no caminho” do leitor. O autor revela um tremendo poder de descrever ambientes e personagens, encontrando imagens e comparações de grande propriedade, e muitas vezes de uma comicidade a toda a prova. A única cousa que choca é a repetição constante de “Deus sabe de qual.... Deus sabe como.... Deus sabe de onde...”. Em determinado ponto lembrei-me de Cervantes: foi quando Gogol inseriu a absurda história de Kopeikine - na verdade de dimensões bastante inferiores as do *Curioso Impertinente*, em D. Quixote. Mas, embora destinada a reforçar a imbecilidade dos personagens, irrita pela quase total inutilidade da intromissão. O autor, no entanto, conhecendo os sentimentos do leitor, faz logo a seguir uma observação que tudo salva, demonstrando ter tido realmente a intenção de assim proceder: “Certos leitores acharão, sem dúvida, estas conversas inverossímeis. Para lhes ser agradável, o autor será da mesma opinião”.

ms3 espontaneidade * espantosa * As
ms3 leitor.> Ao contrário: é como se estivesse planando no espaço, sem solavancos, nem sobressaltos.< O
ms3 autor * tem * um

ms3 repetição * demasiada* de

381. Talvez tenha sido em Nozdriov que Dostoiévski encontrou a eloquência e tagarelice de alguns de seus personagens. Também uma reação típica de Dostoiévski, a de suas criaturas sentirem um prazer doentio em humilhar-se em presença de quem as ofendeu, aparece em Gogol quando se refere a Nozdriov - “E o mais estranho - o que não é possível senão na Rússia - é que, em seguida, como se nada houvesse acontecido, tornava a reunir-se aos amigos que o haviam surrado”.

382. Pliuskine, que para muitas pessoas pode parecer um personagem irreal e completamente absurdo - é evidente o exagero dos traços - lembrou-me uma viúva italiana e rica de minha terra natal. Também como esse homem, cuja “ponta do queixo sobressaía desmesuradamente, a ponto de ter que a cobrir com o lenço para não cuspir sobre ela”, como ele, a senhora F. G. tinha a mania de colecionar tudo o que fosse velho e imprestável. Reunia todas as quinquilharias num grande depósito, um porão que muitas vezes olhei através da porta gradeada dando para a rua, situado na base de sua majestosa residência. Creio que nessas pessoas existe um pouco de solidariedade, quando assim procedem: pois compram dos

ms3 ele, * D. Chiquinha* tinha

ms3 e > julgado< imprestável
ms3 imprestável > para os outros. Tudo ela reunia < num
ms3 depósito \ situado na base de sua majestosa residência\ que
ms3 pessoas* pode ser encontrada uma pasta* de

pobres, por um preço irrisório é verdade, tudo o que para o comprador também é perfeitamente inútil.

Setembro, 11

383. Quando, em 1949, li o Don Quixote, pensei em adaptar para o teatro a *Novela do Curioso Impertinente*. Dependendo da maneira como fosse explorado o tema, creio que daria uma ótima peça. Mas encontro várias dificuldades e dúvidas, agora que me voltou a intenção. São poucos personagens, e a trama é bem interessante, mas conservá-la integralmente seria dar uma forma clássica ao drama; e modernizá-la talvez importe em perda do valor.

384. O que mais atrai é o caráter de Anselmo, o marido curioso; e em sua amizade por Lotário poder-se-ia encontrar uma explicação para seu desejo absurdo. É um anormal, em última análise, pois expõe sua própria honra para a satisfação de um capricho. Desprovido de bom-senso. Dizem que Deus nos cerca de dificuldades para ver como as vencemos e se somos dignos de escolha para o Seu reino. Anselmo quis fazer o mesmo com sua esposa... e perdeu-a.

385. Os matizes psicológicos do conflito poderiam criar um interesse intenso pelo final, que já o percebo. Temo que seja necessário lançar mão do monólogo, demasiadamente. Enfim, seria necessário silêncio, solidão, calma e tempo. Tudo isso me falta, principalmente agora que moro com mais cinco companheiros.

ms3 inútil > Sobre a viúva italiana conta-se em minha terra uma anedota bem interessante: Tinha por costume sair todas as noites de carro (um carro de molas puxado a dois cavalos), e dar uma volta pela esburacada rua da cidade. Certa vez em que estava com visitas em casa, e cercada de familiares, chega o boleiro e ([pergunta]) convida: - Dona Chiquinha vamos fazer o que fazemos todas as noites?// - Mas estou aqui é para falar em Almas Mortas.// Talvez tenha sido em Nozdoiev que Dostoiévski encontrou a eloquência e tagarelice de alguns de seus personagens sentirem um prazer doentio em humilhar-se em presença de quem os ajudam, aparece em Gogol quando se refere a Nozdoiev: "E o mais estranho - o que não é possível senão na Rússia - é que, em seguida, como se nada houvesse acontecido, tornava a reunir-se aos amigos que o haviam surrado." < Quando

ms3 em * teatralizar * a
ms3 Impertinente.> Creio que, < dependendo

ms3 dúvidas .> No entanto < agora
ms3 voltou > esse desejo. Reli a novela com atenção e vejo possibilidades de tentar esse trabalho, nem que seja só para o treinamento, uma vez que não poderei fazer um trabalho digno do autor. < São
ms3 personagens> (Anselmo, Lotário, Camila e Leonela, os principais, mais os criados e desconhecidos...) < e

ms3 curioso.> e dada< sua
ms3 Lotário * talvez fosse possível encontrar-se*uma
ms3 anormal *, e, como todos, põe em jogo sua * honra
ms3 bom-senso> (casado e feliz, resolve pôr sua esposa à prova, e para isso lança mão de seu amigo, que acaba apaixonando- se por ela. Esse capricho teve como resultado a infelicidade dos três)< Dizem

ms3 psicológicos * do conflito * poderiam
ms3 poderiam * ser explorados de forma que se desse uma segunda e mais profunda interpretação ao problema. Mas tenho medo* que
ms3 monólogo, * o que não é muito próprio.// Às vezes penso que poderia fazer uma boa obra. Mas* seria
ms3 necessário> muito < silêncio
ms3 tempo * são fatores tão difíceis de se conseguir, morando como moro e vivendo como vivo!) * Tudo

Setembro, 12

386. Para comentar-se um livro talvez seja necessário, pelo menos, escrever dois. Depois queimar a ambos, porque o que fica é a obra do autor comentado. Não obstante, gosto de dizer a mim mesmo o que certos livros me sugerem.

387. André Gide foi um grande crítico literário, a par de ser um notável escritor, e por isso, muitas vezes se encarrega de analisar e emitir julgamentos sobre sua obra, quando, no decorrer de seus romances, faz apreciações sobre os atos e palavras de seus personagens. É o caso de *Os Subterrâneos do Vaticano*, que li todo hoje, em edição Vecchi, tradução de Miroel da Silveira.

388. Terminada a leitura, procurei o livro de Schildt, *Gide et L'Homme*, e verifiquei que estudou, a partir da página 57 (Mercure de France), o mesmo que eu pretendia anotar, isto é, o crime de Lafcádio, a figura mais importante da "farsa". Todos os demais existem para tornar possível sua existência; todos têm ligação direta ou indireta com ele, concorrendo, de uma ou outra maneira, para que execute seus atos. O mais desligado, ou menos ligado, é Anthime Armand-Dubois; no entanto, por sua formação psicológica, prepara o aparecimento de Lafcádio.

389. Em *O Imoralista*, Gide expõe os fatos sem os julgar, como diz na introdução. Aqui pretende justificar ou, pelo menos, explicar a atitude do herói. Antes do crime, Julius, o irmão, fala com Fleurissoire, ou antes: fala consigo próprio em presença deste - já que despreza sua opinião e irrita-se com suas interrupções - fala sobre o mal gratuito. Lafcádio comete essa espécie de mal. Posteriormente ambos discutem-no e Julius, que por assim dizer induziu o outro à prática, conclui por "desrespeito e blasfêmia" o ato consumado. O autor, de um senso psicológico brilhante, alerta a todas as reações do leitor, sabe, de um modo magistral, preparar-nos para tudo. Indiscutivelmente chocante e desumano o crime de Lafcádio, principalmente por se conhecer a vítima em toda a sua ingenuidade ridícula, e de quem se tem, por entre o riso que em nós desperta, piedade. Pois Gide não mais abandona Lafcádio, nem a nós, e procura provar que o criminoso não traz em si uma consciência morta: as cenas finais, de uma grandiosa beleza, são provas disso. E se o autor, na última linha ainda não definiu o destino de seu personagem é que ele, como nós, também tem dúvidas. E deixa a página em branco para que o próprio Lafcádio decida; o Lafcádio que existe em cada um dos leitores.

ms3 Depois > fazer uma fogueira e < queimar
ms3 porque, > em fim de contas < o

ms3 seus * livros, * faz

ms3 todo * hoje inteiro, * em

ms3 de > Johan < Schildt
ms3 e * vi * que

ms3 Lafcádio >, indiscutivelmente < a
ms3 existência @ . @ todos
ms3 indireta * consigo, * concorrendo
ms3 para * possibilitarem * seus
ms3 O > personagem < mais

ms3 Aqui > ele < pretende

ms3 fala > com ele < sobre
ms3 mal. * Depois, * ambos

ms3 vítima, * com * toda

ms3 e * nos mostra * que
ms3 não * tem * em

ms3 uma * beleza tão grandiosa, * são
ms3 destino > final < de

390. Não se precisa perguntar por muito tempo quem é Lafcádio. Ele mesmo diz de si, não sem vaidade: “sou um ser de inconseqüência”. E mais tarde Protos, havendo-lhe ensinado “que o importante neste mundo é não aparentar o que se é naturalmente”, traça-lhe um retrato bastante próprio: “Como dizia, um adolescente quis escapar desses quadros sociais que nos aprisionam; um adolescente simpático; e bem como eu gosto deles; ingênuo, e tomando resoluções súbitas; porque ele não fez aquilo, presumo, por grande cálculo... Lembro-me, Cádio, como, antigamente, você era contador de números... mas, para as suas próprias despesas, você não consentia nunca em contar... O que admira a mim, é que, inteligente como você é, Cádio, pensasse que podia simplesmente sair duma sociedade sem cair logo em outra; ou que uma sociedade possa deixar de ter leis”.

ms3 quem * é * Lafcádio

ms3 Protos, * que lhe ensinara * “que

391. Tecnicamente o livro é perfeito. Como todo os incidentes vão-se lenta e precisamente se justificando! O que de início parece uma série de acontecimentos independentes, vai-se transformando numa trama suave e macia de um tecido habilmente trançado; o que pode parecer coincidência, é a origem de uma cena fundamental: como o conhecimento de Lafcádio e Geneviève. E como é repleta de beleza plástica e sentimental essa frase do final, quando ela, sabedora de tudo, se declara e ele julga-se indigno: “E como os cabelos soltos de Geneviève estivessem tocando as suas mãos, pegou-os, apertou-os apaixonadamente de encontro aos olhos, aos lábios”.

ms3 leis”. * É maravilhosa a técnica de André Gide* Como

ms3 de * incidentes * independentes

ms3 trama \ macia é suave \ de

ms3 trançado @. @ o

ms3 que > a princípio < pode

ms3 coincidência > irritantemente inútil, < é

ms3 como > é o caso do < conhecimento

ms3 Geneviève * não posso deixar de citar

esta passagem de intensa * beleza

ms3 sentimental * do, final do livro* quando

392. A versatilidade de Gide é outra coisa de se notar. De obra para obra existe algo de novo e inédito. No entanto, por certas tonalidades sentimentais, e pelo dilema “ser moral ou ser sincero”, seus livros conservam uma harmonia sensível; mas esse dilema, a liberdade, a verdade, o sentimento religioso, tudo isso ele experimentou nos mais diferentes caminhos.

ms3 lábios > Outra coisa espantosa é < a

ms3 inédito * É bem verdade que * por

Setembro, 26

393. Li Kropotkine, Saint-Exupéry e Jakob Wassermann. *A Vida de um Revolucionário*, de grande valor como documentário; o *Piloto de Guerra*, traduzido do inglês por Monteiro Lobato, talvez o mais belo livro que tenho lido: a infância como purificação, a desolação da morte, a esperança, a valorização da vida ativa, tudo envolto na melhor poesia, simples e de uma beleza comovente.

ms3 Li > um livro de (Kropotkine), outro de

< Saint Exupéry <, e um de < Jakob

ms3 Wassermann > O primeiro, < “A

ms3 Guerra” >, que não sei porque foi <

traduzido

394.O livro de Wassermann foi o mais pobre dos três: dir-se-ia um livro de estréia. *Golivin* apresenta uma trama frôuxa, personagens aparecendo e desaparecendo quase desnecessariamente e vivendo num ambiente de revolução fracamente apresentado. Além de tudo, o tradutor conseguiu um português irritante, com a supressão dos se e dos que, dando um sabor de inglês traduzido ao pé da letra.

ms3 três > Infelizmente não tenho nenhuma fonte para situar a obra, isto é, não sei a que fase pertence, mas não pode ser da melhor: < dir-se-ia

ms3 estréia. > Assim me pareceu *Golivin* com sua < trama

ms3 apresentado> O livro justifica-se pelo encontro de Maria (essa mulher que exerce um poder meio messiânico de resolver os mais difíceis problemas, embora não convencesse ao leitor), como *Golivin*, o marinheiro intelectual. Mas isso acontece quase no fim do volume quando poderia começar a nos interessar. < Além

ms3 letra > Para tirar essa impressão preciso ler Gaspar Hauser, que tenho guardado desde Dezembro< Uma

Setembro, 28

395.Uma nota do “Jornal de Letras” fez-me voltar a Ibsen. Seria realmente uma boa oportunidade para fazer uma experiência. Mas conheço tão pouco sua obra! Apenas os seis dramas que a Globo publicou; e procurei nas livrarias daqui sem nada encontrar. No entanto, anotei ligações com Joyce e Unamuno e já reli *O Inimigo do Povo* e *O Pato Selvagem*, tomando algumas notas para um possível trabalho⁷.

ms3 entanto, * procurei * ligações

Setembro, 29

396.Os dramas de Ibsen desenvolvem-se numa atmosfera de tremenda luta de consciência. *Rosmersholm* é um claro exemplo desse conflito sempre presente em sua obra. Eis o ponto principal de contato com Unamuno: a angústia perante a falsidade da vida, a presença da dúvida e o tormento vital que ela encerra⁸.

Setembro, 30

397.A serenidade de pesquisa crítica que precisamos manter durante o estudo de determinada obra, é destruída com a leitura de Ibsen, quando, repentinamente, as palavras de um personagem nos levam a apreciar o caminho imprevisto de novo labirinto.

ms3 labirinto > E assim, aos poucos, vamos convencendo, com Rilke, de que “ nada há mais difícil de exprimir do que as obras de arte, - seres vivos e secretos cuja vida imortal acompanha a nossa vida efêmera.” < Lendo

Outubro, 1º

398. Lendo mais detidamente a nota do jornal, percebi que nada se especifica para me haver levado a julgar que se tratava de cousa unicamente para autores novos. E meu entusiasmo arrefeceu. Mesmo assim, ainda li, *A Dama do Mar* que, aliás, não me fez voltar o interesse na experiência. Não obstante, tomei algumas notas⁹.

ms3 haver * feito * julgar

Outubro, 2

399. Creio que¹⁰ terminei minhas notas sobre Ibsen. Ainda que as ordene, o mais possível, não acredito que percam a impressão de desordem e de cousa incompleta. No entanto, sinto-me satisfeito pela persistência com que persegui esse objetivo. Provei a mim mesmo que a profissão, a falta de tempo contínuo, a indiscrição dos colegas, nada pode impedir aquilo que realmente queremos. Outra satisfação é a de ter me dedicado a Ibsen e observado de perto, se bem que imperfeitamente, seu valor.

ms3 Ibsen * Uma vez ordenadas, * o
ms3 não * creio * que
ms3 valor > Mas vem como contraponto, algum desgosto, é que o interesse em sua obra, dessa vez, veio por uma nota de jornal que oferece um prêmio, interesse mesquinho; e quando me convenci de que não poderia vencer, ainda apareceu outro sentimento, não muito nobre, expresso por esse pensamento: "pelo menos, alguém lerá o que escreves, e talvez surja daí alguma possibilidade..." < Hoje

Outubro, 7

400. Hoje, foi-se embora pelo correio a fim de cumprir seu destino. Lá se vai uma cousa minha, feita com toda a dedicação, mas também tão apressada que se viu cheia de lacunas. E, o que é pior, por conhecer muito pouco a obra de Ibsen, e menos ainda o que se escreveu sobre ele, não posso saber se tudo o que fiz nada mais foi do que repetir o que se tem dito pelo mundo afora.

ms3 com * tanta * dedicação
ms3 lacunas > Percebo que certas intenções minhas ficaram apenas esboçadas, que me demorei, comparativamente, tempo demais com pontos secundários. < E

ms3 afora > Nem sequer li o trabalho de Carpeaux, e os prefácios de cada peça, escritos pelo Conde Prozon (ou cousa parecida), também não li, a não ser os que conhecia da primeira leitura. < É

401. É realmente penoso o trabalho de dar ordem às notas, passar tudo a limpo, corrigir o trabalho do datilógrafo. A vontade que se tem, terminado o esforço, é de se ausentar do assunto por alguns dias, para depois, a sangue frio, ler tudo com espírito de auto-crítica, uma vez readquirida a calma necessária. Mas não tive tempo, pois a cousa deve estar lá dia 10.

ms3 datilógrafo > (que, aliás ficou cheio de erros e rasuras) < A

ms3 ler > - se < tudo

ms3 não * tinha * tempo

402. Apesar de tudo, a satisfação que tive ao vê-lo concluído foi tão grande que me senti leve, feliz, sorridente.

ms3 10* Não obstante,* a
ms3 sorridente,> e isso de tal forma que, numa festa a que fui sábado de noite, uma moça falou: "Você hoje está mais bonito." Foi a única palavra, estranha a minha pessoa, que encontrou para caracterizar a mudança percebida.< De

Noite de 7

403. De repente, abateu-se sobre mim um tal estado de espírito, tão triste e lamentável, que a única palavra que não temos para exprimir é "Spleen"¹¹.

Outubro, 21

404. Estou lendo no quartel, nos intervalos de meu atual serviço de classificação de recrutas, outro livro de Jakob Wassermann: *Cristovão Colombo, O Don Quixote dos Mares*. Trata-se de uma brilhante interpretação da personalidade do descobridor; estudo psicológico de muita força que me apresenta o autor sob uma forma diferente daquela que o tenho conhecido.

ms3 daquela> como o conheço. Foram surpreendentes, até certo ponto. No quartel estou agora encarregado de selecionar os novos recrutas para a incorporação dia 1º de Novembro. No decorrer desse trabalho venho fazendo algumas observações que talvez sejam escritas neste caderno. Não são observações muito agradáveis sobre nossa gente. < Do

405. Do Rio, por intermédio de um amigo, recebi o último número de "Jornal de Letras". Como sempre com muita coisa para se ler. Mas meu maior interesse era as notícias sobre o concurso. Fala sobre ele, diz que se encerrou o prazo com a apresentação de dezenas de trabalhos. Nada mais. Espere-se o próximo número.

ms3 um * colega * recebi
ms3 sempre * muito substancioso* Mas
ms3 interesse^ eram ^ as

ms3 número > Resolvi ler os livros de Gilberto Freire. Trouxe da Biblioteca do quartel Casa Grande e Senzala que pretendo recriar hoje. Em Caxias, de volta de Natal, li Nordeste que muito me agradou. Esses livros são parte dessa categoria que sempre pretendo ler, mas que vou adiando sempre a oportunidade. Agora, que resolvi não mais livros para não aumentar minha bagagem para o caso de nova transferência, aproveito para ler o que existe de bom e proveitoso na biblioteca do 12º: R.I.

406. Biblioteca de quartel é uma cousa interessante de se observar. São de tal forma padronizadas que se tem a impressão de que, no caso de uma transferência, pode-se calmamente devolver um livro de leitura inacabada que será encontrado na próxima Unidade. E foram organizadas por oficiais os mais diferentes do mundo. Se bem que sua instalação se baseie em normas regulamentares, não existe, a não ser de um modo muito geral, especificação sobre gênero de publicações que devam conter. Tanto em Natal, como em Caxias, Porto Alegre ou aqui em Juiz de Fora, a constância da presença de certos livros é facilmente observável. Por exemplo: *Os Sertões*, as obras completas de Machado de Assis, Humberto de Campos, Monteiro Lobato, Stefan Zweig... e livros de Pitigrili. *Guerra e Paz* aparece obrigatoriamente. Também uma boa coleção de biografias, livros históricos, dicionários, a Enciclopédia Internacional, e essa tal Enciclopédia Internacional de Obras Célebres cujo plano de organização ainda não pude encontrar porque sempre falta o primeiro volume. É claro que existe uma secção de livros militares e regulamentos, ressentindo-se sempre dos mais necessários. E mais a Coleção Nobel, da Globo, e o volume das *Cem Obras Primas do Romance Universal* não sei de que editora¹². Naturalmente há variantes: aqui, Balzac no original; em Porto Alegre, o teatro de Molière também no original, em bela encadernação marfim; e em Natal vi *Marília de Dirceu* ilustrado por Guignard.

407. Outro ponto comum: a minoria de leitores. Os livros deixam-se ficar de portas fechadas nas estantes, acompanhando a monotonia das tardes militares, sem mãos que lhes ventilem os ventres. Muitos são transpassados, dia após dia, pelos roedores que lhes perfuram impiedosamente as entranhas.

408. No Regimento de Porto Alegre seu destino foi, por certo tempo, ainda pior: os armários, com a mudança de sede do quartel e falta de espaço nos pavilhões principais, foram transportados para a Formação Veterinária, e lá estavam, junto a ferraduras e demais apetrechos cavалares, quando recebi a missão de conferir a carga dos livros e dissolver a biblioteca, fazendo uma distribuição pelas Companhias que também possuíam as suas coleções. Todos passaram súptiles por minhas mãos, alguns se dilacerando em pranto de folhas rasgadas.

ms3 E,> no entanto < foram

ms3 regulamentares > o regulamento nº 1 dedica um capítulo inteiro para isso - < não ms3 existe * a mínima * especificação ms3 publicações \, a não ser de um modo perfeitamente geral \ Tanto ms3 Caxias ,> como em < Porto Alegre ms3 de * certas obras é sintomático * Por

ms3 obrigatoriamente > - pelo título, creio eu. < também

ms3 livros> sobre tática militar e outra de < regulamentos

ms3 regulamentos* que, infalivelmente, se ressentem da falta dos mais úteis * a

ms3 Porto Alegre * seu despreparo foi além:< * os

m3 Veterinária, * para uma peça em que se amontoavam * ferraduras

ms3 cavалares @ . @

ms3 cavалares, * um dia * recebi

ms3 a * incumbência * de

ms3 distribuição * de volumes pelas Subunidades. * Todos

ms3 rasgadas > e carcomidas. Foram para outros armários, encontrar novos companheiros de solidão < Quando

409. Quando o carro em que eu vinha dobrou a esquina, vi dois meninos olhando para o meio da rua, parecendo que fixavam os trilhos do bonde. Pensei que tivessem posto bombas, pois estavam ansiosos com a aproximação do veículo que vinha deslizando as rodas de ferro pesadamente. Mas o carro, continuando a avançar, mostrou-me um pequeno pássaro gris pousado sobre o calçamento, entre os trilhos, olhando a perspectiva das duas paralelas de ferro. E ali ficou indiferente. Passei pelo bonde no momento em que começava a cobrir o pássaro. Acompanhei o deslizar das rodas pesadas e logo reparei nos meninos sorrindo e.... a ave continuou mergulhada no mistério da perspectiva, incólume. Senti-me tão bem com o desfecho que contei aos companheiros do automóvel o que acabava de ver. Nada. Nenhum comentário. Considerei-me perfeitamente imbecil ante o silêncio que cobriu minhas palavras.

410. Ontem de manhã, ao chegar ao quartel, trouxeram-me um moço em prantos. Dezenove anos transformando-se em lágrimas. Negro, os lábios grossos compondo frases soltas de saudade dos pais e dos irmãos que ficaram na fazenda em que trabalhava. O contraste de seus largos ombros e o sentimento avassalador da saudade, misturado ao medo do ambiente novo.

411. Toquei-lhe o braço, e exatamente como as crianças mimadas, redobrou o pranto escondendo os olhos num lenço sujo. Examinei-lhe os papéis e imediatamente a certeza de que nada poderia fazer: insubmisso. Passou chorando pelas mãos de muitos oficiais, o comandante interessou-se, mas a lei por cima do coração de todos...

412. Ficar. Dois meses serão suficientes para que se adapte. Trocará os pés descalços por outros de botina preta; as mãos grossas de lavrador talvez se amaciem, a calça e a camisa serão guardadas e ver-se-á, de repente, pintando de verde e comendo a horas certas. Não achará lugar na cabeça para guardar metade das coisas que lhe procurarão ensinar; mudará o porte, o andar, e suas pobres concepções tomarão novo rumo. Por fim, quando estiver acostumado com tudo; com o bonde, a mulata fácil como a comida, os sete botões da túnica; quando tiver sabido que sua mãe disse dele cheia de orgulho simples: "Meu filho é soldado!" - quando tudo

ms3 dobrou * à esquerda, * vi
ms3 o * leito * da

ms3 bombas > ali; < pois
ms3 pois * demonstraram ansiedade * com
ms3 ferro* sobre os trilhos* Mas
ms3 Mas * quando meu carro aproximou-se
percebi que diferente era o fato * em
ms3 gris > estava < pousado

ms3 pássaro * Olhando para trás vi os*
meninos

ms3 incólume* Então os garotos enxotaram-
no e ele saiu num vôo incerto de aprendiz e o
carro dobrou à direita e eu comentei que vira
com os colegas e nada disseram. Senti-me *
perfeitamente

ms3 que * trabalha e que abandonou para
tirar o serviço militar. Figura realmente
tocante, pelo contraste entre seus ombros
largos e fortes * e
ms3 novo > com uma palavra terna < Toquei-
lhe
ms3 braço * Mas, * exatamente
ms3 como * uma criança que ao se sentir
mimada redobra o pranto, assim fez ele, *
escondendo
ms3 oficiais>, e mesmo o comandante <
interessou-se

ms3 Ficarão, > Se não ficar, como explicarão
em casa, o que dirá mais tarde a seus filhos?
< Dois
ms3 camisa> simples < serão

ms3 certas. * Falar-lhe-ão sobre cousas e
cousas que precisará guardar na cabeça - não
achará lugar para tudo. Mudará também * o
ms3 rumo > Que rumo ? < Por
ms3 quando * souber * que

ms3 mãe * referindo-se a ele disse: * " Meu

isto acontecer, não será mais soldado. Trocará todos os uniformes por um papel impresso, receberá uma passagem, embarcará, chegará em casa, e levará quantos meses para se readaptar?

Outubro, 24

413.

“ Mas hay también un día...un día...un día,
en que levamos anclas para jamás volver...

Un día en que discurren vientos ineluctables, un día en
que ya nadie nos puede retener!”

(In *Canción de la Vida Profunda*, de Porfirio Borba-Jacob¹³)

Outubro, 27

414. Por todos os dias deste mês, e ainda neste momento, ao escrever Outubro, tenho ficado suspenso sobre esta palavra, como se devesse recordar-me algo de particular. Mas não consigo saber o que me prende, e deixo o mistério guardado nas vogais tristes da palavra e na cruz sombria do t entre os dois uu, como um veleiro de velas derreadas, âncora lançada entre ondas infinitas¹⁴...

Outubro, 30

415. “Será o homem um equívoco de Deus, ou Deus um equívoco do homem?” - Nietzsche - *O Crepúsculo dos Ídolos*.

Novembro, 4

416. Levadas lentamente para a praia, duas coroas roxas boiavam nas águas do Leme, a Dois de Novembro.

- São flores para os mortos no mar.

ms3 Trocará * todas as roupas por um pedaço de papel, * receberá

ms3 readaptar? > Out., 24 - “Hay dias em que somos tan móviles.// I hay dias esa que somos tan fútiles, tan fútiles.// I hay dias esa que somos tan sórdidos, tan sórdidos.// I hay dias en que somos tan plácidos, tan plácidos.// I hay dias en que somos tan lúbricos, tan lúbricos.// I hay dias en que somos tan lúgubres, tan lúgubres. < “Mas

ms3 prende *, e passo adiante, deixando o mistério dentro das * vogais

ms3 veleiro > de mastro nu, as < velas

ms3 Ídolos > // Quanto a Casa Grande e Senzala, li os prefácios num total de 71 páginas... e não sei quando iniciarei a leitura da obra propriamente dita. < Levadas

ms3 duas * belas coroas de flores * roxas
ms3 boiavam > sobre o verde das < águas
ms3 Leme >, no dia de Finados.// Ruth foi que avistou primeiro e todos corremos para a sacada. < São

417. Uma, tranqüila, ficou junto ao rochedo, na areia molhada. Mas a outra serviu de brinquedo aos meninos da praia. Arrancaram flores, jogaram uns nos outros - todos se esquivando, como se trouxessem o veneno da morte. Um menino louro desprende a fita lilás e lançou-a no ar: ela deu uma volta no espaço e estendeu-se no chão. Logo o mar ficou pingado de flores que a espuma escondia. (O que morreu no mar, ao anoitecer, virá recolher todas as flores e chorar sobre elas).

ms3 mar* Dentro em pouco uma delas ancorou na areia molhada, junto ao rochedo e ficou tranqüila. * Mas ms3 outra * foi vítima da curiosidade e gracejo dos meninos que se banhavam. Aproximaram-se dela * arrancaram ms3 flores ,> que < jogaram ms3 outros. * correndo todos para evitar que as flores caíssem sobre si, * como ms3 fita * roxa * e ms3 lançou-a ^para o^ar ms3 estendeu-se * na praia.* Logo ms3 ficou * salpicado * de ms3 que > desapareciam aos poucos sob as ondas.//Enquanto as crianças brincavam com a coroa, M. ficou nervosa e saiu da sacada: - Não gosto de ver isso. < O

Novembro, 13

418. Ambiente artístico do Rio: Ninguém gosta de ninguém; todo mundo desfaz todo mundo. Volta-se com a impressão de que arte nada mais é do que distração, ocupação, comércio.

ms3 mundo .> Um desprezo imenso por tudo o que não é seu, por tudo o que foi produzido por outros.//Se nada se visse de valor creio que se ficaria completamente desiludido. Pois eles dão < a

419. Falei que havia escrito um trabalho sobre Ibsen. Eis o que disseram pessoas diferentes, em dias diferentes:

- Acho Ibsen muito chato.
- Não adiantou nada teu trabalho: fica tudo na panelinha.
- Tens alguma peça dele¹⁵?

ms3 escrito * algo * sobre ms3 diferentes >, isoladamente < em ms3 chato. > (E esse escreve peças) < Não

Única cousa de valor a que assisti por lá: Villa-Lobos ensaiando no Municipal o seu *Descobrimento do Brasil*.

Novembro, 30

420. Nova mudança. Estamos em cinco num apartamento cuja frente dá para um campo de futebol: hoje, domingo, as partidas sucedem-se como sessões contínuas de cinema¹⁶.

ms3 mudança >, como todas, foi cansativa e engraçada.< Estamos ms3 apartamento > é menor, e como na última hora as cousas mais uma vez saíram ao contrário do que eu esperava, continuo com o meu companheiro de quarto. Menor, não cabe nem a mesinha que escrevia, razão porque estar escrevendo sobre meus joelhos, como mocinha de internato.//O prédio é de esquina. De um lado, um palacete tirando-nos a liberdade de andar a vontade e de outro < um

Dezembro, 21

421. Reflexão de um bêbado, ontem, sob minha janela: "Nasci sem querer e vou morrer sem querer".

1953

Janeiro, 27

Itinerário de férias:

422.Noite de 21 de Dez., embarque e chegada ao Rio. Manhã de 30: embarque no Rio e chegada a Porto Alegre. Tarde de 13 de Jan., Tramandaí, regressando a P. Alegre dia 18. Dia 20, regressando ao Rio e noite de 21 chegada a Juiz de Fora.

423.Durante as férias li somente *Notes sur André Gide*, por Roger Martin du Gard, curto mas cheio de observações sobre a obra e personalidade de Gide¹⁷.

ms3 Durante > minhas < férias

ms3 de * muitas coisas preciosas * sobre
ms3 e > principalmente, sobre a < personalidade

Janeiro, 29

424.É lamentável que só agora tenha conseguido *Casa de Bonecas e Os Espectros*, já em edição de 1950. E foi preciso ir a Porto Alegre para descobri-los.

425.O primeiro destes dramas vale pelo desfecho. Não é de se admirar que tenha causado tanta polêmica, quando representado na Europa. A sociedade atual também não aceita o procedimento de Nora, ela é puramente Helmer.

ms3 dramas >, que já li, < vale

ms3 Europa .> Na verdade, a nossa < sociedade

ms3 não ^aceitaria ^o

ms3 Nora , * porque a sociedade * é

426.E sobre concurso em que tomei parte, nada mais soube.

ms3 que * concorri com o ensaio sobre Ibsen,
* nada

Noite de 29

427.Como me fez falta a leitura de *Os Espectros* para o pequeno estudo sobre Ibsen! Concluo a leitura desse drama patético, de maravilhosa e profunda intensidade dramática, quase sem confrontos¹⁸.

ms3 para > fazer < o

ms3 concluo > agora sua < leitura

Fevereiro, 8

428.Estive relendo ontem e hoje grande parte de meu diário. Voltou-me o desejo de publicá-lo, com o título *Diário Quase Íntimo*, uma vez que os assuntos devem ser selecionados. A vida integral de um escritor só passa a interessar, quando isto acontece, depois de sua morte, ou quando já firmou um valor ponderável.

ms3 diário > e encontrei bastante coisa que li com prazer, encontrando valor nessas coisas que li com prazer. Mas também verifiquei que a produção de 1952 decaiu bastante, tendo percebido algum adiantamento só no que se refere à crítica e que, a meu ver, adquire certa penetração inexistente nos primeiros trabalhos.// Com tudo isso. // < voltou-me

429. Creio que nas palavras seguintes de T. S. Elliot, servindo como epígrafe, poder-se-á encontrar uma explicação para minha aventura:

“A continuidade de uma literatura é essencial para sua grandeza; e é sobretudo função dos escritores secundários preservar esta continuidade, e oferecer um conjunto de obras que não serão necessariamente lidas pela posteridade mas que desempenham grande papel na formação do elo entre aqueles escritores que continuarão a ser lidos”. (The Classics and the Men of Letters - tradução da Revista Região, nº 9, de Agosto de 1948).

Fevereiro 19

430. Estive dois dias, em Belo Horizonte, como escrivão de um Inquérito. A cidade é das mais belas, pelo traçado e harmonia do conjunto. A igreja de Pampulha é alguma coisa tão importante como um museu, em que se fica sentado observando todos os detalhes.

431. Depois fui para o Rio, durante o Carnaval, e trouxe mais dois livros de Graham Greene, recomendados por A. B. inicialmente foi *La Fin d'une Liaison*, agora vieram comigo: *L'Homme et Lui Même* e *La Puissance et la Gloire*.

Fevereiro, 22

432. A tentativa de suborno, no Brasil, é feita por todas e contra todas as classes sociais. Os jornais noticiam todos os dias casos os mais escandalosos, e a conseqüente abertura de inquéritos cujas soluções, no mais das vezes, ficam desconhecidas do público. E os comentários a respeito, transformando-se das cidades até aos remotos povoados, e sendo interpretados pela ingenuidade de nossa gente, geram incidentes cômicos, quando elementos do povo entram em contato conosco.

433. Um dia, por exemplo, meu comandante em Caxias do Sul recebeu de presente um “corote” de vinho da colônia, mandado pelo pai de um convocado que deixara de servir ao Exército. Procurando lembrar-se de como merecera esse obséquio, recordou-se que um colono o procurara e dissera: - Se o senhor der um jeito para meu filho não servir, eu lhe mando um corote de vinho.

ms3 Elliot, > numa tradução da Revista Região, nº 9, de agosto de 1948. < “ A

ms3 lidos”. > Creio que aí existe uma justificação para minha aventura. // “Então, organizaram o volume separando-o em três cadernos, número que corresponde aos cadernos existentes <

ms3 Belo Horizonte * onde passei quarta e quinta - feiras, a serviço, * como ms3 cidade, * em matéria de * traçado ms3 é * algo para a gente contemplar como se faz num museu de Arte. // Sábado, 14, embarque * para

ms3 Carnaval > de chuva. Nada de particularmente especial além de ter conseguido * mais ms3 Greene * para ler. O primeiro, que também arranjei com A. B., impressionou-me vivamente: * La ms3 Gloire > Hoje de manhã voltei ao serviço e encontrei tudo mergulhado na maior monotonia, o tédio penetrando por todos os sentidos. // Fev. 22 - A ingenuidade de nossa gente simples manifesta-se, às vezes de modo chocante. O < suborno

ms3 sociais * Diariamente os jornais noticiam casos dessa espécie, * e

ms3 povoados * de nossa terra, * geram ms3 incidentes > até certo ponto < cômicos

ms3 colônia * trazido * pelo

434.O coronel sorriu, simplesmente, pois na verdade nada mais seria possível fazer, e, posteriormente, como naquele ano muita gente foi dispensada de incorporação por ser maior o número dos apresentados que o necessário a completar o efetivo, o rapaz foi casualmente incluído no excesso, sem a intervenção de ninguém. Mas o colono não deixou de cumprir sua promessa...

ms3 sorriu, * calmamente * pois
ms3 pois * nada mais havia a * fazer

435.Também aqui em Juiz de Fora acontecem fatos semelhantes. Como estivesse na comissão de classificação de recrutas, fui procurado por um convocado que me perguntou:

ms3 ninguém. * E * o
ms3 colono * cumpriu a * promessa

- Será que o senhor não pode me mandar tirar o tempo no Quartel General?

- Por que queres ir para lá?

ms3 acontecem * cousas * semelhantes

- Não vê que meus companheiros vão para lá e eu queria ficar com eles.

ms3 lá? * É * que

- Está bem; vou ver se arranjo. - E quando começava a escrever seu nome em um cartão para pleitear a transferência, acrescentou:

ms3 ver * o que se pode fazer * E
ms3 quando * me dispunha * a

- Se o senhor arranjar depois lhe dou uma gorjeta. - Sempre que isso acontece, sentimo-nos envergonhados, decepcionados, por quererem comprar o que se faz por compreensão e boa vontade. O primeiro impulso é reagir, dizer desaforos, mas, nesse caso, estaríamos admitindo a possibilidade do suborno.

ms3 acrescentou > : sem malícia < - Se

436.O caso mais interessante talvez seja o que se passou com um tenente, também aqui. Fora designado para defender um soldado insubmisso no Conselho de Justiça do Regimento, e dele recebeu esta proposta:

ms3 aqui * ([no 12: R.I.]), que tendo sido designado para curador de um * insubmisso

- Eu não sendo preso lhe dou uma galinha.

ms3 recebeu ^ essa ^ proposta
ms3 galinha * Infelizmente, quando o elemento não mais é a gente simples dos campos, as ofertas também aparecem e cheias de maldade. Ainda em Caxias encontrei o Tenente M. P. W. furioso porque um conscrito oferecer-lhe para ser dispensado, e duvidando de sua integridade, a importância de mil cruzeiros! Esse oficial, conforme contou-me outro que assistira o fato de certa distância, ficou branco, os lábios tremeram e retirou-se sem uma palavra* Talvez

437.Talvez tudo isso não queira dizer suborno, mas tão somente gratidão. Com efeito, não oferecem eles, quase sempre, aquilo que está mais ligado a si e a suas ocupações? E a maneira chocante com que fazem a oferta é a única de que dispõem para lançar mão. A malícia existe quando se trata dos moços de cidade, que medem a consciência alheia pela própria¹⁹.

Fevereiro, 24

438. Na madrugada do dia 5 de Abril de 1952, em Porto Alegre, o despertador teve um som parecido com a liberdade. Mas no aeroporto, nem um amigo presente, minha tristeza parecia infinita.

439. Dentro em pouco o sol estaria em todas as ruas por onde andei. O povo enchê-las-ia de palavras, sorrisos, mas não para mim. Para mim nada daquilo teria sentido. Não era para mim o sol, as ruas não eram para mim, nem o sorriso e as palavras do povo.

Março, 1º

440. Cheguei a pensar que o amor, pela repetição das mesmas sensações, se vulgarizasse, perdesse aos poucos seu estranho fluido. No entanto, a Arte, em todas as suas manifestações, conserva esse tema como um dos mais constantes. Meu amigo F. P. S. explicou-me: “O amor é um problema eterno, como a morte”. E a natureza continua a dar exemplos, como há poucos dias a tragédia passada em Nova Iguaçu, entre dois amantes. Repetiu-se *Romeu e Julieta*.

441. Perto de mim, assisti o desencadear-se de tremenda paixão. Um amigo, vendo-se afastado de seu amor pela oposição dos pais da moça, entregou-se ao desespero e à inconstância. Pensou em suicídio; dirigiu seu carro durante 27 horas sem descanso e alimentação, como que fugindo de si; escreveu cartas apaixonadas, perdeu o sono, a fome, o prazer de qualquer convívio e, quando, um mês depois, certificou-se de que era correspondido, viu-se curado. Agora, quando às escondidas dos pais, recebe um sorriso ou uma palavra dela, volta para casa com as chagas de seu amor-próprio banhadas em águas de rosas²⁰.

ms3 infinita > Eu fugia derrotado! Nada que intentava fazer dera resultado. Perdera completamente a fé, a confiança em mim. Era um destroço que embarcava. Ninguém, ninguém...< Dentro

ms3 povo * Houve um tempo em que julguei * que
ms3 pela * sensação física sempre igual.* se
ms3 fluido .> Via, < no
ms3 Arte * conserva o amor, em todos os seus aspectos, como um dos temas preferidos. Falei a < meu
ms3 morte”. > Hoje, para mim, é uma evidência. Mesmo assim, numa época em que a ciência quer dominar todos os setores, certos fatos românticos que a imprensa noticia, ou que pessoalmente verificamos, soam um tanto absurdamente. Mas a verdade é a que a tragédia de Romeu e Julieta ainda se repete, e pode repetir-se diariamente. Há pouco tempo, em Nova Iguaçu, um casal de namorados suicidou-se ingerindo veneno, em virtude da oposição da mãe da moça contra o pretendente. E o povo fez com que se cumprisse o desejo de ambos: de serem enterrados juntos, e o comércio fechou suas portas enquanto o cortejo fúnebre passava. Eis aí como o sentimento do povo, apesar de tudo, não se transforma.// Também aqui no meu quarto vi < o

ms3 paixão * Meu companheiro de quarto, * vendo-se

Noite de 1º

442. De Emil Ludwig, em *Os Alemães*:

“Só indivíduos destituídos de segurança íntima sentem a necessidade de constantemente lembrar os seus triunfos²¹”.

Março, 4

443. Hoje, quando começou a anoitecer, visitou-me a doce nostalgia do lar. O céu, de um azul muito desmaiado, não tinha a coloração dos poentes do sul: estava sem nuvens e triste, ainda sem estrelas, e as lâmpadas do Morro do Cristo formavam um estranho cruzeiro de luz. Havia pouco recebera duas cartas de casa. Judith escrevera: “Agora felizmente já estou morando em minha casa e muito contente”. E Ruth fala da viagem que fez. Gostaria de poder sentar-me junto dela, perguntar por todos, saber de tudo. Mas neste momento acho estranho esse desejo: vivemos por tanto tempo uns longe dos outros que chega a ser absurdo o amor que nos unirá para sempre. Eu disse, por exemplo: “recebi cartas de casa”. Nada mais falso. É uma expressão roubada e sem sentido. Com efeito, aonde é minha casa? Não é mais em Tijucas, aonde passei a infância e perdi meus pais; não é em Passo Fundo, lugar em que nasceu e terminou a convivência com minha irmã Judith; também deixou de ser em Porto Alegre. “Nossa casa” é onde estão nossos pais, onde a família se conserva. Para mim, no entanto, “nossa casa” é o sangue igual correndo por todos aqueles a quem mais quero e que mais me querem. Só assim posso dizer que recebi cartas de casa, cartas de sangue, cartas de irmãos que se conhecem tanto e tão pouco, que se compreendem tanto e tão pouco; que se desentendem e se separam mas voltam sempre com o coração cheio de carinhos, e reservam os melhores pensamentos para brindarem a dolorosa sensação de uma felicidade perdida.

Março, 5

444. Tenho andado tão calmo ultimamente que, tendo repentinamente consciência desse estado, me assusto. É que pode andar por perto uma tempestade²².

Março, 6

445. Como oficial, tenho procurado adaptar-me o melhor possível à contradição da formação militar: recebe-se uma instrução superior para instruir e orientar analfabetos²³, semi-alfabetizados, e inteligências primárias. Mas poderia ser de outra forma?

ms3 visitou-me * uma* doce

ms3 pouco > ,eu < recebera
ms3 casa. > Ruth e Judith. Esta última me comoveu porque, de repente, tive a impressão de que está velha e só. Apesar de ela dizer: < “Agora
ms3 contente.” > não creio que seja necessário carregar-se e sofrer por tanto tempo um drama para ter direito de, no fim da vida, conseguir-se a “casinha” tão desejada.// Tive vontade de me sentar com Ruth e de ouvi-la contar tudo o que viu na viagem, perguntar por todos, sobre tudo. E < neste
ms3 acho * tudo isso estranho. Pois* vivemos
ms3 sempre * como são profundos os laços do sangue.// E no meu caso a noção de família é diferente dos demais, das demais pessoas do mundo. * Eu
ms3 Tijucas, * único lugar onde convivi os únicos anos de minha vida com * Judith
ms3 conserva * Mas, para mim, “nossa casa” é onde corre o sangue dos que mais me querem e a quem mais quero. Só sendo * assim

ms3 reservam ([seus]) melhores

Março, 8

446. O definitivo nos assusta e nos atrai. E o desconhecido também, pela esperança que encerra.

447. Há quem não se case por egoísmo, como aquele personagem de Dostoiévski. Outros por vaidade: concedem-se tanto valor que desprezam todas as mulheres. Alguns transformam-se em pensamento, como Schopenhauer, e só se lembram delas para objeto de suas diatribes. As mulheres simples são procuradas por uma classe de homens; outra classe as inteligentes. Baudelaire escreveu: "Aimer les femmes intelligentes est un plaisir de pédéraste".

Março, 9

448. Como é pobre o nível mental de nosso soldado! Se quiseres obter resposta ao que perguntares, não exijas dele uma definição. Não perguntes o que é isto ou aquilo. Pede exemplos em vez de querer saber, digamos, o que é uma transgressão disciplinar.

Também não pretendas objetivar uma idéia com imagens ou comparações, que pode acontecer o que houve em Natal, quando um sargento, sem ter certo tipo de granada de mão para mostrar, disse que parecia um abacaxi. Ao fim da instrução perguntou ao recruta: O que é uma granada? - E o soldado respondeu sem maldade:

- É um abacaxi.

449. Numa inspeção feita aqui em Juiz de Fora, lutei para saber de um soldado o nome das forças armadas do Brasil. Uma anda na terra, ajudei, e ele lembrou-se do exército; outra é do mar, e o rapaz sorriu contente e respondeu: "mari-nha."

- Muito bem. Falta só uma; qual é?

Silêncio absoluto. Tentei ajudá-lo: anda lá por cima, e aponte para o céu:

Falou com convicção: - É Deus²⁴.

ms3 encerra > As conseqüências de ambas nos são desconhecidas. A uma desconhecemos totalmente: só temos dela as fantasias dos poetas e dos filósofos. Quanto ao casamento fazemos nossas as experiências dos outros. E nos assustamos. < Há

ms3 mulheres > por julgarem-nas seres inferiores < Alguns

ms3 classe > procura < as
ms3 inteligentes > e sente-se bem em sua presença, como na presença de um amigo. < Baudelaire
ms3 pédéraste". > Talvez tinha razão um amigo que me explicou: - Todo solteiro é um anormal!

ms3 soldado > Quase diariamente me dou conta disso. Mas é por ocasião de exames e inspeções que verifico os maiores disparates. Por exemplo: se quiseres obter qualquer resposta ao que perguntares, não exijas dele uma definição. Não perguntes: - O que é uma transgressão? // - O que é Pátria? // - O que vem a ser camuflagem. // É inútil. Pede exemplos que te dará alguns. < Também
ms3 pretendas * que compreenda o sentido das comparações simples e imagens para dares idéia de alguma coisa. Guardará a imagem e esquecerá o motivo * em
ms3 sargento >, erroneamente, < sem
ms3 mostrar *, pretendeu dar uma instrução sobre isso. Em dado momento, referindo-se a certo tipo de granada, falou que tinha formato de * um

ms3 abacaxi * Aqui em Juiz de Fora, em inspeções consecutivas, recolhi duas anedotas: - Quantos cartuchos cabem no mosquetão? // - Cinco. // - Mas não cabe também dez? - perguntou o Tenente Coronel. // - Apertando dá. // A gente ri, mas eles não percebem absolutamente a razão. // Outra vez a pergunta foi sobre as * Forças
ms3 absoluto. * Percebe-se que procura lembrar-se. Damos mais auxílio, apontando para o céu e dizendo que anda lá por cima. Então ele fala, mas é para rematar com uma verdade absurda para o caso. Responde * - É

Março, 11

450. Nossa empregada é de idade imprecisa.

Dir-se-ia que tem quarenta anos, mas a um que lhe perguntou respondeu: 28.

451. Preta, baixa e gorda, cozinha muito bem, fica alegre quando se come bastante e triste quando não se traz convidados para o almoço ou jantar. Conserva a casa sempre em ordem e explica: "Aqui não tem dona de casa e vão dizer que sou relaxada". Passa o dia bem disposta, cantando, falando sozinha, e ri de um modo tão espontâneo - uma gargalhada franca - que conquista a simpatia de todos. Preocupa-se quando alguém fica doente e tem um coração tão grande que o mundo não pode ofendê-la. Ou, pelo menos, não terá consciência disso.

452. Sabe pouco mais do que ler algumas palavras, vive um tanto fora de si, e creio que já recebeu todas as lições da vida sem, contudo, apreendê-las. Não tem raiva de ninguém, pois, como disse, não acredita que alguém lhe queira ou lhe faça mal. Sua simplicidade, ingenuidade (talvez se possa dizer pureza), são ilimitadas, e hoje comoveu-se até quase em lágrimas.

453. Havia terminado o jantar e enquanto tirava a mesa um companheiro e eu nos sentamos para ouvir rádio e o tenente começou a conversar com ela. Eu estava distraído, prestando mais atenção ao barulho da chuva nas árvores do que às palavras que diziam. Mas a certa altura ela disse:

- Em Maio ela vem para cá, porque vou ficar um mês em casa. (Referia-se a uma moça que viria substituí-la);
- Ficar em casa por quê? Perguntou o tenente.
- O senhor não vê como estou engordando?

454. Ele não compreendeu em seguida. Como já me falara do assunto, expliquei:

- Dona Maria está esperando criança.
- Quem é o pai? Perguntou cruamente o moço. E dona Maria não se perturbou:
- O C. do Hotel... Eu trabalhava lá e ele apaixonou-se por mim. Só o senhor vendo como ele ficou louco: mandava até recado. Um dia eu precisava de dinheiro...

ms3 empregada > chama-se Helena. < Dir-se-ia

ms3 cozinha * como ninguém, * fica

ms3 jantar > Trabalhou em restaurante e diz que não gosta de cozinhar para pouca gente. Traz < a

ms3 todos > Enfim, é o que faltava a este apartamento de rapazes. Lava e passa minha roupa, < preocupa-se

ms3 alguém * está * doente

ms3 não * lhe pode ofender * Ou,

ms3 já * passou por todas as lições da vida, * sem

ms3 não * poderá aceitar * que

ms3 Dona * Helena * está

ms3 criança > para junho < - Quem

ms3 E * ela sem se perturbar * O

ms3 ele * ficou apaixonado * por

455. Contou o que se passou e em seguida começou a referir-se à criança. Então falou sempre com uma expressão de ternura nos olhos, um sorriso complacente nos lábios, o que contrastava absurdamente com a rudeza das palavras. Encostada a uma cadeira, com um prato vazio na mão, seus olhos iam do interlocutor a mim, depois baixava lentamente para a mesa, sem rancor, sem maldade:

- Pensei em botar ele para fora, mas fiquei com medo de morrer. Vai ser o meu primeiro filho.

456. O tenente aconselhou: "A senhora deve tratar muito bem dele".

- Ah! Ele vai passar bem. Já fiz toda a roupinha; está tudo lá em casa arrumado e passadinho. - Depois de uma pequena pausa, acrescentou:

- Vai ser cacheadinho... O pai dele é claro como o senhor; trabalha no Banco... - E cheia de animação, com mais ternura na voz:

- Depois ele vem para cá, me ajuda, vai fazer compras; Ih! Vai ficar esperto!-

E riu bem alto, cheia de confiança, enquanto levava os pratos para dentro.

ms3 depois^ baixavam ^ lentamente
ms3 baixava * mansamente sobre * a

ms3 roupinha > dele < está

ms3 dentro > Seguiu-se em silêncio. Ambos
estávamos < comovidos

457. Ficamos em silêncio, comovidos, aniquilados. Senti que o tenente me olhou: mas eu só via a chuva, o barulho da chuva, o tremor inconsciente e constante das folhas sob as gotas impiedosas da chuva.

Março, 12

458. Andrews, o personagem de Graham Greene em *L'Homme et Lui-même*, parece dizer com André Gide:

- "Je ne connais pas un sentiment dont la sincérité ne puisse être mise en doute".

ms3 même." > (The Man Within), < parece

Março, 13

459. Qual o drama de Andrews?

460. Considera-se um covarde e repete-o sem cessar. É uma criatura frustrada que traiu precisamente àquele a quem gostaria de assemelhar-se, Carlyon, "que era tudo o que Andrews quisera ser, corajoso, compreensivo, desesperadamente romanesco quando se tratava não de mulheres mas da vida". Traiu-o pelo domínio absoluto que sempre exerceu sobre si. Traiu aquele que "lhe contou cousas que não contaria a mais ninguém agora... cousas a que amava e por que as amava. Todas as cousas a que amava."

ms3 Carlyon * " qui était ce que Andrews eût
vouler être, courageux, compréhensif,
désespérément Romanesque grand il s'agissant
non pas des femmes mais de la vie". * Traiu-o

461. Consumado seu “crime”, não cessa de se analisar, de se aniquilar numa constante auto-flagelação. Lucy explica-o: “Tu és um destes homens que não se podem desembaraçar de suas consciências”. A todos apresentava sua covardia, a procura de quem o justificasse e porque, como sabe Carlyon, “ele não tem coragem para dissimular cousa alguma”. Até mesmo em público, no tribunal, como para se redimir, confessava que traiu seu amigo porque “sou um covarde. Todos vós sabeis”.

462. É também no tribunal que, ao longo de todo o seu depoimento, apresenta a chave de sua personalidade. Particularmente quando explica as razões que o levaram à delação: “É porque tive um pai que me detestava e a quem me citavam sempre como exemplo. Eu tinha medo de ser ferido e detestava o mar, o ruído e o perigo. Pois quis mostrar a esses homens que era preciso levar-me em conta, que eu tinha o poder de destruir todos os seus planos”.

463. Andrews precisava de alguém que lhe fizesse adquirir confiança em si próprio. Previu essa possibilidade em Elizabeth e enfrenta todos os perigos para salvá-la e, com ela, a si mesmo. Carlyon, que o conhece bem, sabe que Andrews seria capaz de amar “a mulher que o revelasse a si próprio”. Mas este espírito fraco, ou melhor, este ser egoísta que ante o perigo não pensa em nada mais do que em sua segurança - (Quando Cockney Harry lhe aparece para pagar o favor, “esqueceu a estrela, Elisabeth, Lucy, tudo, exceto sua própria segurança”) - esse egoísta, na última oportunidade que lhe concede Elisabeth para se afirmar, por ter-lhe dado a oportunidade de agir em plena liberdade, ainda se trai e foge. Cura-se somente quando percebe que sua última esperança estava morta. Então confessa-se autor de um crime que não cometeu materialmente e exulta: “Eis que estás salvo agora, Carlyon. Estamos quites”. Considera-se assassino de Elisabeth ou, antes, considera assassino a seu pai, em si mesmo. E para libertar-se do pai, tão inseparável de si, suicida-se.

464. Uma vez Andrews diz:

- Dir-se-ia que há seis personagens diferentes em mim. Todos me aconselham cousas diferentes. Não sei qual deles sou eu, verdadeiramente. - No entanto, não é bem esse o seu problema. Apenas não se encontrou, ou melhor, não encontrou quem admitisse e o encorajasse a ser o que realmente sentia ser. Carlyon difere muito de Narciso, ao passo que Andrews e Goldmund são, ambos, “du côté de la mère”. Em Andrews não há a dualidade ou multiplicidade que pretende encontrar: o que existe nele é a negação da própria personalidade; e sua covardia consiste em não ter coragem de afirmá-

ms3 explica-o * “Tu es un de ces homes que ne peuvent se débarrasser de leur conscience.” * A

ms3 todos * fazia presente de * sua
ms3 Carlyon, * “il n’a pas la courage de rien dissimuler.” * Até

ms3 porque * “je suis un lâche. Vous lè sorry tous.” * É

ms3 depoimento >, que < apresenta
ms3 personalidade. > E < particularmente
ms3 delação * “C’est parce que j’avois un père qui me désstait et qu’o me citait toujours en exemple. J’avois peur d’être blessé et je déstais la mer, le bruit et le danger. Pouis j’ai voulu montrer á ces homes qu’el fallait compter avec moi, que j’avois le pouvois de faire effondrer tous leurs plans.” * Andrews

ms3 lhe * trouxesse a * confiança
ms3 si * mesmo. * Previu

ms3 ela, * salvar a si próprio. * Carlyon
ms3 que * ele * seria
ms3 amar * “la femme qui lè révèlerait à lui-même.” * Mas
ms3 Mas ^ esse ^ espírito
ms3 melhor, ^ esse ^ ser
ms3 favor *, “il oublia l’étoile, Elisabeth, Lucy, tout, excepté sa proper securité.” * esse

ms3 foge * Somente se regeneram * quando

ms3 exulta: * “Tu voilà souné maintenant, Carlyon. Nous sommes quites.” Acha que, na verdade, foi ele quem assassinou * Elisabeth
ms3 antes, * seu pai nele próprio. E para matar seu * pai

ms3 diz: * “On dirait qu’il y a six personnages differents em moi. Ils me conseillent tout des choses différents. Je ne sais lequel est vrai ment moi-même.” * No

ms3 e ^ lhe ^ encorajasse

ms3 ou > a < multiplicidade
ms3 pretende * ver: * o

la. É, por natureza, contrário à duplicidade: não consegue admitir que seu pai, odiado dentro de casa, fosse admirado no mar; que Carlyon, amando as mesmas cousas que ele próprio, pudesse levar seu amor a cousas opostas.

465.É um belo livro, este de Graham Greene. Não tenho como situá-lo no conjunto de sua obra, mas me parece anterior a *La Fin d'une Liaison*. A trama deste último é bastante mais complexa, assim como o sentimento religioso é mais profundo nele. Andrews, em presença de Elisabeth, pensa: “Gostaria de fazê-la chorar”. E quando lhe contou o que fez em Lewes, “encontrou uma espécie de alegria em se flagelar, em exagerar sua covardia, sua embriaguês, sua grosseira sensualidade”. Os sentimentos que determinam estas reações aparecem bastante ampliados em *La fin d'une Liaison*.

466.A história de Graham Greene é, afinal, uma história simples, em que o autor prende a atenção do leitor com um grande poder de “suspense”. Há cenas e finais de capítulos que se caracterizam extremamente por isso. A curiosidade leva-nos para a frente. Mas o seu valor não consiste apenas nisso. O seu valor máximo está na substância, no drama intenso dos personagens, no valor psicológico das reações estudadas, na profundidade dos conceitos, na vida de seus seres. As cenas finais do romance, quando Andrews encontra Elisabeth morta e Carlyon junto dela, são de uma beleza extrema. Qualquer coisa quase tão bela e comovente como a cena um tanto semelhante de *O Idiota*.

Março, 14

467.Tive hoje a mais intensa alegria de toda a minha vida.

468.Seriam nove horas da manhã, quando um soldado me levou a correspondência: uma carta e o número de Fevereiro do “Jornal de Letras”, remetido por Maria, a meu pedido, pois o “Diário de Notícias” publicara que nesse número saía o resultado do Concurso Nicolau Carlos Magno. Na última folha encontrei o resultado e deparei com esta pergunta: QUEM É TIJUCO? Corri os olhos pela notícia e sob o título *Os Vencedores* verifiquei achar-se relacionado meu trabalho: Alguns Habitantes de Ibsen.

469.Foi uma emoção tão brusca que meus olhos se encheram de lágrimas e tive de passar à sala do lado, onde sentei-me e li a nota segundo a qual não fui identificado. Não compreendi, pois juntara um pequeno envelope contendo um cartão com nome e endereço. Depois procurei no texto da notícia que referêcia haveria a meu ensaio. Claude Vincent

ms3 livro, ^esse^de
ms3 tenho * nenhuma fonte em que possa estudar o autor e * sua
ms3 parece * não ser posterior * a
ms3 complexa > do que a de The man Within,
< assim
ms3 como * é menos profundo o sentimento religioso que envolve os personagens de L'homme et lui-même. * Andrews
ms3 Lewes, * “il trouver une sorte de jouissance à se flageller, à exagérée sa lâcheté, son evresse, sa grossière sensualité.”
* Os

ms3 simples. > cinematográfica, < em

ms3 leva-nos * sempre a continuar a leitura. *
mas

ms3 seres. > É preciso notar que < as

ms3 Idiota >, de Dostoiévski < Tive

ms3 carta > de M. < e
ms3 remetido * pela mesma, * a

ms3 olhos *encheram-se*de

ms3 pois ^juntei ^um

escrevera: “O trabalho sobre Ibsen, por Tijuco, é de um nível mais alto. Soube falar com interesse sobre os personagens que Ibsen criou. Impressiona com o estilo e desdobramento do assunto”.

ms3 Tijuco > - tijuco, o barro preto de fundo do Rio Tijucas, em minha terra natal catarinense- < é

470. Voltei a minha mesa e mostrei o jornal ao Tenente-Coronel, que naturalmente não poderia compreender meu arrebatamento. Várias vezes tive que disfarçar as lágrimas, pois meu pensamento não se afastava do assunto, trazendo-me sempre idéias novas de comoção. Redigi um telegrama para o jornal, revelando minha identidade e fiz sair um soldado para ir ao Telégrafo. Precisava falar com alguém. Saí com o jornal na mão à procura de um tenente que mora comigo: havia saído. Procurei então o sargento que datilografara o trabalho e dei-lhe a notícia. Voltei a meu gabinete, chequei à janela: tudo tinha uma expressão diferente. Sentei-me e, dessa vez, consegui ler toda a notícia, todas as notas. Novamente as lágrimas dominaram meus olhos. (Como essas lágrimas deviam ser as de minha mãe, quando revia um filho desde muito tempo ausente). Desci novamente, andei sem destino pelo quartel, voltei à minha sala, escrevi um telegrama para Maria e, sempre intranquilo, às onze horas não pude mais ficar no Regimento. Mas não tive coragem de pedir ao comandante para sair. Como poderia justificar? E saí sem falar com ninguém, fui ao telégrafo, andei pela rua Halfeld. Ninguém. Vim para casa e encontrei o tenente a quem comuniquei minha alegria. Felicitou-me, falamos ligeiramente sobre tudo.

ms3 e ^lhe dei ^a

471. Agora estou mais tranqüilo.

IMPRESSÕES DE VIDA E LEITURAS

IMPRESSÕES

DE VIDA E LEITURAS

1950

PORTO ALEGRE, RS

Janeiro, 2

1. Neste dia de festa, o leme foi abandonado e o barco andou solto sobre as vagas. Um tanto “livre” pelas comemorações de fim de ano, e por razões sentimentais: é a primeira vez que os irmãos solteiros (Celeste, Cora, Ruth, Ogê, Estela e eu) passamos reunidos num lar, como sempre se desejou.

2. E como são amplos os sonhos para este ano!

Janeiro, 7

3. Saí ontem à tarde à procura de livros de Dostoiévski. Encontrei *A Aldeia Stepanchikovo*, e *Dostoiévski*, por André Gide.

4. Terminei de ler agora a novela que, apesar de não ser uma obra importante no conjunto do que ele criou, já apresenta sensíveis características de seus livros futuros.

5. Escrito na Sibéria, pouco depois de haver sido libertado, “Avec la seule de rentrée dans la carrière littéraire, et avec une crainte excessive de la censure”, conforme cita Henry Troyat na biografia do escritor, essa novela não apresenta a complexidade de seus grandes romances, mas possui desde o início o poder de apaixonar o leitor, até mesmo pelo irritante e doentio da personalidade de Foma, o qual se deseja ver derrotado e que, no entanto, conserva-se vitorioso, mantém o trono apesar de ser o maior impostor e embusteiro. Igual a uma mulher nervosa, uma esposa ciumenta, um maníaco, mas no fundo um oportunista. E este Foma, citado desde a página 11, só fará sua entrada à pág. 100, fato que mantém aguçada a curiosidade em torno do personagem. Depois, durante todo o resto do livro, o que se manifesta no leitor é o desejo de que alguém faça alguma coisa, se insurja, e quando isto é obtido nada mais se verifica do que o acréscimo de influência do impostor que sempre sabe tirar partido das situações.

6. Toda a ação desenvolve-se em poucas horas, uma tarde, uma noite e o dia seguinte, e o ambiente fica denso de uma hora para a outra, como se esperasse justamente o sobrinho,

o que conta os fatos, para que tudo se processe. Aí, trata-se apenas de um tema principal, o que torna o livro menos denso do que os futuros em que a ação também transcorre em pouco tempo e em que há sempre um personagem que é o elo entre os diversos temas: como em *O Adolescente* ou em *Humilhados e Ofendidos*. O processo de narração é idêntico ao desses dois romances, o narrador sendo chamado a participar de tudo, a opinar, a se fazer de confidente.

7. Também surgem aí dois fatores quase constantes na obra de Dostoiévski: o dinheiro e a mulher, a luta por ambos e a liberdade que trarão; a luta entre ambos, como em *Crime e Castigo* e nos *Irmãos Karamazov*. E a necessidade de bancar o palhaço, de adular, de humilhar e ser humilhado, que há em todos os seus livros.

8. Nota-se a quase integral ausência de dissertações, sendo tudo referido por diálogos, sempre espontâneos e fluentes. E já as cenas maiores realizadas em presença de verdadeiras platéias, nas salas em que todos se acham reunidos, até pessoas que se encontram em visita, como se fossem indispensáveis as testemunhas. Em *Os Possessos* também será assim, quando o personagem leva um tapa na cara e se domina, por ser mais difícil do que reagir.

9. Enfim, trata-se de uma história a que Dostoiévski qualifica como sendo “d’une innocense d’azur, et d’une remarquable naïveté”, mas que gostei realmente de ler por ter encontrado tantos pontos de contato com sua obra futura, a qual não se pode ler sem paixão e grande amor.

Janeiro, 10

10. Leio de André Gide seu trabalho sobre Dostoiévski. Eis um livro que, desde muito tempo, desejava conhecer. Desde Natal, R.N., creio eu, quando entrei em contato com grande parte da obra de Gide e li sua biografia por Klauss Mann, passando a dedicar-lhe uma admiração quase irrestrita, também por influência de Dalton Trevisan e da revista *Joaquim*¹. Um dos pontos fundamentais dessa predileção era por haver Gide, sendo comunista, tido a coragem de emancipar-se da doutrina e escrever dois livros em que expunha os motivos de sua decisão, ao voltar de sua visita à Rússia. Essa sinceridade e amor à verdade me impressionaram, como também *Os Moedeiros Falsos* que considerei um dos livros fundamentais da literatura moderna.

11. Mais proximamente, quando li *O Idiota*, de Dostoiévski, encontrei, no prefácio de Albert Mousset, referências a esse livro de Gide. Este Sr. Mousset ignora “se Dostoiévsky é,

¹ Referência à revista *Joaquim* que publicou *Cartas do Nordeste* e outros textos de Harry Laus nos anos de 1947 e 1948.

segundo se escreve, o mais profundo dos romancistas”; e apesar de confessar que é “aquele cujo talento, imaginação e pensamento se deixam mais dificilmente circunscrever”, afirma que Dostoiévski “coloca os seus personagens em férias, quando sente preguiça de aprofundar as suas mudanças de opinião”. Mais adiante, declara-se vencido: “a ação, entorpecida pelas diversões e prolixidades, oculta-se mais de uma vez aos olhos do leitor e a custo que se consegue chegar ao fim”. Depois ousa dizer que “existem em *O Idiota* tipos de uma irresistível comicidade: Lébedev, o general Ivolguine e, em certas horas, Isabel Prokofievna”. Ainda bem que o Sr. Mousset reconhece, na última cena, “uma grandeza sem igual”.

12.No entanto, tudo isso vem a propósito de, que nesse prefácio, encontrei referência ao livro de André Gide como sendo o responsável para fazer chegar-se “à conclusão tardia de que, no caso de *O Idiota*, o romancista sobreleva o pensador” - e isso me avivou novamente o interesse por essa obra que atualmente leio.

Noite de 10

13.Terminei de ler o livro de André Gide, composto de artigos e conferências, e quero fazer algumas referências a fim de que sirvam, mais tarde, para facilitar uma ou outra busca, para releitura, citação, ou qualquer outro motivo.

14.Não conheço toda a obra de Gide, mas me admiro de sua versatilidade. É estranho como são variados os assuntos, de como se apresenta o autor, ou melhor, de como se apresentam seus personagens em cada romance, já que ele considera “imprudente, quando não desonesto, emprestar a um autor os pensamentos exprimidos pelos personagens de seus romances”. Mas, dos trabalhos que conheço, *La Porte Etroite*, *Sinfonia Pastoral* e *Escola de Mulheres* chegam a ser desconcertantes ao se confrontarem com *Os Moedeiros Falsos*, *O Imoralista*, ou, então, estes se consideram desconcertantes em relação aos outros. Noutra ramo, devem ser relacionados *De Volta da U.R.S.S.* e *Retoques no meu De Volta da U.R.S.S.*, assim como seu *Journal*, de que apenas li *Páginas de Diário* numa edição Argentina - mas esse grupo, compreende-se, facilmente, que difira de outros. Também li sua pequena plaquete sobre Oscar Wilde, e por aqui fica meu conhecimento de Gide, afora alguns artigos, trechos publicados em revistas, e a adaptação do *Processo*, de Kafka, para o teatro.

15.No decorrer de seu estudo sobre Dostoiévski, senti verdadeiro prazer pelas inumeráveis citações do grande autor

russo, inclusive de muitas de suas cartas, algumas das quais tive conhecimento por referências de Henry Troiat - e esse prazer era sempre maior, quando se tratava de um romance conhecido, o que quase sempre aconteceu, pois, desde que li ao acaso a primeira parte de *Netotchka Nezvanova*, creio que em 1943, tenho procurado ler todos os seus livros: *O Sósia*, *Stepantchikovo*, *Um Transe Difícil*, *Noites Brancas*, *Kroikaia*, *Humilhados e Ofendidos*, *Recordações da Casa dos Mortos*, *Crime e Castigo*, *Um Jogador*, *O Idiota*, *O Eterno Marido*, *Os Possessos*, *O Adolescente* e *Os Irmãos Karamazov*, enfim, quase a totalidade de sua obra.

16. Também tenho procurado bibliografia sobre Dostoiévski, mas pouco se encontra no Brasil. Ainda na Escola Militar, li o trabalho de Stefan Zweig que, naquela época, me pareceu muito complexo. Então, já havia travado conhecimento com a biografia de Henri Troiat, que reli no original francês em fins de 1948, e que reputo como a melhor e mais completa das que encontrei. Aliás, a outra, de André Levinson, não me agradou muito, e o maravilhoso estudo de Berdiaeff não é biográfico.

17. Agora que leio o trabalho de André Gide, sou forçado a reconhecer que é uma obra de valor, principalmente, as seis conferências da parte final, pela maneira como Gide estuda a obra, pelo de inédito que apresenta, pelas conclusões que tira, e mesmo pelos próprios pensamentos que anexa, não se atendo apenas à obra de quem se propõe estudar, mas expondo a si mesmo no que julga haver concordância.

18. Teria Dostoiévski consciência do valor e da grandeza da obra que estava realizando? Esta pergunta me foi feita um dia e eu não soube responder satisfatoriamente. Gide nos diz que ele, depois de haver escrito *O Espírito Subterrâneo*, *O Idiota*, *O Eterno Marido*, e os anteriores, exclama, referindo-se a *Os Possessos*: “É tempo de escrever, afinal, alguma coisa séria” - o que pode deixar-nos em dúvida sobre até que ponto acreditava em si próprio. Mas se trata de uma insatisfação muito compreensível do espírito de criação.

19. Escreve Gide: “Sans complaisance aucune envers soi-même, insatisfait sans cesse, exigeant jusqu’à l’impossible - pleinement conscient pourtant de sa valeur, - devant que d’aborder les Karamozov, un secret tressaillement de joie l’avertit: il tient enfin un sujet à sa taille, à la taille de son génie”. E mais adiante encontro uma afirmação que ajuda a derrubar essa dúvida: “O verdadeiro artista, quando produz, permanece sempre inconsciente de si próprio. Não sabe, com precisão, que ele é. Il n’arrive a se connaître q’à travers son oeuvre, qu’après son oeuvre... Dostoiévsky ne s’est jamais

cherché; il s'est éperdument donné dans son oeuvre”.

20. É uma ótima observação é feita por Gide ao estudar *O Eterno Marido*, segundo a qual o escritor russo, quando nos conduz às mais estranhas regiões da psicologia, sente a necessidade de precisar os menores detalhes exteriores “a fim de estabelecer da melhor maneira possível a solidez do que, de outra forma, nos pareceria fantástico e imaginário” - o que demonstra a maior lógica no que parece, à primeira vista, absurdo.

Gide trata, também, de provar que Dostoiévski é um romancista, antes de tudo, e combate M. de Vogue que introduziu o romancista russo na França mas não com essa característica. Nas comemorações do centenário de nascimento de Dostoiévski (1921), Gide fala: “...les romans de Dostoiévski, tout en étant les romans - et j'allais dire les livres - les plus chargés de pensée, ne sont jamais abstraits, mais restent aussi les romans, les livres les plus pantelants de vie que je connaisse”. E ainda: “Dostoiévski pinta Rembrandt, e suas pinturas são de uma arte tão poderosa e, muitas vezes, tão perfeita que, mesmo se não tivesse ele, em torno e por detrás delas, tais profundidades de pensamento, estou certo de que Dostoiévski continuaria sendo ainda o maior de todos os romancistas”.

Janeiro, 13

21. Na noite de 10, não pude concluir minhas observações sobre o livro que acabara de ler. Com a chegada de um amigo que passará uns dias em meu apartamento, afastei-me do Diário, mas agora aproveitei um bom silêncio da manhã para acrescentar algumas notas.

22. André Gide escreve sobre a honestidade, a sinceridade de Dostoiévski, quando se trata de expor seu pensamento: “Se não há sinceridade, valerá a pena escrevê-lo?” - pergunta o russo numa carta. Gide diz que Dostoiévski, para escrever determinado artigo que agradasse a todos, ver-se-ia obrigado a torcer, a forçar seu pensamento, fato inconcebível para ele. Maravilhosa essa honestidade intelectual. Apesar de toda uma vida de tremendas dificuldades financeiras, e sua constante luta com o jogo - não vender seu pensamento.

Janeiro, 20

23. Meu amigo R. B. acaba de partir e sinto, repentinamente, uma impressão de abandono, uma dolorosa opressão como se uma grande tragédia - como a morte de um irmão - tivesse me surpreendido. No entanto, não adivinhei esse sentimento antes que fosse. Até mesmo desejei que tivesse se-

guido antes, porque me tolhia a liberdade em meus planos literários, por exemplo, uma vez que se tem que dedicar a um hóspede todo o tempo disponível. Mas agora que se foi, sinto sua ausência, porque nesses nove dias, à força de abri- nos um ao outro, resta a impressão de que foi com ele uma parte de mim, talvez a mais íntima, embora nem sempre a mais cara.

Nesses poucos dias, em que depois de dois anos nos achamos novamente em presença, renasceu aquele sentimento de amizade e confiança que sempre caracterizou nossas relações durante os anos de Escola Militar - quando conversávamos longamente, horas e horas, sobre planos e dúvidas do futuro, ambos um tanto deslocados do ambiente em que vivíamos. E fica, de tudo o que foi dito, pouco mais do que sensações reencontradas: a tranquilidade espiritual que resultava de nossos encontros e caminhadas pelas ruas de Agulhas Negras, quando reconhecíamos, um no outro, problemas idênticos, o que sempre foi uma satisfação por não me encontrar só e incompreendido. Mas as mesmas divergências, principalmente em questão de predileções literárias, ainda persistem - como se nada houvéssemos progredido, ou se avançamos cada qual em seu caminho. Se reconheço em mim, temerariamente, algumas características de ficcionista, não encontro nele muito forte apoio a essa pretensão, nem tão pouco vejo nele possibilidades de realizar obra literária importante, no gênero romance ou teatro, como pretende. E justifico meu pensamento por não ter ele escrito até hoje praticamente nada e lido relativamente muito pouco. Mas, por sua capacidade de raciocínio e penetração crítica em certos setores de arte, vejo nele muito mais um ensaísta, mesmo assim, ainda condicionado a uma dedicação formidável ao estudo do que quisesse explorar.

24. Enfim, o que tem até agora mantido nossa amizade, muito mais do que os problemas de ordem artística, são os de ordem interior, íntima, de manter o equilíbrio em face do meio ambiente, da sociedade: pela luta ou pelo conformismo. E ainda os fatores de infância, educação e decepções, quase sempre idênticas.

Janeiro, 21

25. Continuo minhas notas sobre o "Dostoiévski" de André Gide, passando a referir alguns traços característicos do escritor, anotados por Gide.

26. A necessidade de humilhar, por ter sido algum dia humilhado, é considerada como uma lei para os personagens de D. "L'homme qui a été humilié cherche à humilier à son tour". Realmente este traço é observado em todos os gran-

des romances do russo. André Gide escreve sobre a humildade e a humilhação, como D. a considera e de que resulta a maneira de agir de seus personagens: “A humildade abre as portas do paraíso; a humilhação, as portas do inferno. A humildade contém uma espécie de submissão voluntária; é livremente aceita”, mas a humilhação causa “uma lesão moral muito dificilmente curável”. Gide considera os personagens de D. escalonados em relação ao orgulho que cada um traga em si mesmo. “De um lado, os humildes (alguns dentre eles levarão a humildade até à abjeção, até se comprazerem na abjeção), de outro lado, os orgulhosos (e alguns dentre esses levarão o orgulho até o crime)”. Em razão da diversa dosagem desses fatores, as reações dos personagens são várias, mas “o orgulho e a humildade são as molas secretas de seus atos”.

27. Outro traço anotado por Gide é o da necessidade de agrupar os personagens, em determinadas cenas importantes de seus livros, cuja significação é capital porque, ou se refletirá na própria ação, ou em cada um dos personagens principais. Ou ainda para que sejam postos em presença os caracteres diferentes de cada um, a fim de serem estudados e comparados a um só tempo. “Nous remarquons aussi chez Dostoiévsky un singulier besoin de grouper, de concentrer, de centraliser, de créer entre tous les éléments du roman le plus de relations et de réprocité possibles”. E mais abaixo: “Ele se compraz na complexidade; ele a protege”.

Gide considera desconcertante em D. a simultaneidade de sentimentos contraditórios e a consciência que tem cada personagem de suas inseqüências, de seu dualismo. “Il advient que tel de ses héros, em proie à l’émotion la plus vive, doute s’il la doit à la haine ou à l’amour. Les deux sentiments opposés se mêlent en lui et se confondent”. Não se é levado por um excesso de paixão pela obra de D., ou por crer que existe apenas um passo entre a loucura e o gênio, o amor e o ódio, o fato é que jamais me pareceu que houvesse nisto falta de lógica. Compreendo-o perfeitamente e acho maravilhosa a passagem do livro III dos *Irmãos Karamozov*, em que Dimitri conta a Aliocha como reprimiu seus baixos propósitos em relação a Catarina Ivanovna:

- “Quando ela saiu, desembainhei a espada e queria matar-me ali mesmo, sem saber por que (seria mesmo uma enorme tolice), simplesmente de alegria. Não sei se compreendes: existe um júbilo tão intenso que pode levar-nos ao suicídio”.

28. Como se essa morte, em presença de um gesto nobre, fosse a única maneira de conservá-lo puro para sempre.

29. Gide conta uma passagem na vida de D., uma entrevista

com Turguienev, em que se nota nos próprios atos de Dostoiévski “a humildade ceder lugar bruscamente ao sentimento oposto”. Considero extremamente lógicas essas reações e se elas nos desconcertam, talvez, seja porque não acompanhamos o pensamento ou o desenvolvimento psicológico que a ação produz na pessoa.

30.”Dostoiévski foi atormentado a vida inteira simultaneamente pelo horror do mal e pela idéia da necessidade do mal”- escreve Gide. E reconhece em seus personagens o prazer pelo sofrimento, como Pavel Pavlovitch pelo ciúme: “Oui, vraiment, il aime et recherche as souffrance”. Isto é a renúncia do individualismo, o combate a seu amor próprio, a redenção de seus pecados - é a humildade. E Gide vê nesse particular “o centro misterioso do pensamento de Dostoiévski”, tendo por base e alicerce as palavras do Evangelho: “Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor a mim, esse a salvará” (S. Lucas 9-24). Sobre estas palavras e sua significação na obra de Dostoiévski, Gide volta várias vezes. “A insistência com que Dostoiévski faz intervir a epilepsia em seus romances - escreve Gide - nos esclarece suficientemente sobre a importância que ele atribuía à doença na formação de sua ética, na curva de seus pensamentos”. André Gide pôs muito de sua pessoa, de suas próprias convicções nestes estudos sobre o romancista russo. Talvez seja esse o defeito do livro que, aliás, o autor confessa, o que diminui sua falta. Eu já havia sido alertado sobre isso pela plaquete de Karl Pflieger sobre André Gide. Mas quando li o livro de Gide, julguei que fosse uma “identificação” inconsciente, sem a pretensão de o ser. Desde o início, foram aparecendo trechos de auto-justificação e defesa, até que, na última conferência, confessa que Dostoiévski foi “um pretexto para eu exprimir meus próprios pensamentos”. Assim, quando Gide refere a importância da epilepsia na obra de D., parece tentar justificar o seu “problema” pessoal, o homossexualismo.

31. Creio que o que faz a sublimação do indivíduo não é a doença, mas a maneira como a encara, como se revolta contra ela e como a sofre. Embora a obra de arte sujeita a esses sofrimentos possa vir a ser maior, não creio que seja menor se destituída da doença. Porque há os são e os doentes e cada um, no seu gênero, pode realizar obras-primas. O próprio Gide escreve: “Et, je ne dis pas naturellement qu’il suffise d’être déséquilibré pour devenir réformateur, mais bien que tout réformateur est d’abord un déséquilibré”. E se compraz em citar dezenas de “déséquilibrés” para um “génie bien portant”: Victor Hugo. Talvez essa autodefesa seja mais clara, quando ele se refere ao ciúme: “Oui, certes, la convention est la grande pourvoyeuse de mensonges”, quan-

do Gide fala na coragem da sincera afirmação de um “sentiment particulier”.

32. André Gide, comentando as traduções de *Os Irmãos Karamozov*, aparecidas na França, diz que continua preferindo uma incompleta a outra melhor, publicada posteriormente. Não posso compreender.

33. Para encerrar estas notas, desejo transcrever uma fórmula de Gide: “Para que uma idéia obtenha êxito, é preciso que apenas ela seja levada avante, ou, se prefere: para se obter êxito, é preciso levar avante apenas uma idéia”.

34. Isto me faz lembrar o que escreve Dostoiévski em *O Adolescente*: “Como é que um homem que vive sob a influência de uma idéia qualquer que lhe domina o espírito e o coração, consegue ainda sentir qualquer coisa que seja diferente dessa idéia?”.

35. E de Rilke, citado por Maurice Betz no prefácio de *Poesie* encontramos: “Uma coisa, para que vos fale, deve ser considerada durante certo tempo, como a única que existe, como a única aparência - que por vosso amor laborioso e exclusivo encontra-se colocada no centro do universo e que, neste lugar incomparável, é servida nesse dia pelos anjos”.

36. Ser dominado pela idéia é pois, o “voto”. Porque depois de possuí-la ou ser possuído por ela, ninguém poderá destruí-la. E o adolescente Dolgoruki bem o sabe:

- “Querer destruir em alguém uma idéia vital, torna-se tentativa irrisória, se não se propuser, para substituí-la, outra idéia de idêntica beleza”.

Janeiro, 23

37. ... e assim, terminaram-se as férias e volto ao quartel do 18º Regimento de Infantaria.

Fica a lembrança da intenção de passar uns dias sozinho numa praia, onde pudesse me dedicar a desenvolver a idéia de meu livro e a escrever alguma coisa no sentido de criar interesse e amor por sua realização.

Fevereiro, 1

38. Nem mesmo para dizer que não tive disposição alguma, sequer para ler, sabia como começar.

39. Mas é verdade. Novamente como se nunca tivesse escrito absolutamente nada. Talvez porque o Exército me solicita demais, agora com a incorporação de recrutas - ou então,

pelo calor demasiado.

Fevereiro, 7

40. Creio que nunca mais escreverei.

Março, 7

41. Domingo, retomei *O Espírito Subterrâneo*, de Dostoiévski, e ontem terminei a leitura. Mas estava suspensa havia tanto tempo que tive dificuldade em reconstituir os fatos, tendo mesmo de voltar algumas páginas para recordar a ação. Ainda mais que a novela admite duas partes de tratamento completamente diferentes.

42. Tomei algumas notas ao iniciar a leitura, e outras nos últimos dias. Mas hoje me sinto cansado para falar sobre o livro, e quero ler um pouco do livro que considero responsável por esse início de chama que parece querer brilhar novamente: *Les Elégies de Duino*, de Rainer Maria Rilke.

Março, 21

43. Ontem à noite, concluí a leitura de *Alma de Criança*, de Dostoiévski. Quando, há cerca de 8 ou 9 anos, li a primeira coisa de D. e fiquei impressionado pelo ambiente pesado e trágico, recordo-me que ao final Netotchka Nesvanova é recolhida à casa de um príncipe. O livro que acabo de ler parece a continuação do outro, embora se trate de um romance independente.

44. Henry Troyat refere-se apenas a Netotchka Nesvanova, mas Gide apresenta uma lista “arretée em 1908” em que aparece a primeira como sendo de 1848 e *Ame d’Enfant* em 1849. De qualquer forma, este último se biparte, os capítulos deixam de ser curtos para se tornarem longos; ambiente, ação, tudo se modifica, a partir do momento em que Netotchka separa-se de Katia.

45. E lentamente vou lendo as *Elegias de Duíno*. Não alcanço tudo, mas já me contento com a beleza e a profundidade que entrevejo. “O heures de l’enfance, où, derrière les figures, il y avait plus que du passé, où devant nous n’était pas l’avenir!”

Abril, 7

46. O grande silêncio de Sexta-Feira Santa.

47. Por certo, o mar estará calmo, os navios terão as velas

derreadas e apenas balançam, enquanto a tripulação reza.

48. Mas assim como não é isso que se passa, também não é o grande silêncio da Sexta-Feira Santa.

Abril, 23

49. Considerações involuntariamente feitas ontem à noite: não compreendo porque sou, às vezes, solicitado pelos companheiros, uma vez que me divirto com eles, sem o divertir.

50. Fico a maior parte do tempo em silêncio, observando e rindo do que dizem e fazem, quando, de noite, vamos beber e nos divertir. O certo é que, ontem, me senti completamente estranho àquele meio: desejos e interesses opostos e pensamentos divergentes.

De tarde

51. "Todos guardamos recordações que só ousaríamos revelar a amigos íntimos. Há outras, porém, que nem a amigos íntimos poderíamos revelar, mas apenas a nós mesmos e, ainda assim, no maior sigilo. (...)

52. Agora que me decido a escrevê-las, quero experimentar a possibilidade de ser inteiramente sincero para comigo mesmo e não temer a verdade total". Eis o que se lê no capítulo XI da 2ª parte de *O Espírito Subterrâneo*, de Dostoiévski.

53. A seguir, aparece uma apreciação sobre as *Confissões* de J. J. Rousseau que me parece perfeitamente exata: Rousseau caluniou-se, em seu livro, por vaidade. Efetivamente, Rousseau inicia suas confissões com essa característica de vaidade, e em tom novelesco: "Tomo uma resolução de que jamais houve exemplo e que não terá imitador. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza e esse homem serei eu. (...)

54. Direi resolutamente: eis o que fiz, o que pensei, o que fui".

55. É grato verificar que Dostoiévski, fazendo ficção, escreve que quer experimentar a possibilidade de ser inteiramente sincero, reconhecendo a dificuldade em estudar e expor a si próprio.

56. Gide diz que *O Espírito Subterrâneo* é a Clef de voûte da obra de D. É uma verdadeira sonda, principalmente na segunda parte, onde tudo é profundo e medido.

Abril, 24

57. Quando deixamos uma cidade e passamos a nos preocupar intensamente com outra, por ser desconhecida e nela precisarmos formar ambiente e hábitos indispensáveis, julgamos que a outra parou onde, a deixamos e como a deixamos, ou desapareceu. Quando, de repente, damos conta de que ela vive, apesar de nossa ausência, sentimos uma certa angústia por não podermos nos identificar com ela, no momento, em que coisas se passam e se realizam, quem sabe se em lugares e com pessoas de nossa intimidade.

Maio, 2

58. Muitas vezes, ao receber uma carta, leio-a tão depressa que sinto necessidade de recomeçar, lentamente, sentindo maior prazer nas palavras, compreendendo melhor a intenção da frase, percebendo o que deixou de ser dito ou o que levou a pessoa a dizer as coisas daquela maneira.

59. Da mesma forma, ao terminar de ler *La Colonie Pénitenciaire*, de Kafka, vejo que devo ler novamente, agora que já diminuiu a curiosidade e a fim de procurar as intenções ocultas nesse labirinto de símbolos que são suas histórias.

60. Nunca julguei que pudesse haver tanta coisa nova, diferente, invulgar, estranha, em literatura. Tremendo esse *Terrier* ou *Un Champion de Jeûne*. Como o assunto é maravilhosamente tratado, segundo uma ordem de desenvolvimento tão natural que chega a parecer casual, espontâneo, sem plano algum. Principalmente *Terrier*. Parece-me que a obsessão pela segurança, pela solidão, levou o autor a descobrir essa imagem - a toca, o esconderijo - e sentou-se para escrever, desenvolvendo a idéia a partir daquele momento, segundo um raciocínio lógico, por assim dizer matemático, em que tudo vai sendo esmiuçado e estudado.

61. Embora a ação esteja sempre ligada a fatos ou imagens incrivelmente materiais e palpáveis, tudo é dirigido para dentro, sempre com uma idéia matriz, fixa, de que são possuídos os personagens, vendo nela sua realização - a justificação de si próprio, a razão de ser de sua existência - e prosseguindo dominados por essa idéia obcecante, cuja significação me tem escapado, não se tornando livres dela senão pela morte. Esse é o caso do trapezista, do jejuador e, noutro sentido, do oficial da "colonie".

Maio, 11

62. Há certas razões de tristeza que nos fogem, e há outras tão concretas que nos ferem intensamente e das quais gostaríamos de fugir. Há momentos em que o cansaço nos domina, e por mais que procuremos dirigir nossas energias para alcançar a realização de algo útil, ou, pelo menos, agradável, nada conseguimos, porque esse cansaço vence todos os esforços.

63. Ao examinar a causa desse cansaço e verificar que nem sempre provém de atividades em que se emprega o melhor de nossos sentimentos ou intenções, então, é verdadeiramente lamentável - porque se desejamos trabalhar para o fim almejado, as forças já foram esbanjadas.

64. Cedo da noite e me sinto pronto para dormir. Um dia a mais, perdido. Se começar a ler, em pouco tempo, o sono me forçará a abandonar o livro. E penso nos demais dias. Amanhã! Outra semana! Sempre? E não sei o que pensar, se não fosse assim.

65. Onze de maio de 1950, talvez não me tenhas dito nada. Ou, quem sabe me disseste, como terão dito todos os outros dias, e eu nada tenha compreendido?

66. Gostaria de não abandonar este caderno, de prosseguir, de escrever muito, de ser dominado outra vez por aquela febre de quem tem algo a contar, uma história que nos parece intensa, profunda, humana, sublime, a obra duradoura - para deixar de ser depois, mas sendo, apesar de tudo, e por algum tempo, o tempo suficiente para nos convencer de que, afinal, começamos a justificar nossa existência.

67. Mas, com esta vontade de fixar o estado de espírito, os olhos não deixam de vagar pela mesa, pela parede onde a luz se reflete - e vejo o relógio (e ouço) pronto para despertar na madrugada, e a chave da porta que coopera com minha saída diária.

68. Hoje há um ruído estranho que me faz olhar debaixo da mesa: um pequeno grilo verde saltando contra a parede, vindo da noite, atraído pela luz. Que se pode dizer de um grilo entrando pela noite?

69. Olho para o lápis, a espátula, o relógio e as chaves, o cinzeiro de pedra sabão com que o Aleijadinho esculpia. Vejo, também, meus livros, mas tudo é quase sem significação, ou tudo significa cansaço.

Maio, 15

70.Será isto o princípio de alguma coisa, ou sua preparação? Ou será tão somente o fim de um velho sonho? Não pode ser o fim, ainda, porque não se sabe por qual substituí-lo. Não se pode abandonar uma idéia sem que outra esteja pronta a preencher o vazio deixado pela morte da anterior. Mesmo que um novo sonho apareça, haverá luta entre ambos, um procurando sobrepujar o outro, pois o que abrigamos por muito tempo, não abandonamos sem sofrimento.

71.Ou será que nos deitamos com uma idéia e nos acordamos com outra? O amanhecer, o céu com as nuvens tintas de ouro e sangue, as árvores purificadas e de folhas brilhantes, trazem a mesma idéia que nos assalta e nos conduz para frente?

72.E se não for preparação para a realização, mas para o conformismo? Aquela revolta íntima e surda já não se faz tão intensa. Comodismo?

73.O desejo de vagar, com a chuva nos olhos, escorrendo pelos cabelos - o desejo de ser criança e de poder chorar por qualquer coisa sem importância, de não ter de chorar pelo que é sério e irreprimível.

74.Haverá valor no que desejamos fazer, ou apenas naquilo que fazemos? E quando o realizado nada mais é do que a sombra do que pretendíamos?

75.Que não seja vã nossa esperança!

Maio, 16

76.Aos poucos e às vezes, sinto-me dominado por uma impressão de ridículo, em presença de uma coisa bela e comovente, por julgar que esse sentimento não é próprio porque essa coisa passa despercebida de muitos ou desagada a outros. Uma espécie de autocrítica, imperceptivelmente orientada para matar a sensibilidade. Inconscientemente orientada, talvez. Outras vezes, ainda que deseje e procure, as coisas não mais me impressionam ou me tocam como antes.

77.O certo é que a paixão, o sentimento da frase, o amor pela literatura, um pouco dos sonhos, tudo isso está amortecido e temo muito se para sempre. Busco o motivo e não encontro nenhum que seja fundamental - e desde o ano passado.

78.Sinto que estas frases que escrevo são duras, falsas, impróprias, escritas apenas para escrever, não porque seja pre-

ciso ou indispensável.

Maio, 26

79. Seul: de ma bouche que faire?

Quoi, de ma nuit, de mon jour?

.....
Toutes les choses auxquelles je me donne
s' enrichissent à mes dépens.

Rilke

Junho, 11

80. O valor dos fatos não está neles, mas em suas conseqüências, na ligação com sucessos anteriores ou a chegar. Talvez, alguma coisa a que não tenhamos dado valor no momento, venha a ter importância no futuro. Mas não se pode aceitar isto como norma porque, se tudo é casual, estaremos transformados em marionetes, sem vontade ou movimentos próprios. Não se pode crer cegamente na fatalidade, como não se pode confiar unicamente na auto determinação. Se, por um lado, os atos podem ser planejados, também é certo que na execução há os desvios decorrentes de causas desconhecidas para nós.

81. Creio que a mais forte razão de meu silêncio literário seja o serviço na Secretaria do quartel, unicamente mental, o que me deixa exausto para qualquer outra atividade semelhante.

82. Ao chegar em casa ao anoitecer, minha única preocupação é descansar. Raramente saio, mesmo para passear. Talvez, se me dedicasse no quartel a atividades físicas, não chegaria tão cansado e sem disposição para a literatura, que é minha religião. A Secretaria do Regimento me tira todas as forças. No entanto, prefiro estar ali no gabinete, meio só, podendo orientar e dirigir o trabalho em paz e sem muitas vozes ao redor, ao estar sujeito à tropa, às instruções vulgares - e às horríveis horas inteiras de tédio!...

83. Outrora, conhecer um escritor, fosse quem fosse, era um acontecimento notável que eu procurava e esperava. Hoje, um conhecido me convida a ir à casa de Manoelito de Ornellas e... faltei ao encontro. Parece que as pessoas que desejo encontrar e conhecer não moram aqui.

84. Eu vinha de ônibus e no outro lado da rua, em sentido contrário, passava o enterro de um "anjo". O carro em azul celeste e branco, as cortinas com franjas de prata, balançando, e o caixão tão pequenino e abandonado que dava pena. Parecia um pobre filhote de pássaro caído do ninho na vasti-

dão de um prado molhado de chuva.

85. Pensei, então, que uma criança assim devia ir para a terra no colo da mãe, ela meio inconsciente, como se o filho ainda não tivesse nascido, e esperasse, de um momento para outro, escutar-lhe o choro junto ao rosto.

86. Mas o carro fúnebre ia tão depressa que imaginei o pequeno caixão escorregando, caindo no chão, o anjinho no asfalto, envolto em flores, a camisola branca e o diadema de prata com estrelas brilhantes ao sol, o caixão quebrando-se como casca de ovo.

87. A mãe teria desmaiado e o pai levantaria a criança e, depois, seguiram os três, os pais contritos, chorando nas pálpebras mortas do filho perdido.

Junho, 13

88. Analisando friamente o momento, sou forçado a reconhecer que não tenho, absolutamente ninguém com quem me possa abrir em confidências. Os poucos a quem se poderia abordar sem medo, nada compreendem, como se fossem corpos sem alma e sem problemas. Aos outros, a precaução e todos os demais sentimentos que, no fundo, estão ligados ao instinto de conservação (mesmo o amor próprio), a esses não devemos abordar.

Junho, 14

89. A vantagem da constância de escrever está em se encontrarem expressões adequadas à apresentação de estado de espírito, a fixar imagens ou descobri-las, para mais tarde usá-las. No entanto, uma imagem pré-determinada geralmente não se adapta a comparação alguma. Ela deve ser espontânea, nascer no momento preciso ou, pelo menos, ser recordada no momento oportuno. Seria absurdo ter-se uma relação de imagens numa folha de papel e, no desenvolvimento do tema, ir empregando-as e riscando da lista.

90. Também para fixar o estilo, definindo-o, não sei se esta constância é necessária. Quero me referir à constância em escrever diário, por exemplo, quando o que se quer é escrever um romance. Porque o sentimento, a sensação, o estado sentimental ou sensorial é completamente diverso, quando se faz crítica, quando se descreve uma impressão cotidiana, ou no momento em que se faz, ou se pretende fazer uma obra de arte.

91. O poder de absorção varia de um para outro. A crítica,

exigindo consultas a livros e a notas de diferentes espécies, exige uma grande vivacidade de espírito, domínio da obra que se pretende estudar, além de termos e expressões comparativas, por assim dizer técnicas, que mantêm o autor numa atenção perfeitamente dirigida. Aí, por efeito dessas ações exteriores, a concentração não é tão grande como quando se cria.

92. Na criação, o artista, por muito que tenha planejado sua obra, segue, em grande parte, uma espécie de instinto ou vocação, que domina o homem e o leva a tal estado de desprendimento da terra, vivendo com seus heróis e identificando-se com eles que, uma vez mergulhado nesse estado ideal, ele se realiza integralmente. Essa realização integral está sujeita, naturalmente, ao valor próprio do artista, ao valor adquirido pela cultura, auto-compreensão e auto-crítica. Daí a escala de valores de homem para homem, de obra para obra. Esse estado ideal, a concentração sobre o que se produz, pode ser fruto da inspiração, mas inspiração é uma palavra por demais banalizada e até mesmo empregada em sentido pejorativo.

93. O sentimento que leva o artista, a embeber-se da idéia, a examiná-la cuidadosamente, a acariciá-la nas curvas mais discretas e escondidas, a pensar que a está dominando, quando, na realidade, está sendo dominada por ela - esse sentimento é algo grandioso e, quando o artista, mesmo medíocre, sente-se mergulhado, preso, envolto por ele, nada mais importa que essa idéia, e a vida exterior fica relegada a segundo plano. Por momentos, ele julga que nasceu para justificar, assim, a sua existência, que jamais poderá fazer algo com maior consciência de si próprio, com mais espontaneidade de ação. É remissão, exaltação, e por tudo isso, creio que o artista nunca poderá ter consciência plena de sua obra. Porque, se a ação é dirigida num determinado sentido, a dosagem maior ou menor de sua sensibilidade - e até mesmo o lirismo das imagens - poderá levá-lo inconscientemente para outro e por outro caminho.

Junho, 22

94. Terça-feira, Raimundo Faoro² reconheceu-me, depois de muitas e muitas vezes que nos cruzamos na Rua da Praia, sem que me percebesse. Queria falar-me, explicou que no jornal "O Estado do Rio Grande" (de que eu jamais ouvira falar) estava saindo uma página literária a cargo do grupo "Quixote" - o mesmo que, em maio de 1949, publicou meu conto *A Jóia* no suplemento que mantinha no "Correio do Povo" - e me pediu dois ou três contos, mais de um, enfim, e que eu mandasse depressa.

² Referência ao crítico, ensaísta e sociólogo riograndense, um dos fundadores da revista *Quixote* em 1945.

95. Comprei, na mesma tarde, um jornal para saber sua orientação política e, ontem mesmo, resolvi mandar um conto. Escolhi, e mesmo antes de escolher, no momento mesmo em que lhe falava, já sabia qual eu gostaria que fosse publicado: *O Adolescente*. Depois de fazer cortes e ampliações que melhoraram um pouco o conto, mandei entregá-lo por meu irmão Ogê.

96. Agora fico pensando: por que queria mais de um? Para tê-los mais à mão e poder lançar mão deles com facilidade ou porque tencionava selecionar, escolher o que lhe parecesse mais aceitável?

Junho, 29

97. Ando muito dispersivo, iludindo-me demais com a vida, com as alegrias fáceis e vulgares da vida: este, o caminho mais certo de ser medíocre. E como é fácil e agradável ser isso! Basta sair para o centro, encontrar amigos, rir do que dizem e beber um pouco para que o tempo transcorra mais facilmente. As pedras redondas do fundo dos rios ficaram assim pelo movimento das águas e pelo seu próprio movimento. Bebe-se para as arestas desaparecerem.

98. Tenho podido observar tantos tipos e tanta gente... Como é estranha a humanidade! Nos lugares onde os vícios melhor se mostram, aí se pode conhecer o homem inteiramente. Nos lugares escusos e escondidos, como se uma espécie de cumplicidade unisse melhor as pessoas, fazendo desaparecer a necessidade de dissimulação. Aí é que as almas se abrem, apresentam os problemas envoltos no álcool e na fumaça, mas, não obstante, claros e inteiros, como se para compará-los com os de seus semelhantes.

99. É importante poder perceber-se a evolução da embriaguez, como ela influi na expansão sincera dos sentimentos (é difícil precisar o ponto de inflexão, pois ele existe). No início, tudo é apenas sondagem, que necessita ser recíproca, cheia de concessões mútuas. Depois, as palavras passam a ser inteiras, exigindo de nós maior concentração porque, em breve, começará a surgir o desconexo. Mesmo antes que o álcool o exija, a própria pessoa começa a perseguir a necessidade de dissimulação. Pois há sempre o pensamento de que o dia vai amanhecer.

100. Nesses lugares onde os vícios se revelam e se degrada a humanidade, melhor se podem estudar os sentimentos do homem. Porque, talvez, todo o sentimento humano tenha fundamento no instinto e, nessa degradação animal, o ho-

mem está mais próximo de sua origem - do começo. Compreendo melhor a obra de Dostoiévski nesses lugares, a razão de seus tipos desdobrados e desencarnados terem vindo ou viverem nesses ambientes. Aí o homem, apesar de tudo, é melhor, mais sincero consigo e com os outros. Envergonha-se menos de si, porque os pontos de contato são mais comuns; compreende que, seja qual for o problema diferente do seu, em espécie, não o será em condição. Ninguém poderá provar-lhe que o outro não tem um enigma próprio. Daí a necessidade de expansão e liberdade, de apoio e compreensão.

101.É estranho como agem com naturalidade, simplicidade e convicção. Se não amanhecesse, é certo que não se arrependeriam de nada. Uma espécie de estado de graça, ou identificação com as origens.

102."No princípio, havia trevas sobre a face do abismo; então veio a haver luz. Depois, Deus viu que a luz era boa e fez separação entre luz e escuridão. E Deus começou a chamar a luz de Dia, mas a escuridão chamou de Noite".

Julho, 9

103.Ontem, estive organizando meu arquivo de cartas recebidas e lamentei mais uma vez minha bagagem perdida (na viagem marítima de Natal a Porto Alegre), pois dentro do caixote estavam todas que recebi em Natal, durante 1947, outras em Rezende, cartas de Chico (Francisco Pereira da Silva), Dalton Trevisan e de família.

104.Quando se relê uma carta antiga, em torno de nós faz-se, aos poucos, a mesma atmosfera que nos envolvia, quando a recebemos; procuramos redescobrir o motivo, a razão de todas as palavras, das frases, dos assuntos, e, assim de longe, podemos avaliar melhor o valor dessas cartas, como nos confortou ou desagradou.

105.Também me parece que minhas cartas, escritas na Escola Militar e em Natal, seriam um roteiro seguro para a interpretação de meu pensamento, de sua revolução, dos problemas que mais intensamente me preocupavam e absorviam naquela época. Lembro-me de que as cartas de Rezende deixaram, aos poucos, de ser descritivas - como haviam sido as da Escola Preparatória de Porto Alegre - para exprimir minhas reações em presença de um fato, ou procurar mostrar meu íntimo e, muitas vezes, meus mais secretos pensamentos. Principalmente as cartas para minha irmã Cora. Recordo que eu não era muito claro em expor a situação; era, deliberadamente, obscuro e triste e trágico por necessi-

dade e natureza, o que fazia, muitas vezes, minha irmã preocupar-se. Mas também ela tinha seus problemas e recorria a mim, e nos consolávamos mutuamente.

106. Quando nos reunimos aqui em Porto Alegre para, afinal, morarmos juntos, pensei em reler essas cartas para melhor me situar em presença de fatos passados, de uma época completamente diversa da atual. Queria estabelecer uma espécie de curva sentimental, verificar se houve alguma evolução em meus pensamentos e solução de alguns problemas. Para minha surpresa e desgosto, soube que elas haviam sido rasgadas e queimadas, quando a bagagem foi preparada para a viagem de Tijucas a Porto Alegre. Cora pensou: “Já que vamos para junto dele, não é mais preciso guardá-las”.

107. Cartas são, em certos casos, como notas que se escrevem sobre um assunto que, mais tarde, desejamos desenvolver; que nos auxiliam em proveito de um menor esforço de memória. Numa tentativa de reconstituição de fatos, é indiscutível o valor de uma presença, da presença de coisa ou pessoa. Na falta delas, as cartas são as melhores testemunhas.

Julho, 25

108. Apresentei-me dia 11 à minha nova Unidade, a Escola Preparatória de Porto Alegre, onde estudei durante três anos (1941 a 43), lugar em que descobri muitos pontos importantes de minha personalidade (pontos decisivos), onde comecei a me encontrar e a me perder, a encontrar ideais e perder ilusões.

109. Tenho lembranças, por exemplo, de como minhas cartas para Cora foram se metamorfoseando até serem, ao fim do terceiro ano, quase sempre feitas de desespero, quando se foi esclarecendo em mim um conceito instável de liberdade e a consciência desse sentimento. Como um acordar, mas um acordar doloroso de quem abre os olhos sobre uma onda maravilhosa de espumas e compreende que submergirá em breve, inevitavelmente.

110. Voltar a essa Escola foi o fechamento de um ciclo evolutivo e, nos primeiros dias, vivi sob o peso de todas as recordações que cada canto me inspirava. Lembrei diálogos, acontecimentos, alegrias, angústias. Passei depressa por certos lugares, com medo de mim mesmo.

111. Observando detidamente o elemento humano que agora lá vive, que sofre as mesmas experiências por mim vividas, várias vezes me surpreendi ante a identidade entre tipos des-

ta turma de alunos com os da minha. Uma série de tipos característicos, cuja identidade é quase perfeita e nos choca, porque nos dá a impressão passageira de que se pode reduzir a Humanidade a tipos padrões que se repetem seguidamente. Na verdade, há os traços comuns, em que a psicologia se fundamenta, mas nunca se pode generalizar porque, para um indivíduo que se comportou até ao momento presente como outro anteriormente conhecido, pode corresponder uma reação totalmente diversa, no momento seguinte. Em presença de um mesmo fato, há várias maneiras de reação e devemos esperar, pelo menos, duas uma inversa da outra, para não nos surpreendermos.

112. Pensei que, ao sair do Regimento, voltasse minha dedicação à literatura, mas nada tenho feito e 1950 continua árido e frio como devem ser as noites no Saara. Nem mesmo a leitura me atrai. Início vários livros e logo os abandono por outros que compro. Aos poucos, minha pequena biblioteca vai-se tornando uma estante dessas bibliotecas públicas de livros doados que jamais serão lidos. Mas, ainda, espero salvar o ano de 1950, ou ser salvo por ele.

113. Ano passado, sempre que um trabalho meu era publicado, sentia necessidade de escrever novo conto, uma espécie de responsabilidade que visse crescer. Pois semana passada, "O Estado do Rio Grande" publicou *O Adolescente* e foi lido sem o menor estremecimento, com a maior indiferença. Tenho medo de que isso seja a chegada do conformismo que chega e me dominará para sempre. O comodismo profissional de quem recebe os vencimentos no fim do mês, paga os compromissos e se diverte com o restante, esquecendo ou desconhecendo os compromissos maiores e mais dignos de realização e de consciência (o direito, o dever, a possibilidade de se justificar).

114. O único livro que consegui ler por completo foi o maravilhoso volume das cartas de Rilke a um jovem poeta. Constantemente me confundi com o Sr. Kappus e, em certos momentos, era como se as cartas tivessem sido escritas por mim. Há no livro coisas dolorosas e pungentes, que nos lançam em tremendas lutas de consciência. Perguntas como esta: "Morreria se não me fosse permitido escrever?" - Nossa convicção é tremendamente abalada e nos sentimos imensamente tristes e medrosos de entrar em nós e procurar "a necessidade que nos faz escrever". Será realmente forte e inevitável essa "razão"? O livro é também de uma imensa tristeza, ao par de sua sabedoria, e, poucas vezes, uma palavra me tem tocado tão fundo como esta:

"... Mas sou muito pobre e os meus livros, logo que aparecem, deixam de me pertencer. E nem sequer posso comprá-

los, como muitas vezes desejaria, para os oferecer àqueles que lhes querem bem”.

115. Da última carta:

“Um modo de vida que nos provoque e, de vez em quando, nos oponha às grandes coisas da vida, eis o que nos é necessário”.

116. E ainda tenho para dizer, esta noite que minha irmã Celeste voltou de um mês passado em Santa Catarina e me trouxe um pesado pote de avencas, porque gosto de avencas, e o trouxe no colo até aqui “para fazer penitência” - disse ela - por não ter ido à missa no domingo, pois viajava. Lembrei-me de uma viagem que fiz no Nordeste, em 1947, quando, no trem, uma moça levava flores de papel com todo o cuidado, como se cumprisse uma promessa, sempre assegurando com a mesma mão e sem descansar no colo.

Julho, 30

117. Está um domingo escuro e calado. Olhando pela janela, vejo telhados das casas e as paredes dos edifícios e sua imobilidade me faz julgar que não existe vento algum e que tudo está morto. Mas, à esquerda, o verde escuro de um abacateiro desmancha-se em folhas, levemente, e as roupas estendidas nos quintais, também, se movem devagar. Uma criança assobia. O mais, é o rumor da cidade, os carros que passam na Avenida Farrapos e, de vez em quando, o bonde Floresta pela Cristóvão Colombo, em frente ao edifício. Nada tão longínquo, mas me parece que sim, porque o desejo.

118. Até certo ponto e, em muitos dias de silêncio - principalmente aos domingos - meu quarto é quase a minha “jóia”. Não vejo ruas por onde passam pessoas, e apenas sei que existem, pelos ruídos que sobem até meu quarto. No quadro da janela cruzam, às vezes, aviões. São a visão mais objetiva da humanidade em movimento.

119. Sempre desejei possuir essa jóia de silêncio e recolhimento. Lembro-me de que, por muitos anos, perseguiu-me a idéia e o desejo, de morar numa casa com uma pequena torre onde instalaria uma biblioteca e me recolheria para pensar e escrever. Sei que essa idéia tomou vulto quando, aluno da Escola Preparatória, onde hoje sou instrutor, li um livro de Érico Veríssimo que falava muito numa “casa da torre” que me pareceu ideal. Depois disso, as casas que mais me agradavam no Rio, em Recife, ou onde eu tenha andado, eram aquelas que se elevavam num determinado ponto em que eu pudesse estar só, tranqüilo, pronto para realizar alguma coisa, ou para me preparar e obter esse prê-

mio.

120. Meu quarto, agora, consegue realizar essa intenção de silêncio e recolhimento. Mas, por não ser contínuo, por ser acidental e passageiro, não produz o que fora de se esperar. Mesmo assim, serve para manter esse anseio, fazer com que me lembre dele, sentir sua aproximação.

121. Espero (e compreendo que um dia chegará) o momento de reclusão, embora doloroso como há de ser. Lembro-me das palavras de Dostoiévski: "Sem sofrimento, que prazer pode haver na vida?" - e aceito profundamente esta verdade. O prazer realmente fértil e útil terá sempre nascimento e origem no sofrimento, no sofrimento vencido, sobrepujado - trocado por outro, talvez. É de sofrimento que o homem forma sua personalidade. Sem sofrimento ele não terá necessidade de se definir, de escolher, pois o prazer quase não é percebido quando não é ardentemente esperado. E essa espera já é sofrimento.

122. A reclusão talvez seja um pecado. Pois é uma fuga da convivência, da cooperação. Mas se essa reclusão for ativa pelo pensamento e pela obra, o homem terá saldado sua dívida para com a humanidade, o povo e a vida. Não uma solidão passiva, morta, feita de comodidade e medo. Pode ter sido originada pelo medo, mas é necessário que esse sentimento seja fundado em atos consumados e não por realizar. Não temer sombras, mas fatos. E não se arrepender de tê-los cometido: procurar compreender que foram inevitáveis, porque insistentemente desejados; seja qual for o resultado das experiências, procurar torná-lo útil a si e aos demais. Existe o medo de fazer e o medo por haver feito. O primeiro é, muitas vezes, covardia; o segundo pode ser arrependimento ou remorso, se não agimos com plena consciência de nosso valor. Transformar esse "medo positivo" em exemplo e obras é valorizar a existência e, até certo ponto, justificá-la. O medo e a vergonha, com origem na infância e na religião, são inevitáveis. A inteligência adulta deverá saber compreendê-los, aceitá-los e interpretá-los, transformando-os em sentimentos ativos e criadores. Com eles, vem o sofrimento, mas dessa interpretação nascerá o prazer, se tivermos capacidade de anular o sofrimento.

Será, então, que a jóia só poderá ser encontrada ao final do "medo passivo"? Sim. Mas, muito antes, o medo de realizar terá sido anulado pela soma de realizações que terão provado e convencido ao homem o que lhe convém - aí terá ele os limites de sua personalidade e agirá tão somente dentro deles. Terá compilado e completado seu catecismo e não mais fugirá dessas normas porque não sentirá mais necessidade de experiências perigosas, pois antes de aceitá-las já conhe-

ce seu alcance. (Terá estudado em si a origem do fato, sua realização e consequência).

123. Muitas experiências, que podem ser das mais importantes, não necessitam ser levadas a efeito por nós; ou porque não as desejamos, ou porque a experiência alheia nos terá convencido do mal ou prejuízo que acarretam. Talvez, embora não o saibamos, nossas próprias ações estejam agindo dessa mesma maneira com relação a outras pessoas. É útil pensar assim e esperar que assim seja, não como uma fácil justificativa para nossos erros, mas como uma forma de pagamento da dívida que iniciamos ao nos apropriarmos da experiência alheia.

124. Pensar sempre, para que nossos atos jamais sejam inconseqüentes. E convencer-se de que jamais o são, pois há uma grande corrente dentro de nós, ligando-nos intensamente aos outros, a todos os outros.

Não simplesmente aceitar a vida, mas sobretudo, sofrê-la, interpretá-la e dirigi-la a um fim que tudo justifique. Acreditar em si e nesse objetivo, até que fique provada a inutilidade desse ideal, ou a impossibilidade de realizá-lo. Então, ter a coragem e a força de substituí-lo. Tudo isso, a vida exige de nós. Portanto, dependendo unicamente de nós, é grande a missão que nos cabe.

Agosto, 2

125. É preciso fazer alguma coisa - além de estar procurando o que dizer, por exemplo, sobre esta pena que não sei a que pássaro pertenceu. Apanhei-a no campo e a escondi no meu bernal. Talvez seja, hoje, o prolongamento da vida desse animal, o seu legado (ou uma insignificante parte dele - já que deverá ter deixado filhos voando pelos espaços).

126. Aqui está. Muda, inalterada, imóvel. Inanimada como o cinzeiro de pedra, ou o berço de madeira do mata-borrão. Mas é soberba pelo que exprime de vida: criação e desenvolvimento (a utilidade quase consciente de proteger e enfeitar o pássaro). Por ela passou esse misterioso fluido de vida que não foi, ainda, substituído pela morte: apenas estacionou.

127. Não é como um anel que recebemos na infância, ou uma corrente que trazemos presa ao pescoço e fica guardada como relíquia, quando morremos. É mais do que isso. Assim como uma trança, um anel de cabelo que se conserva e venera por ter crescido e vivido com alguém.

128. Sim, as penas de pássaros são como o cabelo das mu-

lheres (e quantas vezes ambos se comercializam!): servem de adorno e de relíquia.

129.É preciso fazer alguma coisa.

Agosto, 3

130.Não foi unicamente para escrever *Agosto 3* que me sentei e abri este caderno. Mas também não foi para discorrer sobre um assunto preestabelecido. E por isso fiquei tantos minutos parado, sem saber o que dizer, e mesmo com medo de deixar escrita apenas a data.

131.Neste momento, não estou mais esclarecido sobre o que direi, do que no início. Essa mesma indecisão ou ignorância, ou falta de previsão reflete-se muitas vezes em meus próprios atos. No desejo de buscar as fontes desse proceder, justifico como sendo em virtude de eu ter tido sempre que procurar e descobrir, por mim mesmo, todos os mistérios e lugares sombrios da vida. Não ter tido um orientador, mãe, pai ou irmão.

Agosto, 6

132.Depois de cerca de duas semanas de frio, dias de chuva e cinzento, o sol inunda a paisagem e o céu descobre-se para mostrar um azul puro e intenso que atrai nossos olhares e nos leva a desejar a paz, num lugar distante e desconhecido.

133.Ao escrever a palavra “irmão”, na última vez que peguei neste caderno, chegou a notícia da morte de uma conhecida da família, Hilda, que morre solteira lá pelos cinquenta anos. Saí, então, para o velório na Capela da Beneficência e ela estava lá, tranqüila para sempre, vestida de branco, num caixão também branco, um ramo de violeta nas mãos, dois ramos junto à cabeça e amores-perfeitos semeados pelo vestido e que foram murchando aos poucos.

134.Assim envolta em flores, me pareceu que depois de mortas as virgens são canteiros floridos, e que, desde então, germinam flores na intenção pura e perfeita de gerar filhos.

135.Os quatro belos círios expunham chamas esguias e paradas, ou moviam-se lentamente, como se alguém assoprasse para apagá-las. Julguei que, ao voltar de manhã cedo, as velas estivessem desaparecendo na taça dos castiçais, mas ainda estavam grandes e acesas, naquele silêncio todo.

136.Hilda, imóvel e gelada na madrugada de chuva. Morta.

A morte implacável, impenetrável, indefinível que ela desejou e esperou.

- “Não quero que me levem para casa: deixa sempre uma impressão horrível. - Quero um caixão branco, o mais simples que encontrarem. - Meu vestido branco já veio de casa? Quero que me vistam de branco. - Seria bom que parasse já chuva: é tão aborrecido enterro com chuva. Se fizesse sol!... - Quero morrer de madrugada, para que vocês não passem uma noite inteira me velando”.

137. Isto tudo ela disse e desejou. Mas quanta coisa mais não desejou, sem dizer, a vida toda, sem jamais ser atendida?

138. Hilda retocava fotografias, uma ponta muito fina num lápis preto, e a paciência de ficar por horas sobre o vidro da chapa fotográfica, corrigindo sardas e espinhas nos rostos das moças que queriam ser mais bonitas. Desde Passo Fundo eu a vi retocando, no Foto Studio Berd. Falava com a gente sem se desviar do trabalho, o lápis na mão e as manchas desaparecendo sob aqueles leves traços que purificavam as pessoas e as deixavam contentes de sua beleza.

139. Hilda morreu do coração. Quantos desejos não sonhou! Inclinação e loure sobre as figuras desconhecidas, que acariciava maciamente com a ponta do lápis, quantos sonhos não teve!

Agosto, 15

140. Ontem cheguei mesmo a pensar:

- Será que se transforma inexplicavelmente o que escrevemos? Ou seremos nós que nos transformamos inconscientemente?

- (Porque, quantas vezes não relemos com ironia ou desengano o que escrevemos com tanto amor e entusiasmo).

Agosto, 16

141. São três horas da madrugada. Depois de me convencer de que será impossível dormir, levanto-me. Desde domingo, essa dor me persegue. Segunda-feira, aumentou e ontem, tornou-se insuportável, ao ponto de me fazer chamar um médico. Disse nada ser de grave, apenas uma nevralgia em consequência de friagem. Uma dor irritante, pior que dor de dente, contínua, agarrada às costas, junto ao pescoço e à espinha, como um morcego.

142. Agora, aqui sentado, a cabeça apoiada à mão esquerda, o cotovelo na mesa, a dor quase desapareceu. Desapareceu totalmente. Mas se eu me mexer... os músculos reclamarão

em seguida e ela voltará, impiedosa.

143. Também, como consequência do frio, tenho os dedos das mãos invadidos pela frieira, junto às unhas, o que me dificulta fazer as coisas, mas, ao mesmo tempo, serve para fazer notar como os dedos são cotidianamente úteis.

144. Preciso fugir do inverno, ir para um verão que não cesse. Natal, também Cáceres. Desde Caxias penso em servir em São Luiz de Cáceres, mas não ousa me decidir. Afinal, são tantas as circunstâncias, solicitando e negando.

145. Há um profundo silêncio no edifício. Neste momento em que parei de escrever, ouvi somente o despertador. Não sei por qual desconhecido eco, parece que há dois relógios trabalhando.

146. Vejo minha face na calota metálica da lâmpada de escritório. O rosto alongado pela convexidade, as sobrancelhas alargadas e curtas, o nariz mais grosso, meus lábios muito mais carnudos do que realmente são. Mas será também do metal convexo que vem essa tristeza a meus olhos? Talvez. Pois me esforço em pensar numa coisa alegre e boa... e eles insistem na mesma expressão de angústia. Lembrome do São Francisco de Assis, de Portinari. Também a deformação, o alongamento da mão apoiando o rosto, a manga do capote cinzento que no espelho de metal parece mais larga do que minha cabeça, tudo isso me traz à mente os santos de El Greco. Mas, sem querer diminuir meus pecados ou minha distância do que é belo e sagrado. Simplesmente uma lembrança.

147. Passa de quatro horas. (O barulho de um automóvel na Avenida Farrapos - agora uma carroça). Tentarei dormir.

Agosto, 18

148. São 8.30 e me encontro quase na mesma situação de anteontem. À custa de injeções, durmo e passa a dor. O pescoço continua sem movimentos, para frente e para trás; para os lados, posso movê-lo lentamente.

149. Não tenho podido ler. Hoje vou tentar porque, pelo menos agora, a dor quase não se faz sentir. Mas é difícil encontrar uma posição satisfatória.

150. Desalentador: ou o quartel me toma o tempo inteiro, ou uma doença que me deixa em casa não me permite ler.

151. É bem verdade que não há, de minha parte, a necessária

dedicação e o necessário amor, pois muitas horas livres eu esbanjo em conversas inúteis, sem ter a concentração e a capacidade de abstração necessária.

152. Tenho me dispersado demais, não me fixo em nada, esbanjo também o pensamento. E, infelizmente, em atos vulgares. Nem vida nem obras grandiosas. Se eu morresse hoje, por exemplo, por quanto tempo meu nome ressoaria? Até à missa do sétimo dia.

153. Minha letra está incompreensível, muito pior do que já é, pela posição em que me encontro: sentado na cama, o caderno sobre um travesseiro.

Agosto, 19

154. Ontem iniciei a leitura de *Vida de Don Quijote y Sancho*, de Unamuno, e paro a todo instante, maravilhado com livro tão belo e profundo, com a força de análise e interpretação do autor.

155. El supulcro de don Quijote:

Y en cuanto a hoy, todos esos miserables están muy satisfechos porque hoy existen, y con existir les basta. La existencia, la pura y muda existencia, llena su alma toda. No sienten que haya más que existir.

156. Capítulo V:

“Te debe importar poco lo que eres; lo cardinal para ti es lo que quieras ser. El ser que eres no es más que un ser caduco y perecedero, que come de la tierra y al que la tierra comerá un día”.

157. Mais adiante, quando se refere a Adão e à sua “queda”:
“Y desde entonces empezó a ser más que hombre, tomando fuerzas de su flaqueza y haciendo de su degradación su gloria y del pecado cimiento de su redención”.

158. Unamuno vê em Dom Quixote e seu escudeiro um sentido de grandeza bíblica, relacionado a Santo Ignácio de Loyola e mesmo a Cristo, ao evangelho.

Dia 20

159. Continuo lendo Unamuno e me surpreendo com este livro tão importante e ousado.

160. “No es que Cervantes quisiera encarnar en Don Quijote la justicia española, sino que lo encontró así en la vida del Caballero y no tuvo otro remedio sino narrárnoslo cual y como sucedió, aun sin alcanzársele todo su alcance”. (83 e

84)

161."Mi fe en Don Quijote me enseña que tal fué su íntimo sentimiento, y si no nos revela Cervantes es porque no estaba capacitado para penetrar en él. No por haber sido su evangelista hemos de suponer fuera quien más adentró su espíritu. Baste que hoy nos haya conservado el relato de su vida y hazañas". (87)

162.Unamuno não concede a Cervantes mais do que o papel de historiador, ou melhor, de evangelista do Cristo Quixote. Cervantes fez uma obra um tanto inconsciente de seu maior e mais profundo valor. E argumenta: "Y no os debe sorprender esto, lectores, porque no es quien lleva a cabo una hazaña el que mejor conoce los motivos por que la cumplió".

163.Conforme Agustin Esclasans, que estuda a obra de Miguel de Unamuno, este espanhol propugnava por um cristianismo quixotesco. Para Unamuno, "Don Quijote queda así transformado el modelo eterno de todos los apóstoles, los redentores, los confesores y los mártires de la Humanidad"

164."Acuérdate de que tus enemigos se han de morir". (77)

165."Miremos más que somos padres de nuestro porvenir y no hijos de nuestro passado". (82)

Agosto, 27

166.Acabo de reler meus contos Areia e A Procissão. Gostei de ler mas me senti imensamente longe deles e não compreendo mesmo tudo o que fiz expor essas idéias. Areia começa muito mal e é por demais turbado, um pouco confuso, deliberadamente, na verdade, mas ainda está muito longe de constituir uma obra de arte. Talvez ninguém mais o entenda, ou pelo menos o aprecie, além de mim. Gostei de relê-lo e de me lembrar do mar e mesmo de Az. que já se casou em Natal. Essas lembranças me fizeram sentir tão longe de mim... como se a pessoa do conto não fosse eu.

167.A Procissão é um tanto ingênuo mas agradável, talvez unicamente por ser ingênuo. Não tem valor constante, estável, apresenta certas falhas que nos fazem sentir por demais as palavras em si. Enfim, creio que meus contos já viveram. Nada mais lhes resta. Quem poderia lê-los, já o fez. Aos demais, é melhor conservar apenas a esperança de os conhecer; que ouçam os comentários de outras pessoas, que muitas vezes nos fazem supor obras grandiosas. Pois a imaginação supera quase sempre a realidade. A não ser quando de-

paramos com algo de novo, nunca visto anteriormente.

168.A doença me abandonou e voltei ao quartel.

169.Tenho continuado a ler Unamuno. É um livro necessário. Gostaria de examiná-lo detidamente e escrever alguma coisa sobre ele, pois é obra de muita essência, e desse estudo eu poderia encontrar alguns conceitos necessários. Mas sinto que não o farei.

170.A vivacidade, precisão e propriedade de Unamuno são qualidades que me fazem admirá-lo em quase todas as páginas.

171.Sobre a morte:

“Mi cuerpo vive gracias a luchar momento a momento contra la muerte, y vive mi alma porque lucha también contra la muerte momento a momento”.

172.Este conceito, em vista da palavra contra, a luta contra a morte, me faz separar Unamuno de Rilke. Se aí está reconhecida a presença da morte na vida, a todo instante, também está expresso que a vida é consequência da luta contra a morte, e há nisso uma espécie de temor, de medo pelo fim.

173.Rilke:

“Mais cela: contenir la mort, toute la mort, dès avant la vie si doucement la contenir et n’être pas méchant, cela est ineffable” (IV Elegia).

174.Contê-la docemente, calmamente. Muito mais elevação e pureza - ânsia de perfeição é o que vem dessa submissão e esse anseio: contê-la e não ser mau.

175.Mais adiante, no entanto, Unamuno aproxima-se de Rilke, por novos conceitos de vida e morte, quando ele fala sobre a fé e a considera verdadeira e viva se ela se alimentar de dúvidas. Escreve Unamuno: “La verdadera vida se mantiene de la muerte y se renueva segundo a segundo, siendo una creación continua”.

176.Rilke, em *Livre D’heures* (da tradução e seleção de Maurice Betz):

“La grande mort que chacun porte en soi, elle est le fruit autour duquel tout change”.

177.A verdadeira vida, portanto, mantém-se pela morte que cada um traz em si, que deve ser aceita calmamente, sem ser preciso lutar contra ela.

178. Unamuno continua:

“Una vida sin muerte alguna en ella, sin deshacinamiento en su hacinamiento incesante, no sería más que perpetua muerte, reposo de piedra”.

179. Em Rilke também existe essa idéia de vida como sendo “uma contínua criação”, um “hacinamiento incessante”. “Notre vie se passe à transformer” (VII Elegia de Duino), e na III Elegia escreve que “nous aimions en nous l’innombrable fermentation”.

180. “Los que no mueren, no viven”, continua Unamuno. Rilke, em seu *Livre de la Pauvreté et de la Mort*, reza a Deus certo disso:

“O mon Dieu, donne à chacun
as propre mort,
donne a chacun la mort née
de sa propre vie
où il connut l’amour et
la misère”.

Agosto, 29

181. Vida de Dom Quixote e Sancho, por Miguel de Unamuno - um livro indispensável.

Setembro, 8

182. L.P. escreve de Natal, pedindo auxílio. O que pode fazer alguém que se vê solicitado, quando ele próprio necessita solicitar? Por que a pressa e o desespero? Em arte, e mesmo na vida, não se pode contar com o amadurecimento prematuro. Compreendo bem o que o Chico me escreveu um dia. Depois enviou-me os *Conselhos a um Jovem Poeta*, de Max Jacob. Por minha vez, remeti ao L.P. as *Cartas a um Poeta*, de Rilke. Ele nem as leu e me escreveu esta carta que não sei como responder.

183. Quando escrevo a ele tratando a vida friamente, com tudo o que tem de material e vulgar, o dinheiro, o quarto, ele se sente chocado, como se nada disso fizesse parte da realidade.

Setembro, 9

184. Hoje, o aluno diretor da Revista da Escola Preparatória pediu-me uma colaboração para o número de encerramentos do ano. Embora deseje atendê-lo, estou para concluir que o melhor seria não fornecer trabalho algum. Meus contos não podem absolutamente corresponder à idéia que fazem

de um Tenente, um oficial que os põe em forma, os comanda; que ensina o que devem saber de um fuzil ou de um campo de instrução.

185. Mesmo assim, me detive sobre o volume dos contos e julgarei que o mais leve e mais aconselhável seria *A Procissão*, por ser apenas uma descrição e não conter idéias sobre problema algum. Por tudo isso, sim, mas eu também gostaria que fosse algo que fizesse pensar (aos que costumam pensar).

186. Mesmo que fosse esse o conto escolhido, ou qualquer outro, é tão diferente minha opinião sobre a vida e as relações entre militares, e a opinião de meus colegas oficiais... Apenas um ou outro conhece minha predileção pela literatura e, se os alunos chegaram a saber, deve ter sido por intermédio do tenente T.P. que tem acompanhado meu pobre movimento literário.

187. Pensei que, talvez, fosse melhor fazer um artigo sobre um assunto de ordem geral, um pequeno ensaio, notas sobre algum sentimento ou fato, mas não me ocorre o tema.

Setembro, 11

188. Talvez eu pudesse escrever um trabalho sobre iniciação literária, estudando o conto como forma de expressão sentimental e busca de estilo. Seria um artigo de interesse restrito, mas poderia conter algo de interessante para aqueles que, no silêncio noturno das Escolas Militares, sentem necessidades de dizer a si próprios alguma coisa que os trabalhos exaustivos do dia não conseguiram anular. Conselhos aos jovens "artistas militares", que, muito dificilmente, conseguirão ultrapassar a mediocridade, em virtude da natureza dos elementos com que são forçados a jogar durante toda a carreira, e a imensidade dos compromissos e servidões que esses elementos lhes impõem.

189. Salientar, nesse pequeno artigo, o valor e a importância da idéia da forma, do plano a que devemos estar sujeitos; da infância, como origem de inspiração. Sugerir, indiretamente, nomes de grandes contistas, segundo o valor característico de cada um, como fiz no depoimento para a revista "Joaquim". Expressar idéias sobre a auto-crítica, como valor fundamental da obra de arte. Enfim, procurar situar alguém dentro de sua própria realidade, fazendo notar que, para se fugir de lugares comuns e do primarismo dos autores adolescentes, é necessário convencer-se de que, sem artesanato, sem cultura, sem consciência técnica do que se quer realizar, não se obterá obra sólida. Que não há obra de arte sem um plano

anterior que a justifique. Tudo isso, no entanto, subordinado à idéia, ao sentimento mergulhado nessa idéia, sentimento que deve ser perfeitamente identificado pelo leitor.

190. Tudo o que for relativo à técnica será dominado pela idéia no momento da criação. Mas, depois, deve interferir a auto-crítica salvadora, mediante retoque na forma e a purificação do pensamento expresso em primeira impressão, em estado bruto.

Setembro, 19

191. Ontem à noite, terminei o artigo de domingo. Creio que me expressei satisfatoriamente, mas compreendo que o trabalho está muito longe de ser completo. Mas disse muita coisa do que precisava dizer. Dividi o trabalho em duas partes: a primeira, intitulada *Intenção*, em que a quem escrevo; a segunda, *O Conto*, em que, falo principalmente sobre o valor do plano daquilo que se propõe escrever.

192. Para finalizar, uma citação de Rilke sobre a importância da carreira que se escolheu, ou a que está submetido, e dou por encerrado o pequeno trabalho sem falar sobre auto-crítica e as imagens, como pretendia, e que ficaria longo demais. Mesmo como foi escrito, creio destinar-se a um pequeno número de alunos, pois não é assunto de interesse geral. Foi o que desejei: obrigar muitos ao silêncio para evitar comentários mal formados.

Outubro, 8

193. A primeira semana entrou muito mal, com dias frios e chuvosos, o tempo é muito vário e desagradável. Um ou outro dia amanhece céu azul, mas em geral não se conserva assim até a noite. São dias tristes, que nada nos sugerem de melhor e mais nos amarram às exigências do cotidiano.

194. Ao voltar para casa, não me disponho a ficar lendo. Mesmo que tome um livro, me desinteressa, saio em busca de alguém para conversar sobre banalidades, as eternas conversas que não conduzem a nada. Antes, eu era insatisfeito, mas produzia algo e possuía meus belos sonhos de que estava fazendo coisas de valor. Hoje, vivo insatisfeito, nada realizo, e meus sonhos vão-se apagando aos poucos.

195. Procuro convencer-me de que é este ano de 1950 que precisa terminar. Aliás, sempre esperei, todas as vezes que se aproxima o fim de um ano, que a simples passagem de um dia para o outro, que a essa alvorada de Ano Novo correspondesse uma transformação em minha vida. Mais uma

vez tenho essa esperança. Nada mais fazemos do que nos iludir durante a existência inteira. É útil que tenhamos um sonho novo, a cada fim de dia, para substituí-lo e manter o vaso sempre cheio de flores novas e perfumadas.

196. Tenho medo de estar me conformando simplesmente demais com a vida, me acomodando muito facilmente, me entregando sem resistência. Já não fui assim. Sei que se desistir da luta, nada conseguirei. Conformismo é tédio, tédio é indolência. Se a indolência nos vencer, não venceremos nada ou ninguém, por não sentirmos necessidades disso.

197. Também percebo que nem tento reagir. Entrego-me. Lembro-me sempre de Medéia: "A vulgaridade é contagiosa". Mas nada faço para me afastar dela. Não é suficiente dizer: "Afasta-te, Jasão". É necessário, também, afastar-se, deixar a poltrona e dirigir-se às varandas, onde bate o sol e onde o céu é visto em toda a intensidade de seu azul.

198. É preciso reconhecer: se a vida, a minha vida, tiver que ser sempre apenas essa luta, sem obras, sem nada que justifique essa constante preocupação de estar, fora do vulgar, então, será melhor que eu me integre ao meio, me dissolva nele, que é mais nobre, menos imbecil, mais digno viver como todos vivem, sem notar a vulgaridade.

199. O período escrito acima é o símbolo perfeito do comodismo, do conformismo que é tédio, que é indolência, da indolência em que, não existe luta, porque jamais a encontra.

200. Muitas vezes me lembro de Amiel. Ouso mesmo a me comparar com ele. Não pelo que produzi, mas pelo que poderei produzir, pelas páginas e páginas de diário, que, de tantas, alguém terá o trabalho de selecionar e reunir num volume sob o título Diário Íntimo. E nessas páginas (obs: tristeza), sempre esteve presente o desejo de escrever um livro, um grande livro, cujo único valor, talvez, será o nunca ter sido escrito.

201. Como é triste a incapacidade humana! A ilusão de que tudo o que se faz com amor e convicção é perfeito. Haverá algum artista que duvide do valor de sua obra, no momento de exaltação em que a realiza/ por isso é que é bela a música do povo, a poesia popular, aquelas esculturas simples lá do Nordeste. Eles fazem o melhor que podem, é evidente, mas nada ou quase nada tiram dos outros. Aquilo que produzem é o seu pensamento ou seu sentimento - de forma, de cor, de som - sem essa necessidade de sobrepujar pela purificação, pela cultura, que precisa existir no intelectual.

202. A fim de realizar algo de valor, todo artista deve saber e convencer-se de que Arte é coisa sumamente difícil. E sagrada. Não sendo assim, não subsistirá. Por ser difícil, não significa ser impossível: basta olhar a galeria do passado.

203. Todo aquele que não sentir em si poder suficiente para executar uma obra que não passe, deve ter a compreensão suficiente para destruí-la antes de sua morte. Mas como é difícil reconhecer em si a existência ou não desse poder! Mais difícil do que, reconhecendo-o, destruir toda a obra feita.

Outubro, 9

204. Por que será que não escrevo poesia?

205. Nunca pensei detidamente sobre isso, mas sei que poderia tirar muitas conclusões.

Sinto-me cansado. Até quando irá essa pressão do dinheiro, a dificuldade de resolver essa questão? A culpa é minha, não há dúvidas, mas sempre que me revolto com a falta dele - e isto acontece todos os meses - passo a gastá-lo inconseqüentemente.

Novembro, 5

206. Penúltimo mês do ano.

207. Nada tenho feito de útil nem de digno. Nada digno de escrever ou de contar. Sobre dignidade, li um conto de Thomas Mann muito interessante, *O Caminho do Cemitério*, sobre a perda da dignidade resultante da perda do respeito a si próprio.

E agora leio, lentamente, *Del Sentimiento Trágico de la Vida*, de Unamuno, que encerra fórmulas merecedoras de estudo e meditação, como por exemplo:

- "El mundo se hace para la conciencia, para cada conciencia".

- "Conciencia y finalidad son la misma cosa en el fondo. La conciencia es una enfermedad".

- "La razón (...) es un producto social. Y es que en rigor la razón es enemiga de la vida. El sentimiento no transige con términos medios".

- "La certeza absoluta, completa, de que la muerte es un completo y definitivo y irrevocable anonadamiento de la conciencia personal, (...) o la certeza absoluta, completa, de que nuestra conciencia personal se prolonga más allá de la muerte, (...) ambas certezas nos harían igualmente imposible la vida".

- "... y por mi parte no quiero poner paz entre mi corazón y mi cabeza, entre mi fe y mi razón que se pleen entre sí. Razón y fe son dos enemigos que no pueden sostenerse el uno sin el otro".

- "Quando las dudas invaden y nublan la fe la inmortalidad del alma, cobra brio y doloroso empuje el ansia de perpetuar nombre y la fama".

Novembro, 20

207. Agora tenho apenas meio expediente. Mas não tenho sabido ou podido aproveitar conveniente o tempo. A bem dizer, essa modificação, se bem que esperada e desejada, veio surpreender-me e ainda não avalio o valor dessas horas.

(Mas por que estar procurando justificar, com palavras cruas, minha incapacidade literária?)

Dezembro, 5

208. Venho lendo o *Diário de um Escritor*, de Dostoiévski, encontrado por mim, casualmente, numa estante da biblioteca dos alunos da Escola Preparatória. E como lamento não ser meu o volume! A cada página, sinto desejo de fazer anotações.

209. Nada, até agora, me impressionou tanto no livro como o artigo chamado *Vlass*, que leva nosso pensamento para junto de seus grandes romances, como *O Idiota e Os Irmãos Karamazov* e, também, nos liga à própria vida do escritor, quando diz: "... assim acontece com os que vão ser guilhotinados (ou fuzilados): sentem-se felizes em concentrar-se alguns instantes que sejam sobre um objeto exterior que os distraia". No caso de Dostoiévski, a cúpula da catedral de Semenovsky (pouco antes do indulto de sua pena de fuzilamento).

1951

CANELINHA, SANTA CATARINA

1º de janeiro

210. Em Santa Catarina existem grandes cigarras que cantam bem diferente das que existem por outras terras por onde tenho andado. Seu canto é uma nota aguda e contínua, ligeiramente modulada. E é em grandes e altas árvores, como as nogueiras, que elas pousam e de onde seu canto escorre até nós. São essas cigarras que agora ouço, na primeira manhã do Ano Novo de 1951, quando retomo o diário a fim de

escrever algo de objetivo sobre os dias que tenho visto fora de Porto Alegre.

211. Embarquei a 19 de dezembro em Porto Alegre, estive um dia em Florianópolis e já, ao anoitecer de 20, chegava a Tijucas. Encontrei minha cidade de infância tão triste, abandonada e pobre que seu aspecto encontrou eco dentro de mim. Revi cenas de infância nas casas onde morei, mas, um tanto contristado, não amei essas recordações que vieram esfumadas, não muito claras, apenas pedaços de acontecimentos, pétalas caídas e meio murchas de uma mesma flor.

212. Também vi a casa onde morreu minha mãe, quando eu tinha cinco para seis anos. Está quase desmoronando, existindo mesmo duas escoras na parede, do lado onde ficava o quarto onde ela morreu. Ao lado, existe outra casa de madeira em que meu pai tinha a alfaiataria. Ao passar por ela, aí sim, a recordação foi tão grave e perfeita que senti um estremecimento desconhecido até então. Revi uma dolorosa cena de infância e sofri com ela. Foi o dia em que meu pai teve o ataque, junto à mesa, com a fita métrica pendurada nos ombros, o tesourão na mão - olhando aflito para o teto e caindo ao chão em estertores. Parte da aflição que sofri naquele dia - o medo ao desconhecido, a dor de saber sofrendo alguém a quem se ama - tudo se reuniu naquele estremecimento.

213. Vi outras coisas ligadas a mim, sem grande comoção: o Grupo Escolar Cruz e Souza, o Clube 4 de maio, a rua, o rio, algumas árvores. Compreendo que foi bom rever tudo isto, pois precisarei, brevemente, empregar parte de toda essa recordação, dos sentimentos que se acordam aos poucos, se o ano que se inicia com o cantar das cigarras me for propício.

214. Fiquei em Tijucas até 26. Depois, fui a Blumenau, que deixei ontem para esperar o Ano bom com meus irmãos Judith e Jaime e os cunhados Oscar e Eulina, em Canelinha, onde eles têm uma destilaria.

215. Não quis deixar passar de hoje meu compromisso de escrever algo no diário. Embora tivesse pensando encontrar aqui maior tranquilidade para ler, e talvez iniciar alguma coisa, não tenho encontrado o recolhimento necessário, pelas solicitações

216. Dos irmãos, pela conversas, mas também um pouco pelo desejo de abandono e descanso, vazio de pensamento e sentimentos, tudo consequência da maneira como tenho vivido ultimamente, me distribuindo demais aos contatos com o mundo.

217. Trouxe comigo alguns livros: *O Diário de um Escritor*, *Do Sentimento trágico da Vida*, *A Agonia do Cristianismo*, mais um volume sobre Filosofia Existencial, de Otto Friederich Bollnow, único que tenho lido e de que tenho gostado bastante, principalmente por constantes alusões à obra de Rilke, algumas ligações com Unamuno, e pelas ótimas explanações dos conceitos existencialistas.

Janeiro, 4

218. Na tarde do dia 1º, estive com Jaime e Judith em Porto Belo. A caminhonete foi cheia de crianças e parentes adultos e chegamos todos alegres a esta praia tão bela e quieta, com as casas da vila bordando a praia. Depois do banho de mar, fomos passear pela areia e, ao nos aproximarmos de uma casa, propriedade de um “alemão” de Blumenau, percebemos um grupo de pessoas com estranhas fantasias, vindo em nossa direção. Chegamos quase juntos à casa grande e, então, os fantasiados começaram a cantar. Falou-se em “Pau de Fita” e fui observando em que consiste essa diversão de que sempre ouvira falar em minha infância.

219. A figura central da dança era um velho que fazia o solo das estrofes, enquanto os demais repetiam um verso falando em jardineira, flor aberta e “também tem botão de rosa”. Vestia calças verdes e blusa amarela, como os outros homens. Trazem todos uma coroa de papel em cores vivas, a copa alta formada de duas tiras cruzadas com as pontas presas a outra tira ajustada à cabeça. O personagem principal, como um mestre de dança, trazia um bastão de uns dois metros de altura, pintado de vermelho, com uma coroa idêntica no topo, de uma porção de fitas de seda multicolor que desciam até à metade do bastão. As demais figuras compunham seis pares: os homens com indumentária idêntica ao “mestre” e as seis moças eram meninas de 12 a 15 anos, com saia vermelha, lisa e comprida até os pés, blusa branca, chapéu de palha de abas largas pintado em cores diversas e enfeitado com papel dourado e prateado, de chocolates e cigarros.

220. A festa começou um verso cantado pelo velho do bastão e dirigido ao dono de casa grande. Este fez sinal para que subissem à varanda. Os pares, antecidos pelo bastão de fitas, subiram as escadas, cada par levando um arco enfeitado com flores de papel, antes conduzido a tiracolo pelos meninos. Chegando à sala, o homem do bastão acorrou-se no centro com o pau de fita na vertical, sem parar de entoar os versos cuja estrofe era repetida pelo coro. Cada figura pegou uma fita e começaram a dançar e a trançá-las no bas-

tão, passando um pelo outro em zig-zag, uma vez por fora, outra por dentro. Havia, também, os músicos. Eram apenas dois cavaquinhos e um chocalho. Aos poucos, o pau foi ficando trançado e as figuras, junto a ele, balançaram até que o mestre apitou duas vezes e o movimento recomeçou em sentido contrário, o bastão vendo-se livre das fitas coloridas.

221. Terminada a dança, o homenageado distribuiu bebidas. Uma leve chuva começou a cair e meus irmãos quiseram ir embora. Perto de mim, um habitante da vila disse que ainda havia "o entrançar dos arcos", mas saí sem assistir a esse outro passo.

222. Gostei imensamente do espetáculo daquela gente simples e divertida, o gosto bizarro pelo colorido berrante, a monotonia do canto, as coroas excêntricas, tudo isso no primeiro dia do ano, numa pequena e triste vila de pescadores do litoral catarinense.

Janeiro, 9

223. Domingo, depois do almoço, tirei da pasta o pequeno livro de Unamuno, *La Agonia del Cristianismo*, que já pensava levá-lo de volta sem ser lido. Pois despertou-me tão grande interesse que o li quase todo. Como fui ontem a Florianópolis, só hoje pude terminá-lo, lendo os dois capítulos que faltavam.

A importância de meu conhecimento com Raimundo Faoro foi ele ter me recomendado a vila de Dom Quixote e Sancho, de Unamuno. Desde o Prólogo de *La Agonia del Cristianismo* até ao capítulo final, o livro é de um interesse total e doloroso, pondo-nos em presença de nossas próprias dúvidas e dando-nos o consolo de já terem sido de outros homens, de homens que não passaram.

Fora os grandes problemas interiores abordados por Unamuno, é maravilhoso seu conhecimento profundo dos textos bíblicos, a todo momento citados e comentados; a pureza dos "paradoxos" que apresenta; a maneira discreta como demonstra uma cultura vasta e profunda; os deliciosos passeios pela etimologia das palavras, que tanto aproximam o espanhol do português, e que tanto nos esclarecem, como no caso do próprio título, a palavra agonia, que eu tomara como presença ou aproximação da morte, refere-se a luta. "Agonia quiere decir lucha. Agoniza el que vive luchando, luchando contra la vida misma. Y contra la muerte".

224. E essa luta é a que surge da dúvida, "la santa, la dulca, la salvadora incertidumbre, nuestro supremo consuelo" que

acompanha para sempre e de que não deseja, afinal, separar-se.

'Esta obrita reproduce em forma más concreta, y, por más improvisada, más densa y más cálida, mucho de lo que havia expuesto en mi obra *El Sentimiento Tragico de La Vida* - diz o autor no prólogo. Realmente, são muitos os pontos de ligação entre esses dois livros. Talvez se deva ler primeiro *La Agonia del Cristianismo* e, depois, *El Sentimiento Trágico de la Vida*. (O problema da imortalidade da alma, por exemplo, é exposto em ambos).

225. Em *Agonia do Cristianismo*: "Y el fin de la vida es hacerse un alma, un alma inmortal. Un alma que es la propia obra. Porque al morir se deja un esqueleto a la tierra, una obra a la historia. Esto cuando se ha vivido, es decir, cuando se ha luchando con la vida que passa por la vida que se queda". É a procura, a ânsia de justificar a existência, já que ela não tem explicação. "El que se hace un alma, el que deja una obra, vive en ella y com ella em los demás hombres, em la humanidad, tanto cuanto ésta viva". Por isso, muitos chamam de "filhos" a seus livros, a suas obras, pois, de certo modo, é assim que eles perpetuam a espécie. A muitos deles decerto se aplica o que diz Unamuno sobre "monjes y monjas", sobre os solitários de ambos os sexos que "sufren de que su carne, la que lleva al espíritu, no se perpetue, no se propague".

226. Nesse livro de Unamuno, também encontro referências a Dostoiévski. É sempre grato saber-se que ponto, quais os pontos, em que nossos autores prediletos se conhecem, se cruzam e exprimem as mesmas opiniões, ou falam uns dos outros, de acordo com nossos próprios julgamentos. Lendo, agora, por assim dizer, paralelamente, o *Diário de um Escritor*, ou o discurso a Puchkin, e recordando toda a sua obra, estamos com Unamuno, quando diz ser Dostoiévski "um cristianismo desesperado, um cristianismo em agonia" que escreveu um Evangelho em *Os Irmãos Karamazov*.

227. No diário de Dostoiévski encontrei uma coincidência com o pensamento de Unamuno: "Quando se é forte, amase a força, e quem crê é forte; ora, nós cremos e, melhor ainda, queremos crer" (Dobroliulov, ou o que é Arte). Refiro-me à parte final da frase, ao queremos crer. Aí fica expresso o "cristianismo agônico" do escritor russo, baseado na dúvida, na incerteza. "El 'y si hay' y el 'y si no hay' son las bases d nuestra vida intima" - "El que afirma su fe a base de incertidumbre, no miente ni pude mentir".

228. Mas Unamuno é combatido pelos padres, como pude verificar pelo discurso de um professor da Faculdade Cató-

lica de Filosofia, em Porto Alegre, numa cerimônia de colação de grau, em dezembro último.

Janeiro, 10

229. Começa a tarde. Como são longas as tardes, principalmente com o horário de verão. Não anoitece antes das oito e meia, ou mais, e tudo o que se começa a fazer, cansa. Talvez pelo calor, não se possa dormir, e logo uma multidão de pensamentos nos assalta. Resolve-se sair da cama e procurar qualquer coisa que nos distraia.

230. A manhã é menor e mais agradável: vou para a praia do rio, leio, deixo-me queimar um pouco pelo sol, depois nado, e o tempo passa satisfatoriamente. Hoje ainda li essa maravilhosa novela que é *Krotkaia*.

231. Mas a extensão da tarde traz sempre o sentimento de solidão. Se atentarmos bem para ele, havemos de compreender que quase nunca nos abandona; revela-se sempre de uma forma ou de outra. Se saio daqui para Tijucas, para Blumenau ou Florianópolis, é sempre com a certeza de que, terminada a viagem e dada uma pequena volta pela cidade, conversando um pouco com cada um que se conhece, já estamos prontos a resgatar, a fugir, pois esse sentimento de solidão está ligado estreita e solidamente com o desejo, a necessidade de fuga.

232. Domingo próximo, estarei novamente em Porto Alegre. (de repente, me assalta a idéia de que o avião vai cair - pensamento obrigatório - e este diário caindo nas mãos de alguém que não saberá o que fazer dele: Ou seria destruído pelas chamas?) Ao mesmo tempo que anseio estar em Porto Alegre, lembro-me de que também lá, e ainda com mais intensidade, vai me essa impressão de soledade, de não ter com quem falar coisas que realmente me interessam (quais são, efetivamente?); e antevejo meus passos, meus atos, eu novamente me dissolvendo, me entregando demasiado às facilidades da vida, esquecido do canto das cigarras...e de que apenas pelo espírito eu conseguiria firmar a justificar alguma coisa.

233. Vem de muito, esse tom de lamúria. Agora que tive noção dele, irritei-me comigo mesmo. Tenho seguidamente pensado em iniciar o livro. Desejado escrever qualquer coisa, até mesmo um conto, para afastar ou diminuir esse tão longo período de estagnação. Mas não sei o que poderia fazer. Hoje pensei em estudar a obra de Dostoiévski e preparar um trabalho que talvez tivesse pouco interesse, pois o meu "estudo" seria feito de transcrição de textos do autor, opini-

ões de autores sobre suas obras, um trabalho de compilação.

234. Mas existe o desejo, quase a necessidade de fazer ficção. O sonho ! Porque é muito mais criação.

235. Falta coragem para a resolução e força para persistir. Falta sempre persistência em mim. Por exemplo: seria ótimo, vantajoso, necessário, utilíssimo que eu fizesse vestibular para a Faculdade de Filosofia, a fim de cursar Línguas Neo-Latinas. Pois bem, não tenho a persistência necessária para estudar latim - que detesto - e assim... o único prejudicado sou eu. Daqui a alguns anos, teria abandonado o Exército e estaria selecionado em algum estabelecimento, como desejo tanto.

236. Assim, meu romance. Escrevi oito páginas e me afastei delas como o puritano se afasta do pecado: com medo. O meu medo: de não continuar como desejava continuar, de não realizar obra impecável. Melhor seria levá-lo avante, fosse como fosse. Nem que tivesse de escrever várias vezes o mesmo capítulo. E se eu tivesse que escrever para viver? Se não tivesse a profissão, os meios de subsistência, teria escrito meu livro? É uma questão que também surge, a velha discussão de arte ou pela vida.

237. Quem tem uma necessidade interior, cria, apesar da profissão. Tenho querido separar demais a vida material do trabalho intelectual. Um reflete-se no outro, é evidente. Não vivo, quem sabe, suficientemente fora de meu ambiente militar para escrever um romance que exclua esse assunto? Depois de haver abordado esse assunto, que me envolve demasiado, talvez estivesse liberado para criar novos valores. É possível. Rilke desejou escrever um *Romance Militar*, chegando a elaborar alguns capítulos. Sou mais inclinado a escrever uma pequena autobiografia. De certo modo, "recordações de infância e adolescência", como Gide em *Si le Grain ne Meurt...*, ou Tolstoi e outros. Junto com essa idéia, vem sempre recordação de que perdi a primeira biografia, na viagem Natal - Porto Alegre. Melhor seria não lembrar mais isso. Rousseau conta em suas *Confissões* que perdeu certa vez seus livros e alguma coisa que escrevera. Surpreendi-me como ele se refere ao caso, quase sem lamentá-lo. Terá tentado reescrever alguma coisa? Wilde disse que uma obra de arte não se faz duas vezes, mas Dostoiévski queimou grande parte de *Crime e Castigo* e recomeçou...

238. Afinal, nada disso tem importância. Se digo tudo isso a meu diário, é pela necessidade de conversar com alguém sobre todas essas coisas, de apresentar minhas dívidas. Quem

sabe se, de tanto escrever, não descerá uma luz sobre mim, em determinado momento? Então, essa luz mostrará qual o caminho, o que devo escrever, se posso me decidir, se a persistência está comigo.

Tijucas, SC

Janeiro, 12

239. Amanhã cedo, irei para Florianópolis, de onde embarco a 14 para o apartamento 42.

240. Sinto-me tranqüilo, hoje. Despedi-me de meus tios da Joáia, pela manhã, e depois do almoço estive no cemitério com Celeste. Lá estão, no mesmo túmulo, meu pai e minha mãe, meus irmãos Egeu e Oliveirinha, e também Maria, terceira mulher de meu pai e que lhe deu dois filhos: Ogê e Estela. Maria era jovem e bela e meu pai muito a amou, “mais do que todas as outras”, como dizia. Sempre me admirou sua dedicação e carinho por meu pai, tão envelhecido, sem fortuna. Morreu antes dele. Como queria, compreendendo o que significaria ficar com duas no mundo, talvez considerada por nós como uma estranha. Sem ela, Celeste tratou de meu pai e assistiu-o no último momento, ficou com os filhos e tratou-os como se fossem dela, como me tratara também, ao morrer minha mãe.

241. Enquanto limpava um pouco o jazigo e olhava o medalhão com o retrato de Egeu, pensei que, naquele pedaço de terra, eu também estarei um dia. Pensei nisso tranqüilamente, não como em criança. Naquele tempo, eu tinha medo de morrer e, quando voltava do cemitério eu via cruzeiros por todo o quarto, de noite, e me atemorizava pela incompreensão da morte. Hoje, ainda não a compreendo, é certo, mas aceito-a calmamente, aceito sua realidade sem medo, mas com muita tristeza... porque minha vida, como é, e pelas esperanças que deposito nela, eu a amo e não desejo perdê-la. É útil que nos acostumemos à presença da morte, que não a temamos. Sabendo que virá, construamos a vida com essa lembrança constante da morte, pois assim a morte não será o aniquilamento completo.

242. Sim, em tudo isso há Rilke e Unamuno. Nesse ponto, suas palavras respondem, em parte, às minhas angústias interiores.

Porto Alegre, R.S.

Fevereiro, 21

243. Os jornais de ontem noticiaram a morte de André Gide a 19, na França. A nota diz que ele recebeu o Prêmio Nobel, morreu em presença da filha, faz elogios. Mas dá uma relação de suas obras em que não entra nenhum de seus grandes livros.

Abril, 5

244. Ontem, num jantar, contei sobre um "despacho" noticiado pela imprensa de Natal, quando servi por lá: fitas de cor, grão de milho e feijão, um chinelo, dinheiro trocado. Um soldado aproximou-se e, ante o espanto de todas os supersticiosos presentes, retirou o dinheiro e foi-se embora.

245. Um rapaz, em minha frente, achou graça e começou a contar uma história:

Ele e dois amigos iam de manhã para o colégio, no carro de um deles. Próximo ao portão do ginásio, pararam. Ao descer, viram um pacote na sarjeta, embrulho de papel pardo com um barbante fraco que logo arrebentou, aos primeiros chutes que eles deram. Um passava para o outro, como no futebol e, aos poucos, o pacote foi-se abrindo e apareceram uns pêlos escuros. Um deles falou:

- Isso é feitiço!

- Feitiço nada, é um gato morto.

Dado um último chute, os três emudeceram.

246. Posso imaginar claramente a cena, ver o espanto nos olhos dos estudantes. Quando o rapaz me contou o caso - falando agora quase sem emoção, de tanto ter repetido a história - não contive uma exclamação e um arrepio:

- Do pacote rolou um feto abortado, uma criança morta.

Abril, 19

247. E quando termina o dia e voltamos para casa cansados e com medo de mergulhar em nós mesmos e nada encontrar?

Maio, 2

248. Ontem, recebi, com desagrado, uma visita: é que me levantei com disposição ao remorso, e essa presença não permitia concentração alguma. Tive que adotar uma aparência tranqüila, de que não abriga tormentas, mas mesmo assim os sentimentos me traíram e em dado momento, há mês, foi notado meu abatimento. Depois, resolvido a me libertar ao máximo dessa presença, deitei-me, terminei de ler um livro, adormeci. Ao me acordar, um tanto aliviado (talvez porque se aproximasse a noite), aprontei-me e resolvi enfrentar mais

uma vez a vida. Então, pensei se essa pessoa que me visitou não foi uma boa influência, um embaraço sadio, impedindo uma concentração sobre fatos que gerariam um miserável estado hipocondríaco. Ao contrário, permitiu-se alimentar a idéia de que, dadas as múltiplas exigências da vida, e permitido prosseguir, apesar de tudo, apesar de mim mesmo...

249. O que resulta evidente (e profundo, desagradável) é que precisamos manter uma perene atmosfera de insinceridade, alimentar o cinismo, já que a ironia nem sempre é propícia e suficiente para rebater e abater os ataques alheios.

Maio, 4

250. Nunca um filme impressionou-me tanto, mesmo outros de maior intensidade dramática e mais valor em todos os sentidos, como *My Friend Harvey*, a que assisti ontem, baseado numa peça cujo autor me escapou. Tem qualquer coisa do sentido ridículo e heróico de D. Quixote e é tão cheio de subtiliza que me admira ter o cinema americano conseguido realizá-lo.

251. Fui tão intensamente tocado pelo argumento e pela interpretação de James Stuart que, durante mais de cinco minutos, tive que exercer um forte domínio sobre mim para não chorar. Pelo menos, naquele momento, desejei acompanhar o espírito de Mr. Dowd (Elwood P.) e viver além da realidade.

252. Grande cena, a do futuro do bar, em que estão Dowd, o doutor e a enfermeira. O que se diz sobre os frequentadores de tabernas é qualquer coisa dessa "fraternidade universal", essa compreensão de que tenho falado neste caderno. Talvez eu possa, um dia, ler a peça e estudá-la em detalhes.

Maio, 6

253. "Je ne voulais qu 'essayer de vivner ce que je portai em moi. Pourquoi était-ce si difficile?"

Maio, 7

254. Conclui um pequeno artigo intitulado *A Importância de Ler*, escrito agora para um jornal mural da Escola, a pedido de um oficial amigo. Tive sempre junto a mim o espírito crítico dos alunos e, neste momento, encontro-me satisfeito com o trabalho. Parece-me que disse tudo o que pretendia e da maneira como o desejava.

255. Lembrei-me de meus anos idênticos aos que eles vivem

atualmente, de minhas leituras de então, e procurei escrever a mim mesmo, sentindo saudades de mim.

256. Talvez, algum deles me fale sobre o artigo e então...
(Uma recordação desagradável: parece que nenhum deles me falou sobre o que escrevi para a revista.)

Maio, 13

257. Vinha lendo há bastante e concluí hoje esse profundo estudo que é *L'Univers Religieux de Dostoievski*, por Romano Guandini, livro denso que precisarei reler. Notável e ousada sua comparação do príncipe Muichkine com o Cristo. Compreende-se facilmente, creio eu, o sentido dessa 'identidade', e sua possibilidade, se pensarmos como Dostoievski sempre viveu envolvido pela vida de Cristo e suas palavras; de como esteve todos os anos de trabalhos forçados com um único livro - a Bíblia - e de como essa constante presença dos evangelhos deve ter influenciado em sua obra.

258. Com a leitura desse estudo, veio-me novamente o desejo de reler toda a obra de Dostoievski, agora que recebi, em espanhol, suas obras completas, e fazer algumas anotações para um futuro trabalho de análise. Mas não creio ter o espírito de análise necessário. Se eu fizer um trabalho dessa natureza, não haverá a pretensão de descobrir nada de novo no grande escritor. A intenção será de homenageá-lo. De fazer com que as pessoas que terminem de ler, se vejam interessadas pelas obras de Dostoievski. Estou certo de que só haverá proveito para quem agir assim.

Maio, 19

259. Li, ultimamente, Herman Hesse. Lembro-me de O Lobo da Estepe, quando servia em Caxias do Sul. Até recordo uma carta de Dalton Trevisan sobre esse livro e outra minha para ele. A parte final do livro não me agradou. Ouvi dizer que a tradução portuguesa é muito mal feita, o que acredito. Aqui em Porto Alegre, li primeiro *Demian*, uma beleza! Mas também com final um tanto obscuro, simbólico, como se o autor não tivesse tido coragem de expor precisamente a intenção. Agora concluí a leitura de *Peter Camenzind*, anterior a *Demian*.

260. *Peter Camenzind* é bastante lírico e poético. Conserva isso como unidade do livro, a par da tristeza de que está cheio. Mesmo quando louva a natureza e se diz feliz, ainda deixa traços de tristeza, oriundo de sua solidão e inquietude. O autor vive, ou faz o herói viver, sempre com os olhos no

passado e, várias vezes, são recordados, vírgula por vírgula, fatos e personagens marcantes da existência de Peter Camenzind. Raramente tem ligação estreita com os demais: surge e desaparece quase inesperadamente, tragicamente, como Richard, Agi, Boppi. A tudo isso, Peter se submete, sem perder a vontade e a força de prosseguir. Não creio que Camenzind tenha ficado com o cabaret de sua terra natal.

262. A meu ver, Peter Camenzind permanece sempre jovem. Aliás, não percebi muito bem seu envelhecer, principalmente quando se nega a falar sobre o tempo em que esteve em Paris. Aí, perdi sua idade. Mas o livro possui passagens muito “blasers”, como a cena em que morre a mãe, ou pai de Agi, preparando-lhe o caixão, ou o final de Boppi. Mas o romance apresenta muitos detalhes exteriores e é nisso que fica “depois” de *Demian*, este vem enriquecido de reflexões profundas, mais vividas, mais sofridas.

Maio, 21

263. Recebi de meu amigo R.B., a quem escrevi dia 6, uma longa resposta. Compreendeu tão pouco tudo o que pretendia dizer que, talvez, eu seja forçado a escrever a “amigo imaginário”.

264. Mas há um trecho que li com imenso prazer, porque me trouxe um sagrado pedaço do passado; meu primeiro caso de amor.

265. “Sim - descreve ele - visitei H.G. Um amigo telefonou-me, perguntando se queria ver uma exposição que ela fazia”chez elle”pois para isso um amigo dele (que era sobrinho dela) convidara-nos. É claro que aceitei. Cheguei lá, casa perto da lagoa Rodrigo de Freitas (se não me engano é a que conheces) e me aborreci. A ‘vernissage’ fora à tarde e eram 8 horas da noite. Ela estava só em casa com uma sobrinha e um admirador(da arte, é claro). O tal sobrinho que ia levar-nos, que é aspirante de cavalaria, não apareceu. Bate-mos e Lea recebeu-nos trajada de preto, com adereços por ela fabricados, muito elegante e envelhecida. Roscas de pele vermelha marcam-lhe o pescoço e pés de galinha nos olhos combinam com as rugas da testa. Era exposição de cerâmica, aliás, maravilhosa. Demos palpite sobre possíveis tendências de inspiração, discutiu-se estética e o racionamento de luz. Palestra animada, aventurei-me a declarar que satisfazia, conhecendo-a, um desejo muito antigo. Que dois amigos meus falavam muito dela: um Júlio Silvio de Lima que era até seu conterrâneo (de quem não se recordou e o Harry Laus. Ela disse que se lembrava e quase monologando: - como o tempo passa! com tal unção romântica, que não lhe

caiu bem sobre as rugas.

266."A essa altura, o tal admirador já havia ido embora fazia uns vinte minutos. Passamos a outra sala - a que tem uma escada que dá para o 1º andar, onde apresentou a tal sobrinha, uma típica alemãzinha, envelhecida e tímida, a quem disse:

- "Olha fulana, dois amigos do Harry. Ao que a coitadinha, super-domesticada que é, respondeu: - Ah! sim, ele me falou nos senhores".

267."Continuamos falando sobre arte e artistas, acontecimentos artísticos de sua vida. Às tantas, apanhou um aparelho de chá cinza, muito sóbrio, que estava em exposição, deu uma xícara a cada um e foi á cozinha. Voltou com chá e bolo. Ceamos e conversamos numa intimidade que me comoveu. Falei de amigos que gostariam de seus trabalhos, dos quais ela pediu para levar à sua casa o pintor Ismailovitch e o maestro Walter Schultz Porto Alegre . Falou de seus projetos e mostrou os planos para um grande azulejo que lhe pediram, de Minas, para uma escola pública, sobre Tiradentes. Realmente belo e original, sem a crueza de forcas nem esartejados, próprio para a contemplação de crianças, numa bela exaltação da liberdade sonhada pelo herói. 10 horas beijei-lhe a mão em despedida, cheio de simpatia e inteiramente conquistado. Não voltei mais lá".

268. Um duplo prazer me dá a leitura dessa cena: é que vejo, em cada linha, meu amigo (a observação dos detalhes, as discussões sobre arte, as relações de que fala, o beija-mão - tudo como nos tempos da Academia Militar das Agulhas Negras, em Rezende: conserva-se o mesmo); e minha primeira amante, quando eu era aluno da Escola preparatória de Cadetes, aqui em Porto Alegre. Particularmente, o gesto de apanhar em exposição e trazer chá: lembro-me como o preparava com rapidez, em seu atelier (ficava na Cristóvão Colombo, pertinho de onde moro agora), e que sabor estranho possuía - servido em copos de cerâmica decorados por ela. Um prazer sexual me veio ao ler como se lembra de mim, e por tê-los apresentado como amigos meus.

269. Novamente a idéia de escrever uma novela breve, esse amor de adolescência, e agora me parece o desejo de escrever a ela para saber ainda sobre meu busto que esculpiu, e de onde nasceram nossas relações amorosas. Sim, o livro poderia ser chamado Adão e ter como epígrafe:

"Do pó da terra formou Deus Jehovah ao Homem, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se um ser vivente". Gênesis 2-7.

Maio, 24

270. Penso comigo:

- E se eu morrer (cedo, ou mais tarde), sem ter realizado nada mais do que tenho feito até agora, literariamente? Que destino terá meu livro de contos e meus cadernos de anotações ? Talvez, um dia, nova viagem me faça perder tudo isso.

271. Também costumo pensar:

- E se simplesmente eu deixar de escrever, o que farei com o que tenho escrito? Guardarei para mostrar a meus filhos - como um pai mostrando medalhas de competições - , ou esconderei num caixão e me envergonharei disso tudo, como de maus pensamentos a que não nos podemos furtar mas que não os contamos às crianças?

272. Suponhamos que eu viva sessenta anos. (agora, tenho 28). Pode alguém calar por tanto tempo um sonho de mocidade?

273. Outras vezes, percebo uma chama que, ao poucos, vai crescendo e consumindo todas as folhas. Por enquanto, ainda afastado esse pensamento com a convicção de que não vem de mim: é um mau espírito que me provoca, como nos provoca à beira de um precipício e nos convida a saltar - ou nos obriga a lançar dentro dele um ser que nos ama e nos acaricia neste exato instante.

Maio, 31

274. Encontro no diário de André Gide:

1940, Set., 9 - "J'ai été plus courageux dans mes écrits que dans ma vie, respectant maintes choses qui n'étaient sans doute pas tellement respectables et faisant cas beaucoup trop important du jugement d'autrui. (...) Je crois qu'il est plus difficile encore d'être juste envers soi-même qu'envers autrui."

275. 1940, Set., 24 - "Il me semble aujourd'hui que je n'ai pas toujours été parfaitement sincère et qu'il m'est arrivé parfois, pour les autres, de marquer plus de confiance et d'espoir et de joie qu'au fond de moi je n'en avais".

276. 1940, out., 14 - "Aimer la vérité, c'est ne consentir point à se laisser assombrir par elle".

277. 1940, Dez., 19 - "Il entre, dans toutes les actions humaines, plus de hasard que de décision.

278. 1941, Jan. 16 - "Me paraît mériter la liberté celui-la seul qui saurait en user pour une autre fin que lui-même, ou qui exigerait de soi tel développement exemplaire."

279. Como é difícil ser sincero em todos os nossos atos! No entanto, ser mais corajoso nas obras que na vida, é um pouco de penitência a que nos podemos sujeitar, em virtude de termos feito parecer aos outros que somos confiantes, esperançosos, alegres. Pois a obra fica e é julgada com lentes poderosas.

280. Será possível, a um indivíduo que usa liberdade para um fim além de si próprio, temer que a verdade o obscureça? Sim. As palavras nunca podem ser tomadas em sentido geral, completo: elas nunca reúnem em si o conjunto de nossas atividades. Todo aquele que ama a verdade, que livremente escolheu a verdade para amá-la, não pode deixar que ele o suplante - ou perderá a liberdade.

"saber comprometer-se, sem se deixar embaraçar."

Junho, 1º

281. Mesmo no ridículo, há um modo de se conservar a dignidade. E é fácil, quando quem nos considera ridículo diz-se, abertamente, superior a nós.

282. É útil, em nossas relações cotidianas, usar de subterfúgios para se dizer o que se pensa ou sente. Existem pessoas que se irritam com meias palavras; preferem dizer claramente uma coisa que pode comprometê-las. Dessa maneira, nosso pensamento acaba pelos outros, e a responsabilidade terá fugido de nossas mãos.

Junho, 2

283. Concluí, ontem, a leitura de volume do diário de André Gide, 1939-1942.

Junho, 4

284. Hoje, depois de tanto tempo em que pensei, bastante satisfeito com o meio ambiente, e o meio militar, senti-me de repente, tomado por esse sentimento de inutilidade que me é bastante conhecido. Tentando, então, descobrir a causa, foi muito: eu havia preparado uma aula, conforme marcava o programa de instrução; chega o chefe e suspende tudo para que se façam limpezas e arrumações para a chegada de um General.

285. Voltou tudo o que se sentia nos tempos de aluno, cadete

e, mesmo depois, como oficial. Vi meus alunos como se fosse eu, naqueles dias. Pensei que algum daqueles, efetivamente, deveria estar sentindo o que senti em situações idênticas. Mas, como um camaleão, que tenho procurado ser, em pouco tempo, conformei-me e fiz por esquecer o papel em que rascunhara o assunto da aula.

286. Agora, indo mais fundo na questão, considero que o motivo central de minha decepção, de meu desgosto, foi uma oportunidade perdida de estar sendo alvo da observação de meus quarenta e sete alunos que escutam o que digo. O assunto, olhado por um observador imparcial, era completamente estúpido. Mas eu me dou ao trabalho de construir frases, de expor o assunto o melhor que sei, e depois faço perguntas, desafiando a agilidade mental de todos com o imprevisto delas.

287. Terá isso uma palavra mais suave do que vaidade para caracterizá-lo?

Noite de 5

288. Vivamente emocionado com a leitura de *Pobre gente*, de Dostoiévski, quando atinjo a parte em que o pai, sob a chuva, acompanha o enterro do filho, e lhe vão caindo lágrimas e os livros.

Junho, 15

289. Ontem de noite, li *Garcia Lorca*, de Edgar Cavalheiro.

290. Um estudo interessante, mas pouco documentado, sem conseguir acrescentar muita coisa ao que eu já conhecia sobre a personalidade do poeta. Vale como uma longa conversa a cerca de Lorca e nos leva ao mundo lírico e sentimental de suas poesias e dramas.

291. Gostei, por exemplo, de encontrar esse esclarecimento: "Uma severa autocrítica, e o desejo de dar sempre o melhor de si mesmo levavam o poeta a não divulgar imediatamente suas produções.

292. Gostava de corrigi-las, burilando-as incansavelmente".

293. E também do que ele transcreve de Guilherme de Torre, a propósito de *Asi pasen Cinco Años*, quando diz que se pode perceber, nessas obras, a falta de retoques, apresentando-se "sem os lentos e exigentes ajustes que o poeta costumava aplicar às suas produções, suprimindo, condensando, procurando atingir o máximo de perfeição técnica".

Junho, 16

294. Estive com alguns livros nas mãos, olhei outros na estante, cheguei a ler algumas páginas do *Journal du Voleur*, de Genet, abandonei tudo.

295. Há uma espécie de embriaguês durante o qual posso escrever, criar. Fora desse estado, é difícil. Também não posso obrigar esse estado a se manifestar; ele surge espontaneamente.

Há dias em que passo por canteiros de flores, ou por vitrinas cheias de flores, nada sinto. Outras vezes, paro enternecido a admirá-las. Muitos dias, não estou disposto a ouvir minha irmã Estela falar, não lhe dou atenção; outras, gosto da inocência de suas pequenas histórias e observações. Isso deve se passar com todos, mas cito esses fatos para mostrar que, para a criação literária, o estado emocional também conta.

296. Tenho pensado que uns dias de silêncio seriam suficientes para eu me entregar ao meu livro e escrevê-lo totalmente. Afinal, seria apenas recordar e transcrever pensamentos já elaborados sobre fatos vividos. A ausência dessa disposição me abate, parecendo dizer-me que devo desistir. E fica a impressão de que minhas atividades são por demais diversas das intenções artísticas que alimento.

Junho, 23

297. Dizem que a noite de hoje é a mais fria do ano. A mais fria não será, pois o inverno tem sido muito agradável e hoje não está frio.

298. Do meu quarto, ouve-se tremendo e contínuo estourar de foguetes, graves e agudos, nos mais diversos tons, de perto e ao longe. Lembrei-me dos exercícios militares em que tomo parte, ou num possível combate.

299. Enquanto, lá fora, as crianças e os rapazes se divertem com os fogos de São João, releio *O Eterno Marido*, esperando que fique mais tarde para ir a um baile.

300. Não sinto desejo algum de estar lá fora soltando foguetes ou saltando fogueiras, mas lembrei-me de quanto gostava desta festa quando era criança. Meu pai me dava alguns tostões para eu comprar rodas de fogo e bastões de estrelas para queimar.

301. Ainda há pouco, Estela veio aqui pedir-me para sair e ver os fogos. Lembrei-me de mim com sua idade e imaginei

sua agitação interior, aquela agitação provocada por algo que agrada nossos sentidos, a visão, a audição, prendendo-nos e nos separando da terra, ao mesmo tempo, provocando sonhos e despertando novas sensações.

Junho, 28

302. Acabo de ler um pequeno estudo de Augustin Rivero Astengo, *Soren Kierkegaard, el Buscador de Dios* (Ensaio histórico-filosófico), um tanto desconcertante, seguido de um “método” de análise que parece um eterno prólogo (ou epílogo?). O livro começa e termina em quase todas as páginas. Superabundância de citações e fórmulas de todo mundo, inclusive de Kierkegaard...

303. É desagradável ler-se num estudo “histórico e filosófico” que a filosofia existencialista “está actualmente haciendo estragos entre los snobs”.

Página 31 - “Cada qual é responsável por seu destino. Deus é inocente! (Platão). Soren, que desejou com veemência viver a responsabilidade de seus próprios atos, “llevar su vida a pulso - forma difícil, pero autentica de vivir - aceptó de lleno el postulado”.

Página 45 - “O Profeta escreveu: “Nenhuma desgraça atinge o homem sem a vontade de Deus”. E em seguida: “Asaetado por esta Idea, Kierkegaard aceptó su angústia como una fatalidad irremediable”.

Junho, 30

304. Muito equilibrada e esclarecedora a conferência de Tristão de Athayde sobre o existencialismo. (acabo de ler em espanhol, traduzido do francês, segundo consta, a conferência foi feita na França).

305. Simples e atraente, esse pequeno livro é uma ótima “introdução ao estudo...” e que me agrada, sobretudo, pela posição em que coloca Unamuno e Kierkegaard. Dada a reputação “católica” do autor, é agradável verificar-se como é pouco parcial. Combate Sartre, mas isto não é ser parcial.

Miguel de Unamuno que, em passagens de suas obras, chama Kierkegaard de irmão, chega a identificar-se totalmente com ele, quando usa a mesma figura (Jacob) para reforçar essa identificação: “...mi religión es luchar incesante y incansablemente com el misterio; mi religión es luchar con Dios desde el romper del alba hasta el caer de la noche, como dicen que com El luchó Jacob” (Mi Religión).

“...Kierkegaard, este corazón tan esforzado como angustioso, que presa durante su vida toda de una desesperación resignada, luchó con el misterio, con el ángel de Dios, como

luchara antano Jacob con él...”(Ibsen y Kierkegaard).

Julho, 5

306. Vejamos o que seja um paradoxo:

Paradoxo: Proposição que é ou parece contrária à opinião comum. (Enciclopédia e Dicionário Internacional).

307.”Paradoja: Especie estraña o contraria a la opinión. Aserción falsa que parece verdadera” (Aristos - Diccionario de la Lengua Española).

A primeira definição me parece bem mais inteligente. Não será possível fazer uma modificação na segunda frase da definição espanhola e dizer assim: “Aserción verdadera que parece falsa”?

308. Isso vem a propósito de Agustín Esclasans que condena em Unamuno seu gosto pelos “paradoxos”.

309. Será paradoxo, por exemplo, escrever: “Não basta no mentir, sino que es preciso decir la verdad”? (Verdad y Vida). Ou então: “Es preciso luchar por el pueblo contra él mismo”. (Los Escritores y el Pueblo).

Quantas vezes não agimos “paradoxalmente”, condenando-nos outras atitudes idênticas às nossas. O que nos leva a agir assim? Será o desejo de impedir que venham a se arrepender, como o fazemos em segredo?

310. Talvez a maioria dos paradoxos sejam apenas verdades difíceis de ser compreendidas, aceitas ou executadas.

Julho, 7

311. No tomo III das *Obras Completas de Dostoiévski*, Editora Aguillar, existe uma parte da correspondência do autor russo, relacionada com suas obras principais. É uma leitura agradabilíssima - ainda que muitas vezes triste e penosa quando se percebe o sofrimento do homem com a luta pelo dinheiro, pela saúde - e dessa leitura pode-se tirar, além de uma visão clara do escritor e sua vida, muitos ensinamentos de ordem técnica, diretamente relacionados com a literatura.

312. Na primeira carta da coletânea, a seu irmão Mikail, traça um verdadeiro processo de criação literária, onde fala no valor da inspiração (“Sem inspiração, naturalmente, não se pode fazer nada”) e das revisões da cena escrita - tanto como conseqüência o aprimoramento. Dostoiévski sempre desejou trabalhar com tempo e calma, o que nunca conseguiu. Na terceira carta, escreveu: “Muito freqüentemente, escrevi

coisas ruins, muito ruins, pela necessidade de apressar-me e terminá-las num prazo determinado.”

313. Outra coisa que chama atenção é a extrema importância que ele concedia ao plano da obra para sua realização. Nessas cartas, existem constantes alusões ao plano estabelecido, com relação a todas as suas obras. Falando sobre *O Idiota*, lamenta-se: “Somente minha desesperada situação pôde obrigar-me a lançar mão de uma idéia ainda verde. Arriscava-me como na roleta: Talvez enquanto escreva me vá surgindo: Isto é imperdoável !” Ao mesmo tempo, é curioso notar-se como ele se liberta daquilo que já escreveu e, por uma idéia melhor, recomeça tudo, como o faz com *Crime e Castigo*, *O Idiota* e *Os Demônios*. Sobre este último, há uma observação interessantíssima que evidencia o poder da criatura sobre o criador: “...surgiu na novela um novo personagem com foro de ser nada menos que o verdadeiro protagonista da obra, de sorte que o outro, o primeiro (figura muito interessante, mas sem ser digna de chamar-se herói), teve de ser relegado a segundo plano. Dostoiévski nunca estava satisfeito plenamente com suas obras. Aliás, Gide faz referência a isso em seu estudo. Sobre *O Idiota*, por exemplo, o escritor russo declara não ter dito nem a centésima parte do que pretendia.

314. E acrescenta: “Mas não me faço nenhuma censura e continuo amando, ainda hoje, essas idéias malogradas”. E como uma justificativa por ter rasgado parte de *O Idiota*: “quando a alguém não lhe satisfaz seu trabalho, não é possível que esteja bem “. Mas há sempre esperança e amor pelo que planeja e executa. Sobre *Os Demônios*, escreve: “A idéia da novela é tão boa e importante, que tiro o chapéu diante dela”. Ou então: “Confio no êxito. Com efeito, quem se põe a trabalhar, sem esperanças de êxito?”.

315. Há informações muito interessantes no que se refere a *O Idiota*. Escreve longas cartas, expondo a idéia a Maikov e à sua sobrinha Sofia, a quem dedica especial carinho, falando na “idéia fundamental”: apresentar um homem verdadeiramente perfeito e belo. Cita um personagem de Victor Hugo, de Dickens, ou do Dom Quixote, que considera a mais perfeita figura literária cristã. De maneira especial, refere-se a Cristo: “Só há no mundo uma figura positivamente bela: Cristo”. Ao ler esta carta, lembrei-me de que achara ousado, até certo ponto, Romano Guardini, em *L' Univers Religieux* de Dostoiévski, comparar o príncipe Muichkine a Cristo. Vejo agora que o próprio Dostoiévski nos autoriza a isso.

316. Em outra carta a Maikov, o autor mostra-se perfeitamente cômico do valor de *O Idiota*, pela quarta parte e final.

Escreve: “Seu final é o mais importante de toda a novela, que, na realidade, somente em vista dele se pensou e escreveu”. Porém, ainda diz com relação aos defeitos que reconhece no grandioso romance: “nem a mim mesmo se me escapam; tão enfadado estou comigo mesmo, por isso, que de bom grado haveria escrito uma crítica sua”.

317. Dostoiévski sentia sempre a necessidade de escrever em sua própria terra. Volta várias vezes a essa idéia (se não me engano observada por Henri Troyat), como quando pretende iniciar *Demônios*: “Tenho algumas idéias, mas me falta a Rússia”; ou, “não posso escrever uma linha longe de minha terra, creia você”, ou ainda, “sem a Rússia não posso escrever”. Russo como era, temia desvirtuar os personagens, isto é, não apresentá-los com caracteres exclusivamente, ou melhor, particularmente russos. Nesta coletânea de cartas, há uma de Strakov a Dostoiévski que me parece o mais perfeito julgamento da obra do grande escritor russo. De uma precisão que bem patenteia a visão crítica de quem a escreveu. Diz, por exemplo, que no tocante à riqueza e diversidade de idéias é o primeiro da Rússia e, perante ele, Tolstoi é monótono. Depois, acrescenta: “Um francês ou um alemão hábil haver-se-ia tornado já célebre em ambos os hemisférios com a décima parte de sua substância, e brilharia como astro de primeira grandeza na história da literatura mundial”.

318. Por outro lado, Maikov preocupa-se com o público, com o sucesso e venda das obras, fatos que tinham de ser levados em conta pelo autor, pois ele vivia desse trabalho. Recomenda uma trama menos complicada, menos figuras e menos cenas. Mas acrescenta: “Compreendo que com isto toco já em um grande mistério, que lhe dou um conselho absurdo: o de que você deixe de ser você mesmo, que deixe de ser Dostoiévski”.

319. Ainda quero anotar algo mais sobre o que, talvez, pudesse ser chamado processo de criação literária e consciência artística.

320. À sobrinha Sofia, escreve Dostoiévski, temeroso pela grandiosidade da idéia de *Demônios*: “A idéia é forte e rica. O mal é precisamente este, que sempre a empreendo com temas demasiado grandes para mim. O criador supera em mim a artista, e isso não está bem”. Mais tarde, a Strakov: “A força da inspiração poética é sempre superior, como no caso de Victor Hugo, aos recursos artísticos. Até no próprio Pushkin se advertem vestígios dessa desarmonia”. Sobre realidade e realismo: “Tenho minhas idéias próprias sobre criação em arte; e aquilo que os outros qualificam de quase fantástico e excêntrico, constitui para mim, muitas vezes, o

mais característico da realidade”. Ou então: “Tenho da realidade e do realismo uma idéia muito diferente da de todos os nossos realistas e críticos. Meu idealismo é mais realista que o seu”.

321.É, afinal, um trecho maravilhoso em que fala a Maikov sobre a inspiração. Dostoiévski esperava que lhe viesse a disposição para escrever, a fim de conseguir um pouco de tranqüilidade com o que apurasse de seu trabalho: “Tinha tanto mais esperança de que assim fosse, quanto em minha cabeça e no meu coração começaram a despontar gêrmens de idéias artísticas e a dominar minhas sensações. Mas a coisa ficou em botão, enquanto o de que necessito é uma verdadeira encarnação que sempre surge inesperada e súbita, de modo que, momentos antes, não haveríamos podido suspeitá-la; somente quando em nosso interior coagulou-se um quadro completo é que podemos passar a dar-lhe forma artística. Somente nesse caso, se pode contar, sem medo de equivocar-se, com um êxito”.

Julho, 10

322.Num livro de ensaios breves de Unamuno, existe algo bem interessante sobre os diários íntimos: condena-os e diz que sabe de alguém que “começou apontando no diário o que (pensava) sentia e acabou sentindo para apontar”. Creio que estas palavras se aplicam a mim (e temo que se apliquem totalmente).É que muitas vezes começo a ler um livro e, aos poucos, vai-me dominando o desejo de comentá-lo, citá-lo em meu diário, e sou levado a concluir a leitura de uma só sentada. Vou ficando cansado e acabo por não assimilar tanto como gostaria. Ainda ontem se passou isto, quando lia os *Cinquenta Poemas* de Rilke, traduzidos para o francês por Claude Vigée. Chegou um ponto em que tive de abandonar o livro. Hoje pela manhã, concluí a leitura, já bem descansado, o que nos traz bastante proveito. E agora penso: o que direi sobre o livro?

323.Trata-se de uma coletânea de poemas retirados de alguns de seus livros: *Le Livre D'Heures*, *Le Livre D'Images*, *Nouveaux Poèmes*, *La Vie de Marie*, e obras póstumas. Mas a poesia de Rilke não se pode definir em poucas palavras, em palavras que não tenham amadurecido com o convívio de idéias em que estão mergulhados os sentimentos.

324.Procurei no livro a presença da infância, da solidão, da morte - e encontrei também, muito do anjo e de Deus.

325.De maneira estranha se manifestam os anjos nestes poemas de Rilke. Em *Annunciation*, o anjo que faz a anunciação

revela uma certa tristeza pelo privilégio que cabe a ela:

“Vois: je suis l’être des genèses,
mais seule tu es l’arbre”,

326. Depois confessa:

“Si pleins d’angoisse sont les anges”...

327. E como que duvida da inteligência de Maria ao dizer-lhe que ela só compreenderá o que escuta em sonhos. E acrescenta: “Maintenant je le sens, ma parole em toi même come em la forêt se perdit”.

328. Em outros poemas, há sentimentos que Rilke vê nos anjos e que muito diferem dos que a Igreja nos ensina: “Et une nostalgie (peut-être du péché)quelque fois dans leur songe passe”.

329. No poema *Le Jardin des Oliviers*, o que se sente acompanhado apenas pela dor de todos os homens, nega que tenha vindo um anjo aliviá-lo e assisti-lo. Por que um anjo? - pergunta. E diz: “Les anges ne vont pas chez de tels suppliants et les nuits ne se font pas grandes autour d’eux”.

330. Também no poema *Naissance de Marie*, o poeta apresenta outra estranha visão dos anjos: “Ah combien em dut-il alors coûter aux anges de ne pas exulter comme on sanglote car ils savaient: das nuit va naitre une mère à l’unique enfant tôt à paraître”.

Julho, 17

331. Creio que uma das razões por que não me empenhei a fundo na publicação de meu livro de contos é que, à certeza do insucesso, prefiro a incerteza do sucesso.

Julho, 29

332. Estranha e absurda deve parecer a muitos a história de *O Imoralista*. De ontem para hoje, reli este livro tão fundamental no conjunto da obra de André Gide, e tão importante no conjunto da literatura moderna. Pode-se observar e estudar a evolução do problema crucial de Michel, da origem à explosão, e como se processa por assim dizer logicamente.

333. Há, em todo o livro, ou, pelo menos, a partir do momento em que o herói começa a se reconhecer, a preocupação constante da liberdade, o temor de perdê-la, o desagrado de vê-la restringida. Em virtude dela, e de como empregá-la para recolher a satisfação de seus atos, vemos suas ações grupadas em duas classes: ações próprias e ações de conve-

miências.

334. São ações próprias ou espontâneas, todas aquelas que têm relação íntima com o problema que o atormenta. Não digo que sejam ações de convicção, mas são as que decorrem de si mesmas, de seus desejos mais íntimos. As ações de conveniência são os demais fatos da vida cotidiana, o interesse de Michel por seu trabalho intelectual, pela esposa, pela terra (fatos esses que, aos poucos, vão-se transformando). São ações resultantes da necessidade de afirmação de personalidade, de justificá-la, e decorrem do meio e das circunstâncias.

335. Considero pontos altos do livro *As entrevistas com Menalco*, esse personagem de Wilde, talvez o próprio Wilde. Nele, há todo o cinismo que se encontra em peças como *O marido Ideal*, ou melhor ainda, em *O Leque de Lady Windenmere*. Essas entrevistas são como uma crítica ao próprio livro, que o autor julgou necessário anexar para esclarecer atitudes e incidentes.

336. São bem definidos e diferentes os três principais encontros. No primeiro, cinismo e segurança por parte de Menalco (“Não posso exigir de cada um as minhas virtudes. É já tão agradável encontrar nos outros os meus vícios” - “Tenho horror ao repouso; é a posse que o provoca, e na segurança a gente adormece; gosto bastante de viver para querer viver acordado...”). No segundo encontro, Menalco mostra-se um tanto inquieto e pede a presença de Michel. O último é francamente aflito e triste (“Estava pálido e parecia um pouco crispado”. - “Menalco inclinou-se para o fogo, como se quisesse esconder o rosto”. - “Um homem crê que possui e é possuído” - “Que cada instante leve tudo o que trouxe”.)

337. Menalco é o que Michel será; é o ser para o qual tende Michel, e este ao compreender isso, irrita-se: “essas palavras que precediam demasiadamente meu pensamento”; “não que elas me revelassem qualquer coisa nova - mas porque punham a nu, bruscamente, o meu pensamento; um pensamento que eu cobrira com tantos véus que quase conseguira sufocá-lo”. Michel ainda lutava, portanto, contra si mesmo. Depois da entrevista, irritava-se “por não ter sabido responder-lhe, por ter dito palavras que poderiam fazer com que ele duvidasse da minha felicidade, do meu amor”. E disso tudo o próprio Michel duvidava.

338. Talvez os traços essenciais relacionados com o problema do herói de *O Imoralista* sejam os seguintes, na ordem em que vão surgindo no livro (Edição Globo - 1947): inicialmente, o que lhe interessa no menino Bachir, a visão da

carne (nota que está nu sob o albornoz, tornozelos e punhos delicados, o braço e o ombro que se descobrem - o desejo de tocar no ombro); depois, a necessidade da presença do menino (p. 33). Um pouco adiante, passa a irritar-se com a presença da esposa, pelo excesso de cuidados que ela lhe dispensa. Ou deve-se ver nisso tudo apenas as conseqüências da doença de que ele está acometido? Na pág. 44, há um traço bem claro: a reação ao encontro com Ashour: “Por mais gracioso que Bachir me parecesse, conhecia-o bastante agora e sentia-me feliz em variar”. Seguem-se fatos mais esclarecedores: a cena em que Michel se deixa roubar (a tesoura), o cuidado que passa a tomar pelo corpo, os banhos de sol para transformar a cor da pele que um dia encheu-o “de vergonha e de lágrimas”. Depois não mais sentirá isso e, pelo contrário, olha-se com alegria. Chega a cortar a barba, a fim de “manifestar exteriormente a mudança íntima de meu ser”, explica à p. 65, sentindo o cair da barba como se arrancasse uma máscara.

339. Na segunda parte do livro, Michel conta seu interesse por Carlos, filho do velho Bocage. Sente-se bem perto dele e, na descrição da pescaria, não lamenta a ausência de Marcelina, sua mulher (p. 83). No ano seguinte, vai aborrecer-se ao vê-lo voltar (a necessidade de variar). Outro fato: ao ouvir Menalco falar, repetindo tudo o que ele próprio havia dito a Marcelina, interrompe-o e procura destruir-lhe os argumentos, o que corresponde a contrariar a si mesmo. Michel faz o jogo de seus “inimigos”, talvez para pôr à prova a consistência dos argumentos de Menalco. Fala, também, que, em seus trabalhos literários, os historiadores censuravam “uma tendência a generalizações muito rápidas” (p. 101), fato que, em cultura pode manifestar falta de conhecimentos, na vida prática, traz uma satisfação ilusória e bastante perigosa.

340. Um pouco adiante, Michel conta como lhe eram desagradáveis as visitas que vinham à fazenda, obrigando-o a “sair de casa com mais freqüência”. Preferia a companhia dos trabalhadores às visitas, não para fiscalizar os trabalhos, como confessará, mas para ver os homens. “Minhas terras, devo confessar, não me interessavam tanto quanto os homens que nelas trabalhavam” (128). Nesse prazer que sentia junto a pessoas de nível mental inferior, talvez se possa ver a possibilidade de ele, nesse meio, sentir-se mais seguro, menos espionado - pela ascendência natural sobre eles. Mas Michel justifica-se, dizendo que já sabia o que esperar das visitas, ao passo que os trabalhadores lhe davam uma sensação de novidade. Mais tarde, no entanto, já no final do desenvolvimento de seu “sentimento particular”, dirá que “a sociedade da pior gente era para mim uma agradável com-

panhia”. Carregadores, vagabundos, marinheiros - lembrando Walt Whitman.

341. Outro traço característico em Michel é a decepção experimentada por haver Bocage despedido um dos empregados que se embriagava; no entanto, “era bastante bonito, nada estúpido, mas levado unicamente pelo instinto” (126). Não deixa de ser paradoxal sentir-se prejudicado por um gesto que se vê forçado a reconhecer ter sido justo. É que Michel sente um certo prazer em ser ludibriado (o caso da tesoura, depois o dos laços, em que a conivência com ações reprováveis traz o estabelecimento de uma espécie de pacto entre infratores de leis diferentes - a espera do perdão nascido da tolerância, da “compreensão interessada”).

342. Bastante imoralista é também o fato de Michel sentir prazer em fazer uma criança como Bute contar tudo o que, sensualmente sórdido, se passava na família dos Heurtevent. Com uma pessoa em identidade de condições, o prazer seria bem menor. É o gosto pelo perverso, destruir o que se considera são e digno. Dirá mais tarde: “Como as profissões honestas embrutecem!” (163).

343. Se em Michel existe prazer em ser ludibriado, em ser prejudicado, talvez maior ainda seja seu gosto em ludibriar e prejudicar os outros. Permite e auxilia o roubo para ver alguém descer mais do que ele próprio. E sempre o sentimento de sua própria salvação. “Bem! Estou salvo” - Ele crê que Bute é o único culpado, a incrível verdade lhe escapa”. Ouve Bocage dizer que Bute roubou e mentiu, mas, para salvar-se, cala o que sabe.

344. Outros fatos característicos da personalidade de Michel: a inquietação, a necessidade constante de mudar de cenários; o amor pela noite e por atravessá-la sem destino certo.

345. Na terceira parte as manifestações são claras. Como por exemplo, o beijo que dá no cocheiro italiano, “belo como um verso de Teócrito”. Já então, sente-se sem forças para lutar contra si. Sobre o constante desejo de viajar, não encontra melhor argumento do que este: “Um demônio mais forte me arrastava...” (153). Quando vê sua esposa sofrendo, tem momentos de desespero: “Ah! talvez ainda seja tempo... Não poderei parar, finalmente?”.

346. Gide escreve à p. 98: “Não se pode, ao mesmo tempo, ser sincero e parecer sincero”. A personalidade de Michel é profundamente inconstante: ele deseja da mesma forma, com a mesma “sinceridade”, o que deplorou no momento anterior. Resolve, por exemplo, para ser agradável, necessário,

atraente, convidar Moktir a embarcar para Touggourt. Justifica-se em seguida: “E vem-me, de repente, o desejo de ir a Touggourt”(164). Dessa forma, comprometeu-se quase gratuitamente (não foi gratuito porque espera tirar um proveito pessoal dessa presença), e arrepende-se, pois logo a seguir, se angústia com a pergunta: “Não poderei parar?”.

347. Ao final, sente-se piedade por Michel, que se deixou dominar completamente, antes de mandar chamar os amigos que o escutam. “Arranquem-me daqui; não o posso fazer por mim mesmo”. - “Desejaria começar de novo”. Michel quer que lhe dêem “razões de existir” e crê dever provar a si próprio que não ultrapassou o seu direito - pois não está cansado de seu crime.

348. É perfeita a maneira como se desenvolve o processo psicológico do sentimento estranho e “particular” de Michel. E fica melhor provada essa correção no fato de ter ele reunido seus amigos e falado tudo, numa dolorosa autoflagelação. Lembro-me de Dostoiévski em *O Espírito Subterrâneo*:

349. “Nós, habitantes do subterrâneo, precisamos ser refreados, podemos guardar segredo durante quarenta anos. Mas, se abrimos a boca, falamos, falamos, falamos...”

Agosto, 8

350. Não é bom despovoar de sonhos o pensamento. A realidade é fria demais, para ser aturada só. Talvez fosse bom que eu provocasse o retorno daqueles estados sentimentais em que me encontrava, para realizar a idéia de meus contos. Ontem, reli com prazer *O Adolescente* e achei tão exato em seu processo psicológico, que lamentei nunca mais ter escrito coisas assim.

351. Será que decidi não escrever mais contos, ou foi o “possível” que decidi por mim, por ter sobrepujado a “necessidade” de escrevê-los? Por ter verificado que, sem escrever contos, a vida é possível e talvez até mais agradável?

352. Seja como for, é penoso responder a perguntas de alguém com isto: “Desde 49 não mais escrevi; apenas mantendo um diário”.

Agosto, 23

353. A la manière de Wilde:

- Trouxe-te estes livros. Por favor, aceita-os e não me leve a mal este gesto. Entre meus vícios, figura o de dar presentes.
- Vícios? A mim me parece virtude.

- Costumo chamar de vícios o que comumente se considera virtude, para poder considerar virtude o que se chama de vício.

Agosto, 28

354. Poderá algum homem destruir uma coisa pela qual se sinta responsável? (Estará contribuindo para deixar de ser o que é, para destruir a si próprio).

Setembro, 7

355. Finalmente hoje, e casualmente, veio esclarecer-se tudo. Ainda não comparei os dois textos completamente, mas desde agora preciso dizer do absurdo que considero tudo isso, e da revolta que senti ao descobrir que havia sido ludibriado.

356. Trata-se de *O Espírito Subterrâneo*. Lembro-me da absoluta discordância entre o que figura como sendo as I e II partes, na tradução de Rosário Fusco (Ed. EPASA), segundo o texto francês de E. Halpérine - Kaminski. É uma tragédia não se poder ler o original. *Tradutore, traditore*. O que consta como I Parte, nesse livro desonesto, nada mais é do que a novela escrita em 1847, *La Patrona*, e a suposta II Parte é que tem algo a ver com *Memórias del Subsuelo*, escrito tão somente em 1864, isto é, cerca de 17 anos depois!

(Datas e títulos conforme constam do tomo I das Obras Completas de Dostoiévski, Aguilar-Ediciones - 1949. À página 86, encontra-se: "En la presente traducción se ha guardado una fidelidad absoluta al texto ruso, hasta en la puntuación. No se ha omitido ni escamoteado nada. Se ha respetado escrupulosamente la integridad del territorio dostoiévskiano").

357. Portanto, devo ler novamente, ou melhor, devo ler as *Memórias do Subsolo*.

358. Comparemos as traduções de *La Patrona* com essa I Parte que chamaram de *Katia*. Vejamos somente a primeira frase de cada capítulo.

I - Aunque mal de su grado, no tuvo outro remédio Ordinov que buscarse de nuevo alojamiento.

- Afinal, Ordinov decidiu mudar de quarto.

II - Le palpitava el corazón con tal violencia, que delante de los ojos le bailaban unos puntos verdes, y de cuando en cuando le acometian vértigos. Le dolia la cabeza.

- O coração batia-lhe tão forte, que tinha a vista turva e a cabeça à roda.

III - Pasaron la noche entera, muy llenos de agitación, a la cabecera del enfermo.

- foi uma noite angustiosa.

359. Vejamos agora as *Memórias do Subsolo* e a II Parte da tradução franco-brasileira.

Essa II Parte traz o título de Lisa, que se inicia por uma espécie de prólogo que, naturalmente, o traditor julgou necessário acrescentar à boa compreensão dos leitores... Mas tudo se passa como se fosse de Dostoiévski.

360. Enfim, enfim, nunca li Dostoiévski!

Setembro, 24

361. Senti hoje um desejo imenso de voltar à minha simplicidade e inocência de outrora. Ou não terei nunca sido simples, inocente e bom? Eu era tímido, tenho certeza disso, e talvez o que chame de simplicidade e inocência nada mais fosse que timidez: eu parecia uma coisa por incapacidade de ser a outra? Percebo claramente, hoje, que essa timidez cedeu lugar à ousadia, ao desafio, quando procuro desesperado identificar-me com minha verdadeira natureza. Compreendo estar me comprometendo, me prejudicando, pela satisfação transitória, fugaz, de um “ato de liberdade”.

362. Até que ponto as palavras, revolta e liberdade estarão ligadas por seu sentido? Creio que ambas me ligam diretamente ao desespero. A liberdade é uma ilusão. Como pode alguém ser livre se precisa sempre de outros para realizar seus atos de liberdade? Como manifestar sua liberdade, se a cada “libertação” corresponde um compromisso” (Comprometer-se ou comprometer alguém, o que, afinal, é também comprometer-se). Revolta talvez seja negação. Quem se revolta contra os outros, não estará rebelando-se consigo mesmo? (Pois revoltar-se é lutar contra sua condição; e é quase correto dizer que quem se rebela contra sua condição, está negando a si próprio). Ou será um desejo de ultrapassar-se, um sinal de evolução? Tanto as perguntas como as respostas nos conduzem ao desespero... E estas mais do que aquelas. (Wilde escreve no *Leque de Lady Windermere*: In this world there are only two tragedies. One is not getting what one wants, and the others is getting it. The last is much the worst, the last is a real tragedy!) Mas não posso deixar de indagar, de procurar ser livre, de revoltar-me, de viver, enfim, desesperado.

363. Lembro-me haver escrito uma vez, creio que a propósito de minha profissão, que “enquanto me mantiver em estado de revolta, poderei contar com uma possibilidade de salvação”. Pensei, agora, que poderia generalizar: para tudo, revolta corresponde à salvação. Não sei a conclusão, ou melhor, não tenho coragem de formulá-la. A revolta para

salvar talvez nunca possa deixar de ser interior, íntima, sem vir jamais à tona, sem se manifestar em atos.

364. Não, não se pode generalizar. Em nada se deve buscar a generalização. Há revoltas que conduzem à evolução; outras levam à salvação; mas também existem as que nos aniquilam, proporcionam uma falsa liberdade, como água salgada que mais aumenta a sede, liberdade que solta as amarras para nos atirar ao poder do vento.

365. De que nos serve levar vinte anos construindo um balão, se quando o soltarmos não pudermos fazê-lo voltar a nossas mãos?

Outubro, 4

366. Os filósofos e pensadores, dizendo a verdade com toda a crueza, conseguem abalar certas convicções que tínhamos como definitivas.

367. Encontrei hoje em Schopenhauer:

“A angústia e o arrependimento causados pelos nossos atos não são, muitas vezes, outra coisa senão o receio das consequências”.

368. Cruelmente verdadeiro. E é dessas frases, desses conceitos que nos fazem conhecer melhor, deixando-nos tristes porque ficamos com a impressão de que, até então, estávamos nos enganando a nós mesmos.

369. Ele diz, também, que a consciência é formada de cinco parcelas: medo dos homens, temores religiosos, preconceitos, vaidade e hábito. Analisando uma por uma das parcelas e levando-as reunidas sob o nome de consciência para o julgamento de um ato, sentimos prazer ao verificar que a consciência reduz-me unicamente a nós mesmos. Com efeito, o que é a consciência senão o resultado do temor da reação dos outros sobre nossas atitudes; o reflexo de nossa educação religiosa; da educação de um modo geral, criando os preconceitos; do medo de nos vermos prejudicados, diminuídos, feridos em nossa vaidade. O que é consciência, também, senão a ação de hábitos e costumes sobre nossas atividades?

Outubro, 7

370. Las naves están quemadas,
Vedado el camino del regreso!

(Poesia, e da mais pura, estas palavras de Leon Chestov em *La Filosofia de la Tragédia*).

“É preciso avançar, ir adiante, em busca de um futuro desconhecido e sempre terrível. E o homem avança, quase sem se perguntar sequer o que o espera. Os sonhos de sua juventude, que se tornaram irrealizáveis, começam a parecer-lhe falsos e enganadores; e arranca de si, com ódio e crueldade, tudo aquilo em que acreditou outrora, tudo o que outrora havia amado”.

Outubro, 15

371. Pretendendo reduzir a egoísmo toda a filosofia de Nietzsche, Leon Chestov cita uma frase que um russo fleugmático dirigiu a um companheiro que se afogava:

- “Não desperdices em vão tuas forças, Tomás; deixa-te arrastar”.

É estranho que desse estudo de Chestov, tão preocupado com Dostoiévski e Nietzsche, e analisando Tolstói e Schopenhauer, mais ou menos, como termos de comparação com os outros dois, eu retire essa frase do aldeão russo. Mas é porque ela caracteriza bem a intenção do autor em diminuir o pensamento do filósofo alemão, como reduz Dostoiévski a isto:

“Y así, todo lo que hay en la vida de monstruoso, de ignominioso, de difícil, de doloroso, todo lo que hay en ella de problemático, encuentra en Dostoiévski un campeón ardiente y poderoso. Como si lo hiciera expressamente, aplasta bajo sus pies, ante nuestros ojos, el talento, la belleza, la juventud, la inocencia. Hay en las novelas de Dostoiévski más horrores que en la realidad”.

Novembro, 4

372. Noite do dia 1º: inicialmente, angústia com o filme *House to the River*; depois, esquecimento artificial pelo álcool; me deito às quatro horas. Manhã de 2, dormindo; tarde, piscina com satisfação e tranqüilidade; noite, deito-me cedo, depois de ler algumas páginas do *Journal Intime*, de Kafka. Manhã de 3, na Escola Preparatória; tarde, dormindo; noite, até quatro horas, conversando e andando improficuamente.

373. “Poderíeis perguntar-me por que não abandono esta situação - não tenho fortuna - e por que não tento garantir minha subsistência com meus trabalhos literários. Eu não poderia, então, dar senão esta miserável resposta: que não tenho forças para isto e que, na medida em que posso examinar meu estado em toda sua extensão, há mais possibilidade que esta situação me aniquile, é certo, rapidamente”. Kafka

374. “Um mariage ne pourrait me changer, pas plus que ma situation ne le peut”. K.

375. Se uma condição adversa a que se está a tanto tempo submetido, não consegue transformar-nos, como poderia modificar-nos, no essencial, um casamento? Nós nos submetemos a certas condições, mas não nos modificamos com elas e, de repente, nos mostramos tal qual sempre fomos, queiramos ou não.

Novembro, 7

376. "Quem te perturba? Quem estremece teu coração? Quem bateia ao trinco de tua porta? Quem te chama da estrada sem, no entanto, entrar pela porta aberta? Ah! é precisamente aquele que perturbas, aquele cujo coração estremece, aquele à porta do qual bateias, aquele que chamas da estrada e pela porta do qual não queres entrar". K.

Novembro, 8

377. Que tenho feito em minha vida, além de lutar contra mim mesmo?

378. Há poucos instantes, lembrei-me de umas manobras em Rezende, quando eu era cadete. Na boléia de uma carroça colonial, eu ia batendo com uma haste de ferro no aro da roda que, de vez em quando, ameaçava desprender-se. Tive pena de mim, naquele dia e agora, pois nem sequer sinto prazer em contar esse fato naquela situação desagradável (cansado, com sede, o sol forte por cima e o desgosto da profissão por dentro). É comum recordar-se, com satisfação, de incidentes que soubemos vencer.

Novembro, 9

379. Podemos ser compensados de um sofrimento por uma alegria oposta. Quando, por exemplo, julgamos uma coisa irremediavelmente perdida e, no dia imediato, a reencontramos, o prazer atinge tal intensidade que até bendizemos o equívoco que contribuiu para valorizar o reencontro.

Quando se trata de uma pessoa e se tem quase a certeza de que nunca mais a veríamos e, de repente, a vemos, então, não há como descrever a vibração sentimental que se processa em nós. Todos os momentos de presença são repletos de uma exaltação, de uma compreensão, de ternura, enlevo - e até esquecemos que o tempo está aproximando de nós o fim dessa "doce agonia" e que, em breve, chegará a palavra separação, acompanhada de todas as angústias que não a abandonam. Mas enquanto estamos juntos é só doçura - e quando essa união encerra um segredo... o mundo exterior deixa completamente de existir e nos integramos plenamente.

te, um dentro do outro.

380. Enquanto estivemos juntos, senti uma paz interior tão benfazeja que enfrentaria tudo e todos que tentassem destruir aqueles momentos. Mas, quando saímos do restaurante, tive a impressão de que esquecera lá dentro, sobre a mesa, na cadeira, em qualquer parte, um objeto, ou uma indeterminada coisa que me acompanhara até então. Senti-me com as mãos vazias, mas o coração ainda tranquilo.

Quando entramos na última rua, a mais próxima do aeroporto, ele disse:

- Agora é que é o momento da despedida, e não quando você pensou.

Duas horas antes, eu estendera a mão para a despedida.

381. Depois que o carro saiu do pátio do aeroporto, ou antes, quando começou a fazer a curva para sair, senti a separação. Ela caiu dentro de mim de repente, como, inesperadamente, uma estrela risca de luz o céu noturno. Pensei que, talvez, nos voltemos a ver: foi meu desejo, desejo mudo que não se comunica a ninguém para que se cumpra, como quando corre uma estrela. Mas o rastro dessa angústia é muito mais longo, vivo, duradouro que o das estrelas cadentes.

Novembro, 10

382. Ainda Kafka: "A ti é permitido afastar os sofrimentos deste mundo, isso corresponde à tua natureza; mas talvez o fato de afastá-los de ti seja o único sofrimento que possas evitar".

383. Ou então, transformando um pouco a forma: Ao homem é permitido afastar de si os sofrimentos; mas talvez o único sofrimento que possa evitar seja o de tentar afastar os sofrimentos.

384. "A ociosidade é a origem de todos os vícios, e o coroamento de todas as virtudes".

Talvez se possa dizer: Os vícios começam onde terminam as virtudes. Ou então:

Vícios são virtudes cansadas.

Novembro, 15

385. Ontem, quando dançava numa festa com uma moça chamada Maria, que conheço há cerca de dois anos, ela falou-me que leu meu trabalho sobre Iniciação Literária, publicado na Revista da Escola Preparatória. Acrescentou que, absolutamente, não parece ter sido feito por mim, ou melhor, que nunca pensou que eu escrevesse coisa nesse sentido.

Então, tive de falar sobre minhas pretensões literárias.

386. Igual a Maria, muitas pessoas de minhas relações ignoram esse fato, e a maioria das que sabem não julgam poder esperar muito de mim nesse sentido. Mesmo na Escola, onde pensei que fosse conseguir a amizade de alunos que me procurassem para discutir sobre literatura, a repercussão do artigo foi e é quase nula. Alguns me pedem livros para ler, outros que eu corrija trabalhos - em geral discursos - por correr a lenda de que "sei português".

387. A minha pretensão de literato (em eterna insipiência e talvez mesmo insipiência) não ultrapassa minhas fronteiras, principalmente dentro do Exército. Aliás, sempre fiz por esconder essa inclinação perante meus colegas por saber que não a aceitariam com bons olhos ou que, aceitando, nada compreenderiam de minhas pretensões. Na Escola Preparatória foi onde mais expus o "segredo", por acreditar e esperar muito da adolescência; mas sem resultados. Há cerca de um mês, por exemplo, houve um concurso literário entre os alunos, de prosa e poesia, e apenas tive conhecimento pelos resultados. Eis uma coisa que eu gostaria de ter feito: tomar parte na comissão julgadora (nem que fosse para me lembrar do concurso de que participei como aluno, em 1943, sendo meus dois trabalhos classificados em terceiro lugar).

388. Como justificar tudo isto? Unicamente pela minha maneira de agir, o que fez Maria duvidar de minha capacidade de escrever tal coisa. Escondo dos outros o meu grande sonho, por duvidar de minha capacidade como escritor, mas principalmente por julgar que não compreenderiam o absurdo de minhas pretensões. Com relação aos alunos, talvez a hierarquia militar deva ser incluída como fator de alheamento. Mas é sabido que sempre procuro destruir essa distância, concedendo a eles a máxima liberdade de palavra, com a intenção de melhor sondar e compreender suas reações. Mas disfarço de tal maneira a literatura, recalçando-a para meu interior - para evitar, em parte, a timidez de aproximação - que destruo totalmente a possibilidade de que acreditem em mim como escritor.

389. Nenhum de meus colegas e futuros colegas associará a palavra literatura a meu nome. A palavra libertinagem, ou outra mais vulgar, viverá para sempre ligada à definição de minha personalidade. Pois a intemperança foi a única solução que encontrei para viver em menor desacordo com a vida militar. Infelizmente, tenho encontrado nela algumas satisfações, mesmo reconhecendo não ser essa uma solução inteligente. Para evitar uma atitude impossível, caio noutra perfeitamente insólita.

390. Resumindo, minha vida militar talvez tenha sido o seguinte:

1941/43: três anos de timidez e inconsciência;

1944/46: outro tanto de semiconsciência e luta interior;

1947/49: mais três anos de consciência e revolta;

1950/51: cerca de dois anos de desprendimento e ousadia.

391. Na verdade, essa metamorfose não pode ser tão simplesmente resumida. Tem havido evolução ou transformação, seguindo quase totalmente esses estágios. Mas também é certo que essas fases se aglomeram, se aglutinam, e é possível que, ainda hoje, exista o complexo de tudo isso, sem que nenhum atinja a plenitude. Compreendo que, quando o equilíbrio se partir com o domínio absoluto de um estado sobre o outro, a resultante será o aniquilamento de algo que tenho medo de precisar.

392. "Esta classe odiava-o e temia-o; temia-o pela sua liberdade intelectual e seu desprezo do convencionalismo, e odiava-o pelo seu despreocupado amor aos prazeres e também porque nele não viam nenhuma de suas mesquinhas virtudes" - Frank Harris, a propósito de Oscar Wilde.

393. Afinal, como tributo à verdade, é necessário que o diga: o Exército é bom; eu é que não sirvo para ele.

394. Uma nota: Harris fala em medo e temor. E Maquiavel escreve:

"Os homens ofendem por medo ou por ódio".

Novembro, 20

395. Ir embora. Como significa pouco, e quanto significa!

396. Deixei meu quarto, o único lugar onde me sinto realmente tranqüilo. Fecho a porta, leio, escrevo, ou penso, ou simplesmente durmo. Aqui recomponho minhas forças, refaço meus sonhos; penso em mim, penso nos outros; arrependo-me de meus pecados, planejo outros, quando a noite desce...

397. Desde já, sinto saudade destas paredes de um verde desmaiado; das colchas ouro velho e do tapete cor de sangue. Sinto pena dos meus livros, que talvez se percam novamente. Do meu pé deavenca trazido por Celeste - agora está tão verde e bonito!

Por que tudo isto? Por que apegar-se a essas coisas todas, sem olhares e sem palavras!

398. Ter de partir... Sem se saber para onde. Ou, se sabe, até quando? Depois, para outro lugar, e outro. E tanta coisa, tantas explicações temos de dar aos outros e que, muitas vezes, gostaríamos de negar a nós próprios.

399. E a razão de tudo? Está em nós, está nos outros, mas, na verdade, não se encontra em parte alguma. Se pensamos pelos outros, a razão está com eles; mas se pensamos por nós, ela está conosco. Procuremos distribuí-la equitativamente, e ela que se vai para o infinito.

400. Bom seria se pudéssemos dizer simplesmente, como Prévert:

“Je suis comme je suis
Je suis faite comme ça
Que voulez-vous de plus
Que voulez-vous de moi”.

Noite de 20

401. Que se pode dizer de Corydon?

Sempre transferei a leitura desse livro. Creio que, desde 1948, depois de ler *O Amor Interdito*, de um autor suíço, resolvi deixar para ler mais tarde esse livro de Gide. Por temor, confesso.

402. Agora, por insistência de um amigo, resolvi aceitá-lo para ler e o fiz de domingo para hoje.

403. Julgava que se tratasse de uma obra simplesmente cínica, no entanto, tem a pretensão de ser científica. Principalmente no segundo diálogo, quando essa pretensão quase se completa. Mas faltam certos elos que impedem a comprovação da tese. A argumentação é, algumas vezes, frouxa; e me parece que a soma de estudos feitos pelo autor revela mais o desejo de convencer-se a si próprio do que a qualquer outra pessoa; ou que Gide pretende provocar a reação dos outros na esperança de que, sendo atacado ou aprovado, aumente a convicção de suas idéias.

404. Não creio que o livro seja totalmente franco, leal e sincero. Mas levemos em conta as palavras de Gide, no final da carta a François

Porche: “Mais vous m’accorderez qu’il est bien difficile, où si longtemps la dissimulation fut de rigueur, d’être franc sans paraître cynique, et naturel avec simplicité”.

405. Corydon é uma das atitudes possíveis de um homossexual perante o mundo. E, como tal, pode servir de auxílio

àqueles que, de gestos aparentemente calmos e olhar aflito, recorrem ao suicídio como solução definitiva para seu problema. Visto por este prisma, Gide é mais honesto do que foi Oscar Wilde quando disse: - O amor que, neste século, não se atreve a dizer seu nome, é uma afeição tão grande, entre um homem mais velho e outro mais moço, como a que existiu entre David e Jonathas, a afeição que constitui a base da filosofia de Platão, como a encontrareis nos sonetos de Miguel Ângelo e de Shakespeare -uma profunda e perfeita atração espiritual que inspira grandes obras de arte, como as de Shakespeare e Miguel Ângelo e inspirou aquelas duas cartas - afeição que, neste século, é incompreendida, tão incompreendida que, devido a ela, vejo-me neste lugar. É bela; é elevada; é da mais nobre espécie; é intelectual, e com frequência ocorre entre um homem mais velho e outro mais moço, quando o mais velho tem a inteligência e o mais moço possui toda a alegria, felicidade e radiosa esperança da vida. Que seja assim, é coisa que o mundo não compreende: ela a escarnece e, às vezes, põe os que a sentem no cavalete do suplício.

Novembro, 23

406. Tenho uma viagem planejada para os primeiros dias de dezembro. Estou com a cabeça cheia de Rio de Janeiro e meu maior desejo é que, de hoje para amanhã, surja o dia do embarque, fazendo desaparecer todos esses dias intermediários. O mesmo sentimento que se apodera de mim, quando faço longas viagens de trem ou de ônibus e espero que, de repente, numa curva da estrada, surja a cidade para onde vou, sem necessidade de tocar em outros lugares e seguir todos os palmos do caminho. Em navio, o pensamento também é bastante estranho: desejo ver aparecer na beira da praia, da costa distante, uma cidade completamente desconhecida, que não figure nos mapas. Seus habitantes seriam pessoas conhecidas, sepultadas no mar, e que lá estariam vestidas de algas vermelhas e azuis, com jóias de coral e mantos de escamas douradas, caminhando sobre ruas calçadas com as multicores conchas que se engastam ao longo de nossa costa marítima.

Novembro, 24

407. Lembro-me de que, desde os tempos em que fui aluno da Academia Militar das Agulhas Negras, adotei como método que se mostrava eficaz, a ponto de recomendá-lo às minhas irmãs, de esperar da vida sempre o pior a fim de evitar desilusões. É um pessimismo positivo cujos resultados são melhores que o otimismo. A vida, com todas as suas contrariedades e impossibilidades, é que me levou a adotar

esse sistema.

Agora encontro em Schopenhauer (Eudemonologia):

“...os gênios sombrios e inquietos terão, na verdade, que suportar mais infelicidades e sofrimentos imaginários, mas em compensação, menos infelicidade e sofrimentos reais do que os gênios alegres e indolentes, pois aquele que vê tudo em cores pretas, que sempre teme o pior e que, por conseqüente, toma precauções, não terá tantas esperanças frustradas como aquele que empresta a todas as coisas cores e perspectivas risonhas”.

408. Reconheço que todas as vezes que, com grande otimismo, esperei felizes conseqüências para um determinado fato, sofri uma decepção que anulou todo o sabor do otimismo antecipado. Mas, se o resultado suplantava a esperança, minha alegria, sólida, perfeitamente lógica, suplantava satisfatoriamente o pessimismo da espera.

Assim, esse pessimismo redundava em otimismo; é mesmo uma espécie de otimismo em forma primária de evolução.

409. O segredo desse processo reside em não se esmorecer, e já se ter, de antemão, uma nova esperança pronta para ser perseguida, em caso de fracasso da anterior.

410. É justo que se diga:

Espera da vida sempre o pior; e sabe que o melhor otimista é o pessimista que não se deixa abater. É preciso ter uma grande esperança; mas que ela nunca seja maior do que a realidade. Ter em mente, para uso imediato, estas palavras ainda de Schopenhauer:

“...não é fácil encontrar um mal sem nenhuma compensação”.

411. Ou lembrar-se de Kierkegaard em *O Desespero Humano*.

“Porque se arrisco e me engano, seja! A vida castiga-me para me socorrer”.

E, conformado com o inevitável, seguir o seu próprio caminho.

Novembro, 27

412. Acabo de ler a primeira parte de um livro chamado *L'Envers du Journal de Gide*, de Henri Rambaud.

413. Um estudo bastante profundo da sinceridade de Gide, de seu horror à mentira, etc. Mas o autor parece temer, a todo instante a reação da crítica, ou temer a honestidade de seus propósitos. Talvez mesmo pelo amor que dedicava ao escritor, como tenta se justificar: “J'ai trop aimé Gide, je lui garde trop d'affection véritable, pour prendre plaisir à de

charger”.

414. Essa primeira parte, a fim de pôr-se de acordo com a segunda, recai sobre a parte autobiográfica da obra de Gide, isto é, sobre *Le Journal* e *Si le Grain ne Meurt*. O autor do livro acusa Gide de ter-se preocupado pouco em se conhecer, recusando-se a ver-se em sua verdade inteira. Escreve também, quase no final, que o verdadeiro pecado de Gide, o pecado essencial, não foi a pederastia - “car, vraiment, de celui-là, il a trop parlé pour qu’il soit le principal” - mas “cette prétention de ne jamais être dans son tort”.

415. Noutra passagem, analisando ainda a sinceridade da confissão de Gide, escreve Rimbaud que ele tinha a intenção profunda, digna de respeito, nobre, de reentrar na comunhão dos homens, substituindo sua máscara pela verdade integral sobre si mesmo. Mas acrescenta que isso, já difícil numa confissão póstuma, é impossível durante a vida do autor.

416. Segundo Rimbaud, faltou a Gide coragem pessoal e crueldade para envolver a outros. Admite ser intenção de Gide, quando autobiográfico e diarista, “o cálculo sem nobreza de abusar da fulgurante franqueza da confissão material, para cobrir com ela, de início a seus próprios olhos e depois aos olhos do público, o que a recusa espiritual comportava de mentira com relação a si mesmo”.

417. Mais adiante, o autor pede crédito para declarar que não escreveu essas páginas sem uma tristeza surgida do fundo da alma. E, para finalizar o ensaio, sente-se obrigado a prometer que escreverá outro livro a fim de mostrar, “além das fraquezas”, a grandeza de Gide.

418. O estudo é bastante correto, ficando comprovada sua exatidão na análise de certas reações que o autor muito bem argumenta com citações e comparações. Mas o estudo se ressentia da intenção, pretensão ou cuidado de ser completo. Se a personalidade de Gide é tão complexa - “cette ame difficile” - não deve ser simplesmente atacada, ou estudada friamente. Que se faça um livro completo, evitando essas desculpas chorosas que me parecem revelar mais timidez que sinceridade.

Dezembro, 27

419. Embarquei para o Rio dia primeiro e voltei dia 24, a fim de passar o Natal em casa, e porque o dinheiro de que podia dispor foi todo consumido.

420. Diverti-me bastante, esqueci preocupações. Fui ao Rio,

especialmente, para conseguir minha transferência, pois lá, incapaz de expor os verdadeiros motivos de minha intenção, fui, aos poucos, esquecendo tudo e julgando que poderia permanecer aqui em Porto Alegre, pelo menos, até junho. Mesmo assim, consegui promessa para janeiro, em que não acredito muito. Escrevi, hoje, para a senhora Ondina Castelo Branco, ou Ondina Barata, pedindo urgência, para Belo Horizonte ou Curitiba.

421. Ver destruído o apartamento! Talvez seja bom imaginar que um incêndio destruiu tudo, como ao meu barzinho do conto "A Jóia". Deixar o conforto, o quarto com os livros, - e o que importa sobretudo: minhas irmãs desorientadas! Será preciso bater no peito e exclamar: Minha Culpa!

422. Mas não foi para escrever nada disso que abri este caderno. Mas tudo isto é o meu problema principal, que me tem absorvido e cuja solução é tão difícil...

423. Pretendia contar o que vi de teatro no Rio, os livros que comprei, as conversas com amigos, mas de que pode servir tudo isso quando a própria vida nos transtorna: ou quando nos transtornamos com os embates da vida?

Dezembro, 28

424. Eis o que publicou um jornal do Rio a 11 de dezembro, dia de meu aniversário:

"Horóscopo para hoje, terça feira, por Stella: "aqueles que nascem no dia de hoje são dotados de muitas personalidades e possuem grande tino para negócios. Sabem ganhar dinheiro facilmente e jamais passarão privações materiais. Têm muita inclinação para a música e as artes. Se fizerem da música, profissão, terão grande êxito. Triunfarão como dirigentes. Possuem o dom da palavra e sabem manter vivo o interesse de um auditório. Quando querem, são de um encanto sem par. Mas têm uma vida interior intensa, que poucos compartilham, e, por vezes, sua vida se torna um pouco complicada. Nessas ocasiões, encerram-se no silêncio e passam horas calados preocupando-se com coisas sem importância e, na maioria, das vezes seus temores são infundados. Não devem nunca precipitar os acontecimentos. Estão inclinados a descuidar-se de sua saúde, mas devem aprender a conservar as energias, sempre que lhes seja possível. Possuem temperamento apaixonado etc."

Dezembro, 30

426. Concluí a leitura de *A Vingança de Michael Kolhaas*..

427. A primeira vez que ouvi falar em Kleist foi no tempos da Academia Militar, quando um amigo leu o estudo de Zweig sobre este poeta e escritor alemão. Como me falou com muito entusiasmo, sempre desejei conhecer sua obra. Agora que me apareceu a oportunidade, tive certa decepção. Na verdade, eu fazia uma idéia bem diversa de sua obra.

428. Esse amigo achava que o suicídio de Zweig e sua mulher, em Petrópolis, foi inspirado na morte de Kleist e Henriette Vogel.

1952

Porto Alegre/RS

Janeiro, 2

429. Esta noite tive um sonho muito estranho. (Sempre procuro a explicação de meus sonhos nos fatos e objetos que me acontecem e rodeiam. Para este já encontrei bastante clareza, mas o que me prende a atenção é a maneira brilhante e cinematográfica como se apresentaram os incidentes).

430. Eu estava num bar, bebendo com três amigos. Em dado momento, um deles puxou uma faca e deu ao garçom para ser afiada. Depois, vejo-me só: os três haviam desaparecido. Peço a conta, que foi elevada, e sei que o preço do serviço na faca foi de 25 cruzeiros. Discuto com o moço pelo absurdo do preço e ele diz qualquer coisa assim: "Gasta tanto com a bebida e quando se trata de emprestar a um amigo, fica furioso".

Depois dessa observação, lembro-me de que estava no Rio de Janeiro e vi passarem meus amigos, mas não os chamei. Então, o sonho tomou outro aspecto, o mais belo e interessante possível, se bem que bastante lúgubre e misterioso: Senti-me sobre uma leve jangada, muito pequena, e na escuridão da noite, rodeado por um cenário surrealista, dirigia-me sobre as águas para buscar outra jangada que encontrei toda enfeitada com véus e fitas e fios coloridos. Era uma espécie de prêmio que eu recebia pela audácia de enfrentar as águas. Sobre a minha jangada, e puxando a outra pelas fitas, pensei em como remaria. Mas a leve embarcação seguiu sozinha para a margem, naufragando antes que a atingisse. Senti grande prazer em molhar-me todo e tentei aproximar-me da margem que ficava junto a uma grande avenida movimentada. Uma correnteza me puxou para fora, perdi a jangada e me deixei levar pelas águas que, depois de uma volta, me deixaram num lugar mais raso. Então percebi que uma estranha vegetação me rodeava e que a água era lodosa.

Rocei a mão numa pessoa submersa, prossegui, atirei lodo na face de um moço e ele também me jogou lama, que não me atingiu. Fugindo desse rapaz em busca da margem, tropecei numa mulher japonesa, bem pálida, com mãos de cadáver dentro d'água. De repente, uma mulher velha me abraça, me agarra e a custo, separo-me dela para encontrar um homem junto ao portão do cais. Ao ouvir as imprecações da mulher, ele diz: "Não te importes".

431. Não sei se o sonho continuou, parece que terminou aí. Lembro-me de que, apesar do cenário tenebroso de mortes, putrefação e perigos, não sentia o menor medo, nem mesmo no momento em que rocei o cadáver submerso. Nesse momento, pensei que deveria sentir medo, mas não senti e expliquei a mim mesmo que já não sentia mais medo porque já não era criança.

Janeiro, 4

432. O ano que, há quatro dias, se extinguiu, ensinou-me algumas coisas. Espero que elas consigam modificar-me, obrigando-me a ser mais consciente, coerente, ponderado, refletido - menos impulsivo e idiota.

433. Aprendi, por exemplo, que nenhum mal se pratica impunemente. Que é entre os amigos mais chegados que se encontram os piores inimigos.

434. Descobri, que, todas as vezes que se despreza um preconceito, deve-se assumir a inteira responsabilidade desse "ato de liberdade", e não esperar compreensão, apoio e auxílio de quem quer que seja, mesmo que tenha havido cumplicidade. Por outro lado, a conivência sem cumplicidade pode trazer proveitos: o conivente poderá defender-nos com medo de ser comprometido.

435. Tanto as boas como as más ações poderão, de um momento para o outro, ser anuladas ou ter seus valores invertidos.

436. Talvez a melhor lição tenha sido a de que toda a culpa de todos os nossos atos, por menor que seja, cabe sempre a nós mesmos, quando, sem outra razão, pelo fato de não termos sabido compreender os outros.

Janeiro, 5

437. O último livro de Charles Morgan aparecido em português, *A história do Juiz*, embora conserve alguma coisa do valor dos anteriores, não é como *A Fonte e A Viagem* que

tanto me agradaram. Lamentei como termina o romance. Apesar de julgá-lo por demais transparente e flébil em muita coisa, percebi que havia bastante de meus problemas atuais e li com bastante simpatia. Mas eu esperava um final diferente, quando Vivien soubesse o enorme sacrifício do Juiz para salvá-lo. Não houve a mínima reação. Somente isto: "Em poucas palavras lhe relatara as circunstâncias que o tinham reduzido à pobreza".

438. Nenhum comentário sobre o fato. Pela simples razão de que o Juiz sentia-se feliz agora? Quando cheguei às últimas páginas do livro e pressenti que nada mais haveria, cheguei a pensar que na última página aparecesse escrito: Fim do I Volume.

Kleist de um lado, Morgan de outro, creio que aproveitarei a fase para ler as *Confissões*, de Maugham.

Janeiro, 21

439. Acabo de ler *Solness, o Construtor*, de Ibsen. Grandioso, tremendo, impressionante, cheio de angústia e desespero! (O desespero de ser, o desespero por ser o que se é, tudo conforme Kierkegaard).

Janeiro, 23

440. Existem em mim certos impulsos de bondade, intenções de praticar o bem para auxiliar os outros, que me deixam confusos quando os comparo com impulsos opostos de maldade, a quem também sou sujeito. Isso faz sempre com que eu desconfie de minhas boas intenções. Será que a bondade se manifesta a título de remissão, de compensação em relação ao mal cometido? Ou os domínios de ambas as forças (do bem e do mal) são independentes entre si? Não haverá pureza na bondade dos que, também, se vêem atraídos para o mal?

441. É comum julgar que se pratica o bem como penitência, em virtude do arrependimento de que o mal se faz acompanhar. É o que tenho observado por comentários demolidores da bondade alheia. Mas não será assim pelo simples fato de não se poder julgar que o mal foi praticado por arrependimento de se ter sido bom? Na verdade, compreende-se que uma pessoa diga: Sou bom para compensar o mal que já fiz. Mas é absurdo que alguém fale: Sou mau pelo remorso do bem que pratiquei.

442. Uma pessoa poderia dizer: Sou mau porque já pratiquei o bem suficiente para obter perdão. Mas que valor teria esse bem tão inutilmente e traiçoeiramente praticado? Não. Só

vale o caso da bondade que existe em quem pratica o bem, esperando perdão pela penitência.

443.No entanto, ainda fica sem resposta a pergunta inicial: será que não existe bondade natural, pura, sem ser conseqüente do mal praticado? Será que, quando temos em vista praticar o bem, o mal estará agindo por detrás e exigindo reparação? Não é possível. Deve haver a esfera do bem e a esfera do mal, independentes. Assim como há a esfera do bem dependente da esfera do mal.

444.Por que admitir-se tão somente que “existe uma força estranha me chamando para o lado mau”? Temos de admitir a existência de outra força, tão estranha como a outra, que nos induz à pratica do bem. Não sendo assim, como teremos confiança em nós, no nosso imenso sistema de esferas sentimentais que se tocam e se repelem; como conseguiremos tranqüilidade e paz?

445.É perfeitamente ridículo que se diga: sou irresistivelmente atraído para o bem. Em relação ao mal, não há explicação mais amplamente usada. É que a prática do bem produz calma e satisfação, ao passo que o mal vem acompanhado de angústia. Reclama-se para o bem a consciência dos atos dele decorrentes. Há males que se efetuam inconscientemente; haverá bem que também assim se efetue?

446.Ouçamos alguém dizendo estas frases:

- Pratico o bem conscientemente.
- Pratico o mal conscientemente.
- Pratico o bem inconscientemente.
- Pratico o mal inconscientemente.

Qual das frases parece menos lógica? A terceira, pelo que geralmente se admite. Agir bem, inconscientemente, acontece por fatalidade...

447.Não será maldade dizer-se que uma pessoa boa pratica o bem conscientemente e o mal inconscientemente. Deixe-se para a pessoa considerada má tão somente isto: ela pratica o mal conscientemente e o bem inconscientemente. Não será retirar dessa pessoa toda a possibilidade de salvação?

448.Talvez seja mais justo admitir que os maus também podem adotar livremente o bem, desinteressadamente, por amor ao próximo. Mas, como nem sempre agem assim, é natural que, em seu espírito, venha a nascer a dúvida, a desconfiança em si mesmo. Poderá, então, sentir uma espécie de remorso pelo bem praticado, por duvidar se está ou não sendo sincero.

449.É evidente que ele sabe, conhece o bem que pratica intencionalmente. Mas não saberá afirmar quando age com pureza de sentimentos. Confunde-se. Sofre-se. Paga mais uma vez o preço pelo mal cometido. Pois ninguém peca impunemente.

450.Fala-se muito em “luta entre o bem e o mal”. Ora, para que haja luta, é necessário que ambas as forças pressintam a possibilidade de vitória, de auto-suficiência, de viver cada uma por si, sem se escravizar à outra. É claro, pois, que bem e mal têm vida própria e independente. Se lutam, é por necessidade de domínio; lutam por ambição, para se afirmarem.

451.Terá havido alguém totalmente bom, ou totalmente mau? Não o creio. Talvez o bem e o mal existam tão somente em razão de sua luta. O aniquilamento de um será a morte do outro; e o fim de ambos a supressão do homem. Um homem mau, completamente mau, morrerá em virtude de todo o seu mal; o plenamente bom morrerá pela incompreensão dos outros, e mesmo pelo desprezo dos outros. Isso significa que morrerá em virtude de todo o seu bem.

452.Pascal escreveu: “Há vícios que só permanecem em nós em virtude de outros; suprimindo o seu tronco, vão-se os ramos”. Talvez seja lícito dizer: “O Bem e o Mal só permanecem em nós em virtude um do outro; suprimindo um deles, desaparece o outro”.

453.Ele também diz: “Não nos sustentamos na virtude por nossa própria força, mas pelo contrapeso de dois vícios opostos, assim como ficamos de pé entre dois ventos contrários; tirai um desses vícios, e caímos no outro”.

454.Desprezando-se a parte final desse pensamento, talvez não seja desonesto dizer: “Não nos sustentamos na virtude por nossa própria força, mas pelo contrapeso de duas forças opostas (o Bem e o Mal), assim como ficamos de pé entre dois ventos contrários”.

Janeiro, 28

455.Há alguns dias, concluí a leitura dos *Seis Dramas*, de Ibsen, da Editora Globo.

456.Lembro-me de que, em começos de 1947, ao passar por Maceió, na viagem de navio que me levaria a Natal, vi esse livro numa livraria e estive para adquirí-lo mas desisti. Posteriormente, quase o comprei para presentear meu amigo R, mas como percebi que se o comprasse acabaria ficando com

ele, adquirir outro qualquer. Agora, ganhei o livro e, finalmente, entrei em contato com Ibsen.

457. Entre os autores que aumentaram minha curiosidade em torno de Ibsen contam-se: James Joyce, que, conforme seu biógrafo Herbert Gorman, aprendeu dinamarquês para lê-lo no original; Unamuno, que o aproxima de Kierkegaard; e ultimamente, em suas Confissões, W. S. Maugham.

458. Li, inicialmente, o que o tradutor chama de *Alguns Dados Biográficos sobre Ibsen*. Depois, como o estudo de Otto Maria Carpeaux é bastante longo, resolvi iniciar a leitura pelos Dramas. Comecei lendo *O Pato Selvagem*, depois da leitura da introdução do *Conde Prozor*. Para ler as outras peças, abandonei os prefácios e segui a ordem: *O Pato Selvagem*, *Um Inimigo do Povo*, *A Dama do Mar*, *Solness*, *o Construtor*, *Rosmersholm*, e *Quando Despertamos de entre os Mortos*.

460. É claro que não poderei fazer um estudo sobre a obra de Ibsen, mas gostaria de anotar algumas observações que fiz no decorrer da leitura.

Fevereiro, 1º

461. Creio que chegará um ponto em que, à força de iludir e me iludir, não mais saberei quando estou sendo sincero.

Fevereiro, 3

462. E afinal, não mais falei sobre Ibsen. O volume continua sobre a mesa, o papel de anotações dentro dele, mas tem-me faltado esse desejo de parar e pensar demoradamente sobre alguma coisa.

463. E sempre que isso acontece, prefiro gastar todas as minhas forças de noite, para dormir de dia o mais que posso e viver fora da vida, um tanto embriagado. Sei que isso é prejudicial e tão pouco nobre... mas a pressão mental de uma série de problemas que cada vez vêm a solução mais longe, nada apresenta de melhor.

464. A solidão e o silêncio seriam melhores. Mas é tão caro o seu preço!

Fevereiro, 5

465. "La souffrance de l'homme vient de la conscience; son bonheur, de la soumission aveugle à la vie. Gaie pour l'inconscient, la vie dévient tragique pour l'observateur de

soi-même”.

“On n'exagère pas en disant que cette manie de s'observer est diabolique: elle enlaidit la plus belle action et rend suspecte l'impulsion la plus noble”.

Göran Schildt - *Gide et L'Homme*.

“Je ne connais pas un sentiment dont l sincérité ne puisse être mise en doute”.

Gide - citado por Schildt.

Fevereiro, 9

466.É preciso Schopenhauer ter sido muito ferido pelo mundo, objetiva ou subjetivamente, para poder escrever um livro como *Regras de conduta para Bem Viver*.

467.Depois de tudo o que me tem acontecido ultimamente, acho-me em perfeitas condições de compreender, interpretar e aceitar todas essas máximas que tanto diminuem o ser humano. (Talvez não diminuam: apenas colocam-no em seu verdadeiro plano, seguidamente superestimado pela própria vaidade humana).

Em certas partes, a essência desse livro é completamente o inverso da doutrina de Cristo: “Perdoar e esquecer significam atirar pela janela experiências adquiridas a alto preço”.

468.Não considero a obra totalmente pessimista. Possui muito de pessimismo positivo, esse pessimismo que evita desilusões maiores. É como se em todas as páginas estivesse escrito prudência. Schopenhauer demonstra desilusão, desconfiança, mas nem por isso aconselha o ódio. Pelo contrário: “Não conservemos animosidade contra ninguém, tanto quanto possível; contentemo-nos em notar bem os processos de cada um, e lembremo-nos deles, para fixar com isto o valor de cada um pelo menos no que nos diz respeito, e para regular, em consequência, nossa atitude e nossa conduta para com as pessoas”.

469.É preciso ser muito frio, calculador, dissimulado para que se possa “nem amar, nem odiar; nada dizer e nada crer” (as duas metades de toda a sabedoria, segundo o filósofo). Mas foi, evidentemente, por conhecer essa dificuldade que acrescenta: “É verdade que viramos as costas a um mundo que torna necessárias regras como essas”.

470.De tudo o que diz, tira-se a conclusão de que o ideal seria agir sempre pela vontade, perfeitamente consciente; mas ele mesmo reconhece a impossibilidade disso. Basta notar, por exemplo, que, no que citei acima, o filósofo sentiu necessidade de acrescentar: tanto quanto possível: “Não conservemos animosidade contra ninguém, tanto quanto possí-

vel”.

Fevereiro, 14

471. Concluí a leitura da primeira parte de *Os Demônios*, de Dostoiévski, Edições Aguillar. Já havia lido este livro há muito tempo, creio que em 1945 ou 46, na Academia Militar. Agora, posso senti-lo melhor; mesmo assim exige muita concentração, em vista da espessura da trama. Considero ponto alto da primeira parte as palavras de Kirilov sobre suicídio, liberdade e Deus (Cap. III - nº VIII):

“A liberdade absoluta existirá quando der no mesmo viver ou não viver. Essa é toda a finalidade”.

472. Aí Kirilov já expõe quase integralmente seu maior problema interior. “Quem se atreve a matar-se é Deus”. Ou então: “... passo toda a minha vida pensando numa só (coisa). A mim, Deus só me tem atormentado por toda a vida”.

473. De uma beleza patética, as palavras de Maria Lebiadkina, quando fala no filho, ao qual deu à luz “sin haber conocido hombre” (Cap. IV nº V).

474. O último capítulo da I parte parece um ato final de peça teatral. Aí me desagradou um pouco a maneira como, à força de coincidências, o autor reuniu quase a totalidade de personagens. É a maneira particular de Dostoiévski: agrupar toda uma assembléia, como se houvesse necessidade de testemunhas para os fatos que se irão desenrolar; como se tudo devesse ser resolvido, quando, na verdade, muita coisa ainda fica em suspenso, apesar de toda essa assistência que deveria forçar a sinceridade e lealdade de todos, sob pena de serem desmascarados.

475. Nessas cenas, fica patenteada a maneira soberba como Dostoiévski conhece o homem e o que pode exigir dele. É precisamente dessas assembléias que ele tira as reações subsequentes dos personagens, posto que foram forçados a mentir, a enganar, a se humilharem, a revelarem certos sentimentos que prefeririam manter ocultos. Mas o autor obriga certos atores a enormes silêncios. Creio que, no teatro, a direção sofreria muito para mantê-los em cena. Mas não estão ali inutilmente; todos têm um papel importante. Se não pela palavra, pela maneira como reagem a elas e aos fatos (Lisaveta Nikolaievna). Schátov, por exemplo, pouco diz; mas é como se compreendesse tudo. O final do capítulo pertence a ele e a Stavroguim: a ação decisiva de Schátov tem como resultado o estudo da reação de Stavroguim, que se prolonga até o final (nº VIII).

Por que - sendo Nikolai Vsevolódovich um homem que, uma

vez esbofetado, não desafiaria seu contendor mas, em vez disso, matá-lo-ia ali mesmo - por que não reagiu? Dostoiévski encontra, magistralmente, esta imagem para exprimir os sentimentos de Stavroguim naquele momento: "A mi me parece que si hubiera un hombre que, por ejemblo, cõgiese una esfera de hierro al rojo vivo con el fin de probar su entereza y luego, durante diez segundos, aguantase el intolerante dolor y concluyesse por vencerlo, ese hombre habria soportado algo parecido a lo que experimentó en aquellos diez segundos Nikolai Vsevolódovich".

Fevereiro, 20

476.O serviço de Radiodifusão do Ministério da Guerra publicou minha transferência, ontem, para Juiz de Fora, Minas Gerais. Nada sei da cidade, o que me agrada em parte, a não ser que é sede de Região Militar, e mais o que dela diz um dicionário que possui: 150 mil habitantes.

477.Dentro de um mês, mais ou menos, calçarei novamente minhas botas de sete léguas, como dizia Dalton Trevisan, e vou conhecer novas terras.

Fevereiro, 21

478.Concluí hoje a leitura da II Parte de *Os Demônios*, que trata diretamente do lado político do romance, o aspecto em geral mais comentado da obra.

479.Como na I Parte, aqui, também, as cenas finais são apresentadas diante de uma "assembléia geral", e cabe mais uma vez a Stavroguim o papel principal, com a declaração de que Maria Lebiadkina é sua esposa. Em público, negara e em público confessa, redimindo-se, o que já iniciara a fazer quando não reagiu à bofetada de Chátov.

480.Os dois primeiros capítulos dessa parte, intitulados *A Noite*, são geniais, principalmente, quanto aos encontros de Stavroguim e Maria, seguidos dos encontros entre o primeiro e Kirílov e Shátov. Maria, "a louca", diz coisas firmadas num bom senso admirável. E Kirílov continua expondo suas idéias a respeito do suicídio. Quando Stavroguim lhe pergunta se ama a vida, responde que sim, o que surpreende o outro. Kirílov lhe responde: "A vida é uma coisa, e isso é outra. A vida existe, e a morte não existe em absoluto". Depois, diz que tudo é belo. "O homem é infeliz porque não sabe que é feliz". E que tudo está bem: "Está bem para o que sabe que está bem". Kirílov ama a vida, é feliz, é bom e quer morrer.

481.Nesta II Parte, já se revelam, claramente, os caracteres

de todos os personagens principais, pelo estudo que vai sendo feito de cada um em presença dos outros. Mas, coisa estranha, são indivíduos tão complexos, no particular, que dificilmente podem ser previstas as reações que assumirão diante de fatos diferentes.

482. Dostoiévsky movimentava, incrivelmente, os personagens, e descreve cenas aparentemente desnecessárias, pondo à prova os sentimentos dos seres que imagina, ferindo, de todas as formas, o orgulho e o amor próprio de uns para realçar valores negativos do caráter de outros. Parece inútil a visita ao jovem suicida, e ao profeta Semion, mas tudo isso serve para o estudo de Lisaveta, que humilha Mavrikii Nikolayévich, que a ama. Atitude semelhante, ela toma no capítulo final, quando pergunta a Stavroguim, inesperadamente, sobre seu parente Lebiadkim. Pensa humilhar Stavroguim, forçando-o a nova mentira com relação à sua esposa Maria. Mas ele não aceita a provocação, pois despreza o amor de Lisaveta e já tinha a intenção de confessar o casamento com Maria.

483. Um estudo grandioso, também, é o das razões que levaram Stavroguim a casar-se com Lebiadkina, expostas no diálogo com Chátov.

484. Os sentimentos estudados por Dostoiévski, aparentemente contraditórios, me parecem perfeitamente lógicos. Há sempre, em nossos atos, muito de dissimulação dos verdadeiros sentimentos. É o que Mavrikii percebe em Lisa e o revela a Stavroguim, quando lhe vai oferecer Lisa:

- "Por entre el constante odio que le demuestra, sincero y pleno, resplandece a cada instante el amor..., la locura, el más sincero y desmedido amor y... locura. Por el contrario, a través del amor que por mi siente se transluce el odio... más grande".

(É tão grande o amor de Mavrikii por Lisaveta que, na impossibilidade de vê-la feliz com ele, quer vê-la feliz junto a outro a quem ame).

No trecho citado, percebe-se que o amor e o ódio coabitam Lisaveta, em relação aos dois personagens, na referência ao ódio sincero e pleno como no amor sincero e desmedido, como sentimentos indomáveis, sobre os quais não se pode ter domínio.

485. Outras cenas dignas de estudo demorado são, entre outras, a humilhação do professor Stepan Trofinóvich por Várvara Petrónna e a traição de Verkovenski.

486. Para concluir estas notas ligeiras, uma citação do que diz o autor sobre a esmola. Depois de escrever que dar es-

molhas é um prazer altivo e imoral, acrescenta: “A esmola corrompe tanto ao que a dá como ao que a recebe”.

Março, 10

487. Vinha seguindo a leitura de *Os Demônios*, mas a interrompi com o recebimento de um pequeno livro de contos de Aluísio Furtado de Mendonça, chegado de Natal, e prolonguei a interrupção com a leitura de uma peça teatral de Jean Genêt, *Haute Surveillance*. Hoje, retomei *Os Demônios* e concluí a leitura.

488. A terceira parte do *Os Demônios* inicia-se com a descrição do festival beneficente, que ocupa dois grandes capítulos. Assunto meio cansativo, num estilo jornalístico, de reportagem, que desagrada, tornando-se “La parte, mas enojosa de la crônica”, como reconhece o escritor (pág. 1322, 1ª Coluna). Mesmo assim, aparecem dois fatos importantes, apenas citados, que avivam o interesse em torno dos capítulos subsequentes: a fuga de Lisaveta com Stavroguim e o assassinio de Lebiadkin e Maria, cujos detalhes só mais tarde serão dados a conhecer.

489. Outro fato que me desagradou foi a maneira de conduzir a história, o romance, isto é, um personagem que, afinal, não toma parte ativa na trama, ser o encarregado de narrar os fatos. Na primeira parte, ele aparece em cena, mas, aos poucos, vai perdendo essa característica participativa e passa a ser, no fim, um mero narrador. O pior é que conhece certos detalhes de cenas que não podem ter sido fixados por depoimentos alheios. Isso cria, às vezes, um clima ligeiramente falso.

Março, 10

490. Esta terceira parte, a última e na qual onde tudo deve ser resolvido, possui cenas das mais importantes e grandiosas de toda a obra de Dostoiévski.

491. Aparecem personagens que foram apenas citadas no decorrer do romance e que surgem para iluminar novas facetas dessas criaturas atormentadas que povoam o livro, para mostrar do que são capazes. É o caso de Maria Ignátievna na convivência com Schátov, e da vendedora de bíblias que acompanhará os últimos dias de Stepan Trofimovich. A presença de Maria, o nascimento da criança, a reconciliação com Schátov, tudo isso cria um novo interesse por esse personagem e seu destino. Assim, sua partida para a morte, quando alguns personagens já reconhecem o desnecessário do sacrifício em virtude do novo de sua vida, faz nascer em nós

a esperança e o desejo de que não seja assassinado. Mas Verkovenski, o pior e mais autêntico demônio do livro e que, por isso mesmo, continua solto pelo mundo, este é implacável e não volta atrás em sua decisão.

492. Cenas grandiosas são as que decorrem da entrevista entre Verkovenski e Kirilov, precedendo o suicídio do último. Primeiro, o diálogo maravilhoso, depois a conclusão com o medo de Verkovenski de ser enganado e assassinado. Mas Kirilov quer praticar seu ato de liberdade inteiramente só e livre de qualquer pressão; por isso espera que o outro se afaste, força mesmo o outro a afastar-se e são páginas tão densas e perfeitas que nos absorvem completamente. Kirilov é um doente de Deus. Nas entrevistas anteriores, ele sempre aborda este tema. Aqui, ele o expõe completamente. “Dios es imprescindible, y por eso tiene que existir”. - “Pero yo sé que no hay Dios ni puede haberlo”. - “Sy no comprendes que un hombre que tiene dos ideas semejantes no puede seguir viviendo?”. Vai além: “El hombre solo inventó a Dios para vivir sin suicidarse”. E pouco depois, a interpretação que dá à morte de Cristo (1395, col. 2), segundo à qual ele “morreu por uma mentira”. Nessa mesma interpretação percebe-se o alto valor que Kirilov - ou Dostoiévski - concede ao Cristo: “... aquel hombre estaba por encima de toda la Tierra, constituía todo lo que merece la pena de vivir por ello. Todo el planeta, con todo lo que contiene, sin ese hombre... una locura”. Antes (p. 1166, col. 1), Schátov repete a Stavroguin o que já havia dito uma vez: “Pero no me decia usted que si matemáticamente le demostrassen que la verdad existía fuera de Cristo, preferiría quedarse con Cristo a irse con la verdad?”

493. Quase todos os personagens de Dostoiévski têm a consciência de seus crimes e do mal que sua existência pode acarretar aos outros. São seres atormentados e perseguidos pelo mal. Stavroguin confessa a Dária Pavlovna, em carta, que é “capaz de querer fazer algo bom e sentir prazer nisso; mas também deseja o mal e também nele sente satisfação” (1430, col. 2). Eles têm um sentimento de culpa e procuram de alguma forma a pureza de consciência, como os personagens de Ibsen. Stavroguin, por exemplo, não quer ser perdoado por Lisaveta, e esta diz a Mavrikii: “no me perdone; estoy deshonrada!” Kirilov suicida-se, em parte, por reconhecer-se um canalha, como diz à pág. 1394, col. 2. Kirilov, suicidando-se, demonstrou generosidade, escreve Stavroguin (1431, col. 1). E, por fim, qual o motivo essencial do suicídio de Stavroguin, senão o seu sentimento de culpa? - culpa perante Deus e seus semelhantes. Antes de encerrar estas notas sobre *Os Demônios*, quero referir a maneira carinhosa como Dostoiévski fala de Erkel, um dos revolucionários. É

uma nota que dá uma tremenda realidade à novela. Como se fosse uma pessoa que realmente existiu - talvez um dos “revolucionários” do tempo em que o autor foi preso.

494. Diz, por exemplo, desse tenente, que “era muy guapito y parecia inteligente”; que tinha sua mãe doente a quem remetia metade do seu soldo. E acrescenta essas palavras tão ternas: “... y como seguramente besaria ella aquella pobre cabeza rubia, cómo temblaria por ella, como por ella rezaria! Me extiendo tanto acerca de él porque me daba mucha lástima”(III, cap. IV, pág. 1348).

495. Mais tarde, volta a falar nele, quando do julgamento. Diz que, dificilmente, poderá ser atenuada sua falta mas que, não obstante, até nos juizes mais severos despertava simpatia... “Por su juventud, su desamparo, la prueba palmária de que no es más que la fanática victima de um seductor político”. Fala novamente sobre a mãe, a quem Erkel manda metade de seu escasso soldo, e que agora vive implorando a clemência dos juízes. As últimas palavras sobre o tenente: “No sé que será, pero a Erkel son muchos los que entre nosotros lo compadecen”.

Março, 20

496. Tenho andado perfeitamente atarantado com a preparação da viagem. Espero poder, mais tarde, descrever detalhadamente todos “estes dias tumultuosos”.

Abril, 2

497. A duras provas me tem sujeitado o destino, nos dias que passam. Muitas vezes, penso que o homem não pode resistir a todos esses embates sem que fique profundamente marcado; e espero mesmo que assim seja, pois todas as preocupações, a luta constante contra as adversidades, seriam perfeitamente inúteis se não deixassem uma grande marca servindo de ensino e lembrança para os dias futuros.

498. Continuo em Porto Alegre. No entanto, já era para eu estar muito longe, e desejo seguir o mais breve possível deste cenário para ver se consigo tranqüilizar meu espírito, dar nova orientação à minha vida, espalhar nova espécie de raízes, ser mais prudente e menos apaixonado, mais razoável, menos ousado e temerário para com o absurdo.

499. Nunca compreendi ou aceitei melhor a existência de um estranho poder superior como agora, quando minhas menores e mais insignificantes intenções são anuladas. Gostaria de expor as causas de toda essa angústia, de todas as preocu-

pações atuais; de justificar as próprias palavras que escrevo, - mas sei perfeitamente que somente quem efetivamente sente as dificuldades, quem luta contra elas é que pode compreender o seu alcance.

500.No entanto, desde outubro venho lutando em todos os setores, empenhando o melhor de minha lucidez e inteligência para sobreviver. E se eu fosse só, tudo estaria bastante simplificado, mas há outros que dependem de mim, e eu mesmo tenho que dar satisfações às diversas correntes que se formam e se debatem dentro de mim.

501.Com a minha transferência, nasceram problemas tão grandes que ainda não puderam ser selecionados e solucionados .

502.Se fossem todos de ordem material, nada significariam; mas o sentimento envolve a todos eles, e até que se consigam afastar as complicadas camadas de sentido sentimental para se atingir o ponto material da questão, muito sangue se perde, e muito tecido se inflama.

503.Parece uma coisa simples: levar Ruth comigo e deixar Celeste com as crianças em Porto Alegre. Mas por que levar uma e deixar os outros, para onde levar uma e como deixar os outros? E o conflito que nasce dessas soluções?

504.Vejo como parece, até certo, ponto ridículo dizer tanta coisa por uma situação tão facilmente exposta. Por outro lado, não estou suficientemente calmo para fazer uma “exposição de motivos”. Creio que tudo é por demais recente, principalmente o que se tem passado nestas duas últimas semanas, para que possa ser convenientemente exposto. Quando se processa uma tempestade, não se pode comentá-la com clareza e perfeição, enquanto se agiganta: pode-se, tão somente, anotar as fases, os principais fatos, para depois, com calma e reflexão, estudá-los detalhadamente, fazendo uma recomposição. É o que devo fazer.

505.Posso, no entanto, e desde já, dizer que nunca meu amor próprio e orgulho, minha inteligência e crença em mim e nos outros, foram tão rudemente sacrificados, humilhados. Mas - e ai reside minha maior e mais cara esperança - espero vencer tudo isto e me fortalecer com a luta, sem me desprezar nem me deixar abater. E ia a vida ativa pela sobrevivência de minha personalidade tal qual é. Somos o que somos e não o que desejamos ser. Ou então, e também: “Sabemos o que somos, mas não sabemos o que podemos ser”.

Juiz de Fora, MG

Abril, 16

506. Embarquei em Porto Alegre, sábado, dia 5, com Ruth, por avião. Estive no Rio até segunda-feira, quando vim para meu novo destino.

507. Cheguei cerca das 18 horas do dia 14. Chovia e anoitecia. Não é agradável chegar-se a lugar algum, e principalmente a uma cidade desconhecida, de noite... e com chuva. Um carro levou-me a uma pensão que me foi recomendada. Não havia lugar. Voltando ao automóvel, percebi que o motorista havia descarregado a bagagem que teve de ser repostada na mala do carro. Pedi, então, que me levasse a um hotel do centro e levou-me ao São Luiz, na rua Halfeld.

508. Se me refiro a esses mínimos detalhes é para chegar a um ponto particularmente interessante: ao descer do auto em frente ao hotel, notei sobre o banco traseiro, na parte superior do encosto, um vidro de loção que me pertencia.

- Parece o meu vidro de loção - disse eu.

- Não, já estava aí antes do senhor chegar - falou o motorista, e continuou a retirar a bagagem.

509. Examinei melhor o vidro, com o olhar, e certifiquei-me de que não podia deixar de ser o meu. Por certo, ele o retirara da maleta, que não tem chave, em frente à pensão, enquanto eu falava com a proprietária.

- Tem que ser a minha loção - falei novamente mas sem convicção.

- Não é, foi alguém que esqueceu aí. Tem também um maço de papel que não sei de quem é.

- Mas o carro não é seu? Como é que não sabe de quem é o que existe dentro dele?

- O carro é meu, sim.

- Quanto é que lhe devo?

- Paguei o que pedi e entrei para o hotel sem ter feito absolutamente nada contra o roubo, e sem ver o número do carro (coisa que pensei fazer).

510. No quarto, abri rapidamente a valise e verifiquei, com certa alegria, que não tirara meu relógio despertador, nem nada mais de valor que lá havia. Repeti várias vezes em voz alta: "Mas que coisa absurda!" - e foi só. Depois, então, meio envergonhado, como se todos soubessem e fossem me chamar de "trouxa", recordei toda a rapidez da cena sob a chuva e o alvoroço da chegada, imaginei diálogos, discussões, polícia, etc. e fui jantar conformado com tudo. (Devo dizer que várias vezes têm-me acontecido fatos dessa natureza, em que prefiro ser prejudicado a tomar uma atitude enérgica que es-

taria, não obstante, plenamente justificada).

511. A chuva parou depois do jantar e saí para ver a cidade. Muita gente na rua principal, cinemas, bares, letreiros luminosos, enfim, tudo o que caracteriza uma cidade. Depois, um parque-jardim, cujo particular, bem interessante, são os sapos construindo um edifício invisível dentro das águas.

512. Aos poucos, foi-me dominando uma terrível sensação de isolamento e solidão. Resolvi tomar um bonde para reconhecer o quartel-general e meu novo quartel. Mas não quis perguntar a ninguém qual bonde me levaria até lá. E o que tomei levou-me na direção certa. Era um carro pequeno e velho, como os de Natal, com outra característica: sanefas horizontais para os passageiros do estribo não se molharem com a chuva.

513. Custava-me muito chegar ao quartel, mas, de repente, vi qualquer coisa à esquerda, mal iluminada, que deveria ser. Desci e me aproximei. Minha desolação aumentou pelo aspecto lúgubre, pela escuridão, e voltei tão entristecido ao hotel que me parecia não suportar por muito tempo sem uma crise de pranto. Pensei em Porto Alegre e desejei estar lá no meu apartamento, com meus irmãos. Talvez a maior angústia tenha nascido desta pergunta: - Afinal, que vim fazer aqui? Até quando viverei assim, de um lado para outro? E por que tudo isto?

514. Dia 15, vi Juiz de Fora com a luz do sol. É mais agradável, tem mais vida, mais calor, mais amizade. Cumpri minhas formalidades militares e, de tarde, procurei um quarto para morar. Fiquei com o primeiro que visitei: Rua Fonseca Hermes, 144 (o estranho é que me parece deveria ser Hermes da Fonseca), porque o casal, de Porto Alegre, fez tudo para que eu ficasse. De noite, visitei um oficial com quem servi em Caxias do Sul, e esse contato com sua família me fez muito bem.

515. Hoje, 16 de abril, instalei-me no quarto 212, e é aqui que escrevo.

516. Na parede, a Madalena de El Greco, no guarda-roupa enorme, vindo da Alemanha, alguns de meus livros: obras completas de Dostoiévski, Shakespeare e Cervantes, as do segundo, especialmente caras por terem sido dedicadas a mim por meus alunos, na despedida, com dedicatória e assinaturas de todos. Os outros ainda encaixotados - mas a certeza de que não se extraviaram!

517. Um pouco de tranqüilidade. Mas é ainda tudo tão vago.

E sobretudo, um sentimento tão grande de insegurança... de desolação. Esse pouco de tranqüilidade dilui-se completamente em certos momentos e, então, esse “desespero calmo” que tão bem conheço, apodera-se de mim, me sacode de um lado para o outro em busca de uma esperança qualquer e me deixa completamente aterrado e desiludido.

Abril, 18

518. Leio Jean Barois e Roger Martin du Gard trouxe-me vários sentimentos que já me pertenceram. Com algumas modificações, encontro várias e grandes semelhanças entre Jean et moi. Deveria haver livros que trouxessem solução para nossas vidas. Mas é que não somos iguais! Nunca somos iguais! Com que orgulho deve ter escrito Jean Barois: “Como, entretanto, não me seria possível modificar o espírito de meu ensino, e como faço questão essencial de apresentar-me ante meus alunos tal qual sou, como um homem livre que se dirige a inteligências livres, não vejo outra solução senão a de apresentar-lhe minha demissão”.

519. Depois, creio que com temor, li estas linhas: “Deveria mesmo ter compreendido, há mais tempo, que não estava no meu lugar neste colégio de padres, e retirar-me espontaneamente. Lamento ter-me deixado cegar por tanto tempo”.

520. Mas li apenas a primeira parte do livro. Vejamos qual o destino dessa consciência.

Abril, 21

521. Ontem de tarde, ao escrever para minha irmã Ruth, formulei uma imagem que talvez indique, precisamente, o doloroso de uma angústia. É que, há poucos dias, uma desesperante aflição me dominou, ao perceber que nenhuma cidade me atrai suficientemente para aí residir. Por outro lado, não é que isto signifique que me contento com a mudança contínua de residência. Ao contrário, isso me desgosta, e principalmente quando significa afastamento dos meus. Então, fiquei reduzido a uma situação verdadeiramente impossível: nem ficar, nem partir! Aliás, meus últimos dias de Porto Alegre foram uma espécie de materialização dessa impossibilidade: enquanto fatos inadiáveis me forçavam a permanecer, outros, irremediáveis, me obrigavam a embarcar.

522. Então, a imagem: uma ave de pernas dilaceradas durante o vôo, e a angústia de não saber como pousar, ou onde. Ou, menos lírico: um homem acorrentado a uma bela coluna que se desmorona sobre si e o soterra, sem que tenha

podido usar de suas faculdades para fugir.

523. Mas, percebo agora, são imagens de natureza diversa, que se não podem confundir. A primeira é uma imagem pura de angústia verdadeira: um ser mais ou menos inconsciente, solto no espaço dirigindo-se por si só para a morte e o aniquilamento. A outra exprime a impossibilidade de ação de um ser consciente, dirigido para a morte, e desprovido de liberdade.

524. Eis duas atitudes bem verdadeiras. A segunda é, apesar de tudo, mais cômoda, pois exclui a luta ativa. Ou, por isso mesmo, será mais dolorosa? Ao homem negaram o direito de se debater, de se defender; à ave concederam a possibilidade de procurar um pouso, enquanto se aniquilam suas forças. De qualquer forma, duas ilusões. Atitudes verdadeiras, porém negativas.

Abril, 22

525. No livro de Martin du Gard, a personalidade de Marc-Elie Luce supera a de Jean Barois. É bem mais nobre (ou orgulhoso?) que Barois. Diz, por exemplo: - "Você não faz justiça à sua vida, Barois; e isso não é direito. Você procurou; achou parcelas de verdade; divulgou-as generosamente; contribuiu para estripar certos erros e para preservar algumas certezas que vacilassem; defendeu a justiça com fervor comunicativo".

526. E ante o desânimo e descrença de Barois:

- "Esses homens, - a quem devemos tudo o que nos foi possível fazer, - devem ter tido esse mesmo desespero, devem ter imaginado que seu esforço era inútil... Basta, para ter feito uma boa obra, ter-se dado, humanamente, durante toda a vida".

Ao padre Lewis que, apesar de si mesmo, assistiu à conversão de Barois e concorreu de certa forma para isso, ele resume o sentido de sua existência:

"Minha esperança, essa não exige, como a sua, a abdicação da razão: pelo contrário, minha razão ampara-a. Ela me prova que nossa vida não é um movimento sem sentido, nem uma simples oportunidade para sofrer, nem uma correria em busca da felicidade individual; prova-me que meus atos colaboram no grande esforço universal e faz-me descobrir, por toda a parte, motivos para esperar! Vejo, por toda a parte, a vida nascer da morte, a energia nascer da dor, a ciência nascer do erro, a harmonia nascer da desordem... E, em mim mesmo, essas evoluções produzem-se todos os dias".

527. E completa esse depoimento com o que diz sobre sua

morte: “É o último ato que me falta realizar, para ter feito o que devia”. Uma tão forte convicção nos pode “consolar de todas as coisas ruins que encontramos pelo caminho”, mas é tão difícil aceitarmos que nossa vida, em resumo, nada mais é do que a colaboração com o grande esforço universal!

Abril, 24

528. Tenho me sentido calmo, tranqüilo, e mais ou menos à vontade. Creio que o principal responsável por esse estado de espírito foi uma carta recebida de Celeste, anteontem: receber uma carta sempre me foi um consolo por esta vida afora, mesmo não sendo uma carta alegre, mas pelo fato de terem pensado em mim durante aquele tempo e, de certa forma, haviam recorrido a mim. Vaidade, sim, mas também a sensação de não se estar só e abandonado.

529. O que me desgosta e pinga de negro a solidão é, sem dúvida, a profissão. Um desejo, mais uma vez repetido, de evadir-se, de enfrentar a realidade cá de fora. Mas, talvez, fosse um motivo de eterno arrependimento. Não obstante, no Rio, talvez fosse possível. Trata-se, afinal, de uma luta de consciência tão constante e intensa que eu não tenho o direito de prolongar.

530. Vejamos o dia de hoje: não fiz absolutamente nada de útil para mim, ou para quem quer que seja. Fui ao quartel e voltei dele com o desejo de permanecer em meu quarto, lendo ou escrevendo. E lá nada tive a fazer que me ocupasse o tempo. Em consequência, o tédio passou comigo o dia inteiro pelo velho quartel do 12º R. I. e esperei impacientemente a hora de vir embora. E o pior é que há o que fazer. A função que me deram, exclusivamente técnica, e por isso mesmo avessa à minha maneira de ser, mas para a qual eu deveria estar apto em virtude de um curso de especialização que mal tirei em Porto Alegre, essa função exige dedicação e um esforço que não desejo despendar, um pouco por ter de estudar muito e pôr em dia meus conhecimentos, e outro tanto porque creio que em poucos dias minha situação militar se modificará. Mas, caso isso não se dê, terei de enfrentar o problema, ou ver meu amor próprio ferido. Essas pequenas coisas ativam minhas lutas interiores.

Abril, 30

531. Ruth passou o fim de semana comigo. Fomos a um baile, dançamos, fomos ao Parque Mariano Procópio e Museu, um museu bem dotado, num castelo onde se hospedou D. Pedro II com a família imperial. Estivemos no Parque Re-

dentor, com o Cristo, de onde se vê a cidade quase toda.

532. Resolvi enfrentar a parte técnica de minha função e descobri que, no fim de contas, não é tão difícil e que ainda sei bastante coisa.

Fui promovido a Capitão. Vou tentar uma transferência para o Rio.

Maio, 14

533. Estive em Barbacena e no Rio. Ruth esteve novamente aqui.

534. Em Barbacena, vi uma igreja em estilo barroco, de 1815: Igreja da Boa Morte. Uma beleza! Aquele azul esmaecido, contrastando com o pardo das pedras das guarnições. Um pequeno detalhe: o buraco da fechadura com cerca de sete centímetros. Duas belas torres cilíndricas, apontando o caminho do céu.

535. Lá vi, também, a Escola de Aeronáutica, que visitei detidamente, e uma praça com um monumento às datas nacionais. Os meses são escritos assim: 7bro, 8bro, 9bro, 10bro. É uma bela coluna jônica de cerca de dez metros, encimada por uma esfera de vidro com aros de ferro. Exótico.

536. No Rio fui ao ballet, que há muito tempo não via. Voltou um pouco aquele encantamento que experimentei em tempos passados, na década de 40, quando conheci o Municipal por dentro, em companhia de Sansão Castelo Branco. Houve um momento de Sífides, em que senti tal elevação de espírito como não sentia há bastante tempo. Depois, fui apresentado a alguns intelectuais que falaram em ler e publicar minhas coisas. Voltou toda aquela sensação de 1946-48 e fiquei de remeter alguma coisa. Na viagem de volta, ainda pensei nisso, mas aqui nada procurei para mandar.

537. No entanto, pensara em escrever um conto que há alguns dias vem-me perseguindo.

Junho, 13

538. Fiz manobras, transferi residência, fui ao Rio. No entanto, quase nada a dizer.

539. Arrumei meus livros numa boa estante feita pelo cabo carpinteiro Regimento, mas o que me veio foi o arrependimento de haver tanta coisa comigo; por ficar uma mala cheia com os quadros, os arquivos (por que essa ânsia de carregar toda a minha história comigo?). Necessidade de fixação, de

morar definitivamente em algum lugar, onde pudesse estabelecer uma ordem nas coisas. Embora eu partisse por tempos, levaria a certeza de que aquela terra, aquele quarto estava esperando sempre por mim.

540. É uma velha sensação que toma forma em nova imagem encontrada: ser uma vela inutilmente acesa num quarto sem ninguém.

Junho, 20

541. Quase diariamente a impressão, a semi-ilusão de que amanhã haverá algo diferente que tudo modificará. No entanto, dia pós dia, a monotonia de sempre, com os mesmos horários e os mesmos acontecimentos.

542. Anteontem, recomecei a tradução de *La Porte Etroite*, de Gide, com um plano na cabeça. Mas ontem, nada fiz e talvez nada mais faça. Preciso estudar e fazer um concurso para o magistério militar.

543. Para que este diário se justifique, terei de escrever uma dúzia de livros.

Junho, 25

544. Tenho prosseguido com a tradução.

Junho, 26

545. Traduzi cerca de 36 páginas em 8 dias (os capítulos III e IV). Concorreu para isto eu estar sem dinheiro. Senti relativamente poucas dificuldades. Mas há expressões e palavras que não posso traduzir corretamente por falta de um bom dicionário.

546. Como é belo este capítulo quarto! De uma técnica perfeita, para não falar, por exemplo, na extrema sensibilidade.

Julho, 8

547. Ontem de noite, estive doente. Uma coisa ligeira, certa indisposição do estômago. Mas como estou praticamente só, sem os carinhos e cuidados de Celeste, fiquei bastante abatido, deitei-me cedo e, como é natural, pensei que talvez não me acordasse mais, pois imaginei tratar-se de uma complicada congestão alimentar. Até aí, nada de mais. No entanto, quando me surpreendi, pensando na morte, surpreendi-me também, por não perceber sentimento algum de tristeza por essa partida definitiva. Agora penso: será que foi pelo ab-

surdo da idéia ou porque morreram todos os meus interesses pela vida? Fiquei, então, imensamente triste por não estar triste.

Julho, 28

548.Minha vida nunca esteve tão descontrolada como agora. Não me sobra um centavo! Não tenho reserva alguma, não posso fazer roupas, comprar nada, ir ao dentista, e se continuar assim não poderei gozar férias no final do ano, a não ser que faça como no ano passado: o absurdo de um empréstimo de dez mil, dos quais sete mil para gastar, simplesmente.

549.Este mês pouco sobrou para minhas despesas mensais, pois tive, além do normal, um compromisso de mais mil e quinhentos cruzeiros (recebi 5.524,50). Tive, então, a idéia de calcular quanto gasto em cigarros. Cr\$429,00! Pois fumo três carteiras por dia. Resolvi parar por alguns dias, a fim de ver se consigo diminuir a dose.

550.Sobre cigarros, em geral há muito o que contar: as diversas predileções, a beleza das carteiras, um sem número de assuntos. Quanto a mim, uma noite encontrei um colega e fomos beber e fumar até de madrugada. Em dado momento, ele me disse:

- Você não é sincero, Laus.

- ?

- Nem quando fuma, você é sincero. Você não fuma por prazer, fuma por fumar.

551.Não sei até que ponto me havia observado para querer generalizar a questão da sinceridade. Mas seu exemplo foi muito bem escolhido. Fumo sujeito a um automatismo completo: acontece, às vezes, que, ainda, há um cigarro aceso no cinzeiro e acendo outro.

552.O fato de fumar três carteiras nasceu muito simplesmente de uma pergunta e uma resposta. Foi no ano passado, quando eu fumava apenas uma. E pensava que fosse um recorde. Perguntei a um colega quanto fumava.

- Três carteiras, respondeu.

553.Hoje também fumo essas três e sinto um ridículo prazer em dizer isso aos outros.

554.Outra grande fonte de minhas despesas é o álcool. Pelo menos aos sábados, gosto de ficar bebendo até tarde com alguns companheiros.

555. Também no caso da bebida, não vejo limites. Enquanto suporto, bebo. E sinto-me bastante feliz, com um humor bastante apurado, minha conversação adquire mais brilho e graça: gosto imensamente de verificar que estou divertindo os amigos e, conseqüentemente, me divertindo.

556. O pior é que, a partir de determinado momento, esqueço completamente minhas dificuldades financeiras, faço pedidos extravagantes e minha prodigalidade chega ao ponto de, algumas vezes, fazer questão absoluta de pagar a conta geral, e achar ridículo quem quer pagar sua parte.

557. Nessas noites, bebo demasiado e, então, correm os comentários a meu respeito: que fiz isso e aquilo, que disse tal coisa etc. Pois bem, sei que exageram quando me reduzem a um alcoolismo inveterado: mas sinto um estranho prazer por ser alvo de comentários. Talvez, se não houvesse quem comentasse, eu nem bebesse. Afinal, não deixa de ser, também, dissimulação.

558. No meio de tudo isso, uma satisfação: não tenho dívidas.

Agosto, 4

559. Un homme dit: "La beauté c'est l'équilibre".

Un autre: "La beauté c'est le malin".

Force que je comprends: Le malin c'est l'équilibre.

- Oui, pour la mathématique, je crois que vous avez du raison.

Mais la morale a peu de choses em commun avec les números, les égalités et ce théorème là.

Agosto, 13

560. Sim, penso nela várias vezes. Não tem uma forma completamente definida, pois é mais um desejo do que uma pessoa. Não obstante, concretiza-se, algumas vezes, num belo sorriso, numa palavra suave, uma simples palavra dita de um modo especial. Também se manifesta no brilho dos olhos: ou dois diamantes negros, ou duas esmeraldas, duas safiras. Quando negros ou verdes, pela malícia e inteligência; se azuis, pela pureza e transparência.

561. Talvez não tenha existido nem venha a existir; talvez deva ser procurada para sempre, como a Dulcinéia de *Don Quixote* (não como liberdade ou glória, mas como mulher, simplesmente).

562. Outras vezes, considero-a perdida para sempre. Então, é que mais gosto da poesia de Pablo Neruda, e como ele

tento me iludir:

“Ya no la quiero, es cierto, pero tal vez la quiero”.

Agosto, 19

563. Estive no Rio e assisti à *Jezabel*, de Anouille, por Henriette Morineau e seus artistas. Peça de grande intensidade dramática, correndo sempre o risco de cair no dramalhão, do que está livre pelo desempenho equilibrado do elenco.

564. A peça tem, por assim dizer, dois “clímax”: um no primeiro ato e outro no terceiro. Durante o segundo, a peça decai um pouco, mas o grande diálogo em que a mãe confessa seu crime, é um dos pontos altos de toda a tragédia, pela maneira como é dirigida a inquirição pelo filho. Tive a oportunidade de ver representada em minha frente uma situação muito comum em nossa vida: a cena em que, depois de um diálogo extremamente tocante e dramático, em que mãe e filho estão entregues ao maior desespero, chega a criada, falando sobre os cogumelos - e essa coisa simples, concreta, vulgar, força a que toda a tensão seja brutalmente dissipada por uma exigência banal do cotidiano. Na peça, ainda, os cogumelos têm um grande “papel”; mas na realidade, muitas vezes esses fatos não têm importância: é uma visita que chega, o telefone que toca...

Agosto, 22

565. A manhã me apazigua; a tarde me entedia; e a noite... me excita.

Agosto, 31

566. Noticiário de jornal:

Um garoto de Belo Horizonte foge de casa para acompanhar o circo de anões. Aqui em Juiz de Fora, a polícia o prende e destrói seu primeiro sonho: o ato de liberdade.

Quantas vezes não desejamos fugir com um circo que passa!

567. Mais tarde, nossos sonhos tomam formas diferentes, pensamos em ser nômades de outra maneira, talvez com a inquietação dos personagens de Herman Hesse ou John dos Passos.

568. Um dos maiores exemplos de libertação talvez seja o de Paul Gauguin. Conheço pouco sobre sua vida; pouco mais do que os verbetes de dicionários. E o livro de W. S. Maugham, no que tiver de autêntico. No entanto, sempre senti uma estranha atração por essa existência tão rica, con-

siderada em si, por suas afirmações e, ao mesmo tempo, tão triste, quando trazida para o plano convencional do cotidiano.

569. *Um Gosto e seis Vinténs* é um livro que atrai grandemente. Muito mais pela história, pelo tema, do que pela realização do autor. Mesmo assim, a figura de Charles Strickland é bem traçada, e apesar do caráter egocêntrico desse personagem, o autor - pela demonstração da ironia e do cinismo do pintor - consegue dar a seu livro momentos de bastante grandeza, pondo em evidência sua filosofia pessoal. Mas a descrição da arte do pintor é bastante falsa e vazia: parece querer valorizar aos olhos dos outros uma coisa em que ele próprio não acredita.

570. Nesse livro, há outra figura de bastante interesse: a do pintor comerciante Dirk Strove, de profundo senso crítico, que acredita Strickland um gênio, sacrifica-se e humilha-se perante ele... As reações de Blanche, sua esposa, são apresentadas segundo a psicologia de Dostoiévski, quando o autor faz Strickland dizer palavras como estas:

- Acredita que Blanche algum dia lhe perdoará o que ele (Dirk) fez por ela?

- A mulher sempre perdoa o mal que o homem lhe faz, mas nunca os sacrifícios que ele se impõe em seu benefício.

Setembro, 1º-

571. Talvez ninguém tenha o direito de publicar um Diário antes de haver escrito e dado à leitura alguma outra espécie de livro; ou vivido de uma maneira notória que abra a curiosidade em torno de si. Comigo... nem uma coisa nem outra. No entanto, quisera excitar algum sentimento em quem me lesse esta obra. Qualquer sentimento, mesmo a irritação, conquanto que não fosse a indiferença.

Setembro, 3

572. Desde 1950, tenho comigo um livro de Hermann Hesse intitulado *Narcisse et Goldmund*. Adquiri-o sob a recomendação de Herbert Carc, grande conhecedor da literatura alemã, que sempre me indicou bons livros (ele era funcionário da Livraria Americana, em Porto Alegre), mas me disse um dia que *Le Mécréant de Soana*, de Gerhart Hauptmann, era superior a *Thafs*, de Anatole France.

573. Cheguei a iniciar a leitura de *Narciso e Goldmund* mas, por algum motivo que não mais recorro, fechei-o e só agora o leio inteiramente.

574. Não são todos os autores que mantêm entre seus livros tantos pontos de contato como Hermann Hesse. Em todos, o mesmo desejo desesperado de fixar sua personalidade por seu próprio valor, atendo-se, no entanto, a um princípio superior que ele nunca despreza, mas que não tem o sentido comumente atribuído a Deus. É mais uma procura de afirmação dele. Sempre uma profunda tristeza em face da vida, apesar de toda vontade de viver; um desespero, uma aflição imensa, uma busca incessante de experiências que lhe justifiquem a existência e lhe mostrem o caminho verdadeiro.

575. Em *Narciso e Goldmund*, apreciamos o desenvolvimento progressivo e integral de uma personalidade. Por assim dizer, Narciso é o espírito e Goldmund, o corpo de um mesmo ser. Um cultiva e aperfeiçoa o espírito; o outro, entrega-se aos desejos dos sentidos, procurando, ambos, a tranquilidade e a paz. Goldmund é um “être sans foyer” que, quando estacionado por algum tempo, admira-se de não haver partido há muito tempo, indiferente ao dinheiro, à propriedade, pródigo e sensualmente extravagante, “partout désiré des femmes et comblé par elles”. Mas, apesar disso, sentindo, muitas vezes, a inutilidade da vida que leva. É então que procura a Arte, como meio de prolongar sua existência, eternizá-la, se possível:

“Il se disait que lui - même, comme tous les hommes, s'écoulait, se transformait sans cesse pour se dissoudre enfin, tandis que son image crée par l'artiste resterait immuablement la même et pour toujours”.

Narciso é uma espécie de mentor de Goldmund. Enquanto para si vê como finalidade “colocar-se onde melhor possa servir, onde sua natureza, suas qualidades, seus dons encontrarão o melhor caminho, o mais vasto campo de ação”, para Goldmund - descobrindo nele um artista, um ser completamente diferente de si, que no dia em que se encontrar vai sobrepujá-lo - vê um destino cujo quinhão é a força do amor, a capacidade de viver as coisas intensamente, a plenitude da vida, o belo país da Arte, para quem brilham as estrelas e a lua. Narciso diz sempre a palavra que orienta e conduz Goldmund; Narciso criou Goldmund, fazendo-o viver uma existência atraente mas perigosa. E mais tarde, na solidão do convento, ele inveja Goldmund e justifica a vida levada por ele:

“Talvez fosse mais difícil, mais valioso e mais nobre percorrer as florestas e as estradas com sapatos rotos, sofrer o sol, a chuva e a miséria, divertir-se com os prazeres dos sentidos e pagá-los, em seguida, com dores”.

576. Os livros de Hesse estão repletos de um profundo sentimento de religiosidade: um pouco como se a infância do autor tivesse sido extremamente religiosa e pelo resto da vida

procurasse libertar-se disso, ou dar-lhe um sentido novo, sem se perder. Há sempre a procura de uma finalidade, da justificação de todos os absurdos que encontra no mundo, e das maldades que praticam seus personagens.

Em *Demian*, lê-se:

“La vie d’un buveur et d’un libertin est sans doute plus vivante que celle d’un bourgeois irréprochable. Et puis - j’ai lu cela quelque part la vie d’un débauché est la meilleure préparation à la vie d’un mystique”.

Em *Narciso e Goldmund*:

“Em todo caso, Goldmund lhe mostrara que um homem chamado a altos destinos podia mergulhar bastante na embriaguês e na confusão sanguinolenta da vida e cobrir-se de uma camada de pó e de sangue, sem, no entanto, tornar-se mesquinho e vulgar, sem matar em si o senso de divino, que podia errar em trevas profundas sem que se extinguísse, no santuário de sua alma, a luz divina e a força criadora”.

577. Ou então, mais incisivamente:

“Ne sais-tu pas que l’une des voies les plus courtes que mènent à la sainteté, c’est la vie débauchée”.

578. Há muita beleza e poesia em *Narciso e Goldmund*. Não fosse assim o livro, dadas as constantes aventuras amorosas e a maneira como são apresentadas, cairia no imoral, talvez mesmo no vulgar. Mas uma página salva a outra. Também, o autor faz mais poesia que romance, pois há fatos um tanto irrealis e absurdos. Um exemplo: dadas as circunstâncias, a série de coincidências que cercam o primeiro encontro amoroso - com Lise - fez-me parecer que se tratasse de um sonho. E por muitas páginas, julguei que se fosse acordar e achar-se novamente no convento. Também a facilidade das conquistas é um tanto chocante (o caso de Lene chega a ser infantil). Mas tudo isso pode ser levado para o lado da adolescência do personagem, de seu estado de semiconsciência e espanto em face da vida, tendente a dar a tudo um cunho de irrealidade e surpresa. Efetivamente, os fatos do romance que se vão situando para o final, revelam mais maturidade no personagem. Mesmo assim, Goldmund conserva sempre uma espécie de sentimento de que está vivendo fora do tempo, e desilude-se profundamente ao perceber que já não mais atrai as mulheres.

579. Já na parte final do romance (p. 256), Goldmund pensa que “o tempo era chegado de fazer obra que fique, de criar alguma coisa que permaneça e lhe sobreviva”. Narciso pretendeu permanecer pela vida; o outro, pela obra. O primeiro escolheu “uma vida melhor fundada na razão, na moral, mais estável, mais ordenada, mais digna de ser dada como exemplo”. Goldmund, lutando sempre por se definir, conclui que

“toda a vida não teria um sentido, senão quando se conseguisse combinar ambas as existências (a dos sentidos e a da renúncia), quando não fosse dividida por esse dilema: criar sem pagar esta criação ao preço de sua vida!”

Goldmund aproxima-se tanto mais da filosofia de Unamuno como dela se afasta Narciso.

Setembro, 4

580.Felizmente, a vida apresenta incidentes que, de tão absurdos, resultam cômicos.

581.Hoje, por exemplo: o Regimento em forma para uma solenidade simples de comemoração à Semana da Pátria. Ao microfone, fala um tenente sobre a data. Concluída a oração, outra voz se faz ouvir, dizendo que a banda executará o Hino da Independência. Ao som do hino, os militares vão-se deixando tomar pelo sentimento de patriotismo, músculos tensos, o corpo inteiro vibrando sob o comando marcial dessa música. Terminando o hino, a banda rompe inesperadamente com o dissonante Mambo Jambo!

582.O Coronel sobe os degraus e desaparece. A música persiste. Aos poucos, a tropa, a começar pelos oficiais, inicia um sorriso irônico que se transforma em riso, e a hilaridade é geral. Um Regimento em forma para ouvir o Mambo Jambo!

583.Dissolvida a formatura, surgem comentários, revolta de uns, humorísticos de outros e irônicos. Quem é o responsável? - Pois no Exército é necessário encontrar-se sempre um responsável por tudo. Apareceu o nome de um major que dera ordem ao mestre da banda para que, depois da cerimônia, tocasse música popular para os soldados. O mestre, fiel cumpridor de seus deveres, cumpriu a ordem imediatamente.

584.Encerra-se a discussão com a observação mordaz de um capitão:

- Conclusão: o mestre é comunista.

Setembro, 5

585.Há certos livros que, de tanto falar ou ler sobre eles, chego a ter a impressão de que já os li. Nessa categoria, encontra-se *Almas Mortas*, de Gogol.

586.Agora que o li, vejo que desconhecia até o jogo de palavras encerrado no título. Por ele, eu imaginava uma tragédia, uma tragédia real em tons sombrios, tristes; em vez dis-

so, é uma tragédia irônica em que o sofrimento e a miséria de um povo são apresentados em semi-tons de mofa, irreverência e humor sofrido. E, coisa estranha, agora que terminei a primeira parte, a qual li quase de uma só sentada, senti, repentinamente, desinteresse pelos dois fragmentos salvos do fogo!

587. A narração da primeira parte é de uma espontaneidade espantosa. As palavras não são “pedras no caminho” do leitor. Ao contrário: é como se estivesse planando no espaço, sem solavancos nem sobressaltos. O autor tem um tremendo poder de descrever ambientes e personagens, encontrando imagens e comparações de uma propriedade única, e muitas vezes de uma comicidade a toda prova. A única coisa que choca é a repetição demasiada de Deus sabe de qual..., Deus sabe como... Deus sabe de onde...

588. Em determinado ponto, lembrei-me de Cervantes: foi quando Gogol inseriu a absurda história de Kopeikine - na verdade de dimensões bastante inferiores à do *Curioso Impertinente*, em D. Quixote. Mas, embora destinado a reforçar a imbecilidade dos personagens, irrita pela quase total inutilidade da intromissão. O autor, conhecendo os sentimentos do leitor, faz, logo a seguir, uma observação que tudo salva, demonstrando ter havido realmente a intenção de assim proceder: “Certos leitores acharão, sem dúvida, estas conversas inverossímeis. Para lhes ser agradável, o autor será da mesma opinião”.

589. Pliushkine, que a muitas pessoas pode parecer um personagem irreal e completamente absurdo pelo evidente exagero dos traços (“a ponta do queixo sobressaía desmesuradamente, a ponto de ter que cobri-la com o lenço para não cuspir sobre ela”), lembrou-me uma viúva italiana e rica de Tijucas, minha terra natal. Como ele, Dona Chiquinha tinha a mesma mania de colecionar tudo o que fosse velho e julgado imprestável para os outros. Ela reunia tudo num grande depósito, situado na base de sua majestosa residência, que, muitas vezes, olhei através da porta gradeada dando para a rua. Creio que nessas pessoas pode ser encontrada uma ponta de solidariedade: compram dos pobres, por um preço irrisório, é verdade, tudo o que também para o comprador é perfeitamente inútil.

590. Sobre a viúva italiana, conta-se em minha terra uma anedota bem interessante. Saía todas as noites de carro (um carro de molas puxado a dois cavalos), para dar uma volta pela rua esburacada da cidade. Certa vez, em que estava com visitas em casa, cercada de familiares, chega o boleeiro e convida:

- Dona Chiquinha, vamos fazer o que fazemos todas as noites?

Mas estou aqui é para falar em *Almas Mortas*.

591. Talvez tenha sido em Nozdriov que Dostoiévski encontrou a eloquência e a tagarelice de alguns de seus personagens. Também outra reação típica de Dostoiévski - a de seus personagens sentirem um prazer doentio em humilhar-se em presença de quem os ofendeu - aparece em Gogol, quando se refere a Nozdriov:

“E o mais estranho - o que não é possível senão na Rússia - é que, em seguida, como se nada houvesse acontecido, tornava a reunir-se aos amigos que o haviam surrado”.

Setembro, 11

592. Quando li *D. Quixote* em 1949, pensei em teatralizar a *Novela do Curioso Impertinente*. Creio que, dependendo da maneira como o tema fosse explorado, daria uma ótima peça. Mas há diversas dificuldades e dúvidas. O desejo me voltou agora. Reli a novela com atenção e vejo possibilidades de tentar esse trabalho, nem que seja só para treinamento, uma vez que não poderei fazer uma peça digna do autor.

593. São poucos os personagens (Anselmo, Lotário, Camila e Leonela, os principais, mais os criados, um desconhecido...), e a trama é bem interessante, mas, conservá-la na íntegra é dar uma forma clássica ao drama, coisa de que não me julgo capaz; e para modernizá-la talvez perca o valor.

594. O que mais me atrai é o caráter de Anselmo, o marido curioso. Dada sua grande amizade por Lotário, talvez fosse possível encontrar-se uma justificação para seu desejo absurdo. É um anormal e, como todos, põe em jogo sua honra e sua vida por um capricho imbecil e desprovido de bom senso: casado e feliz, resolve pôr sua esposa à prova e para isso lança mão de seu amigo, que acaba apaixonando-se por ela. Esse capricho teve como resultado a infelicidade dos três.

Dizem que Deus nos cerca de dificuldades para ver como as vencemos e se somos dignos de escolha para Seu reino. Anselmo quis fazer o mesmo com a esposa e acabou perdendo-a.

595. Os matizes psicológicos da questão poderiam ser explorados de forma a que se desse uma segunda e mais profunda interpretação ao problema. Mas tenho medo que seja preciso lançar mão, em grande escala, do monólogo, o que não é muito próprio.

596. Penso que poderia fazer uma boa obra. Mas seria necessário muito silêncio, solidão, calma e tempo. São fatores tão difíceis de se conseguir, morando como moro (numa república com outros oficiais) e vivendo (dispersivamente) como vivo!

(*La Novela del Curioso Impertinente* - Miguel de Cervantes - *Don Quijote de La Mancha*, Cap. XXXIII, XXXIV e XXXV, pág. 1172 a 1195 - Obras Completas, Ediciones Aguilar - Madrid).

Setembro, 12

597. Para comentar-se um livro, talvez seja necessário, pelo menos, escrever dois. Depois, fazer uma fogueira e queimar ambos, porque, no fim de contas, o que fica é a obra do autor comentado.

598. Gide foi um grande crítico literário, a par de ser um grande escritor e, por isso, muitas vezes ele próprio analisa e emite julgamentos sobre sua obra, quando, no decorrer de seus livros, faz apreciações sobre os atos e as palavras de seus personagens. É o caso, por exemplo, de *Os Subterrâneos do Vaticano*, que li hoje, inteiro, em edição Vecchi, tradução de Miroel Silveira.

599. Terminada a leitura, procurei o livro de Göran Schildt, *Gide et L'Homme*, e vi que estudou, a partir da p. 57 (Ed. Mercure de France), o mesmo que eu pretendia anotar, isto é, o crime de Lafcádio, indiscutivelmente, a figura mais impressionante da farsa. Todos os demais existem para tornar possível sua existência. Todos têm ligação direta ou indireta com ele, concorrendo, de uma maneira ou de outra, para possibilitar seus atos. O personagem mais desligado, ou menos ligado a ele é Anthime Armand-Dubois; no entanto, por sua formação psicológica, prepara o aparecimento de Lafcádio.

600. Em *O Imoralista*, Gide expõe os fatos sem os julgar, como diz na introdução. Aqui ele pretende justificar ou, pelo menos, explicar a atitude do herói. Antes do crime, Julius, o irmão, fala com Fleurissoire, ou antes, fala consigo próprio em presença deste - já que despreza sua opinião e irrita-se com suas interrupções - fala com ele sobre o mal gratuito. Lafcádio comete essa espécie de mal. Depois, ambos o discutem e Julius, que, por assim dizer, induziu o outro à prática, conclui por "desrespeito e blasfêmia" o ato consumado.

601. O autor, de um senso psicológico brilhante, alerta a todas as reações do leitor, sabe, de um modo magistral, prepa-

rar-nos para tudo. Indiscutivelmente chocante o crime de Lafcádio, principalmente por se conhecer a vítima, com toda a sua ingenuidade ridícula e de quem se tem, por entre o riso que em nós desperta, piedade. Pois Gide não mais o abandona, nem a nós, e nos mostra que o criminoso não tem em si uma consciência morta: as cenas finais, de uma beleza tão grandiosa, são provas disso. E se o autor, na última linha ainda não definiu o destino final de seu personagem, é que ele, como nós, também tem dúvidas. E deixa a página em branco para que o próprio Lafcádio se decida; o Lafcádio que existe em cada um dos leitores.

602. Não se precisa perguntar por muito tempo quem seja Lafcádio. Ele mesmo diz de si, não sem vaidade: “sou um ser de inconseqüência”. E mais tarde, Protos, que lhe ensinara “que o importante, neste mundo, é não aparentar o que se é realmente”, traça-lhe um retrato bastante próprio: “Como dizia, um adolescente quis escapar desses quadros sociais que nos aprisionam; um adolescente simpático; e bem como eu gosto deles: ingênuo, e, tomando, graciosamente, resoluções súbitas; porque ele não fez aquilo, presumo, por grande cálculo... Lembro-me, Cádio, como, antigamente, você era contador de números... mas, para as suas próprias despesas, você não se consentia nunca em contar... O que admira a mim, é que, inteligente como você é, Cádio, pensasse que podia simplesmente sair duma sociedade sem cair logo em outra; ou que uma sociedade possa deixar de ter leis”.

603. É maravilhosa a técnica de André Gide. Como todos os incidentes vão-se lenta e precisamente justificando! O que, de início, parece uma série de fatos independentes, vai-se transformando na trama macia e suave de um tecido habilmente trançado. O que, a princípio, pode parecer uma coincidência irritantemente inútil, é a origem de uma cena fundamental: como o conhecimento entre Lafcádio e Geneviève.

604. Outra coisa espantosa é a versatilidade de Gide. De obra para obra, algo de novo e inédito é encontrado por ele. Não resta dúvida de que, por certas tonalidades sentimentais e pelo dilema “ser sincero ou ser mortal”, seus livros conservam uma harmonia sensível; mas esse dilema, a liberdade, a verdade, a sinceridade, o sentimento religioso, tudo isso ele experimenta nos mais diferentes caminhos.

Setembro, 14

605. “Quando o que é falso toma o lugar do verdadeiro, é preciso que o verdadeiro se dissimule”.
Mas não se pode fingir por muito tempo.

Setembro, 26

606. Por esses dias passados, tenho lido e estive no Rio. Li um livro de Eropkine, outro de Saint-Exupéry e um de Jacob Wassermann. O primeiro, *A Vida de um Revolucionário*, de grande valor como documentário; o *Piloto da Guerra* que, não sei por que, foi traduzido do inglês por Monteiro Lobato, é, talvez, o mais belo livro que tenho lido. A infância como purificação, a desolação da morte, a esperança, a valorização da vida ativa, tudo isso cheio da melhor poesia, simples, de uma beleza comovente.

607. O livro de Wassermann foi o mais pobre dos três. Infelizmente, não tenho nenhuma fonte para situar a obra, isto é, não sei a que fase pertence, mas não pode ser da melhor: dir-se-ia um livro de estréia. Assim me pareceu *Golovin*, com sua trama frouxa, personagens aparecendo quase desnecessariamente e vivendo num ambiente de revolução fracamente apresentado. O livro justifica-se pelo encontro de Maria (essa mulher que exerce um poder meio messiânico de resolver os mais difíceis problemas, embora não convencendo o leitor) com *Golovin*, o marinheiro intelectual. Mas isso acontece quase no fim do volume, quando poderia começar a nos interessar.

608. Além de tudo, o tradutor conseguiu um português irritante, com a supressão dos se e dos que, dando um sabor azedo de inglês traduzido ao pé da letra.

Para tirar essa impressão, preciso ler Gaspar Hauser, que tenho guardado desde dezembro.

Setembro, 28

609. Uma nota do Jornal de Letras fez-me voltar a Ibsen. Seria realmente uma boa oportunidade para fazer uma experiência. Mas conheço tão pouco sua obra! Apenas os *Seis Dramas* que a Globo publicou, e procurei nas livrarias daqui sem nada encontrar. Pesquisei as ligações com Joyce e Unamuno e já reli *O Inimigo do Povo* e *O Pato Selvagem*, tomando notas para um possível trabalho.

610. Ambos os dramas têm como idéia central a luta pela verdade. No primeiro, o sacrifício da segurança própria e da família para impedir que a mentira se estabeleça: é a luta contra a mentira. Em *O Pato Selvagem*, a mesma idéia apresenta-se de maneira diversa: é a luta pela verdade, contra uma mentira já implantada. Se, em *O Inimigo do Povo*, o Dr. Stockmann age por si próprio e contra si mesmo, no segundo drama é Gregers quem se debate pela pureza de consci-

ência, mas a mentira não atinge diretamente a si mas a seu amigo Hjalmar. Nos dois dramas, o pensamento central de que a tranquilidade não pode ter como base a mentira. É a luta da verdade contra o cotidiano; a pureza de consciência acima do convencional, da moral aceita. Não o conformismo mas a luta, o sofrimento da existência; não a paz sob condições, mas a dignidade nascente do que é sincero, justo e verdadeiro.

Setembro, 29

611. Os dramas de Ibsen desenrolam-se numa atmosfera de tremenda luta de consciência. Rosmersholm é um claro exemplo desse conflito sempre presente em sua obra. Eis o ponto principal de contato com Unamuno: a angústia perante a falsidade da vida, a presença da dúvida e o tormento vital que ela encerra.

612. Começando o conflito pela procura da pureza de consciência, estende-se depois à busca da finalidade na vida, que é mais uma vez uma questão de consciência, mas, já, agora, dirigida para os outros: a purificação dos demais, como uma obrigação, pagamento da dívida contraída por sua própria existência, a maneira de justificá-la.

613. Em *O Inimigo do Povo*, é a questão da segurança pública, dirigida, portanto, para o físico, um problema sanitário; em Rosmersholm é o espírito que se visa, “fazer os outros confessar os erros, despertar a vergonha e o arrependimento em seus corações”, levando “um pouco de luz para esse abismo de trevas e de maldade”. Junto a essa nobre ambição, o peso de uma consciência culpada que faz Rosmer convencer-se de que esse objetivo não poderá ser alcançado por si - “é inacessível, porque não pode haver triunfo numa obra cujas raízes mergulham no crime”.

614. Tanto Rosmer como o Dr. Stockmann, como Gregers, são possuídos de uma “febre de justiça aguda”, mas a figura mais trágica é a do primeiro porque, descobrindo pelo trabalho constante de sua pesquisa que se encontra em erro, vê-se, de repente, impossibilitado de agir, porquanto não é puro o suficiente para redimir os outros. Se se considerava puro para levar a efeito essa conquista, vê-se na iminência de ter sua vida espoliada pelo juízo alheio; e ele mesmo começa a duvidar de si, quando percebe não ser apenas amizade o que o liga a Rebecca, e desde o início...

615. *O Inimigo do Povo* leva sua luta até o fim, vendo-se despojado de tudo. O ex-pastor de Rosmersholm, por sofrer o choque de sua própria culpa, admite que seus amigos lhe

“demonstraram claramente que a missão de enobrecer espíritos não lhe convinha absolutamente”, que tudo “era apenas um sonho esboçado, uma inspiração inviável, na qual nem ele mesmo crê”, porque “os homens não se deixam enobrecer por uma influência exterior”. É preciso que cada um sofra a sua própria angústia, e por esse caminho da luta para o conhecimento da verdade se purifique e encontre a felicidade que, no entanto, não se conhece sem “o sentimento doce, alegre, confiante de uma consciência pura”.

616. Os dramas de Ibsen entrelaçam-se não somente pelas idéias centrais dos conflitos nascentes da consciência culpada, da busca da finalidade e justificação da existência, da procura da consciência pura pela implantação da verdade e da justiça, pelos ideais de liberdade e felicidade, mas também pela apresentação de situações análogas nas diferentes peças, permitindo o desenvolvimento gradual do problema em questão e suas conseqüências. Assim, por exemplo, em *O Pato Selvagem*, a mãe de Gregers foi “conduzida ao seu miserável fim” pela intromissão de Gina, a criada, em sua casa, e pelas desconfianças que essa presença despertou na mente da esposa, com quem, segundo Werle, não se pode raciocinar por ser doente e exaltada”. Em *Rosmersholm*, a esposa, também “doente, atormentada e exaltada”, suicidou-se pelo mesmo motivo do aparecimento de uma intrusa, a Srta. West, que passa a interessar Rosmer pelo que há de identidade de sentimentos religiosos entre ambos, pela dúvida e incerteza cujo combate se feriu no fundo da consciência do ex-pastor. Outro ponto comum é o apelo idêntico que Hjalmar e Rosmer fazem para que a pessoa amada dê uma prova definitiva de seu amor. Hjalmar duvida de que sua “filha” lhe dedique amor e, ao rir sarcasticamente ante a pergunta que faz (“Hedvig, queres dar a tua vida por mim?”), ouve o tiro como resposta. Rosmer, também, obtém a prova insensata, quando pergunta se Rebecca “quereria tomar o caminho que Felícia tomou”. Mas os incidentes, aparentemente idênticos, revestem-se de características totalmente diversas. Em *O Pato Selvagem*, a prova tem por finalidade redimir o pecado da mãe e completar a redenção, afastando a mentira; em *Rosmersholm*, é a expiação da própria falta, por parte de Rebecca. Ela declara isso e Rosmer, por compartilhar da culpa, também se entrega à prova por ele sugerida.

617. Ibsen não precisa de uma variedade imensa de incidentes para caracterizar melhor e mais diferentemente seus “habitantes”: um leve toque em seu caleidoscópio e já os vidrilhos e as contas coloridas acomodam-se num novo e maravilhoso conflito.

Setembro, 30

618. A obra dramática de Ibsen, como a de Shakespeare, admite o estudo sob tantos pontos de vista e por tão múltiplos aspectos que, numa análise de pequenas dimensões, dificilmente se poderá fazer justiça a seu valor. Ao mesmo tempo, dada a beleza de suas criações, o entrosamento das idéias fundamentais e a importância dos problemas estudados, não nos sentimos capazes de nos fixar sobre determinado ponto, abandonando outros que o autor, talvez, tivera em grande conta.

619. A serenidade de pesquisa crítica que precisamos manter durante o estudo de determinada obra é destruída com a leitura de Ibsen quando, repentinamente, as palavras de um personagem nos levam a apreciar o caminho imprevisto de novo labirinto.

620. Assim, aos poucos, vamos-nos convencendo, como Rilke, de que “nada há mais difícil de exprimir do que as obras de arte, - seres vivos e secretos cuja vida imortal acompanha a nossa vida efêmera”.

Outubro, 1º

621. Lendo mais detidamente a nota do jornal, percebi que nada se especifica para me haver feito julgar que se tratava de coisa unicamente para autores novos. E meu entusiasmo arrefeceu. Mesmo assim, ainda li *A Dama do Mar* que, aliás, não me fez voltar o interesse pela experiência. Não obstante, tomei algumas notas:

622. Esse drama, embora diverso dos outros já focalizados, guarda muitos pontos de contato com eles, Retornam situações semelhantes, se bem que de modo diferente - assim como certas frases musicais que se diluem e se agigantam no decorrer dos movimentos sinfônicos. Ellida é, também, uma intrusa, mas agora convive com os que assim a consideram, no que difere essencialmente de Gina e Rebecca. Se estas duas foram intrusas para a esposa, Ellida o é para as filhas, pela saudade que sentem da morta. Mas o problema fundamental não é o de Ellida sentir-se roubando a paz do lar: o que a domina é a lembrança do marinheiro, de quem nunca se pôde emancipar. É uma doente, sentindo a consciência culpada sem que o seja, um caso de psicanálise cuja origem, conforme vai revelando aos poucos, firma-se no fato de não ter tido liberdade para escolher o seu caminho. Só se liberta desse complexo, quando o Dr. Wangel lhe concede, pelo amor que lhe dedica, a liberdade de partir com o estrangeiro, ou de permanecer junto a si. Mais uma vez, é

exigida uma prova definitiva de amor. Dada essa prova, tudo se esclarece e volta a paz.

623. Ao par do drama entre Ellida e o doutor, desenrola-se outro que tem um sentido mais ou menos inverso: Bolette e Arnholm. Enquanto Ellida lamenta a “transação “feita com Wangel, Bolette, sem amor por Arnholm, assenta com ele outra “transação” para sentir-se livre. Diz ela: “O Mundo se abrirá para mim! Não terei mais a preocupação de amanhã ...” O Dr. Wangel ofereceu à dama do mar uma espécie de partilha de seus bens, que ela aceita por estar “só, sem recursos, sem amparo”. No entanto, dada a maneira como decorreram os fatos, não se sentia amada inteiramente, pensando que fora procurada, apenas como mulher. Bolette, ao contrário, embora aceitando a oferta de conforto e segurança, leva a certeza de ser amada, pois Arnholm faz sentir que, se não puderam viver como esposos, ele será para ela “um amigo dedicado e fiel”. *A Dama do Mar* é perpassado por um clima sobrenatural que, no entanto, vai-se dissolvendo aos poucos, quando a trama se esclarece. O sobrenatural, então, localiza-se somente na imaginação de Ellida, que se revela uma doente do espírito. Em *Rosmersholm*, a presença do sobrenatural também se manifesta, pela constante alusão aos “cavalos brancos”, essa espécie de fantasma, símbolo da desgraça, constante lembrança do passado culposos. Ibsen costuma lançar mão de um símbolo, material ou não, e o traz sempre ligado ao principal móvel da ação. Em *O Pato Selvagem*, a presença dessa ave, por ter vindo da casa de Werle, é como a representação de si mesmo; um símbolo presente do crime passado, Hjalmar, o enganado, detesta sua presença; e Gregers, o filho que sabe de todo o problema, julga que o desaparecimento da ave será a redenção. Os cavalos brancos de Rosmersholm estão ligados à sorte da esposa morta. O cavalo branco aparece para demonstrar que “os mortos não se esquecem facilmente de Rosmersholm”. Assim, as visões cruéis que Rosmer percebe não mais se separarão dele, surgindo repentinamente para recordar-lhe a morta; são também um pouco os cavalos brancos do antigo e tradicional solar. Em *A Dama do Mar* o símbolo é o mar, diretamente ligado ao estrangeiro, ao amor do passado. Uma obsessão de Ellida, pelo mar ela “noite e dia, verão e inverno, sente, sofre, a vertiginosa nostalgia”; pois, com o outro amor, sempre falava sobre ele e nele haviam sido lançados os dois anéis com compromisso de que eles próprios se encontrariam lá dentro. Aqui, o símbolo toma a beleza a que se presta, como motivo poético. Pelo mar, Ellida sente vertigem, fascinação; como fascinação e vertigem, sente com o convite de partir com o estrangeiro. Tanto Ellida como Wangel compreendem o horrível como sendo algo que “amedronta e atrai”. Ellida sente-se atraída pelo desconhecido,

apesar de todo o medo que ele lhe inspira. Wangel, ao reconhecer que a esposa o amedronta e o atrai ao mesmo tempo, não se julga capaz de deixá-la partir porque nela “é a atração que domina... dentro do medo que inspira”. Também Rosmer, ao pôr à prova o amor de Rebecca, e no meio de suas lutas, exclama: “há nisso um horror fascinante!...” Ellida é também um habitante desesperado de Ibsen. Não a domina o desespero religioso que faz Rosmer debater-se “na dúvida e na incerteza”, mas suas dúvidas e incertezas são tao intensas que lhe abalam a existência. Kierkegaard escreveu que “devemos despedaçar o eu para nos tornarmos nós próprios”. Essa criação de Ibsen, na iminência de se despedaçar, implora: “salve-me de mim mesma”.

624.O drama termina com a afirmação da coexistência da liberdade e responsabilidade, como condição à aclimação do homem no meio em que se encontra deslocado.

Noite de 1º

625.Creio que, se estudarmos os mais representativos personagens de Ibsen, - e isso significa estudar a maioria, pois cada um encerra uma ou várias parcelas da consciência em luta - chegaremos à conclusão de que “nem um só existe que esteja isento do desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o que de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si próprio”- como diz Kierkegaard, a respeito de todos os homens.

Ainda que Ibsen tenha escrito a um amigo, dizendo que “pouco leu Kierkegaard e ainda menos o compreendeu”, não impede isso que demonstre, em suas obras, imensas concordâncias com o pensamento do filósofo. Afinal, a angústia expressa por Kierkegaard é uma angústia universal, que encontra eco profundo na conformação espiritual de um espanhol, Unamuno, que segundo seu crítico Agustín Esclasans, teve em Ibsen e Kierkegaard os impulsionadores de sua maturidade definitiva.

626.Tristão de Athayde, numa conferência feita em Paris sobre a filosofia existencial, admite três correntes para essa filosofia: na primeira, a religiosa, inclui Kierkegaard e Unamuno, sendo as duas outras a corrente atéia e a literária. Ibsen pode fazer parte da corrente literária, lítero-religiosa, pois seus habitantes percebem que “o real é o contraditório; a vida é uma força cega que nos conduz ao nada; que o homem não pode vencer o mundo; pois que o mundo brinca com ele”. Daí o conflito que manifestam seus personagens, o “desespero ante o profundamente absurdo da vitória do

mal, do sofrimento, da injustiça, da miséria”, a luta pela pureza da consciência numa existência cuja finalidade deve ser encontrada. Todas essas considerações me vêm, quando termino de ler *Solness, o Construtor*, drama que desde a primeira leitura muito me impressionou.

627. Nele, volta o sentimento religioso de Rosmersholm, se bem que não expresso tão diretamente. E esse sentimento vem relacionado a outro símbolo, as torres das igrejas. É nelas que Solness encontra a imagem de Deus e se revolta contra ela, porque se julga prejudicado por ela. Solness confessa ter desejado o incêndio da propriedade que matou seus filhos e destruiu a vida de Aline, sua esposa, cuja vocação era “construir almas de crianças fortes, nobres e belas, que pudessem tornar-se almas de homens retos e elevados”. E sente-se culpado por esse desejo que, uma vez realizado, trar-lhe-ia a sorte, o sucesso, como efetivamente lhe trouxe. Revolta-se, então, contra Deus por haver-lhe concedido a glória por um preço tão caro, unicamente para o “desprender de qualquer outro interesse... o amor e a felicidade, para passar a vida construindo-lhe igrejas”, uma vez que, liberto de tudo isso, poderia tornar-se um verdadeiro mestre. E logo, em território de Hilda Wangel, a mesma Hilda Wangel de *A Dama do Mar*, fere mais profundamente sua consciência com o repto a Deus:

“Ouve-me, Todo-Poderoso! Daqui por diante, quero ser senhor do meu domínio, como Tu és do Teu. Não Te construirei mais igrejas: Construirei somente habitações para os homens”.

628. Mas de nada adiantou essa revolta: nada conseguiu construir com ela senão lares onde os homens não encontravam a felicidade. E sua consciência ameaça, aos poucos, vir cobrar seu preço, e vem justamente na pessoa de Hilda, justamente do lugar onde mais profundamente a ferira. Com sua chegada, consente em entregar seu domínio à “mocidade”, e espera “construir um edifício para nele instalar a felicidade humana”. Promete, aliado com Hilda, edificar essa obra, e imagina-se falando com Deus no alto de uma torre:

“Ouve-me, Senhor Todo Poderoso, e julga-me como Te aprouver. Mas daqui por diante, só construirei uma coisa... a mais doce que há no mundo... E quero construí-la em companhia de uma princesa a quem amo. Agora, dir-lhe-ei ainda - eu a tomarei em meus braços e a cobrirei de beijos...”

629. No entanto, não poderia levar a efeito sua obra sem essa “princesa” e ela ameaça partir, debatendo-se entre viver ou renunciar à vida, “só porque no nosso caminho há uma pessoa a quem conhecemos”. Assim, pois, Solness, que temia a explicação, sofre pela última vez a “vertigem das alturas”.

630. Em *O Inimigo do Povo*, a luta pela pureza de consciência leva o Dr. Stockmann ao sacrifício de seu conforto e segurança. Gregers, de *O pato Selvagem*, por sua “febre de justiça aguda” sacrifica o fruto da união pecaminosa. Rosmer, na iminência de perder aquela que “não está sob o domínio de uma alucinação que mostra a vida de uma modo falso”, sacrifica-se junto com ela. *Solness, o construtor*, desprovido de uma “consciência robusta”, expiou essa deficiência pela morte.

Esse drama não contém, naturalmente, apenas o conflito de Solness. A senhora Solness, Kaia, Ragnar, o velho Kunt e Hilda também mantêm os seus.

631. A inclusão de Hilda nesta peça é um traço fundamentalmente característico do entrelaçamento dos dramas de Ibsen. Como se, por não havê-la apresentado inteiramente em *A Dama do Mar*, quisesse reparar a falta cometida contra esse habitante. Ela assume o caráter de intrusa, começando a despertar ciúmes em Aline. Mas seu destino é outro. Assemelha-se ao “estrangeiro” de *A Dama do Mar*, que veio procurar o “infiel” que lhe prometera um reino. Aqui, dada a estrutura da trama, ela não volta só, como voltou o estrangeiro por ser outra sua exigência, mas consegue despertar Solness, ou melhor, auxiliá-lo em seu desejo de reparação.

Outubro, 2

632. James Joyce, que, no dizer de seu biógrafo Herbert Gorman tinha em Ibsen um ídolo, ao fazer um estudo aos dezoito anos sobre o último drama do autor norueguês, *Quando Morremos Despertos* (ou, na edição brasileira, *Quando Despertamos de entre os Mortos*), escreveu:

“O interesse das obras de Ibsen não depende da ação ou dos sucessos.

633. Nem mesmo os personagens, por perfeitamente delineados que estejam, são o mais importante dessas obras. O drama desnudo - seja o conhecimento de uma grande verdade ou a descoberta de um grande problema ou conflito, que é quase sempre independente dos atores que nele intervêm e que foi e é de importância transcendental - assegura, principalmente, nossa atenção. Ibsen tomou vidas comuns, em sua intransigente verdade, como base de suas últimas obras. Abandonou o verso e nunca tratou de embelezar seu trabalho com os estilos convencionais; e, mesmo quando seu tema dramático chega à culminância, não trata de lhe ajuntar extravagâncias.

634. Talvez mesmo, para nenhum outro drama de Ibsen se

apliquem melhor estas palavras do que para *Quando Despertamos dentre os Mortos*, em que o autor abandona quase completamente a trama comum, por assim dizer necessária para que possa ser real, e adota personagens unicamente simbólicos, para melhor expressar as idéias que pretende explorar. É o drama em que seus entes vivem mais em êxtase, envoltos por uma névoa originada na frustração de sua existência.

635.O que dá um cunho de realidade à história é a presença dos hóspedes, do inspetor de banhos, do criado Lars, mas só aparecem no primeiro ato, e Lars passa a ser apenas uma roupa ou um móvel que se usa, para desaparecer completamente no terceiro ato. As outras figuras são todas mais sombras do que substância, mais aspirações do que realizações, muito mais espírito do que carne. A começar pela Diaconisa, para concluir por Ulpheim que, se aparece como um ser vulgar e grosseiro é porque tem algo para esconder sob essa forma: a traição que receberá de quem havia “erguido o mais delicadamente e o mais alto que pôde”.

636.Em todos os dramas de Ibsen, creio que o conflito supremo é pôr de acordo a vida material com a vida espiritual. Uma sempre tem que ser destruída para que a outra subsista. E essa idéia é quase sempre posta em cena sob a forma do matrimônio. A intrusa apresenta essa significação. Em *Rosmerholm*, o aparecimento de Rebecca vem despertar o espírito de Rosmer, nascendo o conflito com a “esposa real” que, sentindo-se prejudicada, suicida-se. Ao compreender isso, Rosmer suicida-se também, por verificar que, também, perderá Rebecca, já que a coexistência com ela é impossível. O mesmo com Solness e Hilda Wangel; e ainda o mesmo com Rubek e Irene, que representa a vida ideal, a glória, a realização dos sonhos mais cuidados, impedidos pela presença constante de Maja.

637.Como a esposa verdadeira sempre se interpõe, falha a “convivência a três” perseguida em algumas obras de Ibsen. Rubek diz que “precisaria viver com uma criatura que... vamos dizer... se somasse a mim... me completasse... não fizesse mais do que um, comigo, em todos os atos de minha vida”. Mas sua esposa Maja “não foi feita para as grandes ascensões” a que tencionava aventurar-se. Por isso, escolhe “esse caminho que pode conduzir à morte”, como o conduz. Em *Solness, o construtor*, Hilda veio do lugar onde o construtor ferira sua consciência mais intimamente. No lugar onde encontrou a esposa, tendo “meios para comprá-la e abrir-lhe acesso a todos os seus tesouros”, nesse mesmo lugar é que reencontrou a estrangeira. E admite que o motivo da viagem foi “aquela senhora pálida”. Mas essa mesma senhora tam-

bém tem uma sombra a acompanhá-la, a dominar seus passos - a Diaconisa - e para fugirem de suas sombras só há o caminho de "viver a vida até o fundo, no esplendor luminoso dos cimos, onde poderão celebrar a festa nupcial!"

638. Creio que aqui terminam minhas notas sobre Ibsen. Uma vez ordenadas, o mais possível, não creio que percam a impressão de desordem e de coisa incompleta. No entanto, sinto-me satisfeito pela persistência com que persegui o objetivo. Provei a mim mesmo que a profissão, a falta de tempo contínuo, a indiscrição dos colegas, nada pode impedir aquilo que realmente queremos. Outra satisfação é a de ter-me dedicado a Ibsen e observado de perto, se bem que imperfeitamente, seu valor. Mas vem, como contrapasso, algum desgosto: é que o interesse em sua obra, desta vez, veio por meio de uma nota de jornal que oferece um prêmio, interesse mesquinho. E quando me convenci de que não poderia ganhar o prêmio, ainda apareceu outro sentimento, não muito nobre, expresso por este pensamento: "pelo menos, alguém lerá o que escreves, e talvez surja daí alguma possibilidade..."

Outubro, 7

639. Hoje foi embora pelo correio, a fim de cumprir seu destino. Lá se vai uma coisa minha, feita com tanta dedicação, mas também tão apressada que se viu de lacunas. Percebo que certas intenções minhas ficaram apenas esboçadas, que me demorei, comparativamente, tempo demais com pontos secundários. E, o que é pior, por conhecer muito pouco a obra de Ibsen, e menos, ainda, o que se escreveu sobre ele, não posso saber se tudo o que fiz nada mais foi que repetir o que já se tem dito pelo mundo afora. Nem li o trabalho de Carpeaux, e os prefácios de cada peça, escritos pelo conde Prozor (ou coisa parecida), a não ser os que já conhecia da primeira leitura.

640. Realmente penoso o trabalho de dar ordem às notas, passar tudo a limpo, corrigir o trabalho do datilógrafo (que, aliás, ficou cheio de erros e rasuras). A vontade que se tem, terminado o esforço, é ausentar-se do assunto por alguns dias para depois, a sangue frio, ler-se tudo com espírito de autocrítica, uma vez readquirida a calma necessária. Mas não havia tempo, pois a coisa precisa chegar dia 10. Não obstante a tudo isso, a satisfação que tive ao vê-lo concluído foi tão grande que me senti leve, feliz, sorridente, de tal forma que, numa festa a que fui sábado de noite, uma moça falou: "Você hoje está mais bonito". Foi a única palavra, estranha a minha pessoa, que encontrou para caracterizar a mudança percebida.

641. De repente, abateu-se sobre mim tal estado de espírito, tão triste e lamentável que a única palavra que “não temos” para exprimi-lo é Spleen. Busco a origem e encontro, creio eu, numa notícia de jornal: a de um privilégio conseguido por um ex-amigo - justamente por quem estou nesta cidade - e concedido por um “amigo” que, para me salvar, mandou-me para cá. Qualquer indivíduo de minha “raça”, apesar de toda a liberdade que gosta de manifestar, da temeridade e ousadia de que continuamente lança mão, todo ele, quando pretende manter essa espessa e, ao mesmo, tempo esburacada cortina de falsa aparência, é o menos livre indivíduo que existe. Essa pretensa liberdade é apenas revolta. Enquanto tem sorte em seus absurdos, chega a gostar de fazer alarde de sua “liberdade”, embora ouça continuamente uma voz, dizendo-lhe: “Idiota!” quando for mal sucedido, quando caírem as paredes que em vez de lhe darem sensação de prisão dão-lhe de liberdade, quando isso acontecer, perceberá que foi sempre incoerente, incoerente, e continuará a ser incoerente, incoerente para não se contradizer... Pretende, mesmo, ser claro, puro (isso mesmo, ele se considera muitas vezes puro...), e o mais razoável dos seres. Lutará sempre para afirmar a sua negação. E age com uma incoerência perfeita. Pois não sendo assim, será aniquilado por si mesmo, recorrerá ao suicídio ou à loucura. Começará mentindo e enganando os outros, para acabar ludibriando a sua própria a desesperada pessoa. Forja argumentos de uma beleza... a beleza de certos cálices de cristal, perfeitamente frágeis. E sua coleção de cálices é interminável: rouba, ganha-o de presente, fabrica-o com os cacos de outros... É digno de lástima, mas não se tem pena dele; pelo contrário, julgá-lo, com ou sem seus argumentos, com a lei aberta na frente dos olhos e o código penal agravando seu castigo, justamente em razão direta desses argumentos em que, geralmente, não se pode deixar de admitir o brilho e lamentar o perigo...

642. Essa raça a que pertenço, e a que pertence esse amigo que favoreceu meu ex-amigo, quando me prejudicou, visava prejudicar, em conseqüência, a esse que agora o beneficia. Não pode ser má. E não o pode porque tem o passado, e porque não lhe convém ter inimigos. Quando, por exemplo, descobre a desonestidade nos outros, tem de fechar os olhos, sob pena de se destruir. Não pode provocar ninguém. Tem de fingir indiferença, bondade, uma segurança, um autodomínio quando lhe excitam a cólera, uma tolerância em face do procedimento alheio; deve possuir a compreensão em tão grau... que, quando dá por si, transformou-se num ídolo.

Mas esse maravilhoso ídolo de luz está sempre à beira das trevas. E quase nunca está pronto para enxergar dentro dela.

643. Pobre raça sem pátria, sem bandeira, pobre raça de Proust! Estão sempre de acordo em louvar a tua obra, e sempre de acordo em aniquilar a tua vida.

Outubro, 12

644. O meu verdadeiro livro precisaria ser escrito inteiro sob lágrimas. Só compreendo a arte como uma coisa muito séria.

Outubro, 21

645. Por esses dias, tenho lido algumas biografias e estudos. De *Nicolau II* e de *Stalin*, e depoimentos de intelectuais que deixaram o comunismo, inclusive Gide. Para perceber como começou e em que foi dar a aventura russa.

646. Ao mesmo tempo, no quartel, vou lendo *Cristovão Colombo*, o *Dom Quixote dos Mares*, de Jacob Wassermann, uma brilhante interpretação da personalidade do descobridor, estudo psicológico de muita força que me apresenta o autor sob uma forma diferente daquela como o conheço. Forma surpreendente, até certo ponto.

647. No quartel, estou agora encarregado de selecionar os novos recrutas para incorporação a primeiro de novembro. No decorrer desse trabalho, venho fazendo algumas observações que, talvez, sejam escritas neste caderno. Não são observações muito agradáveis sobre nossa gente.

648. Do Rio, por intermédio de um colega, recebi o último número do *Jornal de Letras*. Como sempre, muito substancioso. Mas meu interesse maior eram as notícias sobre o concurso. Fala sobre ele, diz que se encerrou o prazo com a apresentação de dezenas de trabalhos. Nada mais. Espere-se o próximo número.

649. Resolvi ler os livros de Gilberto Freire. Trouxe da biblioteca do quartel *Casa Grande e Senzala* que pretendo iniciar hoje. Em Caxias, de volta de Natal, li *Nordeste* que muito me agradou. Esses livros são parte de uma categoria de livros que sempre pretendo ler, mas cuja oportunidade vou sempre adiando. Agora, que resolvi não mais comprar livros para não aumentar minha bagagem para o caso de nova transferência, aproveito para ler o que existe de bom na biblioteca do 12º R. I.

650. Coisa interessante de se observar, as bibliotecas dos quartéis do Exército! São de tal forma padronizadas que, no caso de uma transferência para qualquer guarnição distante, pode-se calmamente devolver um livro de leitura inacabada porque será encontrado outro exemplar na próxima Unidade. E, no entanto, foram organizadas pelos oficiais mais diferentes do mundo. Se bem que sua instalação se baseie em normas regulamentares - o regulamento nº 1 dedica um capítulo inteiro para isso - não existe a mínima especificação sobre gêneros de publicação, a não ser de um modo perfeitamente geral.

651. Tanto em Natal, como em Caxias, como em Porto Alegre e aqui em Juiz de Fora, a constância na presença de certas obras é sintomática. Por exemplo: *Os Sertões*, as obras completas de Machado de Assis, de Humberto de Campos, de Monteiro Lobato... e muitos livros de Pitigrili. *Guerra e Paz* aparece obrigatoriamente - pelo título, creio eu. Também uma boa série de biografias, livros históricos, bons dicionários de línguas, a *Enciclopédia Internacional*, e essa tal de *Enciclopédia Internacional de Obras Célebres*, cujo plano de organização nunca pude encontrar, pois sempre falta o primeiro volume.

652. É claro que, também, existe boa coleção de livros sobre tática militar e outra de regulamentos que, infalivelmente, se ressentem da falta dos mais úteis.

653. A coleção Nobel, da Globo, está sempre lá, junto com volumes das *Cem Obras Primas do Romance Universal*, de não sei qual editora. Com poucas variantes, é esse também o conteúdo das bibliotecas da Escola Preparatória e da Academia Militar. Falo das bibliotecas comuns para distração dos alunos, porque a Escola de Porto Alegre tem uma coleção de obras, na grande biblioteca, considerada pedagógica, de muita importância. Essa livraria, com os vitrais coloridos das janelas e portas, os arabescos talhados em madeira que enfeitam as colunas, sempre me fez admirá-la e respeitá-la com certo sentimento religioso. Também o bibliotecário, de tão velho, curvo e grisalho, imprime um respeito de enciclopedista.

654. Mas, outro ponto comum das bibliotecas militares: a falta de leitores. Os livros deixam-se ficar de portas fechadas nas estantes, na monotonia das tardes militares, sem mãos carinhosas que ventilem seus ventres. Muitos são transpassados dia após dia pelos roedores que lhes perfuram impiedosamente as entranhas.

655. No Regimento de Porto Alegre, o desprezo foi além: os

armários, por falta de espaço nos pavilhões principais, foram transportados para a Formação Veterinária, para uma peça em que se amontoavam ferraduras e demais petrechos cavalares. Um dia, recebi a incumbência de conferir a carga dos livros e dissolver a biblioteca, fazendo uma distribuição de volumes pelas Sub-Unidades. Todos passaram súplices por minhas mãos, alguns se dilacerando em pranto de folhas rasgadas e carcomidas. Foram para outros armários, encontrar novos companheiros de solidão.

Outubro, 23

656. Ontem de manhã, ao chegar ao quartel, trouxeram-me um moço em prantos, dezenove anos, transformando-se em lágrimas. Negro, os lábios grossos, compondo frases soltas de saudades dos pais e dos irmãos, que ficaram na fazenda em que trabalha e que abandonou para tirar o serviço militar. Figura realmente tocante, pelo contraste entre seus ombros largos e fortes e o sentimento avassalador da saudade, misturado ao medo do novo ambiente.

657. Com uma palavra terna, toquei-lhe o braço. Mas, exatamente como uma criança que, ao sentir-se mimada, redobra o pranto, assim fez ele, escondendo os olhos num lenço sujo.

658. Examinei seus papéis e, imediatamente, a certeza de que nada poderia fazer: um insubmisso. Passou chorando pelas mãos de muitos oficiais, e mesmo o comandante interessou-se, mas a lei em cima do coração de todos...

659. Ficar. Se não ficar, como explicará em casa, que dirá mais tarde a seus filhos? Dois meses serão suficientes para que se adapte. Trocará os pés descalços por outros de botinas pretas; as mãos grossas de lavrador talvez se amaciem; a calça e a camisa simples serão guardadas e se verá, de repente, pintado de verde e comendo nas horas certas. Falar-lhe-ão sobre coisas e coisas que precisará guardar na cabeça - não achará lugar para tudo. Mudará também o porte, o andar, e suas pobres concepções tomarão novo rumo. (Que rumo?).

660. Por fim, quando estiver acostumado com tudo, com o bonde, a mulata fácil como a comida, os sete botões da túnica; quando souber que sua mãe, referindo-se a ele disse "meu filho é soldado!", com o orgulho ingênuo de gente simples, quando tudo isso acontecer - não será mais soldado. Trocará todas as roupas por um pedaço de papel, receberá uma passagem, embarcará, chegará em casa.

661. Quantos meses levará para se readaptar?

662. Quando o carro em que eu vinha dobrou à esquerda, vi dois meninos olhando para o leito da rua, parecendo que fixavam os trilhos do bonde. Pensei que tivessem posto bombas ali, pois demonstravam ansiedade com a aproximação do veículo que vinha deslizando as rodas de ferro sobre os trilhos. Mas, quando o carro em que eu vinha aproximou-se, percebi quão diferente era o fato: um pequeno pássaro gris estava pousado sobre o calçamento, olhando a perspectiva das duas paralelas de ferro. E ali ficou indiferente. Passei pelo bonde justamente quando ele começava a cobrir o pássaro. Olhando para trás, vi os meninos sorrindo e a ave mergulhada no mistério da perspectiva, incólume. Então, os garotos enxotaram o pássaro e ele saiu num vôo incerto de aprendiz e meu carro dobrou à direita e eu comentei o que vira com meus colegas e nada disseram. Nada. Senti-me perfeitamente imbecil ante o silêncio que cobriu minhas palavras.

Outubro, 24

663. "Hay dias en que somos tan móviles, tan móviles

.....
Y hay dia en que somos tan fértiles, tan fértiles

.....
Y hay dias en que somos tan sórdidos, tan sórdidos

.....
Y hay dias en que somos tan plácidos, tan plácidos

.....
Y hay dias en que somos tan lúbricos, tan lúbricos

.....
Y hay dias en que somos tan lúgubres, tan lúgubres

.....
Mas hay también un dia... un dia... un dia,
En que levamos anclas para jamás volver...
Un dia en que discurren vientos irreluctables,
Un dia en que ya nadie nos puede retener!"

(Extraído da Canción de La Vida Profunda, de Porfirio Borba-Jacob)

Outubro, 25

664. Nós nos perdemos nos misteriosos e atraentes caminhos do mar, no espaço infinito das estrelas. A felicidade e a satisfação íntima, para nós, está condicionada ao absurdo, ao inatingível. Nosso reino é num astro que ainda não foi descoberto. Ou num continente submerso. Nós nos vestimos de nuvens ou de algas, quando estamos sós; e aparecemos em público como todos os demais. Nossa vida é uma contradi-

ção constante. Vivemos sob o peso de uma constante vigília. Seremos sempre os mesmos, em todas as madrugadas, em todos os lugares. Julgamos que, para nós, viver tem um sentido mais amplo. Porque nossa existência não se satisfaz dentro de nós próprios. Porque temos confiança em que não viveremos em vão. A ilusão será sempre o nosso maior bem.

Outubro, 27

665. Por todos os dias deste mês, e ainda neste momento, ao escrever Outubro, tenho ficado suspenso sobre essa palavra, como se devesse recordar algo de particular. Mas não consigo saber o que me prende e passo adiante, deixando o mistério dentro das vogais tristes da palavra e da sombria cruz do t entre dois uu, como um veleiro de mastro nu, as velas derreadas, âncora lançada entre ondas infinitas.

Outubro, 28

666. Tibiamente, deixei que voltasse tudo. Um por um aqueles mesmos sentimentos. A indiferença fingida com a presença; a angústia da ausência; a mágoa ante essa espécie de sorriso que despreza; as agulhadas de uma língua sem coragem para ser sincera; o temor da sinceridade que virá; o ciúme, o desejo, a febre, a insônia, o fastio... o desconsolo. Tudo evoluindo, se misturando, as intenções aparecendo ridiculamente claras sob a luz da paixão que se vai fazendo, aos poucos, descontrolada.

667. E novamente a sensação de que estou escavando o chão sob meus pés para me soterrar. Um pássaro que, com seu próprio bico, arranca as penas das asas para limitar seu vôo, para aniquilar em si o valor dos espaços que se estendem azuis ante seus olhos. Sofrer mais uma vez a sua perda!

- "Que nos resta a fazer, Enobarbo?"

- "Desesperar e morrer".

Outubro, 30

668. Agora, que se aproxima o verão, é que faz frio e chove continuamente nesta cidade. Não posso sair de casa, ainda mais que estou resfriado e com tosse. Meu sistema nervoso abala-se facilmente, perco a calma, minha sensibilidade fica tão visível que pode ser facilmente percebida. Sinto saudades de todos, do passado inteiro; quisera reunir todos e tudo, como se tratasse de fazer um testamento. Penso na morte, na fragilidade da vida, sinto desejos imensos de carícias, de sentir alguém preocupado e cuidadoso comigo... mas são desejos absurdos.

669. Só me resta ler. E ainda bem que o que me resta é bastante. Mas segunda - feira, quando a doença estava bem mais forte, embora abrisse vários livros, não consegui me interessar por nada. Tomei, por exemplo, o poema em prosa de Rilke e as palavras não se ligavam entre si: eram palavras, simplesmente, não me inspirando sentimento algum. Então, fechei o livro e, no escuro, procurei, por várias horas, o sono. Em vão. Pensamentos e mais pensamentos rodaram por dentro de mim, todos ou quase todos ligados "ao desdém do mundo, às angústias do amor desprezado".

670. Hoje, apesar de tudo, estou mais calmo. Por uma razão tão simples como ridícula. Assim, vou iniciar a leitura de *Liberdade*, de Schopenhauer, depois de haver concluído *O Crepúsculo dos Idosos*, onde Nietzsche pergunta: "Será o homem um equívoco de Deus, ou Deus um equívoco do homem?"

671. Quanto a *Casa Grande e Senzala*, li os prefácios num total de 71 páginas... e não sei quando iniciarei a leitura da obra propriamente dita.

Novembro, 4

672. Levadas lentamente para a praia, duas belas coroas de flores roxas boiavam sobre o verde das águas do Leme, no dia de Finados.

Ruth foi quem avistou primeiro e todos corremos para a sacada.

- São flores para os mortos no mar.

673. Dentro em pouco, uma delas ancorou na areia molhada, junto ao rochedo, e ficou tranqüila. Mas a outra foi vítima da curiosidade e gracejos dos meninos que se banhavam. Aproximaram-se dela, arrancaram flores que jogavam uns nos outros, correndo todos para evitar que as flores caíssem sobre si, como se trouxessem o veneno da morte. Um menino louro desprende a fita roxa e lançou-a para o ar; a fita deu uma volta no espaço e estendeu-se na praia. Logo, o mar ficou salpicado de flores que desapareciam aos poucos, sob a espuma das ondas.

674. Enquanto as crianças brincavam com a coroa, Maria ficou nervosa e saiu da sacada: - Não gosto de ver isso.

675. O que morreu no mar, naturalmente, ao anoitecer, veio recolher essas flores e chorar sobre elas...

Novembro, 13

676. Ambiente artístico do Rio: Ninguém gosta de ninguém. Todo mundo desfaz todo mundo. Um desprezo imenso por tudo o que não é seu; por tudo o que foi produzido por outros. Se nada se visse de valor, creio que se ficaria completamente desiludido. Pois eles dão a impressão de que tudo não passa de distração, ocupação, comércio.

677. Falei que havia escrito algo sobre Ibsen. Eis o que disseram pessoas diferentes, isoladamente, em dias diferentes:

- Acho Ibsen muito chato. (E esse escreve peças).
- Nada adiantou teu trabalho, pois fica tudo na "panelinha".
- Tens alguma peça dele?

678. Ninguém se interessou por meu estudo, no que, aliás, andaram muito acertadamente. Mas o caso é que isso me desconsertou, me aniquilou, me deixou a impressão de que nada do que fiz até hoje tenha valido a pena, de que ninguém até hoje escreveu nada conscientemente; e que ninguém vê valor ou seriedade em nada.

679. Mas poucas horas antes de regressar a Juiz de Fora, assisti a um espetáculo tão maravilhoso que me restabeleceu prontamente: entrei no Municipal e vi Villa-Lobos ensaiando com o coro do Conservatório o seu *Descobrimento do Brasil*. Que coisa bela e grandiosa! Enquanto lá fora ninguém acredita em nada, ali dentro estava ele, sentado em frente à orquestra e ao coro, conduzindo e dando sentido a todos aqueles sons, aquelas vozes que concretizavam uma intenção. Esse mesmo Villa-Lobos que diz:

- Não sei por que ainda volto ao Brasil, onde ninguém gosta de mim, ninguém me compreende.

Novembro, 25

680. Um capitão do Exército, servindo em Juiz de Fora, recebe mensal e teoricamente 6.480,00 cruzeiros. Hoje, depois de receber o que efetivamente se recebe, isto é, depois de sofrer todos os descontos a que estou sujeito, e uma vez saldados todos os compromissos, sobrou pouco mais de uma insignificância, isto é, cerca de 400 cruzeiros.

Isso é o suficiente para me deixar irritado por vários dias. Irritado, principalmente, contra mim.

Novembro, 30

681. Benjamin Constant, 850.

Eis meu novo endereço desde ontem. A mudança, como todas, foi cansativa e engraçada. Estamos em cinco. O apartamento é menor, e como, na última hora, as coisas, mais uma vez, saíram ao contrário do que eu esperava, continuo com o

meu companheiro de quarto. Menor, não cabe nem a mesinha em que escrevia, razão por que estou escrevendo sobre meus joelhos, como mocinha de internato.

682.O prédio é de esquina. De um lado, um palacete, tirando-nos a liberdade de andar à vontade; do outro, um campo de futebol em que hoje, domingo, desde a manhã sucedem-se partidas, como sessões contínuas de cinema.

Dezembro, 1º

683.De uma carta a minha irmã Cora:

- Usaste as ondas do mar como imagem de tua felicidade vaga e fugidia; eu as uso como símbolo de minha inquietação e inconstância. O meu maior mal é que deixei crescer demais o meu sonho e já não o posso dominar. Meu sonho de valor, de glória, de inteligência supera todos os meus valores reais, é muito maior do que eu. Tenho dentro de mim um tão imenso mundo de irrealidades que me conduz sempre à insatisfação.

Dezembro, 3

684."A natureza do homem é de temer e, por isso, detestar quem quer que possa prejudicá-lo, mesmo quando possa fazê-lo com justiça".

Vittorio Alfieri (*A Tirania*).

Dezembro, 4

685.E será sempre assim: triste, doente, insatisfeito.
Será sempre assim?

Dezembro, 11

686.Trinta anos!
E o coração vazio.
E as mãos vazias.

Dezembro, 21

687.Reflexão de um bêbado, ontem, sob minha janela:
- Nasci sem querer e vou morrer sem querer.

688.Amanhã entro em férias e devo seguir para o Rio.

1953

JUIZ DE FORA, MG

Janeiro, 27

689. Itinerário de férias:

Noite de 21 de dezembro, embarque e chegada ao Rio.

Dia 30 de dezembro, embarque e chegada a Porto Alegre.

Tarde de 13 de janeiro, embarque e chegada a Tramandaí.

Noite de domingo, 18, regresso a Porto Alegre.

Dia 20, regresso ao Rio.

Noite de 21, regresso a Juiz de Fora.

690. Durante minhas férias, li somente um livro: *Notes sur André Gide*, por Roger Martin du Gard, curto mas cheio de muitas coisas preciosas sobre a obra e, principalmente, sobre a personalidade de Gide.

691. Algumas experiências interessantes, decepções, alegrias e tudo o mais que caracteriza um mês de férias.

692. De um modo geral, Porto Alegre me decepcionou. Creio que não mais poderei residir ali. Cheguei mesmo a sentir falta do apartamento de Juiz de Fora, da camaradagem dos colegas, da eletrola, dos meus livros. E quando sou forçado a concluir, agora, que talvez já seja tempo de me ir para outras terras, sinto-me triste. Mas é necessário e aconselhável, antes que seja inevitável.

Janeiro, 29

693. É lamentável que só agora tenha conseguido *Casa de Bonecas e Os Espectros*, já em edição de 1950. E foi preciso ir a Porto Alegre para descobri-los.

694. O primeiro drama vale pelo desfecho. Não é de se admirar que tenha causado tanta discussão, quando representado na Europa. Na verdade, nossa sociedade atual, também, não aceitaria o procedimento de Nora, porque a sociedade é puramente Helmer.

695. E sobre o concurso em que concorri com o ensaio sobre Ibsen, nada mais soube.

Noite de 29

696. Como me fez falta a leitura de *Os Espectros* para o pequeno estudo sobre Ibsen! Concluo, agora, sua leitura, a leitura desse drama patético, cuja maravilhosa e profunda intensidade dramática é quase sem confrontos!

Fevereiro, 4

697. Tenho aproveitado certa tendência à vida sedentária para ler. Aliás, tem sido uma reclusão mais ou menos forçada: faço um tratamento que me impede beber. Mas não me impede de sair. No entanto, não tenho sentido a mínima disposição para isso. Domingo à noite, fui a uma festa e, impossibilitado de beber, achei tudo perfeitamente estúpido e conclui que, sem álcool, não tolerarei a sociedade.

698. Se eu pudesse evitar esse expediente, seria ótimo para meu espírito, creio. Hoje, dez dias de abstinência, provei um copo de cerveja e foi com dificuldade que chequei ao fim. Mas se eu deixasse de beber, deixaria de ser o Harry Laus, conhecido nos meios militares. Sou forçado a confessar que a bebida me dá mais segurança na camaradagem do meio em que vivo; ela facilita minha dissimulação, torna-me alegre, mordaz, creio mesmo que uma pessoa interessante para companhia.

699. Noto que em estado de semi-embriaguês, minha euforia latente se espraia, torno-me centro de interesse, domino a conversação, adquiero espírito e a “popularidade fácil” de que me falou um amigo. Mas quando a embriaguês se adianta, revelo-me estupidamente, a guarda policial toda se deita para dormir e sai o mal pelo portão, sem ninguém que o impeça.

700. Nos dias subseqüentes, tenho que agir de tal maneira, com tal segurança que faça fraquejar a possível certeza adquirida pelo confidente, substituindo-a pela dúvida.

701. No domingo, disse a um colega que a vida sem álcool tem só duas dimensões. Mas pensei, comigo, que ele era bem mais feliz do que eu, pois não precisava desse artifício para sentir-se à vontade.

Fevereiro, 8

702. Estive relendo, ontem e hoje, grande parte de meu diário e encontrei bastante coisa que li com prazer, encontrando valor nessas coisas. Mas também verifiquei que a produção de 1952 decaiu bastante, apesar de algum adiantamento na visão crítica em que, a meu ver, adquiri certa penetração inexistente nos primeiros trabalhos.

703. Com tudo isso, voltou-me o desejo de publicar, depois de uma seleção de assuntos, o que poderia chamar-se *Diário Quase Íntimo*, e como epígrafe estas palavras de T. S. Elliot, numa tradução aparecida na Revista Região nº 9, de agosto de 1948:

“A continuidade de uma literatura é essencial para sua grandeza; e é sobretudo função dos escritores secundários pre-

servar esta continuidade, e oferecer um conjunto de obras que não serão necessariamente lidas pela posteridade mas que desempenha grande papel na formação do elo entre aqueles escritores que continuarão a ser lidos”.

Fevereiro, 19

704. Voltei sexta-feira, 13, de Belo Horizonte, onde passei quarta e quinta-feiras, a serviço, como escrivão de um inquérito.

705. A cidade, em matéria de traçado e harmonia de conjunto é das mais belas que conheço. A igreja da Pampulha é algo para a gente contemplar como se faz num museu de Arte.

706. Sábado, 14, embarquei para o Rio e lá fiquei durante o Carnaval de chuva. Nada de particularmente especial, além de ter conseguido mais dois livros de Graham Greene para ler, emprestados por Athos Bulcão. O primeiro que li, também emprestado por ele, impressionou-me vivamente: *La Fin d'une Liaison*. Agora trouxe *L'Homme et Lui Même* e *La Puissance et la Gloire*.

707. Hoje de manhã, voltei ao serviço e encontrei tudo mergulhado na maior das monotonias, o tédio penetrando por todos os sentidos.

Fevereiro, 22

708. A ingenuidade de nossa gente simples manifesta-se, às vezes, de um modo chocante. O suborno no Brasil é, em geral, atributo de todas as profissões e classes sociais. Diariamente, os jornais noticiam casos dessa espécie e a conseqüente abertura de inquéritos. E os comentários a respeito, transformando-se de cidade em cidade até os remotos povoados de nossa terra, geram incidentes até certo ponto cômicos, quando elementos do povo entram em contato conosco.

709. Um dia, por exemplo, meu comandante em Caxias do Sul recebeu de presente um corote de vinho da colônia, trazido pelo pai de um convocado que deixara de servir ao Exército. Procurando lembrar-se de como merecera esse obséquio, o coronel recordou-se de que um colono o procurara, dizendo:

- Se o senhor der um jeito do meu filho não servir, eu lhe mando um corote de vinho.

710. O comandante sorriu calmamente, e como naquele ano muita gente foi dispensada da incorporação, o rapaz foi ca-

sualmente incluído na relação do excesso de contingente, sem a intervenção de ninguém. Mas o colono cumpriu a promessa.

711. Também aqui em Juiz de Fora acontecem coisas semelhantes. Como eu estivesse na comissão de classificação de recrutas, fui procurado por um convocado que me perguntou:

- Será que o senhor não pode me mandar tirar o tempo no Quartel General?

- Por que é que queres ir para lá?

- É que meus companheiros vão para lá e eu queria ficar com eles.

- Está bem, vou ver o que se pode fazer.

712. E quando me dispunha a escrever seu nome em um cartão para pleitear a transferência, acrescentou sem malícia:

- Se o senhor arranjar, depois lhe dou uma gorjeta.

713. O caso mais interessante talvez seja o de um tenente aqui do 12º R. I. Designado como curador de um insubmisso, recebeu esta proposta:

- Eu não sendo preso lhe dou uma galinha.

714. Infelizmente, quando não se trata de gente simples, as ofertas também aparecem cheias de maldade. Ainda em Caxias, encontrei o Ten. Weiss furioso porque um conscrito ofereceu-lhe, para ser dispensado, a importância de mil cruzeiros! O oficial, conforme me contou-me outro que assistira à cena a certa distância, ficou branco, os lábios tremeram e retirou-se sem uma palavra.

Março, 1º

715. Cheguei à conclusão de que nada mais sei de História. Por isso tenho lido uma série de livros a respeito. O fato é que desde a Escola Preparatória, nada mais li sobre isso, a não ser *Histoire de France*, por Jacques Bainville, que pretendo ler.

716. Ao mesmo tempo que faço esse estudo, comparo a maneira como os diversos autores apresentam o assunto. Firmin Roz, por exemplo, em sua *História dos Estados Unidos*, é mais didático do que outra coisa; chega a detalhes de combates e batalhas que poderíamos desconhecer. Até à metade do livro, que é onde me encontro, tem-se atido quase exclusivamente à parte política, descuidando de fatos de ordem social e cultural que muito me interessariam. Não tem a capacidade de síntese de André Maurois, em *História da Inglaterra*; ou talvez não tivesse necessidade de empregá-la,

uma vez que a história americana é mais breve. De qualquer forma, ressalta a superioridade de Maurois pela maneira inteligente como este dispõe os assuntos; como apresenta, a par do movimento político, considerações de ordem religiosa, social e cultural. Sua apreciação de Shakespeare (livro IV, cap. XI, item V), “que fez viver um mundo”, é um trecho de antologia.

717. Mas, de leitura muito mais atraente me foi *Os Alemães*, de Emil Ludwig. A maneira de fazer estudo de História através da biografia prende mais a atenção pelo que tem de ação pessoal, algo como ficção. E também, por fixar personalidades, situando-as entre a terra e o povo de sua época, temos uma visão dos valores individuais, em arte como em religião ou política. Vemos o caráter do povo alemão claramente, ante nossos olhos. Ludwig, talvez pelo processo que escolheu, revela maior capacidade de penetração do homem e seus problemas; tem mais possibilidade de fazer psicologia, o que me agrada bastante. Diz, por exemplo, a propósito de não sei qual personagem histórico:

“Só indivíduos destituídos de segurança íntima sentem a necessidade de constantemente recordar os seus triunfos”. Com essa disposição para o gênero de livros em questão, cometi um absurdo, dadas minhas condições financeiras: encomendei à Editora Jackson uma obra de preço alto, *História del Mundo*, sem saber de sua importância.

Março, 2

718. Se eu tivesse escrito todos os livros que planejei, teria uns cinco ou seis romances.

719. Vejamos. Como cadete (1944/46), imaginei um romance com trama complicadíssima, cuja ação se passava em Porto Alegre, São Paulo e Rio. Seria resolvido todo em forma de cartas e passava-se no tempo em que havia censura da correspondência no Brasil: o censor interessava-se pela primeira carta e depois, acompanhando o desenrolar do drama, cometia o crime de abrir a correspondência mútua, chegou a procurar resolver a difícil situação criada, foi denunciado etc. etc. Também na Academia Militar, resolvi publicar minha autobiografia sob o título de *O Ideal de um Jovem Medíocre*, em que eu daria um cunho pessoal com nomes supostos. Foi o livro que perdi na chegada a Porto Alegre, de volta de Natal. Em Natal, continuei essa autobiografia e iniciei um romance: O Segundo, cuja ação se desenvolvia em Rezende. Ficou inacabado e perdeu-se com o outro. Era de uma técnica pretensiosa e eu não estava preparado para tanto. Lembro-me de que havia uma criatura mais ou menos assexuada que eu não sabia como apresentá-la, a fim de li-

vrá-la do absurdo ou ridículo. Depois, lendo *Orlando*, de Virgínia Woolf, cheguei à conclusão de que meu personagem não aprovaria.

720. Por esse tempo, eu continuava o artesanato com o conto. Desde a Academia, eu escrevia contos, mas nunca me satisfaziam inteiramente. Voltando de Natal, muitas idéias surgiram e realizei alguns que reuni num volume intitulado *Os Incoerentes*, nome que dei ao último escrito. Foi quando fiz uma tentativa de publicação que não deu certo por falta de verba.

721. Depois, veio-me a idéia de recompor meu drama em Natal, escrevendo um romance do qual cheguei a iniciar o plano. Essa idéia caiu pelo que possuía de muito pessoal, o que criaria uma situação difícil para mim. Substituí, então, o projeto por outro: *Biografia de Olice*. Seria novamente um trabalho autobiográfico, algo como *A Vida do Artista quando jovem*, de Joyce. Esse mesmo plano tomou, mais tarde, o nome de *Dirceu Menino do Rosário*, tomado de um soldado do 18º R. I., em Porto Alegre. Não cheguei a conhecer o soldado, mas esse nome me pareceu tão lírico que me impressionou fundamentalmente. Mas o plano foi-se transformando sensivelmente e, dentro em pouco, estava completamente desfigurado. Seria um romance, fiz planos, escrevi o primeiro capítulo e, por fim, morreu.

722. Mais tarde, tive a idéia de escrever outro romance que tratava de quatro personagens que, pouco á pouco, iriam se transformando em um só. Reconhecer-se-iam uns nos outros e a identidade chegaria ao ponto de se unirem numa só pessoa. Apesar das atividades diversas que exerciam, essa identidade ia evoluindo, porque a todos unia um único e grande problema. Ainda hoje me atrai esse tema.

723. Por fim, veio o desejo de reconstruir em ficção o meu primeiro amor. Seria mais uma vez autobiográfico. Cheguei a escrever dois capítulos e, talvez, um dia, seja escrito. Teria por título *O Espelho*. O espelho foi sempre um símbolo de que gostei. É próprio para tantas imagens, e tão belas que me atrai sensivelmente. Em Rilke encontram-se algumas de grande beleza.

724. Mas atualmente, o que me domina é o desejo de publicar este diário, ainda que não integralmente. Se eu tivesse uma máquina, já teria iniciado o trabalho de seleção e datilografia. Ainda que de nada servisse, dar-me-ia um pouco de ilusão, sentimento de realização e conforto moral.

Março, 4

725. Hoje, quando começou a anoitecer, visitou-me uma doce nostalgia do lar. O céu, de um azul muito desmaiado, não tinha a coloração dos poentes do Sul: estava sem nuvens e triste, ainda sem estrelas, e as lâmpadas do Morro do Cristo formavam um estranho cruzeiro de luz. Havia pouco, eu recebera duas cartas de casa: Ruth e Judith. Judith me comoveu porque, de repente, tive a impressão de que está velha e só. Apesar de dizer: “Agora felizmente já estou morando em minha casa e contente”, não creio que seja justo carregar-se e sofrer por tanto tempo um drama para ter-se o direito de, no fim da vida, conseguir “a casinha” tão desejada.

726. Senti vontade de me sentar com Ruth e de ouvi-la contar tudo o que viu na viagem, perguntar por todos, saber de tudo.

727. E, neste momento, acho tudo isso estranho. Pois vivemos por tanto tempo uns longe dos outros, que chega a ser quase absurdo esse amor que nos unirá para sempre. Como são profundos os laços do sangue!

728. E no meu caso, a noção de família é diferente dos demais, das demais pessoas do mundo. Eu disse que “recebi cartas de casa”. Nada mais falso. É uma expressão roubada e sem sentido. Com efeito, onde é minha casa?

Não é mais em Tijuca, único lugar onde realmente foi; não é em Passo Fundo, onde convivi os únicos anos de minha vida com Judith; também em Porto Alegre deixou de ser... “Nossa casa” é onde estão nossos pais, onde a família se conserva. Mas, para mim, “nossa casa” é onde corre o sangue dos que mais me querem e a quem mais quero. Só sendo assim, posso dizer que recebi cartas de casa, cartas de sangue, cartas de irmãos que se conhecem tanto e tão pouco; que se desentendem e se separam, mas voltam sempre com o coração cheio de carinhos e reservam os melhores pensamentos para brindar a dolorosa sensação de uma felicidade perdida.

Março, 5

729. Tenho andado tão calmo ultimamente que, tendo repentinamente consciência desse estado, me assusto. É que pode andar por perto uma tempestade.

730. Pela primeira vez, minha situação financeira não me abate. Talvez seja porque nada bebo desde o carnaval o que, por certo, traz o apaziguamento dos nervos.

731. Também, no quartel, tenho estado ocupado todos os dias. O tédio é que mais influi sobre meu estado de espírito.

Março, 6

732. Venho notando, sempre, como os civis desconhecem e interpretam mal o meio militar.

733. Para muitos, era opinião definitivamente firmada, por exemplo, que o prestígio do Gen. Góis Monteiro dentro do Exército fosse imenso. Atualmente, esse conceito está decaindo. Pois, quanto a essa figura de crônica jornalística, nada é mais comentado dentro da classe do que sua propensão para a bebida. Existe uma fivela de cinto que se chama "Góis Monteiro" porque serve de abridor de garrafas.

734. Tenho tido dificuldades em convencer amigos e conhecidos de que política é o assunto de menor freqüência nas conversas entre militares. Há desconhecimento quase completo da matéria, desinteresse. Considero isso um erro. Mas, em todas as Regiões em que tenho servido, os temas das palestras são, quase invariavelmente, prazeres sexuais, anedotas da vida militar, futebol e comentários irônicos sobre superiores, iguais ou inferiores hierárquicos.

735. É possível que a política impressione oficiais superiores e generais, mas no relacionamento que maiores, tenentes-coronéis e coronéis mantêm conosco, ela quase nunca aparece. Talvez por força desse indiferentismo, alguns se percam pela esquerda, outros pela direita, no mais das vezes, levados não pela consciência mas por falta de conhecimento de causa.

736. O militar, pelo menos durante todo o tempo que antecede o Curso de Estado Maior, só pode ser político como autodidata, pois do meio não receberá impulso algum nesse sentido. Muitas vezes observa-se descontentamento, quando há desorganização evidente. Nesse caso, oficiais comentam acaloradamente a situação, procuram e indicam os responsáveis. Se um Responsável aparecer na sala, todos farão continência e cumprirão as ordens recebidas. Se não aparecer um Responsável, discute-se e quando soa o toque de ordem, todos mudam de uniforme e vão para suas casas com a perfeita noção do dever cumprido. Comentam fatos dessa natureza com o mesmo calor que discutem uma partida de futebol, e com o mesmo objetivo: passar o tempo.

737. Todos os civis menosprezam a capacidade intelectual dos oficiais. O oficial não é um intelectual, na acepção civil da palavra; mas é um ser inteligente que procura, da melhor

forma possível, adaptar-se ao paradoxo de sua formação: recebe uma instrução superior para instruir e orientar analfabetos, semi-analfabetos e inteligências primárias. É, no mais das vezes, um espírito grandemente dotado de capacidade de organização. Não tem um espírito especulativo nem arejado: é um “homem de princípios”. Há muito menos arbitrários do que se pensa, mas sujeitam-se à arbitrariedade dos chefes, pelo menos até ao ponto em que isso não fira sua integridade física e funcional.

738. Para grande parte dos civis, o oficial é um prepotente, olhado na rua com certo respeito (ou curiosidade?), como se esperassem sempre uma explosão de cólera que justificasse a idéia que se faz dele. Realmente, de vez em quando, um resolve desrespeitar ordens da polícia e do trânsito: no quartel, jamais faria isso. Esses constituem uma minoria ridícula. No geral, e dentro da caserna, os oficiais são de um bom humor que surpreenderia aqueles que os vêem tesos e imponentes na rua.

739. Conservam o espírito jovial e alegre, sempre dispostos a uma brincadeira que lhes recorde o tempo de cadete.

740. Daí nasce a bondade com que tratam o soldado. Esse ponto, também, os civis não admitem. Julgam que o oficial, que todo oficial maltrata os subordinados. Pode ter sido assim; hoje não é mais. O Exército também evolui. Encontrei apenas dois que maltratavam fisicamente ao homem: ambos eram esquizofrênicos e imbecis. Biliosos ou ulcerosos do estômago, que ofendam com palavras o soldado, que o ofendam sistematicamente, não encontrei uma dúzia. A literatura russa ou alemã dever ser, em parte, responsável por essa conclusão a que chegam os civis. Pois os militares que assim procedem em nosso Exército, são alvo de comentários reprobatórios dos demais colegas.

741. O cinema americano concede um valor extremo ao sargento. Em geral, é esse o conceito que faz o povo desse elemento. Creio ser o ponto em que o civil é mais induzido ao erro. Decidiu-se e propala-se que o sargento faz tudo e que o oficial não faz nada, o sargento é um prestimoso auxiliar. Nada mais. Aferra-se às normas e às letras dos regulamentos e raramente vai além. Como burocratas, conhecem perfeitamente suas funções, mas são incapazes de introduzir melhoramentos e reagem passivamente a reformas que os afastem da rotina. Acontece, às vezes, que um oficial designado para certo cargo burocrata desconheça-o completamente. (A Escola Militar não prepara o oficial para funções dessa natureza, embora todos tenham que passar, ao menos, uma vez por elas). Então, o sargento orienta-o. Mas, algumas

semanas depois, o oficial já ultrapassou o auxiliar na interpretação dos mais diferentes despachos e - isto sempre me causou surpresa - o sargento busca orientação com esse mesmo oficial a quem orientou de início.

742. E isso se passa com a maior naturalidade, sem suscetibilidade ferida. Compreende-se facilmente: o nosso sargento, infelizmente, poucas vezes recebeu uma instrução superior, ou mesmo secundária.

743. Não desconheço que existem oficiais que “comem pelas mãos do sargento”, como se diz. Mas constituem outra minoria sem respeito próprio, como em todas as classes. Provocar o pânico nessa alma simples é, por exemplo, dar-lhe um ofício e dizer:

- Responde isso.

744. Sem a minuta preparada, ele procurará um modelo anterior que trate de assunto semelhante. Certas perguntas que nos fazem sobre a maneira de adaptar ou adotar nova orientação no trabalho, ou escrever um novo livro, revelam completa incapacidade de inovação e um raciocínio primário.

745. Como monitores, na instrução, revelam-se ótimos no que diz respeito à parte do trabalho mecânico. Também manifestam especial predileção em guardar de memória os nomes das mais obscuras peças do armamento, como que para assombrarem o recruta com tantas palavras difíceis e plenamente desconhecidas. Com isso, pretendem adquirir o respeito dos subordinados. Mas, no que se refere a fazer uma exposição demorada sobre um assunto banal de instrução, revelam-se incapazes, adotando processos didáticos há muito tempo condenados.

746. Não poucas vezes, os sargentos recorrem a uma falsa cólera, que se exprime por berros e promessas de castigo, a fim de ativarem o interesse pelo que pretendem ensinar. Ou então, à repetição inoperante do exercício até cansar o homem. Também há oficiais que usam desse expediente. Tanto num caso como no outro, a falsa cólera significa incompetência.

747. Mas, a par de tudo isso, o sargento é indispensável. Leal, amigo, está sempre pronto a cumprir todas as ordens e atender a todos os pedidos. É o homem que faz mais conti-nências, dentro do quartel e na rua. Tem um respeito a toda prova pelo oficial, principalmente os sargentos mais antigos, completamente dominados pela rotina dolente da caserna.

748. Quando verifico seu completo conformismo com o ambiente e total alheamento à revolta, chego a me espantar. Em geral, eles têm família numerosa, uma situação financeira pouco desejável, a possibilidade muito longínqua de uma promoção. Neles, a rotina e a confiança nos vencimentos do fim do mês dominaram completamente toda a ambição de uma vida melhor.

Março, 8

749. Há quem não se case por egoísmo, como o personagem de uma novela de Dostoiévski. Outros por vaidade, concedem-se tanto valor que desprezam as mulheres por julgarem-nas seres inferiores. Alguns transformam-se em puro pensamento, como Schopenhauer, e só se lembram delas para objeto de suas diatribes.

750. As mulheres simples são procuradas por uma classe de homens; outra classe procura as inteligentes e sentem-se bem em sua companhia, como na presença de um amigo, Baudelaire escreveu:

“Aimer les femmes intelligentes est un plaisir de pédéraste”.

Talvez tenha razão um amigo que me disse:

- Todo solteirão é um anormal!

Março, 9

751. É lamentável o nível mental de nosso soldado. Quase diariamente me dou conta disso. Mas é por ocasião de exames e inspeções que verifico os maiores disparates. Se quiseres obter qualquer resposta, não exijas dele uma definição. Não perguntes:

- O que é uma transgressão?

- O que é Pátria?

- O que vem a ser camuflagem?

752. É inútil. Pede exemplos que te dará alguns. Também não pretendas que ele compreenda o sentido de comparações simples e imagens para dares idéia de alguma coisa. Guardará a imagem e esquecerá o motivo. Em Natal, um sargento, erroneamente, sem ter uma granada de mão para mostrar, pretendeu dar uma instrução sobre isso. Em dado momento, referindo-se a certo tipo de granada, falou que tinha o formato de um ... abacaxi. No fim da instrução, perguntou a um soldado:

- O que é uma granada?

- É um abacaxi, respondeu o rapaz, sem maldade.

753. Aqui em Juiz de Fora, em inspeções consecutivas, recolhi duas anedotas:

- Quantos cartuchos cabem no mosquetão?
 - Cinco.
 - Mas não cabe também dez? - perguntou o Tenente-Coronel.
 - Apertando, dá.
- A gente ri, mas eles não percebem, absolutamente, a razão do riso.

754. Da outra, vez a pergunta foi sobre as Forças Armadas do Brasil, quais são elas.

O soldado fica embaraçado em nossa frente. Então ajuda-se:

- Uma anda em terra.
- Exército.
- Continua! - Nada. Ajuda-se novamente: Outra é do mar.
- Marinha.
- Muito bem, só falta uma. Qual é?

Silêncio absoluto. Percebe-se que procura lembrar-se. Damos mais um auxílio apontando para o céu e dizendo que anda lá por cima. Então ele

- É Deus.

755. O tenente E. M., estudante da Faculdade Católica de Filosofia, em Porto Alegre, curso de História e Geografia, veio muito desconsolado contar-me que dava uma aula, ou melhor, uma instrução de Geografia: Estados e Capitais do Brasil. Socorria-se de dois mapas do mesmo tamanho, um do Brasil e outro do Rio Grande do Sul. Foi-se empolgando e, quando deu por si, falava em “despertar do sentimento nativista brasileiro”. Voltou ao assunto inicial e resolveu fazer uma pequena sondagem naqueles espíritos que seguiam suas palavras com tanta atenção. Perguntou:

- Qual é o maior: Rio Grande do Sul ou Brasil?
- São igual, respondeu um soldado.

Março, 11

756. Nossa empregada chama-se Helena. É preta, baixa, gorda, e de idade imprecisa, talvez 40 anos, mas a um que lhe perguntou, respondeu: 28.

757. Cozinha como ninguém, fica alegre quando se come bastante e triste quando não se traz convidados para o almoço ou o jantar. Trabalhou em restaurante e diz que não gosta de cozinhar para pouca gente. Traz a casa sempre em ordem e um dia explicou:

- Aqui não tem dona de casa e depois vão dizer que eu sou relaxada.

758. Passa o dia bem disposta, cantando, falando sozinha e ri de um modo tão espontâneo - uma gargalhada franca - que

conquista a simpatia de todos. Enfim, é o que faltava a este apartamento só de homens. Lava e passa minha roupa, preocupa-se quando alguém está doente e tem um coração tão grande que o mundo não consegue ofendê-la. Ou, pelo menos, não terá consciência disso.

759. Sabe pouco mais do que ler algumas palavras, vive um tanto fora de si, e creio que já passou por todas as lições da vida, sem contudo, apreendê-las. Não tem raiva de ninguém, pois como disse, não pode aceitar que alguém lhe faça ou lhe queira mal. Sua simplicidade, ingenuidade (talvez se possa dizer pureza) são tão ilimitadas que hoje me comoveu até quase às lágrimas.

760. Havia terminado o jantar e, enquanto ela tirava a mesa, um companheiro e eu, os únicos em casa hoje, sentamo-nos para ouvir rádio e o Tenente puxou conversa com Helena. Eu estava distraído, prestando mais atenção ao barulho da chuva nas árvores do que às palavras que diziam. Mas, a certa altura, ela disse:

- Em maio, ela vem para cá porque vou ficar um mês em casa. (Referia-se a uma moça que a substituiria).
- Ficar em casa por que? - perguntou o Tenente.
- O senhor não vê como estou engordando?

761. Ele não compreendeu em seguida. Como já me falara no assunto, expliquei:

- Dona Helena está esperando criança para junho.
- Quem é o pai? - Perguntou cruamente o moço.

762. E ela sem se perturbar:

- O Carlos, do Hotel Cruzeiro. Eu trabalhava lá e ele ficou apaixonado por mim.

763. Daí por diante, falou sempre com uma expressão de ternura nos olhos, um sorriso complacente, o que contrastava absurdamente com a rudeza das palavras. Encostada a uma cadeira, com um prato vazio na mão, seus olhos iam do Tenente para mim, depois baixavam mansamente sobre a mesa, sem rancor, sem maldade.

- Pensei em botar ele pra fora, mas fiquei com medo de morrer. Vai ser o meu primeiro filho.

764. O tenente aconselhou:

- A senhora deve tratar muito bem dele.
- Ah! ele vai passar bem. Já fiz toda a roupinha dele; está tudo lá em asa arrumado e passadinho.

765. Depois de uma pequena pausa, acrescentou:

- Vai ser cacheadinho... O pai dele é claro como o senhor.

Agora trabalha no Banco da Lavoura.

766. E cheia de animação, com mais ternura e alegria na voz:

- Depois ele vem pra cá, me ajuda; ih! Vai ficar tão esperto!
- e riu bem alto, cheia de confiança, enquanto levava os pratos para dentro.

767. Seguiu-se um silêncio. Nós dois estávamos comovidos demais. Senti que o Tenente me olhou, mas eu só via a chuva, o barulho da chuva, o tremor inconsciente e constante das folhas sob as gotas impiedosas da chuva.

Março, 12

768. Andrews, o personagem de Graham Greene em *L'Homme et Lui-Même (The Man Within)*, parece dizer com André Gide:

- "Je ne connais pas un sentiment dont la sincérité ne puisse être mise en doute".

769. Qual o drama de Andrews?

Considera-se um covarde e o repete sem cessar. É uma criatura frustrada que traiu precisamente àquele a quem gostaria de assemelhar-se, Carlyon, "qui était tout ce qu'Andrews eût voulu être, courageux, compréhensif, désespérément romanesque quand il s'agissait non pas des femmes mais de la vie". Traiu-o pelo domínio absoluto que sempre exerceu sobre si. Traiu aquele que "lhe contou coisas que não contaria a mais ninguém agora... coisas a que amava e porque as amava. Todas as coisas a que amava".

770. Consumado seu "crime", não cessa de se analisar, de se aniquilar numa constante autoflagelação. Lucy explica-o:

- "Tu es un de ces hommes qui ne peuvent se débarrasser de leur conscience".

771. A todos, fazia presente de sua covardia, à procura de quem o justificasse e por que, como sabe Carlyon, "il n'a pas la courage de rien dissimuler". Até mesmo em público, no tribunal, como para se redimir, confessa que traiu seu amigo porque "je suis un lâche. Vous le savez tous".

772. É, também, no tribunal, ao longo de todo o seu depoimento, que apresenta a chave de sua personalidade. E particularmente, quando explica as razões de sua delação: - "C'est parce que j'avais un père qui me détestait et qu'on me citait toujours em exemple. J'avais peur d'être blessé et je detestais la mer, le bruit e le danger. Puis já ai voulu montrer à ces hommes qu'il fallait compter avec amoi, que j'avais le pouvoir de faire effondre tous leurs plans".

773. Andrews precisava de alguém que lhe trouxesse a confiança em si mesmo. Previu essa possibilidade em Elisabeth e enfrenta todos os perigos para salvá-la e, com ela, salvar a si próprio. Carlyon, que o conhece bem, sabe que ele seria capaz de amar “la femme qui le révélerait à lui-même”. Mas esse espírito fraco, ou melhor, esse ser egoísta que ante o perigo não pensa em nada mais do que em sua segurança - (Quando Cokney Harry lhe aparece para pagar o favor, “il, oublia l'étoile, Elisabeth, Lucy, tout, excepté sa propre sécurité”) - esse egoísta, na última oportunidade que lhe concede Elisabeth para se firmar, por ter-lhe dado a possibilidade de agir em plena liberdade, ainda se trai e foge. Somente se regenera quando percebe que sua última esperança estava morta. Então, confessa-se autor de um crime que não cometeu e exulta:

- “Te voilà sauvé maintenant, Carlyon. Nous sommes quittes”.

774. Acha que, na verdade, foi ele quem matou Elisabeth, ou antes, seu pai nele próprio. E para matar seu pai, tão inseparável de si, suicida-se.

775. Uma vez Andrews diz:

- “On dirait qu'il y a six personnages différents en moi. Ils me conseillent tous des choses différents. Je ne sais lequel est vraiment moi-même”.

776. No entanto, não é bem esse o seu problema. Apenas não se encontrou, ou melhor, não encontrou quem admitisse e o encorajasse a ser o que realmente sentia ser.

Carlyon difere muito de *Narcisse*, de Hermann Hesse, ao passo que tanto Andrews como Goldmund são, ambos, “du côté de la mère”. Em Andrews não há a dualidade, ou multiplicidade, que ele pretende ver: o que existe nele é a negação da própria personalidade - e sua covardia consiste em não ter a coragem para afirmá-la. É, por natureza, contrário à duplicidade. Não consegue admitir que seu pai, odiado dentro de casa, fosse admirado no mar; que Carlyon, amando as mesmas coisas que ele ama, pudesse levar seu amor a coisas opostas.

777. Um belo livro, esse de Graham Greene. Não tenho nenhuma fonte em que possa estudar o autor e sua obra, mas me parece não ser posterior a *La fin d'une Liaison*. A trama deste é bastante mais complexa do que a de *The Man Whithin*, assim como é menos profundo o sentimento religioso que envolve os personagens de *L'homme et Lui-même*. Andrews, em presença de Elisabeth, pensa: “gostaria de fazê-la chorar”. E quando contou-lhe o que fez em Lewes, “il trouva

une sorte de jouissance à se flageller, à exagérer sa lâcheté, son ivresse, sa grossière sensualité”. Os sentimentos que determinam essas reações aparecem bastante ampliados em *La fin d'une Liaison*.

778. A história de Graham Greene é, afinal, uma história simples, cinematográfica, em que o autor prende a atenção com um grande poder de “suspense”. Há cenas e finais de capítulo que se caracterizam extremamente por isso. A curiosidade leva-nos sempre a continuar a leitura. Mas o seu valor não consiste nisso. O seu valor maior está na substância, no drama intenso dos personagens, no estudo psicológico das reações, na profundidade dos conceitos, na vida de suas criaturas.

779. É preciso notar que as cenas finais do romance, quando Andrews encontra Elisabeth morta e Carlyon junto dela, são de uma beleza extrema. Qualquer coisa quase tão bela e comovente como a cena um tanto semelhante em *O Idiota*, de Dostoiévski.

Março, 14

780. Tive hoje a mais intensa alegria de toda a minha vida.

781. Seriam nove horas da manhã, quando um soldado me levou a correspondência: uma carta de Maria e o número de fevereiro do “Jornal de Letras”, remetido por ela a meu pedido, pois o Diário de Notícias publicara que, nesse número, saíra o resultado do Concurso Nicolau Carlos Magno. Na última folha, encontrei o resultado e deparei com a pergunta:

QUEM É TIJUCO?

Corri os olhos pela notícia e, sob o título **OS VENCEDORES** verifiquei achar-se relacionado meu trabalho:

ALGUNS HABITANTES DE IBSEN

782. Foi uma emoção tão brusca que meus olhos se encheram de lágrimas e tive de passar à sala do lado, onde me sentei e li a nota segundo a qual não fui identificado. Não compreendi, pois juntei um pequeno envelope contendo um cartão com nome e endereço. Depois, procurei no texto da notícia qual referência haveria a meu respeito. Claude Vincent escrevera:

“O trabalho sobre Ibsen, por Tijuco, é de um nível mais alto. Soube falar com interesse sobre os personagens que Ibsen criou. Impressiona como estilo e desdobramento do assunto”.

783. Voltei à minha mesa de trabalho e mostrei o jornal ao

Tenente-Coronel que naturalmente não poderia compreender meu arrebatamento. Várias vezes, tive que disfarçar as lágrimas, pois meu pensamento não se afastava do assunto, trazendo-me sempre idéias novas de emoção. Redigi um telegrama para o jornal, revelando minha identidade e fiz sair um soldado para ir ao Telégrafo. Precisava falar com alguém. Saí com o jornal na mão à procura de um Tenente que mora comigo: havia saído. Procurei, então, o Sargento que datilografara o trabalho e dei-lhe a notícia. Voltei a meu gabinete, cheguei à janela: tudo tinha uma expressão diferente. Sentei-me e, dessa vez, consegui ler toda a notícia, todas as notas. Novamente as lágrimas dominaram meus olhos. (Como essas lágrimas deviam ser as de minha mãe, quando revia um filho desde muito tempo ausente). Desci novamente, andei sem destino pelo quartel, voltei à sala, escrevi um telegrama para Maria e, sempre intranquilo, às onze horas, não pude mais ficar no Regimento. Mas não tive coragem de pedir ao Comandante para sair. Como poderia justificar? E sai sem falar com ninguém, fui ao telégrafo, andei pela rua Halfeld. Ninguém. Vim para casa e encontrei o Tenente a quem comuniquei minha alegria. Felicitou-me, falamos ligeiramente sobre tudo.

785. Agora estou mais tranqüilo.

MONÓLOGO DA PROVAÇÃO

MONÓLOGO DA PROVAÇÃO

1

1. Não fume. Aperte o cinto. Estava decidido o destino: Corumbá, via Correio Aéreo Nacional, com escalas em São Paulo, Bauru e Campo Grande.

2. De São Paulo em diante, o céu cobriu-se de nuvens, impedindo a visão de qualquer panorama. Surgiram as inevitáveis comparações com algodão, neve, paina, rompidas quando o avião enfrentava um bloco mais espesso. Impressão de estrada ruim, cavada em terreno rochoso.

3. Bauru a Campo Grande, três horas. Pelas brechas das nuvens, o planalto verde com bosques e árvores esparsas, alguns rios, nenhuma casa.

4. Logo depois da decolagem de Campo Grande, uma série de pequenas elevações de encostas escarpadas anunciou o pantanal matogrossense. Cerca de sessenta minutos para o transpor. As nuvens desapareceram e agora é o pantanal, limitando o horizonte em todas as direções. Planura de águas cobertas de plantas aquáticas, abrindo lagoas e pequenos rios, árvores aos grupos ou isoladas, bandos de garças brancas pousadas, grandes pássaros desconhecidos. Impressão mais forte do que sobrevoar Marajó. Lá, a floresta cerrada, as fazendas de gado, os rios abrindo caminho na mata que se vai afastando - um fio de água mal adivinhado que se amplia - os flocos amarelos do ipê, iluminando o verde avassalador; aqui, o planalto das águas cobertas, as lagoas formando idéia falsa de que se apóiam em terra firme. E um pensamento obrigatório: o avião caindo para abrir nova lagoa.

5. De repente, um grande lago, elevações, o rio Paraguai e - num só golpe de vista - Corumbá.

ms4 >Fev 27<

ms4 estava * selado * o
ms4 Corumbá > sem apelação , < via
ms4 escalas > intermediárias < em
ms4 em ([Bauru]) São Paulo

ms4 nuvens , * e o avião procurou o intervalo entre as duas camadas para melhor cumprir o seu vôo. De um lado e outro, os flocos brancos impediam a vista de * qualquer
ms4 panorama. + Surgiram as inevitáveis comparações com algodão, neve, paina, rompidas quando o avião enfrentava um bloco mais espesso.+ La Paz
ms4 Impressão * de neve, paina, algodão, logo rompida quando o aparelho cavalgava um desses monteiros. Solavancos * de

ms4 das @ nuvens @ o

ms4 casa. > contraste absoluto com a floresta amazônica < . Logo

ms4 Logo * após * da
ms4 escarpadas, >
verticais < anunciou ^ anuncia ^ o
ms4 minutos ([o avião]) para + o + transpor
ms4 transpor. > O que antes eram < nuvens
ms4 horizonte * por todos os lados * Planura
ms4 rios > semeada de < árvores
ms4 grupos + ou + isoladas
ms4 pousadas * ou imitando o avião em vôo reto * Impressão
ms4 floresta + cerrada + as
ms4 caminho + na mata que se vai afastando + - um
ms4 fio + de água + mal
ms4 adivinhado * entre as árvores que se vão afastando à medida que a corrente aumenta * os
ms4 verde + avassalador + > das
matas < @ . @ aqui
ms4 se ([abrem]) em
ms4 firme @ , @ * o * e
ms4 obrigatório @ : @ o
ms4 obrigatório * de avião submergir abrindo * nova
ms4 lagoa > Como encontrá-lo? E para quê? <
De

ms4 e \ Corumbá \ - num
ms4 Corumbá * No dia seguinte, o vôo prosseguiria até * La Paz

6. - O avião prossegue para La Paz às seis horas, hora local, sete horas, hora do Rio - avisa um sargento.

ms4 La Paz \ O sargento avisa: "O avião sai às seis horas, hora local, 7 horas, hora do Rio." \ avisa
ms4 sargento * Tratei de atrasar * meu

7. Atrasei meu relógio, tomei um carro. Hotel Venizelos. Belo nome. O empregado, um boliviano, carrega as malas e me conduz ao quarto. Deplorável. Lembrei-me de meu apartamento na Barata Ribeiro e das palavras do Ministro da Guerra: - Mas, capitão, todas as funções que um oficial desempenha no Exército dispensam o conhecimento do inglês e do alemão.

ms4 relógio.> tomar um carro e procurar hotel<
ms4 Hotel @ Venizelos, belo nome @ O
ms4 O + empregado, um + boliviano
ms4 quarto * lastimável * Lembrei
ms4 do * General * : - Mas

8. Por que essa lembrança em tal momento? Talvez, porque a entrevista com o general tenha sido o ponto final de minha incerteza; talvez, porque, se eu não o tivesse procurado, seria esse o instante propício ao arrependimento de não tê-lo feito.

ms4 alemão > Não se explicar < por
ms4 o * Ministro * tenha

9. Desci, desceram as malas, outro carro para andar cem metros até ao Grande Hotel Corumbá.

ms4 Corumbá # Mas será que o quarto dá para se passar um ano sem enlouquecer? # Quanto
ms4 Corumbá > - Mas será que o quarto dá para se passar < um

10. Quarto simpático (será que dá para se passar um ano sem enlouquecer?), porta e janela para uma sacada de terceiro andar, a Praça Independência, o rio, pantanal, pôr-do-sol vermelho idêntico ao de Porto Alegre às margens do Guaíba.

ms4 simpático \ no terceiro andar, porta e janela para uma sacada \ de
ms4 vermelho + idêntico ao+ Porto Alegre

11. Novamente a cara vermelha do Ministro: - Está certo, há vaga em Curitiba, mas o senhor compreende que a distribuição de oficiais pelas Regiões obedece a certas prioridades.

ms4 do * General * :- Está

12. Neste ponto da entrevista, minha convicção já era nula. Falava por falar, achava-me ridículo ante o homem que poderia dizer ao secretário para atender, estudar, ou simplesmente não. E veio a pergunta impiedosa: - Qual foi sua classificação na Escola de Aperfeiçoamento?

ms4 não. * Então vem * a
ms4 impiedosa:> Por que não estudou mais<
Qual
ms4 classificação > Respondi com um sorriso para disfarçar < a

13. A vergonha de responder: "Centésimo lugar". E era mentira. Tola e ingênua mentira. Minha classificação fora centésimo primeiro.

ms4 centésimo + lugar + E
ms4 mentira \ ingênua e tola \ Minha
ms4 tola > como eu naquele momento<
Minha

14. - Vá, passe um ano, vamos construir casas por lá - consolou ele.

ms4 construir ([umas]) casas
ms4 consolou > e rematou < Então
ms4 consolou + ele + Então

15. Então lhe ofereci meu último livro. Agradeceu amável, apertou-me a mão e saí com a ogiva rosada de seu rosto na lembrança, esquecendo-me do atestado de estudante de inglês e alemão em sua mesa.

ms4 lembrança ([seus olhos azuis sem se fecharem até ao elevador]) * deixando* \ em sua mesa \ alemão
ms4 mesa. > Depois do banho desci para comprar tinta e telegrafar. Na papelaria um Correio da Manhã do dia e, na seção literária, a matéria de minha viagem < Predispus-me

2

16. Predispus-me à alegria ao saber que poderia ler os jornais do Rio no mesmo dia. Liquidei minha depressão e senti-me tão próximo de meus amigos como se estivesse servindo na Vila Militar do Rio.

ms4 alegria * A nota liquidou a * depressão
ms4 depressão \ e a certeza de ler os jornais do Rio no mesmo dia aproximou-se de tal forma \ de
ms4 amigos * que me pareceu estar * na
ms4 Militar + do Rio + Tratei
ms4 Militar, > inexistentes o pantanal e o planalto matogrossense < Tratei
ms4 Rio > Fev.28 < Tratei

17. Tratei das apresentações pela manhã, começando pelo Quartel General da Brigada Mista, uma residência adaptada às seções do Estado Maior e demais repartições. Um capitão, alguns majores, um coronel, o general, simpático e bem falante. Por ser da oposição ao governo foi castigado com a comissão de Corumbá.

ms4 apresentações > Inicialmente no < Quartel
ms4 uma * casa * adaptada
ms4 repartições > Seu proprietário - um homem que enriqueceu rápido demais, segundo me explicaram - esmerou-se no acabamento. Lustres de cristal em todas as peças, até no banheiro, o chão todo de ladrilhos que a madeira aqui é escassa e o colorido vário do assoalho deve sair mais caro, para a satisfação de um construtor < Um
ms4 general + simpático e bem falante. Por ser + oposição
ms4 oposição * naturalmente * Onde
ms4 Corumbá > Mas bastante acessível, preocupado com o lugar onde eu iria morar. Porque o exército não resolveu esse problema < Há

18. - Onde está hospedado?

19. É a preocupação dominante. Há apenas seis casas na guarnição, ocupadas por oficiais casados. Até oficiais superiores da Brigada têm de ficar no hotel, ou procurar pensões baratas, ou montar casas duplicando a despesa por terem aparta-

ms4 dominante * O batalhão tem * seis
ms4 casas + na guarnição + ocupadas
ms4 guarnição > já < ocupadas * para * oficiais
ms4 casados * Os outros, e alguns * oficiais
ms4 hotel > caros < ou * procurarem * pensões
ms4 pensões + baratas + ,ou * montarem * casas
ms4 despesa * porque a maioria vende * no

mento no Rio ou em São Paulo. Como servir em Corumbá é uma missão transitória, todos reagem a essas dificuldades. Em consequência, a falta de oficiais, o desempenho de várias funções pelo mesmo homem, a pouca eficiência dos serviços. A 9ª Região Militar, de Mato Grosso, é conhecida como a Anônima Região.

ms4 São Paulo * É dessas coisas que não se compreende como consequência, a falta de oficiais. A quem é do litoral, o simples nome Mato Grosso inspira terror. Por que, então, não proporcionar facilidades a quem se destina a essa região? Sabe-se de quantidade imensa de oficiais que nunca saíram das capitais, que permanecem dez ou mais anos no Rio e em São Paulo. Está certo. Mas sempre faltam os quadros e uma só pessoa desempenha várias funções sem atender bem a nenhuma. * A

20. Uma visita pelas instalações do QG revelou um detalhe curioso: lustres de cristal em todas as peças, inclusive no banheiro. A casa pertenceu a um comerciante que enriqueceu rápido demais e o luxo atingiu o exagero.

ms4 Caçadores > , quadrilátero térreo e cinzento, amarelo no interior. < O

21. Era preciso ir à minha Unidade, o 17º Batalhão de Caçadores. Cheguei como um usurpador: por ser o capitão mais antigo, assumi o comando. A falta de oficiais, ainda mais acentuada. O coronel comandante, de licença; dois capitães, alguns tenentes, quatro aspirantes da ativa e diversos da reserva, estagiários. Aspirantes no comando de companhias, por falta de capitães; um segundo tenente como Fiscal Administrativo, por falta de major.

ms4 tenentes * na fiscalização administrativa
* por

22. Quando se sai da Academia Militar¹, o maior desejo é ter um pelotão de soldados para se ensinar o aprendido nos três duros anos do curso. Que sabe um aspirante de comando de companhia? E um segundo tenente de Fiscalização? A responsabilidade de comandante, com a situação dos quadros, cresceu em minha frente. Repetia-se o panorama já conhecido em outras unidades, agravado pela situação de fronteira com um país estrangeiro. Naturalmente, iria encontrar aspirantes desiludidos, desajustados ou entregues à experiência dos sargentos - elemento essencial da rotina burocrática de todos os quartéis. E as companhias com a instrução entregue a cabos porque um sargento é distraído para o rancho, outro fica à disposição da tesouraria, aquele vai para a Casa das Ordens porque é bom datilógrafo.

23. Lembrei-me de um tenente que me dizia no Rio Grande do Norte: - Se o Brasil não pode manter um Exército que o transforme em polícia.

ms4 datilógrafo * lembro-me * de
ms4 que * , em Natal, revoltado com o estado de coisas, dizia: * -Se

3

ms4 > Março, 1º <

24. De meu quarto, vejo a aberração de Corumbá: um edifício de onze andares em vias de conclusão. Por mais que procure, não consigo justificá-lo. Ergue-se, o fantasma, em meio a casas de um só pavimento, alguns sobrados, um edifício de três andares.

ms4 fantasma, > na praça principal, < em
ms4 a * casas, sobrados, * um
ms4 andares > - o hotel < Como

25. Como viverão nele as famílias acostumadas ao pátio para estender roupa, ao terreiro para varrer, plantar flores, sentar-se à sombra das árvores?

ms4 árvores @ . @ E

26. E as crianças? Onde construirão estradas, pontes, em que galho vão brincar de avião, de circo.

27. Os suicidas de Corumbá têm novo cadafalso.

ms4 cadafalso * Corumbá tem semelhança com cidades do Nordeste, ou do Estado do Rio, ou de Santa Catarina, o que quer dizer - é uma cidade brasileira. // Situa-se à margem direita do Rio Paraguai, aparentemente em território boliviano. Essa margem é alta, em contraste absoluto com a esquerda, totalmente baixa e plana, sujeita às inundações periódicas. // O Grande Hotel fica na esquina das ruas Frei Mariano e João Pessoa. A primeira, partindo da barranca do rio, estende-se até a estação da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. * Há

4

28. Ainda não começou o calor da cidade (estamos em março), ou já passou por causa das chuvas de ultimamente. Está uma temperatura agradável. A cidade é antiga, toda arborizada e bem traçada, com um centro comercial adiantado, muita gente nas ruas e táxis a correr o dia inteiro como se quisessem impressionar turistas. No centro, algumas ruas calçadas; depois, poeira e mais poeira, branca como a de Tijucas, em Santa Catarina. A zona do porto é pitoresca e no barranco do rio Paraguai há um bar imenso, com dois terraços cheios de mesas. Não sei se há gente para tanto. La Barranca é o seu nome. Outros bares espalhados por toda a parte, cadeiras na calçada. Dois cinemas. Amanhã, Miguel Strogoff.

ms4 > março, 2 <

29. Há uma beleza latente nas ruas de Corumbá. Os flamboyants. Quilômetros e quilômetros acompanhando as casas, há do aniquilar o colorido vivo e variado das fachadas, quando desvendarem o segredo de suas flores vermelhas.

ms4 vermelhas* É o eixo Norte-Sul da cidade, com cerca de dois quilômetros. O eixo leste-oeste é a rua João Pessoa. À direita, vejo o casarão baixo e cinzentado do quartel fechando a cidade; do outro lado, é o aeroporto que se encarrega de limitá-la. Aproximadamente quatro quilômetros. Tomando a cruz dessas estações de rádio, "o maior parque industrial de Mato Grosso". *\ Vejo

30. Vejo o casarão baixo e cinzento do quartel limitando a cidade a Leste e o aeroporto no outro extremo. Um eixo de quase quatro quilômetros, cortado pelo Norte-Sul que sobe do rio até à estação da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. São os limites da Cidade Branca, como diz a estação de rádio, o maior parque industrial de Mato Grosso.

31. O centro comercial aproxima-se do rio² e a cidade, situada à margem direita do Paraguai, parece encontrar-se em território boliviano. A outra margem é baixa, sujeita a inundações periódicas. Dizem que, de tarde, os jacarés vêm assistir ao pôr-do-sol na beira do rio.

32. O letreiro de um loteação identifica-me, de repente com o Rio: "Mauá-Méier". Passo pelo marco inicial da estrada de rodagem Brasil-Bolívia, no cruzamento de duas ruas centrais, com quatro relógios no topo. Todos os ponteiros parados, cada face num ângulo diferente.

33. Volto ao quarto de hotel. A cidade começa a escurecer e os flamboyants deixam filtrar apenas um pouco de luz fraca das lâmpadas. As famílias, para aproveitar o fresco da noite, trazem cadeiras para a frente e conversam nas calçadas, como no Nordeste. Resta ligar o rádio e tentar ouvir as estações do Rio. Mas entra a Rádio Nacional do Paraguai, violenta, falando no Mariscal Lopez e suas glórias a cada intervalo das guarânias.

ms4 lâmpadas> e < as

ms4 Nordeste > O marco zero da estrada Brasil-Bolívia também o vejo de meu quarto. É uma coluna no cruzamento de duas ruas, com quatro mostradores de relógio no topo. Todos os ponteiros parados, cada face num ângulo diferente < Resta

ms4 Nordeste * O que me desgosta é o rádio. Sem antena, onde se ouvia o Rio, entram estações da Bolívia e Paraguai, a Rádio Nacional do Paraguai falando no Mariscal Lopes e suas glórias.* a

5

34. Primeira carta de Mário Faustino:

Recebi ontem tua carta. À noite, por outros motivos, estive com a Ruth e, em passant, soube que ela ia te escrever também hoje - também ontem recebera tua primeira carta. Obrigado, portanto, pela fraternal atenção. Os dias em que te foste, foram demasiado cheios para mim - assim também os desde então e os de agora.

35. Gostei da saúde com que escreveste tua carta. Não está melancólica, não está triste. Isso, homem, sê macho, enfrenta a situação e tira dela o melhor. Tudo é fonte de vida e é de vida - de mutáveis mudanças mutáveis - que necessitas. Corumbá, planalto, pântano, planura, plano, plano, pequenas elevações, rio, crepúsculos, flamboyants. O quadro não é mau.

36. Não me falaste uma palavra de literatura em tua carta. Que que há? Trabalha, homem. Trabalha com liberdade - primeiro - e com disciplina, depois (ambas as fases no mesmo trabalho). Cria com liberdade: deixa a pena correr. Depois, recria: corta, acrescenta, monta, cola, emenda, etc... Lembra-te do homem de cinema. Lembra-te de tua época. Abandona por uns tempos teu egozinho que não é nem a metade tão interessante quanto os objetos que te cercam - e mesmo que o fosse, é um só contra bilhões de outros objetos. Não te incomodes com tua auto-revelação. Até falando em uma laranja, o artista se revela, se reflete, se transmite. Fala, cria. Não te limites à auto confissão, auto-piedade, etc... E procura renovar. Procura conferir novidade e dignidade à língua de todos os dias. Procura conferir novidade e dignidade à língua de todos os dias. Procura aproveitá-la para que os que a falam, lendo-te, falem melhor, mais exato, mais claro, mais belo, mais rico, mais variado. Vê na tua literatura um crivo da língua, uma oficina onde esta se purifica, se melhora, se exatifica, se diversifica, cresce, se transforma ao mesmo tempo em que se disciplina. Deixa as "mensagens" diretas. As outras, as fornecidas pelos objetos que criamos, são as melhores, as mais eficientes. Faze teu leitor ver o que tu vês, não apenas ouvir o que falas: do contrário, ele nunca mais se interessará por ti. O tempo dos românticos diálogos autor-leitor está passado.

37. Coerência, homem! Coerência! RIGOR! Esta é a mensagem. E o humilde trabalho, o dar-se humildemente, o baixar a cabeça e trabalhar. O resto vem depois. (Não estou falando só contigo, falo-me também a mim mesmo).

Abraça-te de longe, o teu Mário
Escreve sempre, urgente e muito.

6

38. A rotina está prestes a se estabelecer.

39. O despertador toca às cinco horas da madrugada, pouco antes das seis passa o ônibus do quartel. Às seis e meia assumo o comando. Desfile da tropa. Surgem casos a resolver e chegam as onze horas muito depressa. Ônibus, almoço no hotel, ônibus às treze horas, novos casos a resolver, outra vez no ônibus às dezesseis horas, hotel.

ms4 > março, 3. <

ms4 hotel # A rotina está prestes a se estabelecer # O

ms4 O \ cinco horas toca o despertador \ pouco

ms4 horas + da madrugada + , pouco

ms4 despertador @ . @ Pouco

ms4 Desfile + da tropa + Surgem

ms4 e ^chega ^ às onze

ms4 almoço + no hotel + ônibus

ms4 horas + novos a resolver, outra vez no ônibus às + dezesseis

40. A Enfermaria do 17º B C, por misteriosa razão que não me souberam explicar, foi construída no extremo oposto da cidade, a cerca de quatro quilômetros do quartel. É uma construção antiga, com janelas e portas enormes, as paredes com cinco metros de altura, caiadas de branco. No interior, um pátio com um poço redondo, a carretilha presa a um arco de cimento. Está fechado. Ao redor, uma paineira, mamoeiros, um abacateiro.

41. Os soldados baixados passam a tarde deitados na varanda de ladrilhos, no chão, para fugir um pouco ao calor.

42. Não há água a não ser num tanque encostado ao muro. É aí que os soldados fazem sua higiene matinal, com latas e canecos. De noite, entra um pouco de água da rua, sem chegar a encher a caixa, e o banho, de madrugada, é penoso, o corpo molhando-se lentamente com a água que sai de cinco ou seis furos do ralo do chuveiro.

43. É nesta enfermaria que moro desde ontem, por medida de economia. No quarto amplo, uma cama de ferro, um caixote conseguido com o servente para suportar o rádio, nada mais. Roupa emalada, desconforto total. Terei de comprar móveis mas aqui tudo é caro e difícil. Temos providenciado, eu e um major nas mesmas condições, para solucionar o problema da água. Prefeitura, soldados, mobilizamos a todos. Se não houver solução, nova mudança.

44. A oito quilômetros do marco zero da cidade, seguindo pela estrada que continua a rua João Pessoa, corre o riacho Conceição, limite do Brasil com a Bolívia. Estrada carroçável, em péssimo estado, principalmente depois das chuvas de ontem. Um pequeno marco de pedra de cada lado do arroio, postos militares de ambos os países, as bandeiras em confronto no alto dos mastros.

45. Posto Esdras é a sede do contingente brasileiro. Um sargento - que trata de porcos, galinhas, plantação de milho e mandioca - dá instrução aos soldados, é o enfermeiro e vigia a estrada. A parte militar compreende um alojamento de madeira, a residência do comandante e a Escola Barão do Rio Branco em alvenaria. Existe, ainda, outro prédio, independente do Exército, onde funciona o controle alfandegário.

ms4 > março, 5. <

ms4 as * peças * com
ms4 altura > paredes < caiadas
ms4 um ^ pátio ^ com
ms4 redondo , > colonial < presa

ms4 para ^fugirem ^ um

ms4 muro + É aí que os soldados fazem sua
higiene material, com latas e canecos + De
ms4 noite * cai * um
ms4 pouco * mas não enche * a

ms4 ralo + do chuveiro + É

ms4 ontem + , por medida de economia + No
ms4 No * Um * quarto
ms4 amplo > demais <, uma

ms4 para ^solucionarmos^ o

ms4 mudança >Deixei o hotel por medida de
economia. O ano passado em Corumbá tem
de se justificar de qualquer maneira < A

ms4 > março, 6. <

ms4 o * arroio * Conceição

ms4 ontem > No limite. < Um

ms4 brasileiro # Alojamento dos soldados, de
madeira, as outras casas de alvenaria: residên-
cia do comandante do contingente# Um

ms4 estrada * , refeitório e Escola Barão do
Rio Branco. * Existe
ms4 Existe\, também, um controle alfandegá-
rio que tem sede em outra casa, independente
do exército\Falta

46. Falta milho para a criação, não há luz elétrica, a água para beber vem de dois quilômetros de distância e o meio de que o sargento dispõe para comunicar-se com o Batalhão é estafeta montado. Nenhuma previsão para casos de alarme.

- E esta lenha empilhada na estrada?

- Os soldados tiram da mata próxima para o rancho e a padaria do quartel.

47. Mas há a Escola Barão do Rio Branco. Um soldado, que foi professor no Estado de São Paulo (tem 19 anos), ministra aulas para 29 crianças distribuídas pelos 1º, 2º e 3º anos primários, todos na mesma e única sala da escola.

- É difícil porque só tem uma lousa, capitão.

48. E não recebe gratificação alguma. Há uma professora estadual nomeada, mas nunca apareceu.

49. Atravesso o arroio Conceição com uma passada maior e estou na Bolívia. A bandeira de listras verde, vermelha e branca está murcha no mastro. O posto militar é uma casa velha. Aparece um homem que me apresentam como o sargento encarregado da guarda e vigilância da fronteira. Chinelo, calça de brim, camisa branca, um cinto de lona com a fivela metálica da Aeronáutica brasileira.

50. De todas as impressões do Posto Esdras, a mais forte foi a cara triste das crianças da Escola e o soldado dizendo:

- Só tem um quadro-negro, capitão.

51. Em todos os quartéis do Brasil existe uma prática que se chama revertê. As etapas de alimentação dos soldados que preferem fazer suas refeições em casa revertem para a economia da Unidade. É com esse dinheiro que os comandantes conseguem fazer as melhorias de aquartelamento e de alimentação da tropa (ou proporcionar banquetes para as autoridades em inspeção).

52. Em Corumbá, o revertê é mínimo. A maioria do contingente incorporado vem de São Paulo, porque a densidade de população de Mato Grosso não é suficiente para preencher os efetivos, e grande parte dos matogrossenses é pobre e prefere ficar mesmo pelo quartel.

53. Alguns comandantes, por ocasião de datas festivas, dispensam parte do pessoal com direito a ir para casa. Duas grandes compensações: alegria para os soldados e dinheiro com o revertê. Pois essa prática é quase inútil em Corumbá.

ms4 distância @ , @ e

ms4 sargento * pode lançar mão * para

ms4E ^ essa^ linha

ms4 estrada ? * É para * o

ms4quartel > Viram da mata próxima. -E quando acabar? - Muda-se o posto - diz o sargento rindo<Mas

ms4 São Paulo + (tem 19 anos) + ministra

ms4 Conceição + com + uma

ms4 velha >, mal cuidada< Aparece

ms4 brasileira * Enquanto o jeep se esforça para vencer a péssima estrada, na volta, não consigo esquecer o soldado e as 29 crianças da Escola Barão do Rio Branco * Só

Apenas alguns recrutas que moram nas redondezas podem beneficiar-se com a dispensa. Para os paulistas - Bauru, Andradina, Araçatuba, Presidente Prudente e outras cidades - a licença precisaria ser de uns oito dias para compensar as despesas e a viagem penosa de trem.

54. Contando praticamente apenas com as mínimas dotações orçamentárias, o quartel do 17º B. C. está em péssimas condições.

55. Qual o oficial que, sabendo da situação, há de querer comandar uma unidade onde nada, além da rotina, pode efetuar? Que trabalhos há de apresentar para a disputa das promoções?

10

56. Uma vez por semana acontece na cidade a Feira Boliviana. De trem de carga vem a caravana triste pobre dos bolivianos que instalam a feira perto da estação da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. Para vender bananas, laranjas, limas, limões, bociúvas, milho verde ou seco, batata-doce, mandioca. Aparece, também, leite em pó americano, sabonetes, bolachas de mau aspecto. De característico, apenas tapetes de pele de carneiro, pequenos potes e panelas de barro queimado para brinquedo de crianças.

57. Procurei colchas de vicunha mas fui informado de que as três únicas que haviam trazido foram apreendidas como contrabando.

58. A feira prolonga-se por todo o dia e de noite os bolivianos dormem em hospedarias infectas, cinco ou seis em cada quarto, alojados em tarimbas de madeira.

59. Em amontoado de gente sem alegria que bebe quase tudo o que apurou na venda de seus produtos, antes de regressar à miséria maior de seu país.

ms4 promoções? * De tarde vou conhecer * a ms4 Boliviana * Deve ser grafada feira boliviana. Pobre, extremamente pobre. Não só a gente que vem vender o que consegue em sua feira como o que trazem para vender * banana

ms4 bociúvas >fruta que não conhecia < milho

ms4 mandioca + Aparece também leite em pó americano+ sabonetes

ms4 bolachas * pouca coisa mais* De

ms4 característico + apenas+ tapetes

ms4 carneiro * alguns* potes

ms4queimado< pequenos ,para as crianças brincar.-Antigamente vinha mais coisa. Três colchas< de

ms4 vicunha *, as únicas que trouxeram foram apreendidas pela alfândega * contrabando

ms4 contrabando * O boliviano que faz esse comércio miúdo e barato vem em trem de carga com malas e sacos. É um povo triste, pobre, que passa a noite em tarimbas * cinco ms4quarto, * de uma hospedaria infecta da zona da estação de estrada de ferro, região onde instalam a feira, * amontoado

ms4 alegria ,* e sem esperança * que

60. Pescaria no Rio Paraguai em companhia do tenente dentista do Batalhão e do Comandante Palhano, que serve na Base Fluvial de Ladário, a 6 quilômetros de Corumbá³.

61. A lancha a motor, no meio do rio, permite observar o contraste entre as duas margens. A esquerda, totalmente plana e baixa, ampliando a superfície das águas, sem desnível; a outra, elevada e pedregosa, as pedras formando camadas que lançam verdadeiros trampolins sobre o rio.

-A margem esquerda é de solo argiloso e esta, de calcáreo - explica o comandante. Dali é que tiraram calcáreo para a fábrica de cimento - e aponta para os homens cavando a terra sob o sol forte da tarde.

62. Os anzóis já haviam sido lançados e logo o tenente começa a puxar a linha rapidamente.
- Segura firme!

63. Em poucos segundos, novo passageiro no barco: um dourado medindo uns 70 centímetros, com mais de 5 quilos.

64. Como a região tinha peixe, a lancha voltou várias vezes ao mesmo ponto, passando sempre por uma cabana de madeira onde três homens se divertiam com uma mulher. A primeira cena foi um deles abraçando-a junto à parede, beijando-a, sem se preocupar com nossa passagem.

65. Na outra volta, o homem era outro, mais velho, vermelho, a cabeleira raspada à moda alemã. Mas na terceira e quarta volta o idílio tomou novo aspecto. A mulher, sozinha, aproximou-se do rio, tirou a saia colorida, ficando em combinação branca. A carne morena e rija apareceu melhor quando ela, num gesto brusco, arrancou a combinação. Coxas volumosas, seios amplos, uma calça vermelha com elástico na cintura.

66. A lancha se afasta, os anzóis acusam peixe e novamente as linhas são recolhidas às pressas. O luzir de outro dourado e de um peixe-cachorro sucedem o brilho das colheres dos anzóis. Outras tentativas foram feitas, mas a pescaria estava encerrada.

ms4 > março,7.<

ms4 > março,9.<

ms4 Pescaria ([Ontem, sábado, fui a Ladário para de lá sair em lancha motor para uma pescaria]) \ Corumbá- Ladário, 6 km, por uma estrada que está recebendo asfalto \ A

ms4 A > margem esquerda, do outro lado da cidade < totalmente

ms4 totalmente \ baixa e plana \ ampliando

ms4 A + margem + esquerda

ms4 e + de + solo

ms4 tiraram ([o]) calcáreo

ms4 cimento ([explic]) é

ms4 e * diz ele, mostrando * os

ms4 homens * a cavar * a

ms4 tarde * A essa altura ambos haviam lançado a linha e o tenente começa a puxá-la rapidamente* Segura

ms4 centímetros * (depois verificamos o peso: 5,2 kg) * Como

ms4 homens > velhos < divertiam-se

ms4 nossa * lancha cruzando * Na

ms4 o * galã * era

ms4 tomou * outro * aspecto

ms4 rio * despiu a saia floreada e ficou* em

ms4 branca. + A + carne

ms4 brusco, * retira * a

ms4 combinação > e põe à mostra coxas volumosas, seios caídos, < uma

ms4 afasta > ambos < os

ms4 novamente * o recolher apressado das

linhas, o aparecimento das colheres dos

anzóis, depois o luzir de um dourado e de um

peixe-cachorro na lancha. O peixe-cachorro

com duas enormes presas no maxilar inferior

que ([penetram no]) se alojam no superior

quando o bicho fecha as mandíbulas. //Estava

encerrada a pescaria. Mas muitas outras

tentativas foram feitas.* Na

67. Na última passagem pela cabana, a mulher e um dos homens estavam se acariciando nus, semi-cobertos pelas águas que emitiam ondas circulares ao movimento ritmado dos corpos.

ms4 cabana ([de]) > beira rio, < a
ms4 nus ([à margem das águas, os corpos])
semi
ms4 que ^ emitia ^ > pequena < ondas
ms4 movimento ^ ritmado ^ dos
ms4 corpo > Amor selvagem, natural, era
como se a lancha não existisse < Subimos

68. Subimos o rio em direção a Corumbá. Um arame inclinado e tenso na margem alta me chama a atenção.

ms4 Corumbá \ Na margem alta \ um

- É para tirar água do rio. Lançam o arame preso a uma pedra e o amarram à árvore lá em cima. A lata, fixa a uma corda, corre pelo arame e volta cheia.

ms4 atenção * Lançam ao rio o arame preso a uma pedra e o amarram a uma árvore, lá em cima. A lata, fixa a uma corda, corre pelo arame e volta cheia d'água. Processo primário e inteligente de ter água em casa * Além

69. Além, um jato vermelho manchando o rio e alguns pescadores na margem.

ms4 piranhas * Não são todos que comem esse peixe, pelo fato de se alimentarem de carne humana, quando podem * Nem
ms4 humana * É um perigo * entrar
ms4 avançam * - explana um (Lembro-me da calça vermelha da moça) * A

- É o sangue do matadouro. Região de piranhas. Muita gente não come este peixe porque se alimenta de carne humana.

- Nem se pode entrar de calção vermelho na água; pensam que é sangue e avançam, diz o tenente, rindo. Vai ver que já atacaram a mulher que vimos lá embaixo.

ms4 subir @ , @ Corumbá
ms4 aparece * lembrando um pouco a Bahia
* Rodeamos
ms4 Bahia @ , @ rodeamos
ms4 rio, +em frente ao porto + Cilíndrico
ms4 gás @ , @ * prosseguimos * até

70. A lancha continua a subir e Corumbá aparece, um pouco como Salvador, Bahia. Rodeamos o farol, que fica no meio do rio, em frente ao porto. Cilíndrico, de uns cinco metros de altura, é alimentado por tubos de gás.

71. Vamos até ao canal do Lamego, braço por onde a lagoa Cáceres se liga ao Paraguai e, depois de mais algumas tentativas com o anzol, termina o passeio sem nenhum pintado - o peixe mais gostoso do rio - ou o pacu. Diz a lenda que quem come cabeça de pacu não sai mais de Corumbá⁴.

ms4 braço ([que o rio Paraguai lança para Este]) tentativas
ms4 Paraguai * Vãs * tentativas
ms4 anzol , * encerram * o
ms4 sem > se pescar nenhum < pintado
ms4 quem * comer * cabeça

12

72. Rondon visitou o 17º B. C. a 14 de julho de 1930. É o que descubro no Resumo Histórico da Unidade. Também, que o Batalhão foi criado em 1919 e no período agitado das revoluções esteve sempre presente. Em 1924, 25, 26 e 32. Sobre 1930, nada. Mas a 27 de março de 1925 esta informação lacônica:

73."O Batalhão sublevou-se na madrugada desse dia, sob a direção dos primeiros sargentos Antônio Carlos de Aquino e Armando Granja e os terceiros ditos José Leite de Figueiredo e Marcondes Fontes da Costa e Silva, prendendo o capitão comandante. Na mesma data, houve uma contra-revolta que restabeleceu a disciplina, restituindo o comando ao capitão, do qual se viu privado por 10 horas, por força da felonía de que foi vítima⁵".

ms4 capitão * L.O . P . * Na
ms4 capitão > L. O . P . < do

13

>março,12.<

74. Cerca de vinte minutos matando baratas em meu novo endereço: Rua Delamare, 1325.

75.O coronel voltou da licença e a primeira providência foi glosar-me a vantagem de morar na Enfermaria, sem despesas. Motivo: há tempos atrás, mandou que se retirassem quatro aspirantes por não se comportarem bem: -Chegavam à janela de busto nu.

ms4 nu* Para que eles não se sintam injustiçados, saio eu, com oferecimento de morar em casa do novo médico, eu e o major, meu companheiro de Enfermeira //-O médico casará breve, mas avisará com sessenta dias. / / Para evitar nova mudança, resolvi alugar este.Altíssimo, as portas tem seguramente quatro metros. Não há janelas. Uma porta abre diretamente sobre a rua, * outra

76.Como ainda servem aqui, não quero fazer injustiça.

77.A nova residência é um quarto de paredes altíssimas. Não há janelas. Uma porta de, seguramente, quatro metros abre diretamente para a rua; outra, ao fundo, liga-se com uma pequena área fechada, onde foi construído um rancho para o chuveiro e as instalações sanitárias. Paisagem: olhar para cima e ver um pedaço de céu.

ms4 ver* o retângulo* de

78.De manhã, vieram soldados fazer limpeza; de tarde, mudança e arrumação. Finalmente hoje, 12 de março, chegou a mala despachada por avião a 22 de fevereiro. Comprei guarda-roupa, cama, cadeira, cesto de papéis e, com a mesinha feita pelo cabo carpinteiro do quartel, estou satisfatoriamente instalado. Pormenor luxuoso: tapete quadriculado de pêlo de carneiro, ao pé da cama, comprado na Feira Boliviana.

ms4 vieram > dois < soldados
ms4 hoje, ([também]) + 12 de março +
chegou
ms4 fevereiro > no Rio, via Panan,< comprei

ms4 cama + , comprado na Feira Boliviana+
A
ms4cama * Vejamos agora os barulhos
noturnos* Na
ms4enfermaria ([eram os cachorros]) o
ms4baldio* que se estendia junto à minha
janela*Aqui

79.A que barulhos noturnos ficarei sujeito? Na Enfermaria era o meeting dos cachorros no terreno baldio junto à janela. Aqui, a dois quarteirões do centro, talvez seja mais quieto.

ms4quieto + E ainda existem baratas + Duas

80.E ainda existem baratas. Duas confabulam junto ao rádio e uma corre sobre o lençol. No quarto de banho havia seguramente vinte, na caixa de papelão do rádio, outras tantas. E as formigas? Não sei que processo de comunicação utilizam mas, barata morta, um cento delas imediatamente comparece. Há microscópicas e amarelas - formiga-de-defunto, em Santa Catarina - e outras pretas, grandes, visíveis a três metros.

ms4rádio * Não investi ainda para aquele setor*No

ms4 tantas * ,nunca vi quantidade igual. Agora corre uma sobre o lençol.Possivelmente utilizarão uma trena, esta noite, para calcular o efetivo necessário ao contra- ataque de amanhã * E ms4 de + comunicação + utilizam ms4 utilizam * para reconhecer o terreno e comunicar-se entre si.Telégrafo sem fio,radar? O certo é que,* barata ms4 cento* de formigas surgem imediatamente a referenciá-la * Há

81.Também conto com a companhia de aranhas. De um momento para o outro viram-se despojadas de suas teias, mas, sem perda de tempo, uma delas instalou nova ligação, da lâmpada de mesa ao despertador. Dois tipos identificados: corpo esbelto e pernas imensas; gordas e de pernas curtas.

ms4 metros * As aranhas, decepcionadas viram-se de uma hora para outra, despojadas das teias.Uma,sem perda de tempo * instalou

ms4 curtas> longilíneo e < ([Procuremos as baratas rádio ouvintes.]) Hoje

14

82.Hoje de noite , apenas duas baratas. Entraram por caminhos opostos, passearam descuidadas.

> março, 13<

ms4descuidadas>, turisticamente < Uma

83.Uma recostou-se na mala e, desprevenida, foi imprensada contra a parede. O sangue branco espirrou longe. A outra prosseguiu indiferente a marcha até ao cano da pia, na área. Parou junto a um montinho azul de pó e, traída pela sacarose, comeu a fartar-se. Não tive coragem de esperar a ação do remédio e, com o sapato, encobri e bicho e o morro azul-da-prússia.

ms4 foi([friamente assassinada]) O ms4 imprensada*o sangue branco espirrando longe*A ms4 outra\, indiferente, prosseguiu\ a ms4 montinho \de Pó azul \>(Há rastilhos ([de Pó azul]) por todos os cantos) < Traída ms4 do * Ac. Orto tonic.(?).O couro preto do sapato([amassou]) encobriu o * bicho

15

84.Mário Faustino escreve: Recebi tua carta num dia tempestuoso (metafisicamente - aliás, fisicamente, também, pois choveu o dia inteiro, mais a noite seguinte, escrevo-te na manhã após).

85. Tenho escrito muito, mas só coisas quase sem importância: jornal. Lamento não poder prometer-te o envio do Suplemento de quando em quando, uns quatro ou cinco, como gostaria. Mas vou sugerir à Ruth que faça, a primeira vez que a vir. Precisas muito disso. Poderias traduzir o melhor conto que encontraras na Antologia *: conforme fosse, publicaria no suplemento ou na Revista. Esta sai mesmo, só que demora. Quem trabalha sou eu mesmo e quase não tenho tempo. O bom é que até agora não recebi um não em meus pedidos de colaboração. Parece que a revista (MS) vai ser uma espécie de pool, de trust do que há de melhor no Brasil.

86. Gostei da descrição de tua casa. Continuo convencido de que és um escritor nato. Só que precisas, de uma vez por todas, decidir-te a renovar. Repito-te: renovar, make it new, é condição de existência na literatura duma época como a nossa. O escritor de nossa época é mais responsável perante sua arte e sua língua (ambas em grande perigo) do que perante si mesmo (em nossa época é impossível o nosce te ipsum) ou seu mundo, a respeito do qual o escritor é impotente - a não ser que pretendas engajar-te e cometer o ridículo e ingênuo erro dos artistas comprometidos. Compreendes meu raciocínio? Pensa nisso e escreve-me a respeito.

87. Sugiro: Monólogo de Corumbá, mesmo, Monólogo é exatamente isso, em teatro.

* Antologia de Cuentistas Hispanoamericanos, organizada por José Sanz Y Diaz, que Mário me deu "para ler na viagem".

88. Uma pessoa fala e outra, presente na cena, porém calada, sem dialogar, escuta. Quando uma pessoa fala sozinha, não é monólogo, é solilóquio. Ou: Falas de Corumbá. Ou: Fala de Corumbá. E por que não Cartas de Corumbá? Nunca te vi tão à vontade como no estilo epistolar. Devias colocar tudo o que escreves em termos de carta. Manda-me uma amostra, o mais breve possível. Não escrevas comportado. Sê correto, mas sê livre. Não respeites pequenas regrinhas de gramáticos: ordem do discurso, sintaxe tradicional, unidade de tratamento, pessoa que fala e pessoa a quem se fala, ordem temporal, ordem espacial, acaba com tudo isso e procura apresentar o fato, em seus aspectos essenciais, monta-o, como no cinema, acentuando seus detalhes mais importantes ou mais simbólicos, dentro de uma ordem própria. Não contes, não comentes um fato: apresenta-o, estática e dinamicamente, dentro de suas próprias leis e com o maior impacto possível - maior e mais íntegro, mais unitário. Condensa. Procura ter em mente o fluxo da própria prosa, palavra puxa palavra, e não só o fluxo narrativo do aconteci-

mento. Escreve em dois níveis, ao mesmo tempo: o nível, a corrente do acontecimento a narrar, e o nível da língua, que é também o do pensamento. Como é que percebeste (epistemologicamente) o fato de que estás narrando? Como é que ele entrou em ti, fazendo-se percepção sensorial - palavra-pensamento-palavra de novo? Lembra-te dessas duas fases epistemológicas: tu, diante do fato que vais narrar, fato que presenciaste ou que imaginaste (epistemologicamente é a mesma coisa; epistemologia, estudo dos mecanismos da percepção) e o leitor diante do mesmo fato já narrado por ti. Isso é muito importante como determinante da arte contemporânea, de toda ela. Na arte anterior, na que encontramos pronta, quando começamos a escrever e à qual nada, mas nada mesmo, poderemos acrescentar, o que acontecia era o seguinte: o leitor, tacitamente, aceitava prontos, os instrumentos narrativos tradicionais, a sintaxe linear, falazmente ordenada, com se as coisas no mundo se passassem exclusivamente numa ordem (que cientificamente sabemos ser falsa) temporal: ia por uma rua, vi isto, depois vi aquilo, depois aquilo. Considera a coisa e vê como é falsa e incapaz de verdadeiramente criar uma impressão de vida, de vida como ela é (Nelson Rodrigues...), sem ordem de fatores, com todos os seus choques e interferências simultâneas de passado-presente-futuro. Lembra-te, também, de que o substantivo e o verbo é que são a alma da língua.

89.O resto, quando não é ornamento (adjetivo), é muleta (conjunções, preposições, interjeições, etc). Claro que há também os pronomes, mas esses são também substantivos. O importante é substantivar (estática) e verbalizar (dinâmica) tudo o que se escreve. E procura escrever diretamente desta maneira, para ver o que acontece. Primeiro trabalho: escrever, em todos os níveis ao mesmo tempo. Segundo trabalho: classificar. Colocar-se na posição de leitor. Sublinhar, acentuar, aclarar, cortar o inútil, etc. Pensa em tudo isso e **ESCREVE-ME A RESPEITO.**

90.Psicologicamente, meu conselho é o mesmo que dou a mim mesmo, sempre: saúde e humildade. Saúde física e mental. Humildade de artista-artesão-trabalhador. Em suma: trabalho, trabalho, trabalho. Unidade de espírito: fazer com que tudo, em nossa vida, flua no sentido de contribuir para a alimentação do trabalho central, ligado a nossa razão de vida. No nosso caso, nossa literatura, a única maneira de nos refinarmos, de refinar os outros, de contribuir para a evolução da espécie, a única maneira a nosso alcance.

91.Dá todos os descontos a minhas palavras. Não significa que lhes sou fiel. Eu mesmo quebro, freqüentemente, todas as minhas regras, todos os meus propósitos. Mas persisto.

Espero que faças o mesmo. Pensa lucidamente, responsabilmente, fala da mesma maneira, escreve da mesma maneira. Respeita os outros, não te gastes, não te jogues fora, não te suicides. NÃO SEJAS COVARDE, em suma, nem preguiçoso, nem leviano, nem inútil, nem oco, nem estéril.

92. Escreve sempre. Manda amostras de teu trabalho. Que Corumbá seja a tua salvação, o teu caminho de Damasco.

93. Abraça-te, saudoso, teu amigo a quem muito alegras, existindo e escrevendo.

Mário

16

94. Teotônio de Souza Lima, barbeiro do Batalhão, tem 77 anos de idade. É mirrado, cabelo totalmente branco-amarelado, poucos dentes. Trabalha no quartel há quarenta anos.
- Como foi a revolução de 1925, Teotônio? - Em 1924, fui destacado para Cáceres, eu mais dois cabos, um brigada e trinta soldados.

ms4 dentes > e < trabalha
ms4 há > mais de < quarenta
ms4 anos >, computado o tempo em que lá serviu como soldado e cabo. < Como
ms4 1925 > aqui no B.C. ? < Em

95. Fazendo grandes descrições, invocando o nome de oficiais que nada tiveram com os fatos, falando em Bolívia, no presidente Artur Bernardes, foi aos poucos estabelecendo os fatos: Estava baixado à Enfermaria com maleita, desde a volta da Revolução Paulista de 1924, quando, lá pela meia-noite, vieram os revoltosos com armas para os doentes que iriam participar do movimento.

ms4 soldados > - Começou ele. E contou o que sabe, ou aquilo de que se recorda, < fazendo
ms4 Bernardes > até que ((vez por outra)) nova pergunta vinha devolvendo-lhe o assunto da revolução dos sargentos < Estas

- Sabiam que eu era do Destacamento de Cáceres, por isso não me levaram. De manhã, chegou o médico e mandou-me para casa, porque não havia enfermeiros e os soldados haviam carregado toda a comida.

ms4 comida * do depósito. // Unicamente esta sua atuação * Sabe

96. Foi essa a única participação de Teotônio. Sabe o resto por informações: Prenderam o capitão de madrugada e botaram no xadrez, junto com soldados. À medida que chegava o pessoal para o expediente, iam sendo presos caso não aderissem ao movimento.

- Não entendo como aquele sargento fez isso. Era homem de confiança do comandante, admirado por todos no Batalhão.

ms4 Batalhão * Perguntei pelo motivo * Acho

97. Referia-se ao sargento Aquino. Perguntei se sabia o motivo.

- Acho que foi dinheiro. O Batalhão tinha acabado de voltar da Revolução de 24, todo mundo arranchado, ganhando quase nada, a família esperando recursos. Então, começaram a dizer que o dinheiro estava no cofre e o comandante não queria pagar o desarranchamento.

ms4 esperando * dinheiro * Então
ms4 cofre*, que * o

98. Depois de novo desvio na conversa, consigo trazê-lo de volta ao assunto: Houve a contra-revolta feita por outros sargentos e por oficiais. Depois de grande tiroteio, os revoltosos cederam.

-Todo o mundo pediu ao comandante para não fuzilar os sargentos mas o homem saiu uma fera do xadrez. Não houve quem mudasse seu pensar. Mas o sargento Granja fez um pedido: não queria ser fuzilado com a farda cáqui, que respeitava, e conseguiu ordem para ficar só de calção. Foi a conta. Quando se dirigia para a árvore, em frente da escolta, correu e escapou dos tiros pela barranca do Paraguai.

99. O sargento Aquino foi fuzilado e a árvore ainda existe em frente ao quartel; quanto ao fugitivo, mais tarde foi preso em Aquidauana e mandado para Campo Grande. Nunca mais voltou⁶.

17

100. Estou em Corumbá há 17 dias; faltam 348 para completar um ano.

101. É preciso adotar normas de vida para preencher esse tempo. Até hoje já escrevi 25 cartas. Agora estou lançando uma confusão danada na cabeça, porque não sei se contei certas coisas para um ou para outro, ou se estou repetindo tudo.

102. Vou pouco ao cinema porque lá dentro me esqueço de onde estou e, quando saio, recebo um choque. É como se fosse pôr os pés na Avenida Copacabana.

103. Leio quase diariamente os jornais do Rio e ontem encontrei uma crônica de Rubem Braga sobre a morte de Assis Valente. "Todo suicida conhecido nos deixa um sentimento de culpa; talvez um gesto ou uma palavra pudesse salvá-lo; mas nos omitimos, egoístas e desatentos".

104. Também ontem, chegou uma carta do Walter, contando a morte de dois amigos, com esta frase "Eu senti muito, quando aconteceu porque eu nunca demonstrei tudo o que sentia, porque não havia pressa".

105. Mas não é possível vencer 348 dias apenas com a correspondência, leitura de jornais e outras pequenas coisas. Por isso resolvi fazer o Diário de Corumbá. O sentido deste livro quero que seja - trabalho.

m4 trazê-lo + de volta + ao

ms4 oficiais > e os revoltosos cederam depois do grande tiroteio. Foram presos os cabeças da revolta < Toda

ms4 sargento * G. quis fazer * um

ms4 tiros * e meteu-se no mato.// - Dizem que pegou um tiro no calcanhar. Mais tarde foi preso e mandado para Campo Grande. Nunca * mais

106. Em 1948, inspecionei os Tiros de Guerra de Mossoró, Macau e Areia Branca, no Rio Grande do Norte. Era segundo-tenente. Em Mossoró, encontrei um estande de tiro bastante estranho. Da vegetação rala e baixa do terreno arenoso do Nordeste surgia uma muralha de barro e pedra, servindo de pára-bala aos tiros de fuzil. Nenhuma segurança aos habitantes da redondeza.

107. Dez anos depois, encontrei em Corumbá uma linha-de-tiro que também não oferece segurança aos moradores da região. Mas o motivo (entre chaves - da insegurança) é outro, já que oferece como pára-bala uma grande elevação.

108. Terminada uma série de tiros, vou verificar os impactos no alvo, para um exército a 50 metros de distância. As balas entram de lado, rasgando o papel, em vez de furá-lo perpendicularmente.

-Os mosquetões estão descalibrados, capitão.

109. O terreno pedregoso da pista, lascado aqui e ali pelos ricochetes, indica o perigo a que estão sujeitos os habitantes.

110. Sou informado de que vários pedidos foram encaminhados para que as armas de tiro sejam calibradas - já que é impossível calibrar todas. Mas tudo é difícil na anônima Região de Mato Grosso e a situação não se modifica. A munição é gasta, o aprendizado não pode ser convenientemente testado, o recruta se decepciona com a própria pontaria. Como saber os que realmente atiram bem, quais os que simplesmente puxam o gatilho? A ordem é atirar, gastar a munição, registrar os tiros.

111. E assim os homens passam de recrutas a mobilizáveis, prestam juramento à bandeira, recebem o certificado de reservista.

112. Qual a argumentação para justificar este abandono?

ms4 1948 \ como o 2ª tenente \ inspecionei

ms4 tiro * impar de entre a * vegetação

ms4 uma > pequena < muralha
ms4 pedra * ,servindo * de
ms4 fuzil * Solução primária sem oferecer ([resistência]) segurança aos habitantes das circunvizinhanças, lá possivelmente ainda permaneça * Dez

ms4 depois * encontro outra linha de tiro tão rudimentar como aquela. Há uma grande vantagem: o pára -bala é uma elevação que oferece segurança aos que moram na contra-encosta, mas o terreno em que foi aberta a pista para as diferentes distâncias de tiro e posições é pedregoso, lascado aqui e ali pelos ricochetes, pelas balas perdidas que trocam os alvos de papel pelos alvos a que futuramente, se destinam, os incautos habitantes desta região de Corumbá . * Terminada

ms4 alvo # distância # 50

ms4 distância * e a bola entra * de
ms4 furá-lo * simplesmente * Os

ms4 capitão + O terreno ... os habitantes + Sou

ms4 capitão * Tomo conhecimento, então * de

ms4 calibradas * , para que ao menos essa parte da instrução ([ainda]) apresente um rendimento útil. Nada * Tudo

ms4 Mato Grosso + e a situação não se modifica + A

ms4 pontaria > Ao final, conhecendo-se as causas, como reprovar o soldado ? E < como
ms4 que + realmente + atiram

ms4 de ^ recruta ^ a

ms4 mobilizáveis * juram * à

ms4 reservista + Qual a argumentação para justificar este abandono? + Açougue

ms4 reservista # Açougue Vasco da Gama. Naturalmente pelo time de futebol, não pelo navegador. Açougue # Em

113. Em todas as cidades, há dessas casas de esquina com várias portas, destinadas a armazém ou loja de ferragens. Aqui, ou o armazém quebrou, não se instalou a loja, ou o proprietário viu maior lucro na divisão do prédio. Levantou paredes entre as portas, construiu banheiros ao fundo e anunciou: “aluga-se” no jornal. Bar, sapataria, agência do I.B.G.E., açougue.

-Morava um português porco - disse-me o proprietário.

114. Ontem, soube que o português porco tinha um açougue nesta porta 1325 onde moro. Nenhum vestígio, talvez apenas uma faixa de ladrilhos de outro padrão pode supor a existência do balcão.

ms4 proprietário * vislumbre * maior

ms4 1325 + onde moro + nenhum
ms4 vestígio > , paredes pintadas, talvez < apenas
ms4 pode > fazer < supor
ms4 balcão > Compreendo agora porque um menino, quando entravam os móveis, perguntou:// - Que vai ser aí agora? Da mesa onde escrevo ouvi uma moça passar e dizer: “Açougue”// Como não sabem meu nome sou visto todos os dias fardado, imagino meu apelido na cidade: capitão açougueiro.<

115. Açougue Vasco da Gama era o nome. Naturalmente, pelo time de futebol, não pelo navegador⁷.

116. Por ser o enfermeiro de serviço e não ter sido encontrado de noite no quartel, o Oficial de Dia registrou a ocorrência no livro de partes e ele foi trazido à minha presença.

117. Alto, magro, rosto claro, mãos trêmulas de encontro ao verde das calças, a simples presença do soldado significava sua absolvição.

-Deixei outro segurando o serviço e fui à Enfermaria. Quando voltei, não achei minha cama. Não estava mais no posto de Saúde. Estou gripado e não podia dormir no chão. Então fui embora.

ms4 de ([dia]) serviço
ms4 quartel ([quando um companheiro precisava ser atendido ,]) o
ms4 quartel * veio* à

ms4 calças, * sua * simples
ms4 presença * era ([O que houve]) a * absolvição
ms4 segurando * para mim * e

ms4 chão + Então fui embora + > De quantas maneiras se pode dizer isso. Não escolheu alguma. Cada vez mais trêmulos, falava aos poucos, esperando ser interrompido a cada momento. <Como

118. Cada vez mais trêmulos, falava aos poucos, esperando ser interrompido a cada momento. Como a interrupção não chegava, preferiu continuar falando, ainda que fosse para se desdizer:

-Fui à aula. Meu pai é pobre e está pagando com dificuldade. É caro. Estou preparando o exame para a Escola de Sargentos. Não posso perder as aulas.

119.No mesmo estilo, frases interrompidas, quase implorando uma intervenção. Pareceu-me mais pálido, as faces jovens e encovadas, as mãos ainda coladas no brim, com força para tremerem menos.

ms4 interrompidas * sempre à espera de uma * intervenção
ms4 faces \ encovadas porém jovem,\ as
ms4 brim > agora < com
ms4 menos > E < considerarei

120.Considereei aquele pobre ser se debatendo pela vida, tão pobre, tão triste, tão abandonado, talvez sem orientação alguma para o futuro. Ossos e carne crescendo, mais fazenda para as roupas, sapato maior, a primeira gravata. E depois?

ms4 alguma \ para o futuro\ Ossos
ms4 roupas, > o < sapato

121.Ambos calados, também eu parecia esperar dele uma absolvição. Perguntara apenas “Que houve?” - E ele desdobrava um drama com suas palavras.

ms4 E ([depusera ali]) ele
ms4 desdobrava *, em duas ou três frases, o que bem se pode chamar de drama * A

122.Para salvá-lo, perguntei:

- A que horas você saiu pela segunda vez? — - Onze horas, mais ou menos.

ms4 vez > Foi para salvá-lo. Mas é simples e honesto demais:< Onze

123.Estava comprometido. Como poderia ter saído do quartel àquela hora da noite, depois do toque do silêncio?

- Que disse à sentinela?

ms4 Como * pudera sair * do
ms4 quartel * depois * do
ms4 disse > você ao < sentinela ?

124.Percebeu para onde era conduzido. Não demorou a responder, mas as mãos afrouxaram e o encovado do rosto ficou mais nítido. Rendeu-se: - Disse que ia à Enfermaria.

ms4 onde ([estava sendo]) conduzido
ms4 mas > nesse ponto < as
ms4 mãos > se < afrouxaram

125.Olhei para a mesa, mexi em papéis, ele esperando a punição. - Você mentiu.

ms4 Enfermaria> não precisava dizer, mas < olhei
ms4 esperando + a punição + Você

126.Como é fácil abrir o regulamento, procurar a transgressão, enquadrar. Em vez disso, falei “Pode ir”.

ms4 abrir * um * regulamento
ms4 transgressão > leve, média, grave, calcular o número de dias. Talvez, nesse instante, estivesse se considerando tolo por não ter inventado uma história qualquer, talvez a história completa tinha aparecido agora. Tarde. O que resta dele é ([a]) humildade, ([a]) timidez, ([a]) sujeição ao que foi decidido * Pode
ms4 ir* Continência, meia volta. - que juízo terá formado? * Ao

127. Que juízo terá formado do Subcomandante?

21

128. Carta de Mário Faustino: Respondi a tuas últimas cartas de uma vez. Preocupa-me saber que não recebeste a minha. Naturalmente, extraviou-se. Seja como for, alegra-me ver-me assim necessário ao meu querido amigo: sempre me custou muito acreditar em tua amizade para comigo (confesso-te); vejo agora que, pelo menos, sentes falta de minha presença.

129. Noto que estás mudando, e mudando para melhor. Corumbá (o contexto Corumbá) está tendo sobre ti o efeito que eu desejava: purgando-te, sublimando-te, fortificando-te. Ajudando-te a combater teu pior defeito: a auto-piedade, o egoísmo, a eterna auto-defesa, a desconfiança, a feroz capacidade de agredir em todos os sentidos para defender sua pequenina toca, etc.. Sabes a que me refiro. Espero que saias maior, mais crescido, mais maduro e mais forte de tua solidão atual. Não faças concessões a ti mesmo. Cada dia que passar, torna-te mais duro para contigo. Usa tua complacência para com os outros, sobretudo os que direta ou indiretamente a merecerem - e nunca para contigo. Procura pensar mais nos outros que em ti. Procura transferir-te a um objeto e realizar-te nele. Não cries em ti mesmo um círculo vicioso: não sejas teu sujeito-objeto. Espalha-te. Depois, então, realizando em objeto, ou em objetos - mais tarde, realiza-te em ti mesmo, contempla-te, se quiseres ou necessitares ou puderes. Procura lembrar a todo momento que és parte de vários mecanismos de um só, enorme, infinito mecanismo: lembra-te que és parte de tua família, de teus amigos, de tua profissão, de tua arte, de teu país, da história em geral, da matéria orgânica, da matéria em geral, da terra, do universos.

130. Escreve sempre. Procura renovar. Make it New. Trabalha com paciência. Faze e refaze. Não tenha pressa: de fazer, de aparecer, de brilhar. Estuda, escreve, reestuda, reescreve. Escreve para criar e para que o que crias fale por si e não tu através dele. Isso é importante. Que o que escreves seja um ser, um organismo, um falante e comunicante - talvez teu porta-voz, mas apenas secundariamente, que fale por si, que tenha a sua própria voz - ou suas próprias vozes. Quando escreveres seja o que for, tem em mente o drama. A Despersonalização é o primeiro passo da grande literatura. Mesmo quando falamos na primeira pessoa, que seja sempre outra primeira pessoa, um alter ego, ainda que com raízes no nosso ego.

131. Depois de escreveres uma coisa, passa ao segundo processo. Revisão. Clarificação. Condensação. Economia de meios. "Menos é Mais", como diz Mies van der Rohe. Organização: tijolo por tijolo, muro por muro, casa por casa, bairro por bairro, tudo se adaptando harmonicamente, cidade por cidade, região por região. Que tudo que escrevas tenha seu módulo, sua medida, seu núcleo, seu contra-ponto de temas. Ou então não serás artista, criador, e sim mero narrador, mero "repórter", mero alto-falante.

132. Estou curioso para ver teu conto. Recebi as quatro cópias de tua carta. Quatro ou três? Em casa, no JM, na Funda-

ção, no Barreto: quatro. Todas me foram entregues. O conto, basta que o mandes para minha casa. Lerei, relerei, escreverei minhas impressões, devolver-te-ei e, depois, torna a mandá-lo que o publico no JB.

133.É possível que eu vá para a América em agosto. Depois te conto com maiores detalhes. Por isso mesmo, o trabalho de antologia e da revista está quase parado. Se eu decidir não ir, então recomeço tudo com maior energia. Um pedido: vê se encontras aí, em Corumbá, algum velho caturra, rato de biblioteca municipais e estaduais e pesquisa, para mim, através dele, os livros locais, as revistas locais, a ver se achas algo digno de minha antologia. Sabes: os poetas matogrossenses. Quem sabe não há alguém - ou um só poema que seja - digno de ser rescued?

134.Escreve logo. Um abraço do teu Mário

22

> março, 27 <

135.Um mês de Corumbá. Talvez agora o tempo comece a passar mais depressa.

ms4 depressa > Até aqui esperava amoroso a correspondência e, olhando para o registro, surpreendia-me verificando que ainda não havia tempo para a resposta < De

136.De 28 de fevereiro a 12 de março sem notícias, sem respostas, o relógio negava-se a andar. Agora, chegam cartas demais. Diariamente, devo responder a algumas para não amontoar. Balanço: cartas expedidas, 30; cartões-postais, 8. Escrevi para 23 pessoas e 10 já me responderam. Recebi 17 cartas. É a comovente solidariedade dos parentes e amigos.

ms4 demais > Estão me tomando demasiado tempo < Diariamente
ms4 responderam * cartas recebidas, 17.//
Com o tempo, é certo que as cartas vão rarear, de parte a parte. Talvez mantenha correspondência constante com seis ou oito pessoas, no máximo * A

137.A não ser o Diário, nada tenho escrito. De leitura, apenas os contos da Antologia Latino-americana e *Le Diable et le Bon Dieu*, de Sartre. É preciso reabilitar o lugar dos livros.

ms4 nada > mais < tenho
ms4 escrito + De + leitura
ms4 Sartre > Somente < É
ms4 livros * Praticamente, das 5 da manhã às 17 horas, à disposição do quartel para outras ocupações (literatura, jantar, cinema - vez por outra) restam-me cinco horas porque às 22 devo dormir para aproveitar 7 horas de sono. Há mais a considerar: as quartas feiras e sábados de tarde, os domingos.// É preciso estabelecer um programa.*

138.A bem dizer, tenho somente cinco horas livres. Das 5 às 17 fico quase inteiramente à disposição do quartel. E é preciso dormir de 6 a 7 horas.

139. Necessito estabelecer um programa rígido para as tardes de quartas e sábados e o dia inteiro de domingo.

23

140. Ao subcomandante de uma Unidade do Exército estão os problemas de disciplina de tropa. Todos os dias, devo ouvir os mais estranhos e complexos acontecimentos. Ouvir e apresentar uma solução. Muitas vezes é um desafio à inteligência, à sensibilidade e, também, a tudo o que já estabeleceram as relações humanas.

141. Chega em prantos a esposa de um sargento músico para apresentar queixa contra a mulher de um soldado:

-Até me chamou para brigar. "Bamos resolver isto de mulher para mulher", disse ela.

142. Retiro-me para outra sala e chamo o sargento que tudo confirma, esclarecendo que o soldado vive com uma prostituta, todos morando numa espécie de vila, onde residem outros sargentos, cabos e soldados com esposas e amantes.

143. Primeira idéia: mandar o soldado mudar-se, pois que não é casado.

144. Sai o sargento e entra o soldado com nova versão. É a mulher do sargento quem provoca. "Chama minha mulher de puta". E incrimina o sargento: -Chega bêbado de vez em quando, desrespeita minha dona, faz baderna na vila.

145. Um cabo, também amigado, mantém as declarações do soldado.

146. Segunda idéia: mandar o sargento mudar-se. Está morando em lugar promíscuo, incompatível com o decoro da classe, etc.

147. Mas como dar razão ao soldado? O problema é muito mais social que militar. Mando chamar o sargento.

-Sargento, esse assunto foge à minha alçada. É problema de polícia. Os moradores da vila que façam um abaixo-assinado e peçam a retirada dos que não são casados.

> março,26 <

ms4 domingo Nas funções de sub-comandante do Batalhão, tenho ouvido problemas difíceis de resolver, envolvendo a vida particular de soldados e sargentos. Um deles:
* chega

ms4 músico + para + apresentar
ms4 soldado > que, inclusive, chamou-a < para
ms4 mulher, + disse ela + Retiro-me
ms4 mulher * Ouço o * sargento

ms4 confirma * informa ser o soldado amigado * com
ms4 esposas * ou * amantes

ms4 casado* Ouço o soldado que ([naturalmente]) dá * nova

ms4 versão * a * mulher
ms4 sargento > é < quem
ms4 puta @ , @ e
ms4 faz ([gritaria]) na
ms4 vila * Outro * cabo

ms4 amigado * fica ao lado do soldado, confirma as suas palavras * Segunda

ms4 mudar-se @ , @ Está
ms4 lugar + promíscuo + incompatível

ms4 mas* seria * dar
ms4 soldado @ . @ O
ms4 soldado* fomentar a indisciplina.//
Obrigar um dos dois a mudar-se não é solução. O problema da moradia em Corumbá é difícil, além disso como oficial do exército não posso me conceder direitos de polícia e isso é problema policial.* Sargento
ms4 alçada > É problema de polícia < Os
ms4 são > legalmente < casados
ms4 casados > ([Outro dia]) Outra situação complicada, anormal, sem solução < Entram

148. Entram duas mocinhas humildes em meu gabinete.

- Vim pedir ao senhor para transferir meu irmão para outro lugar.

ms4 lugar * Comum é virem soldados ou seus parentes pedir transferência para ficarem juntos* A

149. É muito comum pedido de transferência para aproximação de parentes. A irmã queria afastar o soldado de seu convívio.

ms4 convívio * Veio a explicação, difícil, * em

150. A explicação aparece lentamente, em voz sumida e encabulada. Ela e a prima, com seis irmãos menores, vivem em Ladário. A mãe está doente num hospital do Rio e o pai, tenente da Marinha, foi-lhe fazer companhia. O irmão soldado vai para casa, maltrata os irmãos, maltrata a ela e... - o pior da confissão:

ms4 prima \ vivem em Ladário com os irmãos menores, seis crianças. * A

ms4 doente * no hospital da Marinha, no Rio, o pai está junto da esposa e é tenente da marinha. * O

ms4 irmãos * inclusive ela, e... - aqui uma parada para a confissão ([do motivo]) máxima:

ms4 prima > Disse que se eu viesse no quartel ele me matava. ([Esteve]) Fui na Marinha mas disseram que não podiam fazer nada porque ele é do Exército. // Embaraçado eu, ela, a prima. Faço perguntas, o rapaz sempre foi mau, o pai já o mandou para São Paulo, ([voltou pior]), não quis trabalhar lá, voltou pior. // Procuro o coronel < Transferência

ms4 adianta +, diz ele + No

ms4 e \ recomeça tudo \ O

151. Procuro o coronel, porque não encontro solução.

- Transferência não adianta, diz ele. No fim do ano está aí de volta e tudo recomeça.

ms4 solução * As moças esperam solução na sala contígua e * volto

152. O coronel também não vê solução. Como encarar as duas mocinhas que esperam na sala ao lado? Volto com evasivas, irritado com minha impotência.

- Poderia deixá-lo preso por algum tempo, mas quando fosse solto iria vingar-se de vocês.

ms4 evasivas +, irritado com minha impotência+Poderia

ms4 preso + por algum tempo, mas + quando ms4 vocês * Vão embora, minha impotência me irrita. De repente, surge uma solução e volto ao comandante. // Não seria possível mandar o homem para Porto Esperança? * Bem

153. Elas se retiram e eu fico no meu gabinete inútil, ainda em busca de uma saída.

154. O 17º B. C. tem um Destacamento em Porto Esperança, a 60 quilômetros de Corumbá. Volto ao coronel.

- Bem pensado. Mas há o seguinte: o Destacamento funciona numa só casa onde moram os soldados e o sargento com a esposa. Você compreende. Utilizam as mesmas instalações sanitárias e o sargento terá razão em não aceitar.

ms4 onde * mora o sargento com a esposa* Você

ms4 aceitar > Não há solução. Arquive-se < Encontrei

155. Encontrei, no meu quarto, um chaveiro. Argola niquelada e três chaves chamadas Kent, Stol e Iman. Desconhecidas à primeira vista, concretizaram logo uma porta, uma gaveta e a mala de couro.

156. Kent significava abrir o apartamento 1003 da rua Barata Ribeiro. Livros, discos, meus quadros, um resistente pé de antúrios que jamais floriu. Aí eu me reunia com amigos e conhecidos em longas noites, aos sábados, para conversar e beber.

157. Stol é um pequeno birô de quatro gavetas. A chave descobre na gaveta maior um vidro cheio de tinta, uma dúzia de lápis de cor, três livros manuscritos: diário sem importância, que atesta trabalho de pesquisa literária.

158. A chave da mala está enferrujada. Passo Fundo, Porto Alegre, Realengo, Rezende, Natal, Recife, Caxias do Sul, outra vez Porto Alegre, Juiz de Fora, Rio, Belém, Macapá, Rio, Corumbá - como Iman tem trabalhado! É raquítica e tem a silhueta de fortaleza com duas seteiras. Não há de ter sido a mesma que percorreu todo o itinerário desde meus onze anos, quando saí de Tijucas para o Rio Grande do Sul. Mas, neste momento, configurou as diversas etapas num bloco maciço de recordações.

159. Mostraram-se hoje, de repente, saltando da gaveta para o chão. Tão pequeninas, como podem conter tantas lembranças?

160. Paciência, todos me disseram. Um ano passa depressa.

161. Dois amigos inseparáveis: calor e mosquito. O primeiro me força a manter as portas abertas; a luz chama os mosquitos e uma variada série de insetos de todos os tamanhos e coloração. Os mosquitos propriamente ditos são evoluídos, pois não se anunciam pelo canto. Picam mesmo através da roupa e, inchados de sangue, esborracham-se na mão que os descobre.

> março, 28 <

ms4 Encontrei + no meu quarto + um
ms4 chaveiro @ , @ niquelado
ms4 Stol * e * Iman
ms4 logo ([uma]) porta
ms4 porta > uma < gaveta
ms4 gaveta > e a tampa de < mala + de
couro+ Kent

ms4 Kent ^significa ^ abrir
ms4 1003 * encontrar ([lo vazio]) livros *
discos
ms4 floriu + Aí eu me reunia com amigos e
conhecidos em longas noites, aos sábados,
para conversar e beber + Stol

ms4 maior + um vidro cheio de tinta, uma
dúzia de lápis de cor. + três
ms4 diário > nitidamente < sem
ms4 importância * conservado para atestar
trabalho - tímido, superficial, porém útil * A

ms4 enferrujada > Abriu < Passo Fundo
ms4 Caxias do Sul, + outra vez Porto Alegre
+ Juiz de Fora
ms4 Corumbá * - Cidades em que Iman
trabalhou.//Maior, mas ativa, Kent domina o
chaveiro; Stol perde o niquelado dia a dia e se
amarela de encontro à primeira, a última,
raquítica silhueta de fortaleza a duas seteiras,
é a mais conformada: sempre aqui, no
máximo uma vez por ano. * Mostraram-se

Ms4 chão *, certas de que irão funcionar pela
Páscoa, na dispensa da Semana Santa. Tolice.
A viagem custa 8 mil cruzeiros * Dois

> março, 29 <

ms4 dois * fenômenos interdependentes*
calor
ms4 primeiro* obriga-nos * a
ms4 manter ([se]) portas
ms4 chama * insetos dos mais variados tipos
e coloração * Os
ms4 ditos * têm evoluído : não* se
ms4 canto @ , @ picam
ms4 e > untam o ferrão com ([estranha])
substância analgésica para iludir o paciente <
inchados

162. Lanço mão de um artifício muito usado em Corumbá: substituir vidros por tela fina. A tarde de hoje foi empregada nesse serviço. Retirei oito vidros da porta dos fundos, enquanto um soldado fazia outro tanto na frente.

ms4 soldado > vidraceiro < fazia
ms4 frente * A tela verde e transparente é perfeitamente igual a que se usa em Tijucas para cobrir a porta dos armários guarda-comida. Olhando através, vejo um pudim de laranja, um prato com bananas, outro com três postas de peixe para o jantar* Abraço

163. Caiu uma chuva torrencial e a luz apagou-se. Duas velas acesas no cinzeiro iluminam a última revista chegada do Rio.

164. Com a substituição dos vidros pela tela, criou-se novo problema: a chuva atravessa os fios cruzados e rega o chão. Deslocar cama, tapete, sapatos.

ms4 sapatos > As chamas das velas deitam-se para a direita e o esfirmacate compõe estalactites avermelhados, amarelos, brancos. ([Na hora sem luz elétrica, velas pela metade])

165. Velas pela metade, a lâmpada se acende. Olho satisfeito para a nova aquisição: uma cadeira preguiçosa em tecido azul-marinho e branco.

ms4 branco > Estou preparado para o "retiro" da Semana Santa < Notícia

26

> Domingo, 30 <

166. Almoço oferecido pelo coronel comandante do Batalhão, em sua residência, ao general da Brigada e a alguns, oficiais da Marinha, todos com as esposas. Nove pessoas ao todo.

ms4 branco > Nove pessoas a no < almoço
ms4 pelo > Coronel < Comandante
ms4 batalhão * Gen. Ademar de Queiroz e senhora, Cel. José Rubens Botelli (o comandante) e senhora, Major Linhares e senhora, Comandante Fontinelli e Tenente Arnaldo, da Base de Ladário e eu *Cheguei

167. Cheguei cedo demais e fiquei na varanda esperando o anfitrião que demorou a aparecer. Quando veio, queixou-se de dor de cabeça e falava tão baixo que eu precisava me esforçar para entender e retrucar.

ms4 demais. * Sentei-me à * varanda
ms4 a > vir para < aparecer
ms4 aparecer * queixando-se * de
ms4 cabeça * Falou sempre muito baixo a ponto de eu ter de aguçar o ouvido * para

168. Quarenta e cinco minutos depois de assuntos de quartel, chegaram os outros convidados, todos juntos. Apresentações, perguntas formais, aos poucos fui esquecido.

169. Continuaram conversas anteriormente iniciadas sobre pessoas e fatos desconhecidos para mim. Diverti-me a ouvir comparar a entonação de voz, as gargalhadas. Uma transformação inesperada ocorreu com meu comandante: agora fala alto demais, como um ator que quer se sobressair a todo o custo.

ms4 Continuaram * assuntos * anteriormente interrompidos sobre pessoas ou fatos * desconhecidos
ms4 Uma * transformação * inesperada
ms4 comandante * falava alto demais, como certos atores que a todo custo, querem sobressair-se * A

170. A esposa do general começou a me fazer perguntas, dessas que só admitem respostas tipo teste: sim, não, ainda não, talvez mais tarde, é possível. Não sei por que falei em Fortaleza, que ela entendeu Porto Alegre.
- Já servi em Porto Alegre, ela disse.

ms4 A * senhora do general fez-me* perguntas

171. O verbo soou mal mas já se falava em Rio de Janeiro.
- A senhora vai ao Rio?
- Vou para o Rio, retificou muito séria. Não posso ficar aqui.

ms4 Porto Alegre > e disse < Já
ms4 Porto Alegre + , ela disse + O

172. Findo o almoço, fomos todos para a varanda esperar o café. Organizaram-se dois grupos e logo se iniciou-se o jogo de cartas.

ms4 mas * reconsiderem. Talvez para Porto Alegre não ficasse bem mas o que pode fazer uma esposa de general em Corumbá senão "servir" ? Mais tarde falou-se em sua viagem ao Rio * A

- Não sabe jogar biriba? - pergunta o general. É preciso aprender para passar o tempo.

ms4 aqui * Terminado * o
ms4 todos \ esperar o café na varanda\ Organizara-se

ms4 tempo ([E pouco tempo o silêncio]) Pouco

173. Pouco depois, todos compenetrados com o biriba. Uma das senhoras cantarolava distraidamente e o coronel assobiava "Oh Doce Mistério da Vida".

ms4 vida > Sono, vontade de ir embora mas não ficava bem < Ao

174. Ao terminar a primeira partida em 2000 pontos, descobri uma pilha de revistas de rádio e cinema. Entre elas, um folheto sobre a Estrada de Ferro Brasil-Bolívia.

ms4 partida > de biriba terminou < eu
ms4 numérico @ . @ para
ms4 ferro ([Em compensação]) Notícia

175. Quando a segunda partida terminou, eu estava preocupado com um dado numérico. Para cada quilômetro quadrado de Mato Grosso, há 80 centímetros de estradas de ferro.

> Abril, 1° <

27

176. Notícia da Fazenda Nhuvai movimentada a cidade. *O Momento* publica que uma mensagem via RT (?) foi captada às 11.45 e nela se dá conta de que caíram naquele local "destroços do satélite artificial russo Sputnik". Como a recepção àquela hora era péssima, o jornal publica a nota "com toda a reserva".

ms4 RT > (rádio transmissor) < foi

ms4 a * transmissão naquela * hora

177. Se há girando no espaço satélites russos e americanos, como poderiam ter concluído que os destroços são do Sputnik? Não se cogitou disso. Pessoas respeitáveis do comércio procuraram o general e o comandante da Base de Ladário para insinuar providências. Num bar, o garçon me diz que o general pediu um avião à Base Aérea de Campo Grande, para sobrevoar a fazenda e localizar o objeto. Na pensão onde faço refeições, foi o comandante da Marinha quem tomou essa providência.

ms4 Base * Naval * para

ms4 tomou ^ essas providências ^ Em

178. Em caráter particular, soube de algo mais positivo. O general foi efetivamente procurado e posto ao corrente da novidade. Contou a um auxiliar.

-Cuidado, general, essa história pode ser “primeiro de abril”. O general olhou para o calendário.

-Já pensei nisso, mas a pessoa que me trouxe a notícia não tem, absolutamente, intimidade comigo para me passar um “primeiro de abril”.

179. A última versão sobre a queda do Sputnik foi desconcertante e verdadeira. O temporal da noite anterior derrubou o catavento da Fazenda Nhuvai, que atende pelo nome de Sputnik.

28

180. Como não trouxe meus dicionários, por serem muito pesados, resolvi comprar o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa. Por 280 cruzeiros, adquirei um na Tipografia Corumbaense. Abri um lugar na estante e a primeira consulta foi feita pelo major, antigo companheiro da Enfermaria, que decidiu comprar outro.

181. Procurou na Casa Lemos e o preço era de 170 cruzeiros. Fiquei furioso e fui reclamar. O gerente da Corumbaense certificou-se, pelo telefone, de que a Casa Lemos vendia mesmo por 170 e prontificou-se a aceitar o dicionário e devolver-me o dinheiro.

182. O telefonema abriu a ganância da Casa Lemos. Quando lá cheguei, o preço havia subido para 280.
-Estávamos vendendo por preço errado.

183. Mandarei buscar um no Rio por avião, nem que pague mil cruzeiros.

184. Várias cartas para corresponder e nenhuma disposição para isto. Além do mais, ora falta luz, ora é a preocupação de ter de acordar às duas da madrugada para fazer uma marcha do Batalhão. E que contar? Nada acontece além da rotina idiota do quartel, alguns filmes velhos a que se assiste, a conversa com o major nos lentos passeios pela cidade, de noite. Ele é casado mas deixou a família no Rio. Bom sujei-

ms4 particular @ , @ soube
ms4 mais * íntimo* O

ms4 general * Acho que essa história é * primeiro

ms4 abril * O General também pensava nessa possibilidade mas como o fato não é de todo impossível (não há sputniks quando) ficou a dúvida . A cresce outro ponto: - Já pensei nisso, mas * a

ms4 abril >Resolveu aguardar maiores detalhes. O comerciante prometeu voltar com a confirmação ou o desmentido< A

ms4 sputnik * é plausível e desconcertante * O

> Abril,2 <

ms4 Sputnik> Terminou minha aventura da compra do dicionário< Como
ms4 trouxe * o Candido de Figueiredo por ser muito pesado, * resolvi
ms4 o * dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. Na Tipografia Corumbaense, Cr\$ 280,00 * Abri
ms4 e ([coloquei]) a
ms4 major * W que ([resolveu]) decidiu adquirir * outro

ms4 Lemos > Cr\$ 170,00. Minha antiga raiva contra o comércio voltou violenta. < O

ms4 ganância * são mais rápidos que meus passos. Quando cheguei à Casa Lemos o câmbio* havia

ms4 um + no Rio + por

to, completamente sem imaginação, é dessas pessoas que nunca se lembra de que já contou certo fato e reconta todas as noites.

Fomos ver "O Proscrito" e na saída o major disse, referindo-se ao ator: "É bonito demais para ser homem".

185. Juntou-se a nós um tenente médico, paraibano baixinho e risonho que vive pensando na noiva. Andamos juntos pela cidade. Os três mosqueteiros. Ou melhor os três patetas.

186. O Batalhão está dispensando desde ontem, quarta-feira, até domingo da Páscoa. Poderia ir ao Rio, mas não tenho dinheiro. Arranjar emprestado ou viajar a crédito seria solução, porém há a promessa de Carlos Ribeiro em lançar meu livro de contos em maio e não terei coragem de pedir nova dispensa.

31

187. Balanço da Semana Santa: quinta-feira, almoço com o tenente dentista; sexta-feira, piscina da Base Fluvial de Ladário e almoço com o comandante Palhano. Sábado foi um dia útil: chegou do Rio um livro de Thomas Mann, *O Cisne Negro*, e preparei um artigo a sair em Para todos. Hoje, domingo, aniversário do comandante e churrasco em Posto Esdras com a oficialidade e suas famílias.

188. Depois do almoço saiu um jipe da Marinha para Puerto Suarez, a primeira povoação boliviana ao longo da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. Vilarejo pobre, apenas uma rua sem calçamento, poucas casas, Hotel Sucre, um bar. As mesmas bebidas brasileiras que há em todos os bares do Brasil, além de vinho boliviano e graspa a duzentos cruzeiros a garrafa. Provei um cálice de graspa e dei vinte cruzeiros para pagar. Troco: uma bela nota de 1000 bolivianos que significam 10 cruzeiros.

189. No jipe, além de um major do Exército e dois oficiais de Marinha, um professor russo de ballet, Monsieur Pierre, cujos ademanos, somados aos aperitivos, provocou um pesado "entrechat" de um capitão de fragata.

190. Explica-se a presença do bailarino em Corumbá: A filha do comandante Sêco estuda dança no Rio. Sem o saber, M. Pièrre deslocou-me no tempo para a Escola Militar de Rezende, quando Sansão Castelo Branco levou o Ballet da Juventude para um espetáculo. A caminho de Puerto Suarez perguntei se conhecia Sansão e falamos muito sobre ele. Foi

> Domingo, 6 <

ms4 tenente > Osni < dentista
ms4 Base * Naval * de
ms4 Ladário @ , @ e

ms4 Negro > Reli e < preparei
ms4 sair > no próximo < Para todos
ms4 Hoje, + domingo + aniversário
ms4 Esdras, * oficialidade e famílias *
Depois

ms4 um * jeep * da

ms4 Brasil, * mais * vinho

ms4 no * jeep* de
ms4 ballet * M * Pierre

ms4 fragata * Sua presença em Corumbá
deve-se à filha de outro comandante, aluna de
Ballet * Monsieur

ms4 para\ o tempo de cadete , o Ballet da
Juventude dando espetáculo na Escola Militar
de Rezende, conhecimento com Sansão
Castelo Branco. \ A
ms4 Suarez * falar com alguém sobre o
Sansão * foi

a coisa mais grata que me poderia acontecer em Mato Grosso.

32

191. Um pequeno livro de 92 páginas, assinado por Sócrates e dedicado aos sargentos do 17º B. C., leva por título *A Caminho do Front - Fatos e Episódios da Campanha de Murtinho*.

192. Nas notas ou no texto, nada se apura sobre a identidade do autor. Foi um sargento, informaram-me. Modesto, em página alguma se revela. Escreve com simplicidade, revelando pouquíssimas vezes para o terreno dito literário. E quando o faz, a ingenuidade das imagens não chega a comprometê-lo:

193. "A lua, lá no alto do céu, grande como uma bola de futebol e branca como um véu de noiva, rola no espaço e se constitui muda testemunha do combate".

194. O livrinho inicia-se com os preparativos para o embarque a bordo do "Argentina", na tarde e noite de 2 de agosto de 1932, no porto de Corumbá. As despedidas são comoventes e "um nó sorrateiro se forma na garganta ao pensar (o soldado) que tudo aquilo vai deixar, a troco de quê? Mas, eis que a banda toca Teu Cabelo não Nega, Mulata... e o nó como por encanto desaparece e a alegria torna a reinar em seu semblante".

195. Ao Destacamento Nery da Fonseca, de que fazia parte o 17º B.C., coube impedir aos Constitucionais a tomada de Porto Murtinho pois, com o bloqueio de Santos e de todo o litoral paulista, pretendiam utilizar-se do rio Paraguai como via de acesso ao Teatro de Operações. Para o cumprimento dessa missão o Destacamento separou-se da Coluna General Manuel Rabelo a tal ponto que passou a agir isoladamente. Nem comunicações havia entre os comandos: o telégrafo de Murtinho foi interrompido e "o rádio do 17º B. C. não estava em bom funcionamento". Essa circunstância caracteriza bem a espécie de guerra que se realizava. Como consequência, lemos este episódio bem curioso:

> Abril ,3 <

ms4 * Sócrates tomou parte na Revolução de 1932. Escreveu um livro de 92 páginas* A

ms4 Murtinho > dedicado aos sargentos do 17BC, ([pela gentil acolhida que, certamente, hão de dispensar a este livro]) a que se confessa imensamente grato ([o autor]), "pela gentil acolhida que hão de dispensar ([ao livro]) a este livro." < Mas

ms4 terreno * "literário" * E

ms4 na ([madrugada]) de

ms4 circunstância ([bem]) caracteriza

ms4 lemos * esse * episódio

ms4 episódio * deveras interessante * Às

ms4 episódio * deveras interessante * Às

196."Às 14 horas, mais ou menos, sob um sol inclemente, quando os nossos homens procuravam refrigério ao corpo, foi avistada em cima do morro uma força a cavalo, calculadamente uns 200 homens, que vinha flanqueando uma serra à nossa direita, com o fito de sair à retaguarda.

197.Essa região é pobre de árvores frondosas, de maneira que de cima do morro se avistavam léguas para frente e derredor.

ms4 se ^avistava ^ léguas
ms4 léguas > e léguas < para

198.Imediatamente o sargento Aurelino, que foi quem primeiro avistou a cavalaria, mandou ligação para os companheiros situados abaixo e à direita do morro, comunicando a ocorrência.

ms4 companheiros ^ sitados ^abaixo

199.Não tínhamos patrulha alguma de reconhecimento para a frente ou para os flancos, de maneira que a força que se aproximasse, vinda desses lados, seria tida como adversária.

ms4 não ^tínhamos^ patrulha

200.O sr. capitão Leoni, que se encontrava nessa ocasião, no alto do morro e próximo à peça de artilharia, ordenou ao sargento Trigo que efetuasse um disparo naquela direção.

201.Esse projétil ocasionou a morte de dois homens e vários cavalos. Também ficou ferido um homem. Após esse disparo, os cavalerianos rapidamente se aproximaram, recebendo, porém descargas cerradas de fuzilaria do 3º pelotão. Eles recuaram sem, no entanto, abrir fogo contra os nossos homens.

202.Saiu uma patrulha nossa para fazer o serviço de reconhecimento. Ela foi sabedora, por fim, de que esses cavalerianos eram elementos da Brigada Bento Gonçalves e o esquadrão do 10º R.C.I. e, portanto, nossos aliados".

ms4 saiu > então < uma

203.A observação do avanço inimigo era feita por intermédio de um avião. Sem oferecer combate, os ditatoriais recuavam para Porto Murinho. Foram organizadas posições defensivas no Perdido, em São Joaquim, na Bodoquena, na Mandiocassada e no Taboal. A última posição, em Porto Murinho, seria a decisiva, cenário do combate de 22 horas com a vitória do Destacamento Nery da Fonseca.

ms4 avanço ([do]) inimigo

204.O início do combate foi melancólico:

"Cerca de meio-dia (de 10 de setembro), o atirador de uma peça daquela seção que tinha por missão enfiar a estrada, lobrigou no meio dela três peões e, dentre estes, um oficial, pelo cinto-talabarte que ostentava.

205. Prontamente, foi ordenado que a metralhadora abrisse fogo, falhando, no entanto, por estar o primeiro cartucho do carregador com a munição estragada.

206. O atirador, lesto, apanha o mosquetão e aperta o gatilho. Outro cartucho nega. O primeiro municionador faz uso do mosquetão, mas tem a mesma sorte, pois o cartucho falha...

207. Enquanto isso, os três vultos se esgueiram pelo mato e desaparecem”.

208. Pouco depois, o fogo se generaliza e “o chuveiro de balas é intenso e aterrador”.

209. Da descrição do combate, passa o autor à transcrição dos elogios de campanha. Por eles, nota-se que o comandante do Destacamento lutou com um problema grave: o abandono do posto.

ms4 problema > deveras < grave

210. Um oficial é elogiado por haver assumido o comando do 17º B. C. em substituição ao capitão Omar que abandonou sua unidade à própria sorte. Outro, por haver ascendido “de grau a grau os diversos cargos do 17º B. C. até o de Subcomandante com o abandono sucessivo dos detentores desses cargos”. Procedimento igual teve o comandante da Artilharia.

211. Esses desertores talvez não se conformassem com a luta em que se estavam empenhados. Tinham à sua frente companheiros do 18º B. C., possivelmente colegas de turma, parentes, amigos. O próprio tratamento dado pelo autor ao inimigo não revela ódio. Chama-os simplesmente de rebeldes, revoltosos adversários. E é com tristeza que se refere à morte de um contrário:

ms4 O + próprio + tratamento
ms4 tratamento * que o autor ([do livrinho])
dá aos inimigos * não

“Às 16 horas, o tiroteio diminuiu sensivelmente, até calar por completo. O sol já diminuía de intensidade.

212. Soubemos, então, que numa trincheira pertencente a soldados da Brigada, à direita da estrada de carros, foi vitimado um pobre cabo do 18º B. C. No ardor da refrega, ele, incautamente, se aproximara das nossas posições. Faltando-lhe munição, quisera voltar a seu lugar para buscá-la, mas se desorientou. Em vez de procurar entre os seus, saiu próximo àquela trincheira, onde encontrou a morte.

ms4 Faltando-lhe ([munições]) quiseram

213. Era, entretanto, chegado o seu dia, porque, se assim não fosse, seria preso pelos que ali estavam e não morto.

214. Ao se aproximar da trincheira, perguntou se eram seus companheiros que ali se achavam. Os nossos reconheceram

ms4 ali ([estavam]) se

logo que era inimigo. Mas, se tivessem um pouco de calma, responderiam de maneira contrária ao que responderam, deixariam o homem melhor se aproximar e, então, o prenderiam.

215. Entretanto, não é sempre nas ocasiões oportunas que se obtém calma.

216. Quando o cabo soube que ali estava o adversário, quis impensadamente, porém instintivamente retroceder. Bastava, no entanto, levantar os braços para lhe ser assegurada a vida. Não fez, porém, e a consequência foi a morte fulminante que teve, o tempo da cabeça de fora e os miolos à mostra, proveniente de certa rajada de FMH”.

ms4 instintivamente ([fugir]) retroceder

217. Esta parece ter sido a única morte de que Sócrates teve notícia direta. Deve tê-lo impressionado muito. Volta a referir-se a ela poucas páginas adiante, no mesmo tom:

“A 15 metros de uma de nossas trincheiras sucumbiu, vítima de sua inadvertência, um pobre cabo do 18º B. C. No lugar em que ele caíra, com uma rajada de metralhadora que lhe pusera os miolos à mostra, os nossos mal tiveram tempo de cavar uma sepultura.

218. Os seus próprios companheiros impediram que lhe fizesse essa caridade. À noite toda de combate ele esteve ali, mal sepulto, inerte testemunha dos caprichos ambiciosos de homens desvairados.

219. Certamente, nem soubera ele por que morrera...

220. Hoje, quem por ali passa, encontra uma tosca cruz com o seguinte letreiro: aqui jaz um cabo do 18.

221. Foi uma lembrança preparada pelos nossos”.

33

222. Foram trazidos à minha presença dois soldados que haviam brigado na noite anterior por causa de uma cama. Enquanto um levantou-se para ir ao banheiro, o outro apossou-se dela.

ms4 nossos + Foram traz dos modificou + carta

223. O 17º B. C. foi dotado, há alguns anos, de camas tipo beliche, de ferro, com dois leitos de lona. O calor que faz os soldados suarem a noite inteira, o uso constante e mesmo de falta de cuidado, fizeram com que muitas lonas se rasgassem. Vários pedidos de substituição foram enviados às autoridades superiores mas a situação persiste. A solução que os comandantes de companhia encontraram foi, na impossibilidade de dar camas a todos os soldados, deixá-las sujeitas à disputa.

224. Quem quer dormir em cama, não sai do quartel e, mal chega a noite, deita-se. Os demais dormem no chão com suas mantas ou sobre alguns colchões que também não são suficientes para todos.

225. Isto, mais o caso das armas descalibradas, merecia figurar no livrinho de Sócrates, escrito em 1932. Vinte e seis anos depois, o panorama pouco se modificou.

34

> Abril, 7 <

226. Carta de um amigo do Rio que não assina por falso esquecimento:

ms4 carta > dura e útil < de

“Você nunca foi flor de asfalto nem mesmo escritor militante: você é soldado mesmo, com ligeiras pitadas de catequista, à maneira de Anchieta, fazendo um esforço imenso para sentir e penetrar o mundo adolescente, feito Raul Pompéia no Ateneu - com mais doçura, entretanto”.

227. Não esperava resposta a meu cartão-postal e eis duas laudas datilografadas.

“Você, apesar dos maus hábitos cariocas, continua a ser um homem do Sul, um homem de ascendência européia, um triste, romântico e infeliz menino crescido, eternamente à espera de um tête-à-tête com qualquer que o queira, desde que tudo isso resulte em olhos molhados e aconchego”.

228. Aqui repete o que muitas vezes me disse. Vejo-o rindo-se, ar preocupado ou canalha:

ms4 disse @ , vejo-o @ rindo-se

“Nunca vi ninguém mais deslocado, mesmo nas suas tentativas de usar ombros estreitos, racha dos lados e outras frescuras. E as suas meias brancas, então... Nem falar... Uma típica figura do interior brasileiro, capaz de escrever românticas páginas ao léu de impulsos românticos ou impressões mais ou menos sensíveis”.

229. A justificativa: “Considere que não sou de responder cartas. Estou fazendo um esforço. Não sou também de dar conselhos. Estou me violentando. Isso tudo por desejar que você aproveite a sua oportunidade aí em Corumbá e não tenha ilusões sobre a rua Barata Ribeiro e seus fantasmas”.

230. O tom de Rilke nas cartas ao poeta militar:

“Aceite a sua nova comissão, a nova importância que você há de ter no âmbito dessa cidade. Aceite tornar-se respeitado e estimado por vários pracinhas ingênuos, limpos e puros”.

231. Por fim, a nota pessoal: “Parto para a Itália, para Paris, para Roma, para todos esses lugares que povoaram a minha infância sem muito encanto, sem maior entusiasmo”.

232. Duas páginas tamanho ofício em troca de um “impulso afetivo” que nele despertei⁸.

35

> Abril, 10 <

233. O tenente mineiro casou-se com filha de fazendeiro, em Corumbá. Livre do serviço do Exército pela portaria que o licenciou das fileiras, foi descansar na fazenda. E fazenda em Mato Grosso quer dizer caçada.

ms4 fazenda + em Mato Grosso + quer

234. Montada pronta, espingarda a tiracolo, dirigiu o cavalo para a porteira e lançou-se pelos matos e campos sem fim. Nada se sabe de suas conjecturas, até o momento em que fez uma descoberta: estava perdido. Resolveu voltar, mas em terras do pantanal só vaqueiro experimentado encontra o caminho de casa. Mais andava, mais se perdia.

ms4 fim > de Mato Grosso < Nada

ms4 voltar > sobre seus passos, isto é, os cavalos, < mas
ms4 experimentado > é que os encontra < mas

235. Raciocinou: “Atravessei uma porteira, se encontrar a cerca encontrarei a fazenda”. Depois de algum tempo de caminhar, atravessar bosques e campos, apareceu a cerca, logo após uma porteira, velha, quebrada, em tudo diferente da outra.

236. O sol correu, a noite chegou, o cavalo ajoelhou de cansaço. Um só tiro na espingarda para enfrentar as onças. Sono? Não apareceu. O Cruzeiro no céu a indicar-lhe o sul, mas que lhe adiantava o sul se seu norte era a fazenda e não sabia o azimute para encontrá-la? Nenhuma luz acesa ao redor, sequer uma montanha para orientá-lo.

ms4 marcha \ Perde o chapéu a atravessar o
mato e los
ms4 encontram, > mais tarde. Morreu? <
Tiroteio
ms4 Nada * ouve * Continua

237. Antes do amanhecer, retoma a marcha. Ao atravessar um arvoredo, perde o chapéu, que os capatazes encontram mais tarde. Terá morrido? Tiroteio de mais de trinta armas para orientar o tenente. Nada escuta. Continua a dirigir o cavalo, sempre em sentido oposto à casa, o animal mergulhado no pantanal até à barriga, dócil, quieto, submisso, participando da suposta evasão do oficial. Não fosse isso, bastaria virar-se para o cavaleiro e dizer: -Quer voltar para a fazenda? Então, solta as rédeas.

ms4 participando > até da < suporta
ms4 isso, * porque não se viram * para

238. Não ocorreu ao tenente a solução vulgar. Persistiu no comando.

ms4 comando > morro mas não me rendo <
Então

239. Então, um som entrou-lhe pelos ouvidos. Duas asas passaram sobre sua cabeça e ele parou. Era um teco-teco que o alçou e o levou para casa.

ms4 parou > Nenhum pássaro projeta sombra tão grande. Era avião mesmo. Desceu no campo e alçou o tenente que, chegando em casa, tomou banho, jantou e dormiu, exatamente como se houvesse acabado de chegar do quartel. // - Qualquer dia vou de novo, capitão mas agora já sei o que devo fazer. Não perguntei o que era. < Pandiá

240. Pouco depois, chegava o cavalo que não entendeu nada daquela história.

36

241. Carta de Mário Faustino: Recebi tua carta. A crítica que me mandaste vai sair, logo que possível, na seção "Bibliografia", do Suplemento do JB. Entrou na fila: com a atual falta de espaço, todo mundo entra na fila, exceto aqueles que, como eu, têm página fixa. Não te preocupes, entretanto: sai mais cedo do que estás acostumado com as publicações onde tens aparecido. Por falta nisso, acabo de ver, no último número de "Paratodos" (1a. e 2a. quinzena de maio), saído hoje, tua crítica sobre o Cisne Negro. de Mann. Ainda não li.

242. Estou te respondendo logo, para aproveitar uma pausa para meditação, que me surgiu em meio a uma trabalhadeira incrível que, de repente, desabou sobre mim. Não sei o que fazer. Vou amanhã à tarde para Paquetá. Ficarei no chalé do Barreto, devorando um material que necessito ler para escrever umas coisas que estou planejando para execução urgente.

243. O principal trecho de tua carta é aquele que se refere à nossa amizade. Não sabes como me consolam tuas palavras. Quem sabe não és, afinal de contas, (exatamente aquele de quem mais me tenho queixado, a ti mesmo e aos outros, quando falo mal de ti) o mais amigo de meus amigos? Não sei mais de nada. Cada vez menos entendo essas coisas. Chego à conclusão de que sou o maior dos incompetentes em matéria de relações humanas. Não entendo ninguém e ninguém me entende. Acho que exijo demais. Ou somos nós, brasileiros, que, em geral, devido a certas qualidades essenciais de nossa cultura, somos incapazes da verdadeira amizade (qual experimentei em relação a três ou quatro estrangeiros, particularmente alemães). O fato é que acho que um mínimo de respeito mútuo é absolutamente necessário à sobrevivência e ao contínuo enriquecimento de qualquer amizade. Também é necessário que os dois amigos em causa sejam úteis um ao outro, se possível na mesma medida. Também é necessário que não sejam demasiado íntimos. E nós,

brasileiros, somos exagerados, transbordantes, derramados, íntimos demais, metedidos, vivemos a querer reformar o mundo à nossa própria imagem e semelhança, somos levianos - e a amizade é uma coisa serena e profunda. Quando tenho dúvidas sobre tua amizade para comigo, o que talvez queira dizer é que tenho dúvidas quanto à minha própria capacidade de amar e de ser amado no plano da amizade - a longo prazo, é claro, pois, a curto prazo, todos nós, levianos e inconseqüentes, somos capazes de grandes arroubos amistosos. Também talvez queira dizer que não creio em ti mesmo como ser humano, em tua fidelidade, etc.. Sempre houve alguma coisa em ti que me deixou mais à vontade. Nunca pude eliminar uma certa barreira - um certo riso amargo, amarelo - que sempre se ergueu entre nós. Qualquer coisa que não encontro em meus outros amigos, mesmo nos piores. Para ser inteiramente franco contigo, Laus, sempre vi em ti uma certa sombra que se parece, incomodamente, com a sombra da deslealdade, da traição, da inveja, seja em que plano for. Devo estar sendo horrivelmente injusto contigo, mas no instinto. Nunca pude deixar de sentir isso em ti. Espero que se trate de outra coisa, espero que, quando voltares, já eu não sinta mais isso. Vamos ver. Há, também, algo em ti que nunca pude perdoar. Uma certa mesquinhez, deves saber a que me refiro, uma certa medida menor em certos aspectos de teu caráter, por sua vez grande em outros aspectos. Fala-me tu, agora de meus pavorosos defeitos. E, perdoa-me responder de maneira tão esquerda, tão ingrata, os belos parágrafos em que de tal modo renovaste minha confiança em mim mesmo, num momento em que estava descrente de todos os meus amigos, e, particularmente, de mim mesmo em relação a meus amigos.

244. Noticiário: paupérrimo. Eneida sempre fala em ti e é sempre a mesma. Soube que Ruth tinha andado doente, que já está boa. Tudo o que se refere à cultura, no Rio, cada vez mais nojento - não vale a pena falar. Estou ansioso por teu conto. Manda logo. Tratarei, sem falta de sua publicação - e da melhor maneira, como sempre. É pena que não me possa comprometer a mandar-te sempre o JB. Por que não o pedes à Ruth?

245. Escreve-me sempre. Cartas sinceras, cartas ricas como só tu sabes fazer. Não sabes como me fazem bem, meu velho amigo surrado pela vida. Com todos os teus defeitos, conluo-te mais genuíno que os demais, mais amarrado à vaga verdade, mais pisado pelo tropel da verdade, mais vítima e mais masoquista da verdade. Vamos ver o que te acontece, o que nos acontece. Cada dia, mais conluo que as palavras, orais ou escritas, cada vez mais nos afastam da verdade sobre o mundo e seus habitantes. Contemplemos os

atos e os fatos. Assim nos conheceremos melhor.

246. Qualquer coisa de que necessites aqui do Rio e que esteja a meu alcance, manda dizer. Vem logo daí. Paschoal anda doente, esteve hospitalizado, descansando. Escreve uma cartinha a ele. Hermenegildo de Barros, 161, Sta. Teresa. Escreve logo.

Um terno abraço do teu Mário

247. P.S. De propósito, não releio a carta; se reler talvez não mande MF

37

>março, 12<

248. Pandiá Calógeras em *Formação Histórica do Brasil*, no capítulo relativo à escravidão negra:

“Não exagera quem disser que, sob a direção do branco, eles (os negros) realizaram todo o trabalho material e os esforços precisos para criar e construir o Brasil. Em um caso, mesmo, foram guias dos brasileiros: seu é o mérito da primeira indústria de preparo direto do ferro nas forjas rudimentares de Minas Gerais, fruto natural da ciência prática infusa nesses metalurgistas natos que são os africanos”.

ms4 os * pretos * realizaram

249. Mais adiante: “Constituíam os negros a camada social mais baixa. Tão desconsiderados, que lhes discutiam a qualidade humana. Foi preciso que a Santa Sé os declarasse homens, para serem reconhecidos como tal”.

250. Comparação das três raças: “Os antigos colonos portugueses não eram alegres, e custavam a manifestar seus sentimentos íntimos de regozijo. O índio era grave, mais ou menos nas mesmas diretivas. Mas o fator africano, em geral, ostentava um perpétuo bom-humor, júbilo infantil e expansivo, gáudio pelos menores incidentes de sua vida. Essencialmente sensíveis, dignos de fé e dedicados, capazes de serem levados para qualquer lado por bondade e carinhos e palavras brandas, os negros colaboraram de fato no ameigamento da dureza primitiva do colono português”.

251. Os negros viviam em média apenas 25 anos. O autor afirma que, em regra, não eram maltratados. “Consequência talvez das condições desfavoráveis, ou por outros elementos biológicos, sua mortalidade excedia à do branco e mesmo ultrapassava a natalidade própria”.

ms4 que, ^como^ regra

252. Tanto “outros elementos biológicos” como “condições desfavoráveis” me parece vago, impreciso, pouco esclarecedor. Difícil aceitar que não fossem maltratados uma vez que até sua qualidade humana era discutida.

253. Em Ladário, ocorre um crime de que resulta a morte de um ladrão de canos de água.

38

254. Um português verifica todos os dias o desaparecimento de canos do depósito, situado num pátio, e recorre à polícia. Enquanto há guardas ou vigia, os canos não desaparecem. Mas o português não quer despende com o serviço e suspende a vigilância. Recomeçam os furtos.

255. O português volta ao delegado que lhe dá um conselho:
- Faça uma armadilha com espingarda.

256. Foi tudo preparado com um dispositivo simples e primário. Ao ser puxado um cano do monte, a arma dispararia e, com o estampido, viria correndo o proprietário.

257. Primeiro e segundo dias, nada. Mas no terceiro, a espingarda disparou, acertando na cabeça do homem que não teve tempo de levar nada. Morreu junto aos canos nenhuma palavra.

39

258. Dia movimentado com a chegada do general comandante da 9ª Região Militar, de passagem para Forte Coimbra. De manhã, faxina geral no quartel; às treze horas, recepção no aeroporto; de tarde, sua visita ao Batalhão; de noite, despedida no cais do porto, a bordo de um navio do Serviço de Navegação da Baía do Prata.

259. O general é de uma raça que, aos poucos, se extingue, famoso em todo o Exército, em todo o Brasil, por sua intransigência e arbitrariedade. Serviu em Natal, durante a guerra, o Regimento com efetivo completo, necessitando de pulso de ferro para controlá-lo. Quando lá cheguei, em 1947, como Aspirante a Oficial, havia uma prova de sua passagem: o pavilhão refeitório fora integralmente transformado em xadrez e os soldados comiam em marmitas, de pé, num barracão improvisado nos fundos do quartel.

260. Sua fama transformou-se em lenda e hoje temos dificuldade em separar a verdade da invenção. Ainda em Natal, ouvi várias histórias, como estas duas:

261. Naquele tempo de ante-guerra, o Regimento e a cidade sofriam a atuação do desespero de mais de mil homens com os nervos a explodir pelas menores razões. Certa noite, um cabo expulsa o motoneiro de um bonde e se encarrega de conduzi-lo, Tirol à fora, em direção ao quartel, sob a apro-

>Abril,13 <

ms4 ou * vigias* os
ms4 não* pode * despende
ms4 vigilância ^Recomeçam^os

ms4 conselho * Arme uma * espingarda
ms4 espingarda * O português preparou
tudo* com

ms4 dispositivo\ primário e simples\ ao
ms4 ser * retirado o cano * a
ms4 proprietário > para pegar o gatuno. Dois
dias a armadilha não funcionou< Mas

ms4 terceiro > (a fatídica importância do
número três) < a
ms4 nada @ : @ morreu

> Abril,14 <

ms4 general > comandante da 9ª Região
Militar<de

ms4 no * Batalhão* de
ms4 visita * de S. Excia. Ao quartel* de

ms4 Natal * ao tempo da * guerra

ms4 cheguei + , em 1947, como Aspirante
Oficial, + havia
ms4 pavilhão * do rancho * fora
ms4 em ^xadrez^e

ms4 da * imaginação* Ainda
ms4 histórias * e duas me ficaram na lem-
brança* naquele

ms4 nervos > prontos < a
ms4 expulsa\ o motoneiro de um bonde\ e
ms4 de * conduzir o veículo, * Tirol

vação dos passageiros, todos soldados sujeitos aos mesmos sentimentos de pânico e revolta.

262. Ao ter conhecimento do fato, o general (então coronel), atravessou seu carro de passeio nos trilhos, pôs todos os homens em forma e os conduziu diretamente para o xadrez.

ms4 coronel ^atravessa^ seu
ms4 carro * na linha, põe* todos
ms4 xadrez * De outra feita * o

263. Em outra ocasião, o Regimento sai para uma marcha de treinamento. No regresso, a dois quilômetros do quartel, a tropa cansada e sem querer outra coisa senão chegar e livrar-se do mochila, ouve-se o toque de alto e, em seguida, o de rancho.

264. A poeira, o calor, músculos doloridos, ninguém pensava em jantar àquela hora da tarde. Mas foram organizadas as filas e, aos poucos, o cansaço trocou-se pela fome. Os camburões foram postos à margem da estrada, soldados rancheiros entraram em posição com a colher pronta a servir arroz, feijão, carne.

ms4 poucos, ([a fome]) cansaço
ms4 fome > Quando estava tudo pronto < Os
ms4 camburões > foram postos < à
ms4 rancheiros + entraram em posição + com

ms4 carne, > o general < então

265. Então, o comandante imaginou o incidente singular. Chamou o corneteiro e ordenou: - Toca alarme aéreo.

ms4 singular * - Verem os camburões ([de comida]). A aviação acaba de nos descobrir e bombardeou a tropa. Foi este homem que visitou o quartel * hoje

266. A princípio, ninguém entendeu. A soldadesca permanecia em fila, esperando a vez de ver cheia a marmita. Oficiais e sargentos repetiam o alarme com apitos histéricos e a disciplina acabou vencendo o estômago. A estrada foi abandonada e cada qual procurou uma árvore para fugir da suposta aviação inimiga.

267. Quando o comandante observou o cumprimento de sua ordem, aproximou-se dos rancheiros e mandou entornar os camburões de comida.

268. Este o homem que visitou o 17º B. C., eu no comando para recebê-lo, em vista de nova dispensa do comandante efetivo.

ms4 recebê-lo+ em vista de nova dispensa do comando efetivo + nova

269. Nada em seu porte, no rosto, a denunciar-lhe o temperamento. Um general como dezenas de outros. Sorrisos, espírito vivo, visitou todas as dependências do quartel, comentando os menores detalhes: uma toalha escondida atrás do armário, teias de aranha no banheiro das praças. Depois da visita reuniu os oficiais e falou com brandura aos aspirantes: É preciso cortar o cabelo. Muito mais higiênico raspá-lo até às orelhas. Surpreendeu-me. Nada mais do que foi - ou do que dizem que foi.

ms4 como * centenas * de
ms4 vivo * acompanhei-o por * todas
ms4 dependências * Espírito de minúcia, olha todos os * detalhes
ms4 praças * Desejou vir os aspirantes a eles falar com brandura* é
ms4 orelhas > O homem < surpreendeu-me
ms4 mais * existe nele * do
ms4 foi *, a não ser a exigência de coisas certas, direito que lhe assiste. // Só não perdão ao general na coisa. Ignora que Corumbá não seja unidade * de

270. E ainda revelou uma desconcertante ignorância. Não sabe que Corumbá não é considerada Guarnição de Fronteira, isto é, não dá as vantagens que as outras dão, apesar de distar apenas 6 quilômetros da Bolívia.

ms4 não * tenha as vantagens dessas unidades. Quando, em Juiz de Fora, outro general havia se surpreendido com outra ignorância, junto da conveniência única com o exército do asfalto - o exército do Rio de Janeiro. Não se lembrava esse general * que

271. Imediatamente, ocorreu-me outras inspeções de general, quando servi em Juiz de Fora. O Inspetor, acostumado ao asfalto carioca, confessou não mais lembrar-se de que ainda existiam unidades com viaturas puxadas a burro, no Exército Brasileiro. Imaginava toda a tropa transportada a motor e, naturalmente, calcularia o tempo para uma operação à razão de 30 km por hora e não a 4 km a pé⁹.

ms4 Brasileiro\ E sua ingenuidade imagina\ toda
ms4 e, * certamente calcularia as distâncias* para

40

272. Todo o dinheiro que tenho e terei por dois meses é para pagar o imposto sobre a renda, para as despesas normais e ir ao Rio quando do lançamento de meu livro de contos Os Incoerentes. E eu que tinha a ilusão de poder guardar dinheiro em Corumbá. Se o quartel tivesse quartos, me mudaria, mas não tem nada. Mandam a gente para um lugar desses e não oferecem vantagem alguma. Fizeram-me sair da enfermaria mas permitiram que o major continue por lá. Só vejo uma explicação: sou solteiro e a esposa do comandante, que mora ao lado, é muito jovem. Os aspirantes, que chegavam à janela de busto nu, também foram despejados...

273. E, ainda, quando chegar a vez de minha transferência, garanto que não me darão "por necessidade do serviço" - com direito a ajuda de custo e passagem, mas sim "sem ônus para a Fazenda Nacional". O máximo que conseguirei deverá ser "por interesse próprio", com direito apenas à passagem.

274. A desigualdade com a Base Fluvial de Ladário é outro ponto de irritação. Lá, eles têm todo o conforto: piscina, cassino de oficiais com bar, eletrola, sala de jogos e de dança, quartos para solteiros, residências para todos. Nós, do Exército, temos um quartel caindo aos pedaços e o único jipe que ainda funciona passa a maior parte do tempo na oficina.

41

> Abril,15<

275. A estação de passageiros da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil funciona provisoriamente num grande armazém de carga. Cheguei ali às cinco e meia para uma viagem a Porto Esperança, onde o Batalhão mantém um destacamento de guarda e vigilância da ponte Barão do Rio Branco.

ms4 Esperança, * vila onde o 17 : BC* mantém
ms4 vigilância ^ à ^ ponte

276. Um boliviano, funcionário da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia (que se inicia também no armazém) veio dizer que o auto de linha estava pronto para partir e embarcamos: um major, outro capitão, um sargento e eu. Vamos inspecionar o Destacamento e estudar novas medidas de caráter militar. No carro, outro boliviano, mecânico da mesma ferrovia.

ms4 eu * para inspeção ao destacamento e estudo de nova * medidas
ms4 ferrovia * Posto em movimento, parecia estarmos no interior de um barco, tal o balanço do carro. E também o formato e a estrutura * Quadrado

277. O carro de linha balançava como uma barca. Quadrado, poltronas ao fundo e duas à frente separadas pela caixa do motor, vidraças à volta, é pintado de verde por fora, o interior em cinza e amarelo.

ms4 quadrado, > quatro < poltronas

ms4 interior * cinzento * e

278. Até Urucum, 45 minutos para 18 km de percurso. Bitola estreita, trilhos irregulares provocando solavancos, dormentes à flor da terra em leito de cascalho ou simplesmente enterrados. Nas margens, taludes verticais abertos na rocha pura, que forma as montanhas de Urucum, com grandes jazidas de manganês.

ms4 percurso ([O auto]) Bitola

ms4 terra * ,enterrados, ora em leito de cascalhos, taludes verticais abertos na rocha pura. Em Urucum, duas horas de espera que a linha fosse desimpedida * Apenas

279. Duas horas de espera para o desimpedimento da linha. Apenas o funcionário da Estrada, duas galinhas, quatro pintos de dias, um de mês, dois cachorros. Com o ar fresco da madrugada, abriu-se um trem de lastro - destinado à conservação da ferrovia e que permanece no desvio por três meses. O cozinheiro do trem nos oferece café em canecos esmaltados.

ms4 o * amanhecer * abriu-se

280. Passa o trem de passageiros e seguimos viagem. Aos poucos, ficam para trás as elevações da Serra do Urucum e ganhamos o pantanal, com regiões inundadas e outras secas, espalhando-se sem limites de um lado e outro do aterro por onde corre a ferrovia. Retas enormes, de vez em quando pequena estação com um grupo de casas para o pessoal da Estrada, gado espalhado pelos campos, uma ema.

ms4 Urucum > - onde existem as jazidas de manganês - < e

ms4 inundadas @ , @ e

ms4 enormes > (pela quilometragem constatei um de 10 km) de

ms4 quando > surge < pequena

ms4 casas * do * pessoal

ms4 ema * que * come

ms4 gado * explica * o

- Fazendeiro não deixa matar ema porque come cobra e salva o gado, diz o sargento.

ms4 estrada * fica * pior

281. A estrada vai ficando pior e o saquejo aumenta. Mais de duas horas para percorrer os 60 km que nos separam de Porto Esperança. Os trilhos apresentam seções tão irregulares que se percebem a distância. Os dormentes, assentados sobre o aterro frouxo e desbarrancado pelas chuvas não oferece muita segurança. Mas era indispensável aterrar. As cheias periódicas cobrem os campos a mais de um metro.

ms4 segurança * Mas o aterro se impõe pelas cheias periódicas * que

282.A vegetação é formada de bosques ralos e baixos. Ao atravessarmos um deles, surge a ponte Barão do Rio Branco em sua grandeza, cinco arcos grandiosos para abarcar o rio, com 2009 metros de comprimento e altura máxima de 20. É branca, de cimento armado, e foi construída em dez anos, de 1940 a 1950.

ms4 metro * Aparece a ponte por detrás de um bosque ralo, como se toda a região. Impressionante em sua grandeza, estende-se por 2004 metros ([de cima uma]) altura máxima de 20 metros acima do nível do rio Paraguai. "Ponte Barão do Rio Branco ([escrito em vermelho]) dez anos (1940-1950) foi construída ,(em)]. Cimento armado, linhas simples como os arcos grandiosos para abarcar o rio * A

283.A vila fica na margem esquerda do rio, a 2 km da ponte e já teve alguma importância, antes da construção da estrada de ferro. Era o porto principal de recebimento da produção do Norte do Estado que para aí convergia, a fim de baldear para o trem. Um hotel de madeira, grande, abandonado, recorda a glória passada da vila. Hoje o movimento do porto reduz-se ao mate de Ponta-Porã que se escoia para o Uruguai e a Argentina.

ms4 esquerda + do rio + a
ms4 importância @ . @ antes

ms4 Estado ([de Mato Grosso para o Atlântico])que
ms4 abandonado* relembra * a

284.A lancha que nos traz ao Destacamento passa ao longo da margem onde casebres se enfileiram. Os habitantes exercem duas profissões: quando há navios, estiva; na falta destes, a pesca.

ms4 navios * estivadores* na
ms4 destes, * pescadores que o rio dá- muito pacu, dourado, pintado* quando

- Quando vem a enchente, eles fazem jirau dentro de casa para não dormir na água.

- Por que não constroem a casa de assoalho suspenso?

- Gente pobre, capitão. Se a cheia é muito grande, eles vão tentar a vida noutro lugar.

285.No extremo da vila, uma torre de petróleo.

- De americano. Quando iam começar a perfurar, o governo proibiu.

Deixaram tudo: torre, canos, motor, peças avulsas. Um depósito, já destelhado, guarda enorme quantidade de peças enferrujadas.

ms4 tudo * enferrujado * Há

- Há um responsável. Mas o senhor sabe como é. De noite, cada qual leva sua telha, um pedaço de cano, madeira para o barraco.

ms4 sabe* , de noite .* Cada

286.Numa casa oferecida ao Exército pela Noroeste, funciona o Destacamento. Uma escada de dez degraus (a cheia atinge o terceiro e os moradores usam canoas) conduz à varanda. Três portas. À direita, num quarto pequeno, mora o sargento rádio-telegrafista com mulher e dois filhos; à esquerda, outra peça idêntica abriga o sargento comandante do Destacamento, casado, uma filha. A porta central leva à sala de jantar - ao que poderia ser uma sala de jantar. Guarda-roupas improvisam uma parede, escondendo a estação de rádio, a cama de outro rádio-operador e pequeno depósito. Na parte maior da sala, as camas duplas dos soldados e a mesa de refeições. Ao fundo, cozinha e instalações sanitárias, comuns a todos.

ms4 barraco * Visita ao Destacamento Federal, placa de madeira com as Cenas da República, " 17: BC" em amarelo, sobre verde, casa oferecida ao exército pela Noroeste* Uma

ms4 central ([conduz]) à

ms4 depósito @ ; @ Na

287.- Servir aqui dá ponto para promoção. É a vantagem. E recebo mais 5 % do que no Rio, diz o sargento rindo.

Pergunto a um soldado:

- Há quanto tempo está aqui?
- Dois anos e três meses. Mas vou dar baixa em junho.
- Que vai fazer?
- Trabalhar.
- Em quê?
- Qualquer coisa.

ms4 tempo > você < está

ms4 meses * - Você vai dar baixa em junho.
Que vai fazer depois? * Trabalhar

288.Sem profissão definida, dois anos limpando armamento, carregando e descarregando trem e a chalana que supre o Forte de Coimbra, que será desse homem? Enquanto no Exército, ganha como desarranchado (cerca de três mil cruzeiros) mas não tem direito à alimentação. Entrega metade do vencimento a uma mulher que dá pensão.

ms4 trem ([ou navio]) a

ms4 Exército * ganham como desarranchados e engajados* cerca

ms4 alimentação * Entregam metade do que recebem * a

- De começo, a gente se revezava na cozinha. Mas dava muita confusão, mas tem jeito, outros não tem.

ms4 outros * não... * tem

289.Simplicidade no gesto, nas palavras, a passividade tácita face a uma rotina a que se sujeita por falta de ambição, de cultura. Quantos e quantos encontrei assim por toda a parte. Que potencial de energia e trabalho perde o Brasil, retardando o aprimoramento do homem!

ms4 não...+ Simplicidade ...+ Depois

290.Depois do almoço no Destacamento, onde os bolivianos também comeram, regressamos a Corumbá. O carro de linha, com a pressa em se voltar, sacudia mais do que na vinda. A distância foi vencida em duas horas e meia. Os marcos foram passando, 1277, 1278 e, precisamente, às cinco e meia da tarde, estávamos a 1348 km de Bauru, SP, onde começa a numeração.

ms4 comeram, * regresso, às 14 horas* O
ms4linha * à espera no ramal do Porto Esperança, avançamos caminho para pegar a linha principal atravessamos a ponte e o caminho, sacudindo mais que na vinda, pela pressa de todos, vencem os 80 km em 2 e meia horas. ([A quilometragem]). Os marcos quilométricos estavam a passar 1277,1278, e precisamente às 17:30 estávamos a 1348 km de Bauru - origem da numeração - chegando a Corumbá.// Só na volta é que observei um detalhe interessante. Em certo momento o motorista boliviano gesticulou com ambas as mãos e procurei o volante que devia estar abandonado. Não havia. E para que, se os trilhos dá o sentido da marcha? * cartolina

42

>Abril, 17 <

291.Recebo um convite em cartolina branca com dois textos impressos em azul. O da esquerda: "no horizonte da vida, entre a suavidade do arrebol da infância e os matizes diáfanos do melancólico poente da velhice, está a claridade refulgente do pleno dia: a mocidade vibrante e idealizadora".

ms4 branca * dobrada, CONVITE em verde na capa. Abri. Dois textos, ambos* em

292. Procuo esclarecimento na outra face:

“Ao atingir a fase da mocidade, envolvida na ardente alegria, venho convidá-lo para, comigo e minha família, assistir à Missa em Ação de Graças que será celebrada dia 19 (sábado), às 6 horas, na capela da Escola Normal e Ginásio Imaculada Conceição. Quero, também convidá-lo para dia 20 (domingo), a partir das 11 horas, festejar os meus quinze anos, na Fazenda Urucum, quando, numa reunião campestre, recordando os anos de minha infância, entrarei numa nova vida. Com os agradecimentos da M. A.”

43

> Abril, 18 <

293. A lista telefônica de Corumbá é ímpar. Talvez seja a única cidade do mundo em que os telefones, além das entradas normais (nome, endereço, profissões), aparecem também na ordem numérica crescente. “Se souber o número do telefone, procuro na seção numérica continuada” - ensina o catálogo.

ms4 normais > pelo < nome

Procure o quê? O raciocínio natural de quem se serve de uma lista de telefones será sempre: “Qual será o telefone de fulano? Não me lembro do nome mas sei que mora em tal lugar. Ou, então, sabe-se onde trabalha, se é proprietário de alguma coisa, etc. A relação numérica vem ampliar as perguntas num sentido desconcertante:

- Quero falar com o telefone 331. A quem pertencerá?

Ou então:

- Preciso de uma ligação com o Banco do Brasil. Será 315?

- vai-se à lista continuada e não é. Por tentativas, acaba-se descobrindo.

294. A lista numérica continuada dá uma informação precisa: em Corumbá existem 464 assinantes (informação que, como se vê, pode ser dada em 5 palavras).

295. Mas o resto são qualidades na Lista Telefônica Classificada de Corumbá. É um guia da cidade, útil a todos. Registra horário de bancos, repartições, movimento de trens e até preço de passagem; transcreve leis do selo, exigências para exame de habilitação à carteira de motorista, multas do tráfego e - parte mais importante - um roteiro para monografia sobre o município.

296. Por aí se aprende muita coisa. População da cidade, estimada em 1954, 29.563 habitantes. Temperatura máxima, 43 graus; mínima 5. Prevalece a nacionalidade brasileira mas existem sírio-libaneses, turcos, bolivianos e paraguaios, os primeiros no comércio e nossos vizinhos “voltando-se mais para os trabalhos braçais”.

297.O distrito de Corumbá foi criado em 1838 e elevado à categoria de cidade em 1878. Sua economia baseia-se em pecuária e indústria extrativa mineral e de outras espécies. O capítulo da indústria extrativa justifica a fama da região em caça e pesca:

ms4 e + indústria + extrativo
ms4 mineral + e de outras espécies + O

“O Rio Paraguai e seus afluentes têm abundância de pesca, destacando-se o pacu, pintado, surubi, dourado, sardinha, pacupeva, jaú, bagre, corvina, jiripoca, jurupensém e piranha”.

“Havendo um Sindicato de Pescadores cujo produto de pesca é consumido no município e exportado a maior parte do peixe dourado para a capital do Estado de S. Paulo (sic). A caça também é bastante rica de onça, jaguatirica, caititu, capivara, veado, tatu, etc., sendo as peles silvestres industrializadas fora do município. A produção de lenha extraída das matas que apenas bordejam os rios, supre o consumo municipal e é ainda aproveitada pelas empresas de navegação e indústria de ferro”.

“Conta Corumbá com uma fábrica de ferro gusa, extraído de Morro Urucum, a maior mina de manganês do mundo, uma fábrica de cimento moderníssima com capacidade de produção de 50 mil quilos diários; grande extensão de areias e vários fornos de cal, tijolos, telhas e congêneres”.

298.A natureza pantanosa do solo dificulta a abertura de estradas de rodagem. De carro não se vai a Campo Grande, a Cuiabá, a parte alguma, a não ser Bolívia. Aviação, trem, transporte fluvial resolvem o problema. E o quadro da distância entre os aeroportos, somado ao preço das passagens, anula nosso desejo de viajar: para São Paulo, 1276 Km, para o Rio, 1649.

299.Na lista telefônica, figuram não só os assinantes como “todos os interessados que desejarem a expansão dos seus negócios e, em especial, os visitantes que aportarem nesta Cidade Branca”. Não sei se é o caso dos visitantes se inscreverem no livro. Assim está escrito.

ms4 Branca \ Assim está escrito \ Não

300.Qualquer turista está armado de boa fonte de informações. Falta a planta da cidade. Substituiria bem a tal lista numérica continuada.

44

> Abril,19 <

301.Como poderia supor que as duas figuras deste livro se transformariam em personagens de incerto romance de amor? O soldado enfermeiro que não foi encontrado de noite no quartel e a moça M. A. “que pouco a pouco se formou no sol do espelho” e vai comemorar os quinze anos em Umcum.

ms4 enfermeiro * de 24 de março * e
ms4 M A > de ante ontem < que

302. Batidas à porta de meu quarto. Tímido e trêmulo, entrou o enfermeiro.

- Não deu tempo para entrar com a parte. Fui convidado para dançar a valsa dos quinze anos. O senhor pode assinar a permissão?

303. Acabava de ler um poema de Drummond e lembrei-me de M. A., também Maria, "de Maria simplesmente, ou de mar de canaviais mar murmurante".

304. Na permissão para trajar civilmente, o nome complicado.

- Meu pai é alemão.

Conversamos alguns minutos e, sem chegar a animar-se, sorriu ao justificar o castanho dos olhos.

- Minha mãe é baiana.

Não é tão pobre como me parecera. O pai é fazendeiro de uma légua, em Cáceres, tendo prejuízo, conforme declara o filho, porque roubam muito gado e a fazenda é entregue a estranhos.

- Meu pai viaja para uma companhia americana e lá, de quatro em quatro meses, é que aparece na fazenda.

Não quer encarregar os filhos desse serviço pesado - um que é fotógrafo e ele que pretende cursar a Escola de Saúde do Exército para depois ser médico ou farmacêutico - e a fazenda não dá lucro.

- Então vai dançar a valsa?

Prontamente esqueceu o ar sério com que falava do pai, dos negócios, de seus planos e sorriu:

- É, me pegaram.

Pois bem, ele que se transforme em verso "e se debruce à beira-rio e pare na estrada e converse com a menina esses assuntos importantíssimos que não adianta o rei escutar".

45

305. Não sei qual o rumo que minha vida vai tomar. Tenho minha profissão certa, militar, mas não tenho amor a ela. Tenho minha mania de literatura, mas que sou, literariamente? Não me dedico a isso como devia. Pouca coisa de concreto, de positivo na mão. Minha vida sentimental é um fracasso e assim será para sempre. Quisera ter o desprendimento de ser apenas bom, sem pedir nada em troca.

ms4 quarto ([Pálido]) Tímido
ms4 entrou + o enfermeiro + não

ms4 anos ([com um m]) O
ms4 senhor ^ poderia ^ assinar

ms4 permissão + para trajar civilmente, o nome complicado + meu

ms4 justificar ([os olhos]) o
ms4 baiana ([Verifiquei que]) não
ms4 fazendeiro * légua de terra , * em
ms4 Cáceres * com prejuízo * porque

ms4 estranhos # Só dois filhos, um fotógrafo e ele, que quer ([fazer]) cursar a Escola de Saúde do Exército para depois ser médico ou farmacêutico# Meu
ms4 desse * encargo * pesado

ms4 Prontamente ([sorriu]) esqueceu

ms4 pegaram * como ([poderia deixar de]) não assinar a permissão? * Ele

> Abril, 20 <

ms4 escutar * Se é preciso tempo para se amar uma pessoa, muito mais para uma cidade, ser múltiplo, de ressonâncias ([externas em vez de intensas, concentrados]). Para que deixa uma cidade grande a pequena limita, sufoca; mas a vida em comum provoca sentimento oposto ao da capital: se lá queríamos aparecer, desejamos aqui ficar ocultos - o que é impossível. E, aos poucos, a cidade pequena nos envolve. Festas, cinema comum, restaurante único, presença contínua, bom dia, boa tarde, aquele é o capitão, dizem que é escritor. Solteiro, bom partido. Como se ele ignorasse o estado civil e, num estalo ficasse noivo em seguida - o solteirão empedernido. // - Você acaba casando por aqui. Não volta mais para o Rio. Mal-estar O mesmo em Natal, Caxias do Sul, Porto Alegre, Juiz de Fora, Só o Rio admite o homem só. // Ontem arrisquei! * Corumbá

306.Sinto-me infinitamente só.

307.Numa cidade grande como o Rio, a vida afasta o pensamento dessas coisas. Aqui, todos os passos medidos e controlados, continências de cinco em cinco metros, acabamos por arreentar os nervos.

46

308.Corumbá tem três ou quatro coisas que ficariam bem em qualquer cidade grande, disse ontem ao major.

- Você está adquirindo o "olho local". Qualquer dia arranja uma fazendeira e perdemos a companhia.

ms4 grande @ . @ disse

ms4 grande # disse ontem ao major # Você

ms4 Você > já < está

ms4 companhia + Foi um dos passeios diários que fazemos, o major, o tenente médio e eu + Fiquei

ms4 companhia a * Fico pensando no * olho

309.Foi num dos passeios diários que fazemos, o major, o tenente médico e eu. Fiquei pensando em "olho local". Não há dúvida de que o hábito transforma as aparências das coisas e das pessoas. Já admito até mesmo o Hotel Venizelos que tanto me apavorou à minha chegada.

ms4aparências * de coisas e pessoas* Já

ms4 que, * ao "olho turístico", não passa de um pardieiro* Explico

310.Explico a eles as coisas que me parecem boas. O cinema Tupi, de cadeiras estofadas e decoração de bom gosto.

- Em Porto Alegre, até 1952 pelos menos, não havia cinema assim.

ms4 Explico + a eles + as

ms4 cinema * cadeira estofada, decoração moderna em tons suaves, sem exageros * Em ms4 1952, * não havia cinema comparável ao Tupi e Grande Hotel de comida péssima,* apresentação

311.O Grande Hotel, de má comida mas boa apresentação, tratamento e serviço excelente. E o bar La Barranca, com dois amplos terraços, cerca de cem mesas, orquestra e danças às terças, quintas, sábados e domingos.

- E a quarta? - pergunta o médico.

Não sei qual seja. Mais alguns dias e descobri quinta, sexta, vigésima. É preciso não reagir. Ainda faltam muitos dias para completar um ano.

ms4 serviço ([muito bons]) E

ms4 La Barranca > Juiz de Fora e Caxias de Sul, ([como Corumbá cidades]) parques industriais de Minas e Rio Grande, não possuem na casa equivalente, no gênero < dois

ms4 domingos * A quarta coisa ainda não sei qual é. * Mais

ms4 e ^ descobriu ^ quinta

47

312.O major é homem de princípios, mas sabe fundamentá-los com argumentação viável.

> Abril, 22 <

ms4 princípios * ,naturalmente. Mas sabe fundamentá-los com argumentos viáveis * Não

313. - Não sou comunista, porque não acredito no Estado. Fazenda coletiva, por exemplo, pode dar certo no Brasil? Nem os Correios e Telégrafos funcionam. Os minerais estratégicos sim, devem ser nacionalizados para não cair na mão dos estrangeiros. Petróleo é básico, nem se fala.

314. Em nossos passeios depois do jantar, não pára de falar até entrar no cinema a que vamos todas as noites. Encontra sempre o que dizer, passa e repassa o assunto, a voz alta demais, chamando a atenção de todos.

ms4 assunto >, monótono, < a
ms4 atenção + de todos + O
ms4 todos > Saímos, três, mas o médico,
paraibano recém-formado, baixo, óculos,
pronto a rir a qualquer motivo. < De

315. O médico, recém-reformado, de repente adota o chamado ar doutoral e pontifica:

ms4 repente > série, adota o famoso < ar

- O soldado apresentava sintomas evidentes de pitiatismo.

Ou então:

- Nada de grave, lipotímia causada por estafa, provavelmente.

316. Não deixo de perguntar o que significam essas palavras, mais imponentes do que a tradução: histeria, desmaio.

ms4 essas ([belas]) palavras
ms4 palavras * mais belas * do

48

> Abril, 27 <

317. Segundo mês em Corumbá.

318. A correspondência continua ativa. Recebi 17 cartas e escrevi 22, durante o mês de abril.

ms4 22 > cartas. // De leitura, apenas o
livrinho sobre a revolução de 32, *Formação
da História do Brasil*, 508 páginas de Panduá
- Calógeras em *O Cisne Negro* de Thomas
Mann. // Mas escrevi um conto, *Segredo*,
ainda não revisto. < Sábado

49

> Maio, 3 <

319. Sábado, dez horas da noite.

320. Depois do jantar, o passeio de sempre com o major e o médico. Assunto principal, a malfadada compra de um apartamento pelo major. Anos e anos, dinheiro empatado, juiz, advogado, despachos, o turco encontrando sempre uma saída para burlar a lei e não fazer entrega do prédio.

ms4 empatado, \ advogado, juiz \ despachos

- Tudo porque não segui um conselho de meu pai: "Nunca faça negócios com turco. E, sendo negócio de casa ou terreno, nada de recorrer à justiça; entra logo em acordo com a outra parte."

ms4 parte. > - lamenta-se o major. Depois,
passagem < pelo

321. Passamos pelo La Barranca. Muita gente dançando, um cantor aos berros ataca Boemia que o alto-falante espalha pela cidade.

ms4 La Barranca * orquestra, cantor, danças*
O

322. O doutor vai para casa ler e dou mais uma volta com o major. Cerveja na Sorveteria Americana. Novamente La Barranca, orquestra, cantor, etc.

ms4 Americana > E voltamos < novamente
ms4 orquestra, + cantor, + etc

323. A cem metros do bar, ponto central da cidade, dobro a rua Sete de Setembro, arborizada, escura. De repente, alguns vultos aparecem, passeando calmamente. São duas vacas, três terneiros, outros bezerros.

324. Em minha porta, um jumento se coça. Entro e escrevo o que aí está.

Dez horas e dez minutos de um sábado.

50

325. Faltam 295 dias para completar um ano. Preguei na parede, junto à minha mesa, uma folha de papel onde foram escritos os números de 365 até 1, na ordem decrescente. Cada dia risco um número. Hoje risquei o 296.

326. De meus amigos, apenas Walter se mantém fiel na correspondência.

Mário Faustino e Luís Canabrava desertaram. Renard Perez nem respondeu à primeira carta e Eneida só escreveu uma vez. Ruth escreve sempre.

327. Mandeí um conto para Eneida publicar na revista Jóia.

328. Continuam as promessas do editor em mandar as provas do livro.

51

329. A leitura de *A Paz do Chaco* fornece-me dados sobre as terras de Mato Grosso. Há perfeita identidade com as do chaco Boreal que o General Leitão de Carvalho se propõe a descrever. Pelo menos na porção relativa aos arredores do Corumbá, fronteiras à cidade da margem baixa do rio, e no caminho de Porto Esperança. Eis o que ele diz:

“Na época da seca, produz-se uma camada de pó que, ao contato com as águas das chuvas, forma uma lama espessa, tornando-se quase impossível o trânsito. O terreno é coberto de vegetação, ora de grande talhe, formando matas descontínuas, ora de espécies menores, entremeadas de extensos prados, em que se encontram lagoas efêmeras, geradas pelas águas pluviais, e rios que se originam dessas lagoas.

“No verão são copiosas as chuvas (...). Transbordam, então, os rios e, como as margens são muito baixas, as águas estendem-se por vastas zonas. Surgem, desse modo, as lagoas temporárias, formando-se enormes pantanais”.

“Os bosques, em alguns lugares, são densos, mas, em geral,

ms4 do * La Barranca, ponto vital * da
ms4 cidade > a esta hora , < dobro
ms4 escura * Calmamente passeando por ela*
duas

ms4 coça > Ninguém na rua. < Entro
ms4 Entro * ,escrevo o que aí vai. Ouço o
cantor do bar, que o alto-falante ainda vai
funcionar por algumas horas. * Dez
ms4 minutos + de um sábado + Faltam

ms4 sábado + Faltam 295 dias ... provas do
livro.+A

> Maio, 1º <

ms4 Chaco” > , agora iniciada, < fornece-me
ms4 identidade * entre estas e * as

ms4 descrever @ , @ Pelo
ms4 na * parte * relativa
ms4 cidade * , na outra margem * do
ms4 Esperança + Eis o que ele diz: + “Na

ms4 pantanais” > Transcrevendo alguns
autores, o livro prossegue: < “Os

um tanto abertos e, com frequência, interrompidos por numerosos trechos, maiores ou menores, de savanas e charcos. Faixas de verdadeiras selvas, pequenos bosques de palmeiras, clareiras ou zonas de prados tropicais, trechos pantanosos e terras cobertas de pastos sucedem-se com intervalos”.

330. Sobre os rios e as águas, o autor escreve:

“A estação seca anual, durante a qual quase todos os rios - exceção feita ao Paraguai - deixam de fluir, ou chegam a ter muito pouco volume, priva-os da vantagem de posse ininterrupta de seus leitos. Em cada inundação seus depósitos sedimentares, tanto no leito como nas margens, vão de um modo especial, descendo conjuntamente com as águas. Mais cedo ou mais tarde, toda a corrente se eleva acima do nível das planícies circundantes e é capaz de romper o dique das ribeiras, a mais leve provocação, e espalhar-se pela comarca que o rodeia”.

ms4 autor > transcreve, logo a seguir, outra informação que corrobora o que tenho ouvido e observado. < “A

331. É o que está ocorrendo no presente. O rio está transbordando. A margem esquerda, rente às águas, é tomada aos poucos e as casas que vi de perto no dia da pescaria estão rodeadas de água, o rio formando as lagoas e os banhados que me deram impressão tão má quando os vi do alto, à minha chegada.

52

332. Reservei lugar no avião do Correio Aéreo Nacional para o dia 15 de junho. Ainda não sei ao certo se irei mas reservei porque até lá podem aparecer notícias do meu livro e que tudo se resolva de modo a sair o lançamento de Os Incoerentes. Reservei, também, porque só em fazê-lo fiquei um pouco contente com a possibilidade de ir. Ando louco para rever meu apartamento, a Avenida Rio Branco, o aterro, Copacabana.

333. Hoje chega Emilinha Borba. Vou ao aeroporto. Mas é para receber um general que vem no mesmo avião.

53

334. Dia 10 de maio (hoje é 14) houve parada em honra a Osório. Comandei o Batalhão no desfile, a pé, por toda a cidade.

335. Chegou o dicionário. Já olhei uma palavra e pensei ser galicismo: portar. Mas não é. Quer dizer levar mesmo. E descubro que for tem acento por há for - forma, costume, foro.

336. Apagou-se a luz. Comprei um lampião a querosene e me sinto completamente medieval, nostradâmico, macbetiano.

337. Vamos, pois, jantar na pensão do turco. Quibes, beringelas, coalhadas, etc. Mas isto é no almoço porque no jantar, todas as noites, temos bife com um ovo e arroz.

54

338. Carta de Mário Faustino

339. Recebi ontem, 7, tua carta de 3. Não compreendi. Peço-te que releias minha carta anterior (escrita num momento de absoluta sinceridade - e, portanto de humana incoerência: só somos coerentes quando somos insinceros, tese aparentemente absurda mas, em minha opinião, profundamente verdadeira) e que me escrevas outra, com mais compreensão do que esta a que agora respondo.

340. Confirmo todas as sentenças que reproduzes em tua carta e que taxas de contraditórias. Sim, Laus, não creio muito em ti como ser humano. Tenho, freqüentemente, sérias dúvidas a teu respeito. Dúvidas que comunico a amigos como, por exemplo, o Barreto, de quem, também, tenho tantas dúvidas. Sim, como todos os teus defeitos, conluo-te mais genuíno que os demais. Outro dia dizia eu a um amigo comum: "é, o Laus tem todos esses defeitos, mas tem uma grande qualidade: um fascínio quase suicida pela verdade; ele se apresenta à gente como é, com todas as contradições, com todas as grandezas e misérias". O amigo comum é o Paschoal, poderá confirmar-te o que agora escrevo. Sim, Laus, sempre vi sobre ti uma certa sombra que se parece incomodamente com a sombra da deslealdade, da traição, da inveja, seja em que plano for. Sim, Laus, aí reside o principal de minha eterna dúvida sobre ti. Que posso fazer? Foi a impressão que sempre me deste, reforçando-a com palavras e obras. Faze uma exame de consciência e uma revisão da história de nossas relações. Não precisas arranjar auto-desculpas, eu mesmo te desculpo, bem sei o que tens passado desde a infância e essa coisa terrível que é o teu desajustamento profissional, familiar, etc.. Não poderia exigir de ti mais do que me deste. Mas também não podes exigir de mim absoluta confiança.

341. Será que não me permites ser sincero para contigo? E em que bases senão as da sinceridade pretendes sustentar uma amizade? Sim, Laus, quem sabe não és tu, afinal de contas, o mais amigo dos meus amigos? A coisa está, afinal de contas, entre ti e o Barreto. Um dos dois, ou ambos, é o maior de meus amigos. E de ambos duvido tanto! Do Barreto

um pouco menos, hoje em dia. De ti, a mesma dúvida de sempre. Mas vv. dois são os que mais quero e com todas as dúvidas aqueles de quem me lembro nos piores momentos. Sim, Laus, há também algo em ti que nunca pude perdoar. Uma certa mesquinhez, deves saber a que me refiro, uma certa medida menor... Sim, Laus, refiro-me à tua avareza; à tua falta de verdadeira hospitalidade; o eterno “passo-atrás” que manifestas quando falas com a gente; teu olhar desconfiado; o fato de que nunca absolutamente ninguém que eu conheça se sinta à vontade a tua presença (já fiz “enquetes” a respeito para ver se era eu o único).

342. Quanto à última contradição, é fácil de explicar: estou à tua disposição para o que necessites, aqui no Rio; não me posso comprometer a mandar-te sempre o JB porque já me comprometi com outras pessoas e não pude cumprir minhas promessas. O que te ofereço é o que sempre estive à tua disposição: algo de urgência, uma interferência, um empréstimo, uma coisa qualquer desse tipo, uma resposta imediata a qualquer pedido de socorro. Não me posso, entretanto, já que bem me conheço, comprometer-me a fazer por ti, semanalmente, sem falta, automaticamente, alguma coisa, nem que seja tão simples quanto o envio do JB. Será que nem isto quiseste compreender em minha carta? Não parece isto revelador de uma certa falta, em ti, da vontade de compreender? Simpatia, Laus, simpatia (no sentido profundo, de sentir com), vê se me consegues dar o que sempre te dei!

343. Sim, a chave de minha carta está aí: também é necessário que os dois amigos em causa sejam úteis um ao outro, se possível na mesma medida. Quando escrevi a carta, meu estado de espírito era o seguinte: vazio; abandono; e um pouco da maldita auto-piedade que até a mim me persegue, humano que sou, afinal de contas. Pensava eu: no momento, neste momento, estou dando a todos e pouco recebendo de todos. Que infinita necessidade estou tendo de um amigo que me dê, que me dê muito, que me dê segurança, conforto, apoio, compreensão, até mesmo condolência! E sentei-me para escrever-te, sem unir bem as coisas, sem distinguir, e escrevi-te uma carta desastrada, mal endereçada. Desculpa-me, perdoa-me.

344. Mas sim, Laus, tu me poderás sempre ser útil. Fui injusto contigo e com todos os demais, com o Barreto. Tu me dás muito: existes e me dás confiança, confiança que nem sei se mereço. Peço-te a prorrogação do crédito dela. Talvez eu possa melhorar e tu, sem dúvida, melhorarás com o tempo. Um dia, estou certo, nós seremos úteis um ao outro, decerto na mesma medida.

345. Sei que me compreenderás e que responderás imediatamente a esta - por carta ou em pessoa.

Sempre teu, Mário

346. P.S. - Tua bibliografia está para sair. Logo te mando um recorte. E o conto? O Suplemento vai aumentar o nº de páginas. Aí não haverá mais demoras.

55

347. Um conto de Checov chamado Mágoa, triste como o diabo. História de um pobre cocheiro que perdeu o filho há uma semana e não encontra ninguém com quem possa se abrir.

348. "Gostaria de contar como o filho ficou doente, como sofreu, o que disse antes de morrer, como morreu... Gostaria de descrever o enterro e como foi ao hospital buscar as roupas do filho". Mas os fregueses não lhe davam ouvidos, zombavam dele, queriam apenas que os levassem ao endereço pedido. Então recorre à égua de seu carro e fala-lhe sobre o menino Kuzma Ionych:

"É isto, minha amiga.. Kusma Ionych foi embora... Partiu desta vida... Morreu em vão... Vamos imaginar que você tivesse um potrinho, que você fosse a mãe desse potrinho. Imaginemos que, de repente, o mesmo potrinho deixasse esta vida... Você ficaria triste, não ficaria?"

56

349. Sábado fui ao La Barranca e encontrei um aspirante do quartel, depois um sargento veio para nossa mesa e bebemos um pouco. Ceia no restaurante Cristal e cama.

350. Domingo, almocei na república dos tenentes. Feijoada. Bebi demais e vim dormir. Acordei às dez da noite e fui jantar no Cristal, único restaurante da cidade, com uma vista horrível de Copacabana pintada na parede. Voltei para o quarto e não consegui dormir mais. Deita, levanta, acende a luz, apaga a luz. Releio uma carta, outra, pego um jornal, uma revista. Um livro de Katherine Mansfield e um conto com uma passagem tão terna. Dois recém-casados em lua de mel. O cuidado extremo dos dois em serem felizes, em nada fazer que possa desagradar ao outro. É quando o marido pega a mãozinha da mulher, guarda no bolso:

- Eu costumava guardar um ratinho branco no meu bolso, quando era garoto.

351. Tenho novo vizinho no quarto ao lado. Toca violão e canta. "Boemia aqui estou de regresso..." Ou uma música horrível que toca sem parar na cidade inteira: "Encosta a tua cabecinha no meu ombro e chora".

352. Conheci-o hoje na pensão, onde também faz refeições. Moço, simpático, ri à toa. Comentou que eu passei mal à noite, pois ouviu tudo, minhas idas e vindas.

353. Não posso mais falar sozinho, o que é mais uma tristeza.

354. Parou. Vários dias sem o menor desejo de escrever neste diário. Mesmo hoje é muito mais por obrigação do que por prazer que me sentei e abri o caderno. Obrigação de dizer que se passou o terceiro mês, que recebi 14 cartas e escrevi 18, que li duas peças (*No Time for Comedy* e *Awake and Sing*), um livro horrível de Moysés Duék e "A Paz no Chaco", que tive de deixar pelo meio - impossível a atravessá-lo.

355. E tem havido o que contar. Marcha de 32 Km, um jantar no quartel, frio insuportável e jamais imaginado. Meus agasalhos ficaram todos no Rio porque Célia Neves me disse: "Leva roupas leves..."

356. Mãos geladas, peso de roupas, água gelada para o banho. E Corumbá preparada apenas para o calor, com suas casas altíssimas e piso de ladrilhos.

357. As ruas, o povo encasacado, trouxeram-me à idéia Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, onde passei parte da infância, e Caxias do Sul, onde servi como segundo-tenente. Tudo cinzento, pardo, triste, como no inverno gaúcho.

358. Aqui mesmo nesta cadeira, onde já tive de escrever completamente nu, suor escorrendo pelo peito, pernas, mãos molhadas, agora - haja roupa. Vantagem: os mosquitos desapareceram. Controlo um que há cinco dias não sai da parede, congelado.

359. O quartel tem-me tomado tempo com uma sindicância complicada e outros problemas a resolver. Mas nada disso influi no estado de coisas. Os bons propósitos desfalecem, a

> Maio, 31 <

ms4 sentei * a além o livro * Obrigação

ms4 havido * coisas para dizer * \ um jantar no quartel, \ frio
ms4 jamais * pensado * Meus
ms4 imaginado @ , @ Meus
ms4 agasalhos + ficaram + todos
ms4 leves ..." > O fino sempre me irrita, < mãos

ms4 Passo Fundo *, Caxias do Sul, todos encasacados * Tudo

ms4 triste, + como no inverno gaúcho + Aqui

ms4 complicada *, bastante problemas a solucionar * mas
ms4 disso >, sinceramente, < influi

literatura se esvai, a vida aí de fora me chama, amizades aparecem e eu me rendo. Os amigos do Rio desertam, não tenho uma pessoa com quem discutir certos assuntos, a solidão me pesa, esmoreço, e eis-me aqui dando um ar pessoal e íntimo a este diário, coisa que restringe minha possível literatura.

ms4 literatura > melhor fazer reportagem <
Conselho

360. Conselho certo de Mário Faustino: - Mesmo quando falamos na primeira pessoa, que seja sempre outra primeira pessoa, um alter ego, ainda que com razão no nosso ego.

ms4 de * um amigo * Mesmo

59

361. Recebo carta de Walmir Ayala, a quem não conheço pessoalmente. Leu uma carta que dirigi a Mário Faustino para o Jornal do Brasil e respondeu, solidário com minha solidão.

362. Mandou-me também seu livro de poesia, *Este Sorrir, a Morte*.

60

363. Marcha de 32 Km. pela estrada de Urucum, de noite. Os soldados voltaram cantando músicas de carnaval, ao acompanhamento de batucada nos capacetes. O espírito dos brasileiros, igual em todo o Brasil. Um capitão aproxima seu cavalo do meu e, contagiado pela alegria dos soldados, começa a cantar músicas de Sílvia Caldas.

364. Perto do quartel, cessado ou à vontade da tropa, foi iniciada a canção do Batalhão. Também fiquei entusiasmado e, à chegada, dei uma falação... Quem me visse naquele momento, jamais acreditaria tratar-se de um homem desajustado em sua profissão.

61

365. Um príncipe desceu em Corumbá.

366. Ao entrar no restaurante Cristal, lá estava ele, entre amigos. E entre esses amigos um amigo meu: Antonio Carlos Sousa e Silva, genro de Eneida. Apresentou-me ao príncipe D. João de Orleans e Bragança, de quem é advogado.

367. Passamos algumas horas juntos, conversa alegre e animada como há muito tempo não vejo. Eis que a bondade de um e a realização de outro firmaram uma trégua, abrindo uma brecha no meu isolamento.

368. Corumbá está sujeita a um surto de malária. Vários casos registrados na cidade e no quartel. Hoje uma turma de "mosquiteiros" esteve em meu quarto lambuzando tudo de DDT. Parece que houve um terremoto. E se, além de tudo, ainda pego malária?

369. Para mudar o panorama da cidade, chegou um tal papa da Igreja Ortodoxa do Oriente, da Síria, em visita a seus inúmeros conterrâneos que exploram o comércio local. Título completo: Sua Beatude Dom Eknatios, Jacob III, patriarca siríaco-ortodoxo de Antioquia e do Oriente. A oficialidade da guarnição compareceu ao seu desembarque e, em casa de seu hospedeiro, servi de intérprete entre ele e o coronel. Os trajes são estranhíssimos e quando a comitiva desceu do avião parecia que se preparava um desfile de Reis Magos.

370. Madrugada de 12 de junho.

371. O comprimido não fez o menor efeito. São quatro e quinze e tomei-o logo depois das duas e meia, quando fui acordado pelo barulho de um carro na rua.

Todas as posições experimentadas, quatro cigarros, a vela acesa e apagada três vezes.

372. Resolvi, portanto, levantar-me de uma vez. Acendi duas velas, o lampião a querosene. Sem luz elétrica há uma semana. Impossibilidade quase total de ler ou escrever, ainda que sejam cartas. Perco a luz do dia no quartel e meus olhos não suportam a luz das velas.

373. A noite, que sempre amei tanto, transformou-se em pesadelo. Diariamente, ao aproximar-se, traz-me toda a sorte de apreensões.

374. Eis como posso aguardar o sono: ir ao cinema, o que não pode ser diário em virtude dos péssimos filmes argentinos e mexicanos que prevalecem na programação; conversar com o major na escuridão da praça e das ruas (conversar, no caso, quer dizer deixa-lo falar); ou saltar de ponto de luz em ponto de luz e acabar no último deles - bar La Barranca, onde há sempre alguém disposto a beber e a conversar tolices. Há poucos pontos de luz: restaurante Cristal, sorveteria Americana, café São Paulo, mais um ou dois de menor importância. A escuridão domina o resto da cidade.

ms4 quando * o passar de um carro na rua acordou-me * Todos

ms4 que* sejam cartas, já, que a luz do dia gosto-a no quartel e à luz de velas os olhos não suportam * A

ms4 sempre \ tanto amei\ transformou-se

ms4 apreensões * ([As]) Soluções para * aguardar
ms4 diário * por causa dos * filmes

ms4 onde \ sempre há \ alguém

ms4 importância > para o caso < A
ms4 importância + A escuridão domina o resto da cidade + Esgotado

375. Esgotado o programa, volta-se para casa (?). Na rua, além dos jumentos e bois sem dono - autênticos boêmios de Corumbá - um ou outro transeunte, assobiando para anunciar-se e espantar o medo, ou de lanterna acesa para orientar-se.

ms4 programa > , que se repete obrigatoriamente, < voltar-se
ms4 casa > na mais completa escuridão < Na
ms4 boêmios * da cidade * um
ms4 para * orientação * Quando

376. Quando acontece passar alguém em serenata, ou um automóvel de molejo rangendo pelos buracos da rua sem calçamento, ou simplesmente a correria do gado - acordo. Junto à cabeceira, vela, fósforo, comprimidos contra insônia. Mas hoje fracassaram: Cansado de olhar o espermacete escorrer transparente, espriar-se, embranquecer-se como clara de ovo na frigideira, vim escrever esta página.

ms4 espriar-se ([apenas mais lentamente])
embranquecer-se
ms4 frigideira > - cansado, < vim

377. E agora?

64

378. Finalmente, consegui a dispensa e fui ao Rio.

379. Uma semana que terminou a 25 de junho, quando regresssei. Tempo curto demais para fazer tudo o que se impunha: liquidação de um caso sentimental errado, expulsão de quem ficou em meu apartamento e não cumpria os compromissos, conseguir novo inquilino.

Para esta última parte contei com o acaso. Um tenente que conhecera em Corumbá encontrou-se comigo na Cinelândia e falou-me que procurava um apartamento. Como se chama Gabriel, acho que a coisa caiu do céu.

380. Alegria de rever a cidade e os amigos.

381. Mas um caso sentimental é sempre um caso sentimental.

65

382. Carta de Mário Faustino:

383. Só posso esperar, a esta altura dos acontecimentos, que estejas mais vivo, mais puro, mais claro, mais alto, depois de tua recente délivrance. Espero que estejas sentindo aquela sensação de alívio que, às vezes, sucede a esta última. Espero que possas, agora, contemplar o futuro com mais vidência, mais decisão, mais verdade. Que não te enganes mais - ao contrário de mim, talvez, que talvez ainda me engane, eu que amo a verdade menos do que tu. Ave, Laus! O futuro te saúda! "Em frente, Marcha!"

384. Infelizmente, não gostei do conto que me deixaste. Deve ter sido escrito num mau momento: não estás presente nele. O que procuras tentar, no domínio da renovação, é ainda muito pouco. Lembra-te: a renovação deve começar do princípio, da raiz, da maneira de encarar o mundo através das palavras. A nova literatura, a nova linguagem - o que há de novo na linguagem de hoje e na literatura de hoje, talvez não seja mais do que o seguinte. a tomada de consciência do fato de que as palavras são objetos humanos, que existem, formando um mundo próprio, com suas propriedades, mundo através do qual - e unicamente - entramos em contato, nós homens, com o mundo objetivo. A palavra: um mundo entre dois mundos: o universo e o homem. A palavra é o que nos distingue (feliz ou infelizmente; para Rilke, conforme deves estar lembrado, infelizmente) dos animais. Estes percebem diretamente o universo. Nós temos esse outro mundo entre nós e o resto. Quando manipulamos os objetos desse mundo - que é nosso, que é um mundo humano feito de objetos humanos, já que só existem, só significam para os homens, e não em si - devemos ter em mente todas essas coisas. Quando escreveres prosa, age com as palavras como se elas existissem e, existindo, fossem instrumentos de percepção do mundo através das palavras que usas o mundo: o presente, o passado, o futuro; com as palavras compõe um objeto - um poema um conto, uma peça de teatro - que é como um balão de ensaio por ele lançado para experimentar o universo. Ao mesmo tempo, essa experiência se comunica com os outros homens, que comparam com ela suas próprias experiências.

Um objeto literário é tanto mais vivo e mais rico quanto mais enriqueça a percepção universal de quem o criou e daqueles a quem é entregue, íntegro, a comunicar-se.

385. Essas coisas estão sendo escritas "ao fio da máquina", quase sem pensar. Reflete, tu, sobre elas, e escreve-me a respeito.

386. Mando-te, junto a esta, o Suplemento em que saiu tua bibliografia. Escreve-me urgente. Não sabes como fiquei preocupado quando partiste. Com uma vontade enorme de ir contigo, com a mão no teu ombro, ainda que sem dizer nada, mas PRÓXIMO. Temos a obrigação de estarmos PRÓXIMOS, de sermos PRÓXIMOS. A única maneira de amar o próximo é sê-lo, está-lo.

387. Mando-te este presente: uma frase de Kung-Fu-Tse, via Ezra Pound:

HUMANITY? IS TO LOVE MEN
KNOWLEDGE, TO KNOW MEN.

388.Humanity? Is love men. Knowledge, to know men. É interessante observar que Gautama Buddha, antes, e Cristo, depois, disseram mais ou menos a mesma coisa. Que nossa literatura seja nosso instrumento de conhecê-los, de amá-los, de melhorá-los, os que estão vivos e os que ainda vão viver.

389.Desculpa o tom hiperliterário e não te esqueças do teu amigo Mário

390.ESCREVE! Manda dizer que planos tens para o futuro. Vamos discuti-los juntos?
Não corrijo, como sempre!

66

391.Corumbá, desde a minha volta, revelou-se a cidade mais festeira do mundo. Aparecem aniversários, casamentos, reuniões, bailes sem parar. Vou a tudo, participo de tudo. Cheguei até a organizar um pequeno show com as moças da cidade e levei ao acampamento do Batalhão. O palco foi improvisado no estrado do caminhão. Cantores e cantoras, acordeonistas, bailarinas e até um bailarino do Municipal do Rio que está aqui em visita à família.

392.Comprei um toca-disco por 2 mil cruzeiros e mandei buscar parte de minha discoteca.

67

393.O quartel povoou-se de um busto. Haverá, a partir de agora, uma resposta a dar a todos os visitantes :
- Foi um aspirante que morreu com a explosão de um petardo.

> Agosto, 18 <

ms4 busto .> Interferi para sugerir que deveria ser posto voltado para o Rio Paraguai, costas para o quartel. Vencer o argumento da autoridade mor: frente para a cidade < Haveria

ms4 petardo >A palavra "aspirante" não é intransitiva; aliada à noite, passa a ser trágica porque sugere juventude perdida. O aspirante a oficial morreu ao pretender dar mais fulgor < à

394.Morreu ao pretender dar mais imponência à alvorada festiva em comemoração ao aniversário do Batalhão, a 9 de agosto de 1957. O entusiasmo e a inexperiência da juventude, cortados para sempre.

ms4 1957 + O entusiasmo e a inexperiência da juventude, cortados para sempre.//O monumento foi construído no jardim fronteiro ao quartel e o olhar vazio do moço dirige-se para a cidade + De

395.O monumento foi construído no jardim fronteiro ao quartel e o olhar vazio do moço dirige-se para a cidade. De tudo o que me contaram sobre a morte, ficou-me um detalhe in-

ms4 que + me + contaram

significante. A explosão deu-se sob uma árvore, a mesma onde foi fuzilado o sargento de 1925. Os pássaros anoitecem nessa árvore. Um deles não chegou a amanhecer: foi encontrado morto ao lado do aspirante.

396. E da inauguração do busto guardo uma cena: o pai desprendendo o pano que o envolvia e a mãe, pequena, mirrada, pálida, olhando para o filho endurecido no bronze.

397. Todo o quartel tem lendas. Uma formou-se com a morte do moço. Que seu pai fora comandante do 17º B.C., quando capitão. Que fora o responsável pelo fuzilamento do sargento. Tolices. O pai, atualmente general da reserva, foi oficial de Artilharia e jamais poderia ter comandado este Batalhão. Mas a imaginação desconhece limitações de lógica e bastou o menino morrer próximo àquela árvore, que ninguém pode afirmar ser a mesma, para a lenda compor-se.

68

398. Em coisa de meia hora, tudo resolvido. O caminhão do quartel encostou de ré, soldados desceram, carregaram móveis, malas, miudezas, partiram. Na outra quadra, esquina com a Av. General Rondon, a carga desceu e estava feita a mudança.

399. Não era mais possível suportar o açougue. Caixa d'água a correr sem parar. Inicialmente, deu resultado fechar o registro de entrada da rua; por fim, mistério absoluto, mesmo com o registro fechado a água escorria. E o caminhão do lixo? Poderia acertar o relógio pela buzina desesperada, às 5 da tarde. Também havia o sol, queimando a fachada... e uma só coisa que lamento abandonar: uma bela árvore de flores grandes e vermelhas caindo na calçada. Não consegui descobrir-lhe o nome. Alta, esguia, ultrapassando o telhado, é a nota alegre da rua Delamare. Perguntei a soldados, oficiais, civis, até a um deputado federal, a um poeta e jornalista da terra: ninguém me soube identificar a árvore. Maldita ignorância botânica brasileira.

400. A nova casa é velhíssima e mal dividida. Paredes largas, esquadrias de viga inteiriça, todo o madeiramento pintado a óleo na cor azul-marinho, paredes em amarelo. Escura, soturna, transportada de Ouro Preto para Mato Grosso. Os heróis da Inconfidência estão nas sombras das peças. O enforcamento de Cláudio Manoel da Costa pode ter-se dado no banheiro baixo, telhas à mostra. Há telas contra mosquitos em todas as janelas, sem conseguir impedir a en-

ms4 1925 > Acontece que < os
ms4 anoitecem * nas árvores* Um
ms4 um * dos pássaros * não

ms4 busto ([fica]) a
ms4 cena > mais dolorosa < o
ms4pálida>- ele havia saído de dentro dela -
<olhando

ms4 fora > ele < o
ms4 sargento ^ Tolice ^ O
ms4 pai * era de Artilharia * jamais

ms4 próximo ^ daquela ^árvore
ms4 árvore * - que já nem é a mesma* para

> Agosto, 30 <

ms4 hora ([estava]) tudo
ms4 tudo * acabado * O
ms4 caminhão + do quartel + encostou
ms4 desceram , ([trans]) carregaram
ms4 miudezas *, na esquina oposta da Av.
Gen. Rondon outra vez ([de ré]) o caminhão
a ré, soldados descarregaram tudo * e

ms4 não * podia * mais
ms4 parar >, noite e dia < Inicialmente

ms4 escorria ^O caminhão do lixo ! ^Poderia.
ms4 tarde. + Também havia o sol, queimando
a fachada... e uma coisa + lamento
ms4 lamento * ter deixado a * bela

ms4 ninguém + me + soube

ms4 dividida. > Moro com o tenente médico,
talvez provisoriamente < Paredes

ms4 enforcamento * de um deles (qual foi?)
pode dar-se * no
ms4 baixo > e sem teto, < telhas
ms4 mostra, + Há telas contra mosquitos em
todas as janelas, sem conseguir impedir a
entrada do vento materializado em < pouca

trada do vento materializado em poeira branca que tudo invade. Mas tenho paisagem. A frente dá para uma praça inacabada que se estende até a barranca do rio que se mostra grandioso no crepúsculo e ao amanhecer, ligado ao pantanal sem fim.

401. Moro com o tenente médico que transferiu o casamento. Como a casa é do quartel, economizo os dois mil cruzeiros do quarto.

69

402. Um circo foi instalado na praça, em frente à nova residência. Ontem de tarde, a moça do trapézio desfilou a caráter pela cidade, num trapézio improvisado na carroceria do caminhão.

403. Lembrei-me de meus tempos de criança em Tijuca. Irei ver novamente as artistas de quimono, vendendo postais depois de seus números.

70

404. Depois de amanhã, dia 3 de setembro, embarco para Campo Grande. Vou comandar uma companhia que desfilará a 7 de setembro. Com a chegada de um major, creio que não mais serei comandante do Batalhão. Assumi as funções de Oficial de Operações, chamado simplesmente de S/3.

405. Grandes festas estão programadas na sede da Região: inauguração do cassino dos oficiais, baile de gala, churrasco, etc.

71

406. Dezesesseis horas de trem para chegar a Campo Grande. Até Porto Esperança, paisagem conhecida. Logo adiante o pantanal desaparece e a vegetação é rala, quase inteiramente composta por uma só espécie de árvore, tronco reto, escuro, copa aberta e de pouca folhagem. E o nome? - Ninguém sabe. A perder de vista, por todos os lados, parecem plantadas, já que a distância entre os pés varia pouco.

ms4 branca * entra sem peias pelo telhado das janelas, materializado o vento. Mas tem paisagem, que a * frente ms4 inacabada*, rio Paraguai à vista, o pantanal.* sem ms4 fim + Moro com o tenente médico que transferiu o casamento. Como a casa é do quartel, economizo os dois mil cruzeiros do quarto +

> Setembro,4<

ms4 etc. > De 7 da manhã às 23 horas de ontem, < dezesesseis

ms4 folhagem *, a impressão de que foram plantados com algum descaso, * já ms4 entre * elas varia um pouco. Mas quem plantaria tal quantidade de árvores sem serventia? A perder de vista ([para]) por todos os lados, o trem correndo trilhos colocados sem grande dificuldade, * planície

407. Planície, retas imensas, o trem corre sem embaraços sobre um leito sem pedras. A poeira avermelhada muda a coloração da farda.

ms4 imensas * leito sem pedras - poeira mudando a cor da farda* Miranda

408. Miranda, Aquidauana com jeito de cidade. No mais, paradas e mais paradas resumindo-se à estação, um rancho, nem um pedaço de terra cultivada.

ms4 Miranda * e * Aquidauana

ms4 rancho , * nenhum metro de * terra

409. Em dois carros especiais, de segunda classe, segue a companhia que vai desfilar no Dia da Pátria. Oficiais e sargentos no vagão de primeira, comum aos demais passageiros. Distração: jogar truco ao baralho e porrinha, com palitos de fósforos.

ms4 segunda + classe, + segue
ms4 desfilar > em Campo Grande < no
ms4 primeira > classe, < comum

410. Qual o sentido desta viagem, deste deslocamento de tropas para um desfile na sede da Região? O general, ainda o mesmo que nos visitou em Corumbá e sobre quem correm tantas histórias, resolveu fazer um grande desfile, com representação de cada uma das unidades sob seu comando. A companhia de Cuiabá levou dois dias em caminhões pela estrada de pó e calor; uma tropa de cavalaria deslocou-se com seus próprios meios, dias e dias de marcha, até encontrar o trem para o embarque do pessoal e animais. Haverá coerência em tudo isso? E para quê? - O povo aplaude, o capitão abate a espada, o general faz continência e, em poucos minutos, tudo acabado.

ms4 fósforos > Vagares para muito pensar. Nos Estados Unidos, uma Campanha inteira de soldados incendiou-se no ar, quando os rapazes iam para Natal em suas casas. Em que ano foi? País rico, soldados de avião; no Brasil, trem ou caminhão ou a cavalo. A Unidade < de
ms4 dias * de caminhão pelas estradas * de
ms4 com * os * próprios
ms4 meios, + , dias e dias de marcha + até
ms4 para * embarcar animais e pessoal. Num país pobre mais coerente viajariam os soldados? * O
ms4 general * que responde à continência. Poucos segundos * Sem

411. Qual foi o preço de tudo? Sem querer, veio-me à lembrança um alojamento do 17º B. C.. Camas sem lona, soldados dormindo no cimento.

ms4 no ([chão de]) cimento

412. Um comandante de companhia deu a idéia: - Cada soldado que remendar uma lona, fica sendo seu proprietário.

ms4 cimento @ , @ um
ms4 companhia * lançou mão de recurso inteligente * Cada
ms4 proprietário > Esta a maneira de livrar-se da gripe e da disputa para não dormir no chão gelado das noites frias que, inesperadamente, acontecem em Corumbá. // Todos os expedientes remetidos para cima, em busca de solução para o problema das lonas, ainda não foram solucionados. A última tentativa foi feita ao Comandante do II Exército que se interessou em solucioná-lo. Nada. Por que será tão difícil verba para uma das necessidades fundamentais do homem. // Alguns soldados deixam de ir ao jantar, para garantir o leito. Possivelmente, nos vagões de segunda, existam outros que, cansados da competição, tenham preferido desfilar em Campo Grande, passagem paga, comida paga, alojamento melhor em cama patente, o caminho de um lençol branco < Campo Grande

413. Campo Grande é uma cidade de ruas largas, asfaltadas, imensas, casas de um só pavimento. Lembra as cidades americanas do oeste, vistas no cinema. E também aparências com o Nordeste: uma banca de jornais, grande quantidade de literatura de cordel. Três cinemas, boas livrarias (encontro o último livro de Jorge Amado), hotéis, restaurantes, bares, inclusive um com orquestra.

414. Na rua, militares e militares, de toda parte, Exército, Marinha de Ladário, Aeronáutica da Base, que aqui tem sede.

415. Maior defeito de Campo Grande: falta de luz. Mal anoitece, apaga-se tudo e as geladeiras servem de enfeite. O jantar no restaurante foi servido à luz de velas. Outro motivo de angústia: a poeira vermelha. O dinheiro muda de cor, a roupa, a nossa própria cor se modifica. Por causa disso, a cidade tem o apelido de Cidade Morena, como em Corumbá é cidade branca, em razão do pó calcáreo. Quanto a Cuiabá, não poderia ficar atrás: é a Cidade Verde, sem pó mas habitada por palmeiras.

416. No principal cruzamento do centro, Rua 14 de Julho com Av. Epitácio Pessoa, uma espécie de parque de diversões com "pescaria" de brindes, lançamento de argolas nas prendas e, ao fundo, uma grande roda vertical, iluminada com lâmpadas de todas as cores, girando, girando.
- Jogo feito!

417. Uma roleta em plena via pública, fichas a bom preço, sob o patrocínio da Igreja que quer construir uma catedral. A catedral em construção, que se encontra em todas as cidades por que se passa, e garante a sobrevivência da Instituição.

418. O vigor da idade garante tudo. Um número, uniforme, a ordem-unida que despersonaliza, a transitoriedade do tempo de serviço militar - como explicar o entusiasmo dos soldados com o sucesso do desfile do dia 7? Conscientes, alegres, o melhor esforço, toda a boa vontade. A parada parecia um problema pessoal de cada um, todos procurando resolvê-lo da melhor forma possível.

419. E acaba a gente ficando comovido.

ms4 imensas > a largura mais notável por força das <casas
ms4 pavimento * Recorda as * cidade
ms4 cinema + E + também
ms4 também > aqui a aparência < com
ms4 jornais * cheia * de
ms4 cordel \ Hotéis, restaurantes, bares, boas livrarias (encontro o último livro de Jorge Amado), três cinemas, um bar com orquestra \ Na

ms4 militares @ , @ de
ms4 que * tem sede nesta cidade * Maior

ms4 tudo @ , @ geladeiras
ms4 enfeite \ No restaurante o jantar foi servido à luz de velas \ Outro
ms4 vermelho + O dinheiro muda de cor a roupa, a nossa própria cor se modifica + Por
ms4 Por * ela, a terra tem o nome de "cidade morena". Corumbá, "cidade branca" ([também]) pela poeira calcárea, Cuiabá; "cidade verde" ! Pelas palmeiras das ruas. * No

ms4 prendas > e, ao fundo, uma < grande
ms4 iluminada * a cores várias, * girando

ms4 catedral @ , @ A
ms4 construção * em todas as cidades por que se passa * O

ms4 * Comovente o entusiasmo dos soldados pelo sucesso do desfile de ontem. Conscientes, alegres, empregando o melhor esforço, boa vontade máxima como se estivessem numa profissão definitiva. // Um número, roupa verde, a ordem unida que despersonaliza - o vigor da idade garante ([o resto]) tudo. * Na

420. Na noite do dia 7, houve o baile de gala para a inauguração do Círculo Militar. Parece que todo o movimento da tropa foi para dar brilho ao fim do dia. Até soldados com uniformes dos Dragões da Independência, guarnecendo a entrada.

ms4 7 * grande baile ([de gala]) a rigor * para
 ms4 inauguração > da sede social < de
 ms4 Militar * A bem dizer, todo o movimento de tropas * foi
 ms4 dia > Tudo muito bem, < Até
 ms4 Independência* ([havia]) para sacramentar a gala. Mas, a moça louca, vinda de Corumbá para um número de dança, perdeu a calma ante o enguiço da eletrola e xingou o pobre tenente que lutava para consertar o aparelho : * - O

421. No meio da festa, foi anunciado um número de dança clássica pela bailarina de Corumbá que viera especialmente para isto. Como a orquestra não conhecia a música, foi posto um disco na eletrola. Enguiçou o disco e a bailarina ficou aflita no meio do salão, todos nervosos com o incidente. Imediatamente, um oficial correu à eletrola para tentar consertá-la mas a demora exasperou a dançarina que se aproximou do oficial:

- O senhor é um cavalo!

422. A leveza do traje, a graça da moça, nada mais pôde salvá-la da vulgaridade.

ms4 cavalo ! > Foi o "suspense" da festa < A

75

> Setembro, 11 <

423. Voltamos a Corumbá dia 10. Estivemos hospedados na Companhia de Comunicações, os oficiais na Biblioteca da Unidade. Como choveu e fez frio alguns dias, aproveitei para folhear alguns livros e ler *Gabriela, Cravo e Canela*, que havia comprado.

ms4 vulgaridade + Voltamos .. comprado+ O

424. O que mais me impressionou em Campo Grande não foi a cidade, a falta de luz, a poeira, o esforço, nem a despesa para concentração da tropa. Foi um pijama branco.

ms4 concentração * de soldados para uma continência à direita* Foi

425. Estava já na cama, lendo antes de dormir, quando entrou o menor dos oficiais, em estatura, vestido com o pijama branco. Se tivesse entrado uma freira, fumando charuto, minha surpresa não seria maior. O capitão é dessas pessoas secas, duras, falando sempre na primeira pessoa, ríspido e intransigente. Pois o pijama adoçava-o. De flanela branca, blusa à moda russa fechada no pescoço, trazia no bolso, bordado em linha azul: "Soy de ella".

ms4 branco * Os oficiais ficaram hospedados em duas salas contíguas, biblioteca e parte da enfermaria, três e quatro camas respectivamente. O maior oficial, em estatura, apareceu com o pijama branco; se uma freira entrasse ali fumando charuto, minha surpresa não seria maior . * O
 ms4 pessoa * , intransigência, o homem das fábulas* Pois
 ms4 branca , ([pala]) à
 ms4 pescoço * no bolso, bordados a linha azul, as palavras mágicas : "Soy

426.Imediatamente, imaginei-o criança de colo, babador debruado a cadaço de seda, bem viva a inscrição "Não me beije".

ms4 beije" * Nossa vizinhança com a Bolívia traz essas conseqüências ."

427.Casado com uma boliviana, eis como revelou sua docilidade.

76

428.Há mais de um mês mandei fazer um móvel no quartel que causou espécie porque eu o queria preto. Uma divisão para encaixar o rádio e o toca-disco e algumas prateleiras para discos e livros. Quando chegou, o rádio não coube na divisão. Enganei-me na medida por questão de milímetros e o móvel voltou para ser reformado. Minha irritação aumentou quando o ordenança disse que não adiantava me aborrecer e que o único remédio era rir.

429.Afinal, nem adianta ter o móvel, porque a corrente é péssima na Av. Rondon e o toca-discos varia de rotação a ponto de não se saber qual seria a certa. Às vezes, pára, como um boi cansado.

77

> Setembro, 12 <

430.Impõe-se rever o La Barranca.

ms4 ^Impunha-se ^rever
ms4 La Barranca > e danças .A solidão ... La Barranca... Impõe-se...<

431.A solidão deste exílio pesa demais. Aos poucos, fui esgotando as boas intenções, os bons propósitos. Mesmo a este Diário tenho sido infiel. As anotações quase diárias começam a espaçar-se e sei que chegará o tempo em que o abandonarei por completo.

432.O La Barranca é o resumo de uma coisa impossível chamada fraternidade universal. Todos são iguais perante a morte. O La Barranca é um cemitério vivo. Porque reúne a todos. Porque fez-se uma pausa entre os problemas de um dia - que obrigatoriamente prosseguirão no outro - e nos sentamos ao lado do enigma ainda não solucionado, fazendo uma concessão que, em qualquer outro lugar do mundo, seria absurdo. O La Barranca é um exemplo de trégua. Dois inimigos naufragados juntos terão de conversar até que haja platéia para a solução da rixa. Os freqüentadores do La Barranca são sobreviventes de um avião que se esfacelou contra os Andes. São passageiros de um navio com várias proas, impossibilitados de orientar o leme.

433. Impõe-se rever o La Barranca. Lá a solidão se exerce em toda a sua plenitude.

434. Está o soldado que você vai punir amanhã e ainda não sabe; o capitão que você detesta e aquele que o estima; o sargento relapso e o eficiente. A moça que te atende na loja de discos e a empregada do major dançam no mesmo salão que a dama da mais alta sociedade, da chamada "aristocracia bovina". O rapaz do contra-baixo de cordas, encontrei-o fardado de sargento, fuzileiro, em Campo Grande e o mulato cantor também é sargento da mesma corporação e aquele magro alto é o cabo da Aeronáutica, o único dessa Força que serve em Corumbá.

435. O La Barranca é o bar mais democrata do mundo. Merece um poema... de quem?

78

436. E hoje, domingo, que dizer?

437. Manhã escura e fria, saio pela Avenida General Rondon. O vento, desfazendo copas ontem vistas tranqüilas, põe as sombras insuspeitadas nas árvores. Na esquina, o bouganville é uma montanha lilás desfeita em nuvens. As palmeiras reais perdem um pouco sua majestade e o fôlego das copas é aflito.

438. Vou tomar café na Americana. Que farei de todas as horas deste dia?

79

439. O tenente médico é uma figura curiosa. Paraibano baixinho, cabelo ralo e carapinha, ri com uma facilidade espantosa, sacudindo todo o corpo. Usa óculos de aro de tartaruga e fez o curso de medicina enquanto era sargento identificador do Exército. Simpático a todos, chamam-no de doutorzinho e "meu chapinha" - tratamento amigável e não depreciativo.

440. No convívio diário deste casarão colonial, descubro características inesperadas. O homem tem estranho método de vida, essas pequeninas coisas que nos definem melhor que os arroubos públicos. Pretende casar (aliás, chegou a Corumbá com essa intenção, sempre protelada), razão por que não tem móveis, salvo uma cama de solteiro e algumas cadeiras velhas, enfileiradas ao lado da cama - muralha de

ms4 plenitude * É o bar mais excêntrico e natural do Brasil. O rapaz do contra-baixo de cordas estava de Fuzileiro Naval em Campo Grande; o mulato cantor é sargento da mesma corporação. Quem se encarrega da bagagem do Correio Aéreo Nacional, cabo da Aeronáutica, está dançando com uma mulher alta demais para ele. Oficiais, sargentos, soldados, todos dançam no mesmo salão - no bar super democrático de Corumbá. // Também as moças, da mais alta estirpe, a dita "aristocracia bovina", até as humildes vendedoras de discos ou moradoras das Casas Populares aí estão para desafiar a desigualdade de classes. * O

ms4 La Barranca * merece um poema de Manuel Bandeira * E

> Setembro, 14 <

ms4 dizer > Levantei-me às 11 horas, < manhã
ms4 escura @, @ fria
ms4 fria ^saí ^ pela
ms4 o ^ bugainville ^ é
ms4 nuvens >, na rua < as palmeiras
ms4 palmeiras * sugerem versos verdes, sem expressão gramatical para quem não é poeta. // Vou tomar café na Americana. O que farei de todas as horas deste dia? * O

> Setembro, 19 <

ms4 diário ^desse ^ casarão

seu bem-estar e comodismo. Nelas deposita livros, roupas, o rádio de cabeceira.

ms4 velhas \ onde deposita livros, roupas, rádio de cabeceira, \ enfileiradas

441. Há, também, uma coisa que serve de guarda-roupa: algumas tábuas cobertas com um lençol. Não tem o hábito da ordem, no que se filia à grande família dos solteiros, mas um pormenor insignificante chamou-me a atenção. Todas as madrugadas, o despertador toca, ele o trava e, em seguida, guarda-o na mala. (acréscimo no datiloscrito-, antes de sairmos para o quartel.)

ms4 ordem * fato que o * filia
ms4 Todas ([os dias]) as

- É por causa da poeira, explicou-me.

442. Para o consultório, que funciona na sala da frente, comprou alguma coisa: birô, estante, biombo. O resto trouxe da enfermaria do quartel.

443. As economias serão enormes, se o casamento demorar muito a sair. Acredito que se revestirá da maior pompa, na Candelária, com tapetes, multidão de velas, orquestra e coro.

ms4 quartel * Se o casamento demorar muito a sair, acredito * que

80

> Setembro, 20 <

444. Visita à Fábrica de Cimento Portland, Corumbá.

ms4 Corumbá > Aprendi muita coisa porque jamais havia visto alguma . < De

445. Da chegada dos caminhões com o calcáreo bruto até ao carregamento de vagões com os sacos rotulados, tudo foi visto em detalhes, o engenheiro cortês e competente explicando as menores coisas.

446. Clinque. Palavra incorporada hoje a meu vocabulário. De origem inglesa, abrasileirada, exprime as bolinhas verdes resultantes da mistura do calcáreo pelo forno de secagem, recebendo à boca um jato de fogo e 1500 graus célcus.

ms4 calcáreo * com argila, depois de passar * pelo

447. O engenheiro explica que o nome Portland, dado ao cimento resultante desse processo é puro mistério do descobridor, porque na cidade inglesa de Portland existem muitas pedras verdes semelhantes ao clinque resultante da combustão. O clinque já é quase cimento. Basta triturá-lo e misturá-lo ao gesso (gipsita), na proporção de 97% de clinque para 3% de gesso e se tem o produto pronto a ensacar e vender.

448. O calcáreo e a argila, misturados na relação de 4 para 1, são retirados das margens do Paraguai. A gipsita vem de Pernambuco, via marítima até Santos, onde baldeia para a ferrovia que a traz a Corumbá.

- Aqui pertinho, na Bolívia, existe gipsita. Mas as leis proíbem a importação.

449. Tudo nacional, mesmo o combustível que sobe de Cubatão pela Noroeste do Brasil, salvo os sacos de papel. Não propriamente os sacos, cujo papel também é brasileiro, mas a patente pertence a uma firma americana e só ela os vende para todo o Brasil.

450. A instalação da fábrica em Mato Grosso foi um golpe de audácia. Temia-se falta de mercado. Mas - fato que o engenheiro não soube ou não quis explicar - o cimento daqui é mais barato que o de São Paulo e São Paulo supre-se em Corumbá. Também os países limítrofes começam a interessar-se e a audácia deu resultado, desde que saiu o primeiro saco, em novembro de 1955, até sua produção atual de 250 toneladas diárias.

451. Todos os setores da fábrica estavam em funcionamento, inclusive usina termo-elétrica própria (que poderia fornecer energia a toda a cidade, com vantagens sobre a usina municipal), estação de purificação de água, silos, depósitos, forno, ensacamento. Grande área é ocupada com tudo isto e não me lembro de ter visto vinte pessoas. O equipamento é moderno, automático e os funcionários lá estão apenas para controlar os aparelhos e medidores. Num regime de 24 horas de trabalho diário, a fábrica emprega pouco mais de 200 homens, a maior parte no trabalho braçal das jazidas e transporte dos minérios.

452. Surpreende-me a ausência de poeira. É que o material, quando não tratado por via úmida, desloca-se por tubulações ou rampas ao abrigo do vento. Além disso, conforme explica o engenheiro, a argila de Corumbá é extremamente plástica, vantagem que oferece sobre as demais argilas do país.

453. Já na despedida, perguntei se o calcáreo não ataca o organismo humano. Falou-me, então, em silicose, amiga da tuberculose, resultante da respiração continuada do pó das pedreiras. Nenhum caso registrado. O trabalho é feito a céu aberto e a natureza encarrega-se de defender o homem.

81

454. Fim de semana movimentado com baile e piquenique.

455. Nos salões de Corumbaense, modernos e inacabados, realizou-se, sábado, a Festa da Primavera, com desfile de penteados. A sociedade local adora desfiles de moda. A propósito de tudo, arma-se a passarela. As cantoras de rádio que aparecem por aqui trazem sempre seu guarda-roupa, que as moças vestem para exibi-los no palco. Se há jogo de bingo, no intervalo desfilam os modelos em voga.

ms4 limítrofes ([começaram]) a

ms4 1955 * abrindo campo para todos os outros* Todos

ms4 ensacamento @ , @ * cobrindo vasta área -* e

ms4 emprega ([um total de apenas]) pouco
ms4 homens * , grande * parte

ms4 vento * e porque, segundo * explica

ms4 humano ^Falou-se ^então

ms4 silicose ([produzida pela]) amiga
ms4 continuada ([da poeira]) do

> Setembro, 23 <

ms4 modernos @ , @ inacabados

ms4 penteados > , no sábado < A

ms4 tudo>, organizam-se festas e < arma-se
ms4 aparecem > na cidade < trazem
ms4 há + jogo de + bingo

456. De penteados, jamais havia visto. É estranhíssimo. Apagam-se as luzes e no círculo luminoso do holofote aparece uma cabeça penteada que volteia para a assistência julgar. O dramático da cena, por vezes fantasmagórica: as moças estão cobertas por uma capa preta para realçar apenas a cabeleira. Em seguida, soltam a capa e descem à passarela para exibir o vestido que é anunciado pelo microfone: Champanhota, Sedução, Sinfonia, Alvorada...

ms4 descem ([para]) a
ms4 vestido *, a criação . * champanhota

457. O piquenique foi no domingo, patrocinado pelo Batalhão no Destacamento de Posto Esdras. Motivos: promoção de Aspirantes a Segundos-Tenentes, aniversário de Corumbá, Dia da Árvore, conagraçamento das Forças Armadas. De tudo isso resultou uma boa brincadeira com sarrabulhos, orquestra, chope, sarrabalho, almirante, general, coronel, etc, etc, soldados.

ms4 Alvorada \ Domingo foi o piquenique \ Patrocinado
ms4 piquenique * Mais uma festa patrocinada * pelo
ms4 Batalhão *, em terras do Destacamento Federal * de
ms4 promoção * dos* Aspirantes

458. Um dos soldados embriagou-se e foi mergulhado no riacho Conceição - divisa com a Bolívia - para recuperar-se, ao mesmo tempo em que a loura bailarina, que fez feio em Campo Grande, banhava-se de maiô azul.

ms4 Um * deles* soldados

82

> Setembro, 25 <

459. Se você não quiser ir de avião a Cuiabá, poderá ir pelo rio Paraguai. Mas há uma coisa que não entendo. Agora que, por aqui, o rio está transbordando, nas cabeceiras é época de baixio e as embarcações não atingem a capital. Há baldeação no último trecho para uma estrada de rodagem.

ms4 azul * Sem incluir avião, o caminho mais curto entre Corumbá e Cuiabá , em quilômetros é o * rio
ms4 Paraguai : + Mas há uma + coisa
ms4 entendo @ : @ agora

460. O Paraguai é extremamente sinuoso. Sucedem-se curvas e curvas em S, o que se explica pela natureza do solo. Conta-se que, em determinado trecho, a curva é tão grande que o navio leva duas horas para vencê-la. Então há passageiros que preferem descer e atravessar a terra plana, esperando o barco na parada seguinte.

ms4 sinuoso *, tão sinuoso que as curvas em S se sucedem em abundância * Conta-se

83

ms4 trecho * atinge o absurdo * o
ms4 * voltar a um ponto que a pé, leva-se apenas quinze minutos * Então
ms4 que * descem, atravessa * a
ms4 plana * e vão esperar que o barco complete a curva * A

461. A política ferve em Corumbá. Faixas e cartazes pelas ruas, discurso pelo rádio, comícios todas as noites na praça central.

> Setembro, 26 <

ms4 Corumbá \ Todas as noites há comícios, faixas e cartazes pela rua, discursos no rádio \ Os

462. Os candidatos dão condução ao povo, caminhões abertos em que os eleitores viajam aos vivos, na maioria crianças, habitantes do bairro pobre das Casas Populares. E há, também, passeatas com ciclistas, banda de música, foguetes.

ms4 os ([pretensos]) eleitores

- Conheço fulano há 35 anos e ainda não pude saber se é homem ou mulher - ataca um candidato a vereador.

ms4 ataca * um vereador * No

463.No dia seguinte, o revide:

- Beltrano, que me conhece há 35 anos, diz que não sabe se sou homem ou mulher. Por que não pergunta à filha que me conhece há menos tempo e não tem dúvidas?

Outro é sincero:

- Botarei mais vinte professoras em Corumbá, para que os filhos de vocês não fiquem analfabetos como eu!

Minha lavadeira já sabe em quem vai votar "porque foi meu patrão e sempre me tratou bem".

Um candidato do PTB assina um soneto de sua autoria que se conclui:

"Busque um amigo sincero e pacato

Eu, por exemplo, o seu candidato

Às urnas para vereador."

84

464.Volto às funções de subcomandante e novamente entro em contato com o livro de partes do Oficial de Dia e as confusões dos soldados.

465.Hoje, dois casos curiosos: Um soldado aventurou-se para a zona do meretrício e bebeu demais. Não tinha dinheiro para pagar e decidiu brigar. Em dado momento, puxa um revólver e estabelece verdadeiro pandemônio no cabaré.

Eis como se encerra a narração do oficial: "Anexo, um revólver de brinquedo com que a praça intimidou as mulheres". Examino a arma perigosa, desses revólveres de alumínio para espoletas de papel.

466.Já havia tocado silêncio, quando o oficial é chamado para resolver um caso inusitado. Estranho barulho saía da caixa d'água, que se alça a dez metros do solo, nos fundos do quartel. O tenente grita, assobia, apita e o ruído prossegue. Decide-se a subir os degraus de ferro e quanto mais se aproxima mais se convence de que há gente na caixa d'água. Por fim, lanterna acesa nas alturas, dá com cinco soldados tomando banho. Como faltou água, resolveram transformar a caixa em piscina.

467.Aproxima-se a data do licenciamento e vai ficando difícil manter quietos os dezenove anos da soldadesca.

85

468. 27 de setembro, 7 meses de Corumbá.

469.O panorama é o seguinte:

Falta luz desde ontem e dizem que, depois das eleições, fal-

ms4 pergunta * a rua * filha

ms4 eu > Houve um cujo cartaz de propaganda era seu nome desenhado em forma de leão < Minha

ms4 bem" + Um candidato do PTB assina um soneto de sua autoria que se conclui:

Busque um amigo sincero e pacato

Eu, por exemplo, o seu candidato

Às urnas para vereador." + Volto

> Setembro, 27 <

ms4 e * recebo * o

ms4 Dia . * Cada manhã aparece em minha mesa o relato do serviço com transgressões de * soldados

ms4 soldados * A de hoje está digna de Ionesco. Depois de ([relatar]) contar as aventuras de um soldado na zona de meretrício , muitas cervejas consumidas, conta não paga, briga - encerra-se * Anexo

ms4 mulheres" + Examino a arma perigosa , * desses

ms4 papel * Não fica só nisso. Cinco soldados foram encontrados, depois do toque de silêncio, dentro da caixa d'água do Batalhão, fazendo algazarra. Motivo: * faltou

ms4 água > para banho e < resolveram

ms4 caixa > - cubo negro a dez metros do solo - < em

ms4 anos * dessa gente *

tará por 30 dias. É, de enlouquecer. A gritaria da política não para. Volta e meia passa um carro com alto-falante.

470. O calor recomeçou. Suor e mais suor.

Continuo quebrando cabeça no sub-comando do Batalhão. Fase horrível, diariamente partes e mais partes, tudo é soldado dando alteração, eu punindo todo o mundo, irritado, o xadrez cheio.

471. Foi expulso um soldado (aquele do revólver de brinquedo), perante o Batalhão formado, toque de caixa, todos esses requintes medievais para ver se o estado disciplinar melhora. Não há mais instrução a dar e os soldados, sem ter o que fazer ou percebendo a inutilidade de seus dias no quartel, tomam porres, quebram a zona do meretrício, criam confusões com a polícia e eu - eu! - devo julgar e punir. É o fim!

472. Para maior complicação, devo fazer um trabalho sobre as indústrias de Corumbá e seus reflexos na economia de Mato Grosso.

473. Visitas demoradas à fábrica de cimento, às jazidas de ferro e manganês, ao moinho de trigo, à siderurgia. Enfim, vai-me permitir acrescentar alguma coisa interessante a este Diário.

86

> Setembro, 30 <

474. Rumo a Urucum, quatro pessoas no Chevrolet: o americano na direção, o coronel a seu lado, um major médico e eu.

475. Depois de 20 quilômetros de estrada em terreno plano, o chão se avermelha e começa a subida de 5 km para as jazidas de ferro e de manganês. A estrada é toda em curvas fechadas como a da Gávea e, em degraus sucessivos abertos no terreno, ficam as instalações: conjunto residencial para os operários casados, depois os pequenos apartamentos e refeitório comum para os solteiros, a residência do encarregado geral dos serviços (um sueco), o escritório da firma no último degrau.

ms4 manganês * Em degraus sucessivos, a estrada em curvas fechadas como a da Gávea, visitamos o * Conjunto
ms4 residencial * dos * operários

ms4 degrau > ainda em construção, quase concluído apenas o escritório < da

476. Em redor, panorama cada vez mais grandioso, o horizonte ampliando-se com a ascensão. Bem próximo, o morro Tromba dos Macacos, mais além uma grande lagoa, depois as elevações de Jacadigo, fronteira com a Bolívia, também ricas em manganês. Para o sul, planuras sem fim, perturbadas repentinamente por alturas isoladas, na direção de Forte Coimbra.

ms4 ascensão @ , @ + Bem + próximo

ms4 por * elevações * isoladas

ms4 vê-se * o Forte * Hoje

- Quando o dia é claro, vê-se Coimbra, diz o major. Hoje a bruma não deixa.

477.O Maciço do Urucum é formado de várias elevações, riqueza incalculável em minério de ferro e manganês. A estrada é aberta no minério, solo vermelho queimado ou marrom, as pedras pesadas em forma de sólidos quase regulares.

ms4 pesadas * formando * sólidos

478.A 750 metros de altitude (Corumbá fica a 150m.) encontram-se as jazidas de manganês, grossa fatia negra de 3 a 5 metros de altura, comprimida entre o minério de ferro em toda a extensão do morro.

ms4 150m * encontramos * as

- Sanduíche de manganês e ferro, brinca o engenheiro brasileiro.

ms4 extensão * das elevações * Sanduíche

Visitamos a galeria em exploração, 120 metros de túnel cavado na rocha negra. Escuridão completa.

ms4 brasileiro * Passamos a visitar * a

- É melhor seguir entre os trilhos.

479.Aos poucos, foram-nos passando lampiões a querosene e a luz fraca mal iluminava o corredor por onde saem as vagonetas cheias de minério que é cortado pelo processo mais rudimentar: a picareta.

ms4 foram > nos < passando
ms4 querosene > para os visitantes * e

Ao fim do túnel, alguns homens enchendo uma vagoneta. Atmosfera quase irrespirável. Seis horas ali dentro! O engenheiro explica:

ms4 de * minérios que é cortado * pela
ms4 mais * antiga * a

- Já temos dois compressores prontos a funcionar e um gerador dependendo do embasamento. Aí teremos ar e luz, melhores condições de trabalho.

ms4 embasamento ([ficar concluído]) A
ms4 Na ([saída]) à

480.Na volta, à luz das lanternas, viam-se alguns homens encostados à parede para dar passagem. A bem dizer, viam-se apenas o branco e o brilho dos olhos desses pobres homens.

ms4 lanternas > do grupo < viam-se
ms4 encostados * às paredes * para
ms4 para ^darem ^ passagem
ms4 passagem @ - @
ms4 olhos ([, naquela escuridão]) > emergindo como assombrações daquela escuridão < Foram

481.Fora, o ar puro de Urucum, a temperatura fresca, em contraste com a cidade.

ms4 fresca + em + contraste
ms4 a * calor da subida * A

482.A firma abriu apenas a galeria que visitamos. Ainda não está aparelhada para a exploração em grande escala. Chama-se Sobramil, Sociedade Brasileira de Mineração Limitada e é filiada a United States Steel Corporation.

ms4 A \ sobram (Sociedade Brasileira de Mineração Limitada - filiada à United States Steel Corporation) \ abriu
ms4 apenas * essa * galeria

483.Em construção, também há silos, dando para uma esplanada a 740 metros, onde os caminhões são carregados para o transporte até ao cais, no rio Paraguai. Daí, em chatas da empresa, pelo rio até ao Atlântico e do Atlântico para os Estados Unidos.

ms4 escala * Visitamos os silos também em construção , * dando
ms4 caminhões > (de 20 toneladas) < são
ms4 Paraguai @ : @ Daí
ms4 chatas > da empresa , < pelo
ms4 Atlântico * , para a América do Norte.// Fomos ver * as

484. Vimos as antigas galerias, exploradas inicialmente pelos belgas, depois pelo grupo Chama, também interessado na atual exploração. Dessas galerias, o manganês foi retirado ainda de forma mais precária, se bem que mais humana. As escavações não são profundas, abrem-se em labirintos, pilares do minério, impedindo o desabamento, tudo iluminado à luz do dia. Foram retiradas 60 mil toneladas, até 1944, quando a exploração foi suspensa.

ms4 na \ exploração atual \ Dessas
ms4 galerias @ , @ o
ms4 foi * retirado * ainda
ms4 mais * primitiva porém * mais
ms4 dia > Daí < Foram
ms4 Foram * tiradas * 60

485. Mas é preciso falar no americano, Mister Ruschel, representante da U.S. Steel. Fala péssimo português e permaneceu calado a maior parte do tempo, mal compreendendo as perguntas, pior respondendo.

ms4 mas * não tenho falado no americano *
Mister
ms4 Ruschel ([gerente]) representante
ms4 fala * tão mal o * português
ms4 respondendo > Minha foi saber que, só
em Minas Gerais < - Temos

- Temos manganês também em Lafaiete, Minas Gerais, disse ele.

486. Pois só nessa cidade estive três anos e meio e não tive tempo de aprender nossa língua.

ms4 ele * passou * três

487. Prestou alguns esclarecimentos: o arrendamento das jazidas foi pelo prazo de 50 anos, podendo ser prorrogado por mais 30 (como acontece no Amapá). Lastimou que a Alfândega de Santos crie tantos embaraços para liberar o material importado e não contou com muita satisfação que os pneus para os caminhões tiveram de ser brasileiros.

ms4 30 + (como acontece no Amapá) +
Lastimou-se
ms4 Santos * cria muitos * embaraços com o
material * e
ms4 pneus * dos 6 * caminhões
ms4 caminhões * de 20 toneladas * tiveram
ms4 ser * nacionais *

87

488. Estava de viagem marcada para o Rio dia 6 de outubro mas, como nada se decide sobre a saída do livro, cancelei. É melhor esperar até 15 de dezembro, quando pretendo entrar em férias.

489. Até antes de ontem, o calor esteve insuportável. Não conseguia dormir com os mosquitos e o suor. Ontem virou e esfriou. Tive de dormir de cobertor. Hoje está uma ventania maluca.

490. Mário Faustino não me escreve desde a volta do Rio. Além de Ruth, o único que me escreve com regularidade espantosa é o Walter. Conta tudo sobre cinema, teatro, música, dá notícia de todos e manda poesias de Drummond.

491. Em sua última carta, diz que está morando em clima de montanha, isto é, na Glória. E lembrei-me da história da cabra de Monsieur Seguin, de Daudet. Vale pelo final: o que importa é que a cabra fez o que quis, embora sabendo que

seria destruída. Comeu da grama verde, brincou com as cabras selvagens, lutou com o lobo o mais que pôde. E foi destruída. Mas fez o que queria fazer.

492. Quanto a mim, desde que cheguei a esta terra, não consigo nem sequer resolver, a contento, o problema da moradia. Com todos os pesares, o açougue era bom e não devia ter saído de lá, precipitadamente, porque agora não tenho mais liberdade. Porque me sinto um intruso. Porque o doutorzinho, aos poucos, vai-me hostilizando. Começaram a chegar os móveis para o casamento e a encher-se a casa. Hoje, amontoou tudo junto a uma das portas de saída que ficou trancada. Há um trambolho de uma mesa de jantar, um colchão de molas, um estrado de cama, tudo exatamente no lugar onde eu gostava de ficar.

88

493. Era uma vez um padre que desejava ir para o céu pela mortificação do estômago. Limitava as refeições à maçã, única e sem casca, que a jogava num riacho ao fundo da casa.

494. Para distrair ou enriquecer o espírito foi, pálido e fraco, visitar outro monge que também se mortificava. Mas não comia maçãs, comia as cascas que desciam pelo riacho.

495. Eis a história que me contou hoje o tenente dentista que acaba de regressar do Forte Coimbra, onde foi passar visita dentária na tropa que está sem oficial especializado. Perguntei-lhe se o gabinete dentário de lá é melhor do que o nosso, em péssimo estado, enquanto se aguarda o novo que virá para a enfermaria em construção.

- É como a história do padre que comia apenas uma maçã por dia, respondeu.

Como não entendesse, contou a história e acrescentou :

- Também voltei envergonhado, porque o sacrifício lá ainda é maior do que o nosso do 17º B.C.

> Outubro, 20 <

ms4 nacionais > O tenente dentista passou a semana em Forte Coimbra, que está sem oficial para passar visita dentária. // Não conseguiu convencer-me sobre um ponto de vista: que lá deviam servir oficiais solteiros em vez de casados. Mas diverti-me com uma comparação. // Perguntei - O gabinete de lá é bem montado? // Porque o do 17º B.C. , enquanto se aguarda a chegada de novo para a enfermaria em construção, é lastimável. // É como a história do padre que come apenas uma maçã por dia < Era

ms4 pelo * ribeiro... // Envergonhado, voltou o padre. Outras faziam pior do que ele. // - O gabinete do Forte , concluiu o tenente, é bem pior que o nosso * Eis

496. Estive em visita à Siderurgia, como é conhecida a Sociedade Brasileira de Siderurgia S. A., instalada em Corumbá pelo grupo Jaffet.

497. O minério, encontrado à flor da terra em Urucum, é transportado por frota própria de caminhões. No alto-forno (apenas um), o minério é reduzido por carvão vegetal, fazendo-se a corrida do gusa em moldes de areia e utilizando-se calcáreo como fundente.

498. A usina foi construída de 1943 a 1946 com uma capacidade de produzir 45 toneladas de ferro, diariamente. Até agora não foi alterada a capacidade de produção, embora haja planos para isso.

499. A produção é quase totalmente colocada nos mercados paulistas.

500. Para possibilitar a conclusão do trabalho sobre as indústrias de Corumbá, também estive no Moinho Matogrossense S. A. É moderno, equipado com material suíço, e sua construção foi executada entre 1952 e 1955. Sua capacidade de produção (farinha e massas) é de 60 toneladas diárias.

501. A matéria prima, proveniente da Argentina e do Rio Grande do Sul, chega ao moinho, instalado próximo ao porto da cidade, em navios do Serviço de Navegação da Bacia do Prata.

502. Toda produção é consumida pelo próprio estado.

503. Notícia alvissareira: o coronel diretor da Biblioteca do Exército escreveu-me convidado-a a servir como secretário de sua repartição. Respondi hoje mesmo, aceitando. É bem verdade que a transferência só poderá sair em março de 1959 (estamos em outubro), mas já é uma grande esperança.

504. A carta do coronel chegou num momento particularmente difícil e foi um alívio. Chovia intensamente e o "convento" virou catarata. Não há metro quadrado sem goteiras. Consegui, a caro custo, localizar a mesa entre duas, para escrever.

505. Não sei como o doutorzinho vai trazer a moça do Rio para este inferno.

506. Para concluir o trabalho sobre as indústrias de Corumbá, resolvi consultar a biblioteca do major da 2ª Brigada Mista, estudioso de história e geografia. É uma pessoa inteligente, matogrossense e, acima de tudo, paciente. A conclusão é fácil de se tirar: ando às voltas com uma cópia manuscrita - mais de 400 páginas! - feita pelo major, de estudos geológicos publicados em livros, em 1909.

507. E no livro de Miguel Arrojado Lisboa, sobre as jazidas de manganês e ferro em Urucum, encontro este trecho sobre a descoberta e fundação de Corumbá:

"Deve-se essa escolha oportuna, que firmou o nosso domínio e limites na margem direita do Paraguai, ao cumprimento de ordens do capitão-general Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres pelo sargento-mor Marcelino Roiz Camponês que, em 21 de setembro de 1778, fez levantar uma cruz de madeira, limpar o terreno, fazer quartel, acender fogo, caçar nos matos vizinhos, pescar no rio e passear de uma parte a outra do terreno, dizendo em vozes altas, conforme o uso da época:

- Viva o rei de Portugal!"

508. Hoje, 31 de outubro, chegaram 8 exemplares de meu livro. Estou muito contente mas no ar, sobre se o livro já está nas livrarias ou quando será lançado. O pacote chegou sem bilhete para me dizer alguma coisa. Telegrafei ao Carlos Ribeiro, pedindo alguma informação, ao Renard Perez agradecendo as "orelhas" que ficaram ótimas, ao Luiz Canabrava pela bela capa.

509. Estou com uma vontade danada de chorar. Ninguém aqui perto de mim pode participar do que sinto. Aos poucos, o sentimentalismo entrou, meteu-se no meio, cutucou lá no fundo e desejei abraçar alguém e me esparramar em lágrimas. Quando criança, eu não podia compreender que minha mãe chorasse de alegria, com a chegada de um filho que estivesse longe. Hoje, nós dois choraríamos juntos sem a menor dificuldade.

510. O livro está ali olhando para mim. É um conforto tão grande.

511. Mas estar sozinho, sem ninguém para rir com a gente, chorar com a gente, ficar prosa, orgulhoso, envergonhado.

ms4 * Preocupado em concluir para o Exército, um trabalho sobre as indústrias de base em Corumbá, tenho em mãos um trabalho de chinês : o major médico * da ms4 geografia > e outros assuntos, emprestou-me alguns documentos de grande importância. O trabalho do chinês é uma cópia manuscrita pelo próprio major de trabalhos < geológicos
ms4 1909 * e 1918. Cerca de 400 páginas de cópia* No

ms4 1909 + E + no
ms4 este > belo < trecho

Comecei uma carta para Ruth mas não deu para continuar. Fui lavar a cara. Com medo de que o doutor me visse chorando, deitei-me e fechei os olhos. Mais calmo, concluí a carta e comecei outra para Walter. Tive de parar novamente.

512.São três horas da tarde, um sol enorme. Pois estou com vontade de me arrumar e sair, tomar qualquer coisa mesmo sozinho e dizer para todos na rua que meu livro saiu. De tanto esperá-lo, pensei recebê-lo sem entusiasmo. Fiquei mesmo algumas horas com ele no quartel, muito ocupado em resolver os probleminhas de subcomandante, sem a menor comoção, embora orgulhoso porque um sargento logo viu e pediu um; da mesma forma, um soldado, um cabo, diversos oficiais.

513.Depois do almoço, deitei-me um pouco mas não consegui dormir. Levantei-me para escrever as cartas e o sentimento explodiu. Só mesmo um avião a jato, um foguete interplanetário ou um disco voador para me botar agora junto de meus amigos, dos que me conhecem e podem me compreender.

93

514.Começaram a florir os flamboyants de Corumbá.

515.De vez em quando, surge em nossa frente uma árvore estourada de vermelho. É bonito.(rasurado- datiloscrito) Estive olhando as flores de perto. São metidas a orquídea, com uma pétala maior, pendente e esbranquiçada.

94

516.Morreu um soldado no rio Paraguai. Foi nadar e desapareceu sob uma lancha da Companhia de Mineração. Era domingo de manhã e tive de tomar várias providências: ida ao quartel, ao local do acidente, à Base de Ladário falar com o Almirante para pedir socorros e providenciar buscas.

517.Era um rapaz cheio de vida, a cara aberta, a confiança no mundo.

518.O cadáver apareceu na segunda-feira. Nada mais tinha do menino cheio de coragem e beleza. O enterro foi feito no mesmo dia, às pressas, por que ele apodrecia.

519.E dizer que Corumbá está toda florida de flamboyants!

520. Dia intenso no quartel.

521. Os aspirantes da reserva vão embora amanhã e houve despedidas, elogios, discursos, tudo muito pró-forma, mas a vida militar é assim mesmo.

522. Fui procurado por uma multidão de soldados em vésperas de licenciamento. Um quer ir, outro quer ficar e, como tranquei o problema nas minhas mãos, com um Plano que só eu entendo, tenho que resolver pessoalmente todos os casos e dúvidas.

523. O doutorzinho resolveu casar mesmo e está pintando tudo de verde. Há latas por todos os cantos e a sujeira é enorme. Estou escrevendo no pequeno pátio do fundo - onde há mamoeiro e dois pés de fruta de conde - para evitar uma latada de óleo na cabeça.

524. O calor é tão grande que o soldado pintor pediu permissão para trabalhar de cuecas.

525. Corumbá está mais ensangüentada que a Praça Vermelha em 1917.

526. Os flamboyants estão florindo assustadoramente. Todos os dias, com seus galhos a entrar pelos olhos da gente. Não canso de olhar, de longe, de perto.

527. Em todas as ruas, a certeza agradável de sua presença.

528. Acabo de mudar-me, isto é, mudar minha série de coisas de uma para outra peça. Continuam a chegar os móveis do doutor e a saleta onde ficava o toca-discos, mais estante e mesa, ficou superlotada. Hoje vieram mais coisas e mudei-me para o quarto. Agora, numa peça só, temos duas camas, dois guarda-roupas, duas estantes, a eletrola (?), diversas mesinhas cadeiras, caixotes, etc.

529. Mas isso não importa. O que conta é que ninguém me escreve. Vivo em função da volta do soldado estafeta que nada traz. É um inferno, porque não posso fazer planos, estabelecer minha ida ao Rio para o lançamento do livro.

530. Domingo, aconteceu uma coisa completamente louca: um almoço fluvial. Trezentas ou mais pessoas dentro de um navio, Paraguai acima e abaixo, em benefício do Aeroclube. Acontece que demoraram muito a servir o almoço e quase houve motim em alto rio. Era engraçado e ridículo ver a multidão faminta, disputando pratos de comida pelos corredores apertados do navio. Mais estranho ainda é que, volta e meia, o barco atracava para renovar o estoque de bebidas e ninguém descia.

531. A duras penas, o prato atingiu-me, sem talher. Tive que comer com os dedos até que a irritação me fez lançar prato e tudo para dentro do rio.

98

532. Muito tempo sem escrever neste Diário.

533. Entrei de férias a 27 de novembro e estive no Rio até 5 de janeiro de 1959, ampliando os 30 dias normais com mais uma dispensa de 8 dias.

534. O livro foi lançado a 11 de dezembro, na livraria São José. Tratei de minha transferência, sem nada de muito positivo e tive de deixar o apartamento com outro amigo, porque o tenente foi com o Batalhão Suez para o Egito.

535. É preciso dizer que me mudei mais uma vez, novamente para a Enfermaria do Quartel. Recapitulemos: tentativa de morar no Hotel Venizelos, logo à chegada a 28 de fevereiro de 1958, alguns dias no Grande Hotel, mudança para a Enfermaria do Quartel, açougue da Rua Delamare, o mosteiro com o doutorzinho, volta à Enfermaria que pretendo seja a última andança até que chegue minha transferência.

536. O doutor casou-se e não poderia ficar mais com ele. Como estou por pouco tempo na cidade - é o que espero - o coronel permitiu minha permanência na Enfermaria. E há uma vantagem: luz de 18.30 às 22.30, pois há um motor em funcionamento neste horário para atender à Enfermaria e às residências dos oficiais que ficam próximas.

537. A cidade está maravilhosamente às escuras há quase um mês e o povo parece completamente acostumado. Dos dois cinemas, um já cerrou suas portas, porque o motor não agüenta. Há dois ou três bares com luz elétrica, outros com lampeões a querosene, luz elétrica também no único restaurante do maior parque industrial de Mato Grosso.

538.O quartel recebe novos recrutas. É preciso esquecer caras, palavras, conhecimentos, afeições e recomeçar tudo de novo.

539.Eles chegam tímidos e desengonçados. Aos poucos, com a educação física - que a maioria nunca recebeu racionalmente, e a ordem-unida, o corpo se apruma, os olhos se acendem e o sorriso se abre. Deram um passo na compreensão ou cogitação de vários problemas de cuja existência nem suspeitavam.

540.A vida familiar substitui-se pela convivência, sem preconceitos, da coletividade masculina. Há o confronto obrigatório com uma gama complexa de caracteres, o exame, a seleção, a escolha do caminho moral a seguir. Não acredito em reformatórios nem o Exército pretende sê-lo. A disciplina militar cria obrigações apenas dentro do quartel e nas ligações externas que tenham relação direta com os regulamentos. No mais, o soldado é livre, muito mais livre do que era em casa, e experimenta essa liberdade de acordo com suas tendências naturais. As boas ou más influências não as adquire no quartel - nem há tempo para tanto. Apenas amplia a noção de camaradagem, de fraternidade, procurando semelhanças que melhor se acomodem a seu espírito.

541.Nunca se vêem na rua, passeando juntos, o chamado mau elemento com um bom elemento. A triagem é feita naturalmente e, mais tarde, quando estão no domínio completo do ambiente e sua inteligência está capacitada a orientar os impulsos sentimentais próprios da idade juvenil, raramente um boa-conduta envolve-se em complicações com um má-conduta.

542.Formam-se as amizades dentro dos próprios círculos de formação: o telefonista anda com o telefonista, o rancheiro com o rancheiro, o ordenança com o ordenança. E também se forma uma coisa grandiosa chamada espírito de corpo, que tão bem se revela nas competições esportivas. O amor ao pelotão, à companhia, ao seu batalhão.

543.A rotina e a irritante monotonia do quartel será, depois, lembrada com saudade. Nos encontros futuros com antigos companheiros de serviço militar, as marchas pesadas e os acampamentos, os apelidos dados a oficiais e sargentos, aos colegas, as próprias punições recebidas, tudo é lembrado com alegria.

544.Quando o soldado recebe o certificado de reservista, sai um homem enriquecido.

100

545.Corumbá sem luz há 51 dias. A usina está quebrada. A água é escassa em toda a cidade e não chega à Enfermaria. Meu ordenança Simão consegue água não sei onde, e enche todos os dias um tonel que foi posto no banheiro. Tomo banho como no Nordeste, de coité.

546.Não tenho vontade de escrever. Leio. Li uma beleza chamada "Os Doze Noturnos de Holanda", de Cecília Meirelles.

101

547.Ontem, almocei em casa de uma mulher que deixou o marido por um preto analfabeto, pedreiro e boxeur. O outro era advogado, deputado federal, homem de cultura. Há livros e mais livros colocados na estante de cabeça para baixo. É uma coisa tão estúpida e incompreensível que dá vontade de chorar. A solução de um caso assim só pode ser a loucura. O contraste entre os dois é dos mais extravagantes. Creio que daria um bom conto. Ela mantém restos de civilização: serviu uísque, vinho português, licor francês. A impressão de decadência ainda não se desfez em minha mente.

548.Todos os meus correspondentes silenciaram.

549.Este último mês em Corumbá (assim seja) tem sido difícil de suportar como alguns dos primeiros. Sinto-me só, com vontade de ir embora... para onde?

550.Escrevi ao coronel do Rio, lembrando-lhe o prometido, como havíamos combinado, e espero ansioso uma resposta qualquer.

551.Recebi, de São Paulo uma crítica de meu livro, escrita pelo Ricardo Ramos. É tão elogiosa que fiquei envergonhado.

102

552.Passou fevereiro e entrou março, sem a transferência. Não suporto mais esta indecisão. Se é que não vou embora, digam logo, que a expectativa e a dúvida me arreentam.

553.Amanhã é dia de reboição no Quartel. Chega o novo comandante da Região que vem aqui pela primeira vez. O dia de hoje foi de grandes faxinas e amanhã estarei desfilar com o Batalhão.

554. Não sei o que está acontecendo com minhas cartas. Ninguém recebe, ninguém responde. Acho que o correio daqui não remete. Ele é tão arreliado, que as moças que lá trabalham chegam a propalar assuntos de telegramas. Uma vez, um colega meu brigou com a namorada, por telegrama, e fiquei sabendo antes que ele me contasse: contou-me outra pessoa que soube por informações da funcionária do telégrafo.

555. Acredito que entreguem as cartas quando bem entendem. Um telegrama do coronel da Biblioteca demorou 9 dias a chegar.

556. Finalmente, uma carta de Mário Faustino:

557. Desculpa a demora de alguns dias em responder à tua carta, mas ando tão cheio de trabalho agora, que até isso tive de adiar. Achei a tua carta meio triste, meio ausente, desentusiasmada. Espero que tenha sido coisa passageira e que já sejas capaz de me escrever com aquela vivacidade de sempre, temperada de ironia.

558. Não tenho estado com nenhum de teus amigos mais chegados. Vi o Walter outro dia, no Teatro Mesbla. Passava *La Strada*. Hoje vou lá de novo, ver *Juventude*, de Bergman. Não tenho visto nem ouvido Eneida, a não ser na TV, outro dia, na casa de Raymundo. Aliás, ela estava ótima, no programa. Cada dia me convenço mais de que ela tem realmente qualquer coisa de especial e até de grande, à maneira dela.

559. Tenho estado algumas vezes com o Z. O. que está cada vez mais impossível. Não te preocupes com teu apartamento. Fui lá há dias e está tudo O.K, sem incidentes. Não tenho visto Ruth mas verifico, a distância, uma vez mais, que ela é uma grande, grande moça. Tenho tido longínquas idéias de Castro Y Soler (como é mesmo que se escreve o nome dele?), o qual, como deves saber, voltou para a Coty. Aliás, ocorre-me que ele é parecidíssimo com os perfumes Coty: inútil, adocicado, afrescalhado, demodé e suburbano - suburbano internacional, mas suburbano.

560. Passei para estoutra (!) folha, porque a máquina (da Fundação; a minha é ótima) rasgou o papel. Pela semana santa, provavelmente iremos a S. P.

561. Tenho uma grande novidade: comprei, estou compran-

do ainda, uma fazenda deliciosa, lindíssima., perto de Miguel Pereira, 800 metros de altura, fontes, abandonada, terra ubérrima, como se diz. Logo que obtenha financiamento, comprarei um pedaço ao lado, quase tão grande como o que já vai ser meu. O plano é arranjar uns dois milhões de cruzeiros e transferir-me para lá. Virei ao Rio uma vez por semana, passando aqui 24 ou 48 horas, tratando dos negócios da fazenda e colocando nos jornais e revistas o material que tiver escrito.

562. Se tiveres alguma coisa boa - conto, reportagem, diário ou o quê - publicável de imediato, manda. Colocarei na revista SR, de que já deves ter ouvido falar, que paga 4.000 cruzeiros pelo menos e que está sendo a melhor do Brasil atualmente.

563. Não estou mais colaborando no Suplemento do JB. Deixei de fazê-lo quietamente. O que eu estava fazendo estava virando leviandade, por falta de estímulo, motivação, emulação. Além disso, o SDJB estava virando uma loucura. Agora sou redator, oficialmente, do Jornal do Brasil.

564. Vem logo que faremos grandes coisas. Mas vem, por favor, feliz e de bom humor, para que todos juntos possamos celebrar os ritos da alegria, do desafio aos prostitutas, dos deuses etc, à beira mar, Thálassa, thálassa!, com leões de areia, de espuma, de carne, de tudo.

565. Por favor, não cubras esta carta, amiga e carinhosa, de outra coisa que não a tua compreensão. Vem logo, para conversarmos. Realmente gosto muito de ti. Pelo menos de um dos que és. Vamos ser todos felizes, Fernandopessoalmente felizes, mas felizes, enfim.

566. Fiz um poema ABSOLUTO (não admito contradições), mas não te mando agora, porque não entederias. Leio-te aqui, quando chegares. Estou curioso para ler o que andas escrevendo. Deixa-te de preguiças e de pessimismos preguiçosos. ESCREVE, escreve cada vez com mais coragem. Não escrevas para a glória, nem para os outros, para publicar, para obter aplausos. Escreve para renovar, para realizar-te, para obter os teus próprios e os seus aplausos.
Abraça-te o teu Mário

105

567. Estranha e inesperada visita aparece no quartel. Grande confusão e gritaria no Corpo da Guarda me fazem deixar o gabinete de trabalho, pensando em qualquer situação complicada. Em vez disso, encontro todos alegres, rodeando o

Capitão Fiscal que vem da horta com o visitante: um tamanduá que apareceu com a enchente do rio.

568.Foi amarrado a uma árvore, no fundo do quartel, mas desapareceu alguns dias depois.

106

569.Dalton Trevisan me manda, de Curitiba, o recorte do Estado de São Paulo com a crítica de Temístocles Linhares sobre meu livro.

107

570.Relendo este Diário, chego `a conclusão de que cometo diversas injustiças por haver omitido, sem deliberação, referências a uma porção de pessoas. Não pretendo citar nomes mas há um que se impõe: Olga. Olga é uma moça que me tem servido de companhia em Corumbá. É quem tolera meus humores, minhas alegrias, minhas depressões. Dança comigo no La Barranca e tem uma infinita paciência comigo. Recebe-me em sua casa e quando da saída do livro, ofereceu-me uma festa.Ela e algumas de suas amigas são responsáveis pelos momentos mais alegres que passo nesta cidade.

571.Outra pessoa, de nome completamente extravagante - Nabucodonosor Baylon da Silva - merece todo o meu respeito. É o major do Batalhão que fica no comando, quando o coronel se ausenta. Alto, magro e negro, tem muito do Rei Mago Baltazar. Tem também um coração de rei e a bondade de um pai.

572.Seria também o caso de citar diversos oficiais, sargentos, soldados. Mas dentro de alguns anos, isso não terá sentido algum.

108

573.A Enfermaria nova está quase pronta. Fica junto ao quartel e sua sala de operações está dotada dos mais modernos aparelhos.

574.Finalmente, chegaram as lonas para as camas dos soldados e eles não mais terão de dormir no chão.

575.Também foi conseguido outro quadro negro para a Escola Barão do Rio Branco, no Posto Esdras.

576.E prossegue, em ritmo lento, a construção de novas casas para oficiais.

577. Aos poucos, Corumbá se prepara para enfrentar o futuro com decência.

109

578. Último dia de março e eu ainda em Corumbá.

579. Entrei com um requerimento pedindo três meses de licença, mas o major me fez retirá-lo, aconselhando que espere alguns dias e prometeu-me uma dispensa para eu ir ao Rio. É o que farei, se até fins de abril não der nada. Além da promessa da Biblioteca, um amigo está vendo se consegue outro lugar. Se não for possível o Rio, vou para a Bahia. Há, portanto, duas coisas imensamente certas: estarei no Rio no começo de maio e não suporto mais Corumbá, Mato Grosso, Brasil.

110

580. Domingo.

581. Acordei cedo e liguei o rádio que foi consertado para ser vendido juntamente com o toca-disco e a estante preta. Mas acontece que este radiozinho me acompanha há mais de dez anos e fico com pena de me desfazer dele. Talvez, por não ter a quem me afeiçoar, afeiçoou-me às coisas, ao pobre rádio que me tem dado músicas desde Porto Alegre. Será que encontro bom comprador? Acabo dando o resto de presente e levando meu amigo de volta.

582. Há, também, o caso de um par de meias. Chavadinhas de azul e preto, carijós, estão rasgadas e cadê coragem de botar fora? Escondo o rasgão e saio com elas assim mesmo. Sempre imagino que podem inventar aquela brincadeira idiota de tirar o sapato, nas festas, e vê só a cara com que vou ficar!

111

583. Recebo telegrama do Diretor da Biblioteca do Exército, informando que o Ministro assinou minha transferência. Ao mesmo tempo, Ruth informa que está em andamento minha transferência para a Diretoria do Armamento. É pena. Talvez fosse melhor. Mas agora não pode haver modificação. Basta esperar uns 15 dias até que o Batalhão tome conhecimento da movimentação, e voltarei ao Rio para assumir o novo posto.

584.O Boletim do dia 2 de maio, do 17º B.C., publica minha transferência (por interesse próprio, como havia previsto) e este elogio de meu comandante, que não me furto ao cabotinismo de transcrever, porque representa o prêmio que levarei de Corumbá:

"Por motivo de sua transferência, desligo hoje desta Unidade e apresento as despedidas do Comando, dos Oficiais, Subtenentes, Graduados e Praças do B. C. ao Cap Harry Laus. É comum a movimentação de oficiais ; mas, quando se trata de um amigo e oficial de escol, embora os anos passados na caserna nos endureçam o coração, sentimos que a sua falta haverá de ser por muito tempo notada por todos, dentre os paredões desta casa. Desejo ao Cap Harry, nas suas novas funções, todas as felicidades e, pelo muito que produziu, pelos traços marcantes de sua personalidade deixados nesta Unidade, pela sua inesgotável vontade de servir aliada à crença de realizar o que é certo; pelo testemunho perene de sua operosidade em todas as vezes em que foi chamado a intervir; pela firmeza das suas ações e integridade de caráter; pelo seu interesse por tudo que se referisse a este B. C., no qual, fosse nos momentos festivos ou nas jornadas cansativas, jamais deixou de dar o cunho de sua presença, apresento-lhe com prazer os agradecimentos pelo muito que fez, e louvores pelo muito que é. Que na Biblioteca do Exército possam, do Cap Harry Laus, apreciar as excelsas qualidades que ornaram a sua figura de homem e oficial e que, a sua inteligência vívida e moça mais a sua cultura profissional e geral sejam sempre, um manancial estuante de idéias profícuas e sugestões sadias".

585.Deixei Corumbá dia 5 de maio com destino a Assunção, Paraguai. Alguns dias aí, depois uma visita às cataratas do Iguaçu, finalmente Rio.

586.Todos os oficiais no aeroporto de Corumbá do Iguaçu, finalmente Rio.

Todos os oficiais no aeroporto de Corumbá na mesma formação em linha que tantas vezes executei na chegada e partida de oficiais e autoridades. Mas, dessa vez, era para mim. Como foi para mim um almoço no quartel, com discursos a que tentei responder mas caí em prantos.

Boboca!

O PROCESSO DOS LIVROS

O PROCESSO DOS LIVROS¹ – RIO, 1960/61

31 de outubro de 1960

1. Afinal, foi nomeada a comissão e o boletim da Secretaria da Guerra publicou: Felicíssimo de Azevedo Avelines, Waldetrudes do Amarante Brandão e Oscar Janssen Barroso são os três coronéis que vão “apurar os fatos narrados em ofício reservado urgente, de 10 de Agosto de 1960, do diretor da Biblioteca do Exército.”

2. Quase três meses para a nomeação. Quanto tempo para a apuração?

3. O natural espírito de honestidade dos militares fará com que vasculhem tudo. E será preciso justificar, a qualquer preço, a designação, a trabalhadeira, as suspeitas, as diferenças pessoais que o caso esconde.

4. E o fiscal administrativo tem que se ver pequeno.

3 de Novembro

5. O Cel. Umberto Peregrino² desconhece também os membros da comissão de inquérito administrativo.

6. Encontrei-o, por acaso, num coquetel de lançamento de livros, no Clube Monte Líbano. Continua firme em seus pontos de vista, embora eu tenha constatado que sua firmeza está um pouco abalada. Disse-lhe que iria limitar-me ao sim ou não para não auxiliar os inquiridores. Com efeito, como irão se defrontar com um problema novo, não saberão por onde atacar e irão se valer de nossas respostas para concluir sobre que perguntas poderão fazer.

7. Dependendo do espírito da comissão, talvez faça o mesmo. Ao que me perguntarem, responderei: “Nada a declarar”. Já expliquei exaustivamente, tanto no boletim especial como na informação ao ofício do Cel. Hélio.

4 de Novembro

8. A comissão está fazendo uma reunião preliminar para assentar pontos de vista e, naturalmente, estabelecer o regime de trabalho.

¹ O título do diário refere-se a um processo que resultou na prisão de Harry Laus, num quartel do Leblon por conivência com o Coronel Peregrino na antecipação das Edições da Biblioteca do Exército sem cobertura financeira para fugir à inflação, ação contrária às normas militares.

² Referência ao Coronel Umberto Peregrino, coronel-escritor que o convidou para assumir funções na Biblioteca do Exército.

9. Trata-se de apurar quem tem razão: o Cel. Umberto Peregrino, com seu superávit de Cr\$ 1.032.918,60; ou o Ten. Cel. Hélio Brandão, com o déficit de Cr\$ 3.464.871,80, referidos à data de passagem de Direção, (julho de 1960).

10. O Cel. Peregrino achou o superávit por estranhas operações financeiras em que o fator tempo foi abolido. Adiantou, por demais, as edições – para obtê-las mais baratas face ao encarecimento de tudo – e o Ten. Cel. Brandão é pelo regulamento: só se faz despesas quando se tem dinheiro para gastar. Um é visionário, outro “humilde”.

11. O Fiscal entra em tudo pela própria função que desempenha. Como “órgão competente” não pode transformar superávit em déficit, sem mais aquela.

5 de Novembro

12. A mais singular peça deste processo, pelo menos até aqui, é, sem dúvida, a informação dada pelo Cel. Peregrino ao ofício do novo Diretor. Ainda não tomei conhecimento oficialmente desse documento mas já o li duas vezes: a primeira, antes mesmo do Gen. João Batista de Matos, Secretário do Ministério da Guerra, porque uma cópia foi dada ao antigo tesoureiro, Cap. Antonio Maria Júnior, para que lesse, me mostrasse e apresentássemos sugestões. Em face dos absurdos de que está cheio, nada cortei ou sugeri. Depois, foi dado pelo General Secretário ao Ten. Cel. Hélio para que visse se haveria alguma saída além de abrir inquérito. Não, não havia.

13. Reunidos os dois tesoureiros e o Fiscal, o Diretor leu e comentou, pediu opiniões sobre alguns tópicos. Realmente, não seria possível deixar de abrir o inquérito, porque o Cel. Peregrino insiste teimosamente em ter razão, incrimina o Fiscal e ainda destila veneno contra o novo Diretor, chamando-o de imbecil por pontos transversos. Estranho temperamento o do Cel. Peregrino. Chega até a meter os pés pelas mãos por não ter lido o ofício com atenção ou ter-se deixado levar pela emoção, o prazer idiota de dar alfinetadas em pura perda. E justifica-se – ou pretende – dizendo que o que fez foi uma “sutil operação de crédito em que as gráficas, sem o saberem, eram financiadoras da Biblioteca.”

14. A incriminação do Fiscal: diz ele que o levantamento feito e por si apresentado no Boletim Especial, que difundiu largamente pelo Brasil inteiro, foi elaborado “pela repartição competente, a Fiscalização Administrativa, sem a menor interferência da Direção”. Se o Fiscal, um mês antes, havia-lhe feito uma exposição da calamitosa situação financeira, como

poderia ter encontrado superávit “sem a mínima interferência da Direção”? Foi ele quem determinou que se pusesse como haver, em 1960, uma conta já paga, porém relativa a 1961. Mas ele, ainda, vai mais longe: como poderia o nosso oficial dar, um mês depois, demonstração diferente da que saiu no Boletim Especial? A demonstração que o Fiscal fez ao novo Diretor foi coerente com o que lhe foi apresentado um mês antes.

15. Sua volúpia de incriminar o Fiscal ainda não pára nessas alusões maldosas. Quando o atual chefe, procurando defender-me, revela que o Fiscal alertou sobre a situação, mostrando-se preocupado com a mesma, volta-lhe o fel. Não seria possível o Fiscal demonstrar preocupação uma vez que, enquanto respondia pela Direção no seu impedimento, autorizou despesas que mostram sua liberalidade, despesas essas condenadas por ele, Cel. Peregrino. Ora, tenho documentos que provam ter agido o Fiscal no interesse único da Biblioteca, trazendo economias de numerários, ou foram despesas autorizadas, dada a urgência de certos trabalhos. Se, quando o Cel. Peregrino estranhou aquelas “anomalias” o Fiscal, em documento assinado, prontificou-se a responsabilizar-se pessoalmente pelas despesas e o Chefe não aceitou essa oferta e, sim, autorizou as despesas, como pode acusar-me sem acusar-se?

16. A informação do Cel. Umberto Peregrino é a peça mais ilógica que conheço. Só à luz da psicanálise poderá ser explicada. Pois não é que o homem, depois de incriminar o Fiscal, atacar o novo Diretor, fazer ironia etc., ainda encontra “grandeza” para assumir a responsabilidade sobre tudo o que fez?

22 de Novembro

17. Fui ouvido dia 18, sexta-feira, das 13:00 às 19:00 horas. Saí com a cabeça estalando. Foram doze perguntas, induzidas a onze em virtude de uma delas ter sido prejudicada com a resposta à anterior.

18. Como a sala onde funciona a Comissão seria ocupada por outra comissão, a Diretora de Publicações, a inquisição deu-se em minha própria sala o que me facilitou bastante por possibilitar a consulta a documentos e pastas necessárias.

19. O presidente pouco fala. Faz as perguntas que já vêm rascunhadas num papel. É baixo, grisalho, simpático. Os outros dois agem combinados. O Cel. Waldetrudes, de Intendência, anota as respostas, lê e pergunta se estão confor-

me, depois dita ao relator. Senti um desejo coletivo da Comissão de me salvar e fui aconselhado a mudar certos termos um pouco ambíguos ou que pudessem ser tomados como desrespeitosos. Essa preocupação vinha principalmente do Cel. Barroso, o relator, cearense rijo, magro, comprido. Quase ao fim do interrogatório, disse-me que não sabia se estava certo, mas que sempre me julgava mais preocupado com livros do que com o material – cargo ou contabilidade.

20. Houve um momento em que , a propósito de minhas declarações de que nunca havia sido fiscal em meus vinte anos de serviço, falou-se muito sobre essa falha na carreira militar. Na Escola Militar, pouco se estuda a parte relativa à Administração e tem-se que enfrentar o desconhecido e a malícia de muitos que , às vezes, conseguem nos envolver.

21. O Cel. Intendente acha que todo oficial, para ser Fiscal Administrativo, deveria fazer um estágio especializado para tornar-se afeto ao desempenho dessa função.

22. Mas nada disso constou dos autos.

10 de abril de 1961

23. Relendo hoje o que está aí escrito, resolvi retomar a história para que fique mais completa.

24. A Comissão de Inquérito ouviu o Cel. Hélio, Cap. Antonio Maria, Cap. Spinelli e Cap. Rezende, além de mim. Depois apresentou o libelo ao Cel. Umberto Peregrino, que pediu mais cinco dias além dos cinco de direito e acabou não apresentando a defesa, preferindo “defender-se na justiça”: Alegou que a Biblioteca dificultou sua intenção de coligir dados necessários, existentes em atos da Comissão Diretora de Publicação, posteriores à sua saída, pois a Secretaria, nesses dez dias tumultuados, nada mais fez senão tirar cópias autênticas da papelada que ele pediu.

25. Então a comissão encerrou seus trabalhos e remeteu o inquérito ao Secretário da Guerra que, em uma solução, toda ela inculcando apenas o Cel. Peregrino, 12 sugere a abertura de Inquérito Policial Militar com tomada de contas e remete o processo ao Marechal Ministro. O Boletim Reservado nº 1, de 23 janeiro de 1961, da Secretaria da Guerra, publicou a solução.

26. E assim, foi aberto novo inquérito, sob a presidência do Gen. Rafael de Souza Aguiar.

27. Mas, antes de passar ao novo inquérito, é conveniente

citar um fato que depõe contra o Cel. Hélio Brandão: em caráter particular, eu lhe falei, junto com o Cap. Antonio Maria, sobre o único ponto vulnerável da questão: despesas abatidas do montante da arrecadação do Serviço de Vendas Avulsas, quando de sua entrada na Tesouraria, coisa perigosa porque as notas de despesa eram inutilizada, pois o coronel assoprou a história nos ouvidos da Comissão que reinquiriu o Cap. Antonio Maria sobre esse ponto.

28.E o novo inquérito do Cel. Brandão que, na opinião do Gen. Souza Aguiar, segundo me disseram – está com a saúde abalada, com idéias fixas e coisas que tais. Depois, chegou minha vez. As mesmas perguntas do outro inquérito, acrescidas de mais, principalmente referentes à carga do material. O General, fino e educado, confessou que pegou o catatau e começou a ler. Quando deu acordo de si, amanhecia...

29.Dessa vez, foram ouvidas mais pessoas. Além das citadas, mais o Cap. Abdon, Mastrângelo, Coimbra, Ten. Mario, Ribeiro, Otaviano, Mario Canela, o funcionário Wilson Caminha Gaspar que foi do SVA.

30.E foram nomeados dois peritos, Ten. Cel. de Intendência, Alcebíades Prado e Cromwell de Medeiros que ainda estão trabalhando, fazendo inspeção em livros, borrões de carga, balancetes do Serviço de Vendas. Parece que a coisa não acaba nunca, já tenho um “dossier” de várias pastas, com defesa dos pontos susceptíveis de ataque. Louco para sair, desaparecer, viajar, entrar em férias. Mas não devo largar esta sala, a documentação na mão de quem quer que seja. Força é esperar a solução, que é do Ministro. Há indícios de que não iremos à justiça, que será considerada transgressão disciplinar e não crime.

31.Mas o Coronel Hélio complicou tudo novamente. Com a remessa do relatório da Comissão de Normalização da Carga para o General encarregado do inquérito. É que a carga da Biblioteca está numa situação caótica. A solução da Comissão, de que fui presidente, não foi totalmente aceita, porque o Diretor não quer assumir a responsabilidade de ordenar a descarga de material inexistente. Já o relatório havia sido levado à Secretaria da Guerra e o Secretário devolveu o processo para que o Diretor tomasse as providências necessárias, de acordo com o que lhe faculta o Regulamento de Administração do Exército, já “que a Biblioteca, nesse particular, é uma repartição autônoma.” O Cel. Hélio não deve ter gostado do despacho. E aprovou apenas três anexos ao relatório,impugnando dois e me dando ordem para fazer novos anexos em vista do alto preço de alguns artigos a

descarregar. Em longa parte explicativa, me recusei a fazer isso pois, como presidente da Comissão, já assinara meu ponto de vista e, por coerência, não poderia modificá-lo. Novo ofício do Cel. Hélio, com despacho e remessa ao encarregado do inquérito. Pelo visto, a coisa não terá mais fim.

2 de maio

32. O encarregado do inquérito devolveu a papelada da carga, dizendo que fizera as anotações necessárias. O Cel. Hélio encaminhou tudo ao Secretário da Guerra, pedindo abertura de novo inquérito que, desta vez, me atinge diretamente. Então, fui procurar o Chefe de Gabinete, Cel. Lages Castelo Branco, que é meu amigo. Está aborrecido com o Diretor da Biblioteca e disse que fará o que estiver a seu alcance para que eu não seja prejudicado.

33. Enquanto isso, o Gen. Souza Aguiar já entregou o inquérito ao Ministro, com a solução de que a Biblioteca deve ser reorganizada e, ao que parece, sem punir ninguém. O Ministro ainda não se pronunciou.

34. E surgiu nova confusão. Bateu cupim nos livros e água e urina no depósito do subsolo. O Tenente Otaviano ou o Ribeiro, ou ambos, resolveram acertar a carga e o resultado foi um termo de descarga com mais de onze mil volumes. O Cel. Hélio não topou. Devolveu o termo para que se fizesse outro, excluindo alguns livros que ele julga impossível terem sido destruídos. Mas aceitar uns e negar outros é uma incoerência, porque ninguém pode saber o tamanho da verdade... A Comissão (dois oficiais e eu próprio) manteve o parecer e dei um aparte, encaminhando ao Diretor com a declaração quase direta de que não se pode dar outra solução senão descarregar os livros. Agora o coronel está em xeque. Recebeu o aparte e não me deu uma palavra acerca. O aparte é de 27 de abril. A solução deve ser dada em oito dias, dia 5, portanto.

5 de maio

35. Fui, há dois dias, ao gabinete do Ministro procurar saber alguma coisa do processo com o Major Heindenburgo, que foi um de meus antecessores aqui na Biblioteca. Tinha muito o que contar. Pelo visto, a solução dada pelo Gen. Souza Aguiar, que saiu no jornal como notícia, não corresponde à verdade. O major, não sei como, leu o processo ou, pelo menos, o relatório integral do encarregado porque censurou certa parte de meu depoimento, aquela em que cito minha condição de amigo do Cel. Peregrino, como argumento de não interferência, de conformismo com sua política finan-

ceira. Segundo o major, o general usou dessa declaração contra mim. E não consigo atinar com essa possibilidade. Mas o pior, que ficou nos ouvidos até agora é que, segundo o general, o coronel Peregrino foi induzido a erro por mim! É preciso ignorar totalmente quem seja Umberto Peregrino, para aceitar-se tal conclusão. Disse mais o major que o encarregado do inquérito enquadrou como transgressão disciplinar tanto o Cel. U. P. como eu e vários outros oficiais envolvidos.

36.O Cel. Umberto Peregrino gosta muito de escrever artigos com o título *A margem de.....* Pois à margem do inquérito, ou dos inquéritos, houve um fato interessante. Dia 22 de abril, houve o lançamento, na Academia Militar de Agulhas Negras, do livro *Cadetes e alunos militares através dos tempos*, editado pela B. E. como parte das comemorações do Sesquicentenário das Academias Militares. Fui com o Cel. Hélio Brandão, o Secretário e outras pessoas e, de repente, aparece lá o Cel Peregrino, que foi a pretexto do lançamento de outro livro, editado pela São José.

37.Quando todos estavam sentados no cinema, o Cel Peregrino a minha frente, fui chamado aos bastidores. O General (não fiquei sabendo se o Secretário da Guerra ou Comandante da AMAN) mandava-me avisar que o Cel. Peregrino não poderia falar porque o programa não permitia. Dei o recado. Mais tarde, entre civis, no saguão do cinema, o Cel Peregrino, no seu costumeiro sorriso, disse que “os amigos de Laus não me deixaram falar”.

38.O incidente foi criticado pelo Cel. Peregrino na imprensa, sem contudo, referir-se a mim. Aliás em todos os ataques que têm feito contra a Biblioteca (e são quase semanais) jamais se referiu ou aludiu a minha pessoa.

39.Notícia de última hora: fui informado de que o processo foi restituído pelo Ministro ao encarregado do inquérito porque “não era isso que ele queria.” Que será que o homem quer?

Maio,29

40.De repente, a coisa toma aspecto soturno.

41.Sábado, quando voltava emocionado com a partida de Ruth para a Europa, recebi o choque. O processo foi encaminhado à justiça. Procurei o Cap. Antonio Maria, que deixara o aviso e que contou detalhes dos fatos, detalhes pressupostos, pois até em prisão preventiva se falou.

Junho 13

42. Não tenho tido disposição para continuar esta história. E os fatos se precipitaram, cada dia apresentando nova face. Teria sido necessário que eu desse conta dia por dia do que tem acontecido, mas (sublinhado ao lado esquerdo) a pressão dos episódios me faz chegar cansado, desgostoso, com nojo de tudo.

43. Lançada a bomba, tratei de me orientar com amigos advogados. O boato da prisão preventiva caiu logo por terra: nem havia tempo para que a mesma se efetivasse. Entrei em ligação telefônica com o Cel. Peregrino que, por seus ataques na imprensa à Biblioteca, foi preso por quinze dias. Ele resolveu que o "habeas corpus" seria pedido em conjunto por seus advogados, Seabra Fagundes e Sobral Pinto. Mas, no decorrer do processo, talvez viéssemos a entrar em oposição, ele querendo salvar-se a todo custo, inculcando-me como já o fez em sua primeira informação. Resolvi, então, grupar todos os demais oficiais comigo e, como o Cap. Coimbra tem amigos no Tribunal, encarregá-lo de manter-se informado das andanças do processo naquela casa. O processo foi distribuído à 3ª Auditoria. O Cap. Coimbra conseguiu, até, ler o processo em todos os detalhes. Soube, assim, que o parecer sobre crime surgiu no gabinete do Ministro, já que o encarregado do inquérito opinava para transgressão disciplinar. Acredito que essa reviravolta tenha sido ocasionada pelos constantes ataques do Cel. Peregrino pela imprensa. Não se passa um domingo sem que, no Boletim – 4ª parte, do Diário de Notícias, apareça um comentário seu em tom irônico ou arrogante. O Cel. Hélio Brandão já chega na 2ª feira, com o ofício reservado, redigido e manda tudo para o Secretário da Guerra que o faz chegar ao Ministro. O procedimento do Cel. Peregrino causa irritação, pois tem caráter de provocação.

44. Ao mesmo tempo instaurava-se o processo da carga, pedido pelo Cel. Brandão. Sou logo surpreendido com o pedido do Cel. encarregado: queria uma relação de todo o material que falta, com discriminação das datas de inclusão da carga, detentores desse material, etc. Cinco dias de buscas penosas nos velhos livros. Estão sendo ouvidos todos os oficiais detentores de cargo. Ainda não fui chamado.

45. Afinal, no sábado, uma notícia melhor. O promotor sugeriu devolução do processo ao Ministro para que os fatos sejam enquadrados como transgressão, que ele, promotor, não vê crime em nada. Informado dessa decisão, o Cel. Peregrino irritou-se. Queria ir à justiça para poder defender-se, falar, falar por si e pelos advogados, naturalmente aparecer

no jornal , fazer-se de vítima como está fazendo agora, inclusive exigindo pronunciamento público de escritores com memoriais em artigos assinados, todos lamentando a “injustiça” de que foi vítima, a perseguição de que está sendo alvo, etc.

46. Agora o que me preocupa: a devolução do processo há de irritar o pessoal do gabinete e a punição disciplinar há de ser a maior possível. Preciso sondar as intenções do pessoal, procurar contatos com oficiais que lá servem. Nesse sentido, telefonei ontem ao Cel. Peregrino para saber de seu pensamento. Não devo abandoná-lo enquanto não chegar ao fim, assim como não posso romper com o Cel Hélio Brandão enquanto houver coisas a se esclarecer. (Tenho que me manter sobre o fio da navalha...) O Cel. Peregrino também acha que a pena será a máxima, a não ser que a repercussão de sua prisão influa no espírito dos julgadores. Acha que devemos nos manter unidos e agir em conjunto nesta emergência; pediu que o mantivesse informado de tudo que conseguisse apurar. Falei-lhe que estão me querendo fazer de bode expiatório, pois nenhum dos inquéritos ouviu meus antecessores, como se toda a culpa fosse nova, atual, não viesse desde 1954, ou antes. Então, o Cel. Peregrino disse que o grande culpado é o Major Alair Pitta, meu antecessor. Realmente, não posso compreender como o Gen. Souza Aguiar conseguiu definir culpabilidades sem ouvir essas pessoas. No caso do adiantamento das edições, nem um terço das obras foi encomendada em minha gestão; no caso do Serviço de Vendas, há balancetes e autorização de despesas assinadas por outros majores; no caso da carga, há partes de 1957 dando conta da confusão reinante. E só eu sou o responsável.

47. No tocante à carga, cuja responsabilidade lógica é dos detentores diretos e não minha, há detalhes curiosos. O Sgt Expedito, encarregado do serviço de escrituração desde os idos de 1957, cometeu as maiores barbaridades. Doente, sujeito a ataques em tudo semelhantes aos epiléticos, na fase de amnésia é que se dedicava aos livros. Apesar de formado contador, como se diz, escreve coisas assim : para dizer que um móvel tem um metro e cinco centímetros escreve: 1m 05 cm. Ou, então, 0,10,5. Somente depois de a bomba estourar (mea culpa) é que fui verificar tudo e constatei esses e outros, muitos outros absurdos. Então, o sargento foi afastado, posto outro que conseguira indispor-se com o Cap Secretário e tem sua transferência solicitada. Também já foi afastado e somente ontem surgiu novo sargento para iniciar o acerto dos livros.

48. Se de nada servir toda essa barafunda, uma coisa já ren-

deu: aprendi a desempenhar as funções de Fiscal Administrativo, que a Academia Militar não ensina.

Junho, 19

49. Chamado ao gabinete do Ministro pelo Major Heindenburgo, fui informado de que o processo foi remetido ao corregedor da justiça militar para que seja estudado o despacho do auditor. Aliás, a informação do advogado, meu amigo – Fernando de Castro - é que o processo foi arquivado e que, nesse caso, apenas alguns documentos voltam. Não sei.

50. E, sábado pela manhã, das 8:00 às 12:00 horas, fui ouvido pelo Cel. César Rômulo Silveira Júnior, encarregado do terceiro inquérito. Saí de lá exausto e irritado contra o Cel. Hélio, responsável direto pela abertura de mais esse processo. Novamente reunir todos os dados, responder às mesmas perguntas. Notei que o próprio encarregado do inquérito acha absurdo e ilógico o procedimento do Cel. Hélio, que nomeia uma comissão para normalizar a carga e interrompe o andamento difícil e demorado da coisa com o tropeço deste inquérito. Sugeri que eu comparasse a relação das faltas de material com a das sugestões de inclusão em carga e que desse chance aos detentores de procurar o material ou repô-lo. Assim fiz, hoje, e encontrei uma série de erros e defeitos no trabalho da comissão que, a bem dizer, foi todo feito pelo Ten. Mário. Outras falhas também já foram notadas pelo secretário, pelo capitão chefe do Serviço de Vendas etc. Até certo ponto, acho natural que um trabalho de vulto tenha defeitos; que a coisa poderia ser corrigida aos poucos – mas houve o inquérito que veio perturbar tudo.

51. E hoje, procurando localizar material, vi que os livros atacados por cupim ainda estão no depósito. O Cel. Hélio – que tem, no máximo, 30 dias para solucionar uma parte – ainda não decidiu minha parte de 27 de abril. Hoje pedi solução. Vejamos se não pede novo inquérito.

26 de junho

52. Ao deixar a Biblioteca, o Cel. Peregrino passou as duas viaturas indisponíveis. A de passageiros havia sido abalroada no Final da Gamboa e o soldado motorista paga o conserto até hoje (Cr\$ 25.000,00) . No caso, houve um fato singular: o Cel. Peregrino prendeu o soldado, foi instaurado inquérito técnico, e na hora da solução, doeu-lhe o coração. Não teve coragem de fazer o soldado pagar e “por uma questão de ética” (sic), deixou o assunto para o novo diretor resolver. Quanto à viatura de carga, o assunto arrasta-se até hoje num

inquérito técnico que ninguém decide, porque a camionete foi usada para ir a Petrópolis ou Juiz de Fora no período de amaciamento e o responsável – quem tem de pagar é o Cel. Peregrino que determinou e comandou a barbearagem.

53. Falando hoje sobre o assunto, o Cel. Hélio foi perdendo a calma; em determinado ponto enquadrou o assunto dos livros atacados por cupim e disse que acabaria abrindo o quinto inquérito. O grande inquisidor!

28 de junho

54. Inesperadamente, bate na Biblioteca a mesma comissão de peritos do inquérito feito pelo Gen. Souza Aguiar para retomarem a papelada. O corregedor, naturalmente por pressão do gabinete do ministro, fez devolver o processo ao mesmo encarregado, com pedido de peritagem e tomada de contas. Novamente reunir dados, mapas, tomadas de preços, etc, para comprovar os cálculos apresentados por mim ou pelo tesoureiro nos anexos ao ofício reservado que deu início a tudo.

55. Tive, inclusive, que dar uma aula. Como se calcula o preço de um livro. Impressão, clichê, papel, cartolina, direitos autorais, etc. O mais difícil foi fazer-me entender quanto a direitos autorais: que os há de tradução, de autoria, de publicação da tradução. Continuam os homens escarafunchando tudo. Mas, ainda desta vez, não apurarão até o fim, pois julgam que são apenas peritos e que não devem fazer a tomada de contas no serviço de Vendas Avulsas. É que já perceberam que se perderão em buscas inúteis, que não conseguirão apurar mesmo pelas deficiências de documentação que, a bem dizer, só existe de 1958 em diante. Virá, portanto, nova comissão. Cada nova comissão é um tormento porque nada sabem, vão abordar um assunto novo, e eu que seja humilde e calmo para ensinar, por exemplo, o que seja orelha de um livro. Certo Capitão que assumiu o Serviço de Publicação – e a quem tive de explicar até a nomenclatura do livro – não conseguiu guardar tudo e um dia veio falar-me em “pesta” do livro. Queria dizer orelha...

29 de junho

56. Numa conversa com os peritos, num desses momentos de desânimo e tristeza que tenho conhecido ultimamente, falamos sobre minha posição em todo esse drama. A posição real. Serei o único prejudicado. O Cel. Peregrino está em fim de carreira, quer é nome no jornal; o Cel. Hélio, que não tem curso de Estado Maior, também chegou ao ponto final da trajetória. Que outra comissão importante pode ter?

Se lhe derem o comando de uma Unidade fora do Rio, naturalmente pedirá transferência para a reserva que não querará deixar Copacabana. Meus antecessores nem foram ouvidos e o Cap. Antonio Maria, o tesoureiro, já pediu, há muito tempo, para ir embora e só aguarda o despacho ao requerimento. “Em briga de mar com rochedo, quem se estrepa é o marisco.” Pois eu sou o marisco, o único marisco da história. De que me adiantarão medalhas de bons serviços, meus vinte anos de bons serviços, nenhuma punição como oficial, promoção a major por merecimento, os elogios de todos os meus chefes?

57. Outro ponto doloroso: serei sempre suspeito. Quando for classificado em qualquer lugar, chegarei precedido pela fama. “É aquele que respondeu processo na Biblioteca. Diz que ...” – e aí entram as suposições, as recriminações, a calúnia gratuita que bem sei como grana nos quartéis. Para sempre comprometida minha carreira. Não usarei bordados nem ouvirei os clarins da banda militar... Serei um “Alarico sem Batalhas” de meu próprio conto.

58. Então resolvi publicar tudo isto, quando for punido. Acho que tenho o direito de esclarecer a opinião pública, já que o processo foi todo sigiloso.

1º de julho

59. Recebo carta de minha irmã, de Paris. Estraga-me o dia : “O que andaste fazendo, rapaz. Não há nada no mundo que substitua uma cabeça erguida.” Quando até uma irmã consegue por em dúvida nossa inocência, que dizer de estranhos, de pessoas que não nos conhecem, que nem de longe conhecem os fatos. É uma lástima.

3 de julho

60. Ontem o Cel. Peregrino atacou o Cel. Hélio pelo jornal, que o atual diretor da Biblioteca enfurnou seu livro *As Armas Atômicas e a Atualidade Militar*. Não é verdade, o livro atrasou por desleixo da gráfica que não teve pressa, porque conhece a situação financeira da Repartição e sobre que o pagamento talvez tenha de ser protelado, repartido, cozido em fogo lento.

61. Hoje e Cel. Hélio chegou com o ofício reservado pronto e a solução ao caso do cupim, ofício ao Secretário pedindo inquérito, tomada de contas, sei lá mais o quê. E usou de um artifício. Como minha parte já é de abril – o que o enquadra no RDE por ter passado os trinta dias sem dar solução ao caso – aproveitou outra parte recente, em que explico por

que ainda não posso solucionar uma série de pedidos do Cap. Secretário sobre carga (porque nem a escrituração do borrão carga de 1961 está concluída nem foi encerrado ainda o inquérito – carga) aproveitou essa deixa, juntou o termo do cupim e mandou tudo para a frente. Novo embarço, nova confusão, assim é demais. Não se tem mais sossego, não posso sequer despachar a correspondência diária que se amontoa na caixeta, esperando andamento.

62. De um lado o Cel. do inquérito-carga telefonando para saber se apareceu mais alguma coisa para abater da relação de faltas (como tem boa vontade o Cel. Rômulo!); de outro, a comissão de perícia, pedindo dados e informações; os problemas naturais da função – apenas num cabo datilógrafo para bater a volumosa documentação com cópias para trezentos “dossiers” do Cel. Brandão ... e agora o inquérito – cupim.

63. Calma , sangue-frio, paciência. Até quando terei tudo isso?

64. Pausa. O Cel Hélio tem rasgos de humor. Falando sobre o cupim (e está senhor do assunto porque lhe dei um livro sobre os famigerados “animais daninhos”) disse não acreditar que eles tenham comido essa quantidade enorme de livros. “Se comeram, corram atrás deles que já se transformaram em elefantes!!

7 de setembro

65. Há mais de dois meses, nada escrevo neste caderno. E uma série de coisas importantes tem acontecido. Por exemplo: novo inquérito foi instaurado e, a esta altura, está praticamente solucionado. O motorista civil da camionete saiu com ela de noite, sem ordem e quebrou um feixe de molas. Deixou-a, ainda de noite na oficina e, no dia seguinte, foi dada a falta. Como não tinha dinheiro para pagar o conserto, furtou dois mil cruzeiros do Ten. Almojarife. E nos seus bolsos foram encontrados vales de gasolina (cerca de 700 litros) que haviam desaparecido da mesa do Cel. Brandão. Na fúria do interrogatório inicial, o Cel. Brandão deu tal murro na mesa que quebrou a mão direita.

66. O Cap. Abdon, Secretário, foi o encarregado do inquérito e descobriu uma série de trapalhadas. O motorista agia de comum acordo com o Subtenente e o antigo Almojarife, Ten. Ribeiro. A viatura saía quase todas as noites para serviços particulares de um ou outro. Preso o motorista, preso o Subtenente, a solução está para ser publicada em poucos dias.

67. E a confusão da carga continua. Por ela, quase saio da

Biblioteca. O Cap. Secretário pede uma série de providências que me irritam, porque o Cel Brandão tem medo de assumir responsabilidades e não me deixa liberdade para agir. Responde rispidamente ao Secretário que não se conforma e manda outra parte que considero insolente e escrevo isso a ele e ele pede reconsideração da palavra “insolente” e a coisa se complica. Ciente de tudo, o coronel protela a decisão até que um dia resolve nos reunir- ele, o secretário e eu – para encontrar uma solução alta (como chamou) : nós retiráramos toda a papelada e ele se comprometia com o Secretário de solucionar, dentro de uma semana, a carga da Secretaria. Concordamos. O Cap. Secretário disse que só concordava em consideração ao coronel e seu estado de saúde, um pouco abalada com a sucessão de problemas. Eu acedi e reiterei meu desejo de sair da Biblioteca.

68. Então, na semana prometida, tudo fiz para resolver a carga da Secretaria e me parece que 80% ou mais está resolvido. Agora me pergunto: por que não toma o coronel decisões semelhantes em escala maior para que o problema carga se resolva integralmente? Não. Enquanto não me vir preso não descansa. Já puniu sargento, sub tenente, dois oficiais, a solução do inquérito – viatura trará outras punições – mas enquanto não me alcançar, não ficará satisfeito.

69. A Comissão de Tomada de Contas começou a funcionar. Não sei o nome de nenhum dos membros. São três oficiais de Intendência: um coronel, um tenente-coronel e um major. Iniciaram examinando a contabilidade da Tesouraria. Resultou disso uma série imensa de mapas que meu cabo datilógrafo está passando a limpo. Nem quero saber de que se trata.

70. O segundo objetivo é o Serviço de Vendas Avulsas. Para saberem como funciona e chegarem a uma conclusão de como abordar o problema, ouviram a mim e outros oficiais. Falamos claro e certo. A Comissão está quase a decidir que não encontrará o fio da meada, tal a confusão em que se baseiam as operações do serviço. Apesar de ser uma tesouraria à parte, não tinha nada da escrituração regular e os fatos se passaram quase que exclusivamente na base dos entendimentos pessoais entre o chefe do Serviço e o Diretor, Cel. Peregrino. Na base da confiança. Nesse bonde, também embarquei, porque os balancetes irregulares, que surgiram somente a partir de 1958, quando o serviço foi instalado em 1955.

71. Concluída essa parte, a Comissão entrará no setor carga. Tenho uma pasta com cerca de cem documentos que demonstram meu desejo de acertar, corrigir solucionar. Esperemos a

solução.

72.O Cel. Rômulo já entregou o inquérito-carga. Não sei de seu relatório, mas a demora da solução me prejudicou, porque saiu o Gen. Secretário e seu chefe de Gabinete, meu amigo. O novo Secretário, Gen. Floriano, decidiu me enquadrar, ao que estou informado, juntamente com todos os demais oficiais implicados. Consta que serei repreendido. Eis aí o objetivo do Cel. Brandão se cumprindo. E como a Comissão de Tomadas de Contas também vai estudar o assunto, é quase certo que serei punido duas vezes pelo mesmo motivo. É a maneira que o Cel. Hélio Brandão encontrou para premiar todo o auxílio que tenho prestado a ele em todos os momentos, em todos os assuntos, muitos dos quais veio a conhecer, entender, capacitar-se a solucionar graças a minhas informações. Estranhas maneiras encontra a gratidão para manifestar-se!

20 de setembro

73.Ontem de tarde, o Cap Secretário, muito sério, traz o boletim reservado da Secretaria do Ministério da Guerra para eu ler. Era a solução do inquérito-carga. Repreendidos o Major Fiscal, Cap. Antonio Maria, Coimbra, Ribeiro e Ten. Canela por não terem o devido zelo por bens (ou animais) da Fazenda Nacional sob os quais tenham responsabilidade direta indireta. A mim, coube a responsabilidade indireta, já que não sou o detentor da carga do material. A todos os oficiais foi também determinado desconto das importâncias correspondentes ao material desaparecido, exceto a mim por não ser detentor.

74.Como no Exército todo o pedido de reconsideração de ato ou despacho tem como solução a manutenção ou agravamento da pena, o melhor é calar e esperar a solução final de tudo. Tenho a impressão da que esse inquérito – carga pode chegar mesmo a ser anulado, pois a Comissão de Tomada de Contas tem encontrado tais absurdos na escrituração da carga que a “justiça” da solução deste inquérito há de ter sua balança estraçalhada.

11 de Outubro

75.Com a grande reviravolta política do país e conseqüente substituição do Ministro da Guerra, sai também meu chefe, o Cel. Hélio Brandão. Até ontem, não havia sido nomeado o substituto, embora muitos nomes tenham sido apontados. Consta até mesmo que um general foi ao Gabinete do Ministro indicar o Cel. Peregrino. O Chefe de Gabinete irritou-se, bateu na mesa e teria dito: -Este é o único que não pode

ser.

76. Como será o novo chefe? Eis a pergunta que me acompanha. Se não for seguida a orientação atual, o caos pode voltar. Seja como for, lá vou eu novamente ter de dar explicações e mais explicações sobre tudo.

77. O Cel. Hélio fez dois boletins, um reservado com falhas e outro ostensivo. No primeiro, que é um relato minucioso de como encontrou a Biblioteca ao assumir, o que conseguiu fazer e o que encaminhou, faz uma apreciação geral das diversas seções e do pessoal civil e militar. Aí, analisa a atuação dos oficiais, elogia uns e ataca outros, o mesmo fazendo com sargentos, cabos e civis de maior atuação. Entro no rol dos bons, com certas observações que definem nossos pontos de vista contrários(...). O boletim ostensivo é um resumo do reservado e aí também sou contemplado com um elogio individual (.....)

78. O major da CTC é de uma boa vontade e uma compreensão extremas. Abordando o problema da carga, está fazendo um grande trabalho de cooperação com todos os oficiais, tanto assim que a escrituração está toda certa e em dia. Quanto ao material, ainda há muito que resolver, pois depende sua descarga de comissões cujos pareceres não são aceitos.

79. Um exemplo banal para ilustração da delicadeza de minha posição. Um oficial pede a descarga de 3 espanadores imprestáveis pelo longo tempo de uso. Dou meu parecer de que os objetos estão realmente imprestáveis, informo o tempo de uso etc, tudo na forma do regulamento. O despacho foi: "Quero ver os espanadores." Mostrei os tocos de pau com restos de penas na ponta e, só então, consentiu em descarregá-los. Resolvi mais uma vez sofrer a humilhação calado. Já que empenhei tanto esforço na regularização de tanta coisa, gostaria de passar a função com muita coisa em dia. Além disso, há o grande inquérito que ainda não acabou e minha saída pode complicar a situação.

80. E novo inquérito foi instaurado. É o inquérito - mapas para apurar onde foram bater 44000 mapas do livro "O general Lederc, visto por seus Companheiros de Combate". Sugeri uma sindicância extremamente mal feita pelo Cap. Moraes. Foram localizados apenas cerca de 2000 mapas que, segundo consta, foram os únicos impressos já que o tradutor da obra, não gostando do papel em que estavam sendo impressos, suspendeu a impressão no Gabinete Fotocartográfico. Embora a sindicância não tenha sido concluída com precisão, o Cel. Hélio mandou fazer carga nos vencimentos do Ten. Ribeiro (hoje Capitão na reserva) tanto

das despesas relativas aos mapas ditos extraviados como dos relativos aos novos mapas, no total de Cr\$.... Enquanto isso, o livro está sendo expedido sem mapas.

81.E a coisa transformou-se em inquérito, porque o Cap. Moraes insinuou a saída de outros materiais que estariam sendo desviados e vendidos (livros ou papelão) como papel velho.

1962

17 de julho

82.O pavilhão administração do 8º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado fica numa colina, dando para a rua Cap. Cesar de Andrade, no Leblon. É uma construção recente, em contraste com as demais, onde se aloja a tropa e estão os outros setores da Unidade.No primeiro andar, fui instalado ontem de tarde, cerca das 1.600 horas,para cumprir oito dias de prisão, como resultado do inquérito.

83.O quarto é simpático, pequeno, claro, com persianas e duas janelas. Por móveis, tem apenas um guarda-roupa, uma mesinha de cabeceira e a cama. Escrevo sentado na cama, travesseiro sobre as pernas, por falta de mesa e cadeira. Ontem, ao chegar, pedi mesa e cadeira, mas parece que não há. Disseram-me que poderia escrever na Biblioteca ou no Cassino de Oficiais. Mas são 4 horas da manhã e não quero sair do quarto a essa hora.

84.Acordei-me com o barulho das janelas e portas. E perdi o sono. A situação do pavilhão sobre a colina deixa-o ao desabrigo do vento, da ventania que caiu sobre a cidade. Mas a beleza da paisagem compensa essa desvantagem. Vê-se a Gávea e o Redentor.

85.No quarto ao lado, estão os quatro oficiais que ainda servem na Biblioteca do Exército (os outros quatro também punidos não mais se encontram lá): Capitães Antonio Maria e Coimbra, Tenente Otaviano e Canela, todos com quatro dias de prisão. O Cap. Coimbra nem foi ouvido pelo Gen. Souza Aguiar, encarregado do inquérito e os tenentes, que já foram punidos no inquérito-carga, estão cumprindo pena dupla pela mesma falta.Quanto ao Cel. Peregrino, sua pena é de 12 dias, mas ainda não entrou a cumpri-la por estar de licença.

86.O Subcomandante do Grupo, um major, foi muito compreensivo e nos deu o quartel por carceragem, com inteira liberdade de movimentos. O Cmt, Ten. Cel. Canarim, manteve-se reservado, de pouca fala, mas concordou com a su-

gestão do Sub.

87. Em 1945, estive baixado, cerca de um mês, no Hospital da Academia Militar. A sensação é semelhante e até melhor: não sinto dores para me aborrecer e preocupar.

88. As janelas continuam batendo desesperadamente. Vou retomar a leitura de *Guerra e Paz*.

18 de julho

89. O dia de ontem foi um tanto exasperante, por sentir-me deslocado, entre estranhos. Hoje estou mais acostumado.

90. Pamona Politis comenta, no "Diário de Notícias" de ontem, nossa prisão, lamentando que eu não possa participar do Festival do escritor que se realiza a 23. Hoje é o "O Jornal" que faz longo comentário sobre o fato, citando nominalmente o Gen. Batista de Matos, Souza Aguiar, Denys, Segadas Viana, os coronéis Peregrino e Brandão e eu. Passo a temer alguma complicação.

91. Ontem pela manhã, como hoje, assisti à formatura do Grupo. Depois li os jornais e dei telefonemas. Dormi depois do almoço. Ruth veio com Sávio Antunes para combinarmos detalhes sobre o Festival a que não comparecerei pessoalmente, mas sim com, os padrinhos (Fayga Ostrower³ e Luiz Antonio) e os livros.

92. Ruth trouxe um travesseiro (que o outro é muito duro), espiral contra mosquito e uma cesta com maçãs. "Cesta do Chapeuzinho Vermelho" - como ela disse.

93. De noite, estiveram nos visitando os Capitães Mostrângelo e Costa Júnior, da Biblioteca.

94. Cá do meu quarto, vejo praticamente todo o aquartelamento que fica em plano mais baixo. Chamam-me a atenção uma amendoeira de folhas avermelhadas, sendo sacudida violentamente. Havia um soldado trepado nela, só de calção, uniforme que usa o pessoal da faxina. Compreendi o expediente: como as folhas iriam cair mais tarde, obrigando-o a varrer mais de uma vez o chão, resolveu antecipar sua queda.

95. Alguns telefonemas, visita de Carlos Castelo. Repórter Esso na TV e leitura para esperar o sono.

³Fayga Ostrower, gravurista e aquarelista, pintou composições abstratas e despojadas em busca da musicalidade e afirmou que a gravura é "a música de câmara das artes visuais".

19 de julho

96. Comentários de Hélio Fernandes no “Diários de Notícias” e Jayme Maurício⁴, no “Correio da Manhã” sobre nossa prisão.

97. Visitas de Gilberto Chateaubriand pela manhã, Danúbio de tarde (com doces mandados por Myriam) e Cap Costa Júnior de noite.

98. Grandes progressos na leitura de *Guerra e Paz*.

20 de julho

99. Chuva.

100. Visita de Roberto Burle Max⁵ pela manhã. -É seu pai? - pergunta um major que se encontrava na sala de visitas.

101. Os quatro companheiros de prisão já venceram os quatro dias e partiram. Agora começam meus quatro dias de solidão.

102. Um dos capitães do Grupo, que foi meu aluno na Escola Preparatória de Porto Alegre, pediu-me para ajudar na letra de uma canção para a I Bateria. Está sendo ensaiada pelos soldados. Letra em parceria com o Ten. Virgílio.

21 - sábado

102. Quartel vazio.

103. Visitas de Helena Farat, Mario Hugo, meu vizinho Jair e Osório Nunes, todos de tarde e quase simultaneamente.

104. Meu artigo sobre Faulkner no “Correio da Manhã”.

22- domingo

105. Quartel mais vazio ainda.

106. Visitas de Ruth (com maçãs e número de “Brazil Herald” com um artigo de Louisa Frost Turley sobre mim), Paulo Renato Rocha Santos e Edilberto Coutinho.

107. Jayme Maurício e Maria Cláudia, no “Correio da Manhã” noticiaram o coquetel de Villa Rica para o dia 26, 5ª feira, quando autografarei os livros que forem vendidos no Festival - já que estou impedido de ir.

108. Uma visita noturna: Cap. Abdon Vaz Tôres e senhora.

⁴ Jayme Maurício, crítico de artes Plásticas que atuou na imprensa brasileira como jornalista.

⁵ Roberto Burle Max, paisagista e pintor, renovador da jardinagem brasileira por valorizar a flora tropical.

Trouxeram um *Conde de Monte Cristo*, edição para crianças, com dedicatória impublicável e um pedaço de bolo de chocolate. Comi uma fatia no cassino de oficiais e disse ao soldado carcereiro para comer outro e dar a mais dois soldados dos que lá estavam. E subi. Logo depois, chega o soldado meio assustado: havia uma chave de parafuso dentro do bolo.

23 - 2ª feira

109. Nenhuma visita.

110. Progridi em minha novela *Ilha do Desterro* em que trabalho desde 6ª feira, agora que ganhei uma mesa e uma cadeira que o Ten. Camargo, por sua conta, mandou pôr em meu quarto.

111. De noite, pela televisão, assisto ao Festival do escritor. Meu "stand" é focalizado rapidamente. Vejo Ruth, Fayga Ostrower e Luiz Antônio, meus padrinhos.

ANOTAÇÕES DE VIAGENS

ANOTAÇÕES ESQUEMÁTICAS DE VIAGENS¹

VIAGENS - 1975 - PARIS, NICE, AMSTERDAM, MARROCOS :

1. Dia 24 - 4ª feira - setembro - Saída de S. Paulo

Dia 25 - 5ª feira- chegada 10:00 h Charles de Gaulle

Henriqueta - Tristan

Jacqueline (galeria)

Dominique (filha), François (filho)

Noite - Marcel (médico) e sa femme

Restaurant Monsieur Boef

Michael Gilson (Herald Tribune)

2. Dia 26 - 6ª feira

Mário Pedrosa²

Welman (fotos dechiées)

Gerard Voisin (escultor) 68 r. Q

Mário Menza (escultor chileno)

Gilberto Cavalcanti (de tarde)

(passeio com ele) - dois negros lindos

“Joe Allen” encontro J.P. + M.L.+ femme C.

Distúrbios Champs Elysées contra Franco (madrugada)

3. Dia 27 - sábado

Gilb. Cav. Blvd S. Michel, S. Germain ,S Raspail -

Montparnasse de Noite- Alan Macaire (de C.) Ricky (preto brasileiro, manequim, som)

4. Dia 28 - domingo

Tarcísio

Olivier Gerard (cineasta)

Bilweis (Bilu), F. - tarde e noite em Chantilly - ganho uma serigrafia

5. Dia 29 - 2ª feira

T. (pai das crianças)

Claude Pars (colagens)

Cartas e cartões para o Brasil

Noite { - La Grande Partouse

{- papo político com D.

6. Dia 30 - 3ª feira

Bilweis

Telefonar : Shiró³ - Cotrin

Jantar no apartamento de Cl.

Bourg (o níver do pintor e poeta Cheval Bertrand)

F. (sócio de C. e amante e Cl.) - filhos dela D.

(o belo) e L. (o menor) - discussão política

²-Referência ao crítico e teórico da Arte Moderna carioca, amigo de Trotski e grande divulgador de suas idéias no Brasil.

³-Flávio Shiró, pintor expressionista brasileiro, que se impôs em Paris.

7. Outubro , 1º- 4ª feira
Compras no Marroprise com C.
Visitas de Corneille, Bilu, Françoise
Ida à Varig
Macréau (rapidamente na galeria)
Flavio Shiró -affaire K.
Cotrin - Hotel Raphael com P., C., T., Cl., jantar, bares , la Bluebelle.

8. Outubro, 2 - 5ª feira
Saint Dēnis : atelier de Claude Boujon - série de Comedores de Tinta (me deu um) - quadro comedores de ossos
Tristan ia começar a comer o quadro
Jantar C. B e sua mulher S. no ap, (F1.100) de Boulogne, banlieu - a pop. americana no trabalho de Arnaud . Sua mulher J.: creme de leite, queijos, ervas, galinha ensopada com arroz - queijos e vinho.

9. Outubro, 3 - 6ª feira
Passeio, cartões, pulôver - Le Corbusier, fechando o museu.
Cartazes de Baden Powel⁴ no Bolino - no bar o mímico que vai à A. Sul - um calvado pago e uma flor amarela.
Noite com Cotrin - Le Droit de plus Fort - Cafê de Flore - Odeon, o argelino e a cerveja que P. pagou.

10. Outubro ,4 - sábado
Tarde Bienal de Paris - decepção em três museus : Arte Mast da Cidade, Nacional de AM e Galliera (ver catálogo)
Noite : jantar em La Campole: Ceres, Cotrin , Cláudio, Luis Padoivan, Benito Mussolini. Encontro com o americano F. no La Rotonde. Happy end .

11. Outubro, 5 - domingo
Montagem da expô Billweis.
Almoço com C., B. , F
Chegam: F. e Cl.
1 caixa whisky - 74 dólares - chega o brasileiro Roland Cabot (papo sobre o Gal. Artes Gráficas) visita o atelier em Montparnasse. Cafe Select : conhecimento com o crítico Mondher ben Milad, diretor de *Les Cahiers de la Peinture*, encontro com J. C. O.
Jantar em casa do crítico que preparou a macarronada . (Les Cahiers - 162, Bd Du Montparnasse).

12. Outubro, 6 - 2ª feira
Espero Bilu (antes escrevo sobre Bienal de SP para Les Cahiers de La Peinture) (entregue a Cabot para traduzir).
Muita gente - Cotrin, Cláudio, Cabot, Shiró.
Conhecimento com Grotkop , marroquino Benkemoim Ivankovitch

⁴ Baden Powel, violonista brasileiro que fez sucesso como instrumentista na Europa.

13. Outubro, 7 - 3ª feira

Saída de Paris com P. Cotrin e Cláudio

Fiat 132 - verde oliva - placa de Roma

Almoço : Palais du Miel Montargis

Roanne : Hotel Central , jantar no Les Frères Troisgros

14. Outubro, 8 - 4ª feira

rádio de pilha - 50 F

Lyon - a dificuldade de encontrar o restaurante Paul Bacuse em Collange on Mont d'Or

Nienne par ver restaurante Pyramide

Chegada a Avignon - Hotel le Mars (F30)

15. Outubro, 9 - 5ª feira

Avignon - Expô Picasso no Palácio dos Papas

Partida para Arles - Arena , teatro grego.

Bause en Provence - almoço St. Tropez - Hotel La Mediterranée (F40) (o garçon negro)

16. Outubro, 10 - 6ª feira

St Tropez - manhã - camiseta F45, bolsa Al'Bertone F25

Praia de Tahiti - seios de fora, incidente com Cl. e sua máquina fotográfica.

Partida pela Côte d'Azur, chegada a Cannes, deslumbrante almoço com M. (tortura)

Partida para Nice, chegada no fim da tarde, Hotel Suisse (F108 os 3). Ida à Gare, visita a V., amiga de P. - Jean -Yves - Jantar no " Scampi"

17. Outubro, 11 - sábado

Ida a St Paul - fundação Maeght - Vance (enterro - capela Matisse fechada).

Passeio pela cidade - compra da passagem aérea para Paris (388 F)

Almoço com V. e marido chez-eux. Aeroporto , revista, embarque 17.15 chegada 18.30 .

Frio, sem táxi, caminhada, chegada no apartamento de C. - E., espanhol de Ibiza Inos e marchand - JOSEF BARTRION LEVITAN ST TEL -AVIV)

Inos traz a revista *Galerie Jardin des Arts* com minha apresentação

18. Outubro, 12 - domingo

Grande feijoada.

Inos Carradin e o marchand Josef. Cabot e sua mulher, da Bahia. Restany, Corneille⁵, Ivankovitch, Shiró, de Aquino, Bilu e a mulher, o marroquino Ben Grotkop etc, etc, etc .

⁵-Referência ao crítico de arte francês, Pierre Restany e ao pintor Corneille pertencente ao grupo COBRA-iniciais das cidades de Copenhague, Bruxelas e Amsterdan-que traduziam em seus quadros um expressionismo épico do pós-guerra.

19. Outubro, 13 - 2ª feira

Bastante frio.

Vieram de tarde Benkemoun para mostrar seu desenho, mais um desenhista e um cineasta (Tobias Engel)

Conseguimos sair pelas 6 e voltamos para jantar. Saímos novamente, agora com Alain Nacaire pela rue St Denis. - Conversa sobre política

Telefonema de Cícero Dias para encontro com Clóvis Graciano

20. Outubro, 14 - 3ª feira

Manhã : vem Oswaldo Marcy, artista brasileiro que mora em Londres (15, Kingdon Road, NW 6), depois Gilberto Cavalcanti. Encontro casual com d'Aquino (telefonema ao Brasil por 40 centimos).

Tarde : Clóvis Graciano não foi à Embaixada.

Noite : para a expô do Inos com Ricky (preto brasileiro), Ceres e Eduardo (o artista espanhol). Graciano não foi. Shiró, Marisa Prado (entrega dos livros), d'Aquino, H. (a judia que esteve em SP no meu apartamento e saiu com R). Luiz Carraro (encarregado da galeria), Fernando Fontoura (adido cultural). Bilweis com esposa, Benkemoun, o marroquino, Ivankovirch, mulher e filho, a fotógrafa.

21. Outubro, 15 - 4ª feira

Manhã passeio com Inos que dormiu na Ceres

Almoço desastrado em Montmartre com o marroquino bêbado - discussão com a mulher - bistrot L' Assomnoir a Monmartre - o charuto : " se você já tem um entre as pernas, por que fumar outro".

Papo com d'Aquino -Gal. Daniel Templan : Shields Alan (American) : a crítica e os artistas, no Brasil: o apadrinhamento : a cumplicidade : a acomodação dentro de um estilo, o medo de mudança: o artista se aburguesa (Mahe) JENS JENSEN (desenho e pintura - Alemanha)

BIDAINE 22:00 h Sol de Sepastopol Daniel Barrère

Atelier Bernard Gerard Vousen (escultura em madeira , atelier por 100.000 F)

(d' Artagnan)

Noite - Eduardo Mira , Roberto Otero (genro de Raphael Alberti) - Peça de Arrabal - *Sur le fil* - a bomba - continuação : Montmartre, ao lado de Moulin Rouge, *Cyrano* : piada dos três pais : padre, progenitor, papai - alguma vantagem para o filho da puta.

O papagaio que canta a Marselhesa : em frente à O. de Boeuf.

Livro de Corneille

Journal de la Tour

Diário de la Torre (la nuova foglio editore)

"A la mémoire d'Imre Pour mon auvi, qui disait:

“L’art n’est pas fait pour décorer la vie, comme les vagues et leurs crêtes ne sont pas la pour décore la mer.”

67 Pranchas desenhadas ou pintadas , textos

“Ce que je dessine, je me l’écris pas, mais ce que j’écris, j’aimais le dessiner”

“Parfois, je tiens des conversations avec moi- même.

Jè dis “aujourd’hui la lumière est ronde.”

Je reponds “ bien sûr, la lumière vient de la fenêtre la- brant que est ronde, donc modelée par elle.”

Je ni entends retorguer “ mais non dehors aussi la lumière est ronde” n’est pas simplement une image du bonheur qui, comme chacun le sait, est rond.

Tant de fleurs, mille et
mille soleils, torrents de
tournesals, immense coulée
de miel solaire entre les
seins des vertes collins.

Jaune

Jaune

Jaune Van Gogh

couleur que lui seul a su
magnifier de la sorte.

Alguns preços (para o valor aproximado em cruzeiros, dobrar o valor)

gasolina : comum - 1,69 / super - 1,83

telefonema : cabine - 0,40

bares, varia - 0,80 p/+

cafezinho, varia - 0,80 p/ +

pão grande - 1,35

litro leite - 1,60

metrô - avulsa - 1,50

talão de 10 - 9,00

cigarros (em torno de) - 3,00

laranjas (2 kg, F 8,00, 12 lar.) 0,66 = CR\$ 1,58 com uma

Café de Flore : 1 café, 1 suco de laranja, 1 calvado F29.

22. Outubro, 16 - 5ª feira

Manhã - telefonema de Ruth, em Genebra - escreveu, a carta voltou - remessa US\$ 300,00 pelo Banco of America (lá foi, ainda não chegou.

Tarde - desenhos de d’Aquino, papo com ele, compra de botinhas (F45) telefonema para Clóvis Graciano - conhecimento com Emile Marzé (Secretário Geral da Biennale Internationale d’Art - Palais de l’Europe - 06 500, Menton)

Propor a vinda de filmes experimentais brasileiros: assunto

a tratar com Fernando Fontoura .

Noite - saída com Ivankovich: La Hume, Cafe de Flore, Cafe Select: sua exposição no Brasil, planejamento prévio, mais alertas sobre as diferenças de mercado, a comparação do salário mínimo e dos preços.

De madrugada chega C. com W. (brasileiro de Minas, casou morou em Chapecó, conheceu o diplomata em Brasília, a mulher morreu, trabalha como motorista e mordono do diplomata (manda dinheiro para o filho que mora com a avó), simples simplório, drama de Senhor, a conversa sobre a sauna..

23. Outubro, 17 - 6ª feira

10:30 saída para Amsterdam (83.956)

Toca-fita - canta L. (mulher do Sepp) com interferências de latidos de Tristan - Ney Mato Grosso - Chico,

Às 12h, paramos num engarrafamento, 3 caminhões batidos , 1 virado, depois de ½ hora e espera, todos começaram a sair pelo canteiro gramado da auto-estrada. Desce um helicóptero.

Às 14h, chegamos à fronteira com a Bélgica - nenhuma revista , nada

almoço aí - prosseguimos - nem notamos a entrada na Holanda: nem polícia, nem nada.

Amsterdam, às 18 horas (499)

8 4455

Keisershof Hotel (19 florins) na Keisergracht, 630.

De noite, um pequeno passeio, troca de dólares na Central Station, jantar num restaurante indonésio (17 pratinhos diferentes) - cama - antes compro 3 posters e um chaveirinho imoral.

24. Outubro, 18 - sábado

Manhã - compra de um gravador Philips por 199 florins x 3,33 = 662,67.

Vem um casal de pintores - pintam a quatro mãos - visita a um colecionador (vodka) - ida à feira da pulga onde C. compra tapetes e roupas. 2 adagas a fl - 2,00. Volta pela cidade, almoço, volta à feira, sempre com o casal - compro 5 livrinhos (f28) e duas pulseiras (12,00) volto ao hotel onde chegam mais tarde C. com os dois . (masturbação)

Noite - drinques no café REYNDERS, LEINSPLEIN - o ambiente e os rapazes dos quadros holandeses, todos cabe-ludos e louros - o garçon CORNELIUS lembra o César da Metrópole, comparação com o L.

Jantar num restaurante italiano, desentendimento com o pintor " a quatro mãos" que invocou com a minha maneira de comer o spaghetti al vampoli. O preto Luis, de (Guiana Holandesa).

Ida ao Clube dos Artistas : ambiente enfumaçado e decadente.

25. Outubro,19 - domingo

Manhã - passeio de barco pelos canais: casas ricas, mais enfeitadas; mais ricas com dupla escadaria na entrada. 2000 barcos -residências, uma tem 500 gatos - 80 km de canais, 12000 pontes - 800 000 habitantes.

C. vai visitar Lucebert com a marchand dele aqui. Vou ver museus : o de Arte Moderna, onde almoço (exp. de Martin Ron , modulação geométrica em tons de cinza) - O Museu Van Gogh, moderno, excelente - O Museu Nacional, RIJKS MUSEUM , e o suspense para se chegar à sala onde está Rembrandt : a sala com croquis e fotos do estrago da tela. A grande sala com o quadro deitado, como uma pessoa a ser operada. Volta ao Hotel, carta a Luiza nos cartões de Amsterdam.

Chega Roberto Otero (escritor e jornalista argentino, genro de Alberti, escreveu livro sobre Picasso - saiu uma edição pirata no Brasil) - Descemos para um drinque, encontramos L.

A alegria de me ver, fala em Eneida e Renard Perez⁶ quando nos encontramos em Belém do Pará em 1958. Conta que veio a Amsterdam por conta dos donos do hotel que não a viam havia mais de 1 ano. Escreveram a Belém, souberam seu endereço e lhe mandaram f 100, 00 para (20 outubro- 2ª feira) que ela viesse.

Donos do hotel : Peter de Vries e Mary

Hotel Keizershof , Keizergracht 630 - Amsterdam - C,

Noite : chega C. e saímos com O. para jantar num restaurante espanhol, Ibéria, paella, cujo dono é primo de um magistrado espanhol que vai abandonar tudo na Espanha para ser garçon desse restaurante.

Depois a ronda dos bares. Incógnito (a procura de W. e a mesma resposta de 1970 e saiu há dois anos), Kosmos e o último com a televisão na rua para se ver o que se passa dentro.

A conversa com o porteiro : trabalho até 3 horas, depois faço de tudo. Lembrar Hotel Phoenix - D.

26. Outubro,20 - 2ª feira

Partida para Roterdam pelas 11 horas com o carro cheio de coisas, inclusive a expô Lucebert. Na chegada, ida até o atelier de Louis - Dune. O grande painel de 8. 50 X 2. 60 (sol se perde, as paredes de tijolos). O delírio de compras de C.

O holandês chama o dinheiro de GULDEN e escreve na frente f. (de florin).

Compro várias miudezas , uma blusa para Luiza, 3 camisas

⁶ Referência à cronista e jornalista Eneida e ao ficcionista, crítico literário e jornalista, Renard Perez.

por f.28 (cerca de Cr\$ 30,00 cada uma), fumo para André. Depois, a vinda para a casa de L. - A. E logo de cara o encontro com o livro de Jorge Amado - Gabriela. Passie en Politiek - Roman over Brasilié - Uitgeveny Pegasus, Amsterdam 1962.

Endereço do casal: Louis - Anne Looyshelder
Resid - Burg. Gründemannstr 2 Berkel en Rodenrys
Studio : Crooswÿhsestr . 120
Rotterdam.

C. não resiste, põe o vestido novo para o jantar. Música de Mäller. Durmo no sofá da sala, sobre peles de vaca (não me deixe só, quero dormir com as vacas)

(o papo com Ce. e O. no domingo à noite Ibraim Sued : como gastar 20 000 dólares em 20 dias. De raiva de Ce. O. : a falta de amigos de Sued. Eu : em um mês não consegui gastar 1000 porque sou convidado, etc.)

27. Outubro,21 - 3ª feira

Manhã : feira da pulga em A'dam, Ceres continua com o delírio aquisitivo e compra mais tapetes

Saímos à 12.45 - viagem calma, nenhum problema de fronteira ; a C. com medo dos tapetes e da expô Lucebert que trazia.

Desenvolvimento da idéia do I Salão de Galerias de Arte em SP.

Chegada a Paris às 18 h.

O fotógrafo brasileiro que já foi da Manchete (Alécio de Andrade) chega com o cachorro (João Batista) filho de Tristan, a perna quebrada. No rádio e na TV , a morte de Franco não confirmada. Chega Ivankovich e Tristan se evade. A procura. A volta com um grande osso. Descemos todos. O encontro da mãe dos cachorros (a mãe e outro são do vizinho : Diana - conversa dos cães)

Jantar no apto. de Ivankovich com sua mulher e um casal de artistas (Angele - Pierre Amcikous - Kossa Bokchar). Primeiro a visita ao atelier e a visão dos quadros : nova figuração, guarda-chuvas; a dominante azul ou verde. A comida iugoslava : meio abacate, meio ovo, molho com mostarda: o prato principal.

A conversa de Ivankovich chamando Van Gogh (seu irmão Theo) e mesmo Gauguin de burgueses. O dinheiro para vir a Paris expor, nada vendido, ida e volta a Tahiti, nova exposição, nada vendido, ida e volta a Tahiti, tintas, telas.

28. Outubro,22 - 4ª feira

Almoço com I. em Montmartre

Apartamento mobiliado , 2 apartamentos, 2 salas, etc., F. 1 200

papo sobre José Paulo Domingos e a Collectio - Jaime Maurício (o escorpião e a rã, etc)

O gato imaginário e a cesta que I. comprou em St Germain de Prés. Nomes de seu gato: Vasco da Gama, Orfée, Teodoro, Isidoro, Macunaíma (Macunaimá) Gatô - mãe persa, pai desconhecido (mãe solteira)

Noite : visita de Inos com as revistas e o marchand.

Papo com Ceres sobre a preguiça de recomeçar tudo, o pretexto de minha presença para reiniciar o trabalho, tendo em quem pôr a culpa.

29. Outubro, 23 - 5ª feira

Manhã - saída com Tristan, compras de encomendas (despertador com galinha)

Tarde - o drama para mandar livros e catálogos. 1º) Poste rue St Denis, não aceitam porque pesa + de 2 Kg. 2º) Vou a outro lugar, rue Quincampoix , não aceitam porque pesa menos que 5 Kg 3º) Indicam o correio central, rue du Louvre, não aceitam porque tem catálogos (?) 4º) indicam rue Etienne Marcel, 43 . Aí consigo por F7,00.

16.30 - Vou ao apartamento de Moudher Ben Milad - mostra-me a revista - ajudo a envelopar. Meu artigo saiu na 1ª página com o título *Les devoirs de la Biennale de São Paulo*. O tradutor (Roland Cabot) e /ou a própria revista mudaram coisas: quando escrevo que “ a direção da Bienal optou pelos convites a nomes consagrados, a pouco mais de um mês da abertura.” Saiu assim o “ la direction de la biennale procède à de nouvelles éliminations, um mois avant l’averture.”

O que muda completamente o sentido da frase (apêndice com os 2 textos ?)

18.00 - encontro com Cl. Gr. num moderno apartamento 1301 do nº 13 da rue Linois. A decoração.

-Qual é exatamente seu cargo?

Não existe, Delfim Neto o trouxe como Ataché Cultural mas Lyra Tavares havia acabado com o cargo e criado

-Departamento da Cultura que já tem num chefe como Conselheiro (F. F.) : a dualidade de chefia. Delfim vai nomeá-lo como assistente direto, junto a seu gabinete no Quai d’Orsay. Mostra 4 quadros e 3 óleos . Não vende os quadros, servem de estudo para óleos. Manda-me escolher um. Os óleos não vendidos ao livreiro Irineu Angulo .

O chassis francês não engana. A tinta Rembrandt é melhor . Co. tem a exclusividade para o Brasil, compra a granel e enche os tubos lá. Então acontece a milagrosa modificação. Sobre Collectio e José Paulo Domingos: conheceu em Veneza, 1950 , um Portinari. Era da polícia , perseguidor de ladrões de quadros. Estará vivo?

Reunião em casa de N., com Jânio Quadros e Afonso Arinos de Melo Franco. L. morava num quarto de N.

Sobre Bardi . O elogio

Sobre D. G. : as relações perigosas a um japonzinho.

As saudades de sua praia em Barra do Saí. Pretende ir em dezembro, voltar a Paris, ficar + 1 ano, depois morar na Barra e montar um Centro de Estudos para os Caiçaras.

Exposição de Diego de Rivera⁷. Um colega de seu filho arquiteto disse que conhecia alguém em Itajubá que tinha os trabalhos. Eram da mãe e da filha guardava em caixotes.

A Galeria Atrim e os quadros de Guinard

30. Outubro, 24 - 6ª feira

Manhã, chegada de François - alegria de Tristan.

Cartão de Cotrim do Harry's Bar de Balé em Milão

Veneza - lembrança da história do velho inglês, em 1965 -

M. e seu chauffer - mordomo, etc - (M.)

Compra da camisa F90,00

Plínio manda recortes sobre a Bienal de S. Paulo.

Encontro com Benkemoun no Café de Flore para entregar currículo e fotos.

Jantar na C. : Q. C. e H., F. e pai, A. A. e namorada francesa, pintor português de belos olhos azuis (Renato Cruz) mais: uma reunião sem grande interesse. Deixei a festa e vim dormir.

Desde 3ª feira só se fala na França - sua morte - rádio e televisão também.

Inos telefona, vai para Barcelona, volta 4ª feira.

31. Outubro, 25 - sábado

Um mês viajando. US 1.000 , contando muitos presentes, viagem de avião Nice-Paris, hotéis e restaurantes, enfim, sem deixar de fazer o que quis, Ibrahim Sued não tem razão.

Tarde , cinema *Oh América* na rue de la Harpe, Quartier Latin. Documentário muito louco, nudismo nas "aulas" de expressão corporal e descompressão mental, e na "aula" de exorcismo.

Noite, jantar com G. e J., que estiveram no Brasil com C. Na eletrola, Maria Alcina, Betânia, Chico, Paulinho da Viola - Pela primeira vez, saudades do Brasil.

Ganhei um carneirinho de pêlo do próprio (para a grande ovelha)

32. Outubro, 26 - domingo

Almoço chez C.: I.- R

A. - L.

F. à la guitare

Carta para Chai.

Michel Gerad (escultor)

Noite : I., C., G. e eu no cinema Hauteville , o filme de J.

L. Godard "Número 2"

Duas projeções na mesma tela, com a forma de dois vídeos de tamanho variável , às vezes assumindo, uma delas, todo o élan.

⁷Referência ao pintor e muralista mexicano.

33. Outubro, 27 - 2ª feira

Visita ao atelier de Michel Plaiser : uma pintura muito bem feita, uns quase hiperrealismo, outras vezes quase surrealista, outras ainda cinética, sempre decorativa , como ilustração, e sempre irritante.

Compras no Bon Marché.

Noite : com R. C. no atelier de Corneille para apanhar molduras para a expô Lucebert. Depois, entrevista e gravação de 1 hora. Compro seis litos a F 2.000 Inos me dá uma. Cerca de Cr\$ 800,00 com uma : 4.800,00 máximo 1000,00 6.000,00

melhor 1200,00 7.200,00 (Endereço: 143, rue de Glingnancourt, 18º)

O caradurismo de F. T. que foi direto ao editor do Pinocchio, na Itália, que não foram pintados por Corneille (que só pintou 6 séries)

34. Outubro, 28 - 3ª feira

Pela manhã , a procura do abridor quebrado.

Na rue Rambutean , passa F. : a torrente da Lembrança office dea Acherne HLM (hab. a lower Modeios) Jenis 5ª

Sg La Reimi

Ida ao Hall d' Information di Centro Pompidou - folhetos com Bidaine

Champs Elysées , sozinho, o filme com Victtorio Gassmann, cine Concorde, *Profumo di Donna* (destacar a cena dele e da freira e a farsa do braço para fazer pipi)

Conhecimento de Daniel Milhaud (serigrafias)

24, rue Sainte Croix de la Breton - neriè , IV - 277.9284

272.0718

C. grita da rua que tem uma mulher caída na rua e que quer trazê-la para casa. Desço é um manequim. Subo com ele (ou ela) nu (ou nua) pela escada - depois C. a veste.

O nome será Margarida.

R. chegou e telefonou.

Na TV, um grande debate sobre o tema *A Espanha com e sem Franco*. Um grupo de espanhóis refugiados em Paris - outro grupo espanhol diretamente de Madrid, delatores, espanhóis. Uma verdadeira revisão histórica.

35. Outubro, 29 - 4ª feira

Saída com R. , ida ao Bank of América, soube dos US 300,00 que ela "mandou mandar" em meu nome

Embaixada do Brasil : o adido cultural ,muito simpático , F. F., topa a idéia dos filmes experimentais para a Bienal de Menton . Fala sobre a programação da Galeria, a ABCA indicar dois pintores por semestre. Sugiro desenhenistas e gravadores.

Ida a Air France para marcar a passagem para Casablanca em 5 Nov. R. talvez vá.

Compro a faca elétrica F69 e os castiçais para presentear C., F. 144.

não saímos, levo R. ao Metrô lá pelas 22.30 min.

36. Outubro, 30 - 5ª feira

Manhã, passeio pelas ruas Dauphine e de Seine.

Tarde, toda perdida com o problema das passagens. R. embarca a 6 para Gênêve, de lá a Casablanca, a 29 para Dakar e 2 ! para o Rio. Eu, a 5 para Casá, a 19 para Dakar e a 22 para S. Paulo. Não conseguimos juntar os vôos porque a Swissair é cheia de frescuras.

Noite, jantar no apartamento branco de G., mulher de Gaitis. Um grande cozido, sem pirão. Um jornalista grego que fala sem parar, querendo sempre ter razão. O pintor Hugh Weiss e sua mulher. Os pratos pintados por Gaitis. Ida a uma festa do argentino - decorador que fez a decoração de uma casa de Pierre Cardin: Dimitri

Pela madrugada, encontro com M. G., sua namorada da Austrália - G., e um cachorrão enorme que ficou trancado no carro.

37. Outubro, 31- 6ª feira

Passeio com R. ao longo da rue de Rivoli - numa butique sob as arcadas, numa vitrina cheia de pierrots preto e branco, de diversos tamanhos. "Clé des Champs" - Lembrança de Eneida.

19:00 h chega Inos. Mostrei os recortes sobre prisões no Brasil. Billweis remonta a exposição. Sobe C. com um poeta iugoslavo. Sobem B. e mulher. Chega Ivankovich.

Jantar em casa do pintor iugoslavo Pierre Omcikons que prepara calamares nas brasas da lareira. Quadros enormes focalizando o movimento estudantil de 1968, em Paris. Tons sombrios, grande força.

fita gravada com Ivankovich e os outros.

38. Novembro, 1º - sábado

Dia pobre de acontecimentos. Durante o café da manhã, lembro - me de Antonio Bandeira⁸ que está enterrado aqui (Amanhã é Dia de Finados). Durante o " Toussaints", quase tudo fechado, um grande silêncio na rue Quincampoix. R. chega depois do almoço com mais roupas usadas para mandar ao Brasil. Saímos, compro uma calça e uma camisa (F 59 cada qual) e volto. Ajudo na montagem da expô Lucebert.

39. Novembro, 2 - domingo

13:00h - anúncio do assassinato de Pasolini

Chega R., visita as exposições de André Villon e X séculos de arte Tcheco e Slováquia .

⁸ Referência ao pintor expressionista que marcou fortemente esta tendência no Brasil.

Em casa, televisão, “só interessa a morte dos outros” - história do crisântemo que veio da China (ou Índia?) e quer dizer flor da amizade.

A espera dos convidados para jantar : príncipe Charles , depois o casal (um poeta peruano e sua mulher suíça), P., marido de D.

Mais tarde, L., a mulher e a dona da Galeria.

A gravação com C.

40. Novembro, 3 - 2ª feira

Manhã : telefonema de M. , convite para almoço.

13.20 : com M., J., E., R. Quadros de Picasso, Dufy, Paisagens de UTRILLO

16.00 : apartamento de A. B., whisky, deixa o filho, depois o marido, ministro R., auxiliar do Embaixador Delfim Neto.

Com o filho no terraço, lembranças de Sansão

Mais tarde, completamente embriagado, na galeria. Pago os 2000 ao Corneille.

(não fiz a entrevista com Lucebert)

41. Novembro, 4 - 3ª feira

De manhã : Marceau : ataque alcoólico como meu pai : o corpo quando ele ficou só e R. e eu fomos visitá-lo.

Tarde : compras de papel de parede transparente.

Noite : cinema *Tommy* , filme surrealista alucinado.

Papo com vizinho e amigo que pretende ir ao Brasil. Revisão de cinema até alta madrugada.

42. Novembro, 5 - 4ª feira

Manhã, chega R. , visto-me às pressas para ir ao Bank of America. Os \$ 300,00 vieram em nome de Harry Louis. Confusão, carteira militar, tudo resolvido.

Tarde, malas, ida a Orly onde fiquei só de 4:30 às 7:00 horas. O avião aterrizou 1:30. Boeing 737. Praticamente lotado. Nada a vender porque há greve do pessoal de terra da Air France. Uma comidinha besta como jantar. Ofereceram refrigerantes e cerveja.

Noite: Rabah pelas 9 e pouco, o avião fica quase vazio., mais vinte minutos e Casablanca (ninguém subiu por isso)

Em Casablanca, numa primeira revista da bagagem de mão. Depois a confusão porque declarei ser jornalista. Outra revista da bagagem de mão. Nova revista da bagagem despachada. O guarda quer taxar minha ovelha. Interferência de T. De carro com ele e F. (carro: Pontic com estofamento branco). A cidade vazia, pelas 10:30 da noite: É a “marcha verde”, pacífica, de 350.000 marroquinos em direção ao Sahara Espanhol, reivindicando o território. - Hotel Cernay lotado, apesar da carta que só chegou hoje pela manhã

Hotel Washington: quando vou sair do quarto, sem fechadura. (o caso de Assunción) - Saio com T. e F. : um frango

assado, pão e vinho

Telefonema a C. - Marrakech lotada de políticos e jornalistas. Perigo de guerra com a Argélia. Que fazer?

43. Novembro, 6 - 5ª feira

Casablanca moderna, não demonstrando ter 1.500.000 anos. Primeira visão matinal da janela do Hotel: uma mulher de longa bata preta, véu verde no rosto, um pão francês numa mão e um balde vazio na outra. Visão carnavalesca. Os homens se vestem à maneira ocidental, normal.

R. chega às 12.15. T. e eu vamos recebê-la. Almoço em casa de Chai. "leitura" da carta de C. A pintura dela, agressiva, liberta, espontânea.

Visita ao apartamento de F. Peças belíssimas de arte marroquina. Seu trabalho: folha de cobre, liso ou amassado e colado sobre a madeira para integração com a arquitetura. jantar com Chai. , vê minha sorte (mal) "um senhor me protege, terei muito dinheiro, viajarei com tudo pago, etc." Pela televisão, a marcha verde. Realmente um espetáculo maravilhoso, grandioso, imponente, etc. O povo beija a terra de Sahara e passa pelos braços.

44. Novembro, 7 - 6ª feira

Manhã : visita pela cidade, a pé e de táxi, volta pelos bairros pobres e bazares (presença de cobre)

Ida a Swissair e Air France por troca de avião

Almoço com F. : R., Chai. , T. e uma moça suíça. A presença do Dr. Sijelmani, autor do livro sobre a pintura marroquina.

Tarde, passeio de carro com T., ida ao "hipódromo" de cachorros ver programa. Os homens percorrendo a pista com 2 ou 3 cachorros levriers em cada mão.

Ida ao atelier de Tallal: novos quadros, bem melhores, poucas cores (azul, vermelho, branco, ou verde, vermelho, branco) sempre figurativo, belos rostos, formas superpostas da posição de um mesmo corpo. Composição audaciosa, estudo do plano de viagem, compra de um mapa de Marrocos.

Noite : drinque na casa (maravilhosa) de Sijelmani - caligrafias, outros quadros de pintores de seu livro.

Restaurante popular : frutos do mar e peixes. O jornal com a mancha verde.

(de tarde, ao lavar as meias e enxugá-las na toalha, lembranças de Mário Faustino)

45. Novembro, 8 - sábado - Casablanca

Manhã : pagamento do Hotel Washington 135,55X (2 diárias R. e três minhas, mais telefonemas) - compra de rosas para Chai. : 10 DH, as 20 rosas - ida à casa dela, gravação das cartas de baralho para Ceres : não pode ir pelo correio porque depende de autorização, deveriam ouvir a fita, etc.

12:40 : partida de trem para Fès. O trem pára muito. Uma moça suíça, filha de diplomata, explica a situação de M., como ditadura. Entram mais dois rapazes na cabine de Ce. Em Rabat descem os três e o rapaz esquece o pulôver. Entram mais pessoas. Uma moça finge sentir-se mal “ para pegar o lugar?” - Um deles bate papo com R. e chegamos a Fès lá pelas 19 horas. (6 horas de trem, cultura de laranjas, olivas, eucaliptos, algodão, alcachofra, uva).

Noite , jantamos no hotel, sair com um guia que diz se chamar “Darling” Bar mais ou menos gay que ele diz: não saber o que dizer, outro bar, encontro marcado para 9:00 h da manhã . (que não vou).

46. Novembro, 9 - domingo - Fès (x 2.5)

Manhã , visita à Medina com um guia que, como todo mundo , se chama Mahomed.

Compra de um chinelo(20DH); dois tapetes por 50 US \$;- uma camisa bordada por 40DH;1 objeto de madeira, trabalhado à minha frente com os pés num pequeno torno que gira em um bastio, acionado manualmente. Uma argola é misteriosamente deslocada do conjunto.

As meninas bordam toalhas, os homens costuram à mão ou à máquina, os primeiros sentados no chão. Muita miséria - outra civilização , um pouco cansado de Marrocos e com vontade de voltar para casa (não confundir com Casá)

Tarde : o mesmo guia -feio, cegueta, óculos nos leva ao palácio real (portas de latão lavrado, super brilhantes) quartier judeu e antigo, quartier militar (hoje grande rua de vasto comércio) - museu de antiguidades, seção de armas - uma ridícula exposição de “arte americana” (esquimó , havaí, montanhas, etc. handcraft popular)

Na boutique do Hotel Hamagh, compra de 1 mala de couro cru: 70DH = Cr\$ 175

Discurso de Hassan II na TV (todo a ocidental) - jantar no Hotel, dormi. Até o detestável jogo dos 8 erros cheguei a fazer. Faz frio e mandamos toda a roupa de inverno de Paris para o Brasil.

47. Novembro, 10 - 2ª feira - Marrakech

Manhã - 1 DTT para pôr cartas, Banco para trocar dinheiro, Royal Air Maroc para comprar passagens a Marrakech.

Comprei 4 camisas por 100 DTT (140 : 5 = 28x25= Cr\$ 70,0 p/ uma)

hotel, 2 dias , 4 diárias completas : 282,50 avião, duas idas -

265,00

Como não se tem o que fazer, pegamos um táxi e estamos no aeroporto quase deserto (apenas alguns funcionários) desde (2:00h para sair às 13:40. Como o avião vem de outro lugar, a que horas chegará ? São 12:35 .

O avião chegou na hora certa (13:00 h) e saiu às 13:40 - no interior, o France Soir com data de Mardi, 11 (porque amanhã é feriado na França) - chegada a Marrakech às 14:30 - Caravelle da Air France.

Hotel Marrakech, um luxo, de cara uma francesa apavorada porque o “chauffer” havia roubado uma sacola com tudo que havia comprado - Telefonema a Casablanca - Swissair para saber da passagem - Negativo: a Air France negou a transferência.

Noite : eu vou só a um jantar no Palais Bal- Ksiba de Lady Windhan White (Tiná) - americana super-parecida com R. P., casada com um preto forte horrível - uma filha de uns 20 anos que mora em Sevilha e um menino de uns 4 ou 5, naturalmente filho do anterior. Outro “ casal”, uma francesa horrorosa que fez a comida e o rapaz marroquino jovem que dirige o carro, etc.

O palácio tem uma galeria de arte, para promover arte local (ela cobra 10%) e uma linda piscina.

48. Novembro, 11 - 3ª feira - Marrakech - Casablanca
Manhã - ida à Royal Air Maroc para ver os vôos. Passeio de chaleça com um velho marroquino e um jovem .

Ida . Visita ao túmulo - Palais Baha -residência que é museu - grande praça , localização de ônibus Mar. Casá. almoço junto à piscina. Telefonei a Lady Tiná, o pintor Djnekam está fora e só volta 6ª feira. Durmo um pouco. Telefone à Swissair. É possível antecipar o vôo.

Tarde : 16:00h resolvemos voltar a Casá de ônibus. O horário previsto era 16 e 18.30. Chegamos lá às 16.50 e disseram que sairão às 17. Acabou saindo às 17.40. Primeiro uma mulher pedindo esmola, depois um rapaz tocando uma espécie de rabeça e cantando. Quando lhe davam esmola, fazia uma oração em voz alta. Depois, um rapaz vendendo toalhas de plástico , outro vendendo lampeões de latão e vidros coloridos.

Lá pelas 19:00h pára o ônibus num vilarejo. O bar é igual aos de beira de estrada no Brasil, com a diferença dos copos cheios de menta para o chá. Quando o carro parte - já é noite - todos se põem a dizer piadas e bater palmas quando o motorista, velho e lento, ultrapassa certos veículos.

A viagem termina depois de 5:00 h, perto das 11:00h. Vamos para o Hotel Exelcior de que R. gosta. Tallal vem nos ver enquanto jantamos. Depois dormi, morto de cansaço.

49. Novembro, 12 - Quarta- feira - Casablanca - Dakar

Manhã : compras e resolver problemas das passagens. Tudo

OK. Almoço com Chai. e Tallal que me dão 1 guache e 1 desenho.

Encontro três brasileiros no aeroporto. O avião sai atrasado , lá pelas 15:00 horas.

17.20 - A Royal Air Maroc - não aceita dinheiro marroquino

Quando já era noite, o avião desce em algum lugar. Estava praticamente lotado, o rapaz brasileiro diz para “deixar o povão descer”. Realmente, o “povão” tem um aspecto muito pobre, roupas pobres, sapatos idem. Quando pego minhas coisas para descer, ainda não é Dakar e sim uma cidade da Mauritânia. Na saída de Casablanca serviram um almoço frio que não comemos porque havíamos almoçado com Chai. Agora deu fome e não servem mais nada além de um copo de cerveja. O avião retoma o vôo e só chegamos pelas 20 horas. Depois de mais de 5 horas de vôo.

No aeroporto moderno, mais confusões, ainda mais complicado pela escuridão da noite ou das pessoas. Dezenas de negros de uniforme verde disputam os clientes. Entrego os tickets da passagem a um, magro e quase azul. Total de volumes despachados, cinco; de mão, seis, fora dois casacos de R. Os três brasileiros têm outro monte de bagagem. Não temos dinheiro da terra. [Como não reservamos hotel, ficamos à mercê dos brasileiros que iam para o Meridien (as duas namoraram os pilotos, foram para a cabine de vôo) mas não há lugar. Os pilotos recomendaram outro: Teranga

Quis pagar o rapaz das malas com o dinheiro marroquino, mas a nota de 10 estava rasgada, e eu acabo rasgando toda , sob protestos da negrada que envolvia o táxi. O rapaz queria 1000 francos. O motorista do táxi me empresta. Valem 5 dólares. A partir daí, verifiquei que nosso dinheiro, mesmo o dólar, em Dakar não vale quase nada. Praticamente a menor moeda é de 100 francos = $\frac{1}{2}$ dólar = 5 cruzeiros.

No hotel, super sofisticado, vamos pagar a diária de 10.500 francos que significa, aproximadamente, 52,5 dólares = 525 cruzeiros

Apavorante. O café da manhã custa 700 f = 3.5 US = 35 cruzeiros. E o jantar? Nem pensar. O grupo todo (os 3 + nós 2 + 2 pilotos) saímos pela avenida central pelas 11 da noite. Entramos num bar com calçadas fora. Sanduíches e chá e cervejas. Tudo caríssimo. Guardei o preço da cerveja: 300f - US 1,5 = 15,00 . Note-se que é apenas um copo grande. O piloto marroquino irritou-se com a divisão das despesas, levantou-se pagou tudo (minha parte era (1200 f - 6 US - 60 Cr). Cigarro : 200 = 1 US = 10 Cr.

50. Novembro, 13 - 5ª feira - Dakar

Manhã, confirmação das passagens na Swissair e A. France.

Procura de outro hotel. Volta pela cidade a pé. O engraxate que pede um cigarro, quer passar a escova, não deixo, me persegue, entendo pelos gestos que pelo cigarro deve passar a escova, deixo, devolve o cigarro e pede dinheiro, dou uma moeda de 50, continua me perseguindo, dou mais 100, ainda me persegue, entro no correio - demoro - desaparece. Meio apavorado, penso em ficar no mesmo hotel, afinal R. segue na madrugada de hoje e eu ficar só naquele hotelzinho que vimos é insuportável. Verdadeiro terror e R. apavorada de me deixar só. Vou confabular como os brasileiros (S. - V. - J. C.) e resolvemos ir para o Meridien, fora da cidade, junto à praia, uma "ilha" de brancos. Pois em Dakar o branco é uma exceção.

Tarde : Meridien , quarto 2452, duplex, uma cama de casal no alto, com WC e uma de solteiro embaixo, com banheiro e pia. Para dois 9.800=49US=490,00. Sozinho , amanhã , 8.500=42,5=425,00. O almoço custou 3500=175,00 (prato de R. ,peixe com arroz,1000=50,00). Não saí com a turma. Dormi de tarde.

Aqui o café da manhã é mais barato : 500f - 25,00.

O almoço foi no restaurante Paillote, junto à praia, pertencente ao Hotel N'Gor.

Jantamos no restaurante Le Kabane, do Hotel Diarama. Ambos fazem o complexo Meridien.

Alguns preços do hotel:

	Cr\$
suco de laranja - 300F	- 15,00
Pepsi / Cola - 200F	- 10,00
Cerveja local - 250	- 12,50
importada - 450	- 22,50
Whisky - 700	- 35,00
Cuba libre - 700	- 35,00
Gin Tonic - 700	- 35,00
Martini seco - 700	- 35,00
Sandwich queijo -600	- 30,00
misto quente - 800	- 40,00
croque -monsieur	
Yogurt - 150	- 7,50
café - 200	- 10,00
2 ovos - 350	- 17,50
c/presunto - 450	- 22,50
omelete - 500	- 25,00
de presunto - 600	- 30,00
cachorro quente - 250	- 12,50

O apartamento do N'GOR - Méridien : WC - alto, cama, entrada em baixo,terraço.

Adaptação para uma casa:alto : quarto -escritório- banheiro completo;

baixo : grande salão,banheiro social, cozinha.

51. Novembro,14 - 6ª feira - DAKAR

O telefone toca :

Bon jour, monsieur, son't des trois et démie.

R. já está pronta. Levo-a ao aeroporto, coisa de 5 minutos de táxi , deixo-a lá para seguir pela Swissair e volto no mesmo carro : 1500 - 75,00

Durmo novamente até 8h, peço o café da manhã.

Consegui torrar os 100 Duhrens

1 short (italiano) e uma niqueleira de couro (10:20min)

bar da piscina e bar do Paillote. Uma moça loura italiana grita com outro e diz que vai para o Rio 4ª feira.

1 gin- tônica em cada um. Os brasileiros não aparecem.

Para usar a praia ou a piscina, com colchão e encosto de madeira , 400 = 245 = Cr\$20

Banho no apartamento, almoço no La Paillote, dormir.

Preparação dos índices do livro

2 cervejas no bar, o preto fala no perigo da liberdade, carnaval, um deles quer ir para o Brasil

Sopa de peixe no jantar da Paillote. Um preto toca um bandolin enorme. As brasileiras já estão com outros.

Cigarro no Meridien - 150 = 75

52. Novembro,15 - Sábado

8:00h - café

Depois arrumação cautelosa das malas.

10:00 às 12:00 h - passeio pelo hotel, bar da piscina, 1 cachorro quente (Cr\$ 2,5) mais 2 cervejas.

Banho e arrumação final.

VIAGENS - 1977

1. Início inconsciente da viagem:

S. Paulo - 7/7/77

Querida Ceres⁹:

Veja a data. Só vai-se repetir daqui a 100 anos, em 2077, quando todos nós estaremos juntos em outro lugar, tomando outra bebida (?).

Para comemorar sua passagem, um abraço.

Laus

PS - estou de passagem por aqui, hóspede do Dino.

Antecedentes:

2. agosto,9: partida de Porto Belo com destino a Florianópolis, depois de me haver desfeito do carro, de Águia haver deixado coisas de valor e estimação com Maria da Graça, Chaves Neto, Dr. Almino, Shmidt, Sálvio.

3. Até 7 de setembro, providências sem fim para poder viajar. A não venda do terreno e o empréstimo bancário. A procuração para o João Chaves Filho. O ofício para o Banco do Brasil pedindo mais 2000 dólares, o pagamento de todas as dívidas. Como fuga, uma ida a Porto Alegre (de 13 a 23 de agosto) e a Passo Fundo (dias 20 a 21 do mesmo mês).

4. setembro,9 : embarque para SP onde fiquei até a partida. Apartamento do Dino¹⁰. Encontros com Luisa, Lilia , Olívio, Toyota, Liseta, Tomie (jantar) , Roberto alfaiate (almoço)

5. setembro,11 - domingo: às 21:30, embarque em Congonhas, com destino ao Rio. Dino e Tomie compareceram e pouco mais de 22:00h, saída do novo Galeão com destino a Madrid. Viagem monótona, sem dormir, encontro com o comissário de bordo Paulo Trindade (Paulinho Beleza) que me reconheceu : eu o conhecera há coisa de 20 anos atrás na Ilha do Governador, em casa do Léo, quando ele tinha apenas 16 anos.

6. setembro,12 - 2ª feira : cerca de 13:00h, chegada a Madrid. Fazer tempo até a hora de saída para Ibiza, às 19:55 min. Cansaço. Bar da Calle Alcalá, esquina com Ayala. Puerta del Sol, Plaza Mayor. Rapazes de bermuda, sem camisa , como em Copacabana.

⁹ Referência à amiga Ceres Franco, dona da Galerie L'Oeil de Boeuf, em Paris e fundadora de um museu no sul da França - Lograsse AUDE - com mais de 400 obras colecionadas.

¹⁰ Referência ao amigo paulista, Dino Rocha.

7. Saída de Madrid e chegada a Ibiza pouco depois das 22:00h. Ceres me esperando. Em seu carro, velho conhecido de Paris e da viagem a Amsterdam em 1975. Translado para San Artemio Abad onde mora numa ampla casa com seu filho François e Tristan, o cão que me reconheceu. Abertura de malas e pacotes, grandes papos até alta madrugada.

8. setembro, 13 - 3ª feira : passeio pelo pueblo para Ceres fazer compras. Encontro casual com Angel Custódio, o guitarrista que Ceres levou ao Brasil em 1971 (?). Uma cerveja com o açougueiro. À noite, drinques em casa de Vicenta, simpática viúva com dois filhos, (moça e o rapaz operado de fimose). Ceres, Vicenta, um Doutor, a menina e François viemos para a casa de Ceres fazer creppes. Depois vamos todos à discoteca Playboy 2. Igual a todos, incluindo um conjunto típico. É o nº 5.

9. setembro, 14 - 4ª feira : pela manhã, aparecem Angel e Roberto Otero, o argentino que já conhecera da outra vez. Novamente se fala na "edição pirata" de seu livro sobre Picasso, aparecido no Brasil em edições Artanova. (Catálogo de lançamentos janeiro 76 = *Picasso para Sempre* - Roberto Otero - Cr\$ 29,00 - Uma visão íntima dos últimos anos de vida do homem que dominou a pintura, a escultura e as artes gráficas por quase meio século).

10. Praia com Ceres e Tristan. Port des Turrent. Muita pedra. Visita ao escultor Antonio Hormigo que vai expor sábado, promessa de matéria para o Brasil.
Carl van der Voort

11. setembro, 15 - 5ª feira : pela manhã, ida a Ibiza para marcar e comprar passagens de avião para Barcelona/Paris, visita à cidade. Casa de Nicolas, Galeria Fred Lauzenberg (galeria em Bruxelas)
François convida para jantar.

12. setembro, 16 - 6ª feira : pela manhã, encontro com um brasileiro "chéri" que nos convida para o almoço. Vive de artesanato, como todos os outros por aqui. Chegamos tarde e o rapaz dormia. Almoçamos em casa e saímos para um grande passeio pelos campos. A estranha arquitetura das casas, partindo de um núcleo que se vai estendendo de acordo com as necessidades da família. "Linhas puramente geométricas, tanto no plano horizontal como no vertical, número pequeno de aberturas de dimensões reduzidas. Duplicação gradual segundo as necessidades. Teto (não há telhado) de algas e pedras calcáreas. Paredes externas e internas pintadas a cal." Visita ao pedregoso terreno de Ceres. Ida à Praia com vistas para o imponente Vedrá - Casa de Jean Paulo Belmondo.

13. Bar com uma espanhola que já viveu no Brasil. Volta por San José. Compras de colares e camisetas - Noite : Ibiza boêmia, uma loucura. Encontro com outro brasileiro, jovem, bonito, de Vila Carrão, São Paulo, apelidado de San José.

14. setembro, 17- sábado: compras e uma praia pedregosa na Bahia. Ida à noite a Santa Eulália à casa de Angel numa bela igreja. Jantar com ele num restaurante francês, depois em um bar em belo pátio. De volta a San Antonio, ida à discoteca Les Paradis Terrestre onde havia uma festa de “Carnaval”, músicas de Jorge Ben, depois mistura com ritmos sulamericanos.

15. setembro, 18 - domingo : às 10:00h da manhã, sou acordado por Ceres, angustiada porque o filho ia partir de barco para Barcelona, no carro de um francês, levando Tristan e grande parte de uma bagagem. Saímos às pressas para o cais em Ibiza para mais despedidas: Logo depois começou uma maratona que só terminaria pela madrugada. A caminho de S. José, visita ao pintor José Escalona (a casa, a pintura, a mulher que lê Jorge Amado, o filho, o cão). Em S. José, visita a Jussara e Gastão, brasileiros que vivem de pintura e artesanato e mantêm uma pequena galeria (a menor que já vi) chamada “Sargantana”(largatixa, em Ibiza). Rápida passagem pela casa de Hornungo para pegar o material. De noite, em Ibiza, no barco de Otero (belíssimo o livro sobre Picasso “ Lejos de España”, grande formato, grandes fotos, edições em espanhol e inglês). Música brasileira: Betânia e batucadas. Jantar em Santa Eulália. Voltamos a S. Antonio debaixo de um temporal tão forte, como só vi uma vez em Macapá, no Amapá.

16. setembro, 19 - 2ª feira: As conseqüências da tempestade foram, sobretudo, cansativas. Na casa, existe um apartamento em nível inferior ao jardim, um “studio”, alugado a dois rapazes que nunca vi. Ceres abriu a porta: era um lago com colchões flutuantes, tudo inundado. A manhã toda na luta de secar a sala com baldes, panos e vassouras. Depois, furar o cimento para pôr dois trincos na porta da cozinha , limpar garagem, recolher a mangueira. Depois, no fim de tudo, finalmente a calma. Jantar em casa de Vicenta.

17. setembro, 20 - 3ª feira: preparativos para embarcar a Barcelona às 13:30 min. Chegada a Barcelona, Hotel Oriente nas Ramblas. Almoço no Caracols, Calle Escudelliers, a mesma onde fiquei em 19... com Dino, no Hotel Kosmos. Visita ao Museu Picasso. Maravilhosa a série sobre A Menina de Velasquez. Jantar em casa de D. Jayme de Valle Inclán, filho do grande escritor. Pinta. Esteve no Brasil por volta de 1947/48.

18. setembro, 21 - 4ª feira: pela manhã, compras, depois do almoço num restaurante próximo à Estación de Francia. Ceres pede arroz e vem alho. Visita à fundação Juan Miró. Moderna, Iluminação natural perfeitamente bolada. Volta ao hotel, liquidação da conta, embarque para o aeroporto carregado de bagagem. Ceres faz compras sem parar. Às 18:30 min, com destino a Paris. No Orly, Dominique e François nos esperam de carro, "helás"! porque não sei como seria com tanta bagagem.

19. setembro, 22 - 5ª feira : mesmo quarto, mesmo Tristan pedindo para eu dar uma volta com ele. O Centro George Pompidou como uma usina petrolífera. Novas galerias no quartier. Pela primeira vez, confiro meu dinheiro. Faltam 80 dólares, cash. Em Florianópolis, em São Paulo ou em Ibiza? Jamais saberei: Em Barcelona soube que Ruth saiu de lá dia 17, sábado, para a Áustria e que Ildefonso, meu sobrinho, não está mais em Paris. Pena, pois seria uma companhia para sair. Comprei papel, Ceres instalou uma mesinha no quarto para a máquina de escrever. Vejamos se sai alguma coisa !

20. Jantar de aniversário de Dominique, aqui na Ceres: Carlo, marido de Dominique, Tito, ex-marido de Ceres - único - e François.

21. setembro, 23 - 6ª feira : Escrevo o 1º artigo de uma série para a Folha de S Paulo: "Anotações de Viagem -1" - "Ibiza e Barcelona" - e tarde, vamos à Varig para mandá-lo, depois Bienal de Paris.

22. Jantar aqui, com Tito, sócio de Ceres. - Aparecem dois vizinhos, um deles ½ português , ½ francês, Antonio. Foi comissário de bordo da Air France. Conhece o Rio, fala português de Portugal.

23. setembro, 24 - sábado : pela manhã, visita ao Centro Georges Pompidou. Almoço com Jean - Pierre e Ceres: Personagens: Ceres, desquitada de Tito. François, filho de Ceres e Tito. Henriqueta, a empregada espanhola. Jean - Pierre, amante de Ceres, o que pinta a galeria L' Oeil de Boeuf.

=> Convivência difícil: F. detesta H. que detesta JP - F discute com C que discute com JP. Ele é de outra "raça". 39 anos, poile de carote, careca, barrigudo, tatuado. 1 ½ ano de convivência.

=> A não ser que as coisas mudem, será difícil permanecer aqui muito tempo.

24. setembro, 25 - domingo : pela manhã, nova visita ao Centro Pompidou, com vistas a um artigo para a Folha de S. Paulo. De tarde chegam 2 desenhistas gaúchos, P.....? e Chega também o “príncipe” George que mora em frente, vou até lá. Quarto e sala conjugados, limpo, bem decorado, cerca de 160 dólares (cerca de 2.400 cr) Com o que ganho do exército, poderia morar aqui. Mas como mandariam meu dinheiro, se só podem sair 300 dólares por mês?

25. setembro, 26 - 2ª feira : preparei o artigo *O Centro Georges Pompidou* para enviar à Folha de S Paulo.

Às 3:00h da tarde fui ao apartamento de Ricky, percussionista negro, brasileiro. Juntos fomos ao Via Brasil (uma dose de whisky 56,00) procurar Vanda, a grande cozinheira, minha amiga através de Paulo Cotrin. Aparece Harold, um belo negro brasileiro que conheci em Copacabana, quando tinha 16/17 anos. Canta e toca na boite do Via Brasil.

=> comecei a estudar quiromancia

26. setembro, 27 - 3ª feira : Meu quarto terá uns 4X5 m e se constitui em dois planos: o inferior, com esta mesinha onde escrevo, uma cômoda antiga com tampo de mármore, uma arca pintada, uma estante com livros, cerâmicas, esculturas, o armário embutido que apóia o plano superior. (margem esquerda - 4 m de altura) Chega-se lá por 9 degraus de madeira numa escada de armação de ferro. A cama é um colchão de espuma sobre um estrado baixinho. Mesa de cabeceira, um pequeno armário. As paredes, todas, repletas de quadros: Eli Heil¹¹, Macréau, Chaibia, Becker do Vale, Valdomiro de Deus, Manezinho Araújo, Francisco da Silva, Grauben atestando a preferência de Ceres pelos “naïfs” brasileiros. O teto, onde se destacam 13 grossas vigas de madeira, também é todo decorado com formas geométricas em azul e vermelho, nas laterais das vigas. A parte inferior das vigas é pintada de roxo-terra. Sobre os móveis, objetos os mais estranhos: tambores e boneca de Marrocos, um vaso art-nouveau com penas de pavão, outros vasos, santos, cerâmicas de várias partes do mundo, uma cuia com bomba de chimarrão. E um pianinho miniatura pintado à mão. Em cada tecla um pênis cor-de-rosa.

27. Tarde: Ida à Varig levar o artigo, depois ao cinema com Ceres. Cada ingresso, 17 f =59,5 cruzeiros

Une journée Particulière, de Ettore Scola, com Sophia Loren e Marcello Mastroianni. Excelente filme. Na grande sequência inicial, a chegada de Hitler à Roma de Mussolini, entre chave - 1938. Depois, no amanhecer do dia seguinte, a preparação do povo para a grande parada. A casa de Sophia, acordando os 6 filhos e o marido. Lembro-me de Estela com a filharada em Porto Alegre, o cansaço dominando sua

¹¹- Artista plástico catarinense classificada pela crítica como “naïf”.

vida. Depois, a fuga do pássaro e a ida ao apartamento de Mastroiani que estava pronto para se suicidar. Esse encontro muda completamente a vida de ambos naquele dia particular (em especial). Ele acaba revelando seu homossexualismo, numa seqüência violenta. Ela insiste e acabam fazendo amor. O fascismo não admitia o homo. Ele perde o emprego de locutor de rádio. Tudo que já pensei, disse e escrevi sobre o problema, está no filme. Então, em vez de Estela, o filme se volta para eu mesmo, sendo enxotado do exército por nossos fascistóides.

28. De noite: visita e jantar com Flávio Shiró que expõe a partir de 3/10 na L'Oeil de Boeuf. Devo preparar um artigo sobre ele.

Ceres com graves problemas na Galeria: seu sócio François concebeu uma manobra para pôr na firma sua amante, uma arquiteta, e outro cara. No fundo, quer tirá-la da firma, pois o idealismo de Ceres não é comercial, suas exposições não vendem.

Jean-Pierre me deu um guarda-chuva. Diariamente aparece com presentes para Ceres. Grosso e gentil.

28. setembro, 28 - 4ª feira: pela tarde, Ceres e eu fomos percorrer as galerias do quartier. Ela pensa em instalar sua galeria no grande salão do apartamento (2º andar), caso venha a perder o térreo que é do sócio. Há diversas funcionando ao fundo de longos pátios ou em andares superiores. Curiosidade: diversos artistas abrem galerias para vender somente suas obras: Jacques Wyrts (arte fantástica, futurista e de ficção científica, como diz seu cartão); o escultor Paulo Santini: o pintor, escultor Faublé, marido da escritora Elisabeth (*Profession Peintre*).

29. De noite, num giro com Ceres pelo quartier, lado de Les Habs, com um pintor alemão, Jers Jensen, que foi afastado antecipadamente para não complicar o ciúme de Jean-Pierre. Deixou-me ela com um escultor chileno (?) e voltou para casa (medo).

30. setembro, 29 - 5ª feira: 1 Kg de carne moída, 24 f = 84,00; 1 pão de 50cm, baguete, 1,15 = 4,00, ¾ litro whisky: 36f = 126,00, leite 1,90 = 6,65

31. Tarde: visita à 10ª Bienal de Paris para preparar 2 artigos, um sobre a representação Latino-Americana e outro sobre a Representação internacional. A 100 metros do Museu de Arte Moderna, onde está a Bienal, a "beterraba" não sabe onde fica nem o Museu de Arte Moderna nem o Museu de Galliera (onde está a exposição "Influência da Arte Africana sobre a Arte Européia). Burrice internacional da "be-

terraba” (espécie de guarda - carro)

32. Noite : Jantar com Wanda no Via Brasil. Davi, o português que quer ir para o Brasil e que dirige a buate Via Brasil. A moça linda, Célia, “je crois”, que se interessa pelo que digo. A boíte, o recado para Haroldo. O táxi para levar Wanda (Place d’Alma) e Célia (Av.), o motorista português que me mostra Paris: casa de Giscard d’Estaing, Assembléia dos Deputados, Louvre, Casa da Moeda, Notre Dame - e me passa a perna em 20 francos. Que seja feliz o filho da puta.

33. setembro, 30 - 6ª feira: são 22.30min .Ruth não apareceu. Passei o dia escrevendo sobre a Bienal de Paris: um artigo sobre a representação sul-americana e outro sobre a representação global. Depois, fui ajudar Ceres na arrumação da galeria. Depois, com JP e F, jantar num pequeno restaurante tunisiano (18 lugares), um tal de cuscus. Depois passamos pelo barzinho da frente para tomar café e calvados (cada um, meio cálice , Cr\$ 7,00).Menor ainda, 12 pessoas lotam o ambiente. Chega uma louca vestida de “garçon” que põe a eletrola a funcionar e, frente ao espelho, acompanha com a boca, a voz e os gestos do cantor. Depois chega uma ainda mais louca que expulsa a outra e fica, gritando e falando para ninguém.

34. outubro, 1º - sábado: esperei ontem e hoje todo o dia um telefonema de Ruth que deveria chegar a Paris dia 30. Nada. De manhã, preparei os textos para remessa a SP; de tarde, ajudei Shiró na montagem da expô; de noite, o JP convidou para sairmos, com Ceres: o bistrô em Marás, visita a seu apartamento, depois metrô (Fills du Calvaire) e jantar uma pizza horrorosa na Rambuteau.

35. A rua Quincampoix é irregular tanto no traçado como na largura, uns prédios mais recuados do que outros. No geral, é tão estreita que mal dá para um carro passar quando outro estiver estacionado.

Começa na rue des Lombards e termina na rue aux Ours, sendo cortada pelas ruas de la Reynie, Aubry le Boucher, numa viela de uns vinte metros chamada rue de Venise, e a Rambuteau. A galeria e o apartamento de Ceres ficam no nº 58, entre Venise e Rambuteau. Da janela de meu quarto (um janelão de mais de 3 metros, parcialmente coberto por um estandarte vermelho e negro de Vera Figueiredo), vejo um velhíssimo e mínimo Hotel Quincampoix que está para ser demolido e outro prédio restaurado. Na água furtada que vejo daqui, com cortinas brancas na janela, mora o “príncipe” George.

36. Muito antigamente, a rua Quincampoix foi a “Wall Street”

de Paris, cheia de bancos e grande movimento. Hoje ela é histórica e se volta para as artes, em vista da proximidade do Centro Pompidou.

37. outubro, 2 - domingo : acordei cedo, como sempre, bati alguma coisa à máquina (Flávio Shiró), escrevi o que precede este dia, comprei pão e leite. Todos dormem. Saí para uma volta: Notre Dame, Boulwich - velhas lembranças, principalmente do Dino de outras viagens. Pelo meio-dia, volto para casa. Ruth telefonou, Ceres convidou-a para almoçar. Está bem, aparentemente tranquila. Um pouco desorientada, não sabe para onde vai, quando volta. O motivo dado como principal para esta longa fuga (desde 15 de maio fora do Brasil) é o problema de uma infiltração em seu apartamento em Copacabana e as chateações que a síndica, uma mulata ou preta, lhe impõe.

38. Fomos ao correio passar um telegrama para a Ester que amanhã faz 75 ! anos. Enviamos cartas que fiz com cópias porque é quase o mesmo a dizer para todos. Circulares: como Ruth costuma mandar para a família. Foram para Ester, Estela, Sálvio e Lilia. Cada um em sua cidade mostrará aos demais amigos. Mais ou menos às 9 da noite, levei Ruth até o Metro Chatelet e voltei. Mais um copo de vinho e fui dormir. Amanhã é a noite de Flávio - Shiró.

39. outubro, 3 - 2ª feira: Ceres me pede para encapar alguns livros que lê no momento. Entre eles, "Oui" de Salvador Dali. Uma ilustração de Meissamier (1815-1891), "pomprier" louvado por Dali, é o quadro "Batalha de Friedland", 1807 - É preciso compará-lo com "O Grito do Ipiranga" <= (1877 ?)

40. A primeira pessoa a chegar, lá pelas 17:30, foi Lindanor Celina, romancista de Belém do Pará. Então, 1975 instalou-se entre nós, em Amsterdam. Uma crônica escrita em outubro desse ano dá conta de nosso encontro, junto com Ceres - ver lista na matéria para o jornal

41. Depois foi chegando gente e mais gente: Farid Belkan , de Marrocos; Billweiss e madame; Gaby e o marido Jacques; o pintor Claude Boujon; Jacqueline da galeria; Ivon Taillandier; George Pachontinsky, Olivier Gérard; Antonio Berni; André Shade ; Michael Gibson (Herald Tribune). Jacqueline Senz.

42. Do Brasil : Ildefonso (salão de Maio) (Ile de France), Mario Pedrosa Mary , Niomar, José Barbosa, Manfredo Souza Neto, Ricky, Nelson Camata, etc., etc. margem esquerda- Gerard Voisin (escultor)

43. Como em Felini 8 ½ , todo o elenco volta e desce a escada. A noite terminou com um jantar num restaurante chinês. Tudo ótimo. Uma terrível mistura de vinho, whisky, saquê, calvados. A cabeça responde agora pela extravagância.

Luis Artur Pizza , George Sadaul (crítico de cinema)

Jane Modigliani (filha do pintor)

Arnaud (Geusa de Boujon), Kazuo Yahara (Japão), Felipe Ehrenhey (México) - Jens Jensen, Michael Faviell, Michele Bril, Simon Jardanowski - Alício de Andrade (fotógrafo) / alemão / irlandês

44. outubro, 4 - 3ª feira : dia calmo. Depois do almoço, chega Ildfonso, vamos à Varig levar o material, depois uma volta pelo Quartier Latin.

Planos de viagem: ida e volta a Londres, de ônibus, apenas 150 f (525,00), partindo 6ª e voltando domingo. Ir à Itália de carro. Mas os de 2ª mão custam 2.000 dólares. Alugar o de Ceres? Nada decidido. De noite, um filme com Richard Burton e Mastroiani sobre a atuação dos “partisanos” na Itália, contra os nazistas. Um grande massacre em 1944. Na TV.

45. outubro, 5 - 4ª feira: (hoje, dia 6, 5ª feira, os gritos de ontem à noite continuam entre C. e JP). Ruth vem e vamos juntos almoçar feijoada no apartamento de Rainho, - o vinho e o conhaque servidos ao Pres. Geisel, ministro do Delfim Neto, marido de Alice, sobrinha de S. Castello Branco. Conhecimento de Villa Lobos, sobrinho do próprio. Depois, ida à exposição de Sérgio Telles, o adido cultural da Embaixada Brasileira: Péssimo. Carona de Ruth: continuar a pé. Da rua Jorge V até à Quincampoix. Depois, jantar aqui perto com Shiró e sua mulher, C. JP , um casal de franceses do Sul. Ele, poeta repentista, escreveu o horóscopo de cada um:

“Il est difficile à comprendre

Et avec lui pour réunir

Tout savoir

par quel bout le prendre

Le Sagittaire

avant de s'en servir

46. De volta ao apartamento, instalou-se uma violenta discussão entre Ceres, Jean-Pierre, François. Tentativa de agressão de JP contra C que tive de evitar. F me pediu 100 dólares e mais 100 a JP e ele contou a C. Para emprestar a uma garota que ficou com ele uma noite. Situação super-desagradável.

47. outubro, 6 - 5ª feira: A publicação “l ‘officiel des galeries” relaciona para outubro 118 “vernissages”, isto é, mais ou menos 30 por semana e 6 por dia, já que a semana das galerias vai de 3ª a sábado (5 dias)

48. Pela manhã , debaixo de chuva, vou dar uma volta com Ildefonso: Palais Royal, Place Vendome. Almoço em St Michel. A chuva continua. Ruth vem, vai mudar de hotel porque no que está tem percevejos. Ficamos escrevendo cartões postais. De noite, o vernissage de Saint Crieg (colagem e montagem de madeira - um quadro chamado Brasil, com papagaio - nada demais : o artista conhece o Brasil, onde foi encontrar a mulher que já estava com outro). Ida a Champs-Elysées à procura de um telefone-fantasma que já estava consertado. Falei para Padova, Inos ainda está em Israel não sabe quando volta. Assim, parece que não devo ir à Itália desde já.

49. Não me lembro mais quando vi *Un Bourgeois tour petit, petit* de Mario Monicelli , com Alberto Sordi.

50. outubro, 7 - 6ª feira (meia - noite)

Ida com Ceres a Saint Germain levar o convite a ser impresso para a próxima expô de Chaibia, do Marrocos. Na volta, o suplício das compras com Tristan, o guarda-chuva e a superpesada bolsa das compras.

51. Depois do almoço (2 ovos, 1 salsicha, 1 pouco de massa - mas ótimo vinho Bordeaux e queijo "aux fins herbes") chega Ildefonso com problemas "Cabis - postêause" e meus quadrinhos do Olíbio . Ficou de voltar, pois pretende ir p/ Amsterdam, não voltou. (no almoço, Ceres fala que JP tem ciúmes de mim).

52. Uma rápida ida a um vernissage de pintores belgas, depois resolvo sumir porque Ceres vai ao teatro com JP e o Titô vai levar os filhos ao cinema. Fui a Montparnasse ver "Rodolfo não, apenas *Valentino* , com Nureiev, Leslie Caron, Michelle Phillips, de Ken Russel. Muito bom e bonito. A obsessão do machão americano e do homossexualismo. As trepadas, a luta de box, a morte (cenas iniciais), o decór do velório, flores e mais flores. (a enrabação de Valentino)

53. outubro, 8 - sábado (meia - noite)

Em tempo : 5ª feira chegou carta de Celeste; ontem, cartas de meu advogado de Florianópolis (o João não havia aparecido a 3/10, apesar de eu ter saído de lá a 7/9) e de Fernando Lemos da "Folha de São Paulo" (não pode publicar um artigo por semana, não tem espaço, só pode publicar um artigo assinado por semana, tem outros compromissos, prefere dar destaque ao noticiário local - devo acalmar meu "ímpeto informativo").

54. Vou almoçar com Ilka, em St Georges - depois de ter recebido a visita de Ildefonso que parte para Amsterdam.

Trocar dólares na Gare Montparnasse - (US\$ 1 = 4,75 f quando na chegada a troca era na base de 4 . 92). Ilka e eu, café Rotonde : 8 f = 28,00 .

55. Ruth estava na Galeria de Ceres, telefonema a André (Sta Teresa, Rio, marido de Alice, Licinha que passou 3 dias comigo em Porto Belo), que Ruth encontrou casualmente em Bvd S. Michel. Veio com um amigo para jantarmos juntos. A garçonete era portuguesa, o que facilitou tudo. Levamos Ruth ao hotel, uma pequena volta por S Michel, aqui estou novamente só.

56. Tudo isto só valerá a pena se eu escrever a novela " A Fala de Lady Águia" que já comecei. Mas como já deixei de estudar quiromancia...

57. Epígrafe

Esta novela foi bolada a bordo de um DC - 10 ,entre Rio e Madrid, e escrita em Paris, outubro de 1977. Se a realização do plano não foi bem feita, espero que a crítica dos leitores o seja.

(ou coisa semelhante)

Novela bolada num DC- 10, viagem Rio-Madrid, escrita em Paris, outubro de 1977. Espero que a crítica supere a realização do plano.

Papo bolado num DC-10 da Varig,entre Rio e Madrid. Escrita na rua Quincampoix , casa de Ceres, outubro , 1977, Paris. A crítica do leitor vai superar a realização do plano

O papo bolado num vôo Rio - Madrid. Escrito em Paris, 1977, rua Quincampoix, casa de Ceres Franco, para que o leitor entenda e supere a realização do plano, bolado num vôo Rio - Madrid. Escrito em Paris, 1977, rua Quincampoix, casa de Ceres Franco. Que o leitor entenda e supere a realização do plano, bolado num vôo Rio - Madrid (repetir até o fim da página, seja em que palavra termine - ou não termine).

detestar para se ler devagar reler gostar detestar a repara o leitor acompanhar devagar reler gostar esperar esse papo...

58. outubro, 9 - domingo (21:40 min)

Manhã, adiantando a novela que mudou de nome para o *O papo de Lady Águia*.

59. Almoço correndo com Ceres para ver *Padre Padrone* , de Paolo Vittorio Taviani - Palma de Ouro e Prêmio da Crítica Internacional em Cannes 77 - A revolta de um pastor de

ovelhas contra a violência do pai. Cenas de extrema violência do pai contra o menino. Sexo do rapaz com a cabra, de outro com uma mula, de vários com galinhas. Com 20 anos, o acordeon trocado por 2 cabras. A ida para o serviço militar, os dois tanques de guerra falando latim - antes, o que é um dicionário (Schmidt)

A volta, a briga com o pai.

60. De noite, chega André com o colega, saímos para jantar antes passamos nos correios- telefone onde ele fala com o filho no Rio, jantar no "Pied de Codrons". Volta pela rua St Denis, filme homo por 5 francos: um buraco na parede, pica branca, pica preta, atrás a maior sacanagem para o pau do cara levantar no buraco. Chega de sexo - no cinema, nas lojas, em tudo . E na rua a maior pureza. Salve a nossa terra, natural, sem preconceitos.

61. Em 1975, cheguei a Paris a 25/9

Em 1977, cheguei a Paris a 21/9

Em 1975, saída de Paris a 5/11

Em 1977, saída de Paris quando?

Em 1975 - 40 dias em Paris

Em 1977 - ?

62. outubro, 10 - 2ª feira:

F me paga 200f

Chega Serge Kantorvinks, Vicenta.

Vamos ao atelier de Serge - miniaturas gravuras - almoço num bistrô, o atelier fica na Bastille, Passage de la Main d'Or , o bistrô se chama *Les Cinq Point Cardinaux* . Depois o atelier de uma escultora maluca, depois o ateliê de Capelli, jovem italiano (quadro dividido em dois, grandes retratos) me dá um achiche.

De noite o jantar , vem uma jovem artista alemã, um turco, um judeu, Ruth, a mulher de Lassaigne, Vicenta, George, Ceres, eu

JP faz o difícil e, quando vem levar coisas para a cozinha, ele cospe na cara dela.

=> Agora, 01/20 - ouço a discussão sado-masoquista dos dois (Ceres e JP)

63. Levanto-me para ir ao banheiro, a discussão continua, F. diz para eu não me meter (nem pretendia), pelo que tenho receio da violência de JP ele diz que C é que é violenta e louca, que ela é ciumenta e inventa outras mulheres. Volto à cama, entre C para olhar a rua pela janela de meu quarto (as outras são trancadas) e diz que F. está gritando na rua que " Ma mère est folle".

(Agora são 8:50 do dia 11)

64. outubro, 11 - 3ª feira : adiantei a novelinha. Saí para encontrar Ruth e André, almoçamos juntos, fomos à Place Vendôme saber sobre a peça de Eva Peron em Londres. Aqui não se pode fazer reservas. Fomos à Varig onde André reservou passagem para 19/4ª feira. Volta à galeria, chega Cláudio Capelli para ver Shiró(gosta), a brasileira Michèle Bril (expõe a 26), o venezuelano José Campos Biscardi. Havia o convite para Ceres e JP irem comigo ver *L' Animal*, filme de Jean-Paul Belmondo e Rachel Welch. A galeria fecha tarde, tem-se que comer algo, não dá para a sessão das oito. JP liga a TV e fica vendo filme de cowboy. De repente, entra F. aos gritos dizendo que vai embora porque não suporta mais nem o "quartier" nem a "maison". Ceres não quer ver *O Animal* prefere *Cet Obscur Object du Désir*, de Buñuel. Saímos para a sessão das 22:20 em Odeon. Fila grande. De repente, JP implica porque C me pede fósforos em português, começa uma discussão horrível, escândalo, ele empurra C. contra os outros e desaparece (Depois falarei sobre o filme). Terminado o filme, Ceres se queixa da situação, tem medo do monstro, sobe as escadas amedrontada. Logo depois de fechada a porta, ele bate, eu abro, Ceres se tranca no banheiro, ele dá ponta-pés, quebra espelho, arrebenta a porta, avança para ela. Diz para mim que ela é a mulher dele, procuro a porta para talvez chamar a polícia. Ceres também quer fugir, ele nos empurra para dentro. Ceres chora. Começa a discussão, venho para o quarto. A solução é sair daqui. Começo a arrumar todas as minhas coisas. Terminei agora ,2:10 da manhã. A confusão começou pela meia-noite. Ainda se ouvem os dois discutindo no quarto, praticamente só se ouve a voz grosseira do monstro.

65. Vou para um hotel. É impossível permanecer aqui. Pena, terei de abreviar minha viagem.

66. Atores do filme : Fernando Rey, Carole Bouquet, Angela Molina, Julien Berto, André Weber.

67. outubro, 12 - 4ª feira : Acordei às 8:30 min, comprei pão e leite, tudo em silêncio, noite sem sono. Fui ao hotel de Suède, reservei quarto para amanhã. O hotel é o mesmo onde estão Ruth e André. Voltei ao apartamento de Ceres, almoçamos juntos, saímos - café, vinho - fui encontrar Ruth e André . Fomos rever Bienal. Viemos à Galeria. Saímos. Vimos duas exposições, fomos jantar com Dominique e Carlo . Tudo ótimo, o menino de Zurique chegou no fim, pena. Levamos Ruth ao hotel, JP esperava embaixo, subi, falei com ele, disse tudo, saí com Tristan (Pensei que a novelinha pode ficar melhor - ou pior - se eu conversar com Águia) Voltei, são 1:10 - no bar todos sabem quem eu sou, uma mulher fala dos ciúmes de JP comigo. Diz para eu ter cuida-

do. Sei lá! Vamos dormir e ver em que dá! JP e C falam tranquilamente, como pessoas inteligentes que resolvem pôr os .. nos ii.

68. outubro, 13-5ª feira: Ceres me põe numa situação difícil: "Agora vai ficar pior para mim. Se fores embora, ele me mata e não tenho ninguém nem para chamar a polícia." Encontro uma saída, dizendo que já paguei a reserva do hotel, que saio para sabermos de JP, que depois volto. Pego a bolsa tira-colo e a valise menor. Chego ao Hotel de Suède, Quai de Saint-Michel, 15 (diária com café da manhã, 37,5 f).

69. Saio com André para conhecer os trabalhos da pintora paulista Michèle Bril na Cité des Arts. Voltamos ao hotel, saímos com Ruth para Montmartre, almoçamos por lá, passeamos. No fim da tarde, vamos à galeria de Ceres: Ilka, Flávio, Ivankowich. JP telefonou várias vezes, deixando Ceres nervosa, desanimada: ele insiste em dizer que não a deixa. Ela me diz pensativa: "É um absurdo você ir embora por causa dele". Pego a última valise, Ilka vem junto, whisky no novo quarto, mínimo, cama, mesinha, guarda-roupa, pia, bidê. Saímos para jantar num restaurante tunisiano. Um belo garçon.

Meu sossego será cúmplice da covardia?

70. outubro, 14 - 6ª feira: manhã quase nada, tarde muito pouco, noite Fellini. Pela tarde no Grand Palais visita à exposição "Grands e Jeunes d'Aujourd'hui", um salão de arte atual. Fora a parte de arte-cinética, como sempre interessante mas quase no fim, o restante nada acrescenta ao que tenho visto por aqui e até mesmo no Brasil. Depois de uma visita a Ceres (o monstrinho queria vir me buscar no hotel, segundo ela, mas o caso é que entrou rapidamente no salão da casa dela, nos viu - Ruth, eu, Flávio - disse "salud" e desapareceu) e a noite termina com o filme *Casanova* de Fellini, na linha delirante-fantástica de *Satyricon* - Hiper-erótico, quase pornográfico, trepadas e mais trepadas, sempre na base papai-mamãe. Uma competição entre *Casanova* e um jovem para ver quem trepa mais em determinado tempo; a masturbação de C. numa carruagem; trepada dele com uma boneca. O C. super-afeminado, reforçando a teoria da insatisfação, ligada ao homossexualismo do grande conquistador de mulheres.

Ildfonso telefonou de Amsterdam dizendo que o hotel foi assaltado e lhe roubaram o passaporte.

71. outubro, 15 - sábado: carta a Plínio sobre todos os filmes que vi. Ceres avisa que há Correio do Brasil: é exatamente Plínio que me manda a primeira reportagem - Anotações de

Viagem -1, Ibiza-Barcelona - publicada com bastante destaque (=> dia 9 ,duas colunas inteiras, foto da Fundação Miró) pela Folha de S. Paulo. Almoço com Ceres, volto. Durmo. Às 19:30 chega Ilka, logo depois André, que foi de trem dar uma volta pelo Loire. Saímos, jantar no mesmo restaurante tunisiano. O garçon bonito oferece ½ garrafa de vinho. Sua folga é 4ª feira. - (Ida ao Via Brasil, samba. batucada, Haroldo fica de telefonar 2ª feira. Não cobram nada pelas 3 batidas. Café com calvados no La Rotonde. Falta a primeira sílaba do nome do garçon :hmar.

72. outubro, 16-domingo: ida a Chantilly com Ruth , Ceres ,Mme Jacques Lasaigne e sua filha. Almoço com Bilweis e Françoise. Na volta, parecia Santos - São Paulo aos domingos . Chatíssimo.40 Km em mais de 2 horas.

73. A pintura de Bilu continua a mesma de dois anos atrás: bem feita, bonitinha, sem saída.

74. Saí sozinho para jantar no Le Kahlife, algumas palavras com o garçon.

75. A imprensa francesa muito pouco se ocupa do Brasil. Na 5ª ou 6ª feira saiu na primeira página de Le Figaro uma grande matéria em 2 colunas: uma como comentário sobre a outra que foi a decisão de Geisel de derrubar Frota como Ministro da Guerra.

76. Sábado foi a notícia da morte de Bing Crosby aos 73 anos.

77. outubro, 17 - 2ª feira : Dia muito besta, a não ser por duas cartas recebidas : de Celeste e do advogado (diz que João Chaves “ me pareceu completamente desinteressado”). Visita com Ceres a um atelier de artista brasileiro (máquinas e homens) . De noite, papo com Ruth, que se diz cansada e vai embora; André embarca 4ª feira; então o melhor é voltar para Ceres, por medida de economia. André me emprestou US \$300,00. Do Brasil não vem nada. A carta do João, de 22 de setembro, permanece sem resposta.

78. outubro, 18 - 3ª feira: de 10:00h às 18:00h, excursão pouco interessante a Versailles (que já conhecia) com André, que não quis entrar no castelo, pois havia uma fila enorme; visitamos só os jardins. Depois Chartres com a bela catedral onde se sobressaem os vitrais. No hotel me informam que Haroldo telefonou na noite anterior. Saio para ver um filme, depois vou ao Le Kahlife e convidohmar para sair comigo amanhã.

79. O filme: *Les Contes de Canterbury*, de Pierre Paolo Pasolini. Não conheço o livro, nem me lembro de ter ouvido falar do filme, premiado em Berlim, 1972. Décor magnífico, o sexo completamente sem tabus, ironia, humor. tudo num cenário maravilhoso da Inglaterra e a catedral num colorido e composições e trajes que lembram pintores holandeses. Não sei se recordo todas as histórias que se sucedem, quase sempre separados pelo aparecimento do autor.

80. Uma espécie de Kalifa velho resolve casar com uma jovem que ama um belo rapaz. As bodas, as duas trepadas de velho. Um dia ele amanhece cego. Passeia pelo jardim, o rapaz escondido numa árvore, ela sobe, trepam, o velho volta a enxergar, flaga, ela convence o velho de que foi uma visão.

81. Enrabação de homem por homem, o "diabo" olha pela fresta da porta, denuncia, a guarda vem, perdoa ao rico que dá todo o dinheiro que tem; o pobre é queimado numa fogueira.

82. Um bobo alegre vai trabalhar numa tenda de ovos, sai para jogar com rapazes, é pego em flagrante pelo patrão, quebra todos os ovos, vai com um dos amigos, dormem na cama ele, o amigo, a mulher - outros, uma bacanal, todos nus - a polícia vem, o bobo é condenado à guilhotina, sempre rindo e cantando.

83. Dois estudantes, enrabação de mulher por homem, um estudante mijá no público do bordel. Vão os dois, depois dormem todos numa sala, um estudante trepa três vezes com a filha do dono do moinho, o outro com a mulher do dono. O homem descobre e expulsa os rapazes.

Três rapazes (a 1ª fase da outra história é desta) encontram um monte de moedas sob uma árvore. O mais moço vai comprar pão e vinho - e veneno - que põe em dois garrafões para ficar com todo o dinheiro. Os dois combinam matá-lo e o fazem quando o menor chega. Bebem vinho. Morrem todos.

84. O sacristão é apaixonado pela mulher de um velho. Um dia se agarra com ela e fica todo o tempo de pau duro, aliando sob a calça. Ela gosta de outro rapaz, botam o velho a dormir e vão trepar. O sacristão chega na janela e implora à mulher que consente em lhe dar um beijo, mas lhe peida na cara. Ele vai a uma ferraria e traz um ferro em brasa. Implora, vai o rapaz e quando peida recebe o ferro quente na bunda.

85. A casada, o marido exausto, que morre de tanto trepar, o estudante, enterro de um e casamento logo a seguir: na mes-

ma igreja, a mordida no nariz do rapaz porque ele não quer trepar. Antes, no campo, a mulher masturba o estudante.

86. O padre vai morrer, distribui toda a fortuna e diz ao camareiro que sua parte está metida na bunda dele, moribundo. O outro procura e recebe um peido na cara.

87. Não me lembro bem, só que o conto acaba num imenso inferno com centenas de homens e mulheres nus, diabos e mais diabos, gente enforcada. Da bunda de um demônio vermelho saem dezenas de diabinhos com asa. Bosch.

88. outubro, 19 - 4ª feira: (hotel :225 f) Ruth não entende minha decisão de voltar para Ceres, temos longa conversa e me dá conselhos, está cansada, deve voltar para Barcelona para reunir a bagagem e partir ao Brasil. Ajudo André a levar sua bagagem ao Terminal, depois ele é que me ajuda a trazer a minha para Ceres. Ele me conta que Ruth se queixou de mim porque não saio com ela, que chorou muito, etc. André comprou 100 dólares de gravuras que pago e assim só lhe devo 200.

89. De noite, Via Brasil com o tunisiano que se chama Lahzar. Nada feito, Show com Marina Montini. Encontro com Haroldo, Ricky e um amigo de Lilia (não me lembro quem é). Entrada 90f com direito a 1 drink, + 45f => (margem esquerda - 157,50 numa batidinha de limão) cedo outro drink. Chego às 4:00h e JP faz curativos nos ferimentos da queda que sofreu da mobilete.

90. Há dias que o noticiário dos jornais só se ocupa do rapto do avião da Lufthansa, morte do piloto (assassinado e jogado na pista), suicídio(?) dos piratas presos pelos alemães.

91. outubro, 20 - 5ª feira : outro dia besta. Ruth chega no fim da tarde, vamos com Ceres jantar no apartamento de Cibele Varela. André foi embora. Haroldo não telefonou.

92. outubro, 21 - 6ª feira: 30 dias em Paris, 40 de viagem. Trouxe 2.400 + 200 do André = 2.600 ; tenho 1.640; gastei 960; média diária 24\$US. Contando “perdas, roubos e danos.”

Durante o dia, adiantei a novelinha. Às 20:00h fui buscar Ruth para jantar no Le Kahlife. Apresento Lahzar. Ruth: “Quero guardar o endereço daqui para nunca mais entrar. A música me irrita.” Vamos à inauguração da 4ª FIAC (Feira Internacional de Arte Contemporânea). Ruth : “Não se pode ver nada. Melhor é voltar num dia qualquer.” Ela nem sabe quem é Andy Warholl! que absurdo seu Harry-observação escrita por R

93. Boa noite. São apenas 22.15 min. Não há ninguém em casa.

Nota: encontro casual na FIAC com Niomar, cumprimentos rápidos, Ruth não pára, acha que está mal vestida, ou será porque bebi uma garrafa de vinho?

94. outubro, 22 - sábado: cartas: de Plínio com montes de recortes de jornal sobre Bienal e quatro páginas sobre o que ele chama de "2ª batalha de Itararé" (a demissão de Frota); de Fernando Lemos, muito gentil, dando as datas em que vão sair as matérias: 9/10 (Ibiza, já recebida) , 23/10, 30/10, 13/11 e 20/11 aos domingos, . Sugere antecipação de Shiró . - Almoço com Shiró, Beatriz, Ruth em casa do pintor. Telegrama e Aerograma para Lemos, antecipando matéria de Shiró. Muito interessante a obra gráfica de Beatriz sobre livros infantis.

Volto para casa, durmo, saio, janto, bebo, volto, durmo.

95. No restaurante faço um esquema das possibilidades de satisfazer meus interesses e necessidades pessoais em São Paulo, Florianópolis e Porto Belo. Nove itens positivos e um negativo(perigo de vida), pontos de 1 a 4: nenhuma possibilidade, pouca, suficiente, demais. A soma deu São Paulo - 27; Florianópolis - 18; Porto Belo- 15. A soma Florianópolis - Porto Belo dá 33. A solução seria manter a casa de PortoBelo e alugar apartamento ou casa em Florianópolis?

96. Se eu realmente voltar a escrever, esta será a solução ideal. Itens arrolados: telefone, amizades, companhia, sexo, multidão, vida pública, empregos, possibilidade de escrever, facilidades domésticas, perigo de vida. Se eu acrescentar tranquilidade, a soma Florianópolis - Porto Belo aumenta disparada.

97. outubro, 23 - domingo: um drinque no apartamento de Georges, aqui em frente. Almoço com Rainho , Alice e Ruth no excelente restaurante L'Escargot. (38, rue Montorgueil - 75001). O casal conhece a dona, Kouikette Terrail, irmã do dono do Tour d'Argent. Depois um drinque no Les Deux Magots. Depois ap. de Ceres, televisão. Pelas 19:30 saio com Ruth e François para levá-la até à Gare de Austerlitz. Vai para Barcelona de trem , de lá para o Brasil. Volto só, janto no Sarah Bernhardt. Ceres, JP. F. e um vizinho ainda vêem televisão. São 23:15 min.

Fotos automáticas na Gare de Austerlitz.

Ruth me empresta 500 dólares.

98. outubro, 24 - 2ª feira : São 22:30 min. Pior do que este jantar é impossível. Uma francesa gorda, loura, de azul claro , fala sem parar há pelo menos 2 horas. O marido é o

único que ousa dar alguns palpites tímidos. Outro casal francês, de St. Raphael, escutam. Ceres escuta, conseguindo gemer alguma interferência. Uma polonesa que traduz peças de teatro, não tem o que dizer. Jean - Pierre fugiu para o quarto de François; eu acabo de fugir para o meu.

99. De tarde no Grand Palais para rever a 4ª FIAC e encontrar Alice. Encontro Gaitis que não vejo há muitos anos. Gentil, fiquei de voltar para lhe comprar gravuras. Volto?

100. outubro, 25 - 3ª feira: Adeus, paz e silêncio da rua Quincampoix! Às 7:30min da manhã começa uma grande máquina a quebrar o asfalto e arrancar o antigo calçamento para transformá-la em rua de pedestre. Chega a estremecer o velho casarão tombado (séc XVII) onde fica o apartamento de Ceres.

101. Em vez de ir a Londres, porque não ir a Atenas com Gaitis?

Então começou tudo a dar certo: duas cartas, uma do Banco do Brasil com US\$ 1000,00 (na troca em travel chek perdi 10,0): outra de Morgan Mota dizendo que posso ficar no studio dele, em NY.

Na FIAC-77, Gaitis me convida para ficar com ele na Grécia. Compro 4 serigrafias: preço normal 300X4 = 1200 f = 4.320,00 cada uma 1.080,00.

para mim com 35% $780 : 4 = 195 \text{ f} \times 36 = 700 \text{ cruz.}$ com uma

=> depois disso, o papo com Shiró e o diálogo (?) Ester-Suzana (o filho que cada uma teve) - depois o vernissage de Bril, depois a insistência de Ceres para ir ao jantar, eu o nº 12 de uma mesa em que só cabiam 11. (2 ingleses, dois franceses, 2 irlandeses, 2 brasileiros, 1 alemão, 1 italiano, 1 (mulher) marroquina, 1 islandês).

=> durante o jantar a bolação da tristeza de Águia, prefiro me reconciliar com o mar a saber que vou perdê-lo (perder a casa)

Volta, preço de sharter (900?), drinks, telefonema para Sálvio - o castelo é meu, LS só vai receber os 500 por mês, quer recuperar e vender as coisas.

=> São 3 horas da manhã: é melhor dormir antes que as máquinas comecem a destruir a rua.

102. outubro, 26 - 4ª feira: Não há água em casa. Com as obras de restauração do prédio, apareceu defeito no encanamento, há infiltração na sala principal. A água vem por algum tempo, depois fecham novamente. O banheiro com reserva de água, como quando eu morava em Copacabana. Por outro lado, a rua sem calçamento, terra pura, com a chuva fica igual à Av. Celso Ramos, de Porto Belo.

Almoço aqui com um casal de franceses que mora em New York (Nadine) , me deram endereço.

De tarde, a procura de um vôo charter para Atenas: encontro um a 800f.

De noite, exposição de um geométrico, telefonema a Barcelona

103. outubro, 27 - 5ª feira : Manhã toda à procura de um vôo charter : reservei um Paris/ Atenas /Paris para o dia 5, volta a 19, por 870 f (preço normal, 1570 f.): 174US mais ou menos 2.900.

Almoço aqui com Gabrielle ,a mulher que faz bichos de pano. De tarde, chegam Ildefonso, Ilka. Vamos ao consulado do Brasil tratar do passaporte roubado.Poucas esperanças. De noite, vamos para o apartamento de Ilka, enchemos a cara. Volto, encontro JP no bar; em casa há uma grande briga dos dois que apenas escuto.

104. outubro, 28 - 6ª feira: com as obras da rua, a casa hoje não tem luz,água, gás. Ceres reclama eu não ter atendido seu chamado ontem à noite para defendê-la de J.P.

Carta de Plínio com recortes sobre o Centro Pompidou, - e um leilão que o Sálvio realiza hoje em Itajaí.

Telefona o Ministro Rainho para dizer que não pode interferir no caso do passaporte de Ildefonso porque o problema é da alçada do Itamaraty.

Almoço com Ceres em St Michel - de tarde visita ao atelier de Manfredo . De noite, jantar com Ivankovistch: restaurante chinês em Montmartre, depois Montparnasse, Via Brasil que ele adorou.

105. outubro, 29 - sábado, 22:30 min . Ceres e JP ouvem música clássica no novo aparelho de som que ela comprou hoje, depois de correr várias casas, escolhendo.

Continuei a novelinha, já com 35 páginas datilografadas.

Almoço com Gabrielle, Gaby dos bichos, seu marido e Ceres.

Compras de três máscaras a 30f por uma.

Aparece Ildefonso dizendo que talvez vá embora sem o passaporte.

Carta de Lilia, já emagreceu 34 Kg.

A instalação da aparelhagem pelo filho de Gaby e a namorada.

Saio de noite, janto no Lahazar, que estou fazendo aqui?

Quando voltar vai ser duro viver com pouco dinheiro, devendo empréstimo, passagem. E carro, e Águia e L. S. ?

106. outubro, 30 - domingo: pela tarde, pegar whisky com o filho de Alice, depois uma cansativa visita à FIAC. Pela noite, chega Ildefonso, jantamos aqui, saímos, comer novamente. Como detesto gente que come demais, o melhor é

não levar avante a idéia de fazer o canil com ele.

De manhã e de noite, adiantei bem a novelinha. Não pode ser grande como pensei.

107. outubro, 31 - 2ª feira: São 10:40 da manhã. Terminei a novelinha, 41 páginas, mais outras que devo acrescentar no Brasil (os trechos sobre a mudança, a casa, os habitantes, mais a carta para Dino ou Lilia, talvez a de Ceres).

108. Carta para Dino, cartões. De tarde, montagem da expô Chaibia. De noite, ida ao apartamento de Gérard com Ildefonso. Bebo demais, volto, durmo.

109. novembro, 1º - 3ª feira: reli a novelinha para fazer um índice que permita a volta a certos acontecimentos narrados. Achei fraca. Acredito que passada a dificuldade da leitura, pela falta de pontuação, resta uma história linear. Super-autobiográfica, sem muito interesse. Talvez a solução esteja em : ampliar - sofisticar a linguagem - alterar a ordem dos fatos. Mário Faustino me dizia : “escreve tudo o que vem à cabeça, depois corta, emenda, como se faz no cinema.” A primeira parte da novela está feita.

110. novembro, 2 - 4ª feira: no fim do dia, uma chata espera por Chaibia, em Orly; depois o cansativo carregamento da bagagem. De noite, ligo para Lilia, um minuto que não dá para nada.

111. novembro, 3 - 5ª feira : chuva e poças de lama na rue Quimcampoix. Pego cartão da passagem na Av . de l’Opera. Corto cabelo (36f), pego calças na lavanderia (12,5), carta de Dino, almoço, durmo, agora 17:30min Chaibia, sua amiga, um casal tomam chá na sala. Está tudo ficando muito chato. Vontade de voltar.

112. Que bom se fosse o apartamento de São Paulo ou o apartamento do Rio! A noite mais idiota da viagem. Ceres, Jean-Pierre, Chaibia e eu . “La Monte Palaise” , montagem maravilhosa, tipo Ruth Escobar, texto século XIX, tipo “Torre de Babel” e saímos ao final do 1º ato. Depois, “Via Brasil”. Custo da besteira: teatro 18x4 = 72 f. gasolina 30 f; bebidas 300f; guarda -roupa 3x5=15 mais 5 f para a porteira. Total :422f +- 14770 cruzeiros. Para quê?

113. novembro, 5- sábado: são 22:30 em Atenas 21:30 em Paris, 17:30 no Brasil. Vou dormir. Mas antes é preciso pôr em dia o diário. Ontem, dia 4, tratei da passagem para New York, dia 22, às 13:00 h, de Charles De Gaulle . De noite, a grande feijoada de recepção a Chaibia e minha despedida para a Grécia. Mais de 30 pessoas. Do Brasil: Ildefonso, Ilka,

Francisco (pintor), Cybelle e marido, Shiró e mulher, Brill.
Não sei como terminou.

114. Hoje acordei pelas 8:30, comprei leite, pão, arrumei a mala, saí às 9:30. Metrô, ônibus, Orly. Espera chata de avião só saiu às 13:00 horas. Um Boeing 707 dividido em Zonas A,B,C,D,E, cada qual dedicada a uma ilha grega. Whisky a 3f, vinho a 6f . Chegada a Atenas pelas 15:40, aqui 16:40. Gaitis me espera com uma amiga, viemos direto para sua casa de praia a 45 Km de Atenas. Aperitivos, depois um restaurante. Gente feia, formal. Escolhem-se lagostim, peixinhos cor de rosa, pesam numa balança, preparam. Comem com a mão. Vinho branco, salada, pão. Tudo junto, 500 dracmes. Ainda não sei a correspondência porque não troquei dinheiro. => (no aeroporto ,quando passei pelo controle de passaporte, o cara falou Brasil - Laus e dedilhou um fichário à procura de meu nome)

115. novembro, 6 - Domingo: São 5:00h da tarde. Tudo tranquilo como Porto Belo. Pela manhã, o céu nublado, passeamos ao longo do mar, Gaitis, Anny , eu. Não há praias: só pedras pequenas com a areia petrificada fazendo grandes blocos, uma espécie de roda vulcânica. Os muros são construídos com essas pedras. A casa de Anne é grande, moderna, simples: um salão grande, uma cozinha ampla, três quartos idem, o banheiro idem, tudo amplo. O terreno enorme. Grandes papos em francês sobre arte, falo sobre minha novelinha, sobre a nova idéia de publicar as “três formas, ou tentativas, ou estágios, ou ensaios “sobre o mesmo texto. Almoço simples: ovos, arroz, vinho, queijo, pão, depois dormir um pouco. Agora faz bastante frio.

=> São 23:45 : Em Atenas, no apartamento de Anny Kostopoulo. Saímos de Porto Rafti pelas 17:30 , a chateação da volta com a estrada lotada , às 19:30 no apartamento. Volta pela cidade, completamente moderna, prédios de 5 a 6 andares. O Centro é a Praça da Constituição com grandes hotéis, cafés. O Palácio Real (atual Congresso) é do início do séc . XIX, o resto tudo moderno. Voltamos: na TV o Pres. KARAMANLIS faz uma propaganda para a próxima eleição, dia 20. Uma multidão aplaude ou vaia o presidente. É a democracia grega.

=> Bebida local : OUZO, um líquido incolor que fica leitoso com a água, uma espécie de aniz, pastis, pernod.

116. novembro, 7 - Segunda - feira: de manhã , ida ao estudio de Gaitis, telegrama a Ceres, museu fechado, passeio pela cidade. Troca de dinheiro. Se em Paris multiplica-se o franco por 3 (ou 3,5) aqui se divide a dracma por 2 francos cada, o valor em cruzeiros - Não adianta nada . É tudo caro. Por exemplo : almoço num restaurante razoável, 221

dracmas, mais ou menos 100 cruzeiros. Não se compreende absolutamente nada. O idioma grego é sonoro, doce, sem os terríveis h aspirados dos árabes ou dos alemães. Mas não há nada parecido.

117. Depois do almoço, o conto do vigário, Pelas mulheres, o tal champanhe como em Bruxelas. 40 dólares perdidos estupidamente. Nem a idade corrige minha burrice.

118. Hoje: dois meses que saí de Florianópolis: Parece muito mais. Bastante saturado com esta despesa besta. Não tenho lá grande entusiasmo em ver arte, museus, nada. Voltar para onde?

119. novembro, 8 - 3ª feira: Ontem à noite saí com Gaitis para ver a galeria onde estão seus múltiplos e seus quadros, depois a uma outra onde o dono resolveu “descobrir” um artista morto, sem importância. Aparece um rapaz simpático que escreve para teatro. Não fala uma palavra de francês nem de inglês.

120. Depois vamos com Anny, jantar numa Taberna típica. Quase ninguém. Dois velhos super-borocochôs tocam banjo e violão, velhas canções gregas. Tudo muito constrangedor porque falam entre eles, eu ali feito um boneco de Gaitis (como os que ele pinta ou recorta em madeira). Vontade de cancelar todos os projetos de excursões pela Grécia, pegar o avião, voltar a Paris, passar por New York para justificar o preço da passagem e voltar a meu país, à minha vida menor, porém única que realmente é válida e autêntica porque, afinal, eu a encaminhei para isto. Gastar tudo e chegar lá apenas com dívidas? Não sei que fazer. Hoje amanheceu um belo dia de sol. Talvez isto mude meu estado de espírito, como mudava o de Ester em Porto Belo.

121. De 10:00h às 12:00h, visita ao Museu Nacional de Arqueologia. Realmente, em termos de cerâmica, joalheria, mesmo escultura e desenhos, os gregos já fizeram tudo há 20 séculos a.C. até o 6º e 5º séculos a.C. Deve ser terrível para os artistas gregos modernos carregar o peso desse passado fulgurante. A mais violenta impressão que tive em minha vida, quanto a conhecer museus e arte!

Depois, do almoço, outra porrada foi visitar a Acrópole. É melhor não dizer mais nada.

122. novembro, 9 - 4ª feira: pela manhã escrevi as “Anotações de Viagem - 6” sobre Gaitis: “Os homens de Atenas”. Almoço fora com o casal, depois ida ao mosteiro de Kaisariani, fundado no século XI, com afrescos bizantinos do século XVI. Nos arredores de Atenas, com uma magnífica estrada entre alamedas de ciprestes esguios.

123. No fim da tarde, para forçar minha ida a diversos lugares e não me arrependeu depois, comprei bilhetes para três excursões, 11/13/15 Novembro : total mais ou menos 1.200,00

124. novembro, 10 -5ª feira: visita ao Museu Bizantino. Obras dos séculos XI ao XVIII. Pintura, frisos e esculturas em mármore, objetos litúrgicos, talvez preciosíssimos, miniaturas esculpidas com minúcias impressionantes, coisa de louco. Paramentos bordados, coroas bordadas com a precisão de um computador. Incrível.

Comprei um disco de Jorge Ben para Anny.

Novamente um desejo incrível de voltar para casa (?)

Almoço em Pireus, uma jóia de porto chamado Turcolimanon.

Visita ao mosteiro bizantino de Dáfni, com preciosíssimos mosaicos a cor e ouro, do século XII.

125. novembro, 11 - 6ª feira: 1º tour , de 8:00 às 18:00h, cerca de 400km. Primeira parada para ver o canal de Corinto, aberto na rocha entre 1882 /93 para encurtar uma viagem em 200 milhas marítimas. Depois, a antiga Corinto: Templo de Apolo, 585 a.C. A seguir, Mecenas e a porta dos leões, o túmulo real , o túmulo de Agamenon: a guia diz ser pelo ano 1400 a.C. , mas não dá certeza. Segue-se para Nauphie, onde se almoçou num hotel moderno construído junto a uma fortaleza antiga. Por fim, o teatro de Epidauro (IV a. C.). Durante toda a viagem, as montanhas agrestes, chão pedregoso, vegetação rala e baixa. Nos vales, grandes plantações de laranja, maduras neste tempo, oliveiras aos montes, ciprestes, plátanos, pinheiros (totalmente diversos dos do Paraná). Passeio histórico, muito pouco artístico.

126. novembro, 12- sábado: Há dois meses que cheguei a Madrid . De Porto Belo, saí a 9 de agosto. Fora de casa há 96 dias.

São tantas as gentilezas de Gaitis e Anny que não sei que fazer para recompensá-los. Não me deixam pagar absolutamente nada.

Telefonei para Ceres. Diz estar com saudade de meu sorriso.

Que há lá cartas para mim. Ildefonso ainda não viajou.

Continua na Grécia a campanha política para as eleições e renovação de deputados. Cada noite, um chefe de partido tem falado pela TV. Milhares de cartazes por todas as ruas.

Uns enormes com o retrato de Karamantis e a legenda.

NEA AHMOKPATIA (NOVA DEMOCRACIA).

127. Anny não é uma mulher bonita mas extremamente simples e simpática. Não sei há quanto tempo vive com Gaitis. Eles se gostam muito. Anny é divorciada, tem dois filhos de

19, 20 anos. Um estuda filosofia em Londres , o outro estuda na segunda cidade da Grécia, Thessalonique. São bonitos pelas fotos que há pela casa. Estou no quarto de um deles, com posters e fotos pelas paredes, como o quarto de qualquer jovem em qualquer parte do mundo. Anny passa os dias pintando. Não tem muita confiança no que faz. Pinta paisagens com árvores secas, cadeiras vazias, um pano espalhado pelo chão, pelas cadeiras. Tudo em tons de azul e branco. Pintura de uma terrível solidão.

128. O apartamento é moderno, amplo, um belo salão, 3 quartos, dois banheiros térreos.

129. A Grécia tem cerca de 9 milhões de habitantes. Atenas e Pireus, atualmente ligados como uma só cidade, têm 2,5 milhões. Temperatura, até agora, agradabilíssima. Basta um casaco ou um pulôver.

130. 23:00h: Gaitis e Anny foram a uma reunião política. Fui ao cinema ver Bergman, *Face to Face*, com Liv Ullmann. Falado em inglês, letreiros em grego. Compreendi pouco. A mesma mistura do real com o sobrenatural, sonhos, delírios, etc. Como sempre, um filme impecável. Bergman usa e abusa do talento dramático da atriz. Fica mais teatro que cinema.

131. Curiosidade : platéia fala, fala, fala. 10 minutos de publicidade. A platéia fala, fala, fala. Começa o filme, silêncio absoluto. Na metade , há um intervalo. A platéia fala, fala, fala. Recomeça o filme, silêncio total. Termina o filme, a platéia sai em silêncio.

O bairro, muito chic, do apartamento de Anny, se chama Kolomaki.

132. novembro, 13 - Domingo: o segundo "tour", desta vez marítimo - saída às 8:00h da manhã, volta às 19:00 h. Magnífico. Até à primeira escala, 3 horas, pude pensar em minha vida (SC ou SP) na "novelinha", até que o navio Meltemi II chega a Hydra. Os gatos , a cidadezinha que lembra Porto Fino, a igreja de ícones de prata. Junte linda, vontade de ficar por lá. Almoço a bordo e barco sai, passa por Paros, entre essa ilha e o Peloponeso, até chegar a Egina. Excursão até o templo de Atenas Afê, construído no século VI a. C. O barco é grande, não preciso falar com ninguém. Os americanos (maioria) são, realmente um povo detestável. Subúrbio carioca é apelido.

133. No "Le Monde" de hoje a U.H.E (União homossexual espanhola) faz algumas reivindicações, entre elas a de colocar um X no item relativo ao sexo, nos passaportes.

134. novembro, 14 - 2ª feira: apenas um dia a mais. Reserva de passagem, compras, carta a Plínio. No fim do dia, chuva e mais chuva até quando vou dormir pela ½ noite, sem sair.

135. novembro, 15 - 3ª feira : como ontem, acordo às 6:00h da manhã e não posso dormir mais. É tempo de voltar! Mas o avião só parte sábado pela manhã. Então leio sobre Duchamp até 9:00h. Saio, compro fitas gregas, vou ao Museu Militar, um prédio moderno inaugurado há dois anos. Reproduções, cópias, jatos, miniaturas, quadros acadêmicos de batalhas e generais. Toda a história militar da Grécia. Pobre como museu - vale o prédio. E a pela Saroglan, de armas e couraças e elmos de todas as épocas.

136. Volto para casa. Chove. Leio sobre Klee, Mondrian¹², história comparada das civilizações. Saio com Anny. Entrevista à radio de Atenas sobre a FIAC e Gaitis. Antes, mudo meu quarto porque o filho mais velho de Anny (22 anos) chega hoje para votar. Fomos à estação esperá-lo. Bonito, de barba.

137. De noite, um grande comício político na Praça da Constituição. Milhares de faixas e bandeiras, seis oradores, o último de uma eloquência fantástica. Estudo poucas palavras: cristianismo, socialismo, comunismo - americanos, monopólio, oligarquia - democracia, política, povo (laços). No final, a multidão canta uma bela canção revolucionária, batendo palmas, todas as bandeiras se agitando.

138. novembro, 16 - 4ª feira : 3º e último tour, em direção a Delfos. Um americano senta-se a meu lado e falou sem parar, na ida e na volta. Não lhe interessava saber se eu entendia ou não. Queria falar. Passamos por Tebas, Levadia, Arakiova (helfmina, pendurada na montanha) mas só paramos num bar de estrada sem interesse nenhum. Em Delfos visitamos o museu com os tesouros de arte dos séculos V e VI a.C.; depois o templo de Apolo, o teatro, o estádio, outro templo outrora redondo, a Atena (?). O panorama de altas montanhas e o mais grandioso que tinha na Grécia. (Passasse também pelo Monte Parnaso).

139. Na volta, a cidade totalmente tomada pelas demonstrações políticas.

140. novembro, 17 - 5ª feira: Ante- véspera da volta a Paris. Telefonema a Ceres para falar com alguém em português. Últimas compras.

=> são 2:30 da manhã de 18, véspera de minha libertação da Grécia. Gaitis, Anny e eu jantamos por aqui perto. Paguei

¹² Referência aos pintores: Paul Klee ligado à Escola alemã Bauhaus, surgida em 1919 e ao holandês Pieter Mondrian ligado à arte abstrata geométrica.

pela primeira vez. Voltamos. Bebi o mais que pude. Nada adiantou. Anny foi dormir, Gaitis disse que era 1 hora, mentira, era ½ noite. Vim para cama. Dormi. Acordei agora. Será que o sexo é tão importante?

Imagine, antes de vir dormir, escrever um monólogo de tudo o que vi, ouvi, sem poder participar. Ainda não sei como poderia ser.

=> 6:30. Agora me acordo com um insuportável cheiro de negro na cama. Estranho: o mesmo cheiro senti na 1ª noite que dormi no hotel em Paris. Mas como começa a amanhecer, o melhor é acertar a data.

141. novembro, 18 - 6ª feira: Véspera de começar a voltar! Ida ao atelier da ceramista Eleni Vernardaki; esposa do dono da Gal. Poliplano. Ganhei uma romã e uma maçã de cerâmica.

Ida de táxi rever Pireus.

Museu Nacional de Arqueologia.

Comprei uma rosa de porcelana e prata para Anny.

(ela saiu, são 19:00h, para encontrar Gaïtis e irem a um encontro político. O filho, de cujo nome não me lembro, até agora não me dirigiu a palavra. Apenas responde meus cumprimentos. Naturalmente me considera um intruso no apartamento que, afinal, deve ser do pai dele e onde sua mãe vive com outro homem - que ainda por cima traz um estranho para a casa. Ele está no quarto ao lado. Passou por minha porta, foi para a sala. Li o "Times", fui à sala buscar mais whisky. Ele via televisão.

- Alô! - eu

- Alo!

- Do you never drink?

- No.

Voltei ao quarto, li mais um pouco

-I'm going out-side.

-Okay.

-Do you think to meeting is finished?

-?

- The political meeting?

-Not yet.

-Bye.

142. O comício foi uma coisa grandiosa. Milhares de bandeiras azul e branca, foguetes, fogos de artifício. Karamantis falou acho que uma hora. Jantei. Na saída, o povo tinha ido embora. A grande praça estava coberta de volantes azul e branco.)

143. outubro, 19 - sábado: acordo às 7:00 h, café, despedidas, táxi, aeroporto. O Boeing da Olympic partiu às 9:15. Cá estou eu novamente no espaço. Neste momento, 11:00h, so-

brevoamos o Mar Adriático, a costa italiana à esquerda do avião.

-11:30 , sobrevoamos Milão

-11:35, os Alpes completamente brancos de neve.

(em Atenas , 22 graus ; em Paris ,4)

-11:45, uma pequena cidade toda branca. Em seguida, o lago e a cidade de Genebra, situados numa parte mais baixa , verde. Recomeçam regiões geladas.

- 11:50 , agora só nuvens lá embaixo. Em Paris , 10:50.

144. No apartamento de Ceres, Tallal e Chaibia. Chegam Carlo e Dominique. Almoço. Na TV, a chegada de Sadat ao Israel às 19 horas. Transmissão ao vivo do aeroporto de Tel-Aviv. Um gesto sem precedentes que vai (ou pode) mudar toda a política do Oriente Médio. Talvez um gesto romântico mas, de qualquer forma, digno de todo o respeito.

145. Jantar com amigos de Chaibia e Tallal. Jean - Pierre e Ceres também foram. Belo apartamento triplex em caracol de metal.

146. novembro, 20 - domingo: Frio. Bastante frio.

Almoço com Shiró, Beatriz , a filha. Conversa sobre o problema (pobre, para mim) do audio-visual e mesmo da vídeo-art, em relação ao cinema .

147. Sadat fala ao parlamento de Israel e diz que uma das condições da paz seria criar um Estado para os Palestinos. Um pouco messiânico. Responde o Primeiro Ministro e evita tocar no assunto Palestina. A interferência de um deputado comunista : “e por que não citou a Palestina”. O “Premier” se dirige em inglês para Sadat, mais ou menos assim: “Ainda bem que meu deputado interrompe meu discurso, em vez de ter interrompido o seu”. Nada diplomático.

148. Ida com Shiró ao apartamento de Gabriela , mulher de Gaitis, para lhe entregar 4.000f que a Galeria Poliplano lhe mandou. Agora, 20:00h, estão na sala : Chaibia, Ceres, Jean-Pierre, um casal francês.

149. Em 1975 : A reação francesa contra Franco, a Marcha Verde em Marrocos, de um lado, e a morte de Pasolini de outro.

Em 1977: As eleições na Grécia e a visita de Sadat a Israel; e a morte de Callas do outro lado.

Em 1978: Se eu não tivesse tanta preguiça (ou insegurança) , poderia fazer um bom livro, misturando o dia a dia com estes acontecimentos. - De um modo diferente, do que fez John dos Passos em *Paralelo 42*.

150. Quando perguntei a Ruth se ela não estava fazendo outro livro, me disse mais ou menos que tudo é uma questão de propaganda, publicidade, sei lá! e eu penso que a gente deve escrever para si próprio. Que o valor ou desvalor da coisa será julgado a posteriori. Hoje pela manhã li isto de Leo Ferré que explica alguma coisa:

“En definitive , l’artiste écrit pour lui, la première fois, pendant la première heure. Et puis il arrive un moment cruel sent que ce qu’il écrit ne lui appartient plus , et ce moment -là , malquè tout, m’est un peu possible.”

151. Não tenho mais medo de voltar. Pelo contrário, sinto vontade de voltar. Vou a Nova York talvez por uma questão de vaidade. Para provar não sei quê, nem a quem provar essa bobagem. Rever museus, 5ª Avenida, Broadway? Meu museu sou eu, minha 5ª Avenida é uma rua qualquer em Santa Catarina, minha Broadway não oferece grandes espetáculos: o meu sempre é mais importante para mim.

152. novembro, 21 - 2ª feira: Pouco antes das 6:00h da manhã , toca a campanha. Era o ator Jean- René Gossart que vinha buscar Chaibia e Tallal que partem para Casablanca. Não dormi mais. Preparei toda a bagagem.

153. Ida a Varig para enviar matéria sobre Gaitis, as últimas *Anotações de Viagem* e ao apartamento de Alice para lhe entregar uma serigrafia de Gaitis e pagar 6 garrafas de whisky que comprei dela. Preço para a embaixada: 8,5 f = 30,00. No comércio , o mais barato custa mais de 100,00. Ida a Air France, para confirmar reserva, compra de dólares, em casa de Ceres na espera Ilka, depois chega Shiró com um disco de Brasucas.

154. Dois meses de Paris, com intervalo da Grécia. Cheguei aqui a 21 de setembro. Da próxima vez, se houver, ficar em hotel, menos tempo, viver mais intensamente.

155. novembro, 22 - 3ª feira: acordei antes da 6:00h e não pude mais dormir. Agora são 6.30. Preciso encher o tempo até amanhecer. Como a chafoge está ligada, não sei o frio que estará fazendo lá fora. Noite completa, apenas o ruído de um motor de carro.

156. Já calçaram um pedaço da Quincampoix, mas em frente à casa de Ceres continua enlameado como em Porto Belo. Meus planos: ficar em New York até 4 , passar meu aniversário em São Paulo, o Natal em Porto Alegre, o Ano Novo em Floripa - Tijucas , voltar para Porto Belo. Escrever, escrever, escrever!

E o François acabou ficando a me dever 200f mais ou me-

nos 40 dólares. Isto reforça minha desconfiança sobre os US\$ 80,00 desaparecidos. Como compensação, me dá chinelos marroquinos que, assim, tem seu preço aumentado de 40 para 700 cruzeiros.

157. Shiró vem me buscar às 11:00h, vamos para o aeroporto Charles de Gaulle, embarco as 13:00h e chega a New York às 15:00h. Mas acontece que em Paris já são 20:00h. Tempo de vôo num 747, sete horas. O peso da bagagem me leva a pegar um táxi: 20 dólares. Morgan não está; espero de 16:30min às 18:00h. Chega, sai, diz que volta às 22:00h. Então já serão 3:00h da manhã.

158. novembro, 23 - quarta-feira: 4 graus em New York. O estúdio de Morgan fica no 3º andar da esquina da rua 54 com a 2ª Avenida. Vista da janela, a "paisagem" parece uma rua de São Paulo. Acordei às 7:30min com a mesma perseguição de Paris: britadeiras em funcionamento num prédio em construção no outro lado da avenida. Exposição da Dorée Camargo Correa, no Brazilian American Cultural Center (BACC). Fiquei envergonhado com a coragem cara de pau da mulher.

½ hora de estacionamento: mais ou menos 3 cruzeiros

159. novembro, 24 - 5ª feira: acordo às 4.30min com a discussão na rua, de marido e mulher. Como são 9:30min em Paris, não consigo dormir mais.

Hoje é feriado, Thanksgiving Day (Dia de Graças). Vejo uma grande Parada na Broadway.

Depois faço dois tours para ver toda Manhattan, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, em companhia de um brasileiro carioca e contrabandista que encontrei por acaso.

Morgan, sentado em sua privada lê o último número de "Veja". São 20 horas (aqui).

De noite, com Dick, um brasileiro que vivia aqui, demos um bordejo pelos bares estendidos: num, a turma uniformizada de blusão de couro preto, conversava como num vernissage. Em outro, todos assistiam a um filme antigo, *Mulheres*. Na loja de livros, um corredor com cabines para assistir a filmes pornô.

160. novembro, 25 - 6ª feira Dedicado a pequenas compras. Dá uma vontade louca de comprar tudo, de tão barato. Com todo o espírito prático americano, moedas são complicadas: one cent (OK), five cents (OK), one dime (dez cents, menor que a de 5), quarter dollar (25 c).

Chove. Jantei sozinho num restaurante japonês, com pausinho e tudo.

161. novembro, 26 - sábado: super-mercado, lavanderia do

prédio, correio (2) moedinhas de 1 cent, a negra do guichê: “estou recebendo um tesouro”, compras no Alexander’s com Morgan e Dorée, outras voltas com grande frio, perto de zero.

162. novembro, 27 /28 - domingo e 2ª feira:

Filadélfia e Washington

As 11:00h da manhã de domingo, estávamos prontos para uma pequena viagem: primeiro chegou Dorée com a bagagem que deixará aqui até sua partida para o Brasil, dia 2; depois veio Morgan que passou a noite fora; finalmente, Dick que segue de carro para a Flórida onde vai preparar a casa de seu chefe e nos dará essa carona magnífica para conhecer Filadélfia e Washington. Como conhece tudo muito bem, vimos em apenas uma tarde e um dia o que qualquer turista levaria uma semana.

163. A primeira parada foi na Barns Foundation, uma fabulosa coleção particular transformada em museu com visitação restrita. Apenas 180 Renoirs, 60 Matisse, diversos Cezanne, Modigliani, Rousseau, Soutine, Corat, Degas, Van Gogh, Utrillo, De Chirico, Picasso.

Depois de um rápido lanche (onde iria esquecer meu gorro de frio), demos uma volta pela cidade, ampla, bela, moderna, com uma praça onde um chafariz estava com as esculturas parcialmente cobertas de gelo. Visita ao Museu Rodin, composto quase que exclusivamente de réplicas, de suas obras mais importantes.

164. No Museu de Filadélfia, em estilo neo-clássico, muita coisa importante e tapeçarias, templos orientais ou europeus reconstruídos com fontes autênticas, tudo ambientado com móveis e objetos autênticos trazidos de diversas partes do mundo.

165. Já era noite quando prosseguimos para Washington onde jantamos, depois fomos ver a Casa Branca e o importante Memorial Lincoln. Dormimos num Motel simpático, Dorée num quarto com duas camas de casal, nós três em outro com outras duas camas. Preconceito idiota.

166. Mas não posso deixar de registrar uma coisa que via de perto pela primeira vez em meus 55 anos: a neve. Começou na estrada onde retardou um pouco a viagem. Aos poucos, foi-se acumulando na estrada, nos gramados, nas árvores, nos carros. Quando chegamos a Washington os carros estavam todos brancos. Dorée não resistiu e comeu neve. Mais tarde, diria que tinha gosto de paz, imagem bem de acordo com sua ingenuidade. (A irritante conversa de Dorée e Dick sobre astrologia, durante a viagem).

167. Na 2ª feira, seria a maior maratona de toda a viagem, desde que deixei o Brasil. Para não alongar demais estas anotações vamos resumir: Pela manhã, visita à exposição de Aldir Mendes de Souza numa repartição brasileira onde Morgan tinha de tratar de alguns assuntos e Dorée foi tentar uma exposição para 1978, talvez.

168. Como tudo aqui é exageradamente monumental, numa irritante ostentação de riqueza do império americano, deixo os adjetivos para o dia em que desenvolver estas notas:

Museu Nacional *Air and Space* com toda a história da aviação, desde os balões até à decida na lua. Lá estão todos os objetos voadores "ao vivo". Um filme projetado numa tela gigantesca completa a visita.

Museu de arte moderna com a coleção particular da National Gallery. Impossível percorrê-la toda em tão pouco tempo. Vi a coleção dos Impressionistas, El Greco (o pintor que me impressionou muito desde 1946, quando S. Castelo Branco me deu um livro sobre ele) um Da Vinci

Rápida passada por um Museu Histórico pouco interessante e bastante kitch, montado em 1876 para comemorar o primeiro aniversário da Independência Americana.

Rápida entrada na Biblioteca do Congresso, visão do Capitólio, visita ao Memorial de Kennedy com três teatros, um foyer enorme atapetado de vermelho com o teto ameaçando cair, que apesar de novos tabiques de proteção atrapalhavam uma visão de conjunto.

Um belo trem, igual ao interior de um avião, nos traz de volta a N York (de 19:10 às 23:10).

169. Difícil, para quem vem de um país pobre e subdesenvolvido, compreender de onde vem tanta riqueza. O estudante americano não precisa sair do país para entrar em contato direto com a arte de todas as épocas em todo o mundo. É preciso, mais tarde, comparar a Grécia antiga monumental, com a pretensão e ostentação americana de Washington. Por falta de uma arquitetura própria, há uma mistura do neo-clássico com o vitoriano e mesmo com a arquitetura fascista de Mussolini. Mas tudo em escala de 1:100.

170. novembro, 29 - 3ª feira: Neva em New York, desço para comprar jornal. Notícia na primeira página do "Daily News": "Brazilian Slain in Hilton" - trata-se do assassinato de um brasileiro no Hotel Hilton, amarrado, sufocado, totalmente irreconhecível. Chama-se Roberto Santos, nem sei quem é.

Visita ao novo atelier de Antonio Henrique Amaral. Visita a galerias de arte da West Broadway.

Noite, "Broadway Theatre" - com Dorée, para ver "The Wiz", show em cartaz há mais de dois anos. Vozes maravilhosas.

171. novembro, 30 - 4ª feira: Compras, compras, compras , o delírio das compras. Para quê?

De noite, reunião na galeria de Morgan. De repente, quatro catarinas : uma pintora de Itajaí, um reporter da Manchete também de Itajaí, um pintor de Brusque e um de Tijucas. Mas Carmem Bardy, A H Amaral, Aldir Mendes, outros. Tudo ótimo.

172. dezembro, 1º- 5ª feira - Dia de ver galerias e museus; com a "inteligente" companhia de Dorée. No museu Guggenheim, retrospectiva de Fontana, no Whitney , retrospectiva de Jasper Johns; Helen Frankenthaler, na galeria Emmerich ; René Magritte , na Janis e Tamayo na Marlborough.

De noite, teatro, ainda com Dorée, para ver *Chorus Line*.

Sobre Roberto Filizola Santos, o assassinado , a imprensa não fala nada. Morgan foi encarregado pela Manchete para fazer a reportagem. Trata-se de um milionário mineiro.

=> Dog Shirts : "Pierre Cardaz"

"Christian Dog"

Empregada do Morgan : US\$ 20,00 por duas horas, uma vez por semana. Aluguel 350,00; luz mais ou menos 50,00 ; mais ou menos 25 telefone (sem interurbano); comida na base de 30 por semana, em casa. Viver um mês , na base econômica , mínimo 800 dólares.

173. novembro, 2 - 6ª feira: Dorê, sem ser batata. Camargo, que amargo não batata dorê. Corrêa, sem ser cor nem gonorréia. Dorée burra, limitada, inculta ("Lucia Fontana vive em Nova York?"), rica mesquinha (" eu pago o meu com 'tico-ticos' ; você paga a sua parte"). Dorée da pintura infantil foi embora hoje. Deixou meus dois dedos indicadores feridos. Porque passei de 11:00 às 11:30 desmontando suas telas que ninguém ousou gostar. Pobre madame Dorée. Por que não vai ser cartomante? Amante. Filhos não tem. Não se atreve. Pensa que sublima na simplicidade de uma tela, toda a frustração de 15 anos de seiva perdida? Maturação aprofundada em luxo pobre, econômica, mesquinha. Pobre Dorée mal dourada, mal amada, mal compreendendo o vital de ser sem parecer. Mesmo assim, ou por isso mesmo, gosto de ter pena de ti.

174. novembro, 3- sábado- Afinal, Cézanne entre 12:00h e 14:00h. Talvez seja melhor não dizer nada.

-Compras.

-Arrumar as malas.

-Embarcar às 9:00h que já eram 4:00h no Brasil.

175. novembro, 4 - Domingo -Dino me esperava. Com Luis. Acabou a aventura. Agora é pensar no possível e no impossível.

ÚLTIMO DIÁRIO

ÚLTIMO DIÁRIO - JUNHO 1988-MAIO 1992

1. Junho de 1988 - (anotações dia 12) primeiras idéias para outra novela, que poderia chamar-se *O Ninho*.
As idéias têm surgido aos poucos. Tempo de um dia? Tempo presente? Lugar: o terreno de Porto Belo com as três casas, sem necessidade de se dizer onde é.
2. Acumulação de lembranças: comer um doce: vem a memória de muitos gostos e doces que se comem em toda a vida, em vários lugares, lugar importante feitos por diversas pessoas. Fixar-se no momento importante, ou no, ou na pessoa importante.
3. Talvez ação contínua, sem divisão em capítulos.
Enterrar um cachorro morto, por exemplo, vem a lembrança de muitos enterros, com a recordação e momento, lugares, pessoas. Isto se repete a propósito de perfumes, roupas, músicas, paisagens, comidas : olfato , tato, audição, visão, gosto.
4. Então, as pessoas (personagens) iriam se definindo à medida que sensações momentâneas provocam a lembrança de lugares (espaço) e de momentos (tempo) até se definirem completamente. Isso permite misturar tempo e espaço em relação aos personagens, arbitrariamente, sem sequência natural, nem de tempo, nem de espaço. Uma lembrança pode reunir as mesmas pessoas, em lugares diferentes, em tempos diferentes. Assim, uma pessoa velha que aparece pode ser a filha (ou o filho) de uma pessoa nova que aparece simultaneamente na lembrança.
5. Confundir tempo e espaço em relação ao existir. Uma assembléia de pessoas vivas e mortas. Seria dada mais força se fosse descrito na primeira pessoa e no tempo presente.
6. Os personagens ? Talvez minha família com nomes diferentes, meus amigos e conhecidos ao longo de toda a minha vida. Uma multidão. O título me ocorreu (embora possa mudar muitas vezes) pela idéia de útero, lar, quarto de dormir, banheiro, cinema às escuras, teatro, campo de futebol, ônibus, avião, carro, trem, prisão, túmulo. Mil outros lugares pequenos onde se decide, se resolve, se pensa nas coisas mais importantes da vida.
7. Personagens: meu pai, minha mãe, Ester - Zínia, Judite, Celeste, Cora, Ruth, Estela, Jaime - Plínio, (Egeu), Alceu, Ogê, Plínio, Dino e mil outros!

8. Haverá uma estória ou não haverá uma estória? O homem chega no lugar (espaço) e vai-se lembrando de tudo (tempo). Por que ele (Ele?) chega lá? Por que se lembra de tudo? Pode ser: vai, como vai lá de vez em quando; e pensa porque não pode deixar de pensar. Ou se compraz em pensar à procura de fatos que permitam a Ele escrever uma história? Ele é escritor. Sendo Ele já é terceira pessoa. Não sei. "Todo está em empezar". Eis uma frase que me ocorre. Foi dita por um professor de espanhol que tive na Escola Preparatória de Cadetes - EPC - em 1941. Aliás, era o título do texto de leitura.

9. O que preciso é comprar um dicionário espanhol que o meu a Águia comeu um pedaço. Está no *Monólogo*.

10. "E ali ficam nuns cemitérios de lívida desilusão à espera de que a lei da terra os transforme em ciprestes e granito" - Torga

11. Dia 13/06 - Lei da terra

Limites do Corpo, de uma canção de Zé Rodrix e Tonito. O útero e o túmulo limitam o corpo. A alma tenta expandí-lo. Alma é vida; corpo é morte. (desenvolver)

12. Dia 17/06 - O livro *Literatura Brasileira*, de José de Nicola, sobre o Simbolismo: "... a oposição entre a matéria e o espírito, a purificação, na qual o espírito atinge as regiões etéreas, o espaço infinito. Em última análise, a oposição entre o corpo e a alma, só conseguida ao se romperem as correntes que a aprisionam ao corpo, ou seja, com a morte."

13. No livro que imagino, não há oposição entre corpo e alma. Há aliança. O corpo é o conduto da alma que tem interesse em mantê-lo vivo porque a morte vai aniquilar, também, com ela. O corpo que fica não poderá dizer: "Alma minha gentil que te partiste". No caso de desastre, suicídio ou doença prematura, a aliança se rompe bruscamente. No caso da morte natural, por velhice, deve ser travado (imagino) um triste diálogo entre corpo e alma, porque nenhum dos dois pode evitar. É a dualidade individual. "Se ela suspende o vôo, o vôo suspende..." (Raimundo Corrêa).

14. Dia 26/06 - Ontem fui a Porto Belo, cenário do livro. Vi Suely Beduschi representando o *Fuscão Preto* para a criançada e muitos adultos, na *Festa da Tainha*¹. Hoje pela manhã, a Celeste me contou a história de um padre que foi educado por um Bispo e queria ser Bispo. Passou para a Igreja Brasileira e vestiu-se de bispo, indo desfilar sua pompa por Lages.

(Aproveitar ambas as coisas).

¹Festa tradicional de pescadores do litoral catarinense realizada no mês de junho, período no qual são pescados grandes cardumes de tainhas.

Necessidade do politeísmo: a submissão da Igreja Católica e a criação de outras: as “diversas” Nossas Senhoras (da Glória, dos Aflitos, etc...etc...): os “diversos” Nossos Senhores , etc.

15. Dia 27/06 -

Fiz de ti, por mim, tudo o que pude. Circulei em cada átomo de teu sangue. Nosso pacto acabou. Adeus!

16. Dia 02/07 - madrugada

Leio em Garcia Marques *O Amor nos Tempos do Cólera* que “cada qual é dono de sua própria morte”.

Será que ,isso conflita com minha idéia?

17. A alma não é dona da morte: luta pelo aperfeiçoamento do corpo para prolongar sua permanência. A morte é o esgotamento da alma. O corpo permanece até que a matéria apodreça e vire pó. Mas a alma não quer a morte do corpo porque significa a própria morte. A morte traz o esgotamento da alma. A morte, portanto, é física. A respiração, a circulação do sangue, os movimentos são a vida. Vida tem relação direta com a alma. A vida não é a alma. Então haverá três coisas a considerar? Alma, vida e corpo? O corpo, como conduto da vida, mantém a existência da alma. Ou vida e alma se confundem? Ou que forças e poder terá uma sobre a outra? Se o domínio da alma fosse absoluto sobre a vida, o corpo não cometeria tantos desatinos.

18. O corpo só é sensível através da vida. Então, vida e alma serão entidades interdependentes, porém subordinadas às forças físicas que sustentam o corpo? (Falo sempre pensando no corpo que caminha para a morte pelo caminho natural do envelhecimento. As mortes prematuras, por doença, desastre, suicídio, são acidentes indesejados pela vida e pela alma). (A morte natural é o limite da vida, o esgotamento de todas as possibilidades de continuar existindo; a condição espiritual da alma é uma espécie de eflúvio que não envelhece mas que deixa de existir, simplesmente, quando não tem mais o respaldo, o apoio da vida que corre pelo corpo)

19. No caso de uma árvore: o corpo é o que fica: a vida é a seiva que a desenvolve. Não há alma. (?)

Pode-se dizer o mesmo do animal?

Acho clara a diferenciação entre corpo - vida - alma.

O que preciso é ler os filósofos sem saber com qual deles essas idéias se afinam para não precisar teorizar nada!

20. Saint-Nazaire, França

Dia 18/07- Estou aqui desde o meio-dia de 4/7. Embarquei em Floripa dia 2, sábado, pernoitei em São Paulo, no Hotel

Samambaia. Domingo , dia 3 , voei de São Paulo ao Rio, daí a Recife, de Recife a Paris, onde cheguei às 5:30min de segunda feira, dia 4. Mudei de aeroporto , do Charles de Gaulle para o Orly onde encontrei Claire Cayron². Reembarquei para Saint Nazaire, onde sou convidado da Maison des Ecrivains Etrangers, por dois meses. Para me fazer companhia por algum tempo, está comigo Joca Wolf, jovem jornalista gaúcho que mora em Floripa. Muita coisa tem acontecido nestes quinze dias de permanência em Saint Nazaire, no que se refere a meu trabalho de escritor. Nos três primeiros dias, escrevi um conto, *A Primeira Bala*, sobre a história de um conhecido meu que foi abandonado pela mulher, hospedou-se no Hotel Samambaia e lá, suicidou-se. Joca gostou muito. Ele tem bastante leitura, escreve bem, é inteligente e muito aplicado a seu trabalho de jornalista. Hoje , dia 18, foi a Paris especialmente para entrevistar Juarez Machado e mandar a matéria para Joinville. Tem 23 anos , completados dia 16/7.

21. Claire passou aqui os dias 10, 11, 12 e segue a 13 pela manhã bem cedo para Bordeaux. Eu lhe havia entregue o *Tempo-Será* no Orly e ela chegou com o livro lido. Fez muitas restrições, acha que Vitório está bem definido, Alfrio não, enfim, sente que se decepcionou.

22. Mais franco foi o julgamento de Joca que leu apenas a primeira e a segunda partes. Fez-me uma pergunta e disse-me uma coisa que me desmontou completamente. É que eu falo e exijo dos artistas plásticos uma constante renovação, inovação, para ser contemporâneo, e faço um romance corrido, linear, sem qualquer audácia narrativa. Só por esta constatação, valeu a pena convidá-lo a vir encontrar-se comigo.

23. A partir desse longo papo com o Joca, na noite de 13/7, verifico que, realmente, o livro é tudo o que diz Joca e pensa Claire. Tentei reler alguma coisa e achei tudo corriqueiro, banal, apresentado da maneira mais banal possível. Não sei como pude me enganar por tanto tempo. Lembro-me de leituras que abandonei, desse livro, por achá-lo fraco, e de outras leituras que me comoveram. Vejo agora que minha auto-crítica é vacilante, falta-lhe estofo, ou sei lá o quê.

24. Fico muito envaidecido quando todos que leram *Zenão*, aqui na França, elogiam o livro. A mulher do "Mauri" disse que deveria ser feito um balé por Maurice Béjart. Fico envaidecido quando Claire elogia o *Zenão*, Jandira , o Coronel, outras histórias ... do passado.

² Referência a tradutora da obra de Harry Laus para o francês.

25. Será que já dei o que tinha que dar? Tenho certeza de que o *Monólogo* é bom e que *O Santo Mágico* não foi terminado, pelo menos como se espera que seja. Mas o *Tempo - Será* realmente abalou toda a minha segurança, depois do que falaram Claire e Joca, depois de eu concluir que eles têm absoluta razão.

26. Uma das coisas que Claire me disse é que não sou romancista, que sou contista. Isso sempre pensei: Eu queria provar a Jorge Amado, que sempre exigiu de mim um romance, que eu seria capaz de fazê-lo. Pois não consegui.

27. Eu pensei que havia sido a grande parada a que o Museu me abrigou, o que me fez desinteressar-me e abandonar - praticamente a literatura. Acontece que, ao deixar o museu e retomar o livro, quase três anos depois, não percebi o que agora vejo claramente. O livro não se sustenta. Que fazer?

28. Vejamos o que me diz Claire de *A Primeira Bala*. (A última, como escrevi: inadvertidamente, será para mim? Não creio. Ou o tiro já foi dado? É preciso fazer algo tão bom como o *Monólogo*)

29. Florianópolis, madrugada de 24 de Janeiro de 1989.
Imaginei, para refazer o *Tempo-Será* (não posso perder o texto todo, a que me dediquei tanto tempo), poderia haver um personagem-leitor que iria ler o livro aos pedaços, salteado, sem coragem de encará-lo diretamente. Esse personagem será um escritor, leitor de uma editora, participante do conselho editorial, que recebeu o *Tempo-Será* e outros livros para dar sua opinião. Como o livro foi escrito na 3ª pessoa, por um narrador, a intervenção do "leitor" poderia ser na primeira pessoa e no tempo presente. Passagens do livro trazem ao "leitor", passagens de sua própria vida e há o confronto (autobiográfico ou não).

30. Talvez seja uma maneira de enriquecer o livro. Minha idéia é reduzir bastante o volume, ou não? Com a introdução do leitor-crítico, quem sabe até o livro não cresce?
Acho que preciso comprar um computador!

31. Madrugada de 18/2/89

Para uma novela:

- um jovem poeta, casado, dois filhos, envolve-se sexualmente com um professor (encontros em Motel)
- uma velha poetisa apaixona-se pelo poeta.
- a mulher do poeta descobre a ligação com o professor. Escândalo na pequena cidade.
- a velha poetisa suicida-se. Ou então... o poeta suicida-se e a poetisa definha em sua solidão.

32. É preciso estudar os personagens e suas ligações: poeta, esposa, professor e poetisa. A solução melhor virá com o desenrolar das diversas situações: primeiro título que me ocorre: *Sombras*. (Tenho a mania de ter em primeiro lugar, um título).

32. Madrugada de 21/2

A lua está começando a se esconder atrás da fachada do novo prédio construído em frente ao mar. Mais doze andares a serem preenchidos por móveis e gente! De todo o tempo que levou a ser construído, o edifício me deixou duas marcas: um operário se masturbando junto à janela do 5º andar, pouco antes das sete da manhã, e outro que caiu e o andaime móvel do 6º andar e morreu. A construção vai me lembrar também que serviu de “frase” para um artigo que escrevi: a pedido de Claire e que foi publicado no DC de 13/4/88 sob o título *Tradução e Cultura*. Com o mesmo título traduzido, *Traduction et Culture*, saiu no boletim de tradutores literários da França, ATLAS, nº 6/88.

33. Mas não foi para escrever nada disso que me sentei aqui. Vim para definir os personagens de “Sombras” - vá lá que seja este título.

Poetisa : 70 anos - Herta; poeta: 30- Alceu Perez; Esposa : 28- Mara;
professor : 50- Braúlio Quirino; Intrigante : 40- Eloisa (tirados os nomes ao folhear a lista telefônica).

33. 4h:40min de 22/8

Comecei ontem a escrever a novela (ou conto). Cambirela é o ponto mais alto que circunda Floripa, na Serra do Mar. Acho que vou mudar o título para *Cambirela* porque Herta há de dizer no final: - Cambirela , você me venceu antes do tempo.

34. Depois de tudo ocorrido, de estar só na sala, o vento traz a voz da locutora do terminal Rita Maria anunciando a saída de ônibus para diversas cidades e conclui: “Senhores passageiros, queiram dirigir-se para o embarque e boa viagem”. Herta sente vontade de partir ao mesmo tempo para todos os lugares: Lages, Chapecó, Joinville, Blumenau, Laguna, São Joaquim, Porto Alegre, Jaraguá do Sul, Tubarão.

35. “Vão -se os anéis, ficam os dedos”. Nada mais errado. Vão -se os dedos, ficam os anéis ...nas mãos de outro. Seu corpo jamais iria provar o licor germinal, elaborado com as melhores essências do ser humano.

36. 23/10 /89 - Paulo Leminsky³
o outro que há em mim

³ Poeta paranaense ligado ao neo-tropicalismo.

é você
você
e você
assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós
quando eu tiver setenta anos
então vai acabar esta adolescência
vou largar da vida louca
e terminar minha livre adolescência
vou fazer o que meu pai quer
começar a vida com passo perfeito
vou fazer o que minha mãe deseja
aproveitar as oportunidades
de virar um pilar da sociedade
e terminar meu curso de direito
então ver tudo em sua consciência
quando acabar esta adolescência
idéia : o homem não gera, apenas semeia (mulher e terra)
O coronel serviria os grãos, de madrugada acorda-se aflito,
etc. Vai ao quintal e se masturba sobre a terra da promessa.
seria o final.

Pessoas que aparecem e o que é preciso dar consistência:
cap 2

Ao homem cabe apenas semear. A terra que germine.

29- dependência dos pais, viagem a Natal

37. 11.04.90 São 4:15 da manhã. Perdi o sono e reli tudo o que está nas páginas anteriores. Não me lembrava mais de nada. Quanta coisa passou! (desde junho , 88). De volta de St Nazaire - onde Ruth foi encontrar-me, reassumi o museu. Claire esteve aqui em outubro de 1988. Fui a Ibiza e França em 89. Escrevi contos, publiquei na França *La Premier Balle* e *Jandire*, no Brasil, *Caixa d'Aço*.

38. Escrevi alguns contos: *Cambirela*, *Maria dos Trilhos*. Em 1990, já escrevi *A Gaiola*. Também revi todo *Tempo-Será*, cortei metade ou mais e escrevi, entre outubro 89/março 90, a nova versão do livro *l* -por instância de Claire - com o título de *Os papéis do Coronel* cujo resultado da leitura estou esperando de Claire. Não sei o que pensar do livro.

39. Como estou vazio e precisado de fazer algo, imaginei em Porto Belo escrever outro livro, sobre *A Casa*, como muitas cousas que aconteceram lá e gente que, sem cena, mora na casa da Didi.

40. Depois - desde ontem - pensei em retomar outra idéia, uma autobiografia de *Os Anos Dourados*, isto é, *Tempo Maduro*, a revisão dos anos 80. Foi com a idéia de começar a organizá-lo que me sentei com este caderno: abrir páginas para cada ano, 1980, 1981 ... e começar a fazer anotações para, depois, escrever. Comecei a pensar nesse livro o ano passado, quando escrevi um texto sob encomenda - *A penúltima Década* para a RBS fazer um livro. O texto não foi publicado, o livro não saiu, seriam textos alusivos à década, escritos por autores gaúchos e catarinenses. Encontro alusão a *Tempo Maduro* em minha caderneta de anotações da Viagem 1989, em Ibiza, dia 8 de setembro.

13/8/90 - Retorno a idéia de *Tempo Maduro*:

41. 5/1/1991

Primeira anotação para *O Estuário*:

Gabriel (Egeu) : vol. 6 - 398 b (25 de março?)

Miguel (R. Luís) vol. 9 - 227 a 11

Rafael (Ric) : 24 de outubro . Vol. 11 - 320 a

Jorge (César) : vol. 8 - 163 b - 23 de abril

42. Dia 06/01 - A idéia me surgiu num almoço ontem, no La Ponte, em Porto Belo, com meu sobrinho P.L.. Fazer um livro sobre a vida dos pais dele e dos outros três irmãos que, depois de muito rolar, encontram-se em Porto Belo. Eles são muito curiosos sobre a vida dos pais que perderam muito cedo. Sabemos de muita coisa que não contamos, e contamos apenas o que não os fira ou ofenda ou os intristeça, etc. No livro tudo seria dito, com uma parte ficcional para dar encadeamento à história.

43. Como montar o livro? O conjunto dos fatos é muito rico. Poderia ser contado no tempo presente, terceira pessoa, rememorando-se tudo durante uma noite, na festa de Ano Novo. A embriaguês de todos poderia deixar em suspense o final - para o dia seguinte ...ou um segundo livro que viria.

44. Por que *Estuário*, sem o *O* ? Porque é o reencontro dos quatro irmãos à beira do mar do PB, como um estuário. Lembro-me do estuário do Loire, em St Nazaire. A origem dos quatro sendo a mesma, seria uma espécie de redescoberta do "rio" originário, primeiro, o pai e a mãe.

45. Os nomes bíblicos para dar embasamento à loucura religiosa de C., a mãe. Bem, o título me surgiu na viagem de ontem, ônibus Porto Belo-Floripa, pela necessidade que tenho de um título para iniciar qualquer texto. Depois, poderá ser mudado.

46. 18/1/91 - Ando às voltas com a compra de terreno e casa na praia do Campeche. Decidi deixar Porto Belo. O que era paisagem, virou casas.

47. O livro: Ação: tempo presente do verbo, uma festa de Fim de Ano. O Tio vai aos poucos levantando a vida dos pais dos quatro filhos, ambos mortos. O Tio conta uma coisa e pensa na complementação do que conta e convém ser omitido. O leitor fica sabendo de tudo; os personagens, não. Mas o procedimento dos filhos compara-se melhor exatamente com o que é omitido.

48. Gabriel, 38 anos, "casado", 1 filha; Miguel, 36 anos, separado; Rafael, 34 anos, separado; Jorge, 32 anos, casado, 1 filho; Dulce, a mãe; Júlio, o pai. O narrador, não deve ser onisciente: apenas relata os fatos que estão acontecendo na festa em que se passavam na vida dos seis personagens.

49. Início : 19.01.91

Núcleo de Documentação e Memória -

D.L.L.V - UFSC

Profª Zahidé L. Muzart⁴

50. Uma reta Norte - Sul em cruz com a linha Leste - Oeste, dividiram o pequeno terreno com pouco mais de mil metros quadrados em quatro partes quase iguais. Herança de uma tia, cada irmão construiu sua casa modesta para curtir os meses de verão junto ao mar. Não tudo de uma só vez; só depois de três anos conseguiram reunir-se para a festa de Ano Novo.

51. Gabriel trouxe mulher e filha, mulher e filho chegaram com Jorge, os outros dois vieram sozinhos, temporariamente sozinhos à procura de outra companheira que a primeira de cada um, apesar dos filhos, escolheram novos itinerários. Tanto Miguel como Rafael tinham vindo de longe, cada qual com a tristeza de encontrar a casa vazia, depois de muito sonho e sacrifício.

52. Júlio e Dulce haviam decidido gerar três filhos. Nome de santas, se fossem meninas, de arcanjos no caso de homens. Um depois do outro, com dois anos de intervalo, vieram Gabriel, Miguel e Rafael. O nascimento do quarto, fruto de um desses momentos de paixão que, de repente, acorda, nos aumenta a ilusão da primeira noite, criou um embrasão momentâneo.

-Não tem mais arcanjo.

-Vamos chamar de Jorge, que foi santo primeiro.

53. Desde menina, Dulce teve grande respeito por santos e

⁴ Referência à professora e pesquisadora de literatura. Organizadora do livro *Tempo e andanças de Harry Laus*.

anjos. Sabia tudo sobre a vida deles e quando se apaixonou por Júlio ficou alegre ao saber que o nome vinha de uma célebre linhagem de papas, o canonizado santo e os outros dois com grande influência política. Embora Júlio de Dulce fosse avesso às artes - gostava acima de tudo de futebol - dado da vida de Júlio II era particularmente caro: esse Papa iniciou a construção da Basílica de São Pedro e tem um retrato realizado pelo pintor Rafael. Quanto a seu próprio nome, Dulce jamais encontrou nele qualquer sinal de santidade, mas contentou-se com a raiz latina: doce, doçura, que alguns dicionários aproximam de feliz e ditoso.

54. Júlio, o marido, sempre confundiu as peripécias de anjos e santos que perambulavam pela casa nos relatos que Dulce contava para ele e as crianças. Se num campo de futebol ele reconhecia, a distância, qualquer jogador pelo porte, andar, um simples chute, no entusiasmo da mulher com as maravilhas do desempenho dos ídolos, via apenas imagens difusas e altamente coloridas de São Jorge montado num cavalo branco e matando o dragão com uma lança igual à que usara quando fez o serviço militar na cavalaria. Mas confundia São Jorge e São Miguel, trocando a lança pela balança, porque ambos usavam armaduras, segundo contava Dulce para as crianças atentas. Às vezes, olhava Gabriel, o filho mais velho, e tentava imaginá-lo de alva túnica de linho e asas multicores como nos livros que a mulher - não se cansava de folhear enquanto falava. Impossível. Só o via pulando a cerca do vizinho para roubar pepinos e comer escondido no porão da casa. Como saber qual dos quatro heróis havia livrado talvez de ser engolido por um peixe ou o responsável pela Anunciação? Mas a exaltação dos meninos e a voz amiga de Dulce envolviam as noites de tanta paz que ele chegava a imaginar que dali a pouco uma revoada de anjos invadiria a sala. Beijava os cabelos da mulher, beliscava a bochecha de um filho, remexia a cabeleira de outro, inventavam carícias para cada um, que recebiam tudo com indiferença, hipnotizados com as histórias da mãe Júlio ia olhar as estrelas pela janela: elas haviam sido contemporâneas de todas as lendas do mundo.

55. Nesta reunião de Ano Novo, os quatro irmãos vão recordar tudo isto, lembrando as façanhas de seus homônimos que nunca conseguiram realizar. O mesmo clima de mistério e encantamento voltaria à miséria de todos, refazendo cenas adornadas de modo diferente, conforme o ditado da imaginação de cada um. Jorge, o mais moço, clareia a nebulosa das reminiscências com detalhes que o povo foi acrescentando à figura do santo: tinha apenas oito anos quando Dulce morreu, três anos depois da morte do pai. Rafael como os dois mais velhos, lembrava-se de tudo e ganhou o apelido

de Padroeiro poque seu arcanjo foi protetor dos viajantes.

56. madrugada de 7/2 (2:15min)

Não sei se por autocrítica, pudor com os personagens vivos, preguiça, problemas pessoais em suspenso (rompimento com Ruth, compra de terreno e casa pré-fabricada em Campeche, saída de Porto Belo; dúvidas com a vinda do novo governo, emagrecimento súbito, insônia constante, etc.) , ou simples incapacidade - nunca mais escrevi nesse rascunho. Há mais: cada vez gosto menos de *Os Papéis do Coronel*.

57. tarde de 24/2,domingo

Devo a Claire Cayron minha retomada da literatura. Isso aconteceu a partir de dezembro de 1985, quando recebi dela um cartão, perguntando se o *Zenão* ainda estava disponível para tradução.

58. No ano seguinte, enquanto a tradução caminhava, voltou-me a idéia de publicar o conjunto de três novelas :*Zenão, A Cachorra e O Santo Mágico*.A Mercado Aberto concordou em publicar o *Zenão* isoladamente e as edições francesa e brasileira saíram praticamente juntas: o *Zenão* dezembro/87 e o *Zenón* em Janeiro/88.

59. Assumi o MASC em julho de 85, o que me fez interromper o que se chamaria *Tempo-Será*, trabalhado em Porto Belo desde 1984, passando por vários títulos e várias formas, imaginado para 7 partes e acabado em apenas 4. Na verdade, o resultado foi desastroso, mas eu queria chegar na França em 1988, com o livro pronto. O Joca Wolf não gostou, a Claire não gostou - e eu concordei com eles.

60. A luta para a retomada do conto começou em Saint Nazaire /88. Era preciso deixar um texto. Escrevi *A Viagem das Águas* , detestado por Joca e Claire. Era um elogio da Maison des Ecrivains e do Rio Loire, piegas e idiota (mais tarde, por sugestão de Claire, cortei pela metade para ela marcar o texto ao Moeise?? da cidade, coisa que nunca fiquei sabendo se foi ou não realizada).

61. Então ocorreu-me escrever *A Primeira Bala* que foi um sufoco completo. Joca gostou muito ; Claire fez objeções. Numa intensa troca de correspondência entre Saint Nazaire e Bordeaux fez o conto viajar de cá prá lá até que o conto ficou razoável. (semi publicado em edição bilingüe em setembro /89 e aqui em *Caixa d'Aço* lá por outubro do mesmo ano, quando também saiu *Jandira*,seleção de contos traduzidos por Claire). Ainda em St . Nazaire, misteriosamente,surgiu-me a idéia de escrever *Sem Resposta*, um conto elogiado por todos, concluído a 8.8.88. (Publi-

cado no execrável *Caixa d'Aço*, todo cheio de erros e graficamente terrível, e também em *Jandira*). Ainda em 88, de volta da França, escrevi *Revelação*, retomada de um tema que abordava, sem sucesso, ainda no Rio. Não foi bem realizado. Quando Claire o leu, aqui em Florianópolis, limitou-se a dizer "É!". Mesmo assim, inclui em *Caixa d'Aço* para provar a mim mesmo que era capaz de escrever...

62. Em 1989, escrevi *Cambirela*, um conto de que ainda gosto, mas como aborda um problema sentimental de Celeste, é um conto "proibido". Ainda no mesmo ano, escrevi outro conto, *Maria dos Trilhos* (agosto /89) que nunca mais reli, nem sei se presta.

63. Entrementes, vim novamente à França e, ao voltar de lá, retomei *Tempo-Será* para refazê-lo, sob insistência de Claire Cayron. Reformulei tudo, cortei muita coisa, acrescentei um Coronel, e acabou sendo *Os Papéis do Coronel*, sobre o qual não tenho amor algum. Realmente não me satisfaz. Não sei escrever romance. (Mande o livro para Claire em março de 1990).

64. Em abril de 90, escrevi o único conto do ano, *A Gaiola*. Nada mais. Invento tudo para não escrever literatura. Encontro mil maneiras de burlá-la. Ora é o Museu, ora a coluna semanal de O Estado, ora problemas pessoais. Preguiça e desconfiança em minha capacidade de escritor.

65. Faz tempo que queria fazer esta revisão que saiu hoje, talvez porque "A Notícia" publicou o capítulo 2 de *Os Papéis do Coronel*. É realmente pobre, sem nenhum rasgo de escritor. Se Claire tiver coragem de traduzí-lo, o Bouthemey, que esteve aqui em dezembro, pretende publicá-lo em 92. Sei lá! A Arcane 17 não deixa de ser uma sub editora que nem sequer distribui meus livros. Valerá a vaidade de ver um livro publicado em francês para ser lido por ninguém - ou apenas pelos amigos da Maison des Ecrivains? Minha parada literária foi muito grande! Depois dos dois primeiros livros, terá valido à pena escrever *A Cachorra* e *Sem Resposta* - sete a oito anos de intervalo. Não sou um crítico de arte na verdadeira acepção da palavra, sou mais um produtor, um animador cultural. Veja-se *De Como Ser* e o *Indicador*. E escritor, prá valer, também não sou. A mesma dualidade incompleta na questão sentimental: nem ser nem não ser? Quando Claire esteve aqui, em outubro de 88, perguntou-me por que não retorno ao *Diário* que leu todo. Eu o mantive entre 1947-1976, diz ela nos prefácios de *Caixa d'Aço* e *Jandira*. Na verdade ele não vai até tão longe. Imagino que o *Diário* terminou em 1958, em Corumbá! Depois disso veio o álcool e o sexo - ou melhor, se intensificaram -

e nunca mais me detive a escrevê-lo.

66. Esta tentativa de escrever *Estuário* é uma de tantas que tenho imaginado (*O Ninho, A Penúltima Década, Tempo das Coisas* - em função de objetos e sua história e o que eles lembram - *Tempo Maduro*). Falta-me dedicação, confiança, amor à literatura. Como disse Godard, a propósito de cinema: "Sem esse amor, não se pode inventar nada, fica-se paralisado e morre-se lentamente."

67. 30/3/91 - Sábado de Aleluia

Estou instalado em minha casa de Campeche. Terreno meu, casa minha, tudo pago. Finalmente, aos 68 anos, consigo isso. É uma casinha de madeira, pré-fabricada, de apenas 7,5 x 6 m, mais uma bela varanda em L, com 25 m². Dois quartos, banheiro, sala-cozinha. Pela frente, vê-se o horizonte do mar e a ilha do Campeche; aos fundos, um monte verde, grandes pedras cinza escuro, um grande pasto onde o proprietário, Seu Brasiliano, solta as vacas. Grande paz e silêncio.

68. Tudo começou em janeiro, quando Rosa foi me buscar no apartamento para um passeio de carro pela Ilha. Tomou o caminho do Aeroporto, depois tomou a estrada para Rio Tavares, Campeche, Morro das Rochas, Armação do Pântano do Sul. Depois da ponte sobre o Rio Tavares, tomou à esquerda para o Rio Tavares, onde queria ver uma casa que tem alugada por lá.

69. Não sei se foi aí que me veio a idéia de ter um terreno por aqui. Não houve premeditação. Encontramos Ruy Braga, na mercearia Flor da Ilha. Eu o conheci por uma exposição que fez no Armazém Vieira e convidei-o a participar do Panorama Catarinense do Volume 90. Tem seu atelier de Artes Gráficas, *Caminho das Antas*, ao lado de onde está agora minha casa. Foi ele quem me indicou o paranaense Haroldo que intermediou a compra do terreno, um pedaço de apenas 21x20m = 420m². Uma semana foi suficiente para resolver o problema do terreno, ao mesmo tempo que me inteirava da construção da casinha. Por coincidência, a única empresa que encontrei no catálogo telefônico, a Top Residência, é cliente de meu advogado Alípio Martins. Isso meu deu segurança na transação.

70. Tudo isso levou-me a abandonar Porto Belo, pois para pagar a primeira parte do terreno e da casa decidi vender o telefone que tinha lá. Verifiquei, então, que tudo não começou em janeiro mas em dezembro. Ou antes, quando Ruth começou a dividir e doar o terreno de Porto Belo e mais duas casas foram construídas lá - de Regina e de Egeu - che-

gando-se ao cúmulo de um quarto de “minha casa” ser cedido para o sobrinho Ricardo, com a amante, o que tolheu completamente minha liberdade. Sem paisagem nem privacidade, por que continuar lá? Acresce que cada vez mais me aborrecia a viagem de ônibus até PB, quase duas horas, quando de carro se faz em 50 minutos. Até lá, 65 Km; até Campeche, 15.

71. O que naturalmente apressou minha decisão foi meu desentendimento com Ruth. Ela estava em Florianópolis, no meu apartamento, pois ficou para meu aniversário a 11 de dezembro e para a abertura do Panorama do Volume a 13. Nesse mesmo dia chegou meu editor francês Chrystian Bouthemy⁵ e o jornalista Bernard Brétonnière para me visitarem. Num dos passeios pela Ilha, bebi demais com Bouthemy e fomos parar em Santo Antonio de Lisboa. Lá engracei-me por um rapaz e resolvi trazê-lo a meu apartamento. Discuti com Ruth, devo tê-la ofendido, ela disse ao rapaz: “Você só quer o dinheiro do velho”. Saímos todos, nada aconteceu. Na manhã seguinte, um sábado, ela foi-se embora, sem se despedir. Pelo Natal, devolveu meu cartão de felicitações, onde eu dizia que “continuará como sempre fui”. Ao mandar um dinheiro pela Celeste, que estava no Rio, juntou um bilhete sem assinatura, dizendo que resolveu passar o testamento (há um testamento recíproco entre mim e ela) para outrem porque não quer que tudo aquilo que conseguiu com grandes sacrifícios seja dado a meus “vagabundos ‘amados’.”

72. Então comecei a pensar que tudo começava com o tal testamento. Resolveu dar tudo em vida e foi limitando minha liberdade, em PB, para forçar-me a sair de lá. Seria muita “cara de pau” permanecer naquela casa que deixei com um quarto ampliado, outro banheiro, mais um quarto e uma copa-cozinha.

73. Eu tinha umas economias em dólares, mas o valor da venda do telefone decidi tudo. Para que manter escondidos esses dólares? Deixar para os sobrinhos? Sim, poderei deixar esta casa, depois de havê-la aproveitado o que me resta de tempo de vida. Feitas as contas até agora, quando faltam pequenos detalhes para o total apronto da casa, lá se foram 11 mil dólares. Valeu, porque sinto-me em paz comigo e o mundo.

74. Dia 16 de março, com meu escudeiro Nelson - que conheço desde 1976 e é o Curitiba de *Monólogo de uma Cachorra sem Preconceito*” - fizemos a mudança de Porto Belo para cá, trazendo quase tudo da velha casa, mais algumas coisas do apartamento de Florianópolis. A idéia inicial era

⁵ Editor ligado à Editora Arcani 17, de Saint-Nazaire. Publicou em 1988 a novela *Les réveils de Zénon des Plaies*, de Harry Laus.

deixar a casa de Porto Belo habitável, para os sobrinhos de Porto Alegre usarem no verão. Como, nesse meio tempo, Ruth decidiu vender a casa, distribui móveis e coisas que não queria trazer, entre Nelson (que vai construir uma casa aqui no Campeche para viver com a nova mulher, Fátima) e Ricardo (que resolveu ficar em PB e casar-se com a moça de lá, que afinal, já coabitam em “minha casa”).

75. Depois de aqui instalado, com Nelson morando aqui até conseguir aprontar sua casa, e contando com Fátima que vem aos fins de semana para cozinhar, instalou-se nova evidência em minha cabeça: qual o sentido de ter uma casa já paga, a 15 Km de um apartamento em Floripa, que estou pagando - parcelas cada vez maiores e saldo devedor idem - por mais 11 anos? Mas a casa aqui é muito pequena para abrigar Celeste e tudo o que tenho no apartamento. A solução é vender o apartamento e, com esse dinheiro, ampliar a casa do Campeche. O vizinho de meu andar em Floripa está interessado em comprá-lo. Mas não devo apressar-me. Tenho que ir a Porto Alegre entre 19 e 22 de abril, levar Celeste para a festa de seus 80 anos junto aos “netos” e “bisnetos”. Depois, nos primeiros dias de junho, tenho convite para ir a Saint-Nazaire. Será mais prudente deixar a nova aventura para julho/agosto. Se eu puder domar a idéia até lá.

76. Hoje à noite, veio visitar-me um gato preto e branco. Cheiro de comida, por certo: eu havia terminado de fazer uma sopa e me sentava para tomá-la. Estou só: Fátima saiu pela manhã e Nelson de tarde, depois de ficarem até tarde da noite preparando cestas de Páscoa para o filho dela, o filho dele, outras crianças.

77. O gato entrou miando, com fome. Dei-lhe um pedaço de lingüiça, queria mais, dei-lhe pão com margarina, deixou o pão. Depois foi reconhecer a casa, sem mais mais. Quando me sentei no sofá, veio para ser acariciado. Fui para a varanda e, de repente, o gato eriçou-se: era um cachorro amarelo e branco que, ao me ver, fugiu. Enquanto vim escrever isto, o gato foi embora. Espero que volte.

78. Domingo de Páscoa : O gatinho voltou. Dei leite para ele. Estava gelado, lambeu um pouco, volta e meia vai lá dar umas lambidas. Em silêncio, estamos ficando íntimos: já se deitou no meu colo e, levemente, espeta-me as unhas, na coxa, através da calça do pijama.

Chove. Não sei como irei almoçar com Celeste e as sobrinhas que vieram de Porto Alegre: Morgana e Tatiana, cada uma com sua filha e os maridos em outros destinos, como acontece hoje.

79. 18/5/91 : Boss esteve comigo de 8 a 12. Alugou um carro, dormiu em Campeche e adorou a casa. Louco por praia, ia de manhã e de tarde. Foi bom revê-lo.

80. Depois de pensar muito, desisti de ir a Saint Nazaire. Telegrafei às 7:30 da manhã de 6 para Bouthemy; ao meio-dia, ele me telefonou dizendo que é "indispensable" minha presença e sou forçado a voltar atrás; às 15:30, a Varig me telefonara que a passagem chegara.

Nunca vi resolver-se tudo tão rápido. Pela primeira vez na vida, vou à Europa sem vontade alguma. Embarco dia 5. 6, com volta marcada para 19, chegando a Floripa dia 20.

81. A casa do Campeche - onde escrevo isto - está gostosa e cheia de quadros e coisas que venho trazendo do apartamento. Nelson ainda está aqui e por aqui ficará muito tempo: o terreno que comprou deu confusão e, pelo visto, vai perder o que pagou e ficar sem a terra.

82. Contratei um rapaz que mora aqui perto , o Haroldo , para cuidar do jardim, fazer os caminhos de lajotas, instalar uma caixa d'água (pois o poço deu em nada) e meu dinheiro escorre como água.

Mas tudo vai ficar como quero.

83. 19/5 - A hora que precede o sono é muito triste , aqui no Campeche. A paisagem é grande companhia: quando a noite encobre tudo, ficamos reduzidos a nós mesmos e a solidão pesa. Será possível suportar, caso eu decida vir para cá definitivamente? Talvez, com todos os livros, todos os quadros, todas as coisas que me fazem companhia. (Penso que um dia Celeste não haverá mais).

84. 26/5 - sábado. Meu descontrole financeiro com as despesas da nova casa chegou ao máximo. O dinheiro acabou por completo e ainda tenho diversos compromissos a saldar antes do embarque. Minha vontade é pagar tudo hoje e embarcar amanhã, para me livrar deste tormento de esperar - dia por dia - que tenha como saldar os compromissos.

85. Mas tenho que esperar até dia 3, ante véspera da viagem, para ter o salário do Museu e começar a ficar livre de algumas preocupações; até dia 5, dia da viagem, para receber do Exército e me liberar do restante. A manhã do dia 5 será um corre-corre tremendo, pois preciso estar no aeroporto às 12:30 horas. Sentirei grande alívio quando o avião decolar. Mas, ironia, chego a São Paulo às 14:45 e o avião para Paris só sai às 22:30. Não há outra conexão menos cretina.

86. 27/5 - Joca Wolf esteve aqui na casa do Campeche ontem à noite. Primeira visita noturna, sem contar Ruy Braga, meu vizinho artista plástico.

87. Gosto de cultivar a amizade com Joca, fortalecida com nossa convivência em Saint Nazaire, a grande viagem pela Bretanha, a ida a Amsterdam, nossos papos sobre literatura.

88. O projeto atual, nosso mas sugerido por eles, é escrever minha biografia para ser publicada em 92, quando completo 70 anos. Serão conversas gravadas a que, depois de transcritas, Joca dará a forma que entender. Ainda não sabemos bem como será, o que resultará, mas, de qualquer forma é um projeto que me interessa. Talvez para ele eu tenha coragem de certas coisas que censurei em minha literatura. Valerá a pena? Para quem?

89. 24/06/91: De volta da viagem que transcorreu bem, apesar da infecção do dedo grande do pé esquerdo, ocupado por um bicho-de-pé. Como explicar ao médico o que seja um bicho-de-pé? A única coisa que pude explicar é que se trata de um "inseto" parecido com uma pulga que se incrusta, de preferência sob as unhas do pé. O médico disse não ser especialista em doenças tropicais, passou-me antibióticos e uma espécie de tintura merthiolate para passar. Andei os três dias que fiquei no Hotel de la Plage, em Saint- Mar - sur -Mer (St Nazaire) de sandálias. Bem, minha caderneta de anotações de viagem conta tudo o que se passou entre 5 e 20 de junho.

90. Estou escrevendo isto no apartamento de Floripa. Ainda não fui a Campeche, porque tem chovido e feito muito frio. Rodolfo, filho de Estela, está aqui passando uns dias: veio de Porto Alegre fazer companhia a Celeste durante minha ausência.

91. Ontem andei às voltas com a morte do artista Ernesto Meyer Filho que foi velado no Museu. Desde a madrugada até à saída do enterro, às 16 horas, tive de ser outra vez, e por força das circunstâncias, o diretor do Museu.

92. Assumi o compromisso moral com Claire de escrever novo livro. Não fosse ela, não teria havido nosso encontro em Bordeaux com Bouthemy e Perera San Martin, quando ficou decidida a publicação pela Arcane 17, em fevereiro 92, do romance *Os Papéis do Coronel*.

93. 29/6/91 - INÍCIO DO LIVRO

A partir de uma idéia surgida

A 5 de janeiro, em Porto Belo

94. 3/7/91 - Passei a noite em Campeche, aonde vim a pedido de Ruy para ajudar a bolar um roteiro para um curta metragem que ele quer fazer com uma equipe de iniciantes em cinema.

95. Aproveito para pôr minhas idéias em funcionamento para o novo livro que já comecei a escrever: *Estuário*. Até agora, o livro terá três ou quatro partes..A primeira chama-se *A Espera*. A mãe, Elza, que já morreu, fala na primeira pessoa, escrevendo o passado, enquanto espera a chegada dos quatro filhos. A segunda parte chama-se *A Viagem*. Aí haverá um narrador, terceira pessoa, que vai descrever filho por filho, suas vidas até o casamento e a construção das casas. A terceira parte vai -se chamar *A Chegada*, voltando a narração a ser feita pela mãe, primeira pessoa. O desfecho terá ou não uma quarta parte. Isto ainda é uma nebulosa que vai esclarecer-se com o desenvolvimento da ação. Vejamos no que dá.

96. Ontem fiz uma carta para Liliana Reales, do jornal O Estado, despedindo-me da coluna semanal. Era um pretexto para eu fugir da literatura. Sexta-feira, 6, volto ao MASC, sem nenhum interesse. Preciso organizar o tempo para dedicar-me ao livro, profissionalmente, nas primeiras horas da manhã, já que me acordo sempre de madrugada.

97. 09/07 Florianópolis : Ontem à noite, cheguei à conclusão de que o título *Estuário* não serve porque não consegue realizar a metáfora que imaginei. Perdi o sono pensando outro título. Agora me fixei em *A Voz Imediata* que não me agrada muito; prefiro, simplesmente, *A Voz*.

98. 21/07 Domingo, madrugada, Campeche :A casa está pronta, de novo. Mandei fechar uma parte da varanda, com paredes envidraçadas; a porta de entrada mudou de posição e a janela virou porta, criando-se um ambiente em L para as áreas comuns, incluindo sala de visitas, "corredor", cozinha; criou-se mais um quarto (agora são três) com armário embutido que separa o quarto da sala de refeições ; outro armário em meu quarto. Preparo-me para a mudança que, segundo penso, só se dará a partir de dezembro/92, quando completo 70 anos e terei direito à aposentadoria não integral para deixar o MASC. Se o fizer agora, o salário será apenas proporcional ao tempo de serviço, hoje apenas seis anos.

99. Quem inaugurou o quarto novo - que dá para a frente, com a parede do lado, onde havia a porta de entrada, inteiramente fechada - foi Joca Wolf. Ele veio para iniciarmos a tomada de meus depoimentos para ver se sai o livro *Retrato de H. L.*

100. Nada começou bem e Joca chegou com o carro da mãe com um pequeno gravador, sem pilhas e sem fita para gravar. Conseguimos uma fita usada com o Ruy, fomos comprar pilhas na mercearia aqui perto. Joca começou a fazer perguntas a partir de meu livro *Os papéis do Coronel*, (em francês será *Les Jardins du Colonel* como explicarei adiante!) Chegamos à conclusão de que não é por aí. Preciso conhecer as perguntas por antecipação, seja para organizar o pensamento, seja para eu ver se a resposta realmente interessa. A fita, de uma hora de gravação, não tem 10 minutos úteis ao livro. Ele é jovem demais para a empreitada, não se informou suficientemente sobre mim e está meio perdido (estamos) sobre como será feito o livro. Ainda não tem um plano, não organizou um questionário (assunto por assunto para não me obrigar a idas e voltas sobre o mesmo tema - o que ficará bom no final, quando ele der a forma que decidir, mas que, para mim, é muito cansativo.

101. Minha idéia, hoje, é propor uma espécie de salário, para criar um compromisso mais sério por parte dele; fazê-lo entrar em contato mais direto e completo sobre meus papéis - diários, obra inédita, levantamento de tempos e espaços de minha vida; contratar alguém para fazer a transcrição das fitas. Mas ele tem ocupações que não lhe darão tempo nem paciência para fazer esse trabalho chatíssimo.

102. Como foi iniciado, o trabalho resultará num amontoado de fitas gravadas com uma multidão de informações desinteressantes que darão um trabalho infinito para condensar. Muito tempo perdido, muitas fitas gastas, com despesas idiotas.

103. Sexta -feira, dia 19, chegou a tradução do romance feito por Claire em tempo record! Ainda não comecei a cotejar original e tradução, o que começarei a fazer amanhã, ou hoje mesmo quando voltar.

104. A tradução literal do título em francês não teria a ambigüidade do português: papel papel e papel como representação teatral (rôle). Claire sugere *Les Jardins du Colonel*, porque, segundo ela, “jardin” tem outro sentido, pois o francês costuma dizer que “todos temos em nossa vida un jardin secret.” Além da oposição entre as palavras jardim e coronel, uma a sugerir sensibilidade e a outra “grossura” ! Acho muito bom.

105. As preocupações com a reforma da casa (terei inventado para isso?) afastaram-me novamente do novo livro, sobre o qual tenho falado para diversas pessoas, o que está errado Isso esvazia o assunto e leva a crer que o estou reali-

zando, escrevendo, trabalhando. Falso. Preciso rever esse comportamento. Guardar para mim, enquanto escrevo, o que será depois de domínio público. Com a leitura comparada do original com a tradução, mais tempo para fugir do livro. Quando eu me aposentar, quero ver o que vai surgir ou o que inventarei para não escrever!

106. 25/07 Florianópolis : Fiz toda a revisão do livro na 2ª, 3ª e 4ª feira. Ontem nem fui ao Museu para terminar o serviço. Anotei tudo, datilografei as anotações (cerca de 40), escrevi para Claire e botei no correio : apenas ...Cr \$7.383.00 (cerca de US\$ 720,00 mais de 100f)

A tradução está excelente e tão bem feita que, muitas vezes, eu me esquecia de que estava lendo em francês.

107. Claire encontra saídas inteligentes que, de certa forma, acentuaram o valor de passagens difíceis de traduzir, como é o caso da palavra ovante e da "horta do coronel", em Corumbá, que passa a ser chamada de "le jardin du colonel", justificando o título para quem não conhece outros significados. E o contrato, prometido por Bouthemy em Bordeaux, nada de aparecer.

108. 29/07 Florianópolis :Fui passar o fim de semana no Campeche.

Boas coisas aconteceram. Reescrevi o Cap. II que Claire havia reclamado , o Joca não apareceu e Nelson mudou-se.

109. Hoje vou mandar para Claire o novo capítulo , as folhas onde houve correções e a foto de um desenho de Aldo Beck, um retrato meu feito em 1985, tirado de uma foto de jornal quando assumi o Museu.

110. Quanto a Joca, torci para que não aparecesse. Desde seu aparecimento naquela noite, completamente desprevenido materialmente (e espiritualmente), fiquei em dúvida se daria certo. Depois, seria correto dar a um rapaz sem nenhum preparo específico um trabalho dessa natureza? Se o livro não prestasse, como refazê-lo com outra pessoa? (Passei a sonhar que Claire seria a pessoa exata).

111. Nelson, depois de uma viagem a Brasília com a mulher, que é de lá, voltou. Alugaram uma casa no Rio Tavares, coisa de 2 km da minha em Campeche, e ontem pela manhã chegou um caminhão para levar tudo o que era deles. Ajudou-me bastante, o Nelson, com sua habilidade para fazer tudo. Mas a lentidão em fazê-lo, a presença da mulher e algumas vezes dos filhos (um dele com outra mulher e uma dela com outro homem) irritava bastante. Agora , finalmente, estou só. Vejamos no que dará.

112. A foto do desenho foi feita para mandar também ao Bouthemy: minha intenção é publicá-la na 4ª capa do romance, edição francesa.

113. Ao chegar ontem aqui, esperava-me uma carta de Ruth. Meteu-se no assunto Campeche - Celeste (leu a carta que mandei a Estela), dramatizou a situação de Celeste, sugeriu vender seu apartamento no Rio, ir morar em Porto Belo e “pagar o aluguel” de meu apartamento aqui para Celeste permanecer nele. É de morte?

114. 03/08, sábado :No Museu, a espera, até a última hora, pelas obras de Antonio Mir para sua exposição. Irresponsabilidade inacreditável! Eram 16:20 horas, quando veio a carga. Nervosismo de todos, irritação idem. Afinal, tudo em ordem para a abertura. As autoridades vieram e brilharam com o sucesso de “seu governo”. Se não tivesse dado certo, o insucesso seria do Museu. Valerá a pena manter este estado de coisas?

115. Por outro lado, passei a semana em entendimentos telefônicos com Janina Menezes que se prontificou a fazer as cortinas para a varanda nova. Comprei nove metros de tecido para serem cortados em seis pedaços de metro e meio cada um, argolas, suportes de parede, varais para dependurar os panos. São duas janelas lado a lado no lado Sul da casa e uma dando para Oeste.

116. Quando abri o pacotão para botar as cortinas, a grande tristeza! Janina emendou tudo e fez uma cortina! Como abri-las? Não posso admitir tamanha estupidez. Depois de muito me irritar, resolvi separar uma a uma (o que nunca imaginei ser tão fácil) e pendurei. Claro, há falta de argolas nas extremidades dos panos, as bainhas precisam ser refeitas, mas não tirarei mais das janelas.

117. O dia está lindíssimo, apesar do frio, e Ruy começou a preparar o relógio de sol no jardim.

118. 08/08 : Uma idéia que me surgiu ontem, a propósito de um canto do apartamento 1101 e uma foto que tirei dele. Canto secreto, o título surgiu-me hoje, com a ambiguidade da palavra canto.

- 1- meu retrato por Heitor Coutinho,
- 2- o oratório, vindo de Villa Rica,
- 3- a escultura em madeira com os pombinhos de cerâmica e o ninho improvisado,
- 4- o retrato de meu pai e minha mãe,
- 5- paliteiro de madeira com flores de pano, de Celeste,
- 6- cinzeiro de madeira, com achas de lenha e machado, dado

por Celeste. “Lembrança de Goiânia”, comprada na feira de Sto. Antonio, igreja da Padre Roma.

7- cinzeiro de aço inox, porta moedas com ímã.

8- a arca ou cômoda comprada do Alemão. Tudo o que tem dentro!

9- a cadeira do conjunto comprada no Rio. Como tem viajado, junto com o retrato e o oratório!

10 - a gatinha Maíta, de Celeste, presente de Gabriela, filha de Tata, filha de Estela,

11- almofadinha de veludo verde azeitona desbotado.

119. 11/08 , domingo : Terminei um continho chamado *Um Teste Televisivo*, começado no outro fim de semana aqui em Campeche. Um “divertissement” que ficou engraçado para publicar em “A Notícia”, uma revisão literária do mito de Narciso.

120. 12/08 : Ontem veio aqui o Renan, amigo do Sálvio de Oliveira. Combinamos que ele ficaria uns tempos aqui em casa. Vejamos em que vai dar isto.

121. Canto Secreto: o canto da sala pareceu-me dar uma bela foto. Bati. A fotografia abriu-me um universo de lembranças.

1- A gata de lã

2- Uma das seis (a cadeira)

3- A cômoda do Alemão

4- Cornucópia (as moedas?)

5- Machado e amigos (?)

6- Flores do Bem (?)

7- Sinal dos Tempos (a foto dos pais?)

8- O silêncio dos pombos (?)

9- Oração do vinho (?)

10-Retrato.

122. Com toda a chuva, os passarinhos continuam pousados nos fios do poste de eletricidade , contra o céu cinzento, como uma pauta musical.

123. 13 /08: De minha varanda no Campeche, vejo uma cabra branca dentro de uma casinha, no terreno do vizinho. Parece que nos olhamos e nos comparamos.

124. Daria uma bela história, mais ou menos assim: o homem comprou terreno e casa, preparou tudo e espera uma pessoa que nunca virá. A cabra não espera ninguém. A contemplação entre os dois vira obsessão para o homem que, no final, traz a cabra para sua casa e vai morar - sem esperar ninguém - na casa da cabrinha branca. (Ver Alphonse Daudet, *A Cabra de M. Seguir*).

CABRA - BRANCA

125. 17/08: Comecei a história da cabra que vai chamar-se *Distância*. Escrevi o começo e o fim. Falta o recheio.

126. 20/08 : Não sei o que se passa. Tenho as idéias, apaixono-me por elas um ou dois dias, chego a começar a escrever, de repente me desinteresso completamente. Isto não é de hoje. Claire ficou espantada, lendo meu diário, quantos romances esboçados deixei pelo caminho. Há uma preguiça mental terrível.

127. Também no museu, nada me interessa. Com o novo governo, está tudo pior, o CIC é um deserto. E agora a greve, que apoio. Ontem fiz nota para a imprensa, transferindo, por tempo indeterminado, as exposições previstas para dia 29. Não há como montá-las. Isso vai acarretar confusão na programação feita até dezembro.

128. Ontem, ao chegar ao museu, não estava mais a exposição de Antonio Mir. Com a greve, levou tudo para o Hotel Maria do Mar. A que ponto chegamos!

129. Há uma exposição de Arte Brasileira nas Coleções da Ilha, para dezembro, que não vejo como não fazê-la, não sinto disposição para me dedicar a ela. Como se vê, meu desinteresse e falta de entusiasmo não é só para a literatura. E de noite chegam as dores: ora nas costas, ora nos ombros, ora no peito. Penso tudo de mim, tomo comprimidos, acordo bem. Mas um insidioso pensamento sobre morte tem me freqüentado seguidamente. (Ocorre-me agora que, como o cargo é de confiança, o salário para a aposentadoria dever ser o antigo, isto é, o salário que tenho no MASC).

130. Inventemos novos interesses, novas coisas, terminar o levantamento do catálogo do MASC, enfim, retornar o interesse no campo onde estou e onde tenho respeito e apoio de todos os artistas.

131. 7/09 , sábado : Quantas paradas militares desde 1941! Ou antes, no tempo fascista de Getúlio Vargas, quando eu já desfilava com o Ginásio N.S. da Conceição, em Passo Fundo. Hoje, quando fui visitar meu vizinho Ruy a televisão mostrava a "potência bélica" brasileira, no Rio e em Florianópolis, intercalando cenas. Comentei com ele minha vibração daqueles tempos. Hoje ,em todo o Brasil, a data passa sem qualquer entusiasmo, a semana decorreu sem qualquer comemoração que tivesse repercussão. Só repercutiram os desmandos, os desacertos e a imoralidade desse governo inescrupuloso.

Continuo às voltas com a história da cabra branca. Agora (por enquanto), chama-se *O Obstáculo*.

132. 10/09: Fiz exames de sangue, urina, várias radiografias cujos resultados ficarão prontos 5ª feira, dia 12.

A história agora se chama *Um Vizinho Inesperado*.

133. 11/09: Ontem à noite terminei o conto da cabra que passou a chamar-se *Trajectoria do Nada* (idéia inicial vem de 13 de agosto)

134. 15/09: Terminei de datilografar o conto que ficou como *Sentinela do Nada*, com onze páginas. Precisa ser revisto.

135. O resultado das radiografias do pulmão contém acusações graves de lesão pulmonar. Outro especialista foi indicado, onde fui 6ª feira que determinou incluir tomografia computadorizada, entre outras coisas. Imagino que até o fim da próxima semana terei a clareza de tudo. No meio tempo, também infeccionou um corte no dedo mínimo do pé direito, resultado de frieira ou cortado misteriosamente em Campeche. A noite de 6ª para sábado “dormi” na poltrona da sala, sentado, porque não podia levantar o pé.

136. Ontem, sábado, meu vizinho que é médico levou-me ao hospital onde trabalha, em São José, e foi feita a cirurgia. Na verdade, as coisas de saúde não vão bem comigo desde 1990. Em setembro, foi a revelação da coluna e reumatismo. Depois, na França, a infecção do bicho de pé. E ultimamente tudo se misturando para o esclarecimento que ainda não sei como aceitarei.

137. 18/09 - Hoje pela manhã fui ao Hospital de Caridade fazer um exame terrível chamado Broncofibroscopia: metem tubos no pulmão para tirar material para exame. O médico cobrou 60 mil (US\$123) pela “mão de obra”, com todo o material e enfermeira, etc. do próprio Hospital.

138. O resultado dos exames serão dados 6ª feira, dia 20. Dia 28 faço o outro exame: tomografia computadorizada. Para complicar as coisas, o antibiótico para a infecção do pé me deu uma tremenda urticária que me coça o corpo inteiro.

139. 25/09 - hoje fiz a tomografia computadorizada que também foi terrível, mais de uma hora deitado, respira, segura o ar, respira, fiquei com dor na pulsação que agora me incomoda bastante.

140. Bom, o resultado do “broncoscopia” foi positivo, em alguns aspectos “positivos para a malignidade”, com “qua-

dro citológico com características de carcinoma”. Levei ao Dr. Bonassio que me despachou para o Dr. Marcelo Collaço. Paulo que pediu mais um exame: ultrasonografia do abdômen. E assim vou de um para outro, sem que ninguém diagnostique, com clareza e, com o diagnóstico, digam o que se poderá (ou não) fazer.

141. Do exame que fiz hoje, só será sabido o resultado dia 1º de outubro e do que farei na sexta-feira, naturalmente só pelo dia 3 ou 4. E assim vai chegar um mês (dia 9) sem que nada tenha começado para me tratar.

142. 29/09- domingo : Um fim de semana terrível, escorrendo gota a gota uma ampulheta infundável, frio e chuva. Saí ontem para o correio e comprar maçãs; hoje para comprar o jornal “A Notícia” que traz dois poemas de Celeste para a sua felicidade, e uma nota sobre o MASC fechado.

143. O exame de sexta - a ultrasonografia, foi tranquilo e disse o médico que está tudo bem “abaixo do Aguador”. Amanhã vou tentar obter o resultado da tomografia e procurar o Dr. Collaço porque me aflige não só a dor no peito como o medo de que esse retardo complique tudo.

144. Não tenho coragem de escrever a Claire nem Ross antes de uma informação precisa, tratamento, etc. Ruth está querendo vir para cá. Conforme as coisas evoluam, será necessário porque Celeste não tem condições de trabalhar muito, fazer muito esforço.

145. 5/10, sábado: De posse dos exames na 3ª feira, dia 1º, o Dr Collaço decidiu pela cirurgia por ser, segundo ele, um carcinoma em início. O médico falou direto com Ruth que, informada no Rio, achou que a coisa não é grave. Bem, mais exames, agora para se marcar a cirurgia. Dia 7, terei o resultado de um de sangue e dia 8 farei outro não sei de que, num pré-operatório. Depois disso, teremos finalmente a data da cirurgia.

146. Tenho ido ao Museu, pois a greve, embora continue, amansou o pessoal que está indo trabalhar. Estou organizando o que for possível para deixar tudo mais ou menos em dia. Depois, entro em licença para tratamento de saúde, depois licença prêmio, depois férias ... e não pretendo voltar mais.

147. A tal nota em “A Notícia”, a que me referi dia 29/9, quase me derrubou do MASC. Por ordem superior, foi levada minha saída (não me lembro o nome do ato) porque eu, sendo funcionário, não poderia dizer o que disse sobre a fal-

ta de apoio do governo à cultura. Consta que foi o Iaponam quem indeferiu a consumação da exoneração (eis a palavra!) que, naturalmente, iria dar muito o que falar contra o governo. Acho que fui “salvo” pela doença e atuação de Juliana.

148. 09/10: Ontem levei mais dois exames a Dr . Collaço - um de sangue e outro de cintctopedria óssea. O médico “devolveu-me” ao Dr. Bonasso para eu fazer outro exame: teste pulmonar de respiração, para o risco de tirar um pulmão inteiro. Devo fazê-lo hoje à tarde, depois de reunião do MASC. O Dr Collaço me deu um atestado médico para 180 dias.

149. 12/10: “A Notícia” de hoje publica o resultado da reunião do MASC do dia 9. Sai uma referência a meu estado de saúde (sem dizer o que é) e a licença.

150. O teste pulmonar deu bom resultado, levei-o ao Dr. Collaço que me encaminhou ao operador , Dr. J. Cardoso, com quem estive ontem. Mais um fim de semana para atrasar tudo, deixar-me impaciente em casa e, para complicar a visita de João Paulo II. Tudo em função deles, inclusive e naturalmente os hospitais para qualquer problema de tumultos, etc. e com isso a cirurgia só poderá ser feita lá pelos dias 23 a 25.

151. Mais exames, agora os pré-operatórios: sangue, urina, eletro-cardiograma. Farei a partir de 2ª e levarei ao operador na 4ª feira, dia 16. O Papa chega a 17 e Ruth deve vir dia 19 ou 20. Telefonemas de Claire, Ross e Ceres. Uma carta muito tocante de Néri, de “A Notícia”.

152. Hoje faz o primeiro dia decente de Primavera. É feriado por ser Dia da Criança , de N.S. Aparecida, Descobrimto da América. Muito sol! No telefonema , Claire diz que a saída do romance está prevista para março.

153. 1710: Ontem levei os novos resultados para o Dr. Cardoso que marcou cirurgia para 5ª feira, dia 24, e internamento na véspera, no Hospital do Servidor, ou Celso Ramos. Ruth chega com Estela no domingo, pelas 12:45min.

154. 20/10: Ogê chegou ontem pela manhã, inesperadamente. Fomos ver a casa de Campeche. Ele volta a Porto Alegre hoje de noite. Ruth e Estela devem chegar hoje às 12:45.

155. Ontem veio carta de Claire com o contrato de *Les Jardins du Colonel* que deverá sair em março. Ela diz que o texto de *Sentinela do Nada* é excellent e me manda um

livro de Daudet, *Lettre de mon moulin*, a propósito da referência que faço à cabra de M. Seguir em um conto. O nome da cabra é Blanquette, em vez de Reime Blanche, como eu usara.

156. 22/10 quarta-feira: Do quarto (apartamento?) nº 749 do Hospital dos Servidores ou Celso Ramos, desde 16:30 quando foi tudo resolvido para minha internação. E não pude mais sair. Ruth foi ao apartamento buscar as coisas indispensáveis para se passar.... não se sabe quantos dias.

157. A operação será apenas amanhã pelas 13:00h. O médico assistente Boabaide, tirou sangue arterial para testes e uma enfermeira negra “aproveitou” um pouco do mesmo sangue para outros testes. O assistente fez um curativo no pé que ainda não cicatrizou, depois veio uma bela mulher anestesista que me fez um monte de perguntas e o enfermeiro, aquele cujo nome ainda não sei.

158. Outra enfermeira me trouxe um prato de sopa e um pouco de gelatina às 17:30. Para comer algo mais o Max Müller conseguiu outro prato de sopa e mais gelatina às 20:30 horas. A partir de agora, não posso comer mais nada para operar.

159. O apartamento 741 é modesto e desconfortável. Não havia cabides para roupa, dentro de um guarda -roupa baixo, de fórmica; não havia lâmpada no abajur que, a meu pedido, Ruth trouxe (com dois cabides). Vai ser muito desagradável para Ruth (e para mim) dormirmos no mesmo quarto: eu durmo mal, me acordo cedo demais e não consigo dormir mais.

Vejamos o dia 24, da cirurgia.

160. 24/10: O quartel da 14ª Brigada Mista fica ao lado do Hospital e da janela vejo o bosque e a casa grande que, segundo me falaram, foi de uma sociedade alemã, conhecida durante a guerra.

161. 26/10: O que eu queria conter acima foi a série de recordações que os soldados em forma, e os longos devaneios ficaram em minha memória.

Fomos juntos para o apartamento. ???

162. 29/10: Só hoje consigo escrever alguma coisa. Foi tudo bem. Ruth tem sido de uma dedicação extrema. Apenas uma noite não ficou no hospital, sendo substituída pela Datá que ficou acordada o tempo todo e deixou um relatório belíssimo. Amanhã vou para o apartamento.

E fico pensando na gravidade do meu retorno à vida. Preci-

so fazer alguma coisa séria para justificar esse acréscimo de tempo. Quantos anos faltarão? Como poderei pagá-los?

163. 04/11: No apartamento desde a manhã do dia 30. Hoje, completam-se 11 dias da operação que me “abriu uma avenida” de 40cm a partir da altura do mamilo direito, passando em arco pelas costas, com 33 pontos. Amanhã à tarde vou tirar os pontos e saber o que mais vai acontecer.

164. Aos fins de tarde, começa a doer intensamente e só termina com uma injeção de Voltaren - que eu odeio - mais comprimidos para dormir, o que me dá algumas horas de sono.

165. Estela voltou ao Rio sábado, dia 2. Além de cozinhar e fazer curativos, ainda me ajudou nas despesas. Agora, fica somente a Ruth, mais a Celeste, naturalmente, mas ainda não posso sair nem movimentar-me muito. Até ler e escrever é difícil.

166. 13/11 ,4ª feira :

Internação : 23 outubro

Operação: 12:00h de 24 outubro

Alta do hospital:

167. 20/11 - 4ª feira - Tijucas: As dores desesperadas apresentaram outra solução : vir para o Hospital S. José de Tijucas. Para poder usar o soro - estou muito fraco e usar analgésicos com o soro é menos dor.

Passei o fim de semana em Floripa com meu sobrinho Egeu do Rio que já se foi, ficando o sobrinho Rodolfo, filho de Estela, que passará um tempo maior com Celeste. Todos vieram aqui hoje me trazer, num carro de Florianópolis. Continuo super desanimado para escrever e até ler. Grandes planos poderia ter por escrever, agradecer centenas de cartões e telefonemas , sem ânimo para nada.

As idéias tão amassadas que o melhor é largar tudo de mão.

168. 21/11 - 5ª feira - Tijucas: livre das dores, frasco a um fio dependurado num poste com soro, tenho pouco mais de um metro de liberdade, como a cobra Alecrim.

169. 30/11 - madrugada - Campeche: Pela primeira vez, a casa do Campeche dorme repleta: Ruth, Celeste e eu, cada um no seu quarto , mais Rodolfo; filho de Estela, no sofá da varanda.

170. Quem nos trouxe foi César, filho de Cora. Bolsas e mais bolsas com todo o necessário para se ficar até à tarde de domingo, quando já será dezembro.

171. Voltamos de Tijucas na segunda-feira, dia 26, de ambulância em plena BR -101 , conseguida pelo prefeito, a pedido de meu primo Lilico . As dores continuam. Aparecem e desaparecem sem dar aviso; principalmente nos fins de tarde e começo da noite. Então só se acalmam quando Ruth me aplica uma injeção.

172. 5ª feira fiz uma sessão de acupuntura. Não sei se adiantou alguma coisa. O médico passou também uma poção homeopática. E na terça-feira próxima, irei a outro médico que faz uma coisa chamada “quelação”, que não tenho a menor idéia do que seja.

173. 07/12/91- Florianópolis: Uma vez por dia, infalivelmente, mas sem marcar hora, as dores atacam sem piedade. Não tem lugar exato: ora nos ombros, ora na cintura, ou ao longo da cicatriz, ou da coluna e até no braço direito. Ruth me dá injeção e dentro de alguns minutos tudo passa ou durmo algumas horas. Então a gente vive na incerteza do ataque, como na guerra ou na epilepsia.

174. Hoje é o 44º dia da operação. Vou fazer Quelação que é uma aplicação de soro enriquecido de minerais, etc. para suprir faltas e retirar excessos, com o acompanhamento de quatro remédios que já comecei a tomar. Para a velhice. Diz o médico que com o andamento do tratamento, a dor cede. Fiz a primeira aplicação 5ª feira e farei a segunda na segunda próxima.

175. Do fim de semana no Campeche, trouxe novas lembranças antigas: bichos de pé. Só acontece comigo. Lucimar, a empregada, já tirou três e o segundo dedo (ao lado do mínimo) do pé direito está negro. Terei de operar mais uma vez?

Começa a doer o braço direito pelo ato de escrever ...

176. 11/12/91 - 69 anos: Hoje é dia de receber visitas e telefonemas, que já começaram. Mas a dor continua me atormentando, sem aviso prévio, pela madrugada. Até quando?

177. Consegui escrever cartas para Claire (sobre o livro de Sylvie) e para o Ross, contando tudo por alto. E veio carta de Ceres, convidando para ir no verão europeu conhecer sua casa-museu em Ragrasse ou ir à Ibiza. Haverá ainda algum sentido para isso?

178. 12/12: Ontem, mais de 50 pessoas se manifestaram por telefone, telegrama ou pessoalmente. Fiquei feliz com tanta consideração, vinda de tantas partes. Agora é preciso começar a pensar em como organizar o tempo que me sobra.

Ontem fiquei impressionado com o telefonema da prima Olga com 89 anos!

179. Madrugada de 14/12: Ontem, enquanto fazia a quelação (3 horas recebendo soro), li parte do livro de Daudet, *Lettres de mon moulin* que Claire me mandou a pedido meu. No final, há uma cronologia do escritor. Penso em fazer a minha e estou imaginando como realizá-la. É interessante e poderia ser um ponto de partida para a pretensa biografia, além de excelente ocupação para esses tempos de convalescença.

180. Estamos imaginando ir para Porto Belo dia 20 para ficar por lá entre o fim do ano. Campeche parece que vai ficando inútil.

181. 21/12 - Porto Belo: Chegamos ontem à noite, numa veraneio do Alemão, único jeito de carregar a tralha toda, inclusive uma televisão, torradeira e outros confortos. Vimos Ruth, Celeste, eu e, como motorista o Alemão, Toninho, filho de Matilde. Incrível sua boa-vontade e seu bom humor, apesar dos transtornos causados por uma lei que proibe o tráfego de caminhão pela BR. Tudo fechado, forçou-nos a voltas terríveis: resultado 50 minutos de viagem, foram ampliados para 1:30.

Trouxe livros e documentos para ver se toco a cronologia.

182. 24/12 - Véspera de Natal: Tenho tocado o projeto da Cronologia e cheguei a 1949 (27 anos) mas agora começam a faltar elementos de pesquisa que ficaram em Floripa. Vou ter de fazer uma parte das datas e completá-las depois.

183. Ontem, recebi um cartão de Alfredo Santos de Almeida, com quem fiz uns filmes de arte em 1967, dizendo que nosso filme sobre Bruno Giórgio vai ser aproveitado num documentário sobre o grande escultor. Fiquei muito feliz!

184. 27/12: Cheguei, na Cronologia, a 1964, o ano em que deixei o Exército. Agora, levantados desde 1922 com a documentação que eu trouxe, parece que o simples seguimento do currículo é suficiente para completar o levantamento. Mas preciso da máquina de escrever para fazer logo o definitivo.

185. E quanto aos comentários, por demais crus, não sei a que servirão. Não vejo razão de publicar isso agora, ou algum dia. Em proveito ou prejuízo de que e de quem? Toda essa experiência, dolorosa ou louca, deve ter sentido para outra coisa que não seja sua divulgação.

186. 29/12 - domingo: Ontem, concluí a leitura do livro de

Chico, *Estorvo*. É um livro mágico, com uma linguagem feliz inesperada, com a apresentação de fatos que tanto têm de real como de surreal. Cria-se uma atmosfera de sonho ou sonambulância, uma “viagem” como dizem os drogados, que nos condiciona e atrai para o que não se sabe se é verdade ou mentira. Não sei se o livro sem a sustentação de outras obras, permanecerá. É como um belo filme que nos deleita, agrada e diverte mas não deixa marca profunda na gente. Como, para mim, *Os sonhos*, de Kurosawa.

187. 30/12 - 2ª feira: Ontem, Ruth cometeu o cúmulo da cortesia: foi a Floripa buscar minha máquina eletrônica e hoje comecei a datilografar a Cronologia. Já descobri vários erros. Minha memória anda mal ...

Ontem, telefonei para Chateaugiron e falei com Claire que está em casa de Georges Dussand. Já traduziu o conto *Sentinela do nada* (que eu ando com vontade de ampliar).

188. 03/01/92: A noite de ontem para hoje, nº 70 desde 24 de outubro, dia da operação, foi a primeira em que não foi preciso tomar injeção contra a dor. Salve!

189. Tenho pensado em ampliar a *Sentinela*, agora que terminei a Cronologia, com o acréscimo da parte já escrita do pretenso romance. Mas tenho pena de não explorar o assunto exatamente como romance. Ou haverá uma maneira de lançar os dados e, mais tarde, abrir todas as portas do assunto para ampliar a história?

190. 04/01: Mais ou menos como tem sido pensado até agora, a história (conto ou novela) seria tratada em quatro partes, conforme consta da anotação de 3/7/91, com os seguintes enfoques: 1- a espera; 2 - a viagem; 3- o encontro; 4 - a despedida. A grande novidade é que na quarta parte (final) desfez-se a ilusão do encontro, com a revelação (só no final) de que a mãe está morta.

191. 07/01: Voltamos ontem a Floripa. A única tristeza é que as plantas estão quase mortas.

192. 18/01 Campeche: Vim com Ruth passar o fim de semana por aqui. Senti-me tão bem que a dor não apareceu e dormi sem injeção. Comprei uma geladeira nova para o apartamento, a do ap. veio para cá e a daqui foi para a casa do Nelson, que precisa de uma, pois Fátima pretende fazer comida congelada para fora e já tinha comprado um freezer. E outra geladeira pequena, que foi minha em Porto Belo, acabou vindo para a casa de Aroldo, aqui no Campeche. Eis um estranho ciclo eletrodoméstico em que todos ficaram satisfeitos.

193. 19/01 - domingo: Duas noites consecutivas sem necessidade de injeção para as dores. Dia 24 são 3 meses; que bom que fosse o fim das espetadas noturnas.

194. Sem vontade alguma de escrever, leio os sonetos de Camões, numa edição de bolso comprada em Bordeaux, 1982, numa pequena livraria portuguesa.

195. Joca Wolf esteve aqui ontem para ver o quarto que estamos combinando para ele usar, facilitando as entrevistas para a biografia. São duas dúvidas: deixo-o morar aqui? dou-lhe o direito ao futuro livro?

196. Vamos decidir em fins de fevereiro, o caso da morada, pois espero a vinda de Ross e de Moacir Almeida, este antigo amigo de Rio-São Paulo.

197. 21/01 2:30min da madrugada: Depois de três noites de trégua (sexta, sábado e domingo), a dor voltou e me obrigou a acordar a Ruth.

198. Minha aposentadoria saiu no Diário Oficial de 02. 01. 92, assinada a 30.12.91. O D.O. atrasou todo esse tempo, esperando o do dia 31.12 - o D.O. do acerto geral das contas do Governo.

199. 26/01: Ruth fez ontem 72 anos. Torta, flores, vinho, visitas de Datá, Matilde, João, telefonemas, presentes.

200. Recupero-me lentamente, o corpo dolorido (sem mais injeções) e os braços sem forças, principalmente o direito. Sem vontade para escrever. O dinheiro cada vez mais escasso para tudo. Nada a acrescentar.

201. 27/01: Dia 25, dei uma carta a Ruth, sugerindo que ela viesse morar entre Porto Belo, Floripa e Campeche.

A resposta fica arquivada: (carta colada)

Harry, como veio uma carta, aqui vai a resposta: acostumei-me a viver só e à minha maneira há 50 anos. Em uma emergência como esta, a gente larga tudo, mas vamos devagar. Viver cada momento até o dia 10. Depois se já estiveres bom, irei ao Rio rever como se vive lá. É meio século de hábitos e "modus-vivendi". Esperemos, afinal, o que o destino nos trará. Mesmo porque, nada se faz sem o seu dedo intruso.

Estarei contigo sempre que necessário.

R

26 - 1 - 92

202. 02/02/92 - domingo : Ontem à noite, a pressão atmosférica obrigou nova injeção.

203. 07/02/92 - 5ª feira : Hoje terminei de datilografar a entrevista que dei ao Salim Miguel em 1983 e que estava em "O Estado". Foram 21 laudas de 30 linhas e 60 toques.

204. Nesses dias, organizei o livro dos 70 anos, para possível lançamento em dezembro, com um levantamento de minha atividade como escritor e crítico de arte. A entrevista com o Salim para o livro. Também escrevi ao Renard Perez e ao Frederico Moraes, pedindo que escrevam um capítulo sobre o escritor e o crítico de arte. Se não concordarem, farei o livro menor, sem tanta importância e menor interesse. A Syrta, da Fundação Prometeu Libertus, garante que consegue patrocínio para o livro. Vejamos. Título: *Tempo e Andanças de Harry Laus*, mais uma vez, tudo começou em Porto Belo com o levantamento da Cronologia.

205. 10/02/92 - 2ª feira: Quase tudo que depender de mim para *Tempo e Andanças* está pronto: cronologia, coordenação das três entrevistas, iconografia (a completar), obra publicada (seleção), sobre o escritor (em livros e jornais), sobre o crítico (em livro e jornais), jornalismo de arte (estatística e índices onomásticos (incompleto). Falta-me a Abertura do Volume, que só poderei escrever se Renard e Frederico mandarem (quando mandarem e se mandarem) os textos.

206. 15/2 - sábado: Desde ontem à tarde aqui no Campeche, com Ruth. Celeste foi para um hotel de freiras em Angelina e fica por lá até 4ª feira de cinzas.

207. Renard e Frederico concordam em escrever os textos para mim. Vou mandar mais material para facilitar-lhes o trabalho.

Hoje pela manhã, escrevi um pequeno texto sobre a atual situação do MASC, chamando a atenção dos artistas para o descaso com que vem sendo tratado. Título: "O Museu e as Caravanas do Poder" (PDS, PMDB , e o atual). Tentarei publicá-lo (54 linhas de 60 toques).

208. Madrugada de domingo: Entre os remédios que tomo, figura um muito estranho que chega do Rio em vidrinhos acondicionados com gelo numa caixa de isopor. Descoberto através de minha sobrinha Tatiana, filha de Estela que precisa ir volta e meia a Niterói pegar o misterioso remédio e mandá-lo de avião é outro sobrinho, o Egeu, filho de Cora. Dizem que esta descoberta, cuja composição ignoro completamente, serve para aniquilar o câncer, estirpá-lo de vez. Como nunca se sabe até que ponto a cirurgia foi exata, todas as madrugadas, desde 24 de outubro de 1991, entre 3 e 5 horas, tomo 30 gotas do mistério numa colher de sopa de azeite de oliva.

209. De uma coisa já foi consequência: depois da tal dose-alvarada, não consigo dormir mais. Hoje por exemplo, para ocupar o tempo(ainda não amanheceu) redesenhei o projeto de reforma desta casa, mais uma vez, para ampliar meu quarto, fazer varanda nos fundos e abrir porta na cozinha. Mas não sei quando será possível fazer isso porque não há mais dinheiro. Aliás, a situação nunca esteve pior: todo mês tenho déficit.

210. Madrugada de 19/2 - 4ª: Aleluia! O recebimento do FGTS, Pasep e Fundo 157, entre ante-onTEM e ontem, devolveu-me a tranquilidade financeira por algum tempo.

211. Segunda-feira à noite tive uma explosão de comportamento absolutamente anormal. Uma violenta discussão com Ruth, fiz uma revisão de motivos “histórias” que, cada vez mais vão minando nosso relacionamento. O último: prometi pagar-lhe o tratamento de queleção, desde dezembro (no meu entender seria uma forma indireta de retribuir tudo o que vem fazendo por mim, embora essa retribuição seja impossível). Pois no Natal ela me presenteia com uma nota de cem dólares. Aceitei constrangido. Na segunda-feira, sem quê nem por quê, diz que os cem dólares seriam para compensar minha despesa com a queleção ... Pode?

212. Ontem pela manhã, antes de sairmos para a queleção pelas 7:30 da manhã, conversamos mais calmos e ela levantou a hipótese de que algum remédio esteja me fazendo mal, pois minha violência nunca atingiu tal estágio. Acontece que vinha tomando dois comprimidos de Halcion por noite e por conta própria, reduzi para um e meio a partir do último domingo. Dormi sem alteração, até 4 horas de segunda; depois, a colher do mistério. De 2ª para 3ª, com a discussão, acordei às 3 horas, e fim de sono. Hoje diminui a dose para um só comprimido. Dormi mal e acordei outra vez às 3 h e cá estou sem mais sono.

213. O caso é que quero me libertar do Halcion: deu na Folha de São Paulo que o remédio conduz à violência e foi tirado do mercado nos Estados Unidos. O próprio Busch suprimiu esse comprimido de seu tratamento. Vejamos como fazer a coisa.

214. 20/02 - 5ª feira - 4:00h: Já que não se dorme, conta-se.

Na noite de 2ª feira, telefona a Profª. Zahidé Muzart para “revelar” o que pretendia ser uma surpresa: está organizando um livro sobre meus 70 anos, já expediu correspondência a diversas pessoas, solicitando artigos a meu respeito (Claire, Antelo, Juliana...). Perplexo, contei que eu também estou fazendo esse livro.

215. Com a proximidade do Carnaval, só poderíamos nos encontrar dia 5/3, pois ela vai viajar. Mas eu queria decidir antes, precisava decidir antes: afinal tenho compromissos com Renard e Frederico, além de outros, e haveria sentido em fazer os dois livros tão semelhantes.

216. Telefonei a Zahidé na 3ª à noite e marcamos encontro no Centro às 8.30 min da manhã de ontem. Levei uma cópia do livro (muito bem organizada e embalada), agradei sua idéia de me homenagear, falou-se na possibilidade de o livro ser impresso na UFSC e, naturalmente, convidei-a a escrever a apresentação. Do material que ela já havia solicitado tenho em mãos um texto completo de Raul Antelo, o prof argentino da UFSC que foi comigo a St . Nazaire. E agora? Vejo como solução pôr o texto nas orelhas do volume.
4:45 min - nada de dormir

217. Depois da terrível tensão do dia (noite) de 2ª feira com a Ruth, nosso relacionamento é cuidadoso, pisamos em ovos.

218. Ontem ela revelou um problema de infância - um complexo de mãe para comigo, em função da negação de fazer uma massagem que, responde que sempre imaginei. Ontem pela manhã ainda cometi a grossura de confessar-lhe que, no ano passado, não fiz a operação da hérnia porque não a queria como enfermeira! Eu queria me abrir de todo, não esconder mais nada, deixar a hipocrisia e a mentira de fora, pelo menos uma vez na vida.

219. Ela não estava bem, sentia câimbras, fraqueza, mandei-a ir ao Dr Figueiredo que me telefonou falando em stress e subnutrição, que iria aplicar-lhe soro (alimentício) e fazê-la dormir um pouco. Ficou na clínica até 15:00 h. Voltou melhor. Vejamos como reage e se porta hoje. Ela pensava que teria um enfarte mas o médico tranquilizou-a.

220. 23/02 - domingo : Calma total em Campeche. A manhã está nublada e quente, (Ross chegou ontem às 12.30 min) alugou um Fiat, viemos para cá com Caco, depois fomos a Floripa, ao apartamento, tudo em paz. Falamos com Celeste em Angelina, inclusive Ross com o seu "como vai". Voltamos para Campeche, lá pelas 9 da noite, fui dormir e Ross saiu para encontrar Loro.

221. Ruth está só em Floripa, Celeste está só em Angelina, eu estou praticamente só no Campeche. Tudo em paz, mesmo. (Não houve mais discussões, desentendimentos entre mim e Ruth).

222. 27/02 - 5ªfeira : Numa entrevista publicada ontem na

FSP, John Updike diz coisas importantes sobre arte e crítica. Ele virá ao Brasil lançar quatro livros. Fala sobre o lado positivo e negativo da crítica (literária, no caso dele) e da criação artística. Recorte de jornal:

223. O lado negativo é que isso só lhe ajuda até certo ponto como escritor. Porque você não escreve de forma criativa quando faz crítica. Se você é profundamente crítico ao escrever, cada frase estará condenada antes de ser iniciada. Camus escreveu um texto brilhante sobre um escritor que não conseguia passar da primeira frase, tentando torná-la perfeita. Essa idéia de perfeição não é de grande ajuda para um escritor. Agora que estou quase com 60 anos, quero guardar minha energia para a ficção.

224. A última frase contém o que ando tentando fazer, com muita dificuldade. Outra coisa que coincide comigo a propósito de meus mecanismos: recorte de jornal, poemas à máquina. Uso um processador de texto mas não para a primeira versão de um romance. Não tenho o silêncio e a modéstia de que preciso para ouvir as palavras. Prefiro o lápis e o papel. Escrever um romance é um empreendimento precário.

225. Ontem chegou uma carta de Claire com uma repreensão do tamanho de um bonde, sobre meu *Tempo e Andanças*. Não teve complacência: "Quaisquer que sejam as explicações, o que está a organizar assim é uma sorte de auto-homenagem" - "a única maneira de tratar bem de sua imagem futura é escrever mais e bem", etc, etc. "As compilações, qualquer uma pessoa pode fazê-las, a qualquer momento. Não acha?" - Acho, ela tem toda a razão, mas vou tocar meu cabotismo.

226. 29/02/92 - sábado: Quando ia começar a escrever, o telefone toca: era Ross de SP, para onde partiu ontem. Foi uma visita maravilhosa, conversamos muito, passeamos muito, etc.

227. Telefonamos ontem para Claire que acabava de chegar de Portugal onde foi com Bouthemy e Dressand para fazerem um livro sobre Portugal.

228. Ontem, depois da ida de Ross, telefonei a Ceres que está no México visitando François, seu filho.

229. É carnaval. Lá se foi meu tempo de loucura, embriaguês e libidinagem de 3 ou 4 noites. Ainda bem que não sinto falta. Hoje, são dias iguais aos outros. Vou com Ruth para o Campeche, devo voltar amanhã. Por enquanto, lá não dá para

se ficar muito tempo, pois não há estrutura para alimentação, transporte fácil, etc.

230. 07/03/92 - sábado : Celeste chegou ontem à tarde de Angelina, descansada e bem disposta; Ruth segue hoje à tarde para o Hotel Caldas da Imperatriz, para compensar; depois, pretende ir a Porto Belo e, a seguir, Rio, para reorganizar sua vida. Ross telefonou de Miami. Moacir, do Rio, disse que vem dia 14 ou 15. E eu, louco para fazer a nova reforma na casa do Campeche para ampliar meu quarto de 6m² - fazer uma varanda descoberta de 10 m², para não ver o vizinho que está cobrindo minha vista do mar. Como gosto mais da paisagem dos fundos, não me aborreço tanto com sua atitude.

231. 11/03/92: Ruth não se deu bem com os banhos de Caldas nem com a comida do hotel e voltou hoje.

Frase de John Updike a propósito de auto promoção, na F S Paulo de hoje: "Acho que não é bom para os escritores em geral pensarem que são estrelas e saírem por aí falando muito. Estou fazendo isso aqui porque eu vou embora e vocês vão esquecer. Mas se fizesse nos Estados Unidos, isso ficaria comigo como uma mancha em minha pureza artística (Vide Claire).

232. 15/03 - Campeche: Loro trouxe-me ontem à tarde, depois de passarmos por seu ateliê onde pintou um retrato meu, em verde e vermelho, que me pareceu muito bem. E para a tal homenagem a mim dia 23, que não sei direito o que será.

233. A noite de ontem foi cruel, com dores, sem Celeste, Ruth nem injeção, mas é preciso passar por isso. Hoje estou bem. Nelson e Fátima vieram almoçar aqui e arrumar as coisas, escovaria o quarto que vai ser remodelado, etc. Ruth telefonou cedo para a vizinha Cristina a fim de saber de mim.

234. 21/03 - sábado - Floripa: Moacir cancelou sua vinda por motivo de doença do irmão. Estela concordou em dividir as despesas para a ampliação da casa do Campeche e Nelson está comprando o material e contratou operários. O quarto ficará 6m² maior e haverá nova varanda lateral, aberta, de 2x5m.

235. Ontem, como por milagre, chegaram da França 4 exemplares da capa do livro *Les Jardins du Colonel*, uma beleza! com o quadro da Eli Heil. Precisa ser montado (o quadro mede 95x70 m) para ser posto na exposição de 24 artistas que se imagina em minha homenagem, 2ª feira (conferir 2ª ou 4ª), dia 23 , às 20:30 min, na Fundação Prometeus Libertus. O texto de Claire na contracapa é preciso. Telefonei a ela hoje, agradecendo. Os convites para a festa só fica-

ram prontos hoje e Ruth está ao telefone convidando artistas, escritores, etc. Também na rua há "outdoors" sobre o acontecimento que faz parte do aniversário de Florianópolis. Sálvio chegou de Belo Horizonte e segundo diz, veio para ficar.

236. 27/03 - 6ª feira FLN: A festa em minha homenagem foi um sucesso, dia 23, 4ª feira. Muita gente, muitas obras bonitas, bastantes livros vendidos. Os livros ficaram bonitos, já numerei os 300/500 e assinei. Ontem à noite houve um segundo lançamento no Teatro Álvaro de Carvalho.

237. A imprensa deu uma cobertura enorme, mandei recortes para Claire, Bouthemy, Ceres, etc. e o livro. Claire telefonou dia 24 para saber da festa e diz que "Les Jardins" chegará na primeira quinzena de abril. A contra-capá rumará na saída de "Monologue sens?".

238. 29/03 - sábado / Campeche: Vim ontem pela manhã, de táxi, sozinho. Já estavam aqui Nelson e Fátima, mais dois operários da polícia, conseguidos por Nelson e meteram mãos à obra. Pela tarde, toda a varanda estava levantada, as pedras do assoalho e outras coisas. Trabalham bem depressa. Do jeito que as coisas vão, mais um fim de semana e tudo estará em condições de ser re-arrumado, que a confusão agora é geral.

239. Como me movimenteí muito ontem, a dor voltou. E eu, sem injeção, passei a noite praticamente em claro.

240. Os homens recomeçaram o trabalho, a Fátima virá fazer o almoço, como ontem, e tudo deve correr bem.

241. Amanhã, 2ª feira, grandes alterações no apartamento 1101: chega Rodolfo, filho de Estela, para fazer um curso sobre hotelaria ou turismo, hospedou-se comigo e Ruth, deve ir passar uns dias em Porto Belo para depois voltar ao Rio. Vejamos como tudo se acomoda.

242. 07/04 - 3ª feira / Floripa : Dor de volta, desarranjo intestinal, indisposição geral, pés superinchados, dificuldade de movimento, insônia geral. Tudo piorou novamente.

243. O curso que Rodolfo vai fazer não é o que lhe interessa. Creio que depois da Páscoa, vai e não volta. Ontem fui fazer uma consulta espírita. Vale tudo. Ruth seguiu hoje, finalmente, para passar uns dias em Porto Belo, arrumou o apartamento de lá e, na volta, se tudo já estiver mais ou menos OK comigo, voltará ao Rio. Sinto que não quer deixar-me só, nessa situação ambígua. Quando Rodolfo também se

250. Nelson veio ontem para a conclusão dos trabalhos de eletricidade, complementação da varanda, pintura das paredes, etc. Está tudo praticamente concluído. Ruth e eu planejamos voltar hoje, pelas 3 da tarde, para passarmos a Páscoa com Celeste.

251. 26/04 - domingo: Desde as 2 horas da madrugada sem conseguir mais dormir. São 2 e meia. Ruth aplicou-me a injeção, tomei um comprimido e lá pelas 21:30 min estava na cama. Quatro horas e meia de sono, nada mais. Os dias ficam imensos.

252. Ontem, trabalhei bastante na versão 1992 de *O Santo Mágico*. Não sei se conseguirei salvar o livro ou se vou enterrá-lo de vez. (A primeira versão é de 1982, dez anos!). Agora não queria mais, hoje, porque é melhor começar a redatilografar tudo para evitar impropriedades de tempo e esforço na inclusão do romance Maria- Miudinha.

253. Ruth trabalha na tradução do espanhol de um artigo de Louis Soler sobre o *Zenão* para incluir em *Tempo e Andanças*; Joca Wolf e Dorée Gimslat vieram nos visitar; escrevi uma carta para Claire.

Vou tentar ler *O Homem sem Qualidades*. Talvez consiga redormir...

254. 8/05/92 (02:37 min): Como se não bastassem todas as mazelas decorrentes do tempo (cilada) e da cirurgia, nova preocupação incorpora-se ao dia a dia: o esquecimento. Já havia notado algumas anunciações desse terrível atributo negativo, fiquei apreensivo, mas, afinal, talvez seja normal, caso não se agite e se agrave. Sua aparição foi séria. A propósito da ida de Nelson e Fátima a Joinville hoje, no ônibus que levará convidados (artistas e outras pessoas) para a festa em minha homenagem. Como vai e volta no mesmo dia, o casal não teria onde dormir, pois o ônibus chegará depois da meia-noite e não haverá transporte para levá-los ao Rio Tavares, onde moram.

255. Então ficaram aqui no apartamento de Floripa o resto da noite. Por isso, eu decidi falar com Celeste para avisá-la dessa presença noturna (eles ficarão na sala, nos sofás, sem interferir com ninguém). Na 2ª feira, dia 4, de noite, quando chamei Celeste para propor-lhe isto (pois Ruth vai comigo de carro com Sérgio e Syrta da Fundação Prometheus Libertus), ela me disse que eu já lhe havia falado e que ela concordara. Nada na memória.

256. Na madrugada de anteontem para preencher tempo, escrevi algumas cartas: uma para o crítico Louis Soler que me

mandou um texto aobre *Les Jardins...*; bilhete e textos para o *Tempo e Andanças...* destinados a Prof^a. Zahidé; carta para um antigo companheiro de MG, Ronaldo Rezende. Pois ontem não consegui lembrar que já havia escrito esta última carta, eu sabia que havia essa carta porém não lembrava para quem era. Procurei por tudo a carta que dava origem à resposta e não a encontrei, claro, pois costume rasgá-las depois de respondidas, quando não há razões para guardá-las. Então me socorri de Ruth que lembrou haver posto no correio uma carta para Minas Gerais.

257. Ontem, saí de carro com Hassis que me levou à Galeria de Arte da Universidade para ver sua exposição. Seriam umas 3 da tarde. Aproveitei a carona para outros assuntos. O primeiro, ir ao “cabis posteuse” procurar mais livros que deveriam ter chegado da França. Não chegaram. Será um lançamento sem livros, como já aconteceu com Ruth no Rio.

258. maio de 1992 : Tenho um exemplar e dei outro para Eli que vai permitir levá-lo a Joinville hoje à noite: pelo menos poderemos comprovar a edição. Telefonando ontem ao MAJ, Zilá Marchezini (secretária do Museu de Arte de Joinville) disse-me que os correios da França estão em greve. Pelo menos, terei uma boa explicação a dar.

Do “cabis” passamos pelo MASC. Abriu-se, ontem à noite, o Ciclo de Maio e eu queria vê-lo de dia porque não me sinto bem para sair de noite, sinto-me inseguro e me canso à toa. Tudo em ordem, bem montadas as exposições: desenhos de Aldo Nunes, esculturas cerâmicas de Isabela Sielski, fotos sobre o *Pantanal* que não vi porque queria voltar para casa. Pelo menos isso todos aprenderam. O Museu, ainda sem direção, continua funcionando bem, parece, seguindo que é uma de suas funções : mostrar arte. Quem o vê assim, bem montado, tudo em ordem, excelente programação visual, etc., conclui que está tudo em ordem. É negativo sob um ponto de vista: as “autoridades” da cultura retardam os melhoramentos indispensáveis, já que está tudo em ordem .
(03: 10min).

259. Vou ler um pouco de *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, presente de Zahidé que me deu também *Dafne e Cloe* (já li).

260. 10/05/92 Domingo, dia das mães , 13:00 h: Depois de mais um desentendimento com Ruth, que sucedeu a outro mais violento (em que eu não tive razão), acontecido sexta-feira pela manhã, ela decidiu, ontem à noite, voltar para casa. Sairá no avião de hoje que deixa Floripa pelas 13:30min. Fomos a Joinville, de carro com Syrta e Sérgio, para as homenagens do dia 8, voltamos via Porto Belo e almoçamos na Pousada do Arvoredo. Chegada aqui, a decisão tumultuada.

261. No meio de tudo, um detalhe felliniano, vem um padre benzer o apartamento, a pedido de Celeste, chega logo depois do acontecido. Forma-se uma procissão: Padre, Celeste, Ruth, eu, rezando e se benzendo, um atrás do outro por todo o apartamento...

262. Pelas 9:15 vou a Campeche ver como está a pintura que o Nelson está concluindo, e para deixar Ruth aprontar a viagem. Ao voltar, já havia ido para o aeroporto com Teresa, do Museu. Deixou este bilhete cordial, o que é ótimo.

Harry

Faço votos que encontres a tranquilidade, que dizes só acontecer na minha ausência, para retomar tua vida. E eu, como sempre me aconselhas, devo cuidar da minha.

Tudo de bom, saúde, sucesso e felicidades.

Sorte. Deus te abençoe!

R

263. 12/05 , 3ª feira, 6:10 min: É preciso pensar na história da dentadura e começar a escrever *Ranço*.

APÉNDICE

APÊNDICE

I

1. ms1 Publicar > (mas essa palavra soa mal porque existe ausência de público em meus pobres trabalhos- e eu não me conformo que possa estar errado, pois tudo está em perseverar e fazer obra de valor.// Naturalmente também existe inseparável a idéia de que morrerei cedo e de que tudo terá sido em vão: lerão minhas cartas, meus trabalhos, chorarão às vezes e farão uma grande fogueira. O que mais fariam? Se eu morrer moço será justamente o que farão; se eu morrer velho talvez eu mesmo me encarregue disso, daqui há alguns anos. Então, aí está a nova razão: estar sendo tudo inútil. Pois sinto que não levo uma existência normal. Serei sempre frustrado, se perseverar nisso. Porque, em minha carreira, me formei deslocado, construí um passado irregular que trará sempre circunstâncias desagradáveis, porque minha sensibilidade nem sempre foi bem interpretada, meus silêncios, minha maneira de ser, meus próprios atos, talvez, e terei de viver quase sempre à margem, como um guarda-chuva que só se procura quando se precisa dele, mas que muitos acham ridículo e por isso preferem capa ou molhar-se todo. < No entanto

2. ms1 artigo > Não obstante, quero dizer-me algo do que me sugeriu, de como recebi o Sr. J. G. V. // A mim que desconheço quase inteiramente a literatura nacional, que não tenho palavras de elogios aos poucos livros de autores brasileiros que tenho lido, a mim me foi de valor ler esta “Quadragésima Porta”. // É quase inexplicável como uma cultura assim não possa ter uma maior auto-crítica. Há tanto mau gosto em certas cousas verdadeiramente elementares. Quanto à minha maneira de ser (ou de desejar ser) em literatura, vejamos os pontos discordantes.// Pôr títulos nos capítulos. E que títulos! Considero isso “demodé”, altamente desnecessário. Se já divide o livro em partes é que aí estarão seccionados os assuntos, ou melhor, a ação estará dividida, no tempo ou no espaço. Por maior que seja o simbolismo, a explicação, o esclarecimento desses títulos são desnecessários. “O camundongo e a circunvolução”, “O racionamento da lágrima”, como intitula os capítulos 1 e 2. Ainda mais desnecessários um autor como esse que escreve para uma platéia selecionada, culta, que conheça francês, inglês, alemão ... que acompanhe o movimento literário do mundo (e artístico de um modo geral); pois do contrário, se um nome citado nada sugira suas imagens e citações não estarão cumprindo com sua finalidade e o autor não estará atendendo à sua. Outras vezes são palavras feias, caídas por descuido ou não sei por que, como na página 344 “aproveitaram... para se beijarem.” (2ª edição - Globo). Numa carta de Jandryra há entre parêntesis: (estou escrevendo difícil!), só porque fala em “demográfica”, e, no entanto, supõe-se numa carta que absolutamente não deixa lugar a observações dessa natureza, mormente em se tratando desses dois personagens e de sua ligação na trama de sua condição social, cultural, etc. Enfim, é um gesto que nos desprende do livro, que faz o autor se afastar da nota de Bergson no artigo de W.M. //A sua constante demonstração de cultura chega a irritar. Quando conseguir livrar-se disso(em troca de uma maior agudeza psicológica) terá ([ainda]) conseguido progressos inestimáveis. Há uma sede tremenda de fazer saber que conhece todas as cousas. Dizer, por exemplo, que fulano tem discos gravados por todas as casas gravadoras do mundo! e citá-las. Brincar de encher duas páginas com substantivos indicando a profissão e a condição de todo o mundo que passa pela rua Caumartin! (p. 430-31) . No capítulo II da I parte, a enorme descrição de Pamir, a fim de fazer aparecer Ohanian, chega a nos fazer perder ([o fio do romance]) a seqüência da trama. Por fim me acostumei a isso e tive que concluir que o ([homem]) autor sabe até aonde quer ir, aonde quer chegar. A trama foi pré-estabelecida e, de uma maneira ou de outra, ele chegara ao fim.//Muito mundanismo, dinheiro, os personagens não têm problemas profundos e dolorosos, são leves, de bolso cheio e conseguindo tudo. Não há conflito. A angústia é fraca e Brígida não convence em sua separação de tantos anos, abandonada pelo marido em Portugal.//A nós que estamos no Brasil e que lemos livros sobre França e gostamos de ouvir “news” de ruas, de lugares de Paris, que gostamos de viajar e conhecer mundo, este livro agrada. E aos franceses? É quase uma reportagem, um livro de viagem em que os problemas pessoais([estão]) são envolvidos pela mudança de panorama e desaparecem nessa constante ([modificação]) metamorfose. Não nos prende muito a atenção - é como se, no teatro, o assunto da peça nos desinteressasse e ficássemos a

analisar cenários e costumes.//O romance é atual e o autor faz questão de fixar isso, pois como se não fosse suficiente o falar nas duas grandes guerras e outros acontecimentos mundiais de interesse, desce até a citar nomes de artistas de cinema americano e em cada passo fala em Hollywood. É um livro destinado a não permanecer, me parece, porque, como reportagens de guerra, há livros próprios para servir mais objetivamente à ([essa]) finalidade de retratar uma época; e como ficção não soluciona grandes problemas.//Há, no meu ver, uma grande qualidade: a de situar o personagem principal, o principal para mim, pelo menos, Albano, desde a infância: começar a ação antes mesmo de seu nascimento, depois a infância, para atingir a mocidade, sua completa formação. É grande a quantidade de personagens e o autor ([dosa perfeitamente bem o aparecimento deles e sua ligação]) sabe apresentá-los e estabelecer as necessárias ligações.< J.G.V.

3. ms1 difícil > Eis-me possuidor desse estado. Serei melhor por isso? Quem falará mais eloquente no silêncio? : os planos ou os fracassos? Nem sempre uns se reduzirão aos outros, nem sempre se têm reduzido.// Haverá quem cancela realizar um fracasso para si? Mesmo o suicida recorre à morte como salvação, (ainda que interiormente duvide e busque argumentos e se desespere).//A mescla é constante: no silêncio ou quando nos perdemos na vulgaridade ou quando nos reunimos na pedanteria. Sempre em presença o que se passou e o que sonhamos realizar. O réu conta as vergastadas pela dor, o algoz pelas pedras que separa uma a uma, e se tem pressa de terminar é que lhe pesam os braços, não o remorso. No entanto, o homem que vive e sofre as vergastadas olhará ele para o cesto das pedras e desesperará pelas que faltam ou pelas que já sofreu? Não conhece o número das que faltam. Mas, de qualquer modo, toda a que sofrer a mais será um crédito.//Dores superpostas. A ferida cresce. Será preciso ir até ao fim para voltar a fechar-se a chaga?// O criminoso conhece seu castigo. Prepara-se para sofrer até: (aqui o fim) .Eis portanto uma imagem imprecisa.< Recebi

4. ms1 lá. > Conheci Veríssimo ([, que me apresentou a seu mestre Câmara Cascudo, no Natal.]) ano passado. ([Um dia]) Uma noite levou-me ([até]) à sua casa, mostrou a papelada, falou numa porção de livros que queria apresentar mas “não tinha coragem”, quis saber do folclore catarinense, anotou variantes, e ([já ficou]) já era tarde ([da noite]) quando nos despedimos. Trabalha de noite. De dia é diretor do jornal “O Democrata”, é secretário do Prefeito e ainda, de vez em quando, desaparece ([estudando]) para ir a Recife fazer exames na Faculdade de Direito.// Em seu trabalho, publicado pela Biblioteca da Sociedade Brasileira de Folklore, de Natal, percebe-se sua preocupação inseparável: a honestidade. Demonstra espírito pesquisador e consciência científica. Trabalha não para si, mas para o futuro, com a intenção de ([colaborar numa]) contribuir para a obra maior e definitiva, sugerida por João Ribeiro: uma coletânea de adivinhas brasileiras, como faz notar o autor na Introdução. Extensamente anotado, o livro é de muito interesse para os estudiosos do assunto. E a nós, ([admira como adivinhações]) que em criança ([pensamos terem sido os irmãos mais velhos que inventaram]) atribuímos aos irmãos mais velhos a autoria das adivinhas, admira como ([as adivinhações]) elas correm mundo. A de nº 44, por exemplo, que na minha terra ouvi “redondinho, redondote, não tem fundo, nem botoque”, o Veríssimo apresenta variantes de Natal, de Belém e Paraíba, Galizia, Astúria, Itália, França e Mallorca.// ([É com “Adivinhas” que Veríssimo de Melo estréia]) Em “Adivinhas” encontramos o neologismo ([que]) de Câmara Cascudo ([criou]) estaria, para ([dar significação]) separar da acepção de história o que se refere à ficção, ([em igualdade ao in]) como se encontra no inglês, story e history.//Com capa de Lula Cardoso Arys - ([desenho]) um bom desenho, notável pela simplificação e harmonia dos traços, ([pela tristeza das crianças em identidade com a amargura do preto velho contador de histórias]) - o livro de Veríssimo de Melo nos deixa ([esperando]) à espera dos que virão, ([sobre]) ([com]) revelando a beleza poética do sertão nordestino, as canções de berço, os brinquedos de roda e tudo o mais que o Sul tem que aprender do Norte.// Euclides da Cunha - *Os Sertões* - (O homem - II - Um parentesis irritante) Chegar e dizer: “Vivemos separados desde a infância, temos sangue igual e vidas diferentes, portanto é preciso haver, acima de tudo, tolerância. Façamos por compreender que a liberdade, conforme ela seja, ([cria diversas idéias de Deus, de sociedade e

muda]) realiza em cada um sua idéia de religião e sua concepção de sociedade, concedendo-lhes maior ou menor parte de seu ser. A liberdade desenvolve o egoísmo e o sofrimento fortalece paradoxalmente o orgulho. É mais fácil ferir um sofredor, ([porque este tem já as armas que lhe atenuam o sofrimento mesmo]) porque ele já carrega consigo boa dose de auto-preparação para a dor e precisa livrar-se dela. Tolher a liberdade é fazer manifestar-se o egoísmo.”// Perder-se nessas considerações. / / “É compreensível que cada um de nós tenha feito e sonhado com seus planos e não ceda um centímetro à plantação do outro. Respeitemos o pensamento mutuamente e aceitemos, de início, que temos conhecido nosso caminho; e tenhamos presente que, embora partindo de pontos diferentes, pode-se chegar ao mesmo objetivo. Ainda que estejamos convictos ser o nosso o mais certo, deixemos que o outro compreenda pelo exemplo. Da comparação inteligente nascerá a compreensão e talvez um dia tenhamos chegado insensivelmente ao equilíbrio, cada qual cedendo do seu e recebendo do alheio.”// ([Por seguir cheio de fé: Era um barzinho como existem em muitas esquinas de quase todas as cidades, com ar triste de viuvinha de luto e que tarde da noite as cadeiras]) < Há

5. ms1 boa > Nunca dantes uma idéia me dominou como essa, a ponto de me fazer perder o sono. Talvez mesmo por isso eu a realizei muito apressadamente, para me ver livre dessa espécie de febre que acometeu. Durante dois dias inteiros estive sujeito às idéias dos meus quatro personagens, sabendo precisamente o que cada um diria e faria e quando. Agora que releio o conto vejo que são necessárias transformações e ampliações; pois ainda não tirei tudo o que pode ser aproveitado dessa idéia. 1- Deve ser dirigido de outra maneira o relato do crime de Eliezer que está muito vulgar. Já sei como vou melhorar. Uma comparação sobre Savaris será substituída. Pode ser aproveitada a hora da refeição para uma exploração do sentimento, ou melhor, da necessidade de comunicação de nossos segredos ou idéias. Aí poderá entrar a parte relativa ao “segredo”, constante do plano do conto à página 102 v. deste caderno. Naturalmente partirá de Savaris a intenção de revelar o plano - se não tivera a coragem de expor o plano com medo, medo ao desprezo, etc., poderá num sentimento um tanto exótico querer vingar-se desse medo e prejudicar a si próprio. Então os outros dissuadi-lo-ão, ou melhor, farão por disfarçar e poderá assim ser melhorado com mais esse tom de veracidade. Reforçar a idéia de que ficou um. Dar mais realce às personalidades de Otaniel e Josué, fazendo Otaniel julgar, por exemplo, a maneira como foi recebido o plano pelos demais e talvez fazer pressentir sua decisão final de não fugir: de qualquer modo fazer aparecer nele a sensação de “estar satisfeito” com a concepção do plano, sem necessitar a realização. Isso servirá para realçar o que Eliezer pensa ao fugir, sobre que “um tem a pensar, e o outro a realizar.” Quanto a Josué, não fazê-lo desistir tão rapidamente (p. 124) mas apresentar o pensamento evolutivo, por etapas, entremeando com a dúvida e o problema dos outros. Também pode ser dito mais sobre a espera. Ver, por exemplo, como cada um encara esse tempo doloroso que se escoia tão monotonamente. Talvez em Eliezer e na p. 123 v, possa ser acrescentado o pensamento sobre a inveja: “qual é mais fácil? ...” Na cena da fuga talvez seja melhor o pensamento dos homens. No entanto - tirar o máximo do fator surpresa dessa cena. Depois, quando digo que “ficaram dois”, estudar cada um deles e suas reações. Embora eu dizendo: “Quando for “dia ...” já um mundo de ansiedade me domina, não posso exigir isso do ([um]) leitor. Otaniel só. Otaniel sofrendo também precisa ser ampliado e mais tempo, mais dúvidas se lhe apresentarão antes que monte a cama.//O não tem sido explorados melhor certos personagens pode ser justamente o medo de que, com o que se dissesse sobre eles, viesse a perder o efeito surpresa que deve haver no momento da fuga: inversão de papéis. Deve-se pois esclarecer mais Otaniel e Josué e, apesar disso, não prejudicar o desfecho.//1. Enfim, mais uma vez não ter pressa de terminar, combater essa pressa. Temo que a argumentação distraia a atenção do leitor, fazendo-o esquecer ou perder a idéia do conto. (Mas há recursos para usar de tudo isso. É verdade que me proponho a estudar um problema, mas também não é um tratado em que eu venha a ser didático.)// 2. Mas vejamos o que se pode fazer. < “ A

6. ms1 ampliações > 1- Apenas um dos quatro prisioneiros encontrava-se ali; e sem dizer palavra, parecia espantado com a luz que ele próprio acendera. 2- Então já sabia perfeitamente o que acontece-

ra, e essa pergunta foi feita com um resto da vã esperança ([não de que alimentou por segundos]) de que os homens estivessem escondidos sob os leitos, ou encostados na parede, junto à porta. Por instantes, essa certeza de que havia sido enganado, ludibriado, de que estivera ali inutilmente, com a arma na mão e suportando todo o frio daquelas horas, tudo isso lhe caiu em cima, pesando-lhe nas pálpebras e desejou poder esconder-se ([os olhos]) nas sombras. 3- Como se este ano tivesse sido posto de lado, igual aos ([sem dinheiro]) dias de uma longa viagem por mar que não nos pertenceu inteiramente por ([que]) não podermos usar deles como ([gostaríamos]) desejamos. 4- Como alguém que vê ([uma]) sua jóia desaparecendo aos poucos dentro do mar, e não sabe ([nadar]) mergulhar para recuperá-la. 5- ([Mas]) Os outros fingiam não compreender - ele tinha a certeza desse fingimento; no entanto, duvidou num instante de si e procurou o olhar de seus companheiros que ainda esperavam uma palavra mais clara - compreendeu - e disse: -É do interesse de todos nós, e só pode ser feito se tivermos o mesmo pensamento. Então, foram-se chegando e Otaniel quisera esperar até que estivessem sentados à sua cama para começar a falar, procurando no rosto de cada preso o ([feito que]) sinal que suas palavras deixariam. Mas Eliezer. 6- E, enquanto a guarda não se retirava, ([ele]) espantou-se de como tudo fora tão fácil! Sentiu-se um pouco ferido por ser forçado a concluir que não ([se passaram]) havia sido como esperava que fosse: não se tratava de um plano inteiramente seu e a maneira como foi recebido só ([lhe]) deixava a seu favor o prazer de haver sido ([até]) quem provocara a exposição. Compreendia até certo ponto que ([eles]) os outros também participassem de seu sonho, mas não podia aceitar essa realidade sem um princípio de rancor contra os demais; um sentimento vil, reconhecida. ([absurdo como o desejo]) Dissera a Eliezer: “Tu bem sabes”, e agora surpreendia-se, ([quando]) talvez porque visse frustrada sua intenção de ser orientador, o chefe desse grupo obscuro. 7- ([Este o]) Todos os dias em que se acordou em casa eram para eles mais duros que qualquer um da vida militar. Não que trabalhasse. Passava as horas olhando o vento mexer com as árvores, as árvores perderem as folhas, o chão ficando sujo delas todas secas. Mas...([é que]) com as manhãs vinha um sentimento de revolta que ([perdeu]) o perseguia e o acompanhava em todos os lugares([que ia]). Essa revolta não o deixava decidir-se a ([voltar]) retroceder. ([Ao faltar]) Faltando um dia para que sua ausência se transformasse em crime, sentiu-se tão mesquinho e miserável como um aleijado que não é igual a ninguém e que ([por isso]) sofre mais que todos ([os homens]). Sofria até mais ([até]) que os aleijados: porque a esses é dado dizer “não depende de mim”; e Savaris estava são, completo, mas já que se move ([e]) chama o outro... e não haveria crime. Mas, nesse último dia, novo pensamento visitou-o ([e passou]) e amigou-se a si : “ poderás voltar mais tarde, quando quiseres; e fugirás depois, quando quiseres. “Enquanto o vento seco levou umas folhas do chão, ouviu que lhe diziam isso. Agarrou-se à ([essa]) nova idéia com um sorriso tranqüilo: conseguira, afinal, transformar a volta em liberdade. Então seus dias passaram a ser densos da esperança de ser feliz por compreender-se livre. Depois, sentiu-se tentando a utilizar essa descoberta; gostá-la, como um dinheiro que se tem a mais. Afigurou-se-lhe que chegar a dizer : “estou de volta”, era a prova maior de que ninguém interferiria em sua vida. ([De repente]) Regressou e entregou-se. Na prisão deu-se conta, de repente, de que já não era mais livre, quando olhou as longas barras de ferro da janela. Pensou, então, que a situação era transitória e que lhe servia para aumentar o prazer de reconquistar o que perdera. Então, desde o primeiro dia, junto com a idéia que lhe deram as grades - ([lhe pareceram que como sendo barras]) inteiras que se escondiam pelas paredes e passavam pelo teto e assoalho - junto ([que]) a esse pensamento surgiu o primeiro sistema real de fuga. Formou lentamente o plano. Agora, portanto que, Otaniel lhe([havia revelado seu próprio]) falara, ele estava contente pois fora auxiliado na decisão. 8- Essa incapacidade de agir sozinho nascera-lhe de um sonho: Acordara assustado com os companheiros ao seu redor, perguntando-lhe se estava doente. Savaris gemera sob a pressão das grades que cada vez mais se comprimiam sobre ele. Tudo desaparecera: as paredes, as camas, os prisioneiros. E os retângulos das ([grandes]) barras de ferro iam diminuindo, diminuindo, e percebeu que em segundos seus ossos seriam partidos e o sangue escorreria pela grelha inferior. Na manhã seguinte, ao ouvir o ranger da porta da ([cela]) prisão, sentiu o ([frio]) metal frio encostado no seu corpo. A partir dessa noite começou a ([manter]) desiludir-se de seu novo sonho de liberdade. Mas Otaniel salvara-o. 9- Seria essa a máxima justifica-

ção que encontrava para acompanhar os demais na fuga? Olhou para Otaniel que ([fechava os]) estava à janela, e pareceu ouvi-lo repetir ;” Para alcançar o teto...” só o estrado da cama, apenas as tábuas podres; nada mais, nenhum outro plano seria exequível. Compreendeu que se pensava também sobre ele, fora por obrigação, por distração. // - O que me adianta fugir? - pensou - Pouco mais de dez dias e terei minha liberdade! Lembrou-se de que sorria e apoiava Otaniel e Savaris com um falso entusiasmo. Envergonhou -se ([de si]), sentiu-se humilhado ao imaginar-se acompanhando os outros, prejudicando-se sem objetivo, sem finalidade. (9+) 10- Odiou-se nesse momento em que o outro lhe interrompeu o pensamento, porque mais uma vez não teve a coragem ([para dizer]) de decidir-se segundo sua própria vontade. Por continuar aceitando, concordando, sugerindo até: “tarde da noite”. Qual será melhor, qual o arrependimento menor: a fuga ou a desistência? // - Diremos... 11- Agora Savaris é que o obrigara a falar. Sentia desprezo por esse rapaz de mãos molhadas, moles, como massa crua de ([bolo]) pão que se desmancha - achava Josué. A animação com que se ofereceu a prestar aquele serviço, fê-lo dizer algo, para não se sentir inútil, ([que]) para que Otaniel olhasse para ele e sorrisse. Mas a esse sorriso Josué antepôs um pensamento ([vergonhoso]) mesquinho que ([se lhe]) começou a se formar: “Serei um pilar...” 12- Josué torceu o pensamento: “Talvez eu pudesse ser um pilar. Se lhes disser que não os acompanho, perderão a coragem. Serei, portanto, um esteio ([um amparo]) em que se apoiarão, um amparo.” Concluiu como sendo nobre essa decisão, justamente pela palavra “amparo” e por tudo, continuaria dando ([todo]) o apoio de suas palavras. // - Savaris quer ver as estrelas, Josué. / - Então no céu esperando por ele ([mas]) e precisamente por ser como um pilar que desaparece no oculto das águas e ([que]) se fixa no invisível; para ser mais firme e seguro, permaneceria imóvel: não fugiria. 13- Anoteciã, então, e a ([cela]) ralada prisão tinha as paredes avermelhadas ([pelo]) do sol ([que]) entrando pela janela Otaniel ([tinha]) estava com um lado da face na luz e outro ([perdia-se]) sumia-se na obscuridade. Josué reparou em seus cabelos claros e desviou o olhar para sua sombra na parede. Com os olhos azuis, um perdido na sombra, Otaniel ([segue]) estava tranqüilo - achava Eliezer, e ao receber sua bandeja, sentou-se e começou a comer devagar, reparando nos outros e na cor da parede que ia ficando escura e triste.//Naquele momento em que todos comiam em silêncio, fervia um segredo dentro de cada homem.([Ao])Diante do soldado que trouxera a refeição ([era como se nada houvesse. Via ali quatro rapazes como ele; não desconhecera a possibilidade de ver invertidos os papéis futuramente]), havia um segredo comum ([dos quatro]) que cada qual poderia desfazer, desmanchar - com a impaciência de transformar em flor o que é apenas botão. Além desse segredo, havia outro latente, ([e interdito]) escondido, talvez ([digno]) ainda inconsciente e desconhecido, dos próprios possuidores. Para Josué era claro: Não fugir; e resolvera interdizê-la ao conhecimento alheio. O desertor Savaris escondia a ([modo]) vergonha de não ter tido a coragem de apresentar o plano. Mas nem sempre é a parte mais miserável do ser que se conserva em segredo - essa é desnudada, muitas vezes, num impulso de revolta contra si próprio. Com um desejo de remissão. E, no momento em que passava a bandeja vazia para as mãos do soldado livre, Savaris achava-se dominado pelo desespero de libertar-se de seu segredo interdito. Sentiu como que as palavras subindo pela garganta e que se ([ele]) abrisse a boca elas ecoariam na sala. ([Sentiu-se])Julgou-se mesquinho ao se lembrar que tivera medo de falar e expor o plano. E quis vingar-se de si mesmo, ([esquecido]) não importando a quem mais prejudicasse: ([Nós]) Todos vamos embora hoje. Mas o soldado zombou dele: -Sempre que anoitece tu vais embora.(*) - A que horas o senhor quer que ([eu]) lhe traga café, meu coronel? continuou, brincando; e todos riam tão ([mais]) alto ([que]) como puderam.//Savaris não falou ([mas]) mais e afastou-se devagar para a sua cama, sem o menor ruído, e sem coragem para encarar ninguém. Adivinhava os olhos de Otaniel como estariam em cima dele, azuis, ([de uma totalidade transparente]) com a transparência que sempre o faziam olhar dentro deles à procura do fundo.//A partir dessa gargalhada, e quando a porta da prisão ([fechou-se]) foi trancada, logo após a saída do soldado com as bandejas, o silêncio fechou-se junto com a noite, sobre eles. 14- ([mais lentos que as ave-marias ([contas do rosário]) escorrendo pelos dedos das freiras]) Mais lento que as contas do rosário escorrendo ([pelos dedos]) em mãos de freiras. 15- Esperava ([que a qualquer]) o momento em que ([todos]) os companheiros fossem se chegando ([aos poucos um de cada lado da cama]) lentamente para ele, o ranger da

cama ([rangendo]) quando se sentassem sobre ela, depois, veria através das pálpebras semicerradas a expressão de cada face e queria fugir, mas seria incapaz, ([porque seria seguro e cada um lhes daria no]) impedido pelos três que o manteriam sobre a cama, surrando-lhe o rosto, por ter tentado revelar o segredo. A demora desse momento exasperava-o. De vez em quando dava-se conta de que tinha os músculos retezados por essa espera : relaxava-se, então, e procurava ([desviar os]) outros pensamentos. Chegou a desejar ardentemente que lhe falassem, lhe castigassem como merecia. ([Não podia compreender que o silêncio dos companheiros vinha justamente deles terem tido um impulso da mes]) Nada diziam. Continuou a esperar em, vão, sem compreender que o mesmo desejo, o mesmo impulso de delação havia estado presente ([não devia ter acontecido nos outros. A Otaniel, que, nesse momento, esquecera-se de todos para se dedicar a si e pensava que ao entregar a bandeja do jantar dissera para si: “estou satisfeito”.]) Otaniel, que, nesse momento, também lutava por uma decisão. ([Mas ele sentia sobre si o procedimento de todos]). Otaniel acendera ([a]) uma luz, quando expusera o plano: ([agora sentia-se responsável pela condução]) agora sentia-se responsável pelo caminho de Savaris e Josué. ([Mas]) Não ([mais]) ambicionava, no entanto, conduzi-los. ([Sentia]) Em conceber a idéia e dizê-la aos companheiros, ([por ter sido quem]) satisfez-se. Mas não poderia desistir ([aqui]); seria o aniquilamento da palavra empenhada. Aniquilar então a liberdade, agindo contra sua vontade? - refletia Otaniel durante a espera.//Josué talvez não fosse o mais angustiado, nesse momento. Ouvia a respiração de todos e seu único temor era que alguém falasse. Uma palavra seria o suficiente para seu segredo extinguir-se. Não pode ([classificar a sua intenção secreta de]) mais encontrar a nobreza que concedera à sua intenção secreta de não fugir, e procurava outra justificação para sua atitude, lutando contra a evidência de que ela nada mais fosse que um ato infiel, desleal, pelo qual viesse a se arrepender de cometê-lo. Temia o arrependimento: quisera sempre ser alguém cujos atos não lhe trouxessem esse sentimento tão doloroso; no entanto, agia quase sempre por impulsos, irrefletidamente. - * _ (Pois, muitas vezes, a verdade parece tão absurda que é mais fácil não se acreditar nela). 16- ([Depois disso]) A partir daí, Eliezer tinha muita dificuldade em reconstituir os fatos, tal a velocidade com que se haviam passado. Recordava ([agora]) como chegara mesmo a julgar que o sangue, ([lhe]) escorrendo-lhe quente pelos dedos, sobre o peito, fosse o seu próprio. Pensava no gemido que ouvira débil junto a seus ouvidos, e nos lábios molhados que lhe haviam deslizado sobre a face como lesmas. Também se lembrava de haver visto um punhal nas mãos do intruso, enquanto ([caía]) escorregava da cadeira, e que pudera tomá-lo do outro por ter as ([duas]) mãos livres. Então o ([homem]) desconhecido gritara e, desesperado, ([consequia]) tentara abraçar Eliezer ([para impedir])antes que houvesse espaço para ser dado o golpe ([da]) com a arma no seu peito. Mas Eliezer fora mais rápido e o ([próprio]) peso do corpo do homem de encontro ao seu foi o suficiente para fazer penetrar o punhal que Eliezer segurava firme, o cabo havendo ([encostado]) arranhado sua pele, ([em sua]) que a túnica ([desabotoada]) aberta deixava à mostra. Lembrava-se daquele corpo exangue sobre si e não ([seria]) era capaz de saber quanto tempo ficou assim, até se convencer de que estava ([com um cadáver descansando sobre ele]) imobilizado sob um ser ([pessoa]) escânime, “que eu mesmo matei!” 17- a que se submeteu inconscientemente, sem o haver desejado ou procurado. Antes, quisera ter estado desperto para acompanhar toda a execução do projeto. 18 - e, mais ainda, o silêncio com que haviam trabalhado até o momento em que se acordou com a voz... 19- Otaniel, encostado à parede, tremia de irresolução e ao ouvir as vozes e o que diziam, sentiu um arrepio correr-lhe o corpo. Pensou nas palavras de Josué e nelas vislumbrou ([nelas]) a salvação: - Primeiro tu, poderia ter dito; mas , concedendo-se a possibilidade de recusa, ([não pode]) julgou, haver na pergunta de Josué, algo da mesma indecisão. 20- E convencido de que o companheiro esperava sua palavra para apoiá-lo, 21- Josué odiou Otaniel , ([pensando que sua idéia secreta tinha um cúmplice da]) descobrindo nele um cúmplice para sua secreta decisão de trair, envergonhado de sua falsidade se envergonha de sentir que a palavra “miserável”! ([também lhe cabia]) podia ter sido dita por outro, contra si. Teve nojo de Otaniel, ([pela]) por sua deslealdade - e percebeu que esse mesmo asco teriam de si caso completasse ([sua idéia]) intenção de ficar. 22- Não desprezava Otaniel nesse momento. Ouvia tudo aquilo como se fossem os seus pensamentos falando alto. Fez suas a dúvida e a indecisão dos outros. Perdoava a fraqueza daquele que ([na escuridão]) se

confundia com a escuridão e o silêncio; que se deixara escorregar ([até ao chão]) para o assoalho, lutando ainda por se decidir, para se reabilitar. Eliezer agradecia a Otaniel, compreendendo que a ele coubera apenas idealizar e expor o plano e que a execução pertencia ([cabia]) a outros, a Savaris, a Josué, com quem ([agora]) procurava agora, se identificar-se. Levantou-se e Otaniel sentiu seus passos como ([se fossem sobre si]) bofetadas que recebesse no rosto. Amontoado no chão, percebeu que as passadas vinham para ele, rápidas, breves. Eliezer corria. Ele vira sua bandeira desprender-se do mastro e ([flutuando]) soltar-se no espaço, ameaçada de rasgar-se nas pedras que a esperavam sobre a ([terra]) estrada. Resolveu, naquele instante, não arriscar tudo, para salvá-lo, pelo prazer intenso daquele gesto de abrir os braços e recolher aflito seu estandarte. E, num instante, desapareceu. 23- Otaniel está só. Por algum tempo, esteve quase tranqüilo, por se ver o único que restava na prisão, por não ter outros olhos ([que]) procurando os seus e o desprezando em silêncio. Sim, pensou em reabilitar-se; mas em que consistiria o resgate? Evadir-se seria desvalorizar uma vez mais sua palavra.//Otaniel está triste e aniquilado, na madrugada. Como poderá receber o dia que vai nascer? Notar que a claridade vai chegando, ter a certeza de que virá - inevitável. Já não lhe pesava o ter desistido, mas a culpa de haver levado os outros à evasão, ter cooperado, ser o responsável ([pelas consequências]).Haviam cometido um ao vazio, convencia-se.// “Quando voltarão?” Sofreu por essa pergunta, sem saber o que esperar de cada um, como considerariam sua atitude, o que tramariam, o que diriam. Ou ([não falam]) seu castigo seria o silêncio dos companheiros? Pensou na porta se abrindo três vezes, e a cada vez ([sua]) a ansiedade ([pelas]) das primeiras palavras. ([Os gestos]) A decepção em seus gestos, o arrependimento, talvez. Julgou seu dever ([seu]) destruir esse sentimento, quando ([os companheiros]) voltassem; e tentou argumentar contra a inconseqüência da fuga. ([mas não pode excluir- se dessa incoerência. Percebeu então, que se acalmava, pensando nos outros e fugindo de si.])//Levantara-se e sentia os olhos soltos no meio de lágrimas. ([Passou]) Com o medo que aguardava o regresso do dia, passou a esperar a volta dos fugitivos (* *) De repente, aproximando-se de sua cama e nela deitando-se, olhou para os outros e surpreendeu-se vendo todas montadas.([Espantado viu a parede]) na claridade da aurora ([amanhecer]). Inconscientemente havia ([como desencantado o estrado]) preparado o leito que estivera encostado à parede. Agora estava perplexo, sem nada compreender, angustiado e oprimido- como as mães que vêem um filho morto, rodeado de flores, e se surpreendem, esquecidas de que elas mesmas o banharam e vestiram o anjo.// ([Otaniel]) Começou então a chorar , como eles também o fazem, a sofrer as gotas mornas escorrendo-lhe pelas faces. Por tudo isso, Otaniel foi encontrado com os olhos cansados; os olhos vermelhos de vigília e de pranto, no amanhecer. 24- Essa alternativa, embora humilhante, fez com que prosseguisse mais tranqüilo para a consumação([da sua aventura]) de seu ato. (**) “Tratarão do regresso, quando caírem em si da inutilidade de sua aventura.”

< Há

7. ms1 amor). < Reconheço, pelo menos, que tenho já fixado meu estilo. Pelo menos é o que noto em certas passagens em que há ligações com: O brinquedo, A jóia, O desastre e mesmo no Adolescente. Ou será que me repito? Não, o que há são frases de construção idênticas, o mesmo espírito, enfim, procurando tornar menos denso e obscuro com uma imagem bem lírica. Conseguir psicologia e poesia. Profundidade e beleza. Dostoiévski, Proust, Rilke. Não sei, ainda não sei o que tenho conseguido.< O

8. ms1manuscritos> Tudo perdido pela negligência de um sargento, e pelo meu comodismo.//Eu partia de Natal para o Sul e ficaria alguns dias no Rio. Então, como o navio em que eu devia viajar, o Comandante Ripper, tinha por ponto final da viagem o Rio de Janeiro, resolvi deixar dois volumes da bagagem para serem embarcados pelo sargento no Itanagé, que faria as escalas até Porto Alegre. Eu pensei: se o navio vai até lá não há perigo de extravio. Assim seria, se o Itanagé tivesse vindo até aqui. Mas no Rio, por desarranjos nas máquinas, baldeou passageiros e carga para o Itaimbé. E nessa época eu já me preparava para prosseguir viagem e já me havia o sargento remetido um recibo da Costeira, e embarquei também no Itaimbé, cheio de contentamento pela coincidência de viajar junto com toda a bagagem, mas os dois volumes que deveriam estar no porão: ([o caixote de livros e a mala de couro engradada]) //Em Santos, começou o suplício.Procurei o comissário de bordo para saber se havia

documentos em que fosse atestada a presença de meus volumes. O homem procurou tudo... e não encontrou. Minhas cousas não estavam registradas e o papel que eu recebera nada mais era do que um recibo sem importância. Agora sei que o sargento, à última hora, lembrou-se de minha bagagem e levou-a às pressas, sem exigir os “conhecimentos” e, assim ([vinha]) estaria, se ([viesse]) estivesse, por acaso, dentro do navio.// Em Santos, pois, quando foram abertos os porões para carga e descarga procurei divisar os volumes - e vi o caixote de livros. A mala não foi vista e comecei a pensar que se perdera; mas também poderia estar em algum canto, escondida.//E em Porto Alegre chegou o caixote de livros e não veio a mala de roupas e uniformes.//Quando começaram a fazer a descarga do navio retiraram o caixote e foi visto por mim, por Ruth, funcionários do porto, etc. ([E nada da mala]) A mala não aparecia. Choveu, então, e suspenderam o descarregamento.//Por que falar em tudo isso? É um assunto desalentador. Pois bem, não veio a mala e reclamei a toda a gente, ao Ministério da Guerra, à Companhia de Navegação, ao Porto e, afinal, chegou a mala que ficara no Rio de Janeiro. Mas, então, o caixote desaparecera do armazém A3, fora roubado, ([do armazém]) depois de ter sido visto por mim e por todo o mundo. //Sim, não o retirei logo porque o navio não terminava nunca de descarregar e tive de me apresentar em Caxias e deixei o carregador nº 5 ([encarregado]) incumbido de entregar tudo junto à Ruth. Foi ao voltar ([logo depois]) de Caxias logo depois, que soube que “nem um, nem outro” e comecei a me mexer para ver se conseguia localizar ([ao]) o caixote, ao mesmo tempo que providenciava para que a mala fosse reencaminhada.//([E no meio de tudo isso,]) Não se ter “conhecimento do despacho”. Não se poder reclamar. Ter que se conformar com a boa vontade, ficar contente com as fráguas deligências encaminhadas “em consideração ao seu pedido”. Tudo é horrível. Não preciso mais falar, não tenho que dizer mais nada.//Sim, justamente esse erro de não o haver retirado quando lá se encontrava é que me desgosta. Tive dois erros: não fazer eu mesmo o despacho, não trazer comigo toda a bagagem por comodismo, por pretender passar uns dias no Rio e não querer todos os volumes a me atrapalhar; e, o outro erro, não tê-lo retirado logo que o vi e carregado para casa. A mala viria depois, como veio, e tudo estaria comigo agora, eu com os manuscritos à mão, minha estante cheia de livros.//Tenho quase a certeza de que, quando tive de ir para Caxias, já o caixão desaparecera. A última vez que fui lá não estava no lugar e não o encontrei, na rápida busca que dei: Pois, ([digo agora a primeira vez]) fiquei com medo de que tivesse ([sido roubado]) desaparecido mas não falei nada. Como se fosse melhor eu encobrir aos outros que havia sido roubado.([Envergonhado de aceitar isso.])Fui a Caxias me apresentar e voltei em seguida para providenciar a bagagem. Então, não foi encontrado o caixote e a mala não chegara.//Graças a um amigo e seu automóvel,([de um amigo]) andei desesperado pela cidade inteira, à procura do carregador 5 que não é registrado na polícia, nem no cais do porto([,e]).Soube seu endereço por acaso; ([por]) um companheiro ([seu]) de ofício me informou. Correndo da Costeira para o cais do Porto, para o Quartel General; fui ([encontrar]) procurar as pessoas para onde, provavelmente, fora o caixote por engano. Mas enfim, meu nome estava bem legível e, se fosse o caso, quem recebeu poderia devolver. Aonde andar? O que terão feito de tudo?// Sei que descobri até dois homens chamados Oscar Jeger em Porto Alegre. Procurei um tal Oscar Jeger, dono de uma empresa de transportes e encontrei o outro Oscar Jeger, no prado dos Moinhos de Vento, surdo, a quem expliquei tudo e só depois é que achou de dizer que eu estava enganado; que eu devia procurar o outro, etc; e assim por diante.//Também estive num porão de casa, com uma vela acesa na mão, numa estrada do fim da linha da Glória, aonde havia sido recolhida toda a mudança de um oficial do Exército, bagagem essa que foi tirada do mesmo Armazém A3. Pois lá andei de vela acesa, cheio de esperanças, e caixote por caixote examinado, nenhum era meu! // Enfim, perdido. E nem indenização, porque eu não tinha o “conhecimento”, porque veio por acaso, atiraram no navio e veio porque tinha um nome e um endereço: Porto Alegre, Rio Grande do Sul; e não sabiam os estivadores e os demais encarregados de bagagem que essa vinha ilegalmente: senão teriam roubado muito antes e a mala nunca teria chegado.//Poderia ser dito muito sobre isso: agora estou a verificar ([isso]). Tem até cousas engraçadas e ridículas. Mas perder tudo o que se escreveu em anos... é lamentável.// Lembro-me de que comecei a escrever para um treinamento, para desprender meus dedos, como um exercício de piano, e fazer soltar meus pensamentos. Para conhecer a mim mesmo, eu disse

muitas vezes.// Chamei-a de “O Ideal de Um Jovem Medíocre” e me recordo de que acaba apressadamente, com uma tempestade. Unidade é completamente desconhecida nesse rascunho perdido. Nem unidade de estilo, nem de ação, nem de nada. Começa cheio de ingenuidade e termina cheio de pretensão.< Na

9. ms1 Rilke> ([Do segundo simplesmente pela modéstia do que dizem aquelas palavras]) Só agora é que leio Rilke, a bem dizer, pois em “Rodin” não será o ficcionista ou o poeta o que mais propriamente se encontra. Gostaria também de citar Proust, mas só conheço ([dele]) *Los Placers y los Dias* e *No Caminho de Swann*, da Globo. Uma citação, afinal, deverá significar conhecimento, amor, influência, não das palavras, simplesmente, suas da obra e até mesmo da vida do autor escolhido.//Sempre tenho pensado em publicar uma edição pequena, particular, para amigos e críticos. Para saber o valor do que tenho feito, pela opinião alheia. Ao sair da conferência de Camus, feliz por ter compreendido quase tudo, encontrei Raymundo Faoro e então tive a coragem de lhe falar no livro que eu preparava. Pedi-lhe que criticasse meus trabalhos, que eu tratava de copiá-los e depois lhe levaria. Agora me pergunto porque não fiz ainda. Será por temor do que venha achar deles? Esteve aqui neste quarto e elogiou *O Brinquedo*, falando em Proust, “que deixou marca”. Também considero o não possuir eu uma máquina para datilografia e não ter uma pessoa em quem eu confie para passar tudo a limpo e organizar o livro. Depois assumi a Secretaria do Regimento e andei atarantado, preocupado, nervoso com o serviço atrasado que o antecessor me deixou e só agora readquiro um pouco de paz.// Por tudo isso, tenho me esquecido do livro; e pelo que achei do último conto, quando o reli sábado último, seguiu-se uma semana de descrença e abandono. Também a carta de Lenine concorreu: “um gesto digno”. Na verdade, não sei se prossigo dentro do Exército.//Quero dizer aqui o que pensei da parada do dia sete, quando me obriguei a fazer um revoltante gesto de cruzar os braços como continência. “Um gesto nazista e contrário aos meus sentimentos democráticos”, foi o que pensei dizer ao me perguntarem porque não o executara. Mas o executei, sim, e revoltado. Uma revolta incoerente, talvez, e vazia, mas porque escrever tudo isso? Nada mais faço, escrevendo esse fato, que cair na vulgaridade. Assim< por

10. ms1> Lembro-me de que, quando criança, uma gibóia imensa que se deixara ficar numa bela figueira solitária de um pasto verde onde o gado ficava. Isso me diziam, e eu a temia sem a ter visto jamais. Acrescentavam que era perigoso aproximar-se da árvore enquanto ela estivesse faminta, porque nos comeria inteiros, começando pelos pés e a cabeça ficando viva até o fim, os nossos olhos sendo como que os olhos da serpente. Falavam mais que comia o gado, da mesma maneira, e que, nesse tempo, todos apareciam para vê-la. Nunca pude vê-la, mas imaginei sempre os cornos ([de fora]) aparecendo e a cobra deformada, na sombra da figueira. Esse fato me apareceu de repente, agora, a propósito de meu livro e busco uma relação qualquer com ele. Não sei se esse sonhado volume de contos é algo como a serpente que, de tocaia, fica as tardes todas de sol esperando os encantos; ou se será como a criança ou o gado que, alheio, vai para a figueira. Lamento, no entanto, ao reconhecer que, de qualquer modo, toda a história é invenção com que amedrontavam na infância. Sempre grotesca, a lenda me trouxe à mente, no entanto, em belo campo verde que eu gostava de olhar quando passava por ele; apesar da árvore perigosa que era também bonita e grande, cheia de parasitas e estranha flora que, onde o caule se dividia em muitos ramos, formava como uma cesta viva em que a gibóia descansasse e esperasse.//Como poderia ser a “Biografia de Olice”? Quem seria ele, afinal? Um moço que se perde para os mundos, talvez. Sempre em luta por sobreviver, será envolvido e derrotado. Não totalmente vencido: sua vitória poderia ser num sentido de ingenuidade, de vítima das circunstâncias ou da vida mal preparada. De qualquer modo, sua vida será entregue ao mundo, como se aos outros competisse ensiná-lo, encaminhá-lo, orientá-lo, cada um segundo o seu caminho. Sentia-se cada qual responsável sob alguma luz pelo destino futuro de Olice.// Num prólogo e epílogo, o escritor, numa pessoa que encontrou e conheceu Olice, dirá como o viu pela primeira vez e a última, e de como ousar publicar sua vida. Algum sentimento de culpa por sua derrota, quem sabe? Seria apresentado Olice, como Olice se julgou a si próprio: ele tomaria a palavra; e em todos seus verdes anos, com os quais morreu, haveria muito de lirismo, de poesia, ingenuidade, pureza, inocência, enfim, tudo o que possa dar à sua vida um sentido de que o seu mundo talvez não fosse esse, e que por isso tenha partido tão

cedo. No epílogo novamente o escritor falaria, procurando justificá-lo. Não, não mais deve falar. Sua vida se pudesse ser como uma mensagem...ou, pelo menos, a desesperada busca dessa mensagem! Ou morrerá ele sem haver compreendido nada? // Não deve ser uma obra otimista, nem pode ser pessimista. O melhor mesmo é que pudesse ser uma cousa simples e espantosa, sem ser simplória ou vulgar. O aproveitamento das experiências no que elas tenham de incomum e não explorado. Recordações perpassadas de tristeza e ternura, a angústia da incompreensão. Olice morrerá ainda não sarado dessa incompreensão: como se lhe tivessem ensinado que o mundo era precisamente o que ele não encontrou. Olice terá alguém a quem venere acima de tudo, e sua grande dor provirá de que esse alguém se possa ter enganado em prepará-lo como o preparou: não poderá, jamais, desprezar essa pessoa, mas também, depois de seus revezes, não mais a poderá encarar como a um anjo.<O

11. ms1olhos> A pessoa que fantasiou o mundo de Olice não terá culpa: a melhor das intenções foi o que fê-la agir assim. Piedade por aquele abandono, e uma falsa visão do mundo: pois ela será também uma criança e não o compreenderá e será sempre ferida por ele. Na convicção com que falou a Olice houve a conseqüência de que teriam de ser justamente assim a terra, os homens e as causas. Não foi ela, pelas circunstâncias, forçada a dar uma explicação? Forjou então a que lhe pareceu melhor para não ferir a criancinha: tentou supri-la do que não teria mais por força da natureza - e perdeu-o por isso. / Nela subsistiria, no entanto, a certeza de que havia acertado: será um tanto cega e não reconhecerá seu erro (não agiu em toda sua convicção?). Essa poderia chamar-se Celeste, pelo que há de pureza e de céu neste nome, e por outras razões. // Olice, desiludido em face do mundo, sempre agredido por ele, lutará por sua própria salvação, sem compreender precisamente qual o sentido da luta que deve manter e que sustentará, apesar de si próprio: lutará mesmo inconscientemente, quer por uma imposição de sangue, de consciência, ou um instinto de salvação frente a seus contínuos e incompreensíveis insucessos. Não atingirá o estado de “não se decepcionar pela vida”, pois será demasiado ingênuo para esperar apenas a maldade e o interesse. // Não haverá apenas Olice e Celeste, naturalmente. Muitas criaturas povoarão o livro: mas ainda não sei o que poderá ser tudo isso. // Face às desilusões sucessivas de Olice, e de como Celeste será cega em presença delas, existirá, quem sabe, Liana que tenha a justa medida dos fatos. Mas isso importa numa definição. E Olice não a pode encontrar, me parece. Desconfiará dela, mas teme enfrentá-la. É difícil, enfim é difícil: Olice não deverá ser um fraco, falará por perguntas... ou contará depois de tudo passado, depois de compreender sua falta, sua queda? Não, sua definição será ainda oculta e fugitiva para si mesmo. Talvez, quando ele começasse a perceber de longe o meio de atingir o princípio, quando as espigas estiverem cheias e prontas a colher, virá a praga e destruirá tudo. Ele deverá ser frustrado, ferido, mas lutará sempre: este o sentido moral e digno: prosseguir. // Mas começo a perceber que, para dar essa personalidade ao jovem Olice, não posso. como é minha provisória intenção, aproveitar seis em dez, ou mais auto-experiências a fim de situá-lo na história, fazer dele uma criatura que participe, não só pelo pensamento mas também pela ação, - que participe da vida. // Não sei, ainda, quem será Olice. // Enfim, todas as considerações acima são tão provisórias como é provisório o nome de Olice e como ainda tudo são nuvens. (No entanto, as nuvens escondem sempre os céus).< Depois

12. ms1 Rimbaud> Já a título do primeiro capítulo me visitou, mas passei por cima: “Aí vai numa bandeja o personagem”, ou cousa parecida. Enfim, o sr. José Geraldo Vieira não consegue me agradar, absolutamente. Gostaria de ler uma interpretação sua de Verlaine, Rilke, Rimbaud, ou Dostoiévski, já que os cita a cada passo ([com tamanha intimidade]). Se fizesse um livro menos “literário” talvez realizasse cousa melhor. Mas digamos, também, que não pude ainda penetrar o verdadeiro sentido da obra desse escritor nacional. Um dia, virei a admirar profundamente esse homem, quem o sabe?, pela maneira inteligente e bela como justapõe um caipira falando errado com um “deve ser intelectual” pensando em França e nos poetas maiores, ao mesmo tempo que cita artistas de Hollywood e companhias cinematográficas. // Pena que não fosse um cisne. Mas, apesar disso, foi uma bela imagem a que vi ao amanhecer de hoje. Estava frio e a água perfeitamente parada ([rodeava-se]) cobria-se de folhas verdes que se afastavam num ponto, deixando ver a superfície estática e tranqüila ([e adormecida]) como a ave que ali estava. Agora as paineiras estão com as cachadas brancas se abrindo para soltar os

flocos ([pelo]) no ar: pois a ave dormindo ([estática]) sobre as águas, com o pescoço emplumado, ([todo]) e voltado para trás e o bico amarelo desaparecendo sob a asa, era como uma grande cachopa de apina aberta e boiando, com as plumas todas esperando o vento para voar. No entanto, dentro daquelas penas alvas, o sangue corria e, de um momento para outro o pequeno animal poderia acordar-se assustado e correr pelo lago espanando e agitando as águas. Mas, enquanto passei pela estrada ele se conservou parado, imóvel; e procurei com os olhos ([a região vizinha àquela aonde estava]) mas não vi nenhuma outra ave que ([lhe]) o acompanhasse. Era sozinho e dormia no amanhecer, despreocupada e sem se aperceber do dia. ([A água parada]). Uma imagem pura sobre a porção de água que a folhagem deixava descoberta. Às vezes, vemos uma dama segurar entre as mãos uma taça de cristal com tamanha ternura, olhando o líquido com um enlevo tal, como se houvesse uma pomba descansando na calota de vidro: pois me pareceu que esse belo pato branco sobre as águas era algo frágil como os flocos de espuma que se formam junto às cachoeiras e se encostam nas folhas pendentes das margens dos rios; e senti que se poderiam encher muitas taças com essa espuma viva que dormia na calma da manhã - e as senhoras tê-las- iam nas mãos com carinho. Mas, acima de tudo, gostaria que fosse um cisne; não ([tanto]) pela maior beleza de seu longo pescoço ou das asas amplas e engomadas ([como os vestidos brancos das crianças]), mas pelo que há de mais belo na palavra cisne em vez do nome pato.< Termino

13. ms1 sentimento > Volto de três noites passadas no campo, quatro dias inteiros um tanto fora de mim. O que me impressiona, (o que é necessário, também reconheço) é que não me dedico às atividades diversas de minha vida de uma maneira integral. Em minhas relações com o Exército não me aprofundo porque sinto a literatura sofrendo. E quando mergulho nos livros é com o pensamento na profissão: não por amor a ela, mas pela consciência de dívida que cresce com os dinheiros de todos os meses. O que adiantará vencer uma delas sendo desonesto com a outra? Ou será possível, por um desejo de saldar uma dívida, sacrificar toda a satisfação íntima de se realizar? Será justo?//São questões que me assaltam nos mais inesperados momentos e me dominam e me ausentam. Fico em silêncio e não participo das conversas gerais.// - Tu não gostas de ninguém! // - Gosto de ti, não é o suficiente, não ficas contente com isso? // Assim, minto para me salvar. Talvez a mentira se justifique nesse caso. Mesmo nesses casos falo com um meio-sorriso, irônico, talvez cínico. Recordo-me de que uma pessoa um dia, em Recife, me repreendeu porque mesmo para as coisas sérias eu falava sorrindo, “como se tivesse vergonha”, ela me disse. E justamente pelo “material humano” com que lido é que conservo esse sorriso, não por vergonha mas por precaução (medo de não estar sendo como é necessário ser em tais ocasiões).//E nesses quatro dias de acampamento estive um tanto perdido de mim. Quase irreconhecível. Completamente longe dos livros e dos pensamentos maiores, quase que reduzido a um homem que se alimenta e dorme, sem a consciência de que algo mais poderá extrair de si além das obrigações cotidianas de ganhar a vida e gozar.//Envergonho-me de ter, logo no primeiro dia, me deixado levar por um baixo senso de amor próprio ferido, ao dar uma ordem a um soldado e vê-lo demorar a cumprir. Via sua botina fora da barraca e senti ímpetos de dar um chute e gritar com o rapaz. Não o fiz, quanto à botina, mas gritei e me envergonhei depois ao reconhecer que o humilhava com esses brados e perdia também ainda mais a razão. Então ele cumpriu o que eu exigira, e daí em diante tratou de me atender sempre com um sorriso humilde, e de falar comigo mesmo quando não havia necessidade como se quisesse mais uma vez ver-se humilhado por mim, caso eu me irritasse. Mas não é somente necessidade de humilhação que há nesse gesto: existe também a necessidade de se mostrar que “além daquele ponto em que errei existem outros em que posso ser útil”. Os que foram humilhados, muitas vezes, nos concedem graças, embora seja natural que se não as espere deles; e, por ([lado]) outro lado, muitas vezes somos ofendidos por quem não nos deve senão favores.// E desses quatro dias ainda quero referir uma experiência.< Durante

14. ms1 papel > Pois nesses dias, como ainda hoje, é o vácuo, a sensação de incapacidade, de inutilidade.// - Sinto agora a impressão exata de minha inutilidade.// - Ora, pois estás tirando um serviço, estás sendo útil.// - Uma espécie de utilidade inútil, eu disse, mas ele achou completamente impropriedade essa expressão.// Tenho para mim que a razão disso é a ausência de meus trabalhos, a separação,

as promessas falsas que ela faz todas as semanas: “sábado te entrego, na próxima semana termino tudo, ou cousas assim, ditas sem verdade nem sentimento, como para adiar minha insistência e enganar a esperança: uma espécie de domínio, de indepedência.// Por outro lado, reconheço como é árido o trabalho que lhe dei (por ter se oferecido com muitas palavras, palavras demais). E ao me arrepender de lhe haver infringido esse serviço - não pelo sacrifício mas pela demora a que me sujeita - fico pensando em como será angustioso esperar-se a publicação de um romance de quatrocentas páginas.< Viajar

15. ms1 Rosário> Um belo nome, cheio de poesia e ternura, justamente como convém. E como ([permite o debulhar]) possibilita a variação, a fim de não prejudicar a harmonia da frase: Dirceu, Dirceu Menino do Rosário, Dirceu Menino do Rosário!// Sua biografia constará de três etapas cuja ação será desenvolvida em cenários diferentes. A cada mudança de cenário corresponderão sensíveis modificações em todos os setores: o meio ambiente (família, amigos), as relações espirituais e morais, o desenvolvimento intelectual, etc.// Também as cidades vão sendo maiores e mais importantes. Porém, como ele é sempre incompreendido e nunca argüido sobre suas pretensões, viverá sempre deslocado e descontente. Pensará em todas as profissões, sem nunca saber qual seguirá (estudar a origem e as conseqüências). < Como

16. ms1 Dedalus > Mas não conhecerá Joyce , nem Proust, nem ninguém. Será uma criança, um adolescente, e sempre desconhecendo a arte. Talvez na terceira parte, quando entrar em conhecimento e contato com a pintora, apareçam os princípios , a possibilidade de uma definição. De qualquer forma, a arte, para ele, será um mundo maravilhoso e desconhecido ao qual talvez possa se aventurar não com indecisão mas com timidez. É possível que nessa última fase ele deixe de ler os livros como desejo natural de ser os personagens, para passar a desejar ser o autor. Mas é necessário e indispensável que não seja um livro ‘literário’ .// Dirceu Menino viverá seus primeiros anos em Tijucas, Sta. Catarina e essa será a primeira fase. Lembro-me de que, numa espécie de diário de capa preta que iniciei ... não me recordo do ano, 1940 ou antes? , eu dizia, depois de haver descrito aspectos de minha infância em Tijucas, que aquela era uma data sensível (aquela em que fui para o Rio Grande) e poderia servir de marco divisório. Agora volta espontaneamente essa idéia. Lamentável que eu tenha perdido também o pequeno caderno de capa dura e preta, com um elástico negro para conservá-lo fechado. Passados os primeiros onze anos em Tijucas, o cenário passará a ser Passo Fundo (mais uma vez me falta o caderno preto e a biografia perdida). Nesta cidade, Dirceu Menino viverá mais alguns anos, até aos dezoito, por certo, e terá cursado o ginásio e enfrentado o comércio e as angústias de cobrador de prestações. Por fim, a terceira etapa se desenvolverá em Porto Alegre, e não sei se o Menino morrerá ou se ‘desaparecerá’, como para seguir além , pelo desconhecido, pelo maior e mais formoso mundo espiritual que entrevê.// Estou percebendo que meu Dirceu Menino do Rosário não está sequer esboçado.< Tudo

17. ms1 1949 > Estamos a 20 de Novembro, e praticamente dois anos se passaram da data em que iniciei escrevendo , a partir da folha 2, uma espécie de definição e projetos literários. Juntamente com a narração de algumas passagens biográficas, posteriormente utilizadas para realizar *O Adolescente*, esse depoimento estava nas 19 folhas arrancadas deste volume. No depoimento, eu referia que completava um quarto de século e estava meio desolado por nada haver conseguido senão as *Cartas de Nordeste* e demais artigos do *Joaquim*. Foi um trabalho escrito sem a mínima noção de limites ou possibilidades, e o melhor que poderia ter feito foi o que executei: rasgar e queimar. Quanto às experiências pessoais, estavam por demais cruas.// Do presente volume, apenas *Pierre Chacun* e *O Desastre* foram escritos em Natal. Embarquei nos primeiros dias de maio para o Sul e, chegando em Caxias a 15 de junho de 1948, aí estive sem escrever quase nada durante esse ano : tão somente *Fuga* e *A Jóia* , e mais umas anotações , até a páginas 51. Dessas páginas em diante, tudo o mais é de 1949 e de Porto Alegre, quando minha vida estabilizou-se mais, tendo já uma casa, um quarto e relativo sossego, sem ter que dar explicações a meus brilhantes, curiosos e incapazes de compreender ou pelo menos aceitar que os outros se interessem por cousas que não os interessa em absoluto, aos companheiros de profissão. < Organizado

18. ms1 originais > São cerca de 100 páginas almaço datilografadas em espaço duplo e constituído o volume de nove contos sob o título : *Os Incoerentes*. Iniciando o livro este conto, vêm os demais: *A Visita, A Jóia, Maria Grazia, O Desastre, O Adolescente, Areia e A Procissão*. Dedicado a minhas irmãs, com epígrafes de Dostoiévski e Rilke - o adolescente Dolgoruki dizendo: “E agora , pensa que não tenho medo? Tenho. Mas, de repente, tomei uma grande decisão e sinto que a levarei a cabo. E, então, comecei a dizer tudo isso...”; e um diálogo para Rodin: - “Pero habés sido joven?// - Si, y entonces yo er un cualquiera. Cuando uno es joven no comprende nada. Eso solo viene más tarde, lentamente .”// E, tudo pronto, me separei deles por uma semana, levando-os ao R.F. que ficou de me dizer o que acharia. Levei bilhete escrito porque nunca o encontro em casa, e mesmo porque julguei de mais expressão. Passei alguns dias com a impressão de que vivia até aqui para falar nos contos. Não veio. Lembrei-me de quando Dostoiévski escreveu o primeiro livro, que o acordaram e o abraçaram e lhe disseram tudo, demais ou de menos. Não esperava tais expansões : apenas certa consideração (devida a quê?) . E todos os dias pensei em ir ao quarto do nº 916 para recuperar meus originais. Domingo de manhã, não o encontrei novamente: deixei bilhete e 2ª feira não estava o volume à disposição do portador. Quarta-feira, encontrei-o no Centro e me decidi a falar-lhe - que domingo à noite não tivera coragem - e me viu e falou como sempre, dizendo que eu podia mandar buscar, que mais tarde diria o que achou.// Ontem levei a pasta com os papéis para o orçamento da Globo e hoje, Dezembro 2, volto para casa com nota nº 5053: “Para o Sr. Harry Laus - 500 exemplares *Os Incoerentes*, com 112 páginas de texto (igual às de Ignazio Silone) em papel Bufon 3º - 24k 76x112+4 páginas da capa impressas em verde (o título) e preto, em cartão Sudan 200g, brochuras, por Cr\$ 68,50 a página. Desenhos e clichés são cobrados à parte.” Isso tudo quer dizer um total de 7.946,00 que não possuo. E penso que, se tivesse , melhor seria ir numa grande viagem a Montevideu e Buenos Aires. / Minha intenção de fazer uma edição reduzida para amigos e críticos, foi reformada pelo empregado da Globo que falou em desvantagem de publicar apenas 100 exemplares. Que o preço da unidade seria elevadíssimo. Mas se fosse tudo possível, em três meses , por fevereiro, sairia o volume branco de letras verdes no título! // R.F. recomendou-me procurar uma editora “Cita”, que descobri ser de meu primo Reinert, e hoje telefonei-lhe e marcamos para segunda-feira nos encontrarmos e tratar sobre a publicação. Mas fico pensando e me arrependo desse compromisso. Tenho medo dos *Incoerentes* , tenho amor a eles, ainda os desprezo e não assumo uma atitude definitiva. Com esse parente me parece que o compromisso de aceitar é maior- e que grande diferença de preço pode haver? Calculara uns 3000,00, para 100 exemplares; e mesmo que assim fosse não poderia, ou não deveria me expor a essa despesa. O que me trará essa aventura? - uma pergunta que me provoca, me incita. Pelo que há de duvidoso, de oposto em suas respostas. Se ele me tivesse dito o que lhe pareceram os contos... neste momento eu estaria jogando com mais segurança. // Talvez ainda o melhor será guardar a pasta cinza e prosseguir, tentar o meu *Dirceu Menino*, ou procurar uma outra história curta e contá-la. Ou será que já está no tempo de abandoná-los em busca de algo maior? // “Et voici que tu rêves: ... mériter une couroume pour ton front qui est un.”// Há dias andei tomado pela idéia de um romance. Não seria mais que o estudo de um personagem masculino central, decomposto em quatro figuras intimamente ligadas por relações de amizade; isto é, fixar acontecimentos da vida de cada um dos quatro que poderia ser de todos eles. Aprofundar num deles o que se refere à vida espiritual, noutra a familiar, profissional e íntima, de maneira que, por tudo isso parecessem as criaturas mais diferentes e opostas deste mundo e que, no entanto, são uma só e única.// Mas ainda me falta a coragem para iniciar. Em certas ocasiões, tenho quase a certeza de que, uma vez planejado , já poderia fazer o romance. O que falta, pois, é o plano? E para fazer o projeto detalhado é preciso tempo para se concentrar e pensar: tenho motivos, razões e certos compromissos que continuamente me desviam a atenção. Agora, novamente a Secretaria no Regimento para me cansar intelectualmente com officios e processos! E a noite pede descanso e não me sobram quase horas para recuperar o perdido.// Também nunca me julgo pronto para começar. Ah! formação sem formação! Ser autodidata, procurar caminhos sem bússola nem tempo oportuno. Sempre me parece que depois de haver lido ... (um livro mágico) será dado o sinal e terei pensamentos grandes e profundos e uma história com pessoas para pensá-los e dizê-los.// Além de tudo, um

romance precisa situar-se numa época, numa cidade. Ou será possível desprezar estes elementos? Talvez por ler tão poucos romances brasileiros não me parece bem, falar numa rua conhecida, num bar, num nome de bonde. Meus contos sempre desconhecem esses aspectos, e creio que, neles, não tem havido necessidade de falar em Tijuca para *A Visita*, ou Natal para *O Adolescente*, *Areia*: porque o elemento humano, que é imitável em presença dos fatos examinados, é o que me tem interessado mais. E mais, o elemento natureza, o céu, o mar, flores e árvores não cobrem uma cidade de maneira tal que não se disser seu nome está perdida a relação de expressão e a beleza poética.// A par disso, devo reconhecer, a vulgaridade não perturbará o valor do trabalho, como penso e temo muitas vezes, só porque minhas pessoas deslocam-se pela Avenida Farrapos e nela conversam, ou porque vão a um bar onde todos são vazios e grosseiros. É justamente em tudo isso, nesse meio, nesse bar e nessa rua, que a sensibilidade está, uma vez ou outra aparente, quase sempre oculta - aliás, eis um dos aspectos que desejo poder fixar no meu livro: o homem que toma chope agora ali, tem este problema, embora pareça inacreditável. Age assim, nesse momento, por dissimulação, ou quem sabe por libertação? Pois ser vulgar e viver na multidão é uma maneira de se libertar de certos problemas que nos esperam em casa. É bem comum essa reflexão: "o que fará, o que sofrerá essa população que passa por mim." Aprender, pois, esse sentido, a vida cotidiana e sua tragédia (preciso ler Unamuno) e congregar quatro moços que sofrem a época atual e se deslocam como todos e são justamente como são todos.// Onde, então, estaria o valor do livro? Na maneira de apresentar os quatro, um a um, aparecendo aos poucos, desconhecidos e sem se conhecerem, se conhecendo depois pouco a pouco, casualmente ou não, até chegarem a uma conclusão final de que, afinal, "não te espantes pois talvez a ti também possa suceder isto." // - Me assusto justamente porque reconheço que me pode suceder.// - E a mim, a mim que vocês disserem isso, a mim que estou em silêncio e de quem se esqueceram por momentos, a mim já sucedeu.// Chegaria, portanto, esse dia em que os personagens são quatro amigos e se fazem confidências e se reconhecem uns nos outros, e que são todos parte de uma corrente, cada qual um elo. - O valor, então, poderia estar na maneira de entrelaçar e decompor os personagens; também na significação e qualidade das experiências dos sucessos.// É evidente que aos quatro havia uma galeria enorme ligada, uns dependendo deles, outros de quem dependem.// E disso tudo quem sabe não sairia o romance? Uma série de capítulos encerrando dramas intensos na vida dos simples e que sorriem e dizem "bom dia", sem conseguir limpar suas faces do que se passou de noite, do que acontecerá amanhã, inevitável!, de seus temores, lutas e revoltas. < Creio

19. ms1 morte> - que nela creio como uma salvação e também como a derrota. *Dirceu Menino* me espera, o Menino do Rosário, e por ser decerto uma obra mais fácil, mais espontânea e natural, deve ser feita antes, e o outro será assim como uma conseqüência - fruto da flor, e a semente do fruto, não o fruto da semente caída.// Misteriosamente aumentou de 112 para 168 páginas e com isso cresceu ainda mais o preço do livro nessa tal Cita Editora Ltda. // Voltei hoje para receber o novo orçamento e conversar com meu primo. Não o encontrei, o que foi bom, porque talvez me forçasse a assumir um compromisso que não posso e não devo, ainda mais quando as despesas aumentaram para 11.760,00, com os mesmos 500 exemplares.// Desta vez, a nota é quase totalmente impressa, mais grosseira e comercial, com o nº 2254, sem mencionar o título do livro, apenas "livro - contos". Papéis: Bufon e cartolina 80, formato 15x20, e fala mais em corpo 10 entelinhado, a Cr\$ 70,00 a página, portanto quase o mesmo preço da página pela Globo. E uma nova indicação: para 100 exemplares a mais, Cr\$ 1200,00.// Creio que aí fica a aventura, reduzida a tomada de preços, ou esperando algo que absolutamente não me ocorre neste momento e que faça aparecer nas vitrinas o livro em branco e verde, de um tal Harry Laus cujos amigos não sabem "que tu também dás para isso?" Na verdade, para muita gente seria surpresa que eu publicasse um livro, e mais ainda quando tivessem comprado o livro para ler e se vissem obrigados a abandoná-lo ou por não compreenderem absolutamente nada, ou por esperarem coisa totalmente diversa; talvez ainda por julgarem esse princípio de obra como algo pretensioso e absurdo - jamais vulgar, desejo, quero, me convenço a crer.// Naturalmente, aos que têm amor à leitura, passa despercebida a luta que se põe para conseguir o que se apresenta: a eles interessa o que está feito, o que se põe diante de seus olhos. Não vem ao caso esperar deles benevolência ou compre-

ensão. É cobrar o que se pagou pelo livro - como num circo não se admite que os artistas errem seus números, percam o equilíbrio e caiam do arame - assim também ao leitor não interessam os anos todos de aprendizagem e artesanato. Eles estão certos, e seu julgamento: gostei, não é bom, por muito vazio que seja está sempre ligado ao que houve de concordância ou excitação de seus problemas e sentimentos.// Já aos que lêem “por profissão”, a esses têm-se o direito de exigir muito mais: uma opinião, que se for sincera, o que é fácil de se perceber, terá sido pesando tudo o que significa publicar um livro por um artista consciente. Mas, infelizmente, não sei até que ponto sou consciente em arte e quando passo a ser sonhador e pueril. Lenine fala bem de meus contos, da “infância reencontrada dos meus meninos” e o que me agrada muito : “a poesia muito delicada e quase secreta, um ritmo de palavras 100% natural”, tudo isso cousas que sempre julguei possuírem realmente meus contos. Mas ele não leu *Os Incoerentes*, ou talvez não quis falar nele, e esse conto é a minha tese: se não tiver o valor que lhe concedo, estarei em estado de perda. No entanto, Lenine julga a poesia, a poesia de Garcia Lorca, mas é jovem demais para penetrar nos demais valores. // Hoje, pois, Dezembro 13, conheci o orçamento, o novo orçamento para um volume de contos de infância e adolescência.// Rainer Maria Rilke: Canto //Do Amor e da Morte// Do Porta-estandarte // Christoph Rilke// “...a 24 de Novembro de 1663, Otto de Rilke/ em Langenan/Graenitz e Ziegna/ e Linda tomou posse da parte do domínio deixado por seu irmão Christoph, morto na Hungria; necessitou todavia, assinar uma carta de retorno(1)/ segundo a qual a posse se tornaria nula e não teria lugar/ no caso de que seu irmão Christoph (que de acordo com o atestado de óbito apresentado morrera como porta-estandarte, na Companhia do barão de Pirovano, do Regimento de Cavalaria Imperial Austríaca de Heyster), voltasse...//Cavalgar, cavalgar, cavalgar, o dia , a noite, o dia.// Cavalgar, cavalgar, cavalgar. E o coração cansado, a nostalgia imensa. Não há montanhas, umas árvores apenas. Nada se ousa erguer. Cabanas estranhas, agachadas junto a paços lodosos, têm sede. Nenhuma torre no horizonte. E sempre a mesma imagem. Tem-se a mais dois olhos. De noite, às vezes, se crê saber o rumo. Talvez repassemos nas sombras a etapa que pensadamente fizemos sob o sol estranho. É possível. O sol pesa, igual ao da pátria no coração do estio. Mas foi no verão que dissemos adeus. Os vestidos(2) brilharam por muito tempo que cavalgamos. E há muito tempo que cavalgamos. É, então, por certo, o outono. Ao menos lá, onde mulheres tristes nos conhecem.// O senhor de Langenan firmou-se na sela e disse: “Senhor Marquês...”//Seu vizinho , Francês afável, falou e riu durante três dias. Ei-lo esgotado. É como um menino com sono. A poeira depositou-se em sua fina gola branca de renda;nem sequer se apercebe disso. E se relaxa aos poucos sobre a sela de veludo.//Mas o senhor de Langenan sorriu e disse: “Tendes estranhos olhos, senhor Marquês.Por certo, sois parecido com vossa mãe...” //Então, o jovem Francês se alegra; sacode a poeira da gola: completamente nova.// Alguém fala em sua mãe. Um Alemão, sem dúvida. Em voz alta e lenta, dispõe as palavras. Como uma mocinha que faz um buquê, experimenta pensativa as flores, uma a uma, sem saber como será o todo -: assim ajusta ele as palavras. Para a dor? Para a alegria? Todos escutam. Até os blasfemadores (3) se calam. Porque nesse instante não há mais que senhores de belas maneiras. E mesmo os que, no grupo, não compreendem alemão, o entendem de repente, sentem certas palavras: “De noite...quando era menino...”//Eis que estão todos juntos, os senhores que vêm de França e Borgonha, Países Baixos, dos vales de Coríntia e castelos boêmios; do imperador Leopoldo. Pois o que um conta, já todos provaram, e justamente assim. Como se existisse uma só mãe...//Assim, cavalgando, entra-se na noite, numa noite qualquer. Novamente o silêncio, mas se conservam luminosas palavras. Eis que o marquês suspende seu elmo. Os cabelos macios e escuros, quando inclina a cabeça, desprendem-se sobre a nuca de molde quase feminino. Eis que o senhor de Langenan, por sua vez, o percebe: ao longe alguma cousa se ergue, não se sabe o que, tão sombrio e delgado. Uma coluna solitária que se dissolve. Tempos depois, muito mais tarde, vem-lhe ao espírito que fora uma mulher.// Fogo em bivaque. Todos sentados em torno, e se espera. Espera-se que alguém se ponha a cantar. Mas tão cansados estão. A luz é vermelha e pesada. Ela posa sobre os calçados poentos. Arrasta-se até os joelhos, se introduz pelas mãos juntas. Não possui asas. Todas as faces são obscuras. No entanto os olhos do jovem Francês brilham por instantes com uma luz singular. Por ter beijado uma pequena rosa; agora pode continuar a murchar de encontro ao peito. O senhor de Langenan

o viu, porque não pode dormir. E pensa: eu não tenho rosa, nenhuma rosa.//Logo após canta. E é uma velha e triste canção que, em sua terra, as mocinhas cantam, pelos campos no outono, quando a colheita chega ao final.// Diz o jovem marquês: “Vós sois moço, senhor?” E o senhor de Langenan, meio aflito e irado: “Dezoito!” Depois se calam.//Mais tarde o francês pergunta: “Tendes também uma noiva esperando, senhor Junker?”// “Tendes?” replica o senhor de Langenan.//“Ela é loura como vós.” E se calam outra vez, até quando o alemão exclama: “Mas que diabo fazeis, então, montado, a cavalgar através deste país envenenado, ao encontro desses cães, os turcos?”// O marquês sorri: “Para voltar”// O senhor de Langenan fica triste. Pensando numa bela moça loura com a qual brincava. De modo selvagem. E desejou revê-la, ainda que por um instante, o tempo apenas que é preciso para falar: “Madalena, - por haver sido sempre assim, perdoa!” Como? pensa o jovem senhor. - Mas estão longe.// Uma vez, de manhã, um cavaleiro chega, depois mais um, quatro, dez. Grandes, de ferro. Mais mil, atrás: o exército. Devem separar-se.// “Até à volta, senhor marquês.// “Que a viagem vos proteja, senhor Junker.”//Ainda não podem partir.São bons amigos, de repente, irmãos. É necessário que façam novas confidências; pois que tantas cousas já sabem um do outro. E retardam. Ao redor deles, a pressa e o ruído de patas. Então, o marquês descalça a grande luva direita. Descobre a pequena rosa, despreendendo uma pétala. Assim como se parte uma hóstia. “Isto vos preservará. Adeus.” - O senhor de Langenan surpreende-se. Por tempos segue o francês com os olhos. Depois desliza a pétala estrangeira sob a túnica. E ela sobe e desce sobre as vagas do coração. Clarim. Cavalga até ao exército, o Junker. E sorri tristemente; uma desconhecida o protege.// Um dia inteiro com o trem de combate. Pragas, vanglórias, risadas:- o país é deslumbrante (4).Acorrem moleques em roupas multicores (5). Rixas e gritos. Surgem moças com chapéus púrpura em cabeleira ondeante. Brados. Vêm os soldados, negros , de ferro, como noite errante. Agarram as moças com tanto ardor que suas vestes se rasgam. Apertam-nas contra os bordos dos tambores. E a resistência feroz de mãos ávidas acorda os tambores; como em sonho, eles murmuram, murmuram. - E de noite se lhes estendem lanternas, estranhas lanternas: vinho burbulhante nos elmos de ferro. Vinho? Ou sangue? - Quem poderá distinguir?//Enfim diante de Spork. Junto a seu cavalo branco se retesa o conde. Seus longos cabelos têm o fulgor do ferro. O senhor de Langenan nem procurou. Reconheceu o general, saltou de seu corcel e se inclinou numa nuvem de pó. Traz uma carta que lhe deve recomendar ao conde. Mas ei-lo que ordena: “Lê-se este trapo.” Seus lábios não se moveram. Não é necessário, para tão pouco; e são para as blasfêmias bastante bons(6). Quanto aos demais, sua destra fala. Suficiente. Aí parece bastante. O jovem senhor depois de muito, termina a leitura. Apenas sabe onde se encontra. Spork obscurece tudo. O próprio céu desapareceu. Então Spork, o grande general, diz: “Porta-estandarte.”//O que é muito.// A companhia acantona no outro lado de Raab. O senhor de Langenan parte ao encontro, cavalgando só. A planície. A noite. O cepilho da sela brilha através da poeira. E a lua avança no céu. Ele o percebe nas mãos.// E sonha.// Mas algo estranho grita para si:// Grita, grita,// desmancha seu sonho.// Não é um mocho. Misericórdia: a única árvore grita-lhe assim://Homem!// Ele olha: o vulto se alça.// Um corpo se alça , ao longo da árvore, e uma jovem mulher, sangrando e nua,// o ataca: Liberta-me!// Ele salta do cavalo na negra verdura,// corta os abrasantes laços://vê seus olhos brilharem e seus dentes morderem.//Ela ri?// Ele treme.// Num instante se encontra a cavalo e galopa na noite. Serrando no punho esses laços sangrentos.// O senhor de Langenan escreve uma carta, absorvido. Lentamente modela grandes caracteres, sérios e retos.// “Minha boa mãe,//Pode orgulhar-se: eu levo a bandeira,//Não esteja inquieta: eu levo a bandeira ,// Muito me ame: eu levo a bandeira...”// Depois guarda a carta em sua túnica, no lugar mais secreto junto à pétala de rosa. E pensa: Breve estará toda perfumada. E pensa: Talvez alguém a encontre um dia... E pensa: ...pois o inimigo chega.// Os cavalos passam sobre um camponês massacrado. Está com os olhos abertos, e algo neles se reflete; ausência de céu.Mais tarde, os cães uivam. É então uma vila, afinal. E por sobre os telhados se ergue, todo de pedra, um castelo. Larga ponte se estende até eles. O portal cresce. Alto soam os clarins as boas vindas.// Escuta: algazarra, tinir de esporas, e o latir de cães! Os relinchos no pátio , patear de cavalos , exclamações.// Repouso! Ser, afinal, hóspede de alguém. Não satisfazer seus próprios desejos sempre por um magro salário(7). Não receber todas as cousas sempre de mão inimiga. Deixar-se uma vez, ao menos, tudo fazer e saber: o

que acontece está bem. A própria coragem deve uma vez estender-se e enrolar-se sobre si mesma junto a cobertas de seda. Não ser para sempre soldado. Usar os talabartes soltos e a gola aberta, sentar-se em assentos e sentir-se até às pontas dos dedos tal como após o banho. E recomeçar a apreender como são as mulheres. Como são as volúveis e as inocentes (8); que espécie de mãos elas têm, e que canto é seu riso quando os moços louros trazem belas taças repletas de saborosos frutos.// De início, foi um descanço. Mudou-se em festa, não se sabe como. Altas chamadas se agitavam, as vozes tremiam, confusas canções chocavam-se nos vidros e nas luzes, e por fim, os ritmos amadurando aos poucos, soltou-se a dança. E a todos arrastou consigo. Era um bater de ondas pelas salas, as pessoas se viam e se escolhiam, se diziam adeus, se reencontravam, se embriagavam e se balançava a gente nos ventos de estio que estão nos vestidos quentes das mulheres.// Com as mil rosas e o escuro vinho se escoam a hora, ruidosa, nas ilusões da noite. // E alguém está aí contemplando, espantado, o maravilhoso. E ele é de tal feitio que se pergunta se não se vai de repente acordar. Pois não é senão dormindo que se vê tanto luxo e singulares festas de jovens mulheres: seu menor gesto é uma dobra se formando no brocado. Elas constroem as horas com intenção argentina e, às vezes, levantam as mãos assim - e tu dirias que estão colhendo, de onde não alcanças, doces rosas que tu não vês. E eis que sonhas: ser ornado por seu encanto, de outra forma cumulado, e mercer uma coroa para a fronte nua.// Alguém, vestido de seda branca, sente que não se pode acordar, pois está turbado e entorpecido pela realidade. Medrosamente, se refugia no sonho, e ei-lo no parque, solitário no parque escuro. A festa é ao longe. A luz mente. A noite, ao redor de si, é fresca. E pergunta a uma mulher que se inclina para ele: “És tu a noite?”// Ela sorri.//Ei-lo envergonhado de seu traje branco.// Quisera estar longe e só, em armas. Dado às armas.// “Esqueceste que és meu pagamento por esta noite?” (9) Queres deixar-me? Aonde vais? Teu traje branco me dá direito sobre ti...”.....//Sentes saudades de teu grosseiro uniforme?”// “Estremeces? - Te entristece a pátria?” // A condessa sorri. Não. É porque a infância lhe caiu dos ombros, esse doce traje sombrio. Quem a levou? // “Tu?” pergunta ele com uma voz que não havia jamais ouvido: “Tu?”// E agora nada mais há sobre ele. Está nu tal como um santo. Claro e esguio.// O castelo se apaga aos poucos. Todos pesados: de fadiga, de amor, ou embriaguês. Após tantas longas e vazias noites no campo: os leitões. Grandes leitões de carvalho. Aí não se reza da mesma forma que nas miseráveis valas dos campos, que quando se quer dormir, se assemelham a túmulos. “Senhor, como vos praza!”// Mais breves são as preces num leitão.//Porém ferventes.// O quarto da torre(10) é escuro. Mas eles iluminaram as faces com seus sorrisos. Tateiam diante de si como cegos e encontram-se como se encontra uma porta. Quase como crianças que têm medo da noite, se abraçam um ao outro. No entanto, não têm medo. Nada existe contra eles: não há ontem nem amanhã, pois o tempo desmoronou-se. E florescem fora de suas ruínas. // Ele não pergunta: “Teu esposo?”// Ela não pergunta: “Teu nome?” // Pois se encontraram por ser um para o outro de uma nova raça. Dar-se-ão cem novos nomes e os tirarão um do outro, docemente, como se desprende um brinco da orelha.// No vestíbulo, sobre um assento pendeu a túnica, o boldrié e a capa do senhor de Langenan. Suas luvas estão no assoalho. A bandeira permanece tensa, apoiada contra a janela. É negra e esguia. Fora, uma tormenta corre através do céu e corta a noite em pedaços brancos e negros. A luz da lua passa transformada em relâmpago, e a bandeira imóvel produz inquietas sombras. E sonha.// Chegou a manhã? Que sol se levanta? // Como é grande este sol!// São os pássaros? Suas vozes estão em toda parte.// Tudo está claro, mas não é o dia. E há ruídos, mas não são vozes de pássaros.// São as vigas que brilham. E as janelas que gritam. E gritam, vermelhas, contra o inimigo que está fora, no campo flamejante, elas gritam: ao fogo!// Com o sono rasgado em suas faces, todos se apressam semi nus ou vestidos(11), de sala em sala, de refúgio em refúgio, em busca da escadaria.// Com o sopro abafado, os clarins balbuciam no pátio. // Reunir, reunir! // E os tambores tremendo.// Está aberta uma janela? A tempestade entrou pela casa? Quem faz bater as portas? Quem atravessa as salas? - Deixa! Quem quer que seja. Não encontrará o quarto da torre(10). Como se estivesse atrás de cem portas é este grande sono que dois seres têm em comum: em comum como uma mãe ou uma morte.// Mas a bandeira não está.// Vozes: Porta-estandarte!//Cavalos em fúria, preces, gritos,//Pragas: Porta-estandarte!// Choque de ferros, ordens e toques;// Silêncio: Porta-estandarte!// E avança a cavalaria espumando//.

.....//Mas a bandeira não está.// Ele corre incitado pelos coredores em chamas, através das portas que o encerram, ardendo, pelas escadas que o queimam, e se evade do edifício em fúria. Sobre os braços leva a bandeira tal uma mlher pálida,desmaiada. Encontra um cavalo e é como um brado: por tudo, transportando tudo, mesmo os seus. E eis que o estandarte também volta a si, e jamais fora tão régio e agora todos o vêem, longe e na frente, e reconhecem o homem fulgurante e sem elmo, e reconhecem a bandeira... Mas ela começa a brilhar, se arroja e cresce e se empurpura////Eis a bandeira em chamas entre o inimigo que a persegue a galope.// O senhor de Langenan está no seio inimigo , mas está só. O estandarte fez ao redor de si um círculo vazio, e ele resiste, no centro, sob a bandeira que se consome aos poucos.// Lentamente, quase como pensando, olha em torno de si. Há muito de estranho, de multicor diante de si. Como jardins , pensa ele, e sorri. Mas ei-lo que percebe, de repente, olhos que o devoram, reconhece os homens , e sabe que são os cães descrentes:e lança o cavalo no meio deles.// Mas quando atrás de si tudo se fecha , continua tudo sendo ainda como jardins, e os dezesseis sabres recurvos que sobre ele se abatem, golpe contra golpe, é uma festa.// Uma cascata de risos.// A túnica se consumiu no castelo, com a carta e a pétala de rosa de uma desconhecida.// Na primavera seguinte, (chegou fria e triste) um correio a cavalo do barão de Pirovano entrou lentamente em Langenan. Lá, viu o pranto de uma velha mulher.// Notas:(1) lettre rénersale = carta de retorno; (2) robes de femmes = vestidos; (3) cracheurs = blasfemadores; (4) le pays en est avenglant = o país é deslumbrante; (5) des gamins bariolés = moleques em roupas multicores; (6) pour jurer juste assez bonnes = para as blasfêmias bastante bons; (7) maigre pitance = magro salário; (8) comme sont les blanches (femmes) et comme sont les bleues = como são as volúveis e as inocentes; (9) journée = dia = noite; (10) dongon = torre (do castelo); (11) mi-fer = vestidos.

II

1. ms2 > Tenho esperado bom tempo para iniciar a viagem, mas o céu se mantém coberto de nuvem e o mar...talvez o mar esteja tão calmo que uma pluma caindo nas águas produza pequenas ondas.Com as velas recolhidas, o barco está ansioso por partir e aproveitar o vento que sopra.Assim não sei precisamente qual a melhor decisão - o comandante vacila.//Mas, realmente, o que determinou que se levantassem ferros e se fizesse ao largo, foi o aparecimento inesperado do início de Dirceu Menino do Rosário. Foi depois do almoço, quando se fez silêncio em casa e as frases começaram a aparecer, prontas para transcrevê-las, exigindo que eu o fizesse.Depois, a emoção de algo nascendo, de algo se formando e brotando, e comeci a escrever.Mas à medida que fui atingindo a quarta página, uma impressão de que não estou executando como o devo, de que assim não poderei prosseguir, essa impressão me assaltou e me dominou.Lembrei-me de Wilde: “Em arte, não há primeira pessoa”; e embora não me pareça isso sempre certo, creio que para meu Dirceu Menino a terceira pessoa talvez seja mais, a fim de que os outros personagens também possam ser estudados interiormente. Ou será que os demais nada serão que a moldura de Dirceu Menino?//O certo, o motivo exato de todas as dúvidas é justamente não saber eu ainda o plano geral do livro. Não estar madura a idéia. Ter eu dúvidas se mantendo a intenção de dividir em etapas, caso positivo qual a etapa de que me devo acercar , se começo pela ordem cronológica, se inicio com Porto Alegre. Não sei se bordo D.M. seguindo a mim como modelo integral, parcial. Se escrevo D.M. como em criança, um adolescente, um desconhecido, um original, enfim ,nada sei, e mais me convenço ao escrever tudo isto.//Pensei em admitir uma mescla de primeira e terceira pessoa.Haveria então um “eu” que se aproxima de D.M. pela semelhança entre um e outro: daí a possibilidade desse “eu” falar na primeira pessoa, como se estivesse se referindo ao amigo. Autorizado, pela semelhança em igualar seus sentimentos.Mas é um tanto absurdo e poderia até vir a ser ridículo em certas ocasiões. A não ser que essa “identidade” fosse apenas uma pretensão, um equívoco da parte do “eu” que por tudo isso se distanciasse de D.M.; mas então já a idéia se teria transformado ou transtornado completamente.//Por agora, o melhor será fazer nada mais que o seguinte: um banho, barba e sair para a rua.// Dezembro,28 -//Pensando bem, ou melhor, mesmo sem haver bem pensado, escrevi mais quatro páginas do D.M., introduzindo então Otaniel, que é o encarregado do “mise-en-scéne”, embora também ator. É o que conhece e joga com os

demais personagens, refere os incidentes da trama. Mas é preciso que se tenha sempre presente que o herói é D. M. , e para isso não se deve dar muito realce a Otaniel. Enquanto D.M. age e fala, de O. se ouvem apenas os pensamentos .Assim deve ser.//Com a realização dessa primeira cena algumas nebulosas se dissolveram e outras se geraram.Tenho quase decidido que a ação se desenvolve em casa de Dirceu Menino, em Porto Alegre, e que Otaniel , estudante como o outro, foi admitido como hóspede e companheiro de quarto de D.M. por questões financeiras. O. estudante mais velho e mais adiantado, rico em experiências de vida veio do interior e se hospeda em casa da família Rosário, por um simples anúncio de jornal.//A mãe de ambos será um símbolo, uma lembrança para ambos - um elo.Liana, irmã de D.M., tem existência real e é um equivalente sentimental de Celeste, que vive na imaginação de O. e que talvez apareça mais tarde. O pai de D.M.deverá ser um personagem bem definido que influirá decisivamente na formação de seu filho pela vida que constrói para si próprio e se reflete na de seus filhos.//Sempre desejei escrever uma novela em forma de cartas. E até agora ainda espero ler os livros que Dostoiévski escreveu segundo esse processo: Os pobres diabos e Romance em nove cartas. Por isso considere a possibilidade de realizar uma parte do meu livro dessa maneira. Seria quando os dois amigos se separassem por questão de férias, término de curso, ou por qualquer outro motivo, como seja, a interferência de um dos outros personagens na amizade de ambos.//Mas ainda sinto tudo por demais vago, e se projeto de uma maneira não o faço apaixonadamente: justamente por haver dúvidas. No entanto, espero que, trabalhando com método, eu consiga ver essa paixão dominar-me dentro em breve, agora que tenho tantos dias diante de mim e a meu inteiro dispor.Para que uma idéia se agigante é necessário tempo, e que nada interfira com ela,não desvie a atenção. Creio que se não aproveitar estas férias não realizarei nada em 1950.É preciso que se dê um impulso inicial para que o pêndulo continue sem movimento e faça andar os ponteiros. Repleto de corda: mas não se soltará enquanto o pêndulo não for deslocado.// Dez. 29 - De ontem para hoje houve algumas transformações nas idéias gerais e algumas elucidações que quero registrar agora de manhã.Creio que depois de estabelecidas as características principais entre os personagens, e suas relações mútuas, e o meio ambiente, tudo, então, começará a aparecer claramente ao espírito. Depois disso tudo esboçado, será fácil iniciar o desenvolvimento do assunto, e espero que breve poderei dizer : Dirceu Menino vai de vento em popa, como escrevia Dostoiévski a seu irmão quando realizava um livro.//Sim, a história se desenvolverá em casa de D.M. e vivem nessa casa as pessoas diretamente ligadas a si, além de outras que possivelmente aparecerão.Otaniel, com 28 anos, terá vindo do interior ou de outro estado, a convite de um amigo, e manterá com este um curso de francês. É portanto, professor, não muito próspero, inicia a vida, e se veio para a capital foi para aumentar suas rendas e poder melhor auxiliar sua família cujas condições são quase idênticas às de D.M. - Dirceu Menino, com 18 anos ,é um adolescente amudrecido por sua existência pesada e que não vê muitas luzes diante de si. Estuda de dia e pela noite trabalha numa tipografia.Desenha com muita sensibilidade e O. saberá apreciar e talvez esclarecer alguns pontos no que se refere à técnica. Talvez . - Liana será uma mulher solteira, aos 32 anos, responsável pelo serviço da casa, e que, pela morte de sua mãe se viu desde os quatorze anos levada à situação de adulta o que influirá seguramente sobre sua maneira de ser. Terá sacrificada sua vida pelo irmão e pelo pai aos quais sempre amou, - mas terá também seus momentos em que não terá forças para manter esses sentimentos de amor imutáveis, e talvez um silencioso rancor se manifeste pela cólera que lhe causará, não obstante, tremendos remorsos e arrependimentos. - O pai deverá ser uma figura que se agigantará aos poucos, até um ponto máximo ,para declinar em seguida, lentamente. É velho, viúvo, e mantém a casa, com grandes dificuldades, por meio de uma alfaiataria que fica situada na mesma casa, a peça da frente e da esquerda.Explorar nele o vício de beber e necessariamente daí é que surgirão as cenas mais trágicas.//Sempre que possível, as profissões nada mais servirão que para situar os personagens.Porque viverão além dessas condições .//Aí estão as figuras iniciais e básicas de toda a ação. Agora é necessário entrar em sua intimidade ,viver e trabalhar com elas, a fim de descobrir aos poucos seus problemas, os problemas que lhe agitam o íntimo.//Dez. 30 - O banco parou. Calmaria. Um céu tão lindo, e gaivotas no céu: não muito longe da terra, portanto. //Nada . Apenas algumas páginas de Ulisses, que nem sempre é assim: "Solamente una madre y un niño nacido muerto se intieran en el mismo

ataúd. Entiendo por qué. Entiendo. Para protegerlo durante todo el tiempo que sea posible aún en la tierra.” < Nestes

2. ms2 ano> Jan.3 - Tenho pensado esta manhã sobre o livro. Creio que para saber se o cenário escolhido e no processo adotado há matéria suficiente para que sejam preenchidas as condições do romance. // A ação será desenvolvida no passado. Aconteceu, falou e disse. E será extraída principalmente dos diálogos entre O. e D.M., e L. , e o pai; de cenas a que Otaniel assistirá às refeições e em outras ocasiões; de diálogos mais ou menos privados que Otaniel ouvirá vindo do quarto de R. ou da varanda, ou da alfaiataria. // Talvez o elemento cartas possa ser introduzido antes do que havia eu pensado: as cartas que O. recebe de casa. Mas deverão ser transcritas somente no caso de elucidarem algum ponto obscuro, assim como para revelar certas identidades. // Ainda não tenho a certeza para poder afirmar se D. M. revelará a Otaniel seu amor pela pintora, por uma pintora que o conhecerá quando tiver ido à sua tipografia para mandar imprimir cartões, ou por outro motivo. Enfim, não sei se haverá essa mulher. Se existir será, talvez, um tanto assim como Clotilde, de “O Adolescente”, mas com outro nome. Se não existir, então os diálogos entre O. e D.M. versarão sobre o que se vai passando em suas vidas, e o que já passou há muito: recordações de infância. // Também estive “visitando” a casa da família Rosário. Desenhei a planta e é assim: uma fachada antiga, de azulejos, com uma porta central e duas janelas na frente. A peça da esquerda é a alfaiataria em cuja parte mais discreta haverá um leito oculto por uma cortina onde dormirá o pai. E o quarto da direita será dos dois amigos . O corredor que se inicia na porta da entrada vai dar na sala de jantar, deixando para a esquerda e a direita as portas dos quartos citados e mais o quarto de banho. Ao terminar o corredor e entrar na varanda, alguém encontraria logo à direita o quarto de Liana, mal iluminado por uma clara-bóia, e em seguida a porta da cozinha também aberta para a sala de jantar. Haverá também uma pequena despensa junto à cozinha , e saindo por uma porta da varanda, será encontrada uma pequena área de terra quase inteiramente ocupada por um jardim que receberá a máxima atenção de Liana: seu amor pelas flores. // Móveis antigos e pobres, mas um certo bom gosto em sua disposição, e um grande espelho na sala de jantar, inclinado sobre uma mesa baixa, encostada à parede, no qual se refletem as flores do jardim. (Liana gostará de vê-las através dele.) // Jan.4 - Não tenho conseguido a concentração necessária. A idéia do romance continua muito vaga e meu pensamento se tem perdido, se distraído - disperso. // No entanto surgem algumas cenas esparsas em que penso demoradamente, em seus detalhes. No jardim, por exemplo, o que Liana dirá sobre as flores; o lugar que cada um ocupa na mesa de refeições e por que essa predileção; também o aparecimento do pai que será protelado ao máximo, o que levará Otaniel à curiosidade de descobrir essa espécie de mistério que envolve esse personagem. E quando surgir será na penumbra da varanda e é esse diálogo que pensei ontem à noite, quando perdi o sono. // Realmente, o espelho terá grande valor como um objeto evocativo. Será um símbolo. Por ele todos têm se olhado desde criança. Uma grande cena poderá ser, talvez, quando o velho chegar bêbado e quiser quebrar o espelho, pelo que há de testemunha nessa presença muda. // Às vezes, penso que só me falta é a decisão e a dedicação: vou iniciar. Mas também penso ,que ainda não sei qual é o “grande acontecimento” em torno do qual gire toda a ação. Ou será desnecessário? Para que não haja esse ponto é indispensável que emane uma constante beleza das páginas, a tal ponto que o assunto, o enredo, se transforme em algo secundário. Como os cadernos de Malte Laurids Brigge. Mas conseguir isso!... // Jan. 6 - Não sei o que se passa. Talvez quando o tempo de que disponho atualmente se tiver escoado, então saberei lamentá-lo. Por agora, nada. // Anteontem pensei e esbocei a primeira parte da obra, cerca de oito capítulos em que dispus vários títulos para serem desenvolvidos e que vai desde a chegada de Ot. até o pleno conhecimento do pai de D.M. com a cena do espelho. Mas, apenas escritas essas palavras, não me dispus a acrescentar nada ao outro caderno e me deitei para pensar em alguns detalhes e...adormeci. Era tarde. // E ontem? Nada. Manhã, tarde e noite completamente vãs. Encontrei um amigo, almocei com ele , saí e perdeu-se mais um dia. // Estou quase certo de que realmente tem razão um meu colega K. o qual me considera um “sujeito vazio” e que não aceitou meu oferecimento para que lesse meus contos. Agradeceu e não quis ler. Mas muitas vezes gosto de indivíduos assim, que não crêem absolu-

tamente em mim, porque são os únicos que me obrigam a prosseguir, os que mais me impulsionam.< Decidi

3. ms2 Nezvanova, > creio que em 1943, tenho procurado ler todos os seus livros que me caem nas mãos: *O Sósia, Stepantchikov, Um Transe Difícil, Noites Brancas, ([Stepantchikov]), Krotkaia, Humilhados e Ofendidos, Recordações da Casa dos Mortos, Crime e Castigo, Um Jogador, O Idiota, O Eterno Marido, Os Possessos, O Adolescente e Os Irmãos Karamazov*, enfim, quase a totalidade de sua obra.// Também tenho procurado bibliografia sobre Dostoiévski. mas pouco se encontra no Brasil. Ainda na Escola Militar li o trabalho de Stefan Zweig que, naquela época, me pareceu muito complexo. Então já havia travado conhecimento com a biografia de Henry Troyat que reli no idioma original em fins de 1948 e que reputo como a melhor e mais completa dos que encontrei. Aliás a outra, de André Levinson, não me agradou muito, e o maravilhoso estudo de Berdiaeff não é biográfico.//Agora que leio o trabalho de André Gide, sou forçado a reconhecer que é uma obra de valor, principalmente as seis conferências da parte final, pela maneira como Gide estuda a obra de Dostoiévski, < pelo

4. ms2 caminho> Se reconheço em mim temerariamente, algumas características de ficcionista, não encontro em si muito forte apoio a essa pretensão, nem tão poucas qualidades segundo as quais veja nele possibilidades de realizar importante obra literária no gênero romance ou teatro. E justifico esse meu pensamento por não ter ele escrito até hoje praticamente nada e lido relativamente muito pouco. Mas, por sua capacidade de raciocínio e penetração crítica em certos setores de arte, vejo nele muito mais um ensaísta, mesmo assim ainda condicionado a uma dedicação formidável ao do que quisesse explorar.< Enfim

5. ms2 sofrimento> Ou será que nos deitamos com uma idéia e nos acordaremos com outra oposta? O amanhecer, com as características de sempre, o céu com as nuvens tintas de ouro e sangue, as árvores purificadas e de folhas brilhantes, traz consigo ainda a mesma idéia que nos assalta e nos sugere e nos conduz para a frente. Haverá algo mais sugestivo e mais propício a imagens que o amanhecer e o anoitecer, quando se os compara às atividades humanas, quando se os relaciona?// Mas, então, será a preparação de alguma cousa? Não sei como explicar o que se vai passando. Já o quinto mês, e tudo em silêncio. Também os amigos não escrevem e creio que, aos poucos, vai-se perdendo a seiva...para ser transformado de palmeira ou relva, em mais um grão de areia nesse deserto imenso. Na verdade, é sempre necessário um poder exterior, uma ação alheia a si próprio para que o grão se mova. Mas quando isso sobrevém, estabelecem-se relações mútuas entre esses grãos para cair depois no egocentrismo ao cessar o agente alheio. < E

6. ms2 inevitável> Se for a preparação para o nada... que embora assim sendo se justifique a passagem pela terra! que desse nada um valor mínimo seja extraído, mas que não seja nulo. Assim como uma palmeira que cai no banhado, antes de apodrecer, serve de passadeira e depois de podre se dissolve em seiva para os que vivem, também de nós que em vão nos preparamos para o nada, sem o desejarmos, sem o sabermos, de nós seja extraído algo imperceptível, para nós e para eles. - Mas que não seja vã, completamente inútil.//Haverá também valor no que desejamos fazer? Ou apenas naquilo que fazemos? E quando o realizado é apenas a sombra do que pretendíamos? // Que não seja vã nossa esperança!< Aos

7. ms2 antes > Terá sido, quem sabe, resultado de uma super dissipação. Mas não posso reconhecê-la nem mesmo exagerando os fatos.// O certo, no entanto, é que a paixão, o sentimento da frase, o amor pela literatura, um pouco dos sonhos, tudo isso está amortecido, e temo muito ser para sempre. Busco o motivo e não encontro um fundamental, desde o ano passado. Sinto que estas frases que escrevo não duram, são falsas, impróprias, escritas apenas para escrever, não porque seja preciso ou indispensável.É verdade que uma sucessão de fatos tem concorrido para esse abandono, culminando com a doença longa de Estela e as grandes despesas, mas ainda não vejo nisso uma importância capital para uma vocação diluir-se. Talvez, também, o não ver um progresso palpável, o reconhecimento, um incentivo. Mas isso é causa de desânimo apenas nos que não tem consciência de si próprios:pois aqueles que sabem que estão realizando algo, ou que estão a caminho de realizá-lo, e até mesmo aqueles que

pensam realizar , estes não acreditam no seu real valor nulo, porque diante deles há a imensa galeria dos que depois da morte, ou na velhice, se mortalizaram , e preferem seguir “incompreendidos” porque o sofrimento que esse desprezo traz já é incentivo suficiente.// Também da comparação dos grandes vultos literários não é que surge o sentimento de incapacidade. Recomenda-se, pela comparação, a enorme distância que nos separa, mas é consolador esse pensamento de que sempre há um aspecto novo a se estudar e explorar, porque o homem continua sendo um enigma. Como se é humilde em relação a quem expõe um problema como Kafka em “Le Terrier”! Mas mesmo assim creio que lhe mostram “A Jóia”, e se encontrasse na jóia alguma causa daquele sentimento de solidão e reflexão talvez lesse com algum prazer, nem que fosse por reconhecer o quanto esse trabalho está longe de seu./ /Enfim, como de hora para outra pode nossa relíquia ser roubada ou incendiar-se, também pode de um momento para outro dominarmos o desejo de realizar uma obra de valor e por ela batalharmos para sempre, como quem se arrepende e quer se ver perdoado, como quem perde o sagrado num incêndio e quer recuperá-lo reconstruindo, como quem sofreu uma injúria e quer, pelo trabalho e pacientemente, provar que é inocente e receber o perdão que lhe dão sem que o peça por palavras.//Mas ver uma jóia, que a conservamos junto ao coração, mergulhar para sempre em águas do mar...é tê-la trocado por um coração eternamente em prantos, dilacerado!//Maio, 22 - Há alguns dias, meu primo leu meus contos. Devo dizer que pouco o conheço. Assim, esperei seu julgamento que foi pronto e sincero: “Muito bem escritos: só encontrei dois erros de português.” Apesar disso ainda fiz alguma pergunta e, a fim de dar-lhe uma oportunidade de ser gentil, disse quais os que mais me agradavam e aí relacionei os que julguei que mais lhe agradassem. No entanto, apesar de meus prognósticos, disse haver gostado de *O Desastre*, o que me desconcertou por ver falhada, minha psicologia. Pois, com tudo isso, ainda fiquei um tanto decepcionado por esse juízo tão pouco favorável, ainda mais agora que um amigo do Rio silencia sobre *Os Incoerentes* que lhe mandei; e não fosse o que me falou alguns dias depois estaria eu, talvez, seriamente preocupado. Olhando para minha estante de livros: - Tens um mau gosto! e não encontrou nada para ler até que lhe indiquei um livro de Sartre, com a clássica recomendação de que é um livro que penetra no domínio sexual. // Maio, 26 - Seul: de ma bouche que faire? // Quoi, de ma nuit, de mon jour?// No entanto, é sempre um consolo saber-se que nossa morte será chorada por alguém, e lamentada por outros. Apesar de tudo. Pelos irmãos , apesar de tudo; por alguns amigos, ainda apesar de tudo.// Será indispensável que se conheça um problema pessoalmente para que se possa ver e sentir como ele é? Ou a bondade e a indulgência chegarão a um valor tão elevado, ou a inteligência e cultura, que sem a experiência se possa avaliar esse problema?// Muitas vezes se diz: “compreendo perfeitamente, não diz mais nada”; no entanto, talvez, se o tenha dito com a intenção de que não nos digam nada mais porque a confiança nos desinteressa. Mas também há o caso em que não queremos mais ouvir uma palavra - porque é o nosso próprio segredo que está sendo propalado. E como primeiro impulso surge o desejo de nos abraçarmos e misturar as lágrimas e assim provarmos que há uma identidade presente. Mas apesar de todo o sofrimento que esse problema traz, ou, quem sabe, se por esse próprio sofrimento; apesar desse triste prazer que sentimos ao verificar que temos alguém com quem se reparta as angústias, ou, quem, sabe se justamente por saber que alguém mergulha inteiramente em nossa alma por serem gêmeas; apesar de tudo isso, é tão estranho o homem que ao conhecer o problema do outro, e por conhecê-lo, procura ferir e prejudicar , pois sabe onde e como fazê-lo.// Touts les choses auxquelles// Je me dorme//s’eurichissent à nos dépens.// Jun. ,11 - Procuo , nesses dias passados, algum acontecimento que possa ser descrito e não o encontro. Realmente, o valor dos fatos não está em si próprio, mas em suas conseqüências, na ligação com sucessos anteriores ou a chegar. E assim, talvez, alguma causa a que não tenhamos dado valor no momento virá a ter grande importância no futuro. Mas, necessariamente, não se pode aceitar ou generalizar essa norma porque, dessa maneira, seremos forçados a concluir que tudo é casual, obra do acaso, e estaremos transformados em simples marionetes, sem vontade ou movimentos próprios. Mas, a não ser crer seriamente ou cegamente na fatalidade, também não se pode confiar unicamente na auto-determinação, porque , se por um lado os fatos podem ser planejados, também é certo que, na execução, há os desvios todos decorrentes de inúmeras muitas vezes se conservando desconhecidas para nós.//Uma vez ou outra

ainda penso em meu romance, que está adormecido em alguma parte de mim, de meu ser. Assim, pois, conversando com R.R., que sempre pergunta por meus trabalhos e se mostra interessada por meus aspectos literários, tive oportunidade de lhe expor uma parte do diálogo de D. M. e Otaniel quando o menino pergunta sobre os livros que Otaniel tem na estante e este lhe fala sobre os autores, detidamente sobre Dostoiévski. Mas não me acho preparado para esse diálogo que eu desejaria fosse uma explicação, uma explanação, um estudo muito grande valoroso e formidável da obra e da personalidade de Dostoiévski.// Com essa apresentação, que aliás consistiria inicialmente, numa cena anterior, do exame de um dos volumes da obra de D. por D.M., a sós e em silêncio, e do que pensaria sobre o livro - desse início e depois com a conversação entre o hóspede e o menino nasceria uma amizade entre ambos e no desenvolver do livro seria então explorado o assunto, aos poucos, a fim de que o equilíbrio e a emoção não fossem rompidos por uma dissertação demasiado longa que viria exigir se tratasse de um vasto volume, como em *Ulisses* de Joyce, o capítulo sobre Shakespeare; e meu futuro livro será muito pequeno.// Afora essa entrevista, e o que pensei em virtude dela, não creio que tenha pensado diretamente em meu livro adormecido. Outras cenas não foram entrevistas, nem lembradas.// Creio que a mais forte razão de todo esse silêncio literário seja meu serviço no quartel que, por ser unicamente intelectual, me deixa exausto para qualquer atividade congênere. Embora seja mais do meu feitio, creio ser prejudicial justamente pelo que expus acima. Ao chegar em casa, já ao anoitecer, tendo deixado a casa também de noite, pela madrugada, quando chego é com a preocupação única de descansar e raramente saio, para passeios que fosse. Talvez, se me dedicasse, no quartel, a atividades físicas ou de menor concentração espiritual, não estivesse assim cansado e sem disposição para minha literatura que, até certo ponto, e sinceramente, é minha religião. A secretaria do Regimento tira todas as minhas forças. No entanto, prefiro estar ali no gabinete, meio só, podendo orientar e dirigir o trabalho em paz e sem muitas vozes em cima, ter certa tranquilidade, dignidade e respeito, do que estar sujeito à tropa, às instruções, chás e vulgaridades - e às horríveis horas inteiras de tédio!...// Chico escreveu e me fala do conto que lhe enviei. Eles estão ali meio mortos, meio esquecidos, e quando, depois de tanto tempo, se lê alguém que escreve sobre um trabalho nosso, é muito agradável. No entanto, a repercussão em mim não foi a mesma de outras vezes - por exemplo quando ele mesmo me escreveu sobre a jóia - e tudo isso me deixa até certo ponto pensar que essa chama está morrendo, que era para viver só pelo tempo em que eu andava sem ter uma casa e mais irmãos comigo, quando eu não tinha tranqüilidade alguma e quando meus próprios atos se refletiam em mim como tormentas.// Tudo é estranho e complexo. Outrora conhecer um escritor, fosse quem fosse, me era um acontecimento notável que procurava e esperava. Hoje, um conhecido me convida a ir à casa de Marcelito de Ornellas e ... faltei ao encontro. Creio que as pessoas que desejo encontrar e conhecer não moram aqui.// Também se transforma o modo como repercutiram em mim os fatos diários do "trágico cotidiano", e as experiências. Minha sensibilidade se despede, talvez, e ontem ainda me lembrei de como ela costumava ser. < Eu

8.ms2 perdido > Jun. 13- Analisando friamente o momento, é-se forçado a concluir que absolutamente não se tem uma pessoa a quem se possa abrir a alma e o coração em confidências que nos fazem tão bem! Uns, os poucos a quem, pelo menos, se poderia abordar sem medo, esses não compreendem nada, como se fossem corpos sem alma e sem problemas. Aos outros, a precaução, e todos os demais sentimentos que, no fim, estão ligados ao ([sentimento]) instinto de conservação (mesmo o amor-próprio), a esses não devemos abordar.//Jun.14- Lembro-me de que, quando comprei este caderno juntamente com outro idêntico para o romance, minha idéia era firmar uma espécie de compromisso comigo mesmo de escrever diariamente aqui, nem que fossem os fatos mais vulgares ou mais reprováveis do cotidiano. Por isso mesmo surgiu o título "diário de bordo" e aquela série de imagens geralmente de mau gosto, ingênuas ou ridículas que existem no início.<A

9.ms2 predestinada > Jun.22 - Terça -feira R.F. reconheceu-me depois de muitas e muitas vezes que nos cruzamos na Rua da Praia e que nunca me percebe. Decididamente o "Quixote" deve lutar com falta absoluta de material: Pois foi com fim de conseguir meus contos que me abordou. Disse logo porque queria falar-me, e replicou que no jornal "O Estado do Rio Grande" (de que eu jamais ouvia

falar) estava saindo uma página literária a cargo de “Quixote” e toda aquela gente e que saíra um número. Pedi-me dois ou três, mais de um, enfim, e que eu mandasse depressa. Então prometi que satisfaria e agradei a lembrança de meu nome. Comprei na mesma tarde um jornal para saber da orientação política e ontem resolvi mandar um conto. Escolhi, e mesmo antes de escolher, no momento mesmo em que lhe falava, já sabia qual eu gostaria de que fosse publicado : *O Adolescente*; e mandei Ogê entregar com um bilhete, depois de haver feito cortes e ampliações que melhoraram um pouco o conto. Pelo menos, creio que tirei alguns lugares comuns e esclareci melhor a idéia final de amor próprio ferido. // Mas agora fico pensando: por que queria mais de um? para tê-los mais a mão e poder lançar mão deles com facilidade ou por que tencionava selecionar, escolher o que lhe parecesse mais aceitável? // Disse-me R.F. também o dia em que se publicava o suplemento mas não me posso recordar; talvez domingo. // Jun. 29 - Ando muito dispersivo, creio que me iludindo demais com a vida, com as alegrias fáceis e vulgares da vida: este o caminho certo do ser medíocre. E como é fácil e agradável sê-lo! basta sair para a cidade, encontrar amigos e rir do que dizem, (muitas vezes cousas realmente humorísticas), e beber um pouco para que o tempo transcorra mais facilmente. Lembro-me das pedras redondas do fundo dos rios. Assim ficaram pelo movimento das águas e pelo seu próprio movimento, conseqüente do outro. Bebe-se para as arestas desaparecerem. // E no meio de tudo isso tenho podido observar tantos tipos e tanta gente... < Como

10. ms2 espera > É estranho como agem com naturalidade , com simplicidade -até mesmo convictos, parece; e se não amanhecesse, é certo que não se arrependeriam de nada. “No princípio, havia trevas sobre a face do abismo.” Uma espécie de estado de graça , ou identificação com a origem do ser. “...e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que isso era bom. // Houve tarde e houve manhã.” // Julho - 2 Recebi de Natal, escrito por José Gonçalves de Medeiros, que não conheço pessoalmente, “Castro Alves - Amor e Revolução”. Li e gostei, e escrevi uma carta ao autor, agradecendo o livro que me mandara com dedicatória muito bonita. Lenine me fala sobre a carta, dizendo “que foi a coisa mais séria , a mais pessoal e a mais bonita que se escreveu” sobre esse livro e que a publicará nos suplementos do Norte. Agora R.F. sugeriu que eu escrevesse uma nota para o suplemento Quixote, quando lhe falei sobre o livro de José Gonçalves , e talvez eu pudesse mesmo fazer isso, examinando mais detidamente o volume e, de certa forma comparando com o ABC de Castro Alves, por Jorge Amado. // A poesia de Castro Alves, ou melhor dito, a poesia nacional quase nunca me toca fundamentalmente, ou por me parecer falsa, forçada, antinatural ou, quando modernista, por ser abstrata demais. Naturalmente, digo isso sem grande conhecimento de causa, pois não li ainda as obras completas de nenhum poeta brasileiro .No entanto, > A

11.ms2 despreensão > Num pequeno prefácio José Gonçalves de Medeiros, diz tratar-se de um imprevisto , preparado em pouco mais de trinta dias, e como tal “deve estar perdoado do que nele se encontrar de opinião muito pessoal ou muito avançada a respeito da vida e da poesia de Castro Alves.” A partir desse momento, julgamos estar em presença de uma obra de combate, e já no primeiro capítulo , rebatendo os termos de exaltação “genial” e “perfil de jovem Deus”, o autor diz que isso “vem a ser mais uma deturpação do poeta simples e inspirado que ele, às vezes, chegou a ser, do que mesmo uma ofensa aos termos usados indevidamente! No entanto, pouco adiante, ao comentar as poesias de Curralinho, vê o autor em Castro Alves “uma força de inteligência amadurecida”, e “se há antecipações e originalidades em sua poesia”, é exatamente nessa última fase que se encontra, acrescenta José Gonçalves. E daí em diante, vai-se percebendo que o autor pretende é expor o valor justo e exato da obra do poeta , sem o caráter de “louvação” que tem sido apresentado. Nesse sentido o jovem escritor explica sua intenção de procurar, “num poeta, valores que postos em contacto com o nosso tempo sofram o menos possível de restrições de nossa parte.” Com esse ([mesmo]) intuito, José Gonçalves percebe em Castro Alves “vacilante mas intensa” a força de um grande sentimento e um notável talento descritivo. E adverte: “esse aspecto porém, não nos pode levar a considerá-lo um gênio ou um valor maior do que todos os outros. Sejamos com ele sobretudo sábios, pois do contrário não seremos justos.” // No capítulo intitulado “As Notas a Lápiz”, José Gonçalves faz um confronto entre as personalidades do poeta e de Tobias Barreto, afirmando que os trabalhos de ambos “eram sobretudo o fruto

de uma como que orientação universal da poesia e da arte.” E ao dizer que o poeta “ morreu muito antes de ser iniciada a campanha propriamente dita da abolição, razão por que não pode sinão”, tocar superficialmente em seus aspectos periféricos, confere a Tobias o dever de explicar as origens e conseqüências dessa abolição,” o que não fez Tobias Barreto, embora vivesse muitos anos mais que o poeta, talvez por sua “cobiça , desejo de ser nobre, crescer e mandar.” Nesse ponto, José Gonçalves ([endossa]) apóia as palavras de Jorge Amado sobre Tobias : orgulho e ambição (in: ABC de Castro Alves). No pensamento do poeta há uma “constante revolucionária”, diz o ensaísta , e acrescenta que apesar de “um tanto barroco e retórico, Castro Alves demonstra porém a sua preocupação muito séria pelo destino dos negros”, sendo dessa raça o maior poeta, incorporando, com “O Navio Negreiro”, a poesia brasileira à poesia social da América, e superando-a.// Nos dois capítulos seguintes: “Inviolável como Adultos” e “O Amor Negro” , José Gonçalves estuda o ([tema]) amor como um dos temas da obra de Castro Alves. No primeiro, o amor experimentado pelo poeta mesmo, ([sua]) em diversas experiências, ([do poeta]) e no segundo, o “amor proibido, estúpido e anti-higiênico dos cativos, em qualquer lugar : na mata, nos currais, na senzala”, e a maneira como o poeta o expõe, principalmente em “A Cachoeira de Paulo Afonso”. Estudando o assunto, o jovem escritor natalense assevera que, “principalmente na lírica”, a poesia de C.A. apresenta altos e baixos, por ter feito “grandes concessões ao gosto de seu tempo”, talvez fruto da vida que levava([,o poeta,]) tornando-se “ frívolo e superficial”, e ansiando por popularidade. Sobre a popularidade de Castro Alves, que conforme se lê em Jorge Amado chegava à exaltação popular, e lembrando que o poeta “ fez do amor um mundo de novas e sensacionais experiências, um jogo de pura satisfação de sua vaidade de moço belo e inteligente”, o autor compara Castro Alves a Oscar Wilde, pelo que ambos souberam tirar “do segredo da palavra, da eloqüência e da beleza pessoal”. De início chocante , essa comparação, pelos pontos de contacto que José Gonçalves põe em evidência, é perfeitamente cabível. E ([lembramos]) nos ocorre aqui o diálogo entre Gide e Wilde: “O melhor de ti, tu o falas; por que não o escreves?” E Wilde responde: “Queres saber o grande drama de minha vida? - é que pus ([o gênio]) nela o meu gênio; em minhas obras nada mais pus que meu talento” (Oscar Wilde - por André Gide). - mas na interpretação do amor negro, “esse amor de sangue fervente, esse amor de homem espantado”, José Gonçalves de Medeiros vê nos versos do poeta, “tocados por uma grande força de realismo e interpretação do sofrimento sentimental da raça escrava,” nesses versos a responsabilidade pela “dedicação e ardor com que ele e seus contemporâneos se dedicaram ao abolicionismo.”// Nos capítulo finais do estudo sobre o “o poeta dos escravos”, continua José Gonçalves a ([evidenciar]) apreciar os pontos ([em que]) de maior ou menor êxito de Castro Alves. Diz, pois, que “ a auréola de luta que envolvia sua mocidade, o prestígio de agitador, não permitiam que ele se sentisse à vontade sendo um épico”, por isso que “arrefece muito a impetuosidade do poeta que deixa o amor para cantar feitos guerreiros em personagens históricos”. Mas reconhece nele “ um novo e alembrado panteísmo” e assevera que “sua poesia está toda ela inundada de um forte hálito de seiva, de um cheiro húmido de mata, de campo e de florestas.”// Enfim, “Castro Alves- Amor e Revolução “, um estudo de pequenas dimensões mas sincero e desapaixonado, premiado pela Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Recife, é um livro necessário e útil a quem deseja conhecer um poeta não só em suas qualidades mas também nos seus defeitos.<Quando 12. ms2 desagradou> Também me parece que minhas cartas, escritas nos anos de Escola Militar, e naquele ano ímpar de Natal, seriam um roteiro seguro à interpretação de meu pensamento, de sua evolução e dos problemas que mais intensamente me preocupavam e absorviam naquela época. Lembro-me de que as cartas de Rezende deixaram aos poucos de ser descritas- como haviam sido as da Escola Preparatória de Porto Alegre - para exprimirem minhas reações em presença de um fato, ou procurar mostrar meu íntimo, e muitas vezes meus mais secretos pensamentos. Principalmente as cartas a minha irmã Cora. Mas recordo que eu não era muito claro em expor a situação; era deliberadamente obscuro, e triste, e trágico por necessidade e natureza, o que fazia muitas vezes minha irmã preocupar-se por mim. Mas também ela possuía complexos estados d’alma, e recorria a mim, e nos consolávamos mutuamente.//Quando nos reunimos todos aqui em Porto Alegre, pensei reler todas essas cartas a fim de me situar melhor em presença de fatos passados, de uma época completa-

mente diversa da atual; queria mesmo estabelecer uma espécie de curva sentimental, e verificar se houve alguma evolução em meus pensamentos e solução de alguns problemas: desejava ter um pouco do passado objetivamente em minha frente, já que perdera a autobiografia ingênua e sentimental. Mas, para minha surpresa e decepção, soube que as cartas haviam sido rasgadas e queimadas, e tudo isso pouco tempo antes, quando a bagagem foi preparada para a partida; já que “vamos para junto dele não é mais preciso guardá-las”. Assim, pois, nada mais pude fazer nesse sentido de apreensão objetiva do pensamento passado. Cartas são, em certos casos, como notas que se escrevem sobre um assunto que mais tarde desejamos desenvolver; que nos auxiliam em proveito de um menor esforço de memória sobre um determinado fato ou época. Numa tentativa de reconstituição de fatos é indiscutível o valor de uma presença, da presença de coisa ou pessoa. Muitas vezes, ao passarmos por um lugar onde determinada cena se desenrolou, tudo nos volta claro e pungente como naquele momento passado, e conforme a natureza do que se recorda, nossa aflição é muito maior agora que tudo passou, o que nos levou a agir daquela maneira, e está sempre presente a dolorosa sensação do irremediável.// Outras vezes, < Quando

13. m2 beleza > Assim, pois, a volta a essa Escola foi como o fechamento de um ciclo evolutivo, e nos primeiros dias virá sob o peso de todas as recordações que cada canto me inspirava. Recordei diálogos, acontecimentos, alegrias, angústias. Passei depressa por certos lugares, com medo de mim mesmo e, observando detidamente o elemento humano que agora lá vive, que sofre as mesmas experiências por mim vividas, várias vezes me surpreendi ante a identidade entre os tipos desta turma de alunos e os da minha própria turma. Uma série de tipos característicos cuja identidade é quase perfeita e que até mesmo nos choca e amedronta, porque nos dá a impressão passageira de que se pode reduzir a humanidade a tipos padrões que se repetem seguidamente. Na verdade, há os traços comuns, em que a psicologia se fundamenta, mas nunca se pode generalizar, porque para um indivíduo que se comportou até o momento presente como outro anteriormente conhecido e estudado, pode corresponder uma reação totalmente diversa no momento seguinte, pois pode haver, em presença de um fato, várias maneiras de agir, e devemos, pelo menos, esperar duas reações, uma inversa da outra, para não nos surpreendermos.//Pensei que, ao sair do Regimento, voltasse minha dedicação à literatura, mas nada tenho feito e 1950 continua árido e frio, como devem ser as noites do Sahara. Nem mesmo a leitura me atrai. Início vários livros, mas logo os abandono por outros que compro, e sinto que, aos poucos, minha pequena biblioteca vai-se tornando uma estante dessas bibliotecas públicas de livros doados que jamais são lidos. Mas ainda espero salvar o ano de 1950, ou ser salvo por ele.//Ano passado, sempre que um trabalho meu era publicado, eu sentia necessidade de escrever novo conto, uma espécie de responsabilidade que eu visse crescer. Pois semana passada, “O Estado do Rio Grande” publicou *O Adolescente* e foi lido sem o menor estremecimento, com a maior indiferença. Tenho medo de que isso seja o conformismo que chega e que me dominará para sempre. O comodismo profissional de quem recebe os vencimentos no fim do mês, paga as despesas e se diverte com o restante, e se esquece, ou desconhece os compromissos maiores e mais dignos de realização e de consciência (o direito, o dever, a possibilidade de se justificar). O único livro que < consegui

14. ms2 viagem > no domingo. Quando chegou e me disse, lembrei-me da viagem que fiz no Nordeste e que no trem uma moça levava flores de papel com todo o cuidado, como se cumprisse uma promessa, sempre as segurando com a mesma mão e sem as descansar no colo.// Julho, 30 - Está um domingo escuro e calado. Olhando pela janela, vejo os telhados e as paredes dos edifícios e sua imobilidade me faz julgar que não existe vento algum, e que tudo está morto. Mas, à esquerda, o verde escuro de um abacateiro se desmancha em folhas, levemente, e as roupas estendidas também se movem devagar. É uma criança assobia. O mais, é rumor longínquo da cidade, os carros que passam na Avenida Farrapos e, de vez em quando, os bondes Floresta na frente. Nada tão longínquo, mas me parece que sim, porque o desejo.//Até certo ponto, e em muitos dias de silêncio- principalmente aos domingos - meu quarto é quase minha “jóia”. Não vejo ruas onde passam pessoas e apenas me lembro de que existem, pelos ruídos que sobem até mim. No quadro da janela cruzam, às vezes, aviões que são, de dentro de meu quarto, a mais objetiva visão da humanidade em movimento.// Sempre desejei possuir essa jóia

de silêncio e recolhimento. E lembro-me de que por muitos anos me perseguiu a idéia e o desejo de morar numa casa com uma pequena torre onde instalaria uma biblioteca e me recolheria para pensar e escrever. Sei que essa idéia tomou vulto quando, na Escola Preparatória, li um livro de Érico Veríssimo que falava muito numa “casa da torre” que me pareceu ideal. Depois disso as casas que mais me agradavam, no Rio, em Recife, ou por onde eu tenha andado, eram aquelas que me elevavam num determinado ponto em que eu pudesse estar só, tranqüilo, e pronto para realizar alguma coisa, ou para me preparar e obter esse prêmio.< Meu

15. ms2 sofrimento > A reclusão talvez seja um pecado. Pois é uma fuga de conveniência, de cooperação. Mas se essa reclusão for ativa pelo pensamento e pela obra, o homem terá saldado sua dívida para com a humanidade, para com o povo e a vida. Não uma solidão passiva, morta, feita de comodidade e medo. Pode ter sido originada pelo medo, mas é necessário que esse sentimento seja fundado em atos consumados e não por realizar. Não temer sombras, mas fatos. E não se arrepender de havê-los cometido: procurar compreender que foram inevitáveis, porque insistentemente desejados; seja qual for o resultado das experiências, procurar torná-lo útil a si e aos demais. Existe o medo de fazer e o medo de haver feito. O primeiro é muitas vezes covardia; o segundo pode ser arrependimento ou remorso, se não agimos em plena consciência de nosso valor. Transformar este medo positivo em exemplo e obras é valorizar a existência e até certo ponto justificá-la. O medo e a vergonha, com origem na infância e na religião, são inevitáveis: a inteligência adulta deverá saber compreendê-los, aceitá-los e interpretá-los transformando-os em sentimentos ativos e criadores. Com eles, vem o sofrimento, mas dessa interpretação nascerá o prazer, se tivermos capacidade de anular o sofrimento.// Será então ([que]) a jóia ([será então]) encontrada somente após o final do medo passivo? ([Não]) Sim. ([Porque]) Mas muito antes do fim, o medo de realizar terá sido completamente anulado pela soma de realizações que terão provado e convencido o homem do que lhe convém - aí terá ele os ([contorno]) limites de sua personalidade e agirá tão somente dentro deles. Terá compilado e completado seu catecismo e não mais fugirá dessas normas porque não necessitará mais de experiências perigosas: pois antes de suscitá-las já conhece o alcance delas. (Terá estudado em si a origem do fato, sua realização, e conseqüências).// Naturalmente, muitas experiências que podem também ser das mais importantes, não ([sejam ou não]) necessitem ser levadas a efeito por nós; ou porque não as desejamos, ou porque a experiência alheia nos terá convencido do mal ou prejuízo que acarretam. Talvez, insensivelmente, nossa própria ação esteja agindo dessa maneira com relação a outras pessoas. É útil, muitas vezes, pensar assim e esperar que assim seja, não como uma fácil justificativa a nossos erros passados ou futuros, mas como o pagamento de uma dívida que iniciamos ao nos aproveitar da experiência alheia.// Pensar sempre, para que nossos atos jamais sejam inconvencientes. E convencer-se de que jamais o são: pois que há uma grande corrente dentro de nós, que nos liga intensamente aos outros, e a todos os outros. Não < simplesmente

16. ms2 entusiasmo > Agosto, 16 - São três horas da manhã. Depois de me convencer de que será impossível dormir mais e achando insuportável a cama, levanto-me. Desde domingo que essa dor me persegue. Segunda-feira aumentou e ontem tornou-se insuportável ao ponto de me fazer chamar um médico. Disse nada ser de grave, apenas uma nevralgia como conseqüência de friagem. Mas é uma dor irritante, pior que dor de dentes, contínua e agarrada às costas, junto ao pescoço e à espinha, como um morcego. // Agora, aqui sentado, a cabeça apoiada à mão esquerda, o cotovelo na mesa, a dor quase desapareceu. Desapareceu totalmente, mesmo. Mas se eu mexer ... os músculos em seguida reclamam e ela voltará, impiedosamente.// Também como conseqüência do frio, tenho os dedos das mãos invadidos pela frieira, ([principalmente]) junto às unhas, o que me dificulta fazer as coisas, mas ao mesmo tempo serve para fazer notar como os dedos são cotidianamente úteis.// Preciso fugir do inverno, ir para um verão que não cesse. Lembro-me de Natal. Talvez também Cáceres. Desde Caxias que penso em servir em São Luiz de Cáceres, mas não ousou me decidir. Afinal, são tantas as circunstâncias solicitando e negando.// Há um profundo silêncio no edifício. Neste momento, parei de correr a pena e ouvi somente o despertador que não sei por que desconhecido eco parece ser dois relógios trabalhando.//Vejo minha face na calota metálica da lâmpada do escritório. O rosto alongado pela convexidade,

as sobranceiras alargadas e curtas, o nariz mais grosso, meus lábios muito mais polpudos do que realmente são. Mas será também do metal convexo que vem essa tristeza a meus olhos? Talvez. Pois me esforço por pensar numa coisa alegre e boa e eles insistem na mesma expressão de angústia. Lembro-me de São Francisco de Assis de Portinari. E também a deformação, o alongamento da mão apoiando o rosto e a manga do capote cinzento que no espelho de metal parece mais larga que minha cabeça, tudo me traz à mente os santos de El Greco. Mas tudo isso sem querer diminuir meus pecados, ou minha distância do que é belo ou sagrado. Simplesmente uma lembrança. //Passa de quatro horas. Tentarei dormir (o barulho de um automóvel na Avenida Farrapos - agora uma carroça). //Agosto 18 - São 8:30 e me encontro quase na mesma situação de anteontem. A custa de injeções durmo e passa a dor, mas assim somente o efeito é atacado. O pescoço continua sem movimentos, principalmente para frente e para trás; para os lados posso movê-lo, porém, lentamente. // Não tenho podido ler. Hoje vou tentar pois, pelo menos agora, a dor quase não se faz sentir. Mas é difícil encontrar uma posição satisfatória. //É realmente desalentador; ou o quartel me toma o tempo inteiro ou uma doença que me deixa em casa não me permite ler. // Enfim, é bem verdade que não há de minha parte a necessária dedicação e o necessário amor pois muitas horas, apesar do exército, eu as esbanjo em conversas inúteis, sem ter a concentração, a capacidade de abstração necessária. Ultimamente tenho me dispersado demais, não me fixo em nada e esbanjo meu pensamento também. E, infelizmente, em atos vulgares. Nem vida, nem obras grandiosas. Se eu morresse hoje, por exemplo, meu nome não ressuscitaria mais que um mês. Ou nem isso, talvez somente até ao sétimo dia, na missa. //Mas minha letra está incompreensível, pela posição em que me encontro, sentado à cama e o caderno sobre um travesseiro. < Ontem

17. ms2 perdón> Ag. 27 - Acabo de reler "Areia" e "A procissão". Gostei de fazê-lo, mas me senti imensamente longe deles e não compreendo mesmo tudo o que fiz para expor essas idéias. *Areia* começa muito mal e é por demais turbado, um pouco confuso, deliberadamente, na verdade, mas está ainda muito longe de constituir uma obra de arte. Talvez ninguém mais entenda, ou pelo menos o aprecie, além de mim. Mas gostei de relê-lo e de lembrar o mar e mesmo Ag. que já se casou. E essas lembranças me fizeram sentir tão longe de mim...quase como se fosse outra pessoa, a do conto. // *A Procissão* é um tanto ingênuo mas agradável, talvez mesmo unicamente por isso. Não tem valor constante, estável, e apresenta certas falhas que nos fazem sentir por demais as palavras. Enfim, creio que meus contos já viveram. Nada mais lhes resta. Quem poderia lê-los já o fez. Aos demais, é melhor conservar neles apenas a esperança de os conhecer; e que ouçam os comentários dos outros, que muitas vezes nos fazem esperar obras grandiosas, pois a imaginação supera quase sempre a realidade, a não ser quando deparamos com algo de novo nunca visto anteriormente. //Tenho continuado a ler Unamuno, por esses dias todos em que a doença me abandonou e voltei ao trabalho. //É realmente um livro necessário. Gostaria de examiná-lo, detidamente e escrever alguma coisa sobre ele, pois é obra de muita essência, e desse estudo eu poderia encontrar alguns conceitos necessários. Mas sinto que não o farei. //No entanto, < A

18. ms2 instrução> ([Mas]) Mesmo assim, me detive sobre o volume dos contos e julguei que o mais leve e mais aconselhável seria *A Procissão*, por ser apenas uma descrição e não ter idéias sobre problema algum. Por tudo isto sim, mas eu também gostaria que fosse algo que fizesse pensar (aos que já costumam fazê-lo). No entanto, mesmo que fosse esse conto escolhido, ou qualquer outro, é tão diferente a opinião sobre a vida e as relações entre os militares que eu tenho, e que têm meus colegas oficiais...Nem me atrevo a pensar como receberiam um trabalho meu assim civil, destituído de doutrina militar, como costumam ser as colaborações de oficiais. Apenas um ou outro conhece essa minha predileção, e se os alunos chegaram a saber, deve ter sido por intermédio de Túlio, que tem acompanhado meu pobre movimento literário. //Pensei que talvez fosse melhor fazer um artigo sobre um assunto de ordem geral, um pequeno ensaio...notas sobre algum sentimento ou fato, mas não me ocorre o tema. //E até o presente momento nada sei: (Talvez eu esteja pedindo de mim um amadurecimento absurdo para a idade que tenho. Pois não me sinto moço quando em contacto com os jovens alunos... e tudo o que escrevi, e muito principalmente, *A Procissão*, são as primeiras flores, que apenas

enfeitam, e não frutos, que alimentam). < Talvez

19. ms2 salvadora > Set. 19 - Ontem à noite terminei o artigo que começara domingo. Creio que me exprimi satisfatoriamente, mas compreendo que o trabalho está muito longe de ser completo. No entanto, muita coisa do que precisava dizer eu o disse. Dividi o trabalho em duas partes, a primeira intitulada *Intenção* onde digo a quem escrevo; e a segunda, *O Conto*, em que falo principalmente sobre cultura e experiência pessoal como fatores que entram sempre na realização da obra de arte, e também teço algumas considerações sobre o valor do plano no que se propõe escrever. Para finalizar, uma citação de Rilke sobre a importância da carreira que se escolheu ou a que se está submetido, e dou por encerrado o pequeno trabalho sem falar sobre a autocrítica e as imagens, como pretendia. É que ficaria por demais longo. Mesmo como foi escrito, creio destinar-se a um pequeno número de alunos, pois não é assunto de interesse geral, mas, quanto a isso, fui ao encontro precisamente do que desejei: porque obrigarei muitos ao silêncio, isto é, à ausência de comentários mal formados. Out. 8 - A primavera entrou muito mal, com dias frios e chuvosos, o tempo muito vário e desagradável. Um ou outro dia amanhece o céu azul, mas em geral não se conserva assim até a noite. São, afinal, dias tristes que nada nos sugerem de grandioso e mais nos amarram às exigências do cotidiano.// Não obstante, ao voltar para casa, não me disponho a ficar lendo, e mesmo que tome um livro, me desinteresso e saio para a rua em busca de encontrar alguém e conversar sobre banalidades, as eternas conversas que não conduzem a nada. Antes, pelo menos, eu era insatisfeito mas produzia algo e possuía meus belos sonhos de que estava fazendo coisa de valor. Hoje, vivo insatisfeito, nada realizo, e meus sonhos vão-se apagando aos poucos. Agora me convenço de que é este ano de 1950 que precisa terminar. Aliás sempre esperei, todas as vezes que se aproxima o fim de um ano, que a simples passagem de um dia para o outro, que a essa alvorada de ano novo correspondesse uma transformação em minha vida. Assim é que mais uma vez tenho essa esperança. Mas, compreendo, nada mais fazemos que nos iludir durante a existência inteira: assim sendo, é útil que tenhamos um sonho novo para substituímos a cada fim de dia, para manter o vaso sempre cheio de flores novas e perfumadas.// Tenho medo de estar me conformando simplesmente demais com a vida, me acomodando muito facilmente, me entregando sem resistência. Já não fui assim como ora sou. Sei que se desistir da luta nada conseguirei extrair. Conformismo é tédio, e tédio é indolência. Se a indolência nos vencer não venceremos nada ou ninguém, por não sentirmos necessidade disso.//Mas também percebo que sem sequer tento reagir. Entrego-me. Lembro-me sempre de Medéia: “a vulgaridade é contagiosa”. Mas nada faço para me afastar dela. Não é suficiente dizer: “Afasta-te Jasão”, é necessário também afastar-se, deixar a poltrona e dirigir-se às varandas onde bate o sol e onde o céu é visto em toda a intensidade de seu azul.// E também é preciso reconhecer: se a vida, a minha vida, tiver que ser sempre apenas essa luta, sem obras, sem nada que justifique essa constante preocupação de estar fora do vulgar, então será melhor que eu me integre no meio, me dissolva nele, que é mais nobre, menos imbecil, mais digno - viver, como todos vivem, e não notar a vulgaridade.//Creio que este último período escrito é o símbolo perfeito do comodismo, do conformismo, do conformismo que é tédio, do tédio que é indolência, da indolência que não exige luta porque jamais a encontra.< Muitas

20.ms2 feita> Out. 9 - Por que será que não escrevo poesia? (Nunca pensei detidamente sobre isso, mas sei que muitas conclusões poderia tirar. No entanto, sinto-me cansado. Até quando irá essa pressão do dinheiro, a dificuldade de resolver essa questão? A culpa é minha, não há dúvidas, mas sempre me revoltado com a falta dele- e isso acontece todos os meses - sou levado a gastá-lo insequentemente quando o recebo.) < Pensei

21. ms2 fama > Nov. 20 - Agora tenho apenas meio expediente. No entanto, não tenho sabido ou podido aproveitar o tempo convenientemente. A bem dizer, essa modificação, se bem que esperada e desejada, veio surpreender-me e ainda não avalio claramente o valor dessas horas.// (Mas por que estar procurando justificar com palavras cruas minha incapacidade literária?)< Efetivamente

22. ms2 Canelinha > De hoje não quis deixar de passar meu compromisso de escrever algo no diário. Embora tivesse pensado que por aqui encontrasse maior tranquilidade para ler, e, talvez, para iniciar alguma coisa, (quem sabe o romance, ou nova biografia, agora com muitos traços imaginários, bio-

grafia de alguém), não tenho encontrado esse recolhimento, pelas solicitações dos irmãos, pelas conversas, mas também um pouco por um desejo de abandono e descanso, vazio de pensamentos e sentimentos, tudo, talvez, consequência da maneira como tenho vivido ultimamente do Sul, me distribuindo demais aos contatos do mundo.< Trouxe

23.ms2 Unamuno > As grandes cigarras continuam seu canto. Ouvindo-o gostaria de encontrar e fazer meu “voto”, mas não creio que o sentido de seu cantar ([não]) seja paralelo para se formular um desejo, nem talvez nele se encontre essa constante de segurança e tranquilidade de que muitas vezes precisamos para realizar uma obra longa e demorada. É tão efêmero seu canto! Mas existe tanta beleza nessa nota musical ... (a atração pelo canto das sereias que perde os navegantes). Seja como for, assim como em nossa vida, nos meses quentes de todos os anos as cigarras se fazem ouvir, espero que também neste ano que hoje se inicia, eu onça, por vezes, o canto indefinido, o sopro inefável que me faça realizar alguma coisa que me traga satisfação e alegria, e a comoção, ainda que falaz, do sublime momento da criação.< Na

24.ms2 Porto Belo* A camionete foi cheia de crianças e parentes adultos e chegamos todos alegres a esta praia tão bela e quieta, com as casas da vila bordando a praia. Depois do banho de mar, fomos passear ao longo da praia e, ao nos aproximarmos de uma grande casa, propriedade de um teuto de Blumenau, percebemos que, em nossa direção, vinha um grupo de pessoas em estranhas fantasias. Chegamos quase juntos à casa grande e, então, os fantasiados começaram a cantar. Falou-se em “Pau de Fita” e fui observando, então, do que constava essa diversão cuja origem desconheço mas de que sempre ouvia falar em minha infância, sobretudo por causa de um desses “paus de fita” que minha tia Beatriz enfeitou. A figura central da dança era um velho que fazia o “solo” das estrofes, enquanto os demais repetiam sempre um verso em jardineira, flor aberta e “também tem botão de rosa”. Vinha ele vestido de calças verdes e blusa amarela, como os outros moços, trazendo também à cabeça uma coroa de papel em cores vivas cuja copa é formada de duas tiras ligadas em cruz e presas as quatro pontas a outra tira que se apresenta à cabeça, formando, pois, dois arcos coloridos. Esse personagem, como um mestre de dança, traz o bastão à mão, de cerca de 2 metros de altura, pintado de vermelho, com uma coroa idêntica no topo e uma porção de fitas de seda multicolor pendentes até metade do bastão. As demais figuras eram seis pares, os homens com indumentária idêntica ao “mestre”, e as seis moças com saia vermelha, lisa e comprida até os pés, e blusa branca, com chapéu de aba, de palha pintada de cores e enfeitado com papel dourado e prateado dos chocolates e cigarros. (As “moças” eram meninos de 12 a 15 anos - e os moços, já mais velhos, até mesmo de cinquenta anos, suponho, talvez os antigos conhecedores do festejo.)//A festa começou com um verso cantado pelo velho do bastão e dirigido ao dono da casa grande. Este fez sinal para que subissem até a varanda. Então os pares, antecidos pelo bastão de fita, subiram as escadas, levando cada um, um arco enfeitado de flores de papel que os meninos levavam antes a tiracolo. Chegados à sala da residência, o homem do bastão acorou-se no centro, deixando o bastão na vertical e sem parar de entoar os versos, sempre repetida a estrofe pelo coro, cada figurante pegou de uma fita e começaram a dançar e a trançar a fita no bastão, passando um pelo outro em siga-siga, uma vez por fora, outra vez por dentro. Esquecia-me de falar dos músicos. Eram apenas dois cavaquinhos e um chocalho, vestidos como os outros homens. Aos poucos, o pau foi ficando ([todo]) trançado ([até o]) em todo o terço superior, e as figuras todas juntas à coluna ficaram se balanceando por segundos até que o mestre de danças apitou duas vezes e o movimento recomeçou em sentido contrário, e o bastão foi-se vendo livre do entrançado de fitas coloridas.// Terminada essa parte o homenageado distribuiu bebidas. E como uma leve chuva começou a cair, tive de me retirar, uma vez que meus irmãos quiseram ir embora. Perto de mim, um habitante da vila disse que havia ainda o “entrançar dos arcos”, mas tive de sair sem assistir a esse outro passo.//Gostei imensamente do espetáculo daquela gente simples se divertindo, o gosto bizarro pelo colorido berrante, a monotonia do canto, as coroas excêntricas, tudo isso no primeiro dia do ano, numa triste e pequena vila de pescadores do litoral catarinense.* Domingo

25.ms2 mentir> Jan. 10 - Agora começa a tarde. Como são longas as tardes, e principalmente com o horário de verão. Não anoitece antes que sejam oito e meia, ou mais, e tudo o que se começa a fazer

cansa. Talvez pelo calor, não se pode dormir, e logo uma multidão de pensamentos nos assalta e resolve-se sair da cama e procurar qualquer coisa que nos distraia. A manhã é menor e mais agradável: vou para a praia do rio, leio, me deixo queimar um pouco pelo sol, depois nado um pouco, e o tempo passa satisfatoriamente. Hoje ainda li essa maravilhosa novela que é Krotkaia. Mas a extensão da tarde traz sempre o sentimento de solidão. E se atentarmos bem para ele havemos de compreender que, afinal, quase nunca nos abandona; revela-se sempre de uma forma ou de outra. Se saio daqui para Tijuca, ou para Blumenau ou Florianópolis é sempre com a certeza de que, terminada a viagem e dada uma pequena volta pela cidade, conversado um pouco com cada um que se conhece, já estamos prontos a regressar, a fugir, pois esse sentimento de solidão está ligado estreita e solidamente com o desejo, a necessidade de fuga.//Ultimamente tenho desejado regressar. Domingo próximo, estarei novamente em Porto Alegre. (De repente me assalta a idéia de que o avião vai cair - pensamento obrigatório - e este diário parando nas mãos de alguém que não saberá absolutamente o que fazer dele! Ou seria devorado pelas chamas? Então, destino semelhante a minha autobiografia ingênua e perdida ... e o pensamento morto para sempre junto comigo). Mas ao mesmo tempo que anseio estar em Porto Alegre, lembro-me de que também lá, e ainda com mais intensidade, vai me assaltar essa impressão de solidão, de não ter com quem falar coisas que realmente me interessem (quais são, efetivamente?); e antevejo meus passos, meus atos, eu novamente me dissolvendo, me entregando demasiado à vida, esquecido do canto das cigarras... e de que apenas pelo espírito é que eu conseguirei firmar e justificar alguma coisa.//Vem de muito esse tom de lamúria. Agora que tive noção disso, irritei-me comigo mesmo. Mas tenho, seguidamente, pensado em iniciar o livro. Tenho desejado escrever qualquer coisa: até mesmo um conto, para afastar ou diminuir esse tão longo período de estagnação. Mas não sei o que poderia fazer. Hoje pensei em estudar a obra de Dostoiévski e preparar um trabalho que não teria talvez nada de novo, e o pequeno interesse que apresentasse seria apenas no que se refere à sua maior aceitação, pois o meu “estudo” seria mais uma ([apresentação]) de textos seus, opiniões de outros autores sobre suas obras, e meu trabalho seria quase que somente compilação. Isto seria, sobretudo, interessante para mim que tiraria muito proveito de uma dedicação nesse sentido. //Mas existe o desejo, a necessidade, quase, de se fazer ficção. O sonho! pois é muito mais “criação”.// Às vezes sinto que já estou preparado para iniciar o romance. Apenas falta a coragem para a resolução e a força para persistir! Noto que falta sempre persistência, em mim: Por exemplo : seria ótimo, vantajoso, necessário, utilíssimo a mim, que eu flizesse vestibular para a Faculdade de Filosofia, a fim de cursar o ramo de Línguas Neo-Latinas; pois bem, não tenho a persistência necessária para estudar latim - que detesto - e assim ...o único prejudicado serei eu que daqui a alguns anos teria abandonado a tropa e estaria lecionando em algum estabelecimento, como desejo há tanto tempo.//Assim, meu romance. Escrevi aquelas oito páginas e depois me afastei delas como o verdadeiro puritano se afasta do pecado: com medo. O meu medo: de não continuar como desejava continuar, de não realizar obra impecável. Melhor seria, suponho, eu levá-lo avante, fosse como fosse. Nem que tivesse de escrever várias vezes cada capítulo. E se eu tivesse que escrever para viver? Se não tivesse eu a profissão, os meios de subsistência, será que já não teria escrito meu livro? É uma questão que me surge também. (A velha discussão “ arte pela arte ou pela vida”.) Mas quem tem uma necessidade interior cria, apesar de sua profissão. Eu tenho querido, por certo, separar demais esses aspectos: a vida material e o trabalho intelectual. Um reflete-se no outro, é evidente. Não vivo, quem sabe, suficientemente fora de meu ambiente militar para escrever um romance que exclua esse assunto? Mais tarde, depois de haver abordado esse assunto que me envolve demasiado, talvez, então, sem outras obras, eu estaria liberto para criar novos valores. É possível. Rilke desejou escrever um “ Romance Militar”, para o qual chegou a elaborar alguns capítulos. Sou mais inclinado, no entanto, a escrever uma pequena autobiografia, ou se não tivesse o carácter total autobiográfico se-lo-ia em parte. Seriam, de certo modo, “recordações da infância e adolescência”, como Gide em “Si le grain ne meurt...”, ou Tolstoi e outros. Mais junto com esse pensamento vem sempre a recordação de que perdi o primeiro volume que tentei escrever < O

26. ms2 hoje! > Ter de palavras a boca repleta, de carícias as mãos transbordando ...e a esperança

morrendo dia a dia... //Maio, 2- Ontem, recebi com desgosto uma visita: é que me levantara com disposição ao remorso, e essa presença não permitia concentração alguma. Tive, portanto, que adotar a aparência tranqüila de quem não abriga tormentos; mas mesmo assim meus sentimentos me traíram e em dado momento, à mesa, foi notado meu abatimento. Depois, resolvido a me libertar ao máximo dessa presença, deitei-me e terminei um livro, adormecendo depois. Ao me acordar, um tanto aliviado, (talvez, porque se aproximasse a noite) aprontei-me e resolvi enfrentar mais uma vez a vida. Então, pensei se essa pessoa não foi, até certo ponto, uma boa influência, um embaraço sadio que, não permitindo uma concentração sobre fatos que gerariam um miserável estado hipocondríaco, me alimentasse, pelo contrário, o sentimento de que, dadas as múltiplas exigências da vida, me é permitido prosseguir, apesar de tudo, apesar de mim mesmo. De qualquer forma, o que resulta evidente (mas também profundamente desagradável) é que necessitamos manter um perene estado, uma atmosfera de sinceridade, e nos alimentarmos quase sempre cinicamente, já que nem sempre a ironia nos é propícia e suficiente para rebater e abater os ataques alheios.< Quem

27. ms2 direito>(Mas nesse momento sou levado a crer que é apenas curiosidade : que o remorso foi infundado. Mas não será esse, necessário duplicar-se, uma vez que voltou?) Apenas um consolo: não se repetiu fato algum desagradável.//Maio ,4- Nunca um filme me impressionou tanto, nem mesmo outros de maior intensidade dramática e mais valor em todos os sentidos, como esse a que assisti ontem: “My friend Harvey”, baseado numa peça cuja autoria não gravei. Tem qualquer coisa do sentido ridículo e heróico de D. Quixote e é tão cheio de sutilezas que me admira ter o cinema americano tão bem realizado a película. Fui tão intensamente tocado pelo argumento e pela interpretação, que, durante mais de cinco minutos, tive de exercer um forte domínio sobre mim, ou entregar-me às lágrimas. E desejei mesmo fazê-lo, para, ao menos naquele momento, acompanhar o espírito de Mr. Dowd (Chood P.) e viver além da realidade. Uma grande cena, a dos fundos do bar, em que estão Dowd, o doutor e a enfermeira. O que diz sobre os freqüentadores de tabernas é qualquer coisa dessa “ fraternidade universal”, essa compreensão de que tenho falado neste caderno. Talvez eu possa um dia ler a peça e estudá-la em detalhes.//Maio ,6 - “Je ne voulois que’ essayer de vivre ce que je portoi en moi. Pourquoi étair-ce su difficile?”// Tarde de 6 - A um amigo // Começo a escrever-te um carta sem ter a certeza de que te será remetida. Também não sei precisamente o que te vá dizer, embora pressinta, e por sentir que nossa amizade sempre tão sólida está se desmanchando pela distância, pela ausência, e por nossos diferentes caminhos sentimentais, por sentir isso, não sei bem como me expressar perante ti. Escrever com essa impressão é quase como falar só, dentro do quarto - e neste momento necessito imensamente o consolo de ser ouvido e compreendido. E quão poucas pessoas existem na vida de cada um a quem se possa falar esperando isso! Na verdade, nunca nos entregamos inteiramente a alguém: Há sempre os segredos que a nós próprios desejaríamos silenciar; mas agora gostaria de poder entornar minha alma em teu ouvido para me sentir, se não tranqüilo, pelo menos um pouco aliviado: pois confessar a alguém nossas faltas é dar uma oportunidade de ser advertido, aconselhado, humilhado, e não se faz isso sem que se veja o amor próprio ferido, e essa concessão já é expiação. Meu caro amigo, agora, se me perguntasses “qual é tua falta?” -não saberia responder claramente. Não que procure subterfúgios (seriam inúteis perante tua pessoa), mas como poderei ser claro e conciso se toda minha ação repousa sempre nessa disposição interior de realizar o que sinto ferver dentro de mim? É falta ser sincero consigo próprio. É falta ser insincero consigo. Trata-se de viver, de não viver despedaçado pela insinceridade. Mas, no fim de tudo, como é triste ter de se reconhecer sempre fingindo, mentindo, dissimulando! Por outro lado, já tentaste ser sincero com alguém em relação a assuntos chamados proibidos? Pois é quando mais nos entristecemos. Essa pessoa preferiria viver iludida para sempre: ao homem não agrada a certeza; prefere a dúvida ou a ignorância. Persegue certas idéias por saber que sua curiosidade não será jamais saciada; haverá sempre uma pergunta sem resposta, como no caso da existência de Deus e origem da vida. Mas quando antevê a solução, abandona o problema. E pensando assim, e referindo a mim próprio esse raciocínio, sou forçado a concluir que se persigo o meu grande problema e se insisto nisso é porque noto que é insolúvel. Carregarei dentro de mim por toda a existência esse estojo cheio de serpentes que fogem uma a uma,

porém se multiplicam às centenas. E como pesa escutar-se dizer “por toda a existência!” Até nos momentos sagrados em que uma irmã nos abraça e beija contente, ou quando um aluno acredita que somos honestos, decentes e bem intencionados! Ver, pressentir destruída a confiança que depositam em nós! Meu amigo, e nesse caso não se trata de nossa pessoa, não é o fato de passarmos a ser desacreditados que nos faz sofrer: é por termos destruído uma ilusão e acarretado o subsequente sofrimento. Gostaria de poder dizer tudo de início: abrir-me, para ter a certeza de que os que me rodeiam têm amizade por mim - apesar de tudo. Para mim, é fácil ser amigo de alguém apesar de. Mas bem sabes por quê: “Condescendência é conivência”// Não sei se encontras lógica nessas palavras. Há certo desacerto, contradições, talvez, mas bem refletem meu estado interior e não somente deste momento, mas de muitos outros que se repetem quase diariamente. Talvez se possa chamar a isso remorso. Há pouco não creio ter sido sincero totalmente quando disse que não é o fato de passarmos a ser desacreditados que entra em jogo. Não fui sincero. Mesmo no instante em que escrevia percebi isso. Mas, meu amigo, por favor, acredita que ainda tenho uma pequena dose de bons sentimentos: sofro por me ver desacreditado, mas também lamento o prejuízo que acarreto aos outros. Portanto, ao falar em remorso, posso dispensar o “talvez”. Ele existe, mas não é tão grande que não possa mais crescer, nem tão grande que me submeta a sua força. Sei perfeitamente, R..., que não devo sacrificar ninguém a fim de justificar minha tara, (tenho raiva desta palavra e desejaria poder colocar outra mais leve, no entanto, é a que melhor cabe), mas como poderei me firmar perante as pessoas se não procurar convencê-las? Será justificada a mentira quando para nos salvar? Costumo dizer que sim, mas não é por convicção que o digo, é para me salvar... Compreendo e exulto, meu caro amigo, que enquanto perceber que estou ferindo alguém, e me arrepender disso, possuo uma possibilidade de salvação. Não ser jamais inconsciente. Por maior que seja o sofrimento que a consciência acarrete, prefiro viver com ela. Não tê-la jamais morta dentro de si: seria apodrecer junto com um feto nas entranhas.//Tal é o pavor que me acarreta aquela palavra que motivou o parêntesis acima, que percebo meu espírito, neste momento, tentando persuadir-me de que não é justa. Efetivamente, será tara esse “sentimento particular”, ou tara são os atos que decorrem da impossibilidade de realizá-lo? Sofisma? Meu caro, não te preocupes, eu próprio me penitencio, mas esse sentimento, não posso negá-lo, nem afirmá-lo. E eis a dificuldade. Creio ter elogiado o homem ao dizer que prefere a dúvida, pois não seria mais fácil eger uma solução, a positiva ou a negativa? Mas ouço que, dentro de mim, as vozes falam baixinho, rindo de mim: - “esse sentimento poderás afirmá-lo, entregar-te a ele, mas negá-lo: não!” Então só me resta prosseguir a luta. Não creio, bom R..., que exista alguém sujeito a esse sentimento, que não tenha desses sofrimentos interiores. Como é grande o poder da infância, da família, da religião! Podemos forjar argumentos cínicos para enfrentar os outros, mas no cinismo existe sempre uma parcela de desgosto contra nós mesmos.// Meu bom e caro R..., julgavas-me perdido para sempre. Ainda hei de fazer de minha dissipação a salvação de minha vida. Mas não descubro o caminho, embora saiba que somente por mim é que o encontrarei.//Perdoa o tom desta carta. Por favor, não a julgues “literária”. Será que peço isso por julgá-la que seja? No entanto, tenho a certeza de que aí vão verdadeiros sentimentos, e, bons ou maus, constituem parte de mim. Ainda não sei se te remeto a carta. Talvez sentisse apenas a necessidade de escrever - como não o fazia há muito. Mas sou tentado a remetê-la, pelo perigo, por penitência, por vaidade (compreendes bem isso?). Lê, então, e me responde, devolvendo esta para que a releia noutro estado de espírito e me arrependa de havê-la escrito, como já me vou arrependendo por saber que não deixarei de enviá-la. Escreve longamente, fala sobre ti, mas, por favor, não me aconselhes. Peço-te desculpas: teus conselhos me soariam como mandamentos que ainda não te acostumaste a cumprir.// Maio,7 - Venho de concluir um pequeno artigo intitulado: *A Importância de Ler*, que escrevi agora para o jornal mural da Escola, a pedido de um oficial amigo. Tive sempre junto a mim o espírito crítico dos alunos e, neste momento, encontro-me satisfeito com o trabalho. Parece-me que disse realmente tudo o que pretendia, e da maneira como o desejava. Lembrei-me de meus anos idênticos aos que vivem atualmente, e de minhas leituras de então, e procurei escrever a mim mesmo, sentindo saudades de mim. Talvez algum deles me fale sobre o artigo e então... (Uma recordação desagradável: parece que nenhum deles me falou sobre o que escrevi para a

Revista.)// Maio , 13 - Vinha lendo há bastante tempo e < conclui

28. ms2 Encontrei > Maio,17 - A noite traz em si tantos desejos mortos! O amanhecer é o nascimento de bons propósitos, que , pela tarde, são novamente substituídos por sonhos desbotados. Mas a noite encerra e enterra tudo! // No entanto, ela é riquíssima para o homem. Ainda há poucos momentos, vindo a pé e devagar para casa, vi duas cenas tão opostas, mas ambas tão comoventes: pois tocam o que temos de terno e lírico, e o que carregamos de trágico://Numa fachada de casa comercial, em que as palavras de propaganda são armadas de grossas e salientes letras de cimento, dorme grande quantidade de pombos cinzentos e brancos. Como pássaros empalhados lá estão eles, insensíveis aos bondes , aos carros, ao povo que passa rindo e falando. Um tanto mortos, parecem, mas, quando nascer o dia, novamente baterão as asas, substituindo sonhos desfalecidos pelas novas e eternas esperanças.//Depois, mais adiante, é um soldado carregando um velho embriagado pela mão. Chama a polícia e diz: - Está bêbado; caído lá adianre, levantei-o. < Então

29. ms2 sofridas< Maio, 21 - Respondeu-me a carta, mas não devolveu a que lhe enviei (o que já não importa, uma vez que a transcrevi neste caderno), e compreendeu tão pouco tudo o que pretendi dizer que talvez seja forçado a passar a escrever unicamente para um “amigo imaginário”// Nessa resposta há, no entanto, um grande trecho que li com imenso prazer porque me trouxe um sagrado pedaço de passado: meu primeiro caso de amor.// “Sim, - descreve ele - visitei H.G. . Um amigo telefonou-me, perguntando se queria ver uma exposição que ela fazia “chez-elle” pois para isso um amigo dele (que era sobrinho dela) convidara-nos. É claro que aceitei. Cheguei lá, casa perto da lagoa (se não me engano é a que conheces) e me aborreci. A “vernissage” fora à tarde e eram já 8 horas da noite. Ela estava só em casa com uma sobrinha e um admirador (da arte, é claro). O tal sobrinho que ia levar-nos, que é aspirante de cavalaria, não apareceu. Batemos e ela recebeu-nos trajada de preto, com adereços por ela fabricados, muito elegante e envelhecida. Roscas de pele vermelha marcam-lhe o pescoço e pés de galinha nos olhos com as rugas da testa. Era exposição de cerâmica, aliás maravilhosa. Demos palpites sobre possíveis tendências de inspiração, discutiu-se estética e o racionamento da luz. Pales-tra animada , aventurei-me a declarar que satisfazia, conhecendo-a, um desejo muito antigo. Que dois amigos meus falavam muito dela: um, Júlio Silvio de Lima que era até seu conterrâneo (de quem não se recordou) e o Harry Laus. Ela disse que se lembrava e quase monologando :- Como o tempo passa! com tal unção romântica que não lhe caiu bem sobre as rugas. A essa altura, o tal admirador já havia ido embora fazia uns vinte minutos. Passamos a outra sala - a que tem uma escada que dá para o 1º andar, onde apresentou à tal sobrinha, uma típica alemãzinha, envelhecida e tímida, a quem disse: - Olha, Juliana, dois amigos do Harry. Ao que a coitadinha, super-domesticada que é, respondeu : -Ah! sim, ele me falou nos senhores. Continuamos falando sobre arte e artistas, acontecimentos artísticos de sua vida. Às tantas apanhou um aparelho de chá cinza, muito sóbrio, que estava na exposição, deu uma xícara a cada um e foi à cozinha. Voltou com chá e bolo. Ceamos e conversamos numa intimidade que me comoveu. Falei de amigos que gostariam de seus trabalhos, dos quais ela pediu para levar à sua casa o pintor Ismailovitch e o maestro Walter Schultz Porto Alegre. Falou de seus projetos e mostrou os planos para um grande azulejo que lhe pediram, de Minas, para uma escola pública, sobre Tiradentes. Realmente belo e original, sem a crueza de força nem esquartejados, próprio para a contemplação de crianças, numa bela exaltação da liberdade sonhada pelo herói. 10 horas beijei-lhe a mão em despedida, cheio de simpatia e inteiramente conquistado. Não voltei mais lá.”// Um duplo prazer me dá a leitura dessa cena: é que vejo, em cada linha, meu amigo (a observação dos detalhes, as discussões sobre arte, as relações de que fala, o beija-mão - tudo como Rezende: conserva-se o mesmo); e minha primeira amante: particularmente o gesto de apanhar o aparelho em exposição e trazer chá : lembra-me como preparava-o com rapidez , em seu atelier, e que sabor estranho possuía - servido em copos de cerâmica decorados por ela. E um prazer verdadeiramente sexual me veio de ler como se lembra ainda de mim, e por tê-los apresentado como amigos meus.//Novamente me veio a idéia de escrever uma novela breve sobre esse amor de adolescência, e agora me aparece o desejo de escrever-lhe para saber se ainda existe o busto que esculpiu, e de onde nasceram nossas relações amorosas. Sim, e poderia ser chamado “Adão”, o livro, e ter como epígrafe: “Do pó da terra formou Deus Jeovah ao homem , e

soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se um ser vivente” - Gênesis 2-7.// Maio, 24 - Penso comigo: - E se eu morrer (cedo, ou mais tarde) sem ter realizado nada mais do que tenho feito até agora, literariamente? Que destino terá meu livro de contos e meus cadrenos de anotações? Talvez, um dia, nova viagem me faça perder tudo isso.// Também costumo pensar: - E se simplesmente eu deixar de escrever, o que farei com o que tenho escrito? Guardarei para mostrar a meus filhos- como um pai mostrando medalhas de competições diversas -, ou esconderei num caixão e me envergonharei disso tudo, como de maus pensamentos a que não nos podemos furtar mas que não os contamos às crianças? Suponhamos que eu viva sessenta anos. Pode alguém calar por tanto tempo um sonho de mocidade? // Outras vezes, percebo uma pequena chama que, aos poucos, vai crescendo e consumindo todas as folhas. Por enquanto, ainda afasto esse pensamento com a convicção de que não vem de mim: é um mau espírito que me provoca, como nos provoca à beira de um precipício e nos convida a saltar ou a obrigar-nos a lançar dentro dele um ser que nos ama e nos acaricia nesse mesmo instante.// Maio , 27 - Escrevi o que poderia ser o primeiro capítulo de romance, dias 24 e 25. Fazendo relação com a carta recebida de meu amigo R. Hoje passei a limpo no caderno que havia destinado ao Dirceu Menino, ao *O Espelho*, e estou bastante satisfeito , pela facilidade que tive em escrever. Mas, por enquanto, tenho medo de falar mais.< Encontro

30. ms2 1940> Set. , 9 - J'ai été plus courageuse dans mes écrits que dans ma vie, respectant maints choses qui n'étaient sans doute pas tellement respectables et faisant cas beaucoup trop important du jugement d'autrui. (...) Je erais qu'il est plus difficile encore d'être juste envers soi-même qu'envers autrui. // 1940, set. , 24 - Il ne semble aujourd'hui que je n'ai pas toujours été parfaitement sincère et qu'il m'est arrive parfois, pour les autres, de marquer plus de confiance et d'espoir et de joie qu'au foud de moi je n'en avais.// 1940, out. ,14 - Aimer la verité, c'est ne consentir ponit à se laisser assombrir par elle. // 1940, Dez. 19 - Il entre, dans tous les actions humains, plus de hasard que de décision.// 1941, jan. 16 - Ne paraît mériter la liberté celui-là seul qui saurait en user pour une autre fin que lui-même, ou qui exigerait de soi tel développement exemplaire.// Realmente , como é difícil ser sincero em todos nossos atos! No entanto, ser mais corajoso nas obras que na vida é um pouco de penitência a que nos podemos sujeitar em virtude de termos feito parecer aos outros que somos confiantes, esperançosos, alegres. Pois a obra fica e é julgada com lentes poderosas. < Será

31. ms2 tristeza > Jun. 1º - Mesmo no ridículo há um modo de conservar a dignidade. E é fácil, quando quem nos considera ridículo diz-se, abertamente, superior a nós.//É útil, em nossas relações cotidianas, usar de subterfúgios para se dizer o que se pensa ou sente: é que existem pessoas que se irritam com meias palavras, preferem dizer claramente uma cousa que lhes pode comprometer. Dessa maneira, nosso pensamento, tendo sido expresso por outros , a responsabilidade terá fugido de nossas mãos. < Concluí

32. ms2 concluir> Esse volume é de leitura deliciosa. Recolho ainda o seguinte: “L’homme n’est-il pas l’artisan de presque tous ses malheurs?” (1941- jul.7) // “Recoumencer ma vie?...Je tâcherais tour de même d’y mettre un peu plus d’aventure.” (1941- set.15) // “Il y en un temps où, tourmenté jusqu’à l’angoisse et harclé par le désir , je priais: ah! que vienne le temps où la chair, réduite, me laisser a me donner tout entier à ... Mais à quoi se donner? A l’art? A la pensée “pure” ? A Dieu? Quelle ignorance! Quelle jolie! C’ était croise que la flamme luíra mieuse, de la lampe dont l’huile est tarie. Abstraite, ma pensée même s’éteint; c’est, encore aujourd’hui, ce que j’ai de charnel en moi qui l’aliment, et je prie aujourd’hui: puissé-je rester charnel et désireuse jusqu’à la mort!” (1942- abr. 10)// Jun. ,4 - Hoje, depois de tanto tempo em que passei bastante satisfeito como o meio ambiente, o meio militar, sentimento, de repente, tomado por esse sentimento de inutilidade que me é bastante conhecido. Tentando, então ,descobrir a causa, foi muito fácil fazê-lo: havia eu preparado uma aula conforme marcava o programa de instrução; chega o chefe e suspende tudo para que se façam limpezas e arrumações para a chegada do General. Voltou tudo como eu sentia no tempo de aluno e cadete, e mesmo depois como oficial. Então, vi a todos como se fossem eu naqueles dias; pensei que alguns daqueles, efetivamente, deveria estar sentindo precisamente o que eu em situações idênticas senti. Mas, como um camaleão, que ultimamente tenho procurado ser, dentro em pouco conformei-me e fiz por esquecer o papel em

que rascunhara o assunto da aula. Agora, indo mais fundo na questão, sou tentado a revelar que o motivo central de minha decepção, de meu desgosto, foi uma oportunidade perdida de estar sendo alvo da observação de meus quarenta e sete alunos que escutam o que digo. O assunto, olhando agora como um observador imparcial, era completamente estúpido. Mas me dou ao trabalho de construir frases, de expor o assunto o melhor que sei, e depois faço perguntas, desafiando a agilidade mental de todos com o imprevisto dos mesmos. Afinal, porque resolvi mostrar-me assim? Creio que ainda por um mau sentimento: como julgo que este caderno será lido por alguém, junto a essa pretensão outra mais forte ainda, a de que poderão dizer: “como ele se conhece!” Terá tudo isso uma palavra mais suave para caracterizar o que é friamente vaidade, vaidade, vaidade! < Vivamente

33. ms2 pouco > documentado, isto é, sem conseguir esclarecer melhor a personalidade do poeta, pouco adiantando ao que eu já conhecia. Mas vale como uma longa conversa acerca de Lorca e nos leva ao mundo lírico e sentimental de suas poesias e dramas.// Gostei, por exemplo de encontrar o seguinte esclarecimento do autor: “Uma severa auto-crítica, e o desejo de dar sempre o melhor de si mesmo, levaram o poeta a não divulgar imediatamente suas produções. Gostava de corrigí-las, burlando-as incansavelmente.” E também o que ele transcreve de Guillermo de Torre, a propósito de “Asi pasen cinco años”, em que diz se pode facilmente perceber nessa obra a falta dos retoques, o estar ela “sem os lentos e exigentes ajustes que o poeta costumava aplicar às suas produções, suprimindo, condensando, procurando atingir o máximo de perfeição técnica.”// Jun.,16 - Estive com alguns livros na mão, olhei outros na estante, cheguei mesmo a ler algumas páginas do “Journal du voleur”; abandonei tudo e reabri o caderno para ver a possibilidade de acrescentar algumas páginas às cinco que escrevi ontem à noite. Fechei-o e retornei a este para dizer o que vem acima. Há uma espécie de embriaguês, de estado emocional, durante o qual posso escrever. Fora desse estado me é muito difícil; não posso obrigá-lo também a se manifestar, ele surge espontaneamente. Há dias em que passo por canteiros de flores, ou por vitrinas cheias delas, e nada sinto: outras vezes, paro enternecido a admirá-las. Também muitos dias não estou disposto a ouvir minha irmã menor falar, não lhe dou atenção: outros, gosto imensamente de observar-lhe a inocência de suas pequenas histórias e observações. Naturalmente se dá o mesmo com todos, mas os fatos que cito são para mostrar que também para o caso de criação literária, o estado emocional é indispensável.//Ultimamente tenho pensado que um pouco, uns dias de silêncio seriam suficientes para eu me entregar ao meu livro e escrevê-lo totalmente. Pois, afinal, seria apenas recordar e transcrever pensamentos já elaborados e vividos. Mas sempre a fuga dessa disposição me abate, parecendo dizer-me que devo desistir. Depois de tudo, ou presente a tudo, a impressão de que minhas atividades exteriores são por demais diversas das intenções artísticas que alimento.// Jun. 23 - A noite de hoje passa por ser a maior e mais fria do ano. A mais fria não é, pois o inverno até agora tem sido muito agradável e não está hoje tradicionalmente frio.// Do meu quarto ouve-se tremendo e contínuo estourar de foguetes, nos mais diversos tons, graves e agudos, de perto e ao longe: lembrei-me dos exercícios militares em que tomei parte, e pensei mesmo num combate. // Mas enquanto lá fora as crianças e os rapazes se divertem com seus fogos de São João, aqui releio *O Eterno Marido*, enquanto espero que fique mais tarde para ir a um baile. Não sinto desejo algum de estar lá fora soltando foguetes ou saltando fogueiras; no entanto, agora que falei assim, lembrei-me de que em minha infância gostava muito dessa festa; e que satisfação sentia quando meu pai me dava alguns tostões para comprar rodas de fogo e bastões de estrelas para queimar!//Ainda há pouco Estela veio aqui pedir-me para sair e ver os fogos. Lembrei-me, então, de mim com sua idade, ou numa idade mais tenra, e imaginei sua agitação interior, aquela agitação provocada por algo que agrada os nossos sentidos: a visão, a audição, que ao mesmo tempo que nos fixa à terra nos separa dela, provocando sonhos e descobrindo sensações. < Um

34. ms2 sentimentais > em que me encontrava para realizar a idéia de meus contos. Ontem reli com prazer “O Adolescente” e achei tão exato em seu processo psicológico que lamentei nunca mais ter escrito cousas assim. // Mas, será que decidi não escrever mais contos, ou foi o domínio do “possível” que assim o decidiu, por ter sobrepujado a “necessidade”? por ter verificado que também sem escrever contos a vida me era possível e talvez até mais agradável? Seja como for, me é penoso ter de

responder a perguntas de alguém com isso: “desde 49 não mais escrevi; apenas mantenho um diário.” / Ag. , 9 - Ontem escrevi mais algumas páginas do romance, completando, assim, o capítulo segundo. Creio que o nome do livro talvez possa ser *O Espelho*, uma vez que desisti de fazer o outro com esse título. Mas não me disponho a estudar o plano, com medo de me satisfazer com isso, sem que venha a sentir necessidade de escrever os capítulos pensados. // Ag. , 23 - A la manière de Wilde: Por favor, aceita-os, e não me leve a mal por este gesto. Entre meus vícios figura o de dar presentes. // - Vício? A mim, parece virtude. // - Costumo chamar de vício o que comumente se considera virtude, para poder considerar como virtude o que se chama de vício. // Ag. ,28 - Poderá algum homem destruir uma coisa pela qual se sinta responsável ? (Estará contribuindo para deixar de ser o que é, para destruir a si próprio.) < Finalmente

35. ms2 desespero > A liberdade é uma ilusão. Como pode alguém ser livre se para realizar seus atos de liberdade precisa sempre de outros? Como para realizar seus atos de liberdade precisa sempre de outros? Como manifestar sua liberdade se a cada “libertação” corresponde um compromisso? (comprometer-se ou comprometer alguém , o que ,afinal , é também comprometer-se.) Revolta, talvez, seja negação. Quem se revolta contra os outros não se estará rebelando consigo mesmo? (Pois revoltar-se é lutar contra sua condição ; e é quase integralmente correto que quem se rebela contra sua condição está negando a si próprio.) Ou será isso um desejo de ultrapassar-se, o que poderá ser interpretado como evolução?// Tanto as perguntas como as respostas nos conduzem ao desespero... e estas mais do que aquelas(Wilde escreve no “Leque de Lady Windemer”: In this world there are only two tragedies. One is not getting what one wants, and the other is getting it. The last is much the worst, the last is a real tragedy!) No entanto, não posso deixar de indagar, de procurar ser livre, de revoltar-me , de viver , enfim, desesperado. Lembro-me haver escrito uma vez, creio que a propósito de minha profissão, que “ enquanto me mantiver em estado de revolta, poderei contar com uma possibilidade de salvação.” Pensei, agora, se poderia generalizar: se, para tudo, revolta corresponde a salvação... e não sei a resposta exata, ou melhor, não tenho coragem de formulá-la. A revolta para “salvar” talvez nunca possa deixar de ser interior, íntima, sem vir jamais à tona, sem se manifestar em atos. // Não, não se pode generalizar. (Em nada se deve buscar a generalização.)É evidente que há revoltas que significam, que conduzem à evolução; há outras que são salvação; mas também existem as que nos aniquilam, nos proporcionam uma falsa liberdade que é como água salgada que mais nos aumenta a sede, liberdade que solta as amarras para nos atirar ao poder do vento. De que nos serve levar vinte anos construindo um balão se quando o soltarmos não pudermos fazê-lo voltar às nossas mãos? // Out. ,4 - Os filósofos e pensadores, dizendo a verdade com toda a crueza, muitas vezes conseguem abalar certas convicções que tínhamos como definitivas.// Hoje, por exemplo , encontrei em Schopenhauer : “A angústia e o arrependimento causados pelos nossos atos não são, muitas vezes, outra coisa senão o receio das conseqüências”. Isto é cruelmente verdadeiro e é dessas frases , desses conceitos que, nos fazendo conhecer melhor, deixam-nos entristecidos porque ficamos com a impressão de que, até então, estávamos nos enganando a nós próprios.// Ele diz também que a consciência é formada de cinco parcelas, as seguintes : medo dos homens, temores religiosos, preconceitos, vaidade e hábito. Analisando uma por uma dessas parcelas e levando-as reunidas sob o nome de consciência para um ato em que reconhecemos a ação da consciência, sentimos prazer ao poder verificar que, realmente, esse elemento de que se forma “ uma idéia tão grandiosa”, reduz-se unicamente a nós mesmos. Com efeito, o que é a consciência senão o resultado do temor da reação dos outros sobre nossas atitudes; de nossa educação religiosa; da educação de um modo geral; formando os preconceitos; do medo de nos vermos prejudicados ou diminuídos, enfim, feridos em nossa vaidade; o que é consciência, também, senão a ação dos costumes, do hábito, sobre nossas atividades?< Las

36. ms2 amado> Out. 11 - Caim e Abel - Conta-nos Moisés, no livro primeiro do Antigo Testamento, que, havendo criado Deus ao homem e a mulher , disse-lhes: - “Frutificai, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.” // Assim, pois,o homem conheceu a Eva, sua mulher e mãe de todos os viventes; ela concebeu e, dando à luz a Caim disse: Adquiri um homem com o auxílio de Jeová.

Tornou a dar à luz a um filho - Abel - seu irmão.// Cresceram Caim e Abel na liberdade dos campos. / Abel era puro como os lírios da planície; Caim, selvagem como os animais que habitavam a terra. Parecia haver herdado de seus pais toda a maldade do pecado original. Mas os gloriosos tempos de sua adolescência foram vividos em harmonia, paz e concórdia. Moisés diz-nos que Abel foi pastor de ovelhas e Caim, lavrador da terra. // Os primeiros filhos do homem encheram seus dias de amizade e compreensão.// Uma tarde trouxe Caim, do fruto da terra, uma oferta a Jeová. Abel também trouxe dos primogênitos de suas ovelhas, uma oferenda ao Senhor.// Jeová atentou para Abel e para a sua oferta; mas, para Caim e sua oferta não atentou. Então, caiu uma semente no coração de Caim, e o seu sangue sofreu, aos poucos, a pena de fazê-la germinar.// A rosa da desconfiança foi-se abrindo lentamente entre a amizade dos dois irmãos. // Por fim, irou-se fortemente Caim, por ter sido Abel o preferido, e descaiu-lhe o semblante.// Perguntou-lhe Jeová: - “Por que andas tu irado? Por ventura, se procederes bem, não terás levantado o teu semblante? O pecado jaz à tua porta; estás cheio do desejo dele; mas, se procederes bem, dominarás sobre ele.” // Não obstante, a desavença continuou, habitando a amizade de Caim e Abel, e, transformando-a em discórdia e desarmonia. // Caim não mais via, nos olhos do irmão, pureza ou inocência: neles via somente sua própria ira refletida. A semente da inveja produziu ramos fortes no seu peito, e dominaram-lhe o corpo todo e o pensamento.// Sucedeu, pois, que, estando ambos no campo, se levantou Caim contra seu irmão Abel e o matou.// Abel viu seu sangue transformado em seiva para as flores do campo.//Jeová procurou a Caim e perguntou-lhe: - “Que fizeste? a voz do sangue de teu irmão está clamando a mim desde a terra. Quando lavrares o solo, não dar-te-á mais a sua força. Serás fugitivo e vagarás pela terra.” // Lembrou-se, então, Caim, de que o mesmo Jeová dissera um dia a Adão, seu pai: “Por teu pecado, maldita é a terra, produzir-te-á espinhos e abrolhos; e em fadiga tirarás dela o sustento de todos os dias de tua vida.” E havendo pensado assim, disse Caim ao Senhor Deus, Jeová: - “A minha punição é maior do que a que se pode suportar. Eis que me lanças da face da terra, e da tua presença serei escondido. Todo aquele que me encontrar, matar-me-á.” < Léon

37. ms2 realidade > Out. , 31 - Naturalmente, todos vivemos sob a impressão de que podemos desaparecer de um momento para outro, embora não o queiramos.//Pois agora pensei nisso. Então, desejaria que meu diário fosse publicado. Gostaria que levasse o título: Diário Absurdo, nele figurando tudo o que consta do caderno preto com lombada vermelha, o que este, em que atualmente escrevo, contém, e mais os capítulos inacabados dos romances. Formaria um volume bonito, com títulos em verde ou lilaz, a capa branca. Do caderno negro tudo seria transcrito, mas os contos conforme estão datilografados para publicação; sendo que os planos do mesmos talvez fosse melhor que aparecessem num apêndice. É claro que tudo precisaria ser revisado, mas eu é que gostaria de fazê-lo, para que o meu pensamento não fosse transformado sem o meu consentimento. (Aliás, minha intenção é modificar tão somente a forma.// Agora surge um problema: quem poderia encarregar-se da publicação, do trabalho todo que isso significaria? Infelizmente, minhas irmã e irmãos nada conhecem de literatura para fazê-lo. Quanto aos amigos ... aqui não tenho nenhum, creio, que pudesse ser encarregado. Quem melhor poderia levar a cabo esse favor, por sua aproximação comigo pela literatura, talvez fosse o Francisco Pereira da Silva, meu amigo Chico, que ainda há pouco tempo me escreve uma carta que diz: “Tenho a maior confiança em ti com respeito à Literatura.”// Nov. ,4 - Noite de 1º, inicialmente angústia com um filme: “House to the River”, depois esquecimento artificial, me deito às 4 horas. Manhã de 2 dormindo, tarde, piscina com satisfação e tranquilidade; noite, deito-me cedo havendo lido algumas páginas do Journal Intime, de Kafka. Manhã de 3, Escola; tarde dormindo, noite até às 4 horas conversando e andando impropriamente.// “Poderei perguntar-me por que não abandono esta situação - não tenho fortuna - e porque não tento garantir minha subsistência com meus trabalhos literários. Eu não poderia, então, dar ([como resposta]) senão esta miserável resposta: que não tenho forças para isso e que na medida em que posso examinar meu estado em toda sua extensão, há mais possibilidade que esta situação me aniquile, é certo, rapidamente.” K. // “Un mariage ne pourrait me changer, pas plus que una situation ne le peut.” K. //Se uma condição adversa, a que se está há tanto tempo submetido, não consegue transformar-nos, como poderia nos modificar, no essencial, um matrimônio? Nós nos sub-

metemos a certas condições, mas não nos alteramos sob sua ação; e, de repente, nos mostramos tal qual sempre fomos, bom grado ou mau grado nosso.< “Quem

38. ms2 Grasset> Nov., 8 - Que tenho feito em minha vida, além de lutar contra mim mesmo? Ainda há poucos instantes, lembrei-me de umas manobras em Rezende, e de como eu, em uma carroça colonial, ia batendo com uma haste de ferro, de vez em quando, no aro da roda que a todo tempo ameaçava desprender-se. Tive pena de mim, pois nem sequer tenho o prazer de contar esse fato, tão desagradável naquela situação, cansado, com sede, o sol forte por cima, e o desgosto da profissão por dentro. (É, muitas vezes, agradável recordar incidentes que soubemos vencer.) Ou, então, agora, que não quisera falar nem rir, e que tenho de ouvir o que dizem e rir junto com os outros. Só a solidão me satisfaria neste momento: já que quem se deseja não pode estar perto. Mas, também sei que não suporto a solidão, ainda que reconheça ser a única coisa que me poderia salvar. Compreendo bem o anseio de Kafka: “Felicidade de se achar em companhia de seres humanos.”// Para tudo há sempre a situação real e a virtual. Que significa, por exemplo, uma pessoa jurar “por minha palavra de honra?” Pois não se sabe bem o que essa pessoa entende por honra, ou por palavra de honra. Quem sabe, quando ela diz: “palavra de honra que nunca fiz tal coisa”; esteja querendo dizer: “empenho a mim mesmo a minha palavra de que nunca revelarei a ninguém que fiz essa coisa.” // Pode sempre haver um véu cobrindo nossa mais pura intenção. Pois, muitas vezes, só depois de algum tempo é que descobrimos haver mentido, embora, no momento, tivéssemos a convicção de que estávamos sendo integralmente sinceros. Nunca se é inteiramente consciente.// Nov., 9 - Às vezes, podemos nos sentir grandemente compensados de um sofrimento por uma alegria oposta. Quando, por exemplo, julgamos uma coisa irremediavelmente perdida e, no dia imediato, a reencontramos, o prazer atinge tal intensidade que até bendizemos o equívoco que contribui para valorizar o reencontro. E se se trata de uma pessoa, e se se tem quase a certeza de que não a veríamos nunca mais e, de repente, avistamo-la, então não há como descrever a vibração setimental que em nós se processa. Todos os momentos de presença são repletos de uma exaltação, de uma compreensão, de ternunra, enlevo - e até esquecemos de que o tempo está aproximando de nós o fim dessa “doce agonia” e que em breve apresentar-nos-á a palavra separação acompanhada de todas as angústias que não a abandonam. Mas enquanto estamos juntos, é só doçura - e quando essa união encerra um segredo ... o mundo exterior deixa completamente de existir e nos integramos plenamente, um dentro do outro. Como é verdadeiro o que escreveu Shakespeare em *Romeu e Julieta*: “A despedida é tão doce agonia, que ficaria até amanhã repetindo: boa noite.” (cito de memória) Enquanto estivemos juntos senti uma paz interior tão benfazeja que enfrentaria tudo e todos que tentassem destruir aqueles momentos. Mas quando saímos do restaurante, tive a impressão exata de que esquecera lá dentro, sobre a mesa, na cadeira, em qualquer parte, um objeto, ou uma indeterminada coisa que acompanhara até então. Senti-me com as mãos vazias, mas o coração ainda tranqüilo. Quando entramos na última rua, a mais perto do aeroporto: - “Agora é que o momento da despedida, e não quando você pensou.” Pois duas horas antes eu estendera a mão para a despedida.// Depois que o carro saiu do pátio do aeroporto, ou antes, < Quando

39. ms2 evitar > Ou então, transformando um pouco a forma: Ao homem é permitido afastar de si os sofrimentos; mas, talvez, o único sofrimento que possa evitar seja o de tentar afastar os sofrimentos.// “A ociosidade é a origem de todos os vícios, e o coroamento de todas as virtudes.” // Talvez se possa dizer: Os vícios começam por onde as virtudes terminam. Ou então: Vícios são virtudes cansadas.// Nov., 15 - Ontem, quando dançava numa festa com uma moça que conheço há cerca de dois anos, falou-me que, folheando uma revista da Escola encontrou e leu meu trabalho sobre iniciação literária. E acrescentou que absolutamente não parece ter sido feito por mim, ou melhor, que nunca pensou que eu escrevesse coisa nesse sentido. Então tive de falar sobre minhas pretensões literárias. Como essa moça, existem muitas pessoas de minhas relações que ignoram esse fato, e as que conhecem, em sua maioria, não julgam poder esperar muito de mim nesse sentido. Mesmo na Escola, ainda pensei que com a publicação do referido artigo fosse conseguir a amizade de alunos que me procurassem para discutir sobre literatura. A repercussão foi e é quase nula. Alguns me pedem livros, outros pedem para que eu corrija trabalhos - em geral discursos - por correr a lenda de que “sei português”. Mas a minha

pretensão de literato (em eterna incipiência - e talvez mesmo insipiência) essa não ultrapassa minhas próprias fronteiras, principalmente dentro do Exército. Aliás, sempre fiz por esconder essa inclinação perante meus colegas, por saber que não aceitariam com bons olhos e que, aceitando, nada compreenderiam de minhas intenções. Na Escola, foi que mais expus esse “segredo”, por acreditar e esperar muito da adolescência; mas sem resultados. Há cerca de um mês, por exemplo, houve um concurso literário entre os alunos, de prosa e poesia, e dele apenas tive conhecimento pelos resultados. Eis uma cousa que eu gostaria de ter feito: tomar parte na comissão julgadora, (nem que fosse para me lembrar do concurso em que tomei parte, em 1943, sendo meus dois trabalhos classificados em terceiro lugar). // Como se justificar essa atitude? Unicamente pela minha maneira de agir, o que fez a srta. M. duvidar de minha capacidade de escrever tal cousa. Um pouco por duvidar, eu próprio, de minha capacidade como escritor, mas principalmente por julgar que não compreenderiam o absurdo de minhas pretensões, é que escondo dos outros o meu grande sonho. Com relação aos alunos, talvez se devesse concluir, como fator de alheamento, a hierarquia militar. Mas é sabido que sempre procuro destruir essa distância, concedendo a máxima liberdade da palavra, com a intenção de melhor sondar e compreender o homem. No entanto, é tal a maneira como disfarço e afasto a literatura de minha vida ativa, recalçando-a para o interior, o que faço, em parte, para evitar a timidez da aproximação, e tal essa maneira que destruo totalmente a possibilidade de que acreditem em mim ou esperem algo nesse setor. //Portanto, a meu nome nenhum de meus colegas associará a palavra literatura : ao passo que a palavra libertinagem, ou outra mais vulgar, viverá para sempre ligada à definição de minha personalidade. Pois a intemperança foi a única solução que encontrei para viver em menos desacordo possível com a vida militar. Infelizmente tenho encontrado nela algumas satisfações íntimas; e reconheço não ser essa uma solução inteligente, pois, para evitar uma atitude impossível, venho cair noutra que, a despeito de tudo, é perfeitamente insólita.//Eis algumas razões por que essas notas ficariam bem com o título de *Diário Absurdo*.//Resumindo, minha vida profissional, d’après l’origine jusqu’à nos jours - comme dit le français - talvez tenha sido o seguinte : três anos de 41/43 timidez e inconsciência; outro 44/46 tanto de semi-consciência e luta; 47/49 mais três de consciência e revolta; 50/51 e, finalmente, cerca de dois anos de desprendimento e ousadia.// Na verdade, essas metamorfoses não podem ser tão simplesmente resumidas. Não há dúvidas de que tem havido evolução ou transformação, seguindo quase totalmente esses estágios. Mas também é certo que essas fases como que se aglomeram, se aglutinam, e é possível que ainda hoje exista o complexo de tudo isso, mais caracteristicamente timidez - semi-consciência - revolta-desprendimento, sem que nenhum deles atinja a plenitude. E compreendo que quando se vir partido o equilíbrio, pelo domínio absoluto de um estado sobre o outro, a resultante será o aniquilamento de algo que temo precisar. Mas testemos: domínio da timidez - aniquilamento da personalidade; domínio da revolta - destruição da comodidade. Desprendimento é consequência da revolta e semi-consciência é um agente mais ou menos passivo e perfeitamente intermediário.// Uma cousa que jamais houve, ainda que eu tenha dito oitocentos e cinquenta e quatro vezes, foi indiferença. Com efeito, quem sente um problema se debater dentro de si não pode ser indiferente a ele.//Lembro-me de haver escrito certa vez, creio que no caderno negro de lombada vermelha, que eu sentia uma espécie de remorso pela dívida que contraria com o Exército pelo dinheiro que recebo. Mentira. Ou melhor, é verdade que senti isso nos primeiros tempos de oficial por julgar que, sendo descontente, não era digno de ser remunerado. Agora penso justamente o contrário: precisamente pelo descontentamento, perda da liberdade e inibição é que faço jus ao que recebo. Acrescente-se a isso que, para manter uma certa tranquilidade de consciência, sempre fiz o possível para desempenhar mais encargos com correção (não por amor ao trabalho, mas por amor próprio). As únicas liberdades que tenho tomado são as de ridicularizar certas “convicções regulamentares” de bases convencionais e perfeitamente ilógicas. Talvez, em lugar de ridicularizar, fique melhor dizer desprezar: desprezo-as e tento fazer os outros perceberem o que há nelas de ridículo. Essa atitude fez-me meditar sobre as seguintes palavras de Frank Harris, lidas há poucos dias: “Esta classe odiava-o e temia-o; temia-o pela sua liberdade intelectual e seu desprezo do convencionalismo, e odiava-o pelo seu despreocupado amor aos prazeres e também porque nele viam nenhuma de suas mesquinhas virtudes.” // Afinal, para

concluir, e como tributo à verdade, é necessário que o diga: o Exército é bom ; eu é que não sirvo para ele.// Uma nota: Harris fala em medo e temor. E Maquiavel diz: “os homens ofendem por medo ou por ódio.” < Dentro

40. ms2 simplicité”> Corydon é uma das atitudes possíveis que pode tornar um homossexual perante o mundo. E, como tal, é um prestimoso auxílio àqueles que, de gestos aparentemente calmos e olhar aflito, muitas vezes recorrem ao suicídio como solução definitiva de seu mal. Visto por este lado, André Gide é bem mais honesto do que foi Oscar Wilde, por exemplo, nestas palavras, de muita beleza poética, mas que não correspondem à verdade total; nestas palavras citadas por Frank Harris: - “O amor que neste século não se atreve a dizer o seu nome, é uma afeição tão grande, entre um homem mais velho e outro mais moço, como a que existiu entre David e Jonathas, a afeição que constitui a base da filosofia de Platão, como a encontrareis nos sonetos de Miguel Angelo e Shakespeare - uma profunda e perfeita atração espiritual que inspira grandes obras de arte, como as de Shakespeare e de Miguel Angelo e inspirou aquelas minhas duas cartas - afeição que neste século é incompreendida que, devido a ela, vejo-me neste lugar. É bela; é elevada; é da mais nobre espécie; é intelectual, e com frequência ocorre entre um homem mais velho e outro mais moço, quando o mais velho tem a inteligência e o mais moço possui toda a alegria, felicidade e radiosa esperança da vida. Que seja assim, é cousa que o mundo não compreende: ele a escarnece e, às vezes, põe os que a sentem no cavalete do suplício.” < Nov., 23- Tenho

41. ms2 costa > Nov. ,24 - Lembro-me de que, desde os tempos em que fui aluno da Escola Militar, adotei como um método que se mostrava eficaz, a ponto de recomendá-lo a minhas irmãs, de esperar da vida sempre o pior, a fim de evitar desilusões. É um pessimismo positivo cujos resultados são melhores que o melhor otimismo. A vida, com todas as suas contrariedades, é que me levou a adotar esse sistema.// Agora encontro em Shopenhauer (*Eudemonologia*): “os gênios sombrios e inquietos terão, na verdade, que suportar mais infelicidades e sofrimentos imaginários, mas, em compensação, menos infelicidades e sofrimentos reais do que os gênios alegres e indolentes, pois aquele que vê tudo com cores pretas, que sempre teme o pior e que, por conseguinte, toma precauções, não terá tantas esperanças frustradas como aquele que empresta a todas as causas cores e perspectivas risonhas.”// Reconheço que todas as vezes em que, com grande otimismo, esperei felizes consequências para um determinado fato, sofri uma decepção que anulou todo o sabor do otimismo antecipado. Mas se as conseqüências suplantavam a esperança, então, minha alegria, sólida, perfeitamente lógica, suplantava satisfatoriamente o pessimismo da espera.// Assim, esse pessimismo redundava em otimismo; é mesmo uma espécie de otimismo em forma primária de evolução. // O segredo desse processo reside em não se esmorecer, e já se ter, de antemão, uma nova esperança pronta para ser perseguida, em caso de fracasso da anterior. < É

42. ms2 socorrer > Nov. , 27 - Acabo de ler a primeira parte de um livro chamado “L’invers du journal de Gide”, a cargo de Henri Rambaud, parte essa servindo como que de apresentação ou justificação da segunda que apresentará um caso vivido de André Gide, escrito pelo próprio adolescente.// Esta primeira parte é bastante profundo estudo da sinceridade de Gide, de seu horror à mentira, etc. Mas seu autor parece a todo instante temer a reação da crítica, ou temer a honestidade de seus propósitos. Talvez pelo amor que dedicava ao morto: “J’ai trop aimé Gide, je lui garde trop d’affection véritable, pour prendre plaisir à la charger.” // A análise, a fim de acordar-se com a segunda parte, recai sobre a parte autobiográfica da obra de Gide, isto é, sobre *Si Le Grain ne Meurt* e *Le Journal*. Então o autor acusa-o, em certa passagem (pp57-58) de que Gide pouco se preocupou em se conhecer, e absolutamente em se ver em sua inteira verdade. Escreve, também, quase no final, que o verdadeiro pecado essencial de Gide não foi a pederastia, “car, vraiment de celui-là, il a trop perle pour qu’il soit le principal”, mas “cette prétention de ne jamais être dans son tort.” (pp 98,99).// Noutra parte, analisando a sinceridade da confissão de Gide, escreve Rambaud que ele tinha a intenção profunda, digna de respeito, nobre, de reentrar na comunhão dos homens, substituindo sua máscara pela inteira verdade sobre si mesmo. Mas acrescenta que isso, já difícil numa confissão póstuma, é impossível durante a vida do autor (faltou à Gide coragem pessoal e crueldade para envolver a outros - acrescenta Rambaud).

Revela também como sendo intenção de Gide, quando autobiógrafo é diarista, “o cálculo sem nobreza de abusar da fulgurante franqueza da confissão material para cobrir com ela, a seus próprios olhos, de início, e aos do público, em seguida, o que a recusa espiritual comportava de mentira em face de si.”(pp76-77)// Pouco depois, à p.96, o autor pode ser acreditado, quando declara não haver escrito essas páginas sem uma tristeza surgida do fundo da alma. E, para finalizar seu ensaio, ainda se vê forçado a fazer uma promessa, qual seja a de escrever novo livro ou que mostrará, “depois da fraqueza, a grandeza de Gide.// Pelo que me é dado afirmar, creio que o presente estudo é bastante correto e, em certas reações psicológicas que o autor muito bem esclarece por citações e comparações, fica perfeitamente comprovada sua exatidão. Então, o estudo apenas se ressentia da intenção, pretensão ou cuidado de ser completo. Se a personalidade de Gide tão complexa - “cette âme difficile” - não deve ser simplesmente atacada, ou estudada friamente, que se faça um estudo completo, e no mesmo livro, para evitar essas desculpas chorosas, que me parecem revelar, antes, timidez que sinceridade.< Embarquei

43. ms2 casa> e porque o dinheiro de que podia dispor foi todo consumido. // Diverti-me bastante, esqueci preocupações, mas, ao chegar a Porto Alegre tudo já estava me esperando, no aeroporto mesmo, e vesti novamente as dificuldades.//Fui ao Rio especialmente para conseguir minha transferência.Pois lá, incapaz de expor os verdadeiros motivos de minha intenção, fui aos poucos esquecendo tudo e julgando que poderia permanecer aqui pelo menos até junho. Mesmo assim, consegui promessa para janeiro, em que não acredito muito. Portanto, hoje escrevi à sra. O.C.B ou O.B. pedindo urgência, para Belo Horizonte ou Curitiba. // Ver destruído o apartamento! Talvez seja bom imaginar que um incêndio consumiu tudo, como ao meu barzinho em *A jóia*. Deixar o conforto, o quartinho com os livros, - e o que importa sobretudo: minhas irmãs desorientadas! Será preciso bater no peito e exclamar “Mea culpa”?// Mas não foi para escrever nada disso que abri este diário. No entanto, é o meu problema principal, que me tem absorvido, e cuja solução é tão difícil.//Pretendia contar o que vi no Rio, de teatro; as palestras com amigos, os livros que comprei; mas de que pode servir tudo isso quando a própria vida nos transtorna,ou quando nos transtornamos nos embates da vida? // Outro dia, talvez eu conte alguma coisa.// Dez. , 28 - Eis o que publicou um jornal do Rio a 11 de Dezembro: “Horóscopo para hoje, terça-feira, por Stella: “Aqueles que nascem no dia de hoje são dotados de muita personalidade e possuem grande tino para negócios. Sabem ganhar dinheiro facilmente e jamais passarão privações materiais. Têm muita inclinação para a música e as artes. Se fizerem da música profissão, terão grande êxito. Triunfarão como dirigentes. Possuem o dom da palavra e sabem manter vivo o interesse de um auditório. Quando querem são de um encanto sem par. Mas têm uma vida interior intensa, que poucos compartilham, e, por vezes, sua vida se torna um pouco complicada. Nessas ocasiões, encerram-se no silêncio e passam horas calados. Preocupam-se com cousas sem importância, e na maioria das vezes seus temores são infundados. Não devem nunca precipitar os acontecimentos. Estão inclinados a descuidar-se de sua saúde, mas devem aprender a conservar as energias sempre que lhes seja possível. Possuem temperamento apaixonado, etc.”< Concluí

44. ms2 Vogel> 1952 - Porto Alegre, R. G. do Sul - Jan. 2 - Esta noite tive um muito estranho sonho. Sempre procuro, nos fatos e objetos que me acontecem e rodeiam, a explicação de meus sonhos. Para esse já encontrei bastante clareza, mas a maneira brilhante e cinematográfica como foram apresentados os acidentes é que me prende a atenção: //De início, estava num bar bebendo com três amigos. Um deles, em dado momento, puxou de uma faca e deu ao graçom para que afixasse. Depois, sinto-me só: os três haviam desaparecido; peço a conta, que foi elevada, e sei que o preço do serviço na face foi de Cr\$ 25.00. Então discuto com o moço pelo absurdo do preço e, em dado momento, ele diz qualquer coisa assim: “gasta tanto com a bebida e quando se trata de emprestar a um amigo fica furioso”. // Depois dessa observação, lembro-me de que me sentia no Rio de Janeiro e de que vi passarem meus amigos, mas não os chamei. Então o sonho tomou outro aspecto, o mais belo e interessante possível, se bem que bastante lúgubre e misterioso: //Senti-me sobre uma leve jangada, muito pequena, e na escuridão da noite, rodeado por um cenário surrealista, dirigia-me sobre as águas para buscar outra jangada que encontrei toda decorada com véus e fitas e fios de cor. Era como que um prêmio que, pela

audácia de enfrentar as águas, eu recebesse. Sobre a minha jangada, e puxando a outra pelas fitas, lembro-me de que pensei em como remaria? Mas o leme da embarcação seguiu sozinho, por si só, para a margem. No entanto, próximo a ela, afundou e senti um grande prazer em molhar-me todo; mas, ao mesmo tempo, tentando aproximar-me da margem, que ficava junto a uma grande avenida movimentada, uma correnteza me puxou para fora, perdi as jangadas, e me deixei levar pelas águas que depois de uma volta me depuseram onde já era mais raso. Então, percebi uma estranha vegetação que me rodeava, e a água era lodosa. Rociei a mão numa pessoa submersa, prossegui, atirei lodo na face de um moço que também me lançou na lama que não me atingiu. E na fuga desse homem, em busca da margem, tropecei numa mulher japonesa, bem pálida, cujas mãos, dentro d'água, eram mãos de cadáver. Consegui fugir e chegar à amurada. Aí uma mulher velha me abraça, me agarra e, a custo, separo-me dela para encontrar um homem junto ao portão do cais que, ao ouvir as imprecações que a mulher me dirige, diz: “Não te importes”.// Não sei se o sonho continuou. Parece que aí concluiu.// Uma observação: apesar de ser um cenário tenebroso de mortes, putrefação e perigos, não sentia o menor medo. Lembro-me mesmo de que, no momento em que rociei o cadáver submerso, pensei que deveria sentir medo, nesse momento, mas não senti e expliquei-me como sendo porque já não era mais criança.// Jan. ,4 - Apresentei-me hoje à Escola por conclusão de férias. Arremessaram-me em cima uma secretaria completamente desorganizada.// Preocupações e problemas atuais: em que situação ficarão Celeste, Ruth, Estela e Ogê? Afinal, para que lugar serei transferido e quando? Venderei todos os móveis e destruirei o apartamento? // Nada pior do que se verem protelados, dia a dia, problemas vitais. Ruth não me respondeu, ainda, minha carta de 26, nem sei quando voltará. Celeste sofre, está abatida, e me sinto miseravelmente responsável por ela, que me criou, que foi minha mãe desde os três ou quatro anos de minha vida. Estela diz: “Quero ir junto contigo. Foi bom teres vindo, porque o apartamento fica tão diferente quando não estás.” Ogê, rebelado e inconsciente, não estuda, fica para segunda época, faz exames para Escola mas não creio que seja aprovado.// E o problema de um quarto em pensão, ou de um pequeno apartamento para Celeste e Estela! E não saber o que deseja Ruth, que está desempregada!// Acrescente-se a constante lembrança da espada de Dâmocles pendente sobre minha cabeça. O equilíbrio e a tranquilidade aparentes que se precisa fingir possuir, em presença de tudo e de todos. // E o pensamento de que dirão para sempre que é por egoísmo e maldade que abandono meus irmãos? // Ah! o clima de falsidade que se precisa manter. “Não fazer concessão alguma à verdade.” // Que prazer é esse tão soberbo e grandioso para exigir tal soma de tormentos? < O

45. ms2 traia > Descobri que todas as vezes que se despreza um preconceito devemos assumir a inteira responsabilidade desse “ato de liberdade”, e não esperar compreensão, apoio e auxílio de quem quer que seja que tenha sido cúmplice. Mas também aprendi, por outro lado, que a convivência traz proveitos, pois nos defenderão sempre que sentirem o perigo de se comprometerem. Tanto as boas como as más ações poderão, de um momento para o outro, serem anulados ou desvirtuados, ou terem seus valores invertidos. Talvez a lição mais importante tenha sido a de que toda a culpa de todos os nossos atos, por menores que sejam, cabe sempre a nós mesmos, e quando sem outra razão, pelo fato de não termos sabido compreender os outros, os nossos semelhantes. // Na verdade, só agora é que compreendo a sabedoria, valor, importância dos três macaquinhos chineses. (E, ao mesmo tempo, a impossibilidade de se exigir esse símbolo).// Soube ontem, por Maria, que Celeste chorou pela desgraça iminente, e dizia: “Quem vai passar as camisas de Harry; quem vai fazer sua cama?” (Outra aflição: culpará sempre a outro, e negar-se -á a reconhecer-me o maior culpado). < O

46. ms2 volume > Kleist de um lado, Morgan de outro; creio que aproveitarei a “fase” para ler as *Confissões* de Maughan. // Jan. ,15 - É, até certo ponto, deplorável que nossos maiores problemas, por mais intensos e graves que se nos afigurem, quer nos preocupemos ou não com eles, resolvam-se por si sós. Se não por si sós, pelo menos, de acordo com uma série infundável de circunstâncias que, no mais das vezes, estão completamente fora de nós. É como se os outros resolvessem os nossos problemas, por julgarem insolúveis os que lhes afetam < Acabam

47. ms2 maneira > Jan. 23 - Existem em mim certos impulsos de bondade, intenções de praticar o bem, auxiliando os outros, que me deixam confuso quando os comparo com os opostos impulsos de

maldade a que também sou sujeito. E isso faz sempre com que eu desconfie de minhas boas intenções. Será que a bondade em nós se manifesta a título de remissão, de compensação em relação ao mal cometido? Ou os demônios de ambas as forças (do bem e do mal) são independentes entre si? Não haverá pureza na bondade dos que também se vêem atraídos para o mal?// É comum julgar-se que se pratica o bem como penitência, em virtude do arrependimento de que o mal se faz acompanhar. É o que tenho observado por comentários destruidores da bondade alheia. Mas não será isso por efeito de se não poder julgar, por outro lado, que o mal foi praticado por “arrependimento” de se ter sido bom? Na verdade, compreende-se que uma pessoa diga: - Sou bom para compensar o mal que já fiz : mas é absurdo que alguém fale: - Sou mau por remorso do bem que pratiquei: Uma pessoa poderia dizer: - Sou mau porque já pratiquei o bem suficiente para obter perdão: mas que valor teria esse bem tão inutilmente e traiçoeiramente praticado? Não. Só no caso da primeira pessoa é que existe bondade: pois ela espera perdão, penitenciando-se.// No entanto, ainda fica sem resposta a pergunta inicial. Será que não existe bondade natural, pura, sem reflexos no mal praticado? Será que quando temos em vista o bem, ainda que inconscientemente, o mal está agindo por detrás e exigindo reparação? // Não é possível. Deve haver a esfera do bem e a esfera do mal independentes: assim como há a esfera do bem dependendo da esfera do mal.//Por que admitir-se tão somente que “ existe uma força estranha me chamando para o lado mau”? Temos que admitir que também há outra força, tão estranha àquela que nos induz à prática do bem. Não sendo assim, como teremos confiança em nós, no nosso imenso sistema de esferas sentimentais que se tocam e se repelem; como conseguiremos tranquilidade e paz? //Por outro lado,é perfeitamente ridículo que se diga: - Sou irresistivelmente atraído para o bem: ao passo que, em relação ao mal, não há explicação mais amplamente usada. É que a prática do bem nos produz calma e satisfação; ao passo que o mal vem acompanhado de angústia. Reclama-se para o bem a ciência e consciência dos atos dele decorrentes. Há males que se efetuam inconscientemente; haverá bem que também o seja? Ouçamos alguém dizendo: - Pratico o bem conscientemente. Pratico o mal conscientemente. Pratico o bem inconscientemente. Pratico o mal inconscientemente.// Qual das frases parece menos lógica? Pelo que geralmente se admite, a terceira. Agir bem, inconscientemente, parece agir “por acaso”. Ao passo que o mal feito inconscientemente o é “por fatalidade”...// Não será maldade dizer-se de uma pessoa considerada boa que ela pratica o bem conscientemente e o mal inconscientemente; deixando-se para a considerada má tão somente isso: pratica o mal conscientemente e o bem inconscientemente? Não será retirar dela toda a possibilidade de salvação?// Talvez seja mais justo admitir que os maus também podem adotar livremente o bem como meio de ação, desinteressadamente, por amor ao próximo. Mas como nem sempre assim o fazem, é natural que, em seu espírito, venha a nascer a dúvida, a desconfiança em si mesmo. Poderá, então, sentir uma espécie de remorso pelo bem praticado, por duvidar se está ou não sendo sincero.//É evidente que ele saiba, conheça o bem que efetivou intencionalmente. Mas não saberá afirmar quando age por pureza de sentimentos. Confunde-se. Sofre. Paga mais uma vez o preço do mal cometido. Pois ninguém peca impunemente.< Fala-se

48. ms2 Ibsen > Muito bem escreveu Shakespeare: “Uma desgraça nunca vem sozinha.” Agora foi Ogê reprovado nos exames de 2ª época, não poderá entrar para a Escola, se passar; e repetirá a quarta série. // E eu, para incentivo, deixei de fazer uma roupa e dei-lhe de Natal uma de mil e quatrocentos cruzeiros! // Jan. 30 - Pode parecer ridículo o que foi escrito acima. Mas , eis a situação : preciso deixar Porto Alegre, sob pena de comprometer irremediavelmente minha segurança e a de meus irmãos. Até agora, nada de transferência. (Por vezes, sinto-me tranqüilo, com todo o trabalho da Secretaria, e por ver como dou conta de tudo). // Ruth voltou e não quer abandonar o apartamento. Não sei, no entanto, como será mantido: fiquei de mandar mensalmente mil e quinhentos cruzeiros. Celeste, descontente, cansada, foi para Lages, descansar, apesar de eu dizer que não podemos fazer despesas extras. E agora, o rapaz me decepciona dessa maneira, ele que, se passasse nos exames, estaria com a vida quase encaminhada.// Recorri a Alceu e Jaime, no que se referia a Ogê, perguntando se queriam ficar com ele para que os ajudasse em suas lojas. Alceu respondeu que não, e diz, entre outras cousas: “O Harry e a Ruth que pensem bem o que vão fazer, pois não é assim que se constitui um lar e depois, como diz o

ditado ,que agüente quem quiser"; ou então : "Se o Harry já cansou e quer se ver livre de tudo..." // Jaime telegrafou que chegará a Porto Alegre, hoje.// Jan. , 31 - Jaime também não quer ficar com Ogê, por razões que, no fim de contas, não podem deixar de ser aceitas. < Creio

III

1. ms3 falso >O Espelho - Porto Alegre , 27 de Dez. 1949 // Percebo sua mão pousada de leve no meu ombro. Sinto-lhe os beijos no meu cabelo. Mas não lhe ouço as palavras. Apenas me vêm, como se fossem dela : "Meu filho, não chora", e o menino sorri: -Guardo um anel negro de seus cabelos entre as folhas de um livro, como um amor-perfeito, mas é tão brilhante ainda, como se eu tivesse roubado ontem, enquanto dormia. É tão leve que não lhe sinto o peso quando o deito na mão: mas para mim é como um segredo que se diz baixinho ao ouvido e que se guardará para sempre.// Tenho uma carta de minha mãe. Uma carta simples em que fala em todos, pergunta por todos e se preocupa. É do tempo em que viajou para longe, separando-se dos filhos e foi tentar curar-se . Mas sem grande esperança: "Eu, meus filhos, não vou adiante. Continuo sempre na mesma cousa, se não pior". E fala nos resultados de exames das crianças, compreendendo e apaziguando tudo: "Se as provas estivessem muito boas, é claro que as notas seriam mais altas. É que vocês pensam que estavam boas, porque só sabiam fazer assim ([e o fizeram da melhor maneira possível"])// Também possuo um retrato. Um antigo retrato seu em que nos olha com tristeza, a mão ([pousada]) descansando no joelho, o vestido escuro de saias e mangas compridas e bordado na gola e nos punhos. Essa mão é que me acaricia, esses lábios tranqüilos me beijam em segredo. E conheço o contacto de seus cabelos! Mas não sei como será sua voz. No entanto, tenho a certeza de que, se da multidão ela me falasse, eu a reconheceria. Por ter lido o que escreveu e ouvido dizer o que dizia. Por estranhas razões também : por instinto.// Muitas vezes, fico olhando no céu as revoadas dos pássaros, como mudam de direção, de repente, obedecendo a não sei que poder, que mão lhes guiando o vôo, todos a um tempo. E penso se nos meus gestos não haverá também uma força invisível me orientando e se essa força não vem dela que me deixou tão cedo. Mas muito mais vezes me sinto só. Esqueço seu nome, não me recordo que possuo dela uma carta, um retrato , e seus cabelos; não me socorre. E é quando enfrento o mundo e luto dentro dele, não como no fundo do mar que nos vencerá e nos sepultará entre as algas, mas pelos campos lavrados ([que os plan]) em que semeamos para colher. Me esqueço dela, que me gerou e não me criou, justamente porque não lhe ouço a voz dizendo " meu filho, não chora", nem o mumúrio que fica das canções de ninar. Mas se a esqueço , por não havê-la conhecido totalmente, não me separo de sua ausência, que permanece num lugar desconhecido,([dentro de mim, sempre vazio])inacessível, como uma pequena caverna na rocha que as águas do mar jamais invadem . ([- inacessível]). // Por isso, quando ele me disse: - Minha mãe é morta. Desde muito tempo; não me lembro dela. //Senti por ele uma súbita simpatia que, no entanto, me manteve em silêncio e o obrigou a acrescentar: - Para muitos perder a mãe significa pouco. O senhor já viu uma bússola com a agulha trêmula em direção do Norte? Quando se passa um imã ao redor dela a agulha enlouquece, gira perdida, completamente perdida, como alguém de quem se tira a fé. Pois para muitos, a mãe é essa espécie de fé.// Parou de falar. E em sua presença me vieram essas angústias todas e ouvi Celeste dizendo: "Não deves proceder mal, tua mãe está te vendo e chora". Então, eu a via envolta numa grande nuvem, enxugando as lágrimas com ela. Sim, justamente uma fé, como um Deus do qual nascemos. E me arrependia de havê-la feito chorar e sentia uma grande opressão que só passaria quando eu também chorasse. Celeste me abraçava e eu escondia o rosto em seu vestido, soluçando de encontro a seu corpo quente. "Não chora mais; já te perdoou", dizia, e eu sabia que era certo, por isso ia brincar de novo. - ...igual a uma semente , estava ele falando. // - Talvez fosse melhor, continuou, que mãe fosse assim como uma semente que para dar a luz deve morrer. // -Por quê? // - Porque ... enfim, se, por natureza, se passasse o fato dessa maneira... //E sem completar a frase, debruçou-se à janela e ficou vendo as pessoas passarem na rua e as sombras das árvores no chão.// Um nome estranho. //- Como foi que se formou teu nome? // -Dirceu, de um avô, Menino , de meu padrinho, explicou sem se voltar e como se estivesse acostumado a repetir a todos.//- Dirceu Menino do Rosário, falei lentamente.//Então, deixou a janela e aproximou-se da mesa: - Apenas um nome, como o seu é Otaniel. Sabe? pensei que não conhecesse ainda meu nome - acon-

tece às vezes, não é? que falamos a uma pessoa e nos esquecemos até de que tenha esse conjunto de letras que quando pronunciado produz logo a imagem do conhecido. Assim pensei porque somente hoje é que fiz essa pergunta que todos me fazem no primeiro instante. E confesso que começava a me chocar essa indiferença - pelo hábito adquirido ([de]) em explicar, ([como se diz: "Prazer em conhecê-lo"]) tudo isso. // Sorrimos então, e fomos ambos para a janela. O céu cobria-se de nuvens e as árvores não projetavam mais sombras. Preparava-se uma chuva forte de verão, as folhas paradas e o calor sufocante. // Dirceu Menino acendeu um cigarro e soltou o fósforo que caiu aceso na soleira da janela. A chama enfraqueceu aos poucos e, ao apagar-se, soltou um tufo de fumaça azulada, inesperadamente. Assim me pareceu que estava o tempo: de um momento para outro se desmanchavam as nuvens em chuva. // Foi por tudo que dissemos nesta tarde que começamos a nos conhecer, pois só se conhece alguém quando se sabe o que lhe é sagrado e o que lhe comove o coração. < A

2. ms3 interessam > Ontem de noite encontrei alguns colegas de turma. Assunto: futebol. Creio que atualmente o amigo com quem mais gosto de falar é o P.A.; mas ficou em Porto Alegre. Meu tão caro amigo R.B.R. já não me compreende mais ou se o faz, quer-me transformar. F.P.S. quase me lamenta e não é a mesma pessoa para mim. L.V.C. só me causou dano, aliando sua inconseqüência à minha irreflexão. Mas tudo passou, e talvez ainda possa construir algo. // Naturalmente tudo o que eu dissesse e pretendesse agora, neste momento, seria inútil, pois ainda não comecei nada de minha nova fase. Por enquanto, espero o passar das horas, para amanhã enfrentar o quartel. Há poucos minutos, antes de escrever este segundo período, pensei que "a solidão é boa", que "é bom eu não ter com quem falar", pois assim talvez me dedique mais à literatura e às cousas do espírito. Mas, imediatamente, surgiram duas objeções: a primeira: minhas atividades no quartel exigirão de mim muitas forças e deixar-me-ão cansado e abatido para essas cousas; a segunda: não poderei suportar, por muito tempo, esta solidão; em breve, terei conhecimento de que me solicitarão para todos os lados, e me forçarão a revelar minha natureza! < Leio

3. ms3 partir! > Aliás, meus últimos dias de Porto Alegre foram uma espécie de materialização dessa impossibilidade: enquanto fatos inadiáveis me forçavam a permanecer, outros, irremediáveis, me obrigavam a embarcar. // Então, a imagem: uma ave de pernas dilaceradas durante o voo, e a angústia de não saber como pousar, ou onde. Ou, menos lírico: um homem acorrentado a uma bela coluna que se desmorona sobre si e o soterra, sem que tenha podido usar de suas faculdades para fugir. // Mas, percebo agora, são imagens de natureza diversa, que se não podem confundir. A primeira é uma imagem pura de angústia verdadeira: um ser mais ou menos inconsciente, solto no espaço, dirigindo-se, por si só, para a morte e o aniquilamento. A outra exprime a impossibilidade de ação de um ser consciente, dirigido para a morte, e desprovido de liberdade. // Eis duas atitudes bem verdadeiras; a segunda é, apesar de tudo, mais cômoda, pois exclui a luta ativa; - ou, por isso mesmo, será mais dolorosa? Ao homem negaram o direito de se debater, de se defender; a quem concederam a possibilidade de procurar um pouso, enquanto se aniquilam suas forças. De qualquer forma, duas ilusões. Atitudes verdadeiras, porém negativas. < No

4. ms3 praia > Jun. 16 - Ainda agem as dificuldades nascidas de minha transferência. E sou solicitado para duas situações difíceis: Ruth, no Rio, não encontra emprego, desanima e quer vir para aqui, na esperança de empregar-se, e talvez por sentir-se só; Celeste, em Porto Alegre, recebeu comunicação de que o apartamento foi vendido e que deve mudar-se. // Quisera não criar laço algum aqui, e fazer tudo para, o mais breve possível, ser transferido para o Rio. Isso faz com que não deseje a vinda de Ruth, mas não sei se poderia mantê-la enquanto perdurar sua situação de desemprego. < Quase

5. ms3 repleto > Julho, 8 - Ontem de noite estive doente. Uma coisa ligeira, certa indisposição do estômago. Mas como estou praticamente só, sem os carinhos e cuidados de Celeste, fiquei bastante abatido, deitei-me cedo e como é natural, pensei que talvez não me acordasse mais, pois imaginei logo tratar-se de uma complicada congestão alimentar. Até aí nada de mais. No entanto, quando me surpreendi pensando em minha morte, surpreendi-me, também, por não perceber sentimento algum de tristeza por essa partida definitiva. Agora penso: será que foi pelo absurdo da idéia ou porque morreram todos os mais interesses pela vida? Fiquei, então, imensamente triste por não estar triste. Mas o certo

é que até mesmo uma certa alegria me visitou, porque eu via nessa partida uma libertação total dos problemas que me angustiam. Lamento bastante isso, pois vejo aí uma completa negação de mim mesmo.// Julho, 28 - Creio que minha vida nunca esteve tão descontrolada como agora. Não me sobra um centavo! Não tenho reserva alguma, não posso fazer roupas, comprar nada, ir ao dentista, e se continuar assim não poderei gozar férias fim de ano, a não ser que faça como ano passado: o absurdo de um empréstimo de dez mil, dos quais sete mil para gastar, simplesmente.// Este mês pouco sobrou para minhas despesas mensais, pois tive, além do normal, um compromisso de mais mil e quinhentos cruzeiros. Tive, então, a idéia de calcular quanto gasto em cigarros: Cr\$ 429,00, pois fumo três carteiras por dia. Resolvi parar por alguns dias, a fim de ver se consigo diminuir a dose.// Sobre cigarros, em geral há muito o que se contar, as diversas predileções, a beleza das carteiras e um sem número de assuntos. Quanto a mim, há algumas noites encontrei um colega e fomos beber e fumar até de madrugada. Em dado momento me disse: - Você não é sincero, Laus.// - ? // - Nem quando fuma você é sincero. Você não fuma por prazer, fuma por fumar.// Não sei até que ponto me havia observado, para querer genelarizar a questão da sinceridade. Mas creio que seu exemplo foi muito bem escolhido, pois fumo, sujeito apenas a um automatismo completo: acontece, às vezes, que ainda há um cigarro aceso no cinzeiro e, já esquecido acendo outro.// O fato de fumar três carteiras nasceu muito simplesmente de uma pergunta e uma resposta. Com efeito, foi depois disso que me encontrei nesse exagero. Foi no ano passado, em que fumava apenas uma. E pensava que fosse um "record". Falando a outro colega sobre cigarros disse-lhe como procedia e perguntei-lhe quanto fumava.// - Três carteiras, respondeu. Hoje, também fumo essas três e sinto um ridículo prazer em dizer isso aos outros.// Outra grande fonte de minhas despesas é o álcool. Pelo menos aos sábados, gosto de ficar libando até tarde com alguns companheiros. Também no caso da bebida, não vejo limites. Enquanto suporte, bebo. E sinto-me bastante feliz, com um humor extremamente apurado, minha conversação adquire brilho e graça: gosto imensamente de verificar que estou divertindo os amigos e, conseqüentemente, divertindo-me. E o pior é que, a partir de determinado momento, esqueço completamente minhas dificuldades financeiras, faço pedidos extravagantes, e o pior: minha prodigalidade chega ao pontode, algumas vezes, fazer questão absoluta de pagar a conta geral e achar ridículo quem quer pagar a sua parte.// Nessas noites, bebo demasiado e, então, correm os comentários a meu respeito: que fiz isso e aquilo, que disse tal coisa, etc. Pois bem, sei que exageram quando me reduzem a um alcoólatra inveterado: mas sinto um estranho prazer ao perceber que sou alvo de comentários. Talvez, se não houvesse quem comentasse, eu nem bebesse. Afinal, não deixa de ser também dissimulação.// No meio de tudo isso, uma satisfação: não tenho dívidas. < La

6. ms3 sentimentos)” > Ag. 22 - A manhã me apazigua; a tarde me entedia; e a noite me excita.// Ag. 24 - Il s’agit d’un morceau de lettre à un ami: “Notre race”, qui se caractérise par la couleur de la peau, la forme des jeux ou des livres, mais oui par cette mélange de sentiments parfois contredisants, n’est pas complétement interdite à la compréhension. // Je crois que vous avez beaucoup de choses à regretter à moi; je sois, d’autre côté, que vous n’ignorez pas que moi aussi je les ai. Je sais que vous et moi nous aimens la verité - faire profession de celà c’était notre idéal - mais nous savons aussi que ce n’est pas possible. Ainsi comme vous, je désire de tour mon coeur être sincère, être bon et juste, mais celà ne nous est pas permis. Mon désir, le plus grand, c’est avoir confiance en chacun de mes amis, et correspondre à la confiance mis en mois-même. Est’il possible? Non, je le sois: je ne pent pas confier à personne mes sentiments les plus intimes, et vous aussi ne le pouvez faire. Peut-être, la chose plus triste de notre condition soit savoir tout celà ... et rien pouvoir faire pour la metarmophoes. Nous sommes toujours deux: un à penser, autre à agir; un à dire, autre à faire; un à désirer les choses faites. Dans un moment nous avons de la conviction; dans le suivant nous éprouvons de l’angoisse, de la tristesse, de l’anéantissement.” < Noticiário

7. ms3 trabalho > Tanto um como o outro drama tem como idéia central a luta pela verdade. No primeiro, o sacrifício da segurança própria e da família para impedir que a mentira se estabeleça: é a luta contra a mentira. Em *O Pato Selvagem* a mesma idéia apresenta-se de maneira diversa: é a luta pela verdade, contra uma mentira já implantada. Enquanto que *O Inimigo do Povo*, o Dr. Stockmann age

por si próprio e contra si mesmo; no segundo drama Gregers é quem se debate pela pureza de consciência, mas a mentira não atinge diretamente a si ([mas]) e sim a seu amigo Hjalmar. Em ambos o pensamento central de que a tranquilidade não pode ter como base a mentira. É a luta da verdade contra o cotidiano; a pureza de consciência acima do convencional, da moral aceita. Não o conformismo, mas a luta, o sofrimento da existência; não a paz sob condições, mas a dignidade nascente do que é sincero, justo e verdadeiro.< Os

8. ms3 encerra > Começando o conflito pela procura da pureza de consciência, estende-se depois à busca da finalidade na vida, que é mais uma vez uma questão de consciência, mas já agora dirigida para os outros: a purificação dos demais, como sua obrigação, pagamento de dívida contraída por sua própria existência, a maneira de justificá-la. Em *O Inimigo do Povo* é uma questão de segurança pública, dirigida, portanto, para o físico, um problema sanitário; em Rosmersholm é o espírito que se visa, “fazer os outros confessar os erros, despertar a vergonha e o arrependimento em seus corações”, levando “um pouco de luz para esse abismo de trevas e de maldades.” Mas junto com essa nobre ambição, o peso de uma consciência culpada que faz Rosmer convencer-se de que esse objetivo não poderá ser alcançado por si - “é inacessível, porque não pode haver triunfo numa obra ([que]) cujas raízes mergulham no crime.”// Tanto Rosmer como o Dr. Stockmann, como Gregers são possuídos de uma “febre de justiça aguda”, mas a figura mais trágica é a do primeiro, porque, descobrindo pelo trabalho constante de sua pesquisa que se encontra em erro, vê-se, de repente, impossibilitado de agir, porquanto não é puro o suficiente para redimir os outros. Se sempre se julgara puro para levar a efeito essa conquista, vê-se na iminência de ter sua vida espoliada pelo juízo alheio; e ele mesmo começa a duvidar de si, quando percebe que não era apenas amizade o que o ligava a Rebecca, e isso desde o início...// “O Inimigo do Povo” leva sua luta até o fim, vendo-se despojado de tudo. O ex-pastor de Rosmersholm, por sofrer o choque de sua própria culpa, admite que seus amigos lhe “demonstraram, claramente, que a missão de enobrecer os espíritos não lhe convinha absolutamente”, que tudo “era apenas um sonho esboçado, uma inspiração invisível, na qual nem ele mesmo crê”, porque “os homens não se deixam enobrecer por uma influência exterior”. É preciso, pois, que cada um sofra a sua própria angústia e, por esse caminho da luta para o conhecimento da verdade se purifique e encontre a felicidade que, no entanto, não se conhece sem “o sentimento doce, alegre, confiante de uma consciência pura.”// Os dramas de Ibsen entrelaçam-se não somente pelas idéias centrais dos conflitos nascentes da consciência culpada, da busca da finalidade e justificação da existência, da procura da consciência pura pela implantação da verdade e da justiça, pelos ideais de liberdade e felicidade, mas também pela apresentação de situações análogas nas diferentes peças, permitindo o desenvolvimento gradual do problema em questão, e suas conseqüências. Assim, por exemplo, em *O Pato Selvagem*, a mãe de Gregers foi “conduzida ao seu miserável fim” pela intromissão de Gina, a criada, em sua casa, e pelas desconfianças que despertou essa presença na mente da esposa, com quem, segundo Werle, não se pode raciocinar por ser “doente e exaltada”. Em Rosmersholm, a esposa, também “doente, atormentada e exaltada”, suicidou-se pelo mesmo motivo do aparecimento de uma intrusa, a srta. West, que passa a interessar Rosmer pelo que há em ambos de ([igualdade]) identidade, pelo sentimento religioso, pela dúvida e incerteza, cujo combate se feria no fundo da consciência do ex-pastor. Outro ponto comum é o apelo idêntico que Hjalmar e Rosmer fazem para que a pessoa amada dê uma prova definitiva de seu amor. Hjalmar duvida de que sua “filha” lhe dedique amor e, ao rir sarcasticamente ante a pergunta que faz: “Hedvig, queres dar a tua vida por mim?”, ouve o tiro como resposta. Rosmer também obtém a prova insensata, quando pergunta se Rebecca “quereria tomar o caminho que Felícia tomou”. Mas os incidentes, aparentemente idênticos, revestem-se de características totalmente diversas. Em *O Pato Selvagem* a prova tem por finalidade redimir o pecado da mãe e completar a redenção afastando a mentira; em Rosmersholm é a expiação da própria falta, por parte de Rebecca, que o declara, e Rosmer, por compartilhar da culpa também se entrega à prova por ele sugerida.// Ibsen não precisa de uma variedade imensa de incidentes para caracterizar melhor e mais diferentemente seus habitantes; um ([simples]) leve toque em seu caleidoscópio e já os vidrilhos e as contas coloridas acomodam-se num novo e maravilhos([a])o ([formal]) conflito.// Na verdade, como escreveu Unamuno,

“ a dramaturgia de Ibsen é uma dramaturgia mais religiosa que ética ou estética em suas raízes últimas.”// Set. 30 - A obra dramática de Ibsen, como a de Shakespeare, admite o estudo sob tantos pontos de vista e por tão múltiplos aspectos que, numa análise de pequenas dimensões, dificilmente poder-se-á fazer justiça a seu valor. Ao mesmo tempo, dada a beleza de suas criações, o entrosamento das idéias fundamentais e a importância dos problemas estudados, não nos sentimos capazes de nos fixar sobre um determinado ponto, abandonando outros que o autor talvez tivera em grande conta. < A

9. ms3 notas > Esse drama, bem diverso dos outros já focalizados, guarda com eles, no entanto, muitos pontos de contato; retomam intenções semelhantes, se bem que de um modo diferente, assim como certas frases musicais que se diluem e se agigantam no decorrer dos movimentos sinfônicos. Ellida é também uma intrusa, mas agora convive com os que assim a consideram, no que difere essencialmente de Gina e Rebecca. Se estas duas foram intrusas para a esposa, essa o é de sentir-se Ellida, roubando a paz do lar. O que a domina é a lembrança do marinheiro, de quem nunca se pode emancipar. É uma doente, sentindo a consciência culpada sem que o seja, um caso de psicanálise, cuja origem, conforme vai revelando aos poucos, firma-se no fato de não ter tido liberdade para escolher o seu caminho. Só se liberta desse complexo, quando o Dr. Wangel lhe concede, pelo amor que lhe dedica, a liberdade de partir como o estrangeiro ou de permanecer junto a si. Mais uma vez é exigida uma prova definitiva de amor. Dada essa prova, tudo se esclarece e volta a paz.// Ao par do drama entre Ellida e o doutor, desenrola-se outro que tem um sentido mais ou menos inverso: Balette e Arnholm. Enquanto Ellida lamenta a “transação” feita com Dr. Wangel, Balette, sem amor por Arnholm, assenta com ele outra “transação”, para sentir-se livre; diz ela: “O mundo se abrirá para mim! Não terei mais a preocupação do dia de amanhã...” O Dr. Wangel ofereceu à dama do mar uma espécie de partilha de seus bens que ela aceita por estar “só, sem recursos, sem amparo”. No entanto, dada a maneira como decorreram os fatos, não se sentia amada integralmente, pensando que fora procurada apenas como mulher. Balette, ao contrário, se bem que também aceite a oferta de conforto e segurança, leva a certeza de ser amada, pois Arnholm faz sentir que se não poderão viver como esposos, ele será para ela “um amigo dedicado e fiel”.// *A Dama do Mar* é perpassado por um tom sobrenatural que, no entanto, vai-se dissolvendo quando ([Ellida encontra, aos poucos]) a trama ([vai]) se esclarece([cendo]) aos poucos. O sobrenatural, então, localiza-se somente na imaginação de Ellida, que se revela uma doente do espírito. Em *Rosmerholm* a presença do sobrenatural está também manifestada pela constante alusão aos “cavalos brancos”, essa espécie de fantasma, símbolo da desgraça, constante lembrança do passado culposos.// Ibsen costuma lançar mão de um símbolo, material ou não, que traz sempre ligado ao principal móvel da ação. Em *O Pato Selvagem*, a presença dess([e])a ([pássaro]) ave, por ter vindo da casa de Werle, é como que a representação de si mesmo; é um símbolo presente do crime passado. Hjalmar, o enganado, detesta sua presença; e Gregers, o filho que conhece todo o problema, julga que o desaparecimento da ave será a redenção. Os cavalos brancos de Rosmerholm estão ligados à sorte da esposa morta. O cavalo branco aparece para demonstrar que “os mortos não se esquecem facilmente de Rosmerholm.” Assim, as cruéis angústias que Rosmer sente não mais se separarão dele, surgindo repentinamente para recordar-lhe a morta; são, também, um pouco os cavalos brancos do antigo e tradicional solar. Em *A Dama do Mar*, o símbolo é o mar, estando diretamente ligado ao estrangeiro, ao amor do passado. É a obsessão de Ellida, com que tem afinidade. Por ele, Ellida “noite e dia, verão e inverno, sente, sofre a vertiginosa nostalgia”; pois, com o outro amor, sempre falava sobre ele, e ([onde]) nele haviam sido lançados os dois anéis com a ([promessa]) declaração de que se encontrariam ([no mar]) lá dentro. Aqui, o símbolo toma a beleza a que se presta, como motivo poético. Pelo mar, Ellida sente vertigem, fascinação, como fascinação e vertigem sente com o convite de partir com o estrangeiro.// Tanto Ellida como Wangel compreendem o horível como sendo algo que “amendronta e atrai”. Ellida sente-se atraída pelo desconhecido, apesar de todo o medo que por ele sente. Wangel, ao reconhecer que a esposa o amendronta e o atrai ao mesmo tempo, não se julga capaz de deixá-la partir porque, nela “é a atração que domina...dentro do medo que inspira.” Também Rosmer, ao por à prova o amor de Rebecca, e no meio de suas lutas, exclama: “Há nisso um horror fascinante!...” // Ellida Wangel é também um habitante desesperado de Ibsen. Não a domina o desespero religioso que faz

Rosmer debater-se “na dúvida e na incerteza”, mas suas dúvidas e incertezas são tão intensas que lhe abalam ([completamente sua]) a existência. Kierkegaard escreveu que “devemos despedaçar o eu para nos tornarmos nós próprios”; essa criação de Ibsen, na iminência de se despedaçar, implora : “Salvame de mim mesma.” // O drama termina com a afirmação da coexistência da liberdade e responsabilidade, como condição à aclimação do homem ao meio em que se encontra deslocado. < Creio

10. ms3 que > se estudarmos os mais representativos personagens de Ibsen, - e isso significa estudar a ([todos]) grande maioria, pois cada um encerra uma ou várias parcelas de sua consciência em luta - chegamos à conclusão de que “nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou o receio de si próprio”, como diz Kierkegaard, a respeito de todos os homens.// Ainda que Ibsen tenha escrito a um amigo, dizendo que “pouco leu Kierkegaard e ainda menos o compreendeu”, não impede isso que demonstre em suas obras imensas concordâncias com o pensamento do filósofo. Afinal essa angústia expressa por Kierkegaard é uma angústia universal, que encontra eco profundo na conformação espiritual de um espanhol, Unamuno, que, segundo seu crítico Agustín Esclasans, teve em Ibsen e Kierkegaard os impulsionadores de sua maturidade definitiva.//Tristão de Athayde, em sua conferência feita em Paris, sobre a filosofia existencial, admite três correntes para essa filosofia: na primeira, a religiosa, inclui Kierkegaard e Unamuno, sendo as duas outras a corrente atéia e a literária. ((Para) Ibsen pode tomar norte na corrente literária, litero-religiosa, pois seus habitantes percebem que “o real é o contraditório; a vida é uma força cega que nos conduz ao nada; que o homem não pode vencer ao mundo, pois o mundo brinca com ele”. Daí o conflito que manifestam seus personagens, o “desespero ante o profundamente absurdo da vitória do mal, do sofrimento, da injustiça, da miséria”, a luta pela pureza de consciência numa existência cuja finalidade deve ser encontrada.//Todas essas considerações me vêm, quando termino de ler *Solness, o Construtor*, drama que desde a primeira leitura muito me impressionou.// Nele, volta o sentimento religioso de *Rosmersholm*, se bem que não expresso tão diretamente. E esse sentimento nem relacionado a um símbolo, a tons das igrejas. É nelas que S. encontra a imagem de Deus, e se revolta contra essa imagem por se julgar prejudicado por ela. Solness confessa que desejou o incêndio da propriedade que matou seus filhos e destruiu a vida de Aline, sua esposa, cuja vocação era “construir almas de crianças fortes, nobres e belas, que se pudessem tornar almas de homens retos e elevados.” E sente-se culpado por esse desejo que, uma vez realizado, trar-lhe-ia a sorte, o sucesso, como efetivamente lhe trouxe. Revolta-se, então, contra Deus por ([haver concluído que]) lhe haver concedido a glória por ([em]) preço tão caro, impiamente para lhe “desprender de qualquer outro interesse... o amor e a felicidade, para passar a vida construindo-lhe igrejas,” uma vez que liberto de tudo isso, poderia tornar-se um verdadeiro mestre. E logo, em território de Hilda Wangel, a mesma Hilda Wangel de *A Dama do Mar* fere mais profundamente sua consciência com o repto contra Deus: “Ouve-me, Todo-Poderoso! Daqui por diante, quero ser senhor no meu domínio, como Tu és no Teu. Não te construirei mais igrejas: construirei somente habitações para os homens.” Mas de nada adiantou essa revolta; nada conseguiu construir com ela senão lares ([para]) onde os homens não encontravam a felicidade. E sua consciência ameaça aos poucos vir cobrar seu preço e, nem na pessoa de Hilda, justamente do lugar onde mais profundamente a ferira. Com sua chegada, consente entregar seu domínio à “mocidade” e espera “construir um edifício para nele instalar a felicidade humana.” Promete, aliado com Hilda, edificar essa obra e se imagina falando com Deus do alto da torre: “Ouve-me, Senhor Todo-Poderoso, e julga-me como Te aprouver. Mas daqui por diante só construirei uma cousa... a mais doce que há no mundo...E quero construí-la em companhia de uma princesa a quem amo. Agora, dir-lhe-ei ainda- eu a tomarei em meus braços e a cobrirei de beijos ...” No entanto, não poderia levar a efeito sua obra sem essa “princesa”, e ela ameaça partir, ([lutando entre com o direito]) debatendo-se entre viver ou renunciar à vida, “só porque em nosso caminho, há uma pessoa a quem conhecemos.” Assim, pois, Solness que temia a expiação, sofre pela última vez a “vertigem das alturas”.// Em *O Inimigo do Povo*, a luta pela pureza de consciência conduz o Dr. Stockmann ao sacrifício de seu ([tranquilidade]) conforto e segurança. Gegers, de *O Pato Selvagem*, por sua “febre de justiça

aguda,” sacrifica o fruto da união pecaminosa. Rosmer, na iminência de perder aquela que “não está sob o domínio de uma alucinação que mostra a vida de um modo falso”, sacrifica-se junto com ela. Solness, o construtor, desprovido de uma “consciência robusta”, expiou na morte essa deficiência.// Esse drama não encerra, naturalmente, só o conflito de Solness. Também a Senhora Solness, Kaia, Ragmar, o velho Kurt e Hilda, como personagens, mantêm os seus.// A introdução de Hilda nessa peça é um traço fundamentalmente característico do entrelaçamento dos dramas de Ibsen. É como se, por não havê-la apresentado totalmente em *A Dama do Mar*, quisesse reparar a falta cometida contra esse habitante. Ela toma o caráter de intrusa, também, começando a despertar os ciúmes de Aline. Mas seu destino é outro. E assemelha-se ao “estrangeiro” de *A Dama do Mar*, que veio procurar o “infel” que lhe prometera um reino. E aqui, dada a estrutura da trama, não volta só, como o estrangeiro voltou, por ser outra sua exigência, mas consegue despertar Solness, ou melhor, auxiliá-lo em seu desejo de reparação.// Out. 2 - James Joyce, que no dizer de seu biógrafo Herbert Guman, tinha em Ibsen um ídolo, ao fazer um estudo, aos dezoito anos de idade, do último drama do autor ([dinamarquês]) norueguês, *Quando Morremos Despertados* ou, na edição brasileira, *Quando Despertamos de entre os Mortos*, escreveu: “O interesse das obras de Ibsen não depende da ação ou dos sucessos. Nem mesmo ([dos]) os personagens, por perfeitamente delineados que estejam, são os mais importantes dessas obras. O drama desnudo - seja o conhecimento de uma grande verdade ou a descoberta de um grande problema ou conflito, que é quase sempre independente dos atores que nele intervêm e que foi e é de importância transcendental - assegura principalmente nossa atenção. Ibsen tomou vidas comuns, em sua intransigente verdade, como base de suas últimas obras. Abandonou o verso e nunca tratou de embelezar seu trabalho com os estilos convencionais e, mesmo quando seu tema dramático chega à culminância, não trata de ([acrescentar-lhe]) lhe juntar extravagâncias.”// Talvez, mesmo, para nenhum outro drama seu se apliquem melhor essas palavras do que para “Quando despertarmos de entre os mortos”, em que Ibsen abandona quase completamente a trama comum, por assim dizer, necessária, para que possa ser real e adota personagens unicamente simbólicos, para melhor expressar as idéias que pretende explorar. Com efeito, é o drama em que seus entes vivem mais em êxtase, envoltos por uma névoa que tem como origem a frustração de sua existência.// O que dá um cunho de realidade à história é a presença dos hóspedes, do inspetor de banhos, do criado Lars, mas só aparecem no 1º ato, e Lars passa a ser apenas uma roupa ou um móvel que se usa, para desaparecer completamente no terceiro ato. As outras figuras, são todas mais sombras do que substâncias, mais aspirações do que realizações, muito mais espírito do que carne. A começar pela Diaconisa, para ([sem]) concluir por Ulheim, que só aparece como um ser vulgar grosseiro porque tem algo para esconder, sob essa forma: a traição que recebera de quem havia “erguido o mais delicadamente e o mais alto que pôde”. // Em todos os dramas de Ibsen, creio que o supremo conflito é pôr de acordo a vida material com a vida espiritual. Uma sempre tem que ser destruída para que a outra subsista. E essa idéia é quase sempre posta em cena sob a forma do matrimônio. A intrusa apresenta essa significação. Em Rosmersholm, o aparecimento de Rebecca vem despertar ([lhe]) o espírito do Rosmer, nascendo o conflito com a “esposa real”, que, sentindo-se prejudicada, suicida-se. Ao perceber o fato e ao sentir-se na iminência de perder Rebecca, já que a coexistência é impossível, suicida-se também. O mesmo acontece com Solness e Hilda Wangel; e ainda o mesmo com Rubek e Irene, que representa a vida ideal, a glória, a realização de seus mais cuidados sonhos, cuja presença constante de Maga lhe impede. Talvez esse sentido dessa “conveniência a três” perseguida em algumas de suas obras, pois a verdadeira esposa sempre se interpõe, dificulta a sua existência mais completa. Rubek diz que “precisaria viver com uma criatura que... vamos dizer... se somasse a mim... me completasse... não fizesse mais do que um, comigo, em todos os atos de minha vida.” Mas sua esposa Maga “ não foi feita para as grandes ascensões” a que tencionava aventurar-se; ([tinha, como Alina de Solness, a “vocação de ter filhos, filhos verdadeiros, e não desses, que se conservam]) e assim escolhe “esse caminho que pode conduzir à morte”, como o conduz.// Em *Solness, o Construtor*, Hilda veio do lugar em que o construtor mais intimamente ferira sua consciência; aqui, no lugar onde encontrou a esposa material, tendo “meios para comprá-la e abrir-lhe acesso a todos os seus tesouros”, nesse mesmo lugar é que reencontrou a estrangeira, e admite que o motivo da viagem foi,

efetivamente “aquela senhora pálida”. Mas essa mesma senhora também tem uma sombra a acompanhá-la, a lhe dominar os passos - a diaconisa - e para fugirem de suas sombras só há o caminho de “viver a vida até o fundo, no esplendor luminoso dos cimos, onde poderão celebrar a festa nupcial!” < notas 11. ms3 “spleen” > Busco a origem e encontro, creio eu, numa notícia de jornal: a de um privilégio conseguido por um ex-amigo, justamente por quem estou nesta cidade, e concedido por um “amigo” que, para me salvar, mandou-me para cá.//Qualquer indivíduo de minha “raça”, apesar de toda a liberdade que gosta de manifestar, da temeridade e ousadia de que, continuamente lança mão, todo ele, quando pretende manter essa espessa e ao mesmo tempo esburacada cortina de falsa aparência, é o menos livre indivíduo que existe. Essa pretensa liberdade é apenas revolta; enquanto tem sorte em seus absurdos, chega a gostar de fazer alarde de sua “liberdade”, embora, ouça continuamente uma voz dizendo-lhe: “Idiota!” Quando for mal sucedido, quando caírem as paredes que, em vez de lhe darem sensação de prisão, dão-lhe de liberdade, quando isso acontecer, perceberá que foi sempre inconseqüente, incoerente, e continuará a ser incoerente, inconseqüente para não se contradizer... Pretende, mesmo, ser claro, puro, (isso mesmo, ele se considera muitas vezes puro...), e o mais razoável dos seres. Lutará sempre para afirmar a sua negação. E age com uma incoerência perfeita, pois não sendo assim, será aniquilado por si mesmo, recorrerá ao suicídio ou à loucura. Começará mentindo e enganando aos outros, para acabar ludibriando à sua própria e desesperada pessoa. Forja argumentos de uma beleza... a beleza de certos cálices de cristal, perfeitamente frágeis. E sua coleção de cálices é interminável: rouba, ganha-os de presente, fabrica-os com os cacos dos outros... É digno de lástima, mas não se tem pena dele; pelo contrário, julgam-no, com ou sem seus argumentos, com a lei aberta na frente dos olhos e o código penal agravando seu castigo justamente em razão direta desses argumentos em que, geralmente, não se pode deixar de admirar o brilho e lamentar o perigo...//Essa raça a que pertenço, e a que pertence esse amigo que favorece meu ex-amigo, que quando me prejudicou visava prejudicar, em conseqüência, a esse que agora lhe beneficia, não pode ser má. E não o pode porque tem o passado, e porque tem o passado, e porque não lhe convém ter inimigos. Quando, por exemplo, descobre a desonestidade nos outros, tem de fechar os olhos, sob pena de se destruir. Não pode provocar ninguém. Tem de fingir indiferença, bondade, uma segurança, um autodomínio quando lhe excitam a cólera, uma tolerância em face do procedimento alheio; deve possuir a compreensão em tão alto grau... que, quando dá por si, transformou-se num ídolo. Mas esse maravilhoso ídolo de luz está sempre à beira das trevas. E quase nunca está pronto para enxergar dentro dela.//Pobre raça sem pátria, sem bandeira; pobre raça de Proust! Estão sempre de acordo em levar a tua obra, e sempre de acordo em aniquilar a tua vida. // Out. , 12 - O meu verdadeiro livro precisaria ser escrito inteiro sob lágrimas.// Só compreendo a arte como uma cousa muito séria.// Out. , 21 - Por esses dias, tenho lido algumas biografias e estudos, de Nicolau II e de Stalin, e os depoimentos de intelectuais que deixaram o comunismo, inclusive Gide, para perceber como começou e em que foi parar a aventura russa. < Estou

12. ms3 editora * Com poucas variantes, é esse também o conteúdo das bibliotecas da Escola Preparatória e Academia Militar. Falo das bibliotecas comuns para distração dos alunos, porque a Escola de Porto Alegre tem uma coleção de obras, na grande biblioteca, considerada pedagógica, de muita importância. Essa livraria, com os vitrais coloridos das janelas e portas, os arabescos talhados em madeira que enfeitam suas colunas, sempre me fez admirá-la e respeitá-la com certo sentimento religioso. Também o bibliotecário, de tão velho, curvo e grisalho ([e respeitável]) imprime um respeito de enciclopedista. * Outro

13. ms3 Jacob > Out. , 25 - Nós nos perdemos nos misteriosos e atraentes caminhos do mar, no espaço infinito das estrelas.//A felicidade e a satisfação íntima, para nós, está condicionada ao absurdo, ao inatingível.// Nosso reino é num astro que ainda não foi descoberto. Ou num continente submerso.// Nós nos vestimos de nuvens ou de algas, quando estamos sós; e aparecemos em público como todos os demais.// Nossa vida é uma contradição constante. Vivemos sob o peso de uma constante vigília.// Seremos sempre os mesmos; em todos os lugares.// Julgamos que, para nós, viver tem um sentido mais amplo.// Porque nossa existência não se satisfaz dentro de nós próprios.// Porque temos confiança

em que não viveremos em vão.// A ilusão será sempre o nosso maior bem.< Por

14. ms3 infinitas> Out. , 28 - Tibiamente deixei que voltasse tudo. // Um por um aqueles mesmos sentimentos. A indiferença fingida com a presença; a angústia da ausência; a mágoa ante essa espécie de sorriso que despreza; as agulhadas de uma língua sem coragem para ser sincera; o temor da sinceridade que virá; o ciúme, o desejo, a febre, a insônia, o fastio ... o desconsolo. // Tudo evoluindo, se misturando, as intenções aparecendo ridiculamente claras sob a luz da paixão que se vai fazendo, aos poucos, descontrolada.// E novamente a sensação de que estou escavando o chão sob meus pés, para me soterrar. Um pássaro que, com seu próprio bico, arranca as penas das asas para limitar seu vôo, para aniquilar em si o valor dos espaços que se estendem azuis ante seus olhos. Sofrer mais uma vez a sua perda! //- Que nos resta a fazer, Enobardo?// - Desesperar e morrer.// Out. ,30 - Agora que se aproxima o verão é que faz frio e chove continuamente nesta cidade. Não posso sair de casa, ainda mais que estou resfriado e com tosse. Meu sistema nervoso abala-se facilmente, perco a calma, minha sensibilidade fica tão visível que pode ser facilmente percebida. Sinto saudades de todos, do passado inteiro; quisera servir todos e tudo, como se tratasse de fazer um testamento. Penso na morte, na fragilidade da vida, sinto desejos imensos de carícias, de sentir alguém preocupado e cuidadoso comigo... mas são desejos absurdos. Só me resta ler. E ainda bem que o que me resta é bastante. Mas segunda-feira, quando a doença estava bem mais forte, embora abrisse vários livros, não consegui me interessar por nada. Tomei, por exemplo, o poema em prosa de Rilke e as palavras não se ligavam entre si: eram palavras, simplesmente, não me inspirando sentimento algum. Então fechei o livro e, no escuro procurei por várias horas o sono. Em vão. Pensamentos e mais pensamentos rodaram por dentro de mim, todos ou quase todos ligados “ao desdém do mundo , às angústias do amor desprezado”./ / Hoje, apesar de tudo, estou mais calmo, por uma razão tão simples como ridícula. Assim, vou iniciar a leitura de *Libertad*, de Shopenhauer, depois de haver concluído *O Crepúsculo dos Ídolos*, onde Nietzsche pergunta: < “Será

15. ms3 dele? > (Como se possível fazer-se algo sem ler o autor.)// Ninguém se interessou por meu estudo, no que, aliás, andaram muito acertadamente. Mas o caso é que isso me desconcertou, me aniquilou, me deixou a impressão de que nada do que fiz até hoje tenha valido a pena. De que ninguém até hoje escreveu nada conscientemente; e que ninguém vê valor ou seriedade em nada.// Mas poucas horas antes de regressar, assisti a um espetáculo tão maravilhoso que me restabeleceu prontamente: entrei no Municipal e vi Villa-Lobos ensaiando com o coro do Conservatório o seu “Descobrimiento do Brasil!” Que cousa bela e grandiosa! Enquanto lá fora ninguém acredita em nada ali dentro estava ele, sentado em frente à orquestra e o coro, conduzindo e dando sentido a todos aqueles sons, àquelas vozes que concretizavam sua intenção. Esse mesmo Vila-Lobos que diz: “Não sei por que ainda volto ao Brasil, onde ninguém gosta de mim, ninguém me compreende.”// Nov. ,25 - Um capitão do Exército, servindo em Juiz de Fora, recebe mensal e teoricamente 6.480,00 cruzeiros. Hoje, depois de receber o que efetivamente se recebe, isto é, depois de sofrer todos os descontos a que estou sujeito, e uma vez saldados todos os compromissos, sobrou pouco mais de uma insignificância, isto é, cerca de 400,00 cruzeiros. Isso é o suficiente para me deixar irritado por vários dias. Irritado principalmente contra eu mesmo. < Nova

16. ms3 cinema> Dez. 1º - De uma carta a minha irmã Cora: “Usaste as ondas do mar como imagem de tua felicidade vaga e fugidia; eu as uso como símbolo de minha inquietação e inconstância. O meu maior mal é que deixei crescer demais o meu sonho e já não o posso dominar. Meu sonho de valor , de glória, de inteligência supera todos meus valores reais, é muito maior do que eu. Tenho dentro de mim um tão imenso mundo de irrealidades que me conduz sempre à insatisfação.” // Dez. , 2 - O processo é o seguinte: Primeiro mostrar-se simpático, tolerante, compreensivo, a fim de conquistar-se a estima, a confiança, a amizade. (Isto quanto mais geral melhor, para que o clima seja o mais propício possível.) // Depois, insinuar por gestos e palavras veladas algum sentimento obscuro. Aqui toda a cautela é pouca. Quanto mais particular, melhor, pois surgem sentimentos no campo adversário que, conforme a inteligência com que se lida, podem significar curiosidade ou identidade. De início, a não ser que haja uma identidade rapidamente descoberta, as respostas não devem ser levadas integralmente em

conta, porque o assentimento é mais por cortesia, respeito ou incompreensão. O perigo dessa fase é extremo. Por ele, poderemos nos comprometer irremediavelmente, pois é grande a atração que exerce. Também, quando o sentimento ultrapassa o cálculo, raramente deixamos de perder.// O terceiro ponto é a confissão mais ou menos direta, envolta sempre em ações opostas, que devem lançar a dúvida da intenção. Quando o adversário julga que o lance final será dado, prorrogamo-lo. Aí, como é evidente, o cálculo deve exceder o sentimento. E excede facilmente porque temos as reações que advirão.// Até esse ponto, se o processo não deu resultado - e isso é fácil de se perceber: basta um certo sorriso ou uma palavra vulgar (e as palavras vulgares exprimem sempre sentimentos vulgares: só as pessoas de alguma elevação espiritual conseguem purificar nas expressões os seus sentimentos mais íntimos) - não dando, pois, resultado, o processo sofre uma completa revolução. Nasce o sentimento de perda, de prejuízo. A dolorosa sensação de fracasso.// Aqui o perigo iminente: a cárie atingiu o nervo, que fica exposto. O sentimento de vingança avoluma-se; somos tentados a ferir quem nos ofendeu (assim o julgamos). Percebemos a ironia, o desprezo, e queremos retribuir. Mas a nossa é muito mais ironia artificial, intelectual, de grande efeito; ironia que provoca uma reação, a qual chegamos a desejar, num ímpeto de autoflagelação. E o desprezo é completamente vão e hipócrita. Mais uma vez somos contraditórios: a cada ironia nossa, um arrependimento; a cada arrependimento, um gesto do carinho.// Então, tudo está praticamente comprometido. Nada mais depende de nós. Ao adversário, cabe dar a solução para tudo. Ele decidirá nosso futuro, passamos a ser marionetes, bonecos de engonços e ridículos.// Por fim, o desejo de fuga, para recomeçarmos mais uma vez o mesmo processo...// Dez. ,3 - "A natureza do homem é de temer e, por isso, detestar quem quer que possa prejudicá-lo, mesmo quando possa fazê-lo com justiça." Vittorio Alfieri (A Tirania) // Dez. ,4 - E será sempre assim: triste, doente, insatisfeito.// Será sempre assim? // Dez. , 11 - Trinta anos!// E o coração vazio.// E as mãos vazias.< Reflexão

17. ms3 Gide > Algumas experiências interessantes, decepções, alegrias e tudo o mais que caracteriza um mês de férias.// Um dia integralmente desagradável: 5 de janeiro. Por quatro situações a que me sujeitei voluntariamente: um embarque no aeroporto de Porto Alegre, um virtual e absurdo acordo de matrimônio, a passagem por um bar da cidade (Estrela) e, por fim, a entrada em um território militar. // Às 7 ainda persistiam as sensações desagradáveis desse dia, o que me levou a escrever em uma folha de papel isso, que neste momento não me atinge da mesma forma: "É a alma que se desagrega. A vontade de regressar, sem saber para onde." // De um modo geral, Porto Alegre me decepcionou. Creio que não mais poderei residir aí. Cheguei mesmo a sentir falta do apartamento daqui, da camaradagem dos colegas, da eletrola, dos meus livros. E quando sou forçado a concluir, agora, que talvez já seja tempo de me ir para outras terras, sinto-me triste. Mas é necessário e aconselhável, antes que seja inevitável.< É

18. ms3 confrontos > Fev. , 2 - De um momento para o outro renasceu tudo. Voltara com a impressão de cura; mas foi tão somente um afrouxamento de tensão interior nascida, talvez, do mês diferente de dissipação e absurdos. // Como é estranho! Começou com uma discussão em que ficou patenteada sua falta de educação. Então, passei um dia inteiro sem encará-la. Procurou-me sem cessar. Não resisti, mesmo porque seria contra indicado, dada a conveniência e necessidade de tolerância. // And now, in this moment, I am jealous because he is in the telephone talking with a girl we don't know. I was listening the radio, but I couldn't stay there. I turned off and here I am with my shadow, my books and my problem, that receives not an answer. // How stupid I am! // Fev. ,3 - Mon amour s'en va t'en guerre...C'est a dire, il prend son chemin. Aujourd'hui je fis de la provocation, née d'une simple question du métier. Je vis que, pour ne troubler pas ses intèêts particuliers, il ne desire pas aller a un exercise militaire. Après une courte discussion, dans laquelle j'ai intenté de prouver qu'il met son intérêt au dessus de toute autre chose, il s'en fuit avec un sourise sans couleur.//Depuis, chose étrange, grand je fis descendu, fut il le premier à me chercher. Celà est bon. S'il fut ainsi que moi, tout était perdu. Mais je sais aussi que auisi faisant il m'insiste à l'offenser. Je me comprend: j'espere une réation de lui.// Maintenant je sais quell fut l'orine, le motif de mes paroles acertes: il n'ira pas à l'exercise, parce qu'il s'eu va t'en vacance. Je ne désir absolument rester sent.// Comme tout celà c'est ridicule. Néan moins

c'est sincère. Ah! c'est la tempête qui recommence. Il sait tout, il comprend tout et il sount. Pas d' autre chose. Il se moque de moi.// Fev. ,4 - Tenho aproveitado certa tendência à vida sedentária para ler. Aliás, tem sido uma reclusão mais ou menos forçada: faço um tratamento que impede de beber. Mas não me impede de sair. No entanto, não tenho sentido a mínima disposição para isso. Domingo à noite, fui a uma festa e, impossibilitado de beber, achei tudo perfeitamente estúpido e concluí que, sem álcool, não toleraria a sociedade. Se eu pudesse evitar esse expediente, seria ótimo para meu espírito, creio. Hoje, dez dias de abstinência, provei um copo de cerveja e foi com dificuldade que cheguei ao fim. Mas se eu deixasse de beber deixaria de ser o Harry Laus conhecido nos meios militares; sou forçado a confessar que é a bebida que me dá mais segurança na camaradagem do meio em que existe uma pessoa interessante para companhia. Tenho notado que em estado mais ou menos de embriaguês, minha euforia latente se espraia, torno-me em centro de interesse, domino a conversa, adquire espírito e a “popularidade fácil” de que me falou um amigo autêntico. Mas quando a embriaguês se adianta, me revelo estupidamente, a guarda policial toda se deita para dormir e sai o mal pelo portão, sem ninguém que o impeça. Nos dias subsequentes, tenho que agir de tal maneira, com tal segurança, que faça fraquejar a possível certeza adquirida pelo confidente, substituindo-a pela dúvida.// No domingo, disse a um colega que a vida sem álcool tem só duas dimensões, e pensei para mim que ele era bem mais feliz do que eu, pois não precisava desse artifício para sentir-se à vontade “Felizmente existe o álcool na vida. E nos três dias de Carnaval, éter de lança-perfume.” < Estive

19.ms3 própria> Fev. ,24- O caso dos cinco mil cruzeiros foi realmente atordoante.//Passou-se no mês de março de 1952 , em Porto Alegre e originou-se no fato da obrigatoriedade de minha transferência para essa cidade.// Refiro-me ao negócio da transferência do apartamento para um teuto cujo nome, no momento, não recordo, se bem que não deveria esquecê-lo. // Passamos a primeira quinzena desse mês anunciando a passagem do apartamento 42, com móveis, para quem ficasse com eles por quinze mil cruzeiros. Ao mesmo tempo, procurávamos casa ou pensão em que ficassem os outros irmãos.// De repente, pareceu que a sorte havia chegado: um casal ([de]) recém-casado([s]) , em conversa com amigos comuns, soube do negócio, interessou-se, veio ver o apartamento e achou-o “um amor”. Isso num sábado, não sei se 8 ou 15 de março. Tal acontecimento fez com que suspendêssemos todas as possíveis negociações que surgiram no domingo seguinte. Dada a necessidade que eu tinha de embarcar, com R. , conforme decidira, tratei de providenciar as passagens de trem, e ficou tudo marcado para 24, segunda-feira. Entrementes, na semana de 9 a 15, consegui um quarto em casa de família na Avenida Independência, para instalar os que ficavam, e foi feita a mudança. Também se tratou da ([mudança]) substituição de responsável pela iluminação do apartamento, tendo passado para o Germano a partir de 24, quando tudo seria dele. Deu-me, como “sinal”, a importância de cinco mil cruzeiros, comprometendo-se a entregar o resto antes de vir embora.// Nesse meio tempo, a 17, fiz minha despedida da Escola, com um discurso que me valeu a reputação de “inteligente e culto”.// Tudo ia admiravelmente bem quando, na véspera do embarque, domingo 23, desfez-se tudo rapidamente, instantaneamente, cedendo lugar ao pânico , ao caos, ao medo! // Chegou o Sr. Germano de tarde, seriam 14:30 horas. Vinha para entregar o resto do dinheiro e receber as chaves. Mas, chocou-se ao ver que o “seu lar” não ficara “um amor”, depois da mudança. Apesar de havermos especificado: isso vai, isso fica, ele não imaginara o que realmente ficaria, e lá por dentro julgou que o que ficou não valia o dinheiro pedido. Então, foram duas horas, cento e vinte minutos em que arranjou duzentos e quarenta argumentos de desânimo que rechacei com quatrocentos e oitenta outros de bom-senso. Pois sua arenga era perfeitamente absurda. Sabendo que eu embarcaria dali a algumas horas, quis explorar-me. Ultimou propostas inferiores que fiz não entender. Sua mesquinhez foi-me irritando progressivamente. Punha defeitos em tudo, exprimia a máxima imbecilidade em todas as razões e todos os gestos. Ele de um lado da mesa, eu do outro, sentados, um cruzeiro à minha frente que se encheu aos poucos. Fiz questão de destruir-lhe toda a argumentação. Quando falou que o proprietário exigiria pintura na casa e que lhe sairia caro, fiz R. telefonar ao Dr. que sacrificou seu descanso do domingo para vir até ele e negar, para depois ,em particular, dizer-me : “Este homem é louco!” Mas se não tinha lógica em palavras, firmou a idéia de desistir do negócio. E não tinha coragem de dizer isso. Quis forçar-lhe essas palavras,

reiniciamos várias vezes o debate, exasperei-me ante essa ridícula situação, cansei-me dela. Tive nojo dele. E pena. Desprezei-o tanto que vislumbrei a possibilidade de humilhá-lo. Dei-lhe a oportunidade que não teve a coragem de montar: - Então, só há uma solução: desfazer o negócio.// Ainda assim, não teve ousadia de anuir. Ficou calado, as mãos de unhas pintadas sobre a mesa, o olhar cinzento e caído dos jumentos do Nordeste - e a mesma obstinação.// Compreendo, então, certificando-me de que o que prendia àquela cadeira eram os cinco mil cruzeiros que adiantara; levantei-me, fui ao quarto ([cuja]) onde a mala já estava pronta para a viagem, e voltei com os 5.000 e lhe pus nas mãos. Então acordou-se. Teve a inocência de perguntar se eu não queria que indenizasse alguma cousa. E antes de retirar-se, estendeu-me a mão e disse: “Não me leve a mal”. Não lhe estendi a mão e respondi: - Não posso, absolutamente, julgá-lo bem. // Fechada a porta, C.R. e Ir. estavam petrificados. Tudo voltava à origem. Aquele dinheiro era indispensável a que R. enfrentasse algum tempo de desemprego no Rio. Depois de alguns minutos de comentário em casa, tratei de ser razoável, anulei as passagens na Viação Férrea, e ficamos novamente sem saber nada. Como viajaríamos? Quando? O apartamento nosso e não nosso. // Dentro de dois ou três dias passamos a viver no escuro. O miserável mandara cortar a luz. // Ruth foi morar com uma amiga. Eu passei a usar vela no apartamento que montáramos com todo o carinho para a felicidade dos irmãos. Dessa vez, o desastre tinha até velório. E esperávamos o domingo, pois era o dia em que talvez o novo anúncio desse resultado. Mas a semana toda, de 24 a 29 foi de plantão, em que nos revezávamos na espera de possíveis fregueses. Nessa situação, as despesas triplicaram: pagava-se o aluguel do apartamento, o da pensão e minhas refeições. Chegado o domingo, apareceram três casais de fregueses com três motivos de desagrado. O último saiu iluminado por vela. Era a última oportunidade que fugia. Resolvi não reagir mais, pois percebi que toda a resistência seria inútil. Quando a cousa chega a este ponto, me disse um amigo, a única solução é relaxar os músculos. Acreditei, aceitei. Não houve uma pessoa que compreendesse minha atitude, devolvendo o dinheiro. Por fim, nem eu mesmo me justificava e passei a concordar, compreendendo as reticências alheias, que eu era um “trouxa”.// Recorri, então, à única solução possível: retornou a mudança, reinstalou-se a luz, e, completando o absurdo, comprei duas passagens de avião para o dia 5, sábado, disposto a concluir o caso. R. não reagiu a nada. Estava cansada, triste, sem compreender nada mais, aceitando tudo. Viajando por trem, viríamos por conta do Ministério, mas era intolerável a idéia de cinco dias remoendo os fatos dentro do balanço da via-férrea. < No

20. ms3 rosas > Noite de 1º - Cheguei à conclusão de que nada mais sei de História. Por isso tenho lido uma série de livros a respeito. O fato é que, desde a Escola Preparatória, nada mais lera ou estudara sobre isso, a não ser *Histoire de France*, por Jacques Bauville, que pretendo reler.// Ao mesmo tempo que faço esse estudo, comparo a maneira como os diversos autores apresentam o assunto. Firmin Roz, por exemplo, em sua *História dos Estados Unidos*, é mais didático que outra cousa; chega a detalhes de combates e batalhas que poderíamos desconhecer. Até à metade do livro que é onde me encontro, tem-se atido quase exclusivamente à parte política, descuidando fatos de ordem social e cultural que muito me interessariam. Não tem essa capacidade de síntese de André Maurois, em *História da Inglaterra*; ou talvez não tivesse necessidade de empregá-la, uma vez que a história americana é mais breve. De qualquer forma, ressalta a superioridade de André Maurois pela maneira inteligente como dispõe os assuntos, como apresenta, a par do movimento político, considerações de ordem religiosa, social e cultural. Sua apreciação de Shakespeare (livro IV, capítulo XI, item V), “que fez viver um mundo”, é um recho de antologia. Mas, de leitura muito mais atraente me foi *Os Alemães*, de Emil Ludwig. Sua maneira de fazer estudo de história através da biografia prende mais a atenção pelo que tem de ação pessoal, algo como ficção. E, também, por se tratar de fixar personalidades, situando-as entre a terra e o povo de sua época, temos com esse livro uma visão dos valores individuais, em arte como em religião ou política; e vemos o caráter do povo alemão expresso claramente ante nossos olhos. Ludwig, talvez pelo processo que escolheu, revela maior capacidade de penetração do homem e seus problemas; tem mais possibilidade de fazer psicologia, o que me agrada bastante. Diz, por exemplo, a propósito não sei de que personagem histórico: < “Só

21. ms3 triunfos” > Com essa disposição para o gênero de livros em questão, cometi um absurdo,

dadas minhas condições financeiras: encomendei, da Editora Jackson, uma obra de bastante preço : *História Del Mundo*, e isso sem conhecê-la, sem saber de seu valor.// Março, 2 - Se eu tivesse escrito todos os livros que já planejei, teria talvez uns cinco ou seis romances. Vejamos: como cadete imaginei um com uma trama complicadíssima, cuja ação se passava em Porto Alegre, São Paulo e Rio. Seria resolvido todo em forma de cartas e passava-se no tempo em que havia a censura de correspondência: o censor interessava-se pela primeira carta e depois, acompanhando o desenrolar do drama, cometia o crime de abrir a correspondência mútua; chegou a procurar resolver a situação difícil criada, foi denunciado , etc , etc. Também na Escola, resolvi publicar minha autobiografia sob o título de *O Ideal de um Jovem Mediocre*, em que eu daria um cunho pessoal com nomes supostos; foi o livro que perdi. Em Natal continuei essa autobiografia e iniciei um romance: *O Segundo*, cuja ação se desenvolvia em Rezende. Mas ficou inacabado e perdeu-se com o outro. Era de uma técnica muito adiantada, e eu não estava preparado para tal. Lembro-me de que havia uma criatura mais ou menos assexuada que eu não sabia como apresentá-la a fim de livrá-la do absurdo ou ridículo. Depois, lendo *Orlando*, Virgínia Woolf, cheguei à conclusão de que esse personagem não aprovaria. Nesse mesmo tempo, eu continuava o artesanato com o conto. Desde a Escola, eu o escrevia mas nunca me satisfazia inteiramente. De regresso de Natal, no entanto, muitas idéias surgiram e realizei alguns, que reuni em um volume sob o título de *Os Incoerentes*, nome que dei ao último escrito. Foi quando fiz uma tentativa de publicação que não deu certo por falta de verba.// Depois, veio-me a idéia de recompor meu drama de Natal, escrevendo um romance do qual cheguei a iniciar o plano. Essa idéia caiu pelo que possuía de muito pessoal, o que criaria uma situação difícil para mim. Substituí, então, o projeto por outro: *Biografia de Olice*. Seria novamente um trabalho autobiográfico, algo como *A Vida do Artista quando Jovem*. Esse mesmo plano tomou mais tarde o nome de *Dirceu Menino do Rosário*, tomado de um soldado do 18º Regimento de Infantaria , em Porto Alegre. Não cheguei a conhecer o soldado, mas esse nome me pareceu tão lírico que me impressionou fundamentalmente . Mas o plano foi-se transformando sensivelmente e dentro em pouco estava completamente desfigurado. Seria um romance, fiz planos, escrevi o primeiro capítulo, e, por fim, morreu. // Mais tarde, tive a idéia de escrever um outro romance que tratava de quatro personagens que, pouco a pouco, iriam se transformando em um só. Reconhecer-se-iam uns nos outros e a identidade chegaria ao ponto de se unirem numa só pessoa; apesar das atividades diversas que exerciam, essa identidade ia evoluindo porque a todos unia um único e grande problema. Ainda hoje me atrai esse tema.// Por fim, veio o desejo de reconstruir em ficção o meu primeiro amor. Seria mais uma vez autobiográfico. Cheguei a escrever dois capítulos e, talvez um dia, seja escrito. Teria por título: *O Espelho*. O espelho foi sempre um símbolo de que gostei. É próprio para tantas imagens, e tão belas que me atrai sensivelmente. Em Rilke encontram-se algumas de grande beleza.//Mas atualmente o que me domina é o desejo de publicar este diário, ainda que não integralmente. Se eu tivesse uma máquina, já teria iniciado o trabalho de seleção e datilografia. Ainda que de nada servisse, dar-me-ia um pouco de ilusão, sentimento de realização e conforto moral.< Hoje

22. ms3 tempestade> Pela primeira vez, minha situação financeira não me abate. Talvez seja porque nada bebo desde o Carnaval o que, por certo, traz o apaziguamento dos nervos. Também, no quartel, tenho estado ocupado todos os dias. O tédio é que mais influi sobre meu estado de espírito. // Mas no meio dessa calma, um sintoma desagradável compareceu à minha pessoa: a presença indesejável de um colega cujo caráter é da pior espécie, que só não é perigoso por suas intrigas e maledicências porque em tanto fazê-las e concebê-las já caiu em descrédito; a presença desse companheiro de caserna, sua maneira de falar, criticando tudo e a todos, o olhar cínico e as meias palavras repletas de maldade, e, talvez acima de tudo, o temor de que me intrigue e me envolva, todas essas cousas me irritaram tanto que tive de me retirar para não me trair. // Março, 6 - Sempre tenho notado como o elemento civil desconhece, interpreta mal e comenta o meio militar. // Para muitos, por exemplo, era opinião definitivamente firmada de que o prestígio do Gen. Góis Monteiro dentro do Exército fosse imenso. Atualmente, esse conceito está decaindo, pois, quanto a essa figura de crônica jornalística, nada é mais comentado sobre ela, dentro da classe, do que sua propensão para a bebida. Existe uma fivela de cinto que se chama "Góis Monteiro", porque serve de abridor de garrafas.// Tenho tido sem-

pre dificuldades em convencer a meus interlocutores de que a política é o assunto de menor frequência nas freqüentes conversas entre militares. Há desconhecimento completo da matéria e desinteresse. Considero isso um erro. Mas, em todas as regiões em que tenho servido, os temas de palestra são quase invariavelmente, os seguintes: prazeres sexuais, anedotas da vida militar, futebol e uma tentativa mais ou menos benigna de desprestígio dos superiores, iguais e inferiores hierárquicos. É possível que a política impressione os oficiais superiores e os generais, mas nas relações quase sempre estreitas que os primeiros mantêm conosco, ela quase nunca aparece. Talvez por força desse indiferentismo, alguns se percam pela esquerda ou pela direita, no mais das vezes, levados não pela consciência mas por falta de esclarecimento. O militar, pelo menos durante todo o tempo que antecede o curso de Estado Maior, só pode ser político como autodidata, pois do meio não receberá impulso algum nesse sentido. Muitas vezes se observa o descontentamento, quando há desorganização evidente. Nesse caso, os oficiais, reunidos ao acaso, comentam acaloradamente a situação, procuram e indicam os responsáveis. Se o Responsável aparecer na sala, farão a continência e cumprirão todas as ordens que receberem. Se não aparecer, discute-se e quando der o “toque de ordem” todos mudam de uniforme e vão para as suas casas com a perfeita noção do dever cumprido. Comentam fatos dessa natureza com o mesmo calor que numa partida de futebol, e com o mesmo objetivo: passar o tempo. // Todos os civis menosprezam a capacidade intelectual dos oficiais. O oficial não é um intelectual, na acepção civil da palavra; mas é um ser inteligente, quase sempre, que procura, da melhor forma possível, adaptar-se à contradição de sua formação < Como

23. ms3 primárias > É, no mais das vezes, um espírito grandemente dotado de capacidade de organização. Não é um espírito especulativo nem arejado: é um “homem de princípios”. Há muito menos arbitrários do que se pensa, mas sujeitam-se facilmente à arbitrariedade dos chefes, pelos menos até o ponto em que isso não fira sua integridade física e funcional. // Para grande parte dos civis, o oficial é um prepotente. Olha-o na rua com certo respeito (ou curiosidade?), como se estivesse esperando sempre uma explosão de cólera que justificasse a idéia que faz dele. Realmente, de vez em quando, um resolve desrespeitar ordens da polícia e do tráfego: no quartel jamais faria isso. Esses constituem uma minoria ridícula. No geral, e dentro da caserna, os oficiais são de um bom humor que surpreenderia aqueles que os vêem tesos e imponentes na rua. Conservam o espírito jovial e alegre, estão sempre dispostos a uma brincadeira que lhes recorde o tempo de cadete. Daí nasce a bondade com que tratam o soldado. Esse ponto também os civis não admitem. Julgam que o oficial, que todo oficial maltrata os subordinados. Pode ter sido assim; hoje não o é mais. O Exército também evoluiu. Encontrei apenas dois que maltrataram fisicamente ao homem: ambos eram esquisofrênicos e imbecis. Biliosos ou ulcerosos do estômago, que ofendam com palavras o soldado, que o ofendam sistematicamente, não encontrei uma dúzia. A literatura e legenda russa ou germânica deve ser, em parte, responsável por essa conclusão a que chegam os civis, pois os militares que assim procedem no Exército, são alvos de comentários desabonadores dos demais colegas. // O cinema americano até hoje, muito inteligentemente, aliás, concede um valor extremo ao sargento. Em geral, é esse o conceito que faz o povo desse elemento. Creio ser o ponto onde mais o civil é induzido ao erro. Didiu-se e propala-se que o sargento faz tudo e que o oficial não faz nada. O sargento é um prestimoso auxiliar. Nada mais. Aferra-se a normas e às letras dos regulamentos que lhe dizem respeito e raramente vai além. Como burocratas, conhecem perfeitamente suas funções mas são incapazes de introduzir melhoramentos e reagem passivamente a reformas que os afastem da rotina. Acontece, às vezes, que um oficial designado para certo cargo burocrata desconheça-o completamente. (A Escola Militar não prepara o homem para funções dessa natureza, embora todos tenham que passar ao menos uma vez por elas.) Então o sargento orienta-o. Mas algumas semanas depois o oficial já ultrapassou o auxiliar na interpretação dos mais diferentes despachos, e o que sempre me causou surpresa, o sargento busca orientação com esse mesmo oficial a quem orientou de início. E isso se passa com a maior naturalidade, sem suscetibilidades feridas. Compreende-se facilmente: o nosso sargento, infelizmente, poucas vezes recebeu uma instrução superior, ou mesmo secundária. Não desconheço que existem oficiais que “comem pelas mãos do sargento”, como se diz. Mas constituem outra minoria sem respeito próprio, como em todas as classes.

Provocar o pânico nessa alma simples é, por exemplo, dar-lhe um ofício e dizer: - Responde isso. - Sem a minuta preparada ele procurará um modelo anterior que trate de assunto semelhante. Certas perguntas que nos fazem sobre a maneira de se adaptar ou adotar nova orientação no trabalho, ou escrever um novo livro, revelam completa incapacidade de inovação e um raciocínio primário. // Como monitores, na instrução, revelam-se ótimos no que diz respeito à parte de trabalho mecânico. Também manifestam especial predileção em guardar de memória os nomes das mais obscuras peças do armamento, como que para assombrarem o recruta com tantas palavras difíceis e plenamente desconhecidas e adquirirem, com isso, o respeito dos subordinados. Mais, no que se refere a fazer uma exposição demorada sobre um assunto banal de instrução, revelam-se misteriosamente, processo didáticos de há muito condenados. Não poucas vezes, recorrem a uma falsa cólera, que se exprimisse por berros e promessas de castigo, a fim de ativarem o interesse pelo que pretendem ensinar. Ou então, à repetição inoperante do exercício até cansar o homem. Também há oficiais que usam desse expediente. Tanto um caso como no outro a falsa cólera significa incompetência.// Mas, a par de tudo isso, o sargento é indispensável. Leal, amigo, está sempre pronto a cumprir todas as ordens e atender todos os pedidos. É o homem que faz mais continências dentro do quartel e na rua. Tem um respeito a toda prova pelo oficial, principalmente os mais velhos e completamente dominados pela rotina dolente das casernas. Quando verifico seu completo conformismo com o ambiente e total alheamento da revolta, chego a me espantar. Em geral tem família numerosa, uma situação financeira pouco invejável, a possibilidade muito longínqua de uma promoção. Neles, a rotina e a confiança nos vencimentos do fim do mês, dominaram completamente toda a ambição de uma vida melhor. // Março, 8 - Perguntaram-me uma vez se pretendia casar-me. // - É claro. Não sei quando, mas virá naturalmente, como a morte. // Ontem, quando ia para a rua Halfeld, surgiu-me na lembrança essa frase, sem razão alguma aparente. Então pensei sobre ela: - O que há de certo no que falei? Que semelhanças existem entre casamento e morte? O casamento não é inevitável; mas, um tanto como quem não morresse e continuasse vendo a sucessão de gerações estranhas a si, o solteiro vai-se sentindo deslocado, ridículo e procura a solidão, troca o convívio das pessoas pelo das ciências e da arte. Como à morte, muitas vezes desejamos e tememos essa união: a uma porque separa à outra porque liga para sempre. < O

24. ms3 Deus> O tenente E.M., estudante da Faculdade Católica de Filosofia, curso de História e Geografia, veio muito desconsolado contar-me que dava uma aula, ou melhor, uma instrução de Geografia: Estados e Capitais do Brasil. Mas foi-se entusiasmando e, quando deu por si, falava em “despertar do sentimento nativista brasileiro.” Então resolveu fazer uma pequena sondagem naqueles espíritos que seguiam todas as suas palavras com tanta atenção. Voltando à Geografia perguntou para um qual o maior: Rio Grande do Sul ou Brasil? (com mapa aberto na frente).// - “São igual”, respondeu o menino. <Nossa

IV

1.ms4 Militar * de paredes de mármore e armamento moderno, espera-se encontrar, pelo menos, um pelotão completo para assumir o comando e transmitir ao soldado um pouco do que se aprendeu. Em vez disso, encontra-se uma companhia inteira, sem sargentos (porque um é do rancho, outro furriel, outro à disposição da tesouraria, aquele emprestado à casa das Ordens por ser bom datilógrafo) e com alguns cabos que mal sabem dar ordem-unida. Que sabe um aspirante de comando de companhia? E um segundo tenente de fiscalização administrativa, se a Escola Militar não prepara para isto? Poucos capitães estão em condições de desempenhar, a contento, essa atribuição de grande responsabilidade. Só em 1957, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais se apercebeu da necessidade de ministrar o assunto a seus alunos, e o fez de modo por demais sucinto. Em consequência, o desvirtuamento de tudo. A desilusão do jovem aspirante, os desajustamentos, muitas vezes sua rendição ao sargento, o elemento essencial da rotina burocrática de todos os quartéis. Para o desempenho das funções milita-

res, muitas delas especializadas e técnicas, acaba-se por contar apenas com o espírito de mineração, a formação pessoal, tudo empírico, aliado à inteligência e ao valor individual. * Lembrei
2.ms4 rio * \, nas duas primeiras quadras da Frei Mariano e nas transversais: 13 de Junho e Delamare. Aí está o comércio de toda a espécie, bem sortido com artigos de São Paulo e Rio e também redes tipo Nordeste: “Fiado 5 letras que choram ...” Indicativo de um loteamento: “Mauá – Méier”. Apenas os trechos das ruas do comércio são calçadas. Uma poeira esbranquecida levanta-se por todo o resto da cidade, como em Tijuca, Santa Catarina. Mas há uma beleza latente nas ruas de Corumbá. Os flamboyants. Quilômetros e quilômetros dessas árvores, acompanhando as casas. Quando florirem não de aniquilar o colorido vivo e variado das fachadas. “De noite, a iluminação à luz fria da praça Independência, com parque infantil e coreto (haverá retretas?), e da Av. General Rondon, enfeitada com palmeiras reais, é fraca e insuficiente – mas moderna. (A ânsia de modernizar as cidades sempre acaba por destruir suas características mais típicas. É a rua Chile na Bahia, com edifícios modernos, um edifício enorme em Belém – não chegando a ser tão absurdo quanto o daqui por existirem semelhantes por perto; é o hotel Ouro Preto). De resto, as demais ruas de Corumbá também são escuras porque a luz não atravessa os flamboyants. * \ As

3.ms4 Corumbá > Ladário é menor município de Mato Grosso, separado de Corumbá por questões políticas. A sede do município, abrangendo quase o total da superfície, é uma vila que se mantém com os numerários que a Marinha aí despeja todos os meses, do pessoal que serve na Base Fluvial de Ladário. // A base que vi ontem, ao correr de jeep em direção ao rio Paraguai, para uma pescaria, tem uma bela vila de oficiais, pavilhões de alojamento, comando, hospital, uma piscina, o único dique seco dos rios Paraguai e Paraná e é também sede do Distrito Naval. // Mas ([hoje]) o que quero descrever é uma pequena pescaria de que fui observador. Tomaram parte ([nela]) o tenente dentista do Batalhão e o Comandante Palhano, da Marinha, com sua lancha motor. // Muita coisa para observar, desde o contraste absoluto das margens até à paisagem humana. < A

4.ms4 Corumbá \ * O Resumo Histórico de 17 ° BC dá conta de que esta unidade foi criada em 1919 com a designação inicial de 61 BC, transformada em dezembro do mesmo ano para o atual. Data de organização: 19 de agosto. // No período agitado por revoluções internas, o batalhão está quase sempre presente. Já em 1924, sai para Campo Grande e Três Lagoas, em 1925, retorna a esses lugares, em maio, e novamente em 1926. Sobre a Revolução de 30, nada consta, mas em 1932 eis o batalhão empenhado a partir de agosto, no Destacamento Nery da Fonseca. São travados combates na Serra de São Roque, nos arredores de Porto Murtinho, outra vez na Serra de São Roque e, a 21 de outubro, regressa a unidade que, no dizer do comandante do Destacamento, “constitui-se em formidável baluarte.” // Depois dessa data, o batalhão não mais saiu do quartel senão para manobras e exercícios. O histórico passa a registrar visitas de Presidentes da República, de Comandantes de Região, de representantes do exército boliviano. Visita a destacar: a do General Rondon, inspetor geral das fronteiras do Brasil, a 14 de julho de 1930. // Página lacônica: “ 27 de março de 1925. * \ O

5.ms4 vítima > Uma revolta contra o comandante dá sempre em que pensar. Por quê? – Quais as conseqüências? // Procurei o sargento mais antigo do batalhão, praça de 1935. Pouco sabe. // - Parece que foi por atraso de pagamento. // Era criança, esteve em frente ao quartel à procura do irmão que servia como cabo ([e]) motorista do comando. // - Vim trazer chá para ele. Estava preso porque não quis aderir. // De repente, quando ia desistir de interrogá-lo, um esclarecimento precioso: // - Os dois primeiros sargentos foram mandados fuzilar pelo comandante. Um conseguiu escapar e desapareceu pela barranca do rio. Parece que fugiu para a Bolívia. Nunca mais se soube parte dele. O outro, ali naquela árvore ... Olhei. Na frente do quartel um pé de água-pomba: ([grande copa]) na sombra, um menino vendendo picolé. < Cerca

6.ms4 > Março, 15 // Estive hoje no arquivo do Batalhão, procurando os boletins do ano de 1925 para saber algo mais da revolta dos sargentos. // O boletim do dia 27 de março, data do movimento, é curto, apenas a escala de serviço. Os seguintes trazem detalhes, conseqüências, providências que elucidam ([alguma]) muita coisa. // Dia 28 – “Sublevação. O batalhão já tem conhecimento perfeito, porque testemunhou os vergonhosos sucessos ocorridos na madrugada de ontem e provocados pela conduta

infame de praças que não hesitaram em invadir o meu aposento , às escuras, me surpreendendo dormindo, confiado na lealdade e disciplina deste corpo, agarram-me à traição, ainda deitado e violentamente me arrastaram para o xadrez, apesar da resistência tenaz que opus, mas inútil, pois me achava de pijama e desarmado e seguro por várias praças comandadas pelo 1º sargento Antonio Carlos de Aquino as quais, numa gritaria infernal, declaravam que me prendiam à ordem do Isidoro Lopes. // Assim arrastado, cheguei ao corpo da guarda onde à luz baça do lampião reconheci que me seguravam: pelas costas e pela cinta o soldado do P/Extranumerário Antonio Pedroso do Nascimento, no braço esquerdo o soldado da 2ª companhia João Guilherme da Costa e no direito o do P/Extranumerário Bertholdo de Souza Papa e na minha frente, auxiliando os três, o soldado também da 2ª companhia Wilson Roberto de Sousa. Reconheci, mais no corpo da guarda, o 1º sargento Armando Granja, o 2º dito José Leite de Figueiredo e 3º Marcondes Fontes da Costa e Silva, cabo Antonio Genovez, Antonio Pedro dos Reis e Olimpio Ribeiro da Costa, todos auxiliando a miserável emboscada que levaram a efeito. Não me compete apurar a culpa desses desviados da honra e dever militares , que terão a merecida punição perante a justiça militar.//Devo aqui ressaltar o procedimento leal, digno e bravo de muitas praças, entre as quais se achavam quase toda a banda de música e C/E de S. Luiz de Cáceres, salientando, porém, pela iniciativa, dedicação e coragem, o 1º sargento Manoel Alves dos Santos e 3º dito René Magno Arsolino da 2ª companhia, 2º sargento Olindo de Almeida Rosa, 3º s. ditos Athanagildo da Costa Farias e Manasses José dos Santos do P/Extranumerário e 1º sargento de C/E de S. Luiz de Cáceres Firmino da Silva Lemos, músicos de 1ª classe, José Virginio da Silva, de 2ª, João Barbosa e de 3ª Wladimir Nery da Silva e soldado tambor-corneteiro da C.M.M. Julio Ferreira Pinto, além de muitos outros que, na posição vexatória em que me achava, não pude melhor apreciar a correção de seus procedimentos.//Merece, também, mais do que realce, a meu orgulho, a conduta impecável dos demais oficiais do batalhão – capitão médico dr. Francisco Rodrigues de Oliveira, 1º tenente fiscal Arthur Benites Guimarães, 1ºs tenentes Eudoro Correa de Arruda e Sá e Severino José da Costa Junior, 1º tenente intendente Manoel Sampaio de Oliveira e 2ºs tenentes comissionados Antonio Dantas de Mendonça, Augusto César Machado Junior e Manoel Pereira Cairrão, que se achando em serviço da Fortaleza de Coimbra, apresentou-se voluntariamente para prestar auxílio e que, sabedores de minha posição difícil, prontificaram-se a organizar a força de resistência agindo de acordo com os princípios militares, criteriosa e inteligentemente, retomando a repartição dos Telégrafos, Estação Telefônica, onde foi bravamente ferido, e tenente Benites, graças ao seu reconhecimento denodo e lealdade insuspeitável.// O sr., capitão médico, atacado à traição na cidade, pela força revoltosa que obedecia ao cabo da 2ª companhia, Arlindo José da Silva, defendeu-se corajosamente e tendo conseguido sair ileso, disfarçou em traje civil, indo até Ladário numa frágil canoa, que passou pela frente do quartel amotinado, para comunicar ao comandante da flotilha as graves ocorrências e pedir auxílio que foi eficazmente prestado, demandando logo ao porto dessa cidade o monitor “Pernambuco”, pronto para entrar em ação, revelou qualidades militares notáveis que muito o enobrecem. //A todos esses oficiais e praças elogio nominalmente pela lealdade, competência e decisão com que agiram, conseguindo organizar elementos para submeter aos rebeldes, de cujo emprego não houve necessidade porque a contra-revolta restabeleceu a disciplina, restituindo-me o comando do batalhão de que me vi privado por 10 horas, por força da felonía de que fui vítima.// O sr. 2º tenente comissionado Artur Xavier Sobrinho, que veio às horas habituais ao quartel, caiu na armadilha segregada e o capitão da Força Pública Manoel da Silva Pereira, Delegado de Polícia, que também foi preso e recolhido ao quartel, prestaram assinalados serviços , instruindo os valorosos sargentos nas medidas a serem tomadas para abafar a sedição, com o sucesso que alcançou, tornando-se dignos da minha gratidão e merecedores de louvores pela inteligência , habilidade, lealdade e coragem com que agiram.// Ao sr coronel Frutuoso Mendes, Chefe de Recrutamento que, comparecendo ao Material Bélico, prontificou-se a assumir o comando da força de ataque aos sediciosos, que lhe foi criteriosamente oferecido pelo acordo unânime dos oficiais e proposta do tenente Eudoro Correa e que logo após a sufocação da insubordinação veio pessoalmente ao quartel trazer-me felicitações e seu apoio moral; ao sr. Capitão de fragata Orlando Machado, comandante da Flotilha de Guerra de Ladário, que imediatamente se

aprestou para agir em defesa da ordem, trazendo ao porto o monitor “Pernambuco”. Ao sr. Intendente Municipal Cyriaco Feliz de Toledo que, igualmente, pôs à disposição dos oficiais todos os recursos necessários para a preparação da força de ataque; ao sr. Capitão do porto, capitão tenente Julião Machado, que cedeu a lancha e todos os meios de comunicações com a Flotilha; ao sr. Inspetor da Alfândega que mobilizou espontaneamente a guarda aduaneira e ao Encarregado da Estação Telegráfica, que conseguiu fazer as devidas comunicações à Circunscrição, não obstante achar-se a Estação já ocupada pelos revoltosos; a todos, enfim, que, por atos e palavras me trouxeram auxílio material ou conforto moral diante da ignominiosa sublevação que suspendeu por algumas horas a vida normal do quartel e alarmou a população ordeira e hospitaleira desta terra, os meus sinceros agradecimentos.” // Esta a parte descritiva do movimento. No mesmo dia, o boletim publica uma série de providências de que tiro um resumo do que me parece mais interessante. // Foram promovidos aos postos imediatos: 4 sargentos que prepararam a contra-revolta “que depois do meio dia restabeleceu a ordem legal,” outro por ter sido “gravemente ferido na resistência por parte da força legal nas ruas desta cidade,” o 3º sargento, o cabo ferrador Armindo Pereira da Silva “por haver prendido o sargento Armando Granja (o que conseguiu fugir), arriscando resolutamente a vida”; um soldado padioleiro a cabo enfermeiro “que se achando de sentinela aos oficiais presos, tudo facilitou para o êxito da contra-revolta”; um soldado tambor-corneteiro, os quais organizaram o movimento contrário, mostrando dedicação invulgar e grande afeição à minha pessoa.” // Dois sargentos músicos são elevados de classe. Aos que o comandante não pode elevar de classe, dá a seguinte explicação: “Deixo de elevar o músico de 1ª classe que procedeu também com honra militar, José Virgínio da Silva, por não haver classe especial, devendo esse digno soldado como o denodado 3º sargento Manasses, ficarem satisfeitos com essa citação elogiosa de seus nomes que na história deste corpo ficarão como exemplo de lealdade que não poderá ser facilmente excedida.” // Punições são tornadas sem efeito, rebaixamentos definitivos de postos são anulados, sargentos e cabos são rebaixados definitivamente, uns porque tomaram parte na revolta, outro porque feriu o tenente Benites e “o cabo Ferraz por haver auxiliado o sargento Aquino (o que foi fuzilado) na minha prisão e depois revistado a minha mala de onde desapareceu uma pistola “Parabellum” que se achava em meu poder.” // Segue-se a nota de um telegrama segundo o qual o major Alfredo Alberto Alencastro foi encarregado do Inquérito pelo comandante da Circunscrição e embarcou para Corumbá. // Depois de uma série de medidas administrativas normais do batalhão encontra-se, ainda no boletim do dia 28 de março, a declaração de ausência, “por se acharem faltando ao quartel desde ontem”, os seguintes praças: cabo enfermeiro Erotildes Rosa, 1º sargento Nicanor Lopes de Albuquerque, 2ºs ditos Fabio Leite Moreira, José Leite de Figueiredo, Israel Pinto da Silva, 3º dito Marcondes Fontes da Costa e Silva, cabo de esquadra Antenor Olimpico de Deus, o 1º sargento nº 210 Armando Granja e o 2º Sebastião Gomes e mais um soldado. // Logo a seguir: “Exclusão por falecimento. // “Sejam excluídos do estado efetivo do batalhão e do P/Extranumerário, o soldado sapador nº 38 Antonio Pedroso do Nascimento e do número de agregados à 2ª companhia o 1º sargento nº 273 Antonio Carlos de Aquino, mortos ontem em consequência da sublevação ocorrida neste quartel.” // Depois desta simples solução oficial do fuzilamento, a relação dos que são presos preventivamente como participantes e o boletim se encerra. // As escalas de serviço ([e a numeração dos boletins]) permitem concluir que a revolta foi levada a efeito numa 6ª feira ([dia 29, terça-feira]). O boletim acima transcrito é de sábado e o de 2ª feira, 30 de março, apresenta uma inovação nos hábitos do comandante: “Por haver me mudado do quartel, torno sem efeito a permissão verbal que tinha dado ao oficial do dia para pernoitar fora.” // Seguem-se novas promoções, a notícia da chegada do encarregado do inquérito e seu ordenança, a apresentação de ausentes, a substituição do sargento Armando Granja “que se acha ausente”, nas funções de sargenteante, e a nomeação de oficiais para, “em comissão, procederem ao arrolamento do material existente no almoxarifado, visto ter sido arrombada pelas praças amotinadas, a 27 do corrente, a porta da repartição.” // Sob o título “Conduta de Praças”, outro detalhe humano da revolução: “Empenhado em realçar o procedimento das praças dignas, leais e bravas que nas horas trágicas da sublevação souberam resistir corajosamente às ameaças dos traidores, ficando umas presas e outras fugindo para procurarem os oficiais aos quais serviam com denodo e

dedicação, sou forçado a estranhar a atitude dos sargentos Israel Pinto da Silva e Sebastião Gomes que, fugindo para um país estrangeiro quando a sua honra de militar lhes indicava outros postos mais arriscados, só mostraram covardia e ausência de virtudes militares que destoam felizmente da conduta nobre da maioria das praças que afrontaram a fúria assassina dos bandoleiros chefiados pelos sargentos Antonio Carlos de Aquino, Armando Granja, José Leite de Figueiredo, Marcondes Fontes da Costa e Silva e Hercílio Tavares de Oliveira, jogando com despreendimento as suas preciosas vidas.” // A 31, o quartel voltava à sua vida normal, embora o comandante tenha acrescentado nova mudança de hábitos: “De amanhã em diante só ficarei arranchado para o café da manhã e a refeição do almoço.” Com relação ao levante, os inventários do material deixado pelos ausentes, a transcrição de um telegrama de Porto Esperança, dando conta de que um sargento se apresentou ali, “a pé, declarando se achar foragido desta cidade, devido ao movimento sedicioso neste batalhão.” // Uma nota pitoresca: “Pelo sr. 2º tenente comissionado Manoel José Monteiro, foram oferecidas à banda de música desta unidade, duas revistas musicais, contendo as seguintes peças: Saudades da Pátria – tango ; Gracinha – fox-trot; San – fox-trot; Danseuse d’Auberge – fox-trot; Sambinha Infantil; El Cholo – tango; Elle n’est pas si mal que cà – fox-trot; Lentement , tendrement, doucement – fox-trot; Yolanda – valsa; e O Amor Vence – tanguinho. Ao referido oficial agradeço a oferta.” // O barbeiro Teotônio falou que o motivo da revolta – sobre o que não há o menor vestígio nos boletins – foi a falta de pagamento de um dinheiro “ que estava no cofre.” A ser verdade isso, talvez a revolução não tivesse sido feita se o conteúdo desta parte tivesse chegado ao conhecimento dos revoltosos: “O sr. 1º tenente tesoureiro participou hoje (dia 31) haver no dia 26 do expirante (véspera do movimento), depositado no Banco do Brasil desta cidade , a quantia de 160.000\$ 000, dos dinheiros sob sua responsabilidade, cuja caderneta ficou recolhida ao cofre desta unidade.” // Ou terá sido exatamente essa providência que desencadeou a revolta? Também é possível, já que a noite de sábado talvez fosse mais propícia à sublevação. // Março, 16, domingo. // Que razões poderão influir tão poderosamente no espírito de um grupo de sargentos ao ponto de fazê-los esquecer todos os princípios a que se submetem espontaneamente por anos e anos? Em que casos poderá uma revolta dessa espécie ter sucesso? Não estão todas elas fadadas à transitoriedade? Então, não se resumem a um ato gratuito? O simples prazer de destruir temporariamente os princípios de comando e hierarquia será prêmio suficiente? Terá sido essa uma revolta solitária, suicida, ou tinha ligação com outros movimentos? // Dominado por perguntas dessa espécie, saí ontem à procura da redação da “Tribuna”, jornal de 40 anos, que se publica em Corumbá. Não possuem números atrasados a não ser de 1940 para cá. // - A chuva inutilizou todo o arquivo, explicou o funcionário que me atendeu. // Voltei a meu quarto e como estou com o volume do mês de março de 1925, resolvi procurar os boletins anteriores à revolta para situar os personagens principais, descobrir alguma coisa sobre suas atividades e comportamento. A busca foi positiva. Colhi vários elementos que iluminam certos pontos obscuros, inclusive destruindo idéias falsas que já formavam na cabeça. // No boletim do dia 2 de março, encontro a primeira referência a alguns revoltosos: Ficam presos por 8 dias, por terem saído da enfermaria sem licença, os 2ºs sargentos José Leite de Figueiredo e Fábio Leite Moreira (?) e os 3ºs ditos Marcondes Fontes da Costa e Silva e José Lydes Gomes de Barros (?) // A 5 , é dispensado por 15 dias, para ir à Fortaleza de Coimbra, o 2º sgt. Israel Pinto da Silva, que é um dos que fugiu para “país estrangeiro”. // A primeira referência ao cabeça do movimento aparece também sob a forma de punição; dia 6 : é repreendido pelo comandante da companhia (2ª) o 1º sgt. Antonio Carlos de Aquino, por ter deixado de cumprir uma ordem. No dia seguinte, é novamente punido, agora com detenção de 4 dias, o 3º sgt. José Lydes Gomes de Barros (?), por ter feito o serviço com negligência. // No dia 9, o boletim do 17º BC publica a solução de um inquérito levado a efeito em Aquidauana, onde houve uma tentativa de levante em fevereiro. Por ordem do Ministro da Guerra, deveria ser lido para o batalhão em forma, cabendo ao comandante explicar “a inanidade e ridículo de tais tentativas de subversão da ordem”. Foram expulsos três sargentos, presos outros e posto em liberdade um cabo a que o comandante, na solução, adverte por suas declarações de “ ter idéias neutras a respeito de um movimento revolucionário.” Ao soldado digno de vestir a farda, não é lícito ter outra idéia senão a repulsa imediata e reprovação absoluta de qualquer motim – diz o relató-

rio. // Não há um dia em que o boletim não apresente punições, dando a entender que o batalhão não era disciplinado. Logo no dia seguinte à leitura da solução do inquérito, são presos quase todos os indiciados da revolta do 17º. São presos por 21 dias e rebaixados do posto por 42 os seguintes sargentos: José Leite de Figueiredo, Marcondes Fontes da Costa e Silva e José Lydes Gomes de Barros (?). Fica detido, a fim de responder a uma sindicância, o sgt. Antonio Carlos de Aquino. E declara-se que o sgt. Armando Granja está preso preventivamente desde o dia anterior. // Dia 11, aparece uma solução de Sindicância deveras surpreendente. Por ela, vê-se que a revolta não foi tão inesperada como eu supunha a princípio. As punições aplicadas dão muito o que pensar: “Sindicando os fatos que me foram expostos verbalmente pelo sr. 1º tenente Alberto Ribeiro Salaberry e confirmados pelos soldados... de haverem os referidos soldados prendido, depois das 21 horas de 7 do corrente, nas proximidades deste quartel, o reservista Ibrantino de Moraes, ligeiramente alcoolizado e que declarou vir ao encontro do 1º sargento da Cia Mtr Mista Armando Granja, que se achava de adjunto do oficial do dia, que o tinha convidado para auxiliar um levante no quartel deste batalhão. Ligando esses fatos aos que estão detalhados na parte especial que me dirigiu ontem o 2º tenente comissionado Augusto César Machado Junior – de ter sido informado, na noite de nove, quando em uma festa íntima, que os sargentos do batalhão chefiados pelos 1ºs sargentos da 2ª companhia Antonio Carlos de Aquino e da C. M. M. Armando Granja, que já se achava detido desde a véspera, pretendiam levantar o batalhão para fins sediciosos e que esse oficial, cumprindo lealmente os seus deveres, retirou-se imediatamente da festa, indo avisar aos demais oficiais srs. 1º tenente fiscal Artur Benites Guimarães, 1º tenente Severino José da Costa Júnior e 2º tenente comissionado Antonio Dantas de Mendonça, que prontamente vieram para o quartel num gesto digno e louvável de lealdade e solidariedade para comigo que resido no quartel, verificou o tenente Augusto Machado que os sargentos José Leite de Figueiredo, Marcondes Fontes da Costa e Silva e José Lydes Gomes de Barros, que se achavam presos, tinham fugido, o que deu fundamento às denúncias que tivera. Apurei que, na citada noite de 7, achando-se o primeiro sargento Granja, apesar de serviço, no lado exterior do quartel, foi ao encontro dos soldados mencionados, tomou-lhes o preso Ibrantino e depois de dar-lhe em presença das aludidas praças algumas pranchadas com seu espadim, mandou fosse posto em liberdade e pediu às praças que não dissessem coisa alguma para que não o comprometessem e que, por sua vez, ocultou essa ocorrência ao oficial de dia, que se achava no quartel, o sr. 1º tenente Eudoro Correa de Arruda e Sá. A vítima me relatou, em presença do sargento Granja, que na última quinta-feira, na venda de Fuão Couto, esse sargento lhe perguntou se “podia contar com ele”, Ibrantino, para uma bagunça que estava sendo preparada no quartel, não sabendo, porém, se o sargento Granja estava ou não brincando; que a denúncia levada ao conhecimento do tenente Augusto Machado foi originada pela comunicação que o 3º sgt. Atanagildo ouvira na tarde de 9, dos sargentos Aquino e Granja, no quartel, referente a um suposto movimento subversivo projetado no batalhão cujas causas e cabeças não precisaram, por lhes constar em forma de boatos que circulavam na cidade. Finalmente, não encontrando provas evidentes dessa tentativa de indisciplina, os sargentos Granja, Aquino e Atanagildo, contudo, cometeram transgressões disciplinares, resolvo prender por 21 dias o 1º sargento Granja (por ter saído do quartel sem permissão, maltratado preso, deixado de comunicar ocorrência ao oficial de dia) e repreender simplesmente os sargentos Atanagildo e Aquino (deixar de levar ao conhecimentos das autoridades fatos que embora não provados parecia-lhes verídicos) não punir o sargento Atanagildo pela transgressão de sair do quartel, achando-se preso, porque a sua conduta, embora irregular, permitiu que as autoridades superiores tivessem, em tempo, apurada a verdade sobre a suposta sedição e, ao sargento Aquino, limito-me também à repreensão em atenção a seu procedimento anterior de praça disciplinada e com reais serviços à causa da lei.” // A bem dizer, foi punido apenas o sargento Granja, sobre quem recaíam as maiores suspeitas. Os dias de punição que recebeu, 21, encontrá-lo-iam preso ainda a 27, dia do movimento. Vejamos se há mais boletins. // A 13 o sgt. Granja reassume a sargenteação da C.M.M.. Sua prisão deverá ter sido, portanto, mais ou menos relaxada, ele cumprindo a rotina normal de serviço. O sargenteante é o homem que faz as chamadas, que escala os serviços, que tem grande influência junto aos soldados. // Talvez a título de punição, a 12, o sargento Aquino é transferido “ por conveniência da

disciplina” de efetivo a agregado.// Encerra o boletim do dia 14, a publicação de dois telegramas sobre vencimentos. Para transcrever o primeiro em que se dá notícia da remessa de dinheiro, o comandante começa : “Tenho a mais viva alegria em transcrever...” O segundo é o agradecimento ao comandante da Circunscrição. Pelo início se vê que existia certa ligação entre os dois chefes: “ Comandando há pouco tempo este batalhão por vossa confiança...”// E a 16, o regozijo do comandante do batalhão, com a chegada dos vencimentos atrasados , de julho a dezembro, chega às raias do absurdo: “Não é demais regozijar-se ainda uma vez como batalhão pelo recebimento dos vencimentos do ano findo que, desde julho se achavam em atraso por motivo da tremenda crise financeira que assoberba o Brasil, agravada em parte, pelas despesas causas prementes, prestou durante esse longo período de privações, serviços de guerra, sem um murmúrio de descontentamento e nenhuma só vez se desviou do reto caminho da disciplina, mostrou, exuberante, possuir as principais virtudes militares que nas nossas campanhas históricas que notabilizaram o soldado brasileiro – a resignação ante as provações da guerra e a abnegação ante os interesses superiores da Pátria e que immortalizaram os heróis da Retirada de Laguna, os bravos defensores de Bagé e Lapa e os detemerosos guerrilheiros de Canudos. Que esses exemplos nobilizantes sejam sempre rememorados para honra e glória do exército, que tem tradições brilhantíssimas que nos cumpre zelar com todo carinho patriótico.”//Depois dessa peroração, com vistas, talvez, para os revoltosos latentes, a nota se encerra com uma recomendação seguida de ameaça: “Espero, agora, dos meus subordinados que acabam de mostrar tanta correção disciplinar, que satisfaçam espontaneamente seus compromissos particulares, evitando reclamações dos prejudicados que sou forçado a atender nos termos do final do nº 5 do art. 95 do R.I.S.G.”// Nesse mesmo dia, era publicada a ordem para pagamento dos oficiais a 16 e às praças a 17. Mas a 18, surge uma explicação do não pagamento das praças, por não haver o sr. Tesoureiro relacionado previamente as cautelas para os necessários descontos, causando essa demora prejuízos e desgostos às praças, desgostos de que também partilho, pois a conduta exemplar que tiveram, cumprindo disciplinarmente os seus deveres e esperando por tantos meses os seus vencimentos, merecia maior cuidado de quem compete zelar pelos seus interesses.” // No boletim de 18, há ainda uma nota com possíveis relações com a revolta. É a declaração de recebimento de um ofício em que o Juiz de direito declara estar de posse de um inquérito “ versando sobre desaparecimento de armas da carga deste Batalhão.” // Depois, há um salto. Do dia 18, o tempo corre para o dia 26. Há falta de boletins.// Terá finalmente sido feito o pagamento? Se foi feito, por que a revolta? Houve injustiça, omissão? // ([“Volte na próxima semana”].)// Março, 17. //Busca mal sucedida nos arquivos do Batalhão. Não encontro os boletins da semana anterior ao levante nem os do mês. Nos seguintes, ([nada]) também nada aparece. // No livro de alterações das praças, há algo mais sobre o sargento Granja. A 3 de abril, foi transferido para a 3ª Região Militar pelo chefe do D/G(?). Mas a esse tempo, já se encontrava ausente. ([Esse]) O fato serve apenas para esclarecer que o comandante , além da punição de 21 dias dada a esse sargento, oficiou às autoridades superiores, pedindo sua transferência. A 5 de abril, foi considerado desertor.// A última referência ao sgt. Granja foi registrada a 25 do mesmo mês : sua captura em Aquidauana e embarque, escoltado , para Campo Grande. // Março, 18. // A proximidade geográfica com Bolívia e Paraguai levou-me a ler com mais interesse os autores reunidos na “Antologia de Cuentistas Hispano-americanos”, organizada por José Sanz y Diaz para as edições Aguilar.// É espantosa minha ignorância dos escritores hispano-americanos. O volume, em papel bíblia, encerra 85 nomes de 20 países. Pois conhecia apenas Rainho Gallegos (Venezuela), Amado Nemo (México) , Horacio Quiroga (Uruguai) e Ruben Dario (Nicarágua). Poderei acrescentar mais dois que, pela natureza da obra, não constam dessa antologia: Pablo Neruda e Gabriela Mistral. // Do Paraguai, o livro apresenta: Juan Natalício Gonzáles, Carlos Zubizarreta e Cassaccia Bibalini. O trabalho do segundo não é conto; trata-se de um pequeno ensaio sobre os costumes paraguaios de fazer presépios pelo Natal, a influência jesuítica no espírito popular comportando até transcrições de outro ensaísta. // Há quatro bolivianos no volume: Rosendo Villalobos, Ricardo Jaimes Freyre, Alcides Arguedas, e Oscar Cerruto. Do primeiro, um conto religioso que se desenvolve na Espanha; de Ricardo Jaimes Freyre, que a antologia apresenta como “uno dos mejores cuentistas de América del Sur”, um conto realmente impressionante da justiça indígena contra os brancos usurpadores

de terras. De Alcides Arguedas uma história passional sem grandes qualidades. Mas Oscar Cerruto, com “La Araña”, é um caso à parte. Perfeito na forma – pura e concisa – narra com habilidade e presteza absolutas. <

7.ms4 > Março, 22 . < // Encontramos os boletins de abril, novos esclarecimentos sobre a revolução de sargentos. Logo no dia 1º, a transcrição de uma grande parte, circunstanciada, ao comandante da Circunscrição Militar, com sede em Campo Grande. Num preâmbulo da transcrição, o capitão justifica esse ato dizendo que o faz para que meus subordinados sejam também juízes de minha conduta ativa nas horas trágicas.”E revela que havia concedido favores especiais a três dos envolvidos: ao cabo Esperidião dera uma licença em caráter particular; ao soldado Wilson Roberto de Souza, que estava detido, concedeu licença de ir a Ladário visitar a mãe doente; e ao soldado Bertholdo de Souza Papa, “ a quem sempre tratei com muita estima e, não faz 15 dias, mandei fornecer gratuitamente um culote de brim cáqui.” // Aparte entro direto nos fatos: “Na madrugada de 27, achava-me dormindo no aposento que ocupo no quartel, sem portas, quando foi invadido pelo 1º sargento agregado Antonio Carlos de Aquino, acompanhado de vários praças que me agarraram fortemente mesmo na cama, gritando que estava preso à ordem de Isidoro Lopes. Mal despertando e mesmo muito assustado, perguntei de que se tratava – respondendo todos ao mesmo tempo: “Não fale – É ordem de Isodoro.” // “Foi nessa ocasião, que conheci, pela voz, o sargento Aquino, pois o quarto como todo o quartel, estava às escuras e, tentando desvencilhar-se dos meus agressores, caí da cama e quando me levantei me senti fortemente agarrado pela cintura e pelos braços e fui assim arrastado pela Casa das Ordens, Secretaria Gabinete do Comando e Corpo da Guarda onde, à luz escassa de um lampião de querosene, reconheci os traidores que me seguravam : - pelas costas e pela cintura, o soldado do Pelotão Extranumerário Antonio Pedro do Nascimento; no braço esquerdo, o soldado da 2ª companhia João Guilherme da Costa; no direito, o do P/E Bertoldo de Souza Papa e na minha frente, auxiliando os três, o soldado também da 2ª Companhia Wilson Roberto de Souza. Reconheci, também, no corpo da guarda o 1º sargento Armando Granja, o 2º dito José Leite de Figueiredo, o 3º dito Marcondes Fontes da Costa e Silva, cabo Antonio Esperidião Ferraz e soldados da 2ª companhia Antonio Genovês, Antonio Pedro dos Reis e Ollimpio Ribeiro da Costa, todos comparsas da miserável emboscada de que era vítima. – Fechada a porta da prisão, o sargento Aquino deu várias ordens para ficar incomunicável e o sargento Medardo Jaime da Rosa, que comandava a guarda, obedeceu sem relutância. – Devido à resistência que opus, estava suando e aniquilado de cansaço. – Pouco depois, ouvi dar 3 horas no relógio do corpo da guarda e foi, então, que verifiquei que a sublevação havia irrompido às 2:30 mais ou menos, sendo chefes ostensivos os sargentos Aquino, Granja, José Leite de Figueiredo e Marcondes que, alegremente, confabulavam no corredor da entrada e tinham razão, pois a primeira parte de sua empreitada vil estava realizada com êxito. – Pouco depois, pancadas violentas denunciavam que arrombavam a porta do Almoxarifado. – O sargento Aquino dava instruções às patrulhas que saíam para ocupar o telégrafo, Alfândega, Banco do Brasil e prender os oficiais, recomendando que o 1º tenente Severino José da Costa Júnior fosse recolhido à cadeia. – Depois me certifiquei de que nem todas essas ordens puderam ser cumpridas. – O adjunto do oficial de dia , 1º sargento Heródoto Camargo chega à porta da prisão e me declara: “Senhor comandante, estou com o senhor” e tentou abrir a porta, não conseguindo, porque as chaves não foram encontradas. – Disse-lhe, então - “Vá rapidamente avisar aos demais oficiais. – Ele saiu às pressas e o sargento Aquino, correndo ao seu encalce gritava: “Não deixem o Camargo fugir, atirem.” – O movimento de praça era grande e todas obedeciam com muito respeito aos sargentos Aquino, Granja , e Leite de Figueiredo. – Passei, assim, horas angustiosas, atormentado por uma nuvem de mosquitos que não me deixavam ficar quieto, até que depois da alvorada apareceu à porta da prisão o soldado corneteiro Julio Ferreira Pinto que, chorando lágrimas sentidas, que me comoveram, exclamava: “Por que fazem isso com o senhor; o senhor é bom para todos.” – A sentinela ordenou que se retirasse e ele, teimando, encostou-se à grade e me entregou um bilhete do sargento Olindo de Almeida Rosa que avisava achar-se preso e que as praças do P/E não haviam aderido à revolta e que ele ia fugir para procurar meios de me libertar.- Às 7 horas foram substituídas as sentinelas pelos músicos, à proporção que vinham chegando para o ensaio. –Os dois

primeiros Wladimir Nery da Silva e José Virgínio da Silva deram-me, com a cabeça, sinal de entendimento e, chegando eu à veneziana, Wladimir disse-me que a música estava toda comigo e que o 3º sargento Manasses mandava me perguntar o que devia fazer. – Determinei que fizesse o possível para ir à Ladário avisar o comandante da Flotilha do que se passava no quartel e lhe dissesse que, no Batalhão, havia muita gente fiel; ao mesmo tempo recomendei ao músico Wladimir que fizesse constar entre os soldados fiéis, que a Marinha estava toda com o governo e que já tinha saído de Ladário para atacar o quartel. – Pretendia, com isso, encorajá-los. – Nessa ocasião, chegando à janela, vi sentados em frente à reserva da 2ª companhia, o Capitão Manoel da Silva Pereira, comandante do Destacamento Policial e o 2º tenente contador Artur Xavier Sobrinho que percebi, também se achavam presos. – O 1º sargento Manoel Alves dos Santos aproximava-se da porta e me afirma sua lealdade; aconselhei-o, então, que agisse com toda a prudência. – Pouco depois, o sargento Aquino abre a porta e, em tom respeitoso, me diz: O sr. pode ir ao seu gabinete fazer toilete e depois voltar ! – Achava-me, ainda, em pijama, como no momento da traição. – Respondi-lhe que não aceitava nenhum favor e que somente sairia da prisão, quando pudesse recolhê-lo. – Replicou-me que eu não sabia, ainda, do que se tratava, ao que lhe tripliquei em voz alta, que foi ouvida pelo capitão Pereira e tenente Sobrinho que ainda se achavam na porta da reserva da 2ª : “Sei que o senhor é um traidor e covarde, pois se tivesse coragem me mandaria fuzilar e não me infamar com esta prisão. – Retrucou-me que não havia necessidade disso. – Gritei então, em voz mais alta para que todas as praças de guarda ouvissem, que o Governo tinha elementos para vencer outras revoltas mais bem preparadas e que essa de meia dúzia de soldados seria facilmente abafada. – Ele embatucou e retirou-se, percebendo eu, porém, que as praças ficaram impressionadas. Era o que eu desejava. – Em seguida, veio o civil Virgílio dos Santos Leque, empregado do cassino, trazer-me café, que recusei, e o inquiri se era de confiança; respondeu-me afirmativamente. – “Procure, então, o tenente Sobrinho e diga que arranje um meio de prevenir o tesoureiro do batalhão para fazer desaparecer as chaves do cofre (onde restavam apenas 17.450 \$ 000) e que mais tarde me trouxesse café. – Quando fui servido, pedi-lhe que abrisse a minha mala e me trouxesse, enrolada na toalha de banho , a minha pistola parabelum e pus-me a esperar momentos que se tornaram infundáveis. – Não voltou. Mais tarde, explicou-me que, no momento em que pretendia executar minha ordem, foi surpreendido pelo sargento Aquino que, desconfiado, colocara uma sentinela no quarto. – Era minha intenção, uma vez armado, obter permissão do sargento para ir ao banho e matá-lo. Os músicos de sentinela continuavam me trazendo notícias favoráveis da marcha contra-revolta agora já chefiada pelo 1º sargento Manoel Alves dos Santos, 2º Olindo de Almeida Rosa, 3ºs René Magno Arsolino, Athanagildo da Costa Farias e o 1º sargento do Contingente Especial de São Luiz de Cáceres Firmino da Silva Lemos. – O soldado Júlio, encostando-se à veneziana, me falou: “Comandante, tenha paciência, porque, na hora do almoço, o senhor será posto em liberdade” e me contou na mesma ocasião que o tenente Benitez Guimarães, fiscal, tinha sido ferido em combate. Nesse momento, algumas lágrimas de inveja me rolaram pelo rosto. – Ele foi mais feliz do que eu e tinha podido reagir contra a infâmia! – Chegou, finalmente, a hora almejada. Tocou rancho e depois de uma ansiedade cruciante, o músico Virgínio me informa que não foi possível estourar a contra-revolta e que o número de fiéis aumentava de momento a momento. – Chegando várias vezes à janela, vi que os sargentos Aquino, Granja, leite de Figueiredo, Marcondes e Hercílio Tavares de Oliveira eram os mais entusiasmados. – Recebo, por intermédio do mesmo músico, dois bilhetes ao mesmo tempo, um do tenente Sobrinho e outro do sargento Firmino, garantindo-me que o movimento ganhava terreno. O 3º sargento René, que várias vezes já tinha vindo até à porta da prisão, me avisa, também, dos preparativos e me garante que seria para logo; o corneteiro Julio, mais uma vez, volta à janela e, muito satisfeito, me afirma : “Senhor comandante, vai sair já.” – Ao meio dia, mais ou menos, soa finalmente a hora redentora que esperava com uma ansiedade inexprimível e, chegando à janela, vejo os sargentos Manoel Alves, Firmino, René, Athanagildo , e muitas praças correndo em direção à entrada do quartel, onde se achava o sargento Aquino, de armas apontadas. – Não me contive e, de dentro da prisão comandeí: “Atirem nele senão perdemos a partida.” – O sargento Aquino corre, então, para a sala do Estado Maior e eu grito com mais força ainda: “Atirem, do contrário seremos vencidos” e ouço partir um tiro

e ele, muito acovardado, rende-se; enquanto vivas ao comandante estrugiam, ao que respondia com outros levantados à bravura e lealdade das praças dignas. – O Corpo da Guarda encheu-se e muitas das praças, momentos antes, eu via obedecerem ao traidor! A prisão foi aberta, mandei o corneteiro do piquete dar sinal de comando e, em seguida, vitória. – Estava, assim, reintegrado no meu posto do qual só a traição ignominiosa de praças miseráveis me tirou. – Ordenei várias medidas para vigilância do quartel, a fim de repelir qualquer nova tentativa e recolhi à prisão, que tinha desocupado, os sargentos Aquino e Granja que estavam visivelmente amedrontados; mais tarde os transferi para o xadrez dos sargentos. – Os demais sargentos desapareceram – uns desertaram e outros bandearam facilmente. – Interrogando os sargentos Aquino e Granja sobre o motivo da sublevação, não quiseram dizer, alegando que obedeciam a outras ordens. – O 3º sargento José Lydes Gomes de Barros, que comandava a guarda no epílogo dessa aventura sinistra e já me havia assegurado a sua lealdade, de que mais tarde me certifiquei, disse-me que a causa do levante era desejarem as etapas de campanha que já tinham sido pagas em gêneros. – No interrogatório que fiz às praças encarregadas pelos chefes da sedição de arrombarem o cofre (foi arrombado?), apurei que os insubordinados pretendiam roubar a importância que supunham existir em cofre e que dias antes havia sido recolhida para pagamento dos vencimentos de julho a dezembro (não foi pago então?) do ano findo e que, por minha felicidade, tinha sido depositada na véspera na Agência do Banco do Brasil (160.000\$000) e que por ter sido levada pelo tesoureiro depois do expediente do dia 26 (a que hora terminava o expediente?), não foi publicada em boletim; ignorando isso, os saqueadores imaginavam-se encontrassem ainda no cofre. Tenho motivos fundamentados (quais seriam?) que, além desse móvel, existiam interesses políticos a que o sargento Aquino obedecia e que somente no inquérito poderá ser esclarecido.// Em 11 deste mês, tive denúncia de uma sublevação que os sargentos Aquino e Granja preparavam e cuja causa se dizia prender ao atraso de vencimentos. Procedendo pessoalmente à sindicância, não encontrei provas seguras, propondo, mesmo assim, a retirada do sargento Granja deste corpo, embora não julgasse perigosa a sua permanência (o nome do sgt. Aquino vem sempre antes. Raiva do cmt. por ter sido complacente na sindicância? Estudar o cmt.). – Depois de pagos os vencimentos, fiquei completamente despreocupado e nos boletins elogiei a conduta (elogiou antes de pagar) e conduta disciplinada das praças que esperavam, com toda resignação, os vencimentos, mostrando ser essa conduta digna dos soldados que possuem as principais virtudes militares. – Foi para mim uma dolorosa surpresa a emboscada que me armaram e na qual tomaram parte saliente o cabo Antonio Esperidião Ferraz, soldado Bertoldo de Souza Papa aos quais tratava com especial consideração por serem encarregados do serviço da bomba de abastecimento d'água, onde trabalhavam com muita boa vontade.// Nos encontros havidos na cidade entre as forças organizadas para a defesa da ordem, foram feridos o 1º tenente Artur Benitez Guimarães e o 3º sargento Alberto Moreira, legalistas; morreu o soldado Antonio Pedro dos Reis. (Ver se morreu). – No dia 26, estava de dia ao batalhão o 1º tenente Eudoro Correa de Arruda e Sá, adjunto, o 1º sargento Heródoto Camargo e comandante da guarda o sargento Medardo Jaime da Rosa, com as praças: cabo 149 José Maria da Silva Gomes, Joaquim Severiano da Cunha e sds. João Montezuma, da Cunha e Alcides Pinto de Arruda. – O soldado Montezuma, recusando-se obedecer aos rebeldes, ficou preso no corpo da guarda, prestando-se a fazer ligações com os fiéis. – Não me acusa a consciência de haver, um só momento, me intimidado diante dessa situação de pavor e muito menos de haver concorrido com um só ato que justificasse qualquer descontentamento das praças que pudessem originar a infame traição de que fui vítima. – No exercício do cargo de comandante, procurei sempre zelar pelos interesses e conforto dos soldados; nunca me preocupei com efeito de minha ação sempre norteada pelo desejo de ser útil e corresponder à confiança do senhor comandante da Circunscrição, mantendo rigorosa disciplina e punindo todas as faltas de acordo com as regras estabelecidas no RISG – sentia que a minha autoridade era acatada por todos os subordinados, oficiais e praças, aos quais sempre tratei com toda a consideração e delicadeza e assim não posso encontrar um só motivo que, mesmo de leve, possa servir de fundamento a essa sedição que parece, repito, ter raízes na politicagem que tudo envenena e vai destruindo lamentavelmente a disciplina em quase todos os corpos. Procurei defender, com toda a energia e sinceridade, a minha autoridade que, desgraçadamen-

te, atacada à traição e quando dormia, confiado na lealdade e disciplina das praças, vi-me dela privado pelo espaço de 10 horas que me pareceram anos de humilhação e tristeza. Quartel em Corumbá, 28 de Março de 1925. L. O. P. ...”// Março , 23. // Os boletins de abril refletem, perfeitamente, o ambiente do batalhão após à revolta. Há transcrições de telegramas e ofícios de todas as partes congratulando-se com o capitão, continuam prisões para averiguações, novas praças passam a ausente a contar de 27, data da sedição. // A 6, novos elogios resultantes dos relatórios oficiais. São mais de três páginas em espaço 1, tamanho ofício, o capitão aproveitando para expandir seu gênio oratório a fim de restabelecer “ a verdade para a história exata desses degradantes sucessos que, no último biênio, vão-se reproduzindo desoladoramente em nossas casernas, enegrecendo com manchas de heroísmo, bravura, etc.”/ / O elogio começa, coletivamente , para os oficiais que organizaram a resistência “empregando armamento arcaico, descalibrado e munição deteriorada”. Em seguida, as referências são nominais: o médico Cap. Francisco Rodrigues de Oliveira em primeiro lugar, “ora atendendo com solícitude os feridos, ora empunhando o fuzil como treinado combatente.” Sua fuga para avisar ao comandante da flotilha, em Ladário, apresenta novas características: disfarçado de pescador, passa em frente do quartel onde é alvejado, mas prossegue. A Flotilha era suspeita de compactuar com os revoltosos segundo boatos “de civis partidários da revolta” mas o doutor sonda e descobre não ser verdade e a flotilha aparece ou melhor, o monitor Pernambuco.// O 1º ten fiscal Artur Benites Guimarães, “armado de um simples parabellum invade a Estação Telefônica ocupada por várias praças que, de ordem do famigerado cabo Arlindo, atiram sobre ele; ferido pelas costas, retira-se e toma nova posição fronteira, onde sustenta, auxiliado pelo destemido sargento Alberto Gomes Moreira Filho, renhido tiroteio com outro grupo de sediciosos que tenta descer a rua Frei Mariano e que, finalmente, foge, deixando um insubordinado gravemente ferido. Apesar de ferido e ensangüentado, não desanima, ataca outras posições ocupadas pelos rebeldes, pondo-os sempre em debandada até que, enfim, exausto, devido à hemorragia, é recolhido ao Hotel Luso-Brasileiro onde tem uma síncope.”// O 1º ten Eudoro Correa de Arruda e Sá encarregou-se de “aliciar civis, dar instruções e distribuir armamento “ que ele mesmo carrega para improvisar combatentes.” O 1º ten Severino José da Costa Júnior entendeu-se com a Capitania dos Portos e a Alfândega e escolheu o Enfermaria-Hospital para ponto de concentração de forças de resistência. O 1º ten Manoel Sampaio de Oliveira foi elogiado pelo “fleugma inalterável no cumprimento às ordens que recebera”. O 2º ten Comissionado Augusto César Machado Junior abrigou-se num monte de areia à rua Antonio Maria e fez frente ao grupo do sargento Granja e daí retira-se bem./ / A citação de um sargento vale ser reproduzida na íntegra: “Ao jovem sargento Alberto Gomes Moreira Filho, pela inexcusável bravura com que combateu, mal armado e municiado e o sangue frio que ostentou, permanecendo impávido no seu honroso posto de sacrifício onde fora quatro vezes ferido por duas balas que, recauchetaram e não obstante o seu primeiro ferimento ser o mais grave – uma bala no peito direito que ainda não foi extraída, encarando a figura épica do lutador autêntico e indomável, tanto mais admirável quanto a sua pouca idade – 22 anos- apenas – e o seu físico franzino, não pareciam comportar tanta robustez moral e física.” // Segue-se uma relação grande de elogios a sargentos, cabos, soldados salientando sua bravura mas não acrescentando detalhes da revolta. Exceção: “Ao Pedro Gomes de Aquino, pela lealdade e boa vontade com que cumpriu todas as ordens recebidas, não obstante na ocasião saber que o seu irmão chefiava o movimento sedicioso.” // Nesse mesmo dia 6, a transcrição de importante telegrama do Gen. Rondon, de 30 de março: “Catanduvas completamente cercada rendeu-se às 20 horas de ontem, 29. Até agora apresentaram-se oficiais do exército desertores, Cap. Olinto Tolentino de Freitas Marques, 1ºs tens. Castro Afilhado e Nelson Mello, etc” O gen. Rondon era Comandante das Forças em Operações no Paraná.//Ainda a 6: “Foi entregue ao sr 1º tenente tesoureiro para os devidos fins a quantia de 72\$500, remetida pelo sr. Capitão médico sr diretor da E/H, sendo 70\$700 encontrada no bolso do 1º sargento Antonio Carlos de Aquino e 1\$800 no do soldado Antonio Pedro dos Reis, ambos já falecidos.” // A 11, esta nota surpreendente que desvia a busca para o Rio de Janeiro: “Chegando ao meu conhecimento que alguns oficiais comentam, de modo cerimonioso, as notícias que os jornais da Capital da República inseriram a respeito da sublevação de 27 e, em particular, de minha ação, declaro não ter responsabilidades nessas

publicações ficando o bloco de telegramas oficiais à disposição desses maldizentes para que tenham conhecimento das comunicações por mim feitas ao Sr. Gen Malan (?) e ao Sr Comandante da Circunscrição, comunicações essas que se acham ampliadas na minha parte transcrita no boletim diário nº 76, de 1º do corrente no qual solicitei a todos meus subordinados que me ponderassem nos pontos em que involuntariamente me afastei da verdade afim de fazer as necessárias retificações.”// A 14 publica-se a ordem de recolhimento ao almoxarifado, de um revólver imitação Schmidt Wesson, de cabo de madreperla, tomado ao 1º sargento Antonio Carlos de Aquino, ao ser preso a 27 do mês findo. // A 18 de Abril, o boletim publica disposições a serem observadas quanto às visitas aos presos da revolta. Somente às 2ªs, 4ªs e sábados das 8 às 9 horas. Toda a correspondência será censurada pelo oficial de dia e todos os volumes por ele revistados.// No mesmo dia, o comandante da 2ª companhia participa que efetuou o pagamento das praças daquela subunidade, de acordo com a ordem publicada em boletim de 16 de março.// A 24, “afim de desengorgitar o xadrez”, são transferidos para os alojamentos respectivos 8 soldados. // A 25, o boletim publica que amanhã, dia 25, regressa a Campo-Grande o Major Alfredo Alberto de Alencastro, encarregado do inquérito para apurar os culpados da revolta. E a 27, publica-se a notícia de que o sargento Granja foi capturado e seguirá para Campo Grande a fim de ser ouvido pelo major encarregado do inquérito. Dessa forma, desvia-se a história para Campo Grande, sede da Circunscrição.// A última referência sobre a revolta encontra-se a 28: é a relação dos artigos descarregados do Almoxarifado por terem desaparecido com o arrombamento da porta. Entre outras coisas, 4 fuzis, 1 mosquetão, 2 pistolas, 1 sabre, 3274 cartuchos de guerra e 80 cartuchos de pistola. Também uma bandeja de folha floreada...

8.> Abril, 9 < // Falta de sorte nas buscas da revolta dos sargentos. Os boletins da Circunscrição, em 1925 comandada pelo Gen. Alfredo Malan d' Angrogne, revelaram quase nada.// A 25 de abril, o sargento Granja, vindo escoltado de Aquidauana, é recolhido ao xadrez do 18: BC, incomunicável. Dessa data até 31 de dezembro do mesmo ano (1925), nenhuma outra referência ao sargento que conseguiu fugir ao fuzilamento. Ou terá me escapado à busca? // Foi um ano difícil, o Brasil às voltas com revolução. Quase diariamente, o boletim publica constituição de destacamento, resultado de combates, mortos; em consequência, elogios, embarque de tropas. Tentação de desviar a busca. // A última referência encontrada sobre a revolta em Corumbá está registrada a 2 de junho, num elogio ao capitão Luiz Pinto, por haver deixado o comando do 17: BC. Diz um trecho: “Na repressão ao levante que remanescentes de intrigas masoquistas conseguiam fazer explodir em março findo o Capitão Luiz Pinto agiu com energia e desassombro. Para fazer respeitar o princípio de autoridade não hesitou em assumir providências que a manutenção da ordem e da disciplina exigiam.” // Nota-se, pela frase final, que o comandante da Circunscrição não ignorava e mesmo aprovava o fuzilamento do sargento Aquino. Tem-se mesmo a impressão de que o general vai completar: “não hesitar em...” – Afinal, “providências que a manutenção da ordem e da disciplina exigiu” são atribuições regulamentares que ninguém hesita em tomá-las. Mas o general hesitou em completar a frase.

9.ms4 > Em viagem, a 25 de junho < // O que caracteriza, no teatro, o clássico triângulo é a relação obrigatória de cada personagem com as outras duas. Como na figura geométrica, há sempre uma ligação direta, partindo de um ângulo para ajudar a compor os demais. Bem pensado; portanto, o que nos aconteceu recai nesse “teorema” teatral tão combatido por tantos. O que nos salvou do lugar comum é que nosso triângulo não foi clássico mas escaleno...Para continuar com a simbologia matemática, denominemos aos vértices e a nós mesmos de A,B,C. Para caracterizar cada letra, façamo-lo pela ordem alfabética, conjugando assim as duas fórmulas apresentadas comumente nos programas de teatro. Fico com o A, à personagem central cabe o B e para você toca o C. (Hesitei um pouco na designação de “personagem central”, mas está correto. Com efeito, é central, em qualquer trama, a personagem que provoca, torna-se causa, conduz ou soluciona a maior parte dos conflitos em cena. Se você tomar cada verbo aí citado e relacioná-lo a todas as cenas, verá que B toma a dianteira na coordenação). // 1º ato: A e B, aproximação de C no final. 2º ato: B e C, volta de A no final. 3º ato: A,B e C em múltiplas relações, até ao afastamento de A, o que caracteriza o desfecho, pelo menos no que se refere a triângulo.// A partir daí, o “raciocínio teatral” é interrompido por uma circunstância sobre-

do bizarra: o texto integral da peça só é de conhecimento de B. Além de suas partes, A e C conhecem as demais apenas parcialmente (quando não entraram em cena). Disso decorre que B é o único dono e senhor da verdade, da “verdade de cada um.” // Bem, meu caro ângulo C, essa tal circunstância bizarra é que nos deixou confuso e é ela, também, que impede a crítica imparcial. A única coisa que se pode fazer, nesta tomada de posição “a posteriori”, é analisar as conseqüências do desfecho.

10.ms4 > Retomo estas notas a 10 de maio de 1959, em Iguazu, Paraná ,de regresso ao Rio - // Chove desde a madrugada, dia especial para ficar-se em casa lendo, arrumando gavetas, pondo papéis em ordem...mas nada disso posso fazer. Estou num quarto de hotel, leitura esgotada nos dias de viagem, a chuva destruindo o projeto essencial para hoje , 10 de maio : visita às cataratas do Iguazu.// A solução é recapitular , no papel,o que tem sido esta semana, desde terça-feira, 5 , quando deixei o aeroporto de Corumbá com destino ao Rio, via Assunção do Paraguai: // A aventura iniciou-se com a retirada de documentos, atestados de vacina, boa conduta, saúde, certidão negativa de imposto sobre a renda, firmas reconhecidas em tudo isto. Depois as despedidas no aeroporto, formalidades de sempre, mão na janela do avião, correspondendo aos acervos de terra. Duas e meia da tarde. Em Cáceres, única escala, uma paraguaia recomenda o hotel: // - Usted quedará bien en el Terrza Caballero.//O pantanal matogrossense completamente alagado, a ponto de não se poder identificar a trajetória do rio Paraguai, transmuda-se no Chaco onde pequenos rios, de tão sinuosos, compõem flores ou simulam esses quebra-cabeças em que se deve sair de um ponto pelo labirinto de caminhos e atingir a casa, salvo de perigos.// Às cinco e meia, o avião perde altura e baixamos no aeroporto Presidente Stroessner. Mostro minha identidade, recebo ([permissão para]) autorização cor de rosa para permanecer 90 dias no Paraguai e descubro a inutilidade de toda a papelada que trouxera. Ninguém a solicitou. Revista sumária nas malas, pronto para seguir ao hotel por estrada asfaltada, avenida Mariscal Lopes, de belas vivendas mal entrevistadas na escuridão da noite já completa. No carro, os passageiros misturam espanhol com guarani e a única coisa que digo e repito para ser compreendido, é o nome do hotel que aparece de fachada marrom, fechando a rua Caballero, junto ao rio.// Departamento 14, banheiro anexo, ventilador, telefone, espiral contra mosquitos, 800 guaranis de diária, o guarani acima do cruzheiro na ordem de 86 para 100. // Peço um guia da cidade, pois o jantar começa às 8 e tenho tempo para iniciar o “turismo”. Não há guia, apenas um mapa da cidade na portaria. Subo três quadras da rua Caballero, dobro a direita e estou na rua Palma, “la calle maravilla de Assunción.” Espanta a quantidade de carros americanos, últimos tipos. Paralela à calle Palma está calle Estrella onde tomo uma cerveja a 40 guaranis no Bolsi, confeitaria e bar. Neófito em turismo, descubro que sou apenas mais um na população da cidade, igual a todos, tendo de saber o que os outros sabem e comportar-me da mesma forma que os demais. Uma vez conseguido o visto, a permissão, nada mais nos entrava os passos a não ser a ignorância da terra e da língua. O mesmo anonimato de todas as cidades grandes. // Depois do jantar muito bem servido num dos terraços do hotel – cama. É preciso descansar das despedidas de Corumbá, quatro ou cinco noites mal dormidas, acompanhadas de dias cheios com providências de encaixotamento e despacho de bagagem para o Rio.// Manhã cedo de 6, começo a andar pela cidade: praças, igrejas, edifícios públicos, palácio do governo, panteón aos heróis da guerra da Tríplice Aliança e do Chaco, porto, cartões postais para família e amigos. Como se complica a matemática em outro idioma! ([A moça do correio informou que cada postal levaria doze e cinquenta de selos.]) Compreendi dos y cincoenta quando era doze y cincoenta para cada um dos oito postais que comprara. Entreguei cem guaranis e não veio troco. Incapaz de multiplicar 12,5 por 8, perguntei se estava certo e a moça irritou-se. Envergonhado sob os olhares de todos, coleí rapidamente os selos, molhando-os nuns pratos de vidro com água a isso destinados, e saí às pressas do correio.//Cafezinho a 8 guaranis, almoço, siesta obrigatória. A cidade, a partir de 11:30, começa a morrer, fecha o comércio, diminui o tráfego de pessoal e carros, parece domingo no centro do Rio. Só pelas 3 da tarde é que abrem as repartições, comércio e rearruma-se a vida até 18:30. Recomeça o declínio e às 21:00 horas nada mais há nas ruas. Dorme-se demais no Paraguai.// Desde minha entrada no Hotel Terraza, decido mudar-me para lugar menos caro. A quem recorrer? Não encontro um brasileiro nas ruas. Por muito que apure os ouvidos, só ouço espanhol, pouquíssimo em relação ao guarani que todos falam apesar de não ensinado nos

colégios. Por quê? – Resolvo ir à Embaixada, que só abre às 15:00 horas, e respiro um pouco: consigo falar português. O pretexto de minha ida até lá foi verificar se seria necessário algum visto em meus papéis. Encaminham-me ao consulado, no outro extremo da cidade e ensinam-me onde fica a divisão cultural, também em prédio diferente. Não encontro o adido cultural, mas um rapaz paraguaio prontifica-se a sair comigo à noite para mostrar-me a cidade. Tudo combinado, vou ao consulado, que a idéia principal é mudar-me dos 800 guaranis do Terraza. Um brasileiro com cara de sono e voz macia ensina-me uma pensão na rua 15 de Agosto. Enfio-me pela rua mas nunca chega. Para quê ficar longe do centro? Volto e verifico a diária do Hotel Colonial, em plena calle Palma : 490 guaranis, apartamento com banho privativo. // A noite surpreende-me nessas andanças e encontro o paraguaio que não conhece a vida noturna da cidade. Rapaz pobre, morador do “bairro obrero”, leva-me apenas à melhor confeitaria da cidade, onde piano e bateria tocam para três casais dançar. Às 20:30 vem o garçon com a conta que a casa vai fechar. Tocamos para uma ([restaurante]) churrascaria no bairro Safonia. Ponto alto do meu turismo mal escolhido e mal sucedido: trio paraguaio, harpa e guitarras, com guarânias e polcas, ao ar livre. // De volta ao hotel, o motorista quer saber por que não há 1ª feira nos dias da semana, em português. Sei lá! Sempre achei horríveis os nomes com que acharam por bem batizar esses dias. Muito melhor lunes, lundi, monday, etc. E antes de dormir, recapitulei o dia 6. Movimentado, sem dúvida, mas estava definitivamente estabelecida em mim a convicção de que não se deve fazer turismo desacompanhado. Impressões unilaterais, silêncios de horas pelas ruas, impossibilidade de se comentar o bom, o interessante, o péssimo. E também considerei o quanto nossos patrícios se desinteressam pelo turista. Já estão com a vida estabelecida, regulada, ritmizada e esqueceram que um dia passavam por tudo isto. Tanto nesse dia como nos subseqüentes, apesar de minhas tentativas para localizar Maria Clara Machado, que soube haver chegado à cidade para assistir à representação de sua peça, “O Rapto das Cibéllis”, todas as minhas tentativas foram baldadas, apesar de haver recorrido exatamente à representação cultural, em três dias consecutivos. // Dia 7, acordei-me disposto a mudar-me. Ainda com esperança de conseguir ([lugar]) solução melhor, vou à Missão Militar Brasileira, onde sou bem recebido por todos os oficiais. Recomendam-me exatamente o Hotel Colonial e venho arrumar as malas, num carro, último tipo, de um dos oficiais. Pausa para almoço. Um drinque, garrafa inteira de vinho, duas horas de sono; são quatro horas e a chuva continua cada vez mais forte. (Forte de escurecer a morraria, fazer desaparecer os chaletes de madeira que tanto aproximam esta vila dos arredores de Caxias do Sul). // A parte cômica de minha viagem começou no hotel Colonial. O hall de entrada, com porta rotativa, confunde-se com o salão de refeições, aberto em meio a multidão de colunas, feito edifício de mau gosto em Copacabana – floresta de pilotis. Mas a comicidade não está no hall. Subi a meu quarto, arrumei o necessário a vestir por mais alguns dias. Não, o cômico ainda não vem. Agora é que vejo que para não perder a cronologia tenho de narrar meu passeio nessa mesma tarde. // Encontro-o num folheto de propaganda de uma companhia de turismo com várias excursões programadas. A primeira seria uma volta pela cidade, que já conheço; segunda, ida ao lago Ypacaraí e outros lugares; outra, visita ao Museu de História Natural, Jardim Botânico e “pequeno” zoológico, tudo perto. Procuro a agência e fico sabendo que a ida ao lago de Ypacaraí sai por mais de mil guaranis. Desisto. Pergunto como se vai ao Jardim Botânico. Basta tomar o coletivo nº 6. É um ônibus caindo aos pedaços que não me cabe de pé, super-lotado, gente pobre, mal vestida, e lá vou eu mal acomodado por quase uma hora. Quando já me julgava perdido, fim da linha, “In Natura Veritas” e atravesso o grande portão do parque. Primeira coisa a ver: casa de Artigos, transformada em escola. Uma simpática moça, mostra-me as salas, três, iguais, espaçosas, claras, mas não sou inspetor escolar e saio à procura do museu, antiga residência do primeiro presidente do Paraguai, don Carlos Antonio Lopez, pai do ditador. Uma tristeza. Completamente abandonado, ninguém tomando conta, ninguém visitando. As peças expostas, em sua maioria sem indicação alguma ou com etiquetas desbotadas. Desalentado, procuro o zoológico. Nova decepção. Se houver vinte animais, terá muito. Todos conhecidos e em gaiolas ou jaulas caindo aos pedaços. Ponto alto do zôo: duas pobres onças pintadas de olhar tão triste, a testa encostada às grades, que me deu vontade de soltá-las. É preciso repetir que fui o único visitante e não encontrei nenhum funcionário por ali, o que aumentou a sensação de abandono, desleixo e

pobreza. O Jardim Botânico devem ter tido belas árvores, que vi em grupos ou espalhadas, sem indicação alguma de espécie, talvez acrescidas ao acaso, talvez plantadas com carinho por don Carlos, mas totalmente desprezadas, como desprezados estão os caminhos onde, outrora, há vestígios, houve trato e cuidado.// Na volta, consegui sentar-me no ônibus velho, de bancos de pau. E sempre havia lugar para mais um. Cheguei ao hotel de noite, jantei e li *O Nariz* de Gogol até dormir.// Novas esperanças amanheceram comigo dia 8, sexta-feira. Cedo na rua, perguntei e localizei um mercado para comprar curiosidades. Não havia. Apenas frutas (bananas, laranja) e carnes. Tomo contato com novas ruas, ando quilômetros e descubro o Departamento de Turismo do país, onde há uma exposição de esculturas em cabeças de alfinetes. Pois não tem troco para 500 guaranis e não posso ver a exposição que custa 20 a entrada.// Por todo esse tempo, só um desejo tenho em mente: voltar ao Brasil. Tento novo telefonema à Divisão Cultural a fim de procurar Maria Clara Machado que, aos poucos, toma o aspecto de medianeira, de salvadora de meu frustrado turismo. Em vão. Ninguém sabe onde está. Recai na calle Palma e começo a comprar anillos de ramales, anéis de ouro e prata desmontáveis e pulseiras, especialidade da terra que se vêem aos montes em todas as vitrinas. Depois, desço à rua Colón para comprar uma mala de couro e quando volto ao hotel, o meio-dia matou a cidade. Solução: almoçar e dormir. Almoço e encontro um velho americano mais entendiado do que eu. Também achou caro demais o que lhe pediram para ver Ypacaraí e desistiu. Está sentado no bar, conta-me que viajou pelo mundo todo e que, em Buenos Aires, quando disse que vinha a Assunção, assustaram-se: Por quê? – é só agora compreende porque o espanto.// Enquanto conversamos, na rua passa continuamente a maior atração da capital guarani: índios. Sandálias, calça e camisa comuns, distinguem-se pela cabeleira grossa e solta sobre os ombros como mulher, pele escura, orelhas furadas com botoques de madeira incrustados, no ombro o material que vendem: espanadores e tirantes ou melhor cinturões de fio tecido em várias cores.// You have to make up your mind. . – Diz-me o americano. Porque ele decidiu seguir no dia seguinte para Iguazu e eu estou como a tal velha de dois corações. // Subo ao quarto e encontro – o aberto. Não está a camareira, ou mucama, como dizem. Lembro-me, então, de que pedi que consertassem a porta que não fechava direito, mas ninguém havia por perto. Procuo a porta para fechá-la e ... não encontro a porta, como no poema de Drummond.// -Se llevaron la puerta de mi habitación – digo na portaria. E foi a parte cômica de minha viagem, pois todos se puseram a rir. / - Quiero ver como se vá usted a arreglarse sin puerta, disseram. Também aproveitei para rir da situação, contei ao americano, rimos e eu “maked up my mind” de um modo estranho: entrei numa joalheria e comprei um anel de ouro que me pareceu bellissimo, para dá-lo a minha irmã. O preço superior a 8 diárias do hotel impedia que eu permanecesse por muito tempo em Assunção. Feliz por essa decisão, fui à empresa de aviação e reservei passagem, tirei permissão na polícia para sair da cidade e forçando os meninos a um amadurecimento prematuro e defeituoso, arreglei todas “mis cosas” para partir na madrugada de 9. Ainda há dois compromissos a saldar. O primeiro é falar sobre a polícia do Paraguai, de farda cáqui, e o Exército, de uniforme verde. Parecem de brinquedo, tal a idade dos conscritos, pobres meninos de dezesseis ou dezessete anos, postos em uniformes mal cortados e feios, crianças desviadas de casa para dois anos de quartel, idade mais fácil para o cumprimento de ordens da ditadura. A outra coisa a falar prende-se a uma entrada de teatro que comprara e não queria desperdiçar. Então, desci para o jantar todo enfarpelado, para o gozo do velho americano Piersey, e embarquei no Teatro Municipal, velho edifício onde a elite da capital se reuniu para a estréia de uma Companhia Espanhola de Operetas y Zarzuelas que levaria a comédia lírica em três atos “Luisa Fernanda”. Findo o primeiro ato e cansado de deslocar a cabeça para um lado e outro da coluna de ferro que, exatamente em minha frente, atrapalhava a visão, abandonei a opereta, o teatro de madeira e dei com as ruas completamente vazias. Deixar a capital sem ver nada da vida noturna? Haviam-me falado de um “night club”, chamado Flamingo. Toquei para lá e, fora uma casal de velhos que trocavam carícias absurdas para a idade, fui o único frequentador durante os vinte minutos que lá estive com whisky a 150 guaranis em minha frente, piano e bateria tocando sambas e foxes – epílogo de meu fracassado turismo. // Enfim, recompensado de tudo. Vi as cataratas do Iguazu. // Ao anoitecer de ontem, o céu limpou para os lados do Paraguai, houve até um arremedo de crepúsculo e, de noite, apareceram

estrelas. Deitei-me tarde. Primeiro um hóspede, fiscal de exportação de café no posto do Rio, falou-me, cerca de duas horas, sobre sua profissão, entremeando o assunto com conquistas amorosas e compra de um apartamento; depois, no bar do hotel, um inspetor de seguros pôs-se a fazer mágicas com baralhos e cigarros. Aos poucos, confessou que, há mais de quinze anos, dedica-se ao ramo e tem grande capital empregado nos petrechos do ofício. Serra mulheres pelo meio, decepa cabeça em guilhotina, enfim, faz espetáculo completo, não faltando coelhos e pombos. Paranaense, simpático, falou longamente sobre o assunto sem revelar nenhum truque. “É contra a ética” – disse. E afirmou que não usa espelhos nem esconde nada nas mangas. “Se eu pudesse esconder um coelho em minha manga – falou – é que seria um verdadeiro mágico.” // Subi a meu quarto de bom humor e recordei o que fora meu sábado. Depois de uma hora e dez minutos de vôo, o avião desceu em Iguazu. O velho Piersey foi para o Hotel Cataratas, de primeira classe, 1500 cruzeiros por pessoa, e eu vim para o Hotel Cassino, um terço daquele preço. Na portaria, pediam-me que esperasse que a arrumadeira estava limpando o quarto que fora desocupado havia pouco. “O hotel está cheio” – pensei: Como estava fardado, resolvi ir logo ao Batalhão de Fronteira para liquidar esse compromisso. Um capitão mostra-me o quartel e encontro dois majores conhecidos: um de Porto Alegre, outro de Juiz de Fora (confluência de duas histórias). Apesar de minhas insinuações de que necessitava de uma condução para ver as cataratas, ficaram quietos como defuntos. Ainda sob os efeitos das despedidas de Corumbá, almoço no quartel com a presença de todos os oficiais da guarnição, discursos. Essa atitude dos companheiros de Iguazu decepcionou-me grandemente e voltei ao hotel pronto para tratar da excursão às quedas d’água e marcar passagem para o dia seguinte. // - Só fazemos excursão para quatro pessoas ou mais. O senhor deve esperar que amanhã teremos novos hóspedes – disse o hoteleiro. // Descobri, então, que o hotel estava às moscas. Olhei todas as fotografias da parede, li descrições de Iguazu, dei uma volta pela vila das ladeiras de barro vermelho e casas de madeira e, de repente, encontro uma onça. Não na rua, no fundo do hotel onde há também jacaré, tartarugas e cobras. Sem indicação alguma, achei o zoológico por acaso, reconhecendo os fundos do prédio. // Restava uma tarde inteira para esperar o dia seguinte. / - Já tem número para a excursão amanhã – informou o gerente. // Leio de uma sentada *A Morte de Ivan Ilitch* e mais uma vez impressionou-me com essa novela fabulosa. A noite surpreende-me às voltas com a pergunta que angustiou os últimos momentos de Ivan Ilitch: “E se toda a minha vida estivesse realmente errada?” Aos poucos, transferi essa dúvida para mim mesmo – em sentido inverso à de Ivan Ilitch, por certo, - e dormi mal a noite, também, por causa dos mosquitos que vieram com o calor que precedeu a churrascada que comi, sem pausa, o dia inteiro de ontem. // Hoje, amanheceu uma segunda-feira enferrujada mas fomos, um casal, o fiscal do café e eu até ao Parque Nacional de Iguazu. // A visita começa pelo prédio da administração, onde há uma bem organizada mostra de madeiras ([da região]) e dos pássaros da região. Vi, empalhados, todos ([os passarinhos]) as aves – siriema, socó, macuco, sabiá, gralha, saíra de sete cores- que deram cor e vida a minha infância. Esse reencontro inesperado foi ótima preparação para a visão grandiosa das cataratas, vinte e um saltos espalhados por extensa área, culminando na Garganta do Diabo, ([para]) onde várias cachoeiras se ([confluem]) reúnem para formar um espetáculo que não me cabe descrever. // De regresso, chegamos ao Hotel Cataratas e encontro o velho Piersey bem disposto, alegre, contraste com o americano entendido que encontrava em Assunção. Fique o Paraguai com seu sono, o exército de brinquedo, calle Palma e índios pela rua – prefiro as cataratas do Iguazu.

V

1. ms6 Anotações Literárias - 1975 - São Paulo - Lucy in the sky with diamond - O Casal Encantado - Ato único - Cenário : espaço todo negro, no primeiro plano uma larga cama de casal branca, no segundo plano uma mesa com cadeiras nas cabeceiras, candelabros de velas apagadas, balde de gelo com champanhe, taças. Estrados à direita, ao fundo e à esquerda. // Personagens : Lúcia, 18 anos; Conde, 50 anos; José Maria, garçon, 40 ano. // Prefácio : ausência total de bege. Som da marcha imperial, risos, palavras, espocar de champanhe. Acende-se a sala, entra o Conde com Lúcia (no colo) vestida de noiva e a coloca delicadamente sobre a cama. // Cena 1 - L- (ligeiramente embriagada) - E

agora José?// C- Meu nome nunca foi José. // L- José é um poema. // C- De poesia não se vive.// L- Sei disso. Vive-se de eletrônica, das válvulas que você constrói em Vila Mariana.// C- Ou então das histéricas que você pinta.// L- Também sei que não vendo quadros. Mas vai chegar o dia em que eles vão valer muito mais do (...que?) estas porcarias que você faz.//C- Porcarias ou não, é disso que nós vamos viver. //L- Besteiras ou não, é disso que eu vou viver. Enquanto você fica na fábrica, eu fabrico minhas pinturas, cheias de crianças e borboletas. Os filhos que você vai me dar e as borboletas da minha libertação.// C- Por que falar em libertação se foi você que escolheu esta farsa? Propus uma viagem à Europa e você preferiu a recepção, vestido de noiva, marcha triunfal. Tudo como manda o figurino burguês. Que virgindade cobre este teu véu? // L- Se foi você que a tirou, porque não posso usar esta porcaria? (arranca o véu) - Olha a mesa? Champanhe, candelabros, tudo como encomendei. Falta só o José Maria entrar e servir a senhora Condessa de... de que mesmo?//C- Kadenska. //L- Condessa Kadenska levanta-se e dança passos de valsa. Depois toca a campainha e entra José Maria. // JM - Pronto, patroa (completamente efeminado, magro, quase careca,desdentado).// L- Patroa é a puta que pariu. Eu sou a Condessa Kadenska.//JM- Eu, hem ! Lá na fazenda, trepando com todo mundo, nunca se falou em Condessa.// C- Cala a boca, lacaio. O que passou, passou. Agora, respeito e vida nova.// JM- (serve champanhe, pega uma taça vazia e imita Carmem Miranda. Lúcia e o Conde começam a rir, se abraçam e dançam o samba que José Maria canta: “O tic-tac do meu coração...”) As luzes se apagam.// Cena 2 - Mesmo cenário. Lúcia sozinha, sentada na cama, virada para a platéia, com um pincel na mão pinta um quadro imaginário. Música.// L- Estas borboletas vão voar pelo mundo. Vou ser mais famosa do que todas as grandes pintoras que nunca existiram. Quem foi grande, afinal, como pintora? Lá fora, Maria Laurezin, aqui, Tarsila do Amaral. E as centenas de Giotos, Rafaéis e Frá Angélicos? Somos apenas bordadeiros (joga o pincel no chão). Grita : Zé Maria! // JM- Pronto, patroa. Qué dizer, pronto, Condessa.// L- Deixa de frescura. Me chama de dona Lúcia, como sempre. / JM- Pronto, dona Lúcia. O conde tomou café, depois ficou rindo com uma notícia do jornal, qualquer coisa que tinha a ver com borboletas, e foi-se embora assobiando a marcha nupcial.// L- Traz o jornal. (Vai até a mesa e toma o resto de champanhe). Cara de nojo: Horrível, sem gelo, choca feito uma galinha.// JM- Deixe disso, a senhora não é mais galinha, agora é a Condessa Kadenska.// L- (lendo o jornal) “ As borboletas na pintura de Lúcia Kadenska.” Está vendo, Zé Maria, só porque me casei com um conde europeu meio fajuto, virei notícia de jornal. Ele riu por isso. Não sou mais eu que pinto. Não sou mais Lúcia Farias, sou Kadenska. Merda. Qualquer dia desses nem sou mais Lúcia. Sou Kadenska, Kadenska, Kadenska.// JM- Por que não tira partido disso? Aproveite o nome e vá em frente. Como Farias a senhora nunca foi ninguém.// Cala a boca, viado. Minha família sempre teve nome e não há de ser por uma Fazendola em Barra do Piraí que esse tal de conde vai me dominar. Não troco a minha liberdade pela cama de ninguém.Olha aí no jornal: “Marujos americanos invadem a cidade”. Vou telefonar ao Roberto e vamos nos divertir hoje à noite na base do Tio Sam.// JM- E o conde?// L- O conde que se dane. Passa o dia inteiro naquela bosta de fábrica, quando chega zomba da minha pintura, vira-se para o canto e me deixa a ver navios. E quer que eu lhe dê filhos. Está bem. Darei. No máximo três. Depois vou para Nova York , Paris e terei um amante em cada cidade.// Mudança de luz. Lúcia contra a parede. //L- Até aqui eu acho que está indo bem. Mas acontece que eu não sou Lúcia Kadenska. Eu fui Lucy Calunda. Há várias coisas erradas no texto que você escreveu até agora. Por exemplo, meu nome. Por exemplo, chamar de fajuto meu conde, que foi autêntico italiano, por exemplo, usar o nome de Roberto, grande era você, seu filho da puta, que saiu comigo, aquela noite para pegar marinheiro. E você se lembra. Fomos primeiro para o Beco da Fome, lá em Copacabana, e só tinha marinheiro americano. Branco e azul, azul e branco. Depois, mais grito, você falou em Vietnan e disse que o desespero deles era ter que morar lá. Aí, depois desse despropósito, fomos a um lugar chamado “Alfredo”. O porteiro tinha complexo racial, ou outro tipo de complexo e disse que “fardado não entra”. Então você chamou o cara de “filho de puta” e então virou bagunça. Antes que a polícia viesse, eu levei você para outro lugar. E daí você me dá licença de recomeçar.

III. HISTÓRIA DO TEXTO

1. PROCEDIMENTOS NA PRODUÇÃO DO TEXTO

2. PERCALÇOS

3. TRAJETÓRIA - DIÁRIO ÍNTIMO/DIÁRIO DE LEITURA

4. CRONOLOGIA

5. IMAGENS

1. PROCEDIMENTOS NA PRODUÇÃO DO TEXTO

1. PROCEDIMENTOS NA PRODUÇÃO DO TEXTO

O preparo de uma edição crítico-genética, a partir de fontes primárias, visa a estabelecer um critério objetivo que valorize o texto na descontinuidade, pela exposição das variantes: hesitações, rasuras, rabiscos e os recomeços da escrita para que haja apreensão de como o escritor se submete à escrita e constrói seu texto. Para CASTRO (1993:45) se existirem vários originais autógrafos e “(...) se subsistirem testemunhos de várias etapas do processo criativo do texto, a edição por isso chamada crítico-genética, procura reconstituir a cronologia, o ritmo, o sentido desse processo, deles dependendo a direção em que o texto evoluiu, embora nunca se saiba se o autor manteria essa direção após ter intervindo no texto pela última vez”.

O texto e as variantes, que constituem os materiais expurgados, são apresentados ao leitor com a finalidade de retomar os desvios do percurso da escrita. Assim, o texto estabelecido assume uma dimensão de continuidade na construção de seu sentido. Expõe os resíduos, o fora e o dentro da linguagem, porque o que autor apaga na sua página pode representar concessões a valores morais, políticos, estéticos e religiosos. As variantes se apresentam ao leitor como momentos alternativos de percepção e relativizam a idéia de texto acabado ao trazer à tona uma multiplicidade de materiais abandonados que desmistificam a imagem romântica de inspiração e, simultaneamente, os percalços da escrita se impõem ao leitor em sua dimensão histórica.

Uma leitura desenvolvida passo a passo do *corpus* que compõe o *Diário* de Harry Laus, constituído por 2.119 páginas, assumiria proporções inviáveis, de modo que, a solução encontrada foi a de uma leitura que abranja uma abordagem do material a partir de observações de caráter geral e algumas questões teóricas sobre os casos reiterativos.

A crítica genética propicia ao leitor a escrita decifrada dos rascunhos, a palavra escondida pela rasura, pelas manchas e rabiscos e por uma classificação temporal dos escritos desvendando as montagens e o estilo do autor com maior precisão. A leitura das variantes pode ser efetuada de modo integrado à leitura do texto estabelecido como um todo, dirigido para as particularidades da escrita de Harry Laus, que inicialmente, fazia anotações breves de fatos, esquemas, impressões de leituras e projetos literários evidenciados nos manuscritos autógrafos e posteriormente expandia tudo isso e revisava criticamente essas anotações nos datiloscritos. As substituições, os deslocamentos e as supressões são dirigidos para melhor representação crítica.

As inter-relações textuais desvelam o método de escrita do autor, ou seja, a busca de uma expressão mais objetiva, a censura às referências íntimas, a garimpagem no dicionário para encontrar melhor precisão vocabular. Laus como autodidata filtrava criticamente sua escrita espelhando-se em textos ficcionais, críticos e filosóficos. Admitia desconhecer a literatura brasileira, porém fazia críticas às obras às quais teve acesso, conforme suas observações fixadas sobre o romance *A quadragésima porta*, de José Geraldo Vieira, na p.71/v do Primeiro Caderno, volume preto (ms1): “(...) não tenho palavras de elogios aos poucos livros de autores brasileiros que tenho lido, a mim me foi de valor ler esta **Quadragésima porta**.” No entanto, apesar de uma posição crítica em geral positiva ao livro mencionado opera considerações sobre a utilização de determinadas palavras como na p.72/v –ms1 “Outras vezes são palavras feias, caídas por descuido ou não sei por que, como na página 344 ‘proveitaram...para se beijarem.’ (2ª ed. Globo)”. Assim, as construções de imagens ou a seleção de palavras se constituíram móveis para seu exercício de escrita.

O período de produção dos *Diários* cobre a maior parte da extensão da vida de Harry Laus – 1922/1992, o que permite a percepção da variedade de meios utilizados na escrita (tipos de papéis, canetas e máquina datilográfica) e também referências cronológicas.

As anotações são sempre precedidas por referências cronológicas e topográficas bem demarcadas. São dados que nos possibilitam associar as anotações dos diários com as vivências e as reações de alguns personagens. No caso do romance, *Os papéis do coronel*, o personagem Vitório, ligado ao Exército, teve um percurso profissional identificável ao do autor, que quando ligado às Forças Armadas, peregrinou do Sul (RS) ao Norte (RN) e ao Centro Oeste (MT) e ao se desligar do Exército em 1964, após experiências profissionais no Rio de Janeiro e em São Paulo, retorna à terra de origem (SC).

Para HAY (1986: 135) há dois tipos de escrituras: uma que parte de um *programa* e outra que se caracteriza como *processo*, porém, salienta que entre os dois pólos – programa e processo – ocorrem formas intermediárias. Nos *Diários* de Laus que cobrem o período de 1947/1959 é verificável uma fase preparatória do texto explicável pela grande quantidade de variantes longas. Nessa fase os cadernos são escritos à mão e posteriormente revisados em versão datilografada, em folhas de papel de seda, organizadas em pastas.

As variantes longas explicam-se nos *Diários* pelas substanciais modificações ocorridas de uma versão para outra, pois o autor refez os textos em novas versões, marcando uma sucessão temporal

de organização. Nos cadernos anotava trechos de poemas lidos, citações de romances e de crítica literária, esquemas de projetos ficcionais, primeiros escritos de contos e novelas. Já, nos datiloscritos ocorrem predominantemente variantes menores no plano da linguagem, por questões de estilo e de economia. Assim, a análise dos cadernos escritos nessa fase conduz à conclusão que, no modo de proceder de Laus, o planejamento ocorria anteriormente à escritura. A autocrítica ocorria como um passo posterior do processo.

Em *Diário quase íntimo* (ms1), observa-se com muita frequência o processo de síntese objetivando gerar melhor efeito estético pelo exercício da economia. Na página 3, do datiloscrito (ds1) está fixado “Perdi *O ideal de um jovem medíocre*, em que havia descrito minha adolescência”, enquanto que no manuscrito (ms1) “Perdi *O ideal de um jovem medíocre* em que havia escrito meus vinte e quatro anos de vida, até minha ida para Natal”. p.80. Na mesma página do datiloscrito (ds1) a economia é também perceptível em relação ao manuscrito “É claro que não se satisfaz enquanto não tenha falado tudo o que queria dizer, e, terminada sua confissão, será completamente surdo às minhas palavras”, pois no manuscrito (ms1) a oração era complementada por outra explicativa “Convenci-me de que sou bom ouvinte” p.81v.

O impulso da escrita é reavaliado e questões gramaticais são modificadas em pequenas variantes. Como exemplo verifica-se no *Diário quase íntimo – Primeiro Caderno* (ms1), o verbo “abriu”, do tempo verbal pretérito perfeito do indicativo é alterado para “abre” no datiloscrito (ds1). A modificação de tempo verbal do pretérito para o presente indica que o movimento não se encerrou. Logo a seguir, a troca vocabular é movida por uma questão de estilo, a expressão “*inventiva popular nordestina*” é alterada para “*poética popular nordestina*”. Ou ainda, a microvariante é dirigida para garantir maior objetividade e concisão, no manuscrito (ms1) está fixado “No entanto, é o que escrevo, é o que faço e o que espero que seja admirado e elogiado pelos outros”, já, no datiloscrito (ds1), a parte final do período “*e elogiado pelos outros*” foi suprimida.

A autocensura visando maior objetividade é recorrente se estabelecermos uma comparação entre os manuscritos e os datiloscritos. Dos manuscritos foram eliminados longos trechos, constatável pela redução significativa do volume textual. Os escritos do ms1 (caderno preto) com duzentas folhas, do ms2 (caderno marrom - volume I) com 400 folhas e do ms3 (caderno marrom – volume II) com 400 folhas, escritas na frente e no verso foram reduzidas a uma primeira versão datiloscrita denominada *Diário quase íntimo* (ds1) com 131 folhas e 2400 signos e num segundo momento a um texto

denominado *Impressões de vida e leituras* (ds2), com 166 folhas e 2900 signos. O mesmo processo ocorreu com o datiloscrito *Monólogo da provação* (ds3), denominado na forma manuscrita, *Diário de Corumbá* (caderno marrom – volume III), com 246 folhas ao ser reduzido numa reescritura seletiva para 92 páginas datilografadas e 2400 signos. Laus garimpava o léxico na busca de uma melhor expressão fixada de modo sintético. Na parte I do datiloscrito *Monólogo da provação* (ds3), primeira linha do parágrafo inicial, ocorre uma substituição, o verbo “selado” do manuscrito *Diário de Corumbá* (ms4) é trocado pelo verbo “decidido”, o que caracteriza uma variante estilística. A seguir, ocorre uma variante estilística. No segundo parágrafo do datiloscrito mencionado, a frase – “De São Paulo em diante o céu cobriu-se de nuvens e o avião procurou o intervalo entre duas camadas para melhor cumprir seu vôo”. – foi reelaborada para – “De São Paulo em diante o céu cobriu-se de nuvens, impedindo a visão de qualquer panorama”. Portanto, o método de escrita indica controle sobre os pormenores do texto e permite avaliar que o conjunto dos originais desvela que as sucessivas reescrituras visam o rigor textual e as variantes não se limitam a uma mera exposição de curiosidades, mas se identificam como resultantes de um levantamento e de uma análise de dados informativos de diferentes níveis que abrangem desde a perspectiva diacrônica no plano do estudo da língua até as variações estruturais.

Os *Diários* abrangem quarenta e cinco anos de uma existência de setenta, resultando num *corpus* que indica a preocupação de Laus ao registrar sua história reforçando a idéia de BLANCHOT(1987:17) de que “escrever é fazer-se eco do que não se pode parar de falar” assim, a escrita assume-se como recurso interpretante da existência e a opção pelo estudo genético estabelece um confronto entre o que o texto *é* com o que *foi* ou com o que *poderia ter sido*, relativizando a noção de fechamento textual.

Os escritos refletem formalmente através de versões ou de esquemas, as oscilações de uma existência marcada por fortes conflitos relativos à sexualidade e às escolhas profissionais. O “autor” se projeta na reconstrução dos textos criando efeitos estéticos na fixação das impressões de leituras dirigidas para a construção de personagens, escolhas temáticas e articulações das intrigas ou como observador da realidade física e humana, e se harmoniza com o “eu do oficial do exército”, que sistematiza, ordena, racionaliza. Após o afastamento do exército nos anos 60, a escrita assume características diferentes, o texto se define como esquemático e o trabalho de reelaboração é abandonado, no entanto, questões que envolvem literatura e arte permanecem sendo exploradas com intensidade nos últimos cadernos. Nos *Diários* escritos entre 1947 e 1959 – *Diário quase íntimo*, *Impressões de*

vida e leituras e *Monólogo da provação*, há uma taxa elevada de supressão de trechos, que constituem a grande maioria das variantes de maior extensão. Das 102 variantes longas levantadas, 101 são referentes a esse período temporal e leva-nos à suposição de que a reescrita determinou mudanças radicais no processo de expressão.

O diário escrito na década de 60 retrata um inquérito administrativo que determinou a Laus, um aprisionamento num quartel do Rio de Janeiro por contrariar regras militares, como diretor da Biblioteca do Exército, numa operação de antecipação de edições do órgão e o seu posterior desligamento das Forças Armadas Brasileiras. O *Diário* nomeado *O processo dos livros* se constitui numa retomada reflexiva de fatos e de ações/posições de pessoas envolvidas num processo que buscava apurar as razões que conduziram administradores da Biblioteca do Exército a editar livros fora dos prazos estabelecidos normativamente. A lógica do processo paradoxal, impulsionou Harry a uma escrita diária para melhor compreender as situações que o envolveram pessoal e profissionalmente. Os escritos revelam um envolvimento do escritor-diarista com suas idéias a ponto de estabelecer um distanciamento da realidade que extrapolava o inquérito. Absorto em dar significação ao que escrevia, ordenava e reordenava as ações políticas que envolveram o processo administrativo para avaliar as causas da transgressão disciplinar e as penalidades impostas pelos inquiridores.

Nos anos 70, após a “ruptura profissional com o exército”, os *Diários* assumem uma característica diversa dos textos anteriores ao se constituírem como *Anotações de viagens*. A estruturação passa a ser esquemática e o espaço da reflexão é abandonado em prol da descrição de lugares, exposições de artes plásticas, galerias. As artes plásticas e o cinema assumem uma dimensão maior do que as impressões de vida e de leitura. Os aspectos cronológicos e topográficos são apresentados como marcadores de uma fase da existência que “segue” ou “prosegue”, apesar das adversidades.

As anotações referentes aos anos 60 e 70 revelam esquematicamente descobertas de lugares, de pessoas, de hábitos e de culturas. Múltiplos lugares e pessoas são enumerados, listados. A reflexão cede lugar para a descoberta do novo e a caligrafia destes manuscritos é oscilante com rasuras e emendas que indiciam pressa para fixar alguns momentos de revelação. Esta etapa do diário corresponde à definição estabelecida por Louis Hay, segundo a qual, a finalidade do diário é se constituir como um registro do prazer das descobertas, das experiências, das emoções despertadas pelos lugares visitados, documentados para evitar o esquecimento. O espaço e a temporalidade são demarcados pela precisão documental. As viagens estão associadas às descobertas e nesta fase se impôs um novo caminho

profissional a Laus, o das artes plásticas, iniciado em 1961 quando assumiu a coluna de artes do Correio da Manhã, como interino de Jayme Maurício. O diário registra visitas a museus, galerias e vernissages, momento introdutório para novas perspectivas profissionais – a de crítico de artes-plásticas. Durante este período, setembro a novembro de 1977, escreveu os artigos para o jornal *A Folha de São Paulo*, enviados para o Brasil via correio: *Anotações de Viagens I – Ibiza e Barcelona; O Centro Georges Pompidou; A representação Latino-Americana na 10ª Bienal de Paris e A representação internacional na 10ª Bienal de Paris; Anotações de Viagens II – sobre o serigrafista, Gaitis*. No entanto, seu “ímpeto informativo” foi sufocado por Fernando Lemos, que intermediava a publicação de seus textos no jornal, ao lhe informar que não podia publicar um artigo semanal assinado, pois o jornal preferia “(...) dar destaque ao noticiário local.” (ms6 p.111)

Porém, nos anos 80 e 90, no último caderno, a literatura assume uma significação preponderante, o leitor e o escritor Harry Laus afloram. As idéias literárias e os projetos decorrentes, as impressões críticas sobre leituras e a preocupação com a sua criação ficcional são redimensionadas. Esta parte dos *Diários* apresenta apenas uma versão manuscrita, no entanto, o aspecto esquemático da fase anterior é abandonado, a descrição é trocada pela reflexão. Laus se posiciona criticamente avaliando leituras de textos produzidos por outros como: *O amor nos tempos do cólera* de Gabriel Garcia Marques; *Estorvo* de Chico Buarque de Holanda ou como autocrítico avaliando sua produção. Os textos: *Tempo - Será; O santo mágico; A primeira bala e Sentinela do nada* são objetos de posicionamentos avaliativos. Sobre *O amor nos tempos do cólera*, que trata de uma paixão amorosa na velhice, suas reflexões são conduzidas por uma assertiva do romance a respeito da morte, e afirma “A alma não é dona da morte: luta pelo aperfeiçoamento do corpo para prolongar sua permanência. A morte é o esgotamento da alma.(...)” (ms7 p.10), concluindo que a sensibilidade do corpo está diretamente ligada à vida. A respeito de *Estorvo*, identifica-o como um romance “(...) mágico, com uma linguagem feliz, inesperada, com a apresentação de fatos que tanto têm do real como do surreal”. (ms7 p.105) Na avaliação de sua produção, como leitor-crítico busca possibilidades formais para refazer seus textos, projetando alternativas estruturais. No entanto, nesta fase realizou um trabalho consistente no campo das artes plásticas à frente do Museu de Arte de Joinville – MAJ-1980 e, em seguida, do Museu de Arte de Santa Catarina em Florianópolis – MASC - 1985-1992. Atuou objetivando reavivar a memória da arte local, e simultaneamente, promover regional e nacionalmente nomes da arte catarinense que se consagraram no cenário nacional como Suely Beduschi, Eli Heil e Luiz Henrique Schwanke. Organizou

exposições significativas como – Perspectiva Catarinense, 1986 e Panorama Catarinense do Volume, 1990. A primeira dirigida para a divulgação de novos artistas, enquanto que, a segunda abriu perspectivas para as formas tridimensionais. Mas a relação crítico/escritor foi se alterando em prol do escritor sem o abandono do crítico, sendo que seu primeiro romance publicado na França em 1992 – *Les jardins du colonel* – foi editado tendo como capa um quadro de Eli Heil: “Ontem como por milagre, chegaram da França 4 exemplares da capa do livro *Les jardins du colonel*, uma beleza! Com o quadro da Eli Heil.”(ms7 ,p.134v). A intersecção profissional vai diluindo conforme registros do diário, que no dia 17/08/91 fixa a procura de novos impulsos para o desenvolvimento de suas atividades: “Inventemos novos interesses, novas coisas, terminar o levantamento do catálogo do MASC, enfim, retomar o interesse no campo onde estou e onde tenho respeito e apoio de todos os artistas”. (ms7 p.79f). A seguir as referências são as do escritor: 07/09/91 – “Continuo às voltas com a história da cabra branca. Agora (por enquanto), chama-se *O Obstáculo*”. (ms7 p. 80v); 11/09/91 – “Ontem à noite terminei o conto da cabra que passou a chamar-se *Trajectoria do nada*”. (ms7 p. 459); 15/09/91 – “Terminei de datilografar o conto que ficou como *Sentinela do nada*, com onze páginas. Precisa ser revisto”. (ms7 p. 81f); 03/01/92 – “Tenho pensado em ampliar a *Sentinela*, agora que terminei a cronologia, com o acréscimo da parte já escrita do pretense romance.”(ms7 p. 107f); 18/04/92 – “Trabalho na revisão de *Santo Mágico*”. (ms7 p. 140v)

Ao organizar os fios que compõem as narrativas dos *Diários*, percebemos que as variações da escrita mostram coerência por relativizar a trajetória constitutiva da existência que impõe maior determinação em algumas fases do que em outras. Assim, os manuscritos desvelam que há momentos onde impera a busca de reordenação dos sentidos das palavras, porém, em outros o que importa é o simples registro. Em viagem, a descoberta do novo, a percepção da diferença é fixada de modo independente do estilo e da precisão significativa, já em fases que se estabelecia num determinado lugar, apesar do contínuo aflorar de conflitos internos, a palavra é objeto de reavaliação e a maior precisão significativa é buscada de modo sistemático.

O importante na construção desse dossiê é expor a reprodução dos movimentos da escrita que traduzem pelos lapsos o desejo do escritor, os remanejamentos operados com a palavra na construção textual, demonstrando a heterogeneidade no percurso e simultaneamente a arbitrariedade da crítica que avalia o texto como uma totalidade acabada. O estudo dos originais do *Diário de Harry Laus* fornece elementos para a compreensão da luta para a materialidade da palavra, a persistência do trabalho

de escritura e de reescritura, e confirma a impossibilidade do escritor prever o que fará. A rasura denuncia o inesperado e ultrapassa uma posição anteriormente definida indicando o ir e o vir da escrita.

2.PERCALÇOS

2.PERCALÇOS

Os *Diários* foram escritos por Laus ao longo de sua vida. Os primeiros, denominados pelo autor “autobiografia ingênua” perderam-se num desvio de bagagem de uma viagem naval de Natal /Rio Grande do Norte para Porto Alegre/Rio Grande do Sul, em 1947. Dois volumes dos *Diários*, intitulados *O ideal de um jovem medíocre*, foram extraviados, juntamente com seus livros, encaixotados para o transporte. Apesar de os objetos terem sido registrados, não conseguiu reavê-los, mesmo após insistentes tentativas.

O impacto da perda dos primeiros escritos resultou na necessidade de recuperar os dados pela memória e projetar um novo *Diário* intitulado *Diário de Bordo*, iniciado em 27 de dezembro de 1949. O título é associado a imagens de barco e de embarcado. Os manuscritos foram escritos em dois cadernos de capa dura marrom e concluídos em 1953. As anotações foram marcadas por datas e constituem um conjunto de impressões de vida e de leituras do período, e totalizam 400 páginas (primeiro caderno) e 349 páginas (segundo caderno), escritas na frente e no verso. Os manuscritos, num momento posterior, foram revisados, sintetizados e datilografados por Harry Laus, visando à possibilidade de publicação. Numa primeira versão, resultou *Diário Quase Íntimo*, com 131 páginas e posteriormente, outra versão, intituladas *Impressões de Vida e Leituras*, com 166 páginas, que permaneceram inéditas até sua morte.

Em 1958, Laus iniciou outra etapa do *Diário*, registrando a experiência de um ano como Oficial do Exército em Corumbá - Mato Grosso. Os manuscritos totalizam 246 páginas, reduzidas a 92 páginas, num datiloscrito de 113 partes. A edição foi estimulada por amigos, como a cronista Eneida e o poeta Mário Faustino, que sugeriu a alteração do título por considerar pouco impactante em termos de mercado. A versão datiloscrita passou a ser chamada *Monólogo da Provação*, mas não obteve apoio editorial.

Após ter ficado o período de um ano residindo em Corumbá, exercendo funções militares, Laus é transferido para o Rio de Janeiro e é nomeado Diretor da Biblioteca do Exército. Em 1960, sofre um processo administrativo, que resultou numa nova etapa do *Diário - O Processo dos Livros - 1960/1961* - registro do processo, das análises das comissões de inquérito, da repercussão na imprensa e no exército e da punição.

A etapa seguinte apresenta um ritmo de escrita diferenciado das anteriores. O texto é esquemático e constitui-se de anotações literárias, de artes plásticas e de viagens. Os anos fixados foram 1975 e

1977, depois do desligamento do Exército, ocorrido em 1964, fase na qual o seu interesse profissional é dirigido para a Crítica de Artes Plásticas. As viagens de 1975 e 1977 constituíram-se numa busca de museus, galerias, ateliês em lugares ícones do ocidente - Paris, Amsterdam, Atenas, Madrid, Barcelona, New York e os dados constituem-se lembretes de situações, de novos relacionamentos e de descobertas no campo das artes.

Nos anos 80 e início dos anos 90, organiza outro caderno com um esquema de anotações ano a ano; no entanto, os primeiros anos da década de 80 constituem apenas registros de datas. O fluxo discursivo adquire continuidade entre junho de 88 a 92, fase na qual as reflexões se dirigem para as necessidades do escritor e é nomeada como - *Tempo Maduro*. A faceta do escritor é avolumada nos últimos escritos, o seu tempo era organizado para o desenvolvimento de projetos literários e para o tratamento de um câncer pulmonar, que o venceu em vinte e sete de maio de 1992; porém, a última anotação, feita em 12 de maio, fixa o início da escritura do texto *Ranço*.

3.TRAJETÓRIA - DIÁRIO ÍNTIMO/DIÁRIO DE LEITURA

3. TRAJETÓRIA - DIÁRIO ÍNTIMO/DIÁRIO DE LEITURA

As formas de dizer sobre o real seguem categorias sistematizadas a partir de relações que o sujeito estabelece com o que sente, com o que vê e com o que conta, e dentre elas, o *diário* se caracteriza como um memorial. Para BLANCHOT (1987:19) “A verdade do diário não está nas observações e comentários interessantes, de recorte literário, mas nos detalhes insignificantes que se prendem à realidade cotidiana”.

Laus ao iniciar o seu *Diário quase íntimo* diz: “Abrir-se lentamente, com cuidado, como lentamente se forma o feto nas entranhas, e como a natureza abre a flor. Não fazer como a criança que desmancha o botão querendo transformá-lo em rosa”. Palavras que atentam para a força desta escrita enraizada no tempo por uma seqüência de referências estabelecidas pelo escritor, após reflexões contínuas que lentamente se organizam como discurso. O diário indica a quem escreve a possibilidade de uma metamorfose pelo aflorar de uma fala íntima de um cotidiano datado e localizado. Assim, a escrita demarca os momentos de felicidade, de medo, de angústia, de convivência e de solidão memoráveis.

Nos primeiros cadernos –ms1, ms2 e ms3- projetos literários de contos, novelas e “anotações em primeira forma” detêm parte significativa nos escritos. No caderno preto (ms1), datado de 1947 a 1949, iniciado em Natal (RN), os exercícios literários ocupam a maioria das páginas. Começa com o texto *Pierre Chacun*, segue com *O noivado*, tentativa de escrita anulada por duas retas cruzadas que eliminam o texto; prossegue com *Notas para um conto* e com as primeiras versões dos textos: *Fuga*, *A visita*, *O capitel*, *Areia*, *A procissão*, *Notas para um romance*. Somente na p.71v, o “eu” ficcionista abre espaço para o “eu” leitor e para o memorialista que procura refletir sobre suas leituras e visões de mundo. Porém, na p.83v, retorna ao exercício ficcional com *O adolescente*, *Areia*, *Maria Grazia*, *A procissão*, *Os incoerentes*, só retornando às questões íntimas ao elaborar pensamentos sobre a significação da palavra na construção de sua existência: “Lembro-me que comecei a escrever para treinamento, para desprender meus dedos, como um exercício de piano, e fazer soltar meus pensamentos. Para conhecer a mim mesmo eu disse muitas vezes”. p.148f. O datiloscrito *Diário quase íntimo*, de 131 páginas, se caracteriza como uma síntese dos três primeiros cadernos manuscritos, no qual foram eliminados os projetos literários e mantidas as impressões de vida e de leituras. Os projetos literários

dominam a maior parte desses escritos e desvelam a dinâmica de seu processo de criação. Num primeiro momento a palavra flui, a crítica é efetuada posteriormente, quando são feitos os ajustes estilísticos e de coerência.

Harry Laus desvela um grande envolvimento com a leitura de ficção e filosofia nos cadernos ms1 e ms2. Como autodidata desenvolveu gradativamente leituras de autores e obras marcos da ficção ocidental, em especial, do dramaturgo dinamarquês Ibsen, do romancista russo Dostoiévski e do poeta alemão Rilke.

O teatro de Ibsen foi lido, analisado a partir de impressões de leitura e de posições críticas de estudiosos às quais teve acesso. No (ds1) é acentuada a influência decisiva de determinadas leituras: “Entre os autores que aumentaram minha curiosidade em torno de Ibsen, contam-se: James Joyce que, conforme seu biógrafo Herbert Gorman, aprendeu dinamarquês para lê-lo no original; Unamuno, que o aproxima de Kierkegaard; e ultimamente W.S. Maugham em suas confissões.”p.83

A leitura dos *Seis Dramas: O pato selvagem; Um inimigo do povo; A dama do mar; Solness, o construtor; Rosmersholm e Quando despertamos de entre os mortos* motivou Laus a participar do Concurso Nicolau Carlos Magno, promovido pelo *Jornal de Letras*. Segundo registros do *Diário quase íntimo* (ds1), foi o vencedor do concurso com o trabalho *Alguns habitantes de Ibsen*, sobre a intensidade dramática dos personagens do dramaturgo dinamarquês.

A obra de Dostoiévski se constitui como um guia para que o Laus ficcionista melhor compreendesse a densidade psicológica dos personagens marcada pela luta entre as forças internas e externas, a organização da ação romanesca e a maneira de utilizar os recursos de linguagem. No datiloscrito *Diário quase íntimo* (ds1) é salientado que as forças humanas essenciais estão presentes na escrita do escritor russo: “...surge um fator constante na obra de Dostoiévski: o dinheiro, a luta por ele, a liberdade que trará, como em *Crime e Castigo* e *Irmãos Karamasov*. E a necessidade de adular e ser humilhado.”(p.31)

Quanto a Rilke, em várias passagens dos datiloscritos *Diário quase íntimo* (ds1) e *Impressões de vida e leituras* (ds2) são valorizadas as imagens poéticas de *As elegias de Duino* e as proposições sobre a elevação e pureza da vida como forças para conter sutilmente a morte. Segundo Laus, a amplitude da compreensão dos versos do poeta só ocorre com o convívio de suas idéias que giram em torno da vida e da morte.

A leitura, como fonte construtora do ser, permeia a escrita dos *Diários* de Harry Laus. Os

escritos transitam entre impressões da leitura de textos universais, leitura crítica de seus próprios textos e pela leitura de imagens do cinema e das artes plásticas. Faz comentários sobre filmes que assistiu como: *Profumo di Donna*, com Victorio Gassmann – no qual valoriza o humor farsesco; *Tommy* – filme surrealista alucinado; *Une journée particulière*, de Ettore Scola – que trata da perseguição fascista aos homossexuais e associa a trama cinematográfica à sua história de vida: “(...) o filme se volta para eu mesmo, sendo enxotado do exército por nossos fascistóides”. (ms6 p.98v); *Valentino*, de Ken Russel chama-lhe a atenção “A obsessão do machão americano e do homossexualismo”. (ms6 p.110v); *Padre padrone*, de Paolo Vittorio Taviani – marcante pelas cenas de violência entre pai e filho; *Casanova*, de Fellini – associa-o a *Satíricon* por considerá-lo “hipererótico, quase pornográfico.” (ms6 p.414v); *Les contes de Canterbury*, de Pierre Paolo Pasolini – elogia o filme pelo “Décor magnífico, o sexo completamente sem tabus, ironia, humor, tudo num cenário maravilhoso da Inglaterra e a catedral num colorido e composições que lembram os pintores holandeses.” (ms6,p.416); *Face to face*, de Bergman – constata que há “A mesma mistura do real com o sobrenatural, sonhos, delírios, etc. Como sempre, um filme impecável.” (ms6 p.425v). O olhar sobre o cinema é intercalado com o olhar sobre as artes plásticas. Laus passa a freqüentar constantemente galerias, exposições e museus como: Museu Van Gogh, Museu Nacional da Holanda – Rijks Museum, Centro George Pompidou, Grand Palais - 4ª FIAC- Feira Internacional de Artes Contemporâneas, Museu Picasso, Fundação Juan Miró, Museu Nacional de Arqueologia –Atenas, Barns Foundation, Museu Rodin, Museu de Filadélfia, National Gallery- Washington, Museu Guggenheim-New York. Também auxiliou a galerista Ceres Franco na montagem da exposição do artista plástico Lucebert. Neste momento, o olhar de Laus, não ignora a tradição cultural ocidental, no entanto, se volta para a arte do século XX, em especial, para a arte contemporânea como crítico de artes plásticas atuante na imprensa brasileira.

No *Último diário*, caderno datado de junho de 1988 a maio de 1992, Laus retorna a refletir sobre literatura, escreve sobre seus projetos literários, sobre como as sensações e as idéias vão se formalizando num texto, sobre a influência que a crítica exerce no seu trabalho e sobre impressões de leituras. Inicia com as primeiras idéias para uma novela, *O ninho*: “(...) Enterrar um cachorro morto, por exemplo, vem a lembrança de muitos enterros, com a recordação e momento, lugares, pessoas. Isto se repete a propósito de perfumes, roupas, músicas, paisagens, comidas: olfato, tato, audição, visão, gosto.” (ms7 p.1f)

Como criador mantém continuamente o olhar dirigido para a crítica que determina revisões e

replanejamentos. Considera significativas as posições avaliativas de Claire Cayron, tradutora de seus textos para o francês: “(...) Também revi todo *Tempo - Será*, cortei metade ou mais e escrevi, entre outubro 89/março 90, a nova versão do livro por instância de Claire – com o título de *Os papéis do coronel* cujo resultado da leitura estou esperando de Claire.”(ms7 p23f)

Em termos gerais, o *Diário de Harry Laus* enfatiza suas impressões como leitor de sua obra e da produção ocidental a qual teve acesso, reduzindo a um aspecto secundário, o espaço íntimo marcado por conflitos com o alcoolismo e com o homossexualismo. A dualidade esteve sempre presente na sua trajetória: “Não sou um crítico de arte na verdadeira acepção da palavra, sou mais um produtor, um animador cultural. Veja-se *De como ser e o Indicador*. E escritor, pra valer, também, não sou. A mesma dualidade incompleta na questão sentimental : nem ser nem não ser .”(ms7 p.39f e p.40v)

A falta de limites é apontada com frequência nos escritos em colocações implícitas e explícitas, como nos relatos de *Impressões de vida e leituras* do dia 28 de julho de 1952: “Também no caso da bebida, não vejo limites. Enquanto suporto, bebo” (ms2 p.224). É uma faceta da personalidade que gerou a auto-avaliação negativa de “maldito”.

O domínio sobre a racionalidade é valorizado no decorrer do texto e as situações relatadas são, predominantemente, aquelas nas quais esse controle é exercido. O descontrole da razão é apontado como uma constante que incomoda, como uma força que deveria ser dominada. Assim, o espaço da leitura que se constitui em espaço da razão, se sobrepõe ao espaço íntimo fixado pela dualidade e pelos conflitos existenciais.

O perfil biográfico de Harry Laus desvelado no seu diário é complexo, uma personalidade voltada para múltiplas iniciativas. Sua capacidade de realização criativa não se limitava a um único gênero, por isso, seus *Diários* abrangem uma taxionomia genérica que circula entre a memória, autobiografia, relatos de viagens, impressões de leituras. Daí, o sentido plural de seus escritos.

4. CRONOLOGIA

HARRY LAUS

1922

-Nasce em Tijucas, Santa Catarina, a 11 de dezembro, às 23h: 30 min. Décimo segundo filho do casal Rodolfo Laus, alfaiate, e Minervina Varela Laus, professora. Irmão de: Judith, Esther, Zínia, Jayme, Egeu, Alceu, Celeste, Ogê, Plínio, Cora e Ruth.

1925

-Viagem da família, de navio a Porto Alegre, Rio Grande do Sul, para tratamento de saúde de Minervina. Regresso – março de 1926.

1928

-Morte de Minervina a 02 de outubro, após longo sofrimento decorrente de uma paralisia progressiva.

1933

-Rodolfo, 57 anos, casa-se com Isolina Maria Simão, 21 anos, a 28 de outubro, de cujo casamento nascerão Ogê Wilson e Estela.

BRASIL

1922

-Centenário da Independência do Brasil;
-Semana de Arte Moderna;
-Levante Forte Copacabana;
-Oswald de Andrade: Os Condenados.

1925

-Mário de Andrade: A Escrava que não é Isaura;
-Oswald de Andrade: Manifesto Pau-brasil;
-A Revista , em Minas Gerais.

1928

-O Brasil se retira da Liga das Nações;
-Oswald de Andrade: Manifesto Antropófago;
-José Américo de Almeida: A Bagaceira;
-Jorge de Lima: Essa nega Fulo;
-Carlos Drummond de Andrade: No meio do caminho.
-Mário de Andrade: Macunaíma.

1933

-Expansão do Integralismo;
-Graciliano Ramos: Caetés;
-Gilberto Freire: Casa Grande e Senzala.

1934

-Harry segue para Passo Fundo, Rio Grande do Sul, com seu irmão Jayme. Chegada: 20 de setembro. Matriculado no Grupo Escolar Protásio Alves.

1935

-Matricula-se no Ginásio Nossa Senhora da Conceição, dirigido pela Congregação dos Irmãos Maristas. Estuda e trabalha como balconista e cobrador de prestações de clientes da "Casa Rádio", pertencente ao irmão Jayme.

1939

-Frequenta a Escola de Instrução Militar, nº 89 (EIM-89) que funciona anexa ao Ginásio Nossa Senhora da Conceição. Morre Isolina Maria Simão, deixando viúvo, o pai, Rodolfo.

1940

-Prepara-se para o exame de admissão da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, sendo aprovado para ingresso no ano seguinte.

1941

-Ingresso na Escola Preparatória de Cadetes – E P C, em Porto Alegre e passa as férias em Passo Fundo.

1942

-Cursa o 2º ano da E P C. No período de férias viaja para Passo Fundo e conhece a artista plástica Hilda Goltz.

1934

-Instalação da Assembléia Constituinte;
-Oswald de Andrade: Os Romances do Exílio III; A Escada Vermelha e a peça teatral O homem e o cavalo;
-Graciliano Ramos: São Bernardo.

1935

-Repressão do levante comunista;
-Graciliano Ramos: Angústia;
-Manuel Bandeira: Estrela da manhã;
-Gilberto Freire: Sobrados e Mucambos;
-Sérgio Buarque de Hollanda: Raízes do Brasil;
-Murilo Mendes: Tempo e Eternidade.

1939

-Criado por Getúlio Vargas Departamento o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP): censura os meios de comunicação;
-Rachel de Queiroz: As Três Marias.

1940

-Érico Veríssimo: Saga;
-Carlos Drummond de Andrade: Sentimento do Mundo;
-Alcântara Machado: Cavaquinho e Saxofone;
-Morte de Corisco: encerra o ciclo do cangaço.

1941

-Gilberto Freyre: Região e Tradição;
-Revista Clima em São Paulo;
-Murilo Mendes: O visionário.

1942

-O Brasil declara guerra ao Eixo;
-Carlos Drummond de Andrade : José;
-Caio Prado Júnior: A formação do Brasil Contemporâneo; A Colônia;
-João Cabral : Pedra do Sono.

1943

-Cursa o 3º ano da E P C, sendo aprovado por média, sem necessitar exames para ingressar na Escola Militar de Resende, futura Academia Militar das Agulhas Negras. Participa de um concurso de Literatura no âmbito da Escola e se classifica em 3º lugar com a crônica "Perspectiva", publicada na revista da "Sociedade Esportiva e Literária", em dezembro do mesmo ano. No período de férias retorna a Tijuca.

1943

-Estréia no Rio "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues;
-José Lins do Rego: Fogo Morto;
-Vinícius de Moraes: Cinco Elegias.

1944

-Ingresso na Escola Militar de Resende. Em novembro, a revista "O Malho", publica a crônica "Não veio ninguém", por interferência da prima Lausimar Laus. A 10 de novembro, recebe o espadachim de Cadete das mãos da irmã Cora.

1944

-A F.E.B. parte para Itália;
-Clarice Lispector: Perto do Coração Selvagem;
-Murilo Mendes: As Metamorfoses
-Carlos Drummond de Andrade: Confidências de Minas.

1946

-Torna-se Aspirante a Oficial ao receber a espada das mãos do irmão, Jaime. Conhece o artista plástico Sansão Castello Branco.

1946

-Instalação de Nova Constituição que restabelece a independência dos três poderes;
-João Guimarães Rosa: Sagarana.

1947

-Viagem de navio até Recife e de trem para Natal, onde exerceu o cargo de Aspirante a Oficial, no 16º Regimento de Infantaria. A 25 de abril é promovido a 2º Tenente. Publicação das "Cartas do Nordeste", na revista "Joaquim", de Dalton Trevisan (três cartas). Férias : viagem ao Rio.

1947

-Murilo Rubião: O Ex Mágico.

1948

Transferência para o 9º Batalhão de Caçadores, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Publicação da "Última Carta do Nordeste" na revista Joaquim, em março.

1949

-Permanece em Caxias do Sul até maio. Transferido para o 18º Regimento de Infantaria, Porto Alegre, por extinção do 9º BC. Promovido a 1º tenente a 25 de agosto. Publicações: conto "A jóia", no Suplemento Cultural do Correio do Povo, 19/5; conto "O Brinquedo", no Diário de Pernambuco, Recife, 24/7 e do conto "A visita", no Diário de Natal, 11/12.

1950

-Transferido em julho para o cargo de Instrutor da Escola Preparatória de Porto Alegre, até março de 1952. Monta um apartamento e reúne os irmãos solteiros: Celeste, Cora, Ruth, Ogê e Estela. Período de leituras e anotações diárias em cadernos manuscritos. Apresentado ao livreiro Herbert Caro.

1952

-Transferido para o 12º RI em Juiz de Fora, Minas Gerais, no mês de abril. Promovido a Capitão em 25 de abril. Premiada com o ensaio teatral "Alguns Habitantes de Ibsen". Estabelece relações com o escritor, Paschoal Carlos Magno e com o crítico de arte Jayme Maurício.

1948

-Revista Sul, Florianópolis : revista com tendência modernista.

1949

-Início da campanha para a nacionalização do Petróleo;

-Érico Veríssimo: O Tempo e o Vento I. O Continente;

-Vinícius de Moraes: Pátria Minha.

1950

-Jorge de Lima: Anunciação e Encontro de Mira Celi.

1952

-O presidente Getúlio Vargas cria o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE); para fomentar o desenvolvimento industrial;

-Clarice Lispector: Alguns Contos.

1954

-Transferido para o 2ºRI em Juiz de Fora, Minas Gerais, em abril de 54..Prestou serviços na Vila Militar;Diretoria do Armamento e Biblioteca do Exército,no Ministério da Guerra e Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – EsAO.Publicações: “Alguns habitantes de Ibsen”, “O Coronel”, “A Chave”, “Alarico sem batalhas”, “O Marinheiro”,comentário sobre a peça “Da mesma argila”, de Maria Inês de Almeida.

1955

-Permanece no 2º RI, Rio de Janeiro e publica “Podalírio Revoltado” e “Os minutos do professor”, no Correio da Manhã e “Jandira”, no Diário de Notícias.

1956

-Morre o amigo Sansão Castello Branco. É premiado pelo jornal Tribuna da Imprensa com o conto “O professor de Inglês”. Publicação de contos na antologia “Nove histórias Reíúnas”.

1958

-Transferido para o 17º Batalhão de Combate,em Corumbá , 9º Região Militar de Mato Grosso, como sub-comandante e comandante, por falta de oficiais de posto superior a capitão. Escreve diariamente no período de um ano de permanência em Campo Grande. O resultado foi um volume especial de seu diário intitulado “Monólogo da Provação”,preparado para publicar.

1954

-O presidente Getúlio Vargas se suicida;
-Manuel Bandeira: Itinerário de Pasárgada.

1955

-João Cabral de Melo Neto: Morte e Vida Severina;
-Mário Faustino: O homem e sua hora;
-Lygia Fagundes Telles: Ciranda de Pedra.

1956

-Governo de Juscelino Kubitscheck implanta o Plano Nacional de Desenvolvimento;
-João Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas.

1958

-Rachel de Queiroz: Crônicas Escolhidas;
-Jorge Amado: Gabriela, Cravo e Canela.

1961

-Publicação do segundo livro de contos: "Ao juiz dos ausentes". Recebimento de uma Medalha de Prata correspondente a vinte anos de bons serviços prestados ao Exército. Inicia colaboração jornalística de Artes Plásticas no Correio da Manhã.

1961

-Governo de João Goulart sob regime parlamentarista;
-Érico Veríssimo: O Tempo e o Vento III. O Arquipélago.

1962

-Deixa de escrever a coluna de artes plásticas no jornal Correio da Manhã. Morte do amigo Mário Faustino. Julho, preso por oito dias num quartel do Leblon por ter sido conivente com o Cel. Umberto Peregrino, na antecipação das edições da Biblioteca do Exército, sem cobertura financeira para vencer a inflação, prática proibida nos regulamentos militares.

1962

-O pres. João Goulart manifesta-se pró Cuba;
-Tom Jobim e Vinícius de Moraes: Garota de Ipanema.

1963

-É contratado como crítico de arte do Jornal do Brasil e cria a Exposição Resumo Jornal do Brasil, que seria levada avante por Waldir Ayala, até completar 10 anos.

1963

-Plebiscito Popular derruba o parlamentarismo;
-Lygia Fagundes Telles: Verão no Aquário.

1964

-Escreve roteiros de filmes de arte para o Itamarati sobre Bruno Giorgi, Augusto Rodrigues e Isabel Pons, coordenação de Alfredo Souto de Almeida. Em outubro é transferido para a reserva de primeira classe com promoção a Tenente-Coronel.

1964

-Golpe Militar a 31 de março;
-Clarice Lispector: A Paixão Segundo G.H;
-Guido Wilmar Sassi: "Geração do deserto".

1965

-Escreve o capítulo de Artes Plásticas para o livro do ano da Enciclopédia Barsa. Viagem à Europa a convite do Itamarati para cobrir jornalisticamente uma exposição de arte brasileira na Áustria.

1966

-Integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte e Associação Internacional de Críticos de Arte.

1968

-Torna-se redator da secção de artes plásticas da Revista Veja, São Paulo. Retorna à literatura com a escrita do romance, "Batalhão Sagrado", não concluído e da peça teatral, "Roupa -Corpo-Roupa, nunca encenada.

1970

-Escreve um capítulo especial sobre a X Bienal Internacional de São Paulo, livro do ano, Enciclopédia Universal. Curador das exposições Desenhos Inéditos de Portinari e Esculturas Monumentais.

1971

-Redator de Arte da revista Senhor e do Diário de São Paulo. Prêmio Imprensa do Governo do Estado de São Paulo com o ensaio "São Paulo nas Artes".

1965

-Censura aos meios de comunicação;
-Extinção dos partidos políticos;
-Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri: Arena Canta Zumbi;
-Flávio Rangel: Liberdade.Liberdade;
-Dalton Trevisan: O Vampiro de Curitiba.

1966

-João Cabral de Melo Neto: Educação pela pedra.

1968

-Presidente Marechal Arthur da Costa e Silva decreta o Ato Institucional nº 5.

1970

-Paulo Freire: Pedagogia do Oprimido (no exílio);
-Autran Dourado: O risco do bordado.
-Flávio José Cardozo: Singradura

1971

-O revolucionário Carlos Lamarca é morto no interior da Bahia.

1972

-Membro do júri de seleção da Pré-Bienal de São Paulo, diretor de arte da empresa de serigrafia Kompass.

1976

-Retorna a Santa Catarina e cria com Sávio de Oliveira o Centro de Arte Bom Abrigo em Florianópolis. Faz uma grande viagem à Europa e escreve artigos sobre exposições e artistas plásticos publicados no jornal A Folha de São Paulo.

1978

-Redator de artes do jornal Bom Dia Domingo, Florianópolis. Faz uma viagem à Europa e é hospedado pela galerista Ceres Franco. Visita museus e exposições e escreve artigos sobre artes plásticas.

1979

-Redator de Artes do Jornal da Semana, Florianópolis. Curador do Panorama de Arte em Balneário de Camboriú, Santa Catarina.

1980

-Retorno à literatura com a publicação do livro de memórias "De Como Ser". Dirige o Museu de Arte de Joinville, Santa Catarina até 1982. Redator de artes do jornal A Notícia, Joinville.

1981

-Lança em Joinville a novela "Monólogo de uma cachorra sem preconceitos", ilustrada por Darcy Penteado.

1972

-Cinquentenário da Semana de Arte Moderna;
-Criação do jornal alternativo: Opinião.

1976

-Assassinato do jornalista : Wladimir Herzog;
-Chico Buarque e Paulo Pontes : Gota d'água.

1978

-Gal. Batista de Figueiredo assume a presidência da República;
-Eleições no Brasil;
-Chico Buarque: Ópera do Malandro;
-Hector Babenco: Lúcio Flávio.

1979

-Extinção do bipartidarismo;
-Sancionada a lei da anistia.

1980

-Cacá Diegues: Bye, Bye, Brasil;
-Tetsuya Yamasaki, premiada em Cannes com Gaijin;
-Lindolf Bell: As vivências elementares;
-Adolfo Boos Júnior: As Famílias (contos).

1981

-Realização da 1ª Conferência das Classes Trabalhadoras (Conclat - SP).

1982

-Publica BIS , reedição dos livros de contos e a novela "O Santo Mágico".

1985

-Dirige o Museu de Arte de Santa Catarina até 1987. Publica "Heptacronos", páginas de diários. Curador da retrospectiva de Elke Hering, montada no Museu de Arte Contemporânea do Paraná.

1987

-Publica a novela "As horas de Zenão das Chagas"- Editora Mercado Aberto. Viagem à Europa.

1988

-Publica na França – Lês Réviels de Zénon des Plaies, tradução de Claire Cayron. Retorna à França (Saint-Nazaire) a convite da Maison des Ecrivains. Trabalha na Assessoria de Letras da Fundação Catarinense de Cultura como redator do jornal Cultura. Idealiza e coordena o Indicador Catarinense das Artes Plásticas.

1989

-Reassume a direção do Museu de Artes de Santa Catarina. Lançamentos: França- edição bilíngüe do conto "La Première Balle" e da reunião de contos "Jandira", selecionados e traduzidos por Claire Cayron; Brasil – "Caixa d'Aço".

1982

-Oposição vence as eleições para os governadores;
-Alcides Buss: O homem sem o homem

1985

-Morre o presidente eleito pelo Colégio Eleitoral: Tancredo Neves;
-Inflação brasileira atingiu 233,7%;
-Hector Babenco: O beijo da mulher aranha.

1987

-Início da Assembléia Constituinte no Brasil.
-Salim Miguel: A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta – uma biografia imaginária (romance).

1988

-Promulgação de nova constituição;
-Cristóvão Tezza: Trapo.

1989

- Primeira eleição direta para a Presidência da República, após 29 anos de domínio militar.

1990

-Conclui o romance "Os Papéis do Coronel". Realiza no Museu de Artes de Santa Catarina o Panorama Catarinense do Volume 90, reunindo 37 artistas catarinenses.

1991

-Viagem à França , a convite da "Maison des Écrivains Étrangers et des Traducteurs", de Saint-Nazaire. Contrata a edição do romance "Os Papéis do Coronel", pela Editora Arcane 17, de St. Nazaire, tradução de Claire Cayron sob o título de "Les Jardins du Colonel".

1992

-Lançado no Museu de Arte de Joinville o livro: "Les Jardins du Colonel". Harry falece a 27 de maio em decorrência de um câncer pulmonar. Lançamento pós-morte do livro "Tempo e Andanças de Harry Laus, organizado por Zahidé L. Muzart.

1990

-Posse do presidente Fernando Collor de Mello.

1991

-Primeiras denúncias de corrupção do governo Collor;
-Início das demarcações das terras indígenas.

1992

-Impeachment do presidente Collor;
-Antonio Candido: O discurso e a cidade;
-Morte do artista plástico joinvilense Schwanke.

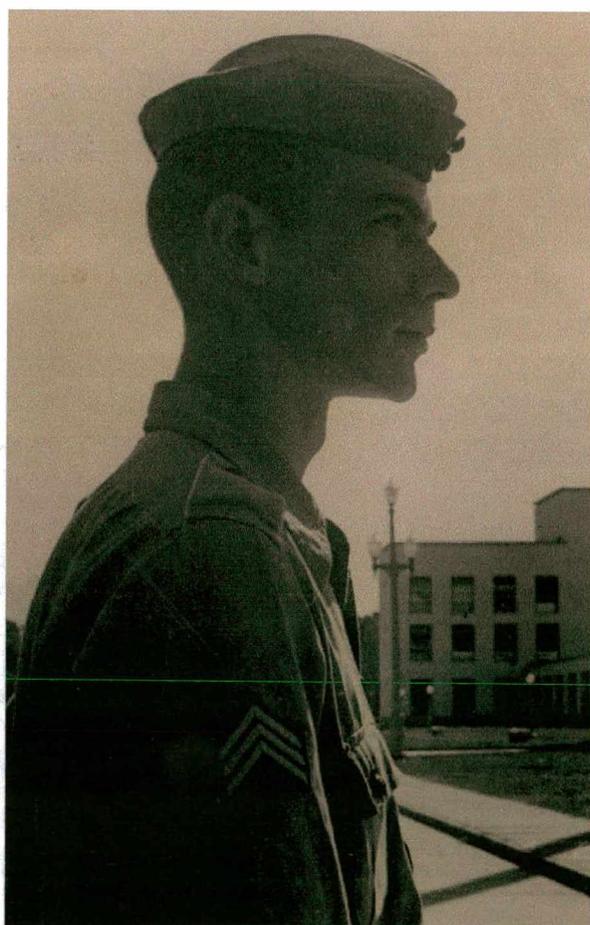
5.IMAGENS



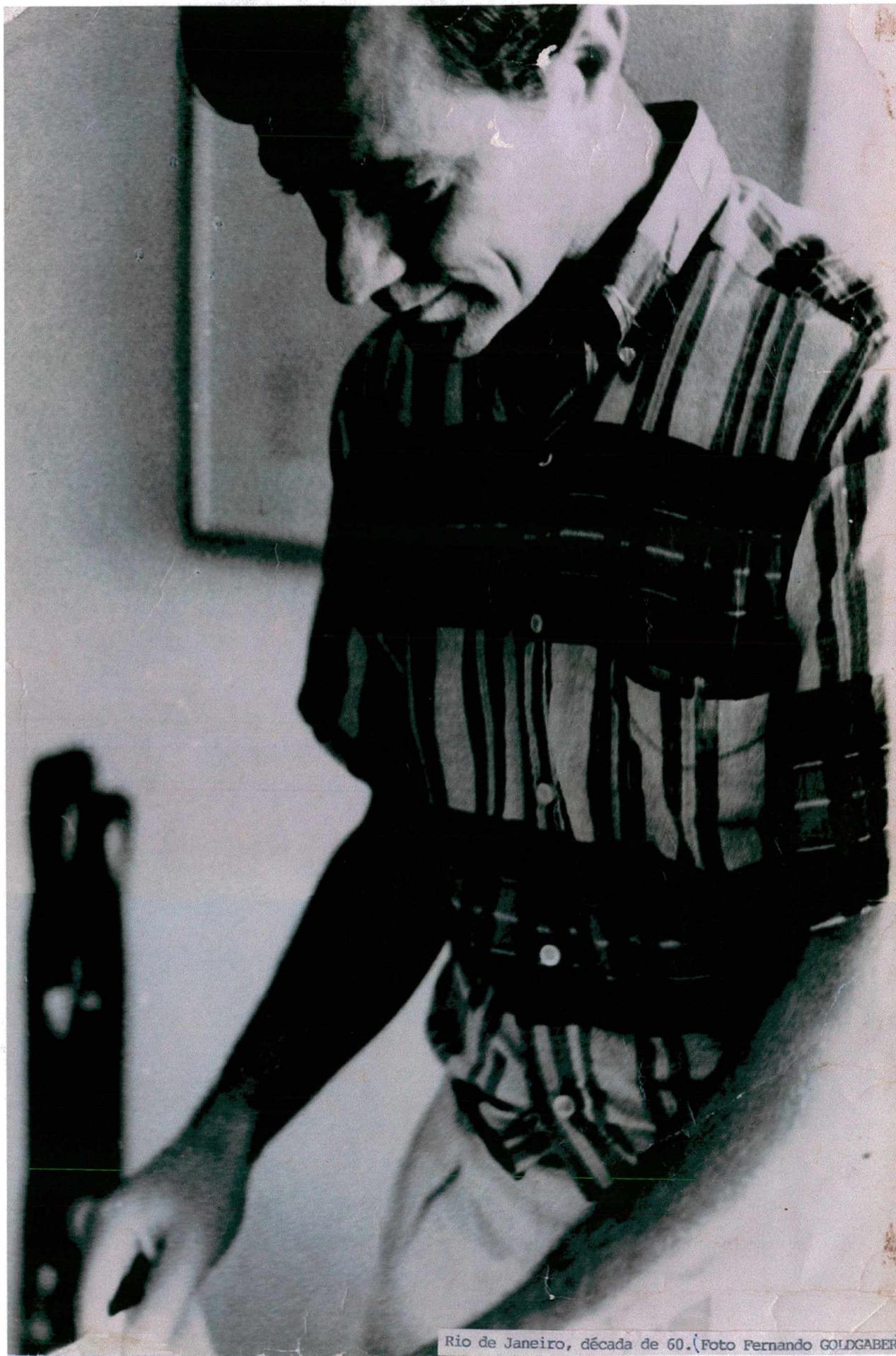
Jogo de voley - Instituto - Junho/1943



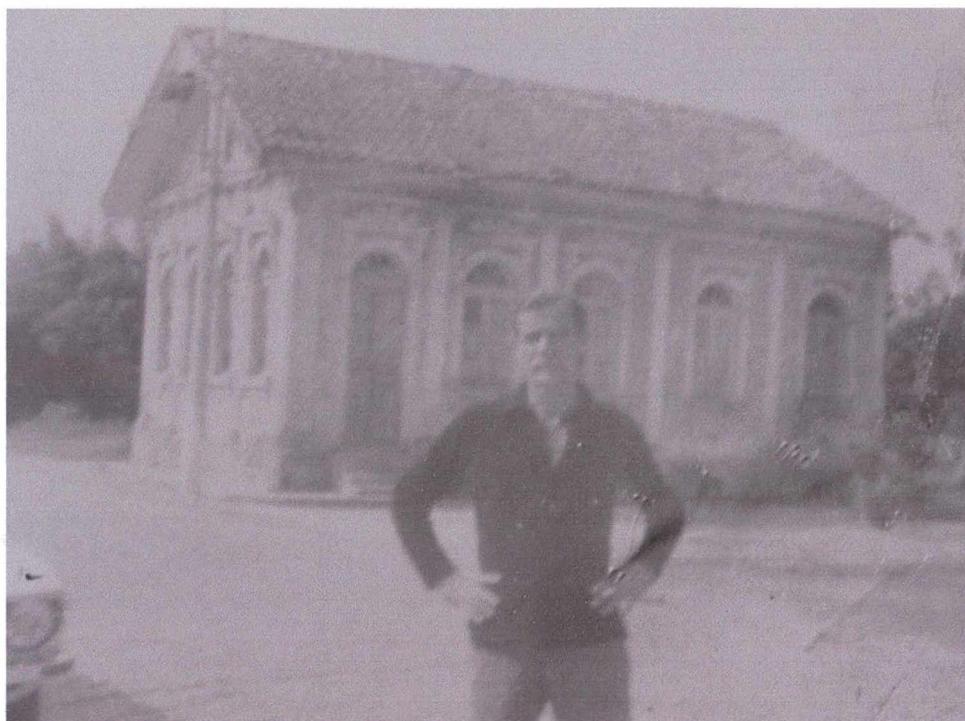
Harry Laus
1941



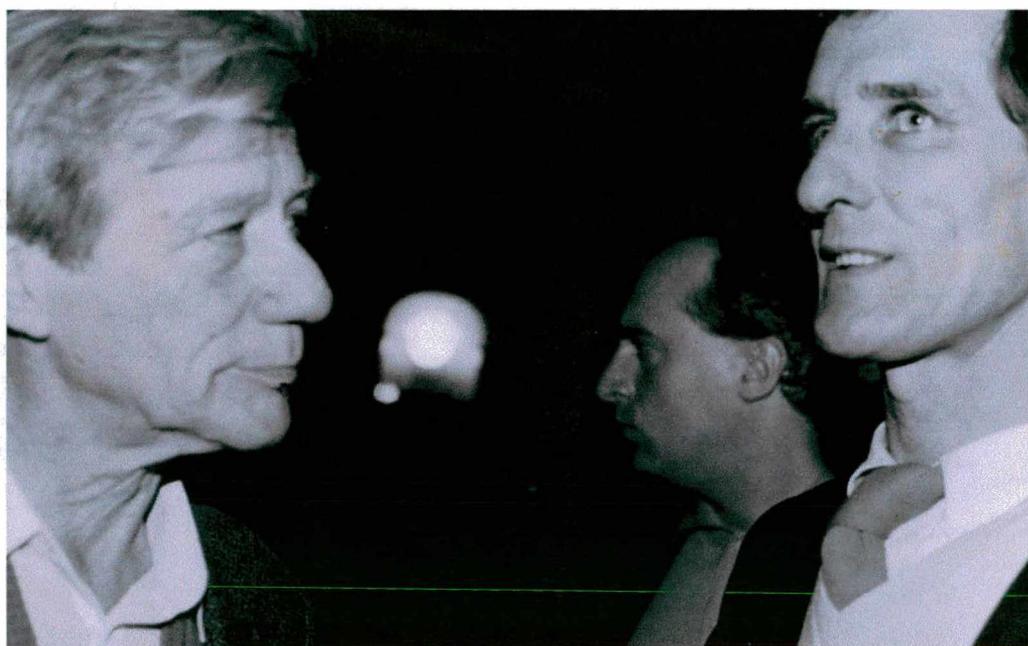
Cadete Harry Laus - 1946



Rio de Janeiro, década de 60. (Foto Fernando GOLDGABER)



Casa onde nasceu Harry Laus - Tijucas/SC



Harry Laus, Giuseppe Conte e Joël Batteux - Outubro, 1987 (Foto: Anne Bihan)



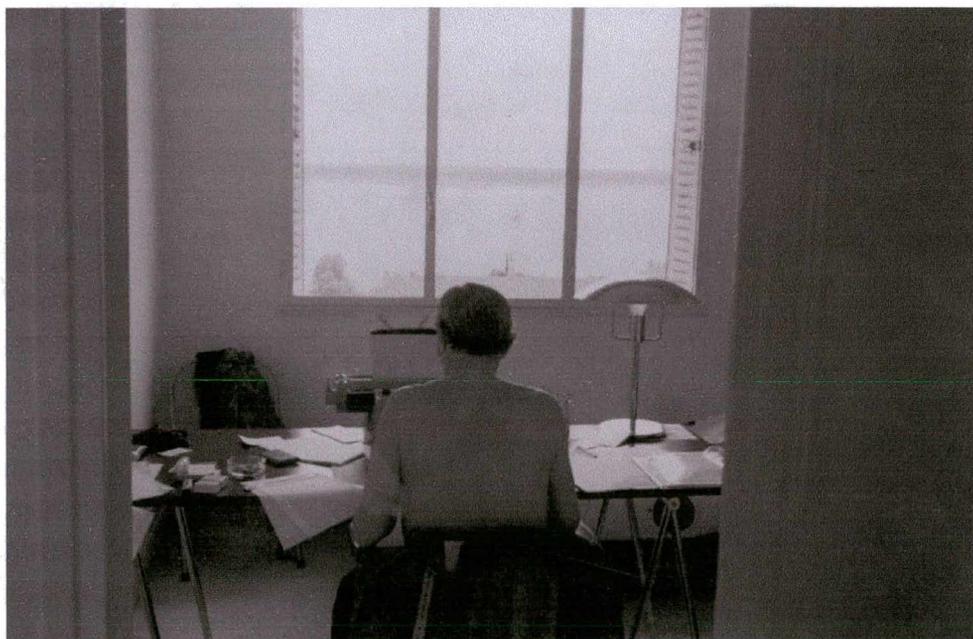
Saint-Nazaire, França, 30.08.88 (Foto: Gilles Luneau).



Harry Laus e Claire Cayron (Tradutora)
Casa de Claire (Bordeaux) - Out./1987



Harry Laus
Fundação Maeght
(Esculturas de Giacometti)
Saint-Paul de Vence/França
11 de agosto de 1988



Harry Laus
Maison des Ecrivains
- St. Nazaire - França
- Julho/1988



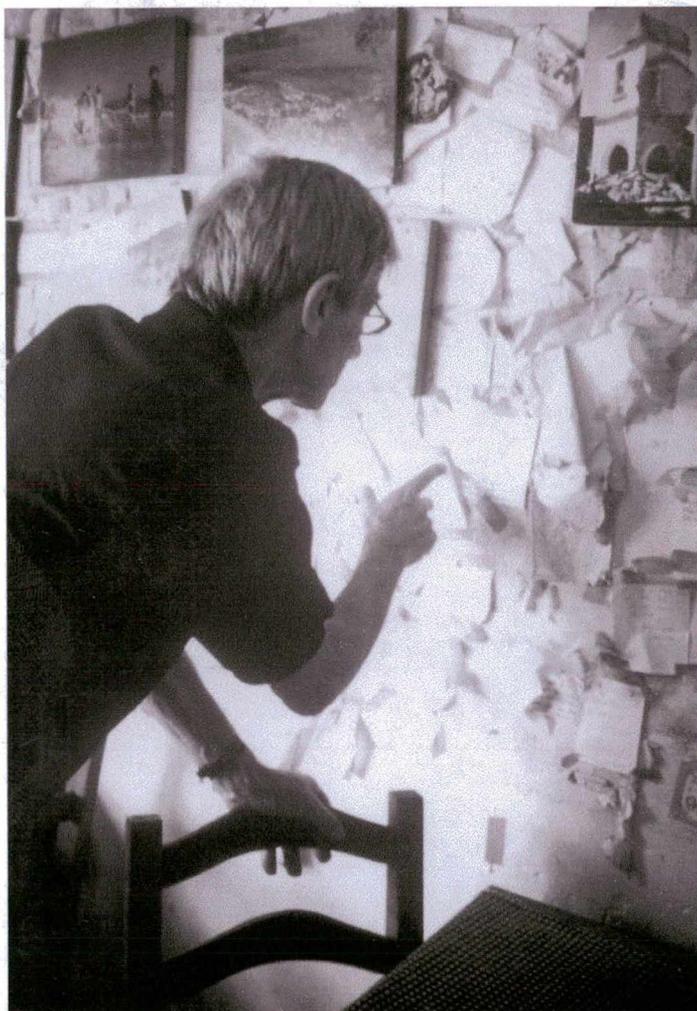
O escritor Harry Laus, a tradutora Claire Cayron, o editor Christian Bouthemy e os escritores Giuseppe Conte e A. Bentaha - Saint Nazaire - França/1987
(Foto: Anne Bihan)



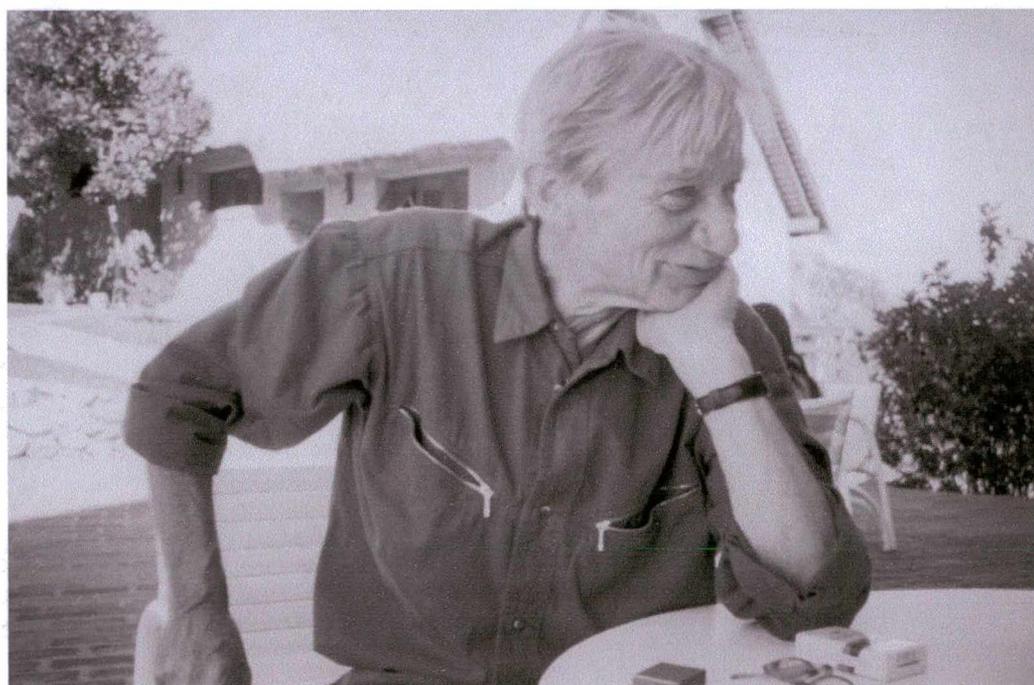
Harry Laus com Ross Runnels Jr. em Bordeaux - França/1987



Harry Laus, o poeta Lindolf Bell e Otto de Souza - MASC - Florianópolis/1988



Harry Laus
Bar do Érico - Florianópolis/SC - Dezembro/1990



Harry Laus - Pousada do Arvoredo - Porto Belo/SC - Dezembro/1990

IV. DOSSIÊ

1. TRADUÇÃO

2. FAC-SÍMILE DOS MANUSCRITOS

3. CAPAS PLANEJADAS

1. TRADUÇÃO

1. TRADUÇÃO

Existe uma tradução do *Diário* de Harry Laus intitulada *Journal Absurde* (1949-1959), da francesa Claire Cayron: Paris, José Corti, 2000.

Claire Cayron tradutora de textos ficcionais de Laus: *Les réveils de Zenon dès Plaies* (As horas de Zenão das Chagas) - 1988; *La première balle* (A primeira bala) - 1989; *Jandira* - 1989; *Les jardins du colonel* (Os papéis do coronel) - 1992; *Bis nouvelles, Harry Laus* (Bis) -1997; *Sentinelle du Néant* (Sentinela do Nada)- 1998; *Les archives des bons morceaux*-2001, investiu na tradução do *Diário*, após uma visita ao Brasil em 1988, quando teve acesso aos manuscritos por intermédio de Laus. Ao concluir a leitura indagou ao escritor sobre as razões de não retomar o *Diário*, que havia lido integralmente, conforme registro no *Último Diário*- tarde de 24 de fevereiro de 1991 - domingo - folha 40 -verso: “Quando Claire esteve aqui, em outubro de 88, perguntou-me por que não retomo o Diário que leu todo”.

Nove anos depois, no ano de 2000, Claire Cayron publica o *Diário* respaldada na vontade de Harry manifestada no Caderno Marrom 1949/1952, folha 315: 31 de outubro de 1951 :

Naturalmente, todos vivemos sob a impressão de que podemos desaparecer de um momento para outro, embora não o queiramos.

Pois agora pensei nisso. Então, desejaria que meu diário fosse publicado. Gostaria que levasse o título :Diário Absurdo, nele figurando tudo o que consta do caderno preto com lombada vermelha, o que este, em que atualmente escrevo, contém, e mais os capítulos inacabados dos romances . Formaria um volume bonito, com títulos em verde ou lilaz, a capa branca. Do caderno negro tudo seria transcrito, mas os contos conforme estão datilografados para publicação, sendo que os planos dos mesmos talvez fosse melhor que aparecessem num apêndice. É claro que tudo precisava ser revisado, mas eu é que gostaria de fazê-lo, para que o meu pensamento não fosse transformado sem o meu consentimento. (Aliás, minha intenção é modificar tão somente a forma).

Agora sempre um problema: quem poderia encarregar-se da publicação, do trabalho todo que isso significaria? Infelizmente, minhas irmãs e irmãos nada conhecem de literatura para fazê-lo. Quanto aos amigos...aqui não tenho nenhum, creio, que pudesse ser encarregado. Quem melhor poderia levar a cabo esse favor, por sua aproximação comigo pela literatura, talvez fosse o Francisco Pereira da Silva, meu amigo Chico, que inda há pouco tempo me escreve uma carta em que diz. “Tenho a maior confiança em ti com respeito à literatura”.

A proposta de organização do *Diário* publicada por Claire Cayron foi fundamentada nas posições citadas e está fixada nas páginas 15 e 16 de *Journal Absurde*:

AVANT-PROPOS

15

Ce *Journal absurde* (conformément au titre suggéré par l'auteur) présente l'intégralité du journal manuscrit, à l'exception des pages qui sont des avant-textes soit de projets n'ayant jamais abouti, soit de nouvelles ou de textes ultérieurement publiés et qui ont fait ou feront l'objet d'éditions/traductions séparées. Les dactylographies DQI et IVL ont été utilisées comme aide au déchiffrement, et toutes les fois qu'elles témoignent d'une réécriture fructueuse du journal manuscrit. La traduction suit la dactylographie *Monólogo da Provação*.

Une étude des autocensures successives et différentes, dans les dactylographies, fournirait l'histoire des pressions successives et différentes exercées sur la personnalité de Harry Laus, au long de son parcours familial, militaire et social. Le retour à l'original manuscrit s'est imposé, pour restituer à l'auteur la totalité et la vérité qu'il a tardivement atteintes et revendiquées, l'année de sa mort, avec *Les Jardins du Colonel*. Déjà en juin 1953, dans l'intimité de son *Journal absurde*, après avoir noté cette citation de Rilke : *On doit la vérité aux morts : notre plus grande vérité aux morts les mieux aimés. Plus aucun de nos pauvres mensonges, désormais, ne leur est profitable ; plus aucune de nos vanités ne peut leur être d'aucun secours*, Harry Laus écrit : « Voilà une opinion avec laquelle je suis entièrement d'accord. Les vivants doivent aux morts la totale vérité sur leur œuvre et sur leur personne ».

« Malgré tout »..., formule récurrente dans les pages qu'on va lire, aurait pu être la devise de Harry Laus. Le tombeau-mausolée, érigé selon ses dispositions testamentaires avec le

16

AVANT-PROPOS

produit de la mise aux enchères, posthume, de sa collection d'œuvres d'art, porte la mention suivante, extraite du *Journal absurde* (30 juillet 1950) :

« Il est essentiel de ne pas se borner à accepter la vie, il faut aussi l'endurer, l'interpréter et l'orienter vers une fin qui la justifie en totalité ».

« Malgré tout », il y a réussi.¹

Claire Cayron, 1999

¹Este *Diário Absurdo* (conforme o título sugerido pelo autor) apresenta integralmente o diário manuscrito, com exceção das páginas que estão antes dos textos: de projetos jamais executados, de novelas ou de textos anteriormente publicados e que foram ou serão objetos de edições/traduições separadas. Os datiloscritos (DQI- Diário quase íntimo e IVL- Impressões de vida e leituras) são utilizados como auxílio ao deciframento, e todas, as vezes que eles testemunham uma reescritura frutuosa do diário manuscrito. A tradução segue a datilografia do *Monólogo da Provação*.

Um estudo das auto censuras sucessivas e diferentes, nos datiloscritos, forneceriam a história das pressões sucessivas e diferentes exercidas sobre a personalidade de Harry Laus, ao longo de seus percursos familiar, militar e social. O retorno ao original manuscrito se impôs, para restituir ao autor a totalidade e a verdade atingidas tardiamente por ele e reivindicadas, no ano de sua morte, em *Os Papéis do Coronel*. Já em junho de 1953, na interioridade de seu *Diário Absurdo*, depois de ter anotado esta citação de Rilke: *On doit la vérité aux morts: notre plus grande vérité aux morts les mieux aimés. Plus aucun de nos pauvres mensonges, désormais, ne leur être d'aucun secours, de nos pauvres mensonges, désormais, ne leur être*

d' aucun secours, Harry Laus escreveu: "Eis uma opinião com que concordo inteiramente. Os que vivem devem aos mortos a verdade inteira de sua obra e de sua pessoa."

"Apesar de tudo"..., fórmula recorrente nas páginas que lerão haverá talvez o lema de Harry Laus. O mausoléu, construído segundo suas disposições testamentárias com arrecadação de um leilão, póstumo, de sua coleção de obras de arte, traz na entrada a menção seguinte, extraída de *Diário Absurdo* (30 de julho, 1950): "Não simplesmente aceitar a vida mas, e sobretudo, sofrê-la, interpretá-la e dirigi-la a um fim que tudo justifique."

"Apesar de tudo", ele conseguiu.

HARRY LAUS

Journal absurde

(1949-1959)

Traduction du portugais (Brésil) par Claire Cayron



IBÉRIQUES
JOSÉ CORTI

CAPA - Tradução francesa do Diário.

2. FAC-SÍMILE DOS MANUSCRITOS

Éis um dos dias em que me parece impossível já haver escrito qualquer coisa de cujo valor alguém tivesse falado bem. Sinto-me desalentado em, para dizer a palavra usada em tais casos, estar vivo.

Perdi a noção do tempo que faz que entreguei meus nove contos para serem dactilografados e organizados por ela. Muito mais de um mês, muito mais. Desde então fui apartado deles, alguns dos quais nem tenho cópias e não sei se neste caderno e, já sei, com sensíveis diferenças. Por todos os dias espero recebê-los, recebê-los e organizar o pequeno volume. (Espero com a ansiedade com que aguardava cartas na Escola Militar). Também as idéias desertaram de mim e não me fuço capaz de escrever um conto sequer. Desde muito tem-

Dez. 29 -

De antem para hoje houve alguma transformação nas ideias gerais e algumas elucidações que quero registrar agora de manhã. Coisas que depois de estabelecidas as características principais entre os personagens, e suas relações mútuas, e o meio ambiente, tudo então começará a aparecer claramente ao espírito. Depois disso tudo esboçado será fácil iniciar o desenvolvimento do assunto, e espero que brevemente poderei dizer: Dirceu Menino vai de vento em pópa, como escrevia Dostoiévsky a seu irmão quando realizava um livro.

Sim, a história se desenvolverá em casa de D.M. e vivemos numa casa os pensamentos diretamente ligados a si, além de outros que porventura aparecerão. Otaniel, com 28 anos, terá vindo do interior ou de

a situação permitir sigilo).

Jun. 16 -

R.B. emprestou-me um livro que iniciei a ler na véspera de regresso do Rio e concluí ontem de noite. Trata-se de "Kafka m'a Dit", uma série de entrevistas de Frany Kafka com o jovem poeta Gustav Janouch.

Para quem, como eu, conhece apenas parte de sua obra e que, por artigos de jornais e revistas, confirma as impressões que a obra deixara, impressões de que esse autor era uma pessoa completamente introvertida, homem de poucas palavras, e de uma atividade intelectual silenciosa e febil; para mim, esse livro foi mais do que uma leitura: foi o contato direto com um homem. Um homem

Mares, 26.

Nas funções de sub-comandante do Batalhão, tenho umido problema, difíceis de resolver, envolvendo a vida particular de soldados e sargentos.

Uma delas:

Chega em prantos a esposa de um sargento minico apresentar queixas contra a mulher de um soldado que, inclusive, chamou-a para brigar, "como resolver isto de mulher para mulher".

Ouro o sargento que tudo confirma, informa ~~se~~ ser o soldado amiguado com uma prostituta, todos morando numa espécie de vila, 1.200 cruzeiros por mês, outros sargentos, cabos e soldados com esposas ou amantes.

Primeira ideia: mandar o soldado mudar-se já que não é casado.

Ouro o soldado que, ~~matrimonialmente~~ dá nova versão, a mulher do sargento e' quem provoca, "chama minha mulher de puta", minimiza o sargento:

— Chega bebado de vez em quando, desrespeita minha dona, foi ~~há~~ ~~na~~ ~~vila~~ ~~dona~~ na vila.

deixara o aviso e que continha detalhes dos fatos, detalhes, pressupostos, pois até em prisão preventiva se fala.

~~Hoje~~

quinta 13

Não tenho tido disponibilidade para continuar esta história. E os fatos se precipitaram, cada dia apresentando nova face. Teria sido necessário que eu desse conta dia por dia do que tem acontecido, mas a pressão dos episódios me fez deixar corrido, despostos, com nojo de tudo.

Rancada a bomba, tratei de me orientar com amigos advogados. O boato da prisão preventiva caiu logo por terra: nem havia tempo para que a mesma se efetivasse. Entrei em ligação telefônica com o Cel. Pezquiro que, por seus ataques na imprensa à Biblioteca, foi preso

27 - 2ª feira

- visita aos atelieis de Michel Plaiser:
uma pintura muito bem feita,
mas, quasi hiperrealismo, entre
vezes quasi surrealista, entre ainda
evitica, sempre decorativa, como
ilustração, e sempre imitante.
- compras no Bon Marche
- noite, com Renato Cruz nos atelieis
de Cornille p/ apurar molduras
p/ a expo Lucibert. Depois entre-
vista e gravacao de 1 hora. Compro
seis ditos a f2.000 (as 6) e me dá
uma. (Enduço i 143, rue de
Girquancourt, 18^o)
- o caricaturismo de Franco Tenanova
que foi direto ao editor do Pinc-
chio, na Italia, que não foram
pintados por Cornille (que só
fezitar 6 series)

→ cerca de Cdf 800,00 compra 4.800,00
máximo 1.000,00 6.000,00
melhor 1.200,00 - 2.200,00

- A primeira parada foi na 159 Barnes Foundation, uma fabulosa coleção particular transformada em museu com visitas restritas. Depois 180 Renais, Éo Matise, diversos Cezanne, Modigliani, Rousseau, Sauton, Corot, Aegas, Van Gogh, Utrillo, De Chirico, Picasso.
- Depois de um delicioso lanche (onde não esqueci meu feno de lio), demos uma volta pela cidade, ampla, bela, moderna, com uma praça ~~em~~ onde um chaparral estava com as esculturas parcialmente cobertas de gelo. Visitei ao Museu Rodin, com posto quase que exclusivamente de réplicas de seus obras, mas não obstante.
- No Museu de Filadélfia, em estilo neo-clássico, muita coisa importante: tapeçarias, templos orientais e europeus, reconstruídos com partes autênticas, tudo ambientado com móveis e objetos autênticos trazidos de diversos países do mundo.
- Já era noite quando prosseguimos para Washington onde jantar, depois fomos ver a Casa Branca e o imponente Memorial de Lincoln.

Madrugada de 14/12

Ontem, enquanto fazia a
gulacosa (3 horas recitando sono),
li parte do livro de Daudet,
"Lettres de mon oncle" que
Clair me mandou a pedido
meu. No final há uma cro-
nologia do escritor. Parece um
toço a mim e estar imosi-
mente com ela. É
interessante e poderia ser um
ponto de partida para a pre-
tensa biografia, além de
excelentes ocupações para os
tempos de convalescência.

Estamos imovendo in-
para Porto Belo dia 20 e ficar
por lá até o fim do ano. Com-
pede mais que vai ficar sintal.

21/12 - Porto Belo

Chegamos ontem e noite,
numa varanda do Blum,
mimo feito de carregar a

Julho, 30

Sempre desejei possuir uma "jóia" de silêncio e recolhimento. Meu quarto, agora, tem conseguido realizar esse desejo. Mas ~~por~~ não ser contínuo, por ser passageiro e acidental, esse silêncio não produz o que ~~se~~ fôra de esperar. Não obstante, serve para manter vivo esse anseio, fazer com que me lembre dele e sinta sua aproximação. Espero o momento de reclusão, embora doloroso como há de ser; o prazer realmente fértil^{le} util terá sempre nascimento e origem no sofrimento, no sofrimento vencido, sobrepujado, — talvez trocado por outro. É de sofrimento em sofrimento que o homem forma sua personalidade valiosa; sem sofrimento não terá necessidade de se definir, de escolher, pois o prazer passa despercebido, quando não é ardentemente esperado. E essa espera já é sofrimento. É fundamental que não se aceite simplesmente a vida: é preciso sofrê-la, interpretá-la, dirigí-la a um fim que tudo justifique. Acreditar em si e nesse objetivo até o momento em que fique provada a inutilidade desse ideal, ou a impossibilidade de realizá-lo. Então, ter a coragem e a força para substituí-lo. Tudo isso a vida exige de nós; portanto, dependendo unicamente de nós, é grande a missão que nos foi confiada.

Agosto, 2, 1949

Não sei a que pássaro pertenceu esta pena. Apanhei-a no campo e a escondi em meu bernal. Hoje representa o prolongamento da vida daquele a quem pertenceu, o seu legado. Aqui está muda e inalterada, -- imóvel. Inanimada como o cinzeiro de pedra ou o berço de madeira do mataborrão. Mas é soberba pelo que exprime de vida: criação e desenvolvimento (a utilidade quase consciente de proteger e amfeitar o pássaro). Por ela passou esse misterioso fluido de vida que não foi ainda de todo substituído pela morte : apenas estacionou. Não é como um anel que recebemos na infância, ou uma corrente que trazemos presa ao pescoço e é guardada como relíquia, quando morremos. É mais do que isto. É assim como uma trança,

nha vegetação me rodeava e que a água era lodosa. Rodeei a mão numa pessoa submersa, prossegui, atirei lodo na face de um moço e ele também me jogou lama, que não me atingiu. Fugindo desse rapaz em busca da margem, tropecei numa mulher japonesa, bem pálida, com mãos de cadáver dentro d'água. De repente uma mulher velha me abraça, me agarra, e a custo separo-me dela para encontrar um homem junto ao portão do cais. Ao ouvir as imprecações da mulher, ele diz: "Não te importes".

Não sei se o sonho continuou, parece que terminou aí.

Lembro-me de que, apesar do cenário tenebroso de mortes, putrefação e perigos, não sentia o menor medo, nem mesmo no momento em que recei o cadáver sumerso. Nesse momento, pensei que deveria sentir medo, mas não senti e expliquei a mim mesmo que já não sentia mais medo porque já não era criança.

Jan. 4 -

O ano que há quatro dias se extinguiu, ensinou-me algumas coisas. Espero que elas consigam modificar-me, obrigando-me a ser mais consciente, coerente, ponderado, refletido - menos impulsivo e idiota.

Aprendi, por exemplo, que nenhum mal se pratica impunemente. Que é entre os amigos mais chegados que se encontram os piores inimigos.

Descobri que todas as vezes que se despreza um preconceito deve-se assumir a inteira ^{responsabilidade} desse "ato de liberdade", e não esperar compreensão, apoio e auxílio de quem quer que seja, mesmo que tenha ~~haver~~ ^{Por outro lado,} havido cumplicidade. ~~Na convivência,~~ ^{sem cumplicidade} pode trazer proveitos: o conivente poderá defender-nos com medo de ser comprometido.

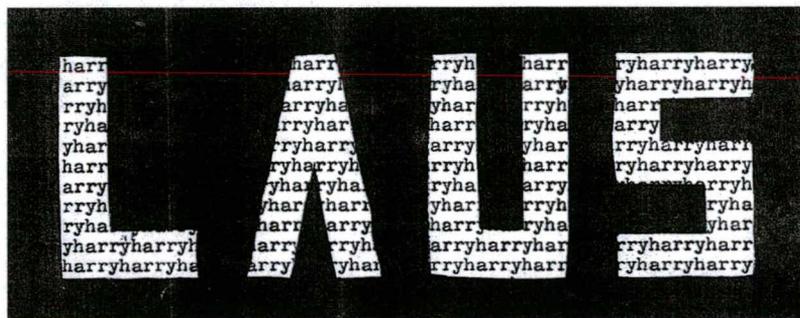
Tanto as boas como as más ações poderão, de um momento para o outro, ser anuladas ou ter~~em~~ seus valores invertidos.

Talvez a melhor lição tenha sido a de que toda a culpa de todos os nossos atos, por menor~~em~~ ^{que} ~~seja~~, cabe sempre a nós mesmos. Quando, sem outra razão, pelo fato de não termos sabido compreender os outros.

3. CAPAS PLANEJADAS

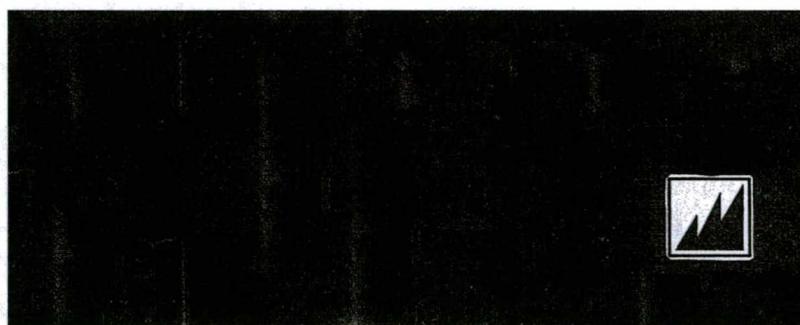


CAPA - "Monólogo da provação".



IMPRESSÕES

de vida e leituras



CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

O processo de escrita de Harry Laus, memorialista e ficcionista estende-se de modo alongado no tempo e se compõe por esboços, projetos, rascunhos e versões datiloscritas. Os primeiros escritos são feitos em cadernos e as versões, passadas a limpo, em folhas de papel de seda datilografadas. Nos cadernos, páginas inteiras são anuladas com riscos cruzados e as rasuras estão presentes tanto nas primeiras versões como nas datiloscritas.

Os manuscritos dos *Diários* de Harry Laus, doados ao Núcleo de Documentação e Memória, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), constituídos num dossiê, retratam um percurso de quarenta e cinco anos de uma existência de sessenta e nove anos, visto que os diários foram escritos entre 1947 a 1992. O modelo de edição adotado, crítico-genético, busca a reconstrução cronológica e o sentido da evolução textual.

O *corpus* que constitui o *Diário* não apresenta um padrão único. Os primeiros escritos, que datam de 1947 a 1959, se caracterizam por explorar questões íntimas voltadas para as relações familiares, para a sexualidade e questões de leitura. No enfoque das relações familiares o contraponto vida/morte é continuamente retomado, pois, são reavaliados aspectos de uma vida marcada por perdas desde a primeira infância. Aos seis anos, órfão de mãe passa a ser educado pelo pai e irmãos. No entanto, esta situação é alterada após o término do curso primário. Sua guarda é transferida a um irmão, Jayme, o que resulta numa mudança de cidade e de estado. De Tijucas, Santa Catarina, muda-se para Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Após a conclusão do curso ginásial, ingressa na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, em Porto Alegre. Nesse período se distancia da família, que tinha sido ampliada de doze para quatorze filhos, com o segundo casamento de seu pai. O espaço familiar só é resgatado em 1950, quando monta um apartamento para viver com três irmãs e um irmão solteiros, em Porto Alegre. Trajetória marcada por perdas, separações e reencontros, associada nos diários a reflexões sobre vida/morte/solidão.

O conflito com a sexualidade perpassa todo o diário, porém nessa fase o assunto é tocado sutilmente. O enfrentamento do homossexualismo é apresentado de modo lento e gradual. Nos primeiros enfoques, Laus utiliza as línguas inglesa e francesa para expressar seus conflitos; apenas nos últimos textos ocorre um enfrentamento explícito.

O leitor e o ficcionista Harry Laus se sobrepõem ao homem nos escritos diários. Ao invés de relatar as suas vivências problemáticas, Laus enfoca algumas problemáticas semelhantes lidas nos diários de Gide e de Dostoiévski ou ficcionadas pelos autores citados e outros como: Ibsen, Hermann Hesse, Proust, Cervantes, Lorca e Rilke. A vida é reconstruída na escrita pelo cruzamento de ações e leituras. As leituras auxiliam nas reflexões sobre suas ações.

Os manuscritos que demarcam esta fase estão escritos à caneta tinteiro, em cadernos de capa dura, adquiridos para esse fim. Em 1958-1959, quando escreve o *Diário de Corumbá*, utiliza uma pasta arquivo e, ao inserir a história do 17º Batalhão de Caçadores, estabelecido em Corumbá, acrescenta folhas datiloscritas resgatadas no arquivo do Batalhão. Posteriormente, esses diários foram revisados em versões datiloscritas e longos trechos eliminados, apresentados no apêndice do dossiê.

Nestes textos é perceptível tipologicamente um modelo alternativo, pois segundo HAY (1986:135) há dois tipos de escrituras: uma que parte de um *programa* e outra que se caracteriza como *processo* e entre elas ocorrem formas intermediárias. Assim, a primeira fase do *Diário*, parte de um programa que passa por um processo de transformação ao longo do tempo. As reescrituras são geradoras de sínteses que censuram aspectos íntimos e a forma é padronizada.

O diário escrito na década de 60 identifica uma segunda fase. É dirigido para a análise de um processo administrativo movido contra Harry Laus, oficial que ocupava a direção da Biblioteca do Exército, e aos seus antecessores no cargo. Os escritos diários enfatizam as facetas do processo. O texto alinhado linearmente busca decifrar as nuances e as variáveis que envolveram o inquérito administrativo. As questões íntimas passam a ser reflexos das questões profissionais que centralizam em relação às demais.

A terceira fase se caracteriza pelos escritos da década de 70. Essa fase marca por um estilo esquemático. As descrições de lugares e de peculiaridades culturais preponderam em relação às análises reflexivas. As anotações são efetuadas numa agenda, portanto, não age como nas situações anteriores. O caderno, próprio para a escrita do diário, é substituído por uma agenda que foi adaptada para outra função. O volume não foi reescrito e se constitui num *diário de viagens*, escrito com vários tipos de canetas esferográficas; a ocupação das páginas é irregular e as rasuras se constituem índices de revisões imediatas para garantir maior precisão aos registros.

A última e quarta fase, constituída pelo *Último Diário*, segundo Laus, produto da fase madura, os registros de sua última década de vida. Registros feitos numa agenda, adaptada para anotações de

projetos literários, impressões de leituras, reflexões sobre aspectos íntimos envolvendo relações familiares, amizades e a ação do câncer sobre sua vida.

A construção do dossiê dos *Diários* de Harry Laus, resultante de uma pesquisa em arquivo, traduz resultados que muitas vezes fontes secundárias não conseguem desvelar. O trabalho efetuado com recortes valoriza o derredor, os pequenos momentos muitas vezes desprezados pela historiografia literária que privilegia a versão última como única.

A descoberta e a análise de novos dados e documentos, reativa e reatualiza a memória. A releitura do passado propicia a reconstrução do olhar sobre o presente ao reunir tempos diversos num dossiê resultante de fios desprezados e afogados num passado. Assim, a exposição de aspectos marginais e do fragmentário flagra uma escrita sufocada nos textos editorados, marcados por regularidade construída que reequilibra os elementos em modelos absorvíveis por leitores padronizados. Como nos diz Arlette Farge, em *Le goût de l'archive* (1989), o texto impresso é organizado sob uma retórica estruturada num sistema legível e compreensível por um grupo incontável de pessoas. O estudioso de fontes primárias tem de empreender a construção de seu objeto de estudo e sempre se defronta com o incompleto e aposta na incompletude como maior valor da linguagem literária porque apresenta a lentidão e o amadurecimento do processo.

Este dossiê, que apresenta na sua totalidade os *Diários* de Harry Laus, expõe as variáveis do processo de escritura, os embates do escritor com a cultura e com seu grupo social. A exposição do recalçado e do censurado através das variantes revela a conformação de uma identidade e da inscrição histórica desejada pelo escritor. O estudo das fontes promove um movimento que desmitifica o texto final e permite penetrar na personalidade do escritor, revelando os registros que conservam e que iluminam o publicado ao acenar para novas realidades e para novas possibilidades de configurar o objeto livro. Os *Diários* circulam entre memória, autobiografia, relatos de viagens, impressões de leituras. É possível que pesquisas futuras investiguem os materiais separadamente, analisando o diálogo entre as linguagens, a relação dialética e a dinâmica do processo de produção textual, penetrando mais amplamente nos mundos instaurados pelos discursos.

Esta investigação invade o silêncio dos textos guardados ao desvelar os passos do processo criativo, ao expor os trechos expurgados em etapas iniciais, no entanto, não rompe com o mistério da criação porque não avalia qualitativamente, simplesmente mostra como a palavra circulou no tempo reconstituindo sua dimensão histórica.

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de Harry Laus

a) Livros Publicados

Os incoerentes.(contos).Prêmio “ Afonso Arinos ” , Academia Brasileira de Letras, Rio, Livraria São José, 1958.

Ao juiz dos ausentes.(contos). Rio, Edições Opama, 1961.

De-Como-Ser.(documentário autobiográfico). Florianópolis, co-edição UFSC- Editora Lunardelli 1981.

Monólogo de uma cachorra sem preconceitos.(novela). Florianópolis, edição do autor, 1981.

Bis.(contos) reedição de **Os incoerentes** e **Ao juiz dos ausentes**, prefácio de Jorge Amado. Florianópolis, FCC Edições, 1982.

O santo mágico.(novela). Florianópolis, edição do autor, 1982.

Heptacronos.(páginas de diário). Florianópolis, Edições Sanfona, 1985.

As horas de Zenão das Chagas.(novela). Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1987.

Indicador Catarinense de Artes Plásticas.(idéia e coordenação do dicionário) Florianópolis, FCC Edições,1988.

Les réveils de Zenon dès Plaies.(novela). Prefácio de Jorge Amado. Tradução de Claire Cayron. Saint-Nazaire, France, M.E.E.T., 1989.

Caixa d’ aço.(contos). Prefácio de Claire Cayron. Florianópolis, Editora da UFSC,1989.

La première balle. (conto). Edição bilíngüe, entrevista com Bernard Bretonnière. Tradução de Claire Cayron. Saint-Nazaire, France, M.E.E.T., 1989.

Jandira.(contos). Seleção , prefácio e tradução de Claire Cayron. Saint-Nazaire, France,Arcane 17, 1989.

Sentinela do nada. (conto). Florianópolis, Editora Noa Noa/Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1992.

Les jardins du colonel.(romance) .Tradução de Claire Cayron. Saint-Nazaire,France, Arcane 17, 1992.

Os papéis do coronel.(romance) .Florianópolis, Editora de UFSC, 1995.

Harry Laus - Artes Plásticas. (textos sobre artes plásticas)org. Ruth Laus, Rio, 1996.

Os papéis do coronel.(romance) 2ª ed. Florianópolis, Editora da UFSC, 1997.

Harry Laus – Cine Teatro. (textos sobre teatro e suas adaptações) org. Ruth Laus. Rio de Janeiro, Ruth Laus, 1997.

Impressões de leitura e de vida.(diários) org. Ruth Laus . Florianópolis, Bernúncia Editora/ Rio de Janeiro, R. Laus, 1998.

Monólogo da provação. (diários) Florianópolis, Bernúncia Editora/ Rio de Janeiro, R. Laus,1998.

Bis nouvelles, Harry Laus. (contos) Tradução de Claire Cayron. Paris, Éditions José Corti, 1998.

Sentinelles du Néant . (novela) Tradução de Claire Cayron, Paris, Éditions José Corti, 1998.

Journal Absurde (1949-1959). (diários) Tradução Claire Cayron, Paris, Éditions José Corti,2000.

O Santo Mágico. (novela). Florianópolis, Bernúncia Editora/ Rio de Janeiro, R. Laus, 2001.

Les archives des bons morceaux (novela) Tradução de Claire Cayron, Paris, Éditions José Corti, 2001.

Ao juiz dos ausentes (contos e novelas) Org. Ruth Laus. Porto Belo: Editora Laus, 2002.

b) Antologias

9 Histórias Reúnas.Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1956.

Antologia do novo conto brasileiro.Rio de Janeiro, Editora Júpiter, 1968.

Histórias de amor maldito.Rio de Janeiro. Gráfica Record Editora, 1968.

Assim escrevem os catarinenses. São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1976.

Contistas e cronistas catarinenses. Florianópolis. Lunardelli, 1997.

Este mar catarina. Org. Salim Miguel, Flávio José Cardozo e Silveira de Souza, Florianópolis, Ed. UFSC, 1983.

Este humor catarina. Org. Salim Miguel, Flávio José Cardozo e Silveira de Souza, Florianópolis, Lunardelli, 1985.

2. Estudos sobre Harry Laus

a) Livros

AMADO, Jorge. "O contista Laus"; prefácio para BIS. Florianópolis, FCC Edições, 1982.

_____ "Deux mots sur Harry Laus"; prefácio para a edição francesa **Les réveils de Zenon de Plaies**. Saint-Nazaire, Arcane 17, 1988.

BRETONNIÈRE, Bernard. "Entretien Avec Harry Laus", para a edição belingüe de **La première balle**, Saint - Nazaire, M.E.E.T. ,1989.

_____ "Saint-Nazaire , port de toutes les literatures." Capítulo sobre encontros estrangeiros na M.E.E.T. Paris, Editions Autrement, Collection France, 1992.

CAYRON, Claire. "O Iceberg Laus"; prefácio para a edição de **Caixa d' aço**, Florianópolis, Editora da UFSC, 1989.

COUTINHO, Afrânio. **Brasil e brasileiros de hoje**. Rio de Janeiro ,Ed. Sul Americana, 1961,1 vol., p.652.

_____ **Enciclopédia de literatura brasileira**. Rio de Janeiro, MEC, 1990, 2 vol., p. 771.

GOMES, Celuta Moreira et alli. **Bibliografia do conto brasileiro**. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional, 1968, tomo I, p.218.

GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA-LAROUSSE. Rio de Janeiro, 1971, 9 vol., p.3931.

JUNKES, Lauro. "Monólogo de uma cachorra sem preconceitos". In: **O leão faminto**. Florianópolis, Edição do Autor, 1982, p.15.

_____ "Harry Laus: entre a ficção e as artes plásticas". In: **O mito e o rito**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1987, IV cap., p. 198.

LUNEAU, Giles. **Dês écrivains dans la ville Saint-Nazaire 1987-1990**. Álbum fotográfico. Saint-Nazaire, France, Arcane 17, 1990.

MIGUEL, Salim. **Apresentação para De-Como-Ser**. Florianópolis, co-edição UFSC-Lunardelli, 1981.

MUZART, Zahidé L. (org.) **Tempo e andanças de Harry Laus**. Florianópolis. Editora da UFSC, 1993.

_____ "A última semente: percurso de um texto". In: **Tempo e andanças de Harry Laus**. Florianópolis. Editora da UFSC, 1993, p.55-57.

_____ "Harry Laus: 70 anos". In: **Tempo e andanças de Harry Laus**. Florianópolis. Editora da UFSC, 1993, p.127.

_____ “Memória literária-Santa Catarina” In: BORDINI, Maria da Glória (org.). **Anais do 2º Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros: sistemas de preservação de documentos literários.** Porto Alegre, v.2, n.2, jul. 1996. p.56-60.

_____ “Cartas muito íntimas-escrúpulos de herdeira” In: BORDINI, Maria da Glória (org.). **Anais do 3º Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros.** Porto Alegre, v.3, n.1, 1997.

_____ “Notas brevíssimas sobre dois contos de Harry Laus” In: **Harry Laus: ao juiz dos ausentes.** Rio de Janeiro: Editora Laus, 2002, p.31-32.

PEREZ, Renard. “Orelha” para **Os incoerentes.** Rio de Janeiro. Livraria –editora São José, 1958.

SACHET, Celestino. **A literatura de Santa Catarina.** Florianópolis. Editora Lunardelli, 1979, p.169.

SOUZA, Silveira de. “O Bis de Harry Laus”. Apresentação para **Bis.** Florianópolis, FCC Edições, 1982.

TACQUES, Alzira Freitas. **Antologia de escritores brasileiros.** Porto Alegre, 1957, 3 vol. , p . 2090

b) artigos

ALVES, Liège Maria. “Uma cachorra sem preconceitos: a coragem de Laus”. In: A Notícia. Joinville, 11 de setembro de 1981.

BARBOSA, Rolmes . “A semana e os livros”. In: O Estado de São Paulo, São Paulo, 6 de junho de 1959.

BENEDETTI, Lúcia. “Sol e chuva – nossa livraria”. In: Última Hora, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1958.

BRASIL, Assis. “Ficção – 1961 – contistas”. In: Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1961.

BROCA, Brito. “Ao juiz dos ausentes”. In: Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1961.

CARCASSONE, Manuel. “Harry Laus: Um maniaque de l'étrange”. In: Le Figaro Littéraire, Paris, 19 de março de 1998.

CAVALCANTI, Valdemar. “A vida com nitidez”. In: O Jornal, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1958.

_____ “A vida em pedaços de espelho”. In: O Jornal. Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1961.

CECCATTY, René de. “A quoi servent lês larmes: La mort, la violence indicible de l'amour, les ,meutres Inútiles sont au couer de ces nouvelles poétiques et émouvantes de Harry Laus”. In: Le Monde de Leries. Paris, 20 de março de 1998.

- COPSTEIN, Liège. "A ficção contra-ataca"- sobre As horas de Zenão das Chagas. In: Diário Catarinense. Florianópolis, 10 de janeiro de 1988.
- ENEIDA. "Os incoerentes." In: Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1958.
- _____ "Ao juiz dos ausentes". In: Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1961.
- FAGANELLO, Everson. "Harry Laus vai ganhar a Europa". In: O Estado. Florianópolis, 3 de setembro de 1989.
- JUNKES, Lauro. "Monólogo de uma cachorra sem preconceitos". In: A Notícia. Joinville, 21 de fevereiro de 1982.
- _____ "Harry Laus: bis". In: O Estado. Florianópolis, 18 de maio de 1983.
- _____ "Ambíguas ressonâncias" sobre Caixa d' aço. In: A Notícia. Joinville
- LEONARDOS, Stella. "Dois contistas". In: Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1961.
- LIMA, Marita. "Os incoerentes". In: Revista Jóia. Rio de Janeiro, 15 de abril de 1959.
- LINHARES, Temístocles. "Últimos livros de contos." In: O Estado de São Paulo. São Paulo, 14 de março de 1959.
- LITRENTO, Oliveiros. "Os incoerentes". In: Jornal de Letras. Rio de Janeiro, Fevereiro/ Março 1959.
- MARTINS, Wilson. "A ambigüidade do conto ". In: O Estado de São Paulo. São Paulo, 4 abril de 1959.
- MENEGHIM, Luis. "Laus: a cultura é uma maldição" sobre O monólogo de uma cachorra sem Preconceitos. In: A Notícia. Joinville, 24 de setembro de 1981.
- MIGUEL, Salim. "Informação literária". In: Jornal O Estado. Florianópolis, 7 de outubro de 1961.
- MUZART, Zahid L. "Pela memória literária". In: Ô catarina! Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, n.2, p.13, 1993.
- OLINTO, Antonio. "O conto em 1958". In: Revista Leitura, 1959.
- PEREGRINO, Umberto. "Contos de um militar escritor". In: Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1958.
- PEREZ, Renard. "Transcrição da apresentação de 'Os incoerentes' ." In: Tribuna de Corumbá. Corumbá, 9 de janeiro de 1959.
- _____ "Ao juiz dos ausentes". In: Última Hora. Rio de Janeiro, 19 de julho de 1961.
- PEREIRA, Mário. "Harry Laus a palavra solitária." In: Ô Catarina. n.º 29. Florianópolis, maio/junho-1998.
- PLANES, Jean-Marie. "Zénon! Pauvre Zénon" In: Gironde Magazine. n.º 12, Bordeaux, 1988.
- PÓLVORA, Hélio. "Os incoerentes". In: Revista Leitura. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1959.

RAMOS, Ricardo. "Os incoerentes". In: Última Hora. São Paulo, 14 de fevereiro de 1959.

RONAI, Paulo. "Os incoerentes". In: Revista A Cigarra. n° 3. Rio de Janeiro, 1959.

SÁ, Jorge de. "Quarteto de contos" sobre Bis e o Santo Mágico. In: Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 9 de Julho de 1983.

SOLLER, Louis. "Splendeurs et misères" sobre Jandira. In: Sud-Oest Dimanche. France, 24 de dezembro de 1989.

_____ "El hombre de los despertadores." sobre Zenão. In: Revista Confluencias. Barcelona. 5 vol n° 2, 1991.

TURLEY, Louisa Frost. "Modern Art Museum Stages Brazilian Writers Festival". In: Herald. Rio/Brasil, July, 1962.

WOLFF, Joça. "Harry Laus: a literatura como um contínuo desafio". In: A Notícia. Joinville, 10 de abril de 1988.

_____ "Em plena forma, Harry Laus vai à França onde lança Jandira". In: A Notícia. Joinville, 3 de setembro de 1989.

_____ "Destaques literários na feira do livro" sobre Caixa d' aço. In: A Notícia. Joinville, 27 de outubro de 1989.

_____ "Crítica a um 'arquiteto da letra' ". Tradução do artigo "Splendeurs et misères". In: O Estado. Florianópolis, 28 de janeiro de 1990.

BIBLIOGRAFIA GERAL

1. ALMEIDA SALLES, Cecília. *Crítica Genética: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1992.
2. _____ "Crítica Genética". In: *II Encontro de Edição Crítica Genética: Ecloração do Manuscrito*. São Paulo: FFLCH-USP, 1990, p111.
3. _____ "Transparência do Manuscrito". In: *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Ecloração do Manuscrito*. São Paulo: FFLCH -USP, 1990, p313.
4. _____ "A Verdade da Arte". In: *Manuscrita*. São Paulo: APML, 1:60, 1990.
5. _____ "O Conceito de Criação na Teoria Pierceana ". In: *Manuscrita*. São Paulo: APML, 2:99, 1991.
6. ALLAM, Malik. *Journaux intimes: une sociologie de l' écriture personnelle*. Paris: L' Harmattan, 1966

7. ANCONA LOPES, Telê. "Vontade / Variante". In: *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Ecloração do Manuscrito*. São Paulo: FFLCH-USP,1990,p323.
8. ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Edição Crítica. Telê Ancona Lopez, coordenadora. Paris: Association Archives de la Littérature latino-Américaine, des Caraïbes et africaine du XX siècle; Brasília/DF: CNPq, 1988.
9. _____ *Balança, Trombeta e Battleship ou O descobrimento da alma*. Edição Genética e Crítica – Telê Ancona Lopez. São Paulo: Instituto Moreira Salles/ Instituto de estudos brasileiros, 1994.
10. AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença Edições, São Paulo: EDUSP, 1987.
11. BARTHES, Roland. "A morte do autor". In: *Rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
12. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
13. BECKER, Colette. "A crítica genética". In: *II Encontro da Edição Crítica e Crítica Genética : Ecloração do Manuscrito*. São Paulo: FFLCH-USP,1990,p118.
14. BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
15. BERARDINELLI, Cleonice e CASTRO, Ivo. *Defesa da edição crítica de Fernando Pessoa*. Lisboa: 1993
16. BERGEZ, Daniel et alli. *Métodos críticos para a análise literária*. Trad. Olinda Mª Rodrigues Rato. São Paulo: Martins Fontes,1997.
17. BORDINI, Maria da Glória. *A criação literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: L&PM/ EPIPUCRS,1995.
18. BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
19. CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Coleção Archivos. Edição crítica. Mário Carelli, coordenador, 1ª reimpressão. Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.
20. CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
21. CAVALCANTE BARRETO, Maria Neuma. "Os diários de viagem (cadernetas) de João Guimarães Rosa. In: *IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições: Gênese e Memória*. São Paulo: ANNABLUME/ APLM, 1995, p 336.

22. DEL VITO, V. (textes réunis par). *Le journal intime et ses formes littéraires. Actes du colloque de septembre 1975.*, Genève: Librairie Droz, 1978.
23. DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Col. Debates. São Paulo: Perspectiva, 1971.
24. DIDIER, B. *Le journal intime*, Paris: PUF, 1976
25. DUARTE, Luiz Fagundes. "Texto acabado e texto virtual num aparato genético". In: *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Eclosão do Manuscrito*. São Paulo: FFLCH -USP, 1990,p 363.
26. _____ "Prática de edição. Onde está o autor?" In: *IV Encontro de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições: Gênese e Memória*. São Paulo: ANNABLUME/ APML,1995.
27. ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas práticas contemporâneas*. 8ªed. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva. 1997. (Col. Debates).
28. FARGE, Arlete. *Le goût de L'Archive*. Paris: Editions du Seuil. 1989
29. FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Vega, 1992.
30. GENETTE, Gérard. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
31. GIRARD, A. *Le journal intime*, Paris: PUF, 1963.
32. GRÉSILLON, Almuth. "Alguns pontos sobre a história da crítica genética". Estudos Avançados: 11(5) p7, 1991.
33. GUSDORF, G. *Auto-bio-graphie, lignes de vie 2*, Paris: Editions Odile Jacob, 1991.
34. _____ "Crítica genética". In : *II Encontro de Edição e Crítica Genética: Eclosão do Manuscrito*. São Paulo: FFCHL-USP,1990,p117.
35. HAY, Louis. *Les manuscrits des écrivains*. Paris: Hachette - CNRS, 1993
36. LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1992.
37. _____ *La pratique du journal personnel, Enquête*, Paris: Université de Paris X, Cahiers de sémiotique textuelle n°17 1990.
38. LIMA, Sonia Van Dijk. "Edição genética :para uma metodologia de trabalho". In: *IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições: Gênese e Memória*. São Paulo: ANNABLUME/ APML, 1995, p194.
39. MACHEREY, Pierre. *Para uma teoria da produção literária* . Trad. Ana Maria Alves Lisboa: Editorial Estampa, 1971.
40. MEDEIROS, Maristela de la Rocca. *Monólogo da provação : ficção e diário*. Dissert. Ms. Florianópolis: UFSC, 1998.

41. MELO, Maria Albertina Freitas de. *Contrapontos: as cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa*. Dissert. Ms. Florianópolis: UFSC, 2001.
42. MERLEAU - PONTY, Maurice. *Signos*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
43. MENDES, Marlene Gomes. *Edição crítica em uma perspectiva genética de As três Marias de Rachel de Queiroz*. Niterói: EDUFF, 1998.
44. NETROVSKI, Arthur. *Ironias da modernidade*. São Paulo: Ática, 1996.
45. PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto. Crítica. Escritura*. São Paulo: Ática, 1978, (Col. Ensaios).
46. PIERCE, Charles Sanders. "Escritos coligidos". Trad. Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
47. POSSARI, Lúcia Helena Vendrusculo. "Autor/Leitor: interface na gênese da criação". In: *IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições: Gênese e Memória*. São Paulo: ANNABLUME/ APMML, 1995, p478.
48. KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Col. Debates).
49. SANTOS, Luísa Cristina dos. *Cara ou cachorra? um jogo discursivo de - como- ser sujeito*. Dissert. Ms. Florianópolis: UFSC, 1997.
50. SILVA, L L & SALLES, Cecília Almeida. "Crítica genética: delimitação de um campo aberto." In: *Manuscrita*. nº 1, 1990, p5.
51. SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica. (Crítica Textual)*. São Paulo: Cultrix, 1977.
52. TADIÉ, Jean Yves. "A crítica genética". In: *A crítica literária do séc. XX*. Trad. Wilma Freitas R. de Carvalho. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S. A., 1992.
53. VALÉRY, Paul. *A serpente e o pensar*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
54. _____ *Variedade*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
55. WELLEK, René & WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 3ª ed. Sintra: Europa América, 1976.
56. WILLEMART, Philippe. *O manuscrito de Gustave Flaubert*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984.
57. _____ "O proto - texto: edição crítica e gênese do texto". Folhetim, Folha de São Paulo, 29.4.1984.
58. _____ "O autor não morreu." Folhetim, Folha de São Paulo, 3.7.1986
59. _____ "A quarta dimensão no manuscrito". In: *Estudos Avançados*. 11(5) p19, 1991.
60. _____ *Universo da criação literária. Crítica genética, crítica pós-moderna?* São Paulo: EDUSP, 1993.